HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO

TOMO QUARTO

Théroique de Mericourt

HISTORIA
DA
PROSTITUIÇÃO

EM TODOS OS POVOS DO MUNDO

DESDE A MAIS REMOTA ANTIGUIDADE ATÉ AOS NOSSOS DIAS

OBRA NECESSARIA AOS MORALISTAS,
UTIL AOS HOMENS DE SCIENCIA E LETTRAS E INTERESSANTE PARA TODAS AS CLASSES

POR

PEDRO DUFOUR

MEMBRO DE DIVERSAS ACADEMIAS E SOCIEDADES SCIENTIFICAS

NOTAVELMENTE AMPLIADA E ENRIQUECIDA COM VALIOSOS ESTUDOS POR D. AMANCIO PERATONER

E OUTROS ESCRIPTORES, TRADUZIDA E SEGUIDA DE UM IMPORTANTE TRABALHO

SOBRE A HISTORIA
DA
PROSTITUIÇÃO EM PORTUGAL

DESDE OS TEMPOS MAIS OBSCUROS DA LUSITANIA
ATÉ NOSSOS DIAS

POR

ALFREDO DE AMORIM PESSOA

ILLUSTRADA COM PRIMOROSAS GRAVURAS

LISBOA

210, R. DO OURO—EMPREZA EDITORA DE F. PASTOR—R. DO OURO, 210

(ATELIER DE GRAVURA)

1887

LISBOA
TYPOGRAPHIA LUSO-BRAZILEIRA
5 — Pateo do Aljube — 5
1887

HISTORIA DA PROSTITUIÇÃO

QUARTA PARTE

OS SECULOS XVIII E XIX

CAPITULO I

SUMMARIO

Ainda a gente da Egreja no seculo XVIII.— Escandalos clericaes.— A mordacidade de Voltaire.— O philosopho Rousseau.— Diario da policia, ou quadro dos costumes no reinado de Luiz XV.— Extractos das averiguações do senhor de Sartines.—A rainha.—A sua ternura conjugal.—As suas maneiras.—Os seus costumes intimos.—A duqueza de Boufflers.— Singular condição exigida a um amante.— A casa da rua Cadet — Mauricio de Saxonia.—Adriana Lecouvreur.— O regimen calido.— O cynismo na garrafa.— A favorita era menos fria do que se pensava.— A condessa d'Esparbes.— Aventuras d'esta condessa.—As suas mãos.—As festas da Dubarry.—Reforma nos costumes da Opera. —Os grandes senhores.—Resumo do reinado de Luiz XV.

TERMINÁMOS o terceiro volume d'esta obra com a pintura fiel de corrupção dos costumes ecclesiasticos desde os antigos tempos até ao seculo XVII, e dissémos, seguindo conscienciosamente a opinião da historia, que chegára emfim o momento do clero se envergonhar das suas torpezas, e de começar a pensar n'uma reforma, exigida, em primeiro logar, pela propria natureza da sua missão, e em segundo logar, pelos progressos da moralidade social.

Esta reforma, porém, só começou a sentir-se no reinado de Luiz XIV.

Apesar das riquezas corruptoras dos bispos, os seus costumes teriam certamente dado alguns passos a mais para a perfeição, sem o escandalo da côrte de Filippe d'Orleans, Regente de França. A Regencia, porém, contaminava tudo quanto a rodeava.

Já fallámos bastante do infame Dubois, e não repetimos n'este logar o seu nome, senão para dizermos que, se a sua elevação ao cargo de primeiro ministro foi a vergonha do principe que governava a França, a sua elevação ao cardinalato cobriu de ignominia a côrte de Roma, que accedeu a esta abjecção.

Entre os bispos francezes, não se levantou um unico protesto. Ninguem

disse cousa alguma contra a deshonrosa admissão d'aquelle miseravel ás mais altas dignidades da Egreja, e este silencio lançou uma nodoa indelevel sobre o episcopado francez, nodoa que a historia ahi deixou eternamente patente, na sua justa indignação.

Imagine-se, em vista d'isto, o grau de servilismo e de degradação a que o clero havia chegado. Se tinha ainda alguma vitalidade e pertinacia, era apenas para vãs praticas religiosas, para argucias dogmaticas, para puerilidades de etiqueta: e calava-se cobardemente, ao tractar-se de defender a honra da corporação!

Tres bispos houve então, entre os quaes, dizemol-o com magua, entrava o illustre Massillon, que se aviltaram, prestando o seu sagrado ministerio á consagração de um homem a quem o Regente tractava publicamente, e com razão, de pulha, tunante, patife e preverso! Este grau de abjecção dá bem a conhecer a corporação dos prelados francezes n'essa épocha. Não póde haver bons costumes, onde falta energica abnegação para os deveres, e uma forte indignação contra os actos criminosos, n'uma palavra, onde os escandalos eram sempre tacitamente approvados.

Dubois encontra entre os bispos da côrte cumplices e servos dedicados.

Entre os primeiros devemos ennumerar o jesuita Lafiteau, que foi bispo de Sisteron e seu agente em Roma. Eis o que o padre Tencin escrevia a seu irmão, a respeito d'este bispo jesuita:

«O bispo de Sisteron foi d'aqui, doente de venereo, provavelmente para se fazer curar no campo.»

Duclos diz tambem nas suas memorias.

«O jesuita Lafiteau foi um dos instrumentos que o cardeal Dubois empregou com maior exito. Conhecia-o apenas como um patife e como tal o estimava; fel-o bispo para o retirar de Roma, onde soubera que Lafiteau pagava ás suas amantes e consummia em outros prazeres o dinheiro que elle lhe enviava para distribuir em casa do Papa, quando se tractava de fazer o ministro de Regente cardeal.

«Lafiteau tinha o caracter de um creado de comedia. Patife, descarado, libertino, não podia dizer-se hypocrita, mas era muito escandaloso. Não póde, ainda assim dizer-se que dispendesse em prazeres todo o dinheiro que havia recebido para apressar a promoção de Dubois á dignidade de cardeal. Parte d'esse dinheiro distribuira-o elle pelos creados do Papa, mas esperava colher o fructo d'essas despesas, e assim, pensava em fazer-se tambem nomear cardeal.»

Lafiteau fôra encarregado de persuadir o Regente a que nomeasse seu primeiro ministro a Dubois. Apenas começara a assestar as suas baterias n'este sentido, o Regente, percebendo o fim das suas palavras, interrompeu-o logo e disse-lhe:

— «Que diabo deseja o teu cardeal?»

— «Meu senhor, se vossa alteza permitte, eu...»

— «Ouve, homem! Não sabes que eu lhe tenho concedido tudo quanto me pede!»

— «É verdade, meu senhor, mas elle quer o titulo de primeiro ministro.»

— «E teria tempo por isso?»

— «Não comprehendo o pensamento de vossa alteza.»

— «O cardeal é um poço de syphilis e não dura seis mezes. Disse-m'o Chirac!...»

— «É certo o que vossa alteza assegura?»

— «Certissimo! Vae tu mesmo perguntal-o a Chirac.»

— «N'esse caso atrevo-me a aconselhar uma cousa a vossa alteza.»

— «Falla!...»

— «Digne-se vossa alteza nomeal-o primeiro ministro, e assim se verá para sempre livre do importuno. É até muito possivel que esta nova dignidade lhe apresse a morte.»

O cardeal de Polignac, conhecido pelas suas negociações, pelas suas intrigas politicas e galantes com a duqueza du Maine, pelo seu talento, pelo seu poema, intitulado a *Anti-Lucrecia*, era um grande dissipador, amavel para com todos, excepto para com os seus crédores, a quem nunca pagava. Morreu cheio de dividas, e merece ser collocado entre os prelados mais immoraes da sua épocha.

Quando Luiz xv assumiu as redeas do governo, o episcopado francez continuou na mesma vida de immoralidades e torpezas, tendo apenas mais cuidado em não dar nas vistas. A policia, nas suas minuciosas pesquizas, só com grande trabalho conseguia descobrir os seus extravios. Os prelados, que iam de carroagem visitar as damas galantes, não podiam ser descobertos por agentes de policia que andavam a pé. Um d'estes agentes, em 1760, encarregado de espiar o bispo d'Orleans, que se dirigia no seu coche ao arrabalde Montmartre, dizia no seu relatorio:

«Como estes senhores andam de carroagem e a trote rasgado, seria mister dispor de outra carroagem para os espiar, unico meio de fazer pesquizas com bom resultado.»

Este bispo d'Orleans, segundo corria em Paris, tinha por sua conta uma formosa bailarina da opera, chamada a Guimard.

Outro relatorio policial falla do padre Brie..., tambem vigiado pelos agentes do chefe da policia, e que provavelmente é o mesmo que pouco depois foi arcebispo de Sens e cardeal de Lomenie. Eis o que se lê a respeito do citado bispo d'Orleans, a quem a marqueza de Pompadour fez dar a folha dos beneficios:

«A marqueza preferiu-o, por isso mesmo que o suppunha neutral em questões de politica, e por saber, graças á policia, que este prelado recebia raparigas da rua de Saint-Honoré, com as quaes celebrava orgias. Ha sempre uma analogia singular entre a amante de um rei e um prelado d'este genero.

—«Será possivel, perguntava a marqueza ao chefe de policia, que o bispo fosse surprehendido com uma rapariga?

—«Com uma? replicou o magistrado. Eram pelo menos sete!»

Os espiões da policia conseguiram tambem descobrir as intrigas do bispo de Liège com a corteză Deschamps.

Souberam que o prelado dispendia prodigamente com esta prostituta os seus rendimentos ecclesiasticos, que a installára principescamente, e que ella, apesar de tantos extremos, zombava cruelmente do bispo, chamando-o *o seu solideo,* enganando-o a cada passo. Um dia até, mostrando os seus ricos aposentos ao senhor de Sal..., official suisso, seu amante, dissera-lhe:

—«Um beijo mais ao *meu solideo* pagará tudo isto com usura!...»

Outras relações policiaes fallam das proezas libertinas dos bispos d'Orleans e de Crasse com uma tal Chavasse.

Monsenhor de N..., bispo de Lescar, é alli mencionado tambem pelas suas relações galantes com a senhora D..., esposa de um conselheiro do parlamento de Pau.

O principe de R..., coadjuctor do arcebispado de Strasburgo, vendeu muitas das suas terras para pagar as dividas da senhora de Fleury, sua amante.

Monsenhor Rop..., bispo de Senlis, tinha relações illicitas com a condessa de Romain.

Outra informação policial, de 3 de julho de 1755, falla do bispo de Lavaur. Ao mesmo tempo, menciona um homem, que desempenhava a seu lado o mesmo papel de Dubois junto do Regente. Conta que este homem fez subir uma vendedora de frueta á camara do prelado, relata o que se passou entre ambos, e diz o dinheiro que ella recebeu.

Alguns outros bispos, e sobretudo os que sem necessidade abandonavam as suas diocezes, para passarem longas temporadas em Paris, entregavam-se a eguaes excessos.

Devemos mencionar, como digna e honrosissima excepção, o bispo de Marselha, Henrique Francisco Xavier de Belsunce. Este prelado, apesar de ter sido educado pelos jesuitas, foi extremamente virtuoso, expondo milhares de vezes a vida para soccorrer os desgraçados habitantes d'aquella cidade, duramente attribulados pelo flagello da peste. Pope celebrou nos seus versos a virtuosa abnegação d'este bispo exemplar.

A policia, como temos dito, tinha a pesada tarefa de investigar dia a dia o nome das pessoas que costumavam visitar as casas de prostituição, e de descrever minuciosamente a natureza dos prazeres que essas pessoas alli iam procurar.

De tudo isto se faziam relatorios, verdadeiros processos verbaes, e esta collecção de obscenidades era diariamente offerecida ao rei, que se divertia muito a lel-a, porque encontrava n'ella exemplos de corrupção, proprios para justificar a sua.

O arcebispo de Paris, por certo mais inspirado pelo zelo do seu ministerio do que por uma vergonhosa curiosidade, quiz tambem imitar o procedimento do monarcha, e por isso pediu que lhe fosse enviada copia dos processos formados contra os sacerdotes, surprehendidos em flagrante delicto.

Estas copias levam-nos naturalmente a fallar n'este logar das informações policiaes relativas á quarta classe, a dos ecclesiasticos subalternos. Exercia-se sobre esta classe uma vigilancia muito mais rigorosa, que sobre as pes-

soas pertencentes aos outros estados. As mulheres que tinham casa de prostituição eram obrigadas a dar á policia uma relação exacta das pessoas que frequentavam os seus estabelecimentos, e quando um padre ou um frade alli se apresentavam, deviam immediatamente avisar um agente da auctoridade, que se apressava a ir perturbar os prazeres pagos adiantadamente, fazendo soffrer um interrogatorio minucioso áquelles desgraçados, que cheios de confusão e vergonha, eram a um tempo assaltados pelo receio de serem perseguidos, e privados dos prazeres a que aspiravam.

O sacerdote, encontrado em tão desagradavel situação, podia perfeitamente dizer ao arcebispo:

—«A continencia que vossa eminencia me impoz é superior ás minhas forças. As leis da natureza são mais antigas e mais imperiosas que as dos homens, e que as dos sacerdetes que quizeram distinguir-se affectando uma perfeição que é impossivel.»

E poderia tambem perguntar aos agentes de policia:

—«Com que direito attentaes contra a liberdade de um cidadão? A minha acção póde ser censuravel, mas está longe de perturbar a ordem publica e não ataca qualquer interesse particular. Vós auctorisaes as prostitutas a seduzirem os transeuntes, e eu cedi a uma seducção de que sois cumplices. Quem é aqui o mais culpado? O que arma continuamente laços á innocencia, ou o que se deixa seduzir? O que provoca ao crime para se vêr auctorisado a castigar, ou o que cede á provocação?»

Não pretendemos com isto fazer a apologia da incontinencia dos ecclesiasticos, mas sim censurar a policia, que commettia a perfidia de castigar um delicto, de que era a primeira culpada.

Sem nos determos no merito d'estas formas de processo inquisitoriaes, diremos que a revolução tirou a lume segredos condemnados a eternas trevas, proporcionando á historia dos costumes numerosos e preciosos materiaes, entre os quaes se distinguem duas recopilações, cada uma em dois volumes, e intituladas *La Chasteté du Clergé dévoilée* e *La police de Paris dévoilée.* Na primeira, consagrada exclusivamente ao clero inferior, encontra-se uma grande quantidade de processos verbaes e de noticias, relativas áquelles que a policia havia encontrado nas casas de prostituição. Na segunda, ha tambem extractos de um grande numero d'estes importantissimos documentos.

A primeira recopilação, que abrange o periodo de 1754 a 1756, menciona duzentos e seis ecclesiasticos, entre os quaes quatorze frades, surprehendidos em flagrante delicto. A segunda, que comprehende apenas um anno, o de 1760, contém cento e dois extractos de relatorios, a respeito de outros tantos ecclesiasticos, encontrados em identicas circumstancias.

O auctor deixou de mencionar muitos, declarando qne para não fatigar os seus leitores com uma serie de noticias uniformes, omittiu em grande numero.

N'outra parte, confessa que deixou de contar 93, e entre os frades encontrados nas casas de prostituição, os franciscanos eram os mais numerosos, apparecendo o nome de 18 nos annaes da policia. Devemos declarar que nas

suas excursões aos antros do vicio, estes frades se associavam ordinariamente com alguns dos seus collegas e até mesmo com leigos.

A 5 de novembro de 1763, o padre G..., outro frade da sua ordem e um leigo, foram surprehendidos em casa de uma prostituta chamada Rosalia.

Outros tres franciscanos e um agostinho foram-no egualmente n'uma estalagem dos arredores de Vincennes com uma mulher chamada tambem Rosalia. O mesmo succedeu a cinco carmelitas calçados ou descalços, e affirma-se até que um d'elles, chamado Elyseu, era o famoso prégador d'este nome. Fosse ou não fosse, o caso é que um carmelita, chamado Elyseu, passou tres quartos de hora com a Leroy, e foi surprehendido n'um café, a beber depois da meia noite com um cocheiro.

A policia encontrou tambem n'uma orgia onze agostinhos. Um d'elles era o padre Simão Bonical, surprehendido pela policia a 18 de junho de 1760 com Préville, Luiza e Sophia. Este frade unia a baixeza á libertinagem, e para conquistar a protecção da policia, offereceu-se para ser espião do seu convento.

—«Submetto-me ao senhor chefe de policia, disse elle, e prometto tornar-me util em tudo quanto de mim dependa para lhe dar todas as informações que pretenda a respeito da casa em que sou professor de theologia.»

O reverendo P. Fabre, religioso do convento dos *Grandes Agostinhos,* que era o fornecedor dos prazeres do marquez de Portuis, descobriu uma formosa rapariga, filha da viuva Boisselet, maradora na rua de Saint-Thomas du Louvre, e offereceu-a ao marquez.

Os conventos de minimos, de theatinos, de celestinos e de antoninos não offereceram senão dois individuos, que cedessem á tentação, ou aos costumes luxuriosos.

Entre os frades da Mercê, só houve um delinquente, e outro entre os jesuitas, mas em compensação houve seis bernardinos, cinco benedictinos e sete dominicos. Além d'estes, cinco capuchinhos, dois dos quaes, tendo-se reunido na taberna do Cerf-Montant, havia limitado os seus prazeres a uma unica prostituta, chamada a Morin. Outro capuchinho, chamado o padre João Baptista, foi encontrado com duas rameiras n'uma casa da rua Fromenteau. Os tres actores haviam-se despojado das pompas d'este mundo, ficando reduzidos ao estado da natureza, quando o agente de policia Chem e o inspector Meusnier foram perturbar o mysterio.

Um ermitão e um irmão da doutrina christã foram tambem surprehendidos como estes ultimos, na mesma nudez paradisiaca, em companhia de duas Evas peccadoras. Citam-se tambem, encontrados no mesmo estado, dois sacerdotes conventuaes da ordem de S. João de Jerusalem, oito conegos regulares de Santa Genoveva e dois conegos regulares da ordem de Santo Antonio. Entre estes ultimos, foi apanhado o padre Bernardo da abbadia de Santa Genoveva, e dois conegos regulares da ordem de Santo Antonio.

Eis o que, a respeito d'este religioso, conta a dona de uma casa de prostituição:

«No primeiro de agosto de 1762, perto das oito, o reverendo padre Ber-

nardo, da abbadia de Santa Genoveva, veio só a minha casa. Ceiou e deitou-se e pediu duas prostitutas, das quaes não chegou a servir-se, porque eu mandei-o revistar antes de lh'as dar, receiando que tivesse alguma *enfermidade galante,* o que não o impediu de beber muito Borgonha e Champagne, e de ceiar com extraordinario appettite. Tudo isto lhe custou seis luizes e meio.

«Em seguida, resolvi-o a entrar em curativo com o senhor Ponce, meu cirurgião, a quem prometteu quarenta escudos e tres libras por visita, porque vive muito longe do nosso bairro.

«É preciso confessar que os frades não têem muita consciencia. Cuidam muito pouco da sua saude e da das mulheres com que teem relações.»

Outro caso curioso:

N'uma declaração datada de 26 de outubro de 1767:

«Eu abaixo assignado, Honorato Régnard de edade de cincoenta e tres annos, conego regular da ordem de Santo Agostinho, e procurador da casa de Santa Catharina, declaro que o senhor Marais me encontrou em casa da S. Luiz na rua du Figuier, á qual fui hontem de motu proprio, para me divertir com a Felix.

«Primeiramente fil-a despir de todo, e comecei a apalpal-a com a mão envolvida na minha capa.

«Hoje mesmo, antes de passar o presente, tambem estive na mesma casa a divertir-me com a dita Felix e com a Julia, sua companheira, as quaes me tiraram os meus habitos sacerdotaes, e me vestiram de mulher, pondo-me carmin e seios postiços. O senhor inspector encontrou-me n'este estado.

«Declaro mais que já de ha muito tempo tinha este capricho, e que nunca o poude satisfazer até agora.

«Em testemunho do que, assigno a presente declaração, que contém a expressão da verdade.

«(Assignado) *Honorato Régnard.*—O commissario, *Muhel.*—O inspector, *Marais.*»

Os sacerdotes seculares, encontrados nas casas de prostituição, eram numerosos e podiam dividir-se em tres classes. A primeira, compunha-se de rapazes inexperientes, que chegando da provincia com algum dinheiro, e excitados pelo temperamento, inflammavam-se á vista d'aquellas mulheres auctorisadas a sollicitar os transeuntes, e ignorando o laço que a policia lhes armava, deixavam-se arrastar e entravam.

Entre esta primeira classe de sacerdotes, menos culpados ainda que a policia, que procurava surprehendel-os, contava-se Jacques Ladislau José de Calonne, que no dia seguinte ao da sua chegada a Paris, e antes de entrar no seminario de S. Sulpicio, foi em outubro de 1763, na edade de 20 annos, a uma casa da rua do Chantre, e foi interrompido nos seus prazeres com a Carolina pela subita apparição de um commissario.

Era irmão do famoso ministro de igual nome.

A segunda classe comprehendia os sacerdotes mais adiantados na carreira dos beneficios e dos annos, que nem por isso eram mais prudentes. Entre elles temos de citar:

Guilherme de Bar, de 31 annos, deputado pela dioceze de Senlis na camara soberana do clero de França, surprehendido a 7 de junho de 1766, n'uma casa da rua de Deux-Écus, com a joven Rosalia.

Adriano Aubert, sacerdote da dioceze de Paris, professor do Collegio de França, redactor da parte litteraria dos *Petites Affiches*, de Paris, e famoso pela sua veia caustica. A 27 de janeiro de 1758, um commissario arrancou-o dos braços de Julia.

Francisco de Chugni, esmoller do palacio, preboste da egreja de Lyon, que tinha 34 annos, foi surprehendido com a chamada Henriqueta, pelo commissario de policia Mutel. Apesar da sua conducta, pouco exemplar, este padre obteve o bispado de Riez.

Pedro de Gallon Francesqui, doutor da Sorbonna, vigario geral do bispado de Viviers, de 31 annos, foi encontrado na rua de Chantre com a chamada Dorina.

João José Joaquim de Gobriache, vigario do arcebispado de Sens, de edade de 36 annos, surprehendido na rua de Saint-Nicaise, com as jovens Maria-Anna e Manon.

João Monzin, grande arcediago de Bazas, de 45 annos de edade, foi surprehendido n'uma casa da rua Mazarin com Margarida Leclerc, de 18 annos de edade.

Luiz João Francisco Rivière, chanceller de Saint-Merry, capellão da rainha, de 40 annos de edade, na rua Platrière, com Maria Chanterenne, de 14 annos.

Miguel Angelo de Chastelane, prégador do rei, de 35 annos, encontrado na rua Mazarine, com duas raparigas, Catharina e Leonor.

Passemos agora á terceira divisão, a que já n'outro logar nos referimos. Compunha-se esta classe de peccadores endurecidos no vicio, aos quaes a edade não conseguira destruir os maus habitos. D'estes foram descobertos:

Gaspar Bardonnet, bacharel da Sorbonna, antigo capellão do rei, de 55 annos de edade, perturbado nos seus prazeres grosseiros, n'uma casa da rua Pagevin, em companhia de uma prostituta chamada Isidora, pelo commissario de policia Mutel, e pelo infatigavel inspector, que apparecia em toda a parte, Marais.

José Maria Mocet, conego e arcipreste da cathedral de Tours, de sessenta annos de edade, encontrado na rua do Seine, com a prostituta Marianna.

Pedro José Artaud, preboste de S. Luiz do Louvre, em Paris, de 55 annos, surprehendido na rua de Deux-Portes-Saint-Sauveur, com Margarida Paulmier.

Se quizessemos multiplicar as citações, só tinhamos um obstaculo, o da escolha, tanto ellas são numerosas nos annaes da policia. Accrescentaremos, todavia, mais alguns casos á nossa lista:

Um arcediago de Troyes, chamado João Baptista d'Aguesseau, que a 10 de julho de 1760, fez uma visita á rua Saint-Nicaise, onde foi surprehendido com a joven Drumelia.

Um conego, chamado Filippe de Saint-Constant, que com um dos seus

auxiliares foi surprehendido n'uma taberna de Montmartre, comendo na cama entre duas mulheres, chamadas a Catinot e a Leroi.

Póde por tudo isto avaliar-se o estado dos costumes d'aquella épocha e a decadencia de certas instituições. Nos tempos barbaros, a luxuria do clero era completamente desaforada. Quando a civilisação progrediu, não teve remedio senão cobrir-se com a mascara da hypocrisia.

Esta serie de desordens publicas, ou occultas, de que citámos numerosas provas, demonstra bem o vicio da gente da Egreja.

Devemos recordar aqui o principio de que as peiores leis são as que mais depressa se infringem. Os leigos de que vamos occupar-nos e que formavam a quinta classe das informações policiaes, eram cuidadosamente vigiados tambem. A unica differença era não serem perturbados nos seus prazeres.

A policia, multiplicando os seus agentes, não omittindo astucias, estratagemas e traições, conseguia conhecer o que todos faziam, e isto apenas para divertir o rei! Por isso cada dona de casa publica era obrigada, por imposição policial, a reunir ao seu officio infame outro mais infame ainda — o de delatora. Devia fazer todos os dias uma relação com os nomes d'aquelles que se haviam apresentado na casa, os nomes das prostitutas com quem tinham estado, e o tempo que haviam passado juntos.

Eis uma d'essas relações, feita pela Dufrene, uma das mais famosas alcoviteiras d'aquelle tempo :

«Dia 21 de junho de 1753 :

«O senhor Cot, mathematico do rei, morador em Versailles, de edade de 40 annos, casado. Entrou ás 6 horas e sahiu ás 8. Teve copula com a Raton, de casa da Hugent.

«Dia 21 :

«O senhor de la R..., governador do palacio, cavalheiro de S. Luiz, solteiro. Visitou Adelaide, que vive no *Rei Salomão,* na rua Saint-Honoré.

«Dia 22 :

«O barão de Ran..., cavalheiro de S. Luiz, de 79 annos. Visitou a chamada Victoria, que vive em minha casa. Entrou ás 6 e sahiu ás 7.

«O prior de Sezanne, em Brie, de 35 annos. Veste-se algumas vezes de *petit-maître.* Visitou a Victoria. Entrou ás 8 e sahiu ás 9.

«Dia 23 :

«O barão de Urs..., de 45 annos, solteiro. Teve copula com a d'Arty, que vive perto de Luxemburgo. Entrou ás sete e sahiu ás nove.

«O senhor de Crem..., cavalheiro da ordem da Cruz Vermelha, tenente general do exercito do rei, irmão do senhor de Bon..., thesoureiro dos estados da Bretanha. Visitou a Adelaide, que vive no *Rei Salomão.* Entrou ás 9 e sahiu ás 10 e meia.

«Dia 24 :

«O senhor de Ger..., cordão vermelho, thesoureiro da marinha, solteiro trinta annos de edade. Viu a Victoria. Entrou ás 8 e sahiu ás 9.

«Dia 25 :

«O senhor de P... d'Arg..., veio ás 10 da noite. Esteve com a Victoria.»

Devemos notar que estas mulheres não empregavam periphrases na sua correspondencia com o chefe da policia. Diziam tudo sem reticencias.

Continúa o diario da Dufrene:

«Esqueceu-me na quinta feira passada, o senhor de Ser..., embaixador de Portugal, de trinta e seis a quarenta annos de edade. Viu a Agatha, de casa da Desportes. Entrou ás 8 e sahiu ás 9.

«DUFRENE.»

Encontram-se n'estas relações numerosos exemplos da obscenidade e depravação d'aquella classe de individuos, orgulhosos, altivos pelos seus titulos de nobreza, e pela sua inutilidade, e que aspiravam á infamia dos homens mais abjectos da sociedade. Viam-se até pessoas de educação, desempenhando o papel de agentes de casas de prostituição, e o que peior é, de agentes da policia, com o respectivo salario. Poderiamos citar muitos testemunhos e nomes de illustre genealogia, manchando-se no lodo de todas estas torpezas. Citaremos, porém, apenas uma marqueza, que vendo-se arruinada e prestes a vender os moveis, foi offerecer-se a uma das mais famosas alcoviteiras d'aquella épocha, á Brissant, para ser uma das damas do seu serralho.

Milhares de relatorios d'este genero chegavam todas as manhãs ás mãos do chefe de policia, que mandava tirar um extracto do que lhe parecia mais notavel, de maneira que nada occorria em qualquer casa de Paris, de que o rei não fosse rapidamente instruido. As anecdotas mais escandalosas eram saboreadas com jubilo pelo monarcha.

Nas diversas classes da sociedade, havia a mesma corrupção. Graves magistrados e conselheiros não temiam aviltar a sua dignidade, arrastando-a pelas casas de prostituição. Homens da classe média e artistas arruinavam a sua saude e a das suas familias, procurando imitar os exemplos corruptores da côrte.

Não fallámos ainda dos excessos da libertinagem que ultrajam a natureza, d'essas uniões estereis, ultimo grau de depravação moral. Estas predilecções vergonhosas tinham, todavia, no reinado de Luiz XV, tantos partidarios como no tempo da Regencia, como no tempo de Luiz XIV, como nos tempos barbaros. Não fallámos tambem de algumas mães que educavam suas filhas para a prostituição, vendendo a sua virgindade, como se praticava infamemente no seculo XV.

As informações policiaes fornecem-nos trez exemplos d'esta depravação.

A viuva de um official do rei ia todos os dias expôr nas galerias do Palais-Royal a filha mais velha, e destinava a mais nova a um fidalgo. A senhora Cris... foi a propria a levar sua filha ao principe de C... em Chantilly.

Outra dama, C... metteu sua filha no convento das Ursulinas, da rua de Saint-Jacques, para obter para ella, por meio de Lebel, o primeiro logar vago no serralho do Parc-aux-Cerfs.

No reinado de Luiz XV, a prostituição chegou ao seu auge. As prosti-

tutas attingiram um numero fabuloso. Havia perto de trinta e duas mil inscriptas nos registros da policia. A seducção, os exemplos corruptores dos poderosos, a falta de educação e de dinheiro, todas estas causas arrastavam as donzellas ao abysmo da prostituição.

As mulheres publicas exerceriam o mais infame dos officios, se não fossem excedidas em infamia pelos homens, que não tendo iguaes desculpas, vendem as suas consciencias, esquecendo os seus deveres mais sagrados, para obterem o favor e o dinheiro dos governantes. Estes insolentes e indesculpaveis perdidos teriam attingido o ultimo grau da baixesa social, se não existissem outros homens mais infames ainda: —os corruptores, porque esta deploravel especie de scelerados é mais perigosa e desprezivel do que os infelizes que se deixam corromper.

Os costumes das mulheres da côrte, que serviam de modello e exemplo ás das classes menos elevadas, eram tambem escandalosissimos. Para estas mulheres, a galanteria era o unico fim.

Os laços conjugaes eram a cada passo despedaçados. A fidelidade era para ellas uma vergonha, porisso quebravam-na sem repugnancia e sem perigo. A complacencia de ambos os esposos era reciproca.

Montesquieu diz:

«Um marido, que pretendesse a posse exclusiva de sua mulher, seria considerado como um perturbador da tranquillidade publica, como um insensato que aspirasse a gosar sem partilha a luz do sol. Entre nós um marido que ama sua mulher, é um homem que não tem habilidade nem merecimento para se fazer amar de outra.

«Não pretendo dizer com isto que não existem senhoras virtuosas, e até dignissimas, mas são tão feias, que é preciso ser um verdadeiro santo para não odiar com todas as véras a virtude.»

O duque de *** surprehendeu sua mulher nos braços do preceptor de seu filho. A dama, ao vêr o marido, disse-lhe com todo o descaramento:

—«Porque não estavas aqui, quando precisei de ti? Quando não tenho o escudeiro, sirvo-me do lacaio!»

A maior parte dos casamentos eram apenas para transmittir os bens a um herdeiro, assim como os titulos e o nome genealogico.

Cumprido este fim, os esposos viviam como se não tivessem nenhum dever, nem obrigação, que cumprir ou respeitar. Casar com outro intuito era considerado como uma solemne vulgaridade. Quando do matrimonio não resultava um herdeiro illustre, os esposos recorriam ao vergonhoso meio de que já apresentamos um exemplo.

Além dos excessos da luxuria e de toda a especie de libertinagem, as caracteristicas mais frisantes da épocha de Luiz XV, eram o luxo, o predominio da moda e a frivolidade.

O luxo era uma das mais perigosas fontes de corrupção. Havia chegado ao ponto de ser para todas as classes da sociedade uma necessidade progressiva, sujeita diariamente aos caprichos da moda.

«Uma mulher que deixava Paris para ir passar seis mezes ao campo,

voltava vestida de um modo tão antigo, como se tivessem decorrido trinta annos. Algumas vezes os penteados subiam, subiam enormemente, até que uma revolução elegante os fazia descer.

«Houve tempo em que a altura do penteado deixava ficar o rosto da mulher ao meio do corpo. Houve tempo em que os pés ficavam tambem ao meio do corpo, porque os tacões eram uma especie de pedestal.

«Os architectos viram-se obrigados a levantar, abaixar, ou alargar as portas dos edificios, segundo as variantes ordenadas pela moda.»

Este quadro, ainda que pareça exaggerado, é irrecusavel. No tempo de Luiz XIV, durante a Regencia, no reinado de Luiz XV e até no de Luiz XVI, as mulheres usavam um calçado com tacões de madeira, cuja altura era, pelo menos, de tres pollegadas, e além d'isso, o penteado elevava-se á altura de um pé acima da cabeça.

Por meio d'estes artificios, pretendiam parecer mais altas.

Usavam no rosto *mouches* de tafetá preto engommado, ordinariamente redondas. Collocavam-nas particularmente nas faces, perto das prégas da bocca, e na testa. Uma dama de gerarchia não podia ter menos de cinco ou seis signaes no rosto. As mais modestas usavam apenas tres. Nunca sahiam de casa sem levarem a caixa dos signaes, em cuja tampa havia um pequeno espelho, para em caso de necessidade collocarem qualquer signal que tivesse cahido.

Esta moda procurava fazer sobresahir a alvura da pelle e dava brilho e vivacidade ao rosto.

Não era este o unico artificio empregado pela *coquetterie*. As mulheres pintavam o rosto com alvaiade e carmim, e chegaram mesmo a pintal-o de azul. O carmim chegou a tal abuso n'aquelles rostos, que lhes dava o aspecto de bacchantes enfurecidas, de ébrias, estuantes de luxuria ou de cólera!...

O costume de pintar o rosto, costume barbaro, ridiculo e funesto para a propria belleza, conserva-se ainda hoje em dia.

Uma dama de qualidade não podia então sahir de casa sem levar no rosto uma espessa camada de vermelhão. Ter-se-hia considerado como uma indecencia sahir sem arrebiques.

As mascaras de velludo, que as senhoras traziam no tempo da Regencia, cahiram em desuso. Os arrebiques e as manchas substituiram-nas com vantagem. No anno de 1760, todas as modas eram á Ramponneau, nome de um farçante, que tinha uma pequena taberna nos Porcherons. Depois as modas foram á grega. Uma canção d'aquelle tempo prova-o claramente.

Ici, tout est à la grecque,
Tout est à la Ramponneau.

Applicavam-se tambem estas denominações á maneira de fallar. Eis uma anecdota, que a este respeito encontramos n'uma obra d'aquelle tempo:

«No mez de abril de 1764, o padre Torné, prégando diante de Luiz XV em Versailles, esqueceu-se ao começar a prédica de fazer o signal da cruz. O rei ficou surprehendido, e manifestou o seu espanto ao duque d'Ayen, que lhe respondeu:

—«*Sire,* provavelmente o padre vae fazer-nos um sermão á grega.»

«Quiz o acaso que o orador começasse o seu discurso por estas palavras:

«Os gregos e os romanos...

«El-rei não poude conter-se. Desatou a rir, e fez perder o fio do sermão ao pobre do prégador.»

Os litteratos, egualmente atacados do contagio commum, não compunham senão obras frivolas e libertinas. As musas não eram invocadas senão para celebrar os encantos de alguma actriz, de alguma cortezã, ou de algum protector desprezivel. Escreviam-se poemas a respeito do amor e dos seus gosos, canções eroticas tão amorosas como as dos reinados anteriores, e os *Mercurios* d'aquellas épochas enchiam-se de verdadeiras tolices rimadas.

Collé, e Crebillon Fils foram escriptores castos, se os compararmos com outros muitos que prostituiram o seu talento, publicando obras obscenas, cujo resultado devia corromper o gosto e a moral, inflammar os sentidos e tornar odiosa á juventude a leitura instructiva. Nunca em reinado algum se vira apparecer tão grande numero de obras indecentes!

A maior parte dos homens d'aquelle tempo, e sobretudo os que aspiravam a distinguir-se no mundo do bom tom e da elegancia, ter-se-hiam envergonhado de se entregarem a occupações uteis, de moderar as suas acções e de viverem fóra d'aquella atmosphera de intrigas galantes. Estudavam até a maneira de parecerem mais esturdios, mais viciosos, mais infames do que realmente eram.

Estas frivolidades, estes meios de corrupção tinham effeminado todos os espiritos. As damas começaram então a padecer dos nervos. Em 1769, uma companhia obtem a permissão de estabelecer armazens de guarda-soes nas extremidades do Pont-Neuf, para que as pessoas desejosas de conservar a alvura da pelle podessem atravessar a ponte ao abrigo dos raios do sol.

Para comprehender a utilidade d'aquelle estabelecimento, é preciso saber que os abbades, raça degenerada, especie amphibia, que se encontrava por toda a parte, e que não tinha importancia alguma, que os *petit-maîtres,* que os numerosos escravos da moda emfim, não tinham para se defenderem dos raios do sol mais do que uma cabelleira symetricamente penteada e polvilhada com amido, porque o pequeno chapeu, a *claque,* era apenas para se trazer debaixo do braço e não na cabeça.

Os grandes acontecimentos d'aquella épocha, o que excitava vivamente a curiosidade de todas as pessoas, o que constituia o objecto principal de todas as conversações das pessoas desoccupadas, o que interessava tanto a côrte como a cidade, consistia no bom ou mau exito de uma comedia, na publicação de algumas coplas epigrammaticas, no rompimento de algum fidalgo dissoluto com a sua amante para se lançar nos braços de outra, nas grandes perdas soffridas ao jogo, na apparição de alguns livros atrevidos ou escandalosos, que circulavam clandestina e profusamente, e finalmente, nas ultimas modas, nas aventuras dos bastidores, dos salões e das alcovas.

Entre aquelles homens prevertidos, faltar ás leis tyrannicas e incommo-

das da moda teria sido attrahir sobre a cabeça a infamia do ridiculo. E esta especie de infamia parecia-lhes mais terrivel que a do crime.

Este caracter de frivolidade, este estado de delirio e de corrupção physica e moral, que dominava nas classes opulentas da sociedade, e havia comtaminado até mesmo as bellas-artes, não perdera, ainda assim, a nação inteira.

Uma parte sã, bastante numerosa, admitindo algumas formulas exteriores, resistiu ao impulso da torrente, investigou a causa da desordem das ideias e dos costumes, e não lhe custou muito trabalho descobril-a. Esta descoberta poz em evidencia os vicios do governo e das instituições, mas, em compensação reproduziu outros. Muitos titulares, homens de lettras e altos funccionarios lembraram-se de formar um club politico. O abbade Alary, discipulo do abbade Longuerne, foi o creador d'este club.

As sessões realisavam-se em casa do abbade, que era o presidente. Discutia-se, liam-se memorias e relatorios a respeito de todos os assumptos dependentes da administração publica. A diplomacia, o direito ecclesiastico de França, o commercio e a historia eram discutidos n'aquelle novo areopago.

O cardeal Fleury, a principio, não se inquietou muito com estas reuniões, limitando-se a pedir algumas vezes noticias dos seus trabalhos. Bem depressa, porém, começou a receial-as, considerando-as como um partido de opposição ao seu governo, e acabou por dissolvel-as. Esta dissolução realisou-se em 1751, mas, no emtanto, os diversos membros não deixaram de fazer germinar as verdades que haviam descoberto. O *Contracto social* de Rousseau baseou-se nas memorias do abbade de Saint-Pierre.

Esta sociedade influiu notavelmente nas opiniões do seculo XVIII. A velha e decadente barbarie, sustentada pelo habito e pelo poder, occultando os signaes da sua decrepitude sob as fórmas graciosas que tomára da civilisação, rivalisava ainda com todos os progressos moraes, que, não tendo por appoio senão a força da verdade, nem por isso deixavam de ganhar incessantemente terreno. A sua marcha era lenta, mas firme e persistente. Os escriptores e philosophos que mais se distinguiram por aquelle tempo foram, além do citado Rousseau, Montesquieu, Quesnay, Mirabeau, o abbade Bandeau, Voltaire, Buffon, o marquez d'Argens, La Metrie, o barão de Holbach, Helvetius, Frèret, Boulanger, Dumarsais, etc., etc.

Quando o libertino Sartines perseguia, como temos visto, os cidadãos, mandando-os espiar nos seus domicilios e devassando até mesmo o segredo das suas noites, fazia-o, como dissémos, para divertir um rei mais libertino ainda, com todas as torpezas e particularidades do vicio. Era assim que o devasso magistrado ministrava a seu amo exemplos e desculpas, como se a sua auctoridade e consciencia tivessem necessidade d'estas desculpas!

Temos á vista o *Diario completo da policia*, e vamos transcrever d'elle alguns trechos, porque convém conhecer até que ponto póde chegar a depravação de uma cidade, onde a illustração e o esplendor andavam desacompanhados de qualquer ideia de moralidade ou de pudor.

É bom mostrar em flagrante depravação os nossos antepassados, que

muita gente hoje em dia suppõe prudentes e sensatos, e que andavam com a bolsa na mão, de belleza em belleza, em procura da morte que os esperava no seio das voluptuosidades:

Cherchant, la bourse en main, de beautés en beautés,
La mort qui les attend au sein des voluptés.

É possivel mesmo que esta resurreição do passado seja proficua para muita gente, e que a historia das faltas e erros dos avos não sejam uma licção completamente perdida para os seus descendentes!

Nos documentos que vamos transcrever, procuraremos, quanto possivel, pôr de parte o estylo, sempre monotono e algumas vezes asqueroso, dos inspectores.

Comecemos:

«*24 de agosto:* — Uma tal Rose Alexandre, de la Serré, na Borgonha, bellas fórmas, cabellos pretos, olhos da mesma côr, bocca grande, mas dentes bellissimos. Esteve por conta de M. de Mortemart, a quem abandonou, apesar de elle a ter esplendidamente installada, para seguir o mosqueteiro Saint-Maire, a um andar mobilado. Deixou-o crivado de dividas. Obrigada a entrar n'uma casa publica, encontrou-a alli o senhor de Couvre, que com 4:000 libras empregadas em moveis a obrigou quasi a ser virtuosa.»

«*31 de agosto:* — Christina de Foix, de Sédan, que não tinha outro defeito além do nariz algum tanto comprido, deixou-se roubar pelo conde de Ferrari, que lhe fez crêr que estava gravida. O mesmo conde pôl-a em seguida por conta de um negociante da rua de Saint-Denis, onde não estava muito bem installada. O senhor Jasny offereceu-lhe accomodação mais vantajosa, mas bem depressa se arrependeu por ella o ter enganado com um tal Tournaire, genro do senhor Dupont, conselheiro do Chatelet.»

«*7 de dezembro*: — A Dubois, da Comédie Française, apesar da severidade de seu pae, concedeu as primicias do prazer a um moço de café. Verdade seja que este moço de café era o duque de Fronsac, que de avental e guardanapo lhe apresentava todas as manhãs o chocolate. Em seguida, fez-lhe a côrte o marquez de Villeroi, mas como marquez, entenda-se.»

«*Na mesma data*: — Martigny, bailarina, estava por conta do senhor de Courchamp, por vinte luizes ao mez com a condição de que havia tambem de satisfazer o capricho que tivera pelo marquez de Vierville. Depois deixou-os a ambos, quando o senhor de Bernonville lhe offereceu maiores vantagens.

«A menina Raye, bailarina tambem, apressou-se a consolar o senhor de Courchamp, Não tinha nem uma peça de roupa branca, quando elle encommendou para ella a Lempereur um par de brincos. Quiz que sua mãe concluisse a sua educação, mas ella ensinou-lhe apenas a agradar ao publico.»

«*25 de dezembro*: — A Dorval, convertida em marqueza d'Aubiard, fez a sua primeira campanha com um soldado que desertou por causa d'ella. Quando se enfastiou d'este rude companheiro, fez com que lhe quebrassem a cabeça. Entregou-se depois a uma companhia inteira d'onde desertou para seguir uma

companhia de comicos ambulantes. De papel em papel, chegou até Paris, [illegible] o senhor Danisy, não lhe fizera ainda senão bilhetes apaixonados. Um olhar do duque d'Orleans inspirou a um cavalheiro de S. Luiz o desejo de a tomar por esposa. Um dia, o marido morreu, e ella recolheu-se no convento das Franciscanas, onde ensaiou muitos maridos, sem que nenhum cahisse em casar com ella.»

«28 *de dezembro*:—Genoveva de Rottemond, filha bastarda do dentista Capron, que a havia dotado com 800 libras de renda. Sua mãe, Dumontier, fazia todas as noites a sua partida de jogo com o doutor Saint-Léger, que morria por entrar em jogo com a filha. Para se entreter, ia á missa. Encontrou alli um dia Larivée da Opera, que lhe prégou o amor do proximo.»

«Madame de Montgantier recebeu os diamantes do senhor Senac. Finge não dar pelos olhares de Vestris, que para a obrigar a reparar n'elle, finge prestar muita attenção a Mademoiselle Lafont. Queria tambem captivar o senhor de Matowsch, mas o senhor Senac disse-lhe que já era bastante ter sido *armado* por sua mulher.»

«Mademoiselle Granville não poude deixar de se deitar com o senhor de Joinville, que a presenteou com um soberbo coche á ingleza. Deseja, porém, que o senhor Decaire fique no seu quarto de toilette, onde elle tem dó d'ella, a desculpa e a espera. Apesar d'isso, sexta-feira ultima, estava mettido na sua cama, onde ella devia ir procural-o ao sahir de casa do senhor de Joinville. E este ultimo que quiz ir procural-a a casa, encontrou alli o senhor Decaire. Nem um nem outro a tinham visto. Não se soube onde esteve.»

«A marqueza de Ségur, uma creoula que tem o pé mais bonito de Paris. O barão de Bezenval convenceu-a a vingar-se de seu marido, que não tem senão uma das mãos.»

«O principe de Conti foi ferido por uma joven, a quem chamam Joaninha, a f... O principe está muito zangado contra o seu cirurgião Guerin.»

«O duque de Tremonville dá 600 libras á Martin, bailarina, mas esta tem um amante que lhe dá mais. Houve quem a visse envergar um roquete episcopal em guisa de penteador!»

«Mademoiselle Allard fez-se pintar completamente núa por Lenoir. Toda a gente a reconhece no retrato.»

«O senhor Tombeuf, official das guardas, tinha a seu lado a Cremille. Queria tambem gosar Mademoiselle de Mars. Este capricho custou-lhe um vestido de seda e uma caixa de ouro. A Cremille suspeitou e foi espreitar á porta da rival, onde o infiel apanhou algumas series de bofetadas no meio da rua, em pleno dia. O pobre diabo pedia perdão, promettendo solemnemente que não voltaria mais áquella casa.»

«Ella fez-lhe assignar esta promessa, e mandou-a a Madame Mars, que jurou tambem fazer-lhe assignar outra promessa do mesmo genero.»

«O senhor de Buzançois amancebou-se com a Montenoi, que acabava de se curar de uma enfermidade galante. E, como não podesse dar-lhe mais de 300 libras por mez, a sua amante considerava-se contractada com a condição de pulso livre.»

«O principe de Nassau mandou o peitilho da camisa á Dumasnade. Foi assim que se despediu d'ella. A dama, em compensação, enviou-lhe uma das fivellas da espada de sr. de Fronsac.»

«Quarta-feira houve uma grande ceia em casa do sr. Beudet. Assistiu a Gourdan com quatro das suas damas de honor. O pobre Beudet apanhou algumas bofetadas por não ter maçãs para dar áquellas damas.»

«O duque de Chartres recebeu nos braços Mademoiselle Dervieux, que nem por isso deixou de cobrar os cem luizes de milord Binzing, e os do principe de Soubise. Para maior segurança, exige sempre dois mezes adiantados.»

«O principe d'Hesmin esquece sua mulher. Em compensação, sua mulher esquece-o com o cavalheiro de Coingny.»

«O marquez de Louvois quiz levar ao baile a menina de Beaulieu, sua amante. Alli pediu-lhe que o perdesse um momento de vista, porque tinha encontrado uma mulher honesta que gostava d'elle. Em compensação, a amante do marquez, fez a conquista de um subdito da Grã-Bretanha, que ficou doido por ella.»

«O cavalheiro de Baize dormiu hontem com a senhora de Gotteville. Ella despediu-o ás quatro horas da manhã, a pé, sem guarda-chuva, dizendo que uma mulher como ella não devia faltar ás conveniencias.»

«Julia Bretant, filha de um cabelleireiro de Vaucouleurs, na Champagne, estacionou durante muito tempo por alguns quartos particulares, quando a Montigny, que tinha a honra de ser *fornecedora* do marechal de Duras, lh'a apresentou. O marechal achou-a muito bonita e foi guardal-a n'um convento em Ruelle, onde foi admittida na qualidade de sua afilhada. De quando em quando, ia visitar o padrinho e agradecer-lhe as suas bondades.

«Elle pretendia fazer d'ella uma modista, para partilhar tambem os lucros de um armazem de modas, mas a ingrata casou com um adello, que preferindo Baccho a Venus, a vendeu ao publico.»

«Maria Dasches, filha de um cirurgião, foi levada a Paris por sua propria mãe, que a andou passeando pelas galerias de Versailles aos olhos de Luiz XV. A pequena só encontrou graça nos olhos do marquez de Villeroi, a quem fez feliz como um rei.»

«A menina Carsout, filha de um cirurgião e de uma parteira. O cavalheiro de Bec-de-liévre tornou-se louco por ella durante uma hora, e ainda tinha muito que dizer-lhe, mesmo quando já lhe tinha feito tudo.»

«Maria Francisca Daniel, de uma aldeia, perto de Nancy. Tendo descoberto que era bonita, apesar de ser uma simples creada de estalagem, foi para a rua Beaurepaire, onde se installou n'um quarto soberbamente mobilado. O conego Mangin, de Bazas, dividiu com ella os seus beneficios. Um mestre de dansa, ensaiou-a para fazer parte do corpo de baile da *Comédie-Française*. Não era, porém, o baile o que a seduzia. Era conhecida pelo nome de Albigny.»

«A menina Danozangues chamava-se anteriormente a Hemefiances. Seu pae, decidido a vendel-a com receio de que se entregasse ao primeiro que apparecesse, foi elle proprio leval-a ao marquez de Pusenat, porque lhe pareceu ter surprehendido entre os dois olhares ternos. Este fidalgo foi o primeiro que

lhe fez as honras de Paris. O senhor Jambert, que não era fidalgo, installou-a na rua d'Arbre-sec, onde o seu cabelleireiro lhe fez um filho, que passou ao conde de la Douer. Era bonita, mas todos os seus amantes estiveram longe de ser tão difficeis como o abbade Dangeau, da Academia franceza, que lhe devolvia as cartas, quando ellas tinham erros de ortographia. Á terceira carta rompeu abertamente com ella.»

«A menina Haroir era uma pobre orphã dos arredores de Metz, e não queria ser senão creada. Tinha, porém, muitissima graça, quando se punha a varrer o atelier de Madame Duchesne, modista. Um joven gravador, Durand, ensinou-lhe o que ella não sabia. O conde de Jumiliac, ensinou-lhe mais alguma cousa, e Meneaud, substituto do procurador geral, deu-lhe mais amor que dinheiro. O substituto punha em pratica o preceito de La Fontaine :

Déchaussons ce que j'aime !»

«Joanna Béroud, era da Lorena e discipula de uma modista tambem. O visconde de Sabran tentou-a. Pouco depois cahia-lhe nos braços, para mais tarde escorregar para os de Fouassier, chefe das cosinhas do duque de Penthièvre. A fortuna foi-lhe sempre tão infiel como o amor!...»

«A Leroy, de Bordeus, era uma mercieira. Cansada de seu marido, desertou com armas e bagagens para seguir um aventureiro, que lhe cantava aos ouvidos esta copla tentadora :

Si Zerbin était roi,
Zerbine était reine!

«Um dia teve a fortuna de encontrar no jardim do Arsenal um velho, que lhe offereceu, com a condição de soprar as suas cinzas quasi extinctas, 150 libras por mez e uma lembrança no seu testamento.»

«Antonieta Vallée, de Nancy, era filha de um architecto do rei da Polonia. O principe de Chimay fez d'ella sua amante. Na primeira noite, magoou-a, na segunda, deu-lhe prazer, na terceira, nem a magoou nem lhe deu prazer!»

«A Desjardins, parisiense, era maltratada pela mãe, por não querer acceitar um marido que ella lhe indicára. Não querendo entregar o corpo, sem entregar ao mesmo tempo o coração, prometteu ser virtuosa, até mesmo vivendo entre comicos. Um dia o duque de Montmorency appareceu. Não sabemos se se transformou em chuva de oiro, ou em toiro, como Jupiter, o que é certo é que ella resistiu apenas um mez. Do duque passou ao senhor de Fraqueville, que no emtanto tinha uma mulher encantadora.»

«Joanna Richard Saint-Sévérin, era filha de um canteiro. Em creança nunca se deixava beijar. Provavelmente sabia aquella phrase de Madame de Maintenon —que os beijos seccam as graças infantis.— Tinha, porém, uma tia, amante do embaixador da Turquia, que não era com toda a certeza da mesma opinião. Foi em casa d'ella que a rapariga fez a sua estreia.»

«A Noel era filha de uma d'essas mulheres, que para não terem de que

se envergonhar zombam de tudo. A mãe inspirava ás filhas horror pelo casamento. Dizia-lhes muitas vezes que era muito mal entendido dar-se a um só o que tantos appetecem. Primeiramente a mãe vendeu-a ao senhor de Roudé, guarda dos diamantes da corôa. O guarda foi pouco depois accusado de ter vendido 500:000 libras de diamantes, allegando que el-rei lhe devia 80:000 libras.»

«A Leclair era bailarina nos *Italianos*. Quando chegou a ponto de poder ter uma dama de companhia, deu este logar a sua mãe. Quando enriqueceu mais, elevou a mãe ao cargo de sua aia. Vorgemond e Saimsom emprestavam-lhe alternadamente as suas carroagens.»

«A condessa de Sabatini, filha de um sargento do regimento das guardas suissas e de uma vivandeira, logo aos onze annos excitou a curiosidade do seu coronel, e deixou-lhe colher um fructo que não estava bem maduro. A rapariga era ladina, e como aprendera de tenra edade o meio de agradar aos homens, não descançou emquanto não foi ter com o embaixador de Modena, o conde de Sabatini, que enlouqueceu a ponto de a desposar. Cansada do marido, procurou em Paris novas aventuras, e não tardou a encontral-as. Foi celebre, e os seus escandalos tornaram-se notaveis.»

«Yoris d'Alinville foi primeiramente protegida por um judeu, que entre outras coisas lhe recommendava que tivesse sempre as janellas abertas, quando trovejava, porque podia entrar o Messias. Um dia o judeu despediu-a como Abraham a Agar, dando-lhe um pedaço de pão e uma bilha de agua. Desde então a rapariga só teve affeição aos christãos, e soube escolher amantes mais razoaveis.

«Maria Barbara Sophia Faillon Laforest, de Rumigni, na Picardia, desde que agradou a todo o mundo agradou-se tambem de todo o mundo. Não teve outro repouso além do que encontrou na piscina do cirurgião Darnet. O senhor Duvancel propoz-lhe que entrasse em sua casa na qualidade de criada de quarto, com a condição de se tornar feia, emquanto estivesse pendente o processo de divorcio que trazia com sua mulher.»

«A senhora Martin, de Strasburgo, havia casado contra vontade de seus paes. O barão de Audelat, que lá tinha os seus planos, protegeu os jovens esposos, e deu um logar ao marido, para obter outro no leito da esposa. Não foi duradouro o idyllio. Appareceu um dia o mosqueteiro Ducondray, que obteve sem grande trabalho uma mulher esplendida, de cabellos annellados e com uns dentes admiraveis.»

«Marianna Brenigar d'Érivée, de Reims, na Champagne. Um rapaz, de nome Bourlois, atirou-a á senda do vicio, onde ella bem depressa exdedeu todos os limites. O seu temperamento accendia-lhe os desejos, e era preciso que estivesse realmente muito doente para não estar na cama. Basmond, capitão do regimento do Royal-Comtois, passava ás vezes com ella na cama noites de vinte e quatro horas.»

«Forgeville-Vandreuil havia já arruinado em americano, quando um mercador de sedas da rua Bourdonnais, quiz fazer d'ella sua amante. Ella fingiu acceitar, mas nunca deixou de ter relações com o marquez de Chambray que

lhe pagava bem, porque sabia que não era trabalho de somenos valor o de causar prazer a um homem que o deseja ter.»

«A Aubin, filha de um cavalleiro d'el-rei. O governador de Fontainebleau, o senhor de Mont-marois, teve a audacia de a presentear com um filho. Foi o bastante. D'ahi para o futuro, a dama passou a vida a acceitar presentes de filhos, enpregando todos os esforços para collaborar de boa vontade n'esse trabalho.»

«Maria de Lorena Morette era natural d'Alençon. Um capitão do regimento de Saint-Chaumond, fez-lhe perder a innocencia, e um official de marinha, a saude. Morreu em Bicêtre.»

«A menina Ferrière de Serre recebeu um dia uma excellente lição de um conego de Vincennes. O santo homem demonstrou-lhe que, se era prohibido aos padres ter mulheres, não havia canon algum que prohibisse as mulheres de terem padres. Ella acreditou, mas a sua virtude não foi constante, e o conego em breve deixou de ser ditoso. A Ferrière passou ao braço secular.»

«Maria Marelle Guimard era bastarda de um judeu, que morreu na cadeia por não poder pagar as dividas. Creança ainda, tinha pilhas de graça em tudo quanto dizia, e por isso houve logo quem tivesse curiosidade de saber se teria a mesma graça no que fizesse. O presidente de Saint-Lubin velara cuidadosamente pela sua educação.»

«Margarida-Brunet-Montausier, da Provença, foi em 1749 para a Martinica com o intendente Husson, que lhe deu um armazem de modas. Ella, porém, breve se cançou de adornar a cabeça das mulheres, e preferiu enlouquecer as dos homens. Teve como amantes o marquez de Chimenes, o principe de Nassau-Sarbruck, o coronel d'Esparbes, Devoyer d'Argenson, o marquez de Sauvré, o marquez de Fronsac, o cavalheiro de Bessons, o marquez de Seignelay, o conde de Villegagnon, o senhor de Puissegur, o duque de la Trimoille, o senhor de Viarme, o senhor Thiroux de Montregarde, o senhor de Roquefeuil, o senhor de Rostaing, e isto sem contar outros amantes da burguezia. E todos tinham ciumes d'ella!»

«Maria Cromal tinha outra irmã tambem formosissima. Seu pae director das alfandegas de Marselha, tinha-lhes dado excellente educação. Por sua morte a viuva levou-as á rua de Mail, onde Lavarenne, sua visinha lhes offereceu uma collocação. A mais velha devia divertir o conde de la Tour d'Auvergne, e a outra o senhor Sibére, tabellião da rua de Saint-Denis. Pouco teria custado a estes libertinos fazer das duas raparigas excellentes mães de familia.»

«Rosalia Fargeot, de Charlons-sur-Saone, tinha casado com um mercador que a esqueceu n'uma feira.»

«A cosinheira do presidente Astruc, sua tia levou-a para sua casa, para a ensinar a ser camareira. Um lacaio do senhor d'Ormesson ensinou-lhe outra cousa. A rapariga teve de esconder-se algum tempo em casa de um cirurgião, para alli dar á luz uma creança. Um official, que pouco depois a levou para a Bretanha, ignorava todas estas circumstancias.»

«A Monginet, da Normandia, causava tedio aos seus amantes, porque

não tinha outra prenda além da belleza. O senhor de Chenevières, capitão de cavallaria, seduziu-a, promettendo-lhe o que nem o prazer póde dar, a felicidade. A pobre mulher, porém, tinha fome, quando o senhor de Core, director geral do Thesouro, a vestiu e a installou n'uma casa bem mobilada.»

«Francisca de Pravaux era filha de um procurador de Vezoul, no Franche-Comté. Os dias pareciam-lhe interminaveis na provincia. Quando se não tem que fazer, está-se muito perto do abysmo. Tinha um excellente coração, mas ha fructos magnificos que encerram bichos e podridões.»

«A Chamay apresentou-se um dia no sanctuario da justiça para obrigar o senhor de Fevre, americano, a que lhe désse meios de subsistencia, como se a pobre mulher não tivesse sido mãe por ser fraca e leviana.»

«Francisca Brar Satin foi desflorada aos quinze annos por um conego de Mans, chamado Mannier. D'alli até ao hospital, a distancia era grande, mas ella de queda em queda, bem depressa lá chegou.»

«A baroneza de Vasse, a mais velha, agrada muito aos estrangeiros, porque tem o dom das linguas. O conde de Maldegnène, camarista, estuda-a como quem estuda uma grammatica. Por isso ella sabe entender-se tão bem com todo o mundo.»

«A Laforest conseguiu captivar o marquez de Hallais. Batem-se mutuamente todos os dias.»

«Um joalheiro da rua Saint-Honoré passeia todos os dias as suas joias no corpo da joven Babet. Sua mulher receia que ella acabe por suppôr que são realmente suas.»

«O barão de Oigny, que fez de Mademoiselle le Coq uma baroneza de Burmau, levou-lhe hontem um par de braceletes de dez mil francos. Ella recebeu-os mesmo no momento em que acabava de ganhar na sua cama um par de brincos.»

«A Durancy está gravida de nove mezes. Ninguem suspeitava de tal, nem mesmo o abbade Darty, que dormia todas as noites com ella.»

«Mademoiselle Mars, que não tem a tez muito limpida, julgava fazer fortuna em Londres. Ignorava, coitada, que os inglezes não gostam do vermelhão!»

«O secretario do intendente Sauvigny, que não tem mais de seis mil francos de ordenado, gasta oito centos por mez com Madame Breteuil, que é prima das meninas Quesnel du Torp, a quem o primeiro presidente do parlamento encerrou em Santa-Pelagia. Era nobre de stirpe, o que foi bastante para se intitular baronesa de Breteuil. Póde dizer-se dos seus encantos:

De loin, c'est quelque chose, et de près ce n'est rien!»

«A famosa Deschamps ama todos os homens, excepto seu marido, que receia ver voltar do outro mundo.»

«A senhora de Fontaine-Martel só morreu, quando não podia ser util aos homens. No dia da sua morte, depois de ter perguntado que horas eram, disse:

— «Bemdito seja Deus! Seja á hora que fôr ha sempre uma entrevista.»

«Uma das nossas cortezãs teve hontem a gloria de repetir esta phrase: Que a vida de uma prostituta era difficil. Estas palavras foram uma vez ditas pela Pagès-Deschamps, accrescentando:

— «Creio que valia mais a pena ser-se mulher honrada!»

«A creada ouviu isto e disse-o ao confessor, e este foi contal-o á duqueza de Nivernois. Havia alli uma boa obra a realisar, e tractaram de offerecer á nova convertida Deus por amante, mettendo-a no convento das carmelitas da rua de Saint-Jacques. O marquez de Bandole foi procural-a, mas como não ia com frequencia á missa, não lhe foi facil avistal-a. Um joven ófficial do regimento de Conflans viu-a no locutorio, e o homem é como a serpente que logra passar facilmente o corpo por onde passou a cabeça.»

«O barão de Andeleau, que fez encarcerar a allemã Zinkle, a quem accusou de haver roubado umas cortinas, dorme em sua casa com a gorda Benedicta e a alta Theophila, que se entendem o bastante para o arruinarem, antes que as leve para as suas terras de Vignolles na Brie, segundo lhes prometteu.»

«Isabel Vallée d'Esmars, de Lisieux, que desde a edade de quatorze annos dizia descaradamente:

Grands-dieux! Rendez-le-moi, pour le reperdre encore!

«Vendeu o *que já não tinha* ao abbade commendador de Fontaine-Blanche. Depois installou-se na rua dos Vieux-Augustins, e funda as suas esperanças nas reuniões do clero.»

«A condessa Duquesnay, que não é nobre, admirada de não gostar já nem de Bertin, nem de Meziers, nem de dezenas de outros, começa a meditar n'estes versos da Deshoulières:

On cherche, avec ardeur, une médaille antique;
D'un buste, d'un tableau, le temps hausse le prix;
Le voyageur s'arrête à voir l'affreux débris
D'un cirque, d'un tombeau, d'un temple magnifique,
Et pour notre vieillesse on n'a que du mépris!

«Procura-se com ardor uma medalha antiga, o tempo augmenta o valor de uma estatua, e de um quadro, o viajante detem-se a contemplar as horriveis ruinas de um circo, de um tumulo, de um templo magnifico, e para a nossa velhice só ha desprezo!»

«A captura do pequeno Saimsom é o acontecimento mais notavel dos bastidores nos ultimos dias. Era o *enfant-gâté* das damas, porque tinha para com ellas todas as receitas do doutor Swift: — Dois ou trez olhares, duas ou trez inclinações de cabeça, dois ou trez cumprimentos lisongeiros, dois ou trez juramentos, dois ou trez beijos, dois ou trez suspiros, dois ou trez — «Oh ceus! dou a vida pelo teu amor!» — dois ou trez apertos de mãos, e... alguns luizes perdidos na casa. São receitas infalliveis, cujo conjuncto nunca deixou de fazer maridos infelizes. Mademoiselle Lafond teve a desgraça de se deixar do-

minar por Saimsom, até ao ponto de não poder recusar-lhe nem o seu toucador de prata, nem uma caixa de ouro, objectos que elle foi empenhar em casa do alfaiate Marinville, que presenteou com elles a Rabatelle. O cavalheiro Elchim, ao dar-lh'os não prevêra, decerto, tão vil destino!»

«O senhor de Villemur, director geral da Fazenda, que gosta tanto das mulheres como dos cães, tem para dar largas a estas predilecções uma matilha e um serralho. O seu prazer consiste em fazer discipulas, que tracta de collocar logo que estão promptas. É elle quem paga aos mestres da pequena Durieux, da Dupin e da Tourville. Vae todas as manhãs vêr as suas nymphas, e dizem que lhes faz muitas caricias. Quando dá jantares, serve-as aos seus convidados.»

«O conde de Rochefort deu quinze luizes a uma excellente rapariga, a Lacroix. O conde confessa que a sua conquista podia amamentar os filhos, como as negras, por cima dos hombros.»

«O senhor de Lowendal mudou de predilecções. Já não beija as mãos do pequeno Saimsom, já tem lacaios com barba. Hontem mesmo demonstrava elle a sua nova maneira de pensar á baroneza de Burman, quando o duque de Fitz-James, precursor do duque de Chartres, veio prevenil-a da visita de Monseigneur. Ella recebeu-o como são recebidos n'algumas côrtes os embaixadores, quando vão pedir uma rainha em casamento, mettendo um pé no leito.»

«Ha uma viuva de um official que passeia pelos mercados do Palais-Royal, sua filha, virgem ainda, que ella instrue para uma boa venda. Esta é a mais velha. A mais nova é destinada a um fidalgo, logo que melhore de uma febre puerperal que tem soffrido.»

«No palacio de Tours, da rua do Jardinet, entraram duas inglezas. Uma chama-se Walker e a outra Moor. Um mosqueteiro ensina-lhes a lingua. No domingo, mandou-lhes uma peça de gorgorão verde para que fizessem vestidos, e no dia seguinte:

Le lendemain il fut entreprenant,
Le lendemain il leur fit un enfant!...

«Emquanto o senhor Bertin, cujos adulterios tanto custaram ao Estado, por isso que gostava de todas as mulheres bonitas, deitava o lenço aos pés da comica Laruette, sua esposa, a quem elle nem tempo tinha sequer para dar um filho, preparava-lhe em Passy, no dia do santo do seu nome uma agradavel surpreza. Os italianos estavam encarregados de lhe representarem o *Beijo furtado e devolvido* e a *Leiteira*. A esposa surprehendeu-o assim deliciosamente.»

«Mademoiselle Girard, uma d'essas graças mercenarias,

Qui, par couple nombreux, sur le déclin du jour,
Vont aux lieux frequentés colporter son amour,

quiz recolher-se a um convento, porque não se consolára ainda de não se ter aproveitado das excellentes disposições do senhor de la Briche, por ella sacri-

ficado ao conde Duluc. Bem depressa, porém, a bella voltará ao mundo, graças aos suspiros do senhor de Vassal. Foi ella que uma vez, no theatro, deu, como se estivéra em sua casa um murro, dois pontapés e trez bofetões á Doux, que ella suppunha sua rival.»

«A Hebert está gravida. O duque de Grammont, que não gosta d'isto, quer desfazer-se d'ella, e tenciona casal-a, para não se desfazer de todo.»

«O principe de Limbourg, que ama ainda a senhora de Siam, apesar de dizer mal d'ella, mostra-se por toda a parte com a Beauvoisin, que se julga bella, mas que não passa de uma mulher muito bem vestida e adornada:

Son front luit, étoilée de diamants ;
Et mille autres encore effrontés ornements
Serpentent sur son sein, pendent à ses oreilles.

«O marquez de Sabran, ao sahir da missa de S. Salvador, roubou a Luiza da Opera comica. Foi ella até a primeira a entrar na carroagem, e elle *violou-a* no seu leito, onde ella se metteu primeiro do que o seu raptor. Seu tio, Desbayes, da comedia italiana, pretende intentar contra o marquez processo de rapto e de seducção.»

«O duque de la Vallière foi a casa de Brissault para alli deixar alguns anneis. Não levava condecoração alguma. Até o proprio cordão azul havia desapparecido!

—«Que queres, amigo Brissault, disse o duque: tenho tantas duquezas!...»

«No dia 4 de abril, o duque d'Aiguillon deu quatro luizes á Manon pela manhã. De tarde o mesmo fidalgo deu outros dez luizes á Saint-Martin, e ainda foi passar a noite com sua mulher...»

«O conde de Villefranche já tinha visto a menina Boismont duas vezes e ella nunca se lhe rendera. Para vingar-se convida-a para um jantar em casa de Bauret. A Boismont acceita e vae armada como se fosse conquistar o Perú. Mau jantar é aquelle em que os homens e mulheres não fazem senão comer bem! Era preciso rir, e a rapariga ria ás gargalhadas, quando os convivas ebrios quizeram vêr Venus núa sobre o monte Ida. Julgou-se a principio que ella procurava o punhal vingador de Lucrecia, mas qual! D'ahi a pouco só lhe restavam as mãos onde podesse esconder o rosto, porque o resto do corpo estava a descoberto! A bella, toda lacrimosa, pediu a Villefranche que a conduzisse a uma alcova escura... Chegando alli, arroja-se-lhe aos pés, accusa-se de lhe haver recusado os seus favores, e jurou-lhe que, se a affastasse d'aquelles olhares insolentes, encontraria em seus braços a recompensa d'aquella generosa protecção. Como fôra Villefranche que preparara aquella scena lubrica, impediu de subito a continuação d'ella, trocando com a joven alguns beijos sómente, porque só em casa d'ella é que Villefranche queria obter o seu triumpho. Quando chegou a hora, correu, voou para lá, mas coitado! Achou á porta um latagão bem armado, que lhe vedou a entrada do seu paraizo!...»

«A Vestris satisfaz quatro, Brissart, Hocquart, de Sainte-Foi e um conde veneziano. A sua maxima é:

Ou n'en flattez aucun, ou contentez-les tous!

«A Favier tem trez amantes, o senhor Durand, o senhor Toquini e o senhor de Sully. Todos elles se conhecem, e combinaram entre si, revesarem-se, fixando antecipadamente o dia em que entram de serviço. Como ella, porém, ignora esta combinação, o seu prazer consiste em gosar todos os estratagemas que emprega para os enganar. Talvez cada um d'elles tenha a velleidade de imaginar o que diz La Rochefoucauld:—«O corpo poder ter socios, o coração nunca.»

«O senhor de Senac mandou o seu barrete de dormir á Beaupré. Chegada a hora propicia, qual é a sua surpreza, quando um lacaio vem dizer-lhe:

—«A senhora sente muito não poder recebel-o, mas viu-se obrigada a ceiar em companhia do senhor Joly, bailarino da Opera, e pede-lhe que a não compromettal»

«A prudencia vence a colera do fidalgo, ao ouvir estas palavras, mas onde irá desafogar o seu despeito? A casa da Brissaut, onde tudo concorre para o consolar. A altivez cede o passo aos ciumes, e ninguem odeia aquillo que despreza. Quiz, no emtanto, fazel-a córar pelos seus beneficios, e para isso mandou áquella que se atrevera a ludibrial-o cincoenta luizes e um ourinol de prata. A dama apressou-se a enviar-lhe agradecimentos e desculpas, que elle não acceitou. Foi aquelle o mais bello momento da vida do senhor de Senac.»

«O presidente de Gourgues mandou mobilar para a menina de Beligny-Fontaine um salão de damasco carmezim. O ceu do leito é um espelho. O desejo da feliz dama era não ter nunca vontade de dormir, tanto prazer encontra em ver-se ao espelho! Em volta do espelho ha uns festões com esta inscripção:

—*Fais-le bien!*

Ignoramos se é um preceito de amor, ou uma maxima do Evangelho!

«Esta rapariga tem uma maneira de jurar fidelidade muito singular e propria d'ella. Diz sempre: «Assim eu me transforme n'um cão de quatro patas, se...» Ou então: «Cáia sobre mim a ponta de uma espada, se... etc., etc.»

«Monsenhores de Orleans e de Grasse deixam cahir o orvalho do ceu sobre a senhora Chevasse, que conhece muito a fundo a historia ecclesiastica. É admiravel ouvir-lhe contar a historia de S. Luciano, martyr de Antiochia, que consagrava umas vezes nas mãos de um diacono, e outras n'um peito de mulher! Apesar de gostar muito do talento oratorio, não se contenta já com o dom da palavra. A simonia enriqueceu-a muito, e não pode deixar de dizer frequentes vezes ao dia, nos extases de uma santa gratidão:—«O dedo de Deus está aqui!»

«É realmente necessario que Luiza Deshays esteja como se diz em mau estado de fortuna, para vender o seu papagaio, que amava doidamente! E

quem não havia de amal-o? A encantadora ave jurava que era um gosto, e não entrava uma mulher em casa de sua dona, a quem elle não chamasse p...»

«O senhor de Chalabre, general dos exercitos do rei, que havia ganho ao jogo a jogadora Amelina, tinha-lhe feito dois filhos, quando a morte veio ameaçar aquella mãe, que a natureza recommendava á protecção da lei. O cura de Saint-Eustache foi offerecer-lhe os santos oleos, e o senhor de Chalabre fez-lhe ministrar a um tempo a extrema-uncção e o matrimonio. A mão gelada da moribunda aqueceu sob a impressão do annel... Estava perdida para o amante, mas o esposo recuperou-a!...»

«Ao domingo, todos os elegantes passam em revista na missa das doze e meia da egreja dos Petits-Pères as bellas de Paris. Succede mais de uma vez que o sacerdote no altar, em vez de dizer: «*Orate, frates!*» diz «*Que formosa é, fratres!*» É alli que o duque de Barwick disse em voz baixa á Beaulieu: Cincoenta luizes...—E sahiram juntos.»

«A Testar, para substituir o principe de Conti, fez uma promoção e escolheu o senhor de Gribauval, tenente general dos exercitos do rei, o senhor Doret de la Boullaye, mestre de ceremonias, o senhor Thomás, conselheiro do parlamento, e o senhor de la Rondorelle; e como supramunerarios, o cavalheirs de la Tour e o mosqueteiro Duperier. A respeito d'este ultimo, todos convem que n'aquelle nomento tão curto, em que o homem julga que se lhe abrem os ceus, ella exclamava, participando do seu extase, estas palavras:

—«Ah! Onde estás, meu querido Marigny?! Adoro-te!»

«O senhor principe de Conti ouvira tambem algumas vezes esta phrase.»

«Maria Angelica Collar, chamada a Duharlay, de Versailles. Seu pae era limpa-botas. O abbade Neuville havia-se encarregado da educação da joven; e fez-lhe aprender tudo, excepto o que lhe convinha saber. Para a ter em casa sem escandalo, foi-lhe mister casal-a, porque estava gravida. Um rapaz, aprendiz de esteireiro, consentiu em carregar com a paternidade, mediante um presente de 30:000 libras, com as quaes partiu para as colonias. Apesar de casada, a rapariga teve outro filho, e o bom do abbade depressa se cançou d'aquelle campo demasiado fertil. Por isso partiu para Paris em procura de uma sua irmã, que lhe cedeu por alguns dias metade de tudo quanto lhe dava um tal senhor de Melly. Este fidalgo, porém, exhausto quasi de todo pela irmã mais velha, cedeu a mais nova ao senhor Lany, mestre de dansa da Opera, que depois de lhe haver sondado as disposições, fez d'ella sua discipula e sua amiga.»

«Pouponne está no campo com o marquez de Brancas. Anda sempre vestida de homem, e diz-se até que as mulheres se enganam ao vel-a.»

«A menina Raye, que tem a seguinte familia: avó, mãe, duas irmãs, uma creada, um lacaio e uma cosinheira: total, com ella, oito pessoas, tem que sustentar tudo isto, e por tanto vê-se obrigada a negociar com os seus encantos. O senhor de Blagny gosou-a á sua vontade por um vale de duas carradas de lenha, pagavel em casa do seu fornecedor. O barão de Varsehery, que lhe promettera 25 luizes, não ficou satisfeito com ella, por a achar demasiado decente

na cama. Faz mal em censurar-lhe uma qualidade que nem todas as mulheres honradas possuem — conservar o pudor, mesmo quando se perdeu a castidade.»

«A Brissaut deu á luz um menino. O senhor de Rupière foi seu padrinho com uma das suas pensionistas, irmã da sua amante, a Saint-Lau. Esta fôra escolhida, havia dias, pelo senhor de Roulier d'Orfeuil, que tinha promettido dinheiro á Brissaut, se podesse entregar-lh'a, sem que o soubesse o senhor de Rupière. A occasião era magnifica. Foi convidada para tomar parte no copo de agua, e em quanto todos foram para ceremonia do baptismo, a mais infame das mães atraiçoou o padrinho de seu filho recem-nascido! Quando, á volta da egreja lhe apresentaram a creança, a mãe tinha escondida debaixo da cabeceira uma bolsa com vinte e cinco luizes!... O senhor Roulier havia gosado a Saint-Lau!»

«A Menage, indignada do senhor Dupessis não ter querido comprar-lhe um vestido, correu a casa da Montigny, e já estava na sua terceira vingança, quando o conselheiro que soube onde ella estava, foi apresentar-lhe as suas desculpas e o vestido desejado.»

«Schmitz, que toca tão bem flauta, interessa-se muito pelos prazeres dos principes estrangeiros. Arranja-lhes mulheres tantas quantas elles desejam, e o melhor é que sempre se responsabilisa pelas mulheres que entrega.»

«Mademoiselle Suavi, protegida pelo cavalheiro de Lambert, quando não tem mais que fazer, mette-se na cama com o seu lacaio, o qual, como os servos da Roma antiga, aprecia muito esta *libertas decembri*.»

«Um tal Berger apresentou em sabbado de alleluia ao duque de Grammont, a Faisan, filha de um sapateiro. O duque julgou haver encontrado o estreito que ha tanto tempo desejava, por que não poude cantar allelluia senão ao fim do terceiro dia; no entanto houvera um carniceiro mais habil ou menos volumoso, que já lográra encontrar passagem.»

«O conde Matouski estava adormecido sobre o seio da Duthé. O duque de Durfort acorda-os. O polaco foge, o francez persegue-o até á rua. A ronda encontra-o em camisa e cobre-o com a capa.»

«O embaixador de Veneza deu um annel de 50 luizes e mais 25 luizes em ouro ao pequeno Flevry, comico da companhia Montpensier para que lhe mostrasse

Ce que jadis le héros de la Grèce
Admira tant dans son Éphestion,
Ce que Adrien mit dans le panthéon.»

«O marquez de Persenat tinha fechada a sete chaves a Saint-Prix, e ninguem se approximava d'ella, a não ser um preto feio como o demonio. Mas o demonio não lhe mettia medo.»

«A baroneza de Wasberg vangloriava-se de ter obrigado o conde de Lamarche a exclamar encolerisado:

—«Realmente se esses imbecis dos maridos soubessem o trabalho que custa gosar-lhes as mulheres, sem que elles o saibam; em vez de se zangarem, teriam um certo reconhecimento pelas victimas de tantos incommodos!»

«Seu marido deve estar muito reconhecido ao joven de Laumur, ajudante de campo do general Lolly.»

«Mademoiselle Tisson era filha do cardeal de Gesures. Seu marido era tenente, e ella prégava-lhe constantemente estas maximas:—«Os bons maridos nunca devem saber nada.»—«Ainda mesmo que vejas tudo, suppõe sempre que nada viste.»—D'este modo entendia-se ás mil maravilhas, nas barbas do marido, com o tabellião Bronod, da rua Saint-Avoye.»

«Madame de Soltikoff, mulher do embaixador da Russia, dá frequentes entrevistas dentro da sua carroagem a um gendarme, esbelto e musculoso. O cocheiro, que não tem olhos por traz da cabeça, não póde comprehender porque motivo pára todas as noites a carroagem na rua de Saint-Martin, junto da de Montmorency.»

«O marquez de Genlis sabia perfeitamente que a Baligny nunca estava em peior companhia que quando estava só, e não a perdia de vista. Uma manhã a dama estava de purga, e elle julgou que nada tinha que desconfiar, e sahe de casa. Apenas o vê pelas costas, a Baligny levanta-se e vae a casa do seu amante, que não percebe no meio caricias loucas d'aquella formosissima mulher, que está abraçando um corpo cheio de rhuibarbo e de senne. Deixa-o emfim, e volta a casa, onde o marquez de Bonne-Foi vem ainda a tempo de suavisar com as suas caricias os amargos de um purgante incommodo.»

«O senhor de Guerigny gosa os encantos de uma rapariguinha de treze para quatorze annos. Se tivesse dezeseis, deixal-a-hia immediatamente.»

«O senhor Robinson consentia em pagar a posse da robusta Wolf a razão de cincoenta luizes mensaes e 20:000 francos de prendas, mas com uma condição—a de submetter-se ao exame de um medico. Ella, no emtanto, preveniu o inglez de que em França não se restitue o dinheiro depois de levantado o panno.»

«O conde de Bintheim adormeceu uma vez no leito de mademoiselle le Clair. Ella, que não estava cansada a ponto de precisar de repouso, ardia em desejos de ir ao baile da Opera. Levanta-se sem fazer bulha, veste-se n'um momento e deixa-o só. Pouco depois, o conde acorda, e procura-a com a mão. Não a encontra. Chama-a... nada! Levanta-se furioso, veste um dominó e afinal vae encontral-a no baile com o senhor de Monville.»

«A Dumirey é encantadora. «Sim, para os transeuntes!» poderia ter dito o conde de Granville, que a conhecia a fundo. Deixara-a pouco tempo antes por a ter surprehendido com a menina Raye, que queria fazer de homem.»

«El-rei, ao que parece, está absolutamente resolvido a fazer a Madame Paters a honra de a amar uma vez. O principe de Soubise é quem deve preparal-a para os favores de sua magestade.»

«O senhor de Champceuetz recebe Madame de Neubourg por sua mulher. Madame de Neubourg acceita. A condição unica exigida entre elles é que o adulterio se commetta, como o roubo se commettia em Esparta:—com pericia! E isto até que se tenha introduzido em Paris a lei da Mingrelia, que diz: «Quando um chefe de familia descobre sua esposa na alcova do visinho, o unico direito que lhe assiste é fazer-lhe pagar um javali, que todos trez hão de comer.»

«O principe de Condé diz á condessa de Roncey que seu marido a accusa de o haver envenenado. Ella para se justificar propõe-lhe que se deixe abrir e fazer autopsia.»

«A Favier, que recebeu uma bofetada do banqueiro Foquini, na feira de Saint-Laurent, consola-se com as piastras do embaixador de Hespanha. Sua excellencia não sabe, porém, qual é o seu defeito. Tem o costume de seguir a seu pesar o preceito da escola de Salerno, sobre tudo quando dorme:

Mingere cum bumbis, res est sanissima lumbis.»

«O velho marechal de Belle-isle invocava a mão milagrosa de Pouponne. O senhor de Monby levou-a a este velho ministro. Mas ella, ao vel-o, não poude deixar de exhalar um suspiro, e esta lastimosa e triste exclamação: — «Ah, meu senhor! Que pequena cousa é o homem!»

«Ladeville, aquella saboyana a quem antigamente atiravam dinheiro das janellas, e que nos cafés mostrava tanto a miudo o rez do chão para poder alugar o primeiro andar, está muito preoccupada com a carroagem que lhe deu o principe Camillo. O que mais a assusta é o imposto.»

«Aprendam todos os maridos este proverbio turco:

—Se me enganas uma vez, peior para ti; se me enganas duas vezes, peior para mim!»

«Mademoiselle Husse, de quem todo o homem desejaria ser marido, mas com quem nenhum homem casaria, foi surprehendida a noite passada pelo senhor Bertin, a quem não esperava, com o director das aguas de Passy, que, em camisa, tinha a espada desembainhada na mão. O pacifico e bom thesoureiro foi para o remanso da sua bibliotheca lêr alguns capitulos da *Arte de fazer fieis as mulheres,* e alli encontrou que em todos os tempos os que souberam fazer redes não sabiam fazer jaulas!»

«A Thierry era filha de um funileiro da rua do Rei da Sicilia, que lhe dizia muitas vezes antes d'ella ter feito a sua primeira communhão: —«Onde está o teu lenço do pescoço? Bem sabes que não quero que andes mostrando os peitos!» Ella respondia: — «Mas então, papá, com que quer que me adorne?» Esta candura era um symptoma da sua vocação. Bem depressa viram-na andar a vender camisas para comprar collares, para d'ahi a pouco vender os collares para comprar camisas. Por fim chegou a ser *pensionista* da *abbadessa,* e deram-lhe a escolher entre os senhores Paulmi d'Argenson, de Lesseville, e o principe de Conti. Ella escolheu os trez.»

«A marqueza de Pierre-Court está loucamente enamorada de um proprietario, apesar de ter mais de quarenta annos, mas pretende que uma marqueza nunca tem mais de trinta para um homem da classe media. Os dois promettem-se reciprocamente a constancia da pomba, a voluptuosidade do pardal e a fidelidade da rôla.»

«A condessa de Marville, que é amante do seu lacaio, dizia hoje a um conselheiro do parlamento: «Dei-lhe acaso alguma vez esperanças?» O conselheiro havia apenas dormido uma noite com ella.»

«A menina le Boutillier de la Varenne, filha de um dos thesoureiros do duque d'Orleans, deixou um amante, que tinha o defeito de dormir toda a noite, e consagrou-se ao senhor de la Tour-du-Pin. O fidalgo, no emtanto, talvez não notasse ainda que a dama só póde fazer uso de uma das mãos.»

«O senhor de Bruss, cavalleiro da ordem de Malta, é amante da pequena Deperville. Ella ha-de ensinar-lhe a fazer a guerra aos infieis.»

«O marquez de Persennat, que não era bastante rico para continuar a proteger a Villefort, não encontrou outro meio de a conservar, senão cedel-a ao seu amigo, o velho conde de Rochefort. Este decrepito amante gabava-se diante d'ella de poder fazer duas vezes o caminho de Cythera. Ao que a Villefort respondeu: «Acredito. Uma de verão e outra de inverno!»

«O senhor de Forceville, que não é parente da amante do carrasco, apesar d'ella o affirmar, gasta tudo quanto possue com a Moranville. Esta amante é dotada de um genio muito alegre. Quer que os seus predilectos riam sempre, e costuma dizer que o mocho de Minerva espanta as pombas de Venus. O galan gastou n'outros tempos rios de dinheiro com a Dornay. Torna-se louco pelas prostitutas, quando ellas lhe affirmam que estão gravidas d'elle.»

«O duque de Warvick mandou propôr á marqueza de Raoul dar-lhe o seu amor, uma carroagem e um cosinheiro. Este duque é o mesmo a quem perguntaram um dia de que gostava mais—se de p... ou de cavallos. Ao que respondeu:—«Gosto de p..., mas aprecio mais os cavallos!»

«O abbade de Fisse-Morice dissipou todos os escrupulos da marqueza de Melun, com estes versos de Corneille:

C'est bien aux maris à gronder,
Si quelquefois de tendres flammes
S'allument dans nos jeunes cœurs?
Que ne sont-ils les galans de leurs femmes?
On n'en chercherait point ailleurs.

«Seu marido está cego. Não vê nem o que elle lhe faz, nem o que ella lhe dá. E manda-lhe todas as manhãs perguntar, ao levantar da cama, se quer tomar alguma coisa.»

«A condessa de Castel-Remlinghen fez como o governador de Rethel. que no mesmo dia em que se rendeu tinha promettido defender-se quatro dias mais, e isto porque o principe de Conti tinha tanta pressa, como se tivesse de morrer no dia seguinte. E, apesar d'isso, o principe tem sempre seis amantes ás suas ordens, a Darty, a Boufflers, a Guiche, a marqueza de Vierville, a Boulangère e a Theophila. Quem dirá ainda que os principes não servem para nada?»

«Ha muitos dias que as p... não ganham nada. Porque? Porque as mulheres honradas estão menos caras do que ellas.»

«Quando o conselheiro Nonet está na sua pequena casa de Barrière-Blanche, esquece sempre o conselho do doutor Chirac:—«Segui os vossos desejos, sem nunca os excitardes. Assim nunca prejudicareis a saude, e sobre tudo nada de drogas!» Ora a variedade é como uma droga.»

«O senhor Perault, filho de um rico commerciante de ferragens, mandou para um convento a Saint-Agnan. A pobre rapariga enfastia-se alli muito com as piedosas admoestações das freiras, que lhe repetem sem cessar que Jezabel foi comida pelos cães, porque usava vermelhão na cara. Poderia responder-se-lhe com uma auctoridade mais antiga que a Escriptura, que Juno usava côr no rosto, verdade seja que a deusa não a poz no dia em que se adornou com o cinto de Venus.»

«Madame Boileau queixa-se muito de seu marido. Nos primeiros seculos da Egreja, um bom christão, a exemplo de Tobias, não podia dormir com a sua noiva as tres primeiras noites que se seguiam ás bodas. Hoje, pelo contrario, são as unicas que se lhe concedem.»

«O senhor de Beaumarchais faz um curso de physica experimental com a filha da famosa Deschamps. Ella comprehende já perfeitamente as secções conicas, as linhas rectas, as leis do movimento, os principios da superposição e todo o systema da attracção.»

«A Duranci compraz-se em perturbar todos os matrimonios. Sustenta que os maridos e os gorros não devem usar-se mais do que uma vez. O hymineu, diz ella, é um caminho atulhado de abrolhos. Só o amor borboleteia sobre flores. Esta moral corrompeu o senhor de Bonlainvilliers, e agora elle e sua mulher são como dois tições que se beijam fumegando.»

«A marqueza de Bellegarde, reduzida á miseria foi collocar-se sob a protecção da Brissaut. Dama de alta gerarchia, como é, dará prazer a todo o mundo. Um taberneiro foi o primeiro a gozar aquelles restos do principe de Conti. Ella, ainda assim, zombou d'elle, mas esta zombaria era afinal um bom conselho para o taberneiro, porque a marqueza queria que elle adoptasse como taboleta da sua venda um quadro, representando Jesus-Christo transformando a agua em vinho.»

«Madame de Beauharnais estava no baile da Opera com o coronel do regimento de Soubise. Os dois desappareceram durante trez horas. No dia seguinte, a creada contou que ao despir sua ama encontrára as duas ligas na mesma meia.»

«O reverendo padre Fabre, religioso agostinho, procurava para o marquez de Pertuis uma d'essas raparigas envergonhadas ás quaes basta um homem honrado e calido e uma grande somma de escudos. Chegou, no emtanto, ao seu conhecimento que a viuva Boiselet tinha uma filha, que não tocára ainda na arvore da vida. Tudo se arranjou, e o marquez foi bem servido.»

«Anna Desnele era demasiado bonita para encontrar um marido, porque nem todos os maridos são como os cabritos, que nunca se mostram tão alegres, como quando lhes brotam os cornos. Apesar d'isso, encontrou um; mas na vespera do dia em que devia perder o seu nome, o homem que estava disposto a desposal-a, zangou-se com ella a ponto de lhe chamar besta. No emtanto, esta circumstancia não impediu que se verificassem os esponsaes; mas, quando junto do altar, o padre lhe perguntou se recebia por esposo aquelle homem que estava a seu lado, ella respondeu:—Não, não! Eu não sou tão besta como isso!»

«A Richer, vendedora de pannos, está doente. O repouso fatiga-a!...»

«Hontem foi o dia dos annos da Lafond. O senhor de la Ferté, que lhe levava um ramo, ficou assombrado ao encontral-a com Saimsom, o mosqueteiro negro, que lhe estava pondo um. Furioso, sahe d'alli com o ramo, e vae offerecel-o á sua Razetti. O conde de Belozeuski levantava-se e vestia-se. O pobre homem conheceu então, apesar de tarde, que havia começado as suas visitas muito cedo n'aquelle dia.»

«O cavalheiro de Gouillon levou a casa da Brissaut uma d'essas ramalheteiras, que se encontram á esquina das ruas. Como o troçassem pela sua escolha, disse que daria cem duquezas e trinta marquezas pela sua ramalheteira.»

«O irmão da Vegiant casou com a Picinelli. Deveria ter-lhe lido a ordem publicada por Innocencio XI em 30 de novembro de 1683, que preceituava a todas as mulheres casadas e solteiras que cobrissem os hombros e o seio até ao pescoço, e os braços até ao pulso, e tudo isto com fazenda que não fosse transparente, sob pena, para as que não obedecessem no praso de seis dias, de ficarem excomungadas, *ipso facto,* de maneira que, excepto *in articulo mortis* só o papa poderia absolvel-as».

«Mademoiselle Allard, que tambem sabe dar saltos, recebeu por *trez carreiras*, cada uma de uma hora, trinta mil francos do senhor Cramayel, que teve de desenvolver muita astucia para que o duque de Mazarin não désse pelo dinheiro que semeava. Só o apologo inventado por Luiza l'Abbé póde explicar bem todas as extravagancias que faz commetter aos homens esse sexo perfido, que os arruina e condemna. O apologo diz o seguinte : «A loucura tirou os olhos ao amor, e depois fez-se mocinho do pobre cego.

«A Girard, que toda a gente suppunha incapaz de poupar um ceitil, acaba de vender moveis e diamantes. Apurou n'esta venda duas mil libras de renda. Em seguida, vae para o convento de Santa-Aurea, no arrabalde de Saint-Marceau, mas conserva sempre a sua creada de quarto :

Fille entendue, active, nécessaire,
Coiffant, frisant, portant des billets doux.
Savante en l'art de conduire une affaire,
Et ménageant souvent deux rendez-vous,
L'un pour sa dame, et puis l'autre pour elle.

«As religiosas exigem-lhe que se confesse, pelo menos, uma vez por anno. Ella para ter alguma cousa que dizer, accusa-se de gostar do jogo. Era este talvez o unico vicio que não tinha ... O confessor representava-lhe que o vicio tinha muitos inconvenientes, em primeiro logar, a perda de tempo ... «Effectivamente, respondeu ella, perde-se tanto tempo a baralhar!»

«A Baize sentiu um dia em capricho por Clairval. Foi a casa d'elle, e pediu-lhe um logar na cama como poderia ter-lhe pedido um talher á mesa. Elle provou-lhe que o amor nunca morre de fome, mas póde morrer de indigestão!»

«O conde de Marche está ferido :

Eh! Je n'ose dire où :
Mais que je plains ses gentilles maîtresses»

«A senhora Pitraut não tem n'este momento senão um mosqueteiro e um americano, e pretende passar pela mulher mais virtuosa de Paris. Ninguem diz o contrario!»

«A Sarron cahiu em poder de um hespanhol, que lhe faz pagar missas sobre missas para que não fique gravida muito depressa. Levou-lhe muito a mal que um dia o fosse visitar vestida apenas com um penteador. O hespanhol é de Madrid, muito altivo e sempre escravo da etiqueta. Diz-se que quer casar com a Sarron. O annel conjugal já foi enconmendado. Em redor d'elle haverá esta inscripção: *Virgini pariturae!*»

A policia, como temos visto até aqui não se contentava de espiar o vicio sob todas as mascaras, que elle póde envergar. O proprio lar domestico e os segredos do thalamo conjugal não escapavam tambem aos seus olhares indiscretos. Em que aproveitava isto á historia ou aos costumes? Que estudos pretendia ella fazer devassando tantos segredos das familias? Já o sabemos, o fim era apenas divertir o monarcha e os seus amoucos, ou aterrar pela certeza de que tudo se sabia nas altas regiões da côrte.

Temos á vista um grande numero de dados a respeito do viver intimo dos cidadãos d'aquella épocha, mas não os publicaremos todos. Limitamo-nos a dar uma succinta ideia das pesquizas a que se entregava o chefe da policia, magistrado cujo poder devia terminar onde começa o da lei, no humbral do lar do cidadão!...

Continúa o diario da policia:

«Todo o mundo tem ouvido fallar da bella hollandeza, que tinha um marido ciumento como um tigre, o qual dizia francamente em sua casa a altos e poderosos senhores, que elle não julgava capazes de adorarem Venus sem lhe tocarem no cinto com mãos profanas: — «Agradeço-lhes, meus senhores, a honra que me fazem, mas parece-me que não se divertirão muito em minha casa. Passo os dias sempre ao lado de minha mulher, e á noite deito-me com ella!»

«A senhora Paters é a mais velha das seis filhas do senhor de Nevenheim, de uma das mais antigas e melhores familias da provincia de Gueldre. A mais nova das irmãs tem apenas 11 annos. Tem além d'isso cinco ou seis irmãos, um ao serviço do rei da Prussia e dois ao da republica de Hollanda. A fortuna do pae era importante. Tinha uns 15 a 20 mil florins de renda. Possuia um grande numero de terras no paiz de Cleves e era presidente da municipalidade, cargo de que o privou o rei da Prussia. Sua esposa, muito mais bonita do que hoje é Madame Paters, gostava da prodigalidade e da galanteria. Ora tudo isto, reunido a uma numerosa familia para sustentar e educar, obrigou o pae a vender as suas terras. Restava-lhe apenas uma, na provincia de Gueldres, a duas leguas de Nimegue e a um quarto de legua de Amevong sobre o Rheno. Alli vive com a sua familia.

«O barão de Spaan, amigo da familia, com a qual estava até intimamente ligado, vivia, segundo a chronica escandalosa, amancebado com Madame de

Nivenheim. Ha até quem pretenda que Madame Paters é sua filha, boato que se funda apenas no cuidado que lhe mereceu sempre a educação d'esta menina. Teve-a na sua companhia.

«O senhor Paters, namorado da filha mais velha de Nivenheim, pediu-a a seu pae. A principio, a rapariga recusou-se a dar-lhe a mão, mas o pae insistiu e o casamento realisou-se. Paters, muito curto de intelligencia, e muito mal educado, entregou-se a todas as baixezas imaginaveis. A paixão do jogo dominava-o principalmente. Sua esposa, affeiçoada á prodigalidade e á garridice pelo exemplo de sua mãe, de nada se privou no principio do seu casamento; nada poupou para satisfazer os seus desejos.

«Grande numero de officiaes iam de visita ao castello que aquella familia habitava, porque estava situado nas margens do Rheno, onde se encontrava então o exercito francez. Madame de Paters recebia poucas mulheres. O marido gastava dinheiro a rodos com os seus antigos companheiros. Ella, pela sua parte, dissipava o mais que podia.

«Um dia sua mulher teve o capricho de ir passar o inverno a Paris. O marido consentiu, e ambos chegaram á capital, em dezembro de 1762, hospedando-se no hotel d'Antragues.

«Os senhores de Flamerens e de Chapt, antigos conhecidos de Madame Paters, foram logo muito assiduos nas suas visitas.

«Por fim marido e mulher estabeleceram de todo a sua residencia em Paris, e deram ordem de vender o castello e os moveis, deixando apenas para seu uso alguns cavallos e carroagens.

«Poucos dias depois, o marido deu contra-ordem, e apresentou-se na Haya, queixando-se amargamente dos escandalos de sua mulher, ao passo que ella se queixava dos escandalos de seu marido.

«Por fim, Madame Paters foi viver com seus paes. O marido temia-a.

«Madame Paters é muito amavel, mas energica nos seus desejos e caprichos. Em casa da familia insistiu em conservar a seu lado uma criada de quarto que lhe mandaram de Paris, apesar de toda a opposição de seus paes e do barão de Spaan, porque o marido estava persuadido de que ella era uma intrigante que dava maus conselhos a sua mulher. Em todo o caso, a expulsão d'esta rapariga teria evitado muitos males.

«A opinião geral é que Madame Paters é uma mulher honesta, mas não se lhe póde perdoar a sua garridice, o seu desejo de agradar, o seu excessivo amor proprio e os seus modos desdenhosos para com as outras mulheres.»

«Mademoiselle de Bukler, de Londres, tem 24 annos de edade, é de familia nobre, e desde creança ficou orphã de pae e mãe. Foi educada em França. Entrando como pensionista no collegio de Saint-Gervais, sob a direcção de Madame de Trent, ingleza tambem, alli permaneceu muitos annos. Em seguida, voltou a Inglaterra, onde foi recebida por uma velha tia, de caracter muito aspero e irritavel, o que determinou a menina Bukler a voltar a França em 1753. O seu rendimento chegava-lhe á farta para passar muito boa vida. Nunca se levantava antes das duas da tarde, excepto aos domingos e dias de festa, e almoçava na cama.

«É formosissima, alta e bem proporcionada de fórmas, bellos olhos languidos, muito branca, cabellos pretos, bellos seios, e uma perna admiravelmente torneada. Tem intelligencia e uma certa altivez de porte, que indica uma pessoa de gerarchia. Além d'isso tem um certo fundo de virtude, que combate constantemente a sua inclinação para o prazer, e quando esta lucta se dá, as suas paixões são tão fortes, que chora sem saber porque. Entabolou relações com algumas mulheres de conducta leviana, sem por isso se entregar completamente nas suas mãos.

«Entre esta especie de mulheres, conheceu a marqueza de la Capelle, mulher bastante facil, de 40 annos de edade, o que occasionou a seguinte aventura:

«Costumavam muitas vezes ir a casa da marqueza dois jovens gascões, com quem ella vivia perfeitamente á vontade. Estes dois bons e alegres companheiros, no mez de setembro ultimo, convidaram a marqueza a ir vêr a machina de Marly, e Mademoiselle Bukler quiz tambem ir com elles.

«Apenas chegaram, os dois rapazes convidaram as senhoras a entrar n'uma especie de estalagem que alli havia, para tomarem alguns refrescos. Deram-lhes um quarto com uma cama, e sobre a mesa foi instantaneamente servida uma collação abundante com licores de varias qualidades.

«O lacaio de Mademoiselle Bukler disse-lhe ao ouvido que não bebesse tanto, porque percebeu que os dois rapazes tinham intenção de a embriagarem.

«No fim da comida, os rapazes despediram os creados, e fecharam a porta á chave. Feito isto, começaram a beijar Mademoiselle Bukler e a marqueza. Esta ultima não se fez rogar, e enlaçando nos braços o seu parceiro, retribuiu-lhe caricia por caricia, entregando-se-lhe com um abandono tentador da virtude mais inacessivel.

«Mademoiselle Bukler não esperava por aquelle desenlace, e aturdida pelo inopinado da aventura, resistiu emquanto poude. Afinal o adversario era mais forte do que ella, e a pobre menina extenuada não teve remedio senão ceder, tanto mais que a complacente marqueza lhe dava o exemplo, retribuindo ao seu companheiro ataque por ataque com uma coragem e energia admiraveis.

«Durou bastante o combate, e Mademoiselle Bukler, quando o seu lacaio, que ouvira parte do estridor da batalha, bateu á porta do quarto, pretextando um recado urgente para sua ama, foi encontrada vermelha como as cerejas e n'um desalinho encantador!

«No emtanto, desde aquella aventura, Mademoiselle Bukler não tornou a ir a casa da marqueza. Seriam remorsos? Quem sabe! O que faz pena, no fim de contas, é que uma creatura tão gentil não encontre no seu caminho um homem honrado e rico.»

Tem a palavra um inspector da policia:

«A senhora Trés-Court é merceeira. Tem 28 annos, é bastante nutrida, muito branca, olhos vivos e voluptuosos, rosto redondo, cabellos castanhos, braço admiravelmente bem feito e a perna... um primor de marmore rosado! E' intelligente, ao que parece.

«Um dia entrei na sua loja para obter algumas informações. Querendo conhecel-a a fundo, sentei-me e pedi uma garrafa de cervejá. Dirigi-lhe alguns comprimentos, ella achou-me bastante amavel. Pedi-lhe que me fizesse companhia, emquanto eu bebia a cerveja. Depois de se ter feito rogar, decidiu-se, e levando comsigo uma amiga que estava com ella ao balcão, dirigiu-se a um pequeno gabinete, situado no interior da loja, fazendo-me signal para que as seguisse.

«Bebemos todos trez, e brindámos ao nosso novo conhecimento. Ella assegurou-me que era eu o primeiro que assim admittia á sua intimidade, mas que em summa, de tal modo me apresentára, que tudo lhe fazia suppôr que eu era um homem honrado. Disse-me que era de Cherbourg, na baixa Normandia, que estava havia oito annos em Paris, e que depois de algumas aventuras tinha casado ha trez annos com um tal senhor Trés-Court, de 50 annos, oriundo de Paris, muito habilidoso para tudo, excepto para fazer filhos. Declarou-me que nunca tivera nenhum.

«Seu marido trabalha fóra de casa, vae só alli para comer, e sae outra vez para só voltar á noite. Foi mostrar-me a cosinha, uma saleta perfeitamente mobilada e uma alcova preciosa com um leito de cortinas azues. Mostrou-me tambem um gallinheiro, ao lado do qual havia uma porta por onde se podia sahir sem se ser visto dos visinhos curiosos.

«Deu-me a entender que se encontrasse um homem discreto, digno de fazer a sua conquista, tanto pelos seus dotes physicos e moraes, como por ter dinheiro, se lhe entregaria de bom grado. Eu prometti proporcionar-lhe cousa que lhe servisse, pelo que me concedeu primeiro um beijo, e... depois tudo o mais que lhe pedi, e que ella morria por me dar...

«Quando lhe perguntei como arranjaria as cousas para que seu marido de nada suspeitasse, respondeu-me que não tinha duvida. Elle sabia perfeitamente que não podia contental-a tanto como ella desejava, e por isso já lhe havia declarado que não se opporia a qualquer capricho que ella tivesse, declarando-lhe que logo que escolhesse alguem para esse fim, elle não appareceria todo o dia na tenda.

«Rimos muito a respeito d'este marido tolerante!

«Contou-me tambem que havia poucos dias tinha ido a Versailles vestida com os melhores fatos que possuia, e que el-rei encarara n'ella tão attentamente, que a obrigara a abaixar os olhos e a córar!...

«Perguntei-lhe se podia sahir de casa algumas vezes. Respondeu-me que tinha para isso completa liberdade. De resto, quando tivesse de sahir, a sua amiga ficaria na loja, e tinha sufficiente pratica para vender e fazer as suas vezes.

«Tinha tambem na sua companhia uma irmãsita de onze annos, que promettia vir a ser lindissima. Antes de nos separarmos, convidou-me a que fosse vêl-a algumas vezes.»

«O senhor de Valsemberg, que cobriu a bailarina Laforêt de rubis, esmeraldas e saphiras, desejando ainda enriquecel-a com os diamantes de Golconda, Visapour e Bengala, teve de pagar uma lettra de 15:000 libras, que

lhe endossou por ordem d'ella o seu amigo Walxeem, para as despezas que tem a fazer com uma creança que ella diz sentir pular no ventre, como saltava S. João no ventre de Santa Izabel. A creança nunca sahirá á luz, mas como a lettra não impõe condições, a bailarina pretende que não é obrigada a ficar gravida.»

«O senhor Gardanne, censor real, não encontra na Denerville nada contrario á religião, nem aos bons costumes nem ao governo. Mas, como medico, devia ter notado que ha pelo menos n'essa mulher alguma cousa contraria á saude publica.»

«Leonor Thetin é uma irlandeza, filha de um capitão de navios. A sua paixão dominante é o luxo. Não ha quem lhe faça entrar na cabeça que uma mulher, quando é bonita, não deve gastar nem um real com a sua toillete. Era innocente ainda, quando uma vez o senhor Pommard lhe arrombou a porta do jardim, e uma vez arrombada a porta, Pommard colheu todas as flores que teve na vontade.»

«O principe de Monaco, que não se deitou senão uma vez com sua mulher, e isto para satisfazer um capricho de mulher gravida, acaba de gosar a irmã da David.

«O principe ignora talvez que:

... Sans propreté, l'amour, le plus heureux,
N'est plus amour; c'est un besoin honteux!...

«Madame de Mondran tem de si para si que isto de se ser fiel a um esposo é descontentar a muitos para contentar um ingrato. Um dia concedeu uma entrevista ao senhor Demonville, na estrada de la Villette, onde ambos esqueceram que ella ia vêr sua sobrinha a casa da ama, em Bondy.»

«Um d'esses judeus, que até mesmo em França se vêem em perigo de serem um dia enforcados entre dois cães á porta de uma synagoga, e a quem era prohibido banhar-se no Sena, disputa aos grandes senhores as mulheres bonitas. Actualmente frequenta uma tal Madame Lauson, cujo marido tem sempre a complacencia de sahir, quando elle entra.»

«Alguns duques e outros fidalgos, depois de se terem divertido, como reis, na Chaussée d'Antin, com algumas raparigas, quizeram acabar a noite a jogar as cartas. Depois da partida, raparigas e cartas foram entregues aos creados para que se divertissem.»

«O procurador do rei vae a casa da Hecquet, e ella dá-lhe de ceiar, por isso quando a Hecquet vae a casa d'elle, abrem-se-lhe de par em par todas as portas.»

«O duque de Fronsac, impellido pelos desejos da carne, dirige-se de Compiègne em sege de posta á capital. Chega á meia noite a casa da Autrive, que felizmente estava só. Ás seis da manhã sáe de casa d'ella, mas a Autrive disse depois que realmente não valia a pena vir de tão longe para fazer só aquillo!...»

«Dizia um principe á rainha da Opera:—«Porque não põe no andar da rua o seu porteiro, minha querida?» Ella respondeu-lhe:—«Já tenho pensado n'isso, meu senhor, mas que quer vossa alteza? É meu pae!»

«Mademoiselle Murers vae todas as noites ao theatro para armar as suas redes aos estrangeiros. Alguns cahem em acompanhal-a, e o senhor de Varenne, seu amante espera-os. Começa-se a jogar, e no fim do jogo os pobres estrangeiros já não teem que offerecer á bella dama.»

«Os que teem o prazer de fazer filhos á Beaumesnil nunca tomam o trabalho de os educar, como se custasse muito dar-lhes um officio, o de cabelleireiro, por exemplo, que é o mais seguro de todos, porque, como dizia o abbade de Saint-Pierre:—Nunca faltarão cabeças para cabelleiras!»

«O senhor Giamboni, banqueiro genovez, não se arrependeu ainda de haver casado com uma pensionista do Parc-aux-Cerfs, onde se ensinava ás raparigas que o amor é como o rigodão, onde a cada nova figura se muda de par.»

«Por quarenta luizes por mez, a Duranci consente em tomar o senhor de Gebres por um homem, embora elle não tenha o talento de Esopo. Ella chega a dizer-lhe que é um Hercules. Elle acredita e adormece.»

«O conde de Chabot deixou a Rosalia, que cheira algumas vezes demasiado bem para que deixe de cheirar outras demasiado mal. Nunca a beijava senão de longe.»

«Mademoiselle Perinequi começava a notar que o marquez de Puisegur se deixava dominar a seu lado de uma deploravel preguiça conjugal. Ella advertiu-o amavelmente que, se não se fazia á mulher legitima mais do que se devia, era preciso fazer á amante tudo quanto se podia.»

....

....

....

Terminamos n'este ponto a transcripção dos registros da policia. Julgámos necessario revelar todas as torpezas da sociedade franceza. É preciso contar até que ponto chegára a corrupção e a gangrena dos costumes, n'aquella desgraçada épocha, talvez a mais dissoluta de quantas havemos analysado no decurso d'esta obra.

Voltemos agora á corte, onde nos esperam scenas da maior torpeza e anecdotas picarescas, para darem tom ao quadro.

Luiz XV amava sua esposa, mas esse amor participava mais do respeito e da veneração, do que do estimulo dos sentidos. Tinha por ella uma especie de culto ferveroso. Maria Leczinska recebia estas homenagens com uns ares, que mais pareciam por comprazer do que por corresponder aos sentimentos de seu esposo. Em publico, pelo menos, a rainha tinha para com el-rei uma reserva, que podia perfeitamente passar por frieza.

Quando el-rei a beijava, dir-se-hia que era uma mamã um pouco severa recebendo as caricias de seu filho.

A rainha, que afóra isto tinha um caracter affavel, era em certas cousas bastante rediculа. Passava geralmente o tempo rodeada das suas damas, que trabalhavam em delicadissimos bordados, emquanto uma d'ellas lia um livro piedoso. Parece-nos estar vendo Madame de Neslе lendo os *Actos dos Apostolos*, com tanta *gravidade*, que alguns mezes mais tarde foi o assumpto de todas as conversações do palacio.

Fazia-se notar entre as damas uma certa duqueza de Boufflers, que parecia apostada a supplantar todas as reputações de galanteria das damas da nobreza, desde os bons tempos da condessa de Soissons.

Os favores d'esta beldade eram moeda tão corrente, que o conde de Riom disse um dia ao duque de Luxemburgo:

—«Sabe uma cousa? Chega a ser uma vergonha que um homem como o sr. duque não tenha ainda possuido a duqueza de Boufflers!...»

Riom accrescentava que era egualmente uma vergonha permanecer atrellado ao carro de Madame de Nesle mais de oito dias, e que toda a gente de bom tom censurava o duque por se conservar fiel á marqueza, depois de dois mezes de amor assiduo. E terminou pelo seguinte conselho:

—«O ensejo é propicio. Madame de Boufflers ha quarenta e oito horas que não tem amante. Tracte de preencher esta lacuna, duque, porque decerto não se lhe torna a proporcionar uma occasião d'estas!»

O duque seguiu o conselho, e Madame de Boufflers não se mostrou disposta a deixal-o suspirar por muito tempo, mas impoz uma condição antes de se render. Era que o duque, antes de deixar a senhora de Nesle, lhe havia de fazer um filho.

—«Não posso vêr essa mulher, explicava a duqueza. Para qualquer lado que me volte, vejo sempre aquelle vulto elegante, que todas admiram e todos invejam! Pois bem! Já que tanto se orgulha d'essa perfeição, é preciso que o duque lhe diminua o prestigio, deformando-a por algum tempo. Espero-o em minha casa, quando a de Nesle tiver os primeiros symptomas de gravidez!...»

O novo amante da duqueza de Boufflers não tardou em realisar a condição exigida pela caprichosa dama, e parece que estava em sorte, porque tão depressa se soube em Versailles da gravidez da senhora de Nesle, constou logo tambem a da duqueza de Luxemburgo.

De resto, Madame de Boufflers era realmente digna de dó. Déra-lhe a natureza um temperamento, que segundo ella propria confessava, era-lhe impossivel resistir um instante sequer á occasião de peccar. Um dia contou a Madame de Rochechouart que estando na camara da rainha, lhe foram annunciar a chegada imprevista do duque de Luxemburgo, que a esperava nos seus aposentos. Incapaz de dominar a sua impaciencia, a duqueza sahiu logo para correr a lançar-se nos braços do amante, mas viu-se obrigada a parar duas vezes no caminho... Não podemos comprehender o motivo d'estas paragens.

O duque de Luxemburgo, depois de sete ou oito mezes de posse, continuava namorado de Madame de Boufflers. Em vão o conde de Riom, seu professor de galanteios, lhe disse muitas vezes que uma tal constancia com similhante amante era de um ridiculo espantoso.

O duque estava submettido a um encanto que não podia vencer, e não só era constante, mas deixava-se enganar, e a duqueza, encantada de ter um amante nescio e opulento, condições preciosas para uma mulher que não quer incommodar-se, fazia prodigios para reter nas suas rêdes um homem tão complacente. E conseguiu-o.

Constituira-se uma sociedade, composta de tudo quanto havia de mais

brilhante em Paris, que se reunia na mais completa liberdade n'uma pequena casa da rua Cadet, propriedade do duque de Luxemburgo. A duqueza de Boufflers havia-se relacionado intimamente com a duqueza, mulher do seu amante, que ia tambem alegremente tomar parte nas ceias, ou para melhor dizer nas orgias da rua Cadet. Quando os vapores do vinho começavam a esquentar as cabeças, particularmente a da duqueza de Boufflers, que nunca se levantava da mesa sem ficar completamente ébria, começava-se a *fallar inglez*, quer dizer, todos os convivas se entregavam ás conversações mais desbragadas!

Das liberdades verbaes passava-se á pratica, e raras vezes estes capitulos ficavam sem conclusão. N'estas scenas, o papel principal era sempre desempenhado por Madame de Boufflers. O duque, porém, apesar do testemunho dos proprios olhos, embora em pouco perturbados, não acreditava das loucuras da sua amante, senão o que ella lhe deixava acreditar, e mostrava-se completamente impassivel, em presença dos actos de que sua propria mulher o fazia ser testemunha.

Custa ter de revelar similhantes torpezas, mas para affastar da sociedade os vicios que a degradam, convem deixal-os ver em toda a sua horrivel nudez.

Estes costumes eram tanto mais deploraveis, quanto mais elevada era a posição dos actores, por isso mesmo que mais davam na vista, e mais pernicioso se tornava o seu exemplo. Era impossivel, para não irmos mais longe, que houvesse quem ignorasse a conducta infame do conde de Charolais, de quem já fallámos n'outro logar, e que unia o cynismo mais asqueroso a uma ferocidade sem limites. Dissoluto como Nero, não era menos cruel do que aquelle monstro coroado. Póde dizer-se que, a exemplo d'esse preverso imperador romano, o principe francez se deleitava com o assassinio. Citámos já o que Luiz XV respondia, quando lhe fallavam dos crimes commettidos pelo seu parente.

Fallemos agora de Mauricio da Saxonia. O valente conde, não podendo sustentar-se na Curlandia, encontrou na comediante Adriana de Lecouvreur uma alma digna da sua. Basta um facto para prova d'esta asserção, e cital-o-hemos de bom grado, por dar uma especie de consolação, depois de tanto quadros de torpezas, que temos relatado até agora, e que a nossa missão de historiadores do vicio nos obrigará a relatar ainda.

O principe Mauricio escreveu para França, a fim de obter soldados e dinheiro. Na côrte, pouca ou nenhuma attenção deràm ás cartas do valente cabo de guerra, mas em todo o caso, responderam-lhe o mais affectuosamente possivel que não podiam mandar-lhe nem soldados nem dinheiro.

Adriana Lecouvreur tinha alguns amantes. Ainda assim, mesmo que elles tivessem consentido em fazer uma viagem á Curlandia, não teriam offerecido ao conde da Saxonia mais do que um resumido corpo auxiliar. Seria muito differente, se a duqueza de Boufflers se tivesse resolvido a enviar-lhe a sua phalange de predilectos!...

A excellente actriz não possuia tambem grandes thesouros, mas quiz a todo o custo soccorrer aquelle que ella chamava o seu deus Marte. Empenhou,

Marqueza de Pompadour (*copia d'um quadro de J. Q. Latour*)

portanto, a sua baixella, as suas joias, e reunindo o producto ao pouco dinheiro que possuia, fez chegar ás mãos do soberano da Curlandia uma somma de 40:000 libras, que lhe serviu para voltar commodamente a França, depois de ter defendido palmo a palmo o seu estado invadido.

Mauricio chegou a Paris, nos primeiros dias do mez de janeiro de 1728. Escusamos de dizer que a sua gratidão para com Adriana se mostrou de uma expansibilidade, á altura do sacrificio por ella feito.

— «Adriana, heide restituir-te esse dinheiro!» dizia elle nos intervallos dos seus testemunhos de gratidão.

— «Bem, bem, não corre pressa! Basta-me por emquanto o juro que o meu querido Marte me vae pagando. Esse é que eu mais aprecio!»

Narremos agora, como frisante comtraste d'esta amorosa abnegação, uma anecdota relativa á bacchante da rua Cadet, da qual já fallámos mais acima, a duqueza de Boufflers.

O senhor de Durfort teve um dia o capricho de suspirar durante alguns instantes por ella.

Á primeira declaração d'este novo amante, a duqueza respondeu-lhe:

—«Que dia?»

Combinou-se, portanto, uma entrevista na pequena casa da rua Cadet, durante a ausencia do duque de Luxemburgo. Durfort, para tornar mais agradavel a ceia, levou comsigo Chassé, actor da Opera, muito estimado do publico e de quem algumas damas da côrte faziam caso, atraz de outras cortinas, que não eram precisamente as da bocca do proscenio.

A de Boufflers, quando o vinho lhe subiu á cabeça, começou a comparar a figura e o rosto de Durfort, a sua conquista d'aquelle dia, com a do actor levado por elle para alegrar a ceia. O actor julgou conveniente corresponder-lhe, succedesse o que succedesse.

Mas Durfort que não tinha preparado a ceia nem ajustado a dama para que um comediante aproveitasse ambas as coisas, despediu Chassé, e pôl-o no meio da rua. Ao vêr isto, Madame de Boufflers, precipitou-se atraz do comediante. Procuraram detel-a, mas ella conseguiu desprender-se dos braços dos que pretendiam segural-a. Despenteada, com os olhos incendidos em luxuria, e na maior desordem, correu atraz de Chassé, até á esquina da rua, gritando com toda a força dos pulmões:

—«Quero-o! Quero-o!...»

Durfort, depois de ter, a troco de um trabalho insano, mettido em casa a desenfreada bacchante, conseguiu acalmar um pouco os seus transportes.

—«E' o mesmo, disse ella. Mas juro-lhe que o hei-de gosar!...»

Effectivamente, na noite seguinte, houve quem visse entrar o bello comediante em casa da duqueza de Boufflers, para tomar o seu logar entre a undecima ou duodecima centena dos seus amantes...

Madame de Pompadour tinha mais ambição do que desejos lubricos, e não ignorava que a frieza do seu temperamento podia tarde ou cedo prejudical-a, de mais a mais com um amante tão materialmente positivo, como era Luiz XV.

Um dia a favorita, conversando com Madame Hausset, disse-lhe:

—«Madame de Montespan era muito feliz! Estava sempre prompta para satisfazer Luiz XIV, o que não impedia que lhe ficasse ainda vontade para contentar muitos outros. A natureza foi demasiado prodiga para com essa mulher, emquanto que para mim foi uma verdadeira madrasta! E' um defeito, minha querida amiga, um grande defeito n'uma mulher destinada a elevar-se por meio da sensibilidade!»

Madame Hausset provou com o seu silencio que era completamente da opinião de sua ama. Em todo o caso, não podemos assegurar que esta nobre camareira fosse capaz de aconselhar a Madame de Pompadour o regimen de que vamos fallar.

A favorita, durante trez mezes seguidos, tomou todas as manhãs uma chavena de chocolate com uma dose de baunilha e de ambar. Ao jantar, não comia senão sopa de aipo. Mandava pôr estimulantes em todas as iguarias, e recommendou que se misturasse essencia de camarões em todos os molhos dos guisados que se serviam á sua mesa.

Um dia a marqueza fallou á duqueza de Brancas n'este regimen excitante.

—«Como! exclamou esta dama, muito admirada, a marqueza envenena-se assim diariamente para o prazer de sua magestade!»

—«Que quer duqueza? Receio perder o coração d'el-rei.»

—«Mas diga-me, não tem a marqueza proporcionado a Luiz XV outras distracções? Não deve elle aos seus cuidados incessantes a posse de tantas bellezas? Não é o seu coração um manancial inexgotavel de sensações?»

—«E' verdade tudo isso, mas confesso-lhe, duqueza, que o rei não me procura muito a miudo!»

—«Ah! Comprehendo agora!»

—«Já vê que preciso acautellar-me!»

—«Sim, é prudente, mas uma mulher para satisfazer alguns caprichos passageiros tem sempre recursos!»

—«Eu não tenho nenhum!»

—«Deveras?»

—«Juro-lh'o, e é d'isso que me queixo!»

—«Faz-me dó a sua situação!»

—«Obrigada, querida duqueza!»

—«Mas espere! A nossa condição seria verdadeiramente deploravel, se nos, as mulheres, nos vissemos reduzidas ao stricto cumprimento do dever. Por isso, minha querida marqueza, procure sempre não deixar ao rei todo o exito da victoria!»

—«Isso farei, minha amiga!»

—«Mas lembre-se, marqueza, de que esse temperamento ficticio que anda a crear com as trufas, o aipo e os camarões acabará por ennerval-a!...»

—«Este elixir, disse então a Pompadour, mostrando um frasco á sua amiga, obra com muita mais promptidão e segurança que todos os manjares excitantes.»

—«Vejamos!»

E a duqueza depois de ter cheirado o frasco, exclamou:

—«Oh, minha querida! Isto é um aphrodisiaco! E' tintura de cantharidas! Mas a marqueza vae enlouquecer com este regimen!...»

—«Qual! Tenho-o tomado varias vezes, e não me faz mal. Fico apenas n'esse estado de lubricidade que os homens tanto desejam.»

—«É porque a dose tem sido pequena!»

—«De certo.»

—«Mas, ainda assim, minha querida, se um dia lhe escorrega a mão e toma uma porção maior, terá de correr ao quartel dos guardas d'el-rei para acalmar os seus desejos!»

—«Deixe estar, que eu terei cuidado!...»

—«Nada, minha boa amiga, não posso consentir que faça por mais tempo uso d'essa droga abominavel. Não quero vêl-a transformada em bacchante!

—«Mas el-rei?»

—«El-rei tem muito quem o satisfaça. De mais a mais os seus nervos, marqueza, haviam de resentir-se! Nada!»

E dizendo isto, Madame de Brancas atirou o frasco ao fogão.

—«Que fez, duqueza?

—«Evitei-lhe um grave perigo, minha amiga!»

—«Mas a duqueza deve saber que não gosto que me tractem como uma creança!»

—«Bem sei, mas tambem eu não quero que a marqueza se tracte a si propria como um cavallo!»

A favorita desatou a chorar.

—«Então, então! Que é isso, minha querida marqueza? Porque derrama essas lagrimas?»

—«Se soubesse o que me succede ha oito dias! El-rei, pretextando que faz um calor impossivel, tem passado todas estas noites deitado n'um sophá, ao lado do meu leito!...»

—«Tem graça! E a marqueza tinha tomado as cantharidas?»

—«Tinha, infelizmente para mim!... Passei umas noites horriveis. Chameio-o, mas elle recusou. Provavelmente cansou-se de mim, e ha de procurar outra que me substitua!...»

—«Mas bem vê, marqueza, que não poude evitar essa desgraça, despedaçando as entranhas com esse... com esse *cynismo engarrafado,* deixe-me chamar-lhe assim, que alli está a arder no fogão!»

—«Quem sabe!»

—«Eu nem quero lembrar-me das noites que a marqueza passou no seu leito solitario, ardendo em desejos provocados pelas cantharidas, emquanto que sua magestade tomava o fresco a dois passos de distancia!...»

—«Imagine, minha boa amiga!»

—«É preciso recorrer a outros meios para attrahir aos seus braços Luiz XV.»

—«Diga, diga o que hei-de fazer!»

—«Em primeiro logar, a marqueza deve fazer com que a sua companhia lhe seja cada vez mais preciosa, á força de cuidados, de meiguices e de talento! Nunca lhe mostre frieza, minha amiga! Se não tiver desejos, finja-os, represente uma comedia! Que custa isso?»

—«Mas como?»

—«Ora, como! A marqueza é alguma noviça? Alguns suspiros, algumas exclamações soltadas a tempo, uns gritos de quando em quando, poderão imitar perfeitamente o extase do prazer!»

—«E que mais?»

—«Por em quanto, mais nada!»

—«E julga a duqueza que d'esse modo poderia attrahir el-rei?»

—«Decerto. O tempo fará o resto. As cadeias do habito substituirão imperceptivelmente as do amor, e o seu imperio não desabará, minha querida amiga.»

A favorita prometteu seguir o conselho de Madame de Brancas, e beijou-a muito, agradecendo-lhe estes excellentes conselhos.

D'aquelle dia em diante, o regimen das cantharidas foi completamente posto de parte.

Depois do que se acaba de ler, devemos crêr ingenuamente n'essa frieza de temperamento proclamada por Madame de Pompadour? Não, decerto. Explica-se facilmente que uma mulher, rodeiada de cortezãos, que como todos sabem, facilmente se convertem em adoradores, se canse até certo ponto das homenagens que chegam constantemente ao fundo da sua alcova. Explica-se tambem que esta mulher tenha necessidade de reanimar algumas vezes a chamma quasi extincta, destinada a sacrificios exclusivos, qualquer que seja a posição em que esteja collocado o sacrificador, porque o amor effectivo não concebe a grandeza, á maneira das outras paixões; mas o temperamento, livre dos seus languidos habitos, reproduz-se sempre com todo o seu phrenesi. Assim o glotão já farto, sente novamente appetite, á vista de novos manjares.

Por isso, dizia-se á bocca pequena nos salões da côrte que as cantharidas, o aipo e o chocolate nunca eram precisos nas relações que a marqueza tinha com o abbade de Bernis, ecclesiastico muito galanteador, bello homem, poeta sentimental, cujos olhares avelludados, cujas pernas de Antinoo, e cujos madrigaes galantes exerciam sobre ella uma influencia tão viva, ainda que menos acre do que a do aphrodisiaco votado ás chammas pela duqueza de Brancas!

Averiguaçoes muito mais minuciosas descobriram tambem que o principe de Beauvan visitava muito a miudo Madame de Pompadour, e a horas muito differentes das que a etiqueta recommendava.

Um dia o principe foi encontrado no toucador da marqueza, na occasião em que a favorita não só não havia concluido ainda esse *négligé* galante com que uma mulher distincta recebe os homens ao erguer-se da cama, mas nem sequer estava sufficientemente vestida para occultar o que não se mostra senão aos mais intimos.

N'esta semi-nudez encantadora, a Pompadour, a julgar pela vivacidade do

olhar e pelo fogo do semblante, devia ter mais calor do que frio no sangue, e um olhar sevéro, devia ter revelado ao importuno visitante que chegára em muito má occasião.

Ainda assim, a assiduidade do senhor de Beauvan era naturalmente explicada por Madame Hausset. Quem sabe?

Fallemos agora um pouco de Madame d'Esparbes. Entre as distracções de sua magestade, e independentemente do Parc-aux-Cerfs, esta dama gozava junto do monarcha de um favor muito evidente.

O amor de Luiz XV por ella proviéra apenas da belleza das suas mãos, embora a dama tivesse muitas outras coisas, que não eram para desprezar.

Tinha vinte e dois annos, uma cintura deliciosa, e um pé microscopico, terminado por uma perna provocante. Havia alem d'isso ainda n'aquella mulher encantadora, cabellos admiraveis, dentes pequenissimos e muito brancos, labios frescos, e nas faces e na barba umas covinhas tentadoras.

Isto emquanto ao rosto.

Em todo o caso, força era confessar que a perfeição das mãos de Madame d'Esparbes deixava no segundo plano todas as seducções da sua pessoa. Por isso ellas eram tão honradas no templo dos prazeres sensuaes!

Nas ceias intimas, as mãos da elegante dama eram sempre encarregadas de preparar com delicadeza as cerejas que sua magestade devorava, molhando-as primeiramente em assucar.

Dizia-se que para conservar a alvura deslumbrante d'aquellas mãos privilegiadas, a condessa, sem a menor necessidade, se fazia sangrar vezes a miudo.

Difficil sacrificio, na verdade!

Moralmente, Madame d'Esparbes tinha graça, meiguice, amabilidade, mas tudo isto sem vivacidade, sem calor.

Era uma belleza melancholica.

Seria preciso um amor vivamente partilhado para se descobrir aquella alma, e por isso foram muito raras as suas entrevistas com el-rei.

Madame de Pompadour, sabendo perfeitamente que de tudo isto nunca podia sahir uma favorita, era muito amiga da condessa d'Esparbes. Ella e Madame d'Aublimont eram as intimas da marqueza.

Um rapaz, apenas sahido da Eschola-Militar, e chamado o conde de Lauzun, acceitou por primeiro guia da sua carreira amorosa a bella condessa d'Esparbes. A principio não houve novidade. Lauzun confessava ingenuamente que a condessa se havia adiantado muito com elle, mas, ou porque não soubesse graduar as doses, ou porque o neophito não respondesse á lettra, o que é certo é que passaram dois mezes em ninharias ridiculas e fastidiosas.

Um dia a condessa disse áquella especie de collegial, com um tom de ironia bem pronunciado:

—«Meu querido conde, quero pedir-lhe uma cousa. Vá ámanhã á Opera, e pergunte á Desmarques de que maneira deve portar-se um rapaz com uma dama a quem interessa.»

Lauzun aproveitou o conselho, e quarenta e oito horas depois, a con-

dessa reconheceu que a Desmarques havia aberto os olhos ao seu collegial. D'ahi a pouco era mestre consummado.

O amor proprio do conde estava profundamente lisongeado por ter entabolado aquellas relações com uma mulher, que já recebera o sello real, mas apesar d'isso callava-se.

Todos sabem que a discrição é uma das canduras do amor que faz a sua estreia. A condessa, porém, receiava pouco o escandalo. As trombetas da fama de Cythera agradavam ao seu ouvido aguerrido. Quiz, portanto, obter uma reputação nova pela educação que havia dado ao moço esturdio.

Lauzun, n'uma revista passada por el-rei, trazia sobre a banda o nome da sua amante, bordado pelas bellas mãos que preparavam as cerejas da sobremeza real.

A divulgação do segredo de uma intriga amorosa é muitas vezes o principio do fim d'essa intriga. Madame d'Esparbes preludiou a sua infidelidade, faltando ás entrevistas que ella propria marcava ao seu amante. Um dia acabou por não lhe conceder nenhuma.

O conde fez vigiar a sua infiel, e bem depressa veio a saber que tinha um successor, mas esse successor era tão illustre que o pobre moço nada podia contra elle. Resolveu, pois, fazer recahir todo o seu mau humor sobre ella. Ameaçou-a, escreveu-lhe volumes inteiros, cheios de amargas censuras e de violentas injurias. A condessa zombou d'aquella furia, e os bilhetes do conde foram empregados nos papellotes do seu cabello e nos do principe de Condé... Era este o successor de Lauzun!...

Uma anecdota do senhor de Choiseul:

Um domingo de manhã, Madame de Hausset, ouvindo que o rei se dirigia ao quarto da favorita, tossiu de certo modo, correndo para a porta do quarto de sua ama. Felizmente, sua magestade demorou-se a conversar com algumas damas. Houve tempo, portanto, para se arranjar tudo. E Madame de Pompadour, seguida da sua camareira, e do amavel Choiseul, sahiu do seu gabinete com muitos papeis na mão, e parecendo occupar-se de assumptos ministeriaes.

—«São queixas do parlamento, disse a favorita, entregando os papeis a el-rei. Ainda agora estava fallando a este respeito com o sr. duque.»

Madame de Hausset teria podido accrescentar:

—«É verdade, e fallavam com tanto calor, que se não fosse eu, teriam sido surprehendidos por el-rei no meio da conversação!»

Outra dama galante, a condessa d'Estrades conseguiu despertar a attenção do rei, o que não a impediu de se occupar ardentemente de um joven tenente coronel de cavallaria. Um dia a condessa, julgando seguro o seu favoritismo, foi ter com o duque de Choiseul e pediu-lhe arrogantemente a nomeação de coronel para o seu protegido.

O ministro, incommodado com aquelles modos altaneiros a que não estava habituado, disse-lhe que era impossivel alterar a lista das promoções.

— «O senhor duque, ao que parece, quer causar-me um dissabor?» disse ella muito mal humorada.

— «Parece-me, minha senhora, que as razões que acabo de expor são muito attendiveis ...»

— «Eu não acho. Considero-as uma desculpa banal e nada mais.»

— «Sinto muito, minha senhora, que as minhas razões não a convençam, mas não tenho outras!»

— «Emfim, senhor duque, os tempos hão de mudar.»

— «E quando mudarem, o que succederá?»

— «Talvez dentro de oito dias o senhor duque venha offerecer-me espontaneamente o que hoje me recusa!»

— «Oxalá, minha senhora!» disse o duque, fazendo-lhe uma ceremoniosa saudação de despedida.

A aspirante a favorita sahiu do gabinete de Choiseul verdadeiramente furiosa. O duque adivinhou sem difficuldade em que esperanças baseava aquella dama a sua arrogancia, e comprehendeu que se ella estava tão adiantada, como se mostrava, no favor real, podia ainda vir a ser perigosa. Tractou, portanto, de se pôr em campo para não ter de perder a sua pasta de ministro.

Dirigiu-se immediatamente a casa de uma dama da côrte, amiga da condessa, a quem annunciou da parte de el-rei que vinha propôr-lhe uma commissão secreta, cujo exito seria recompensado com uma gratificação de cem mil escudos.

Ao ouvir isto, a amiga intima interessou-se muitissimo no assumpto que lhe propunham, protestou logo a sua profunda lealdade no serviço de sua magestade, e perguntou de que se tractava. O ministro pediu-lhe que se informasse com Madame d'Estrades do que se tinha passado entre ella e el-rei na noite anterior. E isto porque el-rei não se recordava no dia seguinte dos pormenores das suas mysteriosas aveuturas, e tinha o mais vivo desejo de se occupar d'ellas para se distrahir.

— «Comprehendo!» disse a amiga da condessa.

— «Ora ainda bem. Peço-lhe que não se descuide d'este negocio.»

— «Esteja descançado. Ámanhã, antes do anoitecer, poderá satisfazer completamente a curiosidade de el-rei.»

— «Muito bem. Conte-me a verdade, e receberá cem mil escudos.»

Na manhã seguinte, o espião do senhor de Choiseul foi tomar chocolate com a sua amiga e arrancou-lhe habilmente o segredo dos mysterios d'aquella noite, que eram o orgulho da dama favorecida pelo real agrado. Quando o assumpto da narração agrada ao narrador, elle é sempre prodigo em pormenores.

A confidente conseguiu saber tudo. N'essa mesma noite, Choiseul tinha todos os pormenores da aventura, e a amiga traidora mettia na sua secretária uma ordem de cem mil escudos.

O ministro foi no dia seguinte assistir ao lavantar do rei, e pediu-lhe que escutasse com toda a attenção um caso que interessava á sua gloria.

— «Falla, querido duque, estamos sós. Não ha ouvidos indiscretos que psssam divulgar o segredo que vens comfiar-me. É algum escandalo?»

— «Vossa magestade quasi que adivinhou. Venho contar isto, porque o

nome de el-rei, meu amo, não deve andar acompanhado nem sequer da mais ligeira sombra de ridiculo, e por isso creio do meu dever fallar com toda a franqueza.

—«Falla, duque, falla!»

—«Vossa magestade está honrando com as suas bondades uma pessoa indigna d'essa honra, e que abusa de um modo indigno do real favor, que a meu amo aprouve conceder-lhe.»

—«De quem fallas, duque?»

—«*Sire*...»

—«Vamos, quero saber tudo.»

—«Vossa magestade ordena-me que falle?

—«Exijo-o, e no mesmo instante!»

—«Pois bem, refiro-me á condessa d'Estrades.»

—«Continúa!»

—«*Sire,* é mister rasgar o veu, e apresentar a vossa magestade essa dama tal como ella é realmente. E' preciso revelar a vossa magestade o que vale essa aventureira...»

—«Mas estás bem certo, meu amigo?...»

—«Vossa magestade poderá avaliar, ouvindo o que vou contar-lhe. O que receio é causar a meu amo uma impressão desagradavel...»

—«Apesar d'isso, começa, Choiseul!»

—«Obedeço, *sire,* mas dominado por uma dôr profunda lerei ao meu soberano o *boletim* da sua ultima noite, tal qual se encontra descripto em certos papeis que por ahi correm, e que não pude apanhar na sua integra. Eis o que elles contam.»

E o duque começou a lêr a minuta escripta havia pouco pelo seu secretario, e que dizia o seguinte:

«A primeira coisa annunciada hontem por el-rei a Madame d'Estrades, beijando-a com transporte, foi que ámanhã domingo será declarada publicamente sua favorita.

«O titulo de duqueza servirá de complemento a esta declaração.

«Louca de alegria, ella estreitou vivamente contra o coração o deus da sua fortuna.

«As impressões de uma gratidão tão voluptuosamente testemunhada foram saboreadas por el-rei com o maior prazer.

«Em seguida, metteram-se no leito.

«D'ahi a pouco, el-rei teve de recorrer a uma bebida excitante para reanimar os sentidos algum tanto paralysados.

«O excitante, porém, não deu o resultado appetecido.

«Ao amanhecer, el-rei quiz renovar as tentativas de uma amabilidade mais activa, mas ha cansaços que nenhum excitante pode dissipar.

«Alguns ligeiros relampagos sem importancia abrilhantaram a scena, como esses fogos fatuos, que durante as noites de verão apresentam brilhos ephemeros.

«O papel da nova Roxelana ser-lhe-hia em extremo fastidioso, se os seus

movimentos não fossem compensados amplamente com a ideia de ter dentro em breve a vantagem do governar o mais poderoso dos senhores.»

—«Que infamia!» exclamou o rei, que tinha ouvido sem interromper o ministro toda a leitura do boletim.

—«Então, *sire,* tinha ou não tinha razão?»

—«Tinhas, Choiseul, não me enganavas!...»

—«Essa mulher é um monstro!»

—«Sem duvida, meu amigo, mas o que mais me incommoda é que todos os factos, contidos n'esse infame libello, são certissimos!»

E o rei accrescentou d'ahi a pouco, com tristeza:

—«Que queres, meu amigo? Envelheço, e a fraqueza é o defeito natural da minha edade. No emtanto, custar-me-hia muito que estas coisas se divulgassem, e por isso commetteria uma falta imperdoavel, se não despedisse para sempre a mulher que assim me expoz aos sarcasmos e ironias dos meus subditos!...»

—«A indulgencia em casos taes daria azo á continuação de taes infamias!» disse Choiseul com intimativa.

—«Não, descança! Não serei indulgente!...»

—«*Sire,* recebo as ordens de vossa magestade.»

—«Faz com que Madame d'Estrades parta dentro de 24 horas para as suas terras, e encarrega Virilière de cumprir esta ordem.»

—«Será o meu primeiro cuidado ao sahir d'aqui.»

—«Agora, meu caro duque, agradeço-te, por me haveres aberto os olhos a respeito de tão vil ingratidão.»

No dia seguinte, Madame d'Estrades, desolada por ter naufragado ao entrar no porto, e não sabendo a que attribuir um revez tão imprevisto, dirigiu-se tristemente para uma das suas propriedades.

Alli o tenente-coronel seu protegido foi consolal-a da sua desgraça por meio de processos tão completos, quanto os do rei haviam sido ridiculos. Pobre dama! Tão laboriosamente havia pago o favor real, para não se gosar d'elle nem um dia completo!

O leitor desejaria que lhe dissessemos em que verba do orçamento da guerra incluiu o senhor de Choiseul os cem mil escudos, dados áquelle judas de saias, que assim trahira a mallograda favorita. Não o podemos fazer, mas devemos convir que aquelle dinheiro foi muito bem empregado, na verdade.

El-rei reflectia ás vezes que o tempo voava e que com elle lhe iam tambem diminuindo as forças. Começou a pensar que os seus amores lhe apressavam a carreira da existencia, e por isso disse um dia a La Martinière seu primeiro medico:

—«Vou conhecendo que estou velho. Parece-me que preciso puxar as redeas aos corseis...»

—«*Sire,* respondeu-lhe o Esculapio, melhor faria vossa magestade, ordenando que os desengatassem da carroagem.»

N'esse mesmo dia, sua magestade pediu ao duque de Coingny noticias de Gentil-Bernard, que sabia achar-se enfermo.

—«Meu Deus, *sire*, meu Deus!»

—«Que queres dizer? Que aconteceu?

—«O desgraçado está sepultado n'uma especie de imbecilidade.»

—«E de que proveio isso, duque?»

—«De se ter divertido em excesso n'outros tempos.»

—«Só d'isso?»

—«Não, *sire*. O pobre homem quiz ultimamente fazer de rapaz, e foi isso o que o perdeu!...»

—«E' então muito velho?»

—«*Sire*, tem precisamente um anno mais do que vossa magestade.»

Estas palavras sepultaram Luiz xv n'uma sombria tristeza. Deixou de receber os seus cortezãos ao levantar-se, e mostrou-se cada vez mais frio com a Dubarry, não lhe fazendo uma unica visita secreta no espaço de 15 dias. O resfriamento *hygienico* do rei foi por elle levado a tal ponto, que tendo encommendado um coche, que quiz offerecer á Dubarry, para um dia de revista militar, ella não assistiu a essa festa.

D'Aiguillon abaixava melancholicamente a cabeça, mas o partido de Choiseul erguia-a cada vez mais.

Apesar de tudo isto, el-rei desatou a rir ás gargalhadas um dia em que ao levantar-se, Ayen lhe contou a aventura que vamos contar tambem aos leitores:

O bispo de Tarbes passeava na cidade na sua carroagem, quando ao penetrar n'uma rua estreita, o cocheiro sem poder governar a parelha foi esbarrar n'um modesto fiacre, a tal ponto estropeado por este desastre que não lhe foi possivel continuar a sua carreira.

Emquanto os cocheiros altercavam, uma dama desceu do fiacre e dispunha-se a continuar o seu caminho a pé.

O prelado notára, porém, que a dama era bonita, e apeiando-se no mesmo instante approximou-se d'ella, pediu-lhe mil desculpas, e declarou-lhe que não podia consentir que ella se dirigisse ao seu destino senão dentro da sua carroagem, causa unica d'aquelle desagradavel incidente.

A desconhecida acceita sem se fazer rogar muito, e entra na carroagem de monsenhor. O movimento do pesado vehiculo não tarda a fazer chocar um no outro, o prelado e a dama. Por fim, chegam ao ministerio da marinha onde a dama se dirigia. A' porta do edificio, monsenhor de Tarbes offerece gentilmente a mão á sua companheira de carroagem, para a encaminhar até ao gabinete do senhor Beudet.

Logo que o par atravessou o pateo, o porteiro desatou a rir...

Quando passavam na ante-camara, os lacaios desataram a rir...

Appareceu um porteiro para annunciar e desatou a rir...

Dois empregados, que trabalhavam n'um gabinete immediato, desataram a rir...

O senhor Beudet recebeu o bispo e a dama, desatando a rir...

Monsenhor de Tarbes, não sabendo a que attribuir todas aquellas risadas, começou a inquietar-se. O secretario geral então, vendo a situação critica

do prelado, quiz dizer-lhe tudo, mas não era possivel diante da pretendente. Depois de alguma hesitação, decidiu mandal-a a uma das repartições para consultar um registro, e poude assim fallar á vontade com sua ex.ª

—«Monsenhor ignora talvez quem é a dama a quem tão cavalheirosamente se dignou acompanhar...»

—«Effectivamente, eu não a conheço muito bem, e peço-lhe o obsequio de me elucidar.»

—«Pois saberá vossa excellencia que é a Gourdan, uma prostituta muito conhecida em Paris!...»

—«Meu Deus! exclamou o prelado, muito surprehendido, agora comprehendo a causa de todas as risadas, que ouvi na minha passagem com ella por essas salas!...»

—«Peço humildemente perdão a vossa excellencia, do atrevimento com que lhe fiz esta declaração...»

—«Não ha de que, senhor secretario; eu até lhe estou muito agradecido pelo aviso!...»

E o prelado, aturdido, não quiz saber de mais nada. Correu a metter-se na sua carroagem, deixando a Gourdan no ministerio.

....

A Dubarry pretendia deslumbrar Paris com as suas brilhantes festas.

A delphina Maria Antonietta odiava profundamente a favorita. O orgulho austriaco revoltava-se por aquelle tom de superioridade com que a cortezã se atrevia a fallar á filha dos Cesares, e mais fazia augmentar a sua indignação o vêr aquella mulher heroina de todas as festas, e objecto de todas as homenagens da côrte.

A timidez e a reserva de Maria Antonietta n'este ponto delicado, faziam com que ninguem suspeitasse d'aquelle rancor pela favorita.

A delphina fingia ignorar não sómente o valimento, mas até mesmo os *ternos deveres* da amante do rei.

—«Quaes são no palacio as funcções de Madame Dubarry?» perguntava ella um dia ingenuamente a Madame de Noailles.

—«Essa dama, respondeu a duqueza, está na côrte para agradar a el-rei, para o distrahir, e para o divertir, senhora!...»

—«N'esse caso, quero ser sua rival», replicou Maria Antonietta.

Toda a côrte repetiu esta phrase, sem a tomar como uma ingenuidade.

....

Não podemos deixar de fallar de um gentil-homem de Paris, chamado o senhor de Brumoy, que tinha a mania das procissões, e fazemol-o simplesmente para apresentarmos o contraste seguinte:

Emquanto que n'uma das aldeias dos dominios d'este religioso fidalgo se celebrava com desusado esplendor a solemnidade do *Corpus-Christi*, realisava-se em Marselha uma horrivel saturnal, em casa do conde de Sade, tão conhecido pelos horrores a que se entregou em 1768 com uma desgraçada rapariga, e sobretudo pelo seu cynico livro, intitulado *Justina*. Esta procissão e a saturnal ficaram para sempre gravadas na historia. Deixemos em paz a primeira,

porque nada tem com o assumpto de que nos occupamos, e passemos a contar a segunda.

O conde de Sade dava um baile para o qual tinha convidado muita gente. Á meia noite foi servida uma ceia opipara. O conde fizera servir á sobremeza pastilhas de baunilha, que todos acharam delicadissimas, e que todos comeram com abundancia. De repente os convidados, tanto homens como mulheres, sentiram-se abrasados por um ardor impudico, e as scenas que se seguiram foram realmente espantosas! Os homens atacaram desaforadamente as damas, e ellas longe de se offenderem, eram as primeiras a render-se e a procurar ullulantes a derrota.

As cantharidas, cuja essencia circulava nas veias d'aquelles desgraçados faziam-lhes esquecer todo o pudor e reserva, aquecendo-lhes o sangue e obrigando-os a voluptuosidades insaciaveis. Os excessos chegaram aos mais funestos extremos; o sangue chegou a correr no solo, e as mulheres até alli mais virtuosas, sorriam-se com aquelle resultado do seu furor uterino!...

Prevendo as consequencias que resultariam d'aquellas scenas comparaveis ás orgias de Nero, o conde de Sade fugiu antes de amanhecer em companhia de sua cunhada, ensanguentada ainda dos seus abraços brutaes. Muitas damas morreram em consequencia dos ignobeis horrores d'aquella noite de torpezas. Outras ficaram gravemente doentes, e muitos homens morreram esfalfados!...

Toda a França soltou um grito de reprovação, ao saber d'aquellas horriveis scenas de orgia, talvez sem exemplo nos annaes modernos. Decretou-se uma ordem de prisão contra o conde de Sade, e é provavel que este homem brutal acabasse no cadafalso uma vida de horriveis e asquerosas aventuras.

Reformados os licenciosos costumes da Opera, os dissolutos tiveram de frequentar sómente as casas onde se vende prazer ao primeiro transeunte que deseja compral-o, mas nem todos elles se mostravam generosos no preço dos encantos dos pensionistas d'essas casas.

Vamos contar um exemplo de mesquinheria erotica, muito fallado na côrte e na cidade.

Uma noite, um duque muito conhecido foi a casa da Brissaut, onde succedera já a aventura precedentemente contada, de onze senhores que gozaram e não pagaram.

O duque pediu uma rapariga á dona da casa. Apressou-se ella a satisfazer os seus desejos, e deu-lhe a Molar, tão procurada pelos fidalgos e banqueiros. Foram ambos para uma alcova.

Ora, n'essa noite a Molar tivera grandes lucros, procedentes de alguns freguezes, que se não eram nobres, tinham em compensação muito dinheiro. A rapariga trazia comsigo todo aquelle dinheiro. Os dois estiveram fechados na alcova mais de duas horas, e por fim o duque sahiu muito satisfeito, não o ficando menos a rapariga, porque contra o seu costume o fidalgo lhe havia mettido na mão uma boa porção de moedas de ouro.

Qual não foi, porém, o espanto da Molar, ao reconhecer mais tarde, que todo o dinheiro que trazia comsigo quando entrou o duque, havia desapparecido!

O duque negou o roubo. A prostituta provou, no emtanto, com alguns pormenores que só elle tinha sido o auctor, mas o caso é que o dinheiro nunca mais appareceu!

Por aquelle tempo, estiveram muito em voga os *poufs au sentiment*. Era um penteado soberbo, apresentando a mais singular e extranha combinação de tudo quanto pode agradar a uma dama, e sobretudo do que mais podia interessar-lhe o coração.

Para que os leitores possam fazer uma ideia, vamos descrever o *pouf*, que a duqueza de Chartres levou uma noite ao theatro da Opera. É a melhor definição que podemos dar d'esta moda sentimental.

Via-se sobre a cabeça de sua alteza uma mulher sentada n'uma cadeira, e tendo nos braços uma creança de peito, o que representava a duqueza de Valois e a sua ama. Á direita, um papagaio, passaro favorito da princeza, debicava uma cereja. Á esquerda via-se um pretinho, imagem em miniatura do que a duqueza de Chartres tinha ao seu serviço. O resto do edificio compunha-se de anneis de cabellos pertencentes ao duque de Chartres, ao duque de Penthièvre e ao d'Orleans, dispostos galantemente entre dois enfeites de gaze semeados de pedraria e de flores. Tudo isto formava um penteado alto e volumoso, que chegava quasi ao tecto do camarote.

As damas morriam de amores por estes *poufs*, e cada qual imaginava, para collocar no seu, os objectos que mais preferia, mas a este respeito mais de uma beldade passava graves apuros. A moda limitára a tres ou quatro as figuras que deviam collocar-se nos *poufs*, e esta proporção estava muito longe de representar o numero dos predilectos de uma mulher, por pouco notavel que ella fosse.

Havia damas, enamoradas da natureza, que traziam na cabeça deliciosas paisagens. Outras preferiam grandes caçadas, em que se viam os cervos, os javalis, e os maridos perseguidores. N'uma palavra, aquella moda era um verdadeiro delirio!...

No meio de todas estas loucuras, o rei adoeceu gravemente, e morreu dentro de poucos dias.

Como resumir em breve synthese o reinado d'este monarcha, tão calamitoso como o do seu predecessor e completamente vasio da gloria, que, pelo menos, abrilhantou o reinado tyrannico de Luiz XIV?

E, no emtanto, o seculo XVIII foi tão illustre como o seculo XVII. Se um brilhou pelo resplendor das sciencias, das lettras e das artes, o outro produziu a philosophia, balsamo vivificador que veio amadurecer tudo quanto a sciencia fizera brotar.

É preciso dizel-o, porém, Luiz XV não se associou nem um unico instante aos progressos do espirito humano, e a prova é que nada magestoso, ou verdadeiramente notavel produziu o seu reinado. Tudo quanto não offerecia o aspecto do prazer era para elle indifferente ou massador.

Assim, todos os actos do seu reinado apresentaram sempre o caracter das opiniões dos seus ministros, ou para melhor dizer, das suas favoritas, o que deu a esses actos um tom leviano e caprichoso.

CAPITULO II

SUMMARIO

A seita dos *Convulsionarios*.—A *obra*.—As *saltadoras*, as *ladradoras*.—Novas loucuras dos Convulsionarios.—A exaltação dos jansenistas.—O cemiterio de Saint-Médard.—Uma descripção de Voltaire.—Um epigramma da duqueza du Maine.—A terra da sepultura milagrosa.—Curas maravilhosas.—Prophecias.—Expulsão do cemiterio.—O culto nas casas particulares.—Supplicios crudelissimos.—O livro do senhor de Montgeron.—A perseguição da seita e o seu martyrologio.—Indecencias e infamias da seita.—A litteratura dramatica no tempo de Luiz xv.—O *philosopho casado*, de Destouches.—A *Alzira*, de Voltaire.—A *Chercheuse d'Esprit*, de Favart.—Castigo de um poeta satyrico.—Madame de Popelinière e o duque de Richelieu.—Um examinador galante.—A duqueza de Boufflers torna-se duqueza de Luxemburgo.—Venus-Baccho.—Novas proezas d'esta desaforada bacchante.—Os *Fantoches* do boulevard.—Os amores de Luiz xv e da Pompadour.—Epigramma attribuido ao conde de Maurepas.—El-rei approva o epigramma.—O imperio das prostitutas.—A desgraça de Maurepas.—O ministro Rouillé.—Sonhos das favoritas.—Intrigas licenciosas.—O principe de Lamballe.—Educação do joven principe pelo duque Chartres.—A princeza de Lamballe e o charlatão Pittara.—A nova Penelope.—Uma anecdota do philosopho Marmontel.—A celebre Guimard da Opera.—A prostituta Vaubernier, vulgo L'Ange.—O conde Dubarry.—As provas da nova favorita.—Seus dotes plasticos.—A vingança do carrasco de Soissons.—As ceias de Fontainebleau.—A Dubarry no banho.—Como ella cantava as canções satyricas.—A França governada por uma rameira.—*O tempora! O mores!...*

Viveu por aquelle tempo um jansenista, chamado Páris, filho de um conselheiro do parlamento, o qual depois de haver recebido ordens menores, renunciou em favor do irmão mais novo a parte que lhe cabia na herança paterna. Movido, porém, de uma sincera humildade, Páris limitou-se a ser diacono, e renunciando ao mundo, retirou-se para o arrabalde Saint-Marceau, n'uma especie de gruta, ao fundo de um horto, que elle proprio cultivava para occorrer á sua subsistencia, distribuindo ainda pelos pobres o que d'essa pequena cultura lhe sobejava.

Era um segundo S. Vicente de Paula. Do seu pequeno e modesto horto sahiam todas as manhãs rábanos, couves e cebollas para as familias mais indigentes do bairro; ensinava as creanças, e á noite, findos os exercicios de piedade a que se entregava com um fervor admiravel, passava horas esquecidas a fazer calçado para os seus protegidos.

Páris viveu assim muitos annos, sem que a sua reputação transposesse os limites do bairro, cujos habitantes soccorria, porque o santo homem fazia o bem sem ostentação, circumstancia extremamente favoravel para o deixar para sempre no olvido; no meio d'este mundo de pompas e vaidades.

Um dia o diacono morreu, e o seu enterro foi apenas acompanhado pelos desgraçados de quem fôra o unico bemfeitor. Os seus restos mortaes foram depositados debaixo de uma singella lousa, no cemiterio da egreja de Saint-Médard.

A principio, a gratidão reuniu em volta do tumulo de Páris um certo numero de pobres do bairro, que choravam por elle em altos gritos. Bem depressa alguns jansenistas, que tinham venerado as suas virtudes modestas, augmentaram o piedoso cortejo. Por fim a modesta sepultura veio a ser o ponto de reunião dos discipulos de Jansenio. Iam alli fortificar-se e armar-se contra as crescentes e crueis perseguições dos jesuitas.

A breve trecho, porém, as cabeças começaram a exaltar-se em cima da lapide que cobria os restos mortaes de Páris, e os jansenistas, julgando-se inspirados pelo sepulchro d'aquelle homem virtuoso, redobraram as orações. Cresceu o fanatismo, enlouqueceram...

O delirio subiu de ponto sobretudo n'uma multidão de raparigas, que tendo chegado á edade em que a natureza imperiosa exalta as paixões da mulher, se viram acommettidas sobre o tumulo de Paris de convulsões semi-fervorosas, semi-histericas.

Nada ha tão communicativo como a exaltação. Ao verem aquellas raparigas, victimas de uma grande irritação nervosa, todas as mulheres jansenistas que frequentavam o cemiterio de Saint-Médard, julgaram sentir os mesmos effeitos no seu temperamento. E aquillo que se acredita firmemente exerce sobre a alma o mesmo imperio da verdade.

Estas devotas allucinadas não tardaram a torcer os braços, a fazer estalar os ossos e a decompor as feições com gestos horriveis. Depois, estendendo-se sobre a sepultura para sentir mais rapidamente o que ellas chamavam a obra, entravam em movimentos convulsivos. Começavam por dar verdadeiros saltos de carpa, e revolviam-se com uma incomparavel ligeiresa, não se preoccupando com a desordem por vezes completa, que estes bruscos movimentos lhes causavam nos vestidos.

É possivel que a principio a convicção fosse a origem d'estes actos produzidos por um extranho fanatismo; no emtanto, parece-nos hoje perfeitamente demonstrado que os jansenistas, especulando com as convulsões, fizeram d'ellas um recurso, para tornar temivel a sua seita aos adversarios, sob a invocação do diacono Páris.

Dentro de pouco tempo, estava organisada a seita dos convulsionarios. Tinha chefes, regulamentos, funccionarios. O charlatanismo entrava no caso, e por isso os milagres não se deviam fazer esperar. D'ahi a pouco surgiram os martyres.

Entretanto, os convulsionarios tinham o seu publico especial. Todas as pessoas curiosas de Paris, os libertinos sobretudo, iam presenciar das janellas das casas visinhas, que para esse effeito se alugavam, os saltos, as contorsões e os exercicios das jansenistas do cemiterio de Saint-Médard. As fanaticas que se entregavam a este exercicio recebiam do publico o nome de *saltarinas*, ou *saltadoras*. Outras, que lançavam uns gritos parecidos com os latidos de um cão, eram chamadas *ladradoras*, e por fim, uma terceira subdivisão de convulsionarias, cuja mania consistia em miar como os gatos, recebeu a denominação de *miadoras*.

Não faltava, como se vê, a variedade n'aquelles espectaculos!

Perseguidos dentro em breve pelos jesuitas, os convulsionarios procuraram um novo refugio na rua das Vertus, no bairro do Temple.

Alli inventaram novos exercicios: os *grandes soccorros*, os *soccorros mortaes*, quer dizer, a tortura, a crucificação, a lingua cortada, e varios outros supplicios, que tinham o doce nome de *nanan*, (*bolinhos, confeitos,*) para as pobres victimas d'estas barbaridades! Realmente, aquillo era uma ventura para ellas!...

Quando se viam cravadas na cruz, quando a dôr e a perda do sangue as mergulhavam n'uma especie de lethargo, as pobres raparigas chamavam a isto *faire dodo*, fazer ó... ó!

Um dia, um sujeito introduzido n'aquelle sanctuario de atrocidades, impellido pela curiosidade, chegou no momento em que iam pregar uma rapariga na cruz.

—«Esperem! exclamou elle indignado. E' preciso que os açoites precedam a crucificação.»

E, dizendo isto, começou a chicotear os carrascos e a victima, conseguindo por este modo que o local ficasse completamente abandonado.

Excellente meio de cura!

Accrescentemos mais alguns pormenores a respeito da crucificação. As raparigas gosavam extremamente com aquelle supplicio. Com o prazer pintado no olhar e o sorriso nos labios, estendiam-se primeiramente ao comprido nuas sobre uma prancha de ferro. Recebiam em seguida e voluntariamente um ultrage, que só póde ser experimentado ou soffrido pela mulher, e d'ahi a pouco faziam-se cravar de pés e mãos na cruz.

Algumas morriam n'aquelle theatro de dôr e de luxuria, outras faziam a obra, pedindo que as estrangulassem, outras devoravam carvões accesos, outras, finalmente, julgavam santificar-se tragando um exemplar do *Novo Testamento* feito em mil pedaços.

Todos os sectarios estavam determinados—as mulheres a sacrificarem a honra na prostituição; os homens a vida no martyrio.

As opiniões exaltadas de frei Agostinho, chefe dos convulsionarios, as suas abstinencias e macerações não o perservavam dos movimentos imperiosos da natureza, e nem sempre lhe deram a força sufficiente para os reprimir.

Um dia houve quem o surprehendesse no campo, n'uma familiaridade demasiado livre com certa rapariga. Outra vez, deu-se em espectaculo n'um leito, onde estava deitado vestido ao lado de uma convulsionaria. Disse-se por então que este quadro era innocente, porque havia sido acompanhado da recitação de alguns psalmos!...

De outra vez, frei Agostinho lançou-se publicamente nos braços de uma esplendida rapariga. O frade desculpava-se d'estas fraquezas libidinosas, dizendo que era impeccavel.

Pouco depois, foi creada uma nova seita, differente da que frei Agostinho dirigia. Presidia a ella o padre Becheran. O novo chefe tinha a dupla vantagem de dirigir a obra das convulsões e de ser elle proprio o primeiro a manifestal-as, e verdadeiramente notaveis.

«O padre Becheran, diz um escripto d'aquelle tempo, recosta-se sobre o tumulo de Páris, salta até quebrar os ossos, dá o salto de carpa no meio de accessos convulsivos, e nunca soffreu de tudo isto o menor damno.»

Este padre era soccorrido na sua crise por uma mulher chamada Magnan, porque não havia convulsionario, que não tivesse a sua ajudante, como mais abaixo veremos.

A Magnan, encerrada em 1731 na Bastilha e mais tarde em Saint-Lazare, nunca soffreu convulsão alguma, emquanto permaneceu prisioneira n'este ultimo estabelecimento.

Os convulsionarios explicavam esta interrupção, dizendo que Deus assim o permittia para occultar a verdade aos que a combattiam.

A estes chefes succederam-se outros que já esperavam a perseguição, mas nunca lhes faltava a coragem. Entre os mais corajosos sobresahe Blondel, chamado tambem frei Lourenço, escriptor de merecimento e muito versado nas sciencias ecclesiasticas. Este frade presidia a uma assembleia secreta, que se reunia no castello de Vernouillet, perto de Poissy, d'onde sahiram muitas obras contra a Bulla. Foi tambem o auctor de uma nova *Vida dos santos,* que em 1728 fez com que o mettessem na Bastilha. Um livreiro pagava e vendia secretamente as suas obras.

Quantos outros ecclesiasticos, cujos nomes estão hoje completamente esquecidos, não se tornaram notaveis n'aquella épocha por um zelo ridiculo e brutal, n'aquelle theatro de espantosos horrores!

Voltemos agora aos differentes partidos que dividiam os convulsionarios, e aos diversos papeis que elles representavam nas convulsões. Aos *valentinos* e *agustinianos* succederam os *mixtos,* os *margolistas,* os *figuristas* e os *auxiliares.*

Os *mixtos* compunham-se d'aquelles que distinguiam nas convulsões duas causas, produzindo uma actos inuteis, pueris ou indecentes; outra actos divinos e sobrenaturaes.

Eis como um chefe d'esse partido desenvolvia as suas opiniões a este respeito:

«Vi nas convulsões uma multidão de circumstancias que pareciam pueris, vãs e insipidas. Outras havia asquerosas, repugnantes, dolorosas mesmo. No meio de tudo isto, havia tambem cousas edificantes, grandes, commoventes, inimitaveis: representações ao vivo dos mysterios de Jesus-Christo, e os principaes soffrimentos dos martyres do christianismo. Havia prantos e gemidos pelos males e calamidades da Egreja, lamentos pela humilhação da verdade, etc. etc.»

O medico Hecquet, no seu *Tractado sobre as convulsões*, consagrou um paragrapho inteiro aos erros e infamias dos *mixtos.* Havia tambem os illuminados da seita, os visionarios, os prophetas. Nos accessos do seu delirio, pronunciavam palavras destituidas de sentido.

Dos *margolistas* nada pudémos descobrir ácerca das suas opiniões, ou habitos particulares. Os *figuristas*, durante as suas convulsões, representavam as differentes scenas da paixão de Christo ou do martyrio dos santos. Os *auxi-*

liares, uma especie de irmãos leigos, ministravam aos convulsionarios em scena os *grandes* e os *pequenos soccorros*.

Os *grandes soccorros*, ou os *soccorros mortaes* já os descrevemos. Os *pequenos soccorros* consistiam em prevenir as quedas e os perigos a que expunha os convulsionarios a violencia dos seus movimentos, e em olhar pela compostura dos trajos dos pacientes, durante as convulsões.

Taes eram os chefes e as principaes funcções dos convulsionarios; taes eram as seitas em que se dividiam.

Antes de fallarmos mais largamente de todos os seus exercicios, e das differentes vicissitudes porque passou esta seita, daremos algumas noções que nos permittirão apresentar uma ideia bem clara da extravagancia d'estes sectarios. Os convulsionarios chegaram por fim a formar uma associação regularmente organisada. Tinha, mesmo, como já dissémos, os seus chefes e os seus regulamentos, e um trajo especial com que se vestiam os actores, antes de começarem os exercicios. Os membros da seita davam-se mutuamente a denominação de irmãos, e tinha cada qual um nome de guerra.

Havia tambem capitalistas que ministravam os fundos necessarios para todas as despezas. O conde Daverne foi em 1735 mettido na Bastilha, porque dissipava toda a sua fortuna, mantendo um grande numero de convulsionarios.

Um chapelleiro, chamado Guy, soffreu a mesma pena, por ter sido accusado de proteger os convulsionarios, prestando-lhes serviços e fornecendo-lhes dinheiro.

Tódos estes factos eram symptomaticos de uma sociedade perfeitamente organisada, e faziam suppôr um fim persistente e determinado.

Vamos agora offerecer aos leitores o quadro completo das convulsões e dos exercicios a que os iniciados davam o nome de *obra*. Para isso, embora tenhamos de nos repetir até certo ponto, vamos transcrever aqui os magnificos apontamentos que nos dá o erudito Dulaure, na sua *Historia de Paris*:

«Ao lado da egreja de Saint-Médard, havia no meio do pequeno cemiterio, um tumulo de pedra, da altura de um pé.

«Os devotos iam alli a principio orar fervorosamente ao bemaventurado Páris. Em seguida, algumas jovens nervosas ou hystericas, indignadas da perseguição que começavam a soffrer os que participavam das opiniões do defunto Páris, tiveram convulsões.

«Fallou-se d'isto a principio como que de um milagre, e toda a gente foi presencial-o. Por isso, se na origem d'esta extravagancia, quer dizer, no mez de março de 1727, o numero de actrizes que figuravam n'aquelle theatro sepulchral era pouco importante, o contagio fez depois grandes progressos, e não haviam decorrido ainda dois annos, e já se viam sobre o sepulchro do santo homem mais de oitocentas passoas atacadas de convulsões.

«Similhantes ás sybillas da antiguidade, quando o deus as possuia, as raparigas soffriam violentas agitações, fazendo movimentos extraordinarios, pelo que se lhes dava o nome de *saltadoras*, etc.

«Durante os primeiros quatro mezes, a virtude da sepultura de Páris limitou-se a produzir estas scenas deploraveis e ridiculas.

«O governo, sempre rutineiro e inclinado á tyrannia, castigando os delictos de que era o primeiro culpado, insultava, arruinava, desterrava, mettia nas masmorras aquelles desgraçados, gravemente enfermos da alma e do corpo.

«D'este modo reduzia-os apenas ao desespero, exaltando-lhes o cerebro a tal ponto, que, a exemplo dos primeiros christãos e dos protestantes do seculo XVI, zombavam dos seus perseguidores e dos supplicios, por mais horriveis que elles fossem.

«N'um dos registros da Bastilha, liam-se estas linhas:

«Henrique Pillière, condemnado ao supplicio do pelourinho durante duas horas, conjunctamente com outros muitos. Quizeram conceder-lhes o perdão, mas elles recusaram acceital-o, dizendo que de nenhum modo podiam arrepender-se de haverem praticado o bem.»

No principio do reinado de Luiz XVI, no mez de novembro de 1755, o senhor de Lamoignon visitava as prisões de Paris. Por essa occasião, o magistrado soube que existia na Conciergerie uma mulher tida como famosa convulsionaria, e um homem accusado egualmente do mesmo delicto, e que ambos estes desgraçados estavam alli mettidos havia quarenta e um annos!

O senhor de Lamoignon foi vêl-os e notou que a sua furia, apesar de tanto tempo decorrido, não diminuira ainda. Offereceu-lhes a liberdade, se declarassem estarem arrependidos dos seus erros. Elles recusaram-na, dizendo apenas que haviam sido presos injustamente, e o que o dever da justiça era dar-lhes a reparação a que tinham direito. Foi mister nomear um procurador para prehencher todas as formalidades por elles exigidas, e só d'este modo acceitaram a liberdade.

O unico remedio d'esta calamidade social, d'esta enfermidade dos espiritos era a indifferença e o ridiculo. Houve ainda assim alguns homens de talento que lançaram mão d'este recurso.

Voltaire, por exemplo, escreveu na *Pucelle d'Orléans* os seguintes versos:

Un grand tombeau, sans ornement, sans art,
Est élevé non loin de Saint Médard,
L'esprit divin, pour éclairer la France,
Sous cette tombe enferme sa puissance.
L'aveugle y court, et d'un pas chancellant,
Aux Quinze-Vingts retourne en tatonnant;
Le boiteux vient clapinant sur la tombe,
Crie hossanah, saute, gigotte et tombe;
Le sourd approche, écoute et n'entend rien,
Tout aussitôt de pauvres gens de bien,
D'aise pâmes, vrais témoins du miracle,
Du bon Pâris baisent le tabernacle!

Houve por esse tempo quem attribuisse á duqueza du Maine o seguinte epigramma:

Un décrotteur à la royale,
Du talon gauche estropié,
Obtint par grace spéciale
D'être boiteux de l'autre pied.

Um coxo ia todos os dias dar saltos sobre a milagrosa sepultura. Os devotos notaram que em cada mez a perna mais curta do pobre homem crescia de maneira, que no fim do anno augmentaria o comprimento de uma linha. Houve quem fizesse a este respeito o calculo seguinte: Para o coxo ficar perfeitamente curado, precisava de dar saltos sobre a sepultura de Páris, durante cincoenta e quatro annos!

Nem todos, porém, consideravam as scenas do cemiterio de Saint-Médard pelo seu lado ridiculo. As curas operadas sobre a sepultura de Páris encontraram um valeroso apologista no senhor Carré de Montgeron, conselheiro do parlamento.

Occupar-nos-hemos brevemente d'este funccionario.

Desde maio de 1727, épocha da morte de Páris, até ao mez de agosto de 1731, os exercicios do cemiterio de Saint-Médard tiveram um consideravel augmento de interesse e de maravilhas. A principio havia apenas algumas raparigas atacadas de convulsões. Limitavam-se a orar na sepultura do diacono, a deitar-se sobre ella, e a apanharem cuidadosamente a terra que havia em volta d'esse veneravel monumento do seu fervor religioso. Exportavam-se saccos d'aquella terra para os paizes estrangeiros.

Algumas raparigas haviam chegado a adquirir uma especie de celebridade pelos seus saltos e cambalhotas, exercicios de agilidade e de força, e pelas suas posições difficeis.

Outras exercitavam-se em figurar todas as acções do bemaventurado Páris. Apanhavam... ar com uma colher n'um prato, e levavam-no á bocca. Fingiam barbear-se com uma navalha diante de um espelho, cathequizavam, soccorriam os necessitados, tudo para imitarem o diacono, quando ceiava, quando fazia a barba, quando ensinava o cathecismo, e quando praticava as suas obras de caridade.

Apesar do contagio convulsionario atacar particularmente as raparigas solteiras, havia tambem homens solteiros e casados, e de todas as edades entre os atacados.

O senhor Folard, sabio commentador de Polybio, enfraquecido pela edade e pelas fadigas da guerra, soffria convulsões, quando ouvia cantar vesperas. Começava immediatamente a entoar a *Magnificat*, cahia por terra, estendia-se com os braços em cruz, ficava por algum tempo immovel, depois cantava, chorava, articulava palavras inintelligiveis. Outras vezes, cruzava as pernas debaixo dos braços de uma cadeira, e cantava, emquanto que o corpo fazia um movimento cadenciado, verdadeiramente ridiculo.

Quando o accesso lhe passava, parecia despertar sobresaltado, e dizia:

—«Parece-me que estive a cantar!»

Pouco tempo depois, appareceram as pretendidas curas milagrosas. Os enfermos, os estropeados, as pessoas atacadas de toda a especie de doenças correram a implorar o benefico influxo do bemaventurado Páris.

Foi em setembro de 1727, que se disse que a sepultura do diacono havia operado o primeiro milagre na pessoa de um tal Lero.

Este primeiro milagre foi seguido de muitos outros. Os jesuitas, sem exa-

minarem os factos, apressaram-se a comparar estes pretendidos milagres com os do Anti-christo e com os dos magos do Pharaó.

Aos milagres succederam-se as prophecias. Os convulsionarios durante a sua crise deixavam escapar palavras sem ordem e sem nexo, que eram cuidadosamente recolhidas, e com as quaes se formou um volume impresso, intitulado: *Collecções das interessantes predicções feitas em 1733.*

Estes pretendidos prophetas eram denominados *discernistas.*

No mez de agosto de 1731, as convulsões, sem perderem o seu caracter lastimoso e ridiculo, tomaram um novo caracter de atrocidade, que até então não se havia ainda manifestado.

«Deus mudou as suas vistas, dizia um partidario d'aquellas extravagancias. Quiz, para operar a cura dos enfermos, fazel-os previamente passar por dores vivissimas, por convulsões violentissimas e extraordinarias.»

Começou então a pôr-se em pratica o que em linguagem convulsionaria se chamava os *grandes soccorros,* os *soccorros mortaes.*

Como sabemos, o cemiterio de Saint-Médard foi convertido n'um triste logar de supplicio. Os *auxiliares* converteram-se em carrascos. Ás crises de uma enfermidade real ou fingida, succederam os transportes de furor e de raiva.

As jovens convulsionarias eram as primeiras a pedir pancadas e maus tratamentos. Pediam os supplicios como um grande beneficio. Desejavam ser açoitadas, torturadas, martyrisadas. Parecia que a exaltação do cerebro produzia uma revolução completa no seu systema de sensações. As dores mais vivas tinham para ellas os attractivos da voluptuosidade.

Os *auxiliares,* rapazes vigorosos, davam-lhes fortissimos murros nas espaduas, nos peitos e no pescoço. E aquellas desgraçadas pediam aos seus verdugos que as tratassem com maior crueldade ainda.

Elles então subiam-lhes para cima dos corpos nús e estendidos no solo, e pisavam-lhes as pernas, o ventre e os peitos com toda a força de que dispunham! E áquellas raparigas delirantes todos estes tractamentos se lhes afiguravam doçuras infindas!

Insaciaveis no soffrimento, supportavam pancadas mortaes nos braços, nas espaduas, nos peitos e no ventre.

Eis o que a este respeito escreve um contemporaneo:

«Uma d'ellas recebe cem bastonadas na cabeça, no ventre e nos rins. Outra deita-se no chão de barriga para o ar, colloca-se sobre ella uma prancha, e sobre esta prancha vão postar-se mais de vinte homens. Outra, com os pés para cima e a cabeça para baixo, permanecia muito tempo n'esta penosa attitude. A outras ainda torciam-lhes os peitos com pinças de ferro, até se quebrarem.

«As que estavam de pernas para o ar diziam: «Tudo está ás avessas, meu Deus! Tudo está de baixo para cima, poderoso senhor!...»

Quando lhes torciam os peitos, exclamavam:

—«É assim, meu Deus, que o peccado despedaça o seio da vossa Egreja! É assim, Senhor, que querem arrancar os filhos á vossa casta Esposa!...»

O supplicio de torcer os peitos ás jovens convulsionarias estava então

muito em uso. «Os *auxiliares*, dizia outro contemporaneo, apoderavam-se dos peitos das pacientes, e a pedido d'ellas torciam-nos violentamente.»

Joanna Mouler, uma pobre rapariga, que ainda não havia completado 23 annos, pedia que lhe dessem cem bastonadas com um grosso pau, que cada vez lhe penetrava mais nas carnes maceradas. Emquanto lhe batiam, exclamava com o rosto radiante de alegria:

— «Ai, como isto é bom! Como isto me sabe bem! Irmão, querido irmão, bate-me com mais força, se pódes!...»

O governo, logo que soube d'estas scenas horriveis, empregou para as fazer cessar, meios coercitivos, segundo o seu costume.

Por uma ordem, datada de 27 de janeiro de 1723, mandou fechar o cemiterio de Saint-Médard, e collocar á porta sentinellas encarregadas de repellir a multidão.

O arcebispo de Paris, Monsenhor de Vintimille prohibiu o culto do diacono Páris, e muitos convulsionarios foram encarcerados.

No dia seguinte áquelle em que foi publicada esta ordem, appareceu, na porta do cemiterio de Saint-Médard, um pasquim, que continha este famoso epigramma:

De par le roi, défense à Dieu
De faire miracle en ce lieu.

Fechado o theatro dos convulsionarios, outros muitos se abriram logo em Paris em casas particulares, bem como nos arredores da cidade, e em muitas provincias de França.

Graças ás perseguições e ao pouco tino da policia, esta doença contagiosa foi-se propagando consideravelmente, chegando até aos nossos dias.

Em logar de uma reunião publica, formaram-se muitas secretas. Cresceu consideravelmente o numero dos convulsionarios, os seus exercicios adquiriram um novo gráu de crueldade, e houve até grandes desordens.

O governo, por um decreto de março de 1733, prohibiu a todas as pessoas atacadas de convulsões exhibirem-se em espectaculo, formarem assembléas em casas particulares, ou assistirem a ellas os que não eram convulsionarios.

Este decreto podia atacar as pessoas e as suas propriedades; o que não podia era curar as opiniões e a doença dos espiritos.

Eis o que podémos apurar a respeito dos exercicios dos convulsionarios realisados nas casas particulares:

A exemplo das antigas milesianas, as convulsionarias tiveram a idéa de se estrangularem. Os directores da *obra* prestaram-se a este horrivel capricho. Se dérmos credito, porém, ao doutor Hecquet, o nó corredio era feito de maneira que a morte nem sempre se seguia á estrangulação. Um convulsionario descobriu a artimanha.

O senhor Morand, medico dos exercitos do rei, tendo conseguido penetrar em fevereiro de 1730 n'uma das reuniões dos convulsionarios, fez a respeito d'ella um relatorio manuscripto, do qual vamos dar um extracto.

É o seguinte:

«Muitas mulheres, depois de haverem orado e cantado psalmos, soffrem accessos de convulsão. Ficam n'um estado muito comparavel á infancia e á imbecilidade. Depois d'isto, pediam os soccorros mortaes, a que davam a denominação infantil de *nanan*.

«Andavam de joelhos pela casa, empregavam palavras carinhosas e meigas para pedirem torturas e supplicios. Um homem de edade avançada, a quem todas chamavam *papá*, dirigia com gravidade as suas devotas loucuras.

«Uma mulher de trinta e cinco annos deu começo ao espectaculo d'aquelle dia. Chamavam-na a *irmã Rachel*. Esta mulher soffreu com impassibilidade o supplicio da cruz. Deixou-se cravar de pés e mãos sobre dois madeiros cruzados, e declarou que estava sendo crucificada pela segunda vez. Só mostrou descontentamente ao ver chegar uma princeza, cujas faces estavam cobertas de uma camada de vermelhão. As convulsionarias detestavam estes arrebiques de rosto.

«A irmã Rachel, pregada na cruz, dizia *que estava a fazendo ó ... ó ...*

«A irmã Felicidade, tambem de trinta e cinco annos, veio depois d'esta, por lhe haver tocado a sua vez. Preparou-se tambem para o supplicio da cruz, e declarou que o ia soffrer pela vigessima primeira vez.

«Dois madeiros cravados e cruzados estavam alli collocados horisontamente. A paciente deitou-se em cima d'elles, e no mesmo intante introduziram-lhe nos pés e nas mãos cravos de cinco pollegadas de comprimento, que penetraram muito na madeira. N'este dolorosissimo estado, conversava com os assistentes!

«Em seguida, pediu que lhe atravessassem a lingua, e perfuraram-lh'a com a ponta de uma espada. Quiz tambem que lh'a rasgassem, e foi obedecida no mesmo instante!

«Depois d'esta, uma mulher de sessenta annos, cujo nome de seita era *irmã Sion* revolveu-se no solo, proferindo palavras sem nexo e fazendo uma ferverosa oração.

«O *papá* atirou-se sobre ella, pisando-lhe todas as partes do corpo, até que a paciente gritou:

— «Basta!»

«D'ahi por algum tempo disse novamente:

— «Mais!»

«E o *papá* voltou a pisal-a com mais força ainda. Quando a largou, a paciente entrou em convulsões. Terminadas ellas, foi espancada. O instrumento d'este supplicio era um grosso bastão de nogueira, de meio pé de diametro, que lhe foi applicado grande numero de vezes.

«Depois, soffreu ainda o supplicio da prensa. Comprimiram-lhe violentamente o corpo com correias puchadas por ambos os lados. Durante esta horrivel compressão, davam-lhe pontapés tão violentos, que a casa tremia. Finalmente, a pobre velha foi esquartejada e torturada de todos os modos.

«Emquanto durava esta terrivel execução, a irmã Rachel permanecia cravada na cruz, collocada verticalmente. Despregaram-na finalmente e perdeu pouco sangue.

«Uma joven, muito bonita, chamada *a irmã Suzanna*, estava de joelhos, lendo orações. Por fim desmaiou tambem, e teve convulsões. Seu marido, alli presente, foi-se a ella e pisou-a com um zelo extraordinario. Caminhou-lhe por cima dos braços e das mãos, e picou-a nos sitios, por ella indicados, com a ponta de uma espada.

«A irmã Felicidade continuava n'este meio tempo pregada na cruz. Ministraram-lhe com uma colher uma beberragem asquerosa, que a paciente tragou sem manifestar repugnancia. Despregaram-n'a emfim, e ao arrancarem-lhe os cravos perdeu mais de trez chavenas de sangue.

«Em seguida, o *papá* com algum esforço pisou-lhe o rosto e varias partes mais do corpo, atravessou-lhe a lingua, atravessou-lhe egualmente os braços com uma espada, e por ultimo ligou-lbe as chagas.

«Feito isto, levantou a sessão!...»

A estes excessos, humilhantes para a especie humana, difficeis de contar e penosos de ler, devemos accrescentar um facto tristissimo:

Um profano a quem a curiosidade havia conduzido a uma d'aquellas assembleias clandestinas, viu-se a tal ponto seduzido por ellas, que se deixou alli mesmo crucificar, e morreu no meio dos maiores tormentos!...

Emquanto duravam estas extranhas e horriveis bacchanaes, o senhor Carré de Montgeron, conselheiro do parlamento, a principio incredulo, e depois zeloso partidario dos convulsionarios, colligiu com extremo cuidado as relações de todas as curas operadas, de todos os milagres realisados sobre a sepultura de Páris, e compoz um grosso volume in-4.°, ornado de gravuras e intitulado:

A verdade dos milagres verificados por intercessão do bemaventurado Páris, demonstrada contra o arcebispo de Sens.

No dia 29 de julho de 1737, foi a Versailles offerecer o seu livro a Luiz XV. El-rei acceitou-o, mas poucos dias depois mandou prender o senhor de Montgeron, que foi immediatamente encerrado na Bastilha. O pobre homem passou o resto dos seus dias em diversas prisões, e morreu em 1774 na cidadella de Valence.

Esta obra, onde a razão e a verdade se vêem a cada passo ultrajadas, não teria obtido senão um exito ephemero, se a perseguição não tivesse feito a sua fortuna. Assim, teve numerosas edições. O auctor accrescentou-lhe mais dois volumes que compoz no carcere.

A perseguição fortificou durante muito tempo a deploravel seita. O chefe de policia Herault, homem violento, irreflectido, e agente formidavel dos jesuitas, adoptava para aniquillar a seita meios, que não faziam senão deixal-a prosperar cada vez mais. As suas pesquizas eram o terror das familias. Os seus numerosos agentes penetravam, mesmo de noite, na morada dos cidadãos!

Para descobrirem os mysterios dos convulsionarios, escalavam os muros dos conventos, arrombavam as portas, e não respeitavam nem sexo nem edade. D'aqui, terriveis resultados. Os sectarios eram mettidos em masmorras, amarrados aos pelourinhos, desterrados, tinham os bens confiscados, em summa, eram tractados com uma severidade e rigor verdadeiramente barbaros!...

Eis alguns exemplos dos rigores injustos d'aquelle funccionario e dos seus agentes.

-Maria Joanna Lefevre, sujeita á epilepsia, teve a desgraça de soffrer um accesso no meio da rua.

Considerada convulsionaria, foi presa em 1732 pela policia, e mettida na Bastilha.

—Claudio Larche tinha apenas quatorze annos, quando foi accusado de haver tomado parte na impressão de uma obra contra a Bulla. Preso e mettido na Bastilha, foi exposto no pelourinho e desterrado ainda por trez annos.

— Uma menina, de sete para oito annos, chamada Saint-Père, foi pelo mesmo motivo encerrada na Bastilha, onde permaneceu mais de um anno.

Quanto mais rigorosa e activa se mostrava a policia contra os convulsionarios, tanto mais estes para evitarem cahir-lhe nas garras, redobravam de precauções, de discrição e de astucia. Já dissémos por varias vezes que tinham reuniões secretas. Citemos alguns pontos de reunião da seita.

Um d'elles foi a casa de uma tal Lefevre, joven convulsionaria milagrosa. Tinha trinta convulsões por dia! Foi mettida na Bastilha, onde continuou a ter o mesmo numero de accessos. Trasferiram-na para o hospital.

Houve tambem numerosas reuniões n'uma casa da rua des Billets.

O abbade Daribad, que tinha assignado um protesto contra a Bulla, que fizera distribuir um pamphleto, intitulado *Nouvelles ecclesiastiques,* e collocara um pedaço de madeira do leito do diacono Páris debaixo da cabeceira de um tal senhor Ledoux, foi preso em 1731 e encerrado tambem na Bastilha.

Um padre chamado Brunet foi preso pela mesma causa, assim como Francisca Aubillard, em casa de quem se celebrava diariamente a assembléa dos convulsionarios.

Outra assembléa similhante celebrava-se em Écouen, em casa de Maria Durer, vulgo a Noel. Esta mulher foi presa em 1743.

Os partidarios das convulsões publicaram e fizeram imprimir secretamente muitas gravuras satyricas. N'uma d'ellas, via-se a arvore da religião, entre cujos ramos figuravam Nicole, Quesnel, Páris e outros apostolos do jansenismo. Em baixo, dois jesuitas faziam esforços para desarraigar o tronco. Um tal Cointre, gravador e poeta, compoz os versos que explicavam a gravura. Este delicto valeu-lhe o ser encerrado na Bastilha.

Outra estampa representava o Papa, sobre o qual cavalgavam uns doze jesuitas; outra ainda representava o arcebispo Vintimille, atirando uma pedra ao diacono Páris. Sobre esta pedra estava escripto o nome do prelado.

O chefe de policia Herault, armado com o baculo do arcebispo, parecia ordenar aquella lapidação. Jacques Mercier foi encarcerado como supposto auctor d'esta estampa.

Appareceram muitas outras ainda. A mais notavel era a que representava os diabos pegando na mão do arcebispo de Paris, e dançando em roda de uma fogueira, onde se queimava a obra intitulada: *Nouvelles écclesiastiques.*

Exercia-se nas barreiras de Paris uma vigilancia excessiva, a fim de impedir a introducção de livros impressos fóra da cidade. Em todo o caso, a maior

parte das vezes era inutil esta vigilancia, habilmente illudida pelos interessados, sempre fecundos em estratagemas e ardis.

Em 1728 foi detido na barreira o correio de Lyon, carregado de exemplares de uma obra intitulada: *Cartas de Páris a um amigo da provincia, a respeito das violencias exercidas todos os dias contra os appellantes.*

As pesquizas policiaes, realisadas nos individuos que entravam as barreiras da capital, chegaram ao extremo do ultrage e da indecencia. As duas filhas de um advogado do conselho, Margarida e Luiza Pissaut, foram em 1731 revistadas até debaixo dos vestidos, onde lhes encontraram muitos livros prohibidos. Estas senhoras e um irmão que as acompanhava foram immediatamente conduzidos á Bastilha.

Os convulsionarios do diacono Páris quizeram, como já dissémos, dar força á sua causa por meio de pretendidos milagres. Os mais zelosos fizeram toda a diligencia para os effeituar, e tractaram de escrever livros destinados a propagal-os, provando o melhor que puderam que o poder divino intervinha nas convulsões.

Muitos manejos secretos auxiliaram o augmento do numero dos convulsionarios, e propagaram o contagio das convulsões, chegando estas a attingir o mais espantoso caracter de gravidade e de loucura. Raparigas, pagas para esse fim, estudaram a maneira de ter convulsões, e havia pessoas que ensinavam o meio de as obter.

Marianna Chartier, costureira, de vinte e um annos de edade, confessou que tinha convulsões quando queria. Padecendo de dores de estomago, fora um dia a Sainte-Geneviève, e alli encontrara uma dama que lhe aconselhou o dirigir-se ao cemiterio de Saint-Médard. N'aquelle recinto, a costureira vira muitas pessoas fazendo contorsões, e crendo de boa fé que tudo aquillo era necessario para a cura, tractou de imitar o que via fazer, e assim chegara a representar perfeitamente aquelle papel.

João Fiet, cosinheiro do collegio de Navarra, Antonio Maupoint, Pedro Laport, Maria Tussiaux e muitos outros confessaram na Bastilha, onde foram encerrados, que faziam convulsões, interrompendo-as quando queriam. Pedro Santuron e o conde Daverne ensinavam esta arte, o primeiro a um rapaz chamado Lamarque e o segundo a seu filho, de cinco annos de edade. Um padre, chamado Laborgue, dava tambem lições de convulsões.

Em presença d'estes factos irrefutaveis, não póde deixar de admittir-se a existencia de uma direcção qualquer, e de occultas manobras, que davam auxilio aos convulsionarios de boa fé, mas destituidos de caracter e de temperamento.

Devemos, no emtanto, confessar que a parte sã dos jansenistas não tomava parte n'estas intrigas, que eram unicamente obra de alguns individuos turbulentos e arrebatados. Os homens de talento da seita nunca approvaram de modo algum as convulsões. Os proprios que entenderam dever admittil-as por causa dos milagres operados sobre o tumulo de Páris, taes como os bispos Soanen, Colbert, Caylus, etc., repelliram como illicitos e contrarios ao quinto mandamento os actos deshumanos chamados *grandes soccorros* e *soccorros mor-*

taes. Por isso não poderia, sem injustiça manifesta, accusar-se todos os jansenistas, ou *appellantes da Bulla,* de terem contribuido para as loucuras e furores espantosos das convulsões, que não passavam de manejos hypocritas de alguns partidarios da seita.

No emtanto, se esses homens de talento reprovavam as imposturas, as extravagancias, a gymnastica e as crueldades dos convulsionarios, acreditavam, ainda assim, nos seus pretendidos milagres, e julgavam de boa fé que Deus favorecia singularmente a sua seita.

Ás scenas ridiculas e atrozes que acabamos de narrar, os convulsionarios não tardaram a accrescentar profanações e indecencias. Uma vez lançados na carreira do delirio, as convulsionarias não pararam no declive. Chegaram a usurpar as funcções sacerdotaes.

O doutor Hecquet assegura que se julgavam inspiradas pelo Espirito santo. «Por conseguinte, diz elle, prégam, dizem missa, praticam a ceremonia da imposição das mãos, baptisam e prophetisam.»

Estas palavras do doutor Hecquet são confirmadas por outro testemunho ainda mais authentico. Nos registros encontrados na Bastilha, vê-se que Joanna Carlota Borachim, viuva Gilbert, chamada irmã Melania, foi encerrada na Bastilha em 1747 por haver desempenhado as funcções do sacerdocio, confessando muitas mulheres, e muitas religiosas jansenistas e convulsionarias.

Póde colligir-se d'este facto que essas mulheres, incitadas pelos seus directores espirituaes, não se detiveram em quaesquer limites.

Devemos ainda accrescentar aqui algumas considerações a respeito das causas que produziram tamanho delirio. Estas raparigas tinham em si o germen de uma affecção que os medicos chamam *hysterismo* e os moralistas *amor*. Este germen é mais ou menos activo, segundo ellas são mais ou menos castas, mais ou menos sedentarias, e segundo a sna razão se encontrar mais ou menos exercitada.

Ainda mais: o germen do hysterismo deve ás circumstancias o seu desenvolvimento. Se uma rapariga educada entre pessoas que acreditam nas *possessões do espirito mau,* se estriba n'esta absurda crença, é certissimo que tomará as inquietações da sua edade, os anceios do seu temperamento, pelas torturas do demonio, que se apoderou do seu ser. Julgar-se-ha, portanto, possessa.

Se estiver rodeiada de pessoas em extremo devotas, dedicar-se-ha com excesso, com paixão, ás praticas mais minuciosas da devoção, as suas mortificações irão sempre n'uma progressão crescente, terá extasis e convulsões, e tudo isto porque o amor tomou no seu espirito uma falsa direcção.

Uma rapariga, cuja imaginação não tiver sido mortificada por nenhuma d'estas circumstancias, seguirá o caminho da natureza, sentirá o poder da sympathia que leva um sexo para o outro, experimentará, sem hesitações, nem desvios, o sentimento conhecido pelo nome de amor.

Os principios aqui expostos são de todo o ponto applicaveis ás jovens convulsionarias. O seu delirio era o amor, o amor era a sua loucura, o amor, transviado do seu caminho natural e plano, e perdido nos meandros de uma

Os Convulsionarios

devoção exaltada! E mesmo este sentimento, como veremos, não se encontrava n'essas pobres raparigas completamente disfarçado. As convulsionarias não se enganavam ácerca da verdadeira causa da sua enfermidade.

Se em vez de alimentarem a imaginação com sombrias imagens, lhes tivessem dado um noivo, se em logar do funebre scenario do cemiterio de Saint-Médard, e da sepultura do diacono, lhes tivessem offerecido o leito nupcial, a doença, o delirio, o furor, os milagres e as prophecias, tudo desappareceria como que por encanto. A tranquillidade do seu viver honesto e as doces affeições teriam immediatamente applacado as desordens e as tempestades dos sentidos. Querem uma prova d'isto? Vamos dal-a. É até uma testemunha occular e instruida que vae fornecer-nol-a. Falla o doutor Hecquet:

«É cousa notavel e bem propria para a averiguação do erotismo dos *vapores* das convulsionarias, que nenhuma d'ellas pedia mulheres, como *auxiliares* nos seus exercicios. Os *auxiliares* eram sempre homens, e sobretudo rapazes robustos e vigorosos.

«As raparigas usavam uns vestidos, que tinham a denominação de *trajos de convulsionarias*; ora esses vestidos cobriam-nas tão pouco, que a cada passo as expunham nos seus movimentos a commetterem verdadeiras indecencias. Notava-se n'ellas uma grande tendencia para apparecerem no primitivo estado da natureza, e até muitas vezes se mostravam completamente nuas.»

Em seguida, o doutor falla das suas posições lascivas, das suas complacencias para com os rapazes que as auxiliavam nos exercicios, dos olhares namorados que lhes lançavam, e accrescenta:

«Tudo isto não era outra cousa senão outras tantas vozes interiores que lhes estavam gritando desaforadamente:

—«Dáe-me filhos, senão morro!»

N'outro logar, falla da nudez que se vangloriavam de expor aos olhos dos homens, que muitas vezes eram jovens ecclesiasticos.

«E, accrescenta o mesmo auctor, estes jovens sacerdotes poderiam por ventura permanecer insensiveis á vista d'aquellas raparigas, que se mostravam a seus olhos em posturas lascivas e altamente tentadoras? Commettiam, portanto, indecencias, obscenidades e até infamias.

«Uma convulsionaria apresentou-se um dia completamente núa diante de uns ecclesiasticos, que fugiram!...»

Um preparador de convulsões, cego pelo espirito da seita, n'uma obra que escreveu para propaganda da sua causa, ousou dizer que as indecencias das convulsionarias não faziam mais de que realçar a *obra,* sendo como que a sombra do quadro.

O auctor de outro livro, intitulado *Plano da obra,* encontrava n'aquellas indecencias caracteres divinos, com os quaes se dissipavam quaesquer manchas tendentes a escurecer a *obra.* Em tudo isto póde ver-se uma prova manifesta do extranho desvario em que o espirito de partido póde lançar os homens. Posições indecentes e lascivas, nudez completa, toques impuros, tudo isto illustrava a obra das convulsões e dava-lhe um caracter divino. Já viram cegueira egual?

O medico Hecquet considera como um indicio das paixões d'aquellas raparigas o convite que faziam aos homens, para lhes pisarem o ventre, as pernas, os peitos e até mesmo para luctarem como ellas. Haveria tambem n'estes desejos caracter divino? Não seria antes a concupiscencia carnal?

O mesmo escriptor diz, n'outra parte:

«Conhecem-se perfeitamente as torpes scenas alli praticadas. Homens em seroulas e em camisa recebem nos joelhos uma joven convulsionaria tambem em camisa. Além d'isso, as mulheres faziam-se apertar estreitamente pelos homens contra o peito e contra as pernas. Seria isto innocente?»

O amor deixava frequentes vezes cahir o veu de devoção que o occultava. O doutor Hecquet diz a este respeito:

«Uma rapariga teve o seu bom successo no meio das convulsões, proferindo phrases exaltadas. Outras iam dar á luz ao hospital. Houve muitos ecclesiasticos envolvidos n'esta especie de aventuras.»

Estas aventuras mancharam algum tanto a gloria da seita aos olhos de alguns partidarios, mas não conseguiram ecclipsal-a de todo. As convulsoes, estimuladas pela perseguição constante do governo, continuaram com egual ardor, durando, só em Paris, 35 annos, desde o mez de maio de 1727 até agosto de 1762, épocha em que os jesuitas foram expulsos. Cessaram logo que cessou a perseguição, de que os jesuitas eram os unicos instigadores.

A litteratura dramatica soffreu tambem n'esta épocha os mesmos effeitos que produziram nos costumes a dissolução e o cynismo. No anno de 1768, representou-se uma comedia de Destouches, intitulada *O philosopho casado,* ou *O marido envergonhado de o ser.*

—«Não posso comprehender, dizia um espectador, o que o auctor pretende provar. Parece-me que um homem que se casa, se mostra por este facto muito philosopho, por isso que de antemão se resigna a tudo quanto possa succeder-lhe. Desmente completamente o seu caracter se, uma vez convertido em marido, se envergonha de o ser. É então que precisa de ter philosophia.»

Fossem ou não verdadeiras estas palavras, a comedia de Destouches foi extraordinariamente applaudida. Tinha um enredo bem feito, caracteres verdadeiros, um dialogo espirituoso, e tudo isto fez esquecer facilmente o fundo inverosimil da sua these. Um philosopho verdadeiro não poderia envergonhar-se do matrimonio, senão quando este atacasse as leis da sabedoria. E succede precisamente o contrario, porque a união matrimonial é o meio legitimo de se cumprir um dos grandes fins da natureza, aos quaes a philosophia pretende que sejamos fieis antes de tudo.

A vergonha do protogonista de Destouches não é mais do que um testemunho de orgulho da parte de um homem, que julga haver perdido a sua liberdade por se deixar render aos encantos de uma mulher. A these, como vamos provar, reproduzia as crenças e o modo de pensar do poeta.

Destouches, embaixador de França na Inglaterra, não poude, apesar dos grandes interesses que lhe estavam confiados, defender-se contra uma viva

paixão por Dorothêa Johnston, dama de nobre estirpe, cuja mão honrava com certeza o embaixador, que antes de chegar a este elevado cargo havia sido comediante.

O casamento realisou-se emfim. Mas Destouches recebeu secretamente a benção nupcial e conservou occulto por muito tempo o seu matrimonio. O motivo d'este mysterio, que originou a these da nova comedia, não era evidentemente o que attribuimos ao principal personagem, posto por elle em scena ? Por isso não vemos na comedia do referido auctor nem uma sombra de philosophia, mas simplesmente a pequenez das vistas de um embaixador glotão, que receia mostrar-se distrahido dos altos interesses da politica, pelo vulgarissimo prazer de se metter na cama com sua mulher.

Apezar de tudo isto, perdoou-se a Destouches, em favor da forma da sua comedia, o ter offerecido ao publico uma fraqueza desculpada pelo escrupulo de um sabio, e um cortezão disfarçado em philosopho. Dois contrasensos incontestaveis.

O anno de 1736 foi fecundo em novidades dramaticas. *Alzira,* tragedia de Voltaire, foi a mais notavel d'esse anno. O proprio auctor se encarrega de fazer a apreciação da sua obra:

«Procurei, diz elle n'uma das suas cartas, fazer um quadro dos costumes europeus, oppostos completamente aos americanos. O contraste reina em toda a obra, que tractei com o maximo cuidado. Receio, porém, haver posto n'ella mais trabalho do que talento.»

Effectivamente a dupla pintura dos costumes, que o auctor de *Alzira* se propoz fazer, foi traçada com tanto rigor como verdade. Os caracteres estavam admiravelmente sustentados, mas á obra faltava o principal—um plano definido e um enredo interessante.

Nem por isso deixou de chamar a attenção, e houve a respeito d'ella grandes controversias.

Relativamente a certos pormenores de costumes, o tom do quadro subiu a um ponto demasiado vivo. Como era natural, appareceram muitas criticas a respeito da obra. Umas elevavam-na ás nuvens, outras arrastavam-na pela lama.

Como apesar do exito da peça, as opiniões ácerca d'ella fossem tão diversas, attribuindo uns o successo ás phrases atrevidas, apodando-a outros de immoral, outros de vasia de ideias, e considerando-a o maior numero como uma obra leviana e pouco seria, é difficil formular uma opinião definida ácerca d'ella. Não temos além d'isso espaço para contar o seu argumento, nem elle vem de molde para o assumpto de que nos occupamos, e por isso limitamo-nos a reproduzir aqui uma critica em verso, publicada logo á apparição da *Alzira,* e na qual se apresentam os seus principaes defeitos, tanto a falsidade da sua acção, como o seu caracter de immoralidade.

Eis a critica a que nos referimos :

Pour Montèz
Alvarèz
Est en peine.

Car son fils fier et brutal
Traite horriblement mal
La race américaine.
Vers pompeux
Deux à deux
Il débite ;
D'ailleurs tout manque au sujet,
Clarté, vraisemblance et
Conduite.

Tendre Alzire, tu deplores
Ton triste hymen, quand Zamore
Sort d'un trou ;
Mais par où,
On l'ignore.
Mis au cachot, il arma,
Dans les bois mille ma—
-tamores !

En amour,
C'est un tour
Trop précoce,
Qu'aller loin de son époux
Courir le guille doux
La nuit même des noces.
Mal en prend
À Gusman
Qui, pour preuve
De foi chrétienne, en sa fin,
Lègue à son assassin
Sa veuve!

No anno de 1741, obteve um grande exito na feira de Saint-Germain, uma opera comica de M. Favart, intitulada *La Chercheuse d'esprit*. Não era uma estreia do auctor, porque já precedentemente havia feito representar muitas outras.

Favart tinha apenas quinze annos, quando imprimiu a sua primeira obra dramatica.

A *Chercheuse d'esprit*, era uma composição cheia de graça, de naturalidade e de talento, conseguindo por isso Favart uma reputação invejavel, como o prova a seguinte quadra, que por essa épocha andava de bocca em bocca:

Il est un auteur en crédit
Qui dans tous les temps saura plaire ;
Il fit la Chercheuse d'esprit
Et n'en chercha point pour la faire.

O merecimento d'esta opera comica bastaria por certo para justificar a voga que obteve. No emtanto, uma scena que se deu por detraz do theatro, durante uma das representações, levou a todos os salões e até aos gabinetes mais intimos de Versailles a fama da *Chercheuse d'esprit*.

As principaes scenas da peça foram parodiadas, apenas appareceu, por um homem de imaginação, pertencente ao grande mundo, que não poupava a malicia nas suas coplas, e que para tornar a sua critica muito mais picante a fez recahir sobre todas as actrizes que tomavam parte na representação.

As actrizes, porém, indignadas com aquella liberdade poetica de um rimador, que a respeito de muitas d'ellas era um verdadeiro ingrato, reuniram-se um dia a fim de meditar e preparar uma vingança, pelo menos egual á injuria recebida. Aquella que, por unanimidade, se collocara á frente da conspiração, inteirada de tudo quanto havia de fazer-se, mandou seguir os passos do inimigo, que não deixou de ir ao theatro como costumava.

Uma noite, informada de que estava na plateia, foi sentar-se a seu lado, e começando a fallar-lhe das suas canções, cobriu-o de elogios, a respeito da graciosissima parodia:

—«Não fui muito bem tractada n'esses versos, mas em todo o caso, eu não sou de reservas. Demais a mais, gosto da pilheria, principalmente quando ella se apresenta, como na sua parodia, tão scintillante de graça. Algumas das minhas collegas enfadaram-se, e tenho-me divertido immenso a cantar-lhe as suas coplas, para as vêr rabiar! Queria pedir-lhe um obsequio, e era escrever-me algumas das coplas, por que não as sei todas, e desejo fazer enraivar as minhas collegas, cantando-lhas de vez em quando. Acceita? É um momento. Mesmo alli no meu camarim póde escrever as que me faltam!...»

O poeta suppoz que ia passar um bom quarto de hora no camarim da actriz e seguiu-a de bom grado, sem suspeitar do laço que a perfida lhe estava armando.

Chegou ao camarim, e perdeu algum tanto o sangue-frio, quando viu todas as actrizes alli reunidas. Apparentando, porém, um completa tranquillidade, pediu uma penna para copiar as coplas.

—«Temos aqui muitas!» exclamaram as actrizes, tirando de um armario uma grande porção de varas de marmelleiro.

—«Olá! Temos brincadeira, minhas senhoras?» perguntou elle, começando a sontir-se mal disposto.

—«Engana-se, senhor poeta, não estamos dispostas a brincar. O caso é mais serio do que pensa!»

—«Ora vamos, dê-me a penna para escrever o que me pediu, porque tenho pressa.»

—«Nós é que vamos escrever!»

—«Aonde?»

—«Em pergaminho.»

—«Não percebo!...»

—«Vae perceber não tarda nada. Deite os calções a baixo!»

—«O que! Na sua presença, minhas senhoras?»

—«Sim, senhor, não tem duvida!»

—«Confesso que para muitas das senhoras aqui presentes não offereceria novidade o que pudesse apparecer, se comprisse as suas ordens; em todo o caso...»

—«E' possivel, disse a que presidia á conspiração, mas hoje e differente o que lhe ordenamos...»

—«Differente?!...»

—«Completamente differente!»

—«Oh, minhas senhoras! Expliquem-se por quem são!...»

—«Nada mais facil. Se algumas das que estão aqui presentes tiveram a fraqueza de vêr já o seu polo Norte, hoje tracta-se do polo opposto!»

—«Não posso adivinhar de que se tracta, minha senhora, apesar da sua amavel explicação.»

—«Pois o senhor não vê as pennas?»

—«O que! Pois essas varas...»

—«São as pennas, e agora é preciso que o senhor nos forneça o papel!»

—«Nunca!» exclamou o pobre auctor indignado.

—«Como! Recusa!?...»

—«Absolutamente!»

—«Não importa. Cortar-lhe-hemos os calções com estas tesouras, succeda o que succeder!...»

—«Oh! mas isto é uma brincadeira, não é verdade?» disse o poeta que já não tinha vontade de rir.

—«Engana-se, senhor, aqui ninguem está disposto a brincar!...» disse uma das damas offendidas.

—«N'esse caso, o que me querem?»

—«Castigal-o, pelo seu atrevimento e pela sua má lingua! E se se demora um momento que seja...»

E dez pares de tesouras, apparecendo n'aquelle momento nas mãos das bellas, completaram o sentido da phrase.

—«Ora basta de palavreado, que o tempo urge!» disse uma bonita rapariga de olhos negros, que costumava fazer as creadas das peças.

E atirando-se ao pobre poeta, fel-o cahir sobre o camapé. Em menos de um minuto o auctor foi despojado dos calções, que defendiam o cubiçado *pergaminho* contra o indomavel furor das sitiantes.

—«Minhas amigas, mãos á obra!» disse a directora.

—«E cheguemos-lhe duro!» disse outra.

—«Sim, sim! Demos-lhe uma boa sova, para que se lembre toda a vida!...» disseram todas a uma voz.

E uma terrivel fustigação cahiu sobre a *parte mais redonda* do infeliz poeta.

—«Perdão, perdão, minhas senhoras! Piedade!» exclamava elle com voz despedaçadora.

—«Não, não! respondiam ellas. É justo que cada uma de nós escreva tambem uma satyra contra estes poetas de má lingua!»

—«E com tinta encarnada!» accrescentou outra, emquanto as varadas choviam abundantemente sobre o desgraçado.

Quando se cançaram de bater, as actrizes disseram ao poeta:

—«Póde levantar-se!»

Elle obedeceu com bastante difficuldade.

—«Agora vá fazer algumas coplas a respeito d'esta aventura!»

E expulsaram-no do camarim.

O pobre poeta encontrou-se no corredor com os calções na mão, mas esperava-o nova vergonha. Uma grande multidão alliciada pelas actrizes esperava o desgraçado á porta do theatro, e ao vêl-o apparecer recebeu-o com apupos e assobios, acompanhando-o assim até casa.

Tão envergonhado ficou o pobre poeta dos resultados da sua catastrophe, que, não se atrevendo mais a apparecer em publico, partiu trez dias depois para as colonias, d'onde não voltou mais.

A guerra de epigrammas, os combates entre facções musicaes e as doces hostilidades do toucador eram os unicos assumptos de que então se occupava a côrte.

Entre as aventuras d'esta ultima classe, a intriga de Madame de la Popelinière com o duque de Richelieu fez grande ruido.

O veterano dos *roués,* sempre joven, apesar dos seus 52 annos, sempre libertino, ao menos na imaginação, foi um dia dizer áquella formosa e opulenta dama que el-rei estava namorado d'ella.

—«O duque tem a certeza do que affirma?» perguntou-lhe ella cheia de rubor e de alegria.

—«Minha senhora, digo a verdade, respondeu solemnemente o duque. Os seus grandes olhos negros, as suas espessas sobrancelhas, os seus labios que elle chama os travesseiros da voluptuosidade, e sobre tudo essas fórmas robustas encantaram sua magestade!...»

—«El-rei tem immensa bondade!...» exclamou Madame de la Popelinière, que era filha de um contractador de gado.

—«Effectivamente o rei tem muita bondade, e mais ainda: deseja provar-lh'a...»

—«De que maneira, senhor duque?» perguntou a dama, soltando uma grosseira gargalhada.

—«De que maneira?! Como um homem amavel costuma proval-a a uma mulher encantadora!»

—«Começo a comprehender!»

—«Ora ainda bem!»

—«Mas, senhor duque, eu tenho os meus principios, e demais a mais, o senhor de la Popelinière diz-me todos os dias que na côrte uma mulher bem nascida não deve dar nunca motivo para que se falle n'ella!»

—«Seu marido, minha senhora, permitta-me que lhe diga isto, não entende absolutamente nada dos usos d'este paiz...»

—«Como!»

—«Pensa exactamente como pensam os homens vulgares, porque não passa de um ente vulgarissimo!...»

—«Mas, senhor duque!...»

—«Veja as damas da mais alta gerarchia!»

—«Quer talvez que as imite?»

— «Certamente. De resto, não se tracta de dar que fallar, tracta-se apenas de obras, realisadas com todo o mysterio, entende-se!...»

— «Senhor duque, sabe o que lhe digo?...»

— «Diga, minha senhora, diga sem receio!...»

— «Eu, se el-rei fosse bastante amavel para...»

— «Percebo perfeitamente, minha senhora. Como subdita leal, a senhora antecipar-se-hia aos desejos de sua magestade...»

— «De certo, senhor duque.»

— «Não esperava menos da senhora. Agora devo dizer-lhe tudo.»

— «Como tudo?!...»

— «El-rei não dá o seu coração, senão depois de certos preliminares, percebe?...»

— «Não, de certo!...»

— «El-rei quer primeiro certas provas...»

— «Provas?»

— «Sim, minha senhora, mas com o maior segredo.»

— «Mas que fim têem essas provas?»

— «Vae comprehender, minha senhora. Sua magestade tem encontrado por esse mundo muitos olhos negros, muitas sobrancelhas espessas, muitos labios vermelhos e muitos seios de admiraveis proporções.»

— «Ora essa!»

— «É verdade, minha senhora, pois apesar de tudo isto, não póde imaginar quantas decepções estas apparencias muitas vezes encobrem!...»

— «Senhor duque, não poderia poupar-me esses pormenores?...»

— «Não, minha senhora, são indispensaveis, absolutamente indispensaveis...»

— «Mas eu...»

— «Vou concluir, minha senhora, sua magestade, não desejando tornar a ser enganado n'este ponto, nomeou para esse fim um examinador.»

— «Um examinador!...»

— «Sim, um examinador, extremamente conhecedor d'esta especie de mercadorias!...»

— «E quem é?...»

— «Pois não adivinha?...»

— «O que! Será o senhor duque?...»

— «Effectivamente, sou eu, minha senhora! El-rei foi sempre tão indulgente para commigo, que esta escolha é uma nova prova do favor real.»

— «Senhor!»

— «Não se offenda, minha senhora! El-rei quiz que o examinador desse algumas garantias de bom gosto, quiz que não fosse facil em deixar-se deslumbrar, e eu sou muito escrupuloso!...»

— «Ah! senhor duque, pelo que vejo continúa ainda a ser a mesma cabeça doida!...»

— «Oh minha senhora, procuro apenas conservar a minha reputação!...»

— «Ah! libertino!...»

—«Vamos, minha senhora, o que responde á minha proposta ?...»

—«Que quer que responda, senhor duque, a uma proposta tão inesperada?»

—«E' muito simples, minha senhora. Ou quer, ou não quer, e no primeiro caso desejava saber, quando se verificaria a primeira sessão!...

—«Tanta pressa, duque! Deixe-me pensar, reflectir!...»

—«Não ponho obstaculos, minha senhora, lembro apenas que o tempo urge, e que ha muitas mulheres na lista. A senhora é actualmente a primeira no pensamento de el-rei!...»

—«Oh! senhor duque!...»

—«Talvez dentro de oito dias mude este vento favoravel para outro quadrante...»

—«Olá!...»

—«Parece-me que o mais seguro é aproveitar o ensejo, minha senhora!...»

—«Olhe, n'esse caso, duque, principiemos já esta noite...»

—«É o melhor. A que horas?...»

—«Da meia noite para a uma.»

—«Onde?»

—«Em minha casa.»

—«Muito bem!»

—«Olhe, senhor duque, será melhor n'outro sitio, porque poderiam surprehender-nos...»

—«A senhora é a pessoa mais competente para escolher o theatro das nossas sessões experimentaes...»

—«O melhor é ao fundo do jardim no pavilhão chinez.»

—«E póde-se fallar... commodamente n'esse pavilhão?...»

—«É demasiado curioso, senhor examinador!...»

—«Minha senhora, bem vê que tenho de dar uma informação consciencioza de tudo quanto se passar...»

—«Até logo. Não falte!»

—«Póde estar descançada, minha senhora, não faltarei!...»

É muito provavel que n'essa mesma noite Richelieu fosse mais curioso do que Madame de la Popelinière pensava, porque se combinou n'aquella primeira entrevista que para *defender a sua these* mais commodamente, a dama receberia d'ahi ávante o duque na sua alcova. Mas, como o libertino fidalgo alli não podesse entrar pelos meios ordinarios sem ser visto, alugou n'uma casa visinha um quarto, que só estava separado do da dama por um delgado tabique.

Um habil pedreiro fez n'esse quarto alugado pelo duque uma abertura que communicava com a chaminé do quarto da complacente dama, abertura perfeitamente disfarçada pela prancha de ferro d'essa chaminé.

Não sabemos precisamente quanto tempo duraram as provas de Madame de la Popelinière, o que é certo é que a dama não se enfadava d'ellas. De vezes em quando, perguntava ao duque se estava sufficientemente examinada, e

quando passaria a ser propriedade d'el-rei, sem que estas perguntas impedissem a continuação do minucioso exame do duque.

Richelieu assegurava á examinanda que a prancha de ferro da chaminé não tardaria a dar passagem a Luiz XV, que viria precipitar-se nos seus braços, ardendo em desejos, e que desde esse dia, ella ficaria pertencendo ás *sacerdotisas dos gabinetes secretos*. Satisfeita com esta resposta, Madame de la Popelinière continuava a prostituir-se, a titulo de ensaio, e se um dos actores começava a cançar-se, não era ella com toda a certeza.

Diz-se que não ha heroe para o seu creado de quarto; e é tambem uma verdade incontestavel que não póde haver nos costumes secretos de uma mulher bonita mysterio algum para a sua creada.

A de Madame de la Popelinière conheceu bem depressa o segredo da porta occulta na chaminé, e as visitas do Adonis. Um dia, descontente com a ama, divulgou o segredo. Popelinière, o marido ludibriado, deixara-se havia seis mezes apanhar nas redes de uma dansarina da Opera, e procurava um pretexto para se livrar de sua mulher. Por isso, ficou encantado ao encontrar um tão estrondoso, e tractou logo de espalhar o boato, explicando o mecanismo da chaminé, de maneira que não houve em Paris quem não soubesse d'aquella conquista do incorregivel Richelieu.

O acontecimento andava de bocca em bocca, e assim chegou ao conhecimento da Pompadour. A marqueza quiz ser a primeira a contal-o a el-rei, que precisamente n'esse momento entrava na sua alcova.

Preparava-se para encetar a sua picaresca narração, quando vê entrar o protogonista.

— «Sire, disse ella ao monarcha, está na presença de vossa magestade o homem mais habil da Europa para occultar intrigas amorosas.»

— «Porque, marqueza?»

— «Imagine, *sire*, o duque para guardar o segredo das damas que deseja dar a conhecer a vossa magestade, chega a passar pelos canos das chaminés.»

— «Que enigma é esse, marqueza?»

Madame de Pompadour contou então a el-rei a aventura, e sua magestade desatou a rir. A marqueza imitou-o, e o duque fez côro com elles.

— «Demonio, duque! És extremamente zeloso pelos meus prazeres!»

— «De certo, *sire!*»

— «Mas, dize a verdade. Tinhas realmente tenção de me proporcionar os favores d'essa dama?»

— «Tel-o-hia feito, *sire,* quando vossa magestade manifestasse desejo de voltar novamente ao regimen de manjares substanciaes!...»

— «Agradeço-te a intenção, mas fica sabendo, que por muita confiança que tivesse em ti, nunca te teria encarregado de similhante commissão.»

— «*Sire*, d'esta vez, como de tantas outras, disse o duque maliciosamente, olhando de soslaio para a Pompadour, tive de mim para mim que ha ordens que um subdito fiel nunca deve esperar que lhe dêem!...»

O epigramma era acerado, e Madame de Pompadour deixou de rir. Pre-

textando ter de arranjar alguma cousa no vestido, aproveitou-se do ensejo para baixar os olhos.

....

....

Tornamos a occupar-nos de Madame de Boufflers.

Desde a morte de seu marido, succedida em 1747 nos muros de Genova, esta insaciavel bacchante, de quem fallámos tanto n'outro logar, apesar de já ter completado 45 annos, continuava a pedir voluptuosidades a todos os homens. Quando residia nas suas propriedades, como não tivesse muito por onde escolher, chamava para apagar os desejos todo o pessoal do seu serviço, desde o mordomo até ao ultimo dos palafreneiros.

Passando, segundo o seu capricho, do mordomo ao cosinheiro, do cosinheiro aos moços da estrebaria, dos creados de quarto aos porteiros, esperava resignada a estação que lhe permittisse em Paris maior variedade nos seus caprichos. Apesar d'isto, esta dama, na sua viuvez, não encontrava toda a verdadeira felicidade na satisfacção dos seus sentidos avidos de prazer. Desejava conservar uma especie de grandeza, apesar de fazer tão mau uso d'ella.

Um dia dirigiu-se a casa do duque de Luxemburgo, que, como sabemos, era seu amante declarado havia muito tempo.

— «Duque, disse-lhe ella abruptamente é preciso que nos casemos!...»

— «O quê! Não percebo o que quer dizer, minha querida!...»

— «Quero que nos casemos, repito!»

— «E que necessidade temos d'isso, vivendo como vivemos?...»

— «Ora essa! Havia de ser divertida a vida que passo, se me contentasse com as velleidades do seu amor!...»

— Mas a duqueza tem sabido encontrar, quando lhe parece, um bom numero de supplementos!...»

— «Sabe, duque? N'estes ultimos tempos tenho pensado muito, e julgo chegada a hora de arranjar uma especie de atmosphera de consideração e seriedade, que até agora me tem faltado. Preciso até de apparentar uma especie de religião!...»

— «Religião, duqueza?!...»

— «Sim, d'essa religião da moda, que consiste em ter na egreja matriz uma cadeira dourada, um precioso genuflexorio, almofadas com franjas de ouro, etc., etc.»

—«Comprehendo...»

—«Quero mandar a todas as procissões trez ou quatro lacaios, levando cirios com brazões dourados, mas para fazer isto, é preciso ter tambem alguma cousa que se pareça com uma vida conjugal, e gosto do seu posto de general dos exercitos do rei.»

—«Comprehendo...»

—«Bem. Quando assignaremos o contracto?»

—«Mas, duqueza!...»

—«Esta noite virei com o tabellião; não falte, meu querido duque-general!...»

O duque não replicou. Oito dias depois, a viuva do virtuoso Boufflers tinha o bello titulo de duqueza de Luxemburgo, nome a que o homem mais nullo da côrte devia um dos primeiros postos do exercito francez. Uma bella cousa a honra hereditaria das familias, não acham?!...

No dia seguinte ao da boda, a illustre bacchante voltou ao seu modo de vida habitual.

Uma noite, o senhor de la Vaupalière, velho libertino, que já não podia gosar a galanteria senão com os olhos, convidara o marechal e sua esposa para uma ceia. Os convivas eram numerosos, e muito bem escolhidos, em homens, entende-se, porque o amphitrião não esquecera que a duqueza não gostava da sociedade das mulheres.

A duqueza, esquecendo de todo que, para obter a consideração que desejava, a primeira condição era a prudencia e o sangue frio, bebeu immoderadamente como tinha por uso e costume. Como tinha o vinho muito terno e sentimental, não tardou a namorar-se perdidamente do senhor de Frise, seu visinho.

Depois da ceia houve quem apresentasse o alvitre de dar uma volta pelos *boulevards*. Todos applaudiram, e Madame de Luxemburgo agarrou-se logo ao braço do seu novo amante, o que lhe proporcionou o ensejo de se entenderem.

Por essa occasião, os *Fantoches*, ou *Fantoccini* italianos acabavam de estabelecer-se em Paris. Os convivas foram assistir áquelle espectaculo infantil, de que todos gostaram muito. A duqueza, porém, tinha muito mais que fazer. Apenas se sentaram, começou a acariciar o senhor de Frise de uma maneira tão significativa, que bem depressa a attenção dos espectadores teve de se dividir entre os *Fantoches* e aquelle amoroso par. D'ahi a pouco, as caricias dos dois amantes chegaram a ponto de todos os que estavam no theatro esquecerem os *Fantoches*, para não olharem senão para elles.

O duque de Luxemburgo levantou-se e foi prevenir sua mulher de que estava sendo o alvo de todos os olhares.

Este aviso conjugal bastou para fazer cessar as manobras da *generala*, mais activa na sua pantomima galante, do que nunca o havia sido o marido no assalto de uma praça forte.

O senhor de Frise foi para logo esquecido.

Mais tarde a duqueza deu outro espectaculo n'uma ceia em Saint-Cloud, offerecida pelo duque d'Orleans, a proposito do parto da princeza sua mulher.

A *generala* esteve toda noite a olhar para um pagem, que era effectivamente muito galante.

Quando todos se levantaram da meza, Madame de Luxemburgo foi procurar o pagem, encontrou-o, e levou o esquecimento das conveniencias ao ponto de desapparecer com elle. Mas ninguem se importou com esta desapparição da bacchante, por isso que todos sabiam que a duqueza, uma vez exaltava pelo vinho, não se detinha em nenhuma empreza sem haver conseguido o seu fim.

Para terminar dignamente aquella noite, a duqueza de Luxemburgo permaneceu no gabinete chamado dos *Goulottes* com o duque d'Orleans, o conde

de Croix e o barão de Bezenval, aos quaes desafiou a beber licores até de madrugada.

Ás seis da manhã, quando os convivas nocturnos tractaram de retirar-se, foi preciso um lacaio para levar nos braços a duqueza para a cama, que se lhe havia preparado no palacio.

Era assim que a duqueza de Luxembargo se tornava digna da consideração social que tanto desejava!

....

....

El-rei não sentia somente por Madame de Pompadour esse amor sensual, que apoz alguns momentos de prazer, se transforma em frieza e indifferença. Amava-a verdadeiramente, e a favorita teve numerosas provas d'este amor por occasião de uma enfermidade que a prostrou durante muitos dias no leito. Visitava-a oito ou dez vezes por dia, e podia calcular-se o estado da favorita pela tristeza ou alegria do rei. Os medicos Senac e Quesnay, que tractavam da doente, apresentavam diariamente boletins a sua magestade. Póde dizer-se que á sollicitude d'el-rei deveu a marqueza o seu rapido restabelecimento.

No emtanto, a Pompadour ficou depois d'esta doença com um incommodo tanto mais desagradavel, quanto é certo que n'uma mulher de costumes bastante reprehensiveis o publico malicioso está sempre disposto a attribuil-o á incontinencia.

Na côrte é sempre difficil haver segredos. Não tardou, portanto, a divulgar-se esta enfermidade da favorita, apesar de todo o cuidado por ella empregado para a occultar.

O conde de Maurepas, que não gostava d'ella, distinguiu-se logo entre a turba dos que riam á sua custa. A marqueza não ignorava as chufas e troças de que todos os dias a tornava alvo aquelle ministro. Mas o rei precisava do conde, e por isso a Pompadour aguardava anciosamente o ensejo de o desacreditar aos olhos do seu amante.

A desejada occasião chegou em fim. Era em Marly. Ao sentar-se á meza, a Pompadour encontrou debaixo do seu guardanapo um papel em que estavam escriptos quatro versos.

Aqui os damos, como um documento historico:

> *La marquise a bien des appas,*
> *Ses traits sont vifs, ses graces franches,*
> *Et des fleurs naissent sous ces pas...*
> *Mais, helas! ce sont des fleurs blanches!*

«A marqueza tem muitos attractivos, feições vivas, graças naturaes, e as flores nascem-lhe debaixo dos pés, mas, ai! são *flores brancas!...*»

Como póde calcular-se, o epigramma não estava assignado, mas a favorita havia muito que andava em procura da occasião de perder o seu inimigo Maurepas. Elle fazia versos, portanto aquella quadra devia ser obra sua. Leu-a ao reï.

Mas Luiz XV não se indignou, o monarcha ficara silencioso, e a sua co-

lera não fizera explosão contra o poeta audaz e insolente. Nos seus labios desenhara-se até uma especie de sorriso, que parecia querer dizer:

— «Afinal de contas, elle tem razão!»

Limitou-se a favorita, cheia de despeito por aquella indifferença do seu amante, a escrever uma carta ameaçadora ao conde, esperando que elle viesse contricto e arrependido, ajoelhar-lhe aos pés para lhe pedir perdão.

Maurepas era, porém, muito orgulhoso para proceder em harmonia com os desejos da marqueza. Ao contrario do que ella esperava, zombou da sua carta, que lhe foi entregue na occasião em que ceiava alegremente com os seus amigos.

— «Senhores, disse elle, bebamos á saude de um novo ministro da marinha! Estou prestes a cahir em desgraça, a Pompadour ameaça-me! Vejam em que miseravel bordel se transformou o palacio de Versailles! Até as prostitutas n'elle imperam!»

Estas palavras, como era de suppor, foram repetidas á marqueza, que foi logo, afogada em pranto, pedir a el-rei licença para se retirar da côrte, onde impunemente a insultavam.

A palavra *impunemente* fez mais effeito no animo d'el-rei que todas as queixas anteriores. Este adverbio affectou rudemente o orgulho do monarcha, e a desgraça do conde foi logo alli resolvida. Effectivamente, valia muito mais demittir um homem de estado util, embora não houvesse ninguem para o substituir, do que deixar impune uma quadra epigrammatica arremessada contra uma corteză!...

Satisfeita esta imperiosa necessidade, foi necessario pensar no successor de Maurepas. Havia trinta annos que este homem de estado dirigia a pasta da marinha, e era difficil encontrar quem o egualasse em experiencia na administração d'aquella repartição do estado. Maurepas foi substituido pelo senhor de Rouillé, e obrigado ainda a sahir immediatamente da côrte.

Depois da demissão do senhor de Maurepas, o marquez assistia um dia ao almoço d'el-rei, e conversando com alguns fidalgos, disse:

—«Maurepas fazia muito bem em trazer sempre comsigo o barrete de dormir, quando era ministro. Um cortezão nunca sabe onde dormirá, e um ministro ainda menos!»

El-rei não gostou do gracejo, e disse ao marquez:

—«Em que dia tenciona partir para as suas propriedades?»

—«Amanhã, *sire!*» respondeu elle com altivez.

E cumpriu a sua palavra. De maneira que a colera da Pompadour fez ainda desterrar mais este cortezão.

Alludimos já por varias vezes ás complacencias vergonhosas que a Pompadour tinha com el-rei. Vamos dar mais alguns pormenores a este respeito.

Ella costumava dizer muitas vezes com os seus botões:

—«Não me importa que el-rei gose quanto quizer. Tanto melhor, porque menos trabalho tenho. O essencial é que não tenha caprichos obstinados, nem amantes declaradas!...»

Seguindo este systema, a marqueza não consentia que Luiz XV escolhes-

se fóra do circulo galante por ella propria traçado; quer dizer, era ella quem escolhia pessoalmente as mulheres que el-rei devia gosar, era ella até quem as andava sempre a procurar.

No emtanto, apesar de tantas precauções, sua magestade fazia ás vezes excursões fóra d'esta esphera de voluptuosidades.

Já vimos como Luiz XV chegou a estar verdadeiramente apaixonado pela condessa d'Estrades, cuja ultima aventura, que tanto influiu no coração do monarcha, referimos n'outro logar. Mas houve mais ainda.

Um dia appareceu na côrte uma marquezinha, de olhos atrevidos e de modos voluptuosos, cujo todo parecia annunciar *urbi et orbi*:

—«Quem me deseja? Quem me quer? Eis-me aqui!...»

A condessa encontrou aquella estouvada por occasião de uma viagem que fez a Marly, e procurou tirar partido d'ella. Para esse fim, escondeu-a n'um pavilhão rustico, onde el-rei ia todas as manhãs, e recommendou-lhe que arranjasse uma posição bem lasciva, bem tentadora, para quando el-rei entrasse. Além d'isso aconselhou-a a não se render sem obter promessas bem claras, de maneira que podesse chegar a ser a favorita.

El-rei entrou, e prometteu tudo quanto lhe pediu aquella formosissima Galathêa, que tambem não se mostrou difficil, e tudo estava a ponto de arranjar-se, quando se ouviu o rumor de vozes por detraz do pavilhão. O galan coroado fugiu por entre a folhagem, dizendo em voz baixa, mas muito apaixonada, á sua Galathêa:

—«Até ámanhã!...»

No dia seguinte, o marido informado da aventura por um creado, fechou sua mulher em casa, decidido a conduzil-a immediatamente a Paris.

A marquezinha, porém, não gostava de deixar as cousas por concluir, e tinha travado n'uma das anteriores viagens intimas relações com um gentil pagem, que a foi libertar do seu captiveiro.

O libertador trabalhava com todas as suas forças por acabar a obra d'el-rei, n'uma rua sombria, quando o embaixador de Hespanha, sahindo de casa, precedido de dois lacaios com archotes, interrompeu pela segunda vez no mesmo dia a doce obra começada pela pobre marquezinha. Era um dia aziago aquelle!

A aventura foi contada a el-rei pelo fidalgo castelhano, e sua magestade preferiu deixar incompleto o seu trabalho d'aquella manhã, a ter de entrar em aberta rivalidade com um dos seus pagens.

A condessa ficou consternadissima, ao ver desmoronar-se uma intriga, que ainda quando não tivesse durado mais de trez dias, desesperaria para sempre a Pompadour.

— «Contraria-me tanto isto! disse ella ao marquez d'Argenson. Agora já não posso dispor de outra pessoa! Que hei de fazer?

—«Invente, condessa, invente!»

— «E se eu propria me apresentasse a el-rei!...»

— «E porque não!» replicou fleugmaticamente o ex-ministro.

—«Confesso, senhor marquez, disse a condessa com azedume, que não esperava da sua parte similhante abnegação!...»

— «Creança! Pois tem a velleidade de se estimular com as minhas palavras!...»

— «E porque não?»

— «Não vê como a marqueza é a primeira a dar-nos o exemplo? Não é ella sempre a primeira a procurar para el-rei outros braços amantes, além dos seus?»

— «Isso é verdade!...»

— «Pois então compare!...»

— «Em todo o caso, marquez, não seria eu quem mais perderia, seguindo o seu alvitre. El-rei é um perfeito homem!...»

— «Aposto que está morrendo por fazer a conquista de sua magestade!...»

— «Morrendo não é verdadeiramente o termo; e demais a mais, se tentasse conquistal-o, seria apenas para seguir as suas indicações, meu caro!»

— «Oh! obrigado, condessa, obrigado!»

— «Porque me dá tantos agradecimentos, senhor?»

— «Por a ver tão disposta a favor de el-rei, sómente por minha causa!»

— «O senhor é um perfido! Sabe?! Estão-me dando tentações de encetar a empreza!...»

— «Ás mil maravilhas, condessa!...»

— «Mas olhe que se consigo cantar victoria, tanto peior para si, monstro!...»

— «Minha querida amiga, eu sou muito bom patriota, para não collocar o interesse da cousa publica, acima de qualquer despeito mesquinho!...»

— «Não comprehendo lá muito bem as suas palavras...»

— «Eu sacrifico a el-rei de bom grado uma parte do encanto que a condessa desprende de si, porque me lembro que similhante sacrificio vae redundar em bem do estado!...»

— «Pois seja!...»

— «Os meus parabens, condessa!...»

— «Começarei a trabalhar desde esta noite, se me fôr possivel, no serviço, como o marquez diz, da cousa publica!...»

Póde imaginar-se um dialogo mais cynico?

Poderiam encontrar-se phrases que melhor descrevessem a corrupção da côrte, e o rebaixamento dos caracteres, e isto nos proprios representantes da primeira nobreza do reino?»

Vejamos agora o que fez a condessa. Narremos uma das suas escandalosas aventuras, cujo resultado foi, ainda assim, tão infeliz como o de todas as outras.

Rarissimas vezes deixava el-rei nas suas viagens a Choisy, de dar depois do jantar um passeio n'uma das suas gondolas de recreio pelo canal, e nunca a Pompadour, cujas digestões eram laboriosas, seguia sua magestade nas suas diversões nauticas.

A condessa, notando que o monarcha estava um pouco alegre quando embarcou, metteu-se na gondola real, e começou a seduzil-o durante a travessia. Era noite quando el-rei desembarcou, e Luiz XV, completamente toldado

pelo vinho, não sabia o que fazia... Abraçava a condessa, sem o menor constrangimento diante de todo o seu sequito, de ha muito habituado áquellas scenas.

—«*Sire,* disse-lhe ella, conduzindo-o a um bonito kiosque, meio escondido entre as arvores, ao menos entremos aqui!...»

E el-rei entrou, sem se fazer rogar!...

Passado algum tempo, a condessa sahia, radiante de prazer, e, depois de ter acompanhado Luiz XV até á porta do palacio, recolheu a casa.

Aquella noite foi para ella de uma felicidade suprema. Teve sonhos embriagadores. Via toda a côrte a seus pés, demittia o ministro Fulano, chamava para o seu logar Sicrano, rompia a alliança austriaca, renovava a alliança da Prussia, e punia severamente os membros mais pertinazes e obstinados da opposição do parlamento.

Amanheceu alfim, depois d'esta noite de doces illusões. A condessa correu logo ao jardim, onde esperava encontrar el-rei. Luiz XV lá estava com effeito, e ao vel-o, o coração da ambiciosa condessa pulsou com desusada violencia.

—«A condessa por aqui! disse o monarcha ao vêl-a, manifestando-lhe a mais profunda indifferença. Não sabia que fazia parte da minha comitiva de Choisy!...»

—«Não sabia que eu fazia parte da comitiva de Choisy!...» murmurou ella consternada por aquella cruel decepção.

E affastou-se, chorando de raiva, levando a desesperação no intimo de alma!...

Não podia ter cahido de uma maneira mais brusca e deploravel. O reinado d'aquella infeliz aventureira durara apenas o tempo da embriaguez de el-rei. Dissipara-se como a espuma do Champagne, que lhe dera causa. A el-rei não restava já no espirito nem sequer a recordação do relampago de favor, que tão enebriantes sonhos de ambição havia proporcionado á amante do marquez d'Argenson!...

A condessa apressou-se a dizer ao marquez que nada pudéra conseguir, porque Luiz XV estava sem duvida prevenido contra ella pela favorita, e que portanto era mister renunciar ao projecto de seducção. D'este modo encobria o verdadeiro desenlace de uma aventura tão humilhante para ella. Preferia fazer crêr ao seu amante que não pudera lograr a consummação do sacrificio, a revelar que esse sacrificio se consummara, em pura perda para a ambição dos dois alliados e para o tal interesse da cousa publica!...

O principe de Lamballe, filho do duque Penthièvre, casou com uma princeza da casa de Saboya-Carignan. Quando entrou no mundo, era um principe singularmente noviço. O duque de Chartres encarregou-se da educação d'este moço ingenuo, e taes foram as lições do preceptor, que a virtude do seu discipulo diminuiu ao mesmo tempo que a sua instrucção augmentava. N'uma palavra, seis mezes depois, conhecia todos os antros de Paris, e raras vezes entrava no thalamo conjugal!...

O duque de Chartres chamava a este ultimo grau de corrupção a philosophia de um homem da moda.

Apesar de raras, as visitas que o principe fazia a sua mulher deixavam sempre a esta juvenil princeza, tão casta como bella, uma recordação picante. Mas bem depressa lhe chegaram aos ouvidos as infidelidades de sua mulher, e começou de entrar n'uma melancholia profunda.

D'ahi a pouco, soffria horrivelmente dos nervos, e a sciencia dos filhos de Hypocrates foi impotente contra a sua enfermidade.

As mulheres da côrte, que rodeavam a esposa afflicta, contaram-lhe maravilhas de um charlatão, chamado Pittara, conhecido por varias curas admiraveis de damas hystericas, por meio da applicação de emplastos sobre o umbigo. A duqueza de Mazarin assegurou á princeza que já ella propria fizera uso do tal especifico umbilical, e que se havia curado.

Pittara foi immediatamente mandado chamar, e entrou no palacio da princeza com ares triumphantes.

Mas grande foi a perplexidade da enferma, e os leitores vão saber porque. Madame de Lamballe era dotada de um pudor extremo, e o homem dos emplastos jurava e tornava a jurar que só elle podia applical-os na parte indicada. Apesar d'isso, a enferma não podia descobrir, como dizia Pittara, nem as *avenidas de cima,* nem os *arrabaldes de baixo.*

Todos quantos rodeavam a princeza sentiam a mesma perplexidade, porque ninguem se lembrara ainda de que ella poderia d'este modo recusar a cura. Todas as damas admiradoras dos emplastos não se haviam preoccupado com o processo de applicação. Haviam mostrado, como dizia Pittara, todas as *avenidas* e todos os *arrabaldes.*

Por fim uma camareira devota aplanou a difficuldade. Lembrou-se de fazer na camisa de sua alteza uma abertura algum tanto mais larga que o emplasto, e que permittisse a applicação d'elle, sem descobrir os encantos circumvisinhos. E d'este modo tudo se arranjou sem prejuizo do pudor. Madame de Lamballe ficou mais alliviada, ou pelo menos acreditou que o ficava com a applicação do emplasto!

As suaves emanações da caridade eram um perfume tão raro n'aquelle tempo, que era mister respiral-o soffregamente, quando apparecia, como as brisas dulcissimas de uma bella manhã de maio!...

Madame Bontemps, viuva do primeiro camarista d'el-rei, era uma d'essas mulheres de principios robustos, tão raras n'essa épocha. Um dia um joven enamorado fez-lhe uma declaração verdadeiramente extranha:

—«Minha senhora, escrevera-lhe elle. Offereço-lhe uma pensão de dois mil escudos, se quizer ir á Opera uma vez por semana, e tiver a amabilidade de dirigir do seu camarote um olhar, um unico olhar, para o ultimo banco da plateia, junto da orchestra. Estarei sempre alli, e contentar-me-hei com quatro olhares por mez. Certo de que lhe convirá esta proposta, envio-lhe adiantadamente o preço dos quatro primeiros olhares, n'uma nota de 500 escudos.»

Era irrecusavelmente um louco, a quem o amor fizera perder de todo o juizo!

Em vez de atirar a carta ao fogão e de enviar as quinhentas libras aos pobres da freguezia, Madame Bontemps foi logo levar ao chefe de policia o bilhete de declaração e o dinheiro. O magistrado mandou proceder a averiguações mas não poude descobrir ninguem. A nova Penelope cahiu completamente no ridiculo. Não se fallava de outra cousa na côrte, na cidade e nos campos, senão n'aquelles olhares a quinhentos escudos cada um.

Faut de la vertu, pas trop n'en faut.
L'excès en tout est un défaut.

Pobre virtude! Quantos perigos não corrias tu, n'aquella sociedade corrompida! Corroboremos esta these com outra anecdota:

O celebre philosopho Marmontel acceitou um convite para passar um dia no campo, em casa de uma dama, que se considerava muito honrada, recebendo em sua casa o illustre auctor de *Belizario*.

Depois dos primeiros cumprimentos, trocados entre o celebre escriptor e aquella senhora, a dona da casa pretextou ter de dar algumas ordens, e pediu a Marmontel que a dispensasse, e que entretanto, alli ficava sua filha, uma candida menina recentemente sahida do convento.

A mamã recommendou á menina que entretivesse o convidado, e que fizesse a diligencia para o distrahir com a sua conversação.

—«Conta-lhe o que aprendeste no convento, terminou sua mãe. Tu aprendeste bastante, e conversas muito bem!...»

A creança quiz cumprir a recommendação materna, e foi de uma amabilidade extrema, de uma amabilidade capaz de commover qualquer homem, por mais philosopho que fosse!

Ora, é de saber que a philosophia tem as suas fraquezas e os seus desvarios, e Marmontel desvairou-se, esqueceu a dignidade do seu caracter, a sua posição de hospede d'aquella casa, e foi atrevido!

Por fortuna, a mãe voltou a tempo de evitar um desenlace, que a candida menina seria muito capaz de julgar comprehendido no numero das attenções e delicadezas tão recommendadas pela auctora dos seus dias.

A boa senhora, ao entrar, desfez-se em desculpas por ter deixado o nosso philosopho tanto tempo só em companhia de sua filha.

—«Talvez se aborrecesse muito, sr. Marmontel!»

—«Oh! minha senhora! Juro-lhe que não!»

—«Não acredito. Esta menina é tão simples!»

—«Engana-se, minha senhora, sua filha é encantadora!...»

—«Ora! O sr. Marmontel é muito indulgente!»

—«Não, minha senhora, ella é graciosa como um anjo!»

—«Lisongeiro!»

—«Digo a verdade. Gosei até muito na companhia d'ella, durante a sua ausencia, póde acreditar.»

—«Eugenia, agradece ao senhor de Marmontel, as palavras amaveis que te dirige. Elle diz que gosou muito na tua companhia... é um exaggero, não achas, minha filha?...»

—«Oh mamã! Este senhor é muito exquisito! Sabe ao que elle chama gosar? É estar a apalpar-me as pernas por debaixo das saias, com umas mãos frias como gelo!»

A situação era difficil, devemos concordar. Não sabemos o que a boa senhora disse, depois de ouvir estas palavras de sua filha. O que podemos affirmar é que Marmontel não quiz ouvir cousa alguma, e que, sahindo a toda a pressa de casa, metteu-se n'uma carroagem e partiu a galope para Paris. Desde então, o philosopho fez um juramento solemne: não se tornar a fiar em meninas ingenuas.

Outras anecdotas ainda:

A Magdalena, prostituindo-se para pagar a um barqueiro, que lhe fizera passar um rio, não fazia mais do que conformar-se, um pouco levianamente, é certo, com as condições de um contracto bilateral. Mas Mademoiselle Guimard, bailarina da Opera, empregando n'uma acção caritativa o preço dos seus favores, parece-nos muito mais digna de elogio.

Contemos o caso:

A bailarina tinha uma entrevista com um bispo em certo bairro affastado. Como a qualidade do galan exigia bastante recato na aventura, a entrevista realisou-se n'uma casa pobrissima, e precisamente n'esse pobre tugurio o espectaculo da miseria encontrou-se frente a frente com o espectaculo da voluptuosidade. Uma familia inteira achava-se alli sem pão e sem lenha, no meio da estação mais rigorosa.

Do quarto que ficava por cima d'aquelle onde os amores se estavam deleitando, onde a Guimard tinha nos braços o reverendo e galan prelado, sahiam gritos de dôr e de desespero, queixumes despedaçadores, formando um triste contraste com as exclamações do amor sensual. Nas veias da Guimard, correu um calafrio de horror. A celebre bailarina acabava de receber dois mil escudos como preço da sua complacencia. Deixou partir só o bispo, subiu ao quarto da consternada familia, e as seis mil libras ficaram em cima da mesa. Oh caridade christã! Occulta para sempre a origem d'este dinheiro abençoado!

Mademoiselle Guimard não receiava que os seus thesouros se esgotassem. O marechal, principe de Soubise, tinha por sua conta esta musa da dança, e rodeava-lhe a existencia de todos os dons que o luxo, a sumptuosidade e a elegancia podem desejar.

A morada da bailarina rivalisava com a dos principes. Os seus trajos eram de um gosto delicado. Trez vezes por semana, a sociedade mais nobre e mais distincta ia *honrar-se* com os banquetes da cortezã.

Nas suas grandes reuniões, nos seus banquetes sumptuosos, a Guimard, pedindo inspirações á arte da pantomima, compunha o aspecto, dando-lhe um tom grave, desenvolvendo uma dignidade, que nem as proprias princezas costumavam ostentar.

Durante as suas orgias, a bailarina não era senão uma das graças com o cinto descido, uma bacchante que não se preoccupava de occultar encantos, que primeiro inflammavam os olhares e depois os desejos dos cortezãos, admittidos áquellas festas de libertinagem desenfreada. O desgraçado principe de Lamballe,

que morreu a 6 de maio de 1768, assistiu durante muito tempo áquellas bacchanaes. Como não havia o pobre principe de consummir a vida n'aquellas orgias!...

Cada um dos actores d'aquellas scenas nocturnas, jogador insaciavel de um elemento mais precioso que o ouro, dissipava alli a saude de um anno, emquanto que as nymphas, melhor dotadas pela natureza, não perdiam nem sequer as riquezas do presente.

O filho do duque de Penthièvre desceu ao tumulo, sem ter sentido na carne o frio do chumbo marcial, mas em compensação, as contas do seu boticario provam que sete libras de um metal analogo, o mercurio, lhe haviam circulado no nobre sangue.

Pobre principe! A morte para elle foi um grande beneficio. Não vivia senão para assistir á horrivel decomposição do corpo. Os ossos amollecidos das pernas não podiam sustel-o, a pelle estava coberta de pustulas horriveis, cahiam-lhe os cabellos e as unhas, não tinha senão restos infectos da sua bella dentadura. N'uma palavra, o demonio da luxuria desfizera-lhe o rosto seductor. Triste quadro! Funesta depravação!

....

....

Fallemos agora mais largamente da ultima amante de Luiz XV. Era uma bellissima rapariga a quem chamavam L'Ange, mas cujo verdadeiro nome era Mademoiselle Vaubernier.

Nunca se vira um rosto mais bonito. O nome celestial que lhe davam apresenta apenas uma debil idéa da belleza d'aquella ideal creatura!

Vivia em companhia do conde Dubarry, cavalheiro de industria, cujas intrigas tão alto deviam elevał-o na escala da fortuna, embora rastejasse no lodo de todas as infamias.

Toda a gente tinha pena de ver similhante thesouro nas mãos d'aquelle homem. Parecia uma rosa cahida n'um pantano!

Dubarry tinha casa de jogo, e de quando em quando, nos seus salões viam-se desapparecer formosas damas e amaveis cavalheiros. Os leitores comprehenderão perfeitamente a causa d'aquelles frequentes e numerosos eclipses.

O duque de Fitz-James namorou-se da Vaubernier, e ella entregou-se-lhe immediatamente. Poucos dias depois, el-rei viu a L'Ange, e ficou deslumbrado com aquella excepcional belleza. O duque de Lanzun, que segundo parece fôra amante da Vaubernier, indo despedir-se d'ella, disse-lhe:

—«Minha querida, se chegar algum dia a ser amante do rei, lembre-se que desejo commandar em chefe o exercito de sua magestade!...»

—«Parece-me pouco, disse ella, sorrindo com malicia; pelo menos primeiro ministro, quer?...»

Antes do duque ter sahido de Paris, já a Vaubernier se havia deitado no leito do monarcha.

A dizer a verdade, ninguem sabia a verdadeira origem de Mademoiselle Vaubernier. Aos quinze annos de edade já se havia prostituido. Um tal d'Au-

buisson foi o seu primeiro amante conhecido, que não tardou a abandonal-a. A este seguiu-se outro, e outro e outro, uma serie d'elles interminavel.

A Vaubernier era declaradamente mulher publica, quando o conde Dubarry, um gascão de Lovignac, perto de Tolosa, a aproveitou para servir de chamariz aos fidalgos que elle desejava attrahir á sua casa de jogo. Foi n'essa espelunca fidalga que a Vaubernier passou em revista uma multidão de mosqueteiros, de guardas de corpo, de abbades e de grandes e pequenos empregados dos ministerios.

Lebel, fornecedor dos caprichos de Luiz xv, como já dissémos, teve um dia desejos de conhecer esta mulher, cujo elogio lhe faziam constantemente. Submetteu-a ás provas, cujo exercicio havia muito tempo lhe abandonára o duque de Richelieu, e o *examinador* julgou-a um bocado digno do leito real. Não obstante, Richelieu, tendo-se reservado a parte menos honrosa das suas antigas funcções, quiz dirigir aquella intriga.

Para isso, mandou chamar o aspirante a sua casa. Alli certificou-se por uma rapida inspecção manual que as indicações de Lebel eram exactas, e confirmavam a escolha do creado de el-rei.

Foi, portanto, combinado n'aquelle *terceto* impuro que Mademoiselle de Vaubernier appareceria diante de Luiz xv com a sua experiencia de dez annos de carreira de prostituição e com o cynico desaforo da sua linguagem. El-rei ficou encantado com os attractivos d'aquella beldade, e com as delicias que ella lhe fez gosar. Enlouqueceu por ella, conversava a seu respeito a cada momento com os cortezãos. Toda a gente comprehendeu logo ao terceiro dia que *Cotillon* III se sentara definitivamente no throno.

Ninguem fallava de outra cousa. Todos commentavam a extravagancia d'aquelle favor concedido a uma mulher publica. O abbade de Cerutti dizia a proposito d'isto:

— «O caso não é para admirar. Conduziram-na áquella altura dois cegos de nascença, a fortuna e o amor!»

E depois, digam-nos: Não havia mais distancia da mulher de um poeta paralytico á gravidade de Luiz XIV, do que de uma filha de Venus ao bom humor de Luiz xv?

Os cortezãos foram-se habituando áquelle capricho real. Quantos não tinha tido o seu libidinoso amo!...

De mais a mais, a nova amante do voluptuoso monarcha era um verdadeiro primor da natureza. Para dar uma ideia, bem tenue ainda assim, de tão assombrosa formosura, é mister representar na mente uma figura do Albano, animada pela varinha de uma fada, que tivesse feito circular de repente a vida, por debaixo d'aquellas feições ideaes, nascidas do pincel do grande artista!

Mademoiselle Vaubernier era um modello admiravel e irreprehensivel. Em nenhuma outra mulher teria encontrado um artista cabellos mais bellos, de uma côr mais esplendida, uns olhos tão vivos, uma tez tão fina, de tão deslumbrante alvura, e ao mesmo tempo tão rosada. N'aquella encantadora physionomia havia seducções, mesmo nos mais extravagantes contrastes. Se fallava, por exemplo, e proferia palavras mais que vulgares, os labios de coral, entre-

abrindo-se para deixarem ver uma dupla enfiada de perolas, faziam esquecer para logo a rudeza e o plebeismo das expressões.

Nunca os discipulos de Praxiteles ou de Phidias tiveram occasião de contemplar, nas mais delicadas fórmas dos seus modellos, perfeições como aquellas. Quantas vezes para realisarem no marmore um seio esplendido têem elles de tomar para modello uns peitos defeituosos, ou um torso grosseiramente fabricado! Quantas vezes para reproduzir columnas de alabastro, tiveram de desviar os olhos com tedio de encantos de ha muito desfeitos! Quantas vezes para fabricarem uma perna modelada pelas graças e terminada por um pé infantil, o enthusiasmo do artista não teve de supplantar o horror que lhe inspiravam os musculos estirados pela libertinagem, as carnes lividas e as cicatrizes vergonhosas? Mas na favorita de Luiz XV a natureza soube vencer o vicio, conservando todos os thesouros de uma organisação privilegiada. Ella tinha uns braços rivaes dos de Cleopatra, umas pernas dignas das obras primas do cinzel da Grecia, e um todo capaz de incendiar um temperamento de neve!

Apenas no espirito do monarcha foi resolvido conceder o favoritismo a Mademoiselle Vaubernier, tractou-se de fazer esquecer de todo as lubricas recordações evocadas pelo seu nome, e tractou-se de lhe dar outro.

Para isso tiveram de a casar. O duque de Richelieu, o duque d'Aiguillon e Lebel foram encarregados de contractar o matrimonio da nova favorita com Dubarry. Não era precisamente o conde, mas sim um seu irmão, não menos aventureiro do que o conde, e que de bom grado se prestou a casar com a favorita com a condição expressa, de não cohabitar com ella, clausula, que foi sempre o *sine qua non* dos casamentos das amantes d'el-rei.

Assignou-se o contracto, os nubentes receberam a benção do arcebispo, e a muito nobre e muito alta condessa Dubarry appareceu na côrte, onde toda a gente lhe apresentou as suas homenagens, sem a menor recordação, pelo menos apparente, das suas loucuras passadas, da profissão abjecta que exercera, nem das alcovas suspeitas por onde andara saciando os desejos sensuaes dos seus numerosissimos frequentadores!

O favor d'el-rei chegava para encobrir todas estas repugnantes masellas!...

....

....

Contaremos agora um attentado tão atroz como original, porque o genio do mal tem tambem as suas originalidades.

A mulher do carrasco de Soissons era bonita, e nunca o amor, quando se tracta de mulheres bonitas, foi muito propenso a preoccupações. Por mais infame e odioso que fosse um carrasco, aos olhos de uma sociedade, tão infantil e dada a prejuizos n'este caso como em tantos outros, o certo é que o fiscal geral de Soissons, que era um espirito forte, sentia violentos desejos de gosar a companheira do executor das altas obras.

Facilmente se comprehende que, em virtude do seu cargo, o namorado fiscal podia obter numerosas occasiões de satisfazer os seus voluptuosos desejos, e não deixava de se aproveitar d'ellas. Mandava o marido incommodo cum-

prir os seus deveres legaes, enforcar, rodar e marcar com ferro candente, a varios pontos distantes, todas as vezes que d'isso havia necessidade, e o caso é que o fiscal fazia com que houvesse essa necessidade numerosas vezes. Nada mais commodo. Eis, porém, que um dia, ou para melhor dizer uma noite, o marido ciumento cae no domicilio conjugal como uma bomba. Entra, informado de que o fiscal estava na cama nos braços de sua mulher. O fogão estava acceso, a vingança não se fez esperar!

O carrasco vae aquecer um dos ferros dos supplicios, e d'ahi a pedaço, munido com esse ferro ignominioso, entra na alcova conjugal, e descobre docemente os adulteros, profundamente adormecidos, graças á doce fadiga, que lhes entorpecera os corpos exhaustos de prazeres culpados!

O atraiçoado marido ergue a mão e applica no hombro do galan a marca infamante que se applicava aos ladrões! Imagine-se a doçura d'aquelle despertar!

A justiça, apesar de reconhecer que o fiscal era um ladrão da honra matrimonial, não achou correcta a sentença do carrasco, e o vingador foi condemnado a açoites, a ser marcado e a ir por toda a vida para as galés.

Foi mais alguma coisa ainda do que a pena de Talião. Em todo o caso, se se tolerasse a jurisdicção dos maridos vingadores, o codigo penal seria de uma severidade extrema. Ainda assim, o fiscal tinha no hombro uma marca indelevel.

....

....

Voltemos novamente á Dubarry.

Depois que esta gentil aventureira tomou a direcção da côrte, foi como se uma fada a tivesse transformado com a sua varinha magica. Versailles e Fontainebleau transformaram-se n'uma verdadeira Sybaris. As ceias d'esta ultima residencia real eram deslumbrantes. Os convivas desterravam toda a especie de preoccupações. *Après moi le déluge!* dizia o amo voluptuoso, e todos seguiam esta philosophica exempção de cuidados.

A *galanteria plebeia* da favorita impoz-se dentro em pouco ás mais illustres damas, que a principio a desprezavam e escarneciam.

As mais intransigentes sollicitavam a honra de serem admittidas ás orgias nocturnas de Fontainebleau, onde o calão das tabernas e dos corpos de guarda era o dialecto usual. Aquella *familiaridade,* que fazia as delicias de Luiz XV, obrigou muitas damas illustres a reformarem completamente os seus habitos e a sua educação. Por causa d'isto, por certo, generalisou-se em muitas d'ellas o costume de se entregarem aos seus lacaios.

O *bom tom,* introduzido por Madame Dubarry na côrte tinha, entre outras, a seguinte maxima:

«Nenhuma dama deve occultar absolutamente nada do que fôr bom para se mostrar.»

Seguindo á risca este preceito, a gentil condessa admittiu um dia no seu quarto o pintor Doyen, na occasião em que estava no banho. A favorita a principio nem occultou, nem lhe revelou os seus encantos, e começou a fallar com

o artista a respeito da chuva e do sol, á falta de pretexto para travar o unico dialogo proprio d'aquelle theatro de entrevistas.

— «Haverá oito dias, dizia a Dubarry, estava eu como agora no banho, quando de subito estallou um trovão medonho! De tal modo me assustei, meu caro artista, que sem me lembrar do estado em que me encontrava, sahi da agua, atravessei todo o aposento e fui esconder-me n'aquella alcova, que o senhor alli vê!»

Ouvindo isto, o pintor correu á janella, e começou a olhar attentamente para o ceu.

— «Que está vendo ahi á janella, Doyen?» perguntou ella muito admirada de ver que o artista lhe voltava as costas.

— «Estou a ver se o tempo está de trovoada, senhora condessa.»

— «E para quê?» perguntou ella sem comprehender.

— «Porque, se estivesse, talvez eu podesse ver um qnadro sempre bello para um artista!...»

— «E sobretudo para um pintor como Doyen, não é assim?» disse ella, sorrindo maliciosamente.

E a favorita, acabando de proferir estas palavras, por um movimento talvez involuntario, descobriu, apenas durante um segundo, todos os thesouros com que a natureza tão prodigiosamente a dotara.

— «Adeus, senhora condessa!»

— «Vae-se embora, Doyen?...»

— «Sim, minha senhora, retiro-me, não posso demorar-me mais!»

— «Porque?»

— «Porque se está formando outra tempestade, e esta receio-a eu mais que outra qualquer!»

— «Olhe, Doyen, é melhor ficar!...»

— «Não posso, senhora condessa!...»

— «Fique, peço-lh'o. Se ha em si uma tempestade terrivel, póde muito bem ser que d'aqui a pouco uma chuva consoladora logre acalmal-a!...»

O pintor era bonito, e a Dubarry gostava dos homens bonitos. Ficou... e a tempestade do artista serenou d'ahi a alguns minutos!...

No meio d'esta dissolução de costumes, d'estas facilidades, consequencia inevitavel da sua antiga profissão, a favorita chegou a ter na côrte um enorme predominio.

Luiz XV, o rei sybarita, dormia no leito de rosas dos seus amores, completamente descuidado dos negocios do estado. Madame Dubarry enlaçava-o todas as manhãs mais fortemente nas suas irresistiveis seducções. Era ella a primeira a cantar-lhe as canções satyricas feitas pelo povo contra ambos. E elrei achava-a deliciosa, quando cantava aquellas injurias rimadas!...

N'uma das ceias de Fontainebleau, o monarcha riu a bandeiras despregadas, quando ouviu á favorita esta canção;

France, tel est, donc, ton destin
D'être soumise à la femelle!

Ton salut vient de la pucelle;
Tu periras par la catin!

«França, o teu destino é estares continuamente submettida ás mulheres! A donzella (Joanna d'Arc) salvou-te um dia, e has de morrer por causa de uma mulher!»

El-rei viu n'esta copla apenas uma pilheria engraçadissima.

O tempora! O mores!

Joanna de Vaubernier, depois conhecida pela designação de L'Ange, e mais tarde condessa Dubarry, estava confortavelmente installada em Versailles, no quarto que durante muito tempo habitara a princeza Adelaide, filha de Luiz XV. Desde a sua apparição, a nova favorita, com as seducções da sua belleza, a alacridade do seu caracter, e todas as ruidosas phantasias a que se entregava constantemente, lograra transformar o silencio do palacio, n'um mundo turbulento, onde, como diz um illustre romancista, nenhum morador era tolerado senão com a condição de se mover muito, de se mover constantemente, e sempre com uma alegria communicativa, prestes a explosir em estrondosas gargalhadas!

Luiz XV morria por ella. Quando a sereia lhe approximava do ouvido os labios nacarados, e murmurava alli com a sua voz encantadora:

—«França, adoro-te!»

O monarcha sentia-se dominado completamente, e concedia-lhe, fosse o que fosse.

Quando Maria Antonietta deu entrada em Versailles, a favorita chegou a receiar que a sua côrte, porque ella tinha uma côrte, muito mais numerosa e sollicita que a do rei, a abandonasse para ir gravitar em volta do novo sol. A condessa dizia ás vezes:

—«Não será para admirar que me deixem pelo novo sol! O que sou eu afinal? Uma pequenina estrella da côrte, que talvez em breve seja esquecida!...»

Tractou para isso de formar uma liga offensiva e defensiva com os mais notaveis cortezãos, o duque d'Aiguillon, o principe de Soubise, o presidente Maupeou, o duque de Richelieu e o senhor de Sartines, intendente geral da policia.

O senhor de Sartines baseava o seu favor nas boas graças da cortezã, e por isso era um servo dedicado, prompto sempre para satisfazer os seus menores caprichos. Tinha tantos inimigos este pobre Sartines! A *verve* epigrammatica mimoseava-o todos os dias com uma grande variedade de coplas bem pouco lisongeiras. Dirigia-lhe, por exemplo, estes tiros certeiros:

Amis, connaissez-vous l'enseigne ridicule,
Qu'un peintre de Saint-Luc fait par les parfumeurs?
Il y met en flacon, en forme de pilule,
Roynes, Maupeou, Ferray sous leurs propres couleurs;
Il y joint de Sartines, et puis il l'intitule:
Vinaigre des quatre voleurs!

Havia ainda outro, n'estes termos:

Monsieur de la Police,
N'ai-je pas la peau lisse?
Rendez-moi le service
D'en instruire le roi...

Escudada em tão bons protectores, que, defendendo-a, defendiam os proprios interesses, a Dubarry prolongou o seu reinado, mesmo apesar do odio da delphina.

O seu principal poder consistia, porém, na esplendida formosura que recebera da natureza, nos seus encantos irresistiveis, que tornavam o rei seu escravo.

Eis um retrato da favorita, no esplendor da sua radiante formosura:

«Cabellos de louro castanho, admiravelmente frisados, pelle branca e assetinada com veias azuladas, olhos ternos e amortecidos, ou brilhantes e cheios de fogo, bocca pequena, vermelha, feita a pincel com o carmin mais puro, e que, ao entreabrir-se, deixava ver duas fileiras de perolas, covinhas nas faces, na barba e nos dedos; a garganta moldada na da Venus de Milo; a elasticidade da cobra com uma gordura regular.» Tal era Madame Dubarry, a favorita de sua magestade el-rei Luiz XV, o mais voluptuoso, e o mais nullo dos reis, que se sentaram no venerando solio de S. Luiz!

CAPITULO III

SUMMARIO

Quem era Retif de la Bretonne.—Um romancista aos dez anos de edade.—Um libertino de quinze annos.—Proezas da mocidade do auctor.—Retif revisor e compositor typographico.—A sua primeira obra impressa.—Um successo.—As numerosas obras de Retif.—O *Pornographo*.—Approvação do senhor de Sartines, intendente geral da policia.—O *Pornographo* em Vienna.—O doutor Robert e o projecto de Retif.—Analyse do seu famoso livro.—A prostituição atravez dos tempos.—A enfermidade terrivel!—O verdadeiro remedio para essa enfermidade, segundo Retif.—As sereias.—Descripção das tentadoras.—A prostituição, mal necessario.—Suas vantagens.—Seus inconvenientes.—O *Parthenion*, estabelecimento destinado a alojamento obrigatorio das mulheres publicas.—Regulamento d'esse estabelecimento.—Necessidade de haver muitos do mesmo genero, e regidos por leis similhantes.—O conselho director, composto de doze cidadãos honestos.—A superiora e as suas delegadas.—Recepção das prostitutas.—O *Parthenion*, asylo inviolavel.—Recepção das pensionistas.—Os bilhetes.—Os corredores.—Distribuição das mulheres.—Disposições sensatas.—Como se passava o tempo no Parthenion.—Diversões.—Castigos.—Trajos.—Banhos.—As enfermidades venereas.—As enfermarias.—A graviddez das pensionistas.—Destino das creanças.—Promoções.—A *companhia de merito*.—Artes e profissões.—Os dotes.—A rehabilitação.

Retif de la Bretonne foi um dos mais singulares e fecundos escriptores do seculo XVIII, mas um escriptor cynico e extravagante por systema.

Digamos em poucas linhas a sua vida, emquanto não começamos a tractar das suas obras, e principalmente do *Pornographo,* um dos livros mais curiosos do seu seculo.

Retif nasceu em Sacy, perto de Noyers (Yonne) a 22 de novembro de 1734 e morreu em Paris em fevereiro de 1806. Debil de constituição, seus paes não quizeram sujeital-o ao rude labor dos campos, e assim, tractaram de o collocar em casa de seu irmão mais velho, um honrado ecclesiastico, o qual começou por lhe ensinar a grammatica latina para sondar a vocação do rapaz.

O pequeno Retif mostrava as mais felizes disposições para o estudo, e fez por conseguinte rapidos progressos. Aos dez annos, escrevia já algumas pequenas novellas, que não eram destituidas de interesse. Ao passo, porém, que a sua instrucção se desenvolvia, o temperamento do moço ia-se revelando, e não tardou em converter-se n'um precoce e desaforado libertino.

Aos quinze annos, tinha doze amantes, e compunha em louvor dos seus encantos um poema incendiario!

O mau procedimento do rapazote obrigou o pae a mandal-o para Auxerre como aprendiz de typographo. Uma vez installado n'uma officina typographica, Retif fez das suas, e seduziu a mulher do impressor. O patrão, como é facil de suppor, expulsou-o ignominiosamente de sua casa, e o audacioso aprendiz de typographo teve de partir para Pariz, em 1755.

Tinha então vinte e um annos apenas!

Que fez o nosso auctor na grande cidade? Era logico. Começou por frequentar os *caveaux* do Palais-Royal, onde se relacionou com as nymphas de vida mais desordenada. Foi por esse tempo que adquiriu costumes vis e amisades crupulosas, que mais tarde tiveram uma influencia fatal nas suas producções litterarias.

Cançado um dia de uma vida tão accidentada e miseravel, pediu para entrar na Imprensa Real, a titulo de typographo, ganhando apenas 30 soldos por dia. Apesar d'isso, as horas em que não trabalhava ia passal-as nos seus logares predilectos—os cafés do Palais-Royal e a taberna da *Grosse-Flamande.* O seu mau procedimento foi afinal conhecido nas regiões officiaes, e pouco depois era expulso d'aquelle estabelecimento do estado.

Depois d'este percalço, Retif percorreu varias officinas, não parando em nenhuma d'ellas. Em 1767 era revisor de provas da imprensa de Quilleau.

Como era muito affeiçoado á litteratura, Retif aproveitou-se da sua posição de revisor, para dar ao prelo algumas novellas, a que não faltavam certas qualidades, embora fossem muito mal escriptas.

A primeira obra que deu á luz foi a *Familia virtuosa*, pela qual recebeu 765 francos. Este exito incutiu-lhe novos alentos, e abandonou completamente a imprensa para se entregar ao seu genero favorito de litteratura. Para ser fecundo nas suas producções, não teve de cançar muito a imaginação. Em logar de inventar, não fez mais do que reproduzir todas as suas impressões, tudo quanto havia visto, feito ou aprendido. Inspirava-se nas tabernas, nos bordeis, em todos os templos de dissolução, que continuava a frequentar.

Apesar de tudo, as suas producções tiveram graude exito, sobretudo no estrangeiro, onde eram consideradas como uma pintura fiel dos costumes de Paris, emquanto que só eram um resumo das suas aventuras, ou das dos seus companheiros de libertinagem.

A lista das suas numerosas obras é a seguinte:

Adelia de Com..., ou Cartas de uma filha a seu pae. O anno das damas galantes.—A Anti-Justina, ou as delicias do amor.—Os Bellos sonhos.—As Contemporaneas ou aventuras das mulheres mais bonitas do meu tempo.—O descobrimento austral.—A ultima aventura de um homem de 45 annos.—O drama da vida.—Os desvarios da juventude.—A eschola dos paes.—A familia virtuosa.—A mulher nos tres estados de solteira, esposa e mãe—A mulher infiel.—A filha natural.—As francezas, ou 34 exemplos escolhidos.—Os Gymnographos.—Historia das companheiras de Maria, ou Episodio da vida de uma mulher bonita.—Ingenua Saraucourt ou a mulher separada.—Lucilia, ou os progressos da virtude.—A maldição de um pae.—O marquez de T..., ou a eschola da juventude.—Um matrimonio de Paris.—O coração humano descoberto.—Novas memorias de um homem de gerarchia.—O novo Abeilard, ou cartas de dois amantes que nunca se viram.—As noites de Paris, ou o espectador nocturno.—O Palais-Royal.—As parisienses, ou 40 caracteres.—O camponez pervertido.—A camponeza pervertida.—A philosophia de Mr. Nicolas...—A philosophia por amor, ou cartas de dois amantes apaixonados, porém virtuosos.—O pé de Fanchette.—O Pornographo.—Os posthumos.—A Pre-

venção nacional.—O Quadragenario, ou a edade de renunciar ás paixões.— Quadros da vida, ou costumes do seculo XVIII.—*Uma these de medicina sustentada no inferno.—O Tesmographo.—A vida de meu pae*, etc., etc.

De todas estas obras, foi o *Pornographo* a que mais ruido fez em Paris, e é precisamente d'este livro, que maior relação tem com o assumpto do nosso livro, que nos propomos aqui tractar extensamente.

O *Pornographo* é uma especie de novella em cartas bastante fastidiosa. Retif, que conhecia a fundo o assumpto do seu livro, propoz-se erigir a prostituição á altura de uma instituição publica. As prostitutas, na sua opinião, deviam ser enclausuradas.

O auctor entra por vezes em pormenores bastante obscenos, mas como uma obra util nunca póde ser considerada como escandalosa, o chefe de policia, o senhor de Sartines, permittiu a sua divulgação, depois de a haver lido da primeira á ultima pagina.

O proprio Retif diz a respeito d'este livro: «Vendeu-se bem, mas nunca um projecto tão util teve peior acolhimento. Apenas houve na capital dois ou tres espiritos lucidos, que fizeram a devida justiça ao meu transcendental pensamento. O *Pornographo* é uma concepção de que estou muito satisfeito, e de que me glorio. Algum dia produzirá os seus fructos. O futuro hade fazer justiça ao meu projecto. Espero que tarde ou cedo se hade realisar!...»

Em 1786, o imperador José fez estudar o plano do *Pornographo* em Vienna.

Em Paris, uma sociedade commanditaria fez propostas ao governo para montar casas d'aquella especie, e a esse respeito o doutor Robert, renovou mas em termos mais decentes e dignos o projecto de Retif, propondo que esses estabelecimentos recebessem o nome de Corinthénios.

Analysemos agora o livro de Retif.

Como já dissémos, o auctor finge escrever cartas a um dos seus amigos, e falla da prostituição, analysando os defeitos dos casamentos que n'aquella épocha se celebravam.

Eis o que elle diz:

«Nos tempos que vão correndo, Penelope não se teria conservado fiel nem oito dias, sequer! Lucrecia teria sido uma galanteadora vulgar!

«Amantes na mesa, sempre embriagados! Objectos seductores! E o grosseiro Sexto, com a ameaça nos labios e o punhal na mão, como teria podido caber n'estes quadros dissolutos?

«Os nossos costumes refinados são em extremo fataes para a honra dos maridos. Saccudimos completamente o jugo das contemplações. Já em tempo de nossas avós não existia a fidelidade conjugal; era já para ellas uma virtude desconhecida!...

«E hoje?

«Hoje celebram-se matrimonios do mesmo modo que se fazem visitas de cumprimentos no primeiro dia do anno—por habito, porque todos teem o costume de as fazer. No fundo, a questão é esta: tanto se importa o marido com a mulher, como a mulher com o marido! Não ha nada mais commodo.

«É preciso confessar que a sociedade se transformou de uma maneira singular no espaço de meio seculo. Que cousas tão espantosas não teremos que vêr dentro de outros cincoenta annos! Apesar de que não devemos admirar-nos do que succede agora, porque me parece que foi sempre assim... Senão, vejamos.»

E aqui o auctor enceta um longo estudo, remontando aos tempos antigos:

«Primeiramente, diz elle, citarei os gregos. Os lacedemonios, esse povo altivo e valente, honra e exemplo do genero humano, pensavam como nós, e as mulheres em Esparta eram propriedade commum.

«E no seculo de Augusto? Livia, passando, apesar de estar gravida, dos braços de seu esposo para o leito do venturoso tyranno de Roma, pinta perfeitamente a sua épocha. Os romanos, conquistadores do mundo, brincando com o divorcio e o adulterio, e suas mulheres, lançando-se com arrojo por sobre os bancos do theatro para escolherem um amante na escoria do povo, Agrippina e Julia, esquecendo o titulo de mães, demonstram bem que todos os homens substituiram uma licença injusta e desenfreada a uma generosa liberdade.

«Houve, no emtanto, alguns seculos em que os vicios da humanidade se apresentaram um tanto mais velados, mas n'outros, pelo contrario, tiraram desaforadamente a mascara. Hoje os nossos costumes approximam-se bastante da indecencia que caracterisava os dos romanos, por occasião da queda da sua republica.»

Retif procura o verdadeiro motivo d'aquella dissolução dos costumes, e encontra-o na prostituição. Faz um estudo bastante longo do que ella tem sido em todos os tempos, e insiste nos males physicos d'ella emergentes, para vir logo ao plano por elle inventado para a regular.

Vamos offerecer aos leitores uma traducção bastante desenvolvida das theorias de Retif de la Bretonne.

Eis o que elle diz textualmente:

«Existe uma cruel enfermidade, trazida do Haiti á Europa por Christovam Colombo, e que se perpetua n'essas desgraçadas, cuja existencia é necessaria nas grandes cidades.

«O mal está feito. O que é preciso é encontrar um remedio para elle. Dois meios se apresentam. O de separar da sociedade, como se fazia n'outro tempo aos leprosos, todos os atacados de contagio. O segundo collocar n'um logar onde se possa responder por ellas todas as mulheres publicas. E' este o menos difficil. Um regulamento para as prostitutas, que permittisse poderem ser frequentadas, ao mesmo tempo que tornaria o seu commercio agradavel, tornal-o-hia menos ultrajante e pernicioso para a natureza. Este regulamento seria mesmo de um grande effeito para a extirpação do *virus*, e talvez produzisse ainda mais vantagens.

«Fazer nascer o bem do ultimo grau de corrupção dos costumes, seria uma grande obra da sabedoria humana, uma imitação dos beneficios da divindade!

«O homem honrado, visinho das grandes cidades, veria com pesar reinar n'ellas o abuso dos prazeres mais santos, d'esses prazeres destinados a reparar as perdas que todos os dias está soffrendo o genero humano.

«Este abuso, sempre tolerado, apesar das suas espantosas consequencias roubarem tantos subditos ao estado, é um escolho onde tropeça a sabedoria das nossas leis.

«Nem os cuidados nem a prudencia de um pae sensato e exemplar podem preservar do perigo um filho, cujas paixões teem a força sufficiente para lhe dominarem a vontade, e a quem a sua propria desgraça não instrue sufficientemente no vicio, antes de haver tomado parte n'elle.

«A juventude inexperta corre atraz do prazer, e não encontra senão dores e frequentes vezes a morte. De todas as provincias correm os rapazes á capital, attrahidos pela ambição, ou impellidos pelo dever. E estes pobres novatos encontram-se no centro do grande mundo, mais arriscados que no deserto, no meio dos barbaros ou bestas féras!

«Como poderão elles effectivamente resistir? Uma linda rapariga, admiravelmente modellada, vae tental-os. Brinca-lhe nos labios um sorriso encantador, mal esconde aos olhares anciosos um peito capaz de fazer enlouquecer o mundo inteiro. Mostra com arte uma perna elegante, um pé pequenissimo, e apesar de tudo isto, nada são tantos attractivos em comparação dos que promette uma velha infame, que a acompanha.

«A intermediaria approxima-se d'elles, falla-lhes, detem-os, tem mel nos labios e veneno nas palavras. D'aquella alma impura exhala-se um terrivel contagio. Se a escutam, estão perdidos!

«Ella tem em sua casa raparigas encantadoras, cuja belleza perturba os corações e accende o fogo dos desejos. Só têem uma difficuldade, a da escolha! Encontram-se alli todos os matizes da juventude. Ha por lá muitas pobres creanças, que na edade da innocencia adquiriram já todo o saber das desgraçadas a quem se entregaram. Fazem lembrar as juvenis escravas que os georgianos, ou os habitantes da Tartaria circassiana educam para os serralhos da Persia ou da Turquia, e a quem ensinam desde a infancia o modo de acariciarem o senhor que deve compral-as, tendo por tanto nos labios todas as phrases da corrupção, e no corpo todas as attitudes lubricas, sem comprehenderem coisa alguma de tudo aquillo!...

«As formas com que a natureza opulentou o seu sexo não estão ainda desenvolvidas, e já são rudemente manuseadas por muitos homens brutaes. Na maior parte das vezes, estas innocentes e desgraçadas creaturas são destinadas a reanimarem nos velhos libertinos, menos velhos do que gastos e corruptos, uma languida voluptuosidade, sensações extinctas desde longo tempo!

«O mesmo homem novo, arrastado, seduzido algumas vezes, procura experimentar, e começa por violar todas as leis da natureza. Se, no emtanto, a razão e a humanidade, dominando ainda no intimo do seu coração, o impedem de se entregar ao barbaro prazer de manchar os botões de rosa, antes do sopro de Zephyro os haver feito desabrochar, bem depressa trarão outro genero á sua presença.

«Tudo quanto a natureza formou de mais perfeito, uma pobre rapariga, a quem a belleza originou uma espantosa e irremediavel desgraça, tres lustros ainda mal completos, peitos nascentes e frescos como as rosas de maio, uma tez admiravel feita de rosas e de lyrios, negligentemente deitada n'um sophá, escolhe a posição mais propria para fazer realçar as suas fórmas.

«A neve é menos branca do que o trajo transparente que a cobre. Saias curtas e de tal modo dispostas que deixam ver metade de uma perna admiravelmente torneada... A sereia recosta-se voluptuosamente nas almofadas, e mostra um pé que dá mesmo vontade de o devorar com beijos. Aos peitos, sujeitos por um elegante espartilho, imprime a tentadora um movimento vivo e repetido, que n'uma beldade candida é o embaixador da derrota.

«As graças abrem-lhe a pequenina bocca tão bem feita, onde por baixo de duas barreiras de coral destacam marfins e perolas!

«Um timbre de voz mais harmonioso que o da lyra, deixa ouvir-se n'aquelle momento; um braço terminado por mão alva de neve estende-se, indicando á victima que se approxime. Em presença de um movimento tão encantador, a alma commove-se, e o joven inprudente corre para ella, ebrio de volupia, e com o sangue incendido pelos tumultuosos desejos do prazer.

«Ella acaricia-o, e até o proprio pudor sabe fingir, para d'ahi a pouco se render com um suspiro fingido, quando no seu galan os cegos transportes se succederam aos desejos timidos dos primeiros instantes. Desgraçado! Não vê o aspide que se occulta por entre as flores!

«Mas nem se quer a vista do precipicio é sufficiente para contel-o. Seduzido por tres cousas, pelo coração, pelo temperamento e pela belleza, corre á sua perda. Ah! que se elle podesse conhecer o perigo!...

«Bem depressa pagará a sua cegueira com a perda do bem mais precioso depois da virtude, a saude!

«As leis da sociedade, as da decencia, o pudor, e sobretudo o luxo e a elegancia espicaçam os desejos, e por isso vieram a ser o principio secreto da prostituição moderna!...

«Do mesmo modo tambem haverá intemperantes e sensuaes, emquanto houver manjares delicados e licôres finos, que impressionem agradavelmente o paladar.

«Ás nossas leis não compete destruir este estado abjecto, porque ha de existir sempre, emquanto ellas existirem; mas sim diminuir os seus inconvenientes: em primeiro logar, os seus perigos physicos, e depois d'estes os moraes.

«É certo que a prostituição não produziu o vergonhoso e horrivel contagio, que assola o universo, mas propagou-o, guardou-o, e tornou-se um manancial impuro e inexgotavel dos seus horrores. Embora só os culpados fossem castigados pelas terriveis consequencias da sua voluptuosidade brutal, a justiça da pena não obstaria, mesmo assim, a que ella fosse um grande mal para o genero humano.

«Mães prudentes e honestas, que durante tantos annos cultivastes com amoroso disvelo essas tenras flores, ornamento da patria,—mães que com vos-

sos exemplos e lições inspirastes a vossas filhas o amor da virtude e o respeito da honestidade, — quantas lagrimas bem amargas não vos está preparando o joven esposo a quem as destinaes!...

«Cegas por virtudes ficticias, seduzidas por apparencias brilhantes, enganadas, emfim, por falsas exterioridades, bem longe estaes de pensar que esses bellos mancebos trazem dentro de si o germen fatal da corrupção e da morte! Nem elles proprios o saberão talvez!...

«E, bem depressa, a juvenil e timida esposa, atormentada pelo veneno, cuja origem a natureza ignora, perecerá dolorosamente, dando á luz um ser innocente, desgraçado como ella, que a acompanhará ao tumulo!

«Sim, a prostituição é um mal necessario, por toda a parte onde houver alguns restos de pudor!...

....

....

«Effectivamente, considerando bem o estado actual dos costumes, n'este seculo em que o numero dos celibatarios augmenta espantosamente, vendo-se a cada passo que até mesmo os casados formam o criminoso projecto de não viverem senão para si, receiando ter posteridade, e quando os ecclesiasticos tão mal comprehendem a sua missão, que virtude poderá resistir á multidão de inimigos interessados em atacal-a e destruil-a?

«Como poderiam ainda mesmo as leis as mais severas, ter a força necessaria para preservar da violencia um sexo, que considera como uma gloria fazer nascer o perigo, mas que receia compartilhal-o?

«Uma multidão de forasteiros innundam as grandes cidades. Abandonaram, é certo, as suas esposas e amantes, mas os desejos, esses acompanharam-nos. Inflammam-se á vista do primeiro objecto, tanto mais facilmente, quanto é certo que o bello sexo das grandes capitaes é mais seductor. Accresente-se ainda que a subita privação em que se vêem esses forasteiros de todas as suas diversões ordinarias, põe-lhes um vacuo desagradavel no coração, que os faz propender fatalmente para os prazeres dos sentidos.

«Quantas violações, quantos raptos, quantas seducções não evita a prostituição!

«Tome-se um caminho difficil, para não dizermos impraticavel, e mudem-se os nossos costumes a ponto de cessar completamente o commercio dos dois sexos. O que resultará? Um mal muito maior. Devassos infames affrontarão as leis da natureza, e nossos filhos vêr-se-hão expostos a todas as iniquidades de uma paixão vergonhosa e brutal.

«Logo, a prostituição é necessaria!»

Retif indica em seguida os inconvenientes que póde ter o que tão acaloradamente defende, e diz:

«Primeiro inconveniente: — a horrivel enfermidade, que a prostituição estende e propaga por toda a parte, sem interrupção. Os seus estragos estendem-se a muitas gerações, sem que os individuos se tornem a infeccionar de um novo virus. O mineral que se emprega, e o regimen que se observa, enfraquecem o temperamento.

«Um fermento, que a arte jámais consegue destruir completamente, ataca as visceras principaes, sobretudo o estomago e os pulmões. Nunca se obtem uma cura completa!...

A economia animal, gravemente transtornada, não retoma mais um equilibrio perfeito. Se apenas os culpados fossem atacados d'este mal, poderia elle considerar-se como justo castigo dos seus erros e dos seus desregramentos, mas seus filhos não são culpados, e teem tambem de pagar um crime que não commetteram.

«Ha mais ainda: Uma multidão de raparigas, bonitas quasi todas, e quasi sempre as mais bem constituidas da nação, ficam para sempre perdidas. Todos sabem que n'esta vida, tão perigosa como humilhante, raras vezes conseguem passar a meta dos trinta annos.

«A nação fica privada do tributo que lhe devem estes seus membros. As desgraçadas passam os dias miseravelmente, n'uma especie de modorra, de que saem a intervallos apenas para forjarem os laços em que o homem mais prudente cae algumas vezes, do mesmo modo que o libertino.

«A patria priva-se dos subditos que estas raparigas poderiam dar-lhe, se fossem o que deviam ser, boas mães de familia. Mas n'aquelle estado abjecto, ellas consideram a prenhez como a maior das desgraças, e não por lhes fazer dar á luz filhos debeis e rachiticos, mas porque lhes rouba os encantos. Por isso empregam todos os artificios imaginaveis para evital-a, ou para procurarem o aborto no principio de uma gravidez reconhecida.

«Em terceiro logar, o acharem-se actualmente dispersos os logares de prostituição, faz nascer em certas mulheres o desejo e a occasião de se entregarem á sua infame inclinação para a libertinagem, que ellas não teriam seguido se não tivessem facilidade de a satisfazer.

«Jovens, demasiado dominadas pelo gosto do luxo, seduzidas pelo dinheiro, e algumas vezes arrastadas pelo seu temperamento, vão alli perder a innocencia e a virtude. Pobres paes incautos, que assim vêdes illudida a confiança que depositaveis em vossas filhas!

«Em quarto logar, nas casas de prostituição reinam ordinariamente as maiores desordens. O mal seria menor, se apenas se seguissem as indicações da natureza, mas muito virtuosas serão as que se limitem a isso. De resto, este caminho natural não seria o mais seguro, e ás vezes a seu pesar o homem vê-se reduzido a entregar-se a gostos depravados, tendo sempre a certeza de não encontrar resistencia. As rameiras preferem tudo, todas as depravações, *todas as maneiras,* á que as expõe a maiores perigos, aos mesmos que os homens correm, e a outro proprio d'ellas sómente, e que ellas tanto receiam — a gravidez...

«Não ha, portanto, genero algum de degradação, que estas desgraçadas não soffram. Entregam-se ao homem que mais lhes repugna, já por interesse, já pelo receio de serem maltratadas — o que, ainda assim, não evitam, mesmo a troco das mais infames complacencias.

«O amor, esse sentimento divino, que o Ente Supremo fez nascer nos corações, como um balsamo suavissimo que nos faz supportar as miserias da

vida, — o amor, quando não está intimamente ligado á estima, torna o homem um animal feroz. O amor torna-o mais furioso e cruel que a propria colera. Satisfaz a sua paixão, rangendo os dentes, e maltratando o que acaba de acariciar.

«Quinta consideração: — Habituados a ver mulheres sem pudor, o desprezo que os homens sentem por ellas recahe sobre um sexo encantador, ao qual não podemos prestar homenagem, sem que a gloria d'essa homenagem recaia sobre nós proprios.

«Sexta: — Um dos grandes inconvenientes que resultam das mulheres publicas se misturarem com os cidadãos honestos, é poder-se vêr, e vê-se mesmo a miudo, o que se passa dentro de suas casas.

«Setima: — As mulheres perdidas sahem de casa, passeiam pelas ruas, e fazem-se ás vezes notar pela elegancia dos seus trajos, e mais a miudo ainda pela indecencia com que mostram as formas seductoras. Ha rapazes imprudentes que tomam com ellas em publico liberdades criminosas.

«Oitava: — N'um passeio publico, onde os sentidos acabam de ser excitados por tudo quanto a capital encerra de mais seductor, encontram-se logo mulheres perdidas, parecidas com as que se acabam de desejar.

«Nona: — Muitas vezes uma mulher publica, farta de estar na capital, ou receiando a vingança d'aquelles a quem communicou o virus, que lhe circula nas veias, ou tambem por temer os magistrados e o rigor das leis, vae a outro sitio propagar o contagio.

«Eis as principaes fontes de crimes que a prostituição, tal como se acha estabelecida póde occasionar e occasiona sempre. O estabelecimento, cujo plano elaborei, e que é facillimo de executar, póde contribuir para as aniquillar.»

E, para isso, depois de algumas extensas reflexões, que seria ocioso copiar, Retif apresenta no seu livro o projecto, que vamos transcrever na sua integra:

Projecto de regulamento para as mulheres publicas, em virtude do estabelecimento de Parthenions, sob a protecção do governo

Artigo I: — Será mister escolher uma ou muitas casas, commodas e sem demasiada apparencia, nas quaes as mulheres publicas actuaes, de qualquer edade, sejam obrigadas a encerrar-se, sob pena de castigo temporal.

Seria imposta uma forte multa aos que continuassem a alojal-as como até agora, e não se attenderia ás razões que podessem apresentar para se desculparem.

O seu delator, fosse quem fosse, seria recompensado com a metade da multa, que lhe seria entregue, depois de feitas todas as diligencias.

Artigo II: — Distinguir-se-hão das mulheres publicas as que forem mantidas por um homem só. Julga-se necessario tolerar estas, porque de outro modo atacar-se-hia a liberdade dos cidadãos. O menor escandalo que derem, será, porém, castigado rigorosamente nos homens que as sustentarem, sendo ellas outrosim conduzidas ao *Parthenion*.

As mulheres comprehendidas n'este artigo ficam obrigadas a apparentar mais decencia que qualquer outra mulher, e á primeira queixa que houver contra ellas, serão logo encerradas.

Artigo III: — Assim que o estabelecimento possa occorrer a esta despeza, construir-se-hão casas, que serão propriedade sua, dispostas do modo que se dirá nos artigos X e XIV.

Artigo IV: — Haverá para dirigir todo o *Parthenion*, um *Conselho*, composto de doze cidadãos probos, que tenham sido prefeitos ou desempenhado cargos analogos.

Estes individuos terão immediatamente sob as suas ordens, para governarem o interior da casa, duas mulheres, cuja mocidade se tenha passado no vicio e na dissolução, mas nas quaes se reconheça capacidade e uma certa doçura de caracter, não tendo defeito ou vicio algum incompativel com o cargo que teem a exercer.

Estas mulheres receberão todos os dias da superiora as sommas necessarias para a sustentação das raparigas e para as reparações indispensaveis.

Artigo V: — Cada administrador desempenhará durante seis annos o seu cargo, de maneira que depois dos primeiros seis annos, cada anno se elegerão dois novos, e egualmente cada anno os dois mais antigos sahirão d'este cargo, dando conta dos seus actos dois mezes depois, perante um tribunal nomeado pelo soberano.

Afim de evitar os abusos que os administradores podessem fazer da sua auctoridade, cada director terá em seu poder uma lista das sommas, que durante o dia tiver visto entrar no cofre. Estas sommas não poderão ser vistas por nenhum dos administradores. A superiora dará todas as noites as folhas ao delegado do Tribunal, a quem tem obrigação de prestar contas. E se este delegado prevaricar, será punido severamente.

Nenhum administrador poderá entrar na casa durante o periodo da sua gerencia, seja como administrador, ou como particular que peça uma mulher.

O que transgredir esta disposição será castigado e vergonhosamente expulso da corporação dos administradores.

A taxa que deverão receber os administradores por toda a especie de tributos será repartida entre os seus concidadãos, durante o tempo que exercerem este encargo.

Artigo VI: — Uma vez montado o estabelecimento, as raparigas que se apresentarem, deverão ser recebidas sem informação alguma a respeito das suas familias. Até mesmo será expressamente prohibido ás directoras pelos administradores que averiguem cousa alguma a este respeito, e ás raparigas que contem pormenor algum ás suas companheiras.

No emtanto, o exame a respeito do seu estado de saude será completo e escrupuloso. Seja, porém, qual fôr a enfermidade de que estiverem atacadas, nunca serão recusadas. Serão tractadas por medicos, e se a enfermidade fôr incuravel, serão collocadas na classe das incapazes de serviço, cuja sorte estará determinada no art. XII.

Não se receberá nenhuma que passe dos 25 annos.

Artigo vii: — O *Parthenion* será um asylo inviolavel. Os paes não poderão tirar d'alli suas filhas, se ellas não consentirem, e nem sequer poderão fallar-lhes, se ellas a isso se recusarem. No caso de se introduzirem na casa, sob o pretexto de a pedirem, como a qualquer das suas companheiras, obrigar-se-hão a sahir desde o momento em que ella os tenha reconhecido.

Artigo viii: — As directoras não poderão infligir castigo algum. Terão apenas o direito de dar parte. Não poderão tambem empregar reprimendas demasiado fortes; procurarão exhortar, em vez de injuriar.

Quando uma joven tiver causado escandalo, ou commettido alguma falta grave, mandal-a-hão chamar a uma sala proxima d'aquella em que se reunem os administradores, a quem as directoras terão instruido do facto antecipadamente, por isso que não devem apparecer n'ella e accusal-a na sua presença. O conselho de administração entrará no quarto em que a culpada estiver, onde se lhe permittirá a defeza, e por pouco duvidoso que o caso se apresente, envial-a-hão ao seu destino depois de lhe terem dado conselhos e sabias admoestações, como se estivesse plenamente justificada. Se a rapariga tiver realmente commettido uma falta, haverá sempre para com ella a maior clemencia. Pela primeira e segunda vez, contentar-se-hão de lhe annunciar sómente o castigo, e serão apenas castigadas as que foram absolutamente rebeldes.

Artigo ix. — Se alguma joven se tornar culpada de algum grande crime, tal como, por exemplo, destruir o feto do seu ventre, será encerrada um anno inteiro n'um calabouço, e sustentada sómente a pão e agua. Se um homem tiver aconselhado o aborto, será castigado em harmonia com as leis vigentes.

Artigo x: — As casas que se construirem serão situadas em bairros pouco habitados, e terão um pateo e dois jardins. Não haverá no pateo mais janellas que as das directoras e as dos *filhos da casa*, de que se fallará no artigo xxxviii. Toda a gente poderá entrar no pateo. Á porta do primeiro jardim, haverá duas sentinellas, que prohibirão a entrada ás mulheres e ás creanças.

Todos os homens, indifferentemente, pertençam a qualquer classe ou condição, será admittidos no jardim.

Haverá n'esse jardim differentes entradas, occultas por arvores, bosques e parreiras, a fim de que qualquer homem possa alli entrar sem ser visto, até chegar a uma especie de camaroteiro, como os dos theatros.

Alli pagar-se-ha o preço estipulado na tabella, e receber-se-ha em troca um bilhete. Este bilhete designará o corredor e o lado do corredor, em que o comprador poderá escolher, e tudo isto será indicado por um numero de ordem, seguido dos algarismos 1 ou 2, como se verá no artigo xvii.

As janellas dos quartos das raparigas darão para os jardins, mas terão sempre persianas, de maneira que ellas possam ver sem ser vistas. Ao lado da porta d'este jardim, haverá outra mais pequena. Estará sempre aberta e collocada de maneira que se possa entrar por ella secretamente. Será guardada da outra parte por uma directora, a qual não permittirá a entrada senão ás mulheres. Entrarão por essa porta as raparigas que desejem pertencer ao *Parthenion*. Recebel-as-hão a qualquer hora que se apresente, seja de dia, seja de noite.

O segundo jardim será unicamente reservado para as raparigas e para as directoras. Nem o publico, nem mesmo as creanças nascidas na casa e destinadas á obra poderão alli jámais entrar.

Artigo xi: — Será permittido entrar mascarado mesmo até á porta do escriptorio, onde será mister tirar a mascara, para se mostrar á directora que entrega só os bilhetes. Poderá tambem ir-se com mascara até á entrada do corredor que se tenha escolhido, mas alli é preciso entregar á directora, que abre a porta, a mascara e o bilhete.

Artigo xii: — Assim que o homem chegar ao corredor, designado pelo seu bilhete, uma directora conduzil-o-ha a um gabinete escuro. Alli levantará a tampa de um occulo occulto na parede, e o homem examinará por esse orificio todas as raparigas do primeiro e do segundo lado do corredor, reunidas na sala commum. Indicará á directora a que tiver escolhido, e a directora depois de ter conduzido o homem ao quarto da rapariga, irá buscal-a.

Artigo xiii: — Quando uma rapariga tiver sido escolhida e a directora a tiver conduzido ao quarto que ella costuma occupar, essa rapariga terá o mesmo privilegio que o homem que a pediu. Quer dizer, que o examinará, abrindo um raro da porta do quarto, e havel-os-ha em todas para este fim.

Se ella recusar entrar, o homem ver-se-ha obrigado a fazer nova escolha, sem que a rapariga seja obrigada a manifestar a causa da sua repugnancia, mas não entrará immediatamente na sala commum, com o fim de occultar ás suas companheiras o conhecimento da sua recusa ou resistencia.

Um homem, cuja fealdade, falta de asseio, ou velhice o fizer sempre recusar pelas prostitutas, dará á directora um numero qualquer, segundo o seu capricho, comprehendido no das raparigas que estiverem na sala. Por exemplo, se houver cem, dará o numero que quizer desde 1 a 100. A directora irá em seguida á salla, e perguntará a cada rapariga o numero que escolhe. Aquella que pronunciar o mesmo numero que o homem deu por escripto, e que a directora mostrará em seguida, terá de receber a visita do homem repugnante.

Artigo xiv: — Ao lado da casa de venda dos bilhetes, estará o corpo da guarda, mas nenhum dos soldados poderá vêr as pessoas que entrarem para tomar bilhetes. A sua missão consistirá em manter a ordem nos arredores da casa, fornecer sentinellas para as differentes estações do edificio, e prestar auxilio ás directoras, em caso de necessidade. Para esse fim, haverá no corpo da guarda uma campainha, ligada por meio de cordões com todas as dependencias, de modo que, ao menor rumor, a directora possa advertir os soldados.

Serão severamente castigados, e em harmonia com as antigas ordenações e regulamentos, todos aquelles que pretenderem perturbar a tranquillidade que deve reinar na casa.

E tudo isto sem se ter consideração alguma nem respeito de qualquer especie para com as posições e dignidades, que por mais elevadas que sejam, serão para todos os effeitos consideradas nullas n'aquelle estabelecimento.

Artigo xv: — Deve entregar-se á directora qualquer bengala ou espada. Haverá um grande numero de armarios, cujas divisoes terão numeros. Entregar-se-ha a cada homem uma senha de marfim, contendo o numero do arma-

rio, em que ficarem guardados os seus objectos, e d'este modo tornarão a receber tudo, quando quizerem sahir.

Artigo xvi: — Haverá differentes bilhetes, segundo os diversos graus de juventude e de belleza. As raparigas estarão alojadas nos corredores, seguindo esta ordem:

O primeiro corredor, dividido como todos os outros em duas classes, será occupado pelas de mais edade, que nunca excederá 36 annos.

As de 25 a 30 occuparão o segundo.

No terceiro estarão as de 20 a 25.

No quarto, as de 18 a 20.

No quinto, o pequeno numero de raparigas de 14 a 16 annos, ás quaes um temperamento precoce permitta receber homens.

As raparigas ainda de menos edade, que vão para o estabelecimento de livre vontade, ou as que alli tenham sido entregues por seus paes, todas emfim as que ainda não tiverem sido desfloradas, serão educadas com grande cuidado, a expensas da casa, por mulheres honradas, e não serão collocadas na cathegoria das outras raparigas do estabelecimento, senão por sua livre vontade.

Se, pelo contrario, desejarem aprender um officio, ensinar-se-lhes-ha, e procurar-se-lhes-ha mais tarde um destino como aos filhos da casa, dos quaes se tractará no artigo xxxviii.

Artigo xvii: — As raparigas, que se distinguirem pela sua formosura occuparão a direita do corredor, marcada com o numero 1. A esquerda será designada pelo numero 2.

A tabella dos preços dos bilhetes achar-se-ha no escriptorio de venda d'elles. Poder-se-ha vêr alli a cotação das diversas cathegorias de mulheres. A saber:

As prostitutas escolhidas entre as mulheres que tiverem completado de 40 a 45 annos, 6 soldos.

As de 36 a 40, 12 soldos.

Primeiro corredor

Numero 1 .... 1 libra e 4 soldos
Numero 2 .... 18 »

Segundo corredor

Numero 1 .... 2 libras e 8 soldos
Numero 2 .... 1 » e 16 »

Terceiro corredor

Numero 1 .... 3 libras e 12 soldos
Numero 2 .... 3 »

Quarto corredor

Numero 1 .... 6 libras.
Numero 2 .... 4 » e 16 soldos

Quinto corredor

Numero 1	....	24 libras.
Numero 2	....	12 »

Será esta a entrada da casa. Cada particular, ao receber o seu bilhete, mostrará o dinheiro que entrega, e elle proprio o collocará n'uma caixa, construida de modo, que o dinheiro não possa tornar-se a tirar de prompto. Só a directora poderá, por meio de uma varinha, fazel-o entrar na abertura de um cofre, cuja chave estará em poder dos administradores.

As directoras registarão em seguida n'uma tabella a somma entrada, a qual será entregue todas as manhãs pelo delegado de que se fallou no artigo v.

Artigo xviii: — Se um particular, depois de ter visto uma rapariga, declarar que a ama, e que consente em pagar diariamente o preço do bilhete, esta rapariga será dispensada de ir á salla commum, e ninguem poderá pedil-a.

As raparigas assim amancebadas serão alojadas em aposentos separados. Os seus quartos estarão dispostos de maneira que a communicação de um para o outro e com o resto da casa não se faça senão com licença das directoras, encarregadas de introduzir os homens, as quaes terão unicamente as chaves.

As amancebadas poderão vêr-se umas ás outras. Terão até mesmo a liberdade de passar com o resto das suas companheiras que não estiverem no seu caso todo o tempo em que estas não fizerem falta na salla commum.

Haverá uma entrada particular para os amantes, que serão introduzidos sempre por duas directoras.

O homem que alli escolher uma amante, depois de se ter certificado do consentimento da rapariga, será levado juntamente com ella á presença da superiora. Inscrever-se-ha diante d'elle n'um livrete a edade da rapariga e sómente o seu nome *parthenienseaccess*, e ao mesmo tempo o numero da habitação que deve occupar. O amante receberá n'um pedaço de marfim este mesmo nome com o numero do quarto. O livrete assignado pelo homem e pela superiora será entregue ás directoras-introductoras, as quaes o depositarão n'um armario, sob o respectivo numero. O referido livrete não poderá ser visto, nem mesmo pelas administradoras, senão a requerimento do amante.

O que deixar de pagar e de apparecer, durante o praso de oito dias, perderá a sua amante. Em caso de ausencia, avisará previamente a superiora, e depositará nas suas mãos, quer em dinheiro, quer em penhor, a importancia necessaria.

Artigo xix: — Um filho-familia, namorado ardentemente de uma rapariga, de quem tenha sido o primeiro e unico favorecido, não poderá obtel-a por mulher, emquanto estiver sob a vigilancia paterna ou de um tutor. Não poderá fazer nem sequer as diligencias que a lei permitte depois da maioridade dos 30 annos. Mas um homem, senhor da sua pessoa e bens, será attendido, se se provar que o casamento por elle desejado não póde prejudical-o, o que será attentamente examinado pelo conselho da administração. Attender-se-ha muitissimo aos costumes e caracter dos homens de baixa esphera, que as alumnas da casa consentirem em desposar.

Artigo xx: — As raparigas, aos primeiros symptomas de gravidez, occuparão um aposento da casa destinado para as que estiverem n'esse estado, e onde serão tractadas com cuidadoso esmero. Depois do parto das que não tiverem amante, as creanças serão entregues a uma ama, mas no emtanto as mães tomarão todas as precauções que julgarem mais efficazes para as reconhecerem, quando regressarem ao estabelecimento, e conceder-se-lhes-ha a satisfacção de os verem uma vez por semana.

Artigo xxi: — Quando uma rapariga que tiver amante se achar no caso precedente, se o pae da creança que traz no ventre quizer tractar á sua custa da amante, ser-lhe-ha permittido fazel-o.

Escolherá para assistir ao parto a pessoa que quizer, ou tomará as mesmas que estão ao serviço da casa. Poderá tomar conta da creança, ou fazel-a criar por sua mãe, fazel-a educar secretamente, ou dar-lhe o nome de filho, mas em caso algum terá obrigação de dar parte a ninguem do que a este respeito determinar. Terá liberdade de o instituir herdeiro da sua fortuna, no caso de morrer sem outros herdeiros, se fôr casado, ou no caso de pertencer a um estado que o impeça de contrahir matrimonio.

Poderá tambem confial-o aos cuidados da casa, para ser educado n'ella, imprimindo-lhe um signal qualquer, n'um sitio do corpo que não seja apparente e que não possa incommodar a creança, mas deverá mencionar este signal, ou qualquer outra precaução que tomar, e a casa obrigar-se-ha a restituir a creança a seu pae, logo que elle a peça, sem despeza alguma.

Artigo xxii: — Todas as raparigas de cada corredor reunir-se-hão respectivamente em duas sallas, designadas com os numeros 1 e 2, *oito horas* por dia, a saber:

Desde as onze da manhã até á uma da tarde;

Desde as quatro da tarde até ás sete;

Desde as oito e meia da noite até ás onze e meia, que é a hora da ceia.

Permanecerão alli, sentadas, tranquillamente, occupadas no trabalho ou na leitura, segundo lhes approuver. Cada logar estará marcado por uma flôr, que dará o seu nome á que o occupar. Assim, os logares marcados com uma rosa, uma violeta, um narciso, uma assucena, etc., darão ás que os occuparem os nomes de *Rosa, Violeta, Narcisa, Assucena,* etc. Cada rapariga occupará sempre o mesmo sitio.

Nos intervallos das horas indicadas e de outros exercicios, e durante todo o tempo que preceder as nove da manhã, poderão sahir a tomar ar até ao segundo jardim. Exceptuam-se d'esta regra, como de todas as demais disciplinares, as que tiverem um amante, ao qual poderão dar todo o seu tempo com as condições especificadas no artigo xviii, e que mais circumstanciadamente se dirão no artigo xxiv.

Artigo xxiii: — Haverá horas regulamentares para o toucador e para as comidas. A hora do levantar será ás nove; em seguida haverá o almoço. Depois d'elle, poderão occupar-se do toucado até ás onze, e se acabarem antes, disporão do resto do tempo a seu talante, podendo, por exemplo, visitar-se, passear, etc.

Jantar-se-ha á uma. Das duas ás quatro, terão lições de musica e de dança. Ás sete terão uma ligeira refeição, e lições de instrumentos até ás oito e meia. Todas as alumnas estarão nos seus leitos á uma da madrugada, sem que ninguem possa dispensal-as d'esta regra. As outras horas do dia empregar-se-hão, como prescreve o artigo anterior. As noites serão pagas pelo dobro da taxa.

Não se infligirá castigo algum ás que permanecerem nos seus quartos ás horas das lições, e nem sequer serão reprehendidas, se as suas ausencias forem raras, mas no caso contrario, as directoras demonstrar-lhes-hão com doçura que fazem muito mal em faltar. Se esta advertencia fôr inutil, avisarão o conselho da administração. Os castigos n'esse caso impostos pelos administradores, ficarão ao arbitrio da sua prudencia, e sempre em harmonia com o espirito de doçura, recommendado no artigo VIII.

Comprehende-se perfeitamente que n'um estabelecimento, onde não se castiga é preciso substituir de algum modo esta falta, e para isso recorrer-se-ha ao estimulo. Crear-se-hão distincções e recompensas lisongeiras, que nada custarão á casa, para premiar aquellas que fizerem maiores progressos nas artes que se lhes ensinarem.

Para isso tenderá efficazmente a disposição do artigo XL.

O meio mais seguro de impedir que as raparigas não sejam refractarias ás prescripções do presente artigo, será converter todos os seus exercicios antes em diversões do que em occupações sérias. Conseguir-se-ha isto tanto melhor, quanto é certo que ha muito poucas mulheres insensiveis ao prazer de adquirir uma nova prenda, ou de desenvolver as que já possuirem.

Artigo XXIV: — O amante que desejar dar um mestre particular á sua amasia, ou que desejar elle proprio ensinar-lhe a musica, a dansa, etc., fal-a-ha dispensar para sempre de assistir ás lições da casa.

Poderá tambem fazel-a dispensar de assistir ao refeitorio commum de cada corredor, pagando a despeza da sua comida, e n'este caso poderá tambem comer com ella, passando a seu lado todo o tempo que tiver na vontade.

Do mesmo modo poderá fazel-a permanecer no seu quarto, emquanto durar a gravidez, sem outras condições além das prescriptas no artigo XVIII e n'este.

Artigo XXV: — Nas horas que as raparigas passarem nas sallas communs, dar-se-lhes-hão livros divertidos e instructivos. Dar-se-ha trabalho ás que o pedirem, e tudo quanto fôr necessario, mas nunca dados, nem cartas, nem outra classe de jogos.

Artigo XXVI: — A mesma rapariga nunca poderá ser escolhida por differentes homens no mesmo dia, mas se o mesmo homem voltar a pedil-a, permittir-se-lhe-ha ir ter com elle. Nunca serão admittidos antes das nove da manhã, senão os homens já conhecidos das raparigas, e ás quaes designem pelos seus nomes.

Artigo XXVII: — Exceptuar-se-hão do precedente artigo as pertencentes ás tres primeiras classes, as quaes, não estando já no caso de ter filhos, serão visitadas por homens no mesmo dia, tantas vezes quantas julguem a proposito.

A edade, a experiencia e o fogo das paixões, adormecido n'essas mulheres, fazem suppor que não abusarão d'esta liberdade.

Artigo xxviii: — Se uma rapariga, amada por um homem, fingisse corresponder ao seu affecto para o obrigar a casar com ella, ou persuadil-o tão sómente de que a tornou mãe, enganando-o d'este modo, visto que recebia outros homens, como essa rapariga não podia assim proceder senão com o consentimento pelo menos de duas directoras, serão estas gravemente castigadas, e a rapariga separada da companhia das demais, para ser condemnada a um trabalho rude e ininterrompido pelo resto de seus dias.

Só o homem, a quem pretendia enganar, poderá livral-a de tão deploravel estado.

Artigo xxix: — A mesa será servida sem profusão, mas delicadamente. Os trajos serão de bom gosto, e cada rapariga vestirá da maneira que mais lhe agradar, e com o que lhe ficar melhor.

O amante que quizer dar á sua amasia vestidos elegantes á sua custa, poderá fazel-o, assim como todos os presentes que quizer. Tudo isto será propriedade da joven, sem que o *Parthenion* possa exigir outra cousa, além dos preços estabelecidos. Este preço será sempre pago adiantadamente. No caso da rapariga morrer sem filhos, a casa apoderar-se-ha de tudo quanto lhe tiver pertencido.

As directoras terão para com as raparigas considerações, attenções e complacencias, e nunca demonstrarão a auctoridade que têem sobre ellas.

Os leitos, a roupa branca e tudo quanto fôr do seu uso será escolhido, limpo, commodo e elegante. As directoras distribuirão e recolherão a roupa limpa e suja todos os dias. Ordenar-se-ha que cada rapariga, ajudada por uma das suas visitadoras, de que se fallará no artigo xxxiv, faça a sua cama, immediatamente depois de se ter levantado.

As prescripções d'este artigo serão observadas por todas as classes de raparigas indifferentemente, e sem excepção alguma.

Artigo xxx: — Não haverá uniformidade nos trajos. Cada rapariga andará vestida como prescreve o artigo antecedente. Mas, a fim de evitar despezas consideraveis, fixar-se-ha a somma que cada rapariga ha de gastar no seu vestuario, tendo a liberdade de dispor d'essa somma como lhe aprouver, ou queira vestir-se com um só vestido magnifico, ou com muitos mais modestos. As directoras, no intuito de que as raparigas andem sempre muito asseiadas, vigiarão porque tenham sufficiente numero de fatos de trazer por casa.

A' medida que as raparigas vão largando os seus vestidos, serão estes empregados em vestir as meninas nascidas na casa, e que são destinadas, ou ao matrimonio, ou á condição de suas mães, ou a um officio qualquer. E estes vestidos reformados servirão para seu uso, havendo sempre o cuidado de dar os de melhor qualidade ás filhas das raparigas comprehendidas nas duas primeiras classes.

Artigo xxxi: — Haverá na casa banhos mornos e frios. Cada rapariga tomal-os-ha um dia sim e outro não, todo o anno, a saber, no verão os mornos e os frios, no inverno sómente os mornos.

ARTIGO XXXII: — Será prohibido ás raparigas usar perfumes ou qualquer aroma nos seus fatos, porem alvaiade ou vermelhão, e servirem-se de cosmeticos para alisar a pelle, visto estar reconhecido que tudo isto não proporciona senão em brilho falso e illusorio. Exceptuam-se d'esta prescripção as que tiverem um amante, porque teem obrigação de obedecer aos seus caprichos, mas não ficam dispensadas de tomar banho. A directora verificará se ellas o tomam no seu quarto.

ARTIGO XXXIII: — As sommas que todos os dias ganhavam as raparigas para o *Parthenion*, excepto as despezas diarias indispensaveis, serão collocadas como fundo de reserva, para os dotes das raparigas nascidas na casa, ou das que n'ellas tenham sido admittidas de tenra edade, assim como para o sustento das *veteranas*, despesas dos edificios, etc.

Escolher-se-ha entre as pensionistas que tiveram chegado á edade de 36 annos um certo numero d'ellas, que ainda conservem restos de belleza, para formarem as duas primeiras classes, que não valerão mais de seis e doze soldos respectivamente, e isto afim de todas as classes encontrarem no *Parthenion* mulheres de preços proporcionados ás suas posses, e não se dirigirem nunca ás desgraçadas, que não tendo domicilio fixo, possam desafiar as leis e violar impunemente as regras de uma policia severa e escrupulosa.

No emtanto, para que as *veteranas* se entreguem com menos repugnancia aos homens que pertencem ás ultimas classes sociaes, observar-se-hão, sem escusa alguma, tres cousas: Primeira: Far-se-ha tomar a esses homens um banho frio em qualquer sitio commodo; segunda, não se deixarão demorar com a mulher mais de meia hora; terceira, os que se apresentarem embriagados, serão detidos na casa até se lhes dissipar a embriaguez, concedendo-se-lhes então o que quizerem, ou a mulher que pedirem, ou sahir do edificio, sem terem visto nenhuma, e n'este ultimo caso, não se lhes restituirá o preço do bilhete.

ARTIGO XXXIV: — Com relação ás enfermidades venereas, haverá a mais escrupulosa attenção para preservar as raparigas da casa da terrivel lepra, que torna tão necessaria a creação d'este estabelecimento. Escolher-se-ha entre as pensionistas para as quaes a edade tiver feito extinguir o gosto dos prazeres, aquellas que melhor poderão cumprir este dever, as que foram mais intelligentes nas visitas dos homens que as conheceram, e as que, portanto, o serão tambem para inspeccionar todo o homem que se apresentar e pedir uma mulher.

Não lhes permittirão a entrada no corredor, que o seu bilhete designar, senão depois de se terem certificado de que teem uma saude perfeita. Ainda assim, visitarão diariamente as raparigas, depois de se levantarem da cama. Será isto uma especie de noviciado para o cargo de directoras. As que tiverem desempenhado estas funcções a aprazimento das directoras serão eleitas por ellas, á porporção que vá havendo logares vagos.

ARTIGO XXXV: — Cada anno a administração nomeará uma superiora. Esta será aquella das directoras que mais se tiver distinguido pela sua attenção e prudencia. As suas funcções limitar-se-hão a vigiar as directoras, exigindo que cada qual esteja continuamente no seu posto. Receberá o dinheiro para as des-

pezas, assistirá aos balanços dos cofres das receitas, assim como ás entregas das folhas das directoras. Mais o mais importante dos seus deveres será vigiar constantemente a maneira como as visitadoras desempenham as suas obrigações assim como os cuidados necessarios ás raparigas que ficarem gravidas, ou o caso especificado no artigo XXXVII.

ARTIGO XXXVI: —Os homens atacados da enfermidade, de que se falla no artigo XXXIV, que tiverem a imprudencia de se apresentarem no estabelecimento, serão obrigados a pagar uma multa. No caso do culpado não trazer dinheiro, será obrigado a dar o equivalente em joias, ou qualquer outro valor, os quaes resgatará, quando apresentar o dinheiro, que lhe é exigido. No emtanto, se a doença estiver ainda pouco desenvolvida, podendo suppôr-se que viera de boa fé, a multa será pequena, como por exemplo, o dobro do preço da tabella.

ARTIGO XXXVII: —Se apesar de todas as precauções uma rapariga se sentir atacada de syphilis, será isolada aos primeiros indicios, e não sahirá da enfermaria senão depois de completamente curada. Sendo as raparigas visitadas todos os dias, rigorosamente pelas que fazem o noviciado de directoras, nada mais facil do que conhecer o seu estado. Ainda assim, serão revistadas, quando sahirem do banho. Á mais ligeira indisposição que soffrerem, haverá o maximo cuidado em averiguar o seu caracter e circumstancias, mas nunca se lhes applicará remedio algum, sem ter ouvido a opinião do medico da casa, e este medico será consciencioso, não desempenhando a sua missão com a pressa dos dos hospitaes, pelo que o seu trabalho será recompensado com avultados honorarios, assim como com distincções dignas de um homem util ao estado. Ser-lhe-ha prohibida a entrada em outra qualquer dependencia da casa, que não seja a enfermaria, excepto em caso de urgencia. O mesmo succederá aos administradores.

ARTIGO XXXVIII: —Este artigo refere-se ao destino das creanças nascidas na casa. Primeiramente, os rapazes: Para que o estado aufira dos *Parthenions* a utilidade, a que nos temos referido, importa:

Primeiro: Impedir ás raparigas, tanto quanto seja possivel, que tomem precauções contra a gravidez. *Segundo:* Favorecer-se-ha a população da casa de todos os modos, sobretudo mantendo a decencia, e até o pudor, mesmo no seio da incontinencia e da impudicicia. *Terceiro:* Ter-se-ha um cuidado minucioso das creanças, desde o seu nascimento até á edade em que a casa se desligue d'ellas. *Quarto:* Todos os que não forem reconhecidos por seus paes, serão considerados filhos do estado, e como taes destinados a servil-o, quer dizer, os que tiverem uma constituição propria para isso. *Quinto:* Far-se-ha a primeira escolha aos oito annos, e destinar-se-hão os melhores constituidos á formação de um corpo militar, que começará a exercital-os logo desde a infancia, devendo estes rapazes, conjunctamente com os expostos existentes nos hospitaes do reino, substituir as milicias ruraes. *Sexto:* Ensinar-se-hão estas creanças a lêr, escrever e contar. Além d'isso, arithmetica, geometria, fortificação e serviço de artilheria.

Para dirigir a sua educação serão escolhidos mestres dos que existem nas

Reaes Academias. Estas respeitaveis corporações teem sempre membros, zelosos do bem publico, que se consagrarão voluntariamente a este trabalho, sem outro premio além da honra que elle lhes proporcionará.

Setimo: Os *Parthenienses* servirão seis annos no corpo de milicias, desde os 16 até aos 22. N'esta edade far-se-ha outra escolha dos mais valentes e bem comportados, com os quaes se formará outro corpo, denominado dos Granadeiros reaes, unicamente composto de *Parthenienses*. Permanecerão alli até aos 28 annos, em que se fará outra promoção dos que mais se tiverem distinguido pelos seus costumes, intelligencia e bravura, e formar-se-ha um corpo, denominado a *Companhia de merito*.

Depois de mais uma vez terem provado a sua capacidade, por meio de seis novos annos de serviço, os rapazes escolhidos n'essa companhia serão distribuidos por todos os regimentos para darem lições de Arte militar a todos os soldados. Os melhores d'entre elles terão ainda um outro destino, que será substituir, na guarda da pessoa sagrada do monarcha, o corpo denominado de *Guardas estrangeiras*.

Os que tiverem conseguido este ultimo destino terão a faculdade de casar, depois de haverem obtido licença do seu commandante. Como haverá um pequeno numero d'elles que obtenham o honroso cargo de *Mestre na Arte militar*, e mesmo a entrada na *Companhia de merito*, os outros granadeiros reaes, uma vez veteranos, serão recompensados, segundo a sua capacidade. Ao abandonarem o regimento, poderão casar, e dar-se-lhes-ha, para viverem, e poderem educar a sua familia os differentes empregos, que no reino apenas podem ser exercidos por antigos soldados, ou mesmo escolher-se-hão alguns d'elles para o cargo das guardas de segurança de Paris.

Os que, pela sua escassa intelligencia, ou por alguma falta commettida, permanecerem estacionarios no corpo de milicias, ficarão alli, emquanto estiverem no caso de servir, ou então, se o sollicitarem, poderão ser encorporados em differentes regimentos de provincia.

Pelo que respeita aos que forem valetudinarios, mal feitos, ou de pequena estatura, dar-se-lhes-hão officios proporcionados ás suas forças. Suaves e faceis, aos da primeira e segunda especie. Assim, far-se-hão, por exemplo, alfaiates, sapateiros, tecelões, etc., tudo em proveito do *Parthenion*.

Os mais robustos dedicar-se-hão a trabalhos de força, serão jardineiros e farão os serviços necessarios no interior da casa. Os que mostrarem habilidade deixar-se-lhes-ha tomar vôo á vontade, favorecendo-lhes as disposições, e os seus progressos mostrarão a vocação que tiverem.

Pelo que respeita as *meninas*, far-se-ha tambem uma escolha d'ellas, quando tiverem completado a edade de dez annos.

Primeiro: — Apartar-se-hão das outras todas as que forem feias ou mal feitas, ensinar-se-lhes-ha algum officio, e o producto dos seus lavores será para a casa, que em compensação lhes proporcionará tudo quanto precisarem. As que não tiverem outro defeito senão a fealdade, mas que sejam de temperamento saudavel, serão as costureiras dos vestidos e adornos usados pelas mulheres da casa.

Aprenderão a pentear, e tudo quanto fôr necessario para o adorno de uma mulher. Haverá todo o cuidado para que sejam instruidas por mestras habeis, e para que nas suas obras se reuna sempre o bom gosto á novidade.

Nenhum pessoal extranho, tanto em homens como em mulheres, será empregado no serviço da casa, sempre que haja filhos d'ella em estado de serviço.

Segundo:—As raparigas nascidas na casa, e que forem bellas, serão primeiramente instruidas com grande cuidado. Ensinar-se-lhes-ha differentes artes, a saber, o desenho, a pintura, o baile, a musica, as modas, e sobretudo a grande arte do bom gosto na *toilette*.

Depois d'isto, esperar-se-ha que ellas proprias se decidam pela escolha de um estado, não as incitando ninguem a que escolham o de suas mães; pelo contrario: a honesta educação que se lhes ministrará será sempre a mais propria para lhes inspirar repulsão por esse estado de abjecção e de torpeza. Quando se determinarem a viver no mundo, dar-se-lhes-ha o officio que escolherem. Destinar-se-hão ao matrimonio com o dote de mil escudos, e dar-se-lhes-ha por maridos pessoas de alguma posição, e bens de fortuna iguaes ao dote d'ellas, ou então com talento capaz de grangearem meios de subsistencia.

Os rapazes, filhos da casa, que puderem casar, serão preferidos para seus maridos a todos os outros, a não ser que ellas já tenham feito a sua escolha, ou que o concorrente tenha feito á sua amada propostas, demasiado consideraveis para não ser preferido. Um trajo particular distinguirá as filhas da casa das que possam de qualquer modo estar ao seu serviço.

Artigo xxxix:—O conselho de administração terá auctoridade sobre todos os rapazes sahidos da casa, á excepção dos soldados, emquanto estiverem em serviço. Vigiará por que os maridos não dissipem, e avisará todos os crédores de que o dote das *Parthenienses* é inalienavel e sagrado.

Se a esposa faltar aos seus deveres, o conselho tractará de a chamar ao cumprimento d'elles por todos os meios que julgar convenientes, até ao extremo de a citar ante os tribunaes, que a castigarão corporalmente, segundo a exigencia do caso, a gravidade da falta, ou as circumstancias do delicto.

O marido, cuja conducta seja completamente desregrada, será declarado interdicto.

A administração, n'esse caso, tractará dos interesses da esposa, quando ella não estiver no estado de os dirigir e administrar por si propria.

Se o esposo tiver empregado maus tractos, será severamente punido, e o mesmo succederá, quando tiver desprezado a sua companheira, ou se a obrigar a soffrer indignidades da parte de uma rival.

Artigo xl:—Os cargos de directora serão propostos como recompensa de uma conducta irreprehensivel. E será esta a espectativa das que, não tendo nunca incorrido em castigo algum, tiverem talento e conhecimentos especiaes.

Preferir-se-hão para este emprego as raparigas que tiverem amante. Terão o direito de sahir nos dias em que as suas occupações internas lh'o permittirem, e sahirão tambem para tractarem de todos os negocios da casa, ou por qualquer outro motivo, advertindo a superiora.

Além da consideração que merecem, as directoras terão um premio assignalado pelo desempenho do seu cargo, premio bastante lisongeiro, e que consistirá em poderem casar á sua vontade os seus filhos não reconhecidos pelos paes, e dar-lhes um appellido de familia ; e quando não tiverem filhos permittir-se-lhes-ha a adopção dos filhos ou filhas da casa de que mais gostarem, podendo tambem casal-os, testar em seu favor e dar-lhes o seu nome e os seus bens. Deste mesmo direito, relativo aos filhos das mulheres da casa, gosarão os administradores.

Artigo xli :— As *veteranas,* que não poderem ser empregadas no que se determina no artigo xxxiii, e no precedente, gosarão durante o resto dos seus dias de uma vida tranquilla e socegada, e viverão n'um aposento da casa destinado para ellas, convidando-se a fazer alguma cousa, e recompensando-se as que assim procedam, mas sem que sejam obrigadas.

Se algumas d'ellas se tiverem aproveitado com vantagem dos exercicios das pensionistas, a ponto de estarem em condições de ensinar a dança, ou a musica, ou a tocar algum instrumento, ficarão sendo empregadas da casa.

Estas mestras gosarão de uma consideração proporcionada ao seu merecimento, sentar-se-hão á mesa das directoras, e terão como ellas o privilegio de sahir a certas horas.

Artigo xlii :— As raparigas, depois de terem entrado na casa, nunca mais sahirão, a não ser que estejam comprehendidas nos casos especificados nos artigos xix, xl, xli, ou no que se explicará no artigo xliv.

No caso de herdarem, poderão egualmente ir tomar posse dos seus bens, se não preferirem gosar a sua nova fortuna, permanecendo na casa.

O *Parthenion* não poderá receber doação dos bens das referidas raparigas, nem de qualquer outra pessoa.

As herdeiras que sahirem ficarão sempre sob a vigilancia e auctoridade do conselho de administração, o qual as obrigará a voltar ao *Parthenion,* se a sua conducta fôr escandalosa e desregrada.

Artigo xliii :— Uma rapariga, que depois de haver entrado na casa, sentir elevar-se-lhe a alma, e formar então o proposito de viver de futuro como mulher honrada, será animada pelo conselho no cumprimento de tão excellente resolução. A administração fará as vezes de seus paes, ou a reconciliará com elles, precedendo a prova completa da sinceridade do seu proposito. Chegando-se ao convencimento da verdade, prestar-se-lhes-hão todos os serviços que a razão e a humanidade reclamam.

Artigo xliv :— O *Parthenion* permanecerá rigorosamente fechado, durante as principaes festas do anno. N'esses dias conduzir-se-ha parte das rarigas aos theatros e espectaculos da capital. As carroagens em que ellas se dirigirem a essas diversões serão hermeticamente fechadas, e os camarotes que occuparem estarão cobertos por uma cortina de gaze, que se correrá no momento da sua chegada.

Artigo xlv :— A administração das receitas de todos os *Parthenions* do reino será commum. As mulheres poderão ser trasladadas de uns para os outros, segundo parecer necessario á prudencia dos administradores.

A administração de Paris terá, porém, a inspecção geral d'estes estabelecimentos, podendo exigir que lhes enviem raparigas de outras cidades á excepção das que tiverem amantes, e das mencionadas nos artigos XVIII, XXIV e XXIX. Essas nunca poderão ser removidas, excepto no caso de seus amantes irem residir em cidade que tenha *Parthenion.*

Sendo assim, e por exigencia d'elles, seriam obrigadas a acompanhal-os, para a terra do seu destino, devendo apresentar-se ao *Parthenion,* onde ficarão estabelecidas nas condições estipuladas nos artigos precedentes.

Eis o projecto da creação do *Parthenion,* segundo se encontra delineado no *Pornographo* de Retif de la Bretonne.

No capitulo seguinte, Retif tracta das abjecções a que algumas das ideias contidas no projecto podia dar logar.

CAPITULO IV

SUMMARIO

Como Retif de la Bretonne responde ás diversas objecções feitas, ou que se pódem fazer contra o regulamento do *Parthenion*. — O artigo que se refere aos edificios. — As multas. — Os directores. — A recepção das mulheres. — Vantagens do sigillo a que se refere o capitulo precedente. — O *Parthenion*, logar de refugio. — Faltas e crimes. — O modo de entrar no *Parthenion*. — A escolha do homem e a escolha da mulher. — Outras objecções. — A tabella dos preços. — Casamentos prohibidos. — A gravidez das Parthenienses. — Quantas vezes póde ser pedida uma rapariga. — Vantagens de algumas disposições do regulamento. — Destino dos filhos nascidos no estabelecimento. — Administração commum de todos os *Parthenions*. — Estatisticas curiosas. — Receitas e despezas. — Resumo das vantagens d'estes estabelecimentos. — Meio infallivel de extinguir o flagello da syphilis. — De como o escandalo da Prostituição podia acabar. — *Quam mala sunt vicina bonis!*...

Depois do regulamento, que acabamos de transcrever na sua integra, com todos os seus absurdos e com todas as suas disposições sensatas, porque esse documento do auctor do *Pornographo* é um mixto de serio e de burlesco, de pensamentos profundos e de verdadeiras puerilidades, — o individuo a quem finge dirigir-se o personagem da novella de Retif de la Bretonne, apresenta-lhe algumas objecções, que dispensamos o leitor de ver na sua integra, para o não enfastiarmos com repetições inuteis.

Afim de responder a essas objecções, e ao mesmo tempo para evitar quaesquer outras que podessem surgir contra a sua ideia, o auctor junta ao livro uma parte, que vamos traduzir na sua integra, por ser em extremo curiosa, e que elle intitula:

RESPOSTAS ÁS OBJECÇÕES QUE PODERÃO SURGIR CONTRA CADA UM DOS ARTIGOS DO PROJECTO DE REGULAMENTO DO PARTHENION

ARTIGO I: — *Casas*. — Bastaria no principio alugar casas particulares, nas quaes pequena despeza haveria que fazer. É claro que não haveria logo todas as commodidades, mas esperar-se-hia que as houvesse, e que o estabelecimento disposesse de fundos. Ter-se-hia assim a vantagem de inaugurar o novo edificio com as parthenienses recebidas, conforme se prescreve no artigo VI do regulamento.

D'este modo, as mulheres publicas, recolhidas por toda a parte, nenhum

tracto teriam com as verdadeiras *Parthenienses*, menos desgraçadas, menos corrompidas, do que essas creaturas por tanto tempo immersas no lodo e na abjecção.

As *Parthenienses*, além das vantagens já conhecidas, gosarão de outras quasi eguaes ás que offerecem os *Conservatorios* de Italia, estabelecimentos onde se recebem as mulheres ou as creanças, que a miseria poderia arrastar á libertinagem.

Veja-se a ultima disposição do artigo XVI.

Mulheres publicas actuaes: — Uma multa de 500 libras, ou mais forte ainda, segundo as posses do delinquente, imposta aos, que desprezando as leis, alojassem rameiras reconhecidas como taes, seria o meio mais efficaz que poderia empregar-se, sobretudo se se concedesse ao delator a recompensa prescripta e o segredo, se elle assim o pedisse.

Artigo II: — *Mulheres por conta de um homem.* — Parece-me que não podem prohibir-se de golpe as mulheres amancebadas, como julgo poder fazer-se ás prostitutas. Isto deve collocar-se na classe das cousas que uma boa administração dos *Parthenions* póde melhorar. Uma execução violenta e precoce deve considerar-se como odiosa e impraticavel, e de mais a mais seria submetter a inquirições injustas um grande numero de mulheres honradas, que d'este modo encontrariam difficilmente um sitio onde podessem alojar-se. Com o nosso systema, remedeia-se o mal indirectamente por meio dos artigos 18, 24 e 29.

Artigo III: — *Novas casas.* — Desde o momento em que se pretende reformar, é preciso empregar todos os meios para que a reforma seja constante e facil de manter. A vergonha está no vicio, e não nas precauções que se tomam contra elle.

Artigo IV: — *Administradores e directoras.* — Esta ideia não é nova. É o que se praticava antigamente nas principaes cidades do reino.

Quanto ás directoras, é evidente que, relativamente ás funcções a que se destinam, este cargo não póde ser exercido senão pelas pessoas designadas.

Artigo V: — *Exercicios, entrada das receitas, reserva dos administradores e seus privilegios.* — O exercicio do cargo de administrador será feito com ordem e decencia. Será mister escolher cidadãos extremamente honrados para governar os *Parthenions*, administrar as suas receitas e inspirar aos libertinos um temor respeitoso, fundado na conducta irreprehensivel de todos os membros do conselho de administração. A disposição d'este artigo, que lhes prohibe a entrada na casa, justifica os artigos XVIII, XXIV, XXVIII e XXIX, e estes mesmos artigos deixam comprehender a sua necessidade.

Effectivamente, homens de tanta seriedade não podem ser suspeitos de fórma alguma de amarem uma mulher do *Parthenion*. A ultima disposição não pede para os administradores senão o privilegio inherente a outras companhias, menos uteis do que esta.

Artigo VI: — *Recepção de mulheres, e segredo.* — O que prescreve o principio d'este artigo tem dois motivos, ambos poderosissimos.

O primeiro, proporcionar um asylo seguro ás raparigas, que as afaste da

tentação de infringir o primeiro artigo. O segundo, não divulgar o segredo das familias.

A ultima disposição, referente á edade, é essencial ao estabelecimento proposto. Poderia, no emtanto, haver excepções em favor da belleza e do talento.

Artigo VII:—*Asylo do Parthenion.*—A disposição d'este artigo poderá escandalisar á primeira vista. No emtanto, é necessario que seja exactamente seguida, tanto para tirar aos paes a esperança de uma vingança inutil e evitar por este meio escandalos de que elles mesmos serião os primeiros a arrepender-se, como para assegurar a tranquillidade das mulheres do *Parthenion.*

Esses paes serião por este modo privados do direito que a natureza lhes dá sobre suas filhas, em castigo de não haverem sufficientemente cuidado da sua educação.

Artigo VIII:—*Faltas.*—E' necessario empregar uma extrema indulgencia n'um estabelecimento como este. O rigor tornal-o-hia impraticavel, e a razão d'isto é obvia. *Tomar o menor mal por um bem,* é a sua divisa. Este projecto em si mesmo não é um bem, não é mais do que a extrema diminuição de um mal, incomparavelmente maior do que parece, ou poderia imaginar-se.

Artigo IX:—*Crimes.*—O mesmo motivo presidiu á redacção d'este artigo. Se se visse no cadafalso uma filha do *Parthenion*, que effeito não produziria este facto para o projecto de que estamos tractando? E qual é o fim d'este projecto? Attrahir todas aquellas a quem uma fatal inclinação arrasta ao abysmo da prostituição: fazer-lhes ver n'estas casas um destino mais doce e vantajoso, do que ellas poderiam ter por si proprias, ou valendo-se d'essas infames intermediarias, que o governo se via obrigado a tolerar, apesar dos seus crimes. Não se diga que procuro incitamentos ao vicio. Submetto-me ao criterio de todas as pessoas rasoaveis. O estabelecimento que proponho nunca poderá tentar uma rapariga honesta.

Essa rapariga seria sufficientemente detida na sua quéda, pela nota de infamia impressa pelos nossos costumes e pela natureza ao ultimo dos estados. Vale muito mais para as que se portam mal ir para o *Parthenion,* do que para outra parte.

Artigo X:—*Situação dos Parthenions, officinas, secretarias, entrada das raparigas.*—Repito o que tenho dito n'outras partes. É preciso attrahir os homens ao nosso estabelecimento, não para lhes inspirar o amor da libertinagem, mas sim para os desviar de procurarem outras mulheres, com as quaes a sua saude se poria em mais graves perigos. Quanto peior não succede actualmente! Depois de haverem perdido a saude, communicam uma vergonhosa enfermidade a suas virtuosas esposas, e dão ao estado filhos, que não podem ser-lhe senão um inutil e embaraçoso encargo.

Tenho motivos para crer que, em virtude do que se dispõe n'este artigo e nos seguintes, tudo se executaria sem confusão nem escandalo.

Artigo XI:—*Modo dos frequentadores se apresentarem na secretaria.* Este artigo tem por fim dar um accesso mais facil ao estabelecimento.

Artigo XII:—*Escolha do homem.* O frequentador poderá escolher entre

uma multidão de raparigas bonitas. Pela sua parte, ellas não devem sentir repugnancia por aquelle que as pede. Veja-se quanto o nosso systema tira á Prostituição tudo quanto ella tem de asqueroso, brutal e feroz!...

Artigo xiii: — *Escolha da mulher.* Tudo quanto este artigo contém é justo. Devolvamos á natureza, quanto seja possivel, um estado que hoje tão rebaixado se encontra. A eleição do homem foi livre, seja-o egualmente a da mulher. Se o projecto não tivesse em vista senão o amor physico, estas precauções seriam perfeitamente inuteis. Longe de mim o pensamento de ter querido rebaixar tanto o homem!... A distincção entre o physico e o moral não existe nunca no homem pensador. Para elle, amar é gosar, e gosar é amar. Não deve imaginar-se que o meio proposto para obviar a uma recusa geral origine grandes difficuldades. De resto, estes casos seriam rarissimos. Este artigo reforça o vii, cuja execução facilita.

Por exemplo: — Uma rapariga reconhece seu pae, ou um amigo da sua familia. Póde immediatamente dizel-o em segredo á directora, afim de que esta não lhe peça o numero.

Artigos xiv e xv: — *Corpo da guarda.* — *Entrar sem armas.* — Estes dous artigos teem por fim manter a ordem e a tranquillidade, para cuja conservação seria mister tomar muitissimas precauções. São uma consequencia dos artigos x e xi.

Artigo xvi: — *Bilhetes.* — Os pormenores d'este artigo são necessarios para que todo o mundo tenha a certeza de encontrar no *Parthenion* o que deseja. Sustento até que não deveriam ser excluidos os homens pertencentes ao estado ecclesiastico, comtanto que evitassem o escandalo.

Quantos d'esses homens que se consagraram imprudentemente a uma chimerica perfeição não se vêem arrastados por uma paixão furiosa!... E por causa d'ella chegam até a abusar da confiança e do segredo que exigem certas praticas, cuja utilidade não pretendo atacar, para levarem a vergonha e o desespero ao coração dos desventurados paes!

A prescripção com que termina este artigo representa outro bem, que resultará do estabelecimento: — preservar da dissolução um grande numero de raparigas, restituindo-as á sociedade.

Artigo xvii: — *Preços.* — E innegavel que as mulheres do *Parthenion,* vivendo alli com uma certa regularidade, sempre limpas e elegantes, attrahirão com mais rasão os homens a quem destino as veteranas, do que essas desgraçadas, sujas, ebrias e corrompidas, com quem geralmente se entreteem. Os preços do primeiro, segundo e terceiro corredor são os mais baratos e convidativos, e exigirão, portanto, lá fóra mulheres muito inferiores ás que de ordinario subministra o estabelecimento proposto. O do quarto corredor não é muito elevado para as pessoas abastadas, que gostam do prazer, e que frequentemente perdem a saude, pagando-o mais caro ainda.

Será mister elevar-se bem alto o do quinto para evitar a agglomeração dos freguezes.

O resto d'este artigo prescreve as precauções que devem tomar-se, para que não sejam distrahidas as receitas do estabelecimento, e demonstra ao mesmo

tempo a energia da disposição que encerra o artigo v, comminando penas gravissimas contra o delegado que deixar vêr as folhas das receitas.

O fim de todas as precauções que se tomam a respeito do modo de collocar o dinheiro no primeiro cofre, é prevenir todas as difficuldades que poderiam nascer entre os homens e as directoras.

Porque, no caso dos primeiros pretenderem enganal-as, a directora terá sempre a seus olhos a tabella e o dinheiro, que não deixará cahir no cofre, senão depois de entregar o bilhete e de deixar sahir o homem. Se o deixasse cahir no cofre antes d'isto, commetteria uma falta, e responderia pela quantia.

Artigo xviii: — *Amantes, aposentos das raparigas que os têem, entrada dos amantes declarados, escolha de uma amasia, falta de pagamento, ausencia.* — Talvez isto pareça contrario ao fim do estabelecimento. Concordo que, á primeira vista, ha razões para assim o suppôr. Mas deve egualmente convir-se que a casa hade ter sempre sufficiente numero de mulheres. Até poderia considerar-se o que proponho n'este artigo, como um meio de impedir a ruina das familias. Quantos homens não ha ahi indignamente depennados por umas sereias, que consideram como uma brincadeira enganal-os, ao passo que os vão roubando litteralmente? Muitissimos, e com a ideia expressa n'este artigo, cessaria esse inconveniente. Um amante, além de estar seguro da fidelidade da sua amasia, poderá limitar-se unicamente á despeza exigida pela casa. De resto, esta mesma despeza irá successivamente diminuindo, porque não pagará mais de 42 libras por semana, quando a sua amante possar dos 16 annos; 32 libras e 12 soldos, quando tiver 18; 25 libras e 4, soldos, quando tiver completado 20; 16 libras e 16 soldos, quando chegar aos 25; e 14 libras, quando passar dos 30, preço que não augmentará, emquanto durarem as suas relações.

Ainda, para favorecer os amantes, foi reduzido a 6 libras o preço das mulheres do 5.º corredor. É assim mais prudente, e ha assim mais estimulo.

O que diz respeito aos filhos refere-se tanto a procurar a satisfacção dos paes, como o allivio dos encargos da casa.

As clausulas das disposições seguintes têem por fim prevenir as desordens, que resultariam da liberdade que teriam os homens de frequentar uma mulher com amante, assim como para assegurar a execução do artigo xxviii.

Artigo xxix: — *Casamentos prohibidos.* — Não convem que o estabelecimento projectado favoreça uniões deshonrosas, assim como, por outro lado, seria injusto privar da liberdade da escolha os que são senhores de si proprios.

Creio, ainda assim, que seria absolutamente necessario declarar nullo todo o matrimonio contrahido por um homem, distincto pelo nascimento ou pela posição social, com uma mulher do *Parthenion*, dado o caso que tivesse chegado, apresentando nomes falsos, a obter a permissão do conselho administrativo, e isto mesmo na hypothese da rapariga não ter conhecido outro homem. Este artigo demonstra claramente a necessidade de não confiar a administração dos *Parthenions*, senão aos cidadãos mais honrados e intelligentes, quer dizer a pessoas que reunam aos seus bons costumes talento sufficiente, para adoptarem uma resolução justa n'estes casos importantes.

Artigo xx: — *Gravidez das raparigas que não tiverem amantes.* — A

razão, ainda mais que a natureza, prescreve este procedimento. Entregar-se-hão os filhos aos paes, porque, executando-se o meu projecto, os paes concorrerão com todas as despezas, e deverão por isso mesmo gosar todas as vantagens.

ARTIGOS XXI, XXII e XXIII: — *Gravidez das raparigas que tiverem amante, sallas communs, nomes das Parthenienses, exercicios, comidas, noites, estimulos.* — Não ha inconveniente em conceder taes prerogativas aos paes que forem *amantes*. No emtanto, este artigo XXI contém outras disposições que talvez não sejam claras. Perguntar-me-hão, por exemplo o que pretendi dizer, ao fallar dos paes que não podem contrahir matrimonio, e que portanto hão de deixar a metade dos seus bens. Responderei sómente que os abusos que imperam são muitissimo mais perigosos, do que os que o meu projecto occasionaria, apesar de que em si proprio nada contém contrario á natureza, á razão e ás leis; bem entendido, no caso em que os ditos paes evitassem o escandalo, que deve ser castigado com rigor, n'um estado bem constituido.

Os artigos XXII e XXIII determinam o emprego de todas as horas do dia. Um estabelecimento sem regra cahe n'uma especie de anarchia, que destroe a utilidade que d'elle se pretenda tirar. Ensinar-se-ha ás raparigas tudo quanto possa contribuir para as tornar mais interessantes. Ninguem poderá escandalisar-se, porque a razão já a fiz conhecer no artigo VIII.

ARTIGO XXIV: — *Privilegio dos amantes.* — Tem por fim tudo quanto se diz a este respeito alliviar a casa e dar aos homens uma liberdade, que os faça preferir o estabelecimento a outra qualquer maneira de ter uma amante.

ARTIGO XXV: — *Emprego do tempo na salla commum.* Liberdade. Já é bastante não poder sahir de casa, para que ainda se estreite o rigor dentro d'ella; e para as obrigar de uma maneira efficaz a gosarem as diversões permittidas, supprimir-se-ha tudo quanto possa distrahir-lhes a attenção. Não se lhes ordenará que leiam ou trabalhem, mas collocar-se-hão na alternativa de o fazerem ou de se aborrecerem.

ARTIGOS XXVI e XXVII: *Quantas vezes poderá ser pedida uma rapariga, e quantas uma veterana.* — Muitas razões me determinaram a propor o artigo XXVI. As mulheres de que n'elle se trata estão já n'uma edade avançada, e é de presumir que não abusarão. São em pequeno numero, proporcionalmente aos homens, que só a ellas pódem aspirar. Estes homens, pela sua parte têem menos caprichos. Satisfazem-se mais facilmente que os de condição elevada. Se não fosse assim, as *veteranas* seriam um grande encargo para a casa, mas ainda assim, esta razão não prevaleceria, se a primeira não existisse.

As que tiverem tido trabalho uma ou duas vezes por dia poderão pedir para serem dispensadas de apparecerem na salla commum, durante o resto do dia. Serão vigiadas de perto, e a superiora terá o maximo cuidado e a mais escrupulosa attenção pela saude d'essas mulheres.

ARTIGO XXVIII: — *Infidelidades.* — A severidade d'este artigo proporcionará uma especie de castidade no proprio seio da prostituição. A impudicicia é o abuso do acto da geração, e nada é mais contrario á propagação da especie. Eis a razão porque os antigos moralistas recommendaram a pureza. Os homens mais virtuosos têem sido castos.

Perguntamos agora: Será tambem um crime a continencia absoluta?

Póde responder-se que o exemplo é pouco perigoso, e que o effeito que produz sobre os outros homens é sempre excellente.

A completa abstinencia de mulheres não é prejudicial, ou *culpada*, senão no individuo que fez d'ella uma lei, ao passo que a incontinencia publicada por homens e mulheres teria effeitos espantosos, propagando-se por toda a parte, dando ao amor uma causa sem effeito. O effeito do amor é a reproducção do homem.

Artigo xxix:—*Mesa, ordem, leito, roupa branca.*—Tudo isto seria necessario e deveria ser executado ao pé da lettra. O conselho de administração deveria pôr n'isto um cuidado especial.

Artigo xxx:—*Despezas de fatos.*—Sendo estipulado o orçamento das despezas de fatos, durante todo o anno, pelas receitas e despezas, é natural que as mulheres da casa tenham a liberdade de escolher os factos que quizerem, em harmonia com esse orçamento. As raparigas destinadas ao casamento podem vestir-se com os fatos que forem deixando as outras mulheres do *Parthenion,* no caso de se encontrarem em bom estado, graças aos cuidados de limpeza e boa conservação que as directoras exigirem ás raparigas.

Artigo xxxi:—*Banhos.*—Os banhos não são de uso tão frequente entre nós como deviam sel-o, desde que o uso da roupa branca se propagou. É certo que um banho morno favorece a transpiração de uma infinidade de impurezas, e preserva de enfermidades muitas vezes mortaes, sobretudo ás pessoas sedentarias. Outra vantagem que o banho tem para as mulheres é aclarar a tez das que são demasiadamente morenas.

Artigo xxxii:—*Cosmeticos.*—Os cosmeticos em geral fazem mais mal do que bem, sobretudo ás mulheres que são bonitas. Enrugam-lhes o rosto, desfazem-lhes as côres naturaes, e apressam-lhes as apparencias da velhice.

Artigo xxxiii:—*Veteranas.*—Uma multidão de infelizes, alojadas na extremidade dos bairros das cidades, vão todas as noites de rua em rua communicar a sua corrupção aos homens uteis e robustos, que a sua má sorte transformou em servidores da humanidade. Devo dizel-o: Esses homens têem para a sociedade um valor muito differente do do auctor mais esclarecido, do proprietario ocioso, do commerciante astuto, do impertinente janota, do inutil e preguiçoso creado. São elles que edificam as nossas casas, cultivam os nossos jardins, conduzem fardos, etc.

Deverá abandonar-se deshumanamente esta pobre gente aos perigos a que as expõe uma paixão que domina até os mais virtuosos? O abuso que reina actualmente é maior ainda do que o censurado por Columella, quando diz:

«É um grande mal dar aos operarios, entregues aos trabalhos mais necessarios, meios e facilidade para visitarem as prostitutas.—*Quippe plurimum affert mali, si operario meretricando potestas fiat.*»

Esta maxima, cheia de sabedoria e de razão, não é esquecida pelo nosso projecto. O regulamento attendeu-a. O homem, condemnado a rudes trabalhos, não se verá exposto nem á perda da saude, nem á do tempo, nem tão pouco á libertinagem.

Disse-o até agora varias vezes e torno a repetir: Eu não pretendo favorecer a libertinagem. Teria desprezo por mim proprio, se tivesse concebido similhante pensamento. O que desejo prevenir são as consequencias de um abuso necessario, é o progresso do mal, é o termo de uma cruel e perniciosa enfermidade.

Artigo XXXIV: — *Enfermidades venereas; visitadoras.* — Eis o principal dos fins do estabelecimento. Não se permittirá que um homem escolha uma mulher, sem haver a certeza de que está completamente são.

Artigo XXXV: — *Superiora.* — E' natural que o primeiro dos deveres da superiora consista em vigiar pelo exacto cumprimento do artigo precedente e pela execução dos que se lhe seguem respectivamente.

Artigo XXXVI: — *Multas.* — Creio que não deve haver nem sombras de consideração para os que, sentindo-se atacados de peste venerea, tenham a preversidade de querer communicar aos outros o seu mal, sendo ao mesmo tempo tão inimigos de si proprios, que pretendam aggravar esse mal, em vez de procurarem uma cura prompta e completa.

Artigo XXXVII: — *Tractamento.* — O cuidado que deve haver com as raparigas enfermas é uma consequencia necessaria de estabelecimento, e a mais digna e meritoria das obrigações da superiora e das suas subordinadas.

A administração tomará exacta conta d'este tractamento e remediará promptamente os abusos e descuidos que se dêem. E' n'isto que principalmente se deve evitar a rotina e falta de attenção.

De resto, todos os artigos se encontram de tal modo ligados, que a falta de cumprimento de um só occasionaria a violação dos demais.

Artigo XXXVIII: — *Sorte dos filhos nascidos na casa; rapazes e raparigas.* — Os homens são a riqueza do estado: protegendo a sua multiplicação eis o modo de um monarcha augmentar o seu poderio. Que ventura para os habitantes dos campos, entre os quaes o recenseamento militar occasiona todos os annos sustos terriveis, verem-se livres d'elles, por causa do nosso estabelecimento! A vantagem que o nosso projecto traria n'este sentido ao estado seria immensa! Milhares de homens ficariam livres para se dedicarem ao cultivo das terras, porque a maior parte dos que abandonam a lavoura para irem servir o rei, não voltando ao seu trabalho depois de satisfeito esse dever, convertem-se em pandegos e vagabundos, outros em grandes libertinos, e quasi todos se habituam a ociosidade dos grandes centros de população, ficando completamente perdidos para o estado.

Temos de convir que os subditos ministrados pelos *Parthenions* do reino não bastariam para completar o exercito, mas isto não é mais do que uma indicação de meios, não é uma lei.

O que é certo é que todos elles dariam excellentes soldados, porque desde a infancia seriam educados na submissão e na dependencia, tão cegas como absolutas. Não teriam parentes nem amigos, o seu pae seria o estado. Permaneceriam no serviço todo o tempo que as suas forças lhe permittissem. Estes velhos soldados seriam empregados nas occasiões difficeis, em que a experiencia e a intrepidez em presença do perigo são necessarias.

Póde objectar-se que estes soldados seriam vilipendiados pelos outros: seria, no emtanto indigno que se lhes atirasse em rosto, como um crime, uma desgraça, de que elles não têem culpa alguma.

Pelo que respeita ás raparigas, póde tirar-se partido d'estas desgraçadas feitas pela natureza, empregando-as utilmente no serviço da casa. As outras escolherão o estado que mais lhes agradar.

Poderá dizer-se que o dote que para ellas proponho é consideravel, attendendo ao grande numero que póde haver.

Respondo a isso que as raparigas formosas serão ordinariamente a decima parte de todas ellas, e creio além d'isso que o *Parthenion* bem dirigido e bem administrado poderá accudir a esta despeza. Isto procurarei ainda demonstral-o n'outro ponto.

Poderia objectar-se outra cousa, por exemplo, os grandes encargos que a casa já tem a cumprir, as *veteranas,* as enfermas, etc. Convenho na justiça d'esta observação, mas se houvesse um outro meio de auxiliar a casa, esta objecção cahiria por terra.

E haveria esse meio?

Certamente.

O hospital da Salpetrière seria completamente inutil. Poderiam transferir-se para outra casa as loucas, e passarem para o nosso estabelecimento os seus rendimentos. Vou mais longe ainda. Ouso affirmar que os hospitaes não cumprem, não prehenchem o fim de utilidade, que tiveram em vista os seus fundadores, e não procuram aos pobres o conforto e allivio que geralmente se julga encontrar alli. Deixe-se subsistir sómente o Hôtel-Dieu, porque n'uma capital como Paris é preciso haver um logar onde o indigente possa morrer como viveu,—quer dizer, no seio do horror e nos braços do desespero. Triste humanidade!

Todos os outros hospitaes fazem maiores damnos do que beneficios, entretêem o ocio, e enganam os desgraçados que se fiam n'esses estabelecimentos para se entregarem em saude a todos os excessos. Quando esperam encontrar alli a tranquillidade e o repouso, encontram apenas um inferno antecipado. Digo-o, porque vi. A morte é um mal menos horrivel, que a triste vida que se arrasta nos nossos hospitaes!

Supprimil-os, ou applicar todas as suas receitas á sustentação de uma casa para as mulheres publicas gravidas, para os expostos, ou para o novo estabelecimento, seria destruir um grande mal para crear um grande bem.

Emquanto á maneira de vestir das pessoas da casa, par ce-me que não é extraordinario o que proponho. A propria decencia o exige imperiosamente. Aquelle que era de opinião que as diversas classes sociaes deviam distinguir-se por trajos differentes, não profundou decerto a sua ideia. Esta distincção entre os homens é odiosa, sobretudo dados os nossos costumes. Serviria apenas para alimentar a impertinente vaidade de um certo numero de homens, ao passo que cobriria de confusão a classe media, mais numerosa que todas as outras. De maneira que entre mil seria ir satisfazer o capricho de um homem, em prejuizo de 999.

Similhante lei nem sequer é digna de propor-se.

Artigo xxxix: — *Auctoridade do conselho sobre os filhos nascidos na casa.* — A disposição d'este artigo manterá no exacto cumprimento dos seus deveres as *Parthenienses*. Seria para desejar que o castigo dos seductores fosse geral. N'um paiz em que as leis e a religião prohibem o divorcio, precisam-se remedios extraordinarios. Não conheço nada tão criminoso e desprezivel como uma mulher que engana seu marido, como aquelle que a seduz.

Artigo xl: — *Eleição das directoras; seus direitos, mestres de exercicios.* — A esperança de chegar a ser directora, ou pelo menos de chegar a ensinar as artes ás raparigas, dar-lhes-ha gosto pelos exercicios.

Este meio será talvez menos efficaz para conter as mulheres da casa que os castigos, mas em compensação não terá inconvenientes.

Artigo xli: — *Condição das veteranas.* — É importante não assustar as raparigas com a perspectiva de um futuro triste e penoso.

Artigo xlii: — *Clausura; caso de alguma das raparigas ter uma herança.* — As raparigas, uma vez recebidas na casa, nunca devem sahir d'ella, seja para o que fôr. Assim, não se encontrarão pelas ruas mulheres publicas, e por conseguinte as mulheres honestas nunca serão insultadas, por engano, pelos libertinos e devassos, por que, sendo-o, a lei defendel-as-ha immediatamente, e ao mesmo tempo acabará o escandalo que as prostitutas davam, mostrando-se pelas ruas.

Outra vantagem: — Os homens evitariam muitos crimes, sem os incitamentos que lhes offerecem as rameiras, que encontram, e que despertam n'elles desejos adormecidos.

Não se receiariam tantos inconvenientes, se supprimida a prostituição, os libertinos não encontrassem outro meio de se entregarem ás suas inclinações. Teriam no *Parthenion* um recurso sempre prompto. O artigo exceptua da regra estabelecida as que se casarem, e as que, convertidas em senhoras de si proprias pela morte de seus paes, e herdeiras de uma fortuna sufficiente para viver, quizessem sahir para a administrarem por si proprias.

Tudo isto é justo e rasoavel. O poder que a casa conservaria sobre ellas é necessario para as conter, ou fazer cessar as desordens que o nosso estabelecimento está na imprescindivel obrigação de prevenir e evitar.

Artigo xliii: — *Raparigas que desejem mudar de vida.* — Este artigo demonstra a maneira como os administradores hão de governar a casa, assim como a necessidade de não dar este cargo senão a cidadãos virtuosos.

Em todos os empregos o homem de bons sentimentos pratica sempre o bem. Os patifes não fazem senão patifarias.

Artigo xliv: — *O Parthenion fechado; de dois males evitar o peior.* — Não se deve dar ouvidos aos enthusiastas, fallam muito, fallam demais, gritam... e quasi nunca reflectem no que dizem. Em Londres, onde aos domingos não ha espectaculos, as casas de prostituição são frequentadissimas; joga-se alli toda a noite, e apanham-se bebedeiras tremendas. Melhor seria abrir os theatros e prestar culto a Shakespeare, ou a Dryden. Seria, pelo menos, mais honroso do que ir para os lupanares.

Artigo xlv: *Communidade entre todos os Parthenions.* — A casa de qualquer das provincias que tivesse muitas raparigas deveria mandal-as para a capital, sem que as administrações parciaes podessem recusar-se. A capital, á falta de mulheres, mandaria buscar aos *Parthenions* provinciaes as que precisasse. Comprehende-se a razão d'este privilegio.

. . . .

. . . .

Um certo numero de homens da capital, muito mais vís do que as prostitutas, perderão com o estabelecimento do *Parthenion,* a base da sua subsistencia. Estes infames são em geral os auctores de muitos assassinios secretos. Passam a vida n'uma crapulosa ociosidade. Todo o seu talento reduz-se a insultar, e a baterem-se cobardemente, como assassinos. Têem um nome, que antigamente não era vergonhoso, porque queria apenas dizer *gendarme,* soldado, homem de armas. Esse nome é *maquereau, machoerophorus,* alcoviteiro; na accepção moderna, nome vil e degradante.

Passando a outro assumpto: Parece muito provavel que o numero de raparigas, tanto publicas como amancebadas, ascenda no reino a 30:000, sendo 20:000 na capital e 10:000 nas provincias.

Não basearei, porém, os meus calculos em numero tão consideravel. Supponhamos apenas que ha em Paris 12:000 prostitutas, contando com as que estão amancebadas, e metade d'este numero no resto do reino. Apesar do bem estar que o estabelecimento proporcionará ás *Parthenienses,* não duvido que a prohibição de sahir á rua, a impossibilidade de se entregarem a excessos, que são os funestos acessorios da prostituição, reduzam bastante o numero d'estas desgraçadas. Tirarei, portanto, mil da conta, tudo para deixar o calculo em numeros mais baixos.

Temos, pois, no reino 17:000 prostitutas, que poderiam perfeitamente ser collocadas nos *Parthenions.*

Está provado que apenas a terça parte dos homens chegam a completar os quarenta e cinco annos de edade. Esta regra geral deve estar em dupla proporção para com as mulheres publicas. Por isso quando se tiver feito a escolha das duas classes de *veteranas,* que prescreve o artigo xxxiii, ficarão *mil prostitutas* em todo o reino, a cargo do estabelecimento projectado.

E essas mulheres produziriam em cada dia uma receita, que excederia mais ou menos a despeza que proporcionam; a saber:

Receitas

Veteranas, 500, produzindo por dia	libras	120
Ditas, mais 600, » » »	»	360

Primeiro corredor

N.º 2, a 18 soldos / N.º 1, a 1 libra e 4 soldos	»	2:100

Segundo corredor

N.º 2, a 1 libra e 16 soldos / N.º 1, a 2 » e 8 »	»	4:200

TERCEIRO CORREDOR

N.º 2, a 3 libras / N.º 1, a 3 » e 12 soldos	»	6:600

QUARTO CORREDOR

N.º 2, a 4 libras e 16 soldos / N.º 1, a 6 »	»	8:100

QUINTO CORREDOR

N.º 2, a 12 libras / N.º 1, a 24 »	»	18:000

SEXTO CORREDOR

A 96 libras........................	»	8:160

TOTAL

9:585 raparigas dos *Parthenions* de Paris e das provincias, produzindo por dia........................	»	47:640
Por anno........................	»	17.388:600

Como as raparigas amancebadas dos dois ultimos corredores são a preço muito mais baixo, não se falla nem das noites nem das multas, que constituem receitas muito superiores a esta diminuição.

DESPEZAS

Temos primeiramente o vestuario das raparigas dos seis corredores, que podem gastar por dia 500 libras, o que dá por anno a somma de	libras	7.885:000
O das *veteranas* escolhidas........................	»	369:000
Sustento das raparigas, directoras e mestras, dá por anno	»	6.241:500
Conservação e reparos dos edificios construidos em todo o reino........................	»	50:000
Total, libras........................		14.545:500

Não se faz deducção alguma das raparigas amancebadas, vestidas e alimentadas pelos seus amantes.

A manutenção e o costeio do vestuario dos operarios e operarias, compensar-se-ha de sobejo com o producto do seu trabalho, por isso não os inclui no orçamento anterior.

Será bom notar-se que não se *empregam* mais que 9:585 mulheres por dia, sobre 17:000.

No emtanto, á medida que o estabelecimento se vá compondo de mulheres amancebadas e publicas, haverá muito mais receitas de que as descriptas. E póde até computar-se a totalidade designada em uma terça parte apenas do que o estabelecimento poderá render, emquanto que a despeza ordinaria está computada tão alto, como nunca succederá n'uma casa, onde a multidão de boccas diminuirá necessariamente a despeza de cada individuo.

Por conseguinte, deverá ficar a favor do estabelecimento, pagas todas as

despezas, uma somma muito maior do que a de 2.743:000 libras, que excede a despeza, na hypothese apresentada.

Com este excedente poderão comprar-se remedios para as doentes, pagar-se as mensalidades ás amas, dotar as raparigas nascidas na casa, que estiverem nas condições de dar este passo, e sustentar as veteranas inuteis.

9:585 raparigas poderão dar por anno 4:000 filhos, que viverão um anno: 3:000 que viverão tres annos, 2:000 que chegarão á adolescencia.

É um calculo approximado, comprehende-se. Calculando a 6 libras por mez a cada creança, os *Parthenions* de todo o reino ficariam sobrecarregados com a despeza de 288:000 libras no primeiro anno, de 459:000 libras no segundo, de 576:000 libras no terceiro, e ao fim de oito annos, de cerca de 1.500:000 libras, porque á medida que as creanças forem crescendo, deixarão de estar a cargo da casa, quer sahindo, quer trabalhando para ella. N'este calculo entraram todas as desvantagens que podem dar-se, porque se suppoz que nenhum pae quererá alimentar os filhos. Ficam, portanto, sob esta ultima hypothese 1.243:100 libras para as *veteranas* e para os dotes, mas já mais acima provei que os excedentes das receitas devem ser muito mais consideraveis.

Resumindo, é este um meio quasi infallivel de aniquillar a praga venerea, de expulsar da Europa esse monstro, que não nasceu decerto para o nosso clima, de diminuir o escandalo da prostituição, de deter na sua rapida carreira a indecencia dos costumes, e de dar ao estado um grande numero de subditos, que não lhe serão pesados, e sobre os quaes terá um poder illimitado, porque terá sobre elles os direitos de pae e soberano.

Repito: Alguns inconvenientes mais terá este projecto, por exemplo, a prostituição que hoje não é mais que tolerada, pareceria ser por elle auctorisada.

Será isto um verdadeiro inconveniente, e se o é, não ficará plenamente compensado? Não ficará sendo um bem effectivo?

De resto, em que projecto deixarão de encontrar-se inconvenientes? Citem-me uma lei qualquer, mesmo a do perdão das injurias, que collocou a Socrates acima de todos os homens, e da qual um Deus nos deu exemplos muito mais santos e heroicos ainda!

Citem-me um projecto que não tenha inconvenientes, e do qual não possa dizer-se algumas vezes:

Quam mala sunt vicina bonis! Errore sub illo
Pro vitio virtus crimina sæpè tulit!

CAPITULO V

SUMMARIO

Notas ao *Pornographo* de Retif de la Bretonne.—A prostituição moderna.—Differença entre as cortezãs syrias, as sacerdotisas de Venus e as prostitutas francezas, inglezas e hespanholas.—De como as mulheres publicas são mais raras no Oriente do que na Europa. — Costumes das mussulmanas.— A prostituição na America.— A festa das pelles na California.—A prostituição em Londres.—As prostitutas allemãs.- As rameiras suissas.—A prostituição na Italia.— As prostitutas hespanholas.—Como Retif as apreciava.—A Hespanha, o paiz mais corrompido do mundo.—As prostitutas francezas.—Sua divisão em doze classes.— As *entretenues*. - As coristas e bailarinas. — As *demi-entretenues*.—As *Racrocheuses*.—As *Boucaneuses*.—As *Barbouteuses*.— Uma aventura n'um bordel. — A velha alcoviteira. — Horrores praticados n'um prostibulo. — O amor é a causa da infelicidade do homem. — A religião e o heroismo, as duas primeiras fontes da desegualdade humana.—Monstruosas aberrações.—Infamias no domicilio conjugal. — Propagação da siphylis a todas as classes. — O regulamento ou estatutos da prostituição em Avinhão, no tempo de Joanna de Napoles.—As prostitutas nos exercitos.—Versos de La Motte-Messeme.—Influencia do luxo nos costumes francezes.—A seducção de Lucilia.—Infamias clericaes.—Conclusão do trabalho de Retif de la Bretonne.

A SEGUNDA parte do *Pornographo* é constituida pelas notas explicativas da primeira, começando este trabalho por dois curiosos estudos a respeito da prostituição entre os antigos.

Para não estarmos repetindo aqui assumptos amplamente tractados nos tomos antecedentes, omittiremos o resumo feito pelo auctor do *Pornographo* da prostituição na antiguidade, limitando-nos a traduzir o que elle escreve ácerca da prostituição moderna, principalmente no seculo XVIII e principios do XIX.

«Os costumes das nações modernas, diz elle, mais decentes que os das antigas, por causa da mudança de religiões, são por isso mesmo muito mais contrarios á prostituição.»

E continúa:

A prostituição, longe de ser um acto do culto, é completamente contraria ao espirito da religião dos povos modernos. Para os homens que vivem em sociedade, existe um freio mais poderoso que o das leis, a opinião.

Não ha estado que deixe de respeital-a, e não ha excesso de que não seja capaz o que consegue libertar-se do seu jugo.

As religiões dos povos modernos inspiram aos seus crentes o horror das mulheres publicas, cobrem essas mulheres de infamia, e declaram-nas inferiores aos animaes.

O mundo julgou reconhecer n'este juizo severissimo a voz da divindade e da razão, e applaudiu-o.

Pobres mortaes, como sois cegos! Ignoraes, por ventura, que a infamia de uma condição qualquer nem por isso deixa de a fazer mais numerosa! E qual é o resultado mais vulgar do aviltamento que haveis irreflectidamente infligido á mulher publica?

Consultae a experiencia, e ella vos dirá que o pretendido remedio torna muito mais prejudicial o vicio.

Uma syria, uma sacerdotisa de Venus e uma mulher da Laponia viviam honradamente, depois de se haverem prostituido. Hoje uma franceza, uma ingleza e uma hespanhola, mulheres publicas, são entes perdidos, monstros que a terra devia tragar.

Qual é a razão d'esta differença?

As mulheres publicas da antiguidade não se julgavam aviltadas. As mulheres publicas modernas, resolvidas a entrar n'uma classe, onde não esperam encontrar senão um deshonroso desprezo, degradam-se, para se tornarem insensiveis, e abraçam todos os vicios que aviltam a alma humana.

Nada mais facil de manchar, e nada tão funesto nos seus resultados, não só para os individuos aviltados, como para todo o genero humano!

Se isto é uma verdade irrecusavel a respeito das prostitutas, o que se hade dizer das outras profissões uteis, do theatro, por exemplo? Mas deixemos este assumpto para outro logar.

Voltando á prostituição. Nas nações modernas é um estado vil, contrario á reproducção da especie, destruidor dos bons costumes, perigoso para a saude, perigoso até para a vida, cujas fontes está continuamente atacando.

É exercido por *lobas* esfaimadas, para as quaes nada ha sagrado, e que nos devolvem com usura todo o mal que lhes fazem as leis. Ora são precisamente estes inconvenientes que o *Pornographo* tracta de remover.

Envilecidas, infamadas, expulsas, castigadas a miudo, as prostitutas, apesar d'isto, augmentam cada vez mais. Hoje em dia são em maior numero do que nunca. É uma triste verdade, de que não póde duvidar-se. . .

Quaes foram, porém, as causas do renascimento da prostituição moderna, que a invasão de quasi todas as nações pelos barbaros do norte fizera em grande parte desapparecer?

A extrema desegualdade que, por assim dizer, a entorpecera, fel-a renascer. Os nobres, com os seus infames direitos da *pernada* e da *prelibação*, tiraram aos seus vassallos a primeira flôr da honestidade dos costumes.

Uma rapariga manchada pelo senhor feudal, bem depressa se entregava a outros homens. Os progressos do vicio são rapidos, e a prostituição reappareceu.

Lancemos uma vista de olhos por todas as nações conhecidas. Em nenhuma d'ellas deixaremos de vêr esta mancha, em nenhuma d'ellas o *mal do Haiti* deixou de fazer consideraveis destroços!

. . . .

. . . .

As mulheres publicas são mais raras nos estados dos principes asiaticos, do que entre as nações christãs, e isto pelas rasões acima explicadas. Encon-

O prato complacente

tram-se, é verdade, nas grandes cidades do Oriente, sobretudo n'aquellas, que pelos seus portos de mar são commerciaes, e, portanto, mais frequentadas pelos estrangeiros.

Mas o que são essas mulheres?

Algumas desgraçadas, filhas dos gregos, envilecidas pelos mussulmanos. Judeus, navegantes europeus e christãos de todos os paizes, são os unicos que as frequentam, motivo porque as enfermidades venereas fazem poucos destroços nos estados do grão senhor e nos dos outros potentados da Asia.

As mussulmanas não se prostituem, mas os costumes ganham alguma cousa com isto? Nada, absolutamente. Os turcos de limitada fortuna, que não podem ir visitar uma prostituta christã, sem exporem a sua vida e a d'ella, recorrem a meios muito mais vergonhosos ainda.

Da America, pouco direi. A prostituição forma alli ainda, entre os indomaveis indigenas, parte do culto.

As colonias têem os costumes das nações de que dependem. Os escravos não têem outra vontade, além da de seus donos. As mulheres dos selvagens livres seguem o instincto da natureza. A *doença das Antilhas* é endemica em certas regiões d'aquella parte do mundo, mas alli é muito benigno e mesmo de facil cura.

Entre os peruanos, os mexicanos e os habitantes das ilhas civilisadas, a prostituição religiosa degenerara no mais completo desaforo, antes da descoberta d'aquellas regiões. Os dois sexos foram accusados de pederastia ante o conselho de Hespanha, e foi este um dos motivos apparentes da ordem barbara do seu exterminio.

No emtanto, duvido, apesar d'estas indicações, que as americanas fizessem da prostituição um officio. Está quasi averiguado que não se entregavam aos homens senão em certas occasiões, e que voltavam em seguida ao modo de vida habitual.

Esta conducta é a mesma ainda hoje observada pelas mulheres da California, na festa das pelles, ou na da colheita dos *Pitahaias*.

É, portanto, na Europa onde devemos procurar a infamia das mulheres publicas, com toda a obscenidade e aviltamento inherentes a uma condição que a religião e as leis reprovam egualmente, seguida das desordens e perigos, que ella acarreta comsigo, como suas deploraveis consequencias.

Londres é capital da Europa, que melhor poderia passar sem prostitutas publicas de profissão. Os costumes de uma grande parte das suas mulheres são bastante dissolutos. As tabernas, onde os dois sexos podem egualmente reunir-se sem escandalo, offerecem aos que querem satisfazer uma inclinação demasiado viva para o prazer, commodidades que em nenhuma outra parte se encontram.

Apesar d'este relaxamento dos costumes, o numero das prostitutas é enorme. O seu impudor, que chega ao cumulo, impressiona mais ainda por isso que as mulheres honradas são alli tão modestas e recatadas, que inspiram respeito e veneração.

Não ha muitos exemplos de serem audaciosamente provocadas pelos li-

bertinos. A divisão em classes, de que fallaremos ao occupar-nos das mulheres de Paris, póde egualmente servir para as da capital da Gran-Bretanha.

Na Allemanha, as mulheres publicas são toleradas nas grandes cidades e expulsas nas de segunda ordem, apenas conhecidas. Póde dizer-se que este paiz e a Suissa são os dois da Europa que maior pureza de costumes tem conservado. Ainda assim, o caso explica-se por não haver alli grandes cidades, por não haver entre povos fortunas enormes, uma demasiada desegualdade que produzisse a corrupção.

Ha provincias de França, onde os costumes são puros, e ha cidades na Allemanha, taes como Berlim, que talvez excedam Paris e Londres na corrupção.

A temperatura do clima não é mais de que uma debil barreira opposta á corrupção de alguns homens, para quem os excessos dos prazeres produzem uma especie de *lethargo-genital*, e que não podem despertar os sentidos, senão pagando a peso de ouro o prazer de infames complacencias.

A enfermidade venerea, e por conseguinte a sua cura, eram quasi desconhecidas na Allemanha antes das duas ultimas guerras. Pela sua parte, a Suissa seria ainda espectadora desinteressada da chaga geral, se alguns dos seus filhos, soldados mercenarios das potencias visinhas, não lhe tivessem levado o veneno da siphylis.

A depravação segue o progresso. E é muito natural que os homens não possam illustrar-se, sem se corromperem. Os orgãos tornam-se mais delicados e a alma aperfeiçoada vê a maior distancia, e tem muito maiores desejos. N'aquelle estado, precisa de novos prazeres. Os da natureza parecem-lhe demasiado simples, complicam-nos para os tornarem mais picantes, mas tudo quanto sahe dos limites prescriptos pela natureza, não é mais do que desordem e crimes. Não ha religião nem lei que possam mudar a marcha dos costumes. Como um rio, augmentado pela neve derretida, destroe todos os diques, que não servem senão para lhe augmentar a furia da torrente.

A barbarie, assim como o excesso da civilisação, são n'uma nação escolhos egualmente perigosos para os costumes.

Berlim, a Inglaterra, a Italia e a França estão no segundo caso, e por isso é preciso desculpar algumas desordens: é uma desgraçada necessidade, que póde comparar-se á retirada que muitas vezes um general habil se vê obrigado a ordenar, sem que o exercito fique deshonrado.

Com os actuaes costumes, uma lei tão perfeita como impossivel seria a que disposesse que todos os rapazes se casassem logo que chegassem a homens. Parece-me que esta lei só poderia cumprir-se sem grandes inconvenientes nas aldeias.

Nem todos podem imaginar os differentes modos de libertinagem que a corrupção das grandes capitaes suggere aos homens, privados de todos os meios naturaes para satisfazerem as necessidades do seu temperamento, o que me leva a crêr que seria necessario um *Parthenion,* em todas as cidades em que houvesse tropa.

A prohibição de contrahir matrimonio, que a disciplina militar torna ne-

cessaria, deixaria de ser dura para os soldados, e não os exporia a corromperem-se com rameiras, das quaes uma basta para envenenar um regimento inteiro.

Poderiam escolher-se para as cidades de guerra essas prostitutas allemãs, tão altas e tão bem constituidas; d'este modo os homens d'armas não viviriam em vão para a posteridade.

Voltemos ás pequenas cidades da Allemanha. Estão exactamente no mesmo caso das nossas cidades de provincia de primeira ordem, onde só se vêem prostitutas de passagem, ou infelizes como as que indicaremos na duodecima classe das da capital.

As cortezãs têem um bairro na Roma christã, assim como n'outro tempo tinham o *Suburra*. Encontram-se entre essas prostitutas algumas que dão provas de bons sentimentos, reunidos a uma rara belleza. Estas escolhem os seus freguezes, nunca se entregam senão a homens distinctos, e têem escrupulo de receber muitos homens, quando um só basta para lhes dar o necessario, no que differem muito das *entretenues* de Paris e de Londres, que dizem pretencer a um só e que servem a quem lhes dá na vontade, ou a quem lhes paga.

Ha tambem outras especies em Napoles, Florença e n'outras cidades da Italia. São raparigas muito novas, que se collocam sob a direcção de uma velha conhecida dos *Monsignori* e dos velhos ricos e voluptuosos. Esta mulher leva-as todas as noites ao velhote rico, o qual as manda embora, depois de lhe terem satisfeito os mais extranhos caprichos.

Se o velho paga por sua mão, a rapariga cumpriu satisfazendo tão humilhantes complacencias. Mas, se dá o encargo de pagar ao seu mordomo, este, no desempenho d'esta commissão, exige o mesmo que seu amo, e ás vezes mais. Desde que os encantos d'estas desgraçadas perderam o seu primitivo fulgor, não têem outro recurso senão entregarem-se ao publico.

As prostitutas hespanholas, entre todas as europeias, são as que mais gravemente exercem o seu vil officio. ([1])

A ferocidade natural á sua nação expõe-nas todos os dias a sujeitarem-se a mil caprichos brutaes, que as degradam mais que n'outro qualquer paiz. Seria muito perigoso citar exemplos d'isto. Mas como ficaria vingado o desgraçado habitante do Mexico e do Perú, se visse as irmãs e filhas d'aquelles tyrannos, submettidas a taes caprichos!

Não ha povo algum tão corrompido como a Hespanha (!!)

As meninas, encerradas na casa paterna, onde não viram nunca outros

---

([1]) Ou as hespanholas do tempo de Retif de la Bretonne não tinham o *salero* das filhas da peninsula nossas contemporaneas, ou o auctor do *Pornographo* não entendia cousa alguma do assumpto. Graves, as prostitutas hespanholas!... Que idiota! ..

Apesar de todas as rasões expostas pelo escriptor francez, as hespanholas nunca deixaram de ter aquelle fogo e aquella graça, que lhes deram em toda a Europa uma justa celebridade.

Retif não passava de um semsaborão, leitores! O que se prova exhuberantemente no decurso das suas extravagantes theorias a respeito da prostituição.

homens senão seus paes e irmãos, sahem d'alli manchadas para passarem aos braços de seus esposos(!!!)

Nota-se, todavia, que a doçura natural á casa de Bourbon, começa a suavisar esta atrocidade de costumes, communicada á nação pelos Pedros, pelos Filippes 2.^os e pelos duques d'Alba!

(Retif, ao que se vê, conhecia tão bem os costumes e a historia do povo hespanhol como entendia de mulheres hespanholas!...)

Vou agora tractar minuciosamente das prostitutas francezas.

Podemos dividil-as em doze classes, a saber:

Primeira: — Raparigas sustentadas por um homem só, que não tarda em dar-lhe socios. Esta primeira classe tem uma tabella de preços, que não póde determinar-se lá muito bem. Procura prazeres, que nem sempre são muito seguros.

Segunda: — As prostitutas por condição, taes como: coristas, bailarinas, etc., etc. Esta classe é a mais perigosa. Não quero fallar aqui das actrizes celebres, porque respeito a virtude de algumas d'estas mulheres. Arruinam marquezes, duques e financeiros opulentos.

Terceira: — As *demi-entretenues*. São raparigas que vivem sob a protecção de sua mãe, e que sendo bonitas, encontram sempre um homem, disposto a sustental-as. Esta classe é a menos terrivel, mas é vil e indigna de um homem delicado. As *demi-entretenues* não exigem grandes sommas. Os nossos livros *grivois* contêem numerosas partidas feitas sem cessar aos homens, que as têem por conta, por esta especie de mulheres

Falla-se muito das raparigas do theatro e d'aquellas a quem se põe casa. Pois satyra, por mais sangrenta que seja, nunca chegou á verdade a este respeito. Tenho visto muito mais do que os livros contam, mas não o direi para não offender a *demi-honnêteté* das *demi-entretenues*. Direi sómente das de 3.ª classe que é muito pouco lisongeiro encarregar-se um homem de uma rapariga, a quem mil outros corromperam, porque esta mulher, á imitação das escravas turcas ou persas, não é fiel, senão emquanto espera a occasião de o deixar de ser.

Como ha coragem para sahir em companhia d'ella, apparecer nos espectaculos, nos passeios e nos demais sitios publicos, onde a cada momento se será apontado a dedo? Não será natural fazer má opinião de um homem que se atreve a tudo isto?

Resta ainda alguma cousa que dizer em cada artigo a respeito da maneira como se exerce o infame commercio, que serve para desenganar os homens, que têem a fortuna de o não saberem por experiencia propria, e ver-se-ha assim que não podem gosar-se verdadeiros prazeres com as desgraçadas de quem vou fallar, porque não ha meio mais seguro de inspirar aos dois sexos o horror da libertinagem.

O vicio por si só é tão feio, que assusta sempre, desde que se apresenta sem as apparencias que lhe sabe prestar como tanta arte e benevolencia uma imaginação corrompida.

Quarta classe: — Comprehende as raparigas de exigua virtude, que não

se prostituem senão interinamente, quando lhes falta o trabalho e apenas com o fim de obterem os meios de subsistencia.

As raparigas, de que se trata aqui, pertencem geralmente fallando ás classes mais inferiores. Não têem posição determinada. Seriam desculpaveis, se podesse ter desculpa o facto de abraçar em similhante condição.

Os libertinos consideram estas mulheres um bom bocado, quando chegam a descobrir alguma. E em que consiste um prazer tão apreciado? Em triumphar de uma pobre rapariga, que morre de fome e que devora lagrimas ardentes, ao prodigalisar as suas caricias mercenarias, ou então em gosar essa desavergonhada, que se reduz á ultima humilhação para ganhar o pão, é verdade, mas sem repugnancia para o crime, assim como sem gosto para o prazer, ordinariamente sujo e grosseiro entre ellas.

Triste e detestavel voluptuosidade!...

Quinta classe: — As cortezãs que têem numerosos conhecimentos, que recebem e pagam as visitas. Os libertinos de limitada fortuna fazem entre si differentes combinações, ás quaes se prestam estas psostitutas. Poderia citar algumas que assustariam o cidadão honesto. Diz-se que jovens operarias, vivendo na casa paterna, têem ás vezes dois, trez, e mesmo seis amantes, a um preço modico por semana.

Estas apresentam na libertinagem alguma cousa mais picante e menos fastidiosa. São sempre limpas, e ás vezes elegantes. Excitam os sentidos, mas nunca o coração nem a alma. O poder dos attractivos não chega a tanto!

O que é o amor, reduzido ao goso dos sentidos?

Infeliz libertino, mais te valera ser honesto!

Sexta classe: — As mundanas, a quem as velhas procuram freguezes, e que quando sahem á rua, não demonstram o que são. Preferem quasi sempre os velhos depravados.

Setima classe: — As raparigas que vivem com alcoviteiras, que as reservam para os velhos, ou para outros quaesquer, que paguem bem. Algumas vezes levam-nas ao campo a casa de ricos libertinos.

Oitava classe: — As *Racrocheuses*. Esta classe tem differentes empregos. É um escolho perigoso para as pessoas honestas. As prostitutas d'esta especie, ordinariamente de edade madura, são um pouco mais razoaveis do que o resto. Mostram mais algum decoro no seu porte; portam-se bem. Têem um homem vil, ao qual dão o nome de *amigo,* nome que aquellas boccas infames não se pejam de profanar, assim como profanam o de *amante*.

Nona classe: — As *Boucanneuses*. Vivem tambem com mulheres velhas, mas entregam-se ao primeiro que chega, e muitas vezes são ellas as primeiras a procural-os.

Correu de lupanar em lupanar, levando uma vida muito depravada e muito triste, e demais a mais com exiguo proveito.

As donas de casa fazem-lhe pagar a renda, os vestidos e a roupa branca, e bastante caro para que nada lhes fique, expondo a cada instante a saude por causa d'aquellas infames. Só apanham alguns cobres aos freguezes, a custo dos maiores pedidos.

Decima classe: — As *Racrocheuses*. Vivem em quartos mobilados e estão sujeitas a muitos inconvenientes da parte da policia. Algumas vivem tambem ás vezes por conta de velhas alcoviteiras. Nunca estão descançadas.

Nada prova tanto até que ponto nos cega a paixão, como a coragem que teem certos homens bem educados para seguirem uma desgraçada da escoria social a uma mansarda asquerosa, onde não encontram nem sequer uma cadeira para se sentarem. Alli têem apenas, para saciarem a brutalidade, um ente sujo e repugnante, que causa nojo, ainda aos mais faceis de contentar. E se fosse possivel que uma creatura d'esta especie tivesse alguns attractivos, os seus modos não tardariam a dissipar toda a illusão.

Pobres cegos!

Quereis ver a humanidade no ultimo perigo da degradação? Segui uma d'essas miseraveis ao seu immundo antro de libertinagem. Um homem sensato não terá nada a receiar das suas paixões, experimentará apenas um sentimento de dôr e de compaixão, de mistura com uma invencivel repugnancia.

Undecima classe: — As *Gouines*. Andam muito mal vestidas, e são quasi sempre asquerosas. São ainda peiores de que as da classe anterior. Chega a causar assombro que similhantes monstros vivam á custa de homens sem pudor nem dignidade.

Duodecima e ultima classe: — As *Barbouteuses*. São umas desgraçadas que se encontram nos passeios publicos ou nas ruas pouco frequentadas. Habitam n'umas trapeiras, onde ordinariamente não se atrevem a conduzir ninguem. São muito perigosas para os homens do povo, a quem attraem no seu caminho, para os infeccionarem de virus siphylitico. Feias, asquerosas, repugnantes, chamam ainda assim a attenção de uma multidão de artistas e operarios, que não são casados. As ultimas sete classes podem ser encerradas no mesmo quadro horrivel e repugnante.

Excitado, pelo seu temperamento, perturbado pela vista contínua de mulheres que lhe agradam, o homem sente desejos irreprimiveis, impetuosos. A seu pesar, a despeito da razão que o affasta do perigo, a natureza procura satisfazer esses desejos. Encontra n'essa occasião uma prostituta, vê n'ella os mesmos encantos que o captivaram: a sua imaginação pinta-lhe os prazeres da natureza; torna a sentir os seus transportes de ainda ha pouco: apressa-se a fazel-os participar áquella que os excita, approxima-se d'ella. O acolhimento que estas infames costumam fazer é quasi sempre agradavel. Elle segue-a, ella procura acaricial-o até que lhe paga, faz-lhe todas as vontades, satisfaz-lhe todos os caprichos...

Assim que a prostituta recebeu o salario, tracta apenas de uma cousa, livrar-se d'aquelle homem, o mais depressa possivel. Se algumas vezes uma bocca bonita está mesmo a pedir um beijo, o alento pestilente revolta e nauseia o estomago. Aquelle coração é de gelo, a sua impaciencia, quando se vê muito acariciada, seria capaz de expulsar Venus de Paphos e de Cythera. Quando, porém, concede o ultimo favor, a natureza, ultrajada no seu santuario, castiga cruelmente tão criminosas voluptuosidades. É n'esse momento que taes mulheres se tornam verdadeiramente perigosas!

....

....

Taes são as prostitutas francezas. Eis as suas seducções, os seus encantos. E se bastara ainda pagar caro, sem se experimentar o prazer que se procurava! Mas, na grande maioria dos casos, um prazer frio e insipido produz resultados horrorosos. Soffre-se um cruel castigo, por um prazer que não se gosou.

Quando o venereo começou a manifestar-se na Europa, prohibiu-se, sob pena de morte, aos atacados todo o commercio com as pessoas sãs.

Os atacados da horrivel enfermidade eram sequestrados do convivio social, como leprosos, e dava-se-lhes esmolla para as necessidades da subsistencia.

....

As mulheres entre os antigos gregos e romanos não viviam como vivem em nossos dias as francezas e as inglezas.

Todo o mundo conhece a severidade das leis que Rumulo lhes impoz. Estava reservado ás duas nações mais illustres e civilisadas, que tem havido, o dar á mais bella metade do genero humano direitos por largo tempo usurpados. Estas nações excederam a piedade tão famosa dos romanos para com suas mães e esposas. Tractal-as como eguaes, é mais, consideravelmente mais, do que render-se aos seus rogos, ou consentir em protegel-as.

Este razoavel procedimento relaciona os dois sexos, fortifica os laços que os unem, e parece haver desterrado os vicios vergonhosos, que manchavam os gregos e os romanos, vicios que os seus proprios escriptores ridicularisavam. Vejam-se Marcial e Petronio, Juvenal, Suetonio, etc.

Só as mulheres honestas logram prevenir uma multidão de desordens, inevitaveis sem ellas. Tudo falla a seu favor.

Ellas têem a graça, cousa muito mais provocante do que a belleza. Se se tornassem mais sinceras, mais ternas, menos levianas e garridas, mais sensiveis, tudo submetteriam ao encanto invencivel d'esses thesouros, destinados pela natureza a captivarem-nos!...

Dever-lhes-hiamos então, simultaneamente com uma verdadeira felicidade, a honestidade dos nossos costumes.

As casas de prostituição, dispersas por varios pontos das cidades, fazem nascer frequentemente em certas mulheres o desejo e a occasião de se entregarem á libertinagem.

Entre muitos exemplos que nos contou a este respeito um joven medico, vou apresentar um, supprimindo-lhe ainda assim os pormenores.

Um rapaz, estabelecido ha alguns annos n'uma cidade da provincia, veiu procurar-me para irmos passeiar. Atravessámos juntos a ponte de S..., na occasião em que passava a nosso lado uma mulher muito bonita, acompanhada de um sujeito bem vestido, e que parecia estar na flôr da edade.

A belleza d'essa mulher impressionou-nos muito.

Á noite passámos defronte de um d'esses conventos de Venus, que tanto

abundam na cidade. O meu amigo, que não era precisamente um modello de virtude e de bom senso, teve uma entrevista com a *Abbadessa* do prostibulo, emquanto eu esperava á porta. D'ahi a um momento, veiu ter commigo, e disse-me quem era a mulher que eu tomava por uma sua conhecida. Declarou-me que era uma alcoviteira, que lhe preparava uma boa aventura, accrescentando que tinha ainda n'essa noite de ir a sua casa. Fiz quanto pude para o dissuadir da empreza, e para lhe inspirar um justo horror por tão infames espeluncas. Mas, como o visse obstinado na sua resolução, deixei-o e dirigi-me immediatamente para minha casa.

Seria meia noite, quando vieram dizer-me que estavam batendo á porta com insistencia. Mandei abrir, e dispunha-me a vestir-me, quando vi entrar no quarto o meu imprudente amigo, mas quão differente! Como havia mudado em tão poucas horas! Estava transtornado, pallido, afflicto, abatido, podendo apenas suster-se em pé. Fiquei admiradissimo de o vêr n'aquelle estado. Ministrei-lhe um cordeal, e mandei-o deitar na minha cama, para dormir e recobrar algumas forças.

Quando acordou, contou-me a sua aventura. Soube então com surpreza que havia passado a noite n'uma casa que me indicou, com a mesma mulher que na vespera tanto haviamos admirado.

O meu projecto diminuiria a facilidade que encontram para os seus voluptuosos desejos as mulheres, que se entregam a tão vergonhosos extravios.

....

O mesmo rapaz de que acabo de fallar contava ao seu amigo que um dia, ás cinco da tarde, seguira ao acaso uma velha a uma casa de prostituição.

Não tardou a descobrir que a rapariga que lhe apresentaram não pertencia á casa. Valeu-se de differentes meios para a conhecer. Tendo-se-lhe proporcionado a occasião, viu-a sahir um dia de casa de seus paes, ás nove da manhã com um livro de orações na mão. Seguiu-a. Ella atravessou rapidamente uma egreja, d'alli seguiu por uma pequena rua estreita e sombria, e entrou finalmente em casa da velha.

O rapaz, a quem me refiro, viu-a muitas outras vezes do mesmo modo, mas não gosou aquella boa fortuna tanto tempo como seria para desejar. Um dia, em que, segundo o seu costume, passava na rua em que ella vivia, notou que havia muitas carroagens á porta da casa.

As dez horas, viu-a sahir elegantemente vestida, e bella como um anjo, com uma corôa de flores de laranjeira na cabeça. Onde iria? Ia jurar eterna constancia a um joven esposo, que parecia embriagado de prazer e ventura!

Dicis formosam, dicis te, Bassa, puellam;
Istud quod non est dicere Bassa solet.

Martial.

Esta mentira já não está em moda. As nossas raparigas nunca fallam de si, hoje em dia!

Nas casas de prostituição, reinam sempre as maiores desordens.

Certo individuo foi introduzido n'uma casa publica, por uma d'essas mulheres que costumam attrahir os homens.

A sua chegada, havia muito ruido na casa, de maneira que o nosso homem viu-se na impossibilidade de se mostrar, o que, prudentemente, não devia fazer. Seguiu, portanto, o conselho da sua introductora e retirou-se a um gabinete, cuja porta de vidraça dava para uma salla.

Alli, grande numero de libertinos estavam agrupados em volta de duas raparigas muito novas e muito bonitas, que elles tinham mandado despir completamente. Estavam amordaçadas. Esta cruel precaução suffocava-lhes os gemidos. Supprimo outras circumstancias mais asquerosas: basta dizer que aquelles devassos chegaram ao extremo de amordaçarem tambem a dona da casa e a mulher que acabava de entrar, para evitarem que ellas gritassem por soccorro.

O individuo, que em tão má hora tinha ido áquella casa em procura de prazer, estremeceu de horror. Viu cousas monstruosas e degradantes!...

Finalmente, cessou aquelle cruel espectaculo, mas, antes de sahirem, os devassos praticaram a crueldade de picarem com as espadas as desgraçadas, que estavam assim á sua mercê.

Ellas, coitadas, não podiam gritar, mas ouvia-se um gemido surdo, um gemido horrivel! As lagrimas corriam-lhes em abundancia ao longo das faces, misturando-se com as gotas do sangue que derramavam!

Poderia escrever-se extensamente, a respeito da faculdade de amar sem descanço, seja a um objecto seja a outro, faculdade particular á especie humana.

Para aquelle que considera o amor como um balsamo consolador, destinado a suavisar as nossas penas, a paixão assim chamada é decerto o mais precioso dom da divindade. O homem tem a desgraça de saber que hade morrer, e tem mesmo o orgulho de crêr que de todos os seres vivos é o unico que o sabe. Tem, portanto, duas necessidades a mais do que elles: viver em sociedade, porque a presença dos seus similhantes o distrahe, ao passo que o seu exemplo o reanima e alenta; e ter além d'isto um sentimento que lhe derrame no coração a embriaguez, quando se vê obrigado a contar com elle.

A embriaguez natural do amor, mais viva que a do vinho e a da gloria, faz desprezar a morte. O sentimento, as paixões mais violentas ou menos razoaveis, são-nos uteis e necessarias contra a nossa debil razão.

De quantos preservativos, de quantas compensações não precisariamos, se, por exemplo, podessemos ler no porvir!

Seria preciso que os nossos corpos tivessem uma constituição mais robusta, que os vegetaes e os outros alimentos destinados a conservar a vida tivessem substancias mais poderosas, que todo o systema da natureza mudasse; n'uma palavra, que o nosso globo não fosse como é, nem estivesse onde está, e que nós mesmos fossemos mais do que homens. D'outro modo, o choque das paixões necessarias para o equilibrio destruiria os nossos orgãos.

«Os nossos conhecimentos são tão limitados!» Dizem ainda os homens mais sabios, emquanto que um grosseiro camponez julga os seus tão extensos quanto podem sel-o. Isto succede, porque os primeiros encontram-se muito acima da sua esphera, e os ultimos dentro d'ella. O camponez é uma creança no fundo de um valle, julgando estar vendo todo o universo, e que as collinas tocam as nuvens. O sabio é um homem, collocado no cume dos Alpes, que descobre uns horisontes immensos, e que se irrita da fraqueza dos seus orgãos, que não lhe deixam senão lobrigar o que tanto desejaria vêr.

Qual dos dois é o mais feliz? A razão diz-nôs que o camponez.

Ha uma questão grave, saber se o modo de vida nas nações civilisadas desenvolveu a faculdade de amar. Se as leis do pudor, as graças que os adornos e atavios accrescentam á belleza das mulheres, a succulencia dos alimentos, e outra causas ainda, tornaram continua esta faculdade.

Eu creio que sim. Um philosopho celebre examina, na sua *Historia Natural,* a causa porque o amor faz a ventura de todos os seres e a desgraça do homem. E accrescenta:

«Na paixão humana, só o physico vale alguma cousa; o moral não vale nada.»

Este philosopho, pretendendo que o moral nada influe no prazer physico, argumenta contra a experiencia. A moral do amor não é mais do que uma illusão, bem sabemos; mas essa illusão não destroe a vivacidade do prazer. O que elle quiz dizer, por certo, foi que a parte moral do amor é a causa de todos os nossos males.

Concluamos de tudo isto:

Que, se os conhecimentos superiores á razão não nos promettessem uma condição melhor, teriamos que nos queixar da natureza, que, apresentando-nos seductoramente os prazeres, parece por outro lado affastar-nos d'elles, graças aos escolhos com que por toda a parte nos rodeia, collocando-nos, por assim dizer, á beira de um precipicio, entre a dôr e as privações.

Justifiquemos a natureza e o amor. Nem a primeira nem o segundo são culpados. A desegualdade é a unica origem de todos os males. Os animaes, perfeitamente eguaes entre si, amam sem preferencias. A juventude e a belleza da fórma nas femeas não accrescentam o menor gráu de interesse á affeição dos machos. Está averiguado, pelo conhecimento que temos dos costumes de alguns indigenas da America, que o mesmo succedia aos primeiros homens. Qualquer mulher era boa para elles. Algumas, por um sentimento proprio do seu sexo, defendiam-se sempre um pouco, mas acabavam por se submetterem aos seus vencedores.

Tudo se limitava então ao appetite dos sentidos, e o homem, longe de ganhar com isso, perdia, pelo menos, as duas terças partes da sua felicidade.

Um sentimento mais doce, occulto na sua alma, fazia esforços por se desenvolver, a belleza estava destinada a fazel-o desabrochar...

Entre os infelizes seres humanos, que difficilmente encontram meios de subsistencia, taes são por exemplo os habitantes da California, esta vantagem não existe. Venus e as Graças podem acariciar um rosto feminino, mas os olhos

ardentes e inquietos, os peitos cobertos de pó, o rosto queimado pelo sol, e desfigurado pela intemperie das estações, destroem todos os dons da formosura.

A belleza não devia ter começado a distinguir as mulheres, senão quando o genero humano o julgou necessario. Nasceu então essa ideia da preferencia, que só muito tempo depois começou a conhecer-se com o nome de amor.

A escolha foi durante muito tempo o privilegio do homem. O sexo timido, contente de vêr n'aquelle a quem se entregava o seu defensor e o seu appoio, não tinha inclinação; cumpria apenas um dever. Tranquilla espectadora do combate entre dois activos rivaes, e certa de ter um heroe por esposo, Dejanira teria amado Acheloo, vencedor de Alcides.

As duas primeiras fontes de desegualdade entre os homens foram a religião e o heroismo.

A deferencia que houve para com os primeiros sacerdotes, como interpretes dos deuses, converteu-se bem depressa em submissão. Os heroes ousados, injustos e preversos, terminaram a obra de degradação do genero humano. Recorrendo ao terror, obtiveram as mesmas homenagens que a persuasão fazia tributar aos ministros da divindade.

Os que tiveram velleidades de resistir foram reduzidos á mais baixa condição, foram feitos escravos. Chegámos já ao ultimo grau da desegualdade. Reinam as commodidades, a desproporção das fortunas é immensa. A belleza brilha com a frescura do repouso, e com o esplendor que lhe emprestam os enfeites e atavios.

O escravo, a quem de todas as vantagens do seu ser não ficou senão um coração sensivel, ao levantar os hombros encurvados, para enxugar o suor que lhe brota da fronte, vê a filha de um tyranno.

As flòres da juventude aformoseiam-lhe o rosto. Emquanto o pobre escravo a admira, ella deixa cahir sobre elle um olhar, signal expressivo da compaixão que lhe inspira.

O desgraçado abaixa os olhos, volta ao trabalho interrompido, mas a alma lá lhe fica ferida por aquelle olhar da donzella. Arde em inuteis desejos. A filha do tyranno fez-lhe mais damno, que o proprio tyranno. A sua desgraça é completa...

Podem apreciar-se as consequencias da desegualdade nos outros graus da escala das fortunas, mas o mal chegou ao ultimo grau, quando as mulheres se julgaram com o direito de escolher os seus possuidores, para os quaes em tempos mais remotos a modestia nem sequer lhes permittia erguer os olhos.

O homem foi então completamente desgraçado, e teve a culpa de um sentimento parecido ao que faz desejar as riquezas e as honras, todos essses bens cuja posse é invejada, e cuja acquisição é difficil.

Foi erro do amor? Foi uma falta da natureza?

Não!

Esta pretendida subordinação tão admiravel de classes e fortunas, tão elogiada por vis aduladores, é a fonte de todo o desiquilibrio moral, que se nota na natureza.

Ao terminar estas observações, torno a fallar dos animaes. Será certo

que elles não têem a menor previsão ácerca da terrivel ideia da morte? Não me parece facil determinar a extensão d'esta ideia, mas penso que o cuidado de conservar a vida e a ideia da destruição são inseparaveis. Por isso, se os animaes conhecem este perigo, se o evitam, é porque prevêem a morte, pelo menos de uma maneira instantanea e confusa.

Se assim não fosse, d'onde proviriam os mugidos do touro, quando as suas narinas farejam o sangue de um animal da sua especie, devorado pelas feras? O que causaria ao cerdo aquelle excessivo terror, quando se approxima de algum reptil venenoso, ou lhe fere os ouvidos o ribombo do trovão?

Os caçadores conhecem as astucias, que inspira aos coelhos e ás lebres o terror da morte. E muitas vezes tenho observado que o terror da ovelha em presença do lobo é tal, que as suas pupillas se escurecem, e anda sem vêr durante muitos minutos.

Os animaes são menos estupidos do que geralmente pensamos, mas por isso mesmo, são mais desgraçados do que muita gente cuida!...

Dizia-me ha dias um medico meu amigo:

—«Fui chamado a casa da ***, para vêr uma rapariga formosissima, que eu já conhecia. Disseram-me que estava perigosamente enferma. Suppuz que esta doença fosse uma das habituaes consequencias do seu officio repugnante. Encontrei-a n'um estado espantoso.

«Um homem, a quem ella acabava de fazer gosar os prazeres do amor, queria obrigal-a a uma devassidão espantosa. Ella recusou, desesperadamente, e o malvado torceu-lhe os bicos dos peitos com tanta força, que a infeliz desmaiou. Deixando-a n'este estado sahiu da casa.

«Fil-a curar na minha presença pelo cirurgião, que desesperava da cura. N'este estado encarreguei-me do curativo, e hoje acha-se quasi restabelecida.

«O mais feliz para ella, em tudo isto, foi causar-lhe tal horror esta aventura, que facilmente consentiu em sahir d'aquella casa, para aprender um officio e morigerar-se, proposta que até então sempre recusára.»

Fallei, no texto, do desprezo que os homens têem pelo bello sexo, por estarem habituados a vêr mulheres sem pudor.

Uma menina bastante formosa, cujos paes eram muito das minhas relações, foi obrigada a casar com um homem, que tinha sido um grande libertino. Elle era rico e a pobre menina era pobre. Foi mais um triste exemplo dos casamentos levados a cabo sómente com a mira no interesse! O marido, não contente de se embriagar todos os dias, voltou novamente á crapula.

Um dia, a esposa mandou um recado ao medico, meu amigo, de quem tenho fallado varias vezes. O medico julgou-a indisposta e correu a visital-a. Durante a visita, notou o facultativo que ella estava prestes a chorar, apesar do esforço que fazia para se conter. Queixava-se apenas de flatulencias, de perturbações e de uma tristeza involuntaria.

O meu amigo empregou as maiores diligencias para a tranquillisar, mas bem depressa percebeu que todas as suas palavras não faziam senão augmentar-lhe as maguas. Como tinha outras visitas a reclamarem os seus cuidados, dispunha-se a deixal-a, quando ella lhe supplicou, com mil instancias, que permanecesse na sua companhia até que seu marido regressasse.

O medico ficou tão surprehendido d'aquelle pedido, como já o fôra com aquella tristeza inexplicavel. Continuaram a fallar durante o resto do dia, sem que ella deixasse escapar revelação alguma, que fizesse perceber a causa da sua afflicção.

O marido chegou emfim, e não vinha só.

—«Oh! o infame!» exclamou a dama.

—«O que é, minha senhora?»

—«Sempre realisa a ameaça que me fez!...»

—«E que ameaça é essa?»

—«Senhor doutor, conheço bem a sua discrição e a honradez dos seus sentimentos...»

—«Falle, minha senhora, conte-me tudo!...»

—«Rogo-lhe o favor de não sahir d'aqui!...»

Ao mesmo tempo, indicou ao meu amigo um gabinete, e pediu-lhe que entrasse alli, quando chegasse a occasião de se retirar, accrescentando que precisaria do seu auxilio durante a noite.

O medico assim lh'o prometteu, embora ignorasse em que viria a parar tudo aquillo.

N'isto, appareceu o marido, acompanhado de uma rapariga, que apesar de todo o seu impudor, era muito bonita.

O marido ficou surprehendido de ver alli o medico, mas, não obstante, tractou-o com a maxima amabalidade, convidando-o para cear.

Sentaram-se á meza. A presença do facultativo evitou, durante a ceia, á desgraçada esposa um milhão de mortificações, que o marido jurára fazer-lhe soffrer. Bebeu muito, e extranhou que o medico se tornasse tão sobrio.

Quando viu que era tarde, o medico despediu-se, e sahiu da casa de mesa, acompanhado da esposa do devasso, que o conduziu ao gabinete, segundo fôra combinado. Acabava o meu amigo de se installar alli, quando ouviu com a maior surpreza e indignação que o marido ordenava a sua esposa que prestasse os mais infames serviços á miseravel que trouxera na sua companhia, accrescentando que havia de assistir aos prazeres que ia gosar nos braços d'aquella desprezivel rival! A pobre senhora obedecia, sem dar palavra, mas quando seu indigno marido se metteu na cama com a outra, fugiu para o quarto onde estava o medico, e alli passou a noite, apesar das ameaças do devasso, e de todos os esforços que elle fez para arrombar a porta.

O medico teve de recorrer a todo o seu vigor para evitar que a porta fosse arrombada. Por fim, o monstro desanimou e voltou para os braços da mulher que trouxera comsigo para casa, e depois de se ter entregado a toda a sua brutalidade, adormeceu por fim.

Foi n'essa occasião que o medico perguntou á pobre senhora se aquellas

scenas se repetiam com frequencia, e porque não ia queixar-se a seus paes. Eis o que ella respondeu:

—«Pelo que viu, comprehenderá que sou a mais desgraçada das mulheres, e todavia, não conhece ainda a extensão do meu infortunio. Meus paes, que deviam consolar-me e proteger-me, de combinação com meu marido, são os primeiros a repellir-me, apodando-me de calumniadora e de embusteira. Recusam-se a certificar-se pelos proprios olhos da verdade do que tantas vezes lhes tenho contado, e repetem a meu marido as queixas que, desesperada, lhes vou fazer. E mais maltractada sou ainda por elle, quando isto succede.

«Mas tudo isto não é ainda o peior. Meu marido, habituado a não lidar senão com essas indignas creaturas, que mercadejam com o pudor, exige de mim depravações inauditas! A noite passada tive tambem de encerrar-me aqui para fugir das suas obscenas perseguições. Esta manhã sahiu de casa, dizendo-me com ironia que eu precisava ainda de lições, e que procuraria dar-me algumas, para me livrar de tolos escrupulos. Além d'isto, que esta noite uma mulher, mais complacente do que eu, occuparia o meu logar no leito conjugal.

«Se não fosse a sua bondade, doutor, eu não teria outro recurso, senão fugir d'esta casa para divagar ao acaso por essas ruas, se não quizesse ver-me exposta a tudo quanto me tem feito soffrer um homem tão depravado, como esse tyranno, e a indigna creatura que o acompanha!...»

Tal foi a dolorosa narrativa da pobre martyr. De manhã, emquanto seu marido dormia, o medico conduziu-a a casa da familia, e contou com as côres mais vivas o terrivel destino d'aquella desgraçada. A natureza despertou o coração endurecido dos paes, e commoveram-se emfim com aquella exposição verdadeiramente lastimosa. A infeliz esposa separou-se do marido, e pouco depois foi para um convento, onde uma dama respeitabilissima lhe consagrou bem depressa um affecto maternal.

Esta dolorosa historia faz lembrar os costumes, citados por Martial, no epigramma 105, do lib. XI.

Uxur vade foras, aut moribus utere nostris.
Non ego sum Curius, non Numa, non Tatius:
Me jucunda jurant tractæ per pocula noctes,
Tu properas potâ surgere tristis aquâ.
Tu tenebris gaudes: me ludere teste lucernâ.
Et jurat admissa rumpere luce latus.
Fascia, te, tunicæque, obscuraque pallia celant:
At mihi nulle satis nuda puella jacet.
Basia me capiunt blandas imitata columbas:
Tu mihi das, aviæ qualia mane soles.
Nec motu dignaris opus, nec voce juvare
Nec digitis: tamquam thura merumque pares.
Masturbabantur Phrygii post ostia servi
Hectores quoties sederat uxor equo
Et quamvis Ithaco stertent, pudica solebat
Illic Penelope semper habere manum.
Pedicare negas; dabat hoc Cornelia Gracho
Julia Pompeio, Porciai., Brute, tib

Dulcia Dardanio nondum miscente ministro
Pocula Juno fuit pro Ganymede Jovi.
Si te delectat gravitas, Lucrecia toto
Sis licet usque die; Laida nocte volo.

Este duplo quadro da vida casta, innocente e frugal dos antigos romanos e da conducta devassa e monstruosa dos homens do seculo de Nero, apresenta um admiravel contraste, — o mais licencioso, que a corrupção do coração humano podia produzir.

N'este epigramma, vê-se o abuso dos nomes mais illustres, unido a atrozes blasphemias contra os deuses.

A proposito do contagio venereo, uma aventura:

Approximavamo-nos da capital, e iamos fatigadissimos e cheios de tedio pela lentidão da carroagem, quando entraram duas raparigas, bastante bonitas. Uma teria vinte e quatro annos, e a outra talvez menos dez do que a primeira, mas muito mais vivacidade e audacia.

Conversei muito tempo com Mademoiselle Lebrun, era assim que a pequena Angelina chamava a sua companheira. Tudo quanto ella dizia era tão sensato, que eu apreciava immensamente a sua conversação.

Um rapaz, com quem travara relações durante a viagem, gostou muitissimo da pequena. Na primeira occasião favoravel, colheu a rosa, mas encontrou espinhos. Pouco depois sentiu-os, e deplorava amargamente a sua sorte!

As prostitutas profanas da antiguidade, quer dizer, aquellas cuja prostituição não tinha motivos religiosos, formaram em todos os povos um estado á parte. Designavam-se-lhes bairros separados, onde podessem menos escandalosamente exercer o seu infame commercio.

As mulheres publicas, como temos visto, despertaram durante muito tempo, mesmo em França, a attenção dos governos. Havia sempre um certo numero d'ellas nas cidades, que seguiam a côrte e o exercito, com o nome de cortezãs, ou ribaldas.

Joanna I, rainha de Napoles e condessa de Provença, no famoso Estatuto do logar publico da prostituição, dá á dona d'esse logar publico o titulo de Abbadessa das prostitutas da dita cidade. [1]

La Motte-Messemé falla das cortezãs que faziam parte do sequito da côrte e acompanhavam tambem os exercitos. Brantôme diz que no sequito do exercito do duque de Alba, enviado a Flandres por Filippe II contra os rebeldes,

---

[1] A paginas 173 do Tomo II d'esta obra, damos na sua integra o celebre documento, a que se refere Retif de la Bretonne, extrahido da traducção feita sobre o texto provençal por Astruc.

Alli dizemos tambem quaes os fundamentos da authenticidade d'esse importante e curioso documento.

iam quatrocentas cortezãs a cavallo, bellas como princezas, além de outras oitocentas a pé, que tambem não eram más.

O que diz La Motte é muito mais curioso, tanto mais que se relaciona com as disposições de muitos dos artigos do meu projecto de regulamento, que exigem a decencia, mesmo no seio da libertinagem, tirando-lhe ainda de mais a mais o que ella tem de contrario á natureza, por isso que deixa a liberdade da escolha, tanto á prostituta como ao homem que a pretende.

Eis os versos de La Motte:

. . . . . Deux gaillardes cornettes,
De bien trois cent chevaux, à tout le moins, completes.
Sous lesquels marchaient des femmes de plaisir,
Pour servir le premier qui en avait désir;
Pourvu, cela s'entend, qu'il leur fut agréable.
J'en trouvais la façon si fort émerveillable,
Que pour les voir passer, j'arretai longuement,
Considérant leur port, leur grace et vêtement,
Enrichi de couleur, sous mainte orfevrerie.
J'en remarquais bien là quelqu'une assez jolie...
Mais plus que la blancheur, le brun les acompagne.
Leurs montures n'était de bestes de Bretagne.
L'une avait un cheval, et l'autre lentement
Allait sur un mulet, ou sur une jument:
Les harnois néantmoins, de la houne trainante
Sous leurs pieds, paraissaient de velours, reluisante,
De cinq ou six clinquans cousus tout àlentour.
Il les entretenait qui voulait tout le jour,
Mais avec un respect plein de cérémonie;
Le «Barisel major» leur tenait compagnie.
Or, ces dames avaient tous les soirs leur quartier
Du maréchal de camp, par la main du Fourier;
Et n'eut-on pas osé leur faire insolence.
Toutefois «le Duc», las de telle manigance,
Leur donna ce sujet de prendre meilleur parti;
Pour les malcontenter, moi-même l'entendis
Crier publiquement de mes propres oreilles,
Et Dieu sait si cela leur déplut à merveille!...
C'est qu'entre elles ne fut pas une qu'osat
Refuser désormais soldat qui la priat
De lui prêter sa chambre à cinq sols par nuité;
Tâchant par ce moyen les chasser de l'armée,
Qui lui serait aisé, à ce que l'on disait.
Et en avint ainsi, car telle se prisait
Autant qu'autrefois fit cette Corinthienne...
D'en avoir fait ainsi, le Duc fut estimé
D'ancuns tant seulement, des autres étant blamé;
Et ceux qui admiraient en cela sa prudence,
Alléguaient que c'était faire une grande offense
Et déplaisante à Dieu, d'avoir incessament
Quant et soi un tel train, de vice allechement,
Apportant à la fin, par un si grand scandale
Des gens les mieux vivants la ruine totale.

Chacun en devisait, selon sa passion ;
Car ceux là qui tenaient contraire opinion
Ne voulant confesser bonne cette ordonance,
Disaient que le soldat se donnerait licence
De forcer desormais par où il passerait
Celle qu'à son désir resister n'essayerait,
Puis qu'il avait perdu son plaisir ordinaire,
A lui permis long temps comme mal necessaire...
....
Mais pour ce qu'on en dit, le Duc ne retrancha
Son édit nullement, etc. etc...

Dêmos uma paraphrase d'estes versos, que não mereceriam transcripção, se não fossem os curiosos pormenores que fornecem á historia da prostituição.

«Duas alegres companhias de 300 cavallos, approximadamente, completas, apoz as quaes marchavam mulheres de prazer, para servirem o primeiro que tivese desejos d'ellas, se ellas estivessem para os aturar. Tão extraordinario me pareceu este caso, que estive durante muito tempo entretido a vêr desfilar aquelle batalhão de mulheres. Analysei o seu aspecto, a sua graça, os seus trajos, de variadas côres e com bastantes joias. Notei que alguma d'ellas eram bonitas, mas havia muitas mais brancas do que morenas.

«Os seus corceis não eram animaes da Bretanha;—umas iam a cavallo, outras lentamente sobre um macho, e muitas ainda sobre pobres burritos. Em todo o caso, os arnezes pareciam de velludo, sobre o qual brilhavam cinco ou seis ouropeis, cosidos em redor. Quem queria passava o dia com ellas, mas com um respeito cheio de ceremonia. O commissario-mór, ou o preboste acompanhava-as.

«Estas damas todas as noites eram alojadas, por ordem do aposentador-mór, e ninguem ousaria ser insolente com ellas.

«Apesar d'isso, o duque d'Alba, cansado de aturar tudo aquillo, ordenou-lhes que tomassem outro partido. Foi isto para as descontentar, eu mesmo o ouvi com estes ouvidos, gritar publicamente, e Deus sabe quanto isto lhes desagradou.

«Ordenou que nenhuma d'ellas se atrevessse a recusar-se a qualquer soldado que lhe pedisse emprestada a cama a razão de 5 soldos por toda a noite. D'este modo procurava expulsal-as do exercito, o que seria facil, segundo se dizia, e assim succedeu, porque muitas resistiram, como succedeu áquella de Corintho...

«Por esta resolução, o duque foi muito applaudido de alguns, e censurado de outros. E os que, n'este caso, admiravam a sua prudencia, allegavam que era uma grande offensa feita a Deus, o ter assim incessantemente ante os olhos um incitamento do vicio, que vinha a causar, por fim, por meio de tão grande escandalo, a ruina total das pessoas mais sãs.

«Cada qual fallava a tal respeito, segundo a sua paixão, porque os que sustentavam a opinião contraria, não querendo julgar boa a ordem do duque, diziam que os soldados, d'ahi ávante, por onde quer que passassem, violentariam as mulheres que tentassem resistir aos seus desejos, por terem perdido o

seu prazer ordinario, que lhes havia sido permittido, durante tanto tempo, como um mal necessario...

«Mas, por mais que a este respeito dissessem, o duque não revogou o seu edicto de modo algum...»

A prostituição militar foi, pois, envilecida, e veio a ser por isso mesmo, muitissimo mais perigosa.

João de Troyes, auctor da *Chronica escandalosa*, diz que, a 14 de agosto de 1465, chegaram a Paris 200 soldados de cavallaria, e logo apoz elles oito ribaldas, e um monge negro, seu confessor.

Bello officio, o de confessor d'aquellas mulheres!

Os vestidos das prostitutas encerradas no Parthenion serão de bom gosto, e cada qual vestir-se-ha como melhor lhe approuver.

É certo que o trajo dá ás mulheres mais de metade do valor que geralmente n'ellas encontramos.

É o seu melhor bem. Nunca se póde dizer que n'este ponto sejam excessivas. As suas graças naturaes, ou ficticias, augmentam a nossa ventura e os nossos prazeres.

Tirae á maior parte d'ellas o seu penteado elegante, o espartilho traidor, os lindos sapatos, os cintos, as flores, que ficará?

Nem o mais honesto cidadão poderá ser inimigo d'esta especie de luxo, que tem por fim tornar mais encantador o bello sexo, mais proprio para dar alegria aos nossos corações. Esta legitima voluptuosidade nasce de um terno interesse, de um sentimento tão delicioso, como inexplicavel.

Uma pequena republica póde promulgar leis sumptuarias, como disse um sabio. Póde impedir os seus cidadãos de se servirem de fazendas estrangeiras, ou demasiado custosas. Pode oppôr-se ao estabelecimedto de manufacturas, que empreguem individuos, mais dignos de se occuparem n'outra ordem de trabalhos. Terá muita razão para promulgar estas medidas... Mas uma monarchia, um estado, onde as fortunas são necessariamente de uma grande desegualdade, tem necessidade do luxo, não póde passar sem elle.

A França não possue o melhor terreno do mundo, mas, em compensação, é o paiz mais bello da terra. O que é que lhe dá essa vantagem? O luxo, o luxo, que leva os bens do rico ás mãos do artista e do operario!...

O que é preciso evitar é que o luxo das cidades não tenda a despovoar as aldeias e as pequenas povoações, porque, n'este caso, o edificio ficaria arruinado pela base. Contanto, porém, que haja uma justa proporção, tudo irá bem.

O homem é o primeiro e o mais bello de todos os animaes, mas, repito-o agora, o homem, sem vestuarios, sem adornos, pouco differiria, ainda assim, na fórma, dos mais feios animaes da creação. Demasiado conhecido é tudo isto, para que seja mister deter-me em maiores divagações.

Considero, portanto, tudo quanto adorna e aformoseia a especie humana, como uma cousa louvavel e que é preciso estimular.

Quando encontro no meu caminho um homem, ou uma mulher feia,

que manifestam haverem tido um trabalho insano para disfarçarem, á força de atavios e adornos, os injustos caprichos da natureza, ou a ruina dos annos, agradeço-lhes do fundo de alma aquella garridice.

Sinto-me verdadeiramente feliz, quando vejo esse sexo encantador, do qual dependem o nosso prazer e a nossa ventura, accrescentar ás flores e galas da sua juventude, um trajo elegante e de bom gosto, que realça e centuplica os encantos da sua formosura.

É preciso realmente ser-se dotado de um humor muito azedo, para criticar o genero humano d'um entretenimento tão util e tão innocente!...

Sabe-se por experiencia que o homem é digno de lastima em todas as suas edades. O que annuncia o seu nascimento? Um grito de dôr. Qual é a companheira inseparavel da sua infancia? A fraqueza. Sáe da infancia, e o que o espera? Pedagogos severos, ou tyrannos de outra especie, que o atormentam até aos 20 annos.

Esta edade é talvez a mais perigosa de todas. As paixões levantam-lhe sob os passos mil precipicios terriveis. Se consegue evital-os, se a virtude começa a illuminar-lhe a senda da vida, então a inveja vem denegril-o e persegue-o implacavel até á velhice.

Como acaba? A chorar, causando compaixão, pela sua fraqueza, desabando, como um velho edificio arruinado pelo tempo.

Atrevei-vos, pois, censores injustos a tirar-lhe os seus bonecos e brinquedos! Deixae-o divertir-se, poucos momentos lhe restam já para conhecer quanto é infeliz e miseravel!...

....

Uma historia edificante:

Um honrado burguez de uma capital de provincia tinha uma filha, cujo rosto formosisssimo, e cuja intelligencia lhe davam direito a esperar um esplendido futuro.

Uns amigos, que tinha em Paris, fizeram-lhe comprehender que a formosa menina receberia uma educação muito mais conveniente n'um collegio que elles conheciam, e pelo qual se responsabilisavam.

O pae, que não queria senão o progresso e o bem estar de sua filha, confiou em todas as promessas dos amigos, e a joven Lucilia entrou no referido collegio.

O estabelecimento era perfeitamente dirigido. As educandas estavam alli sob a vigilancia de uma directora tão sabia como prudente. Nenhuma das discipulas da casa podia sahir senão em companhia de seus paes, ou com alguma pessoa por elles enviada, e isto mesmo só depois de muitas indagações e escrupulos.

Quem não havia de suppor a joven Lucilia em plena segurança? Ninguem; tudo quanto a rodeava contribuia para robustecer esta crença.

O que a perdeu, porém? Uma piedade mal entendida, a devoção, uma falsa e hypocrita devoção.

O director espiritual do estabelecimento era um sacerdote muito estimavel e muito respeitado, homem, quando muito, de quarenta annos, de rosto

franco, sympathico, e bonito mesmo, segundo muitas mulheres confessavam.

Tinha um caracter franco, alegre, insinuante e communicativo, e o seu comportamento até áquella data fôra verdadeiramente irreprehensivel, ou pelo menos, se o não fôra, o certo era que ninguem conhecera ainda o seu desregramento. As apparencias nunca o haviam desmentido.

Já tive occasião de dizer que a joven Lucilia era bonita, mas bonita a valer, como os amores. Tinha um d'esses rostinhos de anjo que seduzem logo á primeira vez que se contemplam, e uns d'esses olhos que ninguem deve arriscar-se muito a fitar, sob pena de enlouquecer de amor por elles.

A experiencia da edade não havia dado ainda ao padre director a prudencia reclamada pela sua espinhosa missão. Vêr Lucilia, desejal-a, e conceber logo alli o plano de triumphar da sua innocencia, custasse o que custasse, foi tudo obra de um momento, e o resultado da primeira entrevista particular que teve com a candida menina.

D'ahi seguiu-se o abusar da confiança da inexperiente donzella e da estima que todos lhe professavam no collegio.

Como conseguiu o infame os seus desejos? Nada lhe era mais facil. Apoderou-se da sua vontade, e talvez até do seu coração, no tribunal da Penitencia, onde lhe fez o pedido de o ir visitar á egreja, duas vezes por semana.

Como o collegio era defronte da egreja, Lucilia ia só. Durou isto dois ou trez dias apenas. Em seguida o astuto libertino teve artes para a convencer que devia ir a sua casa, em vez de ir á egreja, dando como pretexto o ter de lhe fazer praticas muito mais extensas e transcendentes que as do confessionario. Accrescentou que estas visitas deviam ser secretas, para não darem que fallar ás suas companheiras, nem excitar a sua inveja.

Lucilia, lisongeada com esta preferencia que o santo homem lhe concedia, não cabia em si de contentamento. Tinha apenas dezeseis annos, e era mais innocente n'esta edade do que o são ordinariamente aos doze annos as raparigas educadas em Paris. Por isso, foi por muito tempo victima de infames liberdades, sem comprehender nem a gravidade, nem sequer o caracter d'ellas.

O padre afinal levou mais longe a infamia. Animado por aquelle exito, deshonrou-a completamente, e não obstante, Lucilia ficou tão innocente como de antes. A principio, não poude comprehender quaes seriam as consequencias do attentado commettido pelo abominavel seductor, mas quando se descobriu a infamia, quando lhe disseram o que tinha feito, quando chegou finalmente a comprehender tudo, invadiu-lhe a alma uma profunda desesperação!...

A pobre menina queria pôr termo á vida, mas algumas almas caritativas procuraram suavisar-lhe os tormentos e as angustias, dizendo-lhe que era victima innocente d'aquella infamia, e que ficara tão pura como antes de ser victima do libidinoso miseravel, porque a sua vontade e o seu coração não tinham sido nem podiam ser cumplices do monstro, cuja infamia e depravação ella poude finalmente apreciar!

Estavam por acaso em Paris dois amigos de seu pae. Apenas Lucilia soube da sua presença na grande cidade, foi visital-os, com permissão da directora.

Contou-lhes tudo, desfeita em lagrimas, n'um impeto do seu profundo

desespero. Elles ouviram-na horrorisados, e quizeram vingal-a, assassinando o miseravel sacerdote. Era, porém, uma loucura, e, pensando melhor, resolveram desistir do seu plano de vingança.

A pobre menina chorou amargamente a sua desgraça, e resolveu abandonar a sociedade, refugiando-se n'um convento. Seu pobre pae, que tinha fundado n'aquella filha adorada toda a sua esperança, sem conhecer a causa d'aquella resolução de Lucilia, ficou consternadissima.

O que significava renunciar ao mundo n'uma edade tão bella, quando tudo lhe sorria? O ancião quiz conhecer a verdadeira causa, e parte para Paris.

Dirige-se ao collegio, pergunta por sua filha, pede para a vêr, e finalmente Lucilia apparece-lhe, mas em que deploravel estado! Tremula, com os olhos banhados de lagrimas, sem ousar levantal-os para o pae, sem ousar pronunciar uma palavra, sequer, como se se sentisse culpada, como se ella tivesse commettido aquella falta, ou fosse complice d'ella, entregando-se inflammada em volupia ás caricias infames do padre!

O pobre pae abraçou-a, cobriu-a de beijos, e disse-lhe assombrado d'aquella extranha metamorphose:

—«Oh filha do meu coração! Filha adorada! Que tens tu? Porque choras!»

Ella nada respondia.

—«Como! Vês-me aqui ao pé de ti e choras! Choras por me vêr, Lucilia!...»

A pobre menina trazia na mão um carta, e sem dar palavra, entregou-a ao afflicto pae.

O ancião lê-a rapidamente, empallidece, os joelhos dobram-se-lhe tremulos, e cahe por terra! Soubera tudo, e aquella terrivel noticia fôra a sua sentença de morte. No dia seguinte, era conduzido ao cemiterio, victima de um ataque cerebral.

Lucilia, que tambem havia perdido os sentidos, ao voltar a si, perguntou por seu pae. Disseram-lhe a terrivel verdade, e a pobre menina, meia louca de angustia, pede que lhe deixem abraçar seu pae pela ultima vez. Concedem-lhe esta piedosa vontade, tão despedaçadores eram os seus soluços, tão commoventes as suas supplicas! Chega ao pé do cadaver, corre a beijal-o, e exclama:

—«Oh meu pae, meu desgraçado pae! Causei-te a morte... eu, tua filha, a tua unica esperança! Pae da minha alma! Recebe-me no teu seio... e perdôa-me!...»

Ou fosse por haver tomado algum veneno, ou então pela violencia da sua dor, a pobre menina permaneceu por muito tempo abraçada ao cadaver do auctor dos seus dias, sem fazer um movimento, ou dar um grito, sequer! Ninguem a perturbou n'aquelle recolhimento do espirito, julgando que seria um allivio a tamanha dôr. Quando mais tarde, porém, quizeram arrancal-a de junto do cadaver... encontraram outro cadaver!...

Lucilia morrera de dôr!

E o culpado? Esse continuou a ser muito feliz e muito respeitado. Chegou á extrema velhice, gordo, anafado, e cheio de todas as honras, que a egreja concede aos seus ministros!...

Assim termina Retif de la Bretonne as notas do seu *Pornographo*.

O leitor tem agora todos os elementos para fazer a apreciação do projecto do *Parthenion*, imaginado por este escriptor. Não faremos novos commentarios á sua ideia.

Retif tinha boas intenções, muita experiencia do assumpto a que consagrou as suas locubrações, e bastante originalidade.

Mas foi infeliz e perdeu completamente o seu tempo.

O *Parthenion* não passa de uma extravagante utopia.

CAPITULO VI

SUMMARIO

De como vae ser muito mais difficil e escabrosa a missão do historiador da prostituição.—Uma questão bastante controversa: Maria Antonietta foi um modello de virtudes, ou uma rainha dissoluta?—Quatro principes devassos.—O conde d'Artois.—A sua educação.—O libertino infantil.—A corteza Flora, sua primeira amante.—Rompimento.—Uma vingança principesca.—Escandalosa aventura.—De como o senhor de Sartines sabia recompensar os magistrados que cumpriam o seu dever.—Enfermidade secreta do conde d'Artois.—Epigrammas contra Luiz XV.—Casamento do conde d'Artois.—Nascimento do duque d'Angoulême.—A Contat, actriz celebre.—A Duthé.—Mademoiselle Lange.—De como o conde d'Artois sabia defender-se no campo da honra.—Desordens da rainha Maria Antonietta, segundo um livro contemporaneo.—A rival de Catharina de Medicis, de Margarida de Valois, de Messalina e de Fredegonda.—Incestos.—Jogos lesbios.—Memorias da condessa de la Motte.—Suas relações com a rainha.—O conde d'Artois parece emendar-se.—Nascimento do duque de Berry.—O theatro da Montausier.—Comedias obscenas.—A rainha representando o papel de Messalina.—O athleta das orgias nocturnas.—Os amantes da rainha.—As excursões ao Trianon.—O papel de Vitus.—A sentinella.—Luiz XVI conhece as aventuras escandalosas da rainha.—Um escandalo na Opera.—Duello do conde d'Artois e do duque de Bourbon.—A gravidez da rainha.—Quem era o pae do delphim?—Epigrammas.—A Dorvat.—A favorita da rainha.—Infamias do Trianon.—O novo Adonis.—Escandalos.—Luiz XVI quer reprimir sua esposa.—Intervenção de Maria Thereza d'Austria.—Carta do cardeal de Rohan á imperatriz.—Carta de Maria Thereza a sua filha.—O bello Fersenne.—Os dotes do conde d'Artois.—O duque d'Orleans, bisneto do Regente.—Seu pae.—Como a duqueza o enganava.—O cocheiro, seu amante.—Nascimento do duque d'Orleans.—O barão de Breteuil.—Uma estreia.—Madame Servien.—Julia.—Crueldade do duque d'Orleans.—Seu casamento.—O principe de Lamballe, denominado o principe *sans balles*.—Planos criminosos.—O duque de Fitz-James.

N'ESTE ponto da historia, a nossa missão torna-se muito mais difficil e escabrosa. Tudo quanto se tem dito e escripto a respeito da infeliz esposa do desgraçado monarcha, que tão duramente expiou a bondade do seu caracter e a excessiva fraqueza do seu animo, na praça da Revolução, é objecto de graves e importantes controversias.

Na côrte d'aquella épocha havia dois grandes partidos. Um, como era natural, defendia e proclamava a innocencia e as virtudes de Maria Antonietta. Do outro, surgiam a cada instante, canções, livros e pamphletos, que a puzeram ao nivel das prostitutas mais desaforadas e incorregiveis!

Temos aqui diante dos olhos um grande numero d'estas publicações, e vamos extractar d'ellas o que mais relação tiver com o nosso assumpto.

O leitor quer certamente perguntar-nos qual o ponto de vista porque vamos encarar a questão... É difficil a resposta. No emtanto, diremos francamente, que se é certo que não temos a pobre Maria Antonietta por um modello de virtudes, ou por uma rainha digna e exemplar, o martyrio dos ultimos annos da sua vida, e a morte que soffreu, apagaram amplamente todas as leviandades do seu mysterioso passado. Será este o prisma porque havemos de analysar os factos, o que não obsta, porém, a que, fieis historiadores, relatemos

as loucuras, que injusta ou merecidamente lhe foram attribuidas, salvando a fé ou incredulidade que possamos dar-lhes, e que o leitor lhes dará tambem, segundo lhe aprouver.

Sirva isto de indispensavel preambulo, e depois d'elle, comecemos, segundo o summario indica, a historiar a vida e os feitos de quatro principes francezes, os mais famosos libertinos do seu tempo.

Carlos-Filippe, conde d'Artois, irmão do rei, nasceu em Versailles, a 9 de outubro de 1757, de Luiz, delphim de França, fallecido a 20 de dezembro de 1765, e de Maria Josepha da Saxonia, [illegible] delphina viuva, a 13 de março de 1767.

Educado no seio de uma côrte depravada, onde a virtude passava por ser uma quimera, e rodeado de mulheres devassas e prevertidas, que lhe applaudiam e excitavam as inclinações voluptuosas, como costumam fazer todos os que se encarregam de dirigir a infancia dos principes, o joven descendente da casa de França balbuciava apenas, e já tartamudeava as phrases obscenas que ouvia pronunciar aos que o rodeavam.

Este gracejo do real pupillo excitava as gargalhadas e os applausos d'aquellas [illegible], que consideravam tão abominavel corrupção como um presagio de magnificas [illegible], e de um grande talento, que devia desenvolver-se um dia [illegible].

Seria inutil e prolixo determo-nos em minuciosas particularidades, relativas á infancia de Carlos-Filippe; diremos tão sómente, que bem cedo se viu brotar n'aquelle principe o germen de todos os vicios. Educado por mestres, em tudo e por tudo, bem dignos da côrte licenciosa de Versailles, ao chegar aos quinze annos reunia ás suas disposições libertinas uma ignorancia perfeita, uma presumpção insupportavel e um orgulho desmedido.

O primeiro uso que fez da sua liberdade, apenas se viu livre dos seus perceptores, foi correr aos braços de uma sacerdotisa de Priapo, chamada Flora, que negociava com os seus encantos em casa da Gourdan.

A vil rameira, considerando-se muito feliz e muito lisongeada, por ver nos seus braços um principe de sangue, consagrou-lhe um grande affecto, e chegou a contrahir dividas enormes, sob pretexto de alugar e mobilar no melhor bairro de Paris uma casa digna de recebel-o.

Ao tomar a resolução de deixar a casa da Gourdan, Flora não achou prudente fazer pagar nem um soldo ao seu amante, e isto para experimentar a sua generosidade, de que começava a ter serias desconfianças. Depressa se cançou, porém, d'elle, por ver que tinha de tractar com um avarento miseravel, e rompeu abertamente, deixando-o muito envergonhado de se ver despedido e despresado por uma prostituta, á qual julgara honrar, concedendo-lhe o seu amor.

Livre de novo, Carlos-Filippe começou a reflectir na baixeza e humilhação que acabava de soffrer da parte de Flora.

Depois de estar por muito tempo indeciso, a respeito do modo porque havia de provar-lhe o seu grande e implacavel resentimento, resolveu dirigir-se a sua casa em companhia de alguns libertinos da côrte. Iam todos disfarçados.

O conde d'Artois e a cortezã Flora

O seu intento era, apenas entrassem em casa da prostituta, atirarem-na pela janella fóra. É escusado dizer que todos os devassos, a quem o principe deu parte d'este projecto, o acceitaram com prazer e alvoroço.

No dia aprasado, apresentaram-se todos em casa de Flora, dispostos a exercer uma vingança terrivel.

A cortezã estava, n'essa occasião, sentada á meza, rodeada de uma turba de adoradores, que tinha convidado para ceiar. Eram quasi todos fidalgos e burguezes abastados, que ella procurava attrahir para fundar uma casa de jogo.

O principe foi annunciado com um nome supposto. A cortezã foi recebel-o a uma salla, contigua áquella em que estavam os seus adoradores, e logo que viu o principe, reconheceu-o immediatamente. Fingindo, no emtanto, dirigir-se a um desconhecido, perguntou-lhe o que desejava, assim como os individuos que o acompanhavam. A sua unica resposta foram injurias e pancadas. Iam já atiral-a por uma das janellas, segundo tencionavam, quando aos gritos da cortezã accudiram os convivas, que estavam na salla immediata.

Os convivas desembainharam as espadas, e permaneceram durante alguns instantes immoveis, presenciando aquelles maus tractos, que os surprehendiam e encolerisavam.

Carlos-Filippe e os seus companheiros, admirados da imprevista resistencia, e um pouco assustados, fingiram haver-se enganado na casa, e desculpando-se, procuraram pagar todos os prejuisos que tivessem causado.

Os convivas de Flora, achando ignobil e cobarde tal procedimento, tomaram-lhes o passo, e travaram uma lucta terrivel, de estocadas, pauladas, sòccos, o demonio... Parecia um combate de gladiadores, pelo menos, por parte dos defensores da cortezã.

Muitos dos companheiros de Carlos-Filippe cahiram por terra, e elle, espectador da lucta, valentemente escondido n'um armario, escapou aos golpes mortaes que choviam sobre os seus amigos. Foi descoberto afinal, e depois de ter sido ultrajado, teve de pedir de joelhos, com o chapeu na mão e os olhos banhados em lagrimas, um perdão humilhante, para evitar o justo castigo que o ameaçava.

Apesar d'isto, a bacchanal da casa de Flora attrahira uma multidão consideravel de cidadãos de todas as classes, que cercavam a porta, pedindo soccorro. Appareceu então um commissario de policia, á frente de um grande numero de esbirros, e decidido a capturar os combatentes. A esse tempo, Flora e todos os que não tinham sido estropeados haviam fugido por uma escada secreta, para evitarem as perseguições da policia. Só aquelles que as feridas haviam inutilisado foram presos juntamente com o principe, e mettidos na cadeia, onde deviam permanecer até que o juiz decidisse da sua sorte. O conde d'Artois, n'esta conjunctura, mandou participar ao intendente de policia Sartines tudo quanto se havia passado, e o magistrado para ser agradavel ao principe libertino, mandou logo chamar á sua presença o commissario, e censurou-o asperamente por ter cumprido o seu dever, castigando os auctores de uma grave desordem, que amotinara todo o bairro a horas avançadas da noite...

Esta aventura deu muito que fallar na côrte e na cidade.

Era de esperar que, depois d'ella, o principe reflectisse, e tractasse de mudar de vida, mas não se arrependeu dos seus erros e loucuras, e pelo contrario, entregou-se a novas desordens e excessos com um grande numero de prostitutas, que chegaram a communicar-lhe essa enfermidade vergonhosa, cujos estragos tão espantosos e horriveis são na especie humana.

Depois de haver propagado durante muitos mezes por todas as casas publicas de Paris o virus funesto, que lhe andava minando a existencia, tractaram na côrte de o fazer contrahir matrimonio.

Entre as propostas qne para este fim lhe foram feitas, o conde d'Artois decidiu-se por Mademoiselle de Condé, de quem andava havia muito tempo namorado. O intrigante Choiseul, a esse tempo ministro da guerra, pretendeu que razões de alta politica exigiam que Carlos-Filippe casasse com uma princeza estrangeira.

Luiz XV, que a principio approvara a escolha do conde d'Artois, não tardou a seguir os conselhos do seu ministro, e mandou pedir á côrte da Sardenha a mão da princeza Maria Thereza de Saboya, que a esse tempo tinha apenas 17 annos. Depois das negociações ordinarias, ficou este enlace decidido.

O voluptuoso monarcha, conhecendo por experiencia os funestos effeitos dos prazeres desordenados, havia por mais de uma vez censurado o mau procedimento do principe, e recommendou-lhe que tractasse quanto antes da sua saude.

Teria Luiz XV auctoridade para dar estes conselhos? O povo era de parecer que não, segundo se vê dos epigrammas, que vamos n'este logar reproduzir:

EPITAPHIO DO DEFUNTO REI

Terminant ses honteux destins,
Louis a fini sa carrière:
Pleurez coquins, pleurez putains,
Vous avez perdu votre père.

OUTRO

Ci-gît Louis, ce pauvre roi,
On dit qu'il fut bon: mais, à quoi?

OUTRO

L'embaumer, serait necessaire,
D'une charogne il a l'odeur:
Mais l'ouvrir? Bon! Eh! pourquoi faire?
Sûr de n'y pas trouver du cœur?

Fosse como fosse, o principe impressionou-se, e tratou de fazer os remedios necessarios, para poder entrar sem receio no leito conjugal.

Celebrou-se o casamento, mas pouco depois, Maria Thereza chorava amargamente o seu destino, que a impellira a unir-se áquelle impenitente libertino.

Hade muita gente imaginar que, pelo menos durante os primeiros mezes do seu matrimonio, o conde d'Artois interrompesse as suas loucuras, amasse sua esposa, ou pelo menos apparentasse que a amava. Enganam-se. Apesar do casamento, nem por isso deixou de frequentar todas as prostitutas, onde se entregava aos mais escandalosos excessos, dando-se immoderadamente á bebida de licores fortes e irritantes, na companhia dos libertinos que não o deixavam um instante.

Depois d'estas orgias, voltava para junto da esposa, e ia saciar n'ella os seus lubricos e desregrados appetites.

Qualquer outra mulher não teria querido soffrer o contacto de um libertino d'aquella especie, e por conseguinte teria rompido com elle, mas a pobre Maria Thereza não fazia assim: contentava-se em fazer a seu marido as mais ternas e inuteis censuras a respeito do seu mau procedimento, e para vêr se o attrahia, procurava dar-lhe, embora em vão, provas do amor mais sincero e da mais constante fidelidade.

Estavam casados havia vinte e um mezes, tendo a pobre princeza soffrido sem a mais insignificante queixa, os maiores pesares, quando veio á luz, a 6 de agosto de 1755 um filho, que recebeu os nomes de Luiz-Antonio, e o titulo de duque d'Augoulême.

Havia muito quem esperasse que o nascimento d'este filho puzesse termo aos escandalos de Carlos-Filippe: que o principe, chamado pela natureza ao cumprimento dos deveres mais sagrados, se envergonharia de ter esquecido, durante tanto tempo, a nobreza do seu nascimento e o cumprimento das obrigações que esse nascimento lhe impunha.

Mas qual! O principe tornou-se cada vez mais libertino, e fez de novo correr as lagrimas da triste consorte, bem digna de melhor sorte.

A monotonia dos prazeres conjugaes torna-os bem depressa insipidos para uma alma corrompida, e por isso mesmo incapaz de conhecer o valor da virtude, e de experimentar essas sensações deliciosas, que tornam a existencia agradavel ao homem, que sabe dar uma boa direcção aos seus desejos.

Artois achava insupportavel uma união, que bastaria para o tornar feliz, se fosse menos libertino.

A Contat, uma actriz celebre, recebeu o encargo de distrahil-o d'aquelle tedio pelo leito conjugal.

A actriz não o amava, mas fingia amal-o, e chegou a ser publicamente sua amante. Não tardou, porém, a illustre comica a conhecer o fraco do principe, uma repugnante avareza, e para a vencer recorreu a um grande meio— a embriaguez. Assim, para lhe arrancar sommas enormes, que fazia? Embriagava-o com vinho e licores. Além d'isso, prestava-se sempre aos seus caprichos mais depravados, aos seus desejos mais vis e repugnantes, e conseguiu apanhar-lhe dinheiro. O principe, por causa d'ella, contrahiu dividas enormes, que está claro, não esperava ter de pagar em sua vida.

Não fazia mais do que imitar o louvavel costume dos outros principes, que mandavam atirar os credores pela janella, quando os pobres homens iam humildemente pedir o pagamento do que se lhes devia!...

Havia um anno que duravam as relações do principe com a Contat, e nem por isso o libertino incorregivel deixava de visitar todas as prostitutas de Paris, e de se entregar aos mais escandalosos excessos.

Succedeu, porém, a actriz apparecer gravida, sem saber lá muito bem a quem devia attribuir aquelle percalço. Tractou logo de lançar as culpas ao conde d'Artois, pedindo por esse motivo os auxilios pecuniarios convenientes á sua melindrosa situação.

Imaginam talvez que o primeiro cuidado de Carlos-Filippe, ao saber esta noticia, foi correr para junto da sua amante e dar-lhe principescamente tudo quanto o seu estado requeria! Enganam-se. O conde d'Artois recebeu a nova da sua paternidade com grande sangue-frio, e limitou a sua generosidade a dar á amante setenta e duas libras!...

A actriz, indignada com aquelle procedimento tão pouco generoso, mostrou-se mais fidalga e mais generosa do que o principe. Não lhe fez a minima censura; devolveu-lhe todos os presentes que d'elle havia recebido, e prohibiu-lhe expressamente que tornasse a pôr os pés em sua casa.

Sahiu, portanto, Carlos-Filippe dos braços da Contat, e foi parar aos da Duthé, de quem já fallamos n'outro logar. Esta cortezã, actriz tambem, acabava de abandonar milord d'Aigremont, depois de o haver arruinado, sem lhe deixar recurso algum. Imaginou poder fazer o mesmo com o conde d'Artois, mas foi ludibriada na sua esperança. O conde, depois de ter sido repudiado pela Contat, como já o tinha sido pela Flora, fizera serias reflexões a respeito das dividas que se vira obrigado a contrahir apesar da sua avareza, e resolveu desde então limitar as suas despezas com as mulheres, a simples partidas de prazer, pouco dispendiosas.

Apresentou-se, portanto, em casa da sua amante como um simples particular, quando ella esperava vêl-o chegar com a pompa necessaria ao irmão de um dos reis mais poderosos da Europa.

A actriz julgou que lhe convinha dissimular, e assim fez. Imaginou que fazendo o papel de altiva e virtuosa, mostrando-se difficil de vencer, e representando emfim com perfeição todas as prendas e vantagens da mulher honrada, irritaria a paixão do principe, e apenas conseguisse isto, lhe arrancaria sommas consideraveis, presentes magnificos e até importantes rendimentos; n'uma palavra que faria do principe a segunda edição de milord d'Aigremont.

Tal foi o plano de conducta que resolveu seguir com o conde d'Artois, e seguiu-o á risca, durante alguns mezes, mas por fim cansou-se. Enfadou-se da conquista de um homem, que não amava, e substituiu-o, sem lhe dar palavra por um arrematante de impostos. Este, a troco de muitos luizes de ouro, conseguiu immediatamente o que as mulheres chamam modestamente os seus favores, como se a vantagem de conhecer uma mulher que nos agrada, de possuir-lhe o coração, de gosar com ella esses intensissimos e invejados prazeres do amor, que a mulher sabe ainda sentir melhor do que nós, como se essa vantagem não fosse reciproca!...

A Duthé ganhava muito dinheiro no theatro, além d'isso recebia sommas avultadissimas do seu novo protector; não tardou, portanto, a passar uma vida

faustosa. A sua carroagem era riquissima, tinha cavallos superiores aos da casa real, dava ceias esplendidas, bailes e recepções nunca interrompidas. Tudo isto não tardou a revelar a Carlos-Filippe um mysterio, que ella procurava occultar-lhe na esperança de o tornar um dia mais generoso.

Sabendo-se ludibriado, o conde d'Artois censurou asperamente á actriz o seu comportamento, chamou-lhe infiel, perjura, e prodigalisou-lhe as mais violentas injurias. E que resultado tirou d'isto no animo da comica? Inspirar-lhe sómente repugnancia, aversão e desprezo!...

Não tardou a perceber a violencia e repugnancia com que ella estava na sua presença, e o constrangimento com que recebia os seus affagos e caricias. Profundamente humilhado com similhante desprezo, comprehendeu que nunca poderia ser o amante preferido d'aquella mulher, e resolveu abandonal-a, sem pretender vingar-se, como de outras vezes. A aventura de Flora fizera-lhe conhecer o perigo de rompimentos ruidosos.

Facilmente se consolou a actriz de perda tão insignificante, e não tardou a esquecer completamente Carlos-Filippe.

Durante alguns mezes, amores passageiros occuparam o principe. Não tardou, porém, a apaixonar-se por outra actriz. O theatro seduzia-o. A nova comica chamava-se Mademoiselle Lange. Furioso de nunca até então haver sido amado das mulheres que tivera por amantes, resolveu fazer nascer o amor por meio de liberalidades, e deu á Lange alguns presentes de joias.

Estes presentes, a principio, fizeram-no supportar, e durante anno e meio a actriz demonstrou-lhe um amor que não sentia. Mas, como ninguem póde dissimular por muito tempo o seu caracter, um avarento não póde fingir generosidade, senão por alguns mezes, e o conde d'Artois não tardou a mostrar o que era. Então a Lange procurou um ensejo qualquer de se livrar de um jugo, que sempre lhe havia parecido odioso, e substituiu-o por um joven fidalgo, que não tardou a fazer sombra a Carlos-Filippe.

O principe ficou desesperado, e julgou conveniente intimidar o seu rival, e para esse fim, mandou-lhe dizer que lhe prohibia expressamente o apparecer em casa da Lange.

O novo amante tinha toda a altivez de um homem livre, e a força de um Hercules. Recebeu de muito ma sombra a mensagem e o mensageiro, e alguns dias depois foi procurar o conde d'Artois, a quem pediu contas do insulto que lhe fizera.

Carlos-Filippe ouviu o desafio com esse tom de superioridade e de bravura, que os cobardes sabem figir admiravelmente, porque esperava que a sua attitude intimidaria muito melhor o mancebo, do que as ameaças do seu emmissario.

Mas o seu rival, longe de se assustar com as fanfarronadas do homem que desprezava, desafiou-o para um duello, e combinou logo alli o local e a hora do encontro, porque o conde d'Artois, vendo que não podia retroceder, julgou necessario manifestar coragem e sangue-frio.

Acceitou, portanto, o duello, e prometteu, como já dissémos, estar no dia seguinte no local aprazado.

No dia seguinte, o moço fidalgo lá estava, disposto a dar uma boa licção a Carlos-Filippe, mas ... o principe não appareceu!

Fez mais ainda, deu outras provas da sua cobardia e da baixeza do seu caracter. Foi dar parte do desafio ao intendente de policia, e o seu rival foi encerrado na Bastilha, onde morreu na flôr da edade, proferindo entre horriveis imprecações o nome do cobarde, que lhe preparara tão traiçoeiramente esta cruel vingança.

Algum tempo depois d'este acontecimento, a 6 de agosto de 1776, a condessa deu á luz uma menina, e desde o dia d'este nascimento, o pae pareceu compenetrado dos seus erros, e disposto a viver em boa paz e harmonia com sua esposa.

Luiz XVI, do qual diremos de passagem, que teve sempre uma conducta regular, fez ao principe os mais rasgados cumprimentos pela sua mudança de vida, tendo a nimia boa fé de suppor que seu irmão renunciara para sempre á sua conducta desregrada. Engano! Se Carlos-Filippe se mostrava assim disposto a penitenciar-se dos seus erros, era porque o esfalfamento total a que os excessos o haviam levado, lhe tirara a possibilidade de se entregar novamente a elles.

Este bom comportamento involuntario durou cerca de 18 mezes, despois dos quaes, tornou a ser pae, a 24 de janeiro. O novo principe foi baptisado em Versailles, e puzeram-lhe os nomes de Carlos-Fernando, sendo-lhe concedido o titulo de duque de Berry.

Digamos agora alguma cousa a respeito da rainha, que vae representar um papel importante na historia dos escandalos e torpezas do conde d'Artois.

O livro, d'onde temos extrahido muitos d'estes escandalos, diz a respeito de Maria-Antonietta o que vae ler-se. Deixamos ao criterio do leitor o tomar as informações que vamos dar-lhe, escudados na auctoridade de um contemperaneo, ou como ouro de lei, ou como veneno da calumnia.

Eis as palavras a que nos referimos.

«Não podemos dizer de Maria-Antonietta o que dizemos de Luiz XVI. A rainha, que podia dignamente occupar um logar ao lado da Medicis, de Margarida de Valois, de Messalina, de Fredegonda, e de muitas outras rainhas e princezas, das quaes a historia nos conta anecdotas tão extranhas como curiosas, ama cubiçosamente o dinheiro, serve-se d'elle para as suas vinganças, e passa em intrigas a sua turbulenta existencia.

«Homens e mulheres tudo lhe serve. É conhecida a sua aventura escandalosa com o conde d'Artois, e as suas relações anti-physicas com as duquezas de Saint-Magnin e de Corsé, com a condessa de Mailly e muitas outras, taes como a condessa de Polastran, a princeza de Lamballe, a condessa de Polignac, a condessa de la Motte, e Bertin, sua modista, asquerosa e repugnante creatura, cujas dividas foram tantas vezes pagas pela rainha.

«Toda a França está ainda indignada da maneira odiosa como aquella preversa rainha sacrificou a desgraçada la Motte, depois de lhe haver coberto de ardentes beijos todas as partes do corpo.

«Leiam-se as memorias d'aquella aventureira. Alli se verá que o car-

deal de Rohan lhe foi annunciar um dia que a rainha gostava d'ella, que a achava formosa e elegante. Além d'isso recebeu um bilhete das mãos de Mademoiselle Dorvat, uma das mulheres de sua magestade. Esse bilhete continha a ordem de se apresentar das onze para a meia noite, no pequeno Trianon.

«A condessa diz nas suas memorias:

«Fui pontual á hora marcada, e fui introduzida no gabinete da rainha pela Dorvat. Alli, não tardei a ter uma extensa explicação do que o cardeal quizera dar-me a entender, ao fallar-me de elegancia e formosura...

«Julguei-me a mais feliz das mulheres. Sua magestade terminou a nossa longa entrevista, fazendo ostentação da sua munificencia. Deu-me uma carteira, contendo 10:000 libras, em bilhetes do thesouro. As suas ultimas palavras foram: *Tornaremos a ver-nos*. Effectivamente, tornamos a ver-nos, durante muitas horas, e sempre do mesmo modo.

«Esta confissão afflige-me a alma, opprime-me o coração, e a penna cahe-me dos dedos!...

«Oh minha augusta soberana! É a vossa magestade que me dirijo! Recorde vossa magestade esses momentos de embriaguez, que apenas me atrevo a resumir, recorde vossa magestade os logares onde elles se passaram e os logares em que os estou expiando! Por grande que seja o desprezo com que se dignou tractar-me, nem por isso deixará de encontrar no fundo da sua alma uma grande verdade, e é que n'esses momentos vossa magestade me elevou á sua altura, e foi debalde então que se despojou da sua grandeza. N'esses mesmos momentos de abandono a reconheci: ella me disse: — «É a deusa Flora que se diverte com uma humilde florinha!»

«Vossa magestade sabe que tanto no primeiro dia, como nos outros que se seguiram, nunca me afastei do carinhoso respeito, que a minha rainha era a primeira a censurar-me.

«E é esta desgraçada, que simplesmente a approximação dos labios de vossa magestade no seu corpo devia tornar sagrada, esta mulher, honrada pela rainha com o titulo de *sua amiga*, é esta a pobre Valois, que vossa magestade abandonou, entregando-a nas mãos dos... Direi dos carrascos?

«Oh não, não! Devo poupar a vossa magestade tão horriveis ideias!»

«Ninguem ignora de que maneira a desgraçada Valois de la Motte foi sacrificada, depois do roubo do collar feito a Maria-Antonietta.» ([1])

O auctor dos *Ensaios historicos a respeito da vida de Maria-Antonietta d'Austria, rainha de França,* diz que Luiz XVI tinha um rosto antipathico. A respeito do outro irmão, diz:

«Monsieur é altivo, vão e duro, politico sem talento, feio, egoista, zeloso da celebridade que não custa a adquirir. A sua constituição annuncia que não chegará a velho. O seu engenho não promette grandes cousas. Falla de tudo, porque tem uma memoria prodigiosa, mas não aprofunda cousa alguma. Encerra-se no seu gabinete para fingir que se entrega ao estudo durante algumas horas, a fim de adquirir alguns conhecimentos uteis, mas realmente não se

---

([1]) Adiante contaremos a historia do famoso collar da rainha.

occupa senão de tolices, ou de fazer um diario politico dos acontecimentos da monarchia e de tudo quanto aprende dos pandegos e devassos que redigem a *Gazeta da côrte e da cidade.*

«Passa horas inteiras a contemplar os seus diamantes, e ama-os com delirio. Compra-os com usura e accumula-os, como um avarento enthesoura as moedas de ouro e de prata, para se pôr deante d'ellas a adoral-as.»

Por este tempo a Montausier, directora do theatro de Versailles, transportado para Paris, depois da Revolução, dispunha-se a declarar-se em quebra, depois de haver contrahido mais de um milhão de dividas. A rainha, que gostava muito d'ella, pagou-as, e fez construir em casa d'esta bella rapariga um theatro, onde ia de noite, para assistir á representação de comedias obscenas, taes como a *Condessa d'Olona* e *Messalina,* em que ella representava o papel de protogonista.

Notara-se que já, quando delphina, déra mostras de querer attrahir o conde d'Artois, cujas palavras obscenas e rosto menos antipathico que o de seus irmãos lhe agradavam em extremo.

Quando morreu Luiz XV, a rainha demonstrou um gosto particular por Carlos-Filippe, cuja intimidade com o duque de Chartres, d'ahi a pouco duque d'Orleans, homem sem costumes, e sem vergonha, do qual havemos de fallar, dava todos os dias aventuras escandalosas, que eram o assumpto obrigado de todas as pessoas ociosas da capital.

Maria-Antonietta escolheu-o para lhe servir de athleta nas orgias nocturnas em casa da Montausier.

Dillon, Coigny, Vandreuil, e alguns outros personagens obscuros, haviam successivamente acalmado o ardor sensual da rainha, mas Maria-Antonietta não se satisfazia com tão pouco, e por isso tractou de lhes dar o conde d'Artois por successor.

O principe, que a rainha julgara a principio incapaz de reflexão, receiou bastante aquella intimidade, porque não queria que ella o dominasse. No emtanto, a affeição dos prazeres que notou em sua cunhada, a habilidade pouco vulgar com que sabia attrellar ao carro das suas loucuras todos os homens que julgava vigorosos, bem depressa fizeram esquecer a Carlos-Filippe as suas reflexões.

Fez com ella algumas excursões ao Trianon, sem que a côrte désse por tal, acompanhando-a tambem muitas vezes a casa da Montausier, e n'aquellas sessões nocturnas de orgia, cuja narrativa horrorisaria ainda os maiores libertinos, o conde fazia o infame papel de *Vitus,* emquanto que um guarda do rei, a quem pouco depois se fez desapparecer, fazia o papel de *Matricius.* A rainha fazia o papel de *Messalina!* Representavam uma comedia, que tinha este titulo.

Voltavam ambos, certa noite, de uma d'aquellas orgias no trajo mais indecente, e dispunham-se a entrar no palacio, mas a sentinella impediu-lhes a passagem, fingindo não os conhecer. Os dois amantes disseram quem eram, mas ainda assim, o soldado embargou-lhes o passo, dizendo que fôra el-rei quem pessoalmente lhe déra aquella ordem, e persistiu em não os deixar entrar.

Recorreram em vão ás ameaças, e depois d'ellas ás promessas, sem que podessem obter cousa alguma.

O conde d'Artois praguejava como um carreiro, mas por fim viu-se obrigado em companhia de sua bella cunhada a voltar ao theatro publico da Montausier, onde conseguiram entrar nos seus aposentos pela galeria que communicava com o palacio.

No dia seguinte, a rainha, que durante toda a noite estivera ruminando mil projectos de vingança contra a sentinella, que de tal modo lhe havia recusado a entrada no palacio, foi queixar-se ao rei, e pediu-lhe o castigo do militar, pretextando que lhe faltara ao respeito da maneira mais indigna.

O rei ouviu-a com um silencio desdenhoso, com aquelle desdem, que tanto a humilhava, e respondeu por fim, que fôra elle proprio quem déra aquella ordem á sentinella. Sua magestade accrescentou que desejava que toda a gente estivesse deitada no palacio, quando elle dormia. Maria-Antonietta mordeu os labios e devorou aquella affronta, mas alguns dias depois o infeliz soldado, que a rainha queria castigar por haver cumprido o seu dever, desappareceu, e muita gente foi de parecer que o pobre rapaz foi encerrado n'um dos calabouços da Bastilha, d'onde não tornou a sahir.

El-rei não tardou a saber a aventura de sua mulher com seu irmão, e censurou asperamente a este ultimo uma conducta, que dava logar aos sarcasmos mais injuriosos e aos epigrammas mais picantes.

O conde d'Artois procurou justificar-se, mas o excellente homem, a quem tão indignamente enganavam, impoz-lhe silencio, e ordenou-lhe que se affastasse da côrte.

Pouco tempo depois, o principe partiu para Hespanha com o duque de Bourbon, e na questão de Gibraltar não tardou a mostrar bem o que era, um cobarde, voltando deshonrado, depois de uma ausencia, que durou tres mezes!

Apenas chegado a França, retomou novamente o seu antigo modo de vida, reatando tambem as suas relações com a rainha, a qual, mais desaforada do que nunca, nem ao menos tinha o cuidado de occultar a dupla libertinagem a que se entregava.

Dissémos já que Carlos-Filippe era brusco, arrebatado, brutal e grosseiro, sobretudo com as mulheres. Não tardou em dar á duqueza de Bourbon uma prova da cobardia, de que tão tristes documentos apresentára em Gibraltar.

Esta princeza, cujo talento e sensibilidade são conhecidos, achava-se um dia no baile da Opera. O conde d'Artois andava a procurar uma rapariga, que lhe tinha marcado uma entrevista.

A duqueza julgou que não seria grande indiscrição dar-lhe a entender que o havia conhecido, e por isso deteve-o pelo braço, dizendo-lhe:

—«Onde vaes, mascara? Teria muito prazer em fallar comtigo um instante.»

Estas palavras, que para outro qualquer homem seriam apenas uma galanteria, tornaram o conde furioso.

Arrancou a mascara á duqueza, e deu-lhe depois no rosto um grande numero de sôccos, que lhe fizeram correr abundantemente o sangue!...

Esta aventura fez muito ruido na côrte, mas não causou espanto a ninguem, porque era demasiado conhecida a brutalidade do principe.

No emtanto, o principe de Condé exigiu que seu filho vingasse similhante affronta. O duque de Bourbon foi effectivamente procurar o conde d'Artois, que depois de ter intrigado com o rei e com o velho ministro Maurepas, para evitar um encontro com o duque, viu-se, não obstante, obrigado a bater-se com elle no Bosque de Bolonha, o que valeu a ambos um desterro curtissimo.

O desterro dos dois principes foi bem depressa esquecido pelas festas brilhantissimas, que d'ahi a pouco se realisaram, sob pretexto de que a filha de Maria Thereza precisava de ruido e movimento.

Aquellas alegres diversões e as festas ininterrompidas de que a rainha era a alma, uniram cada vez mais o conde d'Artois com sua incestuosa cunhada, dissipando-lhe de todo a inquietação pelos perigos de umas relações, cujas consequencias o principe tanto havia receiado.

O conde d'Artois mostrava pela condessa sua esposa uma desdenhosa indifferença.

Por este tempo a rainha, que havia formado o plano de ficar gravida, ficou-o effectivamente. As damas da côrte, os cortezãos, os jornalistas de França, o povo inteiro emfim, preoccuparam-se immediatamente com este acontecimento, cujo auctor não foi desconhecido para ninguem, porque todos julgavam o rei incapaz de ser pae.

Maria-Antonietta foi acerbamente criticada pelas *tribades*, que até então a haviam julgado unicamente entregue á paixão das mulheres, e nenhuma d'ellas lhe perdoou o haver soffrido o contacto de um homem, apesar de cada mulher d'aquella especie ter um grande numero de amantes para variarem os seus prazeres.

Esta gravidez, que alegrava tantas pessoas e sobretudo o bonacheirão do monarcha, ao mesmo tempo que causava pesar a grande numero de mulheres da côrte e de politicos ambiciosos, trazia em grandes inquietações o seu auctor, que não conseguia occultal-as.

A rainha disse-lhe um dia:

—«Meu querido conde, o teu delphimzinho dá-me grandes pontapés no ventre!»

O conde d'Artois praguejou como um carreiro, e respondeu a sua cunhada uma espantosa obscenidade.

Maria-Antonietta deu finalmente á luz a 22 de outubro de 1781 um menino, que recebeu o nome de Luiz-José-Xavier-Francisco.

Felicitações, ao que parecia, sinceras choveram de todas as partes, mas os cultores da satyra tambem não perderam o ensejo, que era devéras propicio, e lançaram na côrte uma nuvem de canções e de epigrammas verdadeiramente notaveis.

Escolheremos um, de tantos, que não será talvez o melhor, mas que, em todo o caso, é o que mais se relaciona com o conde d'Artois, e com os seus incestuosos amores.

Se o merecimento d'este epigramma não é grande, a sua má intenção é bem clara e manifesta. Eil-o:

Maria Antonietta, rainha de França

Couplet

(*Air de Joconde*)

Ami, la nouvelle du jour
Se débite à cette heure ;
Un dauphin parait à la cour ;
Si je mens, que je meure !

Si Louis parait vigoureux,
Ce n'est pas de la sorte ;
D'Artois a fait ce coup heureux,
Ou le diable m'emporte !

E' caso averiguado que não ha maior inimigo do prazer do que a monotonia. Apesar do desejo que tinha de se limitar ao goso de sua cunhada, com a qual esgotava *toda a arte das posições,* o seu amor pela inconstancia foi mais forte do que elle. Não recusava dar-lhe a miudo vigorosos assaltos, mas dedicava-se tambem a varias outras damas da côrte, as quaes não deixavam de dar a conhecer publicamente que tinham um amante de tão elevada gerarchia.

Maria-Antonietta não tardou a conhecer as infidelidades do seu amante, mas, não querendo fazer-lhe censuras que poderiam affastal-o dos seus braços, fingiu ignorar essas infidelidades, e indemnisou-se d'ellas com as caricias da Dorvat, da qual já fallamos n'outro logar.

Esta rapariga era dotada de uma tão excessiva complacencia por sua ama, que chegava a procurar-lhe outras mulheres, como por exemplo, a condessa de la Motte, etc.

A Dorvat tinha uma physionomia interessante, era muito esbelta e tinha um ar de lubricidade tal espalhado por toda a sua pessoa, que produziram na rainha, ao conhecel-a, a mais viva impressão. Não se fez rogar para corresponder facilmente á paixão com que a honrava a sua rainha. As suas ardentes caricias, as suas attitudes variadas, os seus convulsivos transportes no prazer, fizeram-na bem depressa a favorita por excellencia.

N'aquella épocha a côrte não tratava senão de festas. As corridas de cavallos chamavam todas as attenções. N'uma aposta, feita n'uma corrida, Carlos-Filippe perdeu mais de oitenta milhões. Desvairado por este revez, e esperando desforrar-se, dedicou-se ao jogo, mas acabou de se arruinar.

Emquanto seu cunhado contrahia dividas enormes, e parecia abandonal-a, Maria Antonietta dirigia-se quasi todas as noites ao Trianon, vestida de amazona, ou n'outros trajos indecentes. Alli entregava-se alternativamente a homens e a mulheres, dois generos de prazeres, que fizeram sempre a felicidade da sua existencia.

Entre os athletas do Trianon, e chamamos-lhe athletas, porque era preciso sel-o para se poder saciar o ardor infatigavel da nova Messalina, distinguia-se um rapaz de 17 annos, bello como Adonis, empregado na secretaria do ministerio da guerra. Tinha um rosto muito interessante, uma pelle fina e de-

licada, uma barba apenas revelada ainda por esse buço encantador, primeiro signal da virilidade.

A sua estatura esbelta, as suas maneiras graciosas, a sua voz harmoniosa, todo um conjuncto emfim de graça e de frescura, haviam incendido os desejos da lubrica rainha, que recorrera á sua camareira Campan para fazer introduzir na sua alcova o encantador mancebo. Esta camareira era de ordinario a sua confidente, e a emprezaria dos seus prazeres.

Havia algum tempo que Maria-Antonietta recebia nos seus braços voluptuosos aquelle bello moço, cujas forças começavam a esgotar-se, quando seu cunhado que até então nunca se mostrara demasiado ciumento, veio lançar-lhe em rosto o pouco ou mesmo nenhum cuidado por ella empregado em occultar as suas aventuras amorosas. A rainha contou-lhe então que tivera aquelle capricho pelo moço empregado, conhecido no Trianon e na côrte pelo nome de Adonis; confessou ingenuamente a sua loucura, e prometteu nunca mais o tornar a vêr. E compriu a sua promessa!...

Carlos-Filippe e Maria-Antonietta reataram, pois, as suas relações, e fizeram desapparecer o pobre rapaz, que nunca mais ninguem tornou a vêr, apezar de todas as indagações feitas pela sua desolada familia.

D'esta vez, o escandalo dado pela rainha com seu cunhado subiu de ponto com o conhecimento de toda a côrte.

Foi por esse tempo que choveram contra este escandalo os epigrammas e as caricaturas, chegando a ousadia ao ponto de serem collocados exemplares debaixo dos guardanapos do rei, da rainha e do conde d'Artois.

N'um dia de grande recepção e jantar de gala na côrte, foram collocados sobre os pratos de todos os convidados exemplares impressos da seguinte detestavel canção:

Or, écoutez l'histoire,
Que je vais raconter;
Elle est facile à croire,
Il n'en faut pas douter
Eh! mais oui-da,
Comment peut-on trouver du mal à ça?

Notre lubrique reine
D'Artois, le débauché,
Tous-deux, sans moindre peine,
Font ce joli peché,
Eh! mais oui-da,
Comment peut-on trouver du mal à ça?

Cette belle alliance
Nous a bien convaincus
Que le grand roi de France
Est le roi des cocus,
Eh! mais oui-da,
Comment peut-on trouver du mal à ça?

Havia ainda outra copla, em que se censurava á Solignac o ser a alcoviteira da rainha e do conde d'Artois, mas é tão grosseira e obscena, que a decencia não nos permitte dal-a n'este logar.

Conta-se que o rei, tendo lido esta satyra, logrou conter a indignação que similhante leitura n'elle produziu, mas que particularmente tractou de lhe dar largas, porque, ao ficar só com a rainha, dirigiu-lhe as mais amargas censuras pelas suas desapparições clandestinas, e além d'isso pela escandalosa indecencia da sua conducta. Ella, porém, respondeu-lhe com esse tom de altivez que a caracterisava, que desejava ser livre no palacio, que não viera de Vienna d'Austria para a côrte de França... para ser uma escrava!

As relações de Carlos-Filippe com Maria Antonietta não só escandalisavam toda a côrte, mas foram bem depressa conhecidas pela imperatriz-rainha. Sua magestade pediu logo pormenores ao cardeal de Rohan. Este prelado, que odiava por ciumes o conde d'Artois, e que tambem sollicitava da rainha favores, que mais tarde obteve, como diz a chronica escandalosa, embora ella não gostasse muito d'elle, expediu para Vienna um correio com a carta seguinte:

«Á imperatriz, rainha da Hungria:

«Senhora! O meu respeito e zelo pela illustre casa de Austria, a veneração que sempre me inspiraram as virtudes de vossa magestade, e a franqueza que me caracterisa, obrigam-me a cumprir uma missão dolorosissima para a minha alma!

«Porque não approuve á sabedoria de vossa magestade commetter a um outro esta espinhosa missão?

«É cousa demasiado certa e averiguada que a delphina, hoje nossa rainha, ao entrar no territorio de França, esqueceu completamente as licções de prudencia que vossa magestade tanto procurou fazer-lhe germinar no coração. Além das suas affeições excessivas pelo luxo, entrega-se a todos os perigos do galanteio. Corre o boato, melhor direi, está provado, que a augusta filha de vossa magestade prefere seu cunhado a seu marido.

«Eis, senhora, tudo quanto posso dizer a vossa magestade. Oxalá que vossa magestade com os seus virtuosos e sabios conselhos possa fazer entrar a nossa rainha na senda do dever! Oxalá que o meu zelo possa egualmente contribuir para esse resultado! É esta a maior prova de abnegação que póde vir depôr aos pés da imperatriz-rainha, o que nunca deixará de ser, Senhora,

«De Vossa Magestade,
«humillimo e respeitoso servidor,
† L. DE ROHAN.»

Outro documento curioso é uma carta, dirigida pela imperatriz a sua filha, em resposta a outra de Maria-Antonietta, em que a rainha de França informava sua mãe da impotencia de seu marido. Essa carta dá uma verdadeira ideia da especie de virtuosos conselhos dados pela mãe á filha, de que falla o cardeal na sua epistola:

«Sempre notei, minha filha, que gostavas das mulheres, e não me parece mal que satisfaças os teus gostos, mas é necessario moderação e segredo. Ambas as cousas conservam a reputação e a saude, porque nada envelhece tanto uma mulher, como essas tuas predilecções.

«Dizes que teu marido nunca poderá fazer-te filhos: é grave e perigoso isso, porque uma rainha esteril perde a consideração e o appoio, mas não póde considerar-se um mal irremediavel. É preciso que faças como eu, que procures um homem que te faça filhos. Escolhe-o, pois, assim como eu escolhi o principe Carlos, alto, bello, joven, e sobretudo muito vigoroso. Procura-o entre os cortezãos que mais se avisinham da tua gerarchia. Sendo assim, qualquer cousa que occorresse não poderia comprometter-te de modo algum, e além d'isso, será um grande appoio para ti, no que serás muito mais feliz do que eu fui. Todo o mundo soube das minhas complacencias e dos seus effeitos.

«Ser-te-ha facil deixares ignorar as tuas, se as encobrires com habilidade, sob a capa da tua affeição ás mulheres, mas repito-te minha filha, tem muito cuidado.»

O cardeal de Rohan imaginou que, apenas a imperatriz recebesse a sua carta, manifestaria a sua filha o maior descontentamento, e ao mesmo tempo que saberia tomar tão bem as suas medidas, que daria logar a uma ruptura ruidosa entre os dois amantes.

Mas enganou-se. A imperatriz, que apezar dos seus vicios, era politica eximia, soube com prazer a existencia de umas relações, que eram apenas o resultado dos seus conselhos, porque d'essas relações havia resultado uma gravidez, tão necessaria para vivificar o ramo reinante.

O cardeal havia, pois, dado um mau passo, e a côrte de Vienna manifestou-lhe um desprezo igual ao que já lhe manifestava a côrte de França.

Por aquelle tempo, a condessa d'Artois deu á luz uma menina, que morreu seis mezes depois, victima do virus venereo, communicado a sua infeliz mãe por Carlos-Filippe, cujos excessos e orgias haviam recomeçado com maior furor. Pouco se importou o conde com esta perda, emquanto que sua esposa a deplorava amargamente.

Não tardou a rainha a cansar-se de seu cunhado, e a começar a pensar em dar-lhe um novo successor. Um dia enamorou-se de um coronel do Royal Suèdois, a quem tinham posto a alcunha de bello Fersenne. A rainha mandou-lhe por meio de Lesclaux um bilhete, dando-lhe uma entrevista no Petit-Trianon. O novo amante foi introduzido na voluptuosa alcova por Bazin, outro confidente dos amores de Maria-Antonietta.

A nova intriga amorosa durou até que o coronel, completamente exhausto, tomou o partido de fugir, cedendo o logar á condessa de la Motte e ao cardeal de Rohan, tão famosos depois por causa do collar.

Vimos Carlos-Filippe desenvolver desde creança todos os germens de corrupção, sendo o vil delator das acções de todos quantos o rodeiavam. Foi ainda libertino, mau marido, irmão incestuoso, subdito rebelde, irmão assassino, novo Catilina, hostil á monarchia, mas estes crimes pertencem á historia politica, e não á que estamos escrevendo, e por isso a outros os deixamos, e passamos a contar alguns episodios da vida de outro principe, verdadeiramente indigno, Luiz-Filippe-José, duque d'Orleans,

O celebre Regente, de quem tanto fallamos n'esta historia, foi o bisavô d'este principe. Filippe d'Orleans, seu pae, ou o filho do Regente, chegara a

edade avançada, e convencera-se de que não basta ser principe, para se ser amado com fidelidade e verdadeiro interesse. Esposo da irmã da celebre Conti, vira mais de vinte fidalgos serem amantes favoritos de sua mulher, que tinha uma grande predilecção por fazel-o *coitadinho*. De que não seria capaz uma Messalina, eternamente devorada pelo ardor da concupiscencia? Os homens mais abjectos, os creados mais vís, pessoas desprezíveis, emfim, gosavam publicamente os favores de sua esposa, que não sobreviveu muito tempo ás enfermidades, que as chammas da impureza accendem nas veias dos libertinos desenfreados.

Esta princeza lubrica, depois de ter esfalfado milhares de homens de todas as condições, morreu tambem carcomida pela funesta enfermidade, que tantos estragos tem feito na especie humana.

Acommettida de um ardor insaciavel por um cocheiro de sua casa, homem vigoroso, estatura de Hercules, e cujas forças ella tinha o cuidado de alentar, graças a uns caldos substanciaes que lhe preparava, conseguiu dar á luz Luiz Filippe d'Orleans. Nasceu, pois, este principe em 1747, filho de um cocheiro.

O duque d'Orleans, homem apathico e indolente como poucos, não quiz confessar publicamente o opprobrio de sua mulher, envergonhando-se de se declarar o primeiro *coitadinho* da Europa, e adoptou, como seu filho, o fructo da criminosa lubricidade de sua esposa.

Não iremos agora contar a infancia d'este principe. Diremos apenas que desde o berço começou a aprender as infames lições da prostituição e da mais infame depravação.

O primeiro acto da sua liberdade, para provar que sahira bom discipulo, foi entregar-se á direcção do miseravel barão de Breteuil. A escolha não podia ser melhor. Breteuil, homem consumido pelas dissipações, gasto pelas doenças venereas, levou o duque a casa da famosa Montigny, cujo nome era venerado por todos os libertinos da capital de França.

Foi o primeiro passo do duque na senda do vicio.

Todas as meretrizes d'aquella mansão de voluptuosidades disputaram a honra de dar a primeira lição ao principe. De todas ellas, porém, só uma agradou a sua alteza. Era uma lourinha, bôa moça devéras, conhecida de todos os libertinos. Chamava-se a bella Sophia, tinha apenas 17 annos, e estava na casa apenas, quando muito haveria seis semanas. A pelle do seu bonito rosto não havia soffrido ainda os ultrages que produzem os prazeres do amor desordenado: nada perdera da sua frescura.

Atacada, porém, da terrivel enfermidade, que azeda em pouco tempo os genios mais amaveis, soffria em silencio dores horriveis, consequencia de gozos a cada passo renovados.

N'uma palavra, Sophia estava inteiramente corrompida.

O principe, ao saborear as delicias da voluptuosidade, nem sequer suspeitava que se estava infeccionando com um virus terrivel. Tal foi a aprendisagem amorosa do duque d'Orleans. Passados dias, conheceu o estado em que o deixára aquella primeira aventura, mas como, não tomou a tempo as precauções necessarias, teve de soffrer durante muito tempo a sua temeridade.

Este percalço não o tornou, porém, mais prudente d'ahi ávante, e embora não estivesse curado, continuou a frequentar as prostitutas.

Devemos concordar que o illustre mancebo foi bastante infeliz em ser mordido pela siphylis, logo na sua estreia, mas os encantos d'aquella rapariga realmente interessante, haviam-no embriagado completamente. De resto, Breteuil, que no fundo não era mais do que o alcoviteiro do principe, havia-lhe dado taes conselhos que o duque não desanimou por causa d'aquelle acontecimento.

Por fim, resolveu casar-se, e logo depois, continuou a mesma vida dissoluta.

A segunda mulher que mereceu as preferencias de sua alteza, foi uma morenita em extremo graciosa, e que teve artes para tornar o principe generoso. O duque visitava-a com muita frequencia, e teve a ingenuidade de acreditar que era o unico favorecido. Ora, toda a gente sabia que a rapariga tinha por amante um cabelleireiro, o qual estava bem informado dos dias e horas mais commodas para não se encontrar com o principe. O cabelleireiro era bem pouco delicado, e por tanto, chegou a orgulhar-se de ser mais amado do que o principe, que sem o suspeitar sustentava um rival e pagava todos os seus prazeres, porque a bella morenita nada recusava ao cabelleireiro, com o qual tencionava casar.

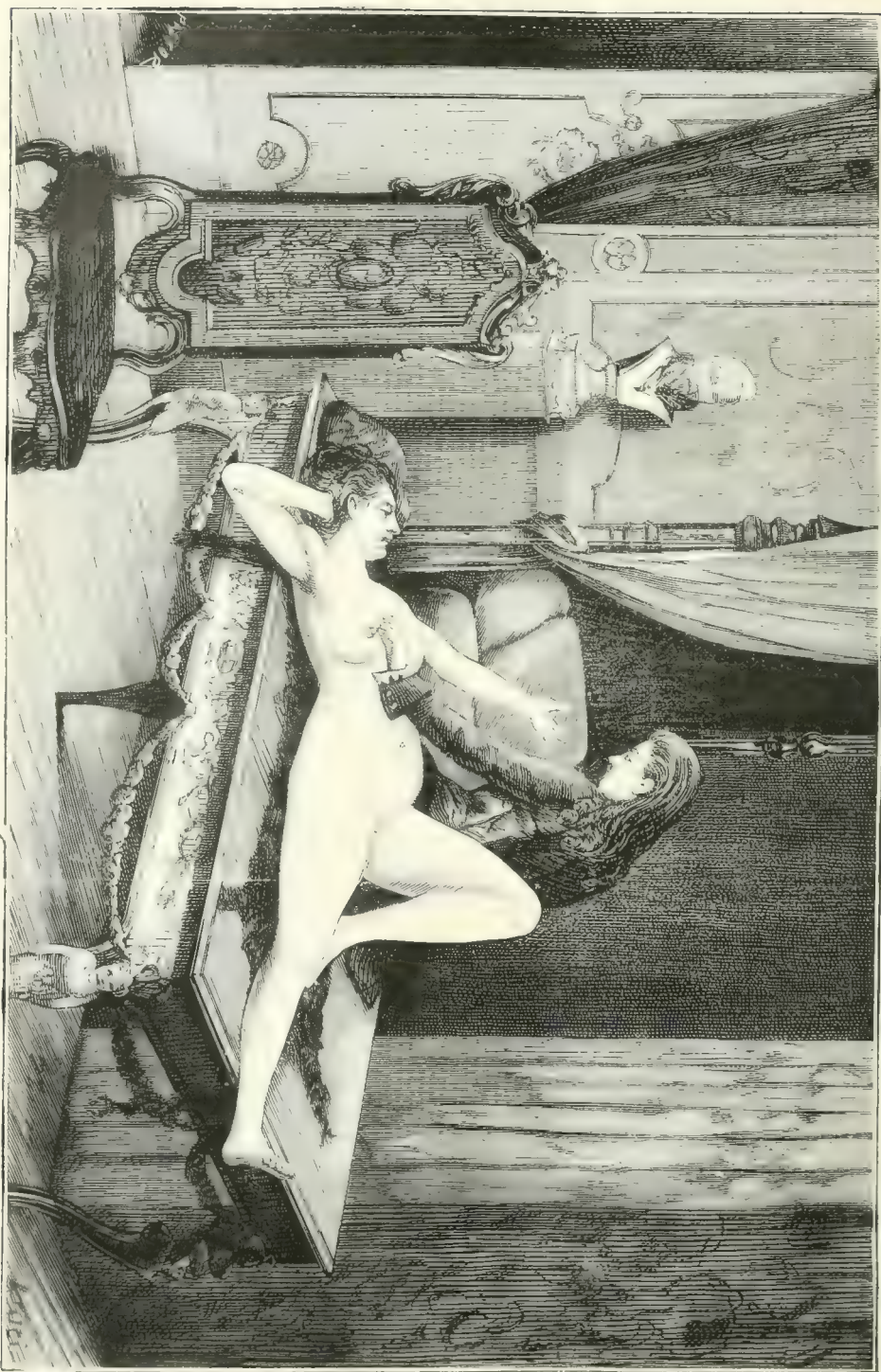
Victoria, tal era o nome da rapariga, enganava-se redondamente, como succede a quasi todas as mulheres que alimentam similhantes esperanças, a respeito dos homens de quem gostam, e a quem dão tudo quanto elles lhes pedem.

O cabelleireiro, que frequentava todos os bordeis, encheu-se de venereo, e não teve o menor escrupulo em contagiar a sua amante. Foi só então que o duque reconheceu haver feito innumeraveis sacrificios por uma infiel. Furioso contra ella, maltractou-a grosseiramente e abandonou-a.

Estes dois infortunios deviam ter aberto os olhos ao moço libertino; não succedeu, porém, assim.

O barão de Breteuil, que tinha tido muitos filhos de Madame de Servien, uma rapariga de 26 annos, conseguindo fazer encerrar n'um carcere seu marido, cansou-se d'esta amante e cedeu-a ao duque, que, apezar de tão duramente castigado, nem por isso era menos ardente, quando se tratava de sacrificar a Venus.

Madame de Servien não tardou a consolar-se da perda do seu antigo amante com as caricias do joven duque, e bem depressa teve d'elle um filho, que foi levado ao hospicio dos expostos, apesar das lagrimas de sua mãe. Esta, talvez para se vingar, não tardou a entregar-se a varios individuos, o que, chegando aos ouvidos do duque, fez com que elle a deixasse immediatamente, legando-lhe em vez das vantagens que lhe promettera, apenas a enfermidade inveterada que se lhe apossara do organismo.

Depois d'este rompimento com a Servien, o duque tomou o partido de frequentar todos os bordeis da capital, onde se apresentava incognito, para não ter de gastar muito, acompanhando-o a esses antros do vicio o duque de Fitz-James e varios outros fidalgos.

O duque d'Orléans e a cortezã Julia

Havia por essa épocha na rua de Saint-Honoré uma taberna afamada, onde o duque ia com muita frequencia, acompanhado do cavalheiro de Vallette, antigo brigadeiro das guardas de corpo, e um tal senhor Finet, guarda do condestavel.

Alli, tinham á sua disposição um quarto, para onde chamavam todas as noites uma tal Julia, que elle fizera sahir de casa da Héricourt. A rapariga era bonita, devéras, rosto insinuante e estatura elegantissima.

O principe fazia-a deitar sobre uma cama, outras vezes sobre uma meza, e apenas a via n'esta posição, começava a tirar-lhe os vestidos até a deixar completamente nua. Em seguida, fazia-lhe as maiores torpezas, e a comitiva ria a bandeiras despregadas.

A casa estremecia com o ruido d'estes escandalos, e o duque gratificava esplendidamente toda a creadagem. Não é, portanto, para admirar que, á força de levar uma vida tão desordenada, o principe sentisse finalmente os ossos calcinados, corrompidos, cheios de podridão pelo fatal veneno, que recebera de todas as rameiras com quem tivera relações. Por isso pensou seriamente em tomar alguns medicamentos. Já era tempo! Se continuasse, teria perecido, victima do horrivel e espantoso desenvolvimento do virus siphylitico.

Como era affeiçoado á bebida, irritava muito mais os seus crueis e dolorosos padecimentos.

Ha alguem que pretende attribuir a esta causa os seus vicios e crimes, mas esta razão não é verdadeira. O duque, tanto embriagado, como no seu estado normal, foi sempre um homem criminoso e preverso.

Embriagado, matou ás punhaladas muitas das suas concubinas, mas tambem no uso da razão fez muito peior ainda!

....

Um dia o duque, seu pae, propôz-lhe o casamento com Mademoiselle de Penthièvre. Hesitou algum tempo antes de acceitar esta proposta, mas afinal, seduzido pelas enormes vantagens d'este enlace, optou pela sua realisação.

Mademoiselle de Penthièvre casou, portanto, com o duque, orgulhosa de se converter na primeira princeza da côrte. Ella pensava que seu marido deixara de ser dissoluto, que a sua saude estava completamente restabelecida, e não suppunha que um dia teria de chorar em segredo as tristes consequencias d'aquelle casamento.

Bem depressa, porém, ficou infeccionada da enfermidade de seu esposo, mas não se queixou, nem lhe dirigiu censura alguma. Pelo contrario: foi sempre incansavel em dar-lhe provas do seu amor e da sua lealdade, contentando-se apenas em tomar todas as precauções necessarias para extinguir aquellas chammas impuras e venenosas, que lhe abrasavam as fibras do organismo.

Como o virus venereo não tivera tempo de se infiltrar nas suas veias delicadas, como o mal fossse atacado a tempo, recobrou facilmente as côres da saude e da alegria, e pediu a seu marido que não se approximasse d'ella, senão depois de estar completamente curado.

Outras mulheres, no seu caso, não teriam tido nem tal complacencia, nem tanta virtude.

O duque conheceu todo o valor de uma mulher tão virtuosa e tão terna, como era sua esposa, e tractou de se curar, para poder obter as honras da paternidade, sem ter de causar a sua mulher novos desgostos.

Não vá pensar-se, por isto, que o duque deixasse de frequentar os bordeis. Não deixava de ir lá, mas contentava-se com algumas torpes e impudicas operações, d'essas cujo invento se deve ao impio Onan, de nefanda memoria entre os vivos.

O duque, ao casar-se com Mademoiselle de Penthièvre, tinha concebido um projecto criminoso. Apesar dos bens enormes que possuia, e do dote collossal, trazido por ella, o seu insaciavel desejo de riquezas, atormentou-o ao ponto de jurar a si proprio que havia de collocar o principe de Lamballe em condições de não poder ter filhos de sua mulher, e além d'isso fazel-o morrer muito cedo.

O estratagema, que para este fim empregou, é muito conhecido. No emtanto, como póde haver quem o ignore, vamos referil-o.

O duque de Penthièvre, o mais rico dos principes francezes, tinha apenas dois filhos, o principe de Lamballe e a duqueza d'Orleans.

O duque d'Orleans, ao casar com Mademoiselle de Penthièvre, concebeu a ideia de ser o unico herdeiro de seu sogro.

Para esse fim, travou amisade muito intima com o principe de Lamballe, seu cunhado. Levou-o a todas os logares de prostituição, fez-lhe travar conhecimento com as mais vis rameiras, e excitou-o a beber esses licores ardentes, que abrasam o estomago. O pobre principe, muito joven ainda, e sem juizo para se conter, precipitou-se com cegueira e furor em todos os excessos. Passava as noites com mulheres, cobertas de ulceras, e estas relações tão frequentes, como nefastas, arruinaram-lhe o temperamento, que ainda não estava perfeitamente desenvolvido, e estragaram-n'o a tal ponto, que nem os remedios mais energicos poderam cural-o.

Instigado pelo duque, entregou-se a uma paixão desenfreada por uma creoula, completamente infeccionada de siphylis, que lhe gangrenou os orgãos sexuaes, ao passo que lhe destruia de todo as fibras do organismo.

Foi mister fazer-lhe a amputação dos testiculos, operação tão cruel como dolorosa, de que veio a morrer. Os fidalgos da côrte denominaram por este motivo o pobre rapaz — *le prince sans balles*, alludindo á perda que elle tivera de soffrer.

A morte do principe affligiu profundamente toda a familia. O duque fingiu tambem um grande pesar, mas no intimo alegrava-se de ter conseguido o seu fim.

Um dia começou a comprehender que, se continuasse n'aquella vida dissoluta, poderia muito bem ter a mesma sorte de seu cunhado, e resolveu adoptar outro systema.

Sem abandonar de todo em todo os seus vicios, cuidou mais da sua saude, e as suas paixões augmentaram com uma outra, a do jogo.

A sua primeira victima n'esta especialidade foi o duque de Fitz-James, seu companheiro de aventuras.

Para o duque d'Orleans, nada havia sagrado, quando se tractava de dinheiro...

Quid non mortalia pectora cogis auri sacra fames!

Era a sua paixão favorita, e de bom grado lhe sacrificava todas as outras.

Muito poderiamos escrever ainda a respeito d'este principe, tão tristemente celebre na historia de França, se fosse outro o nosso ponto de vista. A sua biographia politica não teria, porém interesse n'este logar, e por isso nos contentamos apenas de referir as suas proezas dissolutas.

Considerado sob este aspecto, Luiz-Filippe-José-d'Orleans, cognominado o *Égalité,* não é menos abjecto do que o foi em politica, e em todas as suas intrigas, que finalmente o levaram ao cadafalso, depois de ter sido membro da Convenção e de haver votado a morte de Luiz XVI!...

CAPITULO VII

SUMMARIO

Luiz-José, principe de Condé.—Seu caracter.—Sua origem.—Primeiras aventuras do principe.—Como Condé se desfazia das suas amantes.—Casamento do principe.—A nova Helena.—Duellos.—O principe de Condé e o duque de Mazarin em casa da Allard.—O duque de Bourbon e o seu casamento.—De como os noivos queriam tomar a serio o seu enlace.—Prova-se que os direitos matrimoniaes são muito fortes.—A duqueza de Bourbon.—Tal mãe, tal filha.—Outro principe dissoluto, Luiz Francisco-José, principe de Conti.—O principe de Conti, pae, e o numero 12.—Primeira aventura do filho.—O cavalheiro de Vaureal.—Odio que lhe tinha a princeza de Conti.—Decadencia dos costumes no tempo de Luiz XVI.—Uma aventura em Quarta-feira de Trevas.—Louvois.—O cavalheiro de Eon.—José Balsamo.—Mesmer.—Singular capricho do famoso cavalheiro *Tape-cul.*—De como a Dubarry foi desterrada.—Os jogos lesbios.—Mademoiselle Arnould, amante de Mademoiselle Virginia.—A *Nova aurora.*—Um epigramma no leque de Maria-Antonietta.—Uma aventura no baile da rainha.—Viagem de Reims.—O Hercules do jardim da Porta-Nova.—Uma aventura succedida a Luiz XVI.—A escriptora franceza Madame de Montolieu e o celebre historiador inglez M. Gibbon.—Aventuras do senhor ou da senhora de Eon.—O magnetismo animal, de Mesmer.—Terceiro casamento do marechal de Richelieu, aos 84 annos de edade.—Uma copla do marechal.—A condessa d'Artois.—Aventura da condessa com o cavalheiro Desgranges.—Um pamphleto curioso.—O *Zephyro* do Trianon.—Historia do famoso collar da rainha.—A aventureira.—O conde de Cagliostro na Bastilha.—O grande pontifice dos Theosophos.—A Guay.—Sua espantosa parecença com a rainha.—Sentença do parlamento contra os implicados no processo do collar.—Desterro do cardeal de Rohan.—Applicação da pena imposta á condessa de la Motte.

O PRINCIPE Luiz-José de Condé era um avarento ainda mais sordido que os dois principes anteriores, apesar das suas apparencias magnificas, tanto que pretendeu reunir na sua pessoa os titulos de grande capitão, de politico sagaz e de homem de talento.

Filho putativo do duque, mas afinal de contas bastardo de Luiz XV, que fôra amante da duqueza sua mãe, o principe, cognominado *Cocles,* porque era vesgo, não recebeu o que costuma chamar-se uma brilhante educação.

Quando chegou aos 17 annos, encontrou-se em plena liberdade para se entregar a todas as paixões que o attrahiam.

A caça e os prazeres amorosos roubaram-lhe todos os instantes da sua juventude, que podia e devia ter empregado muito mais dignamente.

A primeira aventura de Luiz-José teve por heroina uma joven actriz da Comedia-Franceza. Foi ella quem primeiro lhe estendeu os braços voluptuosos. Esta paixão durou, porém, pouco tempo. Condé começou bem depressa a reflectir que aquella mulher lhe custava muito dinheiro, e procurou um ensejo para romper com ella. Facil lhe foi encontral-o, mas não quiz abandonal-a sem rehaver a maior parte do que lhe tinha dado.

Dos braços da actriz passou dias depois para os de uma corista da Opera,

á qual presenteou com os mesmos diamantes e outras prendas, inclusivamente com o mesmo relojo que obrigara a actriz a restituir-lhe.

A nova amante soube d'esta miseria, impropria da generosidade de um principe de sangue, e recusou terminantemente os presentes, declarando que não era mulher que se servisse de joias, que já haviam pertencido a uma actriz da Comedia-Franceza.

Condé não se incommodou muito com esta recusa. Acceitou novamente as joias, e foi vendel-as, pelo maior preço que poude obter, comprando em seguida outras de valor inferior, que offereceu á sua amante, sem que ella d'esta vez se lembrasse de as recusar.

A nova amante prestava-se a todos os caprichos do principe, ás suas maiores dissoluções, e assim viveram dois annos, ao cabo dos quaes, Condé cansou-se e abandonou-a, sem o menor pretexto, dizendo-lhe apenas que estava enfastiado dos seus encantos.

Depois d'esta ruptura, dedicou-se com ardor á paixão da caça, e passado algum tempo casou com Mademoiselle de Soubise, filha do principe d'este titulo. As virtudes da princeza conseguiram dominar algum tanto o caracter de seu marido, que viveu com ella exemplarmente. De curta duração foi, porém, este novo systema de vida do principe, porque sua virtuosa esposa não tardou a morrer, tanto é certo que a felicidade não existe sobre a terra!

Luiz-José ficou, durante algum tempo, inconsolavel da perda prematura de sua angelica esposa. Mas, por fim, resignou-se, enxugou as lagrimas da viuvez, e correu em busca de novas aventuras.

Uma vez no fatal declive do vicio, foi alistar-se no grupo dos adoradores da Guimard, a qual bem depressa cedeu a seu sogro. O velho principe de Soubise teve d'estes amores uma filha, que casou com Drais, ourives do rei, levando-lhe um dote de cem mil libras. O ourives não gosou tambem por muito tempo as caricias de sua mulher. A morte veio arrebatar-lh'a dos braços, alguns mezes depois do casamento.

Condé teve depois relações com Madame de Monaco, mulher compromettedora, como o são todas aquellas que, cheias de mocidade, viço, frescura e belleza, se dedicam á galanteria e amam os prazeres e as luctas da deusa de Cythera.

Esta mulher abandonou o marido, para se declarar publicamente amante de Condé.

O principe de Monaco, disposto a não tolerar similhante affronta, mandou muitos carteis de desafio a Condé, que sem ser um segundo Páris, havia roubado uma nova Helena ao carinho de um novo Menelau.

A sorte não o favoreceu no primeiro duello, e por isso exigiu um outro, mas o principe de Condé recusou-lh'o terminantemente, e foi queixar-se ao rei da insistencia do principe de Monaco. El-rei interveio na contenda, mandando ordem ao principe ultrajado para que não perturbasse Condé nos seus illicitos prazeres!...

O pobre marido viu-se então obrigado a abandonar sua mulher ás suas paixões desaforadas. Estava desesperado, o bom do homem, e no auge da

sua dôr repetia talvez estes magnificos versos, que tão bem pintam o sexo infiel:

Femmes! pour une fois que vous nous faites naître,
Helas! Combien de fois nous faites-vous mourir!

Antes das suas relações com a princeza de Monaco, o principe de Condé havia sido já o amante da celebre Allard, da Opera.

Esta actriz voluptuosa concedia ao mesmo tempo os seus favores ao duque de Mazarin, tão conhecido por um escandaloso processo.

Um dia, Condé chegou inesperadamente a casa da sua amante. A Allard ainda quiz esconder o duque, mas este não se prestou a isso, e apresentou-se na presença de Condé.

O principe perguntou-lhe o que ia fazer áquella casa.

—«O mesmo que vossa alteza», respondeu o interpellado.

—«Retire-se!» ordenou-lhe Condé.

—«Não conte com isso!»

—«Como!»

—«Sou gentil-homem, meu senhor!»

E o duque de Mazarin desembainhou a espada.

Condé não teve coragem para combater com elle, e ordenou aos seus criados que o deitassem pela escada abaixo, o que elles executaram no mesmo instante, ficando o duque muito estropeado em consequencia d'aquella quéda.

Desde aquella aventura, o duque de Mazarin teve alcunha de *Sauteur*.

Eis um rasgo da valentia do principe de Condé. Bem se vê que estava completamente degenerado nas suas veias o sangue do vencedor de Rocroi!...

O filho do principe, o duque de Bourbon, casou com Mademoiselle d'Orleans, mas apenas acabou a ceremonia, os progenitores julgaram a nova duqueza muito nova para entrar no leito conjugal, ou talvez o marido demasiado fraco para desempenhar os deveres do matrimonio, e por isso separaram-nos castamente. A duqueza de Bourbon voltou para o convento, e seu marido para a casa paterna.

O duque de Bourbon foi crescendo, lembrou-se de que tinha uma mulher, e demais a mais uma mulher legitima, e apesar de lhe ter sido prohibido mesmo vel-a, desprezou todas as prohibições.

Um dia dirigiu-se ao convento, onde a pobre menina morria de tedio, porque, preoccupada a cada momento dos laços indissoluveis que havia contrahido, suspirava, ao ver-se n'aquella monotona companhia de freiras, e o seu unico desejo era viver com seu marido.

Este desejo era naturalissimo. Uma mulher solteira aspira á liberdade e aos prazeres do mundo; casada e escrava, a fria regularidade do claustro parece-lhe horrivel e insupportavel.

Os dois esposos escreviam-se cartas que indicavam bem as suas necessidades e os seus desejos, mas estas apaixonadas missivas, filhas mysteriosas do amor, apenas serviam para os inflammar cada vez mais.

O duque de Bourbon dirigiu-se um dia ao convento, onde sua juvenil

esposa residia. Viu-a, e fallou-lhe com esse interesse que o desejo do prazer augmenta e multiplica. Quiz fazer uso dos seus direitos conjugaes, e sua esposa, estava bem longe de lhe recusar o prazer, que morria por compartilhar...

Disposta como estava para receber as caricias de seu marido, bem sabia ella que não podia recusar-se, nem se deshonrava, porque já mais de mil vezes tinha dito de si para si:

— «Sou a duqueza de Bourbon, sem nunca ter sido a mulher de meu marido!...»

O duque, cheio de violento ardor ia mostrar-se um homem, e consummar o seu matrimonio, quando um gentil-homem, encarregado sem duvida do cumprimento de ordens terminantes das duas familias, appareceu, e pretendeu oppôr-se á consummação do sacrificio conjugal.

O fogoso marido puxou pela espada, e teria atravessado com ella o Argus importuno, se elle não tivesse adoptado a sensata resolução de fugir, deixando aquelle casal de pombos entregues a seu bel prazer a todos os ternos arrulhos, que a sua paixão lhes estava inspirando.

A duqueza de Bourbon foi, pois, e muito á vontade conhecida por seu esposo, lamentando apenas não o ter sido ha mais tempo. O duque levou-a comsigo, porque os prazeres alli gosados exigiam muitas repetições, e sua mulher, ao deixar o convento, onde havia perdido a sua virgindade, jurou nunca mais voltar para dentro d'aquelles claustros, aterrada, só pela ideia de que algum emissario de sua familia viesse outra vez estorvar os prazeres auctorisados pela honra e pela natureza.

A bella duqueza não ignorava as honras e os prazeres que a esperavam no mundo em que ia viver, e jurava no fundo d'alma procurar uma ampla compensação a tantas privações que até então soffrera.

E cumpriu o juramento! Entregou-se bem depressa a todo o genero de diversões. Bailes, grandes recepções, espectaculos publicos, eis como ella traçou o quadro do seu viver na sociedade. Em seguida quiz libar a taça de outros prazeres mais vivos, e deu-se de corpo e alma á galanteria.

O duque de Bourbon queixou-se um dia ao principe de Condé da extraordinaria lascivia de sua mulher.

E o principe respondeu-lhe:

— «Não tens razão de queixa, meu filho!»

— «Mas parece-me...»

— «Decerto! Pois tu não sabes que o galgo é corredor de raça?...»

Condé tinha razão. A mãe da duqueza, que era uma Conti, fòra conhecida no seu tempo como uma verdadeira Messalina insaciavel.

....

Luiz-Francisco-José, principe de Conti, teve muitas similhanças com esses monstros execraveis de que nos falla a historia com horror, e que ella aponta aos anathemas de todas as gerações com os nomes de Nero, Domiciano, Caligula, ou Heliogabalo.

Desde a infancia, renunciou ao estudo e aos livros, entregando-se a to-

A duqueza de Bourbon

das as loucuras que o seu temperamento lhe suggeria. Desejava talvez imitar a conducta e os prazeres de seu pae, o qual, homem vigoroso e temivel, jactava-se de ter sustentado *doze assaltos de amor, n'uma só noite,* com a Deschamps.

Para apregoar e celebrar esta façanha, mandou pôr o numero 12 nos botões do seu vestuario, e marcava com esse mesmo numero as camisas. Levou ainda mais longe esta celebreira, o bom do principe. Tudo queria ter ás duzias, obrigava o seu thesoureiro a dar-lhe diariamente 1:200 libras; quando dava alguma gratificação, era sempre ou de 12 francos, ou de 12 luizes, ou de 1:200 francos; queria vêr sempre na meza 12 cobertas, 12 garrafas, e 12 manjares; finalmente, tinha 12 espingardas, 12 pistolas e 12 espadas!...

O filho tomou como primeira amante a mulher que havia recebido os famosos 12 assaltos de seu pae.

A Deschamps não tardou, porém, a enganal-o miseravelmente com um mosqueteiro. O joven principe desilludido, deixou de visital-a.

Durante algum tempo, borboleteou de mulher em mulher, para se consolar do seu prematuro desengano. Amava apaixonadamente os prazeres, mas não as mulheres que lh'os proporcionavam. Um dia tornou novamente a escolher uma amante, que era uma tal Carolina, actriz dos Italianos.

Teve d'esta mulher muitos filhos, que morreram de tenra edade, sobrevivendo apenas um, de quem o principe gostava muito, e a quem deu o titulo de cavalheiro de Vaureal.

A princeza, que nunca tivera filhos, consagrava áquelle bastardo um odio intransigente, e chegou até a prohibir-lhe a entrada no seu palacio, o que foi o bastante para que Luiz-Francisco-José se separasse d'ella.

O principe de Conti, que tão desastradamente se estreiara em questões de amor, não teve melhor estreia em politica, mas como já dissémos, a respeito de outro principe, não é nosso intuito fallar d'elle sob similhante ponto de vista.

E já que tão largamente nos temos occupado aqui de alguns dos grandes senhores da côrte, que maior influencia tiveram na moralidade do seu tempo, fallemos tambem dos seus imitadores, d'aquelles que vivendo n'uma esphera menos elevada, tiveram tambem nos costumes um influxo secundario, apresentando d'este modo o quadro moral de Paris, no reinado de Luiz XVI.

Na côrte d'este monarcha tibio e irresoluto, houve sempre muitos vicios das eras precedentes, muitos restos da antiga preversão dos costumes, mas taes vicios, auctorisados pelo uso inveterado, disfarçado pelo luxo e pelo esplendor da magnificencia cortezã, passavam quasi desapercebidos do vulgo, que quasi sempre se contenta com apparencias brilhantes, e que julga sempre bom o que lhe parece bello.

Como temos visto até agora, os homens mais dissolutos do reinado de Luiz XV viviam ainda no tempo de Luiz XVI. A superstição imperava do mesmo modo, com grave insulto da rasão humana, e o feudalismo continuava a fazer revoltantes aggravos á justiça.

A catastrophe estava imminente. Para a conjurar, teria sido mister não desagradar a certas e determinadas classes, destruir os antigos habitos, ter

força, n'uma palavra. E, precisamente, o governo, pela fraqueza dos seus principios, pelas suas frequentes hesitações, mostrara bem o que era — um governo debil e incapaz.

Carregado com os funestos resultados do orgulho, da falsa devoção e das enormes dissipações de Luiz XIV, carregado, de mais a mais, com todas as consequencias da corrupção de costumes da côrte de Luiz XV, o pesado carro da governação publica lá ia seguido pelos antigos sulcos, continuando a deslumbrar com a sua magnificencia os olhos do povo, já aturdido por tão repetidas festas e espectaculos.

Finalmente, no fim do reinado de Luiz XVI, os costumes depuraram-se da velha corrupção que os invadira, e o caracter nacional tornou-se mais grave e mais cordato.

A affeição a todas as dissipações galantes, á embriaguez, á libertinagem, ás frivolidades, aos mil excessos emfim que haviam caracterisado os reinados precedentes, enfraqueceu de um modo muito rapido e pronunciado.

Os senhores feudaes, apesar dos progressos que a razão fazia, conservavam ainda, sob aquelle reinado, a sua antiga insolencia. Continuavam a julgar-se superiores aos homens uteis e até ás leis. Nas provincias, principalmente, eram ainda numerosos.

Citaremos um facto succedido em Paris, que demonstra bem o orgulho e a audacia d'estes fidalgos.

Em Quarta-feira de Trevas do anno de 1780, o principe de L***, grande official de França, seu irmão e a princeza de V***, passavam na rua de Saint-Antoine, n'uma carroagem, puxada por seis cavallos. N'essa occasião passava processionalmente o Viatico da egreja de Saint-Paul, acompanhado de muitos ecclesiasticos. O cortejo religioso não teve tempo para evitar a rapidez do coche; um dos sacerdotes cahiu e foi ferido.

Os principes riram-se muito d'aquelle desastre, mas o povo indignou-se devéras, e teria succedido uma desgraça, se a carroagem não tivesse desapparecido immediatamente.

Dulaure diz que a regularidade de costumes de Luiz XVI, e o cuidado que elle empregava em reprimir os excessos da sua côrte, não a exemptaram dos maiores excessos de libertinagem.

As infamias dos cortezãos de Henrique III, de Luiz XV e do Regente continuaram a manchar os costumes da côrte.

Em 1784, o rei para não dar escandalo com a divulgação de vicios tão despreziveis e abjectos, e para salvar a honra de pessoas de elevada gerarchia, teve de renunciar aos castigos judiciaes, limitando-se a desterrar alguns nobres.

A satyra não poupava esses vicios. Eis como um poeta descreve os libertinos do seu tempo:

De Louvois suivant les leçons,
Je fais des chansons et des dettes,
Les premières sont sans façons,
Et les secondes sont bien faites.

C'est pour échapper à l'ennui
Qu'un homme prudent se dérange:
Quel bien est solide aujourd'hui?
Le plus sur est celui qu'on mange!...

Estes versos podem considerar-se como uma liberdade poetica, como um capricho da imaginação, mas não succedia assim com os outros, como por exemplo com uns que havia na mesma poesia, e que denunciavam uma grave immoralidade, e um cynismo desaforado. São os seguintes:

Vieux parents, en vain vous prêchez,
Vous êtes d'ennuyeux apôtres;
Vous nous fîtes pour vos pechés,
Et vous vivez trop pour les nôtres.

Em 1780 publicou-se uma collecção de todas as producções inspiradas pela licença e desenfreamento do seculo XVIII.

Assegura-se que este livro, resumo de obscenidades, e que se intitulava o *Sotisier,* obteve o privilegio de ser impresso no Louvre, e que era destinado a adornar a bibliotheca de uma casa de prazer, situada nas proximidades de Paris.

Entre os homens celebres d'este reinado, distinguiram-se o cavalheiro de Eon, José Balsamo, conde de Cagliostro, Mesmer, e outros de quem fallaremos mais extensamente.

Um cavalheiro de S. Luiz adquiriu uma alcunha famosa em Paris n'aquella épocha. Chamavam-lhe o cavalheiro *Tape-cul.*

Este original occupava-se em percorrer continuamente as ruas, praças e jardins de Paris, batendo furtivamente no trazeiro de todas as mulheres que encontrava. A sua figura extravagante fazia-o reconhecer de longe. N'uma das mãos trazia uma pequena bengala, que agitava continuamente, e a outra escondida atraz das costas, era a que dava nas mulheres as taes pancadinhas inesperadas.

As mulheres, ao vel-o, apanhavam as saias e fugiam precipitadamente, como um bando de pombas, perseguidas pelo milhafre. Aquella a quem o cavalheiro *Tape-cul* conseguia tocar, não deixava de se queixar e de lhe dirigir as maiores injurias. Algumas vezes cahiam-lhe no costado valentes pauladas, que elle recebia resignado, affastando-se tranquillamente sem voltar a cabeça.

Eis a face superficial, ridicula ou interessante do reinado de Luiz XVI, descripta a largos traços.

Occupemo-nos agora de algumas anecdotas e outros pormenores curiosos.

Um dos primeiros cuidados de Luiz XVI, foi desterrar a Dubarry. A 16 de janeiro de 1775, el-rei dirigiu-lhe uma carta particular, em que não havia azedumes nem acrimonia. Um paragrapho dizia o seguinte:

«Razões de estado obrigam-me a ordenar-lhe que se recolha a um convento, mas nunca esquecerei, minha senhora, que foi honrada com a protecção de meu avô, e por isso, participo-lhe que no primeiro conselho, tractarei de dar-lhe uma pensão conveniente, se a sua situação precisar de auxilio.»

Por aquella épocha, desenvolveu-se uma paixão vergonhosa entre as damas, sobretudo nas do theatro.

Já dissémos alguma cousa a este respeito, fallando de Maria-Antonietta e das suas favoritas, transcrevendo para esse fim o que os livros contemporaneos asseveram.

Estavam completamente desaforadas estas damas: nem a variedade das edades, nem a das condições, nem a dos caracteres bastavam para saciar a sua lubricidade, e por isso appellaram para a variedade dos sexos.

Mademoiselle Arnould estava em relações muito intimas e muito indecentes com Mademoiselle Virginia. Esta mulher, porém, não menos inconstante do que a sua amante-femea, deixou-a bem depressa para ir saciar a sua paixão nos encantos de Mademoiselle Baneoux, que acabava de deixar o marquez de Bièvre.

Um tal senhor de Ventes zombava de Virginia n'uma orgia, por causa da sua infidelidade para com a grande actriz Arnoult.

Ella, agastada pelo prolongamento do gracejo, deu uma bofetada no senhor de Ventes.

—«Isto é demais!» replicou elle, esfregando a face.

Mas, d'ahi a pouco, tranquillisou-se, e disse.

—«Não toleraria a affronta, se a senhora fosse amante de um homem, mas que desforço posso tirar contra a amante de uma mulher?...»

Nas damas da côrte lavrava tambem o mesmo vicio, e até na mais elevada de todas, na rainha, segundo resava a chronica escandalosa.

Uma noite appareceu na secretária de Luiz XVI um exemplar de uma comedia intitulada *A nova aurora*, e que alludia aos passeios nocturnos da rainha na espessura do parque de Versailles.

Esta obra foi attribuida ao abbade Mercier, que foi preso e conduzido á Bastilha.

De outra vez, a rainha encontrou escriptos n'um dos seus leques estes quatro versos:

Au milieu des chaleurs extrèmes,
Heureux d'amuser vos loisirs,
J'aurai soin près de vous d'amener les zephirs
Les amours y viendront d'eux mêmes!...

Os bailes da rainha eram animadissimos. N'um d'elles succedeu uma aventura que não devemos esquecer.

Dois fidalgos acharam caido a um canto do salão um bilhete apaixonado, contendo a declaração mais terna e mais ardente que um homem póde fazer a uma mulher. O amante acabava por dizer que os seus sentimentos eram tão verdadeiros, que não hesitára em assignal-os com o seu sangue.

A assignatura que os dois fidalgos tiveram a discrição de não revelar, achava-se effectivamente traçada com essa purpura liquida que corre nas veias da juventude.

Apesar do silencio guardado a respeito do nome, todas as damas que

estavam no baile se enfureceram a tal ponto, que teria sido difficil ao physionomista mais dextro, reconhecer qual das bellas irritadas tinha o direito de queixar-se da publicação importuna.

Pelo menos, poude concluir-se que, se uma só tinha commettido o peccado, todas ellas eram bem capazes de o commetterem.

A propria rainha não gostou do gracejo, e reprehendeu severamente os leitores indiscretos. Um d'elles até, o senhor de Houblot, foi riscado da lista dos fidalgos admittidos nos bailes de sua magestade.

A rainha manifestou o maximo interesse em fazer voltar ao favor do monarcha o duque d'Aiguillon, mas em vão. O duque, verdade seja, pouco se importava com esta desgraça, porque estava perdidamente namorado da Dubarry, a ponto de a installar n'uma das suas propriedades, chamada Saint-Vrain.

A duqueza, sua esposa, foi alli residir tambem, emquanto seu marido fazia reparar um dos seus castellos. Deste modo, a esposa poude varias vezes presenciar o enthusiasmo com que os dois amantes se esqueciam de todas as conveniencias, no meio das maiores voluptuosidades.

A rainha entregava-se francamente á satisfação dos mais lubricos caprichos.

Houve até uma certa viagem a Reims, na qual se disse que el-rei tivera de lhe fazer as maiores censuras.

Maria-Antonietta achou encantador em Reims o passeio denominado da Porta-Nova, e mandou alli alugar uma casa.

Uma noite a rainha convidou Luiz XVI para uma ceia n'aquelle sitio encantador. El-rei, fatigado das ceremonias do dia, bocejou por varias vezes, e logo que acabou de ceiar, levantou-se, recommendando á rainha que não tardasse a recolher-se aos seus aposentos.

Apenas el-rei partiu, acompanhado de todos os personagens mais graves da côrte, a rainha declarou supprimida a etiqueta no resto da noite.

Os vinhos extrangeiros e os licores mais esquisitos haviam circulado abundantemente durante a ceia. Torrentes de fogo ardiam nas veias da juventude que n'esse momento rodeiava a rainha. A razão, já aturdida, não pensava em disputar aos desejos o seu imperio sobre os temperamentos, exaltados pelos excessos da mesa.

Os convivas dirigiram-se para os jardins illuminados, mas, a um signal dado, as luzes desappareceram...

Aquelles, que desde esse momento deviam deixar de ser actores na festa, foram expulsos dos jardins por guardas de sabre em punho.

Depois de ter divagado ao acaso, durante alguns minutos, na espessura sombria dos bosques, a rainha sentiu-se arrebatada por um ser desconhecido... Talvez um sylpho...

E sentiu-se cahir sobre a relva, n'um abandono sensual, que a poz completamente á mercê do audaz desconhecido...

Dizem que Maria-Antonietta jurara ás damas da sua maior intimidade, ao contar-lhes aquella extranha aventura, que n'aquelle momento ignorava

quem fosse o audacioso, que ousava pôr mão profama sobre os encantos da sua soberana, libando nos seus labios tantos suspiros de volupia, e saciando nos seus braços a sêde do prazer...

— «Mas, fosse quem fosse, principe, fidalgo, ou plebeu, asseguro-lhes, accresentou a rainha, que era um Hercules, com as formas de um Adonis.»

A phrase de Maria-Antonietta provou que n'aquella noite sombria o tacto supprira perfeitamente a vista.

Cortezãos bem informados asseguraram que o duque de Coigny, que não via recebidas com muito má sombra as suas aspirações ao amor da rainha, era o unico que assim poderia arriscar-se a desagradar a sua magestade.

No emtanto, Luiz XVI, informado a 10 de junho, não d'aquella aventura mysteriosa, mas sim do baile e das loucuras prolongadas d'aquella noite, fez a sua esposa as mais severas admoestações. Maria-Antonietta achou seu marido muito enfadonho e semsaborão.

Luiz XVI, apesar de não suspeitar de cousa alguma que podesse prejudicar a virtude de sua mulher, prohibiu-lhe os passeios ao jardim da Ponte-Nova.

Pobre rei!...

Poucos dias depois do que acabamos de contar, succedeu a el-rei uma aventura, que teve bastante graça.

Um padre vestido com os seus habitos talares, apresentou-se a Luiz XVI, no momento em que o monarcha sahia da capella. Apenas o monarcha olhou para elle, o padre ajoelhou, e pediu a sua magestade que se dignasse acceitar um papel que lhe apresentava.

El-rei acceitou o papel e recolheu-se aos seus aposentos. Chegando alli, leu o memorial, e qual não foi o seu assombro, quando em vez de encontrar um requerimento, se lhe deparou uma proposta extravagante, como os leitores vão avaliar.

O padre offerecia a el-rei nada menos que um conselho para poder ter um filho!...

Luiz XVI leu em alta voz aquelle extranho documento aos seus cortezãos, e todos riram a bandeiras despregadas.

Parece que o segredo do padre, tão sabedor em assumptos prohibidos pela egreja aos seus ministros, consistia na adopção de certas posições, indicadas no papel com grande exactidão.

O padre assegurava a efficacia dos seus processos, julgando-os altamente necessarios para supprir o defeito physico d'el-rei, defeito que reclamava uma operação incisiva, a que o bom rei se recusava obstinadamente.

Aquelle projecto do padre fez muito ruido na côrte, e despertou grandes gargalhadas. A rainha foi uma das pessoas que mais riram.

Contaremos, a proposito d'isto, uma anecdota graciosa.

A formosa escriptora, notavel pelas suas novellas, Madame de Montolieu, achava-se em Lausanne, ao tempo em que alli estava tambem o celebre historiador inglez Gibbon.

Madame de Montolieu era uma mulher graciosa, viva e talvez bastante leviana. Gibbon era um homem pesado e indolente, gordo como um tonnel.

Comprehende-se perfeitamente que, a não ser o talento, não havia n'aquelle homem attractivos que podessem seduzir uma dama.

O Tacito inglez apaixonara-se pela escriptora franceza, e quando estava junto d'ella, soltava a cada instante suspiros collossaes.

Um dia, completamente dominado pelo excesso do seu amor, o volumoso amante cahiu aos pés da bella indifferente.

—«Meu querido historiador, disse-lhe Madame de Montolieu, que é isso?»

E a dama ria ás gargalhadas do singular aspecto d'aquella massa, que soltava enormes suspiros.

—«Amo-a!»

—«Mas, meu caro, este capitulo não é admissivel!...»

—«Como! Pois terá a crueldade de ser insensivel aos meus tormentos?...

—«Ouso apenas dar-lhe um conselho, meu caro senhor Gibbon. Torne a lêr a vida de Plutarcho e a de Sallustio.»

—«Que quer dizer, minha querida senhora?»

—«E' que não encontrará em qualquer d'ellas nada que se pareça com isto.»

—«Pois se não vivia no tempo d'esses dois escriptores illustres uma mulher tão encantadora!...»

—«Bonito madrigal, meu caro!...»

—«Está zombando de mim?»

—«Deus me livrára, meu querido auctor!...»

—«Mas, n'esse caso, corresponda ao meu amor!...»

—«O senhor, um homem tão respeitavel!...»

—«Anjo!...»

—«Levante-se, meu caro senhor Gibbon! Olhe que está n'uma posição muito incommoda!...»

—«O quê! Pois nem sequer me dá uma tenue esperança?»

—«Não, meu illustre historiador...»

—«Cruel!...»

—«Deixe estar que ainda um dia me ha de agradecer!»

—«Não diga isso! Quando lhe poderei eu agradecer tanta crueldade?»

—«Quando voltar a viver com os seus romanos!...

—«Senhora!...»

—«Vamos, senhor Gibbon, deixe essa posição humilhante!»

—«Ai de mim, minha senhora, bem o quizera eu, mas vejo que é impossivel!...»

E o pobre homem fazia esforços sobre esforços para se levantar, sem adiantar coisa alguma.

—«Então, senhor Gibbon, pois não póde levantar-se?»

—«Minha senhora, creio que a minha queda é tão definitiva como a do imperio romano por mim descripta!...»

—«Afinal não me admira isso!» observou Madame de Montolieu.

—«Porque?» perguntou Gibbon, muito intrigado.

—«Porque as *potencias collossaes, uma vez cahidas, difficilmente se levantam!*»

—«Convenho que a sua phrase tem muito espirito, minha senhora, mas o caso é que ella não me póde livrar d'esta desgraçada posição em que estou a seus pés!»

—«Não tem duvida, observou ella, eu vou livral-o d'essa difficuldade.»

E a dama, chamando um creado, disse-lhe friamente:

—«Levante o senhor Gibbon!...»

Uma das aventuras mais notaveis d'esta épocha foi a apresentação do cavalheiro d'Éon, no seu verdadeiro trajo de mulher. E' difficil imaginar nada mais grotesco do que aquella *mulher-homem*, que fôra capitão de dragões.

No dia em que voltou novamente ao trajo feminino, pintou o rosto, e poz uma longa cabelleira, cheia de anneis, mas o rosto grosseiramente queimado pelo sol, e as suas feições varonis, contrastavam de um modo ridiculo com aquelle trajo de mulher.

Uma habil costureira tentou fingir-lhe uns seios de bastantes dimensões, mas a amazona recusara-se a trazer o corpo dentro de um espartilho, e por isso as fórmas enganadoras, que tanto trabalho haviam dado para ficarem presas ao vestido, andavam errantes desde o pescoço até aos hombros. Além d'isso os seus modos varonis e o seu andar de tambor-mór disfarçado em mulher, faziam rir toda a gente.

Ao entrar na egreja, o cavalheiro, ou para melhor dizer, a senhora d'Éon, olhava para os assistentes de um modo verdadeiramente improprio de uma dama. É muito provavel que se tivesse percebido no rosto de algum fidalgo o mais pequeno sorriso ironico, a despeito mesmo do seu trajo feminino, ter-se-hia apoderado da primeira espada que encontrasse, e o insolente teria que vêr com ella.

Contava-se que a heroina se vira obrigada a vestir-se de mulher á força de supplicas da condessa de Guerchy, a cujo marido havia insultado em Londres, e que assim pretendera a condessa, restituindo ao seu verdadeiro sexo o adversario de seu marido fallecido havia algum tempo, evitar um duello vingador com seu filho.

A preço d'esta condescendencia, Mademoiselle d'Éon recebeu da côrte uma pensão de doze mil libras, com a condição de a perder irremediavelmente, no dia em que tornasse a envergar um fato masculino.

A famosa rapariga jurára não tornar a ser homem, custasse o que custasse, e dispunha-se a ir para um canto da provincia para alli esconder a sua vergonha. Antes de partir, teve, porém, occasião de se divertir, assim como toda a cidade de Paris, com a seguinte aventura.

Madame de Forqueux nunca tivera occasião de vêr Mademoiselle d'Éon nem vestida de homem, nem de mulher, e morria por conhecel-a. Um cavalheiro das suas relações comprometteu-se a leval-a a ceiar a sua casa, sabendo que podia ter uma brincadeira, embora um pouco forte, com aquella dama, sem que ella se enfadasse.

Dirigiu-se, portanto, a casa de um seu amigo, o pintor Musson, que era

muito mais habil em imitar as pessoas que conhecia, do que em fazer-lhes o retrato na tela.

Musson, foi, pois, a senhora d'Éon, que appareceu na ceia de Madame Forqueux. A dona da casa havia feito numerosos convites, e entre muitas pessoas havia algumas damas audaciosas, que tinham combinado entre si comprovar o verdadeiro sexo da amphibia creatura, de que tanto se fallava, e resolverem de uma vez o extranho problema.

O amigo da casa sabia de antemão que aquellas damas assistiam á ceia, e isso era o melhor da aventura.

A um signal combinado entre elles, a falsa Mademoiselle d'Éon dirigiu-se a um dos gabinetes interiores, como que para satisfazer uma necessidade.

As conspiradoras, seguras da sua força numerica, entram de roldão no gabinete, sob identico pretexto, e atiram-se todas ao pintor disfarçado, para procederem á tal comprovação.

O pintor fingiu defender-se como um demonio, supplicando ás atrevidas damas que respeitassem o seu pudor. Por fim, esgotaram-se-lhes as forças, as mãos das curiosas penetraram no sanctuario mais recondito da castidade, e alli encontraram uma forte escora a que podessem agarrar-se...

E de tal modo agarraram, que alguns gritos agudos, sahidos do gabinete, annunciaram o desenlace d'aquella scena.

Madame de Forqueux correu a saber o que tinha succedido, e encontrou Mademoiselle d'Éon com as lagrimas nos olhos, supplicando ás bellas assaltantes que respeitassem o segredo politico que acabavam de descobrir.

A dona da casa informa-se do motivo d'aquella scena e o amigo gracioso conta-lh'a ao ouvido. Ella ri ás gargalhadas, e no dia seguinte, Paris inteiro conhecia esta aventura divertida, que fez as delicias dos ociosos da grande cidade!...

Pouco depois, os enthusiastas de novidades começaram a popularisar o doutor Mesmer e o seu magnetismo animal.

O doutor apregoava o seu invento com palavras gregas e latinas.

Uma vez convencido o adepto, ou aturdido, condições absolutamente identicas para os charlatães, Mesmer corria-lhe as mãos por todas as partes do corpo, afim de saber, dizia elle, onde a doença estava localisada.

E, ao approximar-se da parte dorida, o doente sentia uma commoção parecida com a que produz a electricidade.

Em Paris houve sempre muita gente affeiçoada a commoções fortes. As damas, sobretudo, eram doidas por ellas, quando, bem entendido, não eram muito fortes.

Talvez fosse por influencia do magnetismo que o marechal de Richelieu, ao completar os seus oitenta annos de edade, resolveu casar pela terceira vez.

O velho aristocrata assegurava a toda a gente que a *commoção* não havia ainda desapparecido das suas fibras.

Eis a origem um tanto novellesca, embora verdadeira, das suas relações com a viuva de Rooth, com quem veio a casar.

Um dia na estrada de Versailles partiu-se a carroagem do duque, ao pas-

sar a montanha de Sèvres. O velho fidalgo tinha de continuar a pé a sua jornada, quando por acaso passou uma carroagem, conduzindo uma dama que não o conhecia.

A dama, vendo um cavalheiro de cordão azul em similhante apuro, offereceu-lhe um logar no seu vehiculo. O duque acceitou, e d'aqui proveio o casamento que deu a Madame de Rooth cem mil libras de renda, no momento em que ia faltar-lhe o mais necessario.

Richelieu, antes de receber no seu palacio uma mulher honrada, quiz expulsar os libertinos e rameiras que viviam á sua custa. A propria Madame Rousse, directora d'aquella quadrilha impura, não foi exceptuada, apesar dos seus protestos de lealdade, das suas supplicas e das suas lagrimas. Esta sacerdotisa de voluptuosidade teve que entrar no conventos das Capuchinhas.

Depois d'esta limpeza geral, o noivo de 84 annos foi procurar o senhor de Fronsac, seu filho.

— «Meu caro, disse-lhe elle, eu sou muito mais amavel do que o senhor. Casou-se sem me dizer uma palavra, e eu venho dar-lhe conta do meu enlace. Previno-o de que espero ainda ter um filho, que hade ser muito melhor que o senhor!...»

O casamento celebrou-se na capella do palacio de Richelieu. O arcebispo de Paris, que se interessou vivamente por esta resolução do duque, esperando que o velho libertino viesse ainda a ter um fim honesto, promettera-lhe ir abençoar os noivos, mas o estado da sua saude não lh'o permittiu.

Celebrou-se um esplendido banquete, ao qual se seguiu um baile, no pavilhão de Hanover. Houve illuminação e fogos de artificios nos jardins, mas a festa terminou alli para os noivos!

Se a noiva, ainda na edade das paixões imperiosas, recebeu a scentelha electrica no meio das danças voluptuosas da festa, o fogo que lhe ardia no peito devia extinguir-se com a ultima faisca da ultima maravilha pyrotechnica, de tantas que arderam n'aquella noite.

O octogenario Richelieu, apesar da sua presumpção, apesar da ameaça que havia feito a seu filho, apesar talvez dos seus desejos, conduziu a noiva a uma habitação separada da sua, e alli apresentou-lhe respeitosamente as suas homenagens, e cantou-lhe esta copla, expressamente composta por elle para a occasião:

À mi nuit cachez-moi vos charmes,
Je craindrais d'outrager l'amour:
Depuis que j'ai perdu mes armes,
Mon bonheur fuit avec le jour!...

Madame de Richelieu achou esta copla graciosissima, e deu os parabens ao academico, que sem duvida foi contar este elogio ao seu secretario, e a viuvez da noiva continuou.

. . . .

Sentimos não ter de continuar a elogiar a castidade da condessa d'Artois, de quem tantas vezes temos fallado.

A côrte occupou-se durante muitos dias de uma aventura, que desconceituou, talvez injustamente, a fama de virtude da cunhada d'el-rei.

Até então, como sabemos, esta princeza não vira formar a respeito da sua conducta nem a minima suspeita. De repente, porém, começaram a correr boatos dos seus repetidos favores a um capitão de couraceiros, da casa de seu marido.

A verdade é que este militar foi preso com grande mysterio, rigor e vigilancia, encontrando-se em seu poder o retrato de sua alteza real, declarando que o tinha recebido de uma camareira; no emtanto, a moldura era demasiado rica para provir de uma creada.

Procedeu-se a novas averiguações. O official detido chamava-se Desgranges, e era filho de um director das postas em Barbezieux. Tendo sido encarregado da escolta que acompanhou o conde d'Artois na sua viagem a Hespanha, a princeza gostou d'aquelle esbelto rapaz, e fel-o entrar na companhia das suas guardas.

Pouco depois, Desgranges começou a apparecer com muito ouro e a mostrar joias de grande preço. Passava uma vida brilhante, e fez despezas extraordinarias de uma occasião em que foi a Angoulême.

Apesar d'isto, a altiva nobreza da provincia não estava muito disposta a receber aquelle guarda do conde d'Artois, por causa da humildade da sua estirpe.

—«Fazem mal, minhas senhoras, diziam ás damas provincianas alguns dos companheiros de Desgranges. As grandes damas da côrte não se mostram tão desdenhosas, como isto.»

E corria o boato de que a condessa d'Artois protegia Desgranges.

Havia quem dissesse que o militar se valera de um segredo, algum tanto prejudicial ao bom nome de sua alteza real, para alcançar a sua protecção. O caso é, porém, que o conde d'Artois acabava de o nomear capitão de cavallaria e seu ajudante de campo, pouco tempo antes de ser preso. O que daria causa a esta prisão?

Os mais maliciosos asseguravam que Desgranges, surprehendido pelo principe no momento em que tinha a princeza sobre os joelhos, fôra immediatamente preso.

Alguns artistas engenhosos e satyricos pintaram duplos fundos de caixas de tabaco, nas quaes se via a seguinte scena. O senhor Desgranges sentado, e a condessa d'Artois, n'uma desordem que accusava a nudez muito acima do joelho, sentava-se tambem nos joelhos do capitão. O conde assomava á porta n'este momento. Era uma situação verdadeiramente theatral.

As caixas de tabaco *illustradas* vendiam-se por alto preço.

A condessa d'Artois foi muito criticada por toda a gente.

No emtanto, não era só n'esta princeza que se cevava a maledicencia.

Póde calcular-se o numero das victimas pelo seguinte folheto, que andou de mão em mão, e que copiamos para aqui textualmente:

«*Bibliotheca das damas da côrte,* accrescentada com numerosas observações novas.

«*Tractado da Amisade*, para uso dos soberanos, pela rainha de França.

«*Tractado do prazer*, dedicado á rainha.

«*A arte de viver bem com seu marido, e de o conservar sempre namorado*, pela condessa d'Artois.

«*Os encantos da verdade*, dedicados á condessa pelas senhoras de Lesparre, de Loval e d'Escars.

«*Tractado do perigo de amar com excesso seu marido*, dedicado á senhora condessa d'Artois.

«*A bondade personificada*, dedicado á duqueza de Chartres.

«*Das inconsequencias do caracter*, tractado dedicado á duqueza de Bourbon.

«*O catafalco vivo*, dedicado á princeza de Conti.

«*A materia preferivel ao espirito*, dedicado á princeza de Lamballe, pelo marquez de Clermont, revisto pela Vaupalière.

«*De como uma cara bonita a tudo póde conduzir*, dedicado á condessa de Polignac, pelo marquez de Vaudreuil.

«*O dinheiro sobre tudo*, conto dedicado á baroneza de Talleyrand.

«*Tractado sobre os corpos opacos*, dedicado á marqueza de Montmarni.

«*A libertinagem*, tractado dedicado á celeberrima marqueza de Fougières, pelo publico.

«*A amiga dos homens*, dedicado á viscondessa de Laval, pelos senhores de Fitz-James, de Jaucourt e de Luxemburgo.

«*A Bella e a fera*, conto dedicado á condessa de Crenay, pelo senhor Mégrigny.

«*Tractado sobre o movimento*, dedicado á condessa de Harville.

«*Historia dos Treze Cantões*, por Madame de Suze.

«*Nossa Santa Madre Egreja*, dedicada a Madame de la Roche-Aymond, pelo bispo de Tarbes.

«*A liberdade dos caprichos*, pelo principe Jorge de Hesse e o marquez de Montesquieu.

«*As bagatellas*, folheto pela princeza de Chimay, dama de honor da rainha.

«*O abandono dos encantos*, pela condessa d'Ossun.

«*O Filho do prazer*, dedicado á condessa de Balby.

«*Da necessidade dos arrebiques*, dedicado á duqueza de Larges.

«*Tractado da affectação*, pela duqueza de Laval.

«*Das propriedades da agua benta*, dedicado á marechala de Luxemburgo».

Dizia-se que esta velha mundana, convertida em devota, costumava lavar-se com agua benta, para evitar tentações.

«*Da utilidade das portas trazeiras*, dedicado á condessa de Blot, pelo marechal de Castries.»

Esta dama, muito recatada na sociedade, fôra surprehendida nos braços de um fidalgo.

«*A passagem*, dedicado á duqueza de Grammont, pelo duque de Choiseul.

Princeza de Lamballe

«*A egua desenfreada,* dedicado a Madame de Modena.»

Póde saber-se pelas menções favoraveis, contidas n'este maligno catalogo, em que grau tinha a opinião publica as virtudes das principaes damas da côrte.

Nada supprimimos n'este curioso documento, porque era a expressão da *vox populi.*

Publicou-se tambem por aquelle tempo um livro original de Madame de Genlis, intitulada: *Os serões do castello, ou curso de moral para uso das creanças.*

Este curso de moral não era mais do que um curso de inveja. *Os serões do castello* formavam tres volumes, que se vendiam ao preço de dezoito libras.

Era bastante caro, e o publico assim o considerava, a julgar pelos seguintes versos, que a triste reputação da sua auctora parecia bem justificar. Eis esses versos:

Comme tout renchérit! disait un amateur;
Les œuvres de Genlis à six francs le volume!
Dans le temps que son poil valait mieux que sa plume,
Pour douze francs j'avais l'auteur!

N'aquelle anno, morreu Diderot. As suas principaes obras, além da sua importante collaboração no Diccionario encyclopedico, são:

As joias indiscretas, novella erotica, em que o auctor faz fallar e contar as suas aventuras a varias joias. É preciso notar que estas joias são as que as mulheres mais apreciam, e as que mais ordinariamente perdem o seu primitivo valor.

A Religiosa;

O Filho natural;

Julio e Sophia;

E outras muitas.

Já dissemos alguma cousa dos amores da rainha com o senhor de Fersenne, coronel do regimento Royal-Suédois.

Este sylpho, conhecido no Pequeno Trianon com o nome de *Zephyro,* parecia suspirar em segredo por Maria-Antonietta, quando foi admittido no circulo dos intimos da rainha.

Maria-Antonietta leu sem duvida o amor nos olhos do coronel, e animou-o o melhor que poude, mas o bello Fersenne não podia aventurar-se a uma declaração. Entre um subdito e a sua soberana, é mister que as leis naturaes soffram uma transformação, e por isso Maria-Antonietta tomou a iniciativa.

Já dissemos anteriormente que a rainha lhe mandára um bilhete, por meio de uma sua intima.

Eis o conteúdo d'esse bilhete amoroso:

«*Flora a Zephyro:*

«Ha muito tempo, meu querido *Zephyro,* que o vejo percorrer os canteiros do meu imperio, olhando com attenção para todas as flores que se encontram, sob o meu dominio immediato.

«Por ventura já sobre alguma d'ellas repousou o seu suave alento?

«Se assim fosse, *Flora* morreria de desesperação.

«Lembre-se que eu sou a sua rainha, e que realisaria uma vingança implacavel contra a que me tivesse roubado o thesouro que desejo.

«Esta noite, ás nove horas, irei com a minha atroz inquietação ao Pequeno Trianon.

«Se *Zephyro* é sensivel ao doce anhelo de *Flora,* irá com certeza acalmar a horrivel pena que a agita.

«O porteiro introduzil-o-ha.»

O mensageiro levou-lhe esta resposta:

«*Zephyro a Flora:*

«Zephyro vê com indifferença todas as flores do seu imperio.

«Quando as olha com attenção, é porque procura entre ellas a *sua rainha.*

«Mas, quando a vê, o respeito cerra-lhe os labios, fazendo apenas dos olhos os interpretes mudos do seu amor.

«A gratidão e o amor mais ardente conduzirão esta noite ás nove horas *Zephyro* ao Pequeno Trianon.

«E por feliz se dará, se a sua presença e as suas caricias puderem desterrar a inquietação do espirito de *Flora,* e convencel-a da sinceridade do seu amor.»

A chronica escandalosa accrescentava que Fersenne foi introduzido por Bazin, e que desde então, *Zephyro,* apesar da sua ligeireza, seguia constantemente os passos de *Flora.*

Affirmava-se que o bello Fersenne perdera todo o seu vigor, e que ella por fim, cansada dos seus beijos enfraquecidos, déra ás azas d'aquelle deus toda a sua liberdade.

....

Eis-nos chegados agora á famosa historia do collar da rainha.

No dia da Ascensão do anno de 1785, quando toda a côrte estava na galeria, viu-se entrar o principe Luiz de Rohan, cardeal e esmoller-mór de França, vestido com o seu roquette e insignias prelaticias. Ia desempenhar os deveres do seu cargo, seguindo o rei á capella.

Sua magestade mandou-o chamar á sua camara, onde a rainha estava presente.

—«Senhor cardeal, disse-lhe Luiz XVI, em tom brusco e secco, que historia é essa de um collar de diamantes, que vossa eminencia encommendou para a rainha?»

—«Meu senhor!...»

—«Falle!»

—«Vejo, embora tarde, que fui enganado!...»

—«Mas, disse a rainha, quando lhe deram para mostrar aos joalheiros as pretendidas condições de um contracto, escripto pela minha mão, admitto mesmo que o senhor cardeal acreditasse tão levianamente em similhante imprudencia da minha parte. O que não devia nunca poder illudil-o era a minha lettra, que decerto conhecia!...»

—«Meu senhor, disse tranquillamente o cardeal, sem responder a Maria-Antonietta, asseguro-lhe a minha innocencia.»

—«Cardeal, disse el-rei, é muito natural que esteja um pouco perturbado nas suas explicações. Tranquillise-se! Para lhe dar um meio de recobrar a sua presença de espirito, e para que a minha presença ou a da rainha não o constranjam, queira passar ao aposento immediato. Alli estará só, e encontrará papel, pennas e tinteiro. Escreva a sua declaração, que me entregará, apenas a houver escripto, tendo para isso todo o tempo que quizer.»

Inclinou-se o cardeal profundamente diante d'el-rei, e entrou no gabinete, que lhe fora designado, onde se demorou, quando muito, um quarto de hora. Quando sahiu, entregou a sua magestade um documento.

—«Previno-o, senhor cardeal, de que vae ser preso,» disse-lhe Luiz XVI.

—«Meu senhor! exclamou Rohan, obedecerei sempre ás ordens de vossa magestade!...»

—«Muito bem.»

—«Tenho, porém, uma graça a supplicar a vossa magestade...»

—«Falle!»

—«Vossa magestade podia muito bem evitar-me o desgosto de ser preso com estas vestes pontificaes e em presença de toda a côrte aqui reunida.»

—«Não póde ser, senhor cardeal!»

—«Digne-se vossa magestade reflectir...»

—«É mister que assim seja!» respondeu el-rei bruscamente.

E voltou as costas ao cardeal de Rohan.

Ao sahir da camara de el-rei, o esmoller-mór de França foi preso na presença de todos os cortezãos pelo senhor de Villeroi, capitão das guardas do corpo, e immediatamente conduzido á Bastilha.

Dois dias depois, sahiu da prisão, acompanhado pelo barão de Breteuil, para assistir a um inventario de todos os seus papeis, mas nada se encontrou que o compromettesse.

Durante o curto intervallo em que o cardeal de Rohan permaneceu em Versailles, sob a guarda do senhor de Jouffroy, tenente do duque de Villeroi, pediu um lapis a este official, e sob pretexto de dar algumas ordens aos seus domesticos, traçou n'um bilhete algumas palavras em allemão, que um proprio levou rapidamente a Paris.

Discutiu-se durante muito tempo a maneira como havia de ser julgado um reu de tão elevada cathegoria ecclesiastica, porque sua eminencia declarára que não queria recorrer á clemencia d'el-rei, accrescentando que reconhecia toda a bondade de sua magestade, mas que não precisava d'ella para nada.

O clero approvou a determinação do cardeal, mas reclamou ao mesmo tempo o direito de julgar sob a sua alçada um dos seus principes e chefes eminentes.

A curia romana interveio, e sollicitou que o reu comparecesse perante uma commissão de cardeaes, mas ninguem fez caso de similhante pedido, e accedendo a uma petição do proprio principe de Rohan, um decreto, dictado n'um grande conselho, celebrado em Saint-Cloud, encarregou o parlamento da instrucção do processo do cardeal.

Por denuncia do accusado, um official partiu para Bas-sur-Aube, com

ordem de prender alli Madame de la Motte, de quem já fallámos n'este livro, quando contámos as suas intimas relações com a rainha.

O cardeal fôra tambem *um dos seus melhores amigos.*

Esta dama não se assustou á vista do official, encarregado de a conduzir presa a Paris, e o senhor de la Motte, manifestando a mesma tranquillidade, offereceu-se para acompanhar sua esposa, o que lhe foi recusado pelo official. Verdade seja que o senhor de la Motte, reflectindo melhor, partiu para Inglaterra, no que procedeu acertadamente.

A historia de Madame de la Motte é verdadeiramente singular. Chamava-se Valois, e descendia, segundo declarava, da casa soberana que deixou de reinar em França por morte de Henrique III.

Apesar de tão illustre progenie, esta vergontea de um ramo real pedia esmolla alguns annos antes, assim como sua irmã mais nova. Um irmão, o unico que tinham, havia-se feito marinheiro para fugir de uma vida tão ignominiosa. A Valois era formosissima, tanto que chegou a interessar muito a Madame de Boulainvillers, mulher do intendente de policia, que a vira por acaso. O nome da desgraçada excitou sobretudo a attenção da sua improvisada protectora. Examinados os titulos de nobreza, que mesmo na sua profunda miseria, conservara cuidadosamente, foram julgados em regra.

Madame de Boulainvillers havia já fallado dos Valois na côrte, quando a libertinagem desenfreada da nobre joven obrigou o intendente a expulsal-a de sua casa.

Galanteadora tal qual a Dubarry, antes de ser favorita, encontrou um dia no mundo o senhor de la Motte, que bem depressa uniu a sua vida de intrigas e de aventuras, áquella vida de prostituição, casando com a joven perdida.

Graças á sua astucia, este par tão bem unido conseguiu fazer pronunciar repetidas vezes aos ouvidos da familia real o nome dos Valois.

El-rei e a rainha quizeram vêr Madame de la Motte, e Maria-Antonietta gostou, como ella sabia gostar, d'aquella formosa rapariga, nomeando-a logo sua camarista.

Luiz XVI apressou-se tambem a mandar um titulo de nobreza ao irmão marinheiro, que desde então ficou sendo o barão de Saint-Rémy de Valois, sendo de mais a mais nomeado tenente dos navios de sua magestade.

O favor de Madame de la Motte cresceu rapidamente, como já tivemos occasião de contar. Assegurou-se que, valendo-se da protecção da rainha havia procurado fazer a reconciliação da sua bemfeitora com o cardeal de Rohan, de ha muito cahido em desgraça pelas informações dadas para a côrte de Vienna, e das quaes já tivemos conhecimento.

O caso foi que alguns mezes, antes da prisão do esmoller-mór de França, a condessa de la Motte se apresentára em casa de um joalheiro chamado Régnier com uma caixa adornada de diamantes, na qual se via o retrato da rainha decotada até muito abaixo dos peitos.

A condessa propoz ao artista que collocasse de outro modo a miniatura, quer dizer, que a encaixilhasse de fórma, que podesse apparecer ou occultar-se por meio de algum segredo engenhoso.

A quem era destinada aquella joia? Não sabemos dizel-o, mas ninguem poz em duvida que devia ter sido offerecida ao principe de Rohan, da parte de Maria-Antonietta, em signal de completo olvido do passado.

Emquanto a condessa de la Motte era encarcerada, o cardeal gosava na Bastilha a liberdade, rarissimas vezes concedida, de receber quem queria.

Fallava alli com sua familia, e com os seus advogados, que eram os senhores Turgot, Tronchet e Bonnières.

Já por varias vezes temos accidentalmente fallado, e sempre promettendo occupar-nos com maior extensão, do processo, que interessou não só a França, mas o mundo inteiro; queremos referir-nos ao processo do collar da rainha. Chegou agora a occasião de contarmos toda essa embrulhada historia.

As cartas patentes do rei davam conta d'este famoso escandalo, nos termos seguintes:

«Luiz, etc., etc.

«Tendo chegado ao nosso conhecimento que os chamados Bœhmer e Bossanges haviam vendido ao cardeal de Rohan um collar de diamantes;

«Que o dito cardeal, sem conhecimento da rainha, nossa muito querida esposa, lhes disse estar auctorisado por ella para conseguir a sua acquisição, mediante o preço de um milhão e seiscentas mil libras, pagaveis em varios prazos;

«Que lhes fez ver, para esse fim, certas condições apresentadas como approvadas e assignadas pela rainha;

«Que o referido collar foi entregue pelos referidos Bœhmer e Bossanges ao cardeal de Rohan;

«E que o pagamento convencionado não se effectuou, pelo que recorreram á rainha;

«Não podémos vêr sem uma justa indignação, que assim se tenha abusado de um nome augusto e que por tantos titulos nos é tão querido, e que se tenha violado com uma temeridade tão inaudita o respeito que se deve á magestade real;

«Julgámos, portanto, que era de justiça chamar á nossa presença o referido cardeal, e em vista da declaração por elle feita de que havia sido enganado por uma mulher, chamada la Motte de Valois, pareceu-nos conveniente apoderarmo-nos da pessoa do referido cardeal, e da referida la Motte Valois, assim como tomar as medidas que a nossa prudencia nos suggeriu, para descobrir todos aquelles que tenham podido ser auctores ou cumplices de um attentado de similhante natureza.

«E julgámos conveniente dar-vos parte d'isto, para que julgueis o processo, reunida a grande camara.»

Deu-se copia d'este documento ao cardeal de Rohan, e el-rei pediu-lhe a sua demissão de esmoller-mór.

—«Meu senhor! respondeu o prisioneiro. Vossa magestade não obterá esta dignidade senão com a minha cabeça! O meu emprego não é um cargo palaciano, é uma dignidade do estado, e só uma sentença em regra poderá despojar-me d'elle!...»

De dia para dia se ia complicando mais a questão. Pouco tempo depois da prisão da condessa de la Motte, foi preso o barão de Plante, e no dia seguinte, o conde e a condessa de Cagliostro foram conduzidos á Bastilha.

Cagliostro nasceu em Palermo, na Sicilia, oriundo de uma familia judia. Era dotado de paixões ardentes, e a pobreza parecia-lhe um peso insupportavel, mas como era habil e arrojado, fez-se conde, e tudo isto para enriquecer, auxiliado por uma falsa illustração, e por um habil charlatanismo.

Chegando a Veneza, Cagliostro relacionou-se com uma genoveza, que de marqueza viera descendo de degrau em degrau até ao vil officio de prostituta.

O charlatão descobriu atravez dos andrajos d'esta mulher attractivos capazes de o auxiliarem nas suas intrigas. Ella tinha effectivamente estatura soberba, olhar ousado, peitos tentadores, halito perfumado. Isto quanto ao physico. No moral, tinha uma linguagem libertina, intelligencia especuladora, muito calculo, e um coração avido de sensações.

A genoveza pareceu a Cagliostro uma excellente acquisição. Se tinha sido realmente marqueza, elle fel-a condessa de emprestimo, uma condessa de comedia, e ambos sob o manto protector de um casamento da mesma qualidade, começaram a correr juntos o mundo inteiro.

Os dois aventureiros encontraram, n'uma das suas viagens, o conde de Saint-Germain. O charlatão emerito reconheceu n'elles vocação para a alta intriga, e iniciou-os nos segredos da sua grande arte.

Os novos adeptos dirigiram-se a Paris, decididos a explorarem o enthusiasmo que alli havia excitado seu mestre, e occuparam-se como elle de medicina, chimica e magia.

Tudo isto pareceu maravilhoso ao publico, e a reputação dos ciciliano tornou-se colossal.

Como se aproveitou José Balsamo d'esta reputação? Ignora-se. Elle não pedia dinheiro a ninguem, tirando as suas riquezas da mesma fonte desconhecida, onde o conde de Saint-Germain as ia buscar.

Cagliostro vivia esplendidamente, pagava aos seus fornecedores com a maior exactidão e dava muitas esmolas. Fazia mais ainda. O seu famoso Pactolo corria em casa de todas as pessoas que estavam dispostas a acreditar no seu poder.

Foi por isso que o cardeal de Rohan, sempre cheio de dividas, se atirou aos braços do charlatão, que apenas lhe exigiu em troca o filiar-se nas seitas dos *Illuminados* e dos *Theosophos*, dos quaes, segundo dizia, era o grande pontifice.

O cardeal, com a condição de ter dinheiro, ter-se-hia mesmo feito *quaker*. Prometteu ao conde tudo quanto lhe pediu, e em troca, o charlatão começou a compor uma pedra philosophal destinada a pagar todas as dividas do prelado, inclusivamente a do famoso collar, encommendado aos ourives Boehmer e Bossanges.

Esta intimidade entre Cagliostro e Rohan parecia um pouco exaggerada pelos murmuradores, mas o certo é que o senhor de Crone, chefe da policia, teve-a como verdadeira, e por isso ordenou a prisão de Cagliostro.

Mas quem poderia averiguar a verdade, n'esse intrincado negocio do collar da rainha? A cada passo surgiam mil contradicções.

Provaria o collar a reconciliação entre o cardeal e a rainha?

Seria uma consequencia d'essa reconciliação?

Teria effectivamente esta joia estado nas mãos da rainha?

Ordenaria Maria-Antonietta que o collar fosse entregue aos ourives, quando não poude pagar a primeira das prestações?

Teria o collar, em vez de ser entregue a Bœhmer e Bossanges, sido vendido no estrangeiro por Madame de la Motte e seu marido?

Taes eram as perguntas a que ninguem sabia responder.

Havia, no emtanto, um dilemma: Ou o cardeal era um patife, ou uma victima.

Em qualquer dos casos, a rainha estava certa de sahir d'este malfadado negocio, pura como os arminhos do seu manto real.

Devemos dizer, no emtanto, que o collar havia sido offerecido á rainha antes da intriga, tendo por essa occasião sua magestade mostrado muitos desejos de o possuir, mas Luiz XVI recusou-se a satisfazer-lhe este capricho.

A attenção publica começava a perder o interesse com que seguia este curioso assumpto, quando um novo incidente a despertou.

Em consequencia do processo intentado contra o cardeal de Rohan, e segundo outros, em virtude de uma combinação feita em Versailles, uma rapariga chamada Oliva, foi presa como implicada no roubo do collar.

Vamos dar alguns pormenores a respeito d'este incidente.

O verdadeiro nome d'esta rapariga era a Guay.

Nascera em Paris em 1761, de uma familia honrada, mas pobre, e ficára orphã na edade de 17 annos.

Apesar da pobreza de seus paes, herdara d'elles uma somma bastante razoavel, ainda assim, mas este capital, administrado por mãos infieis, não tardou em ficar bastante compromettido, e até singularmente reduzido.

Que havia de ser de Mademoiselle Guay, n'esta triste situação? Que partido lhe restava? O que lhe ficara mal chegaria a quatro mil libras!...

Que fazer?

A Guay não esteve por muito tempo indecisa, e começou a dirigir-se todos os dias ao Palais-Royal, ou só, ou acompanhada de uma criança que uma visinha lhe emprestava.

N'uma d'estas excursões nocturnas, travou relações com o conde de la Motte, que assombrado de uma circumstancia, que já vamos dizer, levou a Guay á condessa, sua esposa, como um verdadeiro achado para a execução de certo plano.

A circumstancia, que tanto havia impressionado o conde de la Motte, era a extraordinaria parecença da rapariga com a rainha.

As feições, a altura, os gestos apresentavam uma tal conformidade, que a não ser o habito de vêr todos os dias sua magestade, ninguem poderia duvidar que fosse ella, ao olhar para a Guay.

Depois de algumas visitas e até de alguns presentes, Madame de la Motte

declarou á Guay, que o acaso, ou para melhor dizer a sua boa estrella, fazia com que ella podesse prestar á rainha um serviço assignalado, accrescentando que por este serviço receberia primeiramente quinze mil libras, e lá mais para ao diante teria a sua fortuna completamente assegurada.

A pobre rapariga, aturdida e maravilhada, respondeu que era uma humilde creada de sua magestade, e que o seu maior desejo seria poder prestar-lhe um serviço. Portanto, a condessa podia dispôr d'ella a seu bel-prazer.

No dia aprazado, conduziram-na a Versailles ás dez horas da noite. Ia magnificamente vestida.

Deram-lhe uma rosa e um bilhete, e disseram-lhe que devia entregar ambas as cousas a um elevado personagem, que havia de ir ter com ella, quando déssem as doze badalladas no relogio do castello.

Poucas palavras deveria pronunciar. Apenas diria, ao dar a rosa e o bilhete ao alludido personagem:

—«Bem sabe o que isto significa!...»

A isto se reduzia a sua missão, e accrescentaram que a propria rainha, occulta n'um pequeno bosque visinho, vigiaria o exacto cumprimento das ordens que havia dado.

Tudo se executou, como estava previsto. A Guay foi collocada pela condessa de la Motte n'um sitio bem sombrio do jardim de Versailles. Chegou o grande personagem, inclinou-se diante da pretendida Maria-Antonietta, recebeu a rosa, ouviu as suas palavras, mas o bilhete não lhe foi entregue.

A condessa, que estivera occulta, presenciando a scena, accudiu n'esse momento, e disse:

—«Vamos, vamos, avie-se!...»

O desconhecido, que era o cardeal de Rohan, affastou-se com a senhora de la Motte, e seu marido, que appareceu de repente, levou comsigo a Guay.

Duas horas depois, a condessa foi ter novamente com a aventureira, e assegurou-lhe que a rainha ficára satisfeitissima com ella, apesar do esquecimento do bilhete, o qual, segundo ella propria confessou, era um accessorio de pequenissima importancia, e queimou-o á luz de uma vela.

Esta aventura succedia no mez de agosto de 1784. Depois d'ella, Mademoiselle le Guay, denominada baroneza d'Oliva pelos seus protectores, continuou a vêl-os em Paris, jantando algumas vezes na sua companhia, e recebendo d'elles, em varias prestações, 4:268 libras, por conta dos quinze mil francos promettidos.

Mais tarde declararam-lhe que já não receberia mais nada, e ella deixou até de frequentar a casa dos la Motte.

Apesar d'isso, Mademoiselle Oliva, julgando-se lançada nas elevadas regiões da politica, havia abandonado a trapeira em que vivia na rua du Jour, para se installar sumptuosamente na rua Neuve Saint-Augustin. Alli, uma elegante mobilia, comprada a credito, dava-lhe as apparencias de uma mulher do grande tom.

Não ha bem que dure, e a Guay devia bem depressa cahir d'estas alturas, impellida pela desgraça. Os crédores, cançados de esperar, converteram-se

em ameaças constantes contra o seu bem estar, e foi-lhe preciso subtrahir-se ás suas perseguição.

Tal era a difficil situação de Mademoiselle Oliva, quando rebentou como uma bomba o processo do collar, sem que ella nem por sombras suspeitasse haver tomado parte n'esta escandalosa intriga, e se por essa occasião sahiu de Paris, foi apenas para evitar a perseguição dos seus crédores.

A 30 de setembro tomou a pobre rapariga o caminho de Bruxellas, e conseguia alguns dias depois installar-se tranquillamente n'esta cidade, quando a 16 ou 17 de outubro seguinte, á meia noite foi detida e conduzida á cadeia. Foi então que a Oliva Guay soube com assombro que estava implicada no famoso processo do cardeal de Rohan... do qual até aquelle momento apenas ouvira vagamente fallar!...

Transferida para Paris, mettida na Bastilha, interrogada, a pobre Oliva passou pelos mais duros transes, protestando sempre a sua innocencia. No emtanto, a declaração franca das suas relações com a la Motte, em vez de lhe dar a liberdade, fez com que fosse encerrada mais cuidadosamente nas masmorras da Bastilha.

Isto foi o que officialmente se disse. O publico, porém, não acreditou uma palavra sequer, a respeito da existencia d'esta rapariga.

Terminou, emfim o famoso processo do collar. O parlamento proferiu a sua sentença.

O senhor de Fleury, procurador geral, muito influenciado pelo barão de Breteuil, inimigo do principe de Rohan, formulou as mais terrives conclusões contra o cardeal, a ponto de serem recebidas com indignação até pelo proprio parlamento.

O senhor de Barillon, conselheiro, chegou a dizer que aquillo não eram as conclusões de um procurador geral, mas sim d'um ministro, a quem não era difficil reconhecer.

O senhor de Ségnier, advogado geral, fallou no mesmo sentido, e dirigiu terriveis allusões ao senhor de Fleury.

Não sabemos até que ponto tinham aquelles senhores o direito de se revoltarem contra as conclusões, quando era publico e notorio que tinham recebido as declarações de Bœchmer e Bossanges e de diversas testemunhas.

Depois de muitos debates, o parlamento pronunciou a sentença, contendo as seguintes deliberações:

O cardeal ficava pura e simplesmente exempto de toda a accusação.

Madame de la Motte era condemnada a fazer uma retractação publica, com uma corda ao pescoço, além d'isso a ser açoitada publicamente, marcada nos hombros e destinada a ser encerrada no hospicio pelo resto dos seus dias.

O senhor de la Motte, declarado contumaz, e condemnado ás mesmas penas que sua esposa.

O senhor de Plante de Ville desterrado por toda a vida.

O conde de Cagliostro ficou livre de todas as accusações.

A menina Oliva de Guay foi posta em liberdade.

Finalmente as memorias, escriptas pela condessa de la Motte contra o cardeal e o conde de Cagliostro, foram supprimidas.

Esta sentença foi acolhida pelo applauso unanime de um numeroso e escolhido auditorio. Todo o mundo conhecia a immoralidade do cardeal de Rohan, mas n'esta questão todas as opiniões lhe eram favoraveis, quer fosse pelo poder da verdade, quer pela consciencia das fraudes, que se haviam posto em acção para fazer cahir sobre elle uma grande parte da tormenta, com grave e flagrante injustiça.

Quanto a Madame de la Motte, fosse qual fosse o destino primitivo do collar, a verdade era que ella e seu marido haviam feito vender definitivamente os brilhantes em proveito proprio.

Por isso, estes dois aventureiros nem inspiravam interesse algum, nem o mereciam effectivamente, ainda mesmo que tivessem obrado em virtude de altas e irrecusaveis influencias.

O barão de Breteuil, depois da favoravel sentença proferida contra o cardeal de Rohan, jurara vingar-se d'elle fosse de que modo fosse, e para isso foi pedir-lhe que desse a sua demissão de esmoller-mór de França, duas horas depois do principe haver sahido da Bastilha.

O barão enganou-se, porém, mais uma vez. O cardeal havia-se antecipado, e por isso Breteuil poude apenas annunciar-lhe que el-rei o desterrava para a Chaise-Dieu.

O publico apodou de tyranno a Luiz XVI, tanto por este desterro do cardeal, como pela demissão de todos os seus cargos que tão encarniçadamente lhe havia exigido.

A *vox populi* d'esta vez enganava-se. Luiz XVI, sob qualquer ponto de vista que considerasse a historia do collar, não podia deixar de estar indignado contra o procedimento do cardeal.

Madame de la Motte continuava presa na Conciergerie, ignorando a terrivel sentença preferida contra ella, e demais a mais, não podia fallar a ninguem, nem sequer aos seus advogados!...

Devorava-a uma sombria desesperação, tinha violentos ataques de nervos, chegando até um dia em que teve um mais forte a tentar abrir a cabeça com uma bacia de louça.

Desde aquelle dia, haviam-lhe posto sentinellas á vista, e além d'isso duas mulheres dormiam no seu calabouço e na sua propria cama.

Tal era a situação da ré!

No dia 20 de junho, vieram prevenil-a de que na madrugada seguinte sahiria da sua prisão. Devia estar vestida ás seis horas.

—«Com que fato?» perguntou ella.

—«Simplesmente;» responderam-lhe.

Effectivamente, á hora indicada, vieram buscal-a.

Apenas déra alguns passos fóra da sua masmorra, viu-se logo rodeada de um grande numero de carcereiros, que a arrastaram até ao fundo da escadaria do palacio, onde lhe foi lida a sentença.

Ao ouvir os terriveis supplicios que a esperavam, a pobre mulher ficou

furiosa. Rasgou os vestidos e declarou que mais facilmente se deixaria esquartejar do que submetter-se a tão cruel e vergonhoso supplicio.

N'esse momento, seis ajudantes do carrasco apoderaram-se da desgraçada, que se defendeu e resistiu com energia, mas por fim ficou vencida.

O executor de alta justiça apoderou-se d'ella, e erguendo os farrapos que a cubriam, imprimiu-lhe a marca infamante, nas pernas manchadas de lama e feridas pelas unhas brutaes dos homens que tinham luctado com ella.

Emquanto durava a fustigação, que se seguiu á marca infamante, outro carrasco, apesar dos estremecimentos convulsivos da condemnada, conseguiu marcal-a n'um hombro.

Quando ia applicar-lhe o ferro em brasa ao outro hombro, o ferro apenas conseguiu queimar-lh'o, com esse ruido sinistro, que produz um corpo gordurento ao ser queimado.

Atravez dos rugidos desesperados que Madame de la Motte soltava, durante a execução, ouviam-se claramente estas palavras:

—«Eu é que tenho a culpa!... Podia muito bem ter evitado esta ignominia... Bastava ter dito uma só palavra, uma palavra só, e enforcar-me-hiam, mas n'esse caso, não seria eu só a castigada!...»

Depois, começou a chorar amargamente e accrescentou por entre soluços convulsivos:

—«É assim que se tractam os Valois?...»

Apenas o supplicio acabou, atiraram-na ensanguentada, rasgada e despenteada, quasi núa, para o coche, que devia conduzil-a ao hospicio, que lhe destinavam.

Madame de la Motte conseguiu abrir uma portinhola, e ia precipitar-se debaixo das rodas do vehiculo, quando os guardas a agarraram, conseguindo evitar que realisasse o seu intento.

Quando chegou á Salpêtrière, atirou-se sobre o leito, escondendo o rosto nos travesseiros.

Os guardas não tardaram a descobrir que tinha apertado em volta do pescoço um bocado do lençol. Se se tivessem demorado dois segundos, morreria asphyxiada.

A infamia de uma descendente dos reis de França, as angustias de uma pobre mulher, foi o unico pagamento que obtiveram os ourives Bœhmer e Bossanges.

Não consta que o celebre collar fosse pago de outro modo.

O nome da rainha andou vergonhosamente envolvido na aventura, e ninguem poude dizer com certeza que aquelle collar não fosse comprado por ella.

Verdade, verdade: os desperdicios de certa refundição de luizes não teriam sido mal empregados em abafar este escandalo, sob o peso de milhão e meio!

CAPITULO VIII

SUMMARIO

Nuvens precursoras de tempestade. — Como a côrte as via agglomerar sem receio. — Madame de Courville. — O principe de Montbarrey. — A cortezã Desmahis.— Seus amores com Mademoiselle de Raucourt.— Uma aventura do principe de Montbarrey em casa da Desmahis.— O amante de saias e as suas armas — O primeiro relampago da tormenta revolucionaria.— A Assembleia dos notaveis.— A proclamação da egualdade social.— Uma aventura engraçada por causa de um vestido de cauda.— A tempestade estalla.— Morte de Luiz xxi e de Maria-Antonietta.— Adeus ás voluptuosidades de Versailles.— A prostituição popular, successora dos escandalos da prostituição cortezã. — Theroigne de Méricourt.— A prostituição na épocha da Revolução e do *Terror*.—Théroigne, a cortezã terrivel.— A cor[illegible] republicana.—Historia de Théroigne, segundo Lamartine.— De como o auctor da *Graziella* poetizou o caracter da cortezã. — Historia de Théroigne, segundo Jorge Duval. — Conrado de Tesch e sir Filipps Bradley. —*Il signore Tenducci*. — O eunucho do principe de Galles. — Escandalos da cortezã com este principe. — Suicidio de sir Filipps Bradley.— A cortezã dos principes transformada em cortezã do povo.— A tomada da Bastilha.— Théroigne heroina. — A prostituta do povo vencedor.— Maillard.— Théroigne na Assembleia Constituinte.— O club dos Franciscanos.— Danton e Camillo Desmoulins em casa de Theroigne.— Attentado contra La Fayette.— As cortezãs dos patriotas. — O *Toucador de Théroigne*, por Suleau, escriptor realista. — O cidadão Tout-le Monde. — Um discurso de Theroigne.— O Dez de Agosto.— Proezas de Théroigne e de Joanna Leduc. — Como a cortezã se vinga de Suleau. — Theroigne e a princeza de Lamballe.— A cortezã é açoitada pelas suas adversarias.— Loucura da famosa cortezã da Revolução.— Vinte annos de punição atroz ! —Descripção da sua loucura pelo illustre medico Esquirol, no seu tractado das enermidades mentaes.

PARECE-NOS ter dito bastante a respeito da desventurada esposa de Luiz XVI. Por isso, deixaremos de occupar-nos da sua historia, que, como vimos, foi escandalosissima, a julgar pelos escriptos contemporaneos a que nos reportámos.

A nossa opinião já a manifestamos. Muitas das aventuras que lhe são attribuidas não merecem inteiro credito, por isso que a sua narração é feita por adversarios intransigentes da infeliz rainha.

Fosse porém, como fosse, a pobre senhora expiou bem duramente os seus erros e leviandades!...

E em attenção até para com esse martyrio horrivel e sem precedentes na historia das rainhas, deixaremos de citar muitos outros escandalos que lhe são attribuidos, incluindo n'esse numero as suas aventuras galantes com o conde de Mirabeau.

. . . .

No horisonte politico, a esse tempo, começavam a formar-se bem sinistras nuvens. Mas, oh cegueira humana, essas ameaças de tespestade não conseguiam deter as loucuras e torpezas dos cortezãos !

Havia algum tempo que Madame de Courville era a amante declarada do principe de Montbarrey, mas este voluptuoso e incorrigivel libertino, querendo

encontrar alguma variedade nos seus amores, começou a fazer as mais amaveis propostas a Madame Desmahis, uma bonita e seductora cortezã.

O principe estava longe de ser um Antinoo, e por isso as suas primeiras propostas foram repellidas. Não desistiu do seu capricho, tractou de elevar o preço que primeiramente offerecera, e, ainda assim, teve o desgosto de não ser bem recebido.

Acirrado pela pertinacia da cortezã, o principe offereceu-lhe montes de ouro, e acabou por a fazer vacillar. A praça não estava longe de render-se, mas havia uma seria difficuldade a vencer:—a Desmahis era amante de Mademoiselle de Rancourt, e portanto era necessario combinar-se com o seu amante-mulher, para obter a permissão de especular muito a seu salvo nos dominios ordinarios do amor.

N'este meio tempo, para tornar mais favoraveis as reflexões da sua bella, o senhor de Montbarrey fez chover em casa da cortezã o ouro e as joias. Ella tudo ia acceitando ás mãos ambas, mas, ainda assim, nunca fallava ao apaixonado principe no resultado definitivo das suas reflexões.

Fosse impaciencia, ou fosse suspeita, o opulento e magnifico apaixonado mandou parar um dia a sua carroagem á porta de Madame Desmahis, e subiu aos aposentos da sua bella.

Uma creada de quarto veio dizer-lhe que sua ama não podia recebel-o, atormentada por uma horrivel enxaqueca, e que desejava descançar. Mas n'esta desculpa havia uma certa perturbação, que o principe immediatamente percebeu, um enigma que desejou promptamente esclarecer.

O ex-ministro suspeitou que o enganavam, por isso, vencendo a fraca resistencia da creada, entra na alcova da dama, vae direito á cama, e corre as cortinas com toda a liberdade de um homem, que bem caro havia pago o direito de assim proceder.

O que viu elle, n'esse momento?

Ao lado do rosto encantador da cortezã, estava uma cabeça coberta com um barretinho de dormir... Era um amante, um rival feliz, não havia que duvidar!...

Montbarrey ficára furioso, e ia talvez partir a bengala nas costas do seu rival, quando o dono do barretinho de dormir salta do leito, e o principe reconhece—Mademoiselle de Rancourt!...

—«Meu caro principe, disse ella, veja bem com quem se mette! Eu não sou positivamente um dragão, e as minhas armas, quer saber quaes são?... Olhe!...»

E mostrou-lhe todos os seus encantos, desviados por uma preversão dos sentidos do seu natural destino.

O principe, furioso como estava, não teve remedio senão abaixar a bengala, com que ameaçara as costas do seu pretendido rival.

Mademoiselle de Rancourt continuou:

—«Agora que viu tudo, meu caro principe, tenho ainda uma cousa a declarar-lhe. Esta senhora é minha amante, e eu não estou disposta a abandonar a minha conquista!»

O principe viu que não tinha remedio senão retirar-se, mas antes de partir apostrophou desdenhosamente a Desmahis:

—«Vejo perfeitamente, disse-lhe, que tenho de renunciar a convertel-a. Adeus! Estou habituado a ser victima de muitos enganos mas nunca esperei um d'este genero. Minhas senhoras, não se incommodem por minha causa. Continuem a fazer torpezas á sua vontade!

E sem fazer ruido, o principe sahiu da alcova da peccadora, com essa tranquillidade estoica e essa dignidade nobre, que n'outra épocha demonstrára, ao deixar o fausto e as grandezas ministeriaes.

....

A Assembléa dos Notaveis da provincia foi, por certo, o primeiro relampago da tormenta que ia dentro em pouco estalar. A juvenil e depravada nobreza da côrte não podia vêr os membros d'essa assembleia respeitavel, e zombava de uns provincianos boçaes, que se atreviam a fallar na egualdade dos direitos dos cidadãos.

Succedeu, por esse tempo, uma engraçada aventura, em que desempenhou um papel importante a esposa de um dos membros da assembleia. Esta dama aproveitara a opportunidade da viagem de seu marido para visitar Paris, onde nunca tinha ido até então.

A honesta provinciana, vestida provavelmente com o sumptuoso trajo nupcial, feito pelos figurinos de quarenta annos antes, passeava toda admirada do que via na galeria do palacio, e a cauda enorme do seu antigo vestido varria magestosamente o mosaico do pavimento.

Ao verem aquelle trajo respeitavel pela antiguidade, um grupo de fidalgos seguiu a dama, fazendo-a alvo das suas chalaças e gargalhadas.

Um d'elles, o joven principe de Lyon, mais extravagante e desbragado que os seus companheiros, poz-se de joelhos atraz da dama, como que em adoração ante aquelle trajo tão fóra da moda.

Ella viu-o e voltou-se rapidamente. Elle permaneceu de joelhos, exaggerando os seus gestos e attitudes da mais comica veneração.

A provinciana não poude conter-se, e disse-lhe bruscamente:

—«Que deseja, senhor?»

—«Eu nada, minha senhora, admiro e venero, como devo, o seu vestido!...»

—«É muito engraçado, senhor!...»

—«Não, minha senhora, é que eu sou apaixonadissimo das antiguidades!...»

—«É?! Tem realmente essa paixão em que falla?...»

—«Dou-lhe a minha palavra de honra, minha senhora!...»

—«Acredito, e tenho até a satisfação de lhe participar que posso a esse respeito ser-lhe muito agradavel...»

—«Como, minha senhora?...»

—«Quando quizer, poderei mostrar-lhe alguma cousa muito mais antiga que o meu vestido!...»

—«Ora essa! Mais antiga?!...»

—«Muito mais!...»

—«Parece impossivel!...»

—«Não é, creia!...»

—«E póde dizer-me qual é essa curiosa antigualha, minha senhora?...»

—«Porque não? É uma cousa que tem vinte annos mais que o meu vestido...»

—«Mas o que é então, minha senhora. Estou impaciente por venerar essa reliquia de outros tempos!...»

—«É o meu c..., póde adoral-o muito á sua vontade, que eu não me zango por essas homenagens!...»

Não temos necessidade de accrescentar que o grupo dos trocistas applaudiu a graciosa esposa do delegado da assembleia dos notaveis, e que o principe de Lyon teve de se retirar corrido d'aquella excellente licção.

....

A tempestade estallou emfim. O povo derribou a monarchia, manchada pelas torpezas de tantos seculos de corrupção. Luiz XVI foi sacrificado á colera popular, e sua esposa, a pobre Maria-Antonietta, a leviana *Flora* do Pequeno Trianon, soffreu tambem o supplicio.

Adeus, pois, Versailles, com os teus mysteriosos recantos, onde por tantos annos se asylára a voluptuosidade!

As mil janellas do palacio desenharam o seu fundo negro, nas paredes revestidas do triste aspecto da velhice. Os lustres de crystal não tornaram a accender-se: dissiparam-se os perfumes esquisitos na sala dos banquetes; emmudeceu o echo alegre do salão dos concertos, nunca mais se ouviu o doce roçar da seda no mosaico das galerias: os toucadores das favoritas cobriram-se do pó das ruinas, e nunca, nunca mais resoou n'esse doirado recinto, esse murmurio voluptuoso feito de beijos e suspiros!...

Já não ha côrte!...

....

E agora, ao cahir da monarchia, cessarão para sempre essas torpes e caprichosas indignidades? O escandalo arremessaria para longe a sua tunica manchada de torpezas? A prostituição, ao passar dos salões doirados para as miseraveis tabernas populares, tomará um caracter menos indigno e menos infame?

E' o que vamos vêr.

A historia de uma mulher celebre nos fastos da Revolução vae dar-nos a resposta a estas perguntas.

Referimo-nos a Théroigne de Méricourt.

Vamos traçar a biographia de uma das cortezãs mais celebres que tem existido, de uma mulher voluptuosa e sanguinaria, que deu durante a sua carreira tantos beijos como punhaladas, e que confundiu mais de uma vez nos labios impuros o vinho das orgias e as manchas sangrentas dos crimes!...

Parece-nos podermos facilmente resumir na historia d'esta cortezã famosa a historia da prostituição, na épocha da Revolução e do *Terror*, tanto mais que essa historia tem necessariamente de ser muito curta, visto que

n'uma épocha tão turbulenta e agitada ninguem poderia entreter-se a compilar anecdotas, ou a planear reformas de costumes, como tantas vezes succedeu em épochas anteriores.

Teremos, pois, de limitar-nos á biographia de Théroigne, ao historiarmos a prostituição, durante este agitadissimo periodo.

Théroigne foi uma creatura horrivel, como dissémos, e os historiadores divergem bastante no ponto de vista sob que nol-a apresentam.

Uns pretenderam vêr n'essa mulher uma especie de furia vingadora, inspirada por crueis, mas ao mesmo tempo nobres sentimentos, e por isso a denominaram a *cortezã republicana.*

Asseguram outros que, consagrando-se a uma vida de libertinagem e de crimes, Théroigne de Méricourt não fizera mais do que obedecer á vergonha e ao desespero, consequencias fataes de uma seducção indigna, de que fôra victima.

Lamartine, que parece ser d'esta ultima opinião, consagrou a Théroigne de Méricourt, na sua *Historia dos Girondinos,* duas paginas, d'onde extractamos o que vae lêr-se:

«Nascida em Méricourt, nas cercanias de Liège, de uma familia de abastados cultivadores, recebera uma educação distincta. Aos 17 annos, a belleza admiravel d'esta rapariga chamou a attenção de um nobre das margens do Rheno, cujo castello ficava proximo da casa em que ella residia.

«Amada primeiramente, seduzida pouco depois, e afim abandonada, fugiu da casa paterna, e refugiou-se em Inglaterra.

«Depois de alguns mezes de residencia em Londres, voltou a França, onde em breve, em virtude de uma recommendação que trouxera para Mirabeau, teve occasião de conhecer por influencia do tribuno, José Chenier, Danton, Roussin, Brissot e Camillo Desmoulins.

«A juventude, o amor, a vingança, o contacto com aquelle forno da revolução embriagaram-na, e viveu, portanto, mergulhada na embriaguez das paixões, das ideias novas e dos prazeres.

«Unida primeiramente aos grandes innovadores de 89, havia-se afastado, pouco depois, dos seus braços para ir parar aos dos ricos voluptuosos, que pagavam por alto preço os seus encantos.

«Cortezã da opulencia primeiro, veio a ser depois a prostituta voluntaria do povo, e do mesmo modo que a grande cortezã do Egypto, prodigalisou com a liberdade o ouro ganho no vicio.

«Aos primeiros clarões da Revolução, sahiu á rua, e consagrou a sua belleza a servir de bandeira ás multidões.

«Vestida de amazona, com um fato côr de sangue e um pennacho fluctuante no chapeu, com a espada pendente do lado esquerdo e duas pistolas no cinto, energica como nenhum d'aquelles homens que a cercavam, voava em procura de motins.

«Sempre na primeira fila, havia ajudado a arrombar as grades dos Invalidos para se apoderar dos canhões. Sempre a primeira no assalto, havia subido ás torres da Bastilha.

«Os vencedores tinham-na brindado com uma espada de honra sobre a brecha.

«Nas jornadas de outubro, havia conduzido a Versailles as mulheres de Paris, havia seguido sem empallidecer as cabeças cortadas dos guardas de corpo, que serviam de tropheus nas pontas das lanças.

«A sua palavra, apesar do accento estrangeiro, tinha a eloquencia do tumulto.

«Elevava a voz no meio das tormentas revolucionarias dos clubs, e ameaçava a sala do alto das galerias.

«Algumas vezes arengava nos Franciscanos. Camillo Desmoulins falla do enthusiasmo que alli produziu um dos seus improvisos. E accrescenta:

«Nas suas imagens, havia os arroubos de Pindaro e as extases da Biblia. O seu patriotismo era o de uma Judith. Propunha edificar o palacio da Representação Nacional no solo da Bastilha.

—«Para fundar e aformosear este edificio, dizia ella, despojemo-nos dos nossos braceletes, do nosso ouro, da nossa pedraria. Eu sou a primeira a dar o exemplo!...»

«E assim o fez na tribuna.

«O seu ascendente sobre o povo era tal, que um gesto d'ella condemnava ou absolvia as victimas. Os realistas tinham medo de a encontrar.»

Será parecido este retrato de Théroigne de Méricourt, traçado por Lamartine?

Não é. O auctor da *Graziella* poetisava os homens e os acontecimentos. Na sua penna eloquente e commovida, a Historia tem ás vezes o interesse de uma novella; e succede-lhe frequentes vezes ganhar em encanto o que perde em verdade.

De resto, Lamartine não conhecera, nem podia conhecer Théroigne de Méricourt. Tudo quanto a seu respeito escreveu foi extrahido das obras e dos periodicos d'aquelle tempo. Ora, aquelle que escreveu os dados, d'onde vamos extrahir os principaes successos da vida da cortezã foi testemunha occular de quasi todos elles. Referimo-nos a Jorge Duval, o decano dos auctores dramaticos do seu tempo.

Théroigne, havia apenas completado deseseis annos de edade, fugiu da casa paterna em companhia de um amante, chamado Conrado de Tesch. O seductor não tardou a abandonal-a, partindo sem lhe dizer uma palavra, mas deixando a sir Filipps Bradley o encargo de lhe entregar em seu nome uma somma de dez mil francos.

Sir Filipps Bradley nutria a secreta aspiração de substituir Conrado de Tesch no amor de Théroigne, e durante alguns dias julgou que ella a final viria a tomal-o por amante. E porque não, em ultima analyse? Elle valia bem outro qualquer:—era moço, rico e generoso, enchia-a de presentes, não pensava senão em proporcionar-lhe prazeres, mas apesar d'isso tinha uns certos requintes de delicadeza, e por isso não se apressava a declarar-se.

Assim foi decorrendo tempo, até que em fim uma noite declarou-se. Théroigne deu-lhe a seguinte resposta, que denunciava bem o seu caracter extranho:

—«Ha algumas semanas que o senhor gasta muito dinheiro por minha causa. Ora, é certo que ninguem n'este mundo dá nada de balde. Bem! Serei sua, visto que assim o deseja!... Mas advirto-o de uma cousa, não vá amar-me demasiado, porque eu tenho receio de vir a amal-o muito pouco. Faça o que quizer Quer que seja sua amante? Sel-o-hei. Já me tem pago bastante para isso.»

Sir Filipps levantou-se pallido como a morte, ao ouvir estas palavras, frias como a lamina de um punhal:

—«Não esperava ouvir da sua bocca essas palavras amargas, minha querida amiga. Retiro quanto lhe disse, e peço-lhe desculpa. Mal sabe quanto me dóe ter-lhe declarado o meu amor!...»

—«Porque? Ora adeus! Pois quem sou eu? Uma prostituta, não é assim? De que se admira, ou de que se dóe, se estou fallando, segundo fallam as que são como eu sou?... A culpa não é minha!...»

—«Tem rasão, minha amiga. A culpa é d'esse indigno Conrado, que lhe azedou completamente o coração. E hoje, n'esse estado de desespero em que o ingrato a deixou, nem sequer sabe distinguir o que vale um homem de bem que a adora!... Julgava-a curada, e não o está ainda. Adeus! O amante despede-se para sempre, mas, descance, que o amigo hade voltar algumas vezes!...»

Théroigne fez um movimento como que para o deter, mas conteve-se.

—«Ora adeus! disse ella, encolhendo os hombros, uma vez que o amigo hade voltar, o amante terá muitas occasiões de dizer o que quizer!...»

Teria sahido ha dez minutos, se tanto, o pobre sir Filipps Bradley, quando a creada de Théroigne veio annunciar-lhe um outro personagem, *il signore Tenducci.*

—«O senhor Tenducci! disse a dona da casa, mas eu não conheço esse senhor! Que quer elle?...»

—«Diz que tem necessidade de fallar com a senhora durante alguns minutos...»

—«E que especie de homem é esse tal sujeito?...»

—«Oh, minha senhora! É velho e feio, e além d'isso, tem uma voz tão exquisita!... Olhe, minha senhora, não tem um unico pello na cara. Parece uma velha!...»

—«É algum professor de musica italiano, que vem offerecer-me os seus serviços. Manda entrar!»

Appareceu o desconhecido. A creada não mentira, tinha o aspecto de uma mulher, mas de uma mulher horrorosa! Tenducci devia a uma horrivel mutilação a voz de soprano, que durante vinte annos lhe valera grandes exitos em todos os theatros da Italia. Era castrado. Cumprimentou profundamente Théroigne, sentou-se defronte d'ella, e depois de haver percorrido com os olhos a sala, como para se certificar de que estavam sós, disse-lhe n'esse tom agudo, peculiar aos que soffreram similhante amputação:

—«Minha senhora, venho aqui encarregado de uma importante commissão...»

—«De uma commissão, diz? E a que respeito?...»

—«Venho da parte de um illustre, de um alto personagem!...»

—«E como se chama essa notabilidade?...»

Tenducci abanou a cabeça.

—«Não posso dizer-lh'o...»

—«N'esse caso...»

—«Minha senhora, não posso dizer-lhe o nome d'esse personagem. Desejava primeiro saber uma cousa...»

—«O que é?»

—«Permitte-me que lhe faça uma pergunta?...»

—«Faça quantas quizer, mas peço-lhe que seja breve!»

—«A senhora é amante de sir Filippe Bradley, e ama esse cavalheiro?...»

Théroigne franziu as sobrancelhas, e ia responder desabridamente ao seu extraordinario interlocutor:

—«Que lhe importa a minha vida?...»

—«Mas reflectiu que essa resposta a inhibiria de conhecer o fim da visita do *signore Tenducci*. De resto, aquelle monstro não lhe desagradava. Tinha na physionomia alguma coisa, que revelava uma certa preversidade, mas tinha tambem um não sei quê exquisito, que a attrahia a seu pesar.

—«Devo dizer-lhe, em primeiro logar, que não sou amante de sir Filipps Bradley, como suppõe...» disse ella olhando fitamente para o seu estranho interlocutor.

—«Ah! Não é amante de sir Filipps!» disse Tenducci em tom de duvida.

—«Se não acredita nas minhas palavras, porque me interroga?»

—«Perdôe-me, minha senhora, sou um desastrado!...»

—«Ora, até que emfim!...»

—«Mas, como a senhora é tão formosa, parece inverosimil...»

—«Que um homem, que não é meu amante, passe tantas horas aqui junto de mim, não é isso que quer dizer?...»

—«Justamente!...»

—«Pois creia que lhe disse a verdade!...»

—«E elle ama-a?...»

—«Ama!...»

—«Ah!...»

—«Digo-lhe que esse homem me tem amor, porque não ha ainda um quarto de hora que m'o confessou!...»

—«E a senhora?...»

—«Eu não o amo!...»

—«Bravo! Muito bem!...»

—«Nem estou disposta a amal-o!...»

—«Bravissimo!...»

—«Creio que estará perfeitamente informado de tudo quanto desejava saber...»

—«Perfeitamente, é o termo!...»

—«N'esse caso...»

—«Comprehendo. A senhora deseja saber agora o fim da minha visita, não é isso o que quer dizer?»

—«Decerto, e já não é sem tempo, creia!...»

—«Tem razão, e vou começar. A senhora hontem esteve na Opera, não é assim?...»

—«Estive, e depois?...»

—«O principe de Galles assistia hontem tambem ao espectaculo, viu-a, e...»

—«Queira concluir, senhor!...»

—«E... Minha senhora, quando quer ceiar em companhia de sua alteza real o principe de Galles?...»

Théroigne levantou-se, e disse friamente:

—«Esta noite mesmo, se sua alteza quizer!...»

Tenducci levantou-se tambem, e cumprimentando respeitosamente Théroigne, respondeu-lhe:

—«Minha senhora, terei a honra de a vir buscar esta noite, para a conduzir aos aposentos do principe, meu senhor.»

E retirou-se.

Á hora combinada, cumpriu a sua palavra. As relações entre ella e o principe foram escandalosissimas, e sir Bradley suicidou-se, ao saber quem era o homem que a bella corteză lhe havia preferido!

Théroigne não tardou a romper com o principe, e para voltar a Paris, tomou o titulo de condessa de Campinados.

Succedia isto em 1786. Aquella épocha, segundo por varias vezes temos dito, era magnifica para as cortezãs. Por isso, apenas chegou á grande cidade, soube logo captivar a attenção publica, sendo d'ahi a pouco a belleza da moda, e esta moda durou toda a sua vida, quer dizer, toda a Revolução.

Por occasião da sua chegada a Paris, havia ainda alguns nobres por arruinar. Ella encarregou-se d'isso, e conseguiu-o dentro de alguns dias.

Depois dos grandes senhores, chegou a vez aos banqueiros e capitalistas, e quando deu conta de todos os que lhe cahiram nas garras côr de rosa, passou a ser a corteză de povo, tal qual o havia sido n'outro tempo de sua alteza o herdeiro da corôa de Inglaterra. Quando passou para os arraiaes da prostituição popular, a condessa de Campinados ficou sendo apenas Théroigne de Méricourt.

Digamos agora como ella se bandeou com o povo.

No dia 12 de julho de 1789, quando, furiosos pela hecatombe das Tulherias, os cidadãos procuravam armas por toda a parte para se defenderem e vingarem, um grupo de populares apresentou-se no palacio occupado pela condessa de Campinados, nas proximidades do Palais-Royal.

A condessa acabava de sentar-se á meza, em companhia de um seu amigo mais intimo, o abbade de Lubersac.

O toque de rebate resoava por toda a cidade.

—«Que é isto?» perguntou ella.

—«Nada!» replicou o abbade.

—«Mas esse ruido! Não ouve?!...»

—«Alguma escaramuça entre o povo e as tropas estrangeiras».

—«Ah sim!?...»

—«Não é outra cousa, mas lá se avenham como puderem!...»

—«Como! Pois diz isso?»

—«Decerto, minha querida! Que se batam e que se matem, se lher der na cabeça! Nós estamos aqui deliciosamente, o vinho é magnifico, a comida esplendida. Jantemos, condessa, e viva o prazer!

Os sinos continuavam a tocar a rebate, e a condessa preoccupada, afflicta por aquelle dobre sinistro, nem comia nem bebia.

Servia-se a sobremeza, quando se ouviu um grande tumulto no pateo do palacio. N'essa occasião entrava na sala, a creada, pallida e agitada, que veio dizer a sua ama:

—«Minha senhora, minha senhora!»

—«O que é, que succede?...»

—«Entraram no pateo uns homens, uma duzia d'elles, ou mais!...»

—«Que desejam?...»

—«Não sei, minha senhora!...»

—«Mas que fazem elles?...»

—«Gritam e esquadrinham todos os cantos!...»

Théroigne procurou o abbade com o olhar, para lhe pedir a sua opinião. Não o viu! O bom do reverendo tinha-se prudentemente escondido debaixo da meza!

N'este momento entrou na casa do jantar o chefe do grupo invasor. Era um rapaz de 26 annos, chamado Maillard.

—«Minha senhora, disse elle, depois de ter percorrido com os olhos toda a sala, peço-lhe perdão de a incommodar, e principalmente por ter dado um passo inutil, ao que vejo!...»

—«Que deseja?»

—«Procuramos armas, e a senhora não tem nenhuma que possa emprestar-nos, não é verdade?...»

—«Nem uma só, meu amigo!...»

—«N'esse caso, queira desculpar o incommodo!»

—«E para que desejam os senhores as armas?» perguntou a corteză.

—«Para as darmos a um corpo de milicias, encarregado de vigiar a a chega das tropas allemãs, e de as impedir de avançar, sendo possivel, para que não venham...»

—«A quê?! Acabe, senhor!...»

—«Matal-a aqui mesmo em sua casa, emquanto está jantando tão tranquillamente!»

—«Que diz?!...»

—«Que admira isso, minha senhora?!... Ainda agora assassinaram nas Tulherias velhos e creanças, que passavam!... Se nem esses poupam, que fará a senhora!...»

A condessa corou. Havia nas palavras d'aquelle rapaz uma ironia que a magoava.

—«Quer dizer então que Paris está em perigo?...»

—«Está, minha senhora!...»

—«Pois bem, meu amigo! Eu não tenho armas, mas tenho ouro, que vou dar-lhe, para que as compre!...»

E levantou-se para ir a outra sala buscar dinheiro, quando Maillard lhe disse:

—«Obrigado, minha senhora! Nós não queremos o seu ouro!...»

—«Não! Porque?...»

—«Porque não precisamos d'elle. Do que precisamos é de ferro, polvora e sangue! Tem alguma cousa d'isto para nos dar? Não! Pois, n'esse caso, continue a jantar, e desculpe o incommodo!...»

—«Mas ouça!...»

—«Minha senhora, tenho a honra de a cumprimentar.»

E o patriota sahiu.

No dia seguinte, apesar de terem sahido de Paris as tropas allemãs, trinta ou quarenta mil homens corriam aos Invalidos, onde se apoderaram de trinta e duas mil espingardas e de vinte peças de artilheria...

Pois bem. Quando ás dez horas da manhã d'esse dia, Maillard, á frente do seu batalhão de voluntarios do arrabalde Saint-Antoine entrava nos Invalidos, uma mulher approximou-se d'elle, e tomando-lhe o braço disse-lhe:

—«Conhece-me?»

Era demasiado bonita, para que depois de vista uma vez, não a reconhecesse no mesmo instante.

—«Conheço, disse Maillard, é...»

—«A mulher que hontem encontrou a jantar, emquanto os sinos, tocando a rebate, chamavam ás armas os filhos de Paris!...»

—«E que deseja, n'este momento, minha senhora!»

—«Embora não seja franceza, aqui me tem prompta a morrer a seu lado!...»

—«Como! Pois quer!...»

—«As suas palavras enthusiasmaram-me!...»

—«Devéras?!...»

—«Comprehendi que, quando um povo inteiro se ergue pela liberdade, seria indigno, seria cobarde, por parte de qualquer creatura, seja de que sexo fôr, não participar dos seus perigos e da sua gloria!...»

—«Que oiço, minha senhora! Quem tal havia de julgar!...»

—«Quer dar-me a sua mão?...»

—«Para que?»

—«Não é para me amparar no combate. Verá como eu sei marchar para a frente, firme e resoluta! Dê-me a sua mão, como prova da sua estima!»

Maillard não só lhe deu a mão, mas até mesmo a abraçou e beijou, e com um transporte, que decerto teria sido menos vivo se ella fosse velha e feia!...

E Théroigne seria formosa, tão formosa realmente, como Lamartine a descreve?... Não.

O poeta, ao retratal-a, foi um verdadeiro poeta. Théroigne era mais sympathica e deslumbrante mesmo do que formosa.

Alta, cabellos castanhos, narinas dilatadas, olhos azues, pés e mãos microspicos.

Mãos de creança, que tantas atrocidades commetteram! Uma anomalia da natureza!...

Continuemos a narrar os altos feitos de Théroigne.

Depois de um combate de trez horas, a multidão victoriosa invadiu o interior da Bastilha, matando tudo quanto lhe procurou deter o passo, e Théroigne plantou n'uma das torres da historica fortaleza a bandeira parisiense.

Foi um acto heroico da aguerrida cortezã, mas a medalha tem reverso. Alguns instantes depois, quando apesar dos esforços da escolta que o conduzia ao Hotel de Ville, contra todas as leis da humanidade, o desgraçado marquez de Launay cahiu trespassado de feridas ... a primeira que o feriu foi Théroigne de Méricourt!...

Começava a derramar o sangue! Porque? Porque despertavam n'ella, n'aquella sua natureza extranha, irritavel e feroz, todos os instinctos da panthera!

Matava pelo prazer de matar, gosava, vendo soffrer! A agonia de um moribundo era para ella uma voluptuosidade. Quer-nos parecer que todos aquelles que attribuiram algum fim nobre ou patriotico aos actos de crueldade e de heroismo de Théroigne, se enganaram. Aquella mulher não tinha fim algum. Era inconsciente. Fazia o mal como a tempestade!...

Por isso, em nossa opinião, a cortezã não foi, como se tem dito, um apostolo da Revolução. Foi apenas um dos seus instrumentos, o mais indigno talvez de todos elles!

Foi a prostituta do povo vencedor, assim como antes d'isso havia sido a cortezã dos nobres vencidos. E quando concluiu o seu officio odioso, o povo abandonou-a tambem por sua vez, cobrindo-a de infamia.

O povo vencedor da Bastilha promettera alli mesmo sobre a brecha uma espada de honra a Théroigne de Méricourt.

N'aquella noite, a cortezã não voltou ao seu palacio. Acceitou a hospitalidade que lhe offereceram no arrabalde de Saint-Antoine, e alojou-se em casa de Maillard.

O patriota era digno d'aquella recompensa. Fôra elle que accendera na cortezã o fogo do enthusiasmo, com aquellas palavras enthusiasticas da sua primeira entrevista.

No emtanto, Maillard admirava-se de vêr aquella rapariga, que elle suppunha uma grande dama, dedicar-se tão repentina e enthusiasticamente á defeza dos interesses populares, e manifestou-lhe por este facto a sua admiração.

Théroigne apressou-se a elucidal-o:

—«Não sou uma grande dama, como pensas. Sou tão plebeia como tu!»

—«Não comprehendo!...»

—«Por me chamarem a condessa de Campinados?...»

—«Sim!»

—«Era um falso titulo, meu amigo!...»

—«Qual é então o teu verdadeiro nome?»

—«Chamo-me Théroigne de Méricourt, um nome que heide tornar celebre, verás!...»

Triste celebridade!

Quando o regimento de Flandres fraternisou com a povo, foi porque Théroigne fez um discurso ardente áquelles soldados vibrantes de patriotismo.

Théroigne guiou as mulheres até ao recinto da Assembleia Constituinte, onde passaram a noite, depois de terem morto, assado e devorado na Praça d'Armas o cavallo de um guarda de corpo.

No dia seguinte, a heroina, para poder introduzir-se nos aposentos da rainha, ajudou a assassinar os guardas de corpo Miomandre, Lahutte e Varicourt, que defendiam as portas.

Théroigne exigiu que a familia real apparecesse no balcão do palacio. O povo, ainda não completamente exempto do prestigio produzido pela realeza, victoriava o rei e a rainha.

—«Vá! exclamou uma mulher, que estava na primeira fila dos populares. Viva o rei, viva o rei! Imbecis! Disparae contra elles as vossas espingardas, e livrae a patria dos seus tyrannos!...»

Quem era essa mulher?

Théroigne de Méricourt.

No dia 6, um immenso cortejo, que começava pelo lugubre espectaculo de duas cabeças na extremidade de duas lanças, e que acabava pelo rei, dirigia-se lentamente a Paris.

Quem é aquella mulher desgrenhada, que domina todo o cortejo, sentada sobre um carro carregado de trigo? É Théroigne de Méricourt que grita constantemente:

—«Agora já temos pão, porque trazemos comnosco o *padeiro,* a *padeira,* e o moço da *padaria!...*»

Referia-se ao rei, á rainha e ao delphim, que faziam parte do lugubre cortejo.

Depois das jornadas de outubro, Théroigne foi installar-se na rua de Tournon. Bem depressa a sua casa se converteu n'um centro politico muito concorrido pelos principaes frequentadores de um club, considerado então como o ponto de appoio de todas as intrigas revolucionarias—o *club dos Franciscanos.*

Danton, Camillo Desmoulins e outros que já nomeamos, honraram com as suas visitas os salões da *Bella Liègianna,* como então denominavam a cortezã.

Depois de cada reunião d'aquellas, os patriotas, alternadamente, proseguiam durante a noite a conversação interrompida, o dialogo começado... É claro que a cortezã, n'estas entrevistas amorosas concedidas aos mais ardentes patriotas do seu tempo, não fazia questão de dinheiro.

Théroigne, que como dissemos, representava, digamol-o assim, a prostituição revolucionaria, julgar-se-hia rebaixada, se acceitasse um soldo sequer de qualquer dos seus numerosos amantes.

Acabára de todo a exploração dos nobres. Aquellas antigas amantes de principes e duques haviam cedido o passo ás prostitutas patriotas que se entregavam a quem as queria, gritando: *Viva a Fraternidade!*...

Os leitos de pennas haviam sido substituidos pelas camas de madeira, ou pelos degraus das portas dos templos. Os vestidos de seda e os enfeites de cores vistosas, pelo grosseiro algodão, ou pela aspera lã usada pelo povo. As conversações alambicadas pelas vociferações e gritos revolucionarios, a semi-nudez, pela nudez completa, tanto no physico, como no moral!...

A deusa Rasão havia triumphado!

As saturnaes impudicas ao ar livre, ou no recinto dos templos profanados, haviam succedido ás orgias secretas e ás ceias immundas da monarchia.

Qual d'estas depravações era a melhor? É difficil averigual-o. Mas, n'esta épocha da historia, a prostituição soffreu, como tudo o mais, uma mudança radical.

Talvez que, sendo maior o escandalo, fossem mais limitadas as desordens do vicio. Parece um paradoxo, mas não o é, se se reflectir bem na significação das nossas palavras.

Voltemos, porém, a Théroigne. As phases da vida d'esta cortezã pintam bem as da prostituição do povo francez na épocha a que nos estamos referindo.

Maillard, apesar das repetidas infidelidades da cortezã revolucionaria, continuava a ser o amante privilegiado, o querido, o *amant de cœur* de Théroigne. Os outros não eram mais de que aves de arribação.

Um dia a rameira patriota esteve a ponto de romper para sempre com este amante tão querido.

Maillard apresentára á *Bella Liegiana*, uma mulher litterata, chamada Olympia de Gouges, auctora de muitas peças dramaticas applaudidas.

Notando que o tempo não corria de feição para comedias, resolvera dedicar-se á politica, e sonhava nada menos que a emancipacão das mulheres, dizendo, que ellas tinham direito de subir á tribuna, visto que o tinham tambem para subir ao cadafalso.

Maillard julgára que Olympia de Gouges agradaria á sua amada Théroigne, mas succedeu o contrario. Théroigne achou-a ridicula, considerou ineptas as suas palavras a respeito dos direitos da mulher, e mandou-a pôr no meio da rua.

Humilhada por este acolhimento, Olympia retirou-se, dizendo á amante de Maillard:

—«Lembre-se que foi muito descortez para commigo!»

—«Talvez!» replicou insolentemente Théroigne.

—«Fez mal!»

—«Parece-lhe? Pois eu não o creio assim!»

—«Tornaremos a encontrar-nos!...»

—«Quando quizer! Estou ás suas ordens!»

Tornaram effectivamente a encontrar-se nos clubs, sem que esse encontro tivesse más consequencias para nenhuma das duas antagonistas.

Théroigne disparou um dia uma pistola contra La-Fayette, e passou-se

contra ella ordem de prisão. Fugiu, porém, de Paris, e refugiou-se nos Paizes-Baixos austriacos, onde começou a fazer uma activa propaganda revolucionaria.

Presa e conduzida a Vienna, por ordem do imperador, foi encerrada na fortaleza de Kuffstein, mas, como era uma mulher, depois de algumas semanas de detenção, Leolpoldo II ordenou que lhe restituissem a liberdade, e Théroigne voltou logo para Paris.

A sua primeira visita foi para Maillard, mas encontrou o ninho occupado. Uma mulher chamada Joanna Leduc, que se havia assignalado como ella nas jornadas de Versailles, substituira-a n'aquella casa.

Théroigne não tinha, pois, onde se installar, porque vendera tudo quanto possuia, ao sahir de Paris.

—«Vem comnosco! disse-lhe Joanna. Partilharemos juntas a nossa boa ou má fortuna!...»

Théroigne olhou para Joanna. *A Bella Liègiana* tinha bem poucas sympathias pelas francezas, mas gostou d'aquella.

—«Acceito,» disse ella.

—«Ainda bem!...»

—«Seremos irmãs!...»

—«Sim!... Seremos duas irmãs!...»

Dignas irmãs, por certo, nos vicios, nos crimes, e até em gosarem o amor do mesmo homem.

Joanna Leduc, rapariga lindissima, havia sido vendedora de peixe, mas ao tempo do seu contracto com Théroigne, vivia apenas do commercio dos seus encantos.

Distinguia-se das mais prostitutas, apenas n'uma cousa, em escolher os seus clientes. Para ter o direito de gosar a sua belleza, era preciso ser-se bom patriota, e bom patriota á sua moda, quer dizer, auctor de motins e de desordens. Não pintarão bem estes costumes o que era a prostituição no tempo do *Terror?*

O patriotismo, interpretado d'este modo, era para aquellas mulheres superior ao dinheiro. A caricia de uma rameira pagava-se com um grito revolucionario.

Os favores de uma noite pagavam-se talvez com a denuncia de um aristocrata.

Depois de abandonar o leito do amor, corria-se a presenciar a execução dos condemnados do dia!

Triste épocha, realmente!

Théroigne seguiu, portanto, o destino da sua amiga, da sua irmã, como ella lhe chamava. Para ter que comer tornou-se a cortezã dos patriotas, mas dos patriotas da mais baixa estofa, da escoria do povo, do povo que procura as prostitutas, porque o povo sensato, o povo bom e honrado, o povo que merece este nome, tem mulheres honradas e despreza as vis rameiras!...

Suleau, escriptor realista, que perseguia com os seus sangrentos sarcasmos o partido demagogico, cevou-se cruelmente em Théroigne de Méricourt, n'um dos seus pamphletos.

Intitula-se *O Toucador de Mademoiselle Théroigne, intermedio civico.*

Eis algumas passagens:

«O toucador está situado na rua de *Trousse-Vache.*

«Vê-se alli sobre uma mesa o seguinte:

«Uma caixa de vermelhão vegetal.

«Um punhal.

«Algumas tranças de cabello, espalhados.

«Um par de pistolas.

«O *Almanach do Père Gérard.*

«Uma touca.

«A *Declaração dos Direitos do Homem.*

«Um gorro phrygio.

«Um pente.

«Um frasco de vinagre, composto pelo senhor Maillet.

«Um lenço do peito muito engelhado.

«A *Chronica de Paris.*

«O *Correio de Gorsas.*

«Ao fundo, via-se:

«Um reles catre com um enxergão, onde repousam a patriota e o seu namorado *Populus,* quer dizer o cidadão *Todo-o-Mundo.*

«Ao lado do catre, uma lança enorme.

«Junto d'ella um rico trajo de amasona de velludo de Utrecht.

«O toucador está adornado de muitos quadros agradaveis, como por exemplo:

«A tomada da Bastilha;

«A morte dos senhores Foulon e Berthier;

«A jornada de 6 de outubro de 1789;

«O assassinio civico do senhor de Farras;

«Os assassinios commettidos em Nimes, em Montauban, e outros casos interessantissimos do mesmo genero.

«Mademoiselle Théroigne está no *négligé* mais provocador. Tem sapatos de camurça, meias de lã pretas, vestido de algodão azul, um lenço tricolor ao pescoço e um gorro de caça, côr de fogo, por cima do qual se vê um laço verde, etc., etc., etc.»

Théroigne, como veremos, não perdoou estas ironias a Suleau.

O escriptor, Conrado de Tesch, o primeiro amante da feroz patriota, e uma rapariga do arrabalde de Saint-Antoine, a quem chamavam a *Bella Ramalheteira,* pagaram bem caro a desgraça de terem Théroigne de Méricourt por inimiga.

Mas, antes de contarmos como nos dias nefastos do *Terror* o acaso lhe entregou as pessoas que odiava, e como saciou n'essas pessoas os seus furores de panthera, vamos dar aos leitores um specimen da sua eloquencia, para remate da pintura do caracter d'esta famosa cortezã.

A 25 de março de 1792, dizia ella na *Sociedade Fraternal dos Minimos:*

«Cidadãs!

«Não esqueçamos nunca que nos devemos completamente á patria!

«O nosso dever mais sagrado é estreitar os laços da união e da fraternidade, propagar os principios de uma serena energia, afim de nos prepararmos com tanto valor como prudencia para repellirmos os ataques dos nossos inimigos.

«Armemo-nos! A natureza e a lei dão-nos esse direito!

«Mostremos aos homens que não lhes somos inferiores, nem *em virtudes* nem em valor!

«Mostremos á Europa que as Francezas conhecem os seus deveres!

«Desprezemos os preconceitos, que, só pelo facto de o serem, são absurdos e immoraes, por isso que tornam criminosa a nossa conducta!

«É tempo das mulheres sahirem da vergonhosa nullidade, em que a ignorancia, o orgulho e a injustiça dos homens as teem sepultado desde muito tempo.

«Imitemos os tempos em que nossas mães, as Gaulezas, e as altivas Germanas, deliberavam nas Assembleias publicas e combatiam ao lado de seus esposos, para repellirem os inimigos da patria e da liberdade!...»

Na celebre e tristissima jornada de 10 de agosto, Théroigne e Joanna Leduc foram as primeiras que derramaram o sangue dos realistas.

No momento em que o rei e a sua familia se dirigiam á Assembleia Nacional, Théroigne, á frente da sua cohorte de prostitutas, entrando de repente no pateo dos Feuillants, quasi mesmo defronte da Assembleia, pedia que se lhe entregassem 22 prisioneiros realistas, detidos durante a noite nos Campos-Elyseos pela guarda-nacional.

Théroigne sabia que entre estes prisioneiros estava Suleau, que durante um anno a havia ridicularisado nos seus escriptos.

O joven escriptor debalde mostrara uma ordem dos commissarios municipaes que o chamava ao Hotel de Ville. Ninguem fizera caso d'isso, e o povo pedia em altos clamores a sua cabeça. Um commissario do alto do estrado queria suspender o crime, promettendo que se faria justiça.

Théroigne então, vestida de amazona, e com a espada na mão atira o commissario do alto da sua improvisada tribuna, e substitue-o.

As suas palavras despertam novamente a sêde de sangue no povo; faz nomear por acclamação commissarios que subam com ella ao *comité* da secção, a fim de arrancarem as victimas á lenta execução das leis.

Chamam Suleau. Haviam-no despojado já do seu chapeu de granadeiro, do sabre e da cartucheira. Tem os braços livres. Uma mulher mostra-o a Théroigne, que não o conhecia de vista.

A furia da Revolução agarra-o pelo pescoço e arrasta-o para junto d'ella. Suleau consegue soltar-se das suas mãos, arranca um sabre a um patriota e logra abrir passagem até á rua. Ia já escapar-se, mas os patriotas correm atraz d'elle, agarram-no pelas abas da casaca, desarmam-no, e enterram-lhe no corpo as pontas de mais de vinte espadas.

O desgraçado cahe, e morre aos pés de Théroigne, que lhe corta a cabeça e a passeia espetada no sabre pela rua de Saint-Honoré!

Não havia mais ninguem que degollar n'aquelle sitio. Théroigne e Joanna correram ás Tulherias, onde começava a hecatombe. Os marselhezes estavam assassinando nos diversos aposentos, e atiravam os cadaveres pelas janellas.

Théroigne e o seu infame bando de rameiras encarniçavam-se contra aquelles cadaveres, despojavam-nos dos vestidos, cortavam-lhes a cabeça e as partes vergonhosas e arrancavam-lhes o coração.

Théroigne estava em toda a parte onde se matava. Primeiro foi á Abbadie, depois aos Carmelitas, onde se degollavam os padres, condemnados á deportação, e em seguida á Force, onde morreu a princeza de Lamballe.

A prostituta revolucionaria teve uma parte importante n'este assassinio.

A princeza sahia do carcere, protegida pelo *Grande Nicolau,* um dos chefes dos assassinos, mas a nossa heroina estava alli! Quando Madame de Lamballe atravessava vacillante a rua manchada de sangue, Théroigne, inclinando-se para um official de cabelleireiro, chamado Carlos, disse-lhe:

—«Então que é isto? A aristocrata vae-se embora?»

—«Vae, sim!»

—«Que pena! Leva um gorro tão bonito!...»

—«É verdade!»

—«Olha, Carlos, tira-lhe ao menos o gorro para mim!»

Carlos dirige a sua lança para a cabeça da princeza, que foge. A lança segue-a e fere-a na fronte. O sangue brota da ferida, e mancha os assassinos, ao mesmo tempo que os enfurece. Atiram-se a ella como bestas-feras!...

A princeza cae por terra, aturdida pela violencia de uma pranchada. Carlos corta-lhe a cabeça, e Théroigne, grita n'esse momento, rindo ás gargalhadas:

—«Bem dizia eu que havia de ter o gorro da aristocrata!...»

....

Interrompemos n'este logar a narração dos crimes de Théroigne, porque essa narração repugna, e vamos dizer já qual foi o seu castigo, que pelo menos esse esteve em relação com os crimes por ella praticados:—foi lento e cruel. Théroigne teve de soffrer a degradação physica e moral, que rebaixa a creatura humana ao nivel da besta-fera:

—A loucura, emfim!

Vejamos como este castigo chegou.

Algum tempo depois dos factos que acabamos de contar, Théroigne tentou amotinar nas Tulherias o povo contra Robespierre.

Mas, se este mandava fechar os clubs femininos que se permittiam fazer manifestações contra a Communa, onde o tyranno reinava, em compensação tinha a seu favor as suas *tricoteuses,* ou furias da guilhotina, mulheres talvez de peior especie do que Théroigne de Méricourt.

Um grupo d'estas megeras accudiu aos gritos da imprudente e começou a dar-lhe assobios e a atirar-lhe immundicies.

Algumas propuzeram estrangulal-a.

—«Não, não! gritaram outras. Basta açoital-a!»

—«Açoitemol-a, pois!...»

—«Sim, sim!» vociferou o chôro.

—«Quem quer vêr açoitar a *Bella Lièrgiana,* a viuva inconsolavel do *Orador do genero humano?*»

Théroigne resistiu como uma leôa.

Muitas das suas inimigas tiveram de arrepender-se da lucta. Uma d'ellas perdeu um olho.

Mas, por fim, as forças abandonaram-na. Tinha os vestidos despedaçados, e a desgraçada não teve remedio senão ceder.

E alli mesmo, aos olhos de uma multidão de homens, que riam ás gargalhadas, foi fustigada até deitar sangue, pelas *tricoteuses,* que só a deixaram quando a viram com os sentidos perdidos!

Ficou para alli abandonada, semi-núa...

Dois operarios apiedaram-se d'ella, cobriram-na o melhor que puderam com alguns andrajos, e levaram-na a casa n'uma padiola.

Alli procuraram restituil-a á vida, e conseguiram-no. Uma mulher caritativa perguntou-lhe:

—«Sente-se melhor?...»

—«É preciso matar! Faltam ainda muitos! Chamem-nos, chamem-nos! É preciso matal-os a todos, a todos!» gritou Théroigne.

A infeliz tinha endoidecido.

Foi transladada para a Salpêtrière, onde morreu em 1817. Tinha enlouquecido em 1794.

Viveu, por conseguinte, n'aquelle estado, vinte e trez annos!

O illustre medico Esquirol falla de Théroigne de Méricourt na sua interessante obra *Das enfermidades mentaes, consideradas sob os pontos de vista medico, hygienico e medico-legal,* e expressa-se a seu respeito nos seguintes termos:

«Théroigne não póde soffrer nenhum vestido, nem sequer a camisa. Muitas vezes ao dia *innunda* o leito, ou para melhor dizer a palha do leito, deita-se em cima da immundicie, e revolve-se alli durante algum tempo. Quando está muito frio, e não póde ter agua em abundancia, quebra o gelo, e aproveita o liquido que está debaixo d'elle, para molhar o corpo, principalmente os pés. Afflige-se quando lhe tiram a agua.

«Uma vez mordeu uma das companheiras com tanto furor, que lhe ficou um pedaço de carne nos dentes.

«O caracter d'esta mulher sobreviveu á sua intelligencia. Quasi nunca sahe da sua cella, e se por acaso sahe, vae núa.

«Dá apenas alguns passos. Ordinariamente anda com os quatro pés. Revolve-se no chão, e fita os olhos n'uma porção de herva qualquer. Bebe a agua immunda do regato da cerca, e come quantas porcarias encontra!...»

CAPITULO IX

SUMMARIO

O Directorio.—Sua influencia nos costumes.—A nova seita dos *Théophilantropos.*—Deveres impostos por esta seita.—Maximas e inscripções.—Hymnos religiosos.—A prostituição volta novamente aos salões.—O salão de Barras.—Escandalos dos membros do Directorio.—Paris-Athenas.—As modas gregas.—A nudez das mulheres.—O advento de Bonaparte.—Temperamento ardente do futuro imperador.—A sua precocidade.—Primeira aventura, aos nove annos.—Madame Catulitia.—Seu retrato.—Napoleão atacado da variola.—O leito de Madame Catulitia.—Visão sensual.—O beijo.—Impressão d'esta scena lubrica.—Um plano do futuro Cesar.—O demonio da lascivia.—A tempestade.—Como Napoleão soube aproveitar-se da furia dos elementos.—Uma astucia.—Napoleão resolve dar batalha.—A noite do combate.—Preliminares.—Resolução subita —A batalha.—Victoria!—No dia seguinte.—A creança sobrenatural.—Quinze dias de prazer.—Madame Catulitia resolve cortar o mal pela raiz.—Palavras sensatas da tia de Napoleão.—O perigo terrivel.—Napoleão resolve evital-o.—A maior victoria do moderno Cesar.—Funestas consequencias do Onanismo na juventude.—O vicio terrivel.—O divino Eros.—Eugenia Mello.—Virtudes d'esta gentil menina.—Amores infantis.—A pomba innocente.—Bonaparte, mestre da sciencia amorosa.—Livros religiosos.—A *Nova Heloisa,* de J. J. Rousseau.—A virtude cede ás lições do audacioso mestre.—Effeitos do temperamento.—As cartas de Eugenia de Mello a Napoleão.—O *Onanismo,* de Tissot.—De como o illustre medico, querendo curar a humanidade d'este feio vicio, fez uma nova victima!...—Eugenia perde a existencia.—Tristeza de Napoleão.—As suas novas amantes.—Luiza-Letang.—A Daletti.—O narcotico.—O somno invencivel —O delirio sensual.—Uma noite deliciosa.

Depois da tempestade revolucionaria, que descrevemos a largos traços, porque não é nosso intuito fazer n'esta obra a resenha minuciosa dos acontecimentos politicos, a reacção produziu o Directorio.

Os costumes tiveram de soffrer tambem os effeitos d'esta reacção politica. No anno de 1796, appareceu uma nova seita, mais moral do que religosa, e por isso nos occupamos d'ella n'este logar.

A apreciação dos intuitos d'esta seita melhor que um longo estudo pintará aos leitores os desejos que animavam alguns individuos da sociedade, que se estava reconstituindo, depois do temeroso cataclismo revolucionario.

Nas reuniões da seita a que nos estamos referindo, e que se chamava dos *Théophilantropos,* prégavam-se os deveres dos homens para com os seus similhantes, dos filhos para com os paes, dos paes para com os filhos, os deveres reciprocos dos esposos e o reconhecimento para com o Ente supremo.

A sala destinada ás reuniões tinha nas paredes e em quadros, escriptas em enormes caracteres, maximas relativas ás virtudes sociaes, á bondade e á justiça.

Eis algumas d'essas maximas:

«Crêmos na existencia de Deus e na immortalidade da alma.

«Adorae a Deus.

«Amae os vossos similhantes.

«O bem encontra-se em tudo quanto se dirige a conservar e aperfeiçoar o homem.

«O mal é tudo quanto tende a destruil-o ou a deterioral-o.

«Mulheres, vêde em vossos maridos os chefes de vossas casas e fazei-os, quanto em vós couber, ditosos.»

Havia discursos em que se preconisavam as mesmas ideias. Cantavam-se hymnos. Eis alguns fragmentos de um d'esses canticos religiosos:

Dans les sentiers de l'orgueil et du vice,
Si nous avons la faîblesse d'errer,
Tu nous donnas au bord du précipice
Un guide sur, prompt à nous éclairer;
'A la raison que le cœur obéisse,
Et son flambleau ne pourra l'égarer:
Blamons l'erreur, mais plaignons le coupable;
Le ciel a seul le droit de punir.
De la douceur que l'éloquence aimable,
En instruisant pardonne sans hair.
L'art d'être heureux et d'aimer son semblable,
Ah! quel devoir est plus doux à remplir!
Oh! Toi qui du néant, ainsi qu'une étincelle,
Fis jaillir dans les airs l'astre éclatant du jour;
Fais plas... verse en nos cœurs ta sagesse immortelle,
Embrase-nous de ton amour!...

Como se vê, os intuitos dos *Théophilantropos* eram magnificos. Mas lograriam elles o fim que tinham em vista? Não.

....

A prostituição deixou de mostrar-se tão descarada e terrivel, como fôra até então. Tornou a refugiar-se nos salões, e as reuniões do director Barras imitaram bastante os vicios das orgias nocturnas do palacio de Versailles.

O numero de favoritas do director excedia talvez o das dos principes mais voluptuosos. Os escandalos dos membros do Directorio ecclipsaram os da côrte, que tão sangrentamente havia desapparecido.

As modas influiam de um modo muito notavel na dissolução dos costumes. Paris era a moderna Athenas. A moda decidira que nada havia como o grego, e as famosas hetaíras da antiguidade reappareceram.

As tunicas e os *peplums,* amplos vestidos de prégas roçagantes eram o trajo da moda. Os peitos nús, os hombros e as pernas, descobertas pela abertura da *stola,* não podiam deixar de excitar os sentidos.

Porque, a verdade era esta: emquanto os homens cada vez mais se encobriam com as suas gravatas altas e apertadas, com os seus fracs enormes, as mulheres pela sua parte não procuravam senão despir-se... O escandalo attingiu o seu cumulo.

....

Quando Bonaparte chegou a primeiro consul, em logar de o reprimir, deu mostras de convir á sua politica affagal-o e protegel-o.

Uma vez alcançada a meta da sua ambição, ao lançar sobre os hombros o manto de imperador, tentou corrigir aquelles mesmos abusos, que tão facil lhe seria ter cortado no começo da sua carreira governativa.

Foi em vão. De resto, o imperador, homem de temperamento irascivo e inexgotavel, nada podia fazer em bem dos costumes e da moralidade dos seus subditos.

Chegando a este ponto, seja-nos licito dar a conhecer aos leitores alguns episodios da vida particular do grande homem, que têem relação com o assumpto de que nos estamos occupando.

Napoleão Bonaparte logo desde os tenros annos começou a sentir os effeitos do seu temperamento, precoce em demasia. Tão precoce, que aos nove annos fez o que os outros homens não costumam fazer senão aos deseseis ou desesete.

Vejamos o que a este respeito se lê no primeiro capitulo das suas *Memorias Secretas,* ou *Vida privada de Napoleão,* e antes de começarmos a transcrever as suas aventuras, uma observação. Estas *Memorias* são apocriphas, e parecem ter sido redigidas com o fim de difamar o grande genio que assombrou a Europa. Em todo o caso, a maior parte dos factos alli citados concordam de tal modo com os documentos historicos que sobre o assumpto podémos consultar, que não hesitamos em prestar-lhes fé. Por isso os publicamos, dando assim aos nossos leitores um aspecto curiosissimo da vida do imperador.

É Napoleão que falla:

«Madame Catulitia, prima co-irmã de meu pae, havia perdido seu marido. Como não gostasse de viver no campo, onde tinha uma excellente propriedade, viera para a nossa companhia.

«Minha tia era uma mulher de 37 annos, de estatura regular, mais alta do que baixa, de olhos formosissimos e de tez finissima e delicada, apesar de morena.

«Nunca tivera filhos.

«Geralmente as mulheres aos 37 annos conservam apenas uns restos de formosura, umas sombras de belleza.

«A minha tia não succedia o mesmo. Era uma excepção á regra. Um homem da sua edade tel-a-hia achado demasiado joven.

«Era viva, sem ser leviana; honesta sem affectação, religiosa sem hypocrisia, compassiva até á exaggeração. O retrato é verdadeiro. Eu nunca adulei ninguem.

«Minha tia tinha o seu quarto na extremidade de um grande corredor, completamente separado do aposento occupado por meu irmão Luciano e por mim.

«Eu dormia com Luciano. Um dia, porém, meu irmão foi atacado pelas bexigas, e foi preciso deitarem-me n'outra parte. Minha tia tinha dois gabinetes, sendo um d'elles muito espaçoso, e por isso minha mãe pediu-lhe que me deixasse alli dormir, ao que ella promptamente accedeu.

«Havia dois mezes que eu alli dormia, separando-me da alcova da minha parenta uma porta sem fechadura. Ella levantava-se muito tarde.

«Estavamos no fim do verão. O inverno approximava-se a passos agigantados, e já começava a fallar-se em me mandarem novamente para o meu quarto.

«Uma manhã levantei-me cedo, e atravessei como costumava o quarto de minha tia. A noite havia sido tempestuosa e ardente, como costumam ser as ultimas do estio.

«As cortinas da alcova estavam meio abertas, o lençol e o cobertor tinham cahido... Minha tia quasi núa dormia profundamente, n'uma posição que lhe descobria os mais secretos encantos.

«Não posso descrever a explosão de sensações que experimentei em presença de similhante espectaculo. Não me atrevia a mover-me, devorava com os olhos aquella belleza adormecida, e teria morto com certeza aquelle que ousasse roubal-a aos meus olhares.

«Não fiz projecto algum, não reflecti um instante sequer. Approximei-me involuntariamente do leito, e imprimi suavemente nos hombros de minha tia um beijo, que me produziu o effeito de uma scentelha electrica. Circulava-me nas veias uma torrente de fogo. Não era possivel viver um quarto de hora no estado em que me encontrava. Por isso, apressei-me a sahir, porque necessitava de respirar o ar livre.

«O jardim mitigou o fogo que me devorava; a brisa agradavel da manhã não tardou a abrandar a agitação em que estava, o turbilhão dos pensamentos que se combatiam no meu cerebro, e aquelle aturdimento produzido no meu ser pelo beijo de fogo, que acabava de dar em minha tia.

«Consegui finalmente tranquillizar-me, e perguntei a mim proprio a causa de tamanha agitação. Tinha visto uma mulher núa, os meus labios haviam-lhe roçado, n'um fremito de prazer, a epiderme alabastrina... E d'esse contacto sentira em todas as fibras do corpo estremecimentos de um prazer até então desconhecido.

«O que era aquillo?

«Terei a liberdade, dizia eu a mim proprio, de abraçar e beijar um corpo tão formoso, de o percorrer em todos os sentidos. Não posso passar sem isto, continuava eu, e hei-de conseguil-o, custe o que custar!...

«E n'esse mesmo momento, concebi o projecto de participar do leito de minha tia.

«Mas como?

«Sob que pretexto lhe pediria este favor?

«Terrivel situação!...

«A minha edade, a sua posição, o decoro, eram outros tantos obstaculos insuperaveis.

«Apesar de ser sempre arrojado e impetuoso nos meus desejos, n'aquella occasião faltou-me a audacia. Não me podia resolver a fallar-lhe.

«Minha tia gostava muito de mim. A sua preferencia distinguira-me sempre entre meus irmãos. Fazia-me a miudo innocentes caricias. Antes da sensual descoberta, nunca os seus beijos me haviam causado a menor impressão nos sentidos. Mas como essas caricias me causaram um effeito bem diverso

depois, quando todas as manhãs a sua bocca se encontrava com a minha, ao dar-lhes os bons dias!...

«Sentia-me prestes a desfallecer, encostava-me ao seu braço carnudo, sentindo uma impressão vivissima.

«No emtanto, havia uma cousa, que eu comprehendia perfeitamente, e era que se ella chegasse a perceber a causa da minha perturbação, bem depressa me privaria da delicia que encontrava nos seus braços, e por isso tinha o maior cuidado em não lhe despertar a menor suspeita a este respeito.

«A ideia de dormir com ella não me sahia um momento do cerebro. Dia e noite não pensava n'outra cousa. Zangava-me contra mim proprio por não me atrever a pedir-lhe este favor.

«Tal era a situação em que me encontrava, quando os proprios elementos vieram em meu auxilio.

«Era nos ultimos dias de setembro, e fazia um calor horrivel. Uma noite, em que estava profundamente adormecido, acordou-me de repente o estampido do trovão. Relampagos medonhos illuminavam o firmamento, e as faiscas electricas crusavam-se na atmosphera. A tudo isto accrescia o ruido dos ventos, parecendo quererem derribar os edificios.

«Este quadro imponente das convulsões do globo teve sempre muita analogia com o impeto do meu caracter. Por isso nunca me inspirou terror. O meu primeiro pensamento foi que a trovoada podia favorecer os meus projectos.

«Saltei, portanto, da cama, e sem abrir a porta comecei a chorar em voz alta.

«Minha tia não dormia tambem. Por isso, ouvindo-me chorar, perguntou-me o que tinha.

—«Tenho medo da trovoada, disse eu.

—«Tens, meu menino? Coitadinho! E porque não vens para aqui?

—«Não me atrevia...

—«Vem anda! Não te demores, que te póde fazer mal esse estado em que te vês!...

«Mal ouvi estas palavras, corri para o quarto, e n'um abrir e fechar de olhos metti-me na cama de minha tia.

«Ella, de boa fé, coitada! tomou-me nos braços para me tranquillizar.

«Imprudente! Não sabia que estava augmentando o fogo que me devorava.

«Apertava-me contra si, e os meus braços com o pretexto do medo que fingia, apertavam-na tambem com toda a força. Tremia convulsivamente.

«Minha tia quiz levantar-se para ir buscar um remedio.

—«Não é nada, minha querida tia, não é nada! Deixe-me descançar um momento!...

«A tempestade cessára, mas a que me revolvia o intimo d'alma era mais difficil de applacar. No emtanto, apesar de bastante fatigado, tractei de me acommodar o mais tranquillamente que me foi possivel ao pé da minha companheira, que não tardou a adormecer. O somno veio tambem apoderar-se de mim.

«Havia mais de uma hora que tinha amanhecido, quando acordei sobresaltado. Madame Catulitia dormia ainda, mas acordou d'ahi a pouco.

«Fingi que dormia profundamente.

—«Como esta creança está fatigada! exclamou ella.

«E abraçou-me. Oh! Era demasiado aquillo! Sem poder conter-me, lancei-lhe os braços em torno do pescoço, imitando os gestos de uma pessoa que acorda, e escaparam-me estas palavras:

— «Querida tia, como eu te amo!...

«A minha parenta julgou que esta phrase era a expressão da minha innocencia e do carinho infantil, e effectivamente que mulher, por mais sabida que fosse, poderia adivinhar em similhante circumstancia os meus planos?

«Póde por ventura uma mulher de trinta e sete annos prevêr que uma creança cravará n'ella aos nove annos os olhares do desejo? Uma creança d'esta edade aos olhos da mulher não passa de um ser sem importancia. Ninguem prevê o perigo. O coração do homem não está n'essa edade ainda sufficientemente formado para poder abrigar um pensamento voluptuoso. Não! Similhante phenomeno sáe da ordem natural das cousas. Era eu o primeiro a manifestal-o n'este mundo!

«Minha tia passou aquella primeira noite com a mesma tranquillidade com que outra qualquer mulher no seu logar a teria passado.

«No dia seguinte, contou a minha mãe que a trovoada me havia assustado, e que ella me chamara para a sua cama. Minha mãe agradeceu-lhe este favor.

«Eu pela minha parte sentia ainda tanto prazer só com a ideia das caricias de minha tia, que não podia desistir do projecto de a possuir completamente.

«Calculei os perigos e as difficuldades da empreza, e apesar de ambas as cousas me parecerem enormes, nem por isso desanimei nem retrocedi. Pelo contrario. Eu era intrepido, ousado e tenaz. Persuadi-me, pois, que bastavam estas qualidades para me fazerem ganhar victoria.

«Jurei não ter outro leito senão o seu, d'ahi por diante.

«N'essa mesma tarde, fingi-me doente, e manifestei desejos de me deitar. Minha mãe assustou-se, e pediu a minha tia que me deixasse mais uma noite dormir na sua cama. Ella era muito minha amiga para me recusar o favor sollicitado. Consegui a primeira parte do meu desejo.

«Com que impaciencia não esperei depois o seu regresso! Trez horas que passou longe de mim pareceram-me trez seculos. Chegou emfim; vinha deitar-se.

«Eu fingia dormir. Ella começou a despir-se muito descuidadamente. As cortinas não estavam muito sufficientemente fechadas, para que eu não a podesse vêr á minha vontade.

«É sabido o abandono com que uma mulher se despe, quando não suspeita que a estão observando. Minha tia descobriu-me, pois, inconscientemente todos os seus encantos!...

«Não tardei em tel-a a meu lado. A doce suavidade da sua pelle fez-me estremecer até á raiz dos cabellos.

«Fingi que acordava, e atirando-me aos braços d'ella, disse-lhe:

—«Boas noites, amada tia!

—«Descança, filho, disse-me ella. Estás doente, precisas dormir.

«Era o mesmo que dizer-me:

—«Dá-me o Grão-Turco!

«Tão disposto estava eu a fazer uma cousa como a outra!

«Não obstante, fiz-lhe crêr que lhe obedecia, e um delicioso somno apoderou-se-lhe no mesmo instante dos sentidos.

«Apesar de muito precoce em bastantes cousas, achava-me na mais perfeita ignorancia a respeito da estructura do bello sexo. Palpitava de desejos, quando minha tia acordou de repente, e saltou da cama.

«Accendeu luz, e o seu primeiro cuidado foi certificar-se se eu dormia. Poderia continuar a enganal-a, mas seria tornar a começar, e eu desejava concluir.

«Olhei para ella sorrindo, e ella disse-me muito surprehendida:

—«Como, pois o menino não dorme?!...

—«Amada tia!...

—«Responda!

—«Posso lá dormir, estando aqui a seu lado!

—«O quê?!...

—«Eu...

«Não me deu tempo para continuar, e disse-me:

—«Levante-se já, e vá para o seu quarto!...

—«Minha tia!...

—«Eu bem sei o que heide fazer ámanhã!...

—«Tia do meu coração!

—«Uma creança! Uma creança de nove annos! Que horror!...

«Fiquei confundido. Perdera-me, e perdera de todos os deleites, cuja ideia só me fazia ferver o sangue. Via alli toda irritada uma mulher, cuja severidade não me permittia esperar indulgencia para o meu atrevimento. Assim, ella tudo contaria á minha familia, e as injurias e as reprehensões iam cahir como uma tempestade sobre a minha pobre cabeça!

«Como! Pois eu havia de perder assim tanta ventura sonhada e attrahir de um momento para o outro um temporal desfeito de reprimendas! E tudo isto por causa de uma mulher!...

«Esta ideia restituiu-me de repente toda a intrepidez, e fez-me tomar uma resolução subita e violenta.

«Saltei do leito, vesti-me n'um momento, e dirigindo-me friamente ao encontro de minha tia, que só tivera tempo de se cobrir com um chaile, disse-lhe:

—«A senhora despreza-me, e faz mal, creia!...

—«Como! Que modos são esses, diga!

—«Eu não sou uma creança!

—«Enlouqueceste?

—«Não! É verdade que tenho nove annos, mas que importa isso, se a natureza me dotou com os desejos de um homem, cheio de vigor?

— «Mas onde queres tu chegar?!...

—«A senhora foi a primeira mulher que me fez palpitar o coração!...

—«Menino!

—«Sim, hade ouvir-me! Foi a senhora a primeira mulher que me revelou o segredo da belleza. N'esses labios, conheci pela primeira vez toda a suavidade dos beijos do amor...

—«Mas...

—«Deixe-me acabar! Saltei por cima de todas as conveniencias! Não conheço distancias. A senhora é minha amante!...

—«Ora, creança!

—«Hade receber as minhas caricias!

—«Que loucura!

—«Assim o quero!

—«E eu não!...

—«Resiste?

—«Com todas as minhas forças, louquinho!...

—«Pois bem!

—«Que vaes fazer?!...

—«As suas proprias palavras, minha senhora, deixaram-me a liberdade de supprimir toda a especie de considerações.

«E dizendo isto corri á porta, fechei-a, e metti a chave no bolso.

«Madame Catulitia, immovel de surpreza e muda de assombro, duvidava se tudo aquillo seria um sonho. Conhecia, não obstante, a minha audacia, mas confiando na sua edade e nas suas forças, quiz agarrar-me e arrastar-me para o meu quarto.

—«Não se approxime de mim! gritei-lhe.

— «Qual não approximo! Vaes vêr!

—«Olhe que eu sou capaz de tudo!

«Desprezando as minhas ameaças, veio apoderar-se de mim, mas d'aquella vez trocaram-se os papeis, e fui eu que me apoderei d'ella... e estreitando-a com força nos braços, consegui desatar o chaile que a cobria. N'esse momento, as pernas enredaram-se-lhe no chaile cahido, e veio a terra, arrastando-me comsigo.

«Ficaram assim á minha disposição os seus encantos, sem que ella podesse segurar-me as mãos. Não obstante, conseguiu fugir, pallida e tremula, e só teve tempo para se sentar n'uma poltrona, perdendo immediatamente os sentidos.

«Eu ignorava que ao cahir se havia ferido, mas algumas gottas de sangue m'o revelaram. Confesso, embora seja um crime, que o meu primeiro pensamento não foi fazer-lhe recobrar os sentidos.

«Ah! Os que por este facto me condemnarem talvez tivessem feito o mesmo n'aquelle momento critico!

«Esporeava-me o aguilhão do desejo, e o objecto que m'o inspirava, a mulher que assim me fizera perder a cabeça, estava alli, núa, sem defeza, á minha disposição!... Como poderia eu pois privar as mãos, os labios e os olhos de um prazer que teria comprado a preço do meu sangue?

Napoleão Bonaparte e sua tia Catulitia

«Não! Tamanha moderação não é possivel senão ao que nada sente, ou ao que sente debil e friamente!... E eu, por Deus o juro! não estava em nenhum d'estes casos!...

«O meu primeiro cuidado foi procurar a ferida de minha tia. Era uma pequena arranhadura, feita acima do joelho, e da qual sahia algum sangue. Appliquei a bocca rapidamente á chaga, e absorvendo com delicias o sangue da minha amada, senti que esse sangue adorado ia alimentar o fogo que me abrasava as veias. Era lenha que eu estava lançando á fogueira, em que todas as considerações e respeitos estavam ardendo!

«A pressão dos meus labios e as minhas caricias restituiram-na á vida. Viu que lhe chupava o sangue, e repelliu-me suavemente. Esta prova de ternura suavisara-lhe a indignação. Desprendi-me dos seus braços para a deixar respirar, e voltando completamente a si, ruborisou-se, ao vêr-se núa em minha presença.

«Ia levantar-se. Eu atirei-me a seus pés, e disse-lhe commovido:

—«Oh minha amada tia, não me repilla! Eu não sou senhor das minhas acções. Sou um escravo dos desejos que me inspirou!... Sou uma creança, como diz... Pois bem! Tracte-me como creança, e deixe-me passar esta noite a seu lado. Respeitarei o seu repouso. Um beijo d'esses labios é o que peço tão sómente.

«Ella estava alli núa diante de mim, e eu abraçava-lhe fortemente os joelhos, emquanto que ardentes lagrimas me corriam pelas faces.

«Madame Catulitia em extremo agitada e cheia de embaraço, não sabia o que fizesse. Sentia-se fatigada da sua resistencia, e da quéda que havia dado. Não lhe restava, portanto, outro partido, senão metter-se na cama, e assim fez.

«Eu, no emtanto, apagava a luz!

....

«Quando acordei, não a vi a meu lado. Era dia claro. Ella acabava de vestir-se e chorava amargamente.

—«Que tem, minha tia? perguntei-lhe.

—«Deixa-me, cruel menino!... respondeu ella.

—«Porque, minha querida tia?

—«Pois tu não vês que eu sou a mais imprudente e a mais culpada de todas as mulheres?...

«Ao ouvir isto, ia saltar da cama. Ella percebeu a minha resolução, e sahiu do quarto.

«Esteve ausente toda a manhã. Ao meio dia, apenas chegou a casa, declarou a minha mãe que ia partir para o campo, onde tencionava passar alguns dias.

«Não me causou surpresa aquella partida precipitada. Conheci para logo que se receiava de mim, e que por isso me fugia, Ora, nem que me matassem, eu podia consentir em separar-me d'aquella mulher.

«Fui ter com ella, e disse-lhe em voz baixa:

—«Conceda-me alguns momentos de conversação, peço-lh'o, e cautella!

Se me recusa isto, obrigar-me-ha a explicar-me em presença de minhas irmãs!...

«A ameaça produziu effeito, e pude seguil-a ao seu quarto. Quem me inspirou n'aquella hora? Não sei. O que é certo é que aos 20 annos ha menos audacia e energia.

—«Poucas palavras tenho a dizer-lhe, minha senhora, comecei eu, mas peço-lhe que não me interrompa. A noite passada encontrei nos seus braços um oceano de felicidade. A senhora converteu-se na minha existencia e no ar que respiro. Do berço á sepultura, o dever do mortal é trabalhar para a sua felicidade. A necessidade da minha vida desapparece, se a senhora se ausentar d'esta casa. Perdel-a, é superior ás minhas forças. Devo consentir na sua partida? Não. Perdel-a, é perder a vida, e eu julgo que a minha existencia é mais preciosa que os seus ridiculos caprichos e todas as suas preoccupações. Pesei todos os resultados da minha resolução inabalavel, e assim tenho a dizer-lhe o seguinte, minha querida tia:

«Expliquei as minhas razões, mas não quero ouvir as suas. Póde escolher o que melhor lhe convier: Ou serei o seu amante, ou irei denuncial-a. Sim, é isto! Ou minha tia cede aos meus desejos, e será o meu amor, a minha vida, o meu idolo, o objecto constante das minhas mais doces affeições; ou pelo contrario persiste em subtrahir-se ás minhas caricias, e n'esse caso, darei á sua honra um golpe mortal; perdel-a-hei para sempre na opinião publica, verá!

«Fingirei dores e fraqueza, farei crêr que me vejo esfalfado, que padeço... e direi a toda a minha familia que minha tia me obrigou a participar do seu leito.

«Direi que a necessidade de satisfazer as suas paixões, sem que a sua reputação perigasse, a levou a contentar-se com os prazeres imperfeitos que eu lhe podia dar. Queixar-me-hei de ter atormentado a minha infancia com os seus impudicos desejos, e de me ter reduzido a um estado deploravel...

«Serei terrivel, minha tia! Não revelarei só á minha familia estas torpezas, informarei d'ellas o publico, o universo, se fôr preciso. Dscreverei as suas fórmas...

«Tive de me interromper... Minha tia não podia ouvir-me. Havia perdido os sentidos!...

«Quando voltou a si, derramou abundantes lagrimas, e disse-me:

—«Pobre de mim! Que enorme desventurá a minha! Oh! creança cruel! Tens apenas nove annos, e já contas uma victima das tuas paixões impetuosas! E que victima! Uma mulher de 37 annos! A ordem da natureza transtornou-se! Tudo quanto se refere a ti, é sobrenatural!...

«Corriam-lhe abundantemente as lagrimas, e eu não procurava consolal-a, o pranto tornara-a mais formosa, e eu gosava de a vêr assim.

. . . .

«Consegui que não fosse para o campo, e que d'ahi em diante dormiria sempre com ella.

«Esta victoria confirmou os meus principios de obstinação e de resistencia. Minha tia disséra que tudo em mim era sobrenatural. Tem razão, dizia eu

a mim proprio, sinto que o que me succede não está na ordem da natureza. Em eguaes circumstancias, uma creança da minha edade teria recebido de Madame Catulitia as mais duras reprehensões: a familia, instruida d'estes criminosos intentos, tel-a-hia tractado mais severamente ainda. Mas não succedia assim com Napoleão. A pobre mulher, que se atrevia a dar-lhe batalha, estava cahida a seus pés. Uma mulher de 37 annos, bella ainda, mais imprudente que culpada, banhava-me as mãos de lagrimas, implorava a minha piedade, e entregava-se inteiramente aos meus desejos. Ha homens que não precisam de tanto para se encherem de vaidade. Por isso o triumpho, que acabava de obter, ao passo que me lisongeava a vaidade e o amor proprio, tornava-me louco de felicidade.

«Obriguei Madame Catulitia a dizer a minha mãe que me deixasse continuar a dormir no seu quarto.

«No emtanto, minha tia, apesar de demasiado fraca para resistir aos meus desejos, não podia tambem suffocar os remorsos da sua consciencia, e pensava no meio de acabar com aquella aventura.

«Decifrára o enigma do meu caracter, o segredo da minha ambição nascente, e por isso desejava ardentemente tornar a encontrar a paz do coração, e subtrahir-se ás minhas caricias, salvando assim a minha infancia de uma perdição infallivel. Formou, portanto, o projecto de me atacar com as armas do orgulho e do amor proprio, pondo em jogo a nobre esperança que eu alimentava de chegar a ser um grande homem.

«Madame Catulita tinha talento e expressava-se com uma certa elegancia. Eis um dialogo que um dia entabolou commigo.

—«Meu querido sobrinho, bem vês que cedo algumas vezes aos transportes que me causam as tuas caricias, não é verdade?

—«É sim, minha adorada tia, e bem sabe quanto sou feliz nos seus braços...

—«Pois bem, meu querido, vou dizer-te uma cousa; eu não goso tanto como tu...

—«Porque? Por eu ser, como diz, uma creança?

—«Não é só por isso. Ha sempre um remorso a empanar todo o prazer que eu posso sentir comtigo. A minha criminosa condescendencia não é o que eu mais deploro, e o que mais me tortura. Ha outra cousa ainda, é a consideração de que estou cavando a tua propria ruina, meu querido menino!

—«A minha ruina! interrompi eu, um pouco inquieto. Explique-se minha querida tia!...

—«A tua perda, meu filho, e os infortunios que te ameaçam, eis o que eu mais deploro...

«Olhei para minha tia. Vi-a afflictissima, chorando copiosamente, e senti-me estremecer. Havia então um grande perigo em tudo aquillo, um perigo bem terrivel para mim?... Todo eu era ouvidos n'aquelle momento...

«Minha tia continuou:

—«Sim, minha pobre creança, tão cedo espicaçada pelo aguilhão dos desejos! Já não vejo na tua fronte encantadora os indicios seguros d'aquella

nobre altivez que era o meu enlevo, e que me fez sucumbir á tua vontade. Ai de ti! A languidez de um prazer antecipado extinguiu-te o fogo do olhar! Consumido pelas caricias dos meus braços, devorado pelos gosos precoces que te sugam a vida, quando chegares á edade de encetares a senda da honra e da fortuna, escassear-te-hão miseravelmente as forças, meu pobre amigo!...

— «Sabe que me está assustando, minha querida tia?

—«Digo-te a verdade, meu amigo. Tu, cuja energia tão precoce como admiravel, enche de admiração a tua familia, inspirando-lhe tão brilhantes esperanças, descerás ao nivel das creanças mais vulgares...

—«D'aquellas a quem tantas vezes censuro o serem idiotas e debeis?

—«Justamente.

—«E depois, minha tia, diga! E depois?

—«Então já não poderei dizer uma coisa, que ainda espero me servirá de attenuante...

—«Qual é, minha tia?

—«Se aos 37 annos recebi os beijos d'esta creança e satisfiz os seus desejos precoces, é porque essa creança devia ser um dia um homem celebre, um ente predestinado, cuja infancia já revelava a todos os que com elle viviam o esplendido futuro que o esperava!...

—«Oh minha querida tia!...

—«Sim, meu querido amor, pensa bem n'isto, perder-te é commetter um crime enorme! Queres que eu tenha na consciencia o remorso d'esse crime horrivel?

—«Oh não!... respondi eu com energia.

—«Pois não é verdade, Napoleão?

—«Tem razão, querida tia!

—«Olha, filho, não voltes á minha cama! Mostra-te agora mais forte que a maior parte dos homens, resiste energicamente aos embates das tuas paixões...

—«Minha tia, minha querida tia! exclamava eu, allucinado pela ideia de ter de a perder.

—«Foge de mim, filho!...

—«Mas...

—«Foge, que talvez seja tempo ainda, foge por emquanto dos perigos horriveis do amor, e lembra-te que te espera a gloria e um futuro esplendido, se conseguires dominar ainda as tuas funestas paixões!...

«Se alguem me tivesse dito antes d'isto, que ás primeiras palavras da minha amada eu teria de ceder á sabedoria dos seus conselhos, á solidez dos seus raciocinios, e que havia de renunciar voluntariamente aos encantos de a possuir, ás delicias que até ahi me déra, eu responderia logo, sem hesitar:

—«Não! É impossivel! Minha tia é para mim o mais precioso de todos os bens! Desafio-a a que me demonstre o contrario! Perdel-a, é peior do que perder a vida!...

«Nescio! Eu não sabia uma cousa, e era que de todas as paixões da minha existencia, a ambição de ser celebre era a que sobrelevava ás demais.

«E dei uma prova cabal d'isto mesmo, como vão ver. Apenas ella acabou de fallar, approximei os labios dos seus, e dei-lhe um beijo, longo como um adeus eterno ao prazer e ás delicias!

«Ella ia fugir, assustada, mas para a tranquillizar, apressei-me a dizer-lhe:

— «Este beijo não é de amor, minha tia!

— «O que?! disse ella admirada.

— «É de gratidão!

— «Explica-te, meu filho!...

— «Sim, minha tia, beijei-a com reconhecimento, porque comprehendo que tinha razão!

— «Oh meu querido sobrinho, como eu te reconheço bem n'essas palavras!

— «É verdade, o sopro do desejo seria na minha edade um vento abrasador que me consummiria!

— «Deus te abençoe por essa resolução!

— «De hoje em diante, deixará de ser a minha amante adorada, para continuar a ser o que era de antes, a minha querida tia!

— «Mal sabes o bem que me fazem essas palavras, meu filho!

— «Vou-me embora!

— «Como! Já te retiras?

— «Retiro, sim. A presença de minha tia poderia prejudicar a grande victoria que acabo de obter sobre os meus sentidos!...

«Apenas fiquei só, puz-me a esquadrinhar bem todos os recantos do coração.

«Era o grande o prazer de que acabava de me privar, e grande decerto a minha pena por essa perda, mas havia tambem uma cousa que me indemnisava de tudo isto, e era o presentimento do meu futuro destino.

«Esse presentimento triumphou sobre a paixão sensual.

«Comecei tambem a calcular outra cousa, o grande perigo que é para qualquer o entregar-se sem reserva á paixão dos sentidos. Não deixava de comprehender a gravidade de perigo, de que tão felizmente acabava de escapar.

«E ainda hoje, ao recordar-me d'isto, me julgo feliz por ter deixado de ser o escravo do prazer.

«Cahindo de joelhos em presença da primeira mulher que encontrei no meu caminho, o ser mais debil e inconstante, uma mulher emfim, poderia ter-se opposto aos designios que a natureza havia formado a meu respeito. Um olhar da creatura teria destruido os intuitos do Creador!

«Fiquei bastante humilhado da minha primeira fraqueza, e que fiz? Tracei relativamente ao bello sexo um plano energico de conducta, plano que a edade e as circumstancias aperfeiçoaram.

«Não negarei todavia uma cousa, que tive de fazer enormes esforços para pôr um dique á torrente dos meus desejos. Achava-me no alvorecer da adolescencia, e não obstante, tive de sustentar grandes combates contra as tentações dos sentidos. Só a presença de uma mulher formosa me fazia palpitar vivamente o coração.

«O pé de uma mulher, os braços ou os peitos, vistos por acaso, bastavam para me incendiarem o sangue e para me exaltarem o temperamento.

«Haverá muito quem pense que faço mal em referir todos estes pormenores. Enganam-se. Como póde fazer-se sobresahir o merito da victoria? Dando a conhecer todos os obstaculos que foi preciso destruir para a alcançar. Na vida de um homem como eu, não póde omittir-se cousa alguma. O escriptor não deve esquecer nunca que as causas mais insignificantes produziram em mim os mais prodigiosos resultados.

«De resto que homem dotado de um temperamento inexgotavel como o meu, e de uma imaginação tão activa, poderia ter obtido similhante victoria sobre os seus sentidos?

«Nenhum, digo-o bem convencido; por isso posso affirmar que se no decurso da minha brilhante carreira obtive tantos triumphos, nenhum houve de que mais me ensoberbecesse do que d'este —de ter na minha adolescencia imposto silencio á minha pronunciada inclinação para o bello sexo.

«Esta victoria sobre mim proprio foi honrosa e gloriosa, tanto mais, que a ella devo o caracter que soube formar-me desde a primeira infancia.

«Sim, se desde os primeiros annos, a minha severidade, o meu modo de viver, o meu orgulho e outras altas qualidades não tivessem estabelecido entre mim e os meus camaradas uma distancia respeitosa, o que me teria inevitavelmente succedido?

«Juntos, em livre e communicativa convivencia, ter-me-hiam ensinado essa libertinagem solitaria, esse vicio atroz, essa gangrena immunda, cujos perigos nunca foram bem descriptos, por muito que se tenha escripto a esse respeito!...

«Bem graves são realmente os perigos d'esse vicio horrivel. E de que abysmo não me salvou a minha ignorancia a tal respeito?

«Se o tivesse conhecido, se me tornasse possuidor do fatal segredo, que ensina a enganar a natureza, ai de mim! por maior que fosse a firmeza do meu caracter, não havia remedio, teria envelhecido na primavera da vida!

«Mancebos! Vós que pretendeis ser algum dia a esperança da vossa familia, a honra do vosso sexo e a gloria do vosso paiz, não esqueçais nunca a importante licção que hoje vos dou. Sustive por espaço de vinte annos o sceptro do mundo, e gosei sempre uma saude perfeita; pois bem, meus amigos, se alguma vez tivesse perpetrado o crime de Onan, oh! então, fraco, extenuado, sem caracter, sem energia, obscuro, desprezado, não teria, por certo, dictado a lei ao universo!

«Aos trinta annos, este braço privado de movimento e sem vigor, não teria forças para soerguer a espada, a terrivel espada que fez tremer povos e reis!»

. . . .

. . . .

Apesar de todas estas resoluções e promessas, Napoleão, se é certo que odiou sempre o crime de Onan, não deixou de prestar culto ao divino Eros.

Pouco tempo depois da aventura succedida com sua tia, conheceu uma formosissima rapariga chamada Eugenia Mello.

As *Memorias secretas* dizem a respeito dos seus novos amores o seguinte:

«A sua innocencia e pudor, a sua virtuosa ignorancia do mal, taes eram os fortes que eu tinha de escalar, antes de penetrar n'aquelle coração casto.

«Em vão lhe fallára por mais de uma vez a linguagem do amor. Tudo quanto lhe dizia era sempre traduzido por ella como uma demonstração sincera de uma simples amisade.

«Um dia perguntou-me como estava, e eu respondi-lhe:

— «Bem, sempre que me approximo de si! Ah! Eugenia, minha querida Eugenia, como a amo!

— «Tambem eu, replicou a ingenua menina. Eu tambem lhe tenho muito amor.

«Encantado com esta resposta, olhei para ella, mas ai! não tardou a dissipar-se-me toda a illusão. A formosa menina não estava commovida. Julgava ter dado uma resposta naturalissima!...

«Comprehendi então que devia atacal-a nos seus principios, que devia accender-lhe no coração o fogo das mais vivas sensações humanas. E que meios tinha á minha disposição para isso? Muitos. Mas um dos mais simples era pôr-lhe nas mãos livros eloquentes e perigosos, d'esses que despertam a um tempo o amor e o deleite, d'esses em que o veu destinado a encobrir os pormenores mais lascivos é um attractivo a mais para o coração sensivel, para as almas ingenuas que se entregam ao fatal prazer de os ler...

«Um mez antes de sahir de casa da minha amada, perguntei-lhe quaes eram as suas leituras favoritas.

— «Livros religiosos, respondeu-me ella sorrindo.

— «Nada mais? insisti.

— «Nada mais! Pois uma menina bem educada póde ler livros de outra especie?

— «Decerto.

— «No convento, disseram-me muitas vezes o contrario.

— «E dir-lhe-hiam bem, se Eugenia se destinasse á vida claustral.

— «Então posso ler outras cousas, meu amigo?

— «Olhe, Eugenia, a menina, livre e destinada a ser o ornamento da sociedade, a fazer a ventura de um amante, precisa de adquirir conhecimentos bem differentes!...

— «E onde poderei obter esses conhecimentos?

— «Deixe-me offerecer-lhe alguns livros. N'elles poderá muito á sua vontade adquirir uma multidão de noções indispensaveis á vida do mundo a que se destina. Esses livros devem além d'isso fazer sobresahir mais vivamente as brilhantes qualidades com que a natureza a dotou.

— «Acceito com prazer a sua delicada offerta; ás vezes tenho necessidade de me distrahir, e as distracções que esses livros me promettem convèem-me tanto mais, que assim poderei affastar o tedio e adquirir ao mesmo tempo alguma instrucção de que necessito.

«Maravilhado de a vêr prestes a cahir na rede que eu andava armando á sua venturosa ignorancia, apressei-me a escolher-lhe um livro, cujos peri-

gosos encantos lhe despertassem no coração as primeiras sementes do desejo e do deleite:—a *Nova Heloisa*, de J. J. Rousseau!...»

....

Esta obra commoveu tão profundamente a pobre menina, que Napoleão era pouco depois o seu amante, e esses amores duraram bastante tempo. Um dia, porém, o futuro Cesar teve que separar-se dos braços da sua amada para entrar na eschola de artilheria.

Para mitigarem as dôres da ausencia, os dois amantes escreviam-se a miudo.

«Doce correspondencia! continuam as *Memorias secretas*, mas não me foi dado sustental-a por muito tempo!...

«Uma carta da minha amada, com data de 25 de março de 1785, acabava por estas palavras:

«Tenho o presentimento de que não tornarei a vêr-te! Não sei o que tenho! Não durmo, ando pesada, cançada, nada me dá prazer! Dôres de estomago terriveis são o meu martyrio, sinto um cançasso continuo. Meu Deus, se eu soubesse que tinha de morrer breve, iria morrer nos teus braços; mas quem sabe? Talvez me esteja assustando sem motivo. Talvez que tudo isto não seja nada. Tranquillisa-te!...

«Estas poucas palavras a respeito do estado de saude da querida menina, causaram-me vivas inquietações. Não durou muito a incerteza. A 4 de abril seguinte, recebi outra carta, carta fatal, que me revelou que a mais doce, a mais amavel e a mais gentil de todas as mulheres, estava á beira da sepultura!

«Eil-a:

«Quando receberes esta carta, meu amado, a tua Eugenia, a tua amante, a tua esposa, terá deixado de existir! O sepulchro terá devorado para sempre a mulher que não vivia senão para ti! Ai, meu amigo, resta-me uma doce consolação no meu infortunio, é a convicção de que morro por ti!...

«A minha morte é um sacrificio offerecido á tua imagem, ao amor que me inspiraste!...

«Não me comprehendes? Bem sei que não, mas ouve-me, meu querido amigo, e verás!

«Um mez depois de teres partido d'aqui, fui passar alguns dias ao campo, a casa de uma parenta minha, n'outro tempo leitora da princeza de Rohan. Dormia ao lado da sua bibliotheca, que era riquissima, e havia muito tempo que passava mal as noites, porque o somno rarissimas vezes me vinha cerrar as palpebras.

«A tua imagem, perseguindo-me durante o dia, vinha ainda obsediar-me implacavelmente, quando me recolhia á cama...

«Essa imagem querida queimava-me a imaginação, abrasava-me em desejos!...

«Uma noite principalmente, senti-me vivamente agitada. Não pudera fechar os olhos. Levantei-me, dirigi-me á bibliotheca, e procurei um livro, que me distrahisse da violenta impressão que me obsediava.

«Havia alli muitos livros, quiz escolher, e peguei n'um, cujo titulo excitava em extremo a minha curiosidade. Era o *Onanismo*.

«Abri-o, levei-o para a cama, e quanto mais lia, mais desejava saber o que era o *Onanismo*. Procurei um diccionario, mas não encontrei a significação da palavra. Lembrei-me n'aquelle instante da historia de Onan, que nunca até alli pudéra entender. Mas com o auxilio da obra de Tissot, rasgou-se finalmente o véu.

«Deixei o livro. O somno desceu-me n'aquelle momento sobre os olhos, e não tardou a apoderar-se-me dos sentidos uma doce illusão. Tu estavas nos meus braços, eu apertava-te contra o seio, enchia-te de ardentes beijos, embriagando-me em divinos prazeres. Acordei. Sentia-me arder. Acabava de lêr o *Onanismo,* havia-o comprehendido, e fervia-me o sangue!...

«Que te direi mais? Desprezei os avisos de Tissot, julguei uma serie de petas todos os exemplos por elle citados, e entreguei-me sem reserva ao prazer de enganar a natureza.

«Em vão, ao deitar-me no leito, jurava affastar de mim toda a ideia de voluptuosidade: o somno que se me apoderava dos sentidos era perturbado no mesmo instante pela recordação das nossas noites de delicias. Acordava sobresaltada, devorada pelos desejos, e por espaço de quatro mezes, meu querido, a minha juventude, a minha saude e a minha vida, foram devoradas por estes prazeres solitarios!...

«Por piedade, meu amigo, não accuses a tua Eugenia! Fiz para me livrar do perigo tudo quanto é possivel fazer-se. Sou culpada, sou muito culpada, bem sei, mas a tentação era superior ás minhas forças!

«Os medicos não conheceram o segredo da minha enfermidade, e ha tres dias que pronunciaram a fatal sentença.

«Desde aquelle momento, comecei esta carta, e mais de uma vez me vi obrigada a interrompel-a.

«Quando te participarem a minha morte, informa d'este acontecimento a tua familia, e diz a tua mãe:

«Perdi a esposa que tanto me idolatrava! Deus privou-a, minha mãe, de uma filha que tanto a devia estimar e respeitar: meus irmãos perderam uma irmã querida!»

«Bonaparte, sinto que vou morrer. E comtudo, tenho apenas 18 annos, meu Deus! Vou render o ultimo suspiro. Levo commigo a doce esperança de que o Creador não me repillirá do seu seio. Menos cruel, menos severo que os homens, não condemnará como um crime o ter querido apagar o fogo dos meus desejos nas fontes da minha vida!

«Bonaparte, meu amigo, meu amante, meu querido! Amanhã terei deixado de existir! Se alguma ideia póde suavisar este fatal instante, será a de te tornar a vêr na eternidade!...»

....

....

Napoleão ficou muito impressionado com a perda d'aquella mulher, a unica a quem amou verdadeiramente, durante a sua vida!

Seja-nos licito inserir n'este logar, a proposito do vicio terrivel, que victimou a amante de Napoleão Bonaparte, algumas palavras auctorisadas, e perfeitamente cabidas n'esta historia dos vicios e degradações humanas. São de uma notabilidade scientifica, o doutor Laurentius, de Leipzig.

Diz assim o illustre medico allemão:

«O hediondo crime de Ger e de Onan foi commettido com perfeito conhecimento do seu caracter detestavel. O peccado e a punição são sempre inseparaveis e seguem-se immediatamente, quer na ordem physica, quer na moral. Quando as almas de Ger e de Onan foram corrompidas, seus corpos foram tambem destruidos no mesmo instante, segundo se lê no primeiro livro de Moysés, capitulo 38, vers. 6 a 10. Esses monstros ousaram affrontar as leis impostas por Deus aos homens, e o seu crime temerario foi tanto mais impio, que até foi commettido com premeditação. O fim terrivel dos dois miseraveis foi um exemplo para as geraçoes futuras, e ao mesmo tempo uma prova da grandeza e da santidade da natureza, cujas violações são sempre punidas com um rigor desapiedado.

«Tem-se por mais de uma vez pretendido que o habito vicioso a que nos referimos é essencialmente differente da especie de crime, attribuido pela Escriptura a Ger e Onan, e que não se devia ter derivado a sua denominação do nome d'este ultimo. Alguma reflexão vae convencer-nos immediatamente de que similhante derivação é até muito bem fundada. O fim do crime de Ger e Onan foi impedir a propagação; esses miseraveis foram punidos de morte, porque procuravam illudir as leis dadas pelo Creador aos primeiros homens. Que differença póde, pois, haver entre o seu crime e o da masturbação? Não será a impotencia total a consequencia inevitavel d'este habito funesto? Não abrevia elle a vida? Não está o vicioso cavando com o auxilio d'esse vicio terrivel a sepultura que bem cedo o deve tragar? Não torna esse vicio completamente illusorio o fim do casamento, e não é por meio d'elle que o homem se destroe a si proprio? Nós estamos bem seguros do que affirmamos, para sustentarmos e divulgarmos esta importante verdade; indicaremos, pois, as relações immediatas e reciprocas das causas e effeitos, descrevendo ao mesmo tempo as terriveis consequencias que derivam da irritação contra a natureza das partes genitaes e da perda do fluido seminal.

«O onanismo ou a masturbação é o habito vergonhoso, pelo qual individuos dos dois sexos destroem secretamente o seu corpo, entregando-se a pensamentos voluptuosos. Esses individuos exforçam-se em obter por si proprios esses prazeres sensuaes, que a natureza reservou sómente ao commercio dos dois sexos.

«O onanismo parece ser um d'esses habitos impuros tão antigos como o genero humano. Na Roma pagã tão generalisado estava, que se praticava por toda a parte. Foi n'essa cidade dissoluta que *Venus Fricatrix*, do verbo latino *fricare*, esfregar, teve templos, em que o onanismo se exercia publicamente.

«É infelizmente facto averiguado que este funesto habito se exerceu em todos os tempos, tanto entre os homens grosseiros, como entre pessoas bem educadas, e as observaçoes que nos legaram os auctores antigos são ainda ap-

plicaveis aos nossos tempos. Todos exprimem unanimemente o seu horror por este crime abominavel e contra a natureza, e descrevem as suas consequencias desastrosas, que consistem na destruição das affeições conjugaes, na corrupção dos costumes e na diminuição da propagação da nossa especie. *Crescei e multiplicae-vos,* diz a Biblia. *Plantae arvores e recolhei os fructos d'ellas,* é uma das maximas da sabedoria humana.

«Não será um espectaculo encantador e que alenta a nossa coragem, diz um auctor antigo, o de vêr um homem de 80 annos casado com uma mulher quasi da mesma edade, gosando ambos ainda de uma constituição robusta, possuindo todas as suas forças e toda a sua actividade, sãos de corpo e de espirito, rodeados da terceira ou quarta geração de uma numerosa familia, e possuindo os bens inestimaveis da moderação e da temperança? Lancemos agora os olhos para esses miseraveis dissolutos, que se entregam ao onanismo, e que vêmos? Uns *magrizellas* descarnados, pallidos, de intelligencia extincta, os quaes, se não descem ao tumulo na primavera da vida, tornam-se o objecto do desprezo dos seus similhantes e do seu proprio tedio e horror.

«Não se deve imaginar, apesar do que se tem inventado em contrario, que as considerações que se podem fazer sobre os effeitos perniciosos do *vicio secreto,* sejam capazes de produzir esses habitos que nós condemnamos. A corrupção individual não é um argumento contra a necessidade de saber a verdade. Ha homens tão desmoralisados que procuram nos livros da Escriptura os exemplos da fraqueza humana, que alli se encontram, para mostrar que Deus véla na hora da tentação; mas o que é certo é que isto mesmo nada prova contra a auctoridade da Biblia. Áquelles que ousarem pretender que uma tal leitura póde produzir maus habitos, contentamo-nos de responder que as cousas mais puras e mais santas teem sido profanadas pelos homens de imaginação corrompida. Nada ha sagrado para elles. Mancham tudo aquillo que tocam!

. . . .

«É difficil encontrar n'este mundo em que vivemos um ser tão miseravel como o escravo da dissolução desenfreada. A sua imaginação arde n'uma chamma torpe e contra a natureza. Os orgãos relaxados em vão se lhe oppõem a esse delirio que o persegue sem descanço, que de noite o estimula e espicaça em sonhos e de dia o opprime nos seus pensamentos. Atormenta-o um appetite que não póde satisfazer; é illudido em todos os esforços que faz para gosar os doces prazeres que só se encontram n'uma virtuosa temperança. Como Tantalo, é devorado de uma sede continua, sem mesmo ter a esperança de poder approximar a bocca da taça desejada. Paes de familia e educadores, não percaes nunca de vista o joven que se perdeu um momento n'este vicio horrivel, e que não conhece os perniciosos effeitos da sua queda! Nem sequer lhe passa pelo espirito que continuando do mesmo modo perderá a vivacidade e a força da sua mocidade!... O onanismo é o caminho mais seguro, senão o mais curto para levar um homem ao tumulo. O vicio terrivel conduz lentamente á morte, e se alguem quizesse servir-se d'este meio como de um supplicio de uma crueldade refinada, conseguiria perfeitamente o seu fim, porque o homem entregue a este vicio, combate contra si proprio, não arruina sómente a sua existencia

terrestre, mas destroe tambem a tranquillidade da sua alma; não se arranca de repente, mas sim lentamente aos doces prazeres da vida, da familia, — e *com a sua propria mão* derrama o veneno lento que lhe destroe dia a dia a existencia!...

«É mister estudar de maís perto algumas das consequencias immediatas do onanismo. Nos jovens de ambos os sexos, os estragos do onanismo são consideraveis. A morte arrebata silenciosamente na flor da edade aquelles que persistem n'este vicio. E' bem triste ter de confessar que este habito terrivel não sómente enfraquece a mocidade e mina as forças do homem, mas influe tambem na sua progenie, tornando-a doente, miseravel e fraca. O onanismo, assim como os excessos de outra especie, conduz muitas pessoas ao tumulo, n'uma edade em que o homem começa tão sómente a desenvolver as suas forças, e isto por causa da perda immoderada do humor vital. Conheço um homem que excedeu ha muito tempo já a edade media, e que ainda assim foi pae de uma creança radiante de força e de saude. Nos exemplos d'esta especie, vè-se o effeito de uma sabia moderação e de um razoavel emprego da força vital. Os rapazes do nosso tempo portam-se como se temessem não se desembaraçarem demasiado cedo da sua castidade! Ensoberbecem-se, pois, dos altos feitos que praticam, não no campo de Marte, mas sim, sob a tenda voluptuosa de Venus! Muito tempo antes de se lhes ter desenvolvido o corpo, dissipam prodigamente as riquezas, destinadas a dar existencia a outros seres, mas as consequencias não se fazem esperar. Vivem tristes e descontentes, soffrem constantemente, e perderam para sempre essa vivacidade, que é o encanto da existencia! Teem o olhar baço e extincto, apresentam no rosto uma expressão difficil de descrever, e que parece significar que toda a compaixão dos amigos, que não conhecem a causa da doença, é inutil!...

«Para se fazer uma ideia da acção perigosa d'estas perdas, basta considerar as consequencias que d'ellas provêem, quando são muito frequentes.

«Os medicos mais celebres de todos os tempos são de opinião que a perda de 50 grammas de fluido seminal enfraquece mais o organismo, do que a subtracção de setecentas grammas de sangue.

«Hippocrates diz que o fluido seminal do homem é formado de todos os liquidos do corpo, e que é a materia mais preciosa d'elle. «Quando um homem perde o fluido seminal, diz elle n'outra parte, perde o espirito vital tambem.»

«Não é, pois, de extranhar que as frequentes ejaculações enervem o organismo, por isso mesmo que o despojam dos seus humores mais ricos e generosos.

«Durante o tempo que o homem conserva o fluido seminal nos vasos spermaticos, é estimulado por esse fluido á voluptuosidade; mas, no emtanto, a maior, a mais volatil, e ao mesmo tempo a mais preciosa parte do fluido seminal, é absorvida pelo sangue e produz por esta devolução as mais surprehendentes transformações. E' por ella que se opera o crescimento da barba e dos cabellos, que a voz e o aspecto exterior se transformam. Não é a edade sómente que produz essas mudanças tão notaveis, mas principalmente o fluido seminal, porque ellas não se verificam nos eunuchos e nos castrados.

«Póde haver uma prova maior da sua força vital, do que o facto de uma só gotta de sperma bastar para dar a vida a um novo ser? Assim, aquelles que dissipam sem conta nem medida esse fluido precioso bem merecem o nome de insensatos. Incapazes de prestar serviços nem aos outros nem a si proprios, vivem sobre a terra como seres completamente inuteis, e arrastam uma vida insupportavel no meio de uma sociedade, que, bem longe de os lastimar, os desprezaria, se conhecesse a causa dos seus soffrimentos!...

«Pythagoras chama o fluido seminal a *flôr do sangue*. Alcmeon, discipulo d'este philosopho, considera o fluido seminal como uma parte do cerebro. Um sabio nosso contemporaneo foi egualmente d'esta opinião, e procurou proval-a, indicando as vias pelas quaes o cerebro se põe em relação com os testiculos. Considera os testiculos não como glandulas, mas sim como ganglios, e pela dissipação do semen explica tambem todos os males que nascem do esfalfamento das forças pelo prazer carnal muito frequente.

«Epicuro considerava o fluido seminal como uma parte da alma e do corpo ao mesmo tempo, e em consequencia d'esta these exhorta os seus discipulos a pouparem cuidadosamente este succo, para pouparem tambem a vida e não enfraquecerem nem a alma nem o corpo.

«A dispersão muito frequente do fluido seminal pelo commercio com o sexo feminino tem já consequencias muito perigosas, mas as consequencias do onanismo são de uma gravidade incalculavel. Todas as faculdades da alma se aniquillam, o homem torna-se cobarde, treme a cada passo diante de perigos imaginarios. Torna-se timido como uma mulher, tem accessos hypocondriacos, geme, suspira, chora pela cousa mais futil. Entra na edade viril, desprezando as faculdades mais nobres que a natureza lhe concedeu, e isto quando o seu corpo não está ainda perfeitamente desenvolvido, e quando tem mais que nunca a necessidade de refreiar as paixões do seu organismo e temperamento.

«O professor Rostan dá-nos a seguinte descripção, que é completamente exacta:

«Os individuos que se entregam a excessos sensuaes sentirão bem depressa que a sua digestão enfraquece, e os alimentos mal digeridos pelo estomago serão repellidos pelos vomitos, ou por dejecções alvinas. Falta-lhes o appetite: a resorpção do canal intestinal é fraca, porque a assimilação só muito imperfeitamente se realisa. A perda é ordinariamente activa, e como a reparação se opera incompleta, segue-se a magreza. Accommette-os uma palpitação violenta, o aneurisma do coração: o sangue torna-se aquoso e insufficiente, e uma pallidez geral é a consequencia d'este enfraquecimento. A respiração não é livre; ha casos de suffocação; apparecem dores nos ossos do sterno e entre as espaduas; póde assim resultar a phthysica pulmonar. A transpiração augmenta ordinariamente, produzindo uma nova causa de enfraquecimento. O rosto torna-se pallido; os labios sem côr: os olhos encovados choram involuntariamente: os ossos queixaes tornam-se proeminentes, os fontes e as faces cavam-se; as azas do nariz e os lobulos da orelha seccos e frios; a fronte cobre-se de rugas prematuras; a vista enfraquece, como se uma nevoa se estendesse diante dos olhos, e mil corpos imaginarios parecem mover-se defronte d'elles; muitas vezes a cegueira é completa...

«O ouvido torna-se duro e perturbado por zumbidos e ruidos continuos. O olfacto, o gosto, o tacto perdem a delicadeza, ou desapparecem de todo. Os excessos não exercem tão sómente a sua acção destruidora sobre os sentidos e os seus orgãos, mas chegam mesmo a desorganisar o cerebro, centro da intelligencia. A memoria perde-se: a attenção, sem a qual nenhuma instrucção se póde colher, enfraquece-se e distrae-se; o discernimento diminue. Taes são os preludios da imbecilidade, da mania, da melancholia, da hypocondria, da hysteria, e de toda a fatal cohorte das doenças nervosas. A região do cerebro que preside ao movimento, é egualmente perturbada, e resultam d'aqui tremores dos membros, caimbras, convulsões, a catalepsia e a epilepsia, assim como o amollecimento e a carie da columna vertebral, e a maior parte das doenças conhecidas.»

«Eis os fructos amargos dos excessos sensuaes.

«Aristæus descreve do seguinte modo as tristes consequencias da dissipação do fluido sensual:

«Os mancebos teem o aspecto caduco dos velhos debeis. Perdem a sua côr florescente, tornam-se pallidos, ou melhor, de um amarello baço, effeminados, languidos, preguiçosos, estupidos, e algumas vezes mesmo idiotas. Andam curvados e inclinados. As pernas recusam se a prestar serviço, e não querem supportar o corpo, porque os joelhos vacillam. Desgostam-se de tudo, mesmo da vida. Privados da faculdade geradora, não são capazes de cousa alguma, e muitas vezes a paralysia é uma consequencia fatal.»

«Cabanis, medico parisiense, faz a observação notavel de que a timidez e a cobardia são muitas vezes symptomas do enfraquecimento das partes genitaes, e um outro medico francez observa que esta disposição moral lhe parecia depender principalmente do esfalfamento da faculdade procreadora.

«Nas desgraçadas victimas d'este vicio, nota-se uma insensibilidade completa, uma distracção extraordinaria, e uma indecisão de caracter incomprehensiveis, para aquelles que não conhecem as causas da doença.

«Um humor caprichoso, um amor proprio exaggerado, um egoismo que exige a attenção de toda a gente, taes são muitas vezes os signaes caracteristicos de um espirito degradado por este vergonhoso habito. A persistencia de um caracter azedo, o descontentamento de si proprio, e muitas vezes, como nas creanças, accessos subitos de alegria immoderada que sobrevêem e desapparecem sem causa, taes são os symptomas do onanismo.

«Insomnia, impossibilidade de gosar do repouso, salvo no caso de esfalfamento, em consequencia de excessos viciosos, grande inquietação depois da meia noite, fadiga ao despertar, sonhos horriveis ou voluptuosos, tal é o estado do desgraçado durante a noite.

«Os dias correm para elle tambem na tristeza e na monotonia: a victima preguiçosa do vicio secreto tem necessidade de muito repouso para restabelecer de algum modo as suas forças exhaustas. Quando o desgraçado é abandonado a si proprio, encontram-no muitas vezes estendido no leito, que não quer abandonar, preferindo ao ar puro cá de fóra a respiração infecta e abafada do seu quarto de dormir. Durante a vigilia, este homem é presa de pensamentos con-

fusos, seus olhares trahem logo ao primeiro aspecto a doença de seu espirito. Tem o sobrolho carregado, e na expressão hesitante da sua physionomia, percebe-se que alguma ideia vaga e inconstante lhe atravessa a cada momento o cerebro.

«Come com avidez, algumas vezes mesmo com verdadeira voracidade, porque a perda do fluido seminal não póde ser substituida de outra maneira, e seus orgãos digestivos vêem emfim a perder a força. Sobrevem-lhe então uma febre lenta, que o faz emmagrecer rapidamente. Este estado é ordinariamente precedido de uma mudança na côr da pelle, que se torna pallida e azulada, sobretudo em torno dos olhos. O rosto cobre-se-lhe de borbulhas e de exanthemas que resistem a todos os remedios: o corpo enfraquecido não póde supportar o menor esforço: um movimento violento, por mais curto que seja, esfalfa-o e prostra-o, porque todo o seu systema muscular está relaxado de uma maneira extraordinaria. Os braços e as pernas perdem a sua firmeza, curva-se-lhe o corpo, arqueiam-se-lhe as espaduas, o passo firme, ligeiro, elastico, torna-se pesado e arrastado, e muitas vezes póde notar-se que a bengala trazida por elegancia, vem a tornar-se um appoio indispensavel.

«Todo o fogo e toda a vivacidade do espirito vem a perder-se por este vicio abominavel. O homem assimilha-se então a uma flôr fanada, a uma arvore perturbada na sua florescencia, a um esqueleto vivo. Fraco, com a tez de um branco azulado, o corpo alquebrado, o espirito degenerado, o moço que a natureza havia dotado de espirito e de talento, torna-se melancholico e embrutece completamente. O seu espirito perde toda a inclinação para pensamentos e reflexões sensatas. As alegrias puras, que antigamente procurava, repugnam-lhe invincivelmente agora. Toda a vida se lhe torna uma serie de tormentos, de remorsos, de accusações contra si proprio, porque bem sabe que elle é o unico auctor da sua miseria, da sua tristeza e de todo aquelle aborrecimento da vida, que algumas vezes o impelle ao suicidio. O que é realmente esse excesso de prazer sensual, senão uma morte lenta? Se nós conhecessemos os segredos que escondem tantos tumulos recentes, ficariamos assustados, á vista de tão numerosas series de victimas!...

«Um homem de uma familia distincta, gosando apparentemente de todos os bens que pódem tornar a vida alegre e invejavel, foi uma manhã encontrado morto no seu leito: uma pistola que elle apertava ainda na mão gelada, tinha posto fim aos seus dias, e ninguem saberia jámais a causa d'aquelle suicidio, se não tivesse deixado um bilhete contendo estas palavras:« Sou impotente, e por isso inutil n'este mundo!»

«A experiencia de longos annos convenceu-me de que muitos suicidios se verificam em consequencia de causas similhantes. A impotencia é um estado muito mais frequente do que ordinariamente se julga: ella é quasi sempre o resultado de excessos sensuaes, e os soffrimentos moraes que ella causa, são insupportaveis. O que são as dores do corpo, comparadas com os soffrimentos da alma? Quem ha ahi que possa supportar as feridas moraes? E essas feridas são tanto mais terriveis, quando nos podemos accusar de ter sido os auctores d'ellas.

«Um illustre medico, de grande nomeada, e que escreveu obras muito apreciadas, o doutor Weldberg de Neustrelitz diz:

«A experiencia de todos os tempos prova que a natureza não se vinga nunca tão cruelmente como quando o homem pecca contra si proprio. Quantos exemplos não temos visto ahi da dissipação do que dá a vida ter produzido o desgosto da mesma vida, e ter sido a causa do suicidio?»

«N'esta especie de estado doentio nota-se uma sensibilidade extraordinaria para as impressões exteriores. A menor mudança de temperatura tem uma grande influencia sobre esses individuos. O calor do estio abate-os, e o frio do inverno torna-os tristes e melancholicos. São muito sujeitos ás affecções catarrhaes, constipam-se facilmente, e o seu corpo recebe as impressões da athmosphera, como o barometro mais perfeito. Observa-se que as membranas mucosas do nariz e dos olhos estão sempre irritadas. O paciente espirra com violencia se entra n'um leito frio, ou se se approxima de uma luz viva. As palpebras estão inflammadas durante a noite, tendo um fremito, um pestanejar constante. A cabeça bem como os membros soffre dores horriveis, mas o estomago é a séde principal d'esses soffrimentos, apresentando symptomas de uma digestão defeituosa, em consequencia da sua fraqueza. Muitas doenças que se chamam sem razão rheumatismaes, dependem dos excessos lubricos.

«Os orgãos sexuaes participam naturalmente d'esta fraqueza geral do corpo. E' um facto notavel que a consequencia inevitavel do onanismo é uma diminuição do volume do membro viril. Os auctores têem muitas vezes tido occasião de fazer esta observação.

«A diminuição do volume do membro viril é um dos primeiros e um dos mais visiveis effeitos d'este vicio vergonhoso. O *pénis* perde quasi a metade do seu volume, assim como a capacidade de uma erecção completa. Não admirará ninguem este phenomeno, quando se considerar a differença que existe entre o acto sexual natural e o habito vil do onanismo, porque, quando no ultimo caso as vesiculas seminaes não são sufficientemente excitadas pela estimulação natural da erecção, é produzida mediante fricções que causam um grau de irritação mais elevado do que o acto natural da geração póde produzir.

«Isto é causa então de diversos males. Os testiculos são obrigados a uma secreção rapida e violenta; os canaes d'essa secreção fornecem um fluido seminal esteril, subtil, e os nervos do *pénis* tornam-se sensiveis por uma especie de prurido, sem que o membro esteja n'um estado de excitação completa e natural. Resulta d'aqui que, quando o onanista quer exercer o coito, já não possue a força de erecção necessaria, ou se chega a conseguir essa erecção, o fluido seminal é ejaculado muito cedo.

«Entramos n'estes pormenores para demonstrarmos, se isto é preciso para alguns incredulos, que tudo quanto dizemos do onanismo não existe apenas na nossa imaginação. A rasão pela qual os onanistas se enfraquecem mais do que os individuos que se entregam aos prazeres sexuaes naturaes, é a seguinte: —Pondo mesmo de parte o argumento da perda do fluido seminal, as erecções frequentes do membro enfraquecem e relaxam muito mais os primeiros que os ultimos. Esta parte, que se acha n'um estado de tensão continua,

esgota as forças do organismo, que vêm a faltar assim aos onanistas, quando d'ellas carecem para as diversas funcções naturaes. A reunião d'estas causas traz comsigo as mais perigosas consequencias.

«Podemos indicar ainda uma outra differença entre o onanista e o que abusa do amor sexual natural, e que não é tambem em favor do primeiro. A felicidade que se sente no goso de um prazer commum, a alegria que favorece as funcções vitaes, auxiliam a digestão, acceleram a circulação do sangue e activam e reparam as forças. O onanista não conhece nada d'isto. Quando este goso é unido a um amor puro, a experiencia ensina-nos que são immediatamente restabelecidas as forças perdidas pelo coito.

«Sanctorius observa que o homem, depois da copula com uma mulher que ama, não sente fraqueza alguma, como aquella que ordinariamente se segue ao coito, porque a ventura que experimenta augmenta a força do coração, favorece as funcções e substitue amplamente o que se perdeu. Abundando n'esta ideia, Venette pretende que o amor sensual com uma mulher bonita não cansa tanto como uma feia. A belleza possue encantos que alegram o coração e renovam as forças. Quando se obra contra a lei da natureza, commette-se um crime maior do que quando se abusa de um prazer natural. Quem póde duvidar que a natureza dá gosos muito mais intensos do que todos esses que se procuram em contravenção das suas leis sagradas? No primeiro caso, a perda é parcialmente compensada; no segundo, não o é. Eis alguns dos effeitos mais evidentes do onanismo.

«Do facto d'estas terriveis consequencias não serem immediatamente sentidas, não se deve inferir que o futuro não as traga comsigo, e nós não hesitamos um momento sequer em assegurar que a sua perniciosa influencia é a causa de muitos vicios funestos. A natureza e os sentimentos moraes são perturbados no seu desenvolvimento, o homem cahe de grau em grau na pusillanimidade e esquece a dignidade que o eleva acima de todos os seres da creação. Que lhe resta da sua alegria habitual, da sua mocidade, d'essa plenitude de forças que faziam d'elle um homem? Torna-se uma creatura digna de compaixão para aquelles que não conhecem a causa do seu estado, e um ser desprezivel para aquelles que têem a depravação na sua physionomia!

«O que não deverá elle fazer para reconquistar a sua estima? Para onde fugirá diante do vicio que traz comsigo, diante do espirito maligno que o persegue continuamente? As alegrias tranquillas e doces que dá o estudo não tem encantos para elle. As suas leituras predilectas consistem n'esses livros obscenos de escriptores corrompidos, que pintam em todos os pormenores os despreziveis excessos dos tempos de Luiz XIV e Luiz XV! Despreza toda a occupação para procurar apenas divertimentos nos livros que tratam de voluptuosidades ou de torpezas, e que são o producto de uma industria culpada. Obrigado a considerar-se a si proprio, como o espectro de um ser physico e intellectual, julga-se feliz da sua memoria perdida não lhe permittir fazer uma ideia do seu estado anterior, nem reter os pensamentos revoltantes que lhe procura a sua leitura. Que pesar deve experimentar o desgraçado, quando vê diante de si o quadro delicioso de um lar domestico feliz e tranquillo, quando observa a ter-

nura de um pae, que acaricia os seus filhos? Que lhe resta no mundo? O leitor póde responder a esta pergunta, não é verdade?

«O onanismo produz sobretudo *seis doenças*, que devem ser classificadas da maneira seguinte:

«1.º — Todas as faculdades do espirito enfraquecem: a força da memoria diminue rapidamente: as ideias tornam-se confusas; os doentes cahem algumas vezes n'uma especie de demencia. Estão sempre inquietos; uma angustia incessante e remorsos crueis atormentam-nos a ponto de derramarem frequentemente lagrimas amargas. Têem muitas vezes vertigens; todos os sentidos, mas sobretudo a vista e o ouvido estão enfraquecidos. O somno, se alguma vez lhes é dado gosarem este beneficio, é interrompido e agitado por terriveis pesadellos.

«2.º — Diminue a força do corpo, e aquelles que se entregam de tenra edade a este vicio vêem o seu crescimento interrompido. Alguns não podem dormir. Outros estão n'um estado de somnolencia continua. Soffrem de accessos hypocondriacos e hystericos e das suas consequencias. Suspiram, choram e tremem frequentemente. Alguns têem uma salivação calcarea, outros soffrem de rheumatismo, de febre lenta e da phthysica.

«3.º — Dores viotentissimas vêem affligir os doentes. Uns soffrem dores de cabeça, outros queixam-se de dores do peito, de oppressão no estomago, de dores de barriga. Sentem um cançasso extremo em todos os membros.

«4.º — Não sómente o rosto apparece coberto de borbulhas, ou exanthemas, mas formam-se-lhe pustulas suppurantes no nariz, no peito e nas coxas, causando uma comichão importuna. Em certos casos, apparecem excrescencias carnudas (*sarcomas*) na fronte.

«5.º — Os orgãos sexuaes são tambem affectados dos soffrimentos de que são a causa primordial. Em muitos doentes, deixa de ser possivel a erecção; n'outros, o fluido seminal perde-se ao menor prurido, ou pela erecção mais fraca; n'outros finalmente por esforços de evacuações penosas. Ha muitos que soffrem continuamente de perdas seminaes, que tiram aos doentes as ultimas forças. Outros padecem de stranguria, que muitas vezes causa grandes dores. Alguns têem pustulas nos testiculos, no pénis, na bexiga, e no cordão espermatico. Emfim o esfalfamento completo do succo vital, torna-os idiotas, quando se teem entregado durante muito tempo ao onanismo.

«Pessoas de constituição muito vigorosa são muitas vezes atormentadas de uma erecção dolorosa do membro. Outros ficam na impossibilidade de reterem as urinas, que lhes correm sempre. Outros, ao menor pretexto, sentem vontade de urinar, e ou não pódem, ou então sentem dores horriveis. Muitos individuos têem tremores nos testiculos, dores no *pénis* e nos cordões espermaticos. A maior parte d'estes desgraçados tornam-se impotentes para a geração, ou por não poderem exercer o coito por falta de erecção do membro, ou porque dissiparam todo o fogo de que o fluido sensual tem necessidade, para a fecundação do ovo feminino.

«6.º — As funcções dos intestinos são gravemente perturbadas. Alguns doentes queixam-se de constipação teimosa, outros de hemorrhoidas, etc., etc.

«Taes são as doenças que têem relações mais directas com o onanismo, e que contrastam tão singularmente com os sentimentos agradaveis e vivos que produz o commercio regular entre os dois sexos.

«Vamos agora tratar de provar que o habito do onanismo é muito mais pernicioso, que os excessos sexuaes praticados com as mulheres. Será facil.

«Diz um medico bastante conhecido:

«Quando as necessidades do organismo exigem imperiosamente o coito, esse acto natural é util; mas se é produzido por uma imaginação doentia, n'esse caso, enfraquece as faculdades de espirito e debilita as forças do corpo.»

«O coito moderado é absolutamente necessario á conservação da saude. A natureza não condemnou nenhum orgão ao repouso, mas poz limites á sua actividade. *Usar e não abusar* é a lei da natureza. A perda de fluido seminal deveria ser sempre proporcionada ás necessidades e á capacidade de reparar as perdas, que é muito differente, segundo os individuos. Infelizmente, n'aquelles que se entregam ao onanismo, acontece que os orgãos sexuaes se encontram n'um estado de irritação doentia, que os estimula incessantemente ao renovamento dos seus prazeres. Pensamos, portanto, que a capacidade de reparar é differente; depende em grande parte dos habitos e da constituição dos individuos. Uma actividade continua do corpo e do espirito preserva muitas pessoas dos males que nascem dos appetites sensuaes, mas a maior parte d'aquelles que passam uma vida sedentaria, difficilmente as evitam. A sua imaginação, quando não é entretida por algum objecto util, anda sempre em procura de imagens e ideias voluptuosas, e inspira-lhes desejos, que satisfazem de uma maneira tão humilhante.

«Os rabinos judeus, pensando a respeito d'isto na conservação do vigor e da força do seu povo, ordenaram que o coito deveria ser exercido uma vez por semana por um camponez; por um negociante uma vez por mez; e por um sabio de dois em dois annos sómente. Por mais impraticavel que seja esta regra, o principio é justo, e podemos concluir d'elle que, se o acto natural exige estas medidas a respeito das differentes condições physicas dos individuos, o vicio secreto de que fallamos aqui póde ainda maiores cautellas.

«Epicuro e Democrito eram a este respeito quasi da mesma opinião que Zenão e Athleta, que para conservarem a sua força, nunca se casaram. É um excesso, mas em todo o caso, prova que em todos os tempos a perda do fluido seminal era considerada como uma perda da força vital. Pela mesma razão, Moysés, prohibindo o coito na vespera de uma batalha, queria conservar as forças dos seus guerreiros. Se observarmos os graus inferiores da organisação da natureza, vemos que muitas plantas morrem apenas florescem; que os animaes selvagens e os peixes emmagrecem depois da épocha do cio; emquanto que as plantas, cuja germinação se impediu durante dois annos, em vez de um, podem conservar d'este modo a força vital durante trez e quatro annos.

«Outra rasão que torna este mau habito tão prejudicial, é a de destruir completamente a moralidade do homem. Desde que esse vicio se apodera do organismo do homem, domina todos os outros sentimentos, persegue-o por toda

a parte, e apresenta-lhe imagens lascivas e voluptuosas, até nos actos de piedade. Lembramo-nos n'este momento de um individuo, que nos confessou não poder fallar jámais com uma mulher, sem procurar em seguida um logar secreto, onde désse livre curso á sua vergonhosa inclinação. N'esse momento, imaginava tel-a nos braços. Poderá haver cousa mais humilhante para um homem? O onanista é susceptivel de todas as especies de desordens do espirito, que o degradam abaixo do animal, e merece mais o desprezo que a compaixão do proximo. Não conhece nenhum prazer natural e o doce sentimento que experimentam os amantes nos seus abraços, apenas existe para elle na imaginação. O prazer que o coração sente e que deve ser muito differente d'essa especie de sensualidade puramente lasciva, que até uma prostituta póde dar, accelera a circulação do sangue, concorre para a digestão, repara as forças e conserva-as. É elle que dá ao casamento essa felicidade que o amor produz, e que Deus abençoa. O homem unicamente sensual finge desprezar estes gosos ineffaveis, porque o seu espirito depravado não lhe permitte concebel-os, nem gosal-os, e esse desgraçado zomba d'aquillo que não conhece!...

«O coito immoderado produz os mesmos effeitos que o onanismo (se se evitar o contagio) com a differença que no coito é physicamente impossivel evacuar os vasos spermaticos tão violenta e frequentemente, de modo que o mal tem necessariamente os seus limites. Além d'isso, o onanismo é um habito muito mais geral, e é exercido pelos rapazes, sobretudo na edade em que é importante conservar as forças vitaes no corpo que se desenvolve. Os que se tornam impotentes em consequencia de doenças venereas são, na maior parte dos casos, individuos que se entregaram a toda a especie de excessos, durante uma longa serie de annos. N'estes taes, o mal não é incuravel. O maior mal que devem combater aquelles a quem é confiada a vigilancia da juventude, é o appetite sensual que corrompe tantos rapazes e raparigas, antes da virilidade, os quaes, se chegam a casar, deploram amargamente a perda da sua potencia reproductora.

«Os sentidos, sobretudo a vista e o ouvido, são extremamente enfraquecidos pelo onanismo. O celebre Ritcher diz:

«Nenhuma cousa tem uma influencia tão desastrosa sobre os nervos opticos e produz tantas vezes a cegueira completa, como os abusos precoces dos prazeres sensuaes.»

«Hoffmann e Bœrhave, que serão sempre ouvidos com respeito, fazem allusão a isto mesmo, quando dizem:

«Não só diminuem as forças, mas tambem os membros se tornam rigidos; os olhos embaciados, e pesadellos violentos vem agitar o somno.»

«O professor Leyde observa:

«A perda de uma grande quantidade de fluido seminal produz a preguiça e a fraqueza, e torna incapaz de todo o trabalho; causa caimbras e magreza, destroe os sentidos, e sobretudo a vista.»

«A natureza vinga-se cruelmente de todos quantos violam as suas leis. Saibam os paes, os mestres, os educadores, emfim, que este vicio dilata a pupilla, enfraquece a vista, inflamma as palpebras, torna a luz insupportavel, sem

que se lhe possa dar remedio. No emtanto, estes males não são incuraveis, se os jovens doentes forem submettidos a um tractamento regular.

«Todos os sentidos se resentem d'este horrivel vicio, sobretudo o da vista, e muitas vezes resulta d'elle a cegueira completa, a alteração da intelligencia, a magreza, a consumpção, a phtysica pulmonar, o amollecimento da espinha dorsal e um aspecto completamente effeminado. Todos estes males augmentam, quando a irritação e a voluptuosidade é continua e habitual, de sorte que se podem tornar incuraveis. Como por este vergonhoso habito a alma é particularmente impellida á voluptuosidade durante o somno, a imaginação está constantemente occupada por imagens voluptuosas. A menor quantidade de fluido seminal preparado irrita os vasos spermaticos, tornados muito sensiveis: de fórma que elles procuram livrar-se logo d'esse generoso fluido, por terem perdido a faculdade de o conservarem. Effectivamente, a menor quantidade de sperma excita vivamente estas partes, pelo que não deve surprehender ninguem que em consequencia de uma dissipação seminal d'esta ordem, o moço mais cheio de vivacidade, e com o aspecto mais robusto, possa ser transformado dentro de pouco tempo n'uma especie de cadaver ambulante!...

«Um dos resultados produzidos quasi sempre pelo onanismo é a perda da memoria. Existe uma intima ligação entre o cerebello, que é o orgão da intelligencia, e o systema genital, de sorte que a doença ou a irritação de um exerce para logo uma grande influencia sobre o outro. Quanto mais nós applicamos as faculdades do nosso espirito, mais fracas se tornam as partes genitaes, e *vice-versa*. Se o homem abusa do instincto sensual, o seu espirito e a sua razão tornam-se confusos, indecisos, sem caracter, distrahidos, e estes effeitos correspondem perfeitamente ás leis da organisação. Nada, nem mesmo a ebriedade, póde destruir o espirito e a razão tão irreparavelmente, como o vicio do onanismo.

«O oitavo par de nervos, que serve o coração, os pulmões, o estomago e os orgãos digestivos, vem do cerebro e toca os nervos da face. É por isso que as doenças d'esta parte do cerebro se communicam a todos os outros orgãos, onde os referidos nervos vão parar. A digestão está submettida á influencia d'estes nervos, e ella é quasi sempre a primeira atacada pelos excessos sensuaes. A transformação dos alimentos em chymo e depois em chylo é uma pura funcção vital, e tudo o que perturba ou desarranja as forças vitaes diminue tambem a força da digestão, e torna-se causa de uma multidão de soffrimentos que flagellam o desgraçado hypocondriaco.

«Depois de se ter considerado attentamente a ligação das causas e effeitos, poderá suppor-se ainda que um liquido como o fluido seminal, preparado pela natureza com tanto cuidado, e que possue qualidades tão extraordinarias, possa ser dissipado impunemente, sem que d'isso resultem consequencias, que enfraquecem primeiro o systema nervoso, e em seguida os orgãos que d'elle dependem?

«As causas principaes das doenças e do enfraquecimento dos nervos, devem ser procuradas nas perdas, de qualquer especie que sejam; mas é todavia certo que a mais importante de todas ellas, a mais perigosa, e a mais difficilmente reparavel, é a do fluido seminal, se não se verifica naturalmente.

«O instincto da copula no homem não é limitado a certos periodos, mas o Creador, permittindo que esse instincto fosse permanente na creatura humana, pol-o todavia sob a tutella da razão, deixando-lhe apenas a escolha do tempo para o satisfazer. A razão determina o que é conforme ás disposições da natureza, do organismo humano e á propria vontade: mas ainda assim, o mancebo não deve satisfazer o instincto sexual desde que entrou na puberdade. Se não fosse isto, para que disporia a natureza que de todas as partes do corpo humano apenas os orgãos sexuaes tivessem necessidade de tanto tempo para se desenvolverem e aperfeiçoarem? Porque é que o cerebro, orgão da alma, amadurece muito mais cedo que os orgãos espermaticos? O fluido seminal, essa fonte da geração, deve, pois, com toda a razão ser considerado como o producto mais perfeito, mais fino e mais importante do nosso corpo. Deve considerar-se por tudo isto como a mais nobre das substancias vitaes, como um balsamo, contendo a quinta-essencia da materia.

«Em vista do que deixamos exposto, dão uma prova da maior cegueira e da mais crassa ignorancia, os jovens, que nos movimentos naturaes do instincto sexual que os espicaça, e na inclinação tambem que pela sua falta adquiriram para satisfazer esses movimentos, julgam necessario dissipar o fluido seminal, ou crêem, pelo menos, poder desculpar-se, considerando a excreção do fluido seminal, como qualquer outra excreção organica. Qual d'ellas é acompanhada de abalos tão geraes e tão violentos, de um extasi tão vivo em todos os sentidos? Que outra excreção apresenta symptomas tão vivos de esfalfamento? Qual d'ellas pelo seu humor vivificante póde assim produzir entes similhantes a nós? Qual d'ellas póde assim reter-se completamente? Emquanto que a conservação do fluido seminal até á edade viril tem os effeitos mais beneficos para o organismo humano, qualquer outra excreção, embora não seja possivel contel-a muito tempo, se permanece no corpo, tem as mais perniciosas consequencias para a saude, e vem a produzir a destruição do organismo.

«Os individuos que se deixam guiar mais pelos sentidos do que pela razão, e antecipando a edade viril, destroem a base delicada sobre a qual se funda a força physica, vão voluntaria e cegamente ao encontro do idiotismo e das doenças, de que serão flagellados no fim da mocidade. Desde este momento, passam a vida sob a inflencia continua de sensações tristes e doentias, que lhes tornam a existencia pesada e insupportavel. Persistindo nos seus habitos contra a natureza, minam completamente a saude, perturbam as funcções organicas e principalmente a digestão.

«Se estas observações são justas, e infelizmente tudo fornece a prova de que o são, quanto não é ridiculo o tratamento que, ignorando a causa do mal, procura a séde da doença nos orgãos digestivos! O doutor Ryan, tão eminente medico como grande conhecedor da natureza humana, diz:

«Do abuso dos orgãos sexuaes resultam não sómente grandes males para a moralidade publica, mas tambem para a saude individual.»

«Os nossos predecessores e alguns medicos mencionam ja esta doença, e todo o medico dotado de alguma experiencia, sabe quanto ella está vulgarisada.

«Ryan accrescenta:

«As pessoas sentimentaes e hypocritas não querem que se falle em similhante cousa, mas a justiça, a moralidade e a saude, bem como a propagação do genero humano assim o exigem.»

«Effectivamente, a tal ponto chegou nos tempos que vão correndo a hypocrisia, que basta fazer allusão a isto para se ser condemnado pelos ignorantes, pelos tolos, pelos basbaques, por todos emfim que não comprehendem a importancia d'este facto. E' portanto inutil, evidentemente, esperar o auxilio dos medicos, que ou de caso pensado ou por ignorancia, desprezam a causa d'esta doença. E, comtudo, não existe talvez doença alguma, cuja causa tenha sido indicada mais inexactamente, embora ella possa reconhecer-se tão sómente pelo estado do espirito do enfermo. Basta apenas que exista uma affecção que o occupe exclusivamente, e a reacção sobre os seus orgãos será visivel. A lingua está espessa e carregada; os intestinos não executam regularmente as suas funcções; o rosto é pallido, sem expressão ou triste; rodeia os olhos um circulo azulado; os labios tornam-se grossos; depois das refeições as faces tingem-se ligeiramente, e sente-se nos membros uma especie de peso, de cançasso. O doente sente muitas vezes uma eructação desagradavel, assim como acidez no estomago. Ou não póde dormir, ou tem o somno agitado por pesadellos. Em muitos casos, os symptomas da indigestão complicam-se por uma espessura inflammatoria, ou pela formação de ulceras na membrana mucosa do estomago. Quando se carrega no estomago com a mão, o doente sente dores; ha arrotos, flatulencias, vomitos. Ordinariamente, o rosto está pallido, a respiração é curta, o pulso frequente e póde notar-se um emmagrecimento gradual. Observam-se as complicações mais variadas nas mulheres que se entregam sem freio algum á voluptuosidade. O figado é affectado de uma maneira muito grave, e como a força do systema nervoso é destruida, este orgão fica sujeito a uma irritação inflammatoria.

«O doente tem uma tosse sêcca, e uma dor que se estende umas vezes do lado direito, outras do esquerdo para a espadua. Algumas vezes a tez é de um amarello terroso. Existe uma alteração nas funcções da bilis, a urina é muitas vezes turva, e de uma côr escura.

«Em taes casos, apparece sempre um mal-estar geral, uma rigidez e tremor dos membros, as symptomas de uma affecção da espinha dorsal e de uma irritação do systema nervoso; porque é preciso persuadir-se toda a gente que muitas doenças do estomago, do figado e dos intestinos, são as consequencias de um mal, que tem a sua séde no cerebro ou na espinha dorsal, e dependem de uma irritabilidade extraordinaria ou de secreções forçadas, que abalaram a força do systema nervoso.

«No sexo feminino, reconhece-se a doença pela côr pallida, amarella-esverdeada, pela lingua, pelas evacuações penosas, por um appetite irregular, pela magreza, pela menstruação perturbada, pelas caimbras do estomago, pelas dores dos rins, pela descida do utero, e pelo inchaço dos pés.

«Um symptoma frequente é tambem a indifferença completa para os prazeres sexuaes naturaes, o que é devido em parte á completa insensibilidade physica.

«Estas doenças são ordinariamente o effeito, senão do vicio do onanismo, pelo menos de um estado doentio do cerebro, que póde ser produzido se o doente cria continuamente imagens obscenas, ou alimenta a imaginação com esses romances sentimentaes que nascem no cerebro dos mais perigosos de todos os auctores. Estes livros são devorados pelas mulheres, enchendo-lhes o cerebro e fornecendo-lhes um alimento que lhes excita a imaginação, e lhes desperta o fogo dos instinctos sensuaes. O corpo soffre bem depressa d'este veneno funesto que ellas absorvem sob a fórma de sensações voluptuosas.

«A leucorrheia ou as flores brancas são uma doença observada muitas vezes nas mulheres não casadas. Alguns auctores parecem completamente convencidos de que esta doença tem por causa certos habitos viciosos e secretos, a respeito dos quaes não temos necessidade de nos explicarmos mais claramente. A nossa experiencia deu-nos provas da verdade d'esta asserção. O pae de familia deve vigiar cuidadosamente até mesmo a respeito dos conhecimentos e relações femininas de suas filhas, e observar tambem com escrupulo os livros que ella quizer ler secretamente. As proprias creadas podem ensinar as suas amas habitos deploraveis e corromperem-lhes o espirito pela conversação, despertando-lhes paixões, que deveriam pelo contrario ser reprimidas, ou então convenientemente dirigidas pelos paes.

«Já dissemos que a demencia é muitas vezes um effeito da sensualidade. O excesso dos prazeres sensuaes, mesmo no casamento, causa muitas vezes dores de cabeça. A irritação é muitas vezes tão grande, que póde ter as consequencias mais perigosas; os nervos da cabeça são obstruidos pelas contracções do coração: o proprio coração é algumas vezes offendido em consequencia da ruptura de um vaso, durante os excessos sensuaes. Diz-se que o poderoso rei dos Hunos, Attila, morreu durante o coito, em consequencia da ruptura de um grande vaso. Ha muitos exemplos de casos identicos. Ainda assim, é duvidoso se a morte foi effeito da ruptura de uma arteria, de uma tensão subita dos nervos, ou consequencia de um esfalfamento dos sentidos. Seja-nos permittido citar aqui a opinião do doutor Armstrong, um dos medicos mais illustres da Inglaterra.

«Este homem de sciencia diz n'uma das suas licções a respeito do vicio secreto do onanismo, considerado como causador de doenças de cabeça:

«Conheço um rapaz de 17 para 18 annos, que entrou aos 10 annos n'um collegio, onde todos os alumnos se entregavam a este vicio. Seguiu os maus exemplos, e o resultado foi tal que este rapaz, bonito, vivo e cheio de talento, ficou completamente idiota. Os olhos sahiram-lhe das orbitas, as pupillas dilataram-se-lhe, teve dores de cobeça e na espinha dorsal, e perdeu a memoria. Parece-me poder affirmar que reconhecerei na rua, apenas pelo andar, um homem dado a este vicio secreto.

«Portanto, aquelle que se entrega a este vicio vergonhoso não creia escapar aos olhos do observador. Alem das causas, de que fallámos, e que bastariam para explicar os motivos da demencia, ha ainda outras que produzem o enfraquecimento do espirito. Não está provado á evidencia que uma certa occupação de espirito póde ser causa da demencia? Assim, os poetas e pinto-

res, que se criam um mundo ideal são expostos em alto grau aos excessos da loucura. Ora, se ha no mundo um homem que se dê mais que outro qualquer ao jogo da sua imaginação, é decerto o escravo d'este vicio secreto. O espirito d'este homem está sempre absorvido pelo mesmo pensamento, ao qual procura dar incessantemente novas fórmas. A imaginação aquecida pelo fogo dos desejos anda sempre em procura de imagens voluptuosas, que não póde reter. Entregue a uma sensualidade insaciavel, não póde jámais satisfazel-a, de sorte que essa sensualidade augmenta cada vez mais. A demencia deve, pois, ser considerada como a consequencia mais frequente do onanismo.

«É muito para notar que os doentes, que se entregam ao onanismo, comprehendem melhor que ninguem ser este vicio fatal a causa do seu estado deploravel, mas em vez de resistirem ás imagens evocadas pela sua imaginação corrompida, cada vez se comprazem mais com essas imageus, apesar de pensarem que todo o mundo adivinha o seu segredo. Receiam o desprezo do mundo, que nem sequer se importa com elles. O corpo é, por assim dizer, destruido antes que a doença se declare, e apresente um estado de esfalfamento completo. Todas as forças ficam aniquilladas, a energia falta completamente, a doença transforma-se assim n'uma especie de indolencia incuravel. É impossivel descrever o estado do doente.

«O medico não póde seguir os progressos que o mal faz interiormente; tem que se limitar aos symptomas exteriores. A existencia d'esta indolencia que se aproxima da loucura annuncia-se em geral por uma grande fraqueza do corpo, uma indifferença, uma falta de resolução e de actividade, uma inclinação para a tristeza, porque está continuamente a pensar nas doenças futuras... O doente emmagrece, apesar de ter um appetite que se approxima da voracidade. As partes genitaes tornam-se-lhe tão fracas que o menor contacto produz a erecção, em consequencia da qual sahe do *pénis* uma materia mucosa que é segregada pelos glandulas da uretra, ou pela prostrata e pelos vasos spermaticos.

«Se estes ultimos symptomas se realisam de noite, são ordinariamente acompanhados de dores. Da uretra decorre então um liquido transparente e viscoso, e n'alguns individuos apparece uma irritação nervosa, que produz muitas vezes um esfalfamento total.

«Parecerá exaggero o dizer-se que mais de tres quartas partes dos alienados devem o seu triste estado ao onanismo; mas esta asserção é confirmada por um dos primeiros medicos dos nossos tempos, assim como pelos relatorios dos directores dos hospicios de alienados. Ordinariamente este habito tem origem nos collegios, onde ha grande agglomeração de creanças. Poucas ha exemptas d'este vicio, digam o que disserem, e é certo que uma ovelha gafa contamina bem depressa todo o rebanho. Mas o terrivel mal reina não só nos collegios, mas tambem nos seminarios, onde tantas vezes tem sido apanhado em flagrante.

«Os directores d'estes institutos têem o maior cuidado de affastar da sua visinhança as prostitutas, emquanto que um vicio muito mais perigoso exerce os seus funestos destroços no proprio sanctuario da sciencia.

«Mais de um genio ficou de todo perdido para o mundo pelos terriveis

effeitos d'este vicio. Fraqueza nervosa, paralysia nos membros, cegueira, impotencia, idiotismo, etc., são as consequencias d'esta paixão condemnavel.

«Será conveniente dizermos aqui ainda algumas palavras a respeito das doenças dos pulmões, cujo desenvolvimento é effeito dos excessos sensuaes, e que tantas vezes degenera infallivelmente em phthysica pulmonar, por effeito do onanismo. Comprehende-se facilmente que não se póde esperar nenhum bom resultado do tractamento das doenças pulmonares, nos casos em que a sensualidade é a sua causa secreta, e quando ella não é reconhecida pelo medico. Todo o homem vem ao mundo com uma predisposição para a doença de qualquer parte do corpo, mas muitas pessoas mudam por causas accidentaes (tal é o caso dos excessos da sensualidade) as condições principaes da doença, em elementos de uma actividade destruidora. Excessos frequentes e immoderados são considerados pelos auctores como as primeiras causas d'estas doenças. A principio observa-se que a urina se turva; todavia o appetite diminue pouco, e a lingua conserva o seu aspecto ordinario. Quando o mal augmenta, o pescoço inflamma-se; as vasos sanguineos dos olhos tornam-se de um branco nacarado; as faces mostram-se ora vermelhas ora pallidas, e a expressão do rosto do doente é muitas vezes triste.

«A sensualidade deve ser considerada tambem como a causa principal da gotta e das dores rheumaticas. É caso averiguado que os eunuchos jámais soffrem de gotta. A preguiça, a ociosidade, os desvarios da imaginação favorecem estas doenças, e está averiguado que os habitos viciosos e sensuaes tiram a força de supportar o tractamento necessario para a cura d'estes males.

«Entre os menores males que nascem dos habitos viciosos, devemos citar os exanthemas, que apparecem sobretudo no rosto, embora não sejam sempre a consequencia d'este vicio. De tempos immemoriaes, a opinião popular attribuiu a causa da queda dos cabellos aos prazeres immoderados, e esta opinião não é infundada. Um cabello abundante é quasi sempre signal de força sexual. Quando, em consequencia dos excessos, o crescimento do cabello diminue, parece que a natureza, que poupa os seus recursos, renuncia a este ornamento menos importante, e deixa embranquecer os cabellos, tirando-lhes o alimento necessario. Então a cabeça torna-se calva prematuramente, sem ter o caracter veneravel da velhice.

«A ausencia de cabello no rosto é muitas vezes uma prova de habitos sensuaes. Um rosto sem barba e uma voz feminina desagradam ás mulheres, e são para ellas assumpto de grandes zombarias.

«Ha uma especie de secreção purulenta differente da gonorrheia, que nasce ordinariamente em consequencia do onanismo. Se este mal não estiver ainda arraigado, é curavel, não por meio de injecções nem por outros meios locaes, mas sómente por um tractamento attento dos orgãos da sensualidade.

«Emfim, os testiculos soffrem muitas vezes tambem, em consequencia da causa indicada, de uma dureza ou inchaço chronico, e independentemente das affecções ordinarias a que estão sujeitos, pelo habito do onanismo, observámos frequentemente uma exsudação desagradavel dos vasos que rodeiam as partes genitaes. A affecção, posto que repugnante e facil de reconhecer, não é

acompanhada de graves perigos, mas serve para o medico intelligente como symptoma do doente se entregar ao vicio secreto. Dissémos que este mal é de menor importancia, em comparação com a desorganisação dos vasos do cordão spermatico, chamado *cirsocelo*, e que consiste na extensão e na inchação das veias do testiculo. Se dissermos que este mal, por cada cem onanistas que tractámos, se manifestou em vinte e nove, não exaggeramos. Esta desorganisação é muitas vezes acompanhada de violentas dôres. É quasi sempre um symptoma seguro da impotencia, e as partes genitaes acham-se, na maior parte dos casos, durante este tempo, completamente enfraquecidas.

«É notavel que muitos homens, quasi a ponto de se tornarem impotentes, não conhecem o estado do seu cordão spermatico, senão quando a fraqueza dos orgãos da geração e as ejaculações muito promptas lhe despertam a attenção a este respeito. Na sua obra sobre a pratica medica, o doutor Roberto Thomas, nota que «a intumescencia e a dureza da prostata *(scirrhus)* é uma doença, a que estão sujeitos os homens de edade avançada. Ella ataca sobre tudo aquelles que enfraqueceram os vasos seminaes pelo coito, ou pelo onanismo.» Mais longe diz «que a doença causada pelos costumes desenfreados da sociedade actual, tem a séde nos orgãos sexuaes e é provocada por apertos e pelo emprego das sondas. Ao cabo de certo tempo, sobrevem uma dôr forte e pungente, é difficil urinar e as dôres que se experimentam constituem um dos symptomas mais graves.»

«Qual é, pois, o nosso fim, quando procuramos explicar aos doentes que soffrem as consequencias dos seus excessos sensuaes? Alliviar as suas dôres, curar os seus soffrimentos e a fraqueza do seu organismo, e conseguir um resultado muito mais elevado e mais nobre — elevar-lhes o espirito. Temos a esperança bem fundada de libertar o escravo de uma paixão prejudicialissima, de vencer essa paixão e de obrigar o desgraçado a ser homem — o orgulho da creação e do seu proprio sexo, assim como o protector do sexo fraco. O tractamento do estado moral do doente é para nós a tarefa mais importante, e embora obrigados a censurar asperamente o vicio do onanismo, nunca recusamos a nossa compaixão a esta fraqueza e aos soffrimentos horriveis que d'ella resultam. O mais nobre dos nossos fins é restituir pouco a pouco os doentes a uma actividade conveniente e á alegria natural, libertando o seu espirito dos pensamentos perigosos, que continuamente o obsediam.

«A ociosidade é, sem duvida alguma, a fonte principal dos vicios e das más inclinações. Quando o espirito está occupado, a tentação perde a sua força. Quando o homem está entregue a um trabalho conveniente, tem menos vagar para cuidar d'esses perigosos costumes a que se vae entregar na solidão e secretamente. Os doentes sentem a sua degradação, deploram-na; mas é evidente que quando o espirito está tyrannisado por um pensamento predominante, os simples conselhos do medico são improficuos. É preciso quebrar o encanto, não procurando influir pelo medo, mas despertando os melhores sentimentos do homem, que podem estar enfraquecidos, mas nunca de todo extinctos. Ha individuos, aos quaes se representa em vão a gravidade dos seus habitos depravados. Não comprehendem que o onanismo é um crime con-

tra a natureza e a sociedade. Procuremos fazer-lhe comprehender que esses maus habitos, por isso que lhes esgotam as forças, os tornam incapazes de occuparem uma posição entre os seus similhantes. Façamos-lhe comprehender que muita gente conhece os seus vicios secretos pelos symptomas evidentes que apresentam. Insistamos tambem no desprezo e nas crueis ironias que terão de soffrer da parte das mulheres, repetindo-lhes o que dizia a amante de Ovidio: «Vae-te d'ahi, instrumento enfraquecido, impotente!...»

«Os paes, os educadores, os mestres nunca deviam esquecer *que da pureza da infancia e da adolescencia depende todo o seu futuro.* Por um uso moderado de prazeres sexuaes e por uma completa abstinencia d'aquelles prazeres que são produzidos *artificialmente,* consegue-se o desenvolvimento completo do corpo e das suas forças. Um homem perfeitamente desenvolvido e livre dos vicios que pódem destruir-lhe ou depauperar-lhe o organismo, póde supportar os ataques de uma edade avançada.

«A mocidade, diz Linneu, é a épocha mais importante, em que se desenvolve a força vital, e em que se fórma o corpo. Nada é mais para temer do que os excessos da voluptuosidade commettidos prematuramente. Raras vezes aquelle que se enfraqueceu na mocidade obtem a força completa de uma boa constituição. A velhice e a fraqueza apresentam-se bem depressa, e a chamma da vida extingue-se antes do tempo.»

«Mil e quinhentos antes de Linneu, já Plutarcho havia dito:

«Nada se deve desprezar para dar ao corpo a força e a flexibilidade, (os excessos sexuaes destroem tanto uma como outra) porque a melhor defeza de uma velhice bella e feliz é um corpo que não soffreu na mocidade.»

Démos na sua integra as interessantes considerações do doutor Laurentius a respeito do onanismo, pela importancia verdadeiramente notavel d'este estudo. Oxalá que muitos dos nossos leitores aproveitem os conselhos do illustre homem de sciencia, fugindo de um vicio indigno, que produz tão funestas consequencias!

Voltemos aos amores de Napoleão Bonaparte, depois d'esta longa digressão pelos dominios da pathologia e da moral.

Dspois do tragico fim da encantadora Eugenia Mello, Bonaparte não tardou muito a consolar-se.

Mezes depois, contrahiu relações com uma prostituta notavel, chamada Luiza Letang. O ardor do seu temperamento não podia apagar-se, e Luiza abandonou-o, sem suspeitar que aquellas ephemeras relações com o futuro grande homem a tornariam celebre um dia.

Quando procurava substituil-a, teve occasião de salvar a vida de uma formosa mulher, mas mesmo na hora de perigo, os sentidos fizeram ouvir a sua voz inperiosa, e Bonaparte gosou os encantos d'essa mulher, alli mesmo no incendio, rodeado de chammas por todas as partes!...

A lista das suas conquistas amorosas é quasi tão interessante e numerosa, como a dos vastos territorios mais tarde ganhos pela sua temivel espada.

Napoleão Bonaparte e Madame Daletti

Uma d'essas conquistas, porém, esteve para lhe custar a vida. Foi quasi o primeiro Waterloo do moderno Cesar.

Durante a sua estada na Corsega, enamorou-se da esposa de um tal Daletti, seu amigo. Declarou-lhe um dia a sua paixão, mas aquella dama, que era virtuosa e amava seu marido, recusou terminantemente ceder ás suas pretensões.

As *Memorias* contam assim este episodio:

«Persuadido, por desgraça minha, de que a posse de Madame Daletti era absolutamente necessaria á minha ventura; convencido, tambem fortemente, de que todos os meus esforços para renunciar á sua posse seriam inuteis, pensava tão sómente nos meios de chegar ao alvo, que me propusera energicamente attingir.

«Havia oito dias que ruminava a minha ideia, tendo a desgraça de ver sempre o campo do artificio e da intriga de uma esterilidade desesperadora.

«De subito, occorreu-me um ardil, velho como o mundo, mas que se me afigurava infallivel.—Aproveitar-me da primeira ausencia de Daletti, e ministrar a sua esposa um poderoso narcotico.

«Hesitei durante algum tempo, mas reflectindo um pouco, que mal havia n'aquillo? A dama teria, quando muito, uma ligeira indisposição. Lembrei-me que era este o unico meio de me livrar de uma paixão importuna, que me perseguia por toda a parte, e por isso não hesitei em levar a cabo o meu plano.

«Tractei, pois, de preparar o narcotico, cujo effeito devia limitar-se a produzir seis horas de lethargo, mas sem graves consequencias para a pessoa que o tomasse. Compunha-se entre outras cousas de polvora.

«Depois de o ter obtido, não o larguei um instante mais; trazia-o sempre no bolso, á espera que o senhor Daletti se ausentasse para poder pôr em pratica a minha ideia.

«Assim foram decorrendo seis semanas, até que um dia o meu amigo Daletti se viu obrigado, por causa de alguns negocios de familia, a passar uma semana em San Fioranso.

«A senhora Daletti tinha o costume de tomar chá todas as noites depois da ceia, e eu tencionava deitar a minha polvora soporifera no bule da aromatica bebida da minha bella.

«Assim o fiz, atravessando para esse fim a cosinha, com o pretexto de ir ver a dispenseira que costumava comprimentar todos os dias.

«Quando deitei o narcotico dentro do bule, a creada estava ausente. D'ahi a pouco voltou e serviu o chá. Eu, é claro, abstive-me de o provar, apesar das repetidas instancias, que me fez a dama, objecto dos meus desejos.

«Depois de lhe haver dado as boas noites, fingi retirar-me, mas como pela minha intimidade na casa, nunca me acompanhava creado algum até á porta, subi direito ao quarto de dormir da formosa Daletti. Conhecia perfeitamente a casa, e por isso facil me foi occultar-me alli, detraz de um guarda-vestidos.

«Estaria escondido havia meia hora se tanto, quando vi entrar a dona da casa, que dizia á creada:

—«Ernestina, parece-me que vou passar uma bella noite, porque estou morta de somno!...

—«Outro tanto podia eu dizer, minha senhora!...

—«Sim!...

—«É verdade! Ha muito tempo que não me dá um ataque assim! Ando quasi a cahir!

—«Pois olha, filha, o remedio é facil... Vae deitar-te.

—«A senhora não quer que a dispa?...

—«Não, vae-te, eu cá me despirei sosinha.

«Luiza, que segundo comprehendi, havia tambem bebido chá, não se fez rogar, e retirou-se ao seu quarto, que era logo por cima do de sua ama.

«A senhora Daletti não tardou a metter-se na cama, e d'ahi a pouco mergulhava no mais profundo somno.

«Não foram simples movimentos de alegria o que experimentei n'aquelle momento, ao vêr-me só com aquella mulher, de quem podia dispor a meu bel-prazer.

«E que mulher! Uma formosa ingrata, um baluarte de virtude, que nem por todo o ouro do mundo teria cedido voluntariamente aos meus desejos!...

«Senti uma especie de delirio, que me levou a cahir de joelhos defronte de um crucifixo pregado na parede.

«Pobre louco! Eu não ignorava que o Deus dos christãos condemnava com os tormentos eternos o crime que eu lhe estava agradecendo; mas podia lá raciocinar no estado em que me encontrava?!...

«Aquella aventura foi uma das mais notaveis da minha vida.

«A aventura era arriscada, não pelo receio que eu tivesse do despertar da senhora Daletti, visto que o meu narcotico era de uma energia averiguada. Mas no dia seguinte, ao despertar, se aquella mulher que até alli se mostrára para commigo de uma rigidez de principios inabalavel, suspeitasse por qualquer indicio do que se passára?

«Quem me assegurava a pelle contra a sua indignação.

«Ella era corsa, exactamente como seu marido; e na Corsega a *vendetta* nunca deixa impunes injurias como aquellas...

«Daletti era muito meu amigo, era; mas, se soubesse da vergonha que eu lhe infligia, se sua esposa, banhada em pranto lhe contasse a vil traição de que fôra victima, o meu compatriota matar-me-hia como um cão!...

«E depois, embora eu fosse apenas um escravo dos meus sentidos, não era um crime hediondo o que estava praticando! Aproveitára-me da minha intimidade n'aquella casa, da amizade com que alli me tratavam, para mais facilmente atraiçoar aquella familia!...

«Era infame aquillo! E a esta ideia, no meu intimo, levantava-se uma tempestade horrivel. De um lado, erguiam-se os sentimentos generosos do meu caracter, todas as minhas qualidades brilhantes, todas as ideias nobres, que me tornavam um adolescente promettendo um largo futuro de gloria; do outro, luctavam desesperadamente a minha sensualidade insaciavel, o meu tempera-

mento de fogo, que a tantas torpezas me impellia, e que ainda d'esta vez ia cantar victoria!...

«Era a sensualidade que vencia!

«Sentimentos generosos, remorsos, considerações de amisade, tudo batia em retirada. Diante de mim, estava apenas uma mulher bella, e essa mulher estava á minha disposição!...

«Portanto, gosal-a era apenas o meu fim!...

«Todo o meu ser estremecia com a agitação voluptuosa que experimentava n'aquelle momento. Senti uma cousa estranha, assim á maneira de um delirio epileptico, de que me ficaram signaes bem visiveis no resto da existencia.

«Effectivamente, depois d'aquella deliciosa noite, ou para melhor dizer, depois d'aquelle fatal instante, em que um narcotico poz á minha disposição a senhora Daletti, mudei completamente de caracter.

«Soffri grandes arrebatamentos. Ora me entregava á colera, ora ao prazer. Nem eu proprio sabia definir o meu estado!

«Não obstante, logo que os meus primeiros transportes se acalmaram algum tanto, metti-me no leito da minha bella adormecida.

....

«Encantado com a belleza das formas da minha amada, impellido pelo ardor da minha imaginação, gosei prazeres innarraveis. Ella, profundamente adormecida, mas estimulada por sonhos encantadores, doce effeito dos meus beijos, correspondeu tambem por mais de uma vez ás minhas ardentes caricias!...

CAPITULO X

SUMMARIO

Continuação dos amores de Napoleão I.—A noite deliciosa.—Nova prova de audacia.—O despertar de Madame Daletti.—Explicações.—A ceia.—A nova Locusta.—Primeiros symptomas de envenenamento.—Como uma mulher se vinga de uma injuria.—A *vendetta* corsa.—Stefana.—Domenico.—O assassinio de um rival.—Ultimas palavras do moribundo.—Juramento.—O casamento de Stefana.—A noite de nupcias.—No atalho.—Um drama de sangue.—Os costumes do primeiro imperio.—Josephina de Beauharnais.—Infidelidades de seu esposo.—A bella Hortencia.—Impressão causada pelos seus encantos em Napoleão.—As noites de Josephina.—O retrato de Hortencia defronte do thalamo conjugal.—Poder da imaginação.—O beijo.—Perturbação reveladora.—As caricias de Josephina.—Os banhos de Spa.—O ajudante de campo Savary.—A porta secreta.—O banho de Hortencia.—Ataque imprevisto.—O susto da victima.—Sacrificio a Venus.—A fuga.—A estalagem.—Entrevista solemne.—Hortencia humanisa-se.—O primeiro throno da futura rainha da Hollanda.—As noites de Spa.—O accordo.—Ciumes de Hortencia.—Os *tours de force* do imperador.—A fortuna de Napoleão.—Os boatos da côrte imperial.—Rambouillet.—A ilha dos Cysnes.—Encontro dos dois amantes.—Surprehendidos!...—As razões de Napoleão.—Napoleão, Hortencia e Josephina.—O novo Henrique VIII.—O pacto de familia.—Hortencia apparece gravida.—Como Napoleão corta o nó gordio.—Tudo em familia!...—A ameaça realisa-se.—As razões d'estado.—O divorcio.—Casamento com Maria-Luiza.—A surpreza de Courcelles.

Eis como as *Memorias secretas de Napoleão* I relatam o termo da famosa aventura de Madame Daletti.

«Estavamos no verão, e nunca detestei tanto como n'aquella noite os primeiros alvores da madrugada!...

«Não só me privava dos gosos que até então tivera, mas ia expor-me á colera de uma mulher indignamente ultrajada.

«Ser-me-hia facil fugir, sem ser visto, e foi esse até o meu primeiro pensamento; mas quando me recordei dos prazeres que havia gosado em tão poucas horas, repelli para longe a ideia de me retirar, sem me dar a conhecer.

«Sou novo, dizia eu a mim proprio, a minha amada, ao acordar, vendo-me a seu lado, conhecerá que já não póde disputar-me a sua posse.

«Porque a verdade é esta: tudo consegui, embora a pesar seu. Tive-a nos meus braços, gosei-a toda a noite, fui com ella o mais feliz dos homens.

«Póde ser que ao acordar venham suavisar-lhe a colera as doces recordações da noite... O mal está feito, já agora, servindo-lhe de desculpa a nenhuma parte que a sua vontade tomou n'elle; talvez que a prudencia, e quem sabe mesmo se a juventude, a impellirão a repartir commigo o excesso da sua ternura, o que me proporcionará d'aqui ávante muitas occasiões de nos vêrmos á vontade.

«Para pensar assim era mister ser muito intrepido e audaz. Outro qualquer não se exporia facilmente ao azar de uma scena d'aquelle genero. Eu a tudo me atrevi!

«No emtanto, por cautella, fui approximando do alcance da mão as diversas peças do meu vestuario.

«A bella adormecida começou a mover-se. Primeiro exhalou um profundo suspiro, e d'ahi a pouco foi despertando do seu lethargo...

«Não me havia enganado nos meus calculos. A dama conservava ainda uma doce recordação dos sonhos d'aquella noite, e com o espirito toldado pelas sombras do profundo lethargo, julgou-me seu esposo, e o seu primeiro movimento foi atirar-se-me aos braços.

«É claro que correspondi com vehemencia ás suas doces caricias. Achavamo-nos ambos mergulhados n'um oceano de prazeres, quando ella mais prompta que o raio, lembrando-se de repente da ausencia de seu esposo, saltou da cama, e descerrou as cortinas!...

«Não posso dar uma ideia do seu espanto, ao reconhecer-me. O primeiro impulso que teve levou-a a fechar a porta á chave. Surprehendeu-me este rasgo de prudencia, mas eu não conhecia a especie de mulher com quem me mettera, e pouco depois, infelizmente para mim, teria de a conhecer demasiado!... Mas não antecipemos os acontecimentos...

«Depois de ter fechado a porta á chave, Madame Daletti pegou nos seus vestidos que estavam sobre uma cadeira, e dirigiu-se ao gabinete de toilette para se vestir. Este gabinete deitava para o quarto de dormir.

«Confesso que aquelle silencio estava longe de me ser agradavel. Mas o sexo da offendida, e sobretudo a prudencia que n'ella se notava, tranquillisaram-me de prompto a respeito das consequencias d'aquella aventura.

«Vesti-me mais rapidamente ainda do que ella, e esperei com impaciencia que viesse ter commigo. D'ahi a pouco voltava ao quarto.

—«Senhor, disse-me ella, offerecendo-me uma cadeira; tenho estado a pensar maduramente no horrivel crime que teve a cobardia de commetter...

—«Meu Deus! Eu quero explicar o meu procedimento...

«Ella interrompeu-me bruscamente.

—«Deixe-me fallar, senhor!

—«Bem, disse eu, humilhado, queira continuar, minha senhora!...

—«Graças a uma bebida traiçoeiramente propinada, conseguiu, o que eu nunca lhe tivera dado, mesmo a preço do meu sangue, comprehende?!...

—«Ai, demasiado o sei, minha senhora!...

—«Poderia vingar-me d'esta affronta...

—«Pois vingue-se!... Quer matar-me?!

—«Não; o mal é irremediavel!

—«N'esse caso...

—«Calle-se, senhor! Quer saber porque não me vingo? Para não fazer morrer de dôr e de vergonha o digno esposo que me adora. Perdi a honra, é verdade, mas o segredo ficará entre nós, ouso crêl-o!. .

—«Juro-lhe que não se engana, minha senhora!...

—«De resto, a minha innocencia far-me-ha esquecer de todo uma falta, que não commetti.

—«De certo!...

—«Agora, senhor, acabaram as minhas recriminações... Só lhe peço uma cousa.

—«O que é?! Falle!...

—«Que nunca mais em sua vida abra os labios para me fallar da sua paixão, ou da noite fatal, que teve a cobardia de conseguir passar a meu lado.

—«Embora muito me custe, embora seja terrivel para mim esse sacrificio, procurarei obedecer-lhe.

—«Exijo mais ainda!

—«Ordene, minha senhora, e obedecer-lhe-hei submisso, por isso que me confesso culpado.

—«Quero que continue a tractar meu marido, como até agora...

—«Porque? perguntei admirado.

—«Porque receio que uma ausencia absoluta d'esta casa dê logar a qualquer suspeita.

—«Tem rasão, minha senhora. Continuarei a vir a sua casa!...

—«Bonaparte, com estas condições perdôo-lhe o crime que praticou. Quer submetter-se inteiramente a ellas?

—«Mas... nem ao menos?!...

—«Basta, senhor, nem mais uma palavra!... Acceita?...

—«Acceito!... murmurei eu, completamente resignado.

«Eu não podia explicar muito bem a mim proprio aquelle sangue-frio e aquella indulgencia da senhora Daletti, depois do que se passara. No emtanto, como o partido que ella adoptara era o mais prudente e razoavel, cedi, como acabam de vêr.

«Não vi nem nas suas palavras nem no seu olhar symptomas de azedume ou de resentimento... Isto animou-me a pretender desculpar o meu crime com a violencia da paixão que me dominava...

«Ella, porém, impoz-me silencio, e disse-me com um sorriso delicioso:

—«Não fallemos mais em tal... Está perdoado!...

—«Mas...

—«Basta! Já esqueceu o nosso ajuste?!... Póde sahir e não se cance mais a prégar, porque não me convence, creia!...

«Vi que não me restava esperança alguma de a decidir a acceitar novas provas do meu amor, e por isso tractei de lhe obedecer. Ella então fez-me sahir por uma pequena escada secreta.

«Não posso negar que o aspecto que o caso havia tomado estava longe de me desagradar. A aventura acabara bem, e quem sabe? Talvez um dia eu lograsse vencer o extremo rigor da senhora Daletti.

«Dois dias depois, chegou o marido. Tractei-o como se não tivesse succedido cousa alguma. A dama offendida mostrava-se para commigo de uma amabilidade extrema, de uma alegria, que verdade, verdade, não era lá muito natural.

«Notei, por essa occasião uma cousa. O marido observou-lhe que estava pallida, e ella respondeu que talvez fosse por causa de uns banhos que tomára.

«Não liguei grande importancia á resposta, vendo apenas n'ella uma pequenina alfinetada da dama, uma allusão ao meu procedimento.

«Haviam decorrido quatro mezes depois da minha aventura, continuando sempre a frequentar a casa como antigamente. Não notára a menor mudança, nem nos modos do marido, nem nas attenções e amabilidades que a esposa me prodigalisava. Lembro-me apenas de me ter atrevido um dia a evocar a recordação dos pesares que lhe havia causado.

«Ella respondeu-me sorrindo:

—«Ora adeus! O senhor é uma creança! O seu silencio reparou todo o mal que me fez!...

«Esta resposta não podia deixar de me tranquillizar completamente.

«Ai de mim! Dormia tranquillo sobre a cratera de um vulcão, e o acordar ia ser terrivel.

«Uma noite em que fui como de costume a casa de Daletti, a dama disse-me:

—«Sabe?! O seu amigo ceia hoje fóra...

—«N'esse caso, retiro-me...

—«Ora essa! Porque?

—«Como, senhora!

—«Quer fazer-me um favor?

—«Diga! Bem sabe que lhe obedeço em tudo.

—«Ceie hoje commigo!...

«Não podia voltar a mim do meu assombro. De resto, o convite lisongeava demasiado o meu amor proprio para que o recusasse.

—«Quer saber uma boa noticia? Aquelle prato de que tanto gosta está prompto. Mandei-lh'o fazer de proposito!...

«Demonio! Pensava eu... O que significam tantas attenções? Dar-se-ha caso que ella queira renovar a scena d'aquella noite?

«E a esperança e o desejo duplicaram-me o appetite. Não comia, devorava!...

«No fim da ceia, chegou Daletti. Dei-o mentalmente a todos os diabos, e o meu desejo era tel-o n'aquelle momento a cem leguas de distancia!...

«Era mister despedir-me, porém, e retirei-me.

«Estaria deitado, quando muito, ha duas horas, quando horriveis dôres de estomago me despertaram.

«Chamei por alguem sem perda de tempo. Minha mãe levantou-se logo, e d'ahi a pouco minhas irmãs e os creados.

«Minha mãe, ao entrar no quarto, deu um grito de horror. O mal havia-me decomposto inteiramente as feições.

«Chamaram logo um medico, mas ou fosse pela sua ignorancia, ou por a doença o ter enganado, o caso é que me receitou uma bebida, que mal me diminuiu as dôres até ao dia seguinte.

«Minha mãe déra noticia da minha indisposição á senhora Daletti, muito

nossa amiga, para não tomar parte nos nossos soffrimentos. E de feito, apenas amanheceu, já ella estava á cabeceira do meu leito em companhia de seu marido.

—«Que é isso? perguntou-me ella com a sua voz meliflua... O que tem, meu querido Napoleão?

—«Não sei, minha senhora. Sinto dôres horriveis!...

«Ella então approximou-se-me do ouvido, e disse-me de modo que só eu podesse ouvil-a:

—«Eu sei a causa da sua doença!...

—«Sabe?! O que é? Diga, diga!...

—«Ouça-me com attenção. O senhor deshonrou-me vil e traiçoeiramente, e eu vinguei-me!

—«Vingou-se! Mas como?! Que quer dizer?...

—«Pois não adivinha ainda?...

—«Meu Deus, será possivel!...

—«É certo! Eu envenenei-o! Quer?! Meu esposo está ahi conversando com sua mãe. Diga-lhe o seu crime, que eu contarei tambem a minha vingança!...

«E dizendo isto, affastou-se do leito, e foi sentar-se defronte n'uma cadeira.

«O meu primeiro pensamento foi desmascarar aquella preversa mulher, mas conteve-me a presença de Daletti. Aquelle pobre homem adorava a esposa, e confiava cegamente na sua honra. Ás primeiras palavras da envenenadora, ter-se-hia apoderado de mim, cego de colera, e arrancar-me-hia a vida, alli mesmo, á vista da minha familia.

«Comecei a pensar no meio de me livrar de dar explicações perigosas, e lembrou-me dizer a minha mãe que Madame Daletti me acabava de trazer á ideia que, por occasião da ceia em sua casa, comera um prato de cogumellos, que talvez me tivessem envenenado.

«Correram logo em procura do medico, e apenas elle chegou, eu, pedindo-lhe que não assustasse a minha familia, declarei-lhe que me tractasse como a um homem envenenado, porque tinha imprudentemente comido n'um prato de cobre mal estanhado.

«Em consequencia d'este aviso dado por mim ao ouvido do doutor, foram-me logo ministrados todos os contra-venenos conhecidos.

«Durante esta scena, a cruel Daletti contemplava-me com um barbaro regosijo. Os seus olhares horriveis pareciam redobrar de brilho com as minhas dôres. Ah! que se n'aquelle momento, as minhas forças estivessem em harmonia com a minha vontade, eu teria alli esmagado aquella viborasinha!

«Antes de partir, teve a audacia de se approximar novamente do meu leito de dôr, para me dizer:

—«Coragem, coragem, meu amigo! É joven, e cheio de vida, póde ainda salvar-se!...

«O marido quiz apertar-me a mão:

—«Deixe-me! disse-lhe eu furioso.

«Elle ficou suspenso, ao ver-se tractado d'aquelle modo.

— «Que lhe fiz eu, Napoleão, para me fallar assim!...

— «Fui envenenado á sua meza!

— «Mas...

— «Quem sabe se este envenenamento foi planeado de ante-mão!...

— «Essa suspeita é ultrajante, demais a mais partindo do senhor!...

— «N'estes tempos de revoltas e de anarquia, tudo é possivel. Póde ser que houvesse quem encommendasse a minha morte a sua mulher ou a qualquer dos serviçaes da casa!...

«Daletti, que ignorava o que se passara entre o doente e sua esposa, dispunha-se a responder-me... mas eu cerrei bruscamente as cortinas, e accrescentei:

— «Se escapar, lembre-se de uma cousa, Daletti!...

— «Diga, explique-se! bradou elle furioso.

— «As nossas relações acabaram!...»

....

As *Memorias secretas* contam que Napoleão, ao restabelecer-se d'aquella tentativa de envenenamento, jurou vingar-se da Daletti, e conseguiu vingar-se. Não deve surprehender-nos esta serie de vinganças. Napoleão e a sua terrivel inimiga eram corsos... *A vendetta*, a terrivel *vendetta* nunca deixou alli impune um crime, quer seja um crime de sangue, quer uma violação da honra, como o caso de Napoleão com Madame Daletti.

A Corsega é o paiz do drama. A aventura de Stefana mostra bem o caracter dos compatriotas do heroe, cujos amores estamos contando.

Querem ouvir a historia de Stefana?

A bella filha da Corsega caminhava apressadamente pelo atalho sombrio, semeado de pedras e orlado de tojos e silveiras...

Demorara-se tanto! O que lhe valia era que Domenico tinha paciencia... para ella. Aquelle robusto rapaz, de olhar tão altivo, que ninguem era capaz de o obrigar a abaixar os olhos, tornava-se nas mãos d'ella um escravo. Uma palavra, um signal, e elle obedecia docil e contente! Dissera-lhe: «Espera-me, que esta noite virei,» — e Domenico lá estaria. Era por culpa d'ella que os velhos se tinham deitado n'aquella noite meia hora mais tarde que de costume? Emfim, chegava, e bem cansada, porque tinha vindo sempre a correr. A' frouxa claridade que cahia do ceu, divisava já ao longe as arvores, em cujo mysterioso recesso elle devia estar á sua espera. Oh! como seria bom o beijo ardente e demorado, que ia escaldar-lhe os labios, mais ardente e mais demorado ainda pela febre da impaciencia!...

Chegou. Ninguem!...

Como ninguem?! Pois Domenico, o seu apaixonado, não estava alli á sua espera?

De repente, Stefana soltou um grito feroz. A tres passos d'ella, diante dos seus olhos, na sombra projectada pelas arvores, jazia estendido um vulto, Domenico, talvez!

Era elle! Morto?... Não, vivo, porque um suspiro acabava de fugir dos

seus labios; mas ferido, porque esse suspiro similhava-se ao estertor de um agonisante.

—«Domenico! Que tens tu! O que se passou aqui? Responde!... Falla!...»

E lançou-se sobre elle com um ardor de féra. Erguendo-lhe a cabeça, deitou-a sobre os joelhos, e cingiu-o nos braços com um sombrio desespero.

Uma queixa abafada respondeu-lhe emfim. Domenico acabava de abrir os olhos.

—«Falla! disse ella desvairada. Estás ferido?»

—«Mortalmente ferido,» disse o rapaz com voz enfraquecida.

—«Cala-te! Não digas isso!...»

—«É a verdade!...»

—«Mas tens a tua faca á cinta!... Não te bateste?...»

—«O cobarde feriu-me pelas costas!...»

—«Miseravel!... Quem foi?!...»

—«Pietro...»

—«Pietro!... Pois foi elle que te matou! E porque?...»

—«Porque te ama!...»

—«Ama-me!?... Quem t'o disse?...»

—«Elle proprio. Jurou que não pertencerias a outro!»

—«Infame!...»

—«Stefana! Eu morro! Faze um juramento tambem!»

—«Qual?!...»

—«Jura-me que nunca serás d'esse homem!...»

—«Juro-t'o!...»

Seis mezes mais tarde, Stefana casava com Pietro, em presença de toda a aldeia, reunida para festejar aquellas bodas auspiciosas.

N'essa mesma noite, no atalho sombrio, rodeado de penedias e de silvados, á luz branca das estrellas, Stefana caminhava vagarosamente. Um homem ia ao lado d'ella com o mesmo passo vagaroso, voltando por vezes a cabeça para a sua companheira, para contemplar o seu formoso rosto, puro e branco, onde dois olhos negros fulgiam com um brilho doce e sombrio...

—«Stefana, disse o homem parando, o caminho é longo bastante... Quer encostar-se ao meu braço?»

—«Não, respondeu ella, ainda não. O caminho não póde parecer longo, porque me conduz onde quero ir. Não me sinto cançada.

—«Como! Pois nem mesmo n'esta noite das nossas nupcias, terei a felicidade de a conduzir pelo braço até á porta da nossa casa?...»

—«Obrigada, respondeu Stefana. Não me conhece ainda bem, Pietro. Tenho um genio muito singular. Preciso de me sentir só, o mais tempo que me seja possivel. Bem o viu ainda agora, quando pedi aos nossos amigos, contra os usos estabelecidos, que não nos viessem acompanhar até casa. É mister acceitar-me tal qual sou!...»

—«E não te adoro eu bastante, apesar de todos os teus caprichos, disse o rapaz com a voz suffocada pelo impeto da paixão que lhe escaldava o sangue.

Bem o sabes tu, que ha trez mezes me trazes preso a ti, como um cão humilde e submisso!... Que desejes estar só, comprehendo eu. Mas estar commigo, é estar só, se é certo que me tens verdadeiramente amor, se é certo que o teu coração entrou dentro do meu... Porque recusas o meu braço? Já te arrependeste de me ter aqui a teu lado?...»

—«Não!»

—«Pois então encosta-te a mim, como deve encostar-se a mulher a seu marido. Stefana! Peço-t'o!...»

E approximou-se d'ella. Mas a rapariga repelliu-o com um gesto brusco e quasi violento. Pietro encarou-a surprehendido. Procurava ver-lhe o rosto, mas os olhos mal a distinguiam. Via-lhe apenas o vulto, destacando-se vagamente da sombra de um macisso de arvores, cujos ramos pendiam sobre o atalho.

Houve alguns momentos de silencio. A final a rapariga parou, e disse estas palavras com uma voz firme e serena, em que não se notava nem o mais leve fremito:

—«Pietro, reconheces este sitio?»

—«Que sitio?...»

—«Aquelle em que Domenico foi assassinado!»

O rapaz estremeceu violentamente.

—«Domenico! balbuciou elle. Foi aqui?!... Parece-te isso?...»

—«Ninguem melhor do que tu poderá sabel-o, continuou Stefana, porque foste tu que o mataste!...»

—«Eu?!...»

—«Não negues! Foste tu!...»

—«Quem disse tal?...»

—«Foi o proprio Domenico!...»

—«A quem?...»

—«A mim, que recolhi o seu derradeiro suspiro!...»

Pietro crusou os braços e ficou um momento silencioso.

—«Pois bem! E depois?...» perguntou elle afinal.

—«Depois? continuou Stefana. Nada! Que te posso eu dizer que tu não saibas? Ah! Alguma coisa talvez. Eu amava Domenico... Sabial-o?...»

—«Sabia!... Foi até por isso que o matei!...»

—«Amavas-me tambem, n'esse caso?»

—«O que pratiquei é uma prova d'isso!...»

—«Uma prova! Foi então para mereceres o meu amor que te tornaste infame?!...»

—«Que dizes tu, Stefana?...»

—«A verdade. Domenico morreu assassinado!»

—«E' falso!...»

—«E' verdade! Quando cahiu, a sua faca não lhe tinha sahido da cinta!...»

—«Mentira! Ninguem encontrou essa faca no cadaver de Domenico!...

—«Foi porque houve alguem que lh'a tirou!...»

—«E quem foi?...»

—«Eu!... Eil-a aqui!...»

E com um gesto rapido, a rapariga abriu o corpete e tirou do seio uma lamina de aço curta e direita, que Pietro lhe viu brilhar na mão.

O noivo levou a mão á fronte escandecida.

—«Estarei sonhando? disse elle emfim com voz rouca. E's tu que me fallas, Stefana? Acaba, por Deus!... Que pretendes de mim?...»

—«O castigo do teu crime! Toma esta arma, e mata-te!...»

—«Loucura!...»

—«Não, justiça! Estás ahi diante de mim, exactamente como eu desejava vêr-te, louco de amor, e ebrio de raiva, sob o meu desprezo! Para que Domenico fosse vingado, era preciso isto: a tua illusão completa, para que o teu desespero fosse absoluto! Até este momento, tudo acreditaste, e esperavas possuir-me, cheio de confiança no meu amor! Estendes ainda as mãos, mesmo a pesar teu para segurares este bello sonho que foge! Tu és meu marido, eu sou tua mulher, e nunca houve no mundo dois seres separados por um abysmo mais profundo e mais implacavel! Aquella com quem tu esperavas dormir esta noite, lado a lado, no extase de um amor correspondido, ergue-se n'este momento diante de ti, feroz e implacavel, com a faca da tua victima na mão, e diz-te: «Pietro, esta lamina tem sede do teu sangue! Toma-a, e crava-a n'esse coração de traidor!...»

—«Estás louca, Stefana?!...»

—«Recusas matar-te?...»

—«Matar-me na propria noite do meu casamento!... Ora adeus! A noiva é demasiado bella pàra que eu me resolva a deixal-a!...»

—«Recusas, e tens a audacia de zombar? Ahi tens, cobarde!... Sou eu propria que me faço viuva!...

«Soou um grito nas trevas, e Pietro cahiu fulminado!...

Referimos n'este capitulo as principaes aventuras galantes do audaz conquistador, porque, se é certo que nos reinados de Luiz XIV, Luiz XV e Luiz XVI os excessos da côrte se reflectiram nos costumes populares, a vida intima de Napoleão I pinta perfeitamente o estado dos costumes, durante o primeiro imperio.

As conquistas militares não distrahiam o animo do povo a ponto de lhe fazerem esquecer as conquistas menos bellicosas da galanteria, e póde affirmar-se que n'esse periodo, que vae do principio do seculo até 1815, a prostituição se desenvolveu prodigiosamente.

Este periodo, como todos sabem, foi um periodo verdadeiramente militar. A liberdade de costumes era ampla. O adulterio era facto vulgarissimo, o estupro não surprehendia ninguem, e pelo que toca ao incesto, quem ligava consideração a essa bagatella! A épocha era de *conquistas!...*

Acompanharemos novamente o imperador na sua epopeia amorosa.

Apesar de ter casado com Josephina de Beauharnais, Bonaparte não poz

cobro aos seus galanteios. Nem a sua elevada posição de primeiro consul, nem as preoccupações politicas, nem a ambição de dominar o mundo inteiro, podiam contel-o nos seus desejos lascivos, na violenta e rapida execução dos seus caprichos libidinosos.

Josephina era um anjo de bondade. Amal-a-hia Napoleão? Quem sabe? Talvez a amasse fraternalmente, mas muito em segredo. Em compensação, as apparencias accusavam-no de a odiar por não lhe dar filhos. De resto, não parece ter-lhe tido muito amor, por isso que não soube detel-o nas suas paixões a ideia de um horrivel incesto.

Vejamos o que dizem as *Memorias secretas* a este respeito:

«Josephina via com prazer o carinhoso affecto que eu manifestava por sua filha Hortencia.

«Nunca poderei esquecer o modo como minha esposa me disse um dia:

—«Se houvesse ainda, meu querido, alguma cousa que podesse tornar-te mais amavel aos meus olhos, seria a muita amisade que tens a meus filhos!...»

«Como te enganavas, Josephina! Como tu ignoravas que teu marido sentia por Hortencia todo o fogo de uma paixão lasciva!... O meu desejo seria eleval-a ao thalamo real.

«Passar dos braços de Josephina para os de Hortencia, parecia-me então uma cousa bem insignificante. Se o desejo de possuir uma mulher, é um crime, porque é então que se fórma dentro do nosso coração esse desejo?

«E podia eu, por ventura, reprimir n'aquella occasião os desejos que Hortencia me inspirava? Não. Fiz para me distrahir d'esta paixão quanto era possivel fazer-se, mas tudo em vão! E comtudo o meu poder era absoluto!

«Para a esquecer lancei-me com todo o vigor nos braços de minha esposa. A vista de Hortencia triplicava as minhas forças e os meus desejos. As noites que passava com Josephina deixavam a pobre mulher quasi exanime. Cobria-a de beijos, enchia-a de caricias, mas, oh doce effeito da illusão! Apezar de me lançar nos teus braços, minha querida mulher, não era a ti que eu estreitava contra o coração! Era a tua filha! Não era o teu peito que eu cobria de beijos... Era o d'ella! Expirava de prazer nos braços de Josephina, pronunciando em voz baixa o doce nome de Hortencia. Este desvario da minha imaginação durou por espaço de oito mezes.

«Durante este tempo, não tive outro leito, senão o de minha mulher, e julguei que poderia assim ir enganando a minha mente enamorada. Levei mais longe ainda a illusão. Isabey retratou Hortencia, e eu mandei collocar secretamente o seu retrato defronte do thalamo conjugal, de modo que durante a noite e algumas vezes de dia, ao apertar nos braços sua mãe, olhava para aquella imagem adorada, e a illusão era então completa!...»

«Ao escrever a minha vida intima, quizera não ser culpado nem para com Josephina, nem para com Hortencia. Sinto remorsos. Meu pobre irmão, suspeitando da origem dos seus filhos, e desprezando a sua formosa esposa, será sempre para mim uma censura dolorosa! A sua memoria perseguir-me-ha

por mais tempo do que a de todas as desgraças e infortunios, que alguns francezes ingratos me lançam em rosto!...

«Vendo a cada passo a formosa Hortencia, admirando as suas graças, era muito superior ás minhas forças não lhe dar a entender que não me contentava facilmente com as honras de ser seu padrasto, mas que desejava ser seu amante!

«Um beijo que lhe dei sobre os labios foi um raio de luz para ella, a respeito das minhas intenções.

«Esta descoberta deixou-a n'uma situação embaraçosa, difficil de descrever. Muda e confundida, não ousando evitar-me por causa do respeito, recorreu ao pranto, a *ultima ratio* das mulheres, e as lagrimas innundaram-lhe as faces purpurinas.

«N'aquelle momento entrava Josephina. Viu-me alli em pé, com os olhos incendidos, e o rosto abrasado no fogo da concupiscencia, e Hortencia lavada em lagrimas... Josephina viu este quadro e adivinhou a causa! A scena era devéras extranha... Pae, esposa e filha não se atreviam a fallar, receiando-se mutuamente.

«Dirigi-me ao quarto de dormir da imperatriz, e arremessei-me sobre uma ottomana. Hortencia, extremamente commovida, retirara-se tambem para o seu quarto, e Josephina veiu ter commigo.

«Eu abrasava n'aquelle momento, e a minha cabeça era um vulcão. Minha esposa lançou-me os braços ao pescoço, e osculou-me amorosamente a fronte. Uma lagrima, que não poude conter por mais tempo, cahiu-me sobre as faces. Como era ardente aquella lagrima! Queimava!

«Olhei para Josephina... Pareceu-me uma creação celeste no meio da sua dor. Apertei-a contra o coração, cobri-a de beijos... Josephina abriu os olhos... e viu-me mergulhado na embriaguez da ventura!...

—«Tu morres de prazer nos meus braços!...

—«Sim, minha querida Josephina!...

—«Oh, mas eu receio que a tua imaginação te esteja representando outra mulher!

— «Oh não, não! Acredita!

—«Asseguras-me que não tenho razão?

—«Juro-t'o!...

—«E' porque eu, sabes? morreria de dôr, se assim fosse!... E tu não queres que eu morra!

—«Não digas isso!...

—«Amo-te!

—«Minha adorada Josephina!...

—«Sou bella ainda?

—«Oh sim! sim!...

—«Pois n'esse caso, continuarei a sel-o por muito tempo. Multiplicarei os meus encantos, vivirei quinze, vinte, trinta annos, para ti... sómente para ti, meu querido esposo!

—«Comprehendo e retribuo esse amor, que tu me consagras!...

—«Aqui tens uma prova, n'este beijo!...

«E os seus labios ardentes puzeram nos meus um demorado osculo.

—«Meu querido, este beijo de amor que imprimo nos teus labios, é suave como tu nunca receberás outro na tua vida.

—«Oh!...

—«Meu querido Bonaparte, contenta-te com tua esposa. Não a troques por nenhuma outra!

«Estas palavras revelavam-me claramente ter a doce Josephina penetrado o segredo do meu amor por sua filha. Fingi não haver percebido a allusão, e a consciencia accusava-me de não poder recompensar dignamente tão grande amor... mas o veneno do desejo circulava me nas veias. Amava, adorava doidamente Hortencia.

«Nenhum poder humano podia roubal-a ás minhas caricias.

«Até ahi ella não podia senão suspeitar do meu amor: quiz convencel-a a todo o transe d'este sentimento que me inspirára.

«Josephina adivinhou-o, porque me conhecia perfeitamente, e por isso tomou o unico partido que lhe restava n'aquella situação—affastar Hortencia do palacio.

«Os medicos, industriados pela imperatriz, declararam que sua filha devia tomar os banhos de Spa, logo que convalescesse da ligeira doença que tinha soffrido.

«Não ignorei por muito tempo que esta decisão dos homens da sciencia havia sido sollicitada por Josephina, e por isso tractei logo de formar o meu plano.

«O meio adoptado, para pôr Hortencia a coberto das minhas perseguições, não tardou a ser o caminho mais seguro para m'a lançar nos braços.

«Pouco me importava o modo de conseguir apoderar-me da minha bella enteada; o caso para mim era que ella não podesse fugir ás minhas caricias.

«Savary, um dos meus ajudantes, recebeu ordem para fazer partir no mesmo instante um architecto para Spa, com instrucções para abrir uma porta secreta, não só no gabinete onde Hortencia devia tomar banho, mas tambem no seu quarto de cama.

«As minhas ordens foram executadas com uma exactidão que excedeu os meus desejos. O architecto abriu na espessura das paredes passagens, artisticamente disfarçadas com espelhos.

«Preparadas assim as cousas, eu suspirava tanto como a propria Josephina, por que chegasse a hora da partida da encantadora Hortencia.

«Os medicos declararam emfim que a doente podia fazer jornada.

«Minha esposa teve para commigo uma delicada attenção. Veio pedir-me licença. Concedi-lh'a com a maior indifferença, para não inspirar a mais pequena suspeita do plano que tinha urdido.

«Para melhor a enganar, mandei preparar immediatamente as minhas equipagens, e dei a entender que desejava ir visitar os departamentos do Rhodano e de Isère.

«Havia quatro dias que Hortencia partira para Spa, quando sahi da ca-

Hortensia no banho

pital. Acompanhavam-me Murat, Duroc e Caulincourt, sem saberem uma palavra do meu projecto.

«Quando cheguei a Fontainebleau, ordenei que a minha comitiva seguisse para Dijon, emquanto que eu e Savary, vestidos como simples ajudantes de campo, corriamos a todo o galope na estrada de Spa, onde chegámos á meia noite do dia seguinte.

«Bella Hortencia! Como tu ignoravas a essa hora achar-se tão perto de ti o homem que a tua mocidade e as tuas preoccupações te faziam evitar!...

«Pobre Josephina! A essa hora, suppunhas teu esposo a caminho da segunda capital de França, occupado em averiguar as necessidades dos seus vassallos, emquanto que elle, o ingrato! ia surprehender e estreitar nos seus braços a seductora menina a quem tu havias dado a existencia!...

«Um aposento visinho do quarto da bella Hortencia esperava-me no segredo d'aquella noite, mas eu sentia-me fatigado, e por isso deixei para o dia seguinte a satisfação de um desejo que tão imperiosamente me dominava.

«Nunca senti uma impaciencia egual; nunca tive desejo tão intenso como aquelle que me agitou desde o romper d'alva até á hora em que minha enteada se dirigiu para a casa do banho. Finalmente, um creado, o unico que conhecia o segredo da porta mysteriosa, veio prevenir-me de que Hortencia ia entrar no banho.

«Agradavel noticia! Entrei no meu esconderijo, colloquei o dedo na mola, e abriu-se suavemente um espelho na parede. Poude vêr assim todos os accessorios d'aquelle recinto balsamico. Havia alli, ao lado da banheira, um leito de repouso, e junto d'elle uma tripode coberta de flores e das mais delicadas e exquisitas essencias...

«Os espelhos, que ornavam aquelle delicioso gabinete, pareciam destinados a reflectir a formosa nayade, que ainda não havia entrado n'aquella doce mansão do deleite.

«A felicidade que me promettia a sua posse mal me deixava respirar... Ardia em desejos! Por fim, ouvi um ligeiro ruido na fechadura da porta... Percorreu-me os membros um delicioso fremito...

«A porta abriu-se, e Hortencia appareceu, seguida de duas creadas. Aromaticas essencias perfumaram a agua do banho, emquanto a bella começava a tirar os vestidos. Semi-núa já, fez um signal ás creadas para que se retirassem. O seu pudor delicado temia até os olhares das pessoas do seu sexo.

«D'ahi a pouco, a encantadora creança ficou inteiramente núa, e aquelle aspecto encantador promettia confundidos o amor, o deleite, os desejos, a felicidade, a embriaguez e os transportes!

«Hortencia, assim entregue livremente aos meus olhares, á minha avida curiosidade, era uma divindade que nenhum pincel poderia copiar. A voluptuosidade não encontrou ainda pincel digno d'ella!...

«A pobre menina, julgando-se ao abrigo de curiosidades indiscretas, metteu-se no banho. E foi então que me deixou admirar todas as proporções do seu corpo formosissimo!

«Eu devorava-a com os olhos, saciando-me n'aquellas bellezas e encan-

tos, que os espelhos da sala multiplicavam, como que para me accenderem mais o fogo dos desejos...

«Vi-me obrigado a sahir por alguns momentos do meu esconderijo, porque me sentia prestes a desfallecer, tal era a impressão que Hortencia produzia nos meus sentidos, acirrados havia tanto tempo pela sua formosura!...

«O ar exterior e a frescura acalmaram por um momento a effervescendo sangue, que me abrasava as veias. A esse tempo não sabia ainda bem o que havia de fazer. Inclinava-me a esperar pela noite para me introduzir no leito de Hortencia e surprehendel-a no meio do seu somno. Ruminava todos os pormenores d'este projecto, quando o demonio da luxuria se apoderou de mim, assaltando-me a imaginação com a ideia do prazer que ainda podia gosar, ao ver sahir da agua a formosa nayade.

«Arrastado pelos desejos, ia voltar ao ponto de observação, onde até alli estivera, quando ao dirigir-me ao espelho, oh espectaculo superior ás forças humanas! olho e vejo Hortencia em pé, mesmo defronte do sitio em que eu estava, e inteiramente núa!...

«Tinha collocado o pé n'um tamborete, e estava limpando as unhas. É preciso ter-se visto uma rapariga bonita n'aquella posição, para se comprehender que não era possivel suster a torrente dos meus desejos...

«Abrasado por elles, não me foi possivel raciocinar! Belleza, candura, innocencia, leis humanas e divinas, tudo, tudo esqueci n'aquelle momento! Impelli a molla da parede, que se abriu de subito.

«Entrar no gabinete, tomar Hortencia nos meus braços, leval-a para o leito de repouso e cobril-a de beijos, foi um momento apenas!

«Surprehendida e assustada, ella recebia as minhas caricias sem procurar defender-se, quando de subito, recobrando alento e vigor, me fugiu dos braços: mas a pobre menina, tropeçando, cahiu a meus pés, agarrando-se-me ao fato...

«Havia perdido o uso da falla. Implorava piedade apenas com o olhar! Desgraçada!...

«Vi-lhe o joelho ligeiramente ferido... Este novo aspecto da victima tirou-me da indecisão em que estava, e deu-me novas forças. Levantei-a, deitei-a no leito, e a minha victoria foi completa!...

«Mas, ai! a victima inspirava-me agora uma doce compaixão, porque jazia alli sem movimento.

«Ouviu-se n'aquelle momento um leve ruido, e tractei de voltar rapidamente para o meu esconderijo.

«No emtanto, ninguem entrara na sala de banho.

«Que ia ser d'aquella desgraçada? perguntava eu a mim proprio, devéras inquieto. Felizmente Hortencia começou a fazer alguns movimentos, e foi recobrando os sentidos. Ergueu-se, olhou para todos os lados da sala, e não vendo ninguem, julgou a principio que havia sido victima de algum terrivel pesadello. A realidade, porém, a realidade horrivel, não devia deixar-lhe a menor duvida...

«Vestiu-se n'um abrir e fechar de olhos, tocou a campainha e apparece-

ram logo as suas creadas. Nada lhes disse do que se passára, mas sahiu da sala, em companhia d'ellas...

«Depois d'isto, voltei ao meu quarto, e puz-me a reflectir.

«Havia conseguido os meus desejos; roubára a Hortencia a flôr da virgindade, mas não era feliz. As circumstancias em que obtivéra aquelle triumpho haviam-lhe roubado todo o encanto.

«Depois do crime que acabava de commetter, não tinha motivo para guardar considerações. Raras vezes tinha sentido remorsos. Em todos os tempos o meu imperioso orgulho havia imposto silencio ao grito dos preconceitos. A minha felicidade, a realisação de todos os meus projectos era superior para mim a essas conveniencias idiotas, que o vulgo prescreve e acata: por isso nunca me detive, quando se tractava de satisfazer os meus gostos ou as minhas paixões.

«Não obstante esta maneira de pensar, refletindo bem no que se acabava de passar entre mim e Hortencia, formei o plano de ser por algum tempo para ella o amigo mais terno, o amante mais submisso e arrependido.

«Diversas considerações me obrigavam a adoptar este partido. Eu era a esse tempo senhor absoluto, via submettidos ao peso da minha vontade os homens e os acontecimentos, mas ainda assim, queria a todo o custo, occultar a minha esposa a violação de sua filha; e apesar da linguagem do amor, da amisade e do arrependimento, tudo quanto era mister emfim para isso, não me serem muito familiares, eu amava Hortencia, e o amor poderia talvez de subito inspirar-me a sua ardente linguagem.

«Mandei chamar Savary e disse-lhe:

—«Vá entregar esse bilhete a Hortencia.

«O bilhete dizia o seguinte:

«O mais culpado dos homens, mas ao mesmo tempo o mais submisso dos amantes, pede licença para fallar comtigo um momento.»

«Esperava cheio de anciedade a resposta da minha bella amante, quando vi chegar Savary, a correr, muito commovido, que apenas me disse estas palavras:

—«*Sire*... ella partiu!

«Havia partido!...

—«Savary!... gritei eu agitadissimo.

—«*Sire!*...

—«Cavallos!

—«No mesmo instante, *sire!*...

—«Corramos atraz d'ella! A galope, vamos!...

«D'ahi a pouco, em Verviers, alcançavamos a fugitiva beldade.

«Vi um coche de viagem parado no meio da praça, precipitei-me para a portinhola, e disse-lhe:

—«Senhora, senhora! Tenha compaixão de si propria!...

—«De mim, *sire?*

—«Sim, sim, mais de si do que de mim! Apeie-se na primeira estalagem que encontrar, porque preciso de fallar comsigo!...

«Tão commovido me viu, que não se atreveu a recusar o que lhe pedia, mais do que ordenava. De resto, ella estava em meu poder, e désse por onde désse havia de obedecer-me!

«D'ahi a pouco, o coche de viagem parava á porta de uma estalagem, onde mandei preparar um quarto affastado. Hortencia dirigiu-se para alli, acompanhada por mim...

«A situação era difficil, e devo confessar que me sentia devéras embaraçado.

«Ella, depois de alguns momentos de um silencio que me opprimia mais de que uma serie de extensas recriminações, teve forças para me dizer, erguendo a fronte e tendo no olhar uma encantadora expressão de coragem:

—«*Sire,* um crime horrivel lançou-me nos seus braços. Ora este crime, para o imperador o que é? Um passatempo, uma distracção passageira... e nada mais!...

—«Não, Hortencia, enganas-te!...

—«E verdade! interrompeu ella com um gesto severo, eu leio bem no fundo do seu coração, *sire!*...

—«Juro-te que te enganas!...

—«Deixe-me concluir, *sire!* De dia, de noite, no gabinete, no conselho ou no campo de batalha, o coração de vossa magestade é apenas occupado por um pensamento, que se exprime por esta phrase: Cumpra-se a minha vontade!...»

—«Hortencia! exclamei admirado da sua penetração admiravel, porque a victima estudára bem o caracter do conquistador.

—«É isto, *sire,* nem mais, nem menos. Esta é a maxima constante de vossa magestade! Que lhe importam, de resto, as victimas, o seu sangue, ou as suas lagrimas? Eu conheço bem vossa magestade, e por isso, vê, *sire?* nem choro o meu infortunio! Para que?! Esgotaria em vão o manancial das minhas lagrimas, sem que o coração de vossa magestade tivesse para a infeliz victima do seu capricho uma pequenina parcella de compaixão!... O orvalho cáe sobre o bronze, e não consegue abrandal-o!... Pois bem! No meio da desgraça de que fui victima, consolo-me o mais que é possivel no meu estado, e digo commigo: Sou uma simples unidade, ajuntada aos milhões de victimas, ceifadas por esse globo fóra pela mão de Bonaparte. Está satisfeito, *sire?* Exige mais alguma cousa da desgraçada, que não poude subtrahir-se ao impeto dos seus desejos?

«Hortencia opprimia-me a consciencia com aquellas palavras...

—«Escuta!... ia dizer-lhe.

«Mas ella interrompeu-me, accrescentando:

—«O que peço a vossa magestade é que me diga apenas isto: «Hortencia, violei-te, mas vive em paz! De hoje em diante não tornarei a perseguir-te.» E horrivel isto, *sire,* bem sei, mas estas palavras, pelo menos, servir-me-hão de conforto na minha desdita. Pronuncie-as, meu senhor, compadeça-se d'aquella, que tão innocentemente o obrigou a ser culpado! Diga-me essas palavras, *sire,* e eu tudo esquecerei, tudo perdoarei sem reservas, não conser-

vando no fundo do meu coração nem uma parcella de odio contra vossa magestade!

«Quando não podemos destruir as razões da parte contraria, o mais seguro e rasoavel é callarmo-nos.

«O que Hortencia me disséra podia irritar-me e enternecer-me. Habituado ás auras inebriantes da grandeza, parecia-me humilhante figurar n'uma contenda domestica. Hortencia definira-me com exactidão. Era mister allucinal-a, e estive por um momento a pensar no que devia responder-lhe.

«Para isso era mister ser ser senhor de mim proprio, como o era dos destinos do mundo! Era verdade e bem verdade, que eu estava sequioso de amor. Ninguem me disséra ainda bem do fundo de alma esta phrase: «Amo-te», apesar do meu poder e de todo o temor que o meu genio inspirava. Por isso, estava resolvido a não ser Bonaparte para com Hortencia, a transformar-me, para ella só, n'um amante bem dedicado, bem sensivel e bem terno! Cançava-me afinal aquella preoccupação de não me parecer com os outros homens! Ia ser como elles um coração apaixonado, cheio de dedicação pela mulher amada, consagrando-me com todas as minhas forças a inspirar amor áquella formosa e desgraçada creança!

«Taes eram os pensamentos que me agitavam a mente, emquanto a encantadora Hortencia fallava. A energia das suas palavras dizia-me que não podia recorrer para com ella a phrases vulgares. Raciocinios demasiados exactos ter-me-hiam perdido; só um estylo ardente me salvaria.

«A minha divisa era a phrase de Cesar: *Vini, vidi, vici,* mas desgraçadamente, n'aquelle momento, não podia ser tão conciso, como o meu illustre modelo da antiguidade. Tinha de entrar n'alguns pormenores.

«Hortencia, comecei eu, assim como Deus não pode deixar de existir, tambem eu não posso deixar de ser teu amante. Talvez tenhas razão, mas no meu intimo, julgo que não procedi mal...

—«Meu Deus, como eu sou desgraçada!

—«Não és, Hortencia! Mulher querida, graciosa e amavel! Adoro-te, idolatro-te! Possui-te, e quero que sejas minha d'aqui ávante!

—«Meu Deus! Meu Deus!...

—«Hortencia, minha querida Hortencia! Não tenhas a crueldade de cravar um punhal no peito de tua mãe!...

—«Eu?!

—«Sim, se me foges, obrigas-me a fazer um escandalo! Tudo se póde remediar; occultemos-lhe o nosso amor! Peço-te mais ainda! Não deixes perceber a tua mãe as tuas lagrimas!

—«Ai de mim!...

—«Hortencia, não chores! Cobrir-te-hei com a minha esplendida aureola gloriosa, dar-te-hei uma corôa! O meu poder acaba só onde o de Deus principia! Consulta bem o intimo do teu coração, minha adorada creança, vê a que excessos poderá levar-me o meu poder e o meu amor, calcula os pesares e desgostos que pódes e deves evitar a tua querida mãe, e depois de tudo isto, dize-me se deves ou não ceder aos meus desejos!...

«Hortencia Beauharnais tinha um talento notavel, de que deu provas na sua resposta.

—«Não cederia, se me fosse possivel não ceder... Mas assim, Napoleão, imitarei as potencias destruidas pelo valor do seu braço... Cedo!...

—«O quê! Pois é possivel?! Hortencia consente em ser minha amante? exclamei, mal podendo crêr no que ouvia.

—«E poderei eu resistir, *sire*? O imperador tem-me a seus pés!...

«Apertei-a novamente contra o coração! Estava ebrio de felicidade.

«Em seguida, levei-a para um modesto leito que alli havia, leito que apesar da sua pobreza se converteu n'aquella hora no primeiro throno da mulher, que devia ser depois rainha da Hollanda!...

«Ninguem me censure. Que prejuizo causou ao mundo aquelle momento do prazer? Nenhum, e esta resposta é a minha justificação!...

....

«D'ahi a algum tempo, Hortencia voltando a si dos transportes da sensualidade, disse-me soluçando ainda de prazer:

—«Sou muito culpada, meu amante, mas tu fizeste-me ver o ceu, tão grande foi a minha ventura!...

«Esta phrase tão ingenuamente proferida reaccendeu-me o fogo dos desejos, e novos e mais sensuaes beijos me uniram outra vez á minha encantadora amante.

«Não se fallou mais em voltar a Paris. Regressámos a Spa, onde permaneci cinco dias. Que dias! ou melhor, que noites aquellas! O mortal que gosasse cincoenta noites similhantes seria um deus!

«Hortencia cedera á força, é verdade, mas era mulher, e o prazer, que a principio recusára, era agora o seu elemento...

«Alliar a gloria ao amor, adorar a minha divindade, e evitar a sua mãe dolorosos pesares, tal foi d'ahi em diante o meu cuidado, a minha preoccupação constante.

«Hortencia, transformada pelo amor, e pelo ardente fogo das minhas caricias, viu-me partir com uma dôr extraordinaria.

«Todavia era necessario partir! Ao chegar a Lyon, porém, a doce recordação das noites de Spa, perseguia-me a ponto, que não tardei em regressar á capital, onde a esse tempo já estava a encantadora Hortencia.

«Puzemo-nos mutuamente de accordo, tomando todas as precauções imaginaveis para occultarmos as nossas relações.

«E apesar de Hortencia, debil ainda e apenas seduzida, temer os olhares prescrutadores de sua mãe, o que é certo é que ella tinha ciumes das caricias que eu prodigalisava a Josephina!

«Minha esposa sabia quaes eram as minhas necessidades physicas, esquecel-a seria despertar as suas suspeitas.

«Eu era feliz então! Podia passar dos braços de minha esposa para os de minha amante, muito embora esta, quando suspeitava que eu tinha dormido com sua mãe, me fizesse esperar largas horas pelo momento de me enlaçar nos seus braços, como que para me punir da minha infidelidade indispensavel!...

«Não é permittido a uma creatura humana ser mais feliz do que eu por essa épocha!...

«Via a minha patria engrandecida, as potencias extrangeiras escravas dos meus interesses, uma encantadora mulher, na aurora da mocidade e radiante de belleza, embriagando-me com os ineffaveis deleites do seu amor, tudo isto era quanto bastava para realisar os meus desejos. Que me faltava então?

«O meu modo de proceder para com Josephina convencera-a de que sua filha deixára de me inspirar interesse, e eu applaudia-me a mim proprio de ter sabido occultar as minhas intrigas amorosas, não só a minha esposa, como a todos os cortezãos que me rodeiavam.

«Não durou muito este doce engano. Constant, meu camarista particular, veio participar-me que o duque de Bassano havia dito a diversas pessoas:

—«Voae para os pés de Hortencia. A fortuna sopra alli de vento em popa.

«Similhante noticia, é claro, não podia deixar de me contristar. Mandei chamar Murat, e perguntei-lhe:

—«A que fonte foi beber as noticias que anda espalhando com tanta insistencia a respeito da menina de Beauharnais?...

«Eu estava muito encolerisado e Murat julgou-se perdido. Ainda assim, teve espirito, porque me respondeu logo:

—«Vossa magestade bem sabe que isto não é um segredo para nós!...

«A franqueza do marechal desarmou-me completamente.

—«Bem, disse eu, uma vez que não é segredo, que dizem por ahi? Que opinião formam os senhores de minha amante e de mim?

—«*Sire*, vossa magestade bem sabe que todos o consideram superior á opinião do vulgo e superior a todos os outros homens!...

—«E a imperatriz sabe de alguma cousa?

—«Não me parece.

—«Murat, ouça bem isto. O primeiro que contar á imperatriz alguma cousa a este respeito, seja quem fôr, seja mesmo algum dos meus irmãos, matal-o-hei!

«Os meus cortezãos conheciam-me perfeitamente. Sabiam que as minhas decisões eram inabalaveis, e que tinham de se cumprir, embora a ellas se oppozesse o mundo inteiro. Por isso, durante oito mezes, minha esposa não teve a menor suspeita a respeito dos nossos amores.

«O meu poder, a violencia e a surpreza haviam-me feito senhor absoluto de Hortencia, mas logo que ella poude libar a taça da voluptuosidade, os voluptuosos prazeres que encontrava nos meus braços haviam-na ligado indissoluvelmente á minha pessoa.

«A ignorancia e a confiança da mãe consolavam a filha de se ter visto obrigada a receber as minhas caricias. E quanto mais se multiplicavam os nossos prazeres, de maiores cuidados e attenções cercava Hortencia aquella excellente mulher a quem devia a vida.

«Eramos felizes todos!...

«Mas uma imprudencia da nossa parte abriu finalmente os olhos á pobre Josephina. Corria o mez de fevereiro. O frio era excessivo e penetrante, e

eu parti com a côrte para Rambouillet. Os amplos fossos do palacio estavam gelados, o ceu conservava-se sereno, e o sol brilhava com todo o seu esplendor...

«Hortencia, o principe de Baden, Borghese, eu e varios outros fomos passear sobre o gelo dos fossos.

«A imperatriz devia chegar no dia seguinte.

«Os grupos affastavam-se; uns queriam ver os rebanhos, outros as matilhas, outros dirigiam-se á ilha dos Cysnes.

«Afinal, Hortencia e eu encontramo-nos, sem premeditação no ilhote do Rochedo. A paisagem era encantadora. Enormes blocos de pedra transportados para alli com grande trabalho figuravam um rochedo, artisticamente disposto. No centro, e ao nivel da terra, havia uma formosa gruta, que mais alindava aquelle delicioso sitio.

«Eu e a minha encantadora amante ficamos surprehendidos de nos vermos sós n'aquella gruta. Hortencia, encostada ao meu braço, recebera um beijo nos labios, beijo que aquella solidão deliciosa tornava extremamente perigoso...

«A minha doce companheira, tão commovida como eu, olhou com inquietação para todos os lados, para vêr se alguem se approximava.

«Entrámos na gruta, quasi sem pensarmos no que faziamos, sentamonos n'um sofá, e d'ahi a pouco estavamos nos braços um do outro. Mergulhados n'um oceano de delicias, haviamos esquecido o mundo inteiro, quando de repente, alguem entrou na gruta, e ouvimos n'um grito de dolorosa surpreza estas palavras:

—«Meu Deus!...»

«Levantamo-nos rapidamente, e julgue-se da nossa dor e surpreza, ao vermos a imperatriz prostrada por terra sem sentidos!

«Hortencia deu um grito, e exclamou:

—«Oh minha mãe, minha querida mãe!

«E arrancando-se-me dos braços, ligeira como a gazella, correu para o palacio, onde foi esconder-se no seu quarto.

«A situação era bastante difficil... Não tardei, porém, a adoptar uma resolução. Levantei minha esposa, e colloquei-a no mesmo sofá, onde dois minutos antes me surprehendera nos braços de sua filha!

«Com o auxilio dos saes que lhe fiz respirar, Josephina não tardou a recobrar os sentidos.

—«Até ella!... murmurou a pobre mulher ao voltar a si. Até minha filha!...

—«Tua filha não teve culpa! disse-lhe eu.

—«Que dizes?

—«Repito: tua filha não é culpada.

—«Oh calla-te, calla-te!

—«No logar d'ella, tu mesma terias feito o que ella fez!...

—«Sacrilego!...

—«Por causa do teu repouso, do meu e do d'ella propria, Hortencia entendeu que não podia deixar de ceder!...

—«Ah! barbaros desnaturados! Mas cedeu a quê? Ao ardor das tuas caricias, decerto!...

—«Enganas-te, cedeu á violencia e á surpreza!

—«Que dizes?!...

—«Cedeu ao meu imperio, n'uma palavra! Conheces-me, e bem sabes que ninguem póde resistir-me!...

—«Não, não, infelizmente!...

—«Tenho visto muitas mulheres, jovens e formosas, e facilmente as esqueci. Tu, Josephina, foste sempre a unica verdadeiramente amada! Deploras o que acabas de presenciar, mas o que significa isso afinal? Algumas caricias de que te privei, e nada mais!...

«Ella olhava para mim, muda de assombro pela minha audacia.

«Depois de uma pausa, continuei:

—«Bem o sabes tu, Josephina. Eu preciso de muitas mulheres! Se não fosse monarcha, seria culpado de não ter sabido reprimir os desejos que me impelliam para tua filha, mas, senhor do mais bello imperio do mundo, julguei sempre e julgo ainda que tenho o direito de ser feliz, sem me importar com o individuo destinado a contribuir para a minha ventura. Josephina, Hortencia é tua filha, é verdade, mas faz parte do numero dos meus vassallos, não esqueças isto! De resto, tu bem sabes como eu costumo tratar a Europa! Vê por isso mesmo, se serei homem para respeitar as vossas preoccupações infantis!...

«A imperatriz ouvia-me em silencio, não podendo dar credito ainda a toda a extensão do seu infortunio.

«Exaltado por aquella contrariedade, continuei:

—«É preciso que te convenças d'isto, minha querida. Se nenhum homem póde comparar-se commigo n'este mundo, é mister que tu tambem não te compares com as outras mulheres! Engrandece-te, para poderes approximar-te das minhas gigantescas proporções! Imita a minha elevação, continúa a ser como até aqui boa mãe, e nunca deixes de ser esposa terna e dedicada!...

«A imperatriz derramava abundantes lagrimas, emquanto eu passeava a passos largos pela gruta, esperando que ella me respondesse, e devo confessar que esperava a sua resposta com anciedade.

«Ella, por fim, disse-me por entre lagrimas:

—«Vou dizer-te o que resolvi, Napoleão. É grande o meu infortunio, e não quero tornar a vêr os auctores d'elle. Quero fugir d'aqui, desejo ir acabar os meus dias n'alguma cidade longiqua, onde possa chorar em silencio a minha desventura! Chorarei minha filha, a minha traidora e culpada filha... Ai, pobre d'ella, não é culpada não! é tambem uma grande desgraçada! Como poderia a pobresinha resistir ao teu poder, que faz dobrar a cerviz aos povos e aos reis!...

«As justas queixas de minha esposa começavam a enfastiar-me. Por isso deixei-a bruscamente, e voltei ao palacio para ir fallar com Hortencia.

«Bati á porta dos seus aposentos, mas em vão; não quiz responder-me.

«Estes caprichos e estes amuos não se conformavam com o meu caracter, por isso toleral-os uma só vez que fosse, era dar margem a que se repetissem todos os dias.

—«Acabemos com isto por uma vez, disse eu de mim para mim, e vamos mostrar que nunca os descontentes, sejam elles quem forem, poderão dictar-me leis.

«Estava furioso. Comecei a bater desesperadamente na porta do quarto de Hortencia, e disse-lhe:

—«Abre, ou mando deitar a porta abaixo!

«A minha amante apressou-se a abrir. Estava tremula, coitada! O amor e a compaixão dominaram-me completamente, e inspiraram-me o que lhe disse n'aquelle momento.

—«Meu Deus! exclamou Hortencia, o que pretendes ainda de mim?

—«Quero que te portes como se nada tivesse succedido.

—«Pois eu tenho lá coragem para tornar a olhar para o rosto de minha mãe!

—«Precisas de a ter.

—«Como olhará ella para a sua rival!...

—«Não te prendas com bagatellas!...

—«Ouve, meu amor, se como dizem para ti nada ha impossivel, separa-me hoje mesmo de minha mãe!

—«Não, Hortencia, não é preciso isso!

—«Adoro-te, vês! mas peço-te que me concedas esta derradeira fineza. Não pódes? continuou ella, ao vêr que eu me conservava silencioso. Bem, entrego-me ao meu cruel destino!...

«Mal Hortencia acabava de pronunciar estas palavras, um camarista veio annunciar a visita da imperatriz. A pobre menina não estava em estado de assistir áquella entrevista difficil e penosa, e fui eu que recebi Josephina, porque Hortencia escondeu-se na alcova immediata.

«Antes que ella pronunciasse uma palavra, disse-lhe:

—«Senta-te aqui ao meu lado, minha querida, e não me interrompas. Tenho muito que te dizer. Desejos, que não me foi possivel refrear, e outras circumstancias que me fizeram perder a razão, levaram-me para com Hortencia a erros que já não teem remedio. No emtanto, amo-te, Josephina, bem o sabes e por diversas vezes t'o tenho provado, mas apesar d'este amor que te consagro, minha querida esposa, se n'esta collisão não tractares de seguir o exemplo da Europa, humilhada a meus pés, e subjugada á minha vontade soberana, não salvarás tua filha, e perder-te-has tambem irremediavelmente. Se me obrigas a sahir de mim, nada haverá no mundo que possa conter-me. Serei mesmo, se a tanto me obrigares, um segundo Henrique VIII... [1] Procurarei até ex-

---

[1] É sabido que Henrique VIII, filho e successor de Henrique VII, rei da Inglaterra, repudiou Catharina de Aragão para casar com Anna de Bouleyn, a quem mandou decapitar em 1536. Joanna de Seymour, sua amante, subiu ao throno logo em seguida, e morreu de parto. Succedeu-lhe Anna de Cleves, que o rei tambem repudiou ao cabo de seis mezes.

cedel-o, e isto, confesso-t'o aqui francamente, sem remorsos nem temor. Bem sabes que nada n'este mundo me intimida, e que ninguem póde oppor-se á minha vontade! Minha amiga, minha querida esposa, pesa bem quanto acabo de dizer, não me obrigues a ser para ti muito mais culpado do que fui até agora. Tens razão, reconheço que a tens, mas, pela minha parte, procurarei d'ora ávante diminuir os teus pesares, dominando as minhas paixões impetuosas. O que não posso prometter-te é subjugal-as n'um praso determinado!...

«Não me recordo agora de muitas outras razões de que lancei mão para obrigar aquella pobre mulher a conformar-se com a sua sorte. O meu unico merecimento n'aquella entrevista era a franqueza que manifestava. Não me disfarçava; era bem o meu caracter, com todos os seus impetos, com todas as suas paixões revoltas, que se traduzia n'aquellas palavras!

«Retirei-me para deixar a Josephina inteira liberdade de reflectir.

«É fóra de duvida que mãe e filha chegaram bem depressa a um accordo, porque no dia seguinte encontrei-as juntas, e não li nas suas physionomias o desespero da vespera.

«Não esperava, confesso, gosar tão depressa aquella paz domestica, e por isso tracei logo o projecto de não abusar muito d'aquella magnanimidade forçada da pobre Josephina. D'ahi em diante, na sua presença, usei sempre da maior reserva para com sua filha, e em publico a minha indifferença para com Hortencia pareceu a todos tão natural, que a maior parte da côrte chegou a acreditar que tinhamos sido calumniados.

«Eu devia agradecer a Josephina o ter sabido fechar os olhos para com aquelle engano que não podia evitar, e consegui-o com prazer, guardando para com aquella excellente e digna esposa tantos cuidados e attenções, que lograram surprehender tanto a côrte como a Europa inteira.

«No emtanto, Hortencia continuava a ser a minha amante, sendo ainda tão extremosa por mim, como no primeiro dia, se bem que ambos empregassemos as maiores cautellas para nos vermos. O mais profundo mysterio occultava as nossas entrevistas, apesar de poucas auroras deixarem de illuminar com os seus primeiros alvores os nossos transportes voluptuosos.

«Os nossos amores iam correndo assim, doces, deliciosos e tranquillos, quando uma descoberta feliz e funesta ao mesmo tempo veio causar a Hortencia as mais vivas inquietações.

«Principiava a raiar o dia, e eu, acordando de um sonho delicioso, ardia em desejos de ver a minha amada, a minha idolatrada Hortencia! Nunca a havia adorado com tanto enthusiasmo. Dirigi-me ao seu quarto.

«Uma escada secreta conduzia-me mysteriosamente á alcova, theatro das

---

Depois d'esta, o rei Barba-azul desposou Catharina Howard, filha do duque de Norfolk, á qual mandou tambem cortar a cabeça em 1542.

Este rei foi um monstro de lascivia e de crueldade.

Já se vê, pois, quanto a ameaça de Napoleão era terrivel.

O imperador realisou-a em parte, alguns annos depois, repudiando a pobre Josephina para casar com Maria Luiza de Austria, como veremos.

nossas doidas caricias... Entrei em bicos de pés para lhe causar uma doce surpreza, mas oh assombro! Chegaram-me aos ouvidos os seus repetidos soluços!...

— «Hortencia! Hortencia!

«Ao ouvir-me, redobraram os soluços da minha amada.

— «Que tens tu, minha querida menina, meu amor?! Porque choras assim?!

«E tomando-a nos braços, procurei enxugar-lhe os olhos á força de caricias... Consegui-o, e d'ahi a pouco, ambos nos elevavamos ao ceu nos mais ardentes transportes. Julguei que perdia a existencia n'aquelle goso inneffavel!... Mas ninguem expira de prazer!...

«Quando voltámos a nós d'aquelles transportes, perguntei a Hortencia a causa dos seus pesares.

— «Ai, meu querido amor, que hade ser de mim?

— «Porque, filha?...

— «Onde poderei esconder a minha vergonha e fraqueza?...

— «Mas explica-te, amor!

— «Bonaparte, sou mãe!...

— «Oh minha querida Hortencia, meu amor, meu idolo! Pois tu és mãe?!...

— «Sim, sou, amado Bonaparte!...

— «O que! Pois tu tens no teu seio um penhor do meu amor?! Oh repete-me essas palavras, que eu não me atrevo a dar credito a tanta ventura! Como! Serei pae? Verei em meu filho o continuador da minha gloria? Não, não! Tu enganas-te, Hortencia, seria demasiada felicidade!...

— «Não me engano, meu amigo!

— «Desde quando? Que indicios t'o revelam?

— «Ha cinco semanas que não te prohibi a entrada na minha alcova, e bem sabes, Napoleão, que ha dias em que o meu leito está absolutamente interdicto para ti!...

«A minha alegria era enorme. Apertei vivamente a minha amante contra o coração, meus labios depuzeram nos seus milhares de beijos, cujo ardor devia penetrar até ao logar onde se estava formando o herdeiro do vasto imperio talhado pela minha espada gloriosa.

«Hortencia, porém, participava menos ruidosamente do meu enthusiasmo. A situação parecia-lhe horrivel. Em vão lhe descrevia a grandeza do meu nome, a minha omnipotencia! Em vão!

«E eu, no emtanto, embora aquella mulher tivesse sido dotada pela natureza de tantas graças, de tanta formosura, só á ideia de que trazia no seio um penhor do meu amor, julgava-lhe triplicados todos os encantos. Enthusiasmado pelas sensações que aquella revelação me causára, formei em seu favor os mais vastos projectos. Teria dado o mundo a troco de a poder unir indissoluvelmente á minha sorte!

«Julguei prudente retirar-me, e ao deixal-a, disse-lhe:

— «Tranquillisa-te, minha querida amiga. Deixo-te um momento para poder pensar nos meios de te restituir a tranquillidade e a ventura.

«A minha posição era realmente difficil. Queria conciliar a ventura de Hortencia com a viva paixão que ella soubera inspirar-me. Em nenhuma outra épocha da minha vida, havia reflectido tão profundamente sobre o estado do meu coração, sobre o meu poder, sobre a minha vontade, e sobre os obstaculos que a ella se poderiam oppor.

«Ou fosse porque o seu estado augmentasse ainda os meus desejos, ou porque de dia para dia amasse Hortencia com maior ardor, o que é certo é que a sua posse completa era para mim a suprema felicidade!

«Como eu seria venturoso, dizia ás vezes a sós commigo, se Hortencia occupasse o logar de sua mãe no leito imperial!...

....

É sabido que Napoleão casou a amante com seu irmão Luiz Bonaparte, rei da Hollanda! Esqueceu-a bem depressa, porque novos amores vieram occupar as horas vagas do grande capitão dos tempos modernos.

A ameaça feita por elle a Josephina, quando a pobre imperatriz veio a descobrir aquelles amores incestuosos, realisou-se em parte, como vamos ver.

D'esta vez não recorremos ás *Memorias secretas,* como até agora. Cedemos a palavra ao senhor de Norvins, um dos maiores apologistas do imperador.

«Os annos de 1810 e 1811 formam a épocha mais gloriosa do reinado de Napoleão. Então as fronteiras da França estendiam-se da foz do Elba aos desfiladeiros de Terracina. Roma era a segunda cidade do imperio. Todos os soberanos da Europa, outr'ora colligados, honravam-se com a alliança do imperador. Só a Inglaterra, essa eterna rival da grandeza da França, conservava sentimentos de inimisade, mas o bloqueio continental, rigorosamente observado, damnificou-lhe o commercio, e tornava-lhe o futuro devéras ameaçador.

«Esse tempo de prosperidade verdadeiramente inaudita nos fastos de uma nação foi assignalado na vida de Napoleão por um dos maiores acontecimentos que interessaram as suas affeições domesticas, o divorcio com Josephina e o seu segundo casamento com uma archiduqueza de Austria. A tentativa de Stabs ([1]) tinha feito reflectir bastante o imperador sobre os destinos da França,

---

([1]) Esta tentativa verificou-se na Allemanha. A 13 de outubro, as tropas desfilavam em Schœnbrunn diante de Napoleão. Um estudante, chamado Frederico Stabs, de dezoito annos de edade, filho de um ministro protestante de Hamburgo, dirigiu-se de repente para o imperador, que estava entre o principe de Neufchâtel e o general Rapp, ajudante de campo de serviço, e fallou-lhe em allemão. Napoleão fez áquelle moço um acolhimento muito affavel, e disse-lhe que se dirigisse a Rapp, que fallava a sua lingua. Stabs, atravessando a multidão de officiaes, approximou-se novamente do imperador. Rapp affastou-o com bondade, e n'essa occasião percebeu que o rapaz trazia uma arma na mão; fel-o immediatamente prender por um gendarme, que o levou d'alli.

Passaram-lhe minuciosa revista, e encontraram-lhe uma grande faca e um retrato. Levado novamente á presença de Napoleão, declarou que viera alli para libertar o seu paiz do oppressor da Allemanha. O imperador quiz consideral-o ou como um doente, ou como um louco:

—«Nem uma cousa nem outra!» exclamou Stabs.

no caso em que a morte viesse feril-o, antes de deixar um herdeiro do seu sangue, que podesse continuar a sua obra. Napoleão desejára sempre ardentemente um filho, desejo bem legitimo no fundador de um tão vasto imperio, mas havia muito tempo que sua primeira esposa não lhe deixára a menor esperança a este respeito.

«A razão de estado fallou mais alto que as affeições do coração, e o imperador resolveu realisar um divorcio, ao qual Josephina se submetteu generosamente. Eugenio Beauharnais (irmão de Hortencia) foi encarregado de annunciar esta fatal noticia a sua mãe, e ao mesmo tempo de a ir dispondo para a consummação d'aquelle enorme sacrificio. Napoleão escolhera perfeitamente o seu interprete, e nunca, de uma e outra parte, o heroismo do reconhecimento e da dedicação foram mais dignos de ser admirados!

«A 15 de dezembro de 1809, o principe Cambacérès, archichanceller do imperio, e o conde Regnault Saint-Jean-d'Angely, secretario do estado civil da casa imperial, foram chamados ao gabinete do imperador. Todos os principes e todas as princezas da familia imperial, assim como o vice-rei de Italia, faziam parte d'esta reunião.

«O imperador dirigiu-se á assembleia n'estes termos:

«... O interesse dos meus povos, que guiou constantemente todas as minhas acções, quer que depois de mim eu deixe a filhos, herdeiros do meu

---

Corvisart tomou-lhe o pulso, e declarou que o joven fanatico estava no seu estado normal.

—«Não o dizia eu?!» disse Stabs com uma especie de satisfação.

Napoleão, vivamente impressionado com a tranquillidade d'aquelle infeliz moço, prometteu salvar-lhe a vida, se pedisse perdão do seu crime.

Stabs declarou que lamentava apenas não ter conseguido o seu desejo.

—«Parece então que um crime para o senhor não tem importancia nenhuma!...» disse-lhe o imperador.

—«*Sire*, matar vossa magestade não é um crime, é um dever!...»

—«De quem é esse retrato que trazia comsigo?»

—«É da minha melhor amiga, da filha adoptiva de meu virtuoso pae!...»

—«Pois que?! Ha no seu coração logar para sentimentos tão elevados, e tornando-se assim um assassino, não receiou affligir e perder esses entes que tanto ama?»

—«Cedi a uma voz mais forte que a da ternura, *sire!*»

—«Mas matando-me no meio do meu exercito, não calculou que não podia escapar?...»

—«Admira-me até existir ainda!...»

—«E a mulher que o senhor ama? Deve soffrer bastante, não lhe parece?...»

—«Mais soffrerá ainda quando souber que nada pude conseguir. Ella odeia vossa magestade tanto como eu!...»

—«E se eu lhe perdoasse?...»

—«Nem por isso deixaria de o matar, *sire!*»

Stabs foi interrogado na prisão e persistiu nas suas corajosas declarações. Recusou qualquer alimento desde o dia da sua prisão até 17 de outubro, em que foi justiçado.

Quando chegou ao logar do supplicio, disseram-lhe que a paz fôra assignada, e elle então exclamou:

—«Viva a liberdade! Viva a Allemanha!»

Foram as suas ultimas palavras.

amor pela França, este throno eu que a Providencia me collocou. No emtanto, ha muitos annos que perdi a esperança de ter filhos do meu matrimonio com a minha amada e querida esposa, a imperatriz Josephina; eis o que me leva a sacrificar as mais doces affeições do meu coração, a não escutar senão o bem do estado e a querer a dissolução do nosso casamento. Chegado á edade de quarenta annos, posso conceber a esperança de viver ainda o bastante para educar no meu espirito e no meu pensamento os filhos que aprouver á Providencia conceder-me... A minha querida e amada esposa aformoseou quinze annos da minha vida... foi coroada pela minha mão... Quero que ella conserve a gerarchia e o titulo de imperatriz...»

«A imperatriz Josephina tomou em seguida a palavra:

—«Apraz-me dar ao nosso augusto e caro esposo a maior prova de affeição e dedicação que jámais se deu na terra: devo tudo ás suas bondades: foi a sua mão que me coroou, e no alto do throno nunca recebi senão testemunhos de affeição e de amor do povo francez. Creio reconhecer todos estes sentimentos, consentindo na dissolução de um casamento, que de óra ávante é um obstaculo ao bem da França, que a priva da felicidade de ser um dia governada pelos descendentes de um grande homem, evidentemente suscitado pela Providencia para dissipar os males de uma terrivel revolução e para restabelecer a ordem social...»

«Esta ultima phrase d'esta resposta toda politica era sem duvida a manifestação dos principios em que o imperador queria firmar-se mais fortemente que nunca, contrahindo uma alliança com uma antiga casa reinante da Europa. A obediencia de uma rainha repudiada nunca fôra submettida a tão grande prova!...

«Immediatamente um projecto de senato-consulto foi dirigido ao archichanceller, que convocou o Senado para o dia seguinte 16. Se a prova fóra cruel para Eugenio Beauharnais em presença de sua mãe, no gabinete do imperador, não o foi menos no Senado, porque, depois do conde Regnault haver exposto os motivos do senato-consulto, o principe vice-rei teve a coragem de tomar a palavra:

—«Quando minha mãe, disse elle, foi coroada diante de toda a nação pelas mãos de seu augusto esposo, contrahiu a obrigação de sacrificar todas as suas affeições aos interesses da França. Ella cumpriu com coragem e dignidade este primeiro dos deveres; differentes vezes a sua alma se sentiu fortemente enternecida, vendo entregue a penosos combates o coração de um homem, habituado a dominar a fortuna, e a caminhar de passo firme á realisação dos seus designios. As lagrimas que esta resolução custou ao imperador bastam á gloria de minha mãe...»

Atravez d'estas phrases dictadas pela politica de Napoleão, presente-se toda a angustia d'aquelle drama de familia, que victimou uma pobre mulher, e humilhou profundamente seu filho...

A titulo de curiosidade, e para apresentarmos outro rasgo do caracter impetuoso de Napoleão, nas suas relações com o bello sexo, diremos como se effectuou o seu enlace com a filha dos Cesares.

Falla ainda um historiador de Napoleão, o senhor de Norvins:

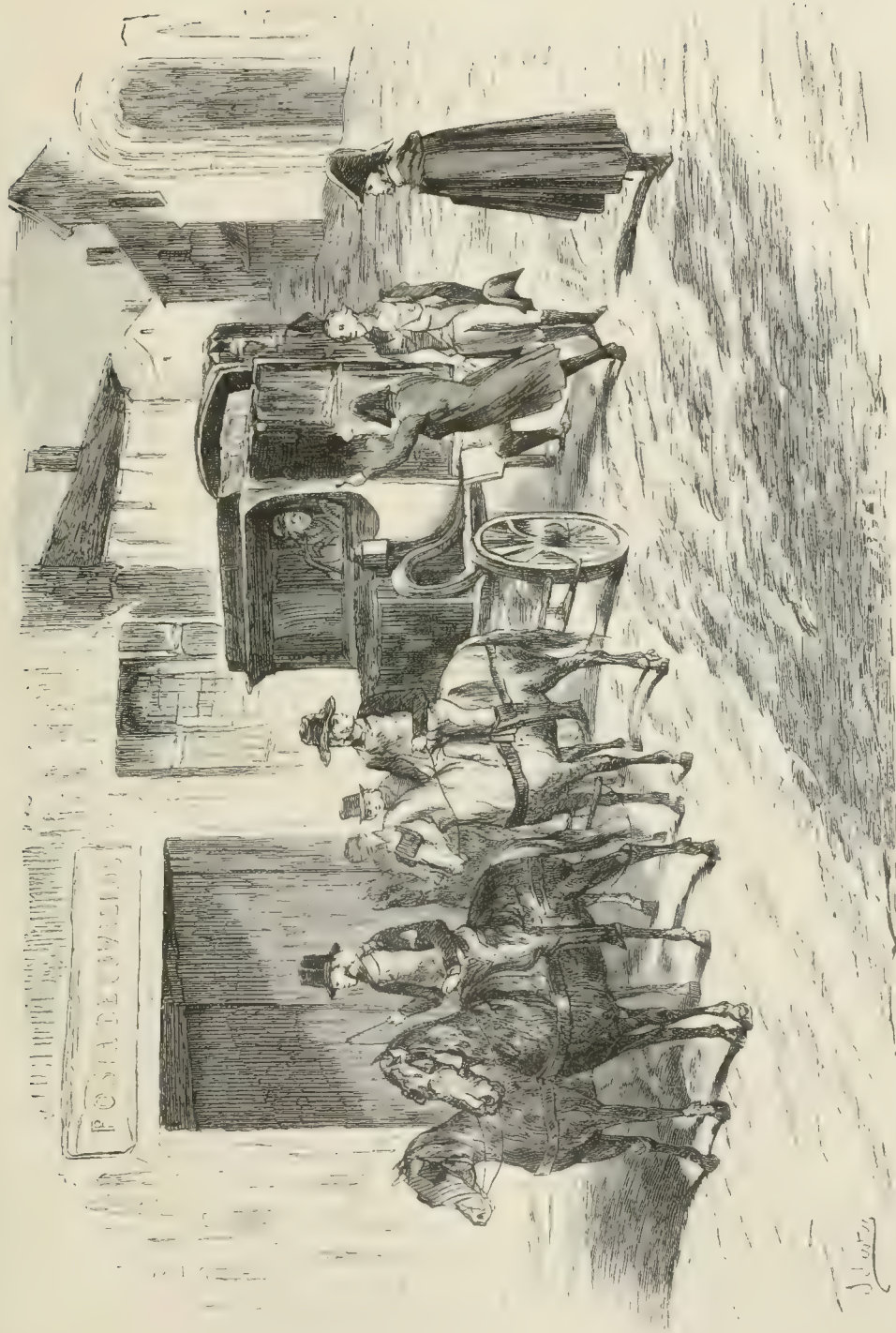
«O divorcio de Napoleão causou um profundo abalo em todas côrtes da Europa. O imperador, depois de ter pensado em tomar por esposa uma princeza de Saxe, fixou a sua escolha n'uma princeza russa. Alexandre pareceu bastante lisongeado com o desejo de Napoleão, mas pediu algum tempo, por causa da extrema juventude da gran-duqueza Anna, sua irmã, em quem Napoleão tinha pensado. O imperador não julgou que a politica, que era a unica reguladora da sua conducta n'esta questão, lhe permittisse esperar.

«A 3 de março, o principe de Neufchâtel, encarregado de pedir a mão da archi-duqueza Maria Luiza, chegou a Vienna. Francisco II recebeu com prazer a proposta que lhe foi feita de dar sua filha ao imperador Napoleão. A 11, o principe de Neufchâtel, desposou solemnemente, em nome do seu soberano, a filha do imperador Francisco. Dois dias depois, esta princeza deixou Vienna, acompanhada de mais de trezentas pessoas, entre as quaes se contavam muitos altos dignatarios do imperio da Austria, doze damas do palacio, doze camaristas, etc. etc.

«Uma vasta tenda, dividida em tres salões, destinados um para a Austria, outro para a França e o do meio declarado neutral, fôra construida com uma promptidão e magnificencia extraordinaria, entre Braunau e Altheim. A rainha de Napoles, rodeiada de um sequito numeroso, fôra enviada por Napoleão para receber a princeza das mãos da sua familia. A entrega fez-se em presença das duas côrtes, com uma pompa de que o proprio Napoleão tivera o cuidado de dictar o ceremonial. O enxoval era um verdadeiro milagre da industria parisiense, que sob o nome de *moda*, constitue o imperio da dominação franceza em todo o mundo.

«Depois da ceremonia, Maria Luiza partiu para Braunau, onde tomou o titulo de imperatriz dos francezes, e não viu em torno d'ella senão a casa que Napoleão lhe tinha organisado. A princeza encontrava na estrada, cada noite, uma carta de seu esposo. A 29 poz-se a caminho para Compiégne, onde residia o imperador, rodeado dos principes da familia imperial, e de uma côrte brilhantissima. Napoleão tinha-se occupado do ceremonial para a entrevista, marcada por elle proprio para o dia seguinte.

«D'esta vez, porém, a etiqueta cedeu o passo á sua impaciencia e o legislador passou por cima da sua propria lei. Em logar de esperar pelo dia seguinte e *de se encontrar com a imperatriz na grande tenda do meio, onde a princeza devia inclinar-se para se ajoelhar, e o imperador levantal-a, abraçal-a e sentar-se ao lado d'ella*, Napoleão sahiu furtivamente do palacio, acompanhado do rei de Napoles, n'um simples caleche sem lacaios. Vestido com o redingote pardo de Wagram, collocou-se de embuscada por causa da chuva, debaixo do portico de uma pequena egreja, para lá de Soissons, na aldeia de Courcelles, onde a imperatriz devia mudar de cavallos. Apenas ella chegou, Napoleão entrou bruscamente na carroagem, e no dia seguinte fez servir o almoço junto do leito da imperatriz.

«Foi assim que se passou a *entrevista de Compiégne*, chamada a *surpreza de Courcelles*.»

A surpreza de Courcelles

Este rasgo do temperamento impetuoso do imperador está de accordo com o que lhe attribuem as *Memorias secretas*.

E damos por finda a historia dos amores de Napoleão Bonaparte, que contámos unicamente para dar aos leitores uma ideia do estado dos costumes no tempo do primeiro imperio.

Esses costumes achavam-se por essa épocha n'um estado de relaxamento, visinho da mais desenfreada licença. O militarismo triumphante dictava por toda a parte as leis da guerra, e dava o exemplo da completa abstenção da moralidade.

Os exercitos francezes sob as ordens de Napoleão, ou dos seus generaes, fizeram de todos os povos invadidos o theatro da mais espantosa libertinagem.

CAPITULO XI

SUMMARIO

As prostitutas em França, desde 1810 até 1839.—Recenseamento geral em 1810.—Recenseamento no tempo da Restauração em 1830.—Opinião de Parent-Duchatelet.—As prostitutas em Londres.—Procedencia das prostitutas de Paris.—Differentes nacionalidades.—O commissario de policia Beraud e o seu livro *Les filles publiques de Paris*.—Causas da prostituição.—Usos e costumes da prostituição.—O *amant de cœur*.—Diversos aspectos da prostituição em Paris.—As mulheres mais perigosas.—Armadilhas aos incautos.—Restaurantes.—Salões.—Os gabinetes secretos.—Outro genero de seducção, *a sereia* dos passeios publicos.—No theatro.—A prostituição nos armazens de modas.—O que é uma prostituta.—A comedia do amor e da voluptuosidade.—O amor das mulheres.—As cortezãs de alta eschola.—Como ellas seduzem e perdem.—Como ellas descem.—A prostituta, considerada segundo a lei.—As *donas de casa*.—Como ellas exploram as desgraçadas.—Origem das victimas da torpe especulação.—O livrete, ou matricula.—Metamorphoses das desgraçadas.—A *marcheuse*.—A *pierreuse*.—Costumes d'estas desgraçadas.—Suas caracteristicas.—Um caso citado por Beraud.—As prostitutas dos soldados.—Sua proveniencia.—A provocação na rua publica.—Sua infamia.—Projecto de regulamento de Beraud.—Uma condessa galante.—As suas conquistas.—Infortunios domesticos.—De degrau em degrau.—Esposa infiel, mulher libertina, prostituta, proxeneta!...—Os *marlous*.—Sua infamia—De como os costumes da prostituição em 1830 pouco differem dos costumes da prostituição na actualidade.

Em 1810 o numero de prostitutas em Paris ascendia a 18:000, comprehendendo n'esta cifra as mulheres amancebadas. Na Restauração subiu a 20:000, que proporcionavam á policia um rendimento de 150:000 francos. Depois da revolução de 1830, o numero de 20:000 foi extraordinariamente augmentado.

No emtanto, segundo Parent-Duchâtelet, n'aquella épocha não havia muito mais de 3:000 matriculadas e com livrete. É muito provavel que o magistrado não contasse as amancebadas, as costureiras e as demais operarias. Em todo o caso, este numero para uma capital, que n'esse anno tinha novecentos mil habitantes, era muito inferior ao das prostitutas de Londres. Na grande metropole ingleza, existiam 75:000 prostitutas sobre uma população de um milhão e oitocentas mil almas!

E deixemos declamar os graves filhos de Albion! A prostituição ingleza teve sempre um caracter mais vil e repugnante do que a de outra qualquer nação. Mais adiante sondaremos esta chaga.

Parece-nos ocioso dizer aqui que as prostitutas estabelecidas em Paris não eram todas da capital. É o que succede em todas as grandes cidades. Um grande numero d'ellas accudiam aquelle vasto fóco de corrupção das provincias, e até mesmo do extrangeiro.

Consultando novamente a estatistica do já citado Parent-Duchâtelet, vemos que sobre as 12:707 mulheres inscriptas em Paris desde 16 de abril de

1816, épocha em que se fez um recenseamento meretricio, até 31 de abril de 1831, quer dizer, durante quinze annos, havia entre ellas:

18 americanas;
11 africanas;
2 asiaticas;
451 europeias, extrangeiras á França;
200 dos diversos departamentos do reino.

Entre as 451 europeias extrangeiras, havia:

27 inglezas;
34 allemãs, d'além-Rheno, havendo tambem entre ellas 16 austriacas;
161 belgas;
14 hespanholas;
23 hollandezas;
50 italianas;
58 prussianas;
2 russas;
22 saboyanas;
1 sueca;
59 suissas;
2 turcas;
6 polacas;
1 portugueza.

Muitas das observaçoes que vamos reproduzir são extrahidas do livro *Les Filles publiques de Paris*, pelo commissario de policia Beraud. Precisamos dizer aos nossos leitores que essas observações se referem ao anno de 1839, épocha em que escrevia este funccionario.

As prostitutas nascidas em Paris provêem quasi todas da classe operaria. Raro é virem de uma classse mais elevada, exactamente ao invez do que succedia n'outros tempos.

De resto, a quarta parte das rameiras costuma ser constituida de filhas naturaes ou engeitadas, que quasi sempre teem vivido muito irregularmente antes de se fazerem inscrever no registro da policia e de receberem o seu livrete.

Outra causa d'esta desgraça é a preguiça: e outra, a mais frequente ainda, é o desejo dos prazeres, dos divertimentos e do luxo.

É preciso contarmos tambem com outro factor bem terrivel — a miseria, que foi sempre a causa mais activa e mais fecunda da prostituição. Ha um grande numero de raparigas abandonadas pelas familias, sem parentes nem amigos, que se vêem obrigadas a prostituir-se para não morrerem litteralmente de fome.

Parent-Duchatelet cita uma d'estas infelizes, que quando tomou a resolução de ir inscrever-se no registro da policia, não tinha provado um bocado de pão havia trez dias!...

A má conducta dos paes e os maus exemplos de toda a especie são tambem para muitas raparigas a causa efficiente do esquecimento dos seus deveres.

Havia e ha ainda actualmente em Paris raparigas, que não podendo encontrar no trabalho os meios sufficientes para occorrerem á subsistencia de seus paes, velhos e enfermos, fazem durante a noite o officio de prostitutas, para procurarem o dinheiro que lhes falta.

Finalmente, algumas raparigas, mas em pequeno numero, são arrastadas á libertinagem por uma necessidade irresistivel dos sentidos.

O calor do clima e o ardor do sangue contribuem para desenvolver este singularissimo temperamento.

«De resto, as prostitutas conhecem em geral a degradação do vil officio que exercem. Por isso só se dão a conhecer aos libertinos, evitando sempre passar pelo que são. Têem o sentimento do seu aviltamento.

Estas desgraçadas parecem muito sensiveis tanto ao bem como ao mal, evitam cuidadosamente serem conhecidas pelos que lidaram com ellas antes do seu aviltamento. Em regra, nunca perdem de todo o sentimento religioso, que de vezes em quando vem illuminar-lhes as trevas da sua miseravel existencia. O pudor não foi tambem completamente obliterado, como se vê nos hospitaes e nas casas de correcção.

A leviandade e a necessidade de movimento formam, com raras excepções, o fundo do seu caracter. Quasi todas odeiam o trabalho, e passam em folguedos os intervallos de repouso que lhes deixa o exercicio do seu repugnante officio. Raras são as que gostam da leitura.

Todas as prostitutas gostam de adoptar falsos nomes, sob os quaes escondem o verdadeiro. Ordinariamente são as suas companheiras de abjecção que lhes põem uma alcunha. Gostam de comer e de beber, e adoram os licores. Contrahem o habito de mentir, mas auxiliam-se reciprocamente. Ha muitas que chegam a ficar sem roupa, para soccorrerem algumas antigas companheiras desgraçadas e sem recursos.

Todas as prostitutas teem ordinariamente um amante particular, a quem são muito fieis, escolhendo-os geralmente entre os caixeiros ou officiaes de alfaiate, tão numerosos em Paris. Não tiram vantagem alguma d'estes amantes, e pelo contrario, chegam a sustental-os e a protegel-os em varias occasiões.

As prostitutas exigem da dona da casa a entrada livre e gratuita dos seus respectivos amantes, duas ou trez vezes por semana. Algumas pedem tambem um dia na semana para sahirem a passeio em companhia d'elles.

A prostituição apresenta-se em Paris sob mil fórmas differentes. É publica ou clandestina, auctorisada em algumas partes e prohibida severamente n'outras. Tudo depende da protecção que se lhe concede, do favor que sabe adquirir.

Não são por certo as mulheres, que se mostram audazmente na rua, provocando á libertinagem, as mais terriveis para a juventude. Ha casas em Paris, onde á primeira vista tudo é seductor, e onde o amor não é mais do que uma especulação, que se exerce com uma arte admiravel, srbretudo para com o viajante extrangeiro.

Um d'estes desgraçados chega a Paris, sem relações, ou trazendo apenas comsigo uma simples carta de recommendação. Installa-se n'uma casa mobi-

lada. O porteiro da casa está em relações com umas senhoras que têem hospedes ou mesa redonda, e que dão reuniões. Indica estas casas ao extrangeiro.

O pobre homem, seduzido pela descripção que lhe fazem, apresenta-se á dona da casa, que o cumula de cumprimentos e de attenções. Chegam os convivas habituaes de um e de outro sexo. O nosso homem trava relações com elles, comem juntos, e acha-se muito de proposito collocado ao lado de uma dama, que parece estar só, occupando-se de todos em geral e de nenhum em particular.

Cada conviva tracta de se mostrar galante para com a sua dama. O nosso novato não quer ficar atraz, e a manobra põe-se em pratica d'este modo, durante muitos dias.

O extrangeiro está completamente seduzido; quer agradar á dama e consegue-o. Ella arrasta-o comsigo, e não o larga sem que o pobre do homem esteja completamente arruinado.

Ha outros antros, onde a mesa é apenas um accessorio. O baile, os prazeres e o jogo estão na primeira linha. Apparecem alli bellas Armidas, que empregam todos os seus encantos na arte difficillima de prenderem os incautos, e de se saberem render a tempo.

A victima illudida completamente julga-se feliz, mas os sacrificios augmentam, e o desgraçado acaba por maldizer a sua triste sorte.

Finalmente encontram-se em Paris salões, ricamente mobilados, que communicam com pequenos gabinetes, onde se podem fazer as mais doces confidencias. É alli que bellas raparigas, seduzidas ou corrompidas pela dona da casa, vão desempenhar os papeis de condessas, de marquezas, de viuvas interessantes, de esposas abandonadas, de filhas-familias seduzidas por um libertino, e que não se atrevendo a voltar para o domicilio paterno, por causa da sua primeira falta commettem milhares de outras.

Ha tambem raparigas inexperientes, attrahidas sob protexto de se lhes proporcionar trabalho, mas com o fim real de se traficar com ellas.

Ha outro genero de seducção. Nas Tulherias, no Palais-Royal ou no boulevard dos Italianos, vê-se a miudo uma sereia, sentada n'uma cadeira, com os pés appoiados n'outra, e com uma terceira cadeira vaga ao lado. É um laço. O homem senta-se ao pé d'ella, conversa um bocado, e a partida começa.

Quando no theatro não se encontra logar, recorre-se á alinhadora, *ouvreuse*, e esta, mediante uma espórtula qualquer, vae conduzir o espectador a um camarote, onde está uma senhora só. A mulher pede-lhe mil desculpas. Comedia! A dama e a alinhadora estavam de accordo ...

A boa educação exige que nos intervallos se entre em conversação com a pessoa a cujo lado se está. Acaba o espectaculo, a dama levanta-se, está só... O cavalheiro offerece-lhe o braço, ella acceita-o, fingindo uma leve resistencia, e elle acompanha-a a casa...

Os armazens de modas, ou alguns d'elles, pelo menos, apresentam tambem grandes recursos aos amadores do genero. Entra-se alli para comprar uma gravata, uma flôr, qualquer objecto, em summa. Se o preço convem, dá-se a indicação da morada, e no dia seguinte, á hora combinada vêdes entrar em

vossa casa a mulher que com tanta amabilidade vos vendeu a gravata ou a flôr, e que vem offerecer-vos... outra flôr!...

....

A prostituta é, salvo raras excepções, uma monstruosidade. Póde encontrar-se n'ella a belleza do seu sexo, mas o que não tem com toda a certeza, é a sua sensibilidade, ou a sua delicadeza. Tem os sentidos embotados pelos excessos de todos os generos... tem o caracter azedo pela brutalidade dos homens, a quem geralmente se entrega.

A sua linguagem provocadora é estupidamente licenciosa, não conhece o amor, nunca o sentiu. Representa o papel de apaixonada, sem sentir o menor desejo, e todas as suas ternuras são apenas mentiras.

E, no emtanto, a quantos não enganam estas vis creaturas! Quantos não são os que por cegueira ou por vaidade crêem na franqueza do seu abandono!...

A libertinagem é uma febre dos sentidos, exaggerada até ao delirio. Arrasta á prostituição, sem ser nem tão vil nem tão incuravel como ella, mas nem por isso os excessos da libertinagem deixam de causar grande numero de desgraças deploraveis.

Apesar d'isso ha uma differença. Nenhuma mulher se redime do estado abjecto em que cahiu em consequencia da prostituição, ao passo que ha exemplos de que, á força de sabios conselhos, um resto de pudor e algumas ideias piedosas, tinham feito voltar algumas mulheres libertinas ao caminho do bem.

A libertinagem é commum a certas pessoas de um e outro sexo, mas este vicio na mulher, é mais vil, baixo e sordido que no homem, porque se desenvolve por meio de um manejo quasi sempre torpe, empregado por uma mulher para enlaçar o homem, que deseja explorar em proveito das suas inclinações, dos seus mais loucos caprichos: primeiramente a orgia, depois a lubricidade. Taes são os auxiliares de uma mulher libertina.

E é no meio d'estes prazeres, falsos pelos seus excessos, que um homem se embrutece, degrada e arruina. Uma vez enervado, compraz-se n'uma desordem que póde consuzil-o ao cadafalso ou ás galés, a não ser que o aniquillamento total das suas forças o preserve de uma sorte tão deploravel, por meio de uma morte prematura.

Os homens são geralmente fallando os que sustentam as mulheres que se prestam a todos os excessos da libertinagem: mas, se ha alguns que fazem d'este vicio uma especulação toda em seu proveito, na maior parte são rapazes cheios de dividas, já aviltados na opinião publica, e que, como ultimo recurso se põem ao serviço de uma velha libertina, cujo amor proprio a cega, e cuja imaginação novellesca se compraz em sonhar uma primavera eterna. Por isso paga as homenagens... que mantêem a sua doce illusão.

A velha libertina é uma louca, e os rapazes seus amantes uns miseraveis, que perderam a estima de si proprios, e que calcaram aos pés todos os sentimentos honestos. A sua juventude, manchada e esgotada por uma cohabitação asquerosa, deixa-os bem depressa entregues a todas as necessidades e a toda a especie de privações instigadoras do crime, até que emfim, como suc-

cede á maior parte dos libertinos, o drama da sua vida licenciosa vae ter por desenlace o tribunal.

Já o dissemos e repetimol-o agora: a mulher dada á libertinagem não é o mesmo que a prostituta.

Apesar da avareza dominar as inclinações da primeira, fica, não obstante, sob o imperio dos seus sentidos. Nada ha delicado, é certo, nas emoções que experimenta e communica; são devidas a um instincto de brutal exaltação, mas são sensações reaes, nunca simuladas, como succede ás mulheres dedicadas á prostituição.

Por outro lado, as que se entregam á libertinagem não provocam indifferentemente todas as classes de pessoas. Não alardeiam a sua infamia, como as prostitutas, o que lhes deixa conceber a esperança de que as suas loucuras serão ignoradas pelo mundo: o que é, em ultima analyse, um caminho aberto ao arrependimento.

É muito raro, porém, seguirem este rumo. .

A libertinagem enerva, embrutece tanto os homens como as mulheres, causa infallivelmente enfermidades e dores terriveis; por isso as mulheres libertinas que não succumbem ao vicio, vêem affastar-se desdenhosamente as suas victimas. A miseria acompanha-as desde a mocidade, e chegam por um declive rapido até ao ultimo grau da prostituição.

Quando fallamos do galanteio, não nos referimos a essa delicadeza propria da mocidade, que se reflecte nas relações dos dois sexos, mas sim ao que, por abuso da palavra, quer dizer os costumes das cortezãs, que vendem a peso d'ouro os seus encantos e os seus favores.

Estas cortezãs frequentam os passeios publicos, fazem gala de um luxo desenfreado, insultam a modestia de nossas esposas e de nossas filhas, e tractam apenas de arruinar os homens fracos e imprudentes, que arrastados por ellas compromettem o seu futuro, a sua fortuna, a honra e a tranquillidade de suas familias.

De todas as mulheres que traficam com os seus encantos, a cortezã é a mais perigosa. Nunca se está bem precavido contra ella, porque muitas vezes reune aos seus attractivos pessoaes os da educação mais brilhante e variada.

A musica, o canto, a dansa, uma conversação delicada, um encanto singular, um abandono excitante, taes são os meios de que dispõe para deslumbrar os que se approximam d'ella.

Nada ha que possa comparar-se-lhe. Toma todas as fórmas para se identificar com o caracter e com as affeições do homem de quem se apossa como uma sangue-suga.

Recorre á mais affectada sensibilidade, ás lagrimas, aos ciumes e á colera para apertar cada vez mais as cadeias do seu escravo. Feliz d'aquelle que só conserva um dia tão vergonhosas cadeias!

Feliz d'aquelle, cuja razão illuminada pela experiencia, se converte n'um seguro preservativo contra o poder das mulheres *galantes!* Taes mulheres pódem comparar-se com um d'esses meteoros luminosos, que brilham apenas um instante.

O cancro de Paris

Não é raro ver estas cortezãs, tão bellas na sua juventude, com tantos attractivos e adornos, entregues ás mais infames orgias, d'onde descem mais tarde aos bordeis immundos das ruas mais torpes, para se entregarem com todo o desenfreamento á prostituição!...

Estas transicções progressivas são por assim dizer inevitaveis, e é justo, porque a felicidade com que se inebria a mulher galante, os prazeres de que participa e as homenagens de que é cercada a cada momento, seriam um exemplo extremamente pernicioso para o bello sexo, se graças a Deus o triumpho do vicio não fosse de curta duracão. A queda é rapida, e é isto a unica salvaguarda dos costumes até nos tempos mais corrompidos.

As mulheres honradas têem por si esta doce consolação. Fortifica-as a virtude pela estima e pela consideração que o amor lhes soube inspirar, e não podem invejar o triumpho escandaloso de um momento, pago pela infamia e pela miseria, que são o supplicio não interrompido do resto da miseravel existencia das cortezãs.

. . . .

Na linguagem administrativa, entende-se por *prostitutas*, as desgraçadas que por seu estado de miseria e de abjecção, pela preguiça, gula, e amor ao vicio se põem á mercê das donas de casas de libertinagem, que se apressam a fazel-as inscrever no registro da policia, fazendo-lhes adiantamentos pecuniarios, com a esperança bem fundada de que estas victimas do seu trafico jámais conseguirão pagar a sua divida, ainda, quando mesmo por acaso, desejem voltar ao caminho do bem.

As prostitutas são ordinariamente jovens, frescas, bonitas, estão sujeitas a uma aprendizagem da prostituição, durante a qual não teem direito a nenhuma paga fixa, e emquanto permanecem na categoria de prostitutas supranumerarias, são alojadas, alimentadas e vestidas pela dona da casa, a qual recebe em proveito seu o producto das complacencias d'estas desgraçadas com os frequentadores do bordel.

A prostituta não póde receber, segundo os regulamentos especiaes das ditas casas, senão os presentes ou gratificações que lhe querem dar. Por isso fazem muitas vezes exforços incriveis para satisfazerem as exigencias de certos homens. Vergonha eterna! A quantas humilhações não estão sujeitas estas desgraçadas! Só esta ideia devia ser sufficiente para deter as infelizes á beira do abysmo!

As economias que d'este modo conseguem reunir algumas prostitutas servem-lhes para comprar roupa branca, vestidos, e tudo quanto póde auxilial-as para sahirem d'esta classe, e entrarem na dos numeros ou bilhetes. Note-se que estamos fallando das prostitutas de Paris, no periodo que vae de 1810 a 1834.

Actualmente não ha estes usos, nem estas cathegorias.

As donas de casa têem naturalmente interesse em prolongar aquelle tempo de aprendizagem, e por isso recusam-se a fornecer-lhes os meios de sahirem d'elle. Assim, excitam as desgraçadas a toda a especie de despezas, ao uso dos licores, das goloseimas, dos vinhos caros, etc., o que precisa de adianta-

mentos consideraveis, cobertos sómente em parte pelo dinheiro recebido de fóra parte do preço da casa.

As raparigas, naturalmente gulosas, raras vezes recusam estas provocações, habilmente feitas, do que resulta fatalmente o augmento da sua *conta*, e a submissão indefinida ás exigencias interessadas da dona da casa.

A prostituta de numero, ou propriamente dita, está como a outra n'uma casa de que depende. Ambas alli estão alojadas, ambas alli comem, e a unica differença que existe nas suas posições respectivas é que a de numero paga uma pensão á dona da casa.

O preço do seu vestuario é fixo, assim como o do alojamento e da comida. E segundo este ajuste sempre convencional, reparte com a dona da casa, os proventos da prostituição.

Se por um lado a condição da de numero parece preferivel á outra, por isso que póde fazer economias, emquanto que a segunda não: por outro, a posição da primeira é mais difficil, visto que a segunda vive sem cuidados, ao passo que ella tem de occupar-se das suas necessidades quotidianas, e chega á miseria, se não tiver freguezes.

Já contámos as tribulações abjectas das prostitutas supranumerarias, mas mais desgraçadas são ainda as de numero, que não teem freguezes, ou que os teem raras vezes.

Vão-lhe augmentando as despezas, cresce a divida, a dona da casa não as deixa em paz nem em socego, até ao ponto de lhes tornar a vida insupportavel.

As prostitutas de numero e as da cathegoria precedente são em geral creadas ou amas sem collocação, operarias sem trabalho, filhas maltractadas por seus paes, que não podem vigial-as, nem mesmo dar-lhes o necessario para viver, e que as obrigam por assim dizer a abandonar o tecto da familia e a atirarem-se ao abysmo da prostituição, cujas apparencias seduzem a joven indigente e inexperiente, movida em primeiro logar por uma necessidade imperiosa, e dominada depois pelo desejo de um falso luxo que fascina e deslumbra os olhos.

Vem uma enfermidade que lhes altera a frescura, que lhes destroe os encantos, objecto da exploração das donas das casas de prostituição. Succede, pois, que a victima é expulsa ignominiosamente d'ellas, quasi nua, sem um real, exposta a todos os horrores da miseria, e o que é peior, indigna da compaixão que podia inspirar, quando a sua miseria estava exempta de impureza!

A prostituta de livrete é outra especie, differente das supranumerarias e das de numero. É livre; póde viver onde bem lhe parecer, comtanto que se apresente com regularidade a visita dos medicos, no tempo marcado pelos regulamentos.

Para se assegurar da exactidão d'estas prostitutas, no interesse da saude publica, a administração entrega a cada uma d'ellas um livrete numerado, onde estão inscriptos os seus nomes e appellidos, assim como a épocha de cada visita dos medicos.

Depois, por meio de um signal adoptado e collocado na columna destinada

á revista, com a data da visita, os empregados reconhecem quantos dias passaram desde que a rapariga compareceu na sua presença, e bem assim o seu estado de saude.

O livrete é renovado todos os annos.

A maioria d'esta classe de prostitutas vem da classe operaria.

Primeiramente, entregam-se á prostituição clandestina, depois do seu trabalho diario, ou em casas de passe, ou nas tabernas, ou em qualquer outro sitio. No interesse, porém, da saude publica, os agentes da auctoridade submettem-nas á visita dos medicos, e obrigam-nas depois a inscrever-se como prostitutas publicas, quando tenham sido surprehendidas muitas vezes em flagrante delicto.

A prostituta, chamemos-lhe isolada, póde, se quizer, entrar n'uma casa publica, se fôr para isso apresentar o seu livrete na repartição da policia.

Desde aquelle momento, fica comprehendida na cathegoria das de numero, e quando deseja voltar ao primitivo estado, vae novamente pedir um livrete á policia.

As prostitutas d'esta classe teem algumas vezes um quarto mobilado, porque encontram, embora temporariamente, alguem que as sustente. Muitas d'ellas vivem mesmo com a sua familia, ignorando os parentes o estado de aviltamento em que vivem estas desgraçadas, que no maior numero de casos costumam pertencer á classe operaria, sendo-lhes facil de resto enganar seus paes, porque saem de casa pela manhã para se dirigirem ás suas officinas, e não regressam senão a horas avançadas da noite, quando o resto da familia está adormecida.

As prostitutas isoladas ou independentes affluem das oito ás nove da noite nas proximidades das casas de que dispoem para as suas entrevistas, e fazem signaes aos transeuntes que as seguem. A maior parte d'ellas installam-se em quartos mobilados, e é entre estas que se encontram essas miseraveis, que não tendo de creaturas humanas senão o involucro gasto e repugnante, formam o quadro mais asqueroso que póde offerecer a natureza na sua degradação rapida e na sua precoce decrepitude.

Ha ainda outra classe, é a prostituta isolada ou de livrete, mas de apparencia modesta. A' primeira vista, nas ruas, nas praças, e nos passeios, não se distingue da mulher honrada. Tem uns modos decentes, uma linguagem discreta, e nunca deixa cahir a mascara sem se assegurar bem das intenções do seu interlocutor. Se se faz seguir pela sua figura elegante ou por um olhar lançado habilmente ao homem que deseja attrahir, vae seguindo o seu caminho de olhos baixos e de apparencia modesta. Nada denuncia a sua vida desregrada.

Pára á porta de sua casa, ordinariamente de bom aspecto, e alli espera o sujeito, explicando-se claramente com elle. Se lhe convém o ajuste, apressa-se a introduzil-o n'uma casa elegante e luxuosa, onde elle não encontra ordinariamente senão a dona da casa.

Fallaremos mais adiante d'estas casas, ao tractarmos da divisão dos logares em que se exerce a prostituição.

Poderia á primeira vista suppor-se que esta ultima classe de prostitutas encontram menos espinhos na sua carreira que as outras. Engano! A sua existencia, como a de todas as suas companheiras, é um curso nunca interrompido de desgraças. Estão sujeitas ao mau humor e caprichos das donas da casa em que *trabalham*, assim como aos maus tractos de alguns homens. Estão sujeitas ás enfermidades vergonhosas, os seus encantos desapparecem ao cabo de algum tempo, e ficam soffrendo as mais vis humilhações, escorregando rapidamente pelo declive da prostituição, até ao ponto em que a velhice as surprehende, a maior parte d'ellas já na via publica, tendo descido o ultimo degrau da infamia!

. . . .

A medianeira, ou a procuradora, a *entremetteuse*, como se diz em Paris, é a proxeneta da prostituição.

A que desempenha este papel infame é mil vezes mais culpada que as prostitutas. Sem as suas promessas, sem os seus affagos, sem as suas doces mentiras, quantas d'estas desgraçadas teriam uma vida regular na sociedade, cercadas do amor das respectivas familias, da affeição dos seus similhantes e da estima geral!

Mas como hão de estas infelizes subtrahir-se aos manejos astutos de uma d'essas vis mulheres!...

As suas astucias reproduzem-se debaixo de tantas fórmas, sabem dar-lhes um colorido tão seductor! Preciso seria ser-se dotada de uma virtude extremamente solida para resistir constantemente aos seus habeis assaltos, e desgraçadamente as pobres raparigas a quem ellas se dirigem não tardam muito a descobrir-lhes os seus pontos fracos! Umas vezes é uma situação precaria, visinha da indigencia, outras a ambição de viverem uma existencia superior á da classe em que nasceram...

A *entremetteuse* apparece na cidade, nos campos, nos passeios, nas egrejas, nos theatros, nos concertos, encontra-se sempre ao lado da rapariga recem-chegada a Paris, offerece-lhe os seus serviços, arrasta-a a sua casa, cerca-a de laços e de armadilhas, sempre com o fim unico de a perder em seu proveito.

Sob o pretexto de vender artigos de toucador, a preço muito inferior ao corrente, introduz-se nos armazens, nas officinas, nas casas particulares. Alli examina a sua presa, devora-a com o olhar, e desgraçada da inexperiente donzella, que lhe convenha! Não ha astucia a que não recorra para sacrificar a sua victima!...

Se a joven lhe designa um objecto que é do seu agrado, e lhe offerece uma quantia qualquer, a perfida não se apressa a fechar o contracto. Procura fallar-lhe em particular, acaba por attrahil-a ao seu antro, e n'esse caso, ai d'ella! toda a esperança de salvação é perdida para a pobre inexperiente! A sua perda é fatal, cedo ou tarde!

Eis um exemplo, escolhido entre mil dos que essa funesta especie de mulheres empregam para realisarem o seu fim abominavel:

Um freguez, homem de edade madura, apresentou-se como por acaso em

casa de uma vendedora de objectos de toucador, na occasião em que estava alli uma rapariga.

Ao ver uma terceira pessoa, o homem confundiu-se em desculpas e fingiu querer retirar-se para não incommodar.

Informou-se da saude da dona da casa, e a conversação depois d'este preludio não tardou a travar-se nos seguintes termos:

—«Então o senhor retira-se!»

—«Sim, minha senhora, eu não desejo incommodar, e voltarei por aqui outro dia.»

—«Não, não incommoda... Queira sentar-se aqui n'esta cadeira...»

—«Mas, minha senhora...»

—«Ora que ideia! Um homem como o senhor não incommoda nunca!»

—«Obrigado, minha senhora. Confunde-me tanta amabilidade...»

—«Ha muito tempo que não tenho o prazer de o ver por esta sua casa!...»

—«É verdade, mas apesar d'isso, nunca a esqueço, minha senhora...»

—«Pois não se comprehende muito bem como tem coragem para não apparecer por aqui mais a miudo!...»

—«Os negocios, minha querida senhora... os negocios!...»

—«Ora adeus! Os negocios!... O senhor é um ingrato!»

—«Oh, minha senhora! Por quem é!...»

—«Um ingrato, sim, não retiro a expressão! Pois não sabe que o aprecio tanto! Verdade seja que o senhor tudo merece!...»

—«Não me queira envergonhar, minha senhora!...»

—«Bem sabe que estou ao facto dos seus rasgos de philantropia, tanto a favor dos seus parentes, como dos extranhos...»

—«Não faço senão o meu dever...»

—«O seu dever! E quantos o imitam, diga! Ainda ha pouco essa subscripção para as victimas d'aquelle pavoroso incendio...»

—«Não me queira envergonhar, minha querida senhora! Eu...»

—«Modesto! Pensa que não sei apreciar o seu bom coração?! E aquella pobre rapariga tão indignamente enganada pelo amante, repellida pela familia, e mergulhada na mais espantosa miseria, quem a tirou do abysmo? Diga! Não foi o senhor? E não só a protegeu, mas até lhe poz um estabelecimento, dando-lhe todos os meios de reconquistar uma invejavel posição social.»

—«Cedi a um sentimento de compaixão, de que não julgava ter ensejo de me arrepender; mas esqueçamos tudo isto, peço-lh'o, e não me falle, minha querida senhora, no bem que fiz a ingratos!...»

—«O que não faria o senhor uma rapariga bella e virtuosa, que soubesse comprehender a ventura das suas relações com um homem honrado?...»

—«Apesar da minha triste experiencia, talvez ainda fosse bastante fraco para me interessar por ella!...»

—«E faria muito bem!...»

—«Acha?...»

—«Ora, eu bem o conheço!...»

—«É possivel...»

—«Ora se é!...»

—«E póde ser que tornasse a ser enganado! Oh, é uma ideia que me desespera, tanto mais que eu nunca na minha vida enganei pessoa alguma!...»

—«Não receie, meu amigo!...»

—«Estou escaldado, minha querida senhora!...»

—«Deixe lá! Ainda se encontram raparigas de sãos principios e de bons e elevados sentimentos!...»

—«Ah, se eu encontrasse alguma assim!»

—«E se a houvesse?!...»

—«Como! Falla serio, minha querida senhora?...»

—«Fallo! Supponha que ha uma rapariga, de bons sentimentos, que o sabe apreciar com justiça, e que sympathisa com o seu caracter, com as suas inclinações e com os seus costumes!...»

—«O que ahi vae, minha querida senhora! Mas isso então seria encontrar o paraiso na terra!...»

—«E depois?...»

—«Uma menina, como a senhora sabe descrevel-a, seria para mim o mais ditoso dos achados, consagraria a vida inteira á sua felicidade, não teria um desejo, sem que o visse immediatamente realisado, e se tivesse a certeza de que a gratidão d'essa mulher pagava todos os meus sacrificios, seria devéras feliz!...»

Durante este dialogo, apparentemente sem pretensões, como se ambos os interlocutores estivessem a sós, a imaginação da rapariga trabalhava sem descanço.

Exaltava-se com as miragens de um porvir brilhante: não se lembrava que a edade d'aquelle homem era muito differente da sua. Impressionada pelos elogios da proxeneta, não pensava senão na sorte digna de inveja, que lhe proporcionaria o amor e os beneficios do generoso e desinteressado bemfeitor...

O coração pulava-lhe dentro do peito, impellido pelo receio e pelo desejo, e depois das ultimas palavras do velho libertino, se a tanto se atrevesse, ter-lhe-hia dito:

—«Sou eu a mulher que o senhor procura! Amal-o-hei com delirio, e tudo farei para lhe agradar!...»

A pobre rapariga só despertou das suas reflexões, ao ruido que fez o velho, quando se levantou para se despedir.

A dona do armazem de modas fez-lhe prometter que d'ahi em diante havia de ser mais assiduo nas suas visitas.

Elle assim o prometteu, desculpando a sua ausencia com varias razões. Morava longe, ia diversas vezes para o campo, tinha muito que fazer, etc., etc.

Foi-se embora, deixando á rapariga a esperança de que talvez não tardasse a voltar.

Apenas elle partiu, a *entremetteuse* começou a fazer o elogio da fortuna d'aquelle homem, da sua generosa bondade. Desenrolou pela segunda vez o quadro illusorio da felicidade que esperava a mulher por elle escolhida, e depois por uma transição subita, passando de tom solemne ao adocicado, pegou

n'uma das mãos da pobre rapariga, apertou-a entre as suas, e sorrindo-se agradavelmente disse-lhe:

—«Não sei o que isto é, mas o coração diz-me que a menina hade vir a ser a mulher escolhida pelo amor d'este excellente amigo.»

—«Eu, minha senhora?!»

—«A menina sim!»

—«Ah!...»

—«E se assim succeder, por feliz me darei de ter sido a causa da sua fortuna e da sua felicidade. Olhe, eu não sou rica, mas se fosse preciso isso, daria o que tenho de mais precioso, para que a minha amiga conseguisse o que tanto do coração lhe desejo!...»

—«Oh! obrigada, obrigada, minha senhora!...»

—«Sim digo-lhe isto do fundo d'alma, certa como estou de que a menina me havia de recompensar um dia!...»

—«Oh! decerto! decerto!...»

—«A menina é muito boa tambem...»

—«Minha senhora, por quem é!...»

—«Olhe, não conheço ninguem mais digno de tanta ventura!»

Em presença d'este novo ataque, a pobre joven fascinada, deslumbrada, fóra de si, não sabia onde estava, nem o que dizia!

Tremia de inquietação, chorava de alegria... A *entremetteuse* havia conseguido o seu fim, e via a sua victima luctando em vão contra as suas seducções. Sorriu-se ao notar as ultimas repugnancias do pudor, e por fim, arrancou-lhe a confissão da sua derrota... Estava vencida e bem vencida.

Foi-se embora, depois de ter acceitado uma entrevista para o dia seguinte.

Soou a hora fatal!... A que ainda hontem era a esperança da familia, corre para a sua perda com a cabeça cheia das brilhantes mentiras com que a allucinaram...

As raparigas, que cáem em laços como estes, teem ainda alguma esperança de salvação quando lhes resta um sentimento de pudor, e um desejo da estima do proximo.

....

A mulher, que desde o anoitecer até ás onze da noite se conserva immovel diante de uma porta, ou passeia demoradamente por alli perto, quem é?

É a *marcheuse*.

O leitor deve recordar-se que lhe estamos apresentando as prostitutas francezas, em todas as suas curiosas variedades, até 1830 ou 1840. Hoje os costumes são outros, e as *marcheuses* passaram a ter outra denominação. Ha um capitulo especial para a prostituição de Paris contemporaneo.

A *marcheuse* é a velha prostituta aposentada. Anda decentemente vestida. Que faz? Chama em voz baixa os transeuntes, convida-os a entrar na casa a que pertence, e onde, segundo ella annuncia, encontrará, promptas para o servirem muitas raparigas bonitas e agradaveis, a saber—*grisettes*, camponezas, meninas de boas familias, artistas, comicas, cada qual mais bella e appetitosa!

Eis o que essa mulher annuncia, e se vê os seus offerecimentos acolhidos com indifferença, leva a ousadia ao ponto de segurar os homens pelo braço, no interesse da sua missão.

Estas mulheres, como se vê, são o annuncio ambulante da casa publica. O exito d'esses estabelecimentos repugnantes depende muitas vezes dos seus reclames.

Por isso mesmo, são muito estimadas, e diremos mesmo, chegam a ser temidas pelas proprias donas de casa.

Nos estabelecimentos de primeira ordem, ha ordinariamente muitas *marcheuses*, cujo principal encargo é passear as prostitutas pela visinhança e pelos *boulevards*, com ordem de as porem bem em evidencia nos sitios mais frequentados.

Muitas vezes estes passeios são dirigidos pelas proprias donas de casa, mas isto succede apenas nas casas de segunda ordem.

A *marcheuse* é quasi sempre a que faz as compras ás prostitutas da casa em que está empregada, e por isto mesmo é outra sangue-suga, que previne todos os caprichos das desgraçadas, para lhes devorar as economias e mantel-as n'um estado de miseria, que eternise a sua dependencia sob o jugo de uma dona de casa tão avida como intractavel.

Fallemos agora de outra prostituta.

É a que mais baixo cahiu no tremedal da abjecção. Inspiraria para logo o asco e a repugnancia, por fraca e tibia que fosse a luz a que podesse ser vista, mas ella procura sempre as trevas, e como as aves nocturnas, só divaga nos logares mais obscuros e tenebrosos, por conseguinte os mais isolados. Encontra-se nas ruinas, por entre as pedras destinadas a edificações, e alli arma a sua teia ao desgraçado que se aventura por taes sitios.

Ataca-o n'esses logares isolados, mancha-o com o seu contacto immundo, e agarra-se materialmente a elle, até que cede ás suas provocações ou lhe dá uma esmolla. É a *pierreuse*.

Algumas vezes esta desgraçada, sustentada por ladrões, dos quaes é a emissaria, rouba o transeunte que lhe cáe nas mãos, e que por feliz deve julgar-se, se se livra d'ella, a troco do relogio e da bolsa, ou de qualquer outro objecto de valor.

Muitas d'estas mulheres foram apanhadas em varias rusgas da policia. Algumas tinham mais de sessenta annos, e eram horriveis, tendo na physionomia um não sei quê de sinistro. Interrogadas, não davam respostas cathegoricas, tinham a voz rouca, cheiravam mal, finalmente parecia incrivel que seres tão degradados pertencessem á especie humana, a tal ponto a immoralidade lhes havia decomposto e degradado o organismo.

Custa a crêr que homens novos, bonitos, sãos de corpo, tenham coragem para apertar nos braços taes creaturas feias, sujas, horrendas, exhalando do corpo um fetido insupportavel!...

Não obstante, ha muitos que se deixam arrastar pelas grosseiras sollicitações d'essas infelizes!

Vamos apresentar um facto authentico:

«Uma noite, diz o commisario de policia Beraud, visitei os bairros mais isolados da margem esquerda do Sena.

«Ao chegar á praça do palacio do Instituto, em frente da ponte das Artes, os meus agentes capturaram detraz dos leões que decoram a fonte uma d'essas immundas creaturas, que fôra encontrada em flagrante delicto com um rapaz de dezenove annos, bem vestido e de agradavel aspecto...

«A *sereia* tinha mais de sessenta annos, e vestia miseravelmente uns pobres andrajos, cheios de nodoas e todos esfarrapados.

«Em poucas palavras, aquella velha furia, magra e descarnada, com os olhos inflammados e lacrymosos, sem dentes, era horrivel e asquerosa!...

«Tive a ingenuidade de me compadecer do rapaz, mas querem vêr?

«Quando os fiz conduzir á estação proxima, contando com a vergonha do libertino imberbe, ao vêr-se n'uma salla illuminada e defronte d'aquelle monstro feminino, fiquei estupefacto ao vêl-o primeiro sorrir com indifferença, e em seguida conversar a sangue frio, e com um certo carinho até com aquella immunda e repugnante *pierreuse!*

«Fique indignado e a tal ponto, que no primeiro momento desejei poder applicar-lhe o art.º 330 do Codigo Penal.

«Os seus papeis estavam em regra, e por isso, bem a meu pesar, tive de o pôr em liberdade, não sem lhe haver previamente feito severas admoestações, ás quaes respondeu balbuciando algumas desculpas.

«A mulher durante este tempo estava impassivel, e pul-a á disposição da auctoridade competente.»

As *prostitutas soldadescas* são as que geralmente rondam em volta dos quarteis e dos corpos de guarda.

Continuamente á espreita, esperam o momento em que o soldado não está de serviço para o arrastarem ás tabernas, para o acompanharem a passeio, e até ás vezes para o campo.

Pertencem ordinariamente á escoria do povo, e sem educação nem principios, são capazes de commetter os maiores excessos.

As *soldadescas* são, geralmente fallando, creadas expulsas de muitas casas, e que não encontram collocação por causa da sua má conducta. Vêem tambem ás vezes das officinas, são operarias preguiçosas dadas á gula e á libertinagem.

Finalmente algumas cahem n'esta deploravel categoria, depois de haverem sido victimas da seducção dos militares nas cidades em que ha regimentos aquartellados.

Fogem aos paes para seguirem os amantes a Paris, e são quasi sempre abandonadas pelos seus seductores.

Primeiro, o despeito e o desespero, e em seguida a miseria obrigam-nas a entregarem-se á mais vil das prostituições. Estas mulheres estragam quasi sempre a saude dos soldados com pouco tempo de pratica, os quaes para conseguirem prazeres faceis e pouco despendiosos, arrostam os resultados das suas relações com creaturas de uma vida tão irregular, na sua maior parte atacadas de syphilis.

Estas prostitutas, apesar de inscriptas, só com grande difficuldade se submettem ás visitas dos medicos e aos regulamentos da administração publica.

....

Julgamos necessario proscrever completamente a prostituição da rua publica. Essa prostituição é um quadro horroroso e funesto, que não deveria jámais andar exposto aos olhos das mulheres honestas.

Á umas, causa repugnancia; a outras, póde induzil-as ao vicio.

Dizemos isto, porque achamos este logar bem proprio para se tractar de um assumpto a tal ponto importante e transcendente.

Beraud era exactamente da nossa opinião, quando escrevia o seguinte:

«Proponho que se restabeleça em todo o seu rigor o artigo 1.º do regulamento de policia de 6 de novembro de 1778, etc., etc.»

E accrescenta:

«E que se ponham tambem em vigor os artigos 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º da ordem do prefeito de policia de 14 de abril de 1830, cujo theor é o seguinte:

«Considerando que, se não é possivel extirpar a prostituição, é indispensavel regular o seu exercicio, de modo que deixe de offender o pudor publico e de excitar os homens á libertinagem, expondo-os a ser arruinados e maltractados, ordenamos o seguinte:

«Artigo i: — Fica expressamente prohibido ás mulheres publicas o apresentarem-se na rua publica, para excitarem directa, ou indirectamente á libertinagem.

«Egualmente se lhes prohibe o apparecerem seja em que occasião, ou sob que pretexto fôr, nos passeios, jardins publicos ou *boulevards*.

«Artigo ii: — As mulheres publicas não poderão entregar-se á prostituição senão nas casas toleradas para esse fim.

«Artigo iii: — As prostitutas isoladas, quer dizer, as que não habitam nas casas de tolerancia, não poderão dirigir-se a essas casas, senão depois de accesos os candieiros das ruas publicas.

«Outrosim, devem ir directamente para alli, simplesmente vestidas e com decencia, e absterem-se de toda a demora, de passeios e de toda a provocação ao publico.

«Artigo iv: — Não poderão n'uma mesma noite deixar uma casa publica para irem para a outra.

«Artigo v: — As prostitutas isoladas deverão ter abandonado as casas publicas e voltado ao seu domicilio antes das onze da noite.

«Artigo vi: — As que se apresentarem na rua publica, de modo que se façam reconhecer pelo que são, ou as que apparecerem nos logares que lhes são defezos, serão immediatamente presas.

«O mesmo succederá ás que, ao dirigirem-se depois de accesos os candieiros ás casas publicas, se desviarem do seu caminho; ás que na mesma noite passarem de uma casa para outra; ás que forem encontradas nas ruas antes de accesos os candieiros, ou depois das onze da noite.

«Artigo vii: — As casas publicas deverão ser indicadas por um lampeão,

e ás primeiras horas da noite por uma mulher velha, que permanecerá á porta d'essas casas.

«ARTIGO VIII: — As donas da casa nunca poderão obter licença para estabelecerem uma taberna.

«ARTIGO IX: — O secretario geral, os chefes da segunda divisão e da policia municipal ficam encarregados da execução do presente regulamento.

«O conselheiro de estado, inspector geral da policia,

«MANGIN.»

Mais tarde analysaremos este e outros regulamentos, no capitulo que tracta da parte legislativa da prostituição.

. . . .

Beraud diz no seu livro que conheceu em 1838 uma condessa á frente de uma casa de prostituição.

Eis como elle conta este caso:

«Conheci uma d'essas mulheres, cuja carreira de libertinagem desejo registrar, sem que tenha necessidade de lhe declarar o nome.

«De volta da emigração, o conde de *** retirou-se para a cidade de N***, onde, apesar da sua avançada edade, casou com uma joven formosissima, descendente de uma das familias mais notaveis d'aquella provincia.

«Pouco tempo depois da sua união, desejou estabelecer-se em Paris.

«O conde frequentava a alta sociedade da capital, e sua mulher acompanhava-o, fazendo as delicias de todos, pela sua vivacidade, e pelo brilho dos seus encantos.

«Não lhe faltavam, pois, admiradores. Ella gosava com as suas conquistas, vangloriava-se d'ellas... e não dissimulava as suas emoções, apesar das suas faltas por essa épocha não serem senão faltas veniaes, leviandades sem consequencias...

«O *ménage* começou a soffrer com aquelles triumphos obtidos pela dama. A antipathia, cujo principio emanava naturalmente da differença da edade do esposo, cresceu de ponto logo que o velho marido começou a dirigir censuras a sua mulher pelo que elle chamava a sua leviandade e o seu descaramento.

«Primeiramente essas queixas foram recebidas com despeito, depois com colera... Comtudo, por um requinte de astucia familiar a um sexo, que sabe supprir a força com a astucia, a condessa fingiu entender a rasão, e subjeitar-se aos conselhos de seu marido. Foi assim que se perdeu, desde o momento em que a sua resistencia teve de recorrer a intrigas e manejos, cobrindo-os com uma especie de verniz de condescendencia.

Meditou muito, e por fim resolveu romper de todo os laços sagrados.

Pouco depois a deshonra da condessa era evidente, e o conde passou a ser o alvo dos epigrammas dos seus amigos, não tardando a descer ao tumulo, victima dos desgostos e das enfermidades inherentes á velhice.

Morreu sem deixar fortuna á viuva, e a condessa, que havia brilhado na sociedade em todo o esplendor do luxo, no meio dos prazeres de uma posição

invejavel, desejou continuar um genero de vida tão agradavel, e para isso travou amizade com algumas mulheres intrigantes, que a puzeram em relação com *amantes uteis.*

Desejando salvar as apparencias, alugou uma casinha destinada ás suas orgias secretas n'um bairro aflastado de sua casa, que teve a vaidade de conservar, assim como o numeroso pessoal dos seus creados.

O tempo foi-lhe prejudicando a belleza da physionomia e a das fórmas, mas nem por isso a condessa abandonou o seu genero de vida.

Mas, como deixasse de ter admiradores, adoptou um novo plano para poder sustentar o seu luxo insolente. Recebeu em sua casa duas ou trez mulheres casadas, que desejavam occultar as suas intrigas. Pouco depois consentiu que a sua casinha mysteriosa do bairro aflastado ficasse definitivamente organisada para servir ás entrevistas dos amores libertinos e adulteros.

A que extremo chegara a condessa! Finalmente, não pondo limites ás suas impudicas especulações, mandou recrutar raparigas, e ella propria escolheu algumas para formar um serralho. Por meio das suas perfidas suggestões conseguiu que algumas juvenis esposas se desviassem do caminho do dever, e que muitas raparigas solteiras se emancipassem da tutella paternal, para satisfazerem as lubricas paixões de alguns ricaços libertinos, ou de alguns elevados personagens.

No emtanto, a condessa frequentava a melhor sociedade, e alem dos iniciados nos seus segredos, ninguem suspeitava que ella se entregasse a tão vergonhoso commercio.

É preciso fazer-lhe justiça. Tinha muita habilidade e um aprumo admiravel. Não dirigia o estabelecimento, tinha uma mulher para exercer essas funcções, á qual vigiava cuidadosamente. De vezes em quando, apresentava-se alli, a qualquer hora do dia ou da noite, e observava tudo, pedindo contas de todas as particularidades, de fórma que a vice-directora não podia enganal-a de modo algum.

É escusado dizer que em sua casa affectava uma grande rigidez de principios, intransigente para com todas as fraquezas.

Recebia uma sociedade escolhida, ignorando todos os convidados os seus antecedentes e o seu infame negocio.

Passeiava de carroagem, sempre com luxo e ostentação, coberta de brilhantes, e poucas vezes consentia que os seus creados a acompanhassem. D'este modo podia multiplicar as suas apparições subitas na casa publica, e exercer uma vigilancia tanto mais zelosa, quanto era certo que d'ella provinha o dinheiro necessario para sustentar um estado de casa extraordinariamente dispendioso. Tal era a condessa proxeneta!...

. . . .

Ha uma classe de seres abjectos, sós e despreziveis. São os que vivem a expensas de uma prostituta.

Na épocha a que nos estamos referindo, esses homens verdadeiramente infames, chamavam se em França *marlous*. Actualmente chamam-se *amants de cœur*.

Estes homens, cousa devéras incrivel! sustentam-se com o salario das prostitutas, ganho á força de se entregarem á satisfação dos mais asquerosos caprichos, porque a libertinagem não se limita nos seus excessos a seguir as inclinações da natureza, ultraja-a continuamente, offende-a com invenções torpes, produzidas unicamente pela corrupção e pela sociedade.

Pois este salario impuro, ganho á custa das mais vergonhosas abjecções, é acceite por essa especie de homens, cujo nome só por si faz subir a côr ao rosto!

A indignação sóbe de ponto, porém, ao lembrarmo-nos que entre esses desgraçados se encontram homens pertencentes a familias honradissimas, que bem longe estão de suspeitar o aviltamento voluntario de alguns dos seus membros!

Estes infames procuram aturdir-se, e nem sequer pensam no que a sua vida tem de repellente e indigno, impondo-se ao publico pela elegancia das suas apparencias, sem que por isso deixem de ser os mais vís dos homens.

Para fazerem alguma cousa em defeza dos seus honorarios, vêem-se obrigados a defender as suas *damas*, contra os insultos d'aquelles com quem ellas se encontram em contacto directo.

Outras obrigações têem ainda:

Precisam de subtrahir as mulheres á vigilancia da policia, de as arrancarem ás mãos dos agentes policiaes, quando chegam a ser presas, de as defenderem, em summa, contra qualquer perseguição.

Todos estes abusos, todos estes crimes, todos estes excessos emfim, inspiraram ao commissario Beraud um projecto de regulamento geral para o exercicio da prostituição na cidade de Paris.

CAPITULO XII

SUMMARIO

Projecto de regulamento geral para o exercicio da prostituição e commentarios d'este projecto, pelo intendente de policia Beraud.—Os logares publicos.—As casas toleradas.—Os gabinetes negros das tabernas e casas de pasto.—As casas para pernoitar.—As prostitutas isoladas.—A hora de recolher.—Penas e castigos.—A indicadora das casas de prostituição.—Que edade deve ter.—Medidas de prudencia.—Numero das casas de prostituição.—As janellas d'estas casas.—Precauções para não se offender o pudor dos visinhos.—Visitas dos medicos.—Medidas sanitarias.—A prostituição clandestina.—Matricula das raparigas, concedida apenas a solicitem.—Rasão d'este artigo.—Hora a que devem fechar-se as casas de prostituição.—Respeito para com o repouso do publico.—Probibição aos homens de dirigirem casas de prostituição.—Excepções.—Objecções contra estas disposições.—Como hão de defender-se as raparigas contra os ataques dos libertinos, e contra as suas habituaes brutalidades?—Inconvenientes que se pretende destruir com a prohibição.—Incriveis desordens.—Inutilidade dos *marlous*.—Bailes nas casas de prostituição.—Os libertinos do *bom tom*.—Cortezãs de alta eschola.—A prostituição e o jogo de parar.—Aviltamento e degradação.—Inconvenientes e lacunas do regulamento proposto pelo intendente Beraud.—A prostituição dos menores.—Infamia das raparigas na rua publica.—Razão porque o libertino de edade avançada prefere as trevas da noite e o ar livre.—Perigos sociaes.—Necessidade de os destruir.—A *grisette* parisiense em 1810.—Retrato d'este curioso specimen da prostituição da grande capital.—Seu aspecto.—Os seus clientes.—Prostituição desinteressada.—Como vivia a *grisette*.—Differentes especies de *grisettes*.—A do Bairro Latino, a do Marais e a da Chaussee d'Antin.—A *grisette* dos estudantes.—O baile da Chaumière.—O baile Bobino.—A depravação em todo o seu horror.—*Abyssus abyssum invocat!*—Orgia e stupro!—Os amores dos estudantes de Paris.—As outras *grisettes*.—O cancro de Paris.—A prostituição por assignatura.—Os bilhetes de Julia.—Perigos que corria a mocidade inexperiente ao frequentar as *grisettes* de Paris.

CCUPAMO-NOS n'um dos primeiros capitulos d'este volume do *Projecto de reforma da prostituição*, concebido por um escriptor licencioso, Retif de la Bretonne. O inspector de policia Beraud é auctor de outro projecto do mesmo genero, de que não queremos privar os leitores. Vamos, pois, transcrevel-o para aqui, na sua integra, acompanhado de commentarios feitos pelo proprio auctor a todos os artigos, de que esse projecto se compõe.

«Artigo i:—Fica de óra ávante severamente prohibido ás prostitutas o apresentarem-se nos logares publicos para excitarem directa, ou indirectamente os transeuntes á libertinagem».

Como commentario, o intendente de policia accrescenta:

«Por logares publicos devem entender-se todos os sitios onde o publico é admittido livremente. Por conseguinte, o jardim das Tulherias, o jardim e as galerias do Palais-Royal, por serem logares publicos, ficam interdictos ás prostitutas.

«Artigo ii:—As mulheres publicas não poderão entregar-se á prostituição senão em casas toleradas para esse fim, ou nos seus proprios domicilios.»

Commentario de Beraud:

«Sendo o fim d'este regulamento fazer desapparecer a provocação á li-

bertinagem na rua publica, assim como a prostituição nos logares em que a acção da policia não póde ser efficaz nem activa, deve limitar-se o exercicio da prostituição ás casas publicas e aos domicilios pessoaes das mulheres, as quaes sabendo que todos os outros logares lhes são prohibidos, nada poderão alegar para se justificarem, se fôrem surprehendidas em flagrante delicto de contravenção a este artigo.

«Artigo III: — Os *gabinetes negros,* que costuma haver em casa dos taberneiros e nas casas de pasto ficam absolutamente prohibidos.»

O inspector explica:

«Este artigo é por assim dizer uma consequencia do precedente. O seu fundo é na pratica tanto mais urgente, que é n'estes logares onde ordinariamente se exerce a prostituição clandestina.

«Por isso, justo é castigar com uma pesada multa todos os taberneiros e bodegueiros, que admittem em suas casas e gabinetes particulares mulheres publicas, acompanhadas de homens, sejam elles quaes forem.

«Artigo IV: — Fica egualmente prohibido ás prostitutas levarem os homens ás casas para pernoitar, e entregarem-se alli á prostituição, a não ser que sejam propriedade sua, ou estejam inscriptas como hospedas no registro d'essas casas.»

E Beraud accrescenta:

«Os artigos I e III d'este regulamento seriam nullos, se fosse permittido a uma prostituta conduzir os homens e prostituir-se com elles nas casas para pernoitar, com o que provariam não terem um domicilio fixo. D'este modo as casas de dormida ficariam sendo verdadeiras casas de prostituição.

«A administração não poderia tolerar similhante escandalo. Já muito longe leva ella a longaminidade, em considerar como casa da prostituta aquella onde se acha registrada como hospeda.»

«Artigo V: — As prostitutas isoladas, quer dizer, as que não habitam em casas publicas, não poderão dirigir-se a ellas senão vestidas singelamente e com decencia. Deverão abster-se de qualquer demora na rua, de passeios, ou de qualquer provocação, seja qual for o modo porque pretendam realisal-a.»

Não faz a este respeito commentarios. Limita-se a dizer:

«Este artigo é de uma perspicuidade tal, que não me parece haver necessidade de qualquer demonstração. Effectivamente, quem não comprehende que se fosse permittido a uma prostituta ir a uma casa publica em trajo indecente, e se podesse provocar os transeuntes á libertinagem, o artigo I ficaria completamente annullado!

«Artigo VI: — Não poderão na mesma noite sahir de uma casa publica para irem para outra.»

Beraud diz a este respeito:

«Se não fosse isto, as continuas idas e vindas fariam com que as prostitutas dessem escandalo nas ruas por onde transitassem; e por isso não poderia exercer-se uma inspecção completa em cada casa. Este artigo é, pois, um dique opposto a tão grandes e prejudiciaes desordens. É bem manifesta a sua importancia.»

«Artigo vii: — — Ficam obrigadas as prostitutas isoladas a deixarem as casas publicas e a voltarem á sua ás doze da noite em ponto.»

Eis o que a este respeito accrescenta o inspector:

«A segurança dos cidadãos exige imperiosamente esta medida, a uma hora em que a vigilancia da auctoridade não deve ser distrahida do objecto que se propõe, que é perseguir os malfeitores e impedir a execução dos seus criminosos projectos.

«Artigo viii: — As prostitutas que se apresentem na via publica de modo a poderem ser reconhecidas, assim como nos logares que lhes ficam prohibidos, serão immediatamente detidas, assim como as que contrariarem as disposições do artigo i.»

Explicação de Beraud:

«Este artigo é tambem a consequencia racionalmente repressiva dos precedentes. A condição da vitalidade de uma lei baseia-se na pena comminada aos contraventores.

«Artigo ix: — A casa publica será indicada por uma mulher de edade, que estará constantemente no humbral da porta e sempre só. Ser-lhe-ha prohibido sahir d'aquelle sitio, e andar pela rua publica a chamar ou a deter os transeuntes. Nunca poderá ser auxiliada ou substituida por qualquer rapariga extranha ou pertencente á casa. Deve ter de quarenta annos para cima.»

Commentario do auctor do projecto:

«Esta medida tem muitas vantagens, entre outras a de não poder confundir-se uma casa decente com uma casa de prostituição. Aquella mulher serviria, por assim dizer, de taboleta ao estabelecimento.

«Não deve affastar-se da porta.

«Comprehende-se a razão d'isto. Poderia ser tão audaz que se atrevesse a sahir ao caminho dos transeuntes. Tenho visto varias vezes algumas *marcheuses* agarrarem os homens pelo braço e pelo fato, e obrigal-os, por assim dizer, a entrar nas casas de prostituição.

«É necessario supprimir esta libertinagem, e é este o fim principal do artigo vi.

«Exigir que a *marcheuse* tenha, pelo menos, a edade de quarenta annos, é pretender evitar o escandalo inevitavel de umas scenas torpes na rua, entre mulheres mais novas e os libertinos.

«Pelo mesmo motivo, prohibo a substituição das mulheres pelas raparigas.»

«Artigo x: — Em tempo algum, e seja sob que pretexto fôr, poderão ser auctorisadas as donas de casas publicas a terem café, casa de pasto ou taberna, ou qualquer outro estabelecimento analogo. As que desejarem ter outro officio, como por exemplo, o de modistas ou engommadeiras, não poderão exercel-o senão no interior de suas casas, e nunca em lojas, ou armazens com porta para a rua.»

E o inspector accrescenta:

«Quem não calculará bem as consequencias immoraes de uma permissão concedida a uma dona de casa publica para estabelecer um café, casa de pasto ou taberna?

«Não será este um novo meio para attrahir os homens, que talvez não fossem a principio impellidos pela libertinagem, mas que depois da comida ou da bebida, com a cabeça escandecida pelos licores espirituosos, cederiam ás provocações, de que não são por certo avaras as raparigas que se encontram em casas d'esta ordem?

«Similhante concessão seria apenas um incentivo funesto para a libertinagem, e por conseguinte para augmentar os funestos accidentes que d'ella resultam.

«Estaria além d'isso em contradicção flagrante com a circular do inspector de policia, de 11 de fevereiro de 1815, com outras muitas e nomeadamente com as disposições da intendencia de policia, de 14 de abril de 1830.

«Prohibo tambem a essas mulheres o terem armazens ou lojas com porta para a rua, e creio fazer bem. As mulheres que alli trabalhassem fariam inevitavelmente signaes aos transeuntes, o que era em ultima analyse uma provocação manifesta.

«E por isso taes estabelecimentos não podem ser tolerados, sem se annullar o artigo I d'este regulamento.

«Artigo XI: — O numero das casas publicas estabelecidas em Paris será illimitado.»

«Grandes são as vantagens que proporciona este artigo. Resaltam á simples leitura. Esta medida só por si destruiria completamente a prostituição clandestina, augmentaria a acção da policia, e dar-lhe-hia os meios legaes de exercer uma vigilancia mais extensa e mais activa.»

O artigo XII não tem importancia e por isso o supprimimos.

«Artigo XIII: — Toda a mulher que occupar um quarto mobilado, com licença de seu marido, sendo casada, assim como do dono da casa, é competente para obter um livrete de dona de casa publica.»

Commentario d'este artigo:

«A exigencia que a mulher manifestasse seria uma prova de sollicitude e de previsão, em favor da ordem publica e da dona da casa publica, por isso estipulamos esta clausula.»

O artigo XIV não tem importancia.

«Artigo XV: — Todas as janellas e sacadas das casas publicas terão persianas, ou não tendo, os vidros serão revestidos de uma camada de alvaiade. Quando as janellas estiverem abertas, e isto unicamente durante o tempo preciso para a renovação do ar, as persianas estarão corridas, assim como as cortinas. Estas serão de panno forte, e de côr escura. Cada mulher dormirá separadamente em um leito. Prohibir-se-ha que varias mulheres durmam na mesma cama.»

Explicação do texto do artigo:

«O fim de todas estas prohibições é impedir que os visinhos se vejam incommodados e escandalisados pelas scenas licenciosas, que commummente occorrem n'estas casas.

«A administração deve ser severa n'este ponto, em primeiro logar no interesse dos costumes; em segundo logar para não se vêr assaltada pelas recla-

mações das pessoas, cujas casas sejam visinhas dos estabelecimentos de prostituição.

«A razão porque cada prostituta deve estar isolada durante a noite é obvia. Recorde-se o leitor das ligações monstruosas de que tantos auctores se têem occupado... Repugna-me entrar em maiores pormenores a este respeito. O leitor facilmente me comprehenderá.»

Os artigos XVI e XVII não tem importancia.

«ARTIGO XVIII:—A visita dos medicos far-se-ha mesmo nas casas publicas. Alli poderão ser egualmente visitadas as prostitutas isoladas, com permissão das donas das casas.»

«ARTIGO XIX:—As casas publicas de Paris serão divididas para as visitas entre dez medicos, ou mais, se fôr necessario. Estes medicos irão alli periodica ou imprevistamente, mas de maneira que todas as mulheres publicas possam ser visitadas, n'uma épocha determinada nas casas que lhe forem designadas respectivamente.

«Cada medico fará um relatorio quotidiano e nominal das mulheres que tiver visitado, declarando n'esse relatorio o seu estado de saude, e envial-o-ha ao medico em chefe da perfeitura de policia.

«O intendente geral, em vista das observações do referido medico, dará as ordens necessarias para que as enfermas sejam enviadas immediatamente para os logares destinados á sua cura.»

ARTIGO XX:—Cada medico será acompanhado nas suas visitas por outro supranumerario, escolhido e nomeado pelo intendente de policia. Esse medico será, ao mesmo tempo, adjuncto, secretario, e discipulo do primeiro.»

«ARTIGO XXI:—Os medicos supranumerarios são chamados naturalmente a succeder aos medicos titulares. Uns e outros devem ser casados ou pelo menos viuvos.»

O artigo XXII não tem importancia.

«ARTIGO XXIII:—As leis, ordens, decretos e regulamentos concernentes á prostituição clandestina continuam em vigor.»

Explicação:

«Não póde pôr-se em duvida a importancia de todos os meios coercitivos com que a administração publica procura enfraquecer, quanto lhe seja possivel, a intensidade de um contragio, tanto mais prejudicial, quanto é certo que os seus estragos secretos, não sendo combatidos energicamente, se propagam com espantosa rapidez.»

«ARTIGO XXIV:—Toda a rapariga que se apresentar voluntariamente, ou que de livre vontade se fizer apresentar tambem por uma dona de casa publica para ser inscripta nos registros da policia, será acolhida, apenas o pedir, ficando a cargo do intendente tomou a respeito da postulante as medidas que a prudencia ou as circumstancias aconselharem.»

Nota de Beraud, a respeito do artigo precedente:

«Este artigo acha-se em opposição com as instrucções a que estão submettidas as casas de prostituição.

«Succede muitas vezes que uma rapariga, perdida pela miseria, pela pre-

guiça, pela falta de trabalho, ou por qualquer outro motivo, apresenta-se na repartição de policia para se fazer inscrever como mulher publica.

«Essa mulher é repellida quasi sempre pela administração publica, cujas intenções e escrupulos, que eu conheço perfeitamente, são decerto dignos de louvor; mas não se lembram esses senhores, que, para evitarem um perigo incorrem n'outro maior.

«E, por outra parte, as razões que allega para recusar o pedido são más, ou quando menos especiosas.

«Quando uma rapariga, qualquer que seja a sua edade e a classe da sociedade a que pertença, se decide a sollicitar a sua inscripção como prostituta, é claro que similhante desgraçada se entregou declaradamente á libertinagem. É, portanto, um ser estranho á sociedade, e de certo não entrará outra vez no seu gremio pelo acolhimento desfavoravel que o seu pedido obteve na perfeitura.

«Qual é, em ultima analyse, o resultado da recusa da repartição de policia?

«Augmentar o numero das prostitutas isoladas. Dar largas á libertinagem clandestina. A rapariga não tornará a cahir sob a vigilancia da policia, senão quando os seus agentes a surprehenderem em flagrante delicto de prostituição.

«Este rigor intempestivo poderá ainda dar origem a graves accidentes, que não se teriam dado provavelmente, se essa mulher tivesse sido inscripta como prostituta, ficando por conseguinte debaixo do jugo dos regulamentos sanitarios da policia.

«O mal e as suas consequencias assumem ainda maior gravidade, se a rapariga, repellida pela repartição da policia, estiver n'uma edade demasiado juvenil, ou se seus paes forem honestos.

«O sentimento do dever prescreve uma continua e conscienciosa vigilancia, em favor das raparigas a quem especiaes cuidados podem fazer voltar ao bom caminho.

«Estas desgraçadas ou se deixaram perder por maus conselhos, ou então se subtrahiram á excessiva severidade de um pae ou de uma mãe inflexiveis. Repellil-as é, portanto, attrahir sobre suas cabeças todas as consequencias de um barbaro e deshumano abandono.

«É preferivel, portanto, matriculal-as, rodeal-as de toda a protecção e vigilancia da auctoridade, a arremessal-as a uma athmosphera de corrupção. É dever da policia submetter estas pobres raparigas a uma vida regular, n'uma casa especialmente destinada a recebel-as. A sua juventude fará esperar que algumas d'ellas se tornem dignas de ser restituidas ao seio da sociedade.

«Previnam-se seus paes. Desde que elles souberem que a vida desregrada de suas filhas permanecerá ignorada, que a administração publica guardará a este respeito um religioso segredo, consentirão de bom grado em tornar a admittil-as sob o tecto paterno.

«A'quellas que derem provas de aptidão e de boa vontade, dar-lhe-heis uma profissão qualquer; ás incorregiveis, a essas... deixae-as entrar na carreira da dissolução. E' este o seu unico elemento, mas ainda assim, não serão

obrigadas a submetterem-se a todos os regulamentos sanitarios, nem ninguem as forçará a prostituir-se clandestinamente. Mais ainda: muitas serão detidas a tempo á beira do abysmo!...

«As incorregiveis seguirão o destino que merecem, sujeitas a todas as suas terriveis e fataes consequencias. E tudo isto no interesse da saude publica!

«Assim cumprireis os deveres do homem e do magistrado, e longe de receberdes censuras merecidas e bem cabidas, obtereis os justos suffragios dos nossos concidadãos.»

Os artigos 25 a 31 não téem importancia.

«Artigo xxxii: — A's doze da noite em ponto, todas as casas publicas serão fechadas e recusada a entrada ao publico, sem excepção para pessoa alguma.»

«Artigo xxxiii:— A's onze da noite, a *marcheuse,* quer dizer, a mulher que estaciona no humbral da porta da casa publica, retirar-se-ha, entrando na casa.»

Razões d'este artigo:

«Não é conveniente que á hora em que as duas terças partes dos habitantes de Paris repousam das fadigas do dia, lhes seja perturbado o somno pelas scenas ruidosas, que costuma haver em taes logares. Por isso deve retirar-se a taboleta viva, que pode attrahir o transeunte retardatario. E' uma questão de tolerancia e de prudencia.

«Artigo xxxiv:—Nenhuma casa publica poderá ser dirigida nem directa nem indirectamente por qualquer homem, nem sequer soffrer a sua influencia. Por isso, nenhum individuo, qualquer que seja o titulo que apresente, commensal, amigo, amante, tanto da dona da casa, como de alguma rapariga, ou mesmo creada do estabelecimento, poderá alli viver. Exceptuam-se, todavia, os homens casados legitimamente com as donas das casas publicas. Não obstante, de fórma alguma poderão estes homens intrometter-se nas relações, discussões e difficuldades que surgem entre o publico, as donas de casa e as suas pensionistas.

«Nas explicações que este artigo reclama reduzirei primeiramente ao seu justo valor uma objecção que me foi dirigida, quando eu exerci o meu antigo cargo.

«Essa objecção era a seguinte:

«Como quer o senhor deixar exposta uma fraca mulher (a dona da casa publica) ás exigencias e insultos dos libertinos que só costumam ir áquellas casas excitados pelas libações das orgias? A posição d'essa mulher é insustentavel, desde o momento em que não tenha um homem que a defenda, seja sob que titulo fôr, e allegando quaesquer direitos!»

«Embora estes receios sejam fundados, ainda assim não é uma razão bastante poderosa para se fazer uma concessão d'esta especie em favor das donas das casas publicas. Tal concessão destruiria completamente o meu projecto de extincção dos *marlous.*

«De resto, é preciso satisfazer á sociedade, arrancar do seu seio o cancro que a devora constantemente.

«Com poucas excepções, cada dona de casa publica tem o seu amante que é sempre um *marlou*. Já anteriormente indiquei a vida torpissima dos homens designados por este nome, e chamei a attenção para os seus crimes, geralmente ignorados. Pois bem, estes miseraveis, investidos da auctoridade suprema nas casas publicas, na qualidade de seus protectores, são os que se intromettem sempre nas discussões que surgem entre as donas de casa, as hospedas e o publico.

«Taes discussões, cuja origem costuma ser indifferente, insignificante, convertem-se a miudo em collisões sangrentas, e isto por causa dos *marlous*, que não desejam questões sem resultado, e que costumam sempre tiral-o das rixas chegadas ao seu ponto mais elevado.

«Feliz do imprudente, que ao penetrar n'uma d'essas casas para satisfazer um desejo vergonhoso, não deixa n'ellas mais que o seu dinheiro, e consegue salvar a vida! Feliz tambem d'aquelle que só tem de curar-se da enfermidade que a prostituta lhe innoculou! Muitas vezes as casas de prostituição costumam ser guaridas de ladrões desalmados.

«A policia e a força armada devem ser os unicos defensores de taes casas. São a policia e a força armada que devem proteger os cidadãos a quem o aguilhão das paixões arrasta a esses maus logares.

«Por isso, para evitar d'ahi ávante todo o ponto de contacto entre ellas e os *marlous*, deve-se prohibir rigorosamente a estes o viverem nas casas de prostituição, serem commensaes d'essas casas, ou seus protectores.

«Parece-me tanto mais util esta prohibição, que ella servirá para expurgar a capital de uma multidão de malfeitores, que se acham por toda a parte, e que em parte alguma se podem encontrar. É uma gente que arranja documentos falsos e que não tem domicilio fixo, que anda sempre muito bem vestida, e alguns até com luxo, que frequenta os melhores restaurantes, os theatros de primeira ordem, e que nunca tem meios conhecidos de subsistencia. Em poucas palavras, são individuos que zombam da lei com a propria lei, consequencia da sua applicação absoluta á liberdade individual.

«Quando a dona de uma casa publica tivesse queixas graves e fundadas dos homens que frequentam o estabelecimento, teria como qualquer outro cidadão o direito de requerer a intervenção da auctoridade, assistida da força armada, para lhe prestar auxilio e protecção.

«Já o disse n'outra parte: Os cidadãos mais honrados, insultados nas suas moradas, não tem prerogativas mais amplas. Que tem pois a reclamar a dona de uma casa de prostituição? Nada. Por isso, obteria em qualquer circumstancia os soccorros que a administração publica concede a toda a gente, e as casas publicas não continuariam a servir, como até agora, de cavernas de bandidos.

«É isto o que ellas são ordinariamente.

«Além d'isso, as minhas observações tomam nova força com o accidente succedido a 28 de agosto de 1838, e que foi relatado por um grande numero de periodicos, sem que pessoa alguma o desmentisse.

«Foi o seguinte:

«Ás quatro horas da tarde, ouviu-se na rua das Colomnes-Feydeau os gritos de:

— «Soccorro! soccorro! Oh da guarda!...»

«E ao mesmo tempo um ruido de vidros que se partiam, e de moveis que se despedaçavam...

«Não tardou a reunir-se muita gente, a ponto de se encher a rua e as travessas circumvisinhas.

«Os curiosos viram então com tanta indignação como surpreza uns individuos que se esforçavam por atirar á rua as mulheres de uma casa publica, que tinha o numero 3 d'essa rua.

«Accudiram logo os agentes da policia, auxiliados por alguns soldados da guarda proxima, que entraram na casa, onde encontraram cinco rapazes, que eram os auctores do escandalo.

«Na occasião em que a força armada entrava na casa, uma rapariga ia ser precipitada pela janella do primeiro andar, bastante elevado.

«Os cinco rapazes declararam ser estudantes e pretenderem vingar-se de uma d'aquellas mulheres.

«Foram enviados á perfeitura da policia. Esta scena tão escandalosa horrorisou todo o bairro.

«É bom observar que este acontecimento se deu sob o dominio das leis actualmente em vigor, leis que não prohibem a presença nos logares de prostituição de um homem, comtanto que se diga amante ou commensal da dona da casa, ou de alguma das suas raparigas.

«É pois, provavel, para não dizer certo, que um ou muitos d'aquelles homens estivessem na casa, quando aquelles libertinos, inspirados, segundo disseram, por um sentimento de vingança, passaram a vias de facto com as prostitutas, que alguns momentos antes apertavam sem duvida entre os braços.

«Pergunto, agora:

«Este facto — a presença dos *marlous* — impediu o tumulto? Não, talvez mesmo o aggravasse.

«Isto prova que os logares mais infames, assim como os mais respeitaveis, se encontram sob a protecção immediata da auctoridade, que nunca se recusa a intervir n'uma questão para lhe dar um termo prompto, ou uma solução rapida.

«Effectivamente, se aquelles esturdios tivessem dado escandalo n'um restaurante, n'um café ou n'um theatro, a policia não teria sido mais sollicita do que o foi com aquella dona de casa de prostituição.

«Por isso, repito:

«A objecção contra que estou fallando cáe por si propria, ante a força e a verdade dos factos.»

Os artigos XXXV, XXXVI e XXXVII não têem importancia.

«Artigo XXXVIII: — Os livretes das prostitutas isoladas terão um numero, que corresponderá ao do registro nominal da repartição de policia, assim como os nomes e os appellidos da rapariga. Não se admittirá, sob pretexto algum, qualquer alcunha ou pseudonymo.

«O fim d'este artigo é bem claro. Em consequencia d'isto, serão inuteis e prolixas quaesquer explicações.»

Os artigos XXXIX, XL, XLI, XLII e XLIII não têem importancia.

«Artigo XLIV: — Toda a dona de casa publica, que pela sua posição elevada e excepcional quizer dar reuniões, bailes e concertos, deverá pedir para isso uma permissão por um só dia. Esta licença será concedida pelo chefe de repartição de ordem publica e approvada por mim.

«Licenças d'esta natureza não poderão ser concedidas á mesma pessoa, mais de duas vezes por mez.

«De emolumentos d'estas licenças receber-se-hão de cada vez cincoenta francos, que serão depositados como se dirá mais abaixo.

«Sabe-se que ha em differentes bairros da capital antros de patifes do grande tom. É alli que se reunem tambem essas mulheres perdidas, libertinas e entregues ao luxo mais desenfreado, tanto mais perigosas para os rapazes inexperientes e para os viajantes pouco instruidos nos costumes da capital, quanto é certo que reunem aos seus encantos a elegancia das boas maneiras e as seducções da mais exquisita conversação.

«Sabem attrahir os olhares, provocar as homenagens, representar perfeitamente o pudor; n'uma palavra, nada esquecem para exaltar a imaginação das suas victimas e para lhe excitar os sentidos. Certa classe de homens deixam-se apanhar n'esses laços, só pela rasão de que essas casas de reunião não estão sob a inspecção da policia.

«E parece-lhes mais decente frequentar esses sitios do que ir buscar as mesmas distracções nas casas publicas.

«Estas Messalinas são geralmente associadas a patifes que as sabem explorar perfeitamente, explorando juntamente com ellas a cegueira da mocidade e a boa fé dos estrangeiros.

«Pobres rapazes insensatos! Desgraçados imprudentes que se deixam arrastar por similhantes laços!...

«Mais infelizes ainda os que são apanhados pelos laços da seducção em volta do tapete verde! Sahirão d'alli completamente despojados, roubados por meio de cartas de jogar preparadas para esse fim, e por outros muitos meios, de que cada dia fazem um profundo estudo, para obterem em seu proveito os favores da sorte.

«Só poderão livrar-se do abysmo, se o desejo de se desforrarem de uma primeira perda não os arrastar a perdas cada vez mais funestas. Fica-lhes compromettida a fortuna, e perderão bem depressa a honra, porque nos excessos d'essa paixão fatal grande numero de exemplos justificarão sufficientemente o proverbio.

On commence par être dupe,
On finit par être fripon!...

«Tenho visto bem de perto esses antros infernaes. Penetrei n'elles muitas vezes para arrancar d'alli algumas victimas, principalmente o filho de um meu amigo, attrahido por uma d'essas prostitutas de elevada gerarchia.

«Este moço, actualmente a gloria de sua familia, e que segue com exito uma carreira brilhante, teria perdido talvez, sem a minha intervenção, a reputação, a fortuna e o porvir.

«Mas nem todos sabem com tanta fortuna de um tão intrincado dedalo.

«Fallo com conhecimento de causa. Observei com tranquillidade o interior de taes antros, e quantas baixezas vi e infamias e delirios e vergonhas!...

«Como são horriveis na sua alegria e na sua desesperação as physionomias dos actores do ignobil drama do tapete verde!...»

Os artigos XLV a XLVII não têem importancia.

«ARTIGO XLVIII:—A somma de cincoenta francos, a que nos referimos anteriormente, será destinada á prostituta de melhor comportamento, e que manifestar maiores desejos de voltar á vida honesta.

«ARTIGO XLIX:—Se, felizmente, fosse maior o numero das arrependidas que o dos emolumentos percebidos, pedir-se-hia ao governo um fundo destinado a completar essas gratificações, cuja importancia é manifesta.»

O regulamento de Beraud acaba por algumas considerações, comprehendidas no artigo L e ultimo.

....

Este projecto de regulamento do intendente de policia tinha, a nosso vêr, uma grande falta. Não perseguia a prostituição clandestina, a não ser quando a sua organisação a assimilhava á prostituição publica.

Ora, na prostituição clandestina ha um crime revoltante que deveria e poderia evitar-se, a prostituição dos menores. Effectivamente, em todos os tempos se tem visto pobres raparigas de 10 a 15 annos, enviadas de noite por seus paes á rua publica, onde se approximam de velhos libertinos, que ás vezes chegam a ter relações habituaes com ellas, visto que um dia por semana vão ás entrevistas aprazadas de antemão.

Estas pobres creanças têem assim freguezes certos; começam por onde acabam muitas prostitutas. No principio da carreira do vicio, entram na cathegoria infame das *pierreuses!*

Sob o ponto de vista da libertinagem, estas desgraçadas, apenas sahidas da infancia, acham-se ao mesmo nivel da mulher de sessenta annos, que segundo a narrativa de Beraud, os seus agentes surprehenderam em flagrante delicto detraz dos dois leões, que decoram a fonte da praça do palacio do Instituto.

Estas prostitutas menores nunca levam os homens a suas casas. Porque? Sem duvida, porque seus paes não querem parecer cumplices das infamias, de cujo lucro vivem! E por isso reservam-se o expediente de n'uma circumstancia critica ignorarem uma desordem, que em caso de apuro, os indignaria hypocritamente, pondo-os ao abrigo do castigo merecido.

Um velho libertino prefere que estes encontros se verifiquem nas sombras da noite e ao ar livre. Não gosta de levar as pobres raparigas para sua casa, embora não tenha nem mulher, nem filhos, nem creadas.

E comprehende-se. As visitas d'aquellas prostitutas infantis poderiam vir por fim a despertar a attenção dos visinhos... estimular-lhes a curiosi-

dade e a malidicencia, e por fim, se ellas conhecessem a sua morada, poderiam ter indiscrições que déssem perfeitamentamente a medida da sua moralidade.

São factos positivos.

Estas relações infames e abjectas, nas ruas das cidades, protegidas pelas trevas e pelo isolamento, são horrorosas: o libertino póde ter em si o principio de uma enfermidade, que communique á pobre creança. Esta communicará o mal recebido a outros libertinos... e d'este modo se irá propagando a syphylis, sendo o attentado contra a moral bem caracterisado por estes perigos e horrores!...

Eis uma das consequencias da prostituição clandestina, ameaçando a sociedade e horrorisando todos os corações bem formados.

Por conseguinte, deve reprimir-se cuidadosamente, tanto nas ruas, como n'outra parte qualquer.

....

Antes de concluirmos este capitulo, vamos apresentar um estudo da *grisette* parisiense, tal como ella era, ahi pelo anno de 1840.

É um typo verdadeiramente digno de estudo, e que não deixa de ter muita relação com o assumpto d'esta obra.

A *grisette* hoje quasi de todo perdida era a joven operaria, tendo geralmente fallando as seguintes caracteristicas: virtude debil, tez fresca e rosada, *coquette*, viva, provocadora, vestida com gosto e simplicidade, talhe esbelto, envolta n'um elegante chaile.

Era uma creatura excepcional, um ser áparte, que não poderia facilmente confundir-se com outro.

Durante a semana trabalhava em casa, ou n'um atelier, e poupava com afinco uma pequena quantia, que ia dispender no sabbado á noite, ou na segunda-feira pela manhã...

Como?

Na companhia muito intima e quasi marital de um individuo escolhido por ella...

De que modo?

Quasi sempre n'um encontro fortuito.

Este amante da *grisette* era ordinariamente um empregado publico, um escrevente de tabellião, um guarda-livros, um janota ou um estudante, e raras vezes um artista.

Em companhia do homem da sua escolha, a linda *grisette* amava e gosava, sem preoccupações e sem constrangimento.

O seu amor, apesar de illicito, era decente, porque essa rapariga era fiel ao homem que escolhera, embora esta affeição durasse apenas algumas semanas, ou quando muito um anno.

Emquanto durava, succedia ás vezes haver algumas tempestades, mas a bonança e as pazes não se faziam esperar. Renascia a alegria e reduplicava o prazer.

Separavam-se á noite, e tornavam a reunir-se de manhã, para se sepa-

rarem novamente á noite, e assim successivamente, e tudo isto sem ruido nem altercações, por phantasia, por capricho, pelo amor da novidade.

Este genero de prostituição desinteressada, producto de um sentimento subito, de um gosto passageiro, de uma combinação amigavel, raras vezes produzia uma catastrophe, nem sequer uma ruptura azeda e offensiva, mas enervava a alma, relaxava os laços sociaes, enfraquecendo a inclinação das uniões castas e razoaveis. Creava uma classe de individuos, gastos nos prazeres sensuaes, falseando a pureza dos costumes e escarnecendo do exercicio da virtude.

Seja o que fôr, a *grisette* tinha o caracter tão facil como o coração. Não era obstinada, nem imprudente, nem exigente, nem ambiciosa. Vivia feliz na sua trapeira, um quarto mobilado com extrema simplicidade, cuja mobilia consistia n'uma commoda, duas cadeiras, um espelho, uma estampa lithographica pegada com massa na parede, e um cofresinho, onde encerrava o recibo do senhorio e tres cartas de amor.

No sabbado á noite, apressava-se a entrar em casa, e alli esperava o amante. Apenas chegava, cedia-lhe metade da sua estreita cama, depois de ter pendurado na janella, como diz Béranger, o seu chaile em guisa de cortina.

Algumas vezes dirigia-se ella propria a casa do seu amante, convertendo-se por algum tempo na sua companheira, e alli explorava com elle as doces margens do rio da Ternura.

Em todo o caso, esta união prolongava-se até segunda-feira de manhã, em que cada um dos improvisados conjuges voltava ao seu trabalho.

No inverno iam de braço dado aos bailes e aos theatros, no verão para o campo, para Passy, para Saint-Maur, para Belleville, ou para os bosquesinhos de Romainville.

Algumas vezes chegavam até Montmorency, as columnas de Hercules da *grisette*.

Alli reinava o prazer mais estrondoso e o mais desafogado desembaraço. Almoçava-se no hotel do *Cavallo Branco*, ia-se em burricos até aos bosques visinhos da cidade, comia-se, brincava-se, passava-se o dia até á hora da partida para Paris, onde á noite, a sós, e debaixo dos alvos lençoes de linho se recordavam as doces aventuras d'aquelle passeio campestre.

Era raro que uma *grisette* renunciasse á sua trapeira e aos seus modestos moveis, para ir occupar temporariamente o leito sumptuoso de algum grande fidalgo.

A *grisette* não era a mesma em todos os bairros de Paris.

A do Bairro Latino não se parecia com a do centro, nem a do centro da cidade com a do Marais, nem a do Marais com a da Chaussée d'Antin.

Era sempre a operaria, de costumes mais ou menos dissolutos, de maneiras e attitudes mais ou menos livres, de presença mais ou menos agradavel, de aspecto mais ou menos sympathico.

Percorramos rapidamente estes diversos matizes ou variedades da *grisette* parisiense.

Primeiramente a do Bairro Latino:

Esta não mantinha relações intimas senão com os estudantes das escho-

las de direito e de medicina. Procedia para com elles como se fossem pessoas com quem tivesse celebrado um contracto. Ao abandonar o trabalho, ia alegrar o quarto do seu amado, e de ordinario só d'alli sabia na manhã seguinte, quando tinha de voltar para o *atelier*.

Desde sabbado até segunda-feira, era ella quem fazia as despezas da sua ligação passageira, porque o estudante, justificando o proloquio, nunca tinha dinheiro.

No verão, iam até ao baile da Chaumière, onde comiam, dansavam, bebiam e riam á farta, para o que costumavam tomar um gabinete particular.

De inverno, iam para o baile do Prado, ou para o theatro do Pantheon, ou para o de Bobino, perto do Luxemburgo.

Em qualquer d'estes sitios, eram frequentes as rixas e a pancadaria. Um olhar insultante, uma recusa para dançar com outro que não fosse o seu amante d'aquelle dia, o encontro de um amante abandonado, ou de um ingrato que tivesse feito da joven uma nova Ariadna, a cousa mais insignificante emfim, produzia peripecias altamente dramaticas, e a guarda urbana via-se obrigada a intervir, quando soava uma bofetada, o que succedia com muita frequencia.

Taes eram n'aquelle tempo aquelles locaes de prazer, onde toda a juventude accudia alegre e satisfeita a despejar as algibeiras, e a dissipar qualquer contrariedade da vida, ou a saturar-se de vapores alcoolicos, circumstancias estas que a auctoridade tinha de apreciar devidamente para manter a ordem. Via-se alli amiudadas vezes a policia occupada em socegar as discussões e as rixas produzidas por aquellas danças lubricas.

A *Gazetta dos Tribunaes* enchia por vezes as suas columnas com a narração d'aquellas interminaveis pendencias, d'onde a mocidade inexperiente podia tirar proveitosas licções. Umas vezes era um novato que se havia arruinado em voluptuosas orgias, d'onde a final era violentamente afastado por alguns discolos petulantes. Outras vezes, era uma joven *grisette*, que um patife qualquer enganara e maltractara, ou abandonara, depois de a ter feito mãe, ou então, o que era mais raro, uma operaria muito dada á libertinagem, que não contente de se vêr perdida, queria tambem perder alguma das suas amigas, uma prima, uma irmã, caso que parecia dar força á triste verdade expressa n'estes versos:

> *Dans le crime il suffit qu'une fois on debute;*
> *Une chute entraîne toujours une autre chute;*
> *L'honneur est comme une île escarpée et sans bords:*
> *On n'y peut plus rentrer, des qu'on en est dehors.*

Um só exemplo provará até que ponto de immoralidade póde levar a má conducta.

Uma joven operaria de 22 annos de edade, depois de ter mantido relações quasi secretas com um joven estudante, seu visinho, fora por elle abandonada.

Desde aquelle dia, entregou-se a todas as desordens que conduzem á prostituição e ás suas horriveis consequencias.

A pobre rapariga, até então cheia de graça, de frescura e de belleza, achou-se dentro em pouco desgraçada, perdida e fanada pelo sopro devastador da libertinagem... sem vergonha, sem remorsos talvez!...

Não contente, porém, de se ter envilecido e deshonrado, não contente de se ter affastado da gente honesta e de bons costumes, quiz que uma sua irmã, de 13 annos de edade, não podesse um dia lançar-lhe em rosto as suas desordens, e para o conseguir, procurou fazer com que ella a imitasse.

Poz-se para isso em relações com um libertino, homem vil e infame, a quem foi vender a virgindade da pobre victima.

Prepara-se uma orgia, a que as duas irmãs assistem. Fazem tomar á rapariga bebidas excitantes, que lhe transtornam a cabeça. A irmã mais velha eclipsa-se durante alguns instantes, e o estupro consumma-se!

No dia seguinte, a pobre creança vae para casa de uns honrados artistas, emquanto a irmã mais velha ia continuar a sua vida depravada e dissoluta. A desgraçada victima não tardou a adoecer, em consequencia da orgia e do crime. A boa gente que a recolhera sobrecarregava-a a todos os instantes com perguntas, e ella acabou por contar tudo. A irmã culpada foi presa e levada para São Lazaro, onde expiou duramente o seu crime...

....

Terminemos esta digressão, apresentando aos leitores um quadro, onde o senhor de la Bedolière pinta a largos traços as relações da *grisette* com o estudante.

Diz este escriptor:

«Os amores da *grisette* com o estudante não são d'essas paixões descabelladas, que tantas vezes ahi vemos chorar nos dramas romanticos.

«Elle tracta-a exactamente como uma criada. Manda-lhe buscar tabaco, aguardente, presunto, e quando convida alguns amigos para jantar é ella que assa as costeletas e põe a meza.

«A grisette presta-se maravilhosamente a todos os serviços domesticos, o que a torna indispensavel, e lhe dá um certo aspecto de mulher casada. Por feliz se dá, se apenas as ferias vêem interromper o curso das suas relações. É a chorar que se despede do companheiro voluvel, que promette e jura sempre escrever-lhe...

«Pobre rapariga, boa e dedicada, quantas vezes o ingrato, cansado d'aquella sujeição, corre a reconquistar a sua liberdade...

«Outras vezes procura um pretexto ou questão com ella, accusa-a de infiel, e á força de rixas e contendas, consegue emfim a ruptura definitiva.

«Succede-lhe um dos seus amigos, e a desgraçada vae passando de mão em mão, como uma lettra endossada, como uma cautella de casa de penhores, até que a velhice vem surprehendel-a, arremessando-a ao ultimo grau de depravação!...»

....

No centro de Paris, quer dizer, nos arredores do Palais-Royal e da Bolsa, a *grisette* tinha um genero de vida mais especial. O amante era quasi sempre um *petit-maître*, um escrevente de tabellião, ou um official de alfaiate.

O par amoroso não costumava vêr-se durante a semana, mas só desde sabbado á noite até segunda de manhã e ás vezes segunda á noite. De verão, frequentava o bosque de Bolonha ou de Vincennes; de inverno, o baile Montesquieu, ou o Tivoli da rua Grenelle-Saint-Honoré, ou então o theatro do Palais-Royal.

Par extremamente alegre, despreoccupado, sem cuidados, mas dando muito que fazer aos agentes da ordem publica, sobretudo se o amante pertencia á classe dos officiaes de alfaiate.

....

Transportando-nos agora do centro de Paris ao Marais, encontraremos outro typo da *grisette.*

Esta é menos dissoluta, mais simples, mais submissa, mais affectuosa, melhor rapariga, emfim.

O seu paraizo são os pequenos theatros dos *boulevards* do Temple, desde a porta de Saint-Martin até á porta de Saint-Antoine.

Adorava o Ambigu, perdia-se por ir ao Franconi, á Gaité, aos Funambulos e á Courtille. Costumava tambem passeiar no bosque de Romainville, onde, como diz o proverbio, iam dois e costumavam voltar trez...

....

Mas a *grisette* por excellencia, a *grisette* do bom tom, a que, apesar de operaria, imitava perfeitamente a grande dama, era a que habitava na Chaussée d'Antin.

Pertencia a uma classe superior ás demais, gosava de maiores commodidades, andava melhor vestida, achava-se em melhores condições de installação, e tinha sempre um protector, mas de elevava cathegoria...

Á noite, depois do trabalho, passeava no *boulevard* dos Italianos. No inverno, os seus passeios mais frequentes eram as galerias da Opera, de Choiseul ou dos Panoramas.

De verão, frequentava o jardim do Tivoli, o das Tulherias, ou o dos Campos Elysios, e não desdenhava apparecer algumas vezes no pequeno baile do Caveau d'Idalie, no theatro Infantil, etc.

O *nec plus ultra,* porém, das suas distracções era o concerto Musard ou o de Valentino.

No Carnaval, não deixava nunca de assistir aos bailes de mascaras, e duas ou trez vezes pelo menos ia ao da Opera.

De resto, se trabalhava n'um armazem de modas, alli encontrava frequentes occasiões de variar de prazeres, de gostos e de caprichos.

Algumas donas d'estes estabelecimentos permittiam ás suas operarias mais queridas o promoverem uma especie de assignatura, que dava aos *habitués* o direito de ir fallar livremente com aquella de quem gostavam.

A este respeito, sabemos de um facto bastante original.

Um sujeito havia jantado n'um pequeno restaurante do Bairro Latino, e estava pagando a conta, quando dois freguezes do mesmo estabelecimento, jovens estudantes, se ergueram e foram pagar tambem ao mostrador, onde o outro estava.

O baile da Chaumière

Um d'elles notou o nome de Julia no bilhete do seu companheiro.

--«Ora esta! exclamou elle. Dar-se-ha caso que tu sejas tambem *assignante* de Julia!»

—«Decerto, meu amigo!...»

—«Eis uma cousa singular...»

—«Porque dizes isso?»

—«Porque somos quasi parentes!»

—«Que me dizes, homem?!...»

O companheiro tirou do bolso do collete quatro ou cinco bilhetes, que lhe restavam ainda da sua Julia.

Eram para as terças e quintas, emquanto que os do amigo eram para as segundas e sabbados!...

....

Não levaremos mais longe a explicação, porque receiamos ou dizer demasiado, ou não dizer ainda o bastante. Estamos caminhando sobre carvões accesos, e apressamo-nos de tudo quanto temos dito a deduzir o seguinte:

Que os perigos que a mocidade corria na frequentação d'estas virtudes vacillantes, eram muito maiores do que todos os que a ameaçavam, quando se dirigia a prostitutas francamente matriculadas.

As *grisettes* sem sujeição ou obstaculo de especie alguma, sem estarem sujeitas á vigilancia da auctoridade, estavam no caso de adquirir e de communicar aos seus amantes uma d'essas enfermidades secretas, de que tanto temos fallado, enfermidades tanto mais obstinadas e prejudiciaes, quanto mais descuradas são.

É mister conhecel-as e combatel-as na sua origem. É um virus que se introduz no sangue, e que envenena as fontes da vida.

Por outro lado, alguns dos rapazes que frequentavam as *grisettes* namoravam-se dos seus encantos, soffriam o jugo dos seus caprichos, e viam-se desviados por ellas dos seus deveres e dos seus trabalhos.

Outros arruinavam ao mesmo tempo o dinheiro e a saude...

Licção terrivel e da qual desgraçadamente a geração seguinte bem pequeno proveito soube tirar!

CAPITULO XIII

SUMMARIO

Transformação da *grisette* em *lorette*.—O que é a *lorette*?—Paralello entre as duas especialidades parisienses.—Divisão da grande familia das *lorettes*.—A *lorette* sob o dominio paternal.—Como vivia.—A obra de carne e a obra de coiro.—Cuidados de familia.—A educação da *lorette*.—A andorinha bate as azas e solta o vôo para longe do ninho.—A *lorette* emancipada.—A *lorette* plebeia.—A *lorette* fidalga.—A *lorette* de pais incognitos.—Duas mil *lorettes* de Paris, filhas de coroneis do exercito imperial.—A *lorette* extrangeira.—O sonho da *lorette*.—O *Arthur* das *lorettes*.—Razão porque se lhe deu este nome.—Differentes especias de *Arthures*.—O correio de Paris e as *lorettes*.—Extranha mania das *lorettes*.—Pedidos dirigidos á intendencia geral da policia.—Cartas singulares.—A *lorette* e os medicos.—A velha *lorette*.—*Vive la lorette!*—A prostituição e o Genesis.—Santo Agostinho e a prostituição.—Opinião de Parent-Duchatelet.—Causas da prostituição, geraes e particulares, proximas e remotas.—A ignorancia publica.—O abandono.—A exploração dos menores.—Um texto da Biblia: *In dolore paries filios tuos*.—Consequencias da condição inferior da mulher.—Desejos desordenados do homem.—Repugnancia para com o matrimonio.—Tentações.—Insufficiencia dos salarios.—As prostitutas oriundas dos campos.—Concorrencia dos homens ás diversas profissões naturalmente destinadas á mulher.—O *strugle for life*.—Causas intimas.—A verdadeira miseria.—Inportantissimas causas da prostituição, que muita gente não descobre.—O orgulho.—A litteratura immoral.—Os maus livros.—*Comment sur un sopha, sans remords et sans peur, on ouvre a tout venant et sa jambe et son cœur!*—O proxenetismo.—Como a policia sabe utilisar os serviços das proxenetas em bom sentido.—Correspondencia com as proxenetas.—Cartas de prostitutas que querem mudar de casa.—Cartas de donas de casas publicas ás proxenetas.—O telegrapho ao serviço da prostituição.—Telegrammas curiosos.—Cartas de directores de casas de prostituição.—Quem costumam ser as donas das casas.—Agentes da prostituição.—Bilhetes de visita.—Photographias.—A prostituição nos restaurantes.—Aluguer de fatos.—Os parasitas das prostitutas.—Maridos condescendentes.—Necessidade de uma grande vigilancia policial.

O QUE E uma *lorette?* É difficil a resposta.

A *lorette* não se define, escapa a qualquer definição, por mais simples que seja, mas póde analysar-se, classificar-se.

A nosso vêr, a *lorette* é a continuação, ou melhor, a transformação da *grisette*, typo que desappareceu para sempre. Os costumes que lhe attribuimos no capitulo antecedente desappareceram da mulher parisiense.

Não foi esta a ultima modificação. A *lorette* em nossos dias não existe tambem. Succedeu-lhe a *cocotte*. Não antecipemos, porém, as transformações.

A *grisette* era amiga do trabalho; a *lorette* odiava-o do intimo d'alma. Começava ás vezes a bordar qualquer objecto, uma charuteira, uns sapatos, mas nunca ninguem lhe viu terminar esses trabalhos encetados.

A *grisette* fumava cachimbo; a *lorette*, charuto, e fazia sahir o fumo pela bocca ou pelo nariz, segundo o capricho dos seus adoradores.

A *grisette* era doida pela cidra da Normandia; a *lorette* idolatrava o champagne.

A *grisette* poz em moda o can-can; a *lorette* só o dançava no carnaval.

A *grisette* ia de dia para os braços dos amantes; a *lorette* só se resolvia a ir á noite.

A *lorette* que ia para o theatro, em consequencia da repugnancia que tinha por toda a especie de trabalho, nunca poude aprender nem o primeiro verso de um couplet, nem o estribilho de um côro.

Nunca permanecia mais de 29 dias no theatro, e o ordenado chegava-lhe apenas para pagar as multas.

Vamos agora á classificação. A grande familia das *lorettes* póde dividir-se d'este modo:

1.° a *lorette* sob o dominio paterno.

2.° a *lorette* emancipada.

Subdivisões:

1.° a *lorette* plebeia.

2.° a *lorette* de ascendentes nobres.

3.° a *lorette* de paes anonymos.

4.° a *lorette* exotica.

A *lorette* que dependia de seus paes vivia n'uma miseravel trapeira. O auctor dos seus dias era quasi sempre um sapateiro remendão, que exercia o officio nas horas vagas do seu emprego de porteiro, dividindo a sua affeição e os seus cuidados entre a obra de carne e a obra de coiro.

O seu enthusiasmo dividia-se em duas doses eguaes — uma para os sapatos que fizera, outra para a filha que procreára.

Se no guarda-louça paterno havia por acaso uma chavena com asa, era para a *lorette*. A mãe tomava café na primeira tigella que apparecia. A aza do meio frangão que se comia ao domingo era para a *lorette*. Se a rapariga fazia ceremonias, o pae zangava-se. O auctor dos seus dias dava-lhe tambem um professor de dansa a quem pagava, remontando-lhe as botas. Se a *lorette* estreava um vestido novo, pedia ao filho do senhorio que a acompanhasse ao theatro. O pae ia tambem para a plateia, para ver e admirar a sua obra, e só occultava a sua qualidade de pae, porque temia que o nome do auctor prejudicasse a admiração pela obra.

Um dia o ditoso pae calculava que a tenra planta se estiolava no estreito cubiculo de porteiro, e abandonava-a, mudando os tarecos para o quarto andar.

Sahia uma noite a tomar o fresco, e ao voltar ao lar domestico, diziam-lhe:

— «Sua mulher e sua filha não estão em casa.»

— «Ora essa! Disseram quando voltavam?»

— «Não voltam.»

— «Ah! E a chave?

— «Está aqui!»

— «Bem, vou-me até á cama...»

— «A sua cama sahiu tambem...»

— «Como! A cama... Que quer dizer?...»

— «Sua mulher e sua filha levaram a mobilia...»

— «E não deixaram dito para onde iam?...»

— «Disseram que iam para o numero 23.»
— «De que rua?»
— «Isso é que ellas não disseram ...»
— «Obrigado, visinhas, obrigado ...»
— «Não tem que agradecer, visinho. Sentimos ...»
— «Adeus, adeus, boas noites!...»
— «Boas noites, visinho!...»

O dialogo não precisa commentarios.

A *lorette* emancipada offerece caracteristicas tão differentes, que como se viu tivemos de a subdividir. Vamos agora tractar da subdivisão.

A *lorette* plebeia era a especie mais commum. Devia a si propria a sua transformação. Aprendera não sabemos como a trazer o chaile posto de uma maneira encantadora. Fallava detestavelmente e nunca particularisava pessoas, por exemplo:

— «Hoje vêem buscar-me. Se soubessem que estava comsigo, ficariam furiosos ... Hoje deram-me de jantar no restaurant de ... etc., etc.»

Uma excellente licção de discrição dada ao nosso sexo.

A *lorette* de nobres ascendentes recebera uma boa educação, tinha maneiras distinctas, e não se deixava perder, senão depois de ter estudado grammatica e de ter aprendido gymnastica.

No carnaval, só acceitava as homenagens dos homens disfarçados com trajos da edade-media.

Nas suas relações habituaes, dava a cada nome uma particula nobiliaria, por exemplo, se o seu amante se chamava Felix, ella dava-lhe o nome de Saint-Felix.

Se alguem chamado Durand lhe escrevia uma carta, ella, ao responder-lhe, punha no sobrescripto: *A Monsieur de Durand.*

Montava a cavallo, e fazia-se seguir por um creado que lhe chamava: *Senhora Baroneza.*

Era artista, dava licções de piano a preços baratissimos.

A *lorette* de paes anonymos era um typo curioso, e hoje ainda bastante generalisado.

Havia duas mil *lorettes* em Paris, que se diziam filhas de coroneis do exercito imperial, e se não revelavam o seu nome patronimico era porque tinham jurado silencio e mysterio sobre o pedestal da columna Vendome.

A *lorette exotica,* finalmente, era um typo muito vulgar tambem. O solo mais fecundo na sua exportação era a Belgica.

Durante algum tempo, as *lorettes* fizeram-se passar tambem por polacas refugiadas, e os agentes da ordem publica tiveram as *lorettes* do Norte, como as sacerdotisas mais enthusiastas do baile.

Toda a *lorette* tinha mobilia, propriedade sua, e assim a sua vida era uma continua passagem da nogueira ao mogno, do mogno ao pau santo, e ás vezes do pau santo á nogueira.

O sonho dominante e côr de rosa da *lorette* era ter um quarto ricamente mobilado, porque viver na sua trapeira era uma cousa verdadeiramente hor-

rivel. N'essa trapeira medonha, via-se submettida a um regimen cellular, que não convinha de modo algum ao seu caracter independente.

No numero das pragas a que se via alli condemnada, contava-se inevitavelmente:

1.º a deploravel e frequente periodicidade do pagamento do aluguer;

2.º as entradas de favor do commissario de policia do bairro, que como sabemos tinha o privilegio de ir acordar ás doze da noite as que não dormiam n'um quarto pago por outrem, para lhes perguntar se dormiam sós, ou se tinham em ordem os seus papeis, ou se preparavam clandestinamente cartuchos;

3.º o interrogatorio sobre o nome, appellido e edade, que deviam figurar no registo do dono da casa.

A *lorette* tinha tambem por costume adoptar um nome de phantasia. No verão, costumava chamar-se Madame de l'Étang, porque era um appellido fresco.

Se os seus lucros lhe permittiam edificar uma casa, adoptava o nome de Maisonneuve.

Outras vezes tomava o nome da cidade onde nascera.

Assim, era Madame de Toulouse, de Bourges, d'Amboise, etc...

Outras tomavam o nome de um pateo ou de um poço, e eram:

Madame de *Lacour*, ou Madame *Dupuis*.

Finalmente, outras havia que tomavam o nome da sua freguezia, e assim eram:

Madame de *Saint-Roch*, ou de *Saint-Sulpice*.

. . . .

Não foi certamente um capricho, ou uma phantasia irreflectida e espontanea que fez dar o nome generico de *Arthur*, ao individuo que a *lorette* costumava chamar a *segunda metade da sua alma.*

Da experiencia feita pelas *lorettes* veio a averiguar-se que a maioria dos que adoptavam na correspondencia amorosa um pseudonymo, tomavam, sem saber porque, o nome de *Arthur*.

Havia 29 Arthures por 7 Gustavos, 19 por 3 Adrianos, 20 por 2 Joões, 13 por 1 Paulo, etc.

Classifiquemos agora esses *Arthures*, visto que o assumpto o merece. O *Arthur* da *lorette* não emancipada era quasi sempre ou um escrevente de tabellião, ou um auctor de *Vaudevilles*, ou um praticante de pharmacia.

No primeiro dos casos, accumulava as funcções de chechisbeu e as de Mercurio judicial ao mesmo tempo.

Levava officios, ao tempo em que dava um passeio com a sua amada. Quando tinha de fazer alguma citação, a *lorette* esperava-o á porta, em quanto elle procurava a pessoa que ia citar.

Pelo caminho, raro era o dia em que o *Arthur* não encontrava alguma pessoa com quem o patrão não tivesse que ver, e dizia á sua amada:

—«Vês aquelle sujeito? Pois amanhã *vamos* penhoral-o!»

O *Arthur*, auctor de *vaudevilles*, era muito procurado pela *lorette* não emancipada, porque sabia que os bastidores dão a mais completa liberdade.

Os estudantes no bairro de S. Marcello

Queria ser contractada, ainda que fosse só para os córos, persuadida de que o seu talento e a protecção dispensada por alguem a fariam passar em breve para melhor posição.

O *Arthur* ensaiava-a. Durante um mez, fazia-a recitar a *Torre de Nesle*, e a *lorette* nunca entrava n'um omnibus sem levar uma comedia na mão. Á noite nunca deixava de ir ao theatro, e a cada actriz que via apparecer em scena, dizia sempre:

—«Meu Deus! Que mulher tão detestavel!... Se eu soubesse que era assim, em vez de pretender entrar no theatro, preferiria fazer caixas de phosphoros!...»

Quando voltava para casa, a *lorette* cantava, voz em grita, os *couplets* mais em voga.

O pae chorava e applaudia freneticamente, e a mãe dizia ao *Arthur*:

—«É preciso fazel-a entrar na Opera!...»

—«Não, minha cara senhora, isso para uma estreia, parece-me demais!...»

—«Mas então, n'outro theatro...»

—«Ah! Isso é differente!...»

—«Pois bem, a questão é leval-a para o theatro. Veja a Rachel, a grande Rachel... Se não houvesse quem a decidisse a entrar no theatro, talvez hoje a vissemos a ganhar a sua vida no mister de engommadeira.»

—«Decerto... decerto!»

Finalmente, depois de haver estudado as tradicções de um papel em casa de uma pseudo-actriz de provincia, a *lorette* fazia a sua estreia, e assignava um contracto pelo qual a empreza se obrigava por escripto a pagar-lhe 1:200 francos por anno. Em compensação, porém, a rapariga assignava um outro contracto com a empreza, no qual declarava haver recebido adiantadamente aquella quantia, e que por conseguinte nada tinha que reclamar em paga dos seus serviços.

O director auctorisava verbalmente a actriz a dizer a todos os *Arthures* que encontrasse:

—«Estou escripturada, não preciso de ninguem, tenho 1:200 francos de ordenado, e o director é muito meu amigo...»

E assim os patos cahiam melhor no laço.

O *Arthur*, praticante de pharmacia, era quasi sempre o rival encarniçado dos outros *Arthures*. Na grande maioria dos casos, era avarento. Um typo curioso!...

Um d'estes *Arthures* convidou um dia tres *lorettes* para jantar, mas antes de se sentar á meza teve o cuidado de chamar á parte o moço do restaurante, e disse-lhe:

—«Todas as vezes que te pedir vinho de Volnay, dá-nos Beaune, que é mais barato.»

Acabado o jantar, o amphytrião pede a conta. Trazem-lha, e elle ao vel-a dá um pulo.

Primeiramente procura fazer comprehender ao creado por signaes o erro

em que incorreu. O rapaz fingiu não comprehender. Por fim o *Arthur* decidiu-se, e disse-lhe:

—«Ha engano a respeito do vinho.»

—«Parece-me que não.»

—«Affirmo-lhe que se enganou.»

—«O senhor não me pediu por tres vezes vinho de Volnay?...»

—«Decerto, decerto...» gaguejou o Arthur fazendo signaes ao criado.

—«Pois n'esse caso a conta é bem explicita. Vêm lá as tres garrafas de Volnay.»

—«É verdade,» dizem as damas.

E o *Arthur* nada póde responder, porque se dissesse alguma cousa, viria a conhecer-se a sua avareza, e tem de pagar o Beaune pelo preço do Volnay.

Ha uma tradicção de um *Arthur* d'esta especie que fez marcar com o seu nome a roupa branca da sua *lorette*.

No rol da roupa suja d'esta mulher, viam-se sempre cousas verdadeiramente excentricas, por exemplo, camisas de mulher e saias, marcadas com o nome de Julião N***.

Querem saber o motivo d'esta precaução?

Quando chegou o dia da tormenta, exigiu perante o juiz aquellas roupas, como se lhe pertencessem.

....

Se a pequena posta não tivesse ainda sido inventada, a *lorette* teria forçosamente de a inventar.

Das 19:753 cartas que n'essa epocha se distribuiam diariamente em Paris, pelo menos 5:000 eram escriptas pelas *lorettes*. Entre ellas, 1:000 e tantas eram recusadas por causa de ausencia dos destinatarios, prejuizos, ou faltas de dinheiro.

O perfeito da policia era quem mais d'estas cartas recebia.

N'aquelle tempo houve entre as *lorettes* de Paris uma mania verdadeiramente extravagante, e demasiado curiosa.

Essa mania era vestirem-se de homem, e a policia chegou a prohibil-o severamente.

Nas repartições de policia recebiam-se todos os dias cartas d'este genero:

«SENHOR COMMISSARIO:

«Desejando dar algumas bengaladas a uma pessoa que me insultou, peço-lhe que me permitta vestir-me de homem.

«*Adolphina.*»

«SENHOR COMMISSARIO:

«Tendo necessidade de ir a um café tomar uma chavena d'este liquido estomachal, rogo-lhe a auctorisação de poder vestir fato masculino.

«*Clara.*»

«SENHOR PREFEITO:

«A natureza dotou-me de um bigode, de que nenhum depilatorio póde livrar-me. Como elle me obriga a fazer a barba, rogo-lhe o obsequio de me permittir o uso dos fatos proprios do sexo a que v. ex.ª pertence.

«*Evelina.*»

Todas estas cartas são authenticas.

Um dia o prefeito de policia viu-se obrigado a responder á mais teimosa das postulantes:

«MADEMOISELLE:

«O conselheiro de Estado, chefe da policia, sente immensamente não poder conceder-lhe a permissão sollicitada.

«Essa permissão só póde ser concedida por motivos sanitarios.»

No dia seguinte, uma *lorette*, mais audaz que todas as outras, dirigiu ao funccionario a seguinte carta:

«SENHOR PREFEITO:

«A braços com a agonia, chegada aos ultimos momentos da vida, peço a v. ex.ª que se digne conceder-me a fineza de me auctorisar a usar durante dois annos os trajos masculinos.

«Junto attestados de tres medicos.»

A proposito d'isto, temos cousas verdadeiramente curiosas a contar.

A clientella de um medico de *lorettes* augmentava pela diligencia especial de muitas doentes, que consideravam o doutor como um amigo, com quem conversavam á sua vontade, tanto a respeito das doenças, como da ultima representação theatral.

— «Doutor, dizia-lhe uma d'ellas, estou encarregada por Mathilde de lhe agradecer todos os seus cuidados e attenções.»

— «Ha muito tempo que não a vejo. Como está ella?»

— «Já não precisa de vir procural-o, meu querido doutor...»

— «Como assim?...»

— «Está prompta.»

— «Ainda bem.»

— «Quem me déra estar no caso d'ella, meu querido doutor!...»

— «Porque! Está peior?...»

— «Ai, doutor, soffro horrivelmente!...»

— «Vamos vêr isso, minha querida, vamos vêr isso!...»

A *lorette* contava então ao condescendente medico a historia dos seus padecimentos, e o homem da sciencia apressava-se a prescrever-lhe um tractamento adequado, que ella ficava logo bem resolvida a não seguir, mas no emtanto dizia ao medico:

— «Agradecida, doutor, agradecida. Quer que diga alguma cousa da sua

parte a Mathilde? É verdade, parece-me que vae chover ... Empresta-me o seu guarda-chuva?...»

Á segunda visita esquecia-se de restituir o guarda-chuva, e em compensação levava um quadro ou uma estatueta, que qualquer doente havia offerecido ao Esculapio, e á sahida dizia-lhe:

—«Doutor, deixe-me levar isto para me lembrar que lhe devo duas visitas...»

Á terceira visita, a *lorette* apresentava-se á porta do medico em cabriolet, e dizia logo á entrada:

—«O doutor, dê-me ahi qualquer cousa com que possa pagar ao bruto do meu cocheiro!...»

E sem esperar resposta, apoderava se de 20 francos que vira sobre o fogão da sala. Dava a quarta parte ao cocheiro, e mettia por distracção o resto no seu bolsinho.

De maneira que o pobre medico era quem pagava as visitas da sua doente.

Pelo Natal, a *lorette* sentia desejos de testemunhar ao medico a sua gratidão, e mandava-lhe uma gravura, cujo assumpto obrigado era Hippocrates recusando os presentes de Artaxerxes.

N'aquelle dia, o doutor recebia o mesmo presente da parte de vinte e cinco dos seus clientes d'esta especie, de vinte e cinco *lorettes*.

Quando a doença condemnava a *lorette* a ficar em casa, ella que receiava converter a sua alcova em enfermaria, recorria ao medico para que lhe obtivesse a admissão n'um d'esses templos abertos ás enfermidades humanas.

Fazia-se conduzir ao *Parvis-Notre-Dame*, entrava com todo o desembaraço no gabinete do medico de serviço, e rompendo a massa de proletarios, que esperavam alli resignadamente a sua vez, dizia-lhe:

—«Doutor, em nome de um collega seu, venho pedir-lhe a fineza de me dar um dos trinta leitos gratuitos, que a philantropia concede aos que não gostam de morrer em casa.»

—«Mas a menina não está inscripta no registro das indigentes...»

—«É certo, mas tenho direito á mercê que sollicito!...»

—«Como!...»

—«Hontem perdi tudo ao jogo.»

—«Ah! Então é differente!...»

—«Ora ainda bem!...»

—«Vejamos uma cousa...»

—«O que é, doutor?...»

—«Faremos com que a admittam no Hospital geral...»

—«No Hospital geral, diz?!...»

—«Sim!...»

—«Diabo! Preferia outro!...»

—«Qual?...»

—«Eu sei lá! Qualquer...»

—«O da Caridade?...»

—«Esse!.. Nem por pensamentos!...»

—«Então escolha...»

—«Prefiro o de Beaujon.»

—«Porque?...»

—«Porque alli a galanteria administrativa creou uma clinica perfumada, esplendida! Alli as minhas companheiras encontram um asylo magnifico. Morre-se a beber Champagne!»

Authentico!...

....

Chegamos ao escolho mais terrivel da *lorette*:—a velhice. Oh! mas as ladinas tinham tambem recursos para ella! Saber envelhecer era uma arte de que a *lorette* tinha o segredo, mais que outra qualquer mulher do mundo.

Quando a borboleta envelhece, cáe n'um doce lethargo sobre a ultima flôr cujo nectar libou... E morre alli, sem o menor esforço para voltar de novo á vida.

A *lorette* via caminhar o tempo sem se assustar. Aos quarenta annos, acordava uma manhã com a cabeça completamente cheia de protestos ambiciosos. Recordava os nomes dos 20 *Arthures*, que haviam chegado a ser prefeitos, magistrados, deputados ou ministros, e lembrando-se de obter um estanco, alcançava-o com uma condição—a de não publicar as suas Memorias, e queimar todas as cartas amorosas.

Os homens que attingem uma boa posição têem um medo atroz das recordações da juventude.

A velha *lorette* tinha uma boa clientela entre os hypocondriacos, porque habituada a supportar as vicissitudes da vida, tinha um bom humor, que cousa alguma podia destruir.

A *lorette*, que encontrava um antigo estudante convertido em tabellião, fazia um contracto com elle, e chegava a ter um armazem de fazendas, ou fundava um restaurante, onde o tabellião ia comer, pagando-se assim dos seus adiantamentos pecuniarios.

A *lorette*, que tinha vivido intimamente com jovens auctores de *vaudevilles*, encontrava-os, aos quarenta annos, convertidos em directores de theatros. Collocava-se sob a sua protecção e obtinha o cargo de *ouvreuse*.

A *lorette* aos quarenta annos encontrava-se em cada degrau da escada social ou conjugal. Quando o alfaiate enviava por exemplo uma conta por meio de sua velha esposa, reconhecia-se na portadora uma *lorette* aposentada.

Os principes estrangeiros e os sub-perfeitos francezes faziam tambem uma prodigiosa importação e exportação da *lorette*.

Havia provincias em que a *lorette* chegava a ser esposa do prefeito, e seu marido descançava n'ella do peso dos negocios publicos.

Ás vezes a *lorette* mantinha correspondencia com o ministro, que dizia:

—«Esta lettra não me é desconhecida...»

Chegava a occasião da visita ministerial, o ministro encarava na prefeita, e não podia deixar de exclamar:

—«Toma! Pois és tu, Elisa!...»

Mas s. ex.ª era logo chamado á ordem por um

— «Pschut!...»
da dama, e pela faxa tricolor do magistrado do departamento.

O ministro fazia um rasgado cumprimento, e dizia:

— «Minha senhora, tenho a honra de lhe apresentar os meus respeitos!... Folgo de vêr o zelo e a intelligencia com que é administrado o departamento!...»

E accrescentava em voz baixa:

— «Se queres, queridinha, poderemos ainda resuscitar os tempos antigos!...»

E emquanto se trocavam estas palavras breves e conspicuas, o prefeito dizia satisfeitissimo ao ministro:

— «Senhor ministro, v. ex.ª honra-me sobremaneira!...»

Scena dignisssima, na verdade!...

....

Vamos transcrever agora uns versos publicados no anno de 1848, em honra das *lorettes*.

São os seguintes:

Excellent cœurs, mauvaises têtes,
Sans raison, comme sans chagrin,
Du matin jusqu'au soir en fêtes,
En noce du soir au matin;
Voilà les Lolo, les Lolo, les Lolo...
Les lorettes!
Vivent les lorettes!
Quelles femmes, parfois discrètes,
A fin d'alleguer leurs trousseaux,
Portent dans les jours de disettes,
Leurs bournous, rue des Blancs-Manteaux?
Ce sont les Lolo, les Lolo, les Lolo...
Les Lorettes!
Vivent les lorettes!
Qui les premiers donnent aux quêtes
L'exemple de la Charité?
Quels sont les danseurs toujours prêtes,
A sauter par humanité?
Ce sont les Lolo, les Lolo, les Lolo...
Les lorettes!
Vivent les lorettes!
L'auteur de cette chansonnette
N'est pas un enfant d'Appollon:
Ce n'est pas Beranger, le poéte,
Ce n'est pas ce farceur de Piron,
C'est un Lolo, bien Lolo, très Lolo,
Une lorette...
Vive la lorette!

A prostituição tal como a conhecemos ainda hoje vem descripta no Genesis e nos outros livros santos, e encontra-se nas mais antigas tradicções romanas.

A necessidade d'esta praga chronica da humanidade, reconhecida pelos philosophos antigos, foi tambem confessada por Santo Agostinho.

Os moralistas concordam n'este ponto com os estadistas e com os hygienistas mais celebres.

Parent-Duchatelet diz:

«As prostitutas são tão inevitaveis n'uma agglomeração de homens, como os urinoes, as cloacas e os depositos de immundicies.»

Fica, portanto, sobejamente demonstrado por documentos historicos, e está admittido pelos philosophos, moralistas, estadistas e hygienistas que a prostituição é um mal inherente ás sociedades humanas.

Mas, se a civilisação consiste no progresso moral e physico, não póde negar-se que a prostituição póde diminuir.

Para os que prégam o respeito do individuo humano, bem como o dever, a abnegação e todas as virtudes christãs, é obvia a necessidade de restringir a prostituição como consequencia da preguiça, do egoismo e da luxuria.

Os politicos e economistas teem o dever de a extirpar como uma consequencia de instituições viciosas, taes como as excessivas agglomeráções urbanas, o predominio da industria manufactureira, a ignorancia publica, o abandono, a exploração de menores, a excitação á libertinagem, etc.

Para os hygienistas e medicos, ha a necessidade de evitar os perigos physicos, resultantes das enfermidades contagiosas que a prostituição propaga.

Mas, evidentemente, para descobrir os meios de a combater efficazmente é preciso começar por lhe conhecer as causas.

Primeiramente, e como these geral:

A mulher, menos apta para o trabalho que possa occorrer á sua subsistencia, é ao mesmo tempo menos imperiosamente dominada que o homem pelo desejo dos gosos sensuaes.

Estes gosos acarretam-lhe penosas consequencias, além dos encargos e dores da maternidade.

Diz a Escriptura:

«*In dolore paries filios tuos et sub viri potestate eris* (*Genesis*, III, 16.)»

D'aqui provém a tendencia que a mulher manifesta para sollicitar uma recompensa, e o homem para offerecer uma parte do fructo do seu trabalho.

Eis o motivo, sem duvida, porque a rigorosa eliminação da prostituição é impossivel ou arbitraria, e tambem porque as leis não pódem regular senão um genero de prostituição—*a publica*.

Existem infinitos graus de distancia entre a mulher, que se entrega e sacrifica para tesmunhar o seu amor, e o trafico torpissimo da prostituta, que se entrega por uma quantia qualquer.

Entre a abnegação e o egoismo, a distancia é enorme; tanta como entre o espirito e a materia.

«Não foi o homem creado para a mulher, diz S. Paulo, mas sim a mulher para o homem: «*Etenim non est creatus vir propter mulier sed mulier propter virum* (*Corinth.*, I. XI., 9)».

N'estas palavras encerra-se uma das grandes razões da prostituição. Esta differença physiologica entre o homem e a mulher levou o famoso hygienista inglez Acton, a considerar a prostituição sob o duplo ponto de vista do homem que a sollicita e da mulher que a subministra.

Quer dizer, sob o ponto de vista da procura e da offerta.

Os desejos desordenados do homem, que provocaram, e manteem ainda hoje a prostituição, são:

1.º o instincto genital;

2.º um caracter corrompido;

3.º o estado artificial da sociedade civilisada, que torna difficil senão impossivel o matrimonio de duas pessoas que se amam;

4.º a repugnancia d'aquelles que poderiam casar para acceitarem as obrigações e os deveres do matrimonio;

5.º as profissões que desviam o homem do matrimonio, ou que, se é casado, o affastam da vida conjugal.

Por parte da mulher, as causas da sua offerta á concupiscencia do homem são as seguintes:

1.º o instincto genital;

2.º a preversão natural;

3.º a indolencia;

4.º a preguiça.

5.º a má educação, que desenvolve as inclinações viciosas;

6.º os maus exemplos e a indecencia da promiscuidade deploravel da vida em commum, entre as classes proletarias;

7.º a necessidade, que provem da incapacidade de attender ás necessidades da vida por meios honrados, ou de uma extrema miseria;

8.º a embriaguez;

9.º a leviandade;

10.º o amor do prazer;

11.º o amor a um d'esses entes indignos e abjectos que se comprazem em arruinar e perder completamente uma mulher;

12.º certas profissões, que expõem particularmente as mulheres ás seducções e ás tentações.

Vintras enumera tambem do seguinte modo as causas da prostituição na Inglaterra.

Causas immediatas:

1.ª a demasiada liberdade concedida ás raparigas;

2.ª a ausencia quasi completa de vigilancia da parte dos paes nas classes pobres;

3.ª as más companhias;

4.ª as tentações quasi irresistiveis a que se vêem expostas, quando são demasiado jovens, e demasiado inexperientes para comprehenderem as consequencias de uma primeira falta;

5.ª a deploravel leviandade com que as raparigas e as mulheres virtuosas acceitam o offerecimento de bebidas alcoolicas;

6.ª o grande numero de casas de bebidas de apparencia decente que existem em Londres, onde as raparigas podem ser arrastadas e seduzidas.

Causas remotas:

1.ª a lei a respeito da ruptura dos esponsaes, que induz indirectamente as raparigas a cederem ás instancias dos seductores;

2.ª a apparente protecção concedida ás mulheres gravidas pela referida lei, que não é applicavel senão na metade dos casos; ou que, sendo mal applicada, favorece quedas premeditadas, e induz á prostituição muitas raparigas.

Nos Estados Unidos existem as mesmas causas, mas da prostituição dos differentes paizes trataremos n'um dos capitulos proximos.

Examinemos agora as causas mais geraes da desmoralisação dos operarios e das raparigas pobres, causas que parecem determinar melhor que qualquer outra cousa a prostituição nas cidades.

1.ª a insufficiencia dos salarios e a deserção das raparigas do campo para a capital.

Está provado que não podendo uma mulher viver, senão muito difficilmente, com o producto do seu trabalho nas grandes cidades, é fatalmente arrastada a procurar os recursos, que lhe faltam, nos lucros da prostituição.

Depois, estes lucros supplementares, que excedem então o salario principal, tornam possivel da sua parte o acceitar remunerações, tanto mais limitadas, quanto maior é a sua constancia no trabalho.

Assim, antes de conseguir degradar as operarias até á prostituição, a libertinagem representa um papel indirecto, intervindo como causa economica na diminuição dos salarios acceite por ellas, e reciprocamente nos salarios offerecidos pelos patrões.

Pelo que respeita á deserção das raparigas do campo, sobejam-nos as provas. Daremos apenas as seguintes:

Durante o periodo de 1855 a 1869, em 28:569 prostitutas clandestinas detidas em Paris, apenas 5:890 eram oriundas do departamento do Sena. 22:676 eram das provincias ou do estrangeiro; quer dizer, que, na proporção de 1:000, 797 eram extranhas ao departamento do Sena, e 206 d'este departamento.

Esta estatistica contém a prova mathematica das causas principaes da prostituição, que acabamos de expor, a saber, a deserção das raparigas do campo e a difficuldade de viver honradamente, que encontram as raparigas attrahidas a Paris pela ideia do prazer e dos salarios mais avultados.

Mais de metade acharam-se na grande cidade sem familia e sem guia, tendo ido para alli com a ideia de encontrarem trabalho productivo e de viverem mais facil e commodamente que nas suas aldeias.

Mas o trabalho falta, e a miseria, e sobretudo a leviandade unida á preguiça, tornam essas raparigas abjectas prostitutas.

2.ª a concorrencia nas profissões a que as mulheres parecem naturalmente destinadas, e a invasão dos homens, vergonha é dizel-o, nas profissões sedentarias e delicadas, puramente manuaes, como por exemplo a costura, as flores artificiaes, o fabrico de leques, a venda de objectos de *toilette*.

Devemos tambem citar as officinas das prisões, onde os trabalhos grosseiros que exigem pouca destreza e pequeno dispendio de intelligencia, são executados em grande escala e a preços excessivamente reduzidos.

Finalmente, até as mulheres da classe media empregam os seus momentos de ocio em trabalhos de costura e de bordados, que reduzem singularmente o trabalho das operarias d'estas profissões.

As interrupções do trabalho, causadas pela doença, pelos deveres de familia, e por todas as condições de aptidão, que erradamente se suppõem iguaes, condemnam as mulheres á inferioridade na concorrencia industrial, que não é mais do que a forma civilisada do *struggle for life*, eternamente empenhada para conservar a vida entre todos os entes animados.

O trabalho das mulheres em certas profissões para que são proprias é ás vezes impedido pelas *gréves* dos operarios.

Em Paris, os impressores que desejaram abrir as suas officinas ás mulheres viram-se obrigados a renunciar á execução d'este projecto em consequencia da attitude dos operarios, tanto que certos editores de Paris tomaram a resolução de fazer imprimir os seus livros nas provincias, e até mesmo no estrangeiro. Por isso as grèves insufficientemente reprimidas nos seus abusos tornam-se oppressivas, e oppõem um obstaculo gravissimo ao desenvolvimento da riqueza nacional, contribuindo além d'isso indirectamente para o recrutamento da prostituição, por isso que fecham ás mulheres o accesso em certas officinas, onde poderiam ganhar honradamente a vida.

3.° a indecencia e a promiscuidade nas familias pobres.

Em muitas familias miseraveis, a pequenez das habitações produz a mais ignobil promiscuidade.

Áquelles entes grosseiros e miseraveis faltam-lhes as commodidades materiaes. Toda a familia vive amontoada n'um unico quarto, onde o pudor é destruido pelo habito da indecencia. Os habitos obscenos succedem-se facilmente ás palavras e aos gestos. O incesto entre irmãos é tambem uma consequencia da mesma miseria, e succede vezes a miudo, que entrando o pae mais tarde que os outros, e mais ou menos embriagado, abusa de sua propria filha, na ausencia da mãe ou emquanto esta dorme.

Por isso, um dos meios empregados pelas associações de beneficencia para luctarem contra a horrivel depravação que resulta do pauperismo, consiste em fornecer aos proletarios camas e outros objectos materiaes, destinados a evitar a promiscuidade.

4.° a origem illegitima.

As filhas nascidas de uniões illegitimas, quasi sempre privadas da benefica educação da familia, e a miudo desmoralisadas pelo mau exemplo, confiadas ou abandonadas a extranhos, na edade em que maior necessidade tinham da sollicitude maternal, acham-se evidentemente muito mais expostas a cahir na prostituição, do que as filhas do matrimonio.

Apesar d'isso, nem todas estas influencias são tão perniciosas, como poderia suspeitar-se *à priori*.

5.° a privação dos cuidados maternaes.

Promiscuidade horrivel!...

As filhas dos viuvos ministram á prostituição um contingente relativamente numeroso. O viuvo que resolve casar, e com maior rasão o que vive amancebado, perde muitas vezes o sentimento dos seus deveres, para com os filhos do primeiro matrimonio.

Uma menina, amimada durante alguns annos pelo amor e ternura de sua mãe, quando este amor sollicito e extremoso lhe falta, e se vê sacrificada aos ciumes e ao odio de uma extranha, indigna-se contra os novos membros da familia, que a excluem do seu logar legitimo.

O exemplo que tem ante os olhos preverte-a, e se alguns bons conselhos não veem adoçar-lhe as maguas e dar-lhe a resignação indispensavel, o odio e a inveja azedam-lhe o espirito, revolta-se, e nos seus sonhos o amor da emancipação e o amor do homem, que considera como o seu libertador, confundem-se. O seu desejo é ser seduzida.

As filhas das viuvas, que tornam a casar, soffrem quasi sempre um destino analogo.

O padrasto rarissimas vezes as adopta. As recordações que ellas evocam são o receio constante, o pesadello de sua mãe. Conhecem que os affectos e a ternura materna pertencem aos filhos do novo enlace. Torturadas por uma frieza injusta, ou pelos maus tractos que lhes envenenam a existencia, pouco vigiadas, ou para melhor dizer, nada vigiadas, sem direcção nem conselhos, o que lhes succede? Perderem-se em busca de uma ventura imaginaria, e soffrerem a sorte das pobres raparigas seduzidas.

Quando a viuva se deixa arrastar a viver em concubinato, as consequencias da sua má conducta são ainda mais fataes para as filhas legitimas, nascidas do seu matrimonio.

Não ha respeito algum para a infancia n'aquelle par, cuja vida é um continuo exemplo de desordem. E a joven assim fica entregue ás seducções dos homens, quando não ás perseguições e tentativas do proprio amante de sua mãe, do homem que vive debaixo do mesmo tecto que ella, e que não respeita nenhum dever moral!

«Quando se começam a descobrir as origens, diz Maxime du Camp, averigua-se quasi invariavelmente que a rapariga dada á prostituição pertence a um pae ou a uma mãe que contrahiram segundo matrimonio.

«Na classe operaria, existe uma causa primordial, essencial, de desmoralisação. Quando a mãe torna a casar e a filha é bonita, succede frequentemente o padrasto intentar perdel-a. A mãe, que antes de tudo é mulher, tem ciumes, e expulsa-a de casa.

«Se é o pae que contrahiu segundas nupcias, sua esposa, como verdadeira madrasta, maltracta a rapariga, e esta foge de casa. Em qualquer dos casos, a pobre creança cáe no tremedal, se alguma alma caritativa não se compadece d'ella, e a salva para a virtude e para a sociedade, dando trabalho honesto e educação apropriada.

«Vagueia pelas ruas como um cão perdido, dorme debaixo das pontes, n pedreiras, nos edificios em construcção, onde se encontra com a população va e dada á rapinagem. Desce de miseria em miseria, de aventura em aven-

tura, até onde? Até á Perfeitura da Policia, que se apodera d'ella em nome da saude publica.»

Se os tribunaes revelassem os seus segredos, adquirir-se-hia a espantosa convicção de que muitos paes, oh bestialidade monstruosa! foram os primeiros a impellir suas filhas á libertinagem e á vergonha!...

6.° a aprendisagem.

As jovens aprendizas orphãs, ou aquellas a quem seus paes, sujeitos aos deveres do trabalho industrial não podem vigiar, acham-se expostas nas officinas, ou ao sahirem d'ellas, ás seducções dos operarios.

Frequentes vezes são victimas dos ataques de seus chefes, que abusando da sua auctoridade, fazem comprar a sua protecção ao preço de ignobeis complacencias.

Estes contractos clandestinos são verdadeiros actos de prostituição. A rapariga que os acceita, ou a que os soffre, prepara-se inevitavelmente para commerciar com o seu corpo.

Muita gente julga que as pessoas ricas são as que perdem as raparigas da classe operaria. N'este ponto certos escriptores sentimentaes fallam constantemente do ouro corruptor. Não é a verdade em absoluto. As filhas do povo são perdidas pelo proprio povo, nas casas de malta em que habitam, nas officinas onde trabalham, nos immundos bailes onde as levam, nas tascas onde comem, e n'outros muitos sitios, onde o mau exemplo se encontra sempre diante dos seus olhos.

Têem que repellir constantemente muitas sollicitações, que sustentar muitos combates, que evitar muitas astucias, que soffrer muitos ataques violentos.

N'esta classe da sociedade, onde a instrucção é embrionaria, nulla a educação e a moral uma convenção desconhecida, onde a necessidade de ganhar a vida desde a infancia dá uma liberdade de conducta excepcional, onde a operaria se vê, geralmente fallando, collocada sob a immediata auctoridade do chefe da fabrica de que depende o seu destino, onde o mal não é uma nodoa, senão quando chega a tornar-se publico, a virtude de uma mulher corre tanto maior risco, quanto é certo que ninguem a respeita, e que todos parecem comprazer-se em tental-a!...

Basta consultar a estatistica criminal. Por cada 100 attentados contra os costumes, 95 foram commettidos pela clases operarias.

7.° o serviço domestico.

Alguns moralistas pretenderam provar que a seducção, seguida da expulsão das creadas gravidas, por amos egoistas e depravados, era uma das cousas mais poderosas da prostituição. As apparencias enganam, porém, e a discussão demonstra completamente que a conclusão d'estes moralistas é erronea.

Vejamos porque:

1.° as raparigas que se dedicam ao serviço domestico foram quasi sempre seduzidas antes de entrarem na condição de serviçaes.

2.° está provado que a desmoralisação dos costumes das familias pobr conduz muitas vezes essas raparigas ao mister de creadas.

3.º a falta de intelligencia, de boa conducta e de moralidade, que degrada as raparigas até irem inscrever-se como prostitutas, encontram-se em certo grau nas creadas de servir.

Nas familias dos lavradores, quando uma rapariga é preguiçosa, glotona, estupida, os paes costumm consolar-se, dizendo:

—«Havemos de arrumal-a na cidade!...»

E que fazem d'ella!

Uma creada de servir.

4.º apresentando as prostitutas uma proporção, relativamente muito fraca, de raparigas que tenham dado á luz uma ou muitas vezes, o argumento deduzido da seducção, seguida de gravidez e de expulsão, perde quasi todo o seu valor.

Effectivamente, por cada 100 prostitutas, 40 foram creadas; mas por cada 40 creadas convertidas em prostitutas, só 14 pariram uma ou muitas vezes.

Em resumo, as creadas costumam ordinariamente ser desfloradas na sua aldeia antes de começarem a servir, e é então quando a sua má conducta as obriga a abandonar a sua terra natal.

Outras vezes, pertencem a familias de moralidade duvidosa, e achamse moral e intellectualmente muito abaixo das filhas do povo que vivem em Paris.

Concluiremos, pois, que a seducção das creadas por seus amos e a sua expulsão, quando chegam a estar gravidas, não foi nunca, nem acreditamos que será jamais uma causa real e verdadeira de prostituição.

Maxime du Camp, cujas observações são tão curiosas e bem fundadas, não admitte tambem essa novella das creadas seduzidas e expulsas, tão frequentes vezes ministrada ao publico pelos auctores de melodramas e por alguns moralistas de trapeira.

Diz o distincto escriptor:

«A maior parte chegam da provincia, do campo, onde ouviram dizer muitas vezes que em Paris se ganhava muito dinheiro.

«Começam a servir como cosinheiras, ou como creadas para todo o serviço n'uma familia economica. As amigas arrastam-nas. Vão aos bailes, travam alli relações perigosas, os amos não tardam a conhecer a sua má conducta, e despedem-nas sem attestado e sem recursos.

«Luctam durante muito tempo, vivem ao acaso, envergonham-se e não se atrevem a voltar para a sua terra.»

Por outro lado, a libertinagem, a leviandade, o desejo de agradar aos homens, a indolencia, manifestam quasi sempre um profundo desdem pelo serviço domestico.

Uma rapariga de vinte annos, orphã e bonita, vae buscar á Prefeitura o livrete de prostituta. O chefe da repartição procura dissuadil-a do seu proposito, aconselhando-a a que procure uma collocação como creada. Ella offendese e responde com um tom muito sacudido:

—«Creada! Ora obrigado! Na minha familia nunca houve creadas de servir! Não chegamos ainda, felizmente, a essa necessidade!...»

Esta anedocta é perfeitamente authentica.

8.º a litteratura immoral.

A litteratura que põe em voga o mundo das cortezãs tem a maior parte da responsabilidade na má conducta de muitas d'essas raparigas, cuja cabeça transtornou.

A litteratura, adulando as más paixões, para crear fama e para se fazer comprar, não é o menos importante dos elementos dissolventes da moralidade dos costumes.

Eis como um poeta notavel, Augusto Barbier, nas suas *Odes* e *Poemas*, descreveu esta perigosissima corrupção litteraria:

C'est a qui chaque soir sur les planches banales
Étalera le plus de honte e de scandales
A qui déroulera dans un roman piteux
Des plus grossiers mœurs les traits les plus honteux.
...Vous y verrez sous l'œil du père de famille,
Des lubriques tableaux enseigner á sa fille,
Comment sur un sopha, sans remords et sans peur,
On ouvre á tout venant et sa jambe et son cœur...

É certo que os maus livros e as más comedias são um elemento de corrupção social, mas não será a litteratura tambem um quadro dos costumes?

Quem o nega?

Como poderão bem aquilatar-se e classificar-se as responsabilidades n'esta sociedade tão profundamente perturbada?

Qualquer tendencia de revolta de uma consciencia honesta contra a liberdade desenfreada do vicio e da corrupção, é para logo considerada como um attentado contra a liberdade.

Os maus livros e os maus quadros pullulam, sem que seja possivel impedir-lhes a circulação.

Mas deixemos este assumpto, porque considerações d'esta especie são perfeitamente perdidas.

....

As mulheres que vivem da corretagem da prostituição não figuram entre as causas que acabamos de examinar. Raro é, com effeito, que uma rapariga entre de chofre na prostituição publica por instigação d'essas mulheres.

As operarias e as creadas que sahem dos hospitaes ou dos carceres, as que são expulsas das officinas, dos armazens ou das casas particulares, e que recorrem ao registro da policia; as raparigas abandonadas por seus paes, orphãs ou não, aquellas a quem o seu mau porte privou da protecção das pessoas honradas e da tutella das instituições caritativas; em poucas palavras, todas as raparigas abandonadas, estão expostas aos perniciosos conselhos e ás seducções das alcoviteiras.

A preguiça, a gula, a libertinagem hereditaria, a prostituição clandestina, o abandono completo, e o horror ao trabalho, taes são como vimos e como tornaremos a demonstrar as verdadeiras fontes da prostituição publica.

A parte principal do lucro das intermediarias provém do que recebem pela mudança de casa das prostitutas matriculadas.

O dinheiro recebido por occasião da matricula das raparigas, que se apresentam pela primeira vez a instigação d'essas mulheres na repartições de policia, não lhes chegaria para viver.

As intermediarias recebem uma retribuição de 10 a 40 francos por cada mulher que ajustam.

Eis o mecanismo d'esta industria:

Informadas pela besbilhotice das outras prostitutas, por cartas, ou por qualquer outro modo, de que uma d'ellas deseja mudar de casa, na mesma cidade, vão offerecel-a ás donas de casas publicas a quem lhes parece que póde convir, e preparam uma entrevista para as duas partes contratantes, ou em sua casa, ou n'um café, ou simplesmente na rua.

Se a prostituta quer mudar de cidade ou de paiz, propõe a mudança por meio de carta, descrevendo as suas qualidades physicas, e mandando a sua photographia.

Quando o contracto se ajusta, as intermediarias arranjam-lhe um passaporte, e ajudam-na a cumprir as formalidades administrativas necessarias para a sua partida.

Se a joven é bella, se promette importantes lucros á casa em que vae entrar, a intermediaria apressa-se a conduzil-a ella propria ao seu destino, quando a dona da casa não a vae buscar, ou não envia pessoa encarregada de a acompanhar, porque a prostituta em viagem acha-se exposta a mil aventuras.

O seu ideal é encontrar um amante que se encarregue de a sustentar, de occorrer a todas as suas necessidades.

Todas as despezas da viagem são escrupulosamente pagas ás intermediarias, que recebem além da corretagem convencionada uma indemnisação segundo a distancia percorrida, o tempo consummido, etc.

Estas mulheres, designadas officialmente em França com o nome de *corretoras da prostituição,* são toleradas e vigiadas.

Algumas vezes prestam bons serviços, como por exemplo, dar a conhecer o asylo das prostitutas que pretendem escapar á visita sanitaria, e pôr a policia na pista dos ladrões.

Muitas vezes as raparigas dirigem-se ás corretoras por meio do correio.

Vamos transcrever aqui algumas d'essas cartas, cujos originaes estão em nosso poder, e que darão a conhecer a um tempo o estylo d'estas correspondencias e alguns pormenores dos costumes.

CARTAS DE PROSTITUTAS QUE DESEJAM MUDAR DE CASA

«Minha senhora:

«Remetto-lhe a minha photographia, para me procurar collocação. Devo 400 francos, e tenho alguma roupa branca e alguns vestidos em bom estado.

«Parece-me que estou no caso de convir.

«Por isso, rogo-lhe que me procure casa em qualquer cidade, excepto em casas de 1 franco.

«Colloque-me o mais depressa que puder, que hei de recompensal-a bem. Aqui em Chatellerault enfastio-me horrivelmente. Espero a sua resposta, para casa de Madame G. R. P. em Chatellerault.

«*Ernestina.*»

«MINHA SENHORA:

«Como desejo sahir de Poitiers, vou saber se precisa de uma rapariga. Parece-me estar nos casos de convir. Tenho fato e roupa branca. Devo 650 francos. Sou alta, morena e bem feita de corpo. Tenho 21 annos. Esperando a sua resposta, apresento-lhe os meus sinceros cumprimentos.

«*Rachel,* em casa de Madame L.»

«MINHA SENHORA:

«Escrevo-lhe estas linhas, para lhe pedir que me faça sahir o mais depressa que puder d'esta casa. Estou em Livourne, em casa de Madame L'aimable. Devo 385 francos, mas tenho bastante roupa branca para segurança da somma que me adiantarem. Tenho 22 annos. Procure fazer-me partir d'aqui o mais depressa possivel.

«Se em Poitiers houvesse necessidade de mulheres, gostava mais de ir para lá do que para qualquer outra parte.

«Conto com os seus serviços e parece-me que não ficará descontente commigo.

«A. L.»

«MINHA SENHORA:

«Chatellerault, 16 de março de 1868.

«Remetto-lhe a minha photographia, para me obter collocação. Devo 406 francos. Se não poder collocar-me, seja onde fôr, devolva-me o retrato, porque não tenho outro agora.

«*Valentina,* em casa de Madame G.»

«MINHA SENHORA:

«Agen, 7 de junho de 1869.

«Escrevo esta carta para lhe pedir o obsequio de me collocar em Bordeus. Foi Maria que me deu informações a seu respeito. Sou muito bonita, e as minhas fórmas chamam bastante a attenção. Sou loura e posso lisongear-me de ter agradado a todos os que me preferem. Nunca deixei ninguem descontente, e ninguem se queixou de mim. Devo apenas 160 francos, nada mais.

«Se não podér collocar-me em Bordeus, ao menos n'alguma terra proxima.

«Espero que me responderá o mais depressa possivel.

«*Mathilde*».

«MINHA SENHORA:

«Paris, 30 de junho de 1870.

«Desejaria entrar n'uma casa afreguezada e de uma certa ordem, onde podessem adiantar-me a quantia de 400 francos.

«A senhora viu-me apenas uma vez, e de certo não se lembra de mim, por isso vejo-me obrigada a recordar alguns pormenores. Sou a *Pequena*, que estava em casa de *Branca*, e que a senhora apresentou em casa da *Marqueza*. No dia seguinte, tive occasião de voltar a Paris, e voltei. Lembro-me que Madame Currentin me tinha mandado buscar pela senhora, e queria adiantar-me o que devia a Branca.

«Conheço tambem uma rapariga, minha amiga, que está resolvida a partir na minha companhia, mas deve 500 francos. Se poder collocal-a, ficar-lhe-hei muito agradecida. E' uma trigueirinha muito bonita, e tem 21 annos. Eu tenho 18.

«Espero que fará por nós ambas o que poder, e desde já lhe asseguro a minha gratidão.

«Adeus, minha querida senhora, responda o mais depressa que lhe fôr possivel.

«Rua dos Martyres, casa P... em Paris.

«*Luiza N.*»

«*P. S.* Não temos roupa.»

MINHA SENHORA:

«Recebi a sua carta. Pergunta-me se conheço Bayonna ou Bordeus; nem uma nem outra. Peço-lhe o favor de me vir buscar immediatamente. Espero-a com impaciencia.

«*Adriana.*»

Cartas das donas de casas publicas ás corretoras

Muitas vezes as donas de casas dirigem-se ás corretoras.

Eis algumas das suas cartas, que darão a conhecer os mysterios d'este odioso commercio; e ao mesmo tempo o caracter de algumas d'essas famosas megeras:

«MINHA SENHORA:

«Soube por uma das *meninas* que tenho em casa que a senhora é corretora.

«Se tiver a bondade de me arranjar alguma rapariga que não deva muito, prestar-me-ha um bom serviço. O que mais me conviria n'esta occasião serião algumas *grisettes* bonitas.

«Montauban.»

«*A. M*»

«MINHA SENHORA.

«Toulon, 30 de agosto de 1865.

«Se não respondi mais cedo, foi por estar no campo.

«Quando voltei, encontrei a carta que me escreveu, e apresso-me a responder-lhe.

«Do que preciso agora é de uma ou duas raparigas nem muito altas nem muito gordas, que devam o menos possivel, e que tenham de 19 a 20 annos.

«Veja se tem o que desejo. E se me servir bem, nunca mais recorrerei a outra pessoa. Peço-lhe que as escolha não muito gordas, esbeltas, bonitas e elegantes, e sobretudo que não devam muito.

«Adeus. Espero a sua resposta.

«*Clairette C* * * *»

Tambem se fazem estas encommendas pelo telegrapho. Por exemplo:

«C... em casa de F.... rua do Norte, 76 — Cognac:

«Mande rapariga. Diga condições da casa. Usam bata. Só sabem carroagem.

«*L*..., rua R... — Bordeus»

«Madame C..., rua B..., n.º 30, Bordeus:

«Prepare 5 meninas. Parto hoje de Marselha. Resposta paga.»

«*Baroneza,* rua Saint-Roncé, 12 — Marselha.»

CARTAS DE HOMENS QUE DIRIGEM AS CASAS DE PROSTITUIÇÃO ÁS CORRETORAS

Em algumas capitaes, as casas de prostituição são dirigidas por homens. Eis aqui tambem alguns specimens d'este estylo epistolar. Os mais honrados industriaes não se expressariam melhor!

«MINHA SENHORA.

Lyon, 7 de maio de 1870.

«Respondo á sua carta na qual me diz que tem em Bordeus mulheres muito bonitas. Espero dever-lhe o favor de me dizer na volta do correio

quantas póde enviar-me, isto acompanhado da nota de quanto deve cada uma d'ellas, e de algumas informações a respeito do seu genero de belleza.

«Espero a sua resposta, e aqui fico muito ás suas ordens.

«*Leroy*».

«MINHA QUERIDA C.

«Cognac, 15 de novembro de 1868.

«Peço-lhe me desculpe de não lhe ter escripto ha mais tempo, mas tive ultimamente um grande dissabor. Leontina, apenas chegou, foi declarada contagiada pela visita sanitaria, e por isso não começou ainda a ganhar dinheiro, e creio que não o ganhará tão cedo, por estar em deploravel estado. O mal sabe-lhe por todas as partes. Emfim, póde dizer a Madame Joseph que representou perfeitamente o seu papel para me apanhar o dinheiro!

«Emquanto a Celina, tem o nariz muito doente, e não póde apparecer diante de ninguem, porque aquella doença desfigura-a completamente.

«Em summa, depois de tudo isto, bem pode comprehender que não devo estar muito contente.

«Póde dizer a Madame Joseph que, se Leontina lhe deve 360 francos, os peça á dona da casa em que ella esteve anteriormente, porque ganhou bastante com essa rapariga.

«Pela minha parte, bem bastam os adiantamentos que lhe fiz, sem que tenha esperança de tirar d'ella o menor proveito.

«Todo seu,

«*Adolpho*».

Os donos d'estas casas são ordinariamente os maridos ou os amantes das antigas prostitutas já retiradas *do commercio.*

As donas das casas, chamadas n'outros tempos, como vimos, *abbadessas,* e hoje *matronas, proxenetas,* e *alcoviteiras,* em estylo vulgar, são quasi sempre antigas prostitutas, que lograram reunir um peculio, e que tendo adquirido por meio de uma larga pratica a experiencia da prostituição, obtiveram a permissão de abrir uma casa, onde as prostitutas vivem em communidade.

A policia nunca auctorisa a installação de uma alcoviteira n'uma casa nova, sem se ter assegurado da conveniencia do local, sob o ponto de vista da hygiene.

Nunca deve abrir-se uma casa d'estas com duas portas, afim de que ninguem possa esquivar-se por occasião das visitas domiciliarias que os inspectores teem o direito de fazer, e que fazem a miudo, com o fim de se certificarem de que o estabelecimento não contem nenhuma prostituta ainda não matriculada.

Não é raro terem estas matronas uma casa de campo nas immediações da cidade.

As que estão n'este caso dão ás vezes a todo o pessoal do estabelecimento a diversão de um jantar no campo.

Estas diversões parecem muito recatadas. As prostitutas apresentam-se modestamente vestidas. Qualquer as tomaria, ao vel-as d'este modo, por uma familia de burguezes, que fosse passar o dia ao campo. Não se demoram muito tempo, e apressam-se a voltar a casa por causa do commercio.

As donas de casas publicas são obrigadas a ter um livro para a inscripção das suas raparigas, assim como os donos de hoteis para os seus hospedes.

A rigorosa vigilancia de que são objecto por parte da policia, que as torna responsaveis de todas as contravenções commettidas no seu estabelecimento, e que póde accrescentar ao castigo comminado pelo tribunal um encarceramento de 20 dias, e ainda a pena de encerramento da casa, obriga-as a vigiar por si proprias a manutenção da ordem, e a evitar toda a especie de escandalo.

Entregues ao desprezo publico, evitam as manifestaçoes insultantes com uma conducta relativamente honesta, e quasi sempre tranquilla e reservada.

Avarentas, pensando continuamente no lucro, endurecidas pelo habito do vicio, as suas palavras costumam ser doces e melifluas, a não ser que a excitação de uma resposta, ou de uma questão, não descubra de repente o seu indigno officio pelas obscenidades de um vocabulario especial.

Quando chegam a enriquecer, o que acontece frequentemente, retiram-se para o campo, para as suas propriedades, onde procuram occultar cuidadosamente a sua origem.

Convertem-se então em damas caritativas, dotam raparigas virtuosas, e dão-se á pratica frequentes de obras de caridade.

Muitas vezes as donas de casas de prostituição vivem com seus maridos, ou com seus amantes, sem que estes representem algum papel ostensivo. No emtanto, intervêem em todas as altercações, e apparecem de repente para tomarem a defeza das alcoviteiras ou das rameiras.

Antes de receberem uma prostituta nova, as donas de casa, sujeitam-na a uma revista corporal, como se costuma fazer aos mancebos sorteados.

Tractam de examinar se os papeis da mercadoria estão em regra, e sobretudo, se tem mais de 21 annos, porque sabem que de contrario se arriscam a ter que ver com a justiça por corrupção de menores.

Recusam as que são feias, ou lhe parecem muito gastas, ou as que estão atacadas de alguma enfermidade.

As donas de casa e as suas ajudantes adquirem uma notavel experiencia no exame sanitario das prostitutas. A maior parte d'ellas sabem fazer uma excellente e justa applicação do *speculum*.

Inspeccionam as mulheres muitas vezes por semana, sobretudo antes de as mandarem á visita medica hebdomadaria.

As prostitutas estabelecidas n'aquellas casas não vão, geralmente fallando, procurar os homens á rua, e mesmo as donas de casa não costumam mandar emissarias a arranjal-os.

Uma mulher de edade colloca-se durante a noite á porta da casa, e alli chama a meia voz os transeuntes.

Os rapazes transmittem uns aos outros os signaes das differentes casas de prostituição, onde mutuamente se arrastam:

Qui tum illam amabant, forte, ita ut fit filium
Perduxere illuc secum, ut una essent, meum;

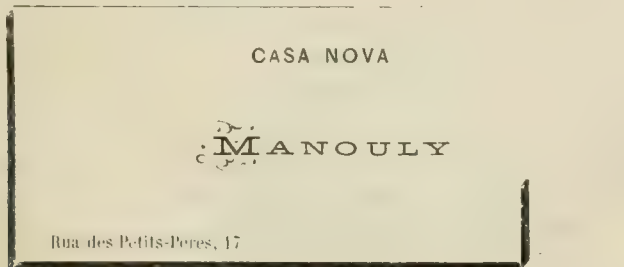
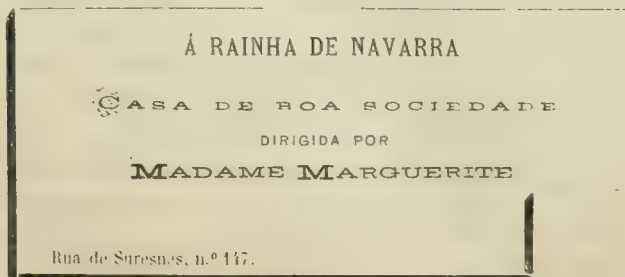
«Um dia, os que a frequentavam levaram comsigo meu filho, como tantas vezes succede, para alli juntos se entregarem á libertinagem», diz Terencio (*And.* I, 1,53).

Os creados de cafés, de restaurantes e dos hoteis dão de bom grado as indicações, que a este respeito se lhes pede, e offerecem-se aos estrangeiros para os conduzirem ás casas mais afamadas. As donas das casas, é claro, pagam este serviço com uma gorgeta, que varia de 3 a 5 francos, segundo as apparencias de generosidade do freguez.

Os cocheiros de trens de praça fazem o mesmo que os creados dos hoteis, e recebem como elles boas gratificações.

As donas de casa procuram dar a conhecer os seus estabelecimentos, distribuindo annuncios em forma de cartões de visita.

Temos em nosso poder tres, que vamos apresentar ao leitor.

O primeiro é um cartão branco, brilhante, impresso a tinta preta, e diz o seguinte:

O segundo é impresso a lettras de ouro, e diz o seguinte:

O terceiro finalmente annuncia o estabelecimento de um modo audaz, como se fora uma industria honesta:

CASA DE PROSTITUIÇÃO

DIRIGIDA POR

MADAME FOLLIAN

ESPECIALIDADE EM HESPANHOLAS

Rua de Metz, 341.—Paris.

Algumas vezes, estes cartões são illustrados com photographias, ou gravuras obscenas.

É escusado dizer que a policia considera a distribuição d'estes bilhetes como uma provocação publica á libertinagem, e que castiga severamente as matronas que se tornam culpadas d'este delicto.

A vigilancia, porém, n'este ponto, é muito difficil, e sempre insufficiente.

Os cartões são introduzidos nas mãos dos rapazes á sahida dos theatros por umas immundas alcoviteiras, que mereciam um castigo exemplar, mas que nunca são nem denunciadas nem perseguidas.

Em Paris, certas alcoviteiras servem de intermediarias entre os estrangeiros ricos, que não gostam de preambulos, e as prostitutas aristocraticas, actrizes e comparsas, para quem o theatro não é mais de que um pretexto para se mostrarem, celebridades do *Turf* e dos bailes publicos, que constituem para o mundo dos *bons-virants*, um dos maiores attractivos de Paris, e que são, afinal de contas, o cancro da grande cidade.

Por meio d'esta mulheres, sabe-se, com differença de um luiz mais ou menos, a tarifa das alcovas mais afamadas.

Outra pratica do proxenetismo consiste em atrahir á capital de todas as partes da França e sobretudo do estrangeiro, por meio de annuncios offerecendo honrosas e bem retribuidas posições de *institutrices* — raparigas, as mais das vezes orphãs, as quaes, victimas da sua credulidade, chegam a Paris, e encontram-se sem recursos, expostas a mil seducções, cahindo fatalmente no laço que lhes foi armado!

O mais odioso dos proxenetismos é o da mãe, que depois de ter vendido e entregado clandestinamente a virgindade de sua filha, depois, de ter renovado varias vezes a venda, emquanto poude illudir a credulidade dos seus compradores e enganar a vigilancia dos agentes de policia, se faz a um tempo corretora e criada de sua filha, convertida em prostituta matriculada!...

Muitas vezes esta infamia é um facto premeditado, e cujos processos foram largo tempo estudados, assim como calculados os proventos.

Este facto dá-se sobre tudo na classe das antigas prostitutas. Entre essa gente, a mãe nem sempre renuncia a prostituir-se, e d'aqui scenas da mais execravel e abominavel promiscuidade!

. . . .

Em muitos restaurantes, não se limitam a offerecer gabinetes particulares, quartos mobilados com famosas ottomanas e cujas portas se fecham admira-

velmente da parte de dentro, mas os creados procuram algumas vezes mulheres, cujo pagamento vem depois incluido na conta.

O aluguel a mulheres, que vivem da prostituição, de moveis, vestidos e outros artigos mais ou menos preciosos, constitue uma forma especial do proxenetismo.

Alguns estofadores mobilam casas sumptuosas, e installam alli raparigas, fruindo, sob o disfarce do aluguer dos moveis, uma somma diaria do commercio da prostituição, o que equivale, ao cabo de algumas semanas, ao valor total da mobilia. O aluguer de uma casa de mulheres bonitas e libertinas é lucrativo em alto grau para o proprietario. Não só recebe um preço exaggerado, mas o porteiro impõe uma contribuição, digamol o assim, a certo genero de visitas, e ás proprias inquilinas.

N'uma casa da rua de Saint-Denis, um gabinete de uma superficie de 8 metros, approximadamente, foi alugado pelo preço de 1:400 francos.

Certos commerciantes de quinquilheria e os revendedores alugam, a preços incriveis, chailes e outras alfaias para ellas apresentarem no theatro uma noite só.

Vamos dar aqui alguns d'esses preços, por noite:

Um chaile	10 francos
Um annel	30 »
Um leque	40 »
Um bracelete	15 »
Um diadema	100 »
Um relogio	90 »
Um broche	10 »
Uma cadeia	30 »

A proxeneta opulenta póde n'um abrir e fechar de olhos converter em faustuosa cortezã uma joven indigente e desprezivel, á qual venderá peça a peça e a preços fabulosos roupa branca, trajos e mobilia.

Eis alguns preços authenticos:

Uma bata	300 francos
Uma camisa de dormir	110 »
Seis camisas vulgares	210 »
Doze pares de meias	330 »

No calão das prostitutas, estas usurarias têem o nome de sangue-sugas.

Este costume dos alugueres chegou a ser habitual na classe operaria de Paris, entre qual os salarios excessivos desenvolveram o amor do luxo. O aluguer de fracs e de vestidos de baile veio a ser uma industria especial, que tinha annuncios nas esquinas das ruas dos bairros mais populosos.

Se até se alugavam notas de banco, para serem mostradas nas grandes solemnidades!...

Corôas de larangeira, veus e vestidos de noivado são alugados frequentes vezes. Certas lavadeiras alugam a roupa branca da sua clientella, comprehendendo: — lençoes de musselina, colchas, lenços, saias, camisas, guardanapos, meias, etc.,etc.

E a quem alugam tudo isto, commettendo um verdadeiro abuso de confiança? A creadas sem collocação, a operarias sem trabalho, a caixeiras sem emprego, que desejam fazer uma conquista nos passeios e bailes publicos.

Um destes honradissimos industriaes annuncia o aluguer de roupa branca, por meio de uma taboleta pintada com grossos caracteres, collocada detraz da carroça de que se serve para ir buscar a roupa aos domicilios dos freguezes.

Esta especie de lavadeiras exigem sempre para satisfazerem os freguezes o prazo de duas ou tres semanas, dando por desculpa a muita freguezia, a humidade que impede a roupa de seccar, a falta de agua, o muito trabalho das engommadeiras, etc., etc.

. . . .

Passemos agora a tractar dos amantes das prostitutas e dos seus defensores, os quaes se chamam na linguagem da prostituição parisiense:

Maquereaux,
Michés,
Marlous,
Marlouziers,
Poissons,
Rufians,
Barbillons,
Greluchons,
Mangeurs de blanc,

e mil outros nomes, por egual apropriados e pittorescos!...

Estes miseraveis ajudam as prostitutas a receber a paga dos seus freguezes, defendem-nas nas suas frequentes rixas, protegem-nas contra a policia, e vivem á sua custa.

Lecour, chefe de secção na Prefeitura de policia, Maxime du Camp e outros, ainda que menos extensamente que estes, dão a respeito d'estas ignobeis e perigosas parasitas da prostituição noticias authenticas e de grande interesse, sob o ponto de vista social.

Mostram um quadro verdadeiro, um quadro admiravelmente pintado dos actos que diariamente são praticados na cidade de Paris, por esta especie de malfeitores, das violencias que exercem, dos crimes que meditam, e declaram que a força publica é incapaz de por termo a estes escandalos, e por isso deve toleral-os, a fim de evitar calamidades peiores.

Eis o que elles nos dizem:

«Ás vezes o defensor de prostitutas protege ao mesmo tempo e de igual modo muitas d'estas desgraçadas.

«Antigamente era um nocetão, um athleta, uma especie de cão de fila, sempre disposto a morder o adversario que se lhe designava. Hoje é um rapazote de blusa, no qual a astucia e a ferocidade supprem a força, e talvez seja mais temivel que o seu antecessor.

«N'outros tempos, o defensor ia diariamente á casa publica receber da desgraçada, que opprimia sob o pretexto de a defender, o dinheiro que ella lhe destinava do producto do seu commercio.

«Hoje ambos elles combinam as sahidas e entrevistas, em que ajustam e regulam as suas contas.

«Se se tracta de uma prostituta isolada, o defensor vigia-a escrupulosamente, segue-a por toda a parte, e regateia o preço dos seus favores, dos quaes fica sempre com o melhor quinhão.

«Quando ha resistencia no debate, dá um escandalo e maltrata a sua victima, deixando-a ás vezes sem vintem. Ella tem de consentir em tudo, sob pena de ser violentamente maltratada, sem que excite a compaixão de ninguem.

«Uma vez houve alguem, que procurava arrancar uma pobre creatura das mãos de um d'esses bandidos, explicando-lhe o que era esse patife, e ella que respondeu?

«Que bem o sabia!...»

—«Mas então, disseram-lhe, porque não se livra d'elle?»

—«Porque, se não amar ninguem, nada serei n'este mundo!...»

Pobre rapariga!...

N'uma carta escripta por um preso do carcere de Mazas, e encontrada em poder de uma prostituta, lê-se o seguinte:

«Não sou muito desgraçado. A minha rapariga vem vêr-me duas vezes por semana. E' a melhor de todas quantas tenho tido.»

Alguns d'estes esteios de prostitutas especulam com a prostituição clandestina. Seduzem raparigas menores, obrigando-as depois a prostituirem-se em seu proveito. Todas as vezes que podem, depennam, arranjando disputas, os pobres diabos, que os seus cumplices arrastaram a uma trapeira, ou a um sitio qualquer despovoado.

Nunca o escravo, sob o latego do senhor da roça, nunca o grilheta, sob a vara do cabo de secção, foram mais escravisados e opprimidos, de que o é a prostituta por este individuo, a quem, no emtanto, paga a sua protecção!

Em these, o *defensor* é o castigo da prostituição, que opprime sem cessar para satisfazer a sua preguiça e os seus vicios; e, não obstante, no fundo do coração de todas as prostitutas, quer sejam consideradas como duquezas, quer maltractadas como escravas, ha sempre um pouco de amor para um patife d'esta laia!

«O coração das mulheres não vive senão de amor,» diz algures Madame de Stael.

As miseraveis que pertencem a todo o mundo têem de ter um homem, ao menos, para si proprias; é preciso que o tenham, não podem passar sem elle, e como não podem attrahir um amante por meio do amor exclusivo e sem partilha, reteem-no por meio do interesse, e dão-lhe tudo quanto possuem.

Quando uma prostituta acceitou uma dependencia d'esta natureza, ha para ella um verdadeiro perigo, um perigo de morte, em pretender subtrahir-se a ella.

Algumas vezes o proprio marido representa este papel de defensor e mante de prostitutas.

Eis como uma d'estas desgraçadas conta a sua triste sorte:

«Meu marido não quer trabalhar, eu tenho de ganhar a vida com o corpo,

para sustentar os filhos. Meu marido espreita detraz da porta, observando o que se passa, pelo buraco da fechadura...

«Um dia d'estes, entrou bruscamente á meia noite no quarto em que eu estava deitada com um homem, que encontrara no baile Mabille. Metteu-lhe medo, e extorquiu-lhe algum dinheiro.

«Como disse, havia encontrado esse homem n'um baile publico. Metti-me com elle n'uma carroagem para irmos para casa. Meu marido seguiu a carroagem a correr, e entrou em casa, atraz de nós... Outras vezes costuma esconder-se atraz das cortinas da cama.»

Alguns d'estes defensores teem costumes sinistros. O roubo, o assassinio e a pederastia, tudo isto lhes é familiar. Encontram-se em todas as disputas e em todas as desordens. Muitos acabam nos carceres a sua vida de infamias.

O defensor é para as prostitutas um recurso possivel, ou immediato, ou para o futuro; uma ameaça de reprezalias no que respeita aos actos de violencia, e finalmente um protector, que em tudo intervem, e esta consideração basta muitas vezes para impedir actos de brutalidade.

Ora este estado de cousas exige da parte da policia uma grande vigilancia, e medidas especiaes.

No interesse da moral e da ordem publica, é conveniente entrar nos pormenores mais vergonhosos e nas scenas mais escandalosas. A policia tem o dever de tolerar o mau, quando da sua suppressão possa provir um peior. Por isso não póde prohibir em absoluto as relações das prostitutas com os seus [illegible] campeões. Seria uma medida impraticavel.

Ha quem pense em atalhar uma grande parte dos males que d'aqui resultam, prohibindo as matronas de receber em suas casas esta gente infame.

As prostitutas isoladas devem viver sem elles, e por isso a sua cohabitação com um defensor é severamente castigada.

Pelo que se refere aos casos em que as prostitutas maltratadas se vêem na necessidade de recorrer aos taes vis defensores, de que temos fallado, o melhor seria reprimir essas violencias, por meio de uma incessante vigilancia policial.

Verdade seja que tal vigilancia seria muitas vezes inutil, porque o medo impede as prostitutas de se queixarem.

A *Gazeta dos Tribunaes* costuma narrar casos bem curiosos, e que comprovam o que acabamos de dizer.

Lucrecia B... era uma prostituta residente n'uma das casas mais escandalosas da rua de Suresnes. Tivera durante dois annos um defensor, que lhe exhauria todo o dinheiro, sujeitando-a a uma verdadeira escravidão.

Um dia a pobre rapariga pretendeu emancipar-se, e declarou terminantemente ao miseravel que nunca mais lhe daria um sou. Elle ameaçou-a, espancou-a brutalmente, e jurou vingar-se. Lucrecia, porém, estava resolvida a tudo, e soube resistir corajosamente tanto ás ameaças como aos maus tractos.

Seria horrivel a narração de tudo quanto aquella desgraçada soffreu, em consequencia da sua revolta! Quando resolveu invocar o soccorro da policia, apresentava o corpo n'um estado verdadeiramente deploravel. Largas [illegible]

gottejantes, escoriações medonhas e contusões numerosas, davam-lhe um aspecto horrivel!

A policia lançou mão do criminoso e encerrou-o em Mazas. Nos interrogatorios, declarou cynicamente que o seu fim *era dar cabo d'aquella p..., que tivera a pouca vergonha de não o querer sustentar, como devia!*

Mas até se resolver a invocar a protecção da lei, quantos martyrios não soffreu em silencio aquella desventurada!

Os registos dos tribunaes são ferteis em casos d'este genero. Infeliz da prostituta, que assim se colloca sob a protecção de similhantes miseraveis, a escoria social, que precisava de ser completamente exterminada!...

Não ha soffrimento egual ao d'essas pobres mulheres á mercê dos caprichos brutaes d'estes facinoras!

Emquanto existirem estes cancros sociaes, consentidos em plena civilisação, a humanidade não tem o direito de se gloriar das suas conquistas moraes. O cancro hediondo que occulta no seio, é sufficiente para manchar e destruir talvez toda a obra de civilisação a que se entrega!...

CAPITULO XIV

SUMMARIO

Distincção puramente administrativa entre a prostituta publica [illegible] andestina.— Como devem ser consideradas as prostitutas clandestinas.—*Palam, sine delectu, pecunia accepta*, segundo a lei romana.—Prostitutas não matriculadas.—Como ellas vivem.—Onde se encontram habitualmente.—O foco da prostituição parisiense.—Os problemas de cada dia.—Desde Mabille até Vieux Chêne.—As *elegantes*, as *formosas*, e as *galeuses*.—As prostitutas dos soldados.—As clandestinas do boulevard.—Caracteristicas mais notaveis.—As tres respostas.—Capital para a industria da prostituição.—Preferencia dada quasi sempre pelos homens de talento ás mulheres perdidas.—Causas que tornam fastidiosas as mulheres honestas.—A monogamia e as suas vantagens.—*Saint Lazare* e *Lourcine*. Differença entre estes dois hospitaes.—O exercito da libertinagem.—Opinião de Maxime du Camp.—Opinião de Lecour.—De como as prostitutas clandestinas são muito mais para temer que as inscriptas nos registos da policia.—Opinião de Garin, Crocq e Rollet.—O vicio desenfreado.—Necessidade de proteger a saude publica.—A tolerancia, significando a escolha do menor mal entre dois males inevitaveis.—Estatistica extremamente curiosa.—Progressos e devastações da syphilis.—Numero de prostitutas matriculadas e clandestinas declaradas infeccionadas de syphilis, desde 1855 a 1869, inclusivè.—Estatistica da prostituição em Bordeus de 1869 a 1872.—A prostituição em Lyon.—De como as prostitutas clandestinas são atacadas de affecções venereas mais graves do que as matriculadas.—Estatistica do tratamento das prostitutas do hospital de syphiliticas de Bordeus em 1862 a 1871.—Estatistica do tractamento das prostitutas no hospital de Lyon em 1867, 1868 e 1869.—Perigos a que expõe a sociedade uma falta de vigilancia contra os progressos da syphilis.—O *maire* de ***, e o medico seu amigo.—A prostituição em Londres. As exposições universaes de Paris e o desenvolvimento da syphilis.—Estatistica d'este desenvolvimento.—A guerra franco-allemã e a prostituição.—Relatorio do conde de Keratry.—Requerimento das prostitutas de Paris ao prefeito de policia, em outubro de 1870.—Medidas tomadas contra a syphilis pelo exercito prussiano.—Estatistica da prostituição inscripta e da prostituição clandestina.—Questões importantes.

distincção entre a prostituta clandestina e a prostituta publica é simplesmente policial e administrativa. Por conseguinte, em todos os paizes onde a prostituição não seja objecto de uma vigilancia particular, nem de restricção de especie alguma, não haverá prostitutas clandestinas, no sentido em que a França a considera, e sobre tudo Paris.

Nos paizes onde a prostituição está submettida a uma vigilancia particular, as prostitutas clandestinas, ou *insubmissas*, como se lhes chama em linguagem official, podem ser consideradas como aprendizas da prostituição inscripta.

O euphemismo administrativo chama clandestina a esta especie de prostituição, e todavia nada ha menos clandestino que os seus aspectos, os seus modos e a sua linguagem; tudo isto corresponde exactamente á definição tão precisa da lei romana:

«*Palam, sine delectu, pecunia accepta...*»

Se formos a analysar os costumes d'estes mulheres, encontraremos justificada plenamente a designação.

Vejamos como:

Entrega-se sem escolha, por dinheiro. Antigamente escondia-se, hoje mostra-se bem claramente, arrogante e altiva. A prostituta não matriculada não se entrega a nenhuma especie de trabalho; vive apenas do producto da rua, que percorre descendo ás mesmas infamias das outras e com um trajo parecido.

Lecour descreve d'este modo as prostitutas clandestinas:

«Formam em Paris a maior parte do pessoal da prostituição; encontram-se por toda a parte, nos cafés-cantantes, nos theatros, nos bailes, nas estações dos caminhos de ferro e até mesmo nos wagons.

«Apparecem em todos os passeios, diante das *montras* das lojas e das portas dos cafés.

«Até horas avançadas da noite, circulam em grande numero pelos *boulevards* mais concorridos, e isto com grande escandalo do publico, que as toma por prostitutas inscriptas e em flagrante infracção dos regulamentos, chegando mesmo a haver muita gente que se admira da innacção da policia a este respeito.

«Essas mulheres dirigem olhares lascivos aos transeuntes, tocam-lhes com o cotovello, e riem ás gargalhadas para lhes despertarem a attenção.

«Adoptam um modo lascivo de andar, e os seus trajos excitantes fazem com que os homens se encostem a ellas... No emtanto, ellas não se encostam a ninguem... Procuram a occasião, acceitam todos os acasos... De verão, installam-se á porta de um café, e entram em relações com os consumidores por intermedio de alguma mendiga ramalheteira...

«Passa na rua um carro descoberto, conduzindo uma dama. Ao lado da dama, ha um assento vasio, que ella parece offerecer aos transeuntes. Quem o occupar ha-de pagar a carreira ao cocheiro... e o resto.

«O cocheiro vae entendido no jogo, e por tanto soffre as mesmas anciedades e esperanças que a sua fregueza, quando algum homem se approxima d'ella.

«No theatro, onde chegam depois de ter começado o espectaculo para se fazerem notar, chamam a attenção de todos pela excentricidade das suas *toilettes* estapafurdias.

«Sahem em todos os intervallos, fallam alto, riem escandalosamente, fazem maravilhas com o leque. Como jantaram? Quem lhes pagará a ceia? Com quem dormirão? Eis os grandes problemas de cada dia!...

«Outras, freguezas das cervejarias e dos cafés-cantantes, andam de meza em meza alegres, ruidosas, provocantes, procurando uma phrase que produza uma entrevista, o prazer e o lucro de uma noite. Mas, para a maioria d'estas mulheres, para as mais jovens e mais encantadoras, o grande campo de seducção é o baile.

«Em Paris ha bailes para todas as classes, para todas as *toilettes* e para todos os gostos, desde Mabille até ao Vieux-Chène.

«Quando todas as tentativas são infructiferas, resta ainda á prostituta clandestina a rua publica.

«E' assim que uma multidão de mulheres, sem meios honrados de exis-

tencia, e diariamente dedicadas ao mesmo fim, fazem hoje o que fizeram hontem e ámanhã o mesmo que fizeram hoje; quer dizer, vivem constantemente da libertinagem, com grave perigo da saude publica.

«Similhante ordem de cousas precisa innegavelmente de uma energica repressão.

«A ordem publica, a moral, a saude dos cidadãos, e muitas coisas egualmente respeitaveis, exigem absolutamente que se submettam ás obrigações administrativas e sanitarias estas prostitutas insubmissas, cuja impunidade provoca a indisciplina nas matriculadas, e enfraquece a auctoridade da policia.

«Quasi todas as prostitutas clandestinas são jovens e bonitas na maior parte dos casos. Verdade seja que se encontram muitas, feias, asquerosas e repellentes. Nota-se egual diversidade nos seus trajos. Encontram-se umas cobertas de andrajos e outras de velludo, com os cabellos desgrenhados e com penteados á ultima moda. O que n'ellas predomina sobre tudo são as côres garridas.»

Esbocemos um pequeno quadro:

Aquellas duas raparigas, sentadas uma ao lado da outra, apresentam o mais extranho contraste. Uma d'ellas veste apenas uma saia miseravel, andrajosa e coberta de lama; a outra é elegante e quasi distincta.

Quem são? Duas *galeuses*.

E aquella mulher, repugnante pela sua porcaria e pela sua fealdade?

É uma prostituta dos soldados. Pagam-lhe o corpo e as *torpes* caricias com o pão da munição, vive a divagar pelos passeios publicos, espiando em torno dos quarteis a sahida dos soldados; dorme quasi sempre ao relento.

E aquella dama tão luxuosa e exaggeradamente vestida, com as mãos e os braços calçados em luvas de seis botões, e a cabeça adornada com um chapeu de proporções collossaes? É uma clandestina dos *boulevards*, que bebe e fuma, sentada diante das mesas dos cafés mais afamados!...

Era camponesa. Na sua primeira mocidade, entregava-se aos duros e honestos trabalhos dos campos. Não sabe ler.

A que está ao lado d'ella, de rosto delicado, mas revelando a fadiga das orgias, falla correctamente, escreve ás mil maravilhas, sabe o inglez, e é uma distinctissima professora de musica!...

Aquelle grupo de raparigas tão mal vestidas, que fazem tamanho ruido, e que se mostram completamente cynicas, tanto nos gestos como nas palavras, quem são?

São as concorrentes dos bailes de má nomeada, as frequentadoras dos cafés-cantantes da ultima especie, perdidas desde a infancia, surdas a toda a especie de admoestações. A auctoridade paterna encontra-as insolentes e rebeldes; nada as dobra, nada as commove. Ameaçadas por uma repressão effectiva, submettem-se, mas só apparentemente; choramingam, e murmuram a seu pesar uma promessa de guardarem d'ahi em diante melhor conducta. Seguem a chorar, e fazendo mil protestos, o pae ou a mãe que as reclama, mas na primeira occasião, tractam de lhes fugir novamente, apesar de todas as reprimendas, e apesar de todos os conselhos.

Estas pobres raparigas não conhecem outro modo de vida, senão a prostituição, e só se obtem d'ellas tres respostas:

— «Não quero trabalhar;

— «Não quero ser creada de servir;

— «Não quero voltar para casa da minha familia!...»

Nada ha mais insultante e repellente de que os modos d'estas desgraçadas para com os auctores dos seus dias. Parece que têem consciencia da especie de indignidade de que elles são reus, por não lhes haverem dado uma boa educação.

Isto dá logar a scenas repugnantissimas. Suas pobres mães supplicam-lhes a soluçar que não as deshonrem, os paes, mais energicos, encolerisam-se e amaldiçoam-nas, mas as lagrimas e a colera ficam sem effeito ante aquelles corações empedernidos, que não querem outra cousa senão a prostituição e a libertinagem.

Algumas d'ellas sabem calcular as vantagens que a prostituição póde proporcionar-lhes, e praticam-na com uma certa liberdade, como uma profissão que póde chegar a proporcionar-lhes uma fortuna, mas para isso precisam de ter algum fundo, algum dinheiro, um certo capital.

Uma d'ellas dizia em certa occasião:

— «Não posso fazer nada. Se tivesse pelo menos 6:000 francos em diamantes verdadeiros, ganhava um dinheirão!...»

O que ha de mais incomprehensivel em tudo isto, é que estas raparigas sem instrucção, sem intelligencia, sem educação nem mesmo rudimentar, sem dotes de espirito, vêem junto a si os homens mais distinctos.

Parece inacreditavel, não é verdade? que as mulheres perdidas mereçam quasi sempre a preferencia a homens de talento e de educação!... Mas é certo. Esses homens preferem-nas ás mulheres honestas e legitimas!

E querem saber porque? Pela educação inferior que se dá ás raparigas nas familias honestas e recatadas.

As mulheres n'essas familias passam o tempo a pensar no melhor meio de dispender dinheiro em futilidades, no luxo, na ostentação e na satisfação de pequenas e dispendiosas vaidades. Ninguem lhes ensina a entregar-se á economia, á vida de familia.

Os seus negocios, a sua preoccupação são as modas. Pensam apenas em passeios, em bailes, em visitas, em theatros, não tomam parte em interesses graves, não se dedicam aos cuidados da casa, nem á educação de seus filhos. Em vez de auxiliarem seus maridos, tornam-se-lhes um fardo verdadeiramente insupportavel.

Doentes e estereis, porque as constituições ainda as mais robustas não resistem á vida nocturna dos salões e dos theatros, áquelle constante fazer da noite dia, ao ar viciado, á falta de exercicio muscular, reunem ás constantes preoccupações das frivolidades sociaes, a perpetua preoccupação da sua saude debil e periclitante.

No lar domestico, apresentam-se constantemente aos maridos, languidas, sem um sorriso, sem uma caricia!... São apenas energicas e febris nos salões.

E não fallamos por agora nos amores adulteros, que desorganisam para sempre a familia.

Como pode, portanto, a mulher, assim desviada das suas attribuições normaes, convertida em flagello da união matrimonal, inspirar um amor duradouro?

E além d'isso essa abnegação, esse respeito, unico meio de obrigar o homem no intimo do coração a restringir a sua liberdade e a conservar-se fiel, ficam assim completamente perdidos.

. . . .

A monogamia, fructo precioso da civilisação, tem por primeira condição o concurso egual do homem e da mulher, cada qual segundo as suas forças e a sua intelligencia, e a conservação da familia. Ora, a monogamia não tem razão de ser, deixa de existir, e a humanidade retrográda para a polygamia, quando a mulher não é mais que um objecto de luxo e uma origem de despezas.

O que torna perigosa e talvez incuravel a gangrena social, é que ella começa na educação das creanças, das futuras mães de familia, encarregadas de perpetuar a nossa raça e de educar os nossos filhos!...

As prostitutas clandestinas, quando são declaradas enfermas, são recolhidas no hospital para alli serem tractadas até á cura completa.

Em Paris, o maior numero d'ellas é enviado para Saint-Lazare. As que são presas pela primeira vez, as que não carecem nem de familia nem de recursos, as que são casadas, e cuja situação merece algumas attenções, são enviadas ao hospital de Lourcine.

A differença entre os dois estabelecimentos é grande. Saint-Lazare é uma prisão que contém uma enfermaria. Lourcine é um estabelecimento de beneficencia publica, um hospital de syphiliticas, tendo alem d'isso uma casa de detenção.

As raparigas a quem a miseria arrasta á prostituição, e que não perderam ainda o sentimento da honra, são enviadas a varios estabelecimentos religiosos, cuja influencia é bastante salutar.

Estes estabelecimentos são em Paris, o *Bom-Pastor* e a Misericordia, dirigidos por algumas religiosas da ordem de Maria e Joseph.

Ha tambem a obra da caridade das damas protestantes das prisões, e o refugio para as raparigas israelitas.

. . . .

De que se compõe esse exercito de depravação, de libertinagem e de ruina, que nos rodeia tão estreitamente, parecendo tomar todas as barreiras da nossa vida?

De 30:000 mulheres, se mencionarmos apenas as que pela sua existencia extravagante, doida e preguiçosa, põem em grave risco a saude publica.

Mas, se ao fazermos a estatistica da prostituição clandestina, procuramos contar todas as mulheres que vivem apenas da galanteria, desde a *grisette,* que tem mobilia, até á grande dama que exige ou recebe um milhão em moedas de ouro, recem-cunhadas antes de se entregar, poderemos quadruplicar aquelle numero, e chegaremos a 120:000!

«Não é caso para admirar. Basta dirigir um olhar em torno de nós para nos convencermos d'isto», diz Maxime du Camp.

As mulheres que em Paris são um perigo para a saude publica, em razão dos seus habitos dissolutos, sommam o numero de 30:000.

Pelo que diz respeito ás que andam a caçar diariamente na via publica, o numero annual das que são presas pela policia, poderia ser decuplicado, se os inspectores dos costumes fossem bastante numerosos, para levaram a sua vigilancia a todos os logares frequentados pelas prostitutas clandestinas.

Estes algarismos enormes resultam da extensão abusiva da palavra prostituição.

A mulher que vive em concubinato não é prostituta. Se assim se considerasse, todos os filhos naturaes serião filhos de prostitutas.

Temos que restringir-nos á definição scientifica: «publicamente, sem escolha, por dinheiro», se queremos evitar confusões na descriminação dos maus costumes, que limitam com a prostituição, e que podem conduzir a ella, pontos que podem facilmente dividir-se, attenta esta definição cathegorica e precisa.

A matricula, de que nos occuparemos mais adiante, tem por objecto augmentar a lista das mulheres, que tendo merecido, em razão da sua conducta habitualmente escandalosa, perder as garantias do direito commum, são submettidas a uma vigilancia especial, tanto sob o ponto de vista da moral publica, como sob o das enfermidades contagiosas com que ameaçam constantemente a sociedade.

Chamam-se prostitutas clandestinas, ou não submettidas, como acabamos de vêr, as que vivendo do trafico do seu corpo, têem o costume de se subtrahir á matricula, quer dizer, á vigilancia policial e ás visitas sanitarias periodicas.

É facil de comprehender, e assim o demonstraremos peremptoriamente, que as prostitutas clandestinas ou não submettidas, são muito mais perigosas que as prostitutas inscriptas.

Note-se tambem que a matricula dá á prostituta que a ella se sujeitou, uma certa liberdade, um pouco limitada, é certo, pelo regulamento, mas em fim uma liberdade no exercicio do seu infame officio, liberdade a que se dá o nome de tolerancia . . .

Pelo contrario, a prostituta clandestina, que se subtrahiu á matricula, não gosa d'esta tolerancia, e receia constantemente a policia, quando esta cumpre exactamente os seus deveres. Ver-se-ha assim estorvada no seu commercio, e a prostituta matriculada far-lhe-ha uma concorrencia, a que não poderá resistir por muito tempo.

Assim, a tolerancia é o remedio verdadeiramente efficaz contra os perigos da prostituição clandestina.

«A administração deve esforçar-se por converter a prostituição clandestina em prostituição declarada, matriculada, sujeita á vigilancia policial,» diz Garin.

«Não é a matricula que faz a prostituta. A matricula estabelece uma simples divisão entre duas especies de prostituição, a prostituição livre ou clan-

destina, e a prostituição matriculada, sujeita ao regulamento, visitada, saneada,» dizem Crocq e Rollet.

Outro facto demonstrado pela experiencia, é que a prostituição clandestina, renascendo por assim dizer cada dia, propaga-se com extrema rapidez, apenas a vigilancia policial se descuida, e isto facilmente se comprehende: as raparigas que lançam mão dos recursos da prostituição publica são em pequeno numero; quasi todas as que se encontram no fundo d'esse infame pantano resvalaram para alli pouco a pouco. O numero d'estas infelizes é constituido por antigas creadas ou operarias, que se deixaram arrastar pelos lucros faceis e ás vezes voluptuosos da prostituição, pelas seducções da leviandade e da gula, pela dansa, pelas diversões de uma vida ociosa e dissipada, preferindo a tudo isto os salarios limitados e as interminaveis privações de uma existencia laboriosa e honesta.

Assim, pois, a prostituição matriculada recruta-se quasi toda na prostituição clandestina, porque esta ultima tem todas as causas d'aquella: — a ociosidade, a preguiça, a gula, a leviandade, a imprevidencia e a libertinagem.

A prostituição clandestina é o vicio desordenado, que propaga sem impedimento algum a perda moral e physica.

A prostituição matriculada é o vicio contido nos limites do possivel; é a saude publica protegida.

«Composta de operarios sem trabalho, diz Garin, de creados sem arrumação, de mulheres abandonadas, de uma multidão de raparigas que procuram sem trabalho a satisfacção dos gostos mais frivolos, a classe movel e cambiante das prostitutas clandestinas pede frequentes vezes a um domicilio emprestado o theatro dos seus amores venaes.

«Ora a casa de uma fingida modista, de uma supposta aprendiza de alfaiate, de uma parteira, etc., presta por dinheiro um asylo momentaneo a amantes ephemeros; ora o estabelecimento de um vendedor de vinhos, de um licorista, um café ou um restaurante, offerecem á libertinagem um refugio para os seus caprichos de momento.»

Accrescentemos que as prostitutas dos soldados, as ambulantes e as *pierreuses*, escapam a miudo á vigilancia da policia, e andam quasi sempre infeccionadas do *virus* venereo.

Ao aprofundar a questão social da prostituição, o pensador chega a convencer-se de que a tolerancia, essa cousa repugnante, é a escolha do menor entre dois males inevitaveis.

Poucas, rarissimas são as raparigas que conseguem passar os primeiros annos da sua carreira sem serem infestadas de *virus*, e algumas ha tão sensiveis ao contagio, que apenas restabelecidas de uma doença, apanham outra immediatamente.

Os documentos que vamos publicar, resumindo os resultados das visitas sanitarias feitas em Paris e n'outros pontos durante largos periodos, mostram em que proporção são mais perigosas as prostitutas clandestinas, que as inscriptas.

Nos ultimos mezes de 1815, em 1:906 prostitutas clandestinas que foram presas, encontraram-se doentes 850, quer dizer, 440 por 1:000.

Em fins de 1830, depois dos dias de julho, todas as prostitutas que se recolheram nas povoações de Saint-Cloud, Boulogne e Sèvres, deram uma enferma por cada tres mulheres.

Em agosto de 1831, em 79 mulheres detidas, encontraram-se 39 doentes, ou perto de 50 por 100.

As operações de 1832 deram em resultado uma doente por cada cinco mulheres presas.

Finalmente um consciencioso recenseamento feito em abril de 1834, nas proximidades dos quarteis de Paris e das povoações visinhas deu 71 doentes por 179 presas, ou perto de 390 por 1:000, segundo affirma Parent-Duchatelet.

E' curiosa a estatistica que vae lêr-se. Organisada, segundo dados fornecidos pela repartição de policia de Paris, apresenta frisantemente a differença entre as duas especies de prostituição de que nos temos occupado.

Abrange um periodo de 15 annos, e dá as médias do movimento da prostituição na grande cidade.

No estudo a que nos estamos entregando, estas estatisticas pacientemente colligidas constituem o melhor dos argumentos, em favor da reforma tão urgente reclamada pelo estado deploravel dos costumes.

Não ficaria completa a nossa obra, se nos poupassemos ao trabalho de colligir estes curiosos documentos.

Prostitutas inscriptas e prostitutas clandestinas visitadas e encontradas enfermas de syphilis na repartição de policia de Paris, desde 1855 a 1869 inclusivè

PROSTITUTAS INSCRIPTAS

ANNOS	Effectivo total	Total das visitas	Encontradas syphiliticas	
			Total	Proporção por 1000 visitas
1855	4259	161:634	942	5,8
1856	4400	163.966	1109	6,7
1857	4306	162:705	1067	6,5
1858	4259	159:148	840	5,2
1859	4147	161:497	603	3,7
1860	4199	139:800	548	3,9
1861	4118	144:513	548	3,7
1862	4277	144:321	583	4,0
1863	4342	140:876	595	4,2
1864	4249	131:744	409	3,1
1865	4225	127:196	421	3,3
1866	4003	135:420	341	2,5
1867	3861	123:014	378	3,0
1868	3769	113:236	423	3,7
1869	3731	106:579	519	5,1
Médias	4142	141:043	615	4,3

PROSTITUTAS CLANDESTINAS

ANNOS	Presas e visitadas	Encontradas enfermas de syphilis		Detidas por enfermidades não syphiliticas catharros, sarna, etc.
		Total	Proporção por 1000 visitas	
1855	1323	405	306	196
1856	1592	551	346	259
1857	1405	434	308	152
1858	1158	314	272	142
1859	1528	358	234	144
1860	1650	432	262	132
1861	2322	542	233	153
1862	2987	585	196	214
1863	2124	425	260	177
1864	2143	380	177	213
1865	2255	468	207	204
1866	1988	432	216	160
1867	2018	557	276	182
1868	2077	651	312	217
1869	1999	840	420	81
Médias	1904	485	266	175

Assim, pois, em resumo, durante um periodo de 15 a 20 annos, por cada 1:000 prostitutas matriculadas visitadas, havia 4,3 enfermas de syphilis, E POR CADA 1:000 CLANDESTINAS, HAVIA 266!!

Outros documentos, não menos eloquentes :

QUADRO RESUMIDO DOS RESULTADOS DAS VISITAS SANITARIAS FEITAS EM BORDEUS ÁS PROSTITUTAS MATRICULADAS E ÁS PROSTITUTAS CLANDESTINAS, DURANTE O PERIODO DE 1869 A 1872.

ANNOS	PROSTITUTAS INSCRIPTAS			PROSTITUTAS CLANDESTIMAS		
	Total das visitas	Encontradas enfermas		Total das prostitutas arrestadas e visitadas	Encontradas enfermas	
		Total	Proporção por 1000 visitas		Total	Proporção por 1000 visitas
1869	27,034	289	10,6	585	123	210
1870	26,709	317	11,5	611	144	234
1871	27,162	363	13,3	876	164	186
1872	30,564	390	12,7	862	181	200
Médias	27,867	339	12,1	734	154	20,9

As estatisticas colligidas por Jeannel em Bordeus, durante um periodo de 9 annos, desde 1858 a 1866, demonstram egualmente que as prostitutas clandestinas se acham enfestadas de enfermidades venereas, n'uma proporção 15 a 20 vezes maior que as inscriptas.

Garin, nas suas estatisticas colligidas em Lyon em 1867-68 e 69, encontrou analogos resultados, a saber:

Prostitutas inscriptas encontradas enfermas, por 1:000 visitas: em 1867—18; em 1868—15; em 1869—21.

Clandestinas, idem, idem, por 1:000 visitas: em 1867—254; em 1868—207; em 1869—200.

Parece-nos ocioso multiplicar as provas de um facto unanimente reconhecido por todos os hygienistas, e que se encontra invocado como axioma em nome da commissão do Congresso Internacional de 1867, por meio dos seus informadores Crocq e Rollet.

Temos, no entanto, de accrescentar que as prostitutas clandestinas detidas na via publica offerecem a miudo enfermidades de summa gravidade, que nunca se encontram nas inscriptas.

Diz Parent-Duchatelet:

«As prostitutas, submettidas á policia, teem apenas bagatellas, em comparação da gravidade dos males que apresentam as clandestinas.

«Como os favores da maior parte d'estas mulheres só valem uns tristes soldos, tendo ainda algumas a necessidade de se prostituir por um bocado de pão, recebem ás duzias diariamente os soldados, os mendigos, todos quantos encontram nas suas correrias diarias.

«Julgue-se por isto o mal que fazem estas desgraçadas por onde quer que passam, e se a policia e o governo teem ou não razão para as perseguirem, e para procurarem submettel-as a uma vigilancia regular.»

Desde este tempo, as cousas não mudaram. As prostitutas clandestinas foram sempre atacadas de affecções mais graves que as inscriptas.

Ha individuos que têem uma repugnancia invencivel e terror justificadissimo das prostitutas matriculadas, mas que, no emtanto, vão com a maior confiança, com uma temeridade absurda para os braços da primeira clandestina que lhes apparece.

E, no emtanto, de que mãos virá essa mulher, que anda em continuas correrias pelas ruas publicas, á caça de freguezes, e que se entrega sem escolha e sem escrupulo a todo o que a sollicita, e que lhe paga?

Por cada 100 individuos, que têem copula com as prostitutas inscriptas, 12 ou 15 apparecem infeccionados de syphilis, e isto, na peior das hepotheses.

Por cada 100 individuos que preferem as clandestinas, a estatistica accusa 30, 40, 50 e ás vezes mais, casos de syphilis.

Não faltam a este respeito documentos.

O quadro seguinte indica as médias da duração do tratamento para as duas cathegorias de prostitutas, no hospital de syphiliticas de Bordeus e no de Lyon, no periodo de tres annos.

ANNOS	Duração media do tratamento das prostitutas	
	Inscriptas	Clandestinas
BORDEUS	DIAS	DIAS
1862	23.66	32.28
1863	22.83	27.47
1864	16.64	22.66
1866	19.52	25.48
1866	17.09	29.16
1867	20.09	28.83
1866	19.12	26.64
1869	24.37	31 24
1870	27 46	35 57
1871	27 31	39.09
Médias	22,11	30,14
LYON		
1867	39.50	41.40
1868	38.47	50.29
1869	36.06	40.07
Médias	38,01	44,92

Desde que a vigilancia da policia adormece, desde que se vê estorvada pela ignorancia, pela presumpção, pelos falsos juizos dos administradores ou dos medicos, a infecção augmenta entre as prostitutas clandestinas, e por conseguinte entre a população.

Em certa grande capital de provincia, de cujo nome não queremos agora recordar-nos, (o caso tem mais de 20 annos sobre si) um *maire*, mais rico do que illustrado, e um tanto leviano, confiára o hospital de venereo a um medico, seu amigo. Encarregado da direcção simultanea do hospital e do serviço do registro de prostitutas, o medico era por tal facto designado como especialista á confiança da população. Como, porém, tinha interesse em não curar de graça no hospital as prostitutas clandestinas, que elle tinha a certeza de visitar nos domicilios em condições mais lucrativas, o seu interesse consistia precisamente na propagação das enfermidades venereas, porque d'este modo via augmentar a sua clientella.

Seria este medico infamemente culpado de connivencia com o flagello, que estava encarregado de combater, ou deixou-se cegar por falsos raciocinios?

Seja como fôr, o que é certo é que o hospital militar se encheu a tal ponto de enfermos de venereo, que as queixas reiteradas das auctoridades tornaram necessaria uma reforma.

Desde que começou a funccionar o serviço, reorganisado por uma admi-

nistração intelligente e enrgica, as prostitutas clandestinas presas em grande numero pelas ruas foram encontradas, infectadas na proporção de 50 por 100. Esta proporção diminuiu rapidamente, e tres annos depois já não passava de 20 por 100, ao passo que a proporção dos militares diminuia de 25 a 6, por 100 homens, em cada anno.

Na Inglaterra, quando começou a execução do regulamento de 1864, de 1:661 prostitutas, submettidas pela primeira vez á visita sanitaria, 1:103, ou seja 664 por 1:000, foram encontradas atacadas de enfermidades venereas.

Em Londres a propagação das enfermidades venereas é tal, que em certas casas de prostituição procuram attrahir-se clientes pela adopção de um systema regular de visitas sanitarias.

Tendo em conta o que anteriormente se disse, facil será formar-se uma ideia do estado sanitario das prostitutas nas cidades, onde não estão sujeitas á vigilancia, podendo ser assim comparadas ás nossas clandestinas não submettidas.

Como em taes casos o contagio não encontra nenhum obstaculo nas classes inferiores, abandonadas aos seus instinctos brutaes, a maior parte das mulheres que vivem da libertinagem estão infectadas, e por conseguinte propagam a peste venerea nas mais assombrosas proporções.

Póde, portanto, considerar-se como um facto perfeitamente estabelecido que nos paizes onde as prostitutas não estão sujeitas á obrigação da visita sanitaria, se acham infestadas de syphilis na proporção de mais de 50 °/₀!...

Em fim todas as circumstancias que tornam menos activa ou mais difficil a vigilancia, todas as commoções politicas, todas as festas que sobreexcitam as imaginações, tudo o que determina um concurso de extrangeiros, uma agglomeração de tropas, etc., etc., se reflecte na população, manifestando-se por um desenvolvimento da infecção venerea.

Este facto, evidenciado já por Parent-Duchâtelet, referindo-se ás invasões de 1814 e 1815 e ás revoluções de 1830 e 1848, tornou a manifestar-se novamente em Paris depois das exposições universaes de 1855 e de 1867. A estatistica das mulheres reconhecidas como enfermas pela direcção da salubridade publica, é bem frisante:

ANNOS	Prostitutas inscriptas encontradas enfermas, por 1000 visitas	Prostitutas clandestinas encontradas enfermas, por 1000 visitas
1855	23.0	331
1856	27 0	346
1857	24 5	309
1866	7.2	217
1867	12.7	276
1868	16 2	313
1869	16 6	423

Estas cifras demonstram que a infecção venerea augmentou de uma maneira muito sensivel nas prostitutas das duas cathegorias, depois das duas grandes exposições.

O augmento produziu-se sobre tudo, depois da exposição mais solemne, a de 1867, que havia attrahido a Paris um immenso concurso de extrangeiros, e as medidas prophylaticas do contagio não impediram que continuasse este augmento em 1868 e 1869.

A guerra traz comsigo flagellos muito mais terriveis que a morte, tal é entre outros a desmoralisação dos vencedores e a dos vencidos pelo habito do homicidio e do roubo, pela dissolução e pela ebriedade.

Lecour traça um quadro aterrador dos resultados do ultimo cerco de Paris sobre a prostituição n'esta immensa cidade e nos seus populosos arrabaldes.

«...Accrescente-se agora a essa população civil, fustigada pela miseria e sobreexcitada por mil causas diversas, os soldados de todas as armas, que representam uma cifra pelo menos de 200:000 homens: os guardas nacionaes, em numero de 400:000, vivendo frequentemente fóra de casa, e tereis uma multidão turbulenta, a miudo embriagada, na qual era mister operar essa repressão da prostituição clandestina, já de si tão difficil e delicada no tempo normal...

«... As mulheres dissolutas affluiam sobre tudo em torno dos acampamentos da guarda movel, na proximidade das tendas da tropa e da guarda nacional... As casas de tolerancia eram invadidas; em certos postos davam-se numeros de ordem para entrar á vez. Muitas foram tomadas de assalto pela soldadesca, que se installou n'ellas, saqueando tudo. Outra foi demolida por uma turba de marinheiros, que julgavam haver-lhes sido recusada a entrada. Dezenove d'estas casas, sitas na zona militar, ou na visinhança das fortificações, tiveram de ser evacuadas ou destruidas. Finalmente um grande numero d'ellas foram fechadas officialmente por municipalidades inexperientes ou provisorias, que julgavam supprimir assim de golpe a prostituição, quando apenas conseguiam aggravar a um tempo as desordens da rua publica e os perigos sanitarios.

«...Qual era a situação dos agentes de policia, chamados a intervir? O relatorio de Keratry, [1] que havia seguido a desorganisação material dos serviços da policia, levada a cabo depois dos successos de setembro, supprimira de certo modo moralmente, e por assim dizer de facto, a acção da policia.

«Os *sergents de ville,* transformados em soldados, tinham sido enviados ás avançadas mais perigosas.

«A auctoridade publica não tinha nas ruas outros representantes ostensivos além de um pequeno numero de guardas da paz, de recente organisação.

«Estes agentes circulavam, desoccupados e inuteis, symptoma de um serviço accommettido de impotencia.

«Em taes condições, não podia pensar-se em supprimir a prostituição clan-

[1] N'este relatorio, datado de 19 de setembro de 1870, Keratry, *prefeito de policia,* pedia a suppressão da Prefeitura de Policia!...

destina e as desordens da prostituição tolerada, pelos agentes do serviço dos costumes.

«Estas difficuldades deram em resultado desacostumar rapidamente o pessoal da prostituição inscripta da submissão ás exigencias sanitarias.

«Muitas prostitutas recusavam-se a obedecer ás intimações que lhes dirigiam a este respeito, e lembraram-se até do expediente, verdadeiramente comico, de elevarem a sua resistencia á altura de um protesto publico.

«Julgue-se da sua petulancia pelo seguinte memorial, que vou transcrever litteralmente:

«Senhor Prefeito.

«Veio esta manhã ao nosso domicilio um inspector d'essa repartição, para nos obrigar a dirigirmo-nos ás visitas sanitarias habituaes das mulheres de Paris.

«Temos a honra de responder a este respeito que nos dispensamos de ir, visto que estamos em nossas casas (*nous sommes dans nos meubles*) visto que pagamos contribuições, e temos até o encargo de aquartellarmos tropas moveis, e não queremos como antigamente depender da repartição indicada, visto que alli se commetteram sempre abusos para comnosco, levando-se a deshonra ao seio das nossas familias.

«É tempo, senhor Prefeito, de pôr cobro a tudo isto; outros tempos, outros costumes. Temos a esperança de que a Republica restituirá a liberdade ao povo, e acabará com todos os abusos commettidos.

«Temos a honra, etc., etc.»

«Seguiam-se as assignaturas de 20 prostitutas.

«Todos estes pormenores explicam as complicações e os apuros que a enorme propagação das enfermidades venereas trouxe a todo o serviço sanitario, durante este periodo nefasto em que o nosso desgraçado paiz esteve prestes a despenhar-se no enorme sorvedouro, aberto pela indisciplina, pela vaidade, pela ebriedade, pela libertinagem, n'uma palavra, pela universal preversão moral, em presença de um inimigo, cujo odio augmentava pela inveja, pelo desdem e pela rapacidade.

«Apesar d'isso, em torno de Paris, onde fermentavam todas as causas de desorganisação e de morte social, os prussianos sempre previdentes e disciplinados haviam organisado, para preservarem as suas tropas do contagio venereo, um registo sanitario, sob a direcção de um dos seus medicos, ao qual os medicos francezes, requeridos para esse fim, deviam prestar o seu concurso.

«Em Saint-Denis, onde a prostituição clandestina havia tomado proporções enormes, um funccionario procedia summariamente á inscripção das prostitutas, que recebiam d'elle o respectivo livrete.

«As visitas sanitarias obrigatorias verificavam-se duas vezes por semana, sob a sancção penal da fustigação, como em Berlim.

«Como é bem de suppor, o funccionario militar prussiano não se preoc-

cupava com o sequestro nem com a cura das prostitutas infeccionadas. O commissario de policia francez é que tinha obrigação de as enviar á Prefeitura de policia de Paris, d'onde as transferiam para a enfermaria de Saint-Lazare.»

Em resumo:

1.º a prostituição é como que um foco permanente do contagio venereo; 2.º as prostitutas não vigiadas são infestadas n'uma proporção jamais attingida por nenhuma outra epidemia; 3.º a vigilancia das mulheres dissolutas e a visita sanitaria periodica das prostitutas deviam merecer muito mais a attenção dos governos, do que as quarentenas destinadas a preservar as populações da peste ou do colera.

....

A enumeração exacta das prostitutas inscriptas teria sem duvida grande importancia sob o duplo ponto de vista moral e hygienico; mas quando se examinam os documentos publicados, não tarda a reconhecer-se que esta enumeração, tal qual póde fazer-se actualmente, tem apenas um valor insignificante.

Antes de mais nada, nas cidades onde a prostituição é livre, como em Londres ou em New-York não ha propriamente fallando prostitutas matriculadas, mas sim prostitutas conhecidas da policia; quer dizer, mulheres cuja vida dissoluta é arbitrariamente apreciada, e assignalada por agentes subalternos.

Nas cidades do antigo continente, onde a auctoridade vigia as prostituição em nome da decencia e da saude publica, as mulheres que mais abertamente se diffamam pela libertinagem venal estão inscriptas n'um registro e sujeitas a certas obrigações, e especialmente a visitas sanitarias periodicas. Mas afinal sobre que informações e por quem foi effectuada esta inscripção? Por informações de agentes subalternos, cujo numero é a miudo insufficiente, cuja moralidade nem sempre é irreprehensivel, e por um empregado mais ou menos experiente e illustrado, e em ultimo recurso, as ideias, as interpretações, as apreciações pessoaes, as preoccupações necessariamente variaveis d'este empregado são as que determinam as inscripções.

Os dados subministrados por Lecour, antigo chefe do *Bureau des mœurs* de Paris, e as considerações com que elle os acompanha são a este respeito completamente claros e cathegoricos:

«A prostituição clandestina, diz elle, mostra-se tanto mais ousada, quanto mais instinctivamente se sente protegida pela policia.

«Assim, exhibe-se ruidosamente e chama a attenção pelos seus modos, as suas *toilettes,* as suas palavras e os seus escandalos.

«O publico, que não póde distinguir as prostitutas inscriptas das clandestinas, e que alem d'isso não dá conta das difficuldades reaes, que elle tantas vezes cria, queixa-se voz em grita.

O perigo é evidente, e o mal gravissimo. As queixas, que são unanimes, baseiam-se umas sobre a moral, outras sobre a hygiene. Toda a gente parece dever applaudir a execução das medidas sollicitadas, e por isso, pol-as em pratica affigura-se-me empreza muito facil.

«Effectivamente, não se tracta apenas de uma pennada?

«O chefe de policia tem um poder discricional, elle tomará, pois, as dis-

posições mais rigorosas relativamente ás mulheres que se entregam notoriamente á prostituição. Adiante, pois!...

«E' impossivel! Apenas dá o primeiro passo, a administração vê erguer-se diante de si obstaculos de ordem superior, que a theoria não percebe, e que, ninguem ousaria negal-o, por grande e terrivel que seja o mal venereo, dominam implacavelmente as exigencias medicas.

«E' preciso contar com a piedade que requer a posição das desventuradas cahidas no abysmo da prostituição, com as probabilidades de emenda, que podem offerecer, ter em conta as circumstancias, etc., etc.

«...E não fica ainda por aqui. Não só ha que temer as recriminações individuaes, mas prevêr tambem uma especie de censura geral, desdenhosa, vaga, que, muito mais ainda que os ataques acerbos, enerva e reduz ao desalento e á impotencia os agentes da auctoridade.

«Accrescentem-se a estas difficuldades as que a policia se impõe a si propria por um louvavel sentimento de prudencia, e para evitar escandalos de familia.

«Não lhe basta recommendar aos agentes que não procedam á prisão das insubmissas senão com a maior circumspecção, e no caso d'essas prisões terem de effectuar-se na via publica, até que uma vigilancia prolongada tenha permittido observar factos susceptiveis de ser comprovados, e tendo o caracter de provocação á libertinagem; mas além d'isso é mister proteger contra estas mesmas medidas a simples libertinagem extraviada nos logares suspeitos.»

Taes são os motivos que predominaram no *Bureau des mœurs de Paris*, durante estes ultimos annos.

Serão excellentes talvez, mas é claro que teem muito de pessoaes, e que hão de necessariamente produzir os mais variaveis resultados.

O mesmo acontece em toda a parte, se exceptuarmos a absoluta confiança em si propria e a certeza de realisar o ideal de perfeição que caracterisa a policia franceza, e sobretudo a policia parisiense.

E' evidente, pois, que o numero de prostitutas inscriptas das differentes cidades, resultando de considerações e apreciações sempre pessoaes e arbitrarias, não passa de ser um dado approximado e sem caracter scientifico e rigoroso.

Assim, as cifras officiaes variam de anno para anno, sem que se possam descobrir os motivos.

Em Paris, o numero de prostitutas matriculadas vae sempre decrescendo desde o anno de 1856. N'esse anno, era de 4:400; em 1858, de 4:259; não passa de 3:731 em 1869, nem de 3:675 em 1872, e sobe a 4:327, no 1.º de junho de 1873, sob o influxo de uma mudança no pessoal do *Bureau des mœurs*.

O numero das casas de prostituição, que se elevava a 235 em 1843: a 219 em 1851, e a 195 em 1858, vae desde então decrescendo incessantemente, não passando de 152 em 1869, vindo até 142 em 1872, e diminuindo ainda até 135 no 1.º de junho de 1873.

Quanto ás prostitutas clandestinas, o numero de arrestos varia de anno para anno em proporções enormes, como o indica o seguinte quadro:

ANNOS	PROSTITUTAS CLANDESTINAS		
	Arrestadas e visitadas	Syphiliticas	Sarnosas ou suspeitas
1855	1323	405	196
1856	1592	551	256
1857	1405	434	152
1858	1158	314	142
1859	1528	358	144
1860	1650	432	132
1861	2322	542	153
1862	2987	585	214
1863	2124	425	177
1864	2143	380	213
1865	2255	468	204
1866	1988	432	169
1867	2018	557	182
1868	2077	651	217
1869	1999	840	81
1870	3769	3412	—

Assim, a policia que submettia á obrigação das visitas sanitarias 4:259 prostitutas matriculadas, e tolerava 195 casas de prostituição em 1858, arrestava no mesmo anno 1:158 prostitutas clandestinas, entre as quaes havia 314 doentes de syphilis.

Em 1869 esta mesma policia não tem mais do que 3:656 prostitutas matriculadas submettidas á visita sanitaria, não tolera mais que 152 casas, e não obstante, arresta 1:999 clandestinas, nas quaes encontra 840 syphiliticas.

Eguaes oscillações se observam nas grandes capitaes, Lyon, Marselha, Bordeus, etc.

Todavia, a diminuição do numero de prostitutas inscriptas observada em Paris, desde o anno de 1855, é tanto mais notavel, que a população duplicou quasi n'aquella grande capital, desde a annexação dos arrabaldes em 1860.

D'onde procedem, pois, essas variações?

O antigo chefe do *Bureau des mœurs* explica-as o melhor que póde:

«O mundo da prostituição, diz elle, soffre uma metamorphose. Ha alli um mal social. As casas de prostituição vão-se... e desappareceriam de todo em todo, se não tivessem a sua clientella de forasteiros, de soldados e operarios. Esforçam-se, porém, em apparecer sob outros aspectos, que augmentam os riscos sanitarios, sem diminuirem os escandalos. O numero de clandestinas vae crescendo cada vez mais, etc., etc.»

Em nossa opinião, não ha necessidade de invocar um novo mal social. Se augmenta a prostituição clandestina, é simplesmente porque a auctoridade publica descura o seu dever. Enervada, ou diminuida a repressão, a prostituição clandestina sente-se protegida pela policia, e substitue-se naturalmente á prostituição inscripta, arruinando as casas de tolerancia.

Em resumo, estando tudo quanto respeita á prostituição e aos seus perigos sociaes entregue a uma especie de anarchia, as estatisticas comparativas das prostitutas inscriptas não têem senão um valor approximativo.

Um dia chegará, porém, em que se dissipem as velhas preoccupações, e então, graças aos progressos da hygiene social, a legislação se regularisará, applicando-se os processos rigorosos da sciencia ao estudo e ao saneamento da prostituição, d'esse foco tão funesto de contagião physica e moral, d'esse flagello de que a humanidade não poderia preservar-se, nem pelo desdem nem pelas maldições!

CAPITULO XV

SUMMARIO

Casas de prostituição nas grandes capitaes da Europa.—Precauções policiaes contra o escandalo das prostitutas. Um escandalo em Marselha.—Obstaculos materiaes.—Condição das prostitutas, e suas aspirações constantes.—Argumento empregado pelas matronas para justificarem os lucros exhorbitantes que tiram das suas desgraçadas victimas.—Um caso em Bordeus.—Dar as de Villa-Diogo!—A vida intima da prostituição.—Exploração horrivel.—Guerra constante nos prostibulos.—Rarissimas excepções.—As casas de prostituição similhantes ás casas de hospedes.—Escripturação dos bordeis.—Regulamento interno e costumes d'estes antros do vicio.—Como as prostitutas alli passam a vida.—Pinturas e cosmeticos.—Como ellas costumam dissimular as enfermidades venereas.—Estratagemas varios.—A sala de visitas.—Trajo especial de recepção.—Linguagem grosseira.—Palavras obscenas.—Como ellas tractam os frequentadores.—*Avoir un coucher*.—As casas de prostituição, servindo de casas de pernoitar.—Necessidade que as prostitutas têem de uma affeição.—Os jogos lesbios e outros usos infames das prostitutas.—Os ciumes terriveis.—Os *quadros vivos*.—Os caprichos infames da luxuria.—Scenas de violencia praticadas nos prostibulos.—Caso succedido n'uma cidade de França.—Requintes de lubricidade.—Os orificios secretos.—O jogo de azar nos prostibulos.—Especies de frequentadores.—Precauções contra o contagio.—A visita feita pela prostituta.—Retratos.—Alguns casos de redempção das prostitutas.—Um dito de Montaigne.—Prostitutas isoladas, divididas em duas cathegorias.—Medidas policiaes a seu respeito.—*Calão* d'estas prostitutas.—Manhas e estratagemas mais vulgares.—Outros costumes d'estas desgraçadas.—O *demi-monde*.—Odio e rivalidade da prostituta inscripta contra a clandestina.—Contas das prostitutas isoladas.—Como algumas deixam a *vida*.—As casas de passe.—Costumes das prostitutas nas cidades de provincia.—Regulamentos mais severos do que em Paris.—As prostitutas e o Carnaval.—Embrutecimento d'estas desgraçadas.—A infima especie da prostituição!...

Tanto os estabelecimentos luxuosos, onde as prostitutas costumam começar a sua vergonhosa carreira, como os tugurios, onde vão terminal-a, costumam estar separados n'um bairro especial das capitaes de provincia. Nas grandes cidades, porém, estão espalhados por diversos bairros, sendo muito raras, no emtanto, as prostitutas que residem nos bairros aristocraticos.

Em Paris, nos bairros populares, os bordeis occupam casas inteiras.

Por cima da porta ha o numero da casa, de grandes dimensões. Em todas as janellas que dão para a rua ha vidros foscos ou taboinhas fixas, prezas ainda pela parte de dentro.

O motivo de todas estas precauções é impedir que as prostitutas se mostrem aos transeuntes.

Em Marselha aqui ha annos, tivemos occasião de vêr em pleno dia e n'um bairro frequentado chegarem a umas janellas completamente núas prostitutas que chamavam os que passavam pela rua.

E' isto o que a policia energicamente prohibe, e para isso manda pregar as janellas, ou collocar diante d'ellas taboinhas fixas.

Os obstaculos materiaes reprimem o perpetuo desejo de mudar de condição e de logar, produzido pela ociosidade e pela libertinagem, mas dão

áquellas desgraçadas toda a apparencia de criminosas sequestradas da sociedade, e muitas vezes parecem ignorarem até que ponto teem a liberdade de deixar a casa onde voluntariamente entraram.

Ha n'isto, como em muitas outras coisas, um grande inconveniente; mais ainda, ha um grande abuso. A policia deveria fazer-lhes saber e repetir-lhes constantemente que não escravisaram a sua liberdade, senão em razão do officio que exercem, e que podem sempre que queiram mudar de casa, e sobre tudo de modo de vida.

Pobres victimas das miserias sociaes, sequestradas do convivio honesto, exploradas, espancadas e injuriadas, esperam a cada passo melhorar de condição, mudando de casa ou de terra! Engano! Em toda a parte encontram a mesma reclusão, a mesma exploração, as mesmas injurias!...

Quando uma d'estas infelizes quer absolutamente sahir, ou quando foge, a matrona não tem recurso algum legal contra ella. Da sua divida tem apenas como penhor alguns farrapos deixados pela fugitiva.

Os prejuizos que resultam d'estas evasões servem de pretexto aos lucros exhorbitantes que as matronas percebem na compra de vestidos, joias ou outros artigos, feita por conta das suas pensionistas.

Ultimamente, em Bordeus, uma rapariga que desejava dar ás de Villa-Diogo, pediu á matrona que a acompanhasse para ir comprar cigarros.

Apenas chegaram á rua, a prostituta disse para a dona da casa:

—«Adeusinho! Vou-me embora!»

—«O quê! Pois tu queres fugir, minha desavergonhada?!...»

—«Se tem boas pernas, corra atraz de mim, e veja se me apanha!...»

E apenas proferiu estas palavras, poz pernas ao caminho com uma velocidade, que a matrona nunca poderia imitar, quanto mais exceder!...

A fugitiva foi a pé até Périgueux, que dista 20 kilometros de Bordeus, sem dinheiro, e sem se importar com a roupa que deixava em casa da patroa.

Eram sete da noite. A' meia noite chegava a Livourne, e apresentava-se na estação, onde um empregado lhe arranjou uma cama. Na manhã seguinte, empenhou o chaile por cinco francos. Ao anoitecer, partiu de Livourne em companhia de um empregado de uma casa de commercio.

Ao quinto dia d'esta odysseia miseravel, voltava cheia de lama, esfarrapada, faminta, e entrava n'outra casa. Mas ao menos, havia tido liberdade, havia respirado o ar livre dos campos, á sua vontade, sem ter quem lhe desse ordens!

As prostitutas não tèem senão metade do que produz o seu corpo, e por isso para pagarem o aluguer do quarto, a lenha do fogão onde se aquecem e a luz, deixam nas mãos das matronas metade dos seus lucros, cujo total se eleva approximadamente por anno a 4:200 francos, e com a outra metade pagam ainda a sua alimentação!

Parque soffrem estas desgraçadas tão atroz exploração?

Porque são absolutamente ineptas e imprevidentes, porque, fóra rarissimas excepções, são ainda mais estupidas que viciosas. Lá o diz a Biblia (*Baruch* III, 28):

Et quoniam non habuerunt sapientiam, interierunt propter suam insipientiam.

As prostitutas que povoam as casas de tolerancia seriam incapazes de dirigir por si proprias as suas despezas. Cahiriam na mais horrivel miseria, e por isso a sua vida material é dirigida pelas matronas.

As que têem alguma intelligencia subtrahem-se á exploração das matronas e passam á cathegoria de prostitutas isoladas.

A obediencia é a primeira clausula do contracto habitual, que une reciprocamente as duas partes. Mas a avareza e a rapacidade das matronas excita naturalmente o odio das pensionistas por ellas exploradas.

A menor dissidencia produz entre ellas uma troca de palavras asperas, a que succedem inevitavelmente invectivas e abominaveis injurias, acompanhadas de blasphemias.

No emtanto, este estado de guerra surda e perpetua é substituido algumas vezes por uma paz profunda. Ha matronas que são bastante habeis para tratarem as prostitutas com uma doçura quasi maternal, mantendo simultaneamente os direitos dos seus interesses e da sua auctoridade.

Ha tambem prostitutas, cujo caracter é doce, affavel e completamente docil, e algumas vezes estas desgraçadas acabam por se estimar de todo o coração, como se estimam as pessoas honradas. N'este caso, tão raro infelizmente, renascem todos os bons sentimentos.

Tem-se visto muitas vezes associar á sua torpe industria uma alcoviteira a sua prostituta, e finalmente adoptal-a, conseguindo regeneral-a, e acabando até por casal-a.

Uma casa de prostituição tem alguma analogia com uma casa de hospedes. Ha uma sala de recepção, um refeitorio commum a todas as pensionistas, uma especie de mesa redonda e quartos mobilados.

Quando as mulheres publicas são conduzidas ao carcere por algum escandalo, ou mettidas no hospital em consequencia de alguma enfermidade, recebem o *cesto,* mandado pelas matronas. Este *cesto* contém roupa branca, algumas goloseimas, etc., etc. As matronas têem o cuidado de inscrever o preço d'estes adiantamentos na conta das suas pensionistas.

Mas nem por isto ellas ficam menos obrigadas pela gratidão a voltarem áquella casa, apenas recobram a liberdade.

As matronas costumam ter um livro com *Deve* e *Haver,* onde consta exatamente tudo quanto fornecem, a saber:

1.º o alimento, cujo preço é estipulado de antemão, de 3 a 10 francos diarios, segundo as casas;

2.º despesas varias, roupa branca, joias, perfumes, banhos, trens, visitas de medico, remedios, etc.

N'estas despezas, as matronas tiram sempre um lucro arbitrario, exhorbitante, que se parece muito com o abuso de confiança ou com o roubo domestico.

Mas as prostitutas bem sabem que são roubadas, e esta exploração faz parte do monstruoso contracto, que rege o mundo da prostituição.

3.º algumas pequenas sommas que as prostitutas dão aos seus amantes, ou que consagram á educação de seus filhos, o que é raro, ou então o dinheiro que mandam ás suas familias, o que mais raro é ainda.

N'algumas cidades, cada pensionista tem um livrete, no qual reproduz as verbas do livro da dona da casa.

As prostitutas das casas de primeira cathegoria levantam-se ás dez ou 11 da manhã. Os cuidados corporaes são n'ellas incessantes e minuciosos. Banham-se muito a miudo, quasi sempre em casa, rarissimas vezes nos estabecimentos publicos, que pelo geral permanecem alheios ás praticas da prostituição.

Almoçam vestidas com uma simples bata, ás onze ou onze e meia, e passam o dia a fazer a sua toilette, uso antiquissimo, de que já Plauto falla, n'esta passagem:

> *Vos, quae munditiis, molitiis, deliciisque aetatulum agitis,*
> *Viris cum summis inclutæ amicæ.*

Outras fumam, languidamente recostadas em sophás, conversam ou cantam. Ha quasi sempre piano n'estas casas.

Se sahem para dar algum passeio, o que é raro, são acompanhadas pela matrona, ou por uma mulher que faz as suas vezes.

N'estes passeios, gostam de attrahir os olhares, por meio dos seus trajos luxuosos ou excentricos, mas quando se dão demasiadamente a conhecer, a policia intervem, e obriga-as a entrar em casa, castigando-as tambem com alguns dias de prisão, se deram escandalo. Se o escandalo foi enorme, a matrona vae tambem presa, e obrigam-na a fechar a casa, tudo isto summariamente, por decisão policial.

As matronas levam algumas vezes ao theatro as pensionistas, que desejam attrahir por meio de pequenos favores e attenções lisongeiras. Em muitas cidades, porém, não se consente que as prostitutas appareçam no theatro.

Jantam abundantemente ás cinco e meia; depois de jantar, preparam-se para receber o publico, porque, durante a noite e até depois das doze, é quando as casas são mais frequentadas. Costumam ter um cabelleireiro que as vae pentear por pagamento mensal. Gastam prodigiosamente em cosmeticos e pinturas. Quasi todas pintam as faces e os labios com a mais grosseira ingenuidade. Algumas ennegrecem as sobrancelhas e os cantos das palpebras.

Algumas vezes as pinturas são empregadas para disfarçarem enfermidades que podiam leval-as ao hospital, e para illudir o exame do medico encarregado da visita sanitaria. Temos vistos cancros cobertos com um pedaço de tafetá, habilmente pegado com gomma e colorido com carmim.

Estas preparações para a visita, que se pagam de 3 a 5 francos, são feitas a miudo por parteiras, e algumas vezes, parece incrivel pelos medicos.

As que teem chagas nas mucosas, ou ulcerações na bocca, comem algumas pastilhas de chocolate antes da visita do medico.

D'este modo disfarçam momentaneamente as alterações caracteristicas da enfermidade, e o medico inexperiente póde cahir no laço.

Algumas pintam os orgãos genitaes de sangue extranho para simularem a menstruação e occultarem d'este modo as ulceras, porque sabem que ordinariamente o exame do medico é incompleto para com as mulheres que estão com as regras.

Esta visita do medico é a sua grande questão, é o argumento constante das suas conversações.

Algumas, por uma exquisita garridice deixam crescer demasiadamente as unhas das mãos.

A partir das 7 e meia ou das 8 da noite, estão todas promptas a reunirem-se ao primeiro chamamento da dona da casa, ou da mulher que faz as suas vezes n'uma sala illuminada a gaz.

A mobilia d'esta grande sala de visitas nada tem que invejar á das pessoas mais abastadas e dotadas de melhor gosto.

Em certas casas de luxo, as pensionistas apparecem envolvidas n'uma curta bata de setim de côr clara, sem nenhum outro vestido por baixo, seja qual fôr a estação.

Usam tambem meias de seda brancas, ou côr de rosa, e calçam bellos e delicados sapatinhos.

Algumas vezes entram na sala de visitas em completo estado de nudez.

Frequentemente, nos seus trajos pomposos seguem as ultimas modas, adoptadas para os bailes e reuniões de grande pompa. Costume de remota data na prostituição, segundo se lê em Ovidio *(Ars amandi)*:

> *Pars humeri tamen ima tui, pars summa lacerti*
> *Nuda sit...*
> *Hoc vos præcipuè, niveæ, decet, hoc ubi vidi*
> *Oscula, ferre humero, qua patet, usque libet.*

A sua linguagem é grosseira como a da escoria social, e mais grosseira a tornam ainda com palavras obscenas, enriquecendo-a com um *calão* especial.

Costumam ter a voz rouca e aguardentada. Já Ovidio diz no logar citado:

> *Illa sonnat raucum quidam atque inamabile ridet,*
> *Ut ridit ad scabrum turpis asella molam.*

Tractam a todos por tu, usam juramentos e interjeições energicas.

Seus olhares fingidamente lascivos, as alcunhas que se dão umas ás outras, tudo isto fórma um horrivel contraste com os trajos, as *toilettes*, e maneiras da boa sociedade, pretenciosa e ridiculamente imitadas.

Ceiam ás duas da madrugada, antes de se deitarem.

As refeições em commum são presididas pela matrona e por seu marido ou amante. A collocação á meza é feita segundo a antiguidade na casa.

É frequente desejar um homem passar toda a noite com uma prostituta. É a isto que nas casas de prostituição franceza se chama *avoir un coucher*.

As casas de prostituição substituem assim as casas para pernoitar para certos viajantes, que não querem demorar-se muito n'uma capital.

Como estas desgraçadas mulheres são quasi sempre estranhas ás sensações voluptuosas e aos sentimentos affectuosos, no exercicio do seu officio vil, as escolhas reiteradas de que são objecto lisongeiam-lhes a vaidade, sem excitarem no seu intimo ciumes propriamente ditos.

Mas no fundo da sua alma, e talvez mesmo sem darem conta d'isso, conservam um instincto irresistivel, uma necessidade insaciavel de voluptuosidade e de affeição; por isso todas ellas desejam ter e têem um *amant de cœur*, um amante, e quando se contractam n'uma casa têem sempre o cuidado de ajustarem previamente a sua admissão gratuita, em certos dias da semana e a certas horas. É a esse homem que se entregam verdadeiramente, é a elle que offerecem, como mulheres que são a final, a sua admiração, a sua abnegação cega, e as palpitações infectas e torpes de um amor apaixonado!

No emtanto, nem sempre acalmam a sua lubricidade com estes amantes, nem com os desconhecidos que recebem, como d'aquella famosa impudica Messalina dizia Juvenal:

Et lassata viris, sed non satiata recessit.

Succede frequentemente terem as prostitutas entre si relações infames. Os *jogos lesbios*, essa prodigiosa depravação, produzem entre ellas ciumes furibundos, terriveis explosões, guerras e contendas, entrecortadas por soluços, por gritos e por terriveis imprecações.

Mas, como as unhas são as unicas armas de que dispõem, as que ficam mais gravemente feridas, têem apenas de curar-se de arranhaduras na cara:

Quoties fecit ira nocentem
Hunc sexum rabie jecur incendente feruntur
Præcipites . . .

diz Juvenal. E Propercio accrescenta:

Fulminat illa oculis et quantum femina, sævit.

Outro auctor latino, que conhecia bem esta particularidade do sexo fragil, diz algures:

Muliebre est furere in ira.

Certos libertinos fazem executar na sua presença, por grupos de prostitutas nuas, monstruosas obscenidades.

Um amplo tapete de velludo negro é collocado na sala para a realisação d'estas edificantes scenas, que o vocabulario pornographico designa pittorescamente pelo nome de quadros vivos!...

A maior parte das prostitutas tem a pecha das relações contra a natureza. Dizia Ovidio:

Nitimur in vetitum semper, cupimus que negata.

É sabido que ellas satisfazem todos os caprichos da luxuria com o mais abjecto servilismo, cousa que parecia muito licita a Marcial, quando dizia:

Quod fellas et aquam potas, nil, Lesbia, peccas;
Qua tibi parte opus est, Lesbia, sumis aquam.

Muitas vezes são obrigadas a isso sob pena de expulsão pela dona da casa, sobretudo quando a sua divida não é das maiores.

Ha em todas as casas uma prostituta, algumas vezes joven ainda, mas no grande numero dos casos velha, que está investida de toda a confiança da matrona, e é encarregada de manter a ordem entre as raparigas, fazendo frequentemente as vezes de dona da casa. É uma especie de fiscal, encarregada de abrir a porta, quando alguem bate. A porta é de ferro, sempre fechada a duas fechaduras.

Antes de abrir, a encarregada assegura-se das apparencias pacificas dos visitantes; se são muitos, ou se estão embriagados, nega-se-lhes a entrada.

Á viva luz do gaz que ha por cima da porta e illumina o tal *numero enorme,* de que já fallámos, facilita a previa inspecção dos concorrentes.

Nos casos duvidosos, parlamenta-se, delibera-se, chama-se a matrona, e esta é quem decide a admissão, ou nega definitivamente a entrada.

É preciso que seja muito prudente, porque as casas de prostituição estão expostas a ser sitiadas e tomadas de assalto por grupos de rapazes pandegos, por homens tocados da pinga, ou por marinheiros que planearam dar um escandalo n'um bordel.

Ás vezes estas expulsões são o resultado de vingança de alguma doença venerea, que se julga ter adquirido no estabelecimento. Outras vezes, provem de expulsões que se afiguraram injustas, ou de ciumes dos taes amantes.

Ha casos ainda em que não procedem senão do ardor e effervescencia da mocidade, e do instincto do mal, como diz o poeta romano Juvenal:

Ebrius ac petulans qui nullum forte cecidet dat pœnas.

Succedeu ha alguns annos em Bordeus uma scena d'esta natureza ás onze horas da noite.

Os *conjurados* foram collocar-se sem fazer o menor ruido ao longo da parede da casa. Um d'elles bateu discretamente á porta, que lhe foi aberta sem desconfiança alguma. Atraz d'elle precipitaram-se os demais.

As prostitutas, umas seis, a dona da casa, a encarregada de manter a ordem, *todas foram cosidas a pontapés e bofetões,* e atiradas em camisa a uma ribeira, onde cahiram cheias de lama e de sangue.

Ha na Biblia uma passagem que allude a estes desgraçados conflictos. É uma prophecia de Ezequiel:

«*Et dabo te in manibus eorum, et destruent lupanar tuum, et demolentur prostibulum tuum, et denudabunt te vestimentis tuis, et auferent vasa decoris tuae, et derelinquent te nudam, plenamque ignominiæ.*»

Em alguns lupanares de bom tom, a fiscal, aquella prostituta encarregada pela matrona de fazer as suas vezes, é quem recebe do freguez o que este paga depois de ter estado com a pensionista, ou de ter dormido uma noite na casa.

Esta mesma encarregada costuma ordinariamente receber da matrona

vinte e cinco francos ao mez, em paga dos seus espinhosos serviços. N'algumas casas vae tambem para o quarto, quando alguem a pede, o que augmenta o seu salario, destrüindo porém, algum tanto a auctoridade que deve exercer sobre o pessoal do estabelecimento.

Recebe tambem algumas propinas dos freguezes, o que póde perfazer com o ordenado ahi uns cincoenta a sessenta francos por mez.

Em casas, onde a tudo isto accresce a venda de cigarros e charutos, que ella faz pagar muito caros, a encarregada chega a fazer 100 a 150 francos por mez.

Em certos paizes, os seus lucros sobem ainda a quantias mais avultadas, e n'esse caso, não têem ordenado fixo: pelo contrario, entregam todas as noites á matrona uma quantia determinada.

As creadas, cosinheiras ou engommadeiras, que não são de edade avançada, são na maior parte dos casos prostitutas tambem.

Poucas vezes ha creadas n'essas casas de prostituição. Nas paredes dos quartos onde as prostitutas recebem os homens, ha algumas vezes orificios estreitos praticados habilmente, pelos quaes as pessoas occultas no compartimento immediato podem assistir secretamente ao espectaculo da libertinagem.

Vimos algumas vezes com os nossos proprios olhos as disposições d'esta extranha exploração da lubricidade.

Os rapazes vão ás vezes passar uma grande parte da noite nas casas de prostituição. Alli passam o tempo em divertimentos obscenos. Jogam ás cartas o salario das prostitutas, assim como a despeza do café e dos licores. Os menos ricos vão se cotizando para arranjarem a quantia destinada ao pagamento de uma só mulher, depois jogam esta quantia do seguinte modo, por exemplo: gosa a mulher designada previamente o que ao dar as cartas ficar com o az de de ouros. Assim, ir *fazer um az de ouros,* é uma phrase e um costume muito vulgar entre os estudantes, operarios e janotas de França e de Hespanha.

Em muitas cidades, o regulamento da policia prohibe o uso de bebidas nas casas de prostituição. Desgraçadamente, a vigilancia a este respeito é muito difficil.

As matronas sabem que um homem a sangue-frio resiste facilmente ás seducções, e guarda o seu dinheiro. Por isso, o vinho de Champagne, que offerecem e vendem, é para ellas uma dupla fonte de beneficios.

Entende-se que os freguezes das casas de prostituição bebem juntamente com as raparigas. Este uso é de data muito antiga.

Lê-se na Biblia (*Eclesiastes*):

«*Cum aliena muliere ne sedeas ommino, nec accumbas cum ea super cubitum.*

«*Et non alterceris cum illa in vino, ne forte declinet cor tuum in illam.*»

Terencio diz:

«*Sine Cerere et Libero friget Venus.*»

Ovidio, o cantor da arte de amar, diz tambem:

«*Vina parant animum Veneri.*»

E Apuleyo:

> *«Veneris portatur et armiger Liber...*
> *Alacrem vigorem libidinis incretit,*
> *Hac enim sitarchia navigium Veneris indiget sola...*
> *Ut vino calix abundet.»*

E Claudiano:

«Ut vino calefacta Venus, tum sævior ardet.»

As casas de prostituição têem uma clientella de frequentadores de edade madura. O club é um pretexto para se ausentarem de casa durante a noite.

Esta clientella, opulenta e discreta, obriga as matronas a variarem frequentemente o seu pessoal, porque a paga que elles dão a uma *nova* é muito maior do que a de uma conhecida de longa data.

Quanto mais procurada é uma mulher, melhor a tracta a dona da casa, mais se exforça por lhe fazer tomar amizade ao estabelecimento, empregando para isso cuidados e caricias.

Mas, desde que uma pobre rapariga é abandonada pelo publico, a matrona depois de se ter reembolsado do que ella lhe devia, não tracta senão de a fazer sahir de casa, provocando a sua partida por meio de questões continuas, ou recusando-lhe os vestidos que ella deseja, ou então pondo-a brutalmente no meio da rua, apenas com alguns trapos velhos e sujos para se cobrir, porque as ricas alcatifas que essa desgraçada calcava nos seus dias de esplendor, estão bem perto do lodo da miseria!

O preço de uma visita é de 5 a 10 francos, o de uma noite, de 10 a 20, segundo as casas. Não se regateia senão com as prostitutas de baixa estofa.

O propheta Ezequiel diz na Biblia a este respeito:

> *«Nec pacta est, quasi meretrix fastidio augens pretium.»*

Em geral, as matronas recommendam ás prostitutas que revistem os homens, antes de se deixarem tocar por elles.

Succede muito a miudo que a rapariga, ao ter qualquer suspeita, chama a matrona ou a encarregada, que procedem a um exame minucioso do orgão suspeito.

Uma expulsão ignominiosa é sempre o resultado da descoberta de um fluxo blenorrhagico, ou de uma ulceração qualquer. Segundo alguns viajantes, em Buda-Pesth e em Vienna d'Austria, nas casas de prostituição luxuosa, ha sempre um individuo (um medico?) para verificar o estado de saude dos orgãos sexuaes dos frequentadores.

Quando uma mulher de edade avançada, pretende collocar-se na qualidade de fiscal ou encarregada de uma casa de prostituição, ao fazer a resenha dos seus titulos e qualidades, nunca se esquece de dizer:

«Eu sei revistar os homens!...»

Não é raro serem as prostitutas pedidas para tomarem parte n'um passeio qualquer ao campo. Algumas vezes são pedidas para dormir fóra, mas

isto rarissimo succede com pessoas da mesma terra, e o mais vulgar é com forasteiros, que as recebem nos hoteis.

Em casos taes, o preço é combinado com a dona da casa, e nunca é inferior a 20 francos.

A paga nunca é pedida adiantada aos homens cujo aspecto inspira confiança. Em todo o caso, nunca deixa de ser exigida no fim da operação. As matronas raras vezes fiam, nem mesmo aos seus freguezes.

Costumam dizer:

—«Quando um homem deve dinheiro, ninguem mais lhe põe a vista em cima.»

Costuma dar-se á prostituta uma especie de gorgeta, o *pourboire* dos francezes, o *coxixo*, como ellas lhe chamam no seu estylo pittoresco, de que nunca dão parte á matrona.

O valor d'estes lucros varia muito, segundo as casas e as mulheres, mas nem passa, nem baixa de 8 a 50 francos por mez.

Algumas offerecem aos seus freguezes um retrato photographico, que lhes rende um supplemento de 5 francos.

Dão tambem ás vezes retratos em completa nudez e em posições lascivas. Estes são pagos por preços muito mais elevados.

Os photographos, que se occupam em fazer similhantes retratos, nem sempre escapam á policia correccional.

Não raro succede que os homens com quem as prostitutas crearam relações habituaes no exercicio do seu officio, lá diz Ovidio:

«*Longaque alit assuetudine flammas*»,

se resolvam a pagar-lhes a divida, e por conseguinte a fazel-as sahir da casa.

A principio tomam-nas por sua conta, obtêem a sua eliminação da matricula; mas cousa devéras incrivel! tem-se visto similhantes relações virem a acabar no casamento, encontrando-se por metamorphoses d'esta especie antigas prostitutas nos mais altos degraus da escala social:

Sic visum Veneri, cui palcet impares
Formas at que animos sub ahenea
Saevo mittere cum joco».

diz o velho e libertino Horacio.

«No emtanto, poucos homens têem casado com esta especie de amigas, que não se tenham arrependido», diz Montaigne nos *Essais de Morale*.

O alegre philosopho continúa:

«E até mesmo no Olympo temos de nos lembrar do pessimo casamento feito por Jupiter com a esposa, que primeiramente gosara e *praticara* á vontade...

«É isto o que se chama c... no cesto, para depois o pôr na cabeça!...»

Expulsa das casas luxuosas, logo que perde a sua frescura e os seus encantos, e não faz mais dinheiro, repellida definitivamente pelas matronas que

tanto a exploraram e que a passaram e repassaram em todas as cidades, a prostituta, que não abandona o vil e degradante officio, desce rapidemente até aos infimos graus da prostituição.

Das casas de 20 francos ás de 10:

D'estas, ás de 5;

Depois, ás de 2;

Em seguida, ás de 1;

E, finalmente, ao nivel mais baixo d'esta escala de torpezas e de infortunios!

. . . .

As prostitutas isoladas dividem-se em duas classes:

As que vivem em qualquer ponto da cidade, e as que se encontram separadas n'um bairro determinado.

As primeiras constituem a aristocracia da prostituição inscripta. Têem os mesmos habitos de luxo e de faustuosa apparencia que as da casa publica, onde se recrutam com frequencia, e assimelham-se bastante ás chamadas *femmes entretenues, mulheres por conta,* com as quaes pretendem ser confundidas.

Obrigadas a dirigirem por si proprias a exploração do seu corpo e a proverem ás suas necessidades, precisam terem certo espirito de ordem e de calculo na sua vida libertina. Por isso, regra geral, são muito mais intelligentes que as pensionistas.

Algumas conseguem reunir um capital, e n'esse caso convertem-se em proprietarias da mobilia de suas casas. Em seguida de outra mais importante, mais tarde alugam quartos mobilados ás suas companheiras, e assim se vão exercitando no proxenetismo, ao passo que continuam no seu officio de rameiras.

Estas prostitutas não podem mudar de casa sem previa auctorisação.

Não podem habitar duas ou muitas juntas na mesma casa. Devem evitar chamar a attenção, valendo-se de meios indecentes, ou recebendo homens bulhentos ou embriagados.

Apenas apparece alguma queixa contra ellas, a policia obriga-as a deixar a casa, e então, ou lhes indica o bairro destinado á prostituição mais ordinaria, ou lhes retira a auctorisação de viverem isoladamente.

Estas mulheres têem a arte, em que se exercitaram quando eram grisettes, isto é, quando se prostituiam clandestinamente, de se fazerem seguir pelos transeuntes, dirigindo-lhes olhares incendiarios.

Na Biblia, diz d'estas mulheres o propheta Isaias:

«*Et ambulaverunt extenso collo, et nutibus occulorum ibant.*»

Esses olhares são acompanhados de sorrisos significativos, como diz Ovidio:

Spectantem specta;
Ridenti, mollia ride.

Na linguagem vulgar, chamam a isto—*Raccrocher*—como quem diz: *Pescar.*

No calão das prostituição, attrahir um homem a casa, fazendo-se seguir por elle na rua, chama-se:

Faire un homme, ou então: *Faire un paillard*.

A policia póde reprimir os modos indecentes, os chamamentos directos, as excitações obscenas, os signaes provocadores, n'uma palavra, a *raccrochage* grosseira, mas nunca um gesto discreto,um olhar assassino, todas essas insignificancias, que bastam para exaltar um libertino em procura de aventuras.

Ora isto não pode deixar de escapar á vigilancia dos agentes encarregados de velar pelos bons costumes.

Por outro lado, o fim da policia não é destruir de todo a prostituição, é unicamente impedir o escandalo.

Essas mulheres que circulam algumas vezes aos pares nos bairros mais frequentados, ou nos passeios publicos, são as gloriosas e felizes conquistas dos Lovelaces que seduzem as mulheres, perseguindo-as nas ruas, nas praças e nos passeios.

Á similhança das prostitutas clandestinas, de que nada as distingue, as prostitutas isoladas esforçam-se por occultar a sua verdadeira condição. Dão-se ares de virtude e querem passar por mulheres honradas.

Querem quasi sempre persuadir os seus clientes de que são casadas com capitães de navios, com caixeiros viajantes ausentes, e dizem que já ha muitos mezes não recebem dinheiro.

É velho sestro d'estas astutas creaturas, que já no livro dos Proverbios diziam :

«*Non est enim vir in domo sua; abiit via longissima; sacculum pecuniae se contulit; in die plenæ lunæ reversurus est in domum suam.*»

«Meu marido não está em casa, partiu para uma longa viagem ; levou comsigo um sacco de dinheiro, e não voltará até á lua cheia».

Propercio aconselha tambem :

Et simulare virum pretium facit,
Utere causis :
Major dilata nocte recurret amor.

«Finge que tens um marido. Isto augmenta o valor de uma mulher. Pretexta obstaculos. Uma noite addiada redobra o ardor do amante.»

Se são novas, apresentam-se como viuvas de um official de marinha; se são mais velhas, de um coronel.

Outras dizem-se artistas dramaticas, esperando uma escriptura.

Ha algumas que contam uma comprida historia de um rompimento com a familia, por causa de um rapaz que lhes havia promettido casamento para as seduzir, mas que as abandonou cruelmente.

Muitas d'ellas usam cruzes e escapularios, outras têem um crucifixo sobre a meza, ou uma imagem da virgem rodeada de jarras com flôres. Algumas vevezes o crucifixo e a virgem estão na alcova á cabeceira da cama.

Algumas são devotas, vão á missa, e pescam freguezes ao sahirem da egreja.

A missa de certas freguezias offerece-lhes excellentes aventuras, mas é preciso para isso que se apresentem irreprehensivelmente vestidas.

Algumas pedem que não as matriculem no dia 13, nem ás sextas-feiras.

Ha outras que augmentam os lucros da prostituição por meio do roubo, no emtanto tambem as ha que restituem os anneis ou bolsas de dinheiro, esquecidos nos quartos pelos freguezes.

Os cafés cantantes, os theatros e sobretudo os bailes publicos são os verdadeiros campos de batalha das prostitutas.

Todas as raparigas que por alli apparecem sós andam em procura de um homem.

Algumas no inverno vão sentar-se diante da meza de um café de primeira ordem, collocando-se junto das vidraças que dão para a rua, e de verão ás mezas collocadas á porta.

Risonhas e provocadoras, reunem-se em certos cafés dos *boulevards* de Paris, que são como que os bazares da prostituição.

A policia, demasiado indulgente, fecha os olhos a estas exposições, tão perigosas para a salubridade dos costumes publicos, e lá vae encontrando razões para as tolerar.

Ainda que essas mulheres não sejam submettidas ás visitas sanitarias, e que realmente não se distingam das prostitutas incriptas, senão pela protecção de que são objecto, succede que rapazes de boas familias, e homens que pertencem ás classes abastadas, se deixam enganar por sereias d'essa especie, e cuja avidez não conhece limites. Já dizia a Biblia:

Qui autem nutrit scorta,
Perdet substantiam.

E Propercio accrescenta:

Sperne fidem, pervolve deos;
Mendacia vincant.

E Plauto:

Piaculum est misereri nos hominum rei malè gerentum;
Nam scorta nunquam satis dedit suæ quiquam amicæ amator;
Neque, Pol, satis accepimus, neque ulla satis poposcito,
Nam, quando sterilis est amator a datis, improbus est.

Os velhos que deshonram as suas cinzas, fazendo escandalosos testamentos, e que roubam os seus herdeiros naturaes em proveito de antigas prostitutas, são excepções rarissimas.

As mulheres que conseguem deshonrar filhos de familia emancipados, e arruinar especuladores embriagados por excellentes operações da Bolsa, essas mulheres das quaes diz a Biblia: *De vestimentis enim procedit tinea, et a muliere iniquitas vini,* não se encontram entre as prostitutas matriculadas.

Provêem ordinariamente das que foram educadas na opulencia e na miseria, no meio de todos os confortos do luxo, e sem um atomo sequer de moralidade. Costumam ser artistas sem vocação, dansarinas sem talento, exerci-

tadas desde a adolescencia a costear os limites da prostituição, para poderem abordal-os em caso de necessidade.

O *Ecclesiastes* diz:

«Cum saltatrice ne assiduus sis, nec audias illam ne forte pereas in efficacia illius.»

Estas mulheres, que em Paris constituem o *demi-monde,* são o verdadeiro cancro da juventude e do amor, passando a mais alegre vida durante doze ou quinze annos, e evitando sempre o contacto com a lei e com a policia correccional.

«Achei que a mulher é mais amarga que a morte: é como a armadilha dos caçadores. O seu coração é um embuste. As suas mãos são cadeias. O que amar a Deus, fugirá do seu poder, mas o peccador será sua presa: *Et inveni amariorem morte mulierem, quæ laquem venatorum est, et sagena cor ejus, vincula sunt manus illius. Qui placet Deo effugiet illam: qui autem peccator est, capietur illa. (Ecclesiastes.)*

A prostituta matriculada tem um odio implacavel contra a clandestina. A concorrencia d'esta *mulher immunda que anda na vida sem auctorisação,* exaspera-lhe a inveja.

Denuncial-a, é para ella um dever de consciencia. Nas cidades de segunda ordem sobretudo, vigia-a, segue-lhe a pista, e corre offegante á repartição da policia, para avisar de que viu entrar para uma casa qualquer um sujeito com a sua inimiga!...

Em Paris, as prostitutas isoladas fazem-se pagar o mais caro que podem, e o mesmo succede nas grandes capitaes. Algumas têm um *diario de receita e despeza.*

Uma conhecemos ha muitos annos na grande capital, que tinha muito regularmente escripta uma *Conta de homens durante o anno.* N'essa extranha escripturação, havia balancetes mensaes, balanços annuaes, n'uma palavra, todos os requesitos do estylo em contas regulares. Havia uma verba especial, denominada *Conta do senhorio,* que deixava suppôr em que moeda ella pagava o aluguer da casa em que vivia.

Uma prostituta romantica costumava fazer uma escripturação d'este genero.

Lecour dá-nos um extracto:

Janeiro, 10 — Um russo	40	francos
» 11 — Um inglez	100	»
» 12 — *Sleep alone* (dormi só)	—	—
» 13 — Carlos	—	—
» 14 — O amigo de Carlos	—	—

Ha contas muito mais expressivas ainda. Um livro que temos á vista, está cuidadosamente dividido por mezes e por dias. Contém as receitas e despezas da prostituta. As receitas offerecem grandes oscillações. Tomemos para exemplo um mez qualquer, ao acaso, o de novembro.

«1869 — Novembro:	1 — sexta	23	francos
»	»	2 — sabbado	20	»
»	»	3 — domingo	7	»
»	»	4 — segunda	20	»
»	»	5 — terça	20	»
»	»	6 — quarta	25	»
»	»	7 — quinta	19	»
»	»	8 — sexta	20	»
»	»	9 — sabbado	19	»
»	»	10 — domingo	13	»
»	»	11 — segunda	27	»
»	»	12 — terça	24,50	»
»	»	13 — quarta	20	»
»	»	14 — quinta	0	»
»	»	15 — sexta	0	»
»	»	16 — sabbado	0	»
»	»	17 — domingo	20	»
»	»	18 — segunda	20	»
»	»	19 — terça	0	»
»	»	20 — quarta	0	»
»	»	21 — quinta	35	»
»	»	22 — sexta	10	»
»	»	23 — sabbado	10	»
»	»	24 — domingo	20	»
»	»	25 — segunda	20	»
»	»	26 — terça	21	»
»	»	27 — quarta	10	»
»	»	28 — quinta	17	»
»	»	29 — sexta	35	»
»	»	30 — sabbado	24	»
Total: Novembro de 1869			499,50	»

RECAPITULAÇÃO DO ANNO

Janeiro	331	francos
Fevereiro	285	»
Março	395	»
Abril	375	»
Maio	492	»
Junho	486	»
Julho	508	»
Agosto	517	»
Setembro	479	»
Outubro	644,50	»
Novembro	499,50	»
Dezembro	500	»
Total do anno de 1869	5:542	»

Nas cidades de segunda ou terceira ordem, contentam-se com cinco francos. Raras são as que exigem mais.

As que sabem prevêr o futuro e que fazem economias para poder deixar a vida em que andam, e passarem d'ahi em diante com uma certa commodidade, são excepções muito raras.

Em Bordeus, onde o pessoal é vigiado muito de perto, recolheram-se alguns dados curiosos em 1865.

Assim averiguou-se que de 554 prostitutas matriculadas apenas 5 possuiam um pequeno capital, que augmentavam com economias diarias. As cinco a que nos referimos pertenciam á classe das isoladas, cujo numero ascendia a 110.

A maior parte d'estas mulheres sustentam um amante, que devora tudo quanto ganham. Os seus amantes são ordinariamente empregados no commercio, frequentadores de cafés, que se intitulam artistas e litteratos, rapazes de boa familia arruinados pela libertinagem, jogadores de officio e patifes de todos os generos, muitas vezes vigiados pela policia, e que mais tarde ou mais cedo vem a cahir nas garras da justiça.

Apesar d'isso, é entre as prostitutas isoladas que ha maior numero de dispensas de visitas medicas, e de conversões definitivas, em consequencia de relações duradouras.

Baseiam os seus pedidos, dizendo: «Deixo a vida em que tenho andado, retiro-me do commercio, porque arranjei um velho que me dá tanto por mez».

Ou então:

«Vou trabalhar, tenho um officio, e já encontrei collocação.»

Estes pedidos abonados por pessoas decentes são muito bem acolhidos, quando uma vigilancia especial de dois ou tres mezes demonstrou que deixaram realmente de se prostituir.

Não obstante, porém, as recahidas são frequentes.

Os casamentos d'estas mulheres são excepções rarissimas. Em Paris, durante um periodo de 15 annos, de 1855 a 1869, o numero approximado de prostitutas matriculadas em casas publicas, ou isoladas, foi de 4:143.

D'estas mulheres apenas 22 por anno foram eliminadas da matricula por causa de matrimonio.

Ha mulheres que se entregam á prostituição como se ella fosse uma industria regular, para grangearem algumas economias, e casarem, ou estabelecerem-se.

Uma d'ellas, que foi pedir a sua eliminação da matricula, defendeu a sua causa perante o commissario de policia n'estes termos:

«Meu marido trabalha, e ganha um ordenado de 8 francos diarios. Antes de casarmos, eu estava na vida para ganhar dinheiro com que podessemos estabelecer-nos. Ao presente, não preciso de voltar para essa vida, graças a Deus, e o senhor commissario verá que mudo completamente.»

A prostituição conjugal, em que o marido serve de rufião, ou de alcoviteiro a sua propria mulher, é felizmente um caso excepcionalissimo.

Muitas prostitutas isoladas frequentam as casas de passe, casas vigiadas

e toleradas pela policia, situadas em ruas pouco frequentadas e mal habitadas.

As prostitutas não vivem alli. Vão lá passar algumas horas, durante a noite ou durante o dia, segundo lhes apraz.

As matronas, que exploram estes estabelecimentos, simulam ordinariamente uma industria honesta. Vendem ou lavam luvas, fabricam obras de camisaria, são lavadeiras, perfumistas, costureiras, etc...

Percebem metade do lucro das prostitutas, exactamente como as donas de casas de prostituição propriamente dita.

Fazem muitos serviços á policia, denunciando as prostitutas matriculadas, que vão esconder-se em sua casa, para escaparem á visita sanitaria, ou denunciando tambem as clandestinas, que têem em sua casa um commercio illicito. Como estão á mercê da policia, querem merecer a todo o custo a sua benevolencia. Desgraçadamente muitas d'estas casas escapam á vigilancia dos agentes da auctoridade.

São pequenos armazens, falsos *ateliers,* fingidas lojas de commercio, onde acodem raparigas secretamente recrutadas, e freguezes secretamente escolhidos, que facilmente fogem á attenção dos agentes.

Ha tambem um grande numero de estalagens amphibias, que offerecem á libertinagem e á prostituição um asylo momentaneo, sob o pretexto de dormir por uma noite, sendo o preço por 2 pessoas, tres ou quatro francos.

Restaurantes, cafés, tabernas e cervejarias, favorecem tambem a libertinagem, sob o pretexto do consummo. Por pequeno que seja o consummo, n'um gabinete particular sempre se paga pelo menos 2 francos.

E' a estes estabelecimentos que se deixam levar, ou levam ellas mesmas os que as seguem, as operarias que recolhem a casa muito tarde, as que se demoram diante das montras das lojas e as que procuram accrescentar um supplemento de 5 francos a um jornal de 75 centimos.

Quando a freguezia d'estes estabelecimentos é numerosa, convertem-se em verdadeiras casas de prostituição.

A policia estende então as suas redes em torno d'ellas, e prende com a maior facilidade os delinquentes.

As velhas prostitutas miseraveis, gastas e carcomidas, a quem a prostituição apenas dá alguns cobres, indicam a morada das mais novas, e acompanham-nas a passeio. Conduzem tambem os forasteiros que encontram pelas ruas ás casas de passe.

Certas mulheres velhas, que exercem miseravelmente a profissão de fruteiras, trapeiras, vendedoras de mil objectos differentes, mandam os libertinos a essas casas, persuadindo os de que encontrarão alli operarias que precisam de accrescentar alguns recursos ao salario mesquinho de cada dia, actrizes sem escriptura, mulheres abandonadas, viuvas pobres, e ás vezes chegam mesmo a offerecer raparigas virgens.

Estas indicações são pagas pelos frequentadores, mas que encontram elles afinal n'essas entrevistas mysteriosas? Prostitutas matriculadas das espalhadas pela cidade, ou mesmo das que vivem affastadas em certos bairros.

Operarias sem trabalho, cosinheiras, creadas, amas de meninos, e outras

classes, ainda sem collocação nem arrimo, vão algumas vezes clandestinamente fazer concorrencia ás prostitutas matriculadas.

É raro porém, isto, porque ellas sabem perfeitamente que as casas de passe são externamente vigiadas pela policia, e que não poderão entrar n'ellas sem serem bem depressa chamadas ao commissariado.

Emquanto ás donzellas as donas das casas, expor-se-hiam a perseguições judiciaes, cuja menor consequencia seria o encerramento immediato do seu estabelecimento.

O abominavel proxenetismo que consiste na prostituição das menores é tanto mais raro quanto melhor organisada está a policia. Mas os consideraveis lucros que produz tendem a renoval-o constantemente, apesar da perseguição, e apezar das severas repressões judiciaes com que se procura reprimir.

Nas capitaes de provincia, sobretudo nos portos de mar, ha uma classe de prostitutas isoladas, que a policia obriga a viver n'um bairro destinado á prostituição da mais baixa estofa.

Vivem ao rez-do-chão, ou em sobrelojas. As prostitutas permanecem alli todo o dia, e ás vezes toda a noite até de madrugada, sentadas ou de pé, ao limiar da porta, para chamarem os transeuntes.

São as *Prosedæ*, ou as *Postibulæ* da antiguidade, e formam n'essas ruas estreitas e infectas uma dupla fila de sentinellas.

Trocam entre si interpellações roucas ou agudas, injurias, e ás vezes até grossa pancadaria. Vão e vem de uma casa para outra, adornadas com flores murchas, calçadas de chinellos, esfarrapadas, avinhadas, fazendo aos transeuntes chamamentos e signaes obscenos, dando emfim á rua um aspecto extranho e repellente.

Vivem em publico, as portas das suas casas estão sempre abertas. Vêem-se alli em saia, em camisa, vestindo-se, penteando-se, fazendo a comida, ou comendo. O leito que se vê ao fundo do quarto é uma especie de taboleta.

A porta fechada indica que a prostituta está occupada. Equivale á legenda *Occupata* dos prostibulos de Roma.

Alguns d'estes quartos immundos contém seis a oito mulheres.

Na sobreloja, uma ampla sala com algumas mesas e bancos serve por assim dizer de taberna. Alli se reunem as prostitutas para beberem com os seus freguezes, antes de irem com elles para os quartos. Algumas vezes tambem se dansa á luz de algumas velas, e ao som de alguma desafinada rebeca.

Os marinheiros entregam-se n'estes sitios mal afamados a orgias, algumas vezes sangrentas, que recordam os bellos dias em que a *Salamandra* pagava os soldos á sua tripulação, segundo conta Eugenio Sue, no seu romance com aquelle titulo.

Em muitas cidades da França, estas sentinas do vicio foram definitivamente supprimidas, sendo convertidas em casas fechadas. Ha duas especies d'ellas. Umas não differem das casas da primeira cathegoria descriptas no paragrapho precedente senão pela qualidade inferior do pessoal.

As outras são uma especie de estalagens, destinadas ás prostitutas de baixa estofa, onde ellas, pagando uma quantia combinada pelo alojamento e

pelo sustento (2 a 3 francos por dia para o primeiro, e 1 franco e 50 para o segundo) arrecadam ellas mesmas as suas receitas, do mesmo modo que pagam as suas despezas.

O regulamento é mais severo que em Paris.

A venda de bebidas é prohibida em todas as casas habitadas por prostitutas:

Nequis modici transiliat munera Liberi,

diz Horacio: «Para que ninguem abuse dos dons de Baccho.»

A partir das 11 horas da manhã, toda a rapariga que chamar a attenção pelas ruas, ou chegar á porta ou á janella, commette uma contravenção, e paga uma multa de 1 a 15 francos, seguida de prisão de 1 a 15 dias.

A *raccrochage* é um delicto de ultrage publico ao pudor. No emtanto, a embriaguez, excepcional quasi sempre entre as prostitutas da primeira cathegoria, ou entre as isoladas alojadas na cidade, é muito frequente entre as da classe inferior.

O officio das prostitutas de baixa estofa é muito perigoso. Frequentes vezes apenas recebem pancadas por unica paga dos seus serviços. Ás vezes são contundidas e maltratadas por borrachões, que percorrem o bairro durante a noite, para terem o prazer de distribuir cobardemente ao acaso pontapés e soccos ás desgraçadas, que estão de sentinella ao limiar da porta.

Se têem reunido algum dinheiro, se se adornam com algumas joias de preço, as prostitutas isoladas offerecem facil presa aos malvados que o seu officio as obriga a receber todas as noites, e que as assassinam para as roubar.

As mais miseraveis d'estas prostitutas vagueiam durante a noite pelas ruas desertas dos bairros visinhos dos sitios onde habitam, afim de exercerem mais facilmente o seu officio a favor das trevas. São as *pierreuses*, de que já temos fallado. O salario que obtem nunca passa de 50 centimos. Ás vezes, é menos ainda.

São horriveis e asquerosas, embrutecidas pela miseria e pela embriaguez, cobertas de sordidos farrapos, attingiram o ultimo limite da degradação. Nas cidades, onde a policia é mais facil e ao mesmo tempo mais severa que em Paris, as prostitutas d'esta especie têem amantes com quem repartem os seus lucros diarios.

São, geralmente fallando, operarios libertinos, patifes, criminosos fugidos dos presidios e ladrões de profissão,

Ainda assim esta classe de gente não é o que propriamente se póde chamar defensores ou campeões das prostitutas. Limitam-se a rondar para indicarem de longe as patrulhas da policia, que se approximam, ás prostitutas que intentam attrahir, *pescar*, os transeuntes, ou por trages incompletos, ou por uma eloquencia demasiado persuasiva:

Apprehensumque deosculator juvenem et procaci vultu blanditur, diz a Escriptura:—«Apodera-se do joven, beija-o e acaricia-o descaradamente.»

Favorecem tambem as provocações publicas e a *raccrochage*, que a policia prohibe, e que castiga, como temos visto, com multa e prisão.

Estes amantes são causas frequentes de ciumes furiosos, de rixas, de verdadeiras batalhas.

O Carnaval é a festa das prostitutas. N'esta épocha solemne, esquecem o seu officio, e entregam-se ao prazer por conta propria, ellas que tantas vezes servem de instrumento de prazer aos outros.

Invadem os bailes publicos, assistem aos espectaculos, onde as mulheres mais honradas não se envergonham de se acotovellarem com ellas, apoderam-se em pleno dia dos melhores bairros da cidade, onde os seus modos e attitudes descaradas n'essa temporada de delirio parecem não escandalisar o publico. As pessoas mais honestas toleram por occasião do carnaval as danças e as palavras obscenas.

As prostitutas detidas por contravenção dos regulamentos e posturas são conduzidas ás esquadras da policia. É alli que se póde passar revista a todo o pessoal da prostituição, desde as mais jovens e mais bellas até ás mais velhas e asquerosas.

É alli que se póde fazer uma perfeita ideia das transformações que soffre a mulher, sob a influencia chronica da libertinagem e da embriaguez, assim como do desprezo que essas mulheres inspiram, porque—*quasi stercus in via conculcabitur,* diz o *Ecclesiastes*.

Alli, sob o nivel realmente egualitario dos regulamentos policiaes, encontram-se misturadas todas as cathegorias.

A mulher elegante, perfumada, desdenhosa, que ceia todos os dias na *Maison Dorée,* senta-se ao lado da miseravel farroupilha que nos fossos das fortificações recebeu de um soldado, em paga do seu serviço, metade de um pão de munição.

Emquanto alli esperam a vez de serem interrogadas pelo chefe de serviço, a mulher de vestido de seda falla de boa vontade com as farroupilhas dos fossos das fortificações.

O aspecto d'essas mulheres é o mais variado possivel. Algumas escarnecem de tudo, outras dormitam. As mais habituadas intentam despertar a compaixão e fingem chorar...

Ás vezes embrutecidas pela embriaguez permanente, tem um fluxo de palavras que ninguem póde suster.

A sua voz triumphante profere phrases sem nexo.

Muitas teem a voz rouca, á força de gritar. Toda a sua pessoa exhala um cheiro insupportavel.

Se lhes dessemos ouvidos, são umas pobres mulheres, e os agentes de policia uns tyrannos, que não as podem ver e as perseguem injustamente.

Se alguem lhes pergunta a razão d'este odio, de que tão amargamente se queixam, não sabem responder.

Foram encontradas com trapeiros, com vadios, com pessoas mal comportadas... E querem saber o que ellas respondem?

—«Eu não sou como essas mulheres que por ahi andam. Eu sou uma pessoa decente, os senhores bem me conhecem. Nunca tive nada senão com pessoas muito de bem.»

A ignorancia e imbecilidade de algumas d'estas creaturas excede tudo quanto se póde imaginar.

Nunca entraram n'uma egreja ou n'uma eschola.

Não sabem fallar, não teem sequer o numero de palavras necessarias para manifestar uma ideia.

A todas as perguntas respondem :

—«Não sei.»

—«Vive ainda teu pae?»

—«Não sei.»

—«E tua mãe?»

—«Não sei.»

—«De que gostas tu mais?»

—«Não sei.»

Estas mulheres embrutecidas não receiam a prisão.

Quando são condemnadas, esqueceram quasi sempre o delicto que motivou a sua prisão.

De resto, a prisão tem a vantagem de as deixar descansar, de as limpar, de interromper o alcoolismo que as devora, e por isso mesmo de melhorar a saude d'essas desgraçadas.

Algumas como certos ladrões e vagabundos acabam por preferir a prisão á liberdade, e procuram com afinco a occasião de se fazerem capturar.

A velha prostituta converte-se em *pierreuse*, a *pierreuse* em mendiga.

Ao vêr desfilar todas estas variedades de prostitutas da infima especie, causa pasmo tanta fealdade e tanta miseria.

Este espectaculo dá uma ideia estranha do homem. Ao vêl-as, custa a crêr que vivam do seu officio. Até a propria velhice não parece um obstaculo ao vicio!

Uma d'ellas, detida no mez de dezembro de 1869, e mandada para Saint-Lazare por ultrage publico ao pudor, havia nascido a 9 de Thermidor do anno x, ou em 1803!

Outras, já muito gastas, chegam prematuramente á decrepitude. Temos uma prova n'uma d'estas mulheres nascida em 1824. Parecia centenaria. Tivera uma existencia horrivel. Fôra detida pelos agentes da policia 166 vezes!

11 vezes para ser enviada para a enfermaria de Saint-Lazare:

9 vezes, em consequencia de roubo;

71 por embriaguez;

3 vezes por alienação mental;

2 vezes por tentativa de suicidio;

1 vez por desordem e punhaladas...

Um dia desappareceu. Julgaram-na morta, riscaram-na dos registros... mas ella voltou ao cabo de pouco tempo.

Pediu como uma esmola que a mettessem no asylo da mendicidade. Estava epileptica. Tinha um tumor no joelho que a impedia de andar.

Horrivel situação!

As prostitutas procuram desculpar-se dizendo:

—«Ha dez mezes já que não fui presa!»

Ou então:

—«Que querem os senhores? O negocio vae tão mal!...»

Ha prostitutas rachiticas, quasi grotescas, debeis de intelligencia. São incapazes de ganhar a vida, não sabem senão comer, beber... e entregar-se ao primeiro que chega.

Ou então mendigar!...

CAPITULO XVI

SUMMARIO

A prostituição, estado transitorio, crise perigosa, mas passageira.—Estatisticas curiosas.—A prostituição em Strasburgo.—A mortalidade na prostituição.—Miserias d'este officio vil e degradante.—A *chantage*.—Exemplos de fraternidade entre as desgraçadas.—Os ultimos momentos de uma prostituta.—O enterro.—*Aquelle que estiver limpo de peccado que lhes atire a primeira pedra.*—Edade das prostitutas.—Estatistica do *Bureau des mœurs*.—A syphilis.—Suas perniciosas consequencias no organismo humano.—Perigos que d'ella resultam á sociedade.—Necessidade que teem os moralistas e os hygienistas de estudar as funestas consequencias da prostituição.—Vigilancia que deve haver para com as prostitutas.—Questões sociaes.—A moral e a liberdade.—De como a prostituição infringe a lei do trabalho.—O grande perigo da saude publica.—De como o medo da syphilis não basta para melhorar os costumes publicos.—As prostitutas teem o sentimento da sua abjecção.—As prostitutas fóra do direito commum em todos os povos.—Denominações injuriosas que lhes davam os romanos.—Rapida analyse da condição das prostitutas na cidade de Roma.—A prostituição, segundo Montesquieu e segundo Dupin.—A sociedade civil tem o direito e o dever de reprimir os escandalos da prostituição e de se precaver contra os seus perigos, sob o duplo ponto de vista da moralidade e da saude publica.—A tolerancia da prostituição é inevitavel.—De como uma lei sobre a prostituição é difficil de propor.—A prostituição origem do roubo, do assassinio e do abuso de confiança.—Projecto de lei relativo á repressão da prostituição.—Escala social das peccadoras.—Arbitrariedades policiaes e meios de as impedir.

ÃO DEVE ter-se como certo que a prostituta, uma vez inscripta, está fatalmente destinada a envelhecer e a morrer na prostituição. A verdade é que para a maior parte d'ellas a prostituição não passa de um estado transitorio, como se dissessemos uma crise perigosa, mas passageira.

Parent-Duchatelet apresenta-nos alguns dados curiosos. Assim, 3517 prostitutas inscriptas exerceram o officio 5 annos approximadamente.

Strohl dá o resultado do inquerito de 261 prostitutas em exercicio em Strasburgo em 1856. O tempo medio desde a sua inscripção era de 4 annos e 4 decimos.

913 prostitutas deram a Dutasta em Bordeus, em 1854, exactamente o mesmo resultado que as 261 prostitutas interrogadas em Strasbusgo por Strohl quanto á média do tempo decorrido desde a sua inscripção, ou seja 4,4 annos; e ainda assim d'estas 913 prostitutas, 783 estavam matriculadas havia menos de 3 annos.

Em 1860, em Bordeus, uma estatistica fundada sobre a differença entre a média da edade no momento da inscripção e a média da edade das raparigas sahidas da prostituição por varios motivos, taes como eliminação, partida, desapparição ou morte, dava para cada prostituta uma média de 6 annos, passados no exercicio da libertinagem, e demonstrava que de cada 100 prostitutas, 10

pelo menos, abandonam cada anno o seu officio para se dedicarem a um modo de vida mais honesto.

Assim, pois, temos de admittir, antes de mais nada, que a prostituição é um periodo frequentemente muito curto da vida das mulheres condemnadas á libertinagem, por isso que calculada sobre um total de prostitutas a sua duração não excede 5 a 6 annos.

Durante o periodo da prostituição, as probabilidades da morte augmenam n'uma proporção consideravel, apesar das asserções em contrario, desprovidas de provas de Parent-Dnchatelet.

Em Bordeus, durante os cinco annos 1854-59-60-61-62, informações exactas deram uma média annual de 12,80 mortes n'uma população média de 532 prostitutas, ou seja 24 por 1000, emquanto que na edade de 27 a 28 annos, que tinham em média essas mulheres, a sua mortalidade não devia passar de 10 por 1000 approximadamente.

Não deve de fórma alguma surprehender-nos este perigo da prostituição.

Pretender que o officio de prostituta não é perigoso para a saude de quem o exerce, o mesmo seria que contradizer as mais averiguadas e bem recebidas noções de hygiene, o mesmo seria que pretender que as vigilias prolongadas, a embriaguez, a gula, a ociosidade, a miseria, a fadiga dos orgãos vocaes pelos gritos e contendas, a sobrexcitação genital reiterada, e finalmente—a syphilis—não augmentam as probabilidades de morte; e ainda a tudo isto temos de accrescentar a influencia moral da perda do estado social, e os maus tractos, que predispõem para o suicidio e para as enfermidades mentaes, e que dispõem para a morte accidental.

Mas, como acabam as desgraçadas, que persistindo em viver em tão horrivel officio, escapam ás probabilidades da morte que elle produz?

As mais felizes—excepção rarissima—velhas, murchas, abandonadas, casam com um tambor-mór, com um joven cabelleireiro, ou então com um agente de negocios pouco limpos. Algumas chegam por meio das suas economias, ou graças ás liberalidades de um antigo amante, a estabelecer um gabinete de leitura, uma loja de perfumarias, de modas, de chapeus de chuva, uma livraria, etc.

O aluguer da loja é abonado e as mercadorias pagas pelo protector, que mais tarde se converterá em marido, se o estabelecimento prosperar.

As mais preversas acharam meio, durante o periodo brilhante da sua carreira, de obter dos seus amantes bilhetinhos compromettedores, que procuram vender muito caros, quando a pobreza as persegue.

Este manejo infame chama-se *chantage*. Algumas d'estas mulheres são insignes na pratica de similhante infamia, e logram assim encontrar recursos mais culpaveis que todos os outros de que até ahi viviam.

Ás vezes, porém, dirigem-se a homens recalcitrantes, que sem hesitar as denunciam á prefeitura da policia. Esta intervem então, e raro é não sahir victoriosa da officiosa missão de que se encarrega, para proteger o repouso das familias.

Encontram-se muitas d'estas antigas prostitutas entre as *ouvreuses* dos

theatros, as porteiras, as creadas, as trapeiras e as vendedoras ambulantes de fructas, que percorrem as ruas conduzindo os seus carros caracteristicos.

Algumas, extenuadas pelo alcoolismo, vão terminar os seus dias na Salpêtrière ou nos miseraveis enxergões dos depositos de mendicidade de Saint-Denis e de Villers-Cotterets.

Este esboço dos costumes e habitos das prostitutas seria incompleto, se não dissessemos algumas palavras a respeito da sua morte e dos seus funeraes.

Em Paris, as prostitutas confundem-se com a turba anonyma de indigentes que morrem nos hospitaes, mas nem sempre succede o mesmo nas provincias.

Alli, as prostitutas enfermas recebem das suas companheiras cuidados affectuosos e commovedores até. As que pódem dispor de algum dinheiro não regateiam os soccorros á infeliz a quem a enfermidade reduziu subitamente á miseria, impedindo-a de se dedicar ao seu commercio, e nunca uma d'essa infelizes morrerá á falta de uma chavena de caldo, ou de um copo de vinho.

A sua caridade, porém, carece de intelligencia e de previsão, e o hospital é quasi sempre o seu refugio nas enfermidades, que exigem longo tractamento.

A approximação da morte desperta facilmente na alma da ovelha desgarrada as recordações religiosas da sua infancia, e a maior parte d'ellas não recusam á ultima hora confessar-se.

Ao vêr o extremo com que estas desgraçadas se empenham em prestar as honras funebres ás suas companheiras, dir-se-hia que, ao separal-as da gente honesta, a sua profissão as une entre si por uma especie de parentesco.

Se a desgraçada que morreu no seu cubiculo, triste e infecto, é uma das mais miseraveis, as suas visinhas combinam logo velar o pobre cadaver alternadamente.

Na vespera do enterro, todas as prostitutas da visinhança vão umas apoz outras ajoelhar aos pés do leito mortuario, e aspergir o cadaver com agua benta.

Ao sahir, deixam n'uma bandeja uma offerenda de alguns cobres, destinada a pagar as despezas da ceremonia funebre.

No dia do sahimento, apparecem em tropel ora á porta do hospital, ora no domicilio da defunta, todas vestidas de lucto, com fatos ordinariamente alugados n'um guarda-roupa da localidade.

Enfileiradas duas a duas, no mais piedoso recolhimento, levando na mão o seu livro de orações, acompanham á egreja e depois ao cemiterio este enterro, que ninguem diria ser de uma desgraçada votada ao desprezo publico, ao vel-o saudado pelos transeuntes, como se fôra o de uma dama honesta da cidade, visto que, precedido de um sacerdote, é o de uma christã!

Um vago sentimento de egualdade, perante a morte e perante a misericordia divina, parece reunir alli aquellas desventuradas.

Seja qual fôr o movel a que obedecem, o facto é que ao aspecto d'aquella sinistra procissão de vestidos negros, desfilando atraz de um crucifixo de

prata e de um athaúde, cada qual pergunta qual é a piedosa congregação que acompanha uma irmã defunta ao campo da egualdade e do repouso eterno.

E, se por acaso se vem a saber que especie de creaturas compõem este cortejo funebre, accode logo á memoria a sublime lição de indulgencia e de humildade, contida n'este versiculo do Evangelho: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat!* (*Joannes,* VIII, 7.)

. . . .

. . . .

A edade das prostitutas no acto da matricula, e a edade das prostitutas em exercicio tem sido objecto do estudo de alguns moralistas.

Parent-Duchatelet, por exemplo, investigou a edade no acto da matricula de 3.248 prostitutas, e encontrou a média de 22,8 annos.

Segundo os dados colligidos por Jeannel, em 1860 e 1861, em Bordeus, tendo sido examinadas cuidadosamente as certidões de baptismo, a edade de 129 prostitutas no momento da sua matricula era em média de 22,3 annos.

N'este numero, havia 47 menores ou 36 por 100.

Uma estatistica tirada pelo *Bureau de mœurs* de Bordeus, referente a 940 prostitutas inscriptas pela primeira vez na cidade desde 1855 a 1859 dá a media de 22,4 annos.

N'este numero, havia 153 menores, ou 16,9 por 100.

A media da edade das prostitutas no acto da matricula é mais elevada em Bolonha.

Gamberini menciona a edade de 720 prostitutas inscriptas na dita cidade em 1860-70-71, e o calculo dá em resultado uma media de 24 annos.

No emtanto, n'este numero, as menores figuram na percentagem de 36 por 100.

A média geral é elevada por um numero relativamente consideravel de raparigas de 25 a 40 annos, que provavelmente haviam exercido o officio n'outros pontos, antes de se inscreverem em Bolonha.

Em resumo, as menores figuram n'uma consideravel proporção entre as raparigas inscriptas.

Logo tornarmos a occupar-nos d'este assumpto.

A edade das prostitutas no momento da matricula é em França, em média, de 22 a 23 annos.

O tantas vezes aqui citado Parent-Duchâtelet dá a edade em 31 de dezembro de 1831, de 3:235 prostitutas que estavam em activo exercicio em Paris. A média era de 26 annos e 8 decimos.

Em Bordeus, no 1.º de dezembro de 1860, a média da edade, de 554 prostitutas inscriptas era de 27 annos e 6 decimos.

Durante o anno de 1860, Jeannel recolheu em Bordeus a edade de 635 prostitutas inscriptas. A sua média era de 27 annos e 9 decimos.

Em resumo, a média da edade das prostitutas matriculadas é em França de 26 a 27 annos.

. . . .

. . . .

«De todas as enfermidades que pódem affectar a especie humana por via de contagio, diz Parent-Duchâtelet, e que occasionam graves prejuizos á sociedade, nenhuma ha mais perigosa e mais terrivel que a syphilis.

«Sob este ponto de vista, não receio que ninguem me desminta, ao dizer que os estragos por ella produzidos excedem os de todas as pestes que de vez em quando vêem flagellar a sociedade.

«Os estragos da syphilis não tem interrupção. A syphilis fere com preferencia essa parte da população, que pela sua edade constitue a força e a riqueza dos estados.

«A syphilis envenena essa população mesmo no momento da sua existencia em que se encontra em estado de poder procrear seres robustos e vigorosos, e se não a torna esteril, os desgraçados que d'ella provém, formam uma raça, abastardada tão impropria para as funcções civis, como para o serviço militar.

«Finalmente, nem a innocencia nem a virtude mais puras se encontram nas sociedades modernas ao abrigo dos seus ataques.

«Quantas amas mercenarias, quantas esposas virtuosas, quantas creanças de peito não são cruelmente flagelladas cada anno por tão funesta praga ?!»

A syphilis é, portanto, um dos açoites mais terriveis. Nem sequer nos demoraremos a adduzir provas de um facto universalmente reconhecido, limitando-nos a reproduzir aqui esta energica affirmação do illustre hygienista, a qual veio a ser como que o ponto de partida do inquerito feito em 1865 pelo governo inglez, sobre os meios de diminuir os funestos effeitos da infecção venerea no exercito e na armada. [1]

Desnecessario será tambem esfalfar-nos em repetir largamente que o manancial inexgotavel do contagio venereo é a prostituição, transformação civilisada da promiscuidade cynica, sordida, infecta, do estado selvagem, cujos vestigios se encontram ainda hoje no seio das sociedades contemporaneas, e que ameaça constantemente voltar.

As sociedades civilisadas persuadem-se que os bens materiaes e moraes de que estão de posse são indestructiveis e inalteraveis.

É uma illusão perigosa. Nunca se repetirá demasiado que a civilisação está com a propria vida, e tudo quanto á vida se refere, essencialmente exposta a vicissitudes e perigos, que são uma prevenção incessante contra mil causas de destruição.

Ensinar aos povos contemporaneos de que modo perecem os povos é a alta missão da Historia.

A prostituição é um mal moral.

A prostituição é accusada com justa causa de propagar um dos mais perigosos contagios.

---

(1) V. *Report of the committee apprinted to inquire into the pathologyand treatment of the venereal disease, with the wiew to diminish its injurious effets on the men of the army and navy, etc., presented to both houses of parliament by command of her Majesty*. London, 1868, p. XLIX.

Deve, portanto, merecer em alto grau a attenção dos moralistas e dos hygienistas.

Seja qual fôr a opinião que se professe a respeito das enfermidades venereas, todo o mundo está de accordo em que ellas não podem ser estudadas na sua successão e seguir-se por largo tempo os seus vestigios, sem se tropeçar a cada passo com a promiscuidade e com a libertinagem, quer dizer, com a prostituição. (V. Crocq e Rollet.)

Junto das grandes agglomeraçoes humanas, nas proximidades dos acampamentos, nos grandes portos de mar, as prostitutas *recebem* um numero de homens muito superior a tudo quanto póde imaginar-se.

Em 1868, havia na aldeia de Mourmelon, contigua ao acampamento de Châlons, dois bordeis, que offereciam os seus serviços aos militares. Segundo os relatorios do official encarregado da policia do acampamento, era tal de tarde a affluencia de *visitantes* á porta d'esses estabelecimentos, que até fora preciso recorrer-se ao expediente de se darem numeros de ordem, a fim de se regularem as entradas.

Factos eguaes se observaram frequentemente na visinhança das agglomerações de tropas e das praças fortes, como se viu no ultimo cerco de Paris.

Nas grandes cidades, quando se annuncia uma festa publica, uma feira, uma exposição, um concurso regional, umas corridas de cavallos, que devem attrahir grande numero de forasteiros, veem logo das cidades immediatas consideraveis reforços de prostitutas, e o numero de homens que uma só d'estas mulheres póde receber é ás vezes incrivel.

Uma rapariga de mediocre belleza, mas de robusta e vigorosa constituição foi de Bordeus á feira de Agen, em 1867, e permaneceu alli tres dias inteiros. Tinha partido sem um *sou*, e voltou com 150 francos.

Os camponezes, os vendedores e outros freguezes pagavam-lhe a somma fixa de 2 francos, metade da qual ella entregava á patrôa. Gastou no sustento e na viagem ahi uns 30 francos. Calcula-se pois que a rapariga soffreu a copula de 60 homens por dia. Por fortuna a rapariga estava sã.

Os medicos do Dispensario de Bordeus, que a visitaram no seu regresso d'esta excursão verdadeiramente epica, verificaram a integridade dos seus orgãos genitaes. Apenas uma leve vermelhidão vaginal indicava os excessos que acabava de commetter.

Este facto basta, no emtanto, para se calcular a infecção que em determinadas circumstancias póde espalhar uma rapariga atacada de syphilis.

De resto, já demonstrámos que a prostituição entregue a si propria propaga contagios moraes e physicos.

Não insistiremos mais sobre este assumpto. Queremos apenas affirmar, e deixar perfeitamente estabelecido que á sociedade assiste o direito absoluto de submetter as prostitutas a uma vigilancia especial, afim de precaver a propagação das enfermidades de que ellas são um receptaculo permanente e continuo manancial. Invocando a liberdade individual e até a decencia publica, certos economistas sobretudo em Inglaterra, persistem em sustentar que as prostitutas não devem soffrer nenhuma lei excepcional.

Perguntaremos a este respeito: Conservaram as prostitutas em toda a sua intregridade o direito da liberdade?

É o que vamos examinar.

1.º:«O direito e o dever são correlativos. (Frank). — O direito só subsiste pelo dever.

«O fim de um ser livre, e por conseguinte o fim da propria liberdade é o comprimento das ordens da consciencia, quer dizer a obediencia á lei do dever.

«A obediencia a esta lei torna o cidadão objecto de respeito por parte dos seus similhantes. Esta obediencia constitue o direito.

«É á correlação do dever e do direito que se deve ir procurar a mais elevada grandeza da alma humana.

«O direito desapparece para quem viola as leis gravadas na consciencia da humanidade.» (V. Franck, *Cours de Droit naturel professé au Collége de France,* primeira lição, 1865, na *Revue des cours litteraires,* p. 103.)

O respeito absoluto pela liberdade, até mesmo nos actos contrarios á moral publica, é um abuso, e um desvio da liberdade, é como se dissessemos uma especie de cumplicidade no mal.

A liberdade é decerto um bem inapreciavel, mas dá-se com ella o mesmo que succede com os outros bens. É preciso usal-a com moderação, por isso que o seu abuso póde causar a morte.

J. Barni, professor de direito na Academia de Genebra, tirou quasi as mesma deducções.

«O que é a moral? diz elle. Como o proprio nome o indica, é a regra dos costumes, quer dizer, a lei ou o conjuncto de leis, pelas quaes nos devemos conduzir na pratica do bem.

«Pela mesma razão de que sou um ser racional e livre, uma pessoa n'uma palavra, tenho deveres a comprir, e por isso mesmo tenho direitos, cujo respeito constitue ao mesmo tempo um dever para os meus similhantes, do mesmo modo que o respeito dos seus direitos é um dever para mim.

«O direito e o dever são correlativos.»

Vê-se claramente d'estas definições que perde o direito todo aquelle que não cumpre o seu dever. As prostitutas, que violam varias das leis fundamentaes da sociedade, não poderiam, pois, invocar legitimamente a liberdade que esta sociedade garante a todos os seus membros.

Assim o expressa admiravelmente Montesquieu:

«A segunda classe é a dos crimes que se commettem contra os costumes. Taes são a violação da decencia publica ou particular, quer dizer da policia sobre a maneira como devem gosar-se os prazeres inherentes ao uso dos sentidos e á união dos corpos.

«As penas d'estes crimes devem tirar-se da propria natureza das cousas. Privação das vantagens que a sociedade uniu á pureza dos costumes, multas, vergonha, obrigação de se occultarem, infamia publica e expulsão para fóra da cidade, e até mesmo da sociedade.»(V. *Esprit des lois,* XII, 4.)

2.º«A prostituição infringe a lei do trabalho.» A prostituição deve ser combatida e reprimida em nome da decencia publica, e deve sel-o tambem, por-

que infringe a lei divina que prescreve o trabalho: «*In laboribus comedis cunctis diebus vitæ tuæ.*» (*Genesis*, III, 17.) Esta lei dirige-se á humanidade inteira e não ao homem só. E se o trabalho mantem a vida material, é tambem a fonte da submissão e do respeito.

É verdade que o empate das officinas industriaes occasiona a diminuição dos salarios e crueis difficuldades para as raparigas pobres, que vão procurar a sua subsistencia nas cidades, mas isso provém tambem das fainas campestres serem abandonadas como extremamente penosas: «*Non oderis laboriosa opera, et rusticationem creatam ab Altissimo.*» (*Eccles.*, VII, 16.)

Os que se esforçam por exemptar as prostitutas da responsabilidade da sua degradação, para a assacarem á sociedade, aggravam o mal, subministrando argumentos á preguiça, ao amor desordenado do luxo, á gula e á embriaguez.

3.º «A prostituição compromette a saude publica.» Emfim a prostituição deve ser reprimida e vigiada, porque põe em perigo a saude publica, propagando as enfermidades contagiosas.

«Toda a prostituta é legitimamente presumida de infecção venerea. Seria excessivo e impraticavel excluil-a da sociedade por uma simples suspeita, mas é justo e facil averiguar a sua innocuidade sanitaria, e sequestral-a do contacto dos homens, se realmente estiver infeccionada.

«Que liberdade individual é essa, que ameaça e destroe a liberdade individual de varios? Que vida privada é essa, em que se intromettem a cada passo os extranhos, e que leva a toda a parte um contagio, cujos effeitos podem ser terriveis?» (V. Mougeot, *Congrès médical international de 1867.*)

Como se offenderia o direito ou o pudor d'essas mulheres publicas com a obrigação de justificarem o seu estado sanitario, deixando examinar por um medico um corpo, que entregam por dinheiro ao primeiro que chega, ao primeiro que lhes paga?

4.º «A continencia não preserva em absoluto da syphilis.» — Objecta-se que os homens virtuosos e recatados se encontram ao abrigo d'este contagio, e que os dissolutos que a elle escapam recebem um justo castigo da sua falta, e que o receio d'este mal vergonhoso é um freio saudavel contra os excessos dos maus costumes: «*Castè vivat qui sanum se cupit.*» (Astruc.)

Estes argumentos não resistem á mais simples analyse. A continencia não preserva em absoluto dos ataques indirectos da syphilis. No seio de uma população infectada, multiplica-se o perigo, e toma as formas mais variadas e ás vezes até as mais imprevistas.

As amas de leite infeccionadas envenenam as pobres creancinhas, que lhes são confiadas. A vaccina é um manancial de infecção mortal.

Os operarios, os serventes de todas as edades e de todos os sexos só pelo contacto dos utensilios e dos vestidos, as creadas pelas mais innocentes caricias, pódem transmittir enfermidades horriveis.

5.º «O receio da syphilis não reforma os costumes publicos» (Parent-Duchatelet). Pelo que diz respeito ao receio d'essas enfermidades crueis e vergonhosas, consideradas como um castigo divino contra a dissolução, a experien-

cia de todos os dias prova de sobra quanto não seria chimerico fundar sobre ella a esperança de uma reforma dos costumes publicos.

Em vão Mougeot propunha ao congresso medico internacional de 1867 que uma collecção plastica, representando todos os estragos produzidos pelas enfermidades venereas, figurasse na sala de espera de todas as casas de prostituição.

Todos os hygienistas estão de accordo com Parent-Duchatelet. As enfermidades atrozes que a prostituição propaga ha tantos seculos e o receio de um contagio inevitavel diminuiram por ventura o numero das prostitutas?

Não! Tudo nos prova que a certeza de males ainda maiores não diminuiria esse numero, e que sob este ponto de vista, o homem dominado pelas necessidades e cego pelas paixões é mais estupido e mais imprudente que os brutos.

6.º «As prostitutas teem o sentimento da propria abjecção.»—Sabem que estão em opposição ás leis divinas e humanas, e que se encontram, por infelicidade concomitante do proprio officio, na impossibilidade de reclamar direitos, cujo valor conhecem, mas dos quaes se tornam indignas.

A approvação tacita dada por toda a população, sem excepção alguma aos meios empregados pela auctoridade contra as prostitutas, qualquer que seja a sua severidade e a desegualdade d'essas medidas, é um facto dos mais notaveis. Essa appprovação mostra bem qual é a opinião publica a respeito d'essas mulheres, e prova-nos, melhor do que o poderiam fazer as mais eruditas dissertações, que a prostituição é considerada como um delicto; que as mulheres que a exercem estão fóra da sociedade; que não podem reclamar os seus direitos, e que devem empregar-se contra ellas medidas repressivas particulares e completamente excepcionaes.

7.º «As prostitutas estão fóra do direito commum em todos os povos.» —O sentimento unanime de todos os povos é de grande pezo no juizo dos direitos legaes que as prostitutas podem conservar.

Em todos os povos do mundo, a prostituição foi sempre manchada de infamia, e se por toda a parte a vemos reconhecida e tolerada, é apenas como uma lepra incuravel e maldita.

Os anathemas fulminados contra ella pelas Sagradas Escripturas, são terrivelmente energicas:

«*Et relevabo pudenda tua in facie tua, et ostendam gentibus nuditatem tuam, et regnis ignominiam tuam.*

«*Et proficiam super te abominationes, et contumeliis te afficiam, et ponam te in exemplam* (*Nahum*, III, 5, 6.)

«*Nudavi femora tua contra faciem tuam et apparuit ignominia tua, adulteria tua, et hinnitus tuus; scelus fornicationis tuæ*... (*Jerem.*, XIII, 25, 26, 27.)

....

Os romanos exgotavam o vocabulario das injurias e das imprecações para as qualificarem:

Quæstuariæ, ou *quæstuosæ*, de *quæstus*, ganancia, commercio.

Meretrices, de *merere*, ganhar.

Togatæ de *toga*. A toga era imposta ás mulheres convictas de adulterio, afim de se poderem distinguir das matronas honradas, que vestiam uma larga tunica, *stola*.

Moechæ, de *moecha*, adultera.

Scortæ, de *scortum*, couro, pelle surrada.

Lupæ, de *lupa*, loba.

Prostibulæ, de *pro* e *stabulum*, diante da porta.

Prosedae, de *pro* e de *sedere*, sentar- se diante, ou no humbral da porta.

Cellariæ, de *cella*, cella.

Noctilucæ, que fazem da noite dia.

Diobolariæ, de dois obulos, moeda.

Schœniculæ, que se deitam sobre a palha.

Alicariæ, de *alica*, farinha, por se prostituirem aos escravos, á porta dos moinhos e das padarias.

Scortæ erraticæ, prostitutas errantes, *pierreuses*.

Havia contra ellas as mais severas leis de excepção, e desterravam-nas para bairros especiaes ou para as cisternas e fossos das fortificações.

Em Roma, no berço do direito, as prostitutas e as proxenetas eram manchadas de infamia, o que equivalia a uma especie de morte civil, porque era prohibido a um homem livre contrahir matrimonio com uma prostituta.

A prostituição recrutava-se entre os escravos, que se vendiam no mercado como bestas de carga, e a mulher que se entregava ao trafico do seu corpo, rebaixava-se ao nivel das prostitutas escravas. Obrigavam-na a vestir exactamente como estas o trajo viril, a toga, tornada com esta applicação irrisoria e infame. Se a mulher assim tão baixa cahida era patricia, perseguiam-na como ré de um crime grave, e condenavam-na a desterro.

Em todas as nações o desprezo das prostitutas está na razão directa da civilisação. Todas ellas estiveram sempre de accordo para stigmatizarem com o desprezo a incontinencia das mulheres. A natureza impoz este modo de sentir a todas as nações. A natureza deu aos individios para a sua conservação largos espaços de tempo, ao passo que apenas lhes concedeu momentos para a reproducção. Assim, está perfeitamente demonstrado que a incontinencia não segue as leis da natureza, mas que pelo contrario as viola. A modestia, a prudencia, a castidade e a continencia, é quem obedece a estas leis. (Montesquieu, *Esprit des lois*.)

Por ultimo, o eminente jurisconsulto Dupin resume d'este modo as questões de direito, originadas pelo exercicio de prostituição:

«A prostituição é um estado que submette as creaturas que a exercem ao poder descricional delegado pela lei á policia, estado que tem as suas condições e as suas regras, como todas as demais, como o estado ou a vida militar, salva a comparação.

«Applicar ás mulheres publicas regulamentos especiaes ou medidas de policia a que as sujeita o seu modo de vida, não é nem por sombras attentar contra a liberdade individual, assim como não se attenta contra essa liberdade no

exercito, quando se applicam aos militares as regras de disciplina em virtude das quaes pódem ser privados discricionalmente e sem formalidades da sua liberdade.

«O encarceramento das prostitutas é menos grave que a *visita,* e sem embargo, ninguem póde negar a legitimidade d'esta ultima medida.

«Quando os empregados das alfandegas revistam os viajantes, e chegam a apalpal-os, atacam de certo modo a sua liberdade e as suas pessoas, e não obstante essas medidas são legaes, porque são uma consequencia forçada das necessidades do estado.

«Levar o principio da liberdade individual ao extremo de pôr obstaculos ao exercicio legitimo das demais garantias sociaes, equivale a exaggeral-o.

«N'outros termos, abaixo das penas propriamente ditas applicadas pelos tribunaes de repressão, póde haver na materia de que se tracta uma série de medidas, taes como o encarceramento e a revista das prostitutas, que só constituem meios policiaes, e que podem derivar legalmente do exercicio do poder discricional entregue á administração, poder que a policia exerce livremente, sob as garantias constitucionaes.»

Assim, pois, na qualidade de defensores da saude das povoações, os poderes publicos devem occupar-se de vigiar a prostituição.

O interesse que devem guardar não é o d'esta ou d'aquella cathegoria de administrados, é o interesse nacional, na sua mais lata accepção, porque o mal cujos estragos se trata de restringir e de combater, abortando a raça humana ataca-a nas proprias fontes da sua vitalidade.

Ah! Se os jurisperitos que julgam servir a liberdade fazendo-se campeões do direito da prostituição; se os reformadores, que prégam o direito ao trabalho e á assistencia publica, empregassem a sua eloquencia em prégar o direito de não recusar o trabalho, o dever de não folgar ás segundas-feiras, de não tomar parte nas saturnaes dos bailes publicos, de não se embriagar ninguem com vinho e aguardente; se se esforçassem por demonstrar que as pessoas honradas sabem privar-se do luxo, quando ganham apenas o strictamente necessario, então, e só então, contribuiriam para diminuir o mal moral e material na sociedade, e atacariam a prostituição nas suas verdadeiras origens!»

Em conclusão: Fica plenamente demonstrado que a sociedade civil tem o direito e o dever de reprimir os escandalos da prostituição, e de se precaver contra os seus perigos, sob o duplo ponto de vista da moralidade e da saude publicas.

. . . .

. . . .

A logica exigia que a tolerancia da prostituição, uma vez reconhecida como inevitavel, fosse claramente enunciada por uma lei, que ao mesmo tempo definisse os delictos e as infracções, previsse a penalidade, e finalmente fixasse a jurisprudencia e regulasse a intervenção da magistratura e da policia.

No emtanto, esta lei, pelo facto de ter determinado os casos em que a prostituição devia ser reprimida, teria admittido necessariamente que esta infamia podia existir sem ser legalmente culpada; esta lei, por mais restricções

de que rodeasse o exercicio da prostituição, teria elevado a uma profissão a exploração do corpo, contra a qual se revolta a consciencia da humanidade, e que a religião anathematisa energicamente, n'uma palavra, teria creado o direito á prostituição...

As prostitutas e as proxenetas, que se tivessem conformado com as prescripções d'esta lei, teriam vivido regularmente sob a mesma égide que os outros cidadãos, e por conseguinte, dentro dos limites da sua submissão teriam sido protegidas pelos poderes sociaes.

Eis o que os legisladores nunca poderam considerar sem invencivel repugnancia, cada vez que se acercaram da questão da prostituição, e ao pretenderem prehencher o que os magistrados chamam com certas apparencias de razão uma lacuna dos codigos.

Eis o motivo por que, referindo-nos só a França, os prefeitos de policia ficam entregues a si mesmos, ainda quando muito desejassem ser guiados e fortalecidos pela lei no que diz respeito a uma das suas mais graves e delicadas attribuições, a saber: a tolerancia inevitavel e a repressão necessaria da prostituição.

Nenhuma medida legislativa poude adoptar-se nem no anno IV da Republica, quando o Directorio com a sua mensagem ao conselho dos Quinhentos indicava os principios que se tractava de reduzir a lei sobre este assumpto, nem mesmo depois d'isto.

Em 1811, em 1816, em 1819 e em 1822, varios magistrados eminentes, valendo-se do conselho de illustres jurisconsultos intentaram formular projectos especiaes, apropriados quanto possivel ás exigencias da moral. No emtanto, depois de um exame profundo, viram-se obrigados a reconhecer a impossibilidade de levarem a cabo a sua obra...

Nenhuma lei foi até agora promulgada sobre tão escabroso assumpto. Nem o será talvez.

O legislador, que recuou ante o incesto, poderá ter a coragem de inscrever nos codigos as praticas e as desordens da libertinagem?

Não quiz fazel-o em 1791 e em 1795, nem tão pouco no Codigo penal de 1810, que nem sequer menciona o nome da prostituição.

«Uma lei sobre a prostituição parece-me difficillima de propor. Tudo quanto podesse fazer-se seria collocar as mulheres publicas sob a vigilancia da alta policia, emquanto se dedicam á prostituição,» diz Anglés.

Importa observar que na execução das medidas de policia relativas á paostituição ha um lado preventivo e por conseguinte discricional, imposto pela natureza das cousas, e que nenhum texto de lei ou de regulamento saberia definir e regular nos seus pormenores, sem provocar enormes escandalos.

Os principos da policia das sociedades são constantes, são legaes, mas a sua applicação é modificada por mil e uma circumstancias, que escapam á previsão das leis.

«A prostituição, diz Lecour, dá logar a um sem numero de actos quasi criminosos, que participam do roubo, do assassinio e do abuso de confiança, nos quaes o demandante porfia em infamia com a accusada, actos que difficil

é imaginal-os, que não é possivel expol-os, e nos quaes as praticas obscenas se confundem com proezas que motivam reclamações repugnantes, ainda que fundadas.

«A dignidade da policia repelliria o conhecimento d'essas queixas, que o chefe do *Bureau des mœurs* define com uma palavra, depois de um exame contradictorio:

«O mesmo póde dizer-se de um sem numero de altercações resultantes de emprestimos de pequenas quantias, de furtos de objecto de *toilette*, etc., etc.

«As decisões de chefe do *Bureau des mœurs* comportam muitas vezes a pena de prisão, e em taes casos são submettidas á sancção do prefeito ou do *maire*.

«Esta pena cumpre-se em Paris, já no deposito da prefeitura da policia, já na prisão de Saint-Lazare.

«Durante um periodo de 15 annos, de 1855 a 1869, a media das prostitutas detidas por contravenções em Paris elevou-se a 4:394. D'este numero, 3:023 em média foram castigadas cada anno com a pena de prisão.»

Extranho problema social, continuamente proposto, e continuamente insoluvel!...

Ou a lei regula estas casas, e por conseguinte auctorisa a prostituição, reconhecendo-lhe uma existencia civil, e n'esse caso é cumplice de immoralidade, revolta a consciencia das pessoas honestas, é o alvo dos anathemas do clero, e incorre no desprezo publico...

Ou prohibe a prostituição, castigando-a como um crime, ou quando menos, como um delicto, e então é inexequivel e é como se fosse lettra morta, e ao mesmo tempo o mal que pretende impedir aggrava-se com a hypocrisia e a clandestinidade. O concubinato adquire enormes proporções, e ameaça a instituição do matrimonio.

A clemencia arbitraria e a connivencia estorvam a acção da justiça. A repressão fluctua entre uma severidade inexoravel, quando os agentes da justiça se decidem a executar a lei, e uma escandalosa indulgencia quando se cançam de luctar contra um mal mais perseverante que a sua vigilancia, mais renascente que a sua actividade.

Ou então a lei se abstem e fica muda, e as desordens flagrantes impõem á policia a obrigação de uma intervenção apodada de arbitraria, e na qual se vê sem cessar retida por medo de abusar dos seus poderes, e de violar a liberdade individual.

Qual o partido a tomar entre tão contradictorias difficuldades?

A' magestade e á inviolabilidade da lei repugnam egualmente a auctorisação formal e a prohibição absoluta da prostituição.

Que fazer, pois?

O unico remedio é deixar ás attribuições da policia o tractamento palliativo d'este cancro horrivel.

A policia está encarregada de velar pela segurança dos cidadãos, vigiando os malfeitores e os vagabundos, inimigos perpetuos da propriedade e da vida, e as industrias insalubres que ameaçam a salubridade publica.

A policia tem o dever de sanear a via publica obstruida por immundicies. A policia deve precaver-se contra a propagação das enfermidades contagiosas. A policia, pois, deve naturalmente reprimir a prostituição e combatel-a dentro dos limites estrictamente compativeis com a moralidade, a segurança e a salubridade publica.

O mesmo que se fez a respeito das aguas infectas, cujos miasmas envenenavam o Tamisa, reunindo-as e conduzindo-as por um acqueduto subterraneo, é mister fazel-o a respeito da prostituição, esse flagello das grandes agglomerações humanas; é preciso dar á policia o poder de a canalisar e vedar efficazmente.

A lei que não póde reconhecer nem prohibir a prostituição, póde pelo menos enunciar formalmente as attribuições da policia a este respeito.

Tal é a conclusão da discussão precedente. Egual conclusão tira o illustre Parent-Duchatelet, e é a mesma que resulta de todos os actos administractivos e de todos os regulamentos concernentes á prostituição nas principaes capitaes da Europa.

Eis o texto um tanto modificado do projecto apresentado em vão pelo celebre hygienista com o titulo bem explicito de *Lei relativa á repressão da prostituição:*

«Artigo 1.º :— A repressão da prostituição, quer como provocação na via publica, quer de outro modo, é confiada ao chefe de policia.

«Artigo 2.º : — Con fia-se ao dito magistrado um poder discricional sobre todos os individuos que se entregam á prostituição publica.

«Artigo 3.º :— A prostituição publica declara-se conhecida e averiguada, já pelo testemunho de dois agentes pelo menos, já por notoriedade, já por inquerito baseado em queixa ou demanda.

«Artigo 4.º : — Poderá o chefe de policia fazer, relativamente aos que por officio favorecem a prostituição, assim como relativamente aos estalajadeiros proprietarios e principaes inquilinos, quantos regulamentos julgar convenientes para a repressão da prostituição.

«Artigo 5.º : — O chefe de policia poderá fazer os regulamentos que julgar convenientes a respeito das visitas corporaes impostas ás prostitutas no interesse da saude publica.»

A commissão nomeada pelo congresso internacional de 1867 e munida de plenos poderes para continuar a sua obra e proseguil-a até final, no que respeita á prophylaxia das enfermidades venereas, adoptou plenamente as opiniões de Parent-Duchatelet e as propostas de Jeannel, relativas á necessidade de uma lei que investisse a administração da jurisdicção especial e das funcções sanitarias em materia de prostituição. (V. *Congrés medical international de 1867,* Paris, 1868.)

Os relatores, Crocq e Rollet, em nome da dita commissão, expressam-se do seguinte modo:

«Ainda hoje a prostituição entra na cathegoria das materias não regidas pelo codigo.

«Invocam-se os decretos de policia e notoriamente a ordenação de 1878.

«Mas esta ordenação é absolutamente prohibitiva e não poderia servir de regra de conducta a respeito da prostituição tolerada.

«Cada cidade deve fazer um regulamento de policia, e adoptar um *modus vivendi* provisorio relativo á prostituição.

«Parece que a administração não está lá muito segura de si mesma.

«E não está realmente, por isso que comprehende que n'estas questões em que a liberdade individual entra em jogo, poder-se-hia lançar-se-lhe em rosto que exhorbita dos seus deveres, e até certo ponto accusal-a de arbitraria...

«A edade da inscripção, a duração e a gravidade dos castigos têem muitas vezes variado. Tomam-se a miudo meias medidas, e a repressão da prostituição clandestina nem sempre prosegue com egual actividade.

«E, se estes inconvenientes se notam em Paris, muito mais para notar são nas capitaes de provincia, onde o cuidado da policia das prostitutas está confiado a funccionarios de ordem muito menos elevada.

«Uma lei que investisse regularmente a administração d'essa jurisdicção especial, e d'essas funcções sanitarias, que a mesma administração attribuisse a si propria, digamol-o assim, por necessidade e urgencia, tornaria a sua missão muito mais definida, a sua tarefa mais facil, e permittir-lhe-hia dirigir-se com passo seguro á repressão dos abusos e ao aperfeiçoamento de instituições, que a respeito da melhora physica da especie humana não disse ainda a sua ultima palavra.»

. . . .

. . . .

A prostituta clandestina, que vive a expensas dos desconhecidos, por ella *pescados* ao acaso, differe essencialmente da mulher amancebada *(entretenue)* cuja existencia está a cargo de um concubinario.

Mas a mulher amancebada, que muda de amante, approxima-se da prostituta clandestina, e approxima-se d'ella cada vez mais, á medida que as suas relações cada vez menos duradouras, se tornam ephemeras.

O primeiro seductor, o amante a quem ella só offerecia o attractivo dos prazeres carnaes, acaba por se cançar de uma associação onerosa á qual todo o sentimento do dever é extranho, e cujo escandalo oppunha obstaculos a qualquer collocação honrosa e regular, ou então mudou de residencia, foi chamado ás armas, adoeceu ou morreu, resultando de tudo isto para a desgraçada rapariga o abandono e a mais completa penuria, por isso que a rapariga pobre, não tendo o valor de prover ás suas necessidades por meio do trabalho, soffre ne-

---

[1] Esta ordenação do intendente de policia Lenoir, datada de 16 de novembro, prohibe a toda e qualquer mulher ou rapariga dissoluta *raccrocher* homens pelas ruas e logares publicos da cidade de Paris, sob pena de lhes ser rapada a cabeça e de serem marcadas no hospital, e em caso de reincidencia de serem açoitadas pela mão do carrasco. Outro sim prohibia a todo o proprietario, ou principal inquilino das casas da referida cidade e arrabaldes, o alugal-as ou subalugal-as a pessoas de maus costumes, sob pena de 500 libras de multa.

cessariamente as vicissitudes a que está exposto aquelle cujo trabalho a sustenta.

Se veio a ser mãe, raro é que se encarregue de crear seu filho. Ordinariamente entrega-o á caridade publica, e se por acaso quer ella propria creal-o, fal-o-ha partilhar uma existencia de miseria e de desordem, no seio da qual a tenra prole não tardará a morrer.

Finalmente vê-se reduzida a viver com o trafico dos seus encantos.

Onde começam, porém, as escandalosas desordens que motivam a intervenção da policia?

Que circumstancias, que factos justificam a inscripção, esse acto grave e decisivo que tem por consequencia sequestrar a mulher da sociedade das pessoas honradas e prival-a das garantias do direito commum, entregando-a ao poder discricional da policia?

O erro em tal assumpto, fôra um crime, de que a administração publica se tornaria culpada.

Protectora da liberdade e da segurança dos cidadãos, esmagaria com o seu poder irresistivel uma victima da miseria e da seducção.

Alguns conselhos benevolos, a assistencia e o auxilio a tempo lograriam salvar a joven ignorante, inexperiente, embriagada pelo ardor da juventude, pelo exemplo das suas companheiras, e a policia teria a crueldade de imprimir na sua fronte o infamante sello da prostituição!

A acção da policia é uma das mais difficeis. Os escandalos da prostituição pertencem a esse numero de materias indicadas pelo artigo 304 do codigo penal francez, quer dizer, que não foram regulados pelo codigo, e que se regem por leis e regulamentos particulares, mais ou menos discordantes e sujeitas a interpretações diversas.

«Resulta d'aqui que a opinião publica impõe á policia as condições cujos termos se combatem tão precisamente, que chegam a neutralisar-se.

«Por um lado, exige-se que a policia proteja a saude e a moral publica; por outro exige-se que respeite a liberdade individual.

«Ora não sendo possivel salvaguardar a moral e a saude publica, senão prendendo as mulheres cujo officio é atacal-as constantemente, e como não póde prender-se essas mulheres sem excitar reclamações singularmente violentas, hesita-se e retrocede-se perante uma resolução radical!...

«Um individuo qualquer, um negociante respeitavel, um contribuinte, que á noite ao chegar ao seu club tenha dito:

—«Santo Deus! Onde irá isto parar!?... Os boulevards estão infestados de mulheres perdidas. É impossivel passear por alli levando pelo braço uma esposa ou uma irmã. Em que diabo pensará a policia, que não trata de varrer esta immundicie?»...

Se á meia-noite, ao sahir do club, esse mesmo homem respeitavel e sensato vir um agente de segurança publica a prender uma mulher em flagrante delicto de provocação, e se, segundo o invariavel costume em casos taes, essa mulher chorar, gritar, se revolver no chão debatendo-se e clamando por soccorro, esse respeitavel cidadão, tão zeloso defensor dos bons costumes, insul-

tará os agentes, procurará arrancar-lhes a *victima,* que elles arrastam, e talvez chegue a esquecer-se de si proprio até ao ponto de os maltractar!...

Quando a policia se decide a prender uma d'essas creaturas, é difficil imaginar a qualidade e o numero de pessoas, que se agrupam n'esse momento para intercederem em seu favor e reclamarem a desgraçada!

«Entre as numerosas prisões effectuadas uma noite ha poucos annos, commetteu-se um erro deploravel em detrimento de duas actrizes de um theatro subvencionado.

«As consequencias d'esta aventura foram deploraveis. A moralidade e a saude publica foram invocadas, e apostrophadas violentamente.

«Os periodicos embriagados de alegria por este pequenino escandalo, não cabendo em si de contentamento por poderem encontrar em erro uma policia que não obstante é a egide e a providencia de Paris, patrocinaram a causa das mulheres indevidamente presas, e desde então, essas rusgas tão proveitosas que varriam os boulevards e expulsavam da circulação essas desgraçadas, provocadoras incessantes de obscenidades e torpezas, foram pouco a pouco esquecidas e abandonadas. (Maxime du Camp, *Paris, ses organes, ses fonctions sa vie.*)

Pela sua parte, os hygienistas reclamam as mais energicas medidas contra o flagello da prostituição clandestina, e queixam-se da indulgencia e brandura da policia.

Para que se tem tantas contemplações para com essa classe de mulheres, cuja porta, aberta sempre ao primeiro que chega, tem por assim dizer uma chave banal em circulação?

«Por que é que essas mulheres de prazer, que afinal de contas não são senão a bohemia, mais ou menos disfarçada da prostituição, teem o direito de arruinar impunemente não só a saude, mas tambem os costumes e a fortuna da juventude rica e devassa de nossos dias?

«Haveria muito quem deplorasse a honra de algumas d'estas mulheres arrestadas prudentemente, quando se applaude a captura d'esses bandidos insignes, quando não estão mais adiantados nas habilidades do crime, do que essas sereias nos refinamentos do vicio?» (Garin.)

Boens chega ao extremo de considerar a prostituição clandestina como um ultrage á moral publica, e de propor reprimil-a e castigal-a pela applicação do artigo 334 do codigo penal, completado d'este modo:

«Toda a mulher casada ou solteira, que sem auctorisação da auctoridade local attentar contra os costumes, entregando-se habitualmente á prostituição, será castigada com seis mezes a dois annos de prisão, e uma multa de 50 a 500 francos.»

Como se fosse possivel attentar contra os costumes com auctorisação da auctoridade local!...

Por outra parte, os administradores, que teem visto as cousas mais de perto, queixam-se da difficuldade da tarefa, que teem de desempenhar:

«É preciso saber-se que esta medida (a prisão das mulheres dissolutas) tão necessaria para proteger os costumes, a ordem e a salubridade publica, vae

sendo cada vez mais pesada. Nunca exigiu mais energia, e ao mesmo tempo mais comedimento. Finalmente, é impossivel desempenhal-a, se não entrarmos em conta com o concurso moral de todas as pessoas honradas.

«Temos de contar com o interesse e a piedade que requer a posição das infelizes cahidas no abysmo da prostituição, com as probabilidades de emenda que podem mostrar, considerar as circumstancias, apreciar o que seja accidental e definitivo, affrontar desesperos que ameaçam com o suicidio, contar ainda com o affecto, as esperanças e os esforços das familias, substituir-se por vezes a estas, e sobretudo nos casos em que se tracta de menores, inclinar-se ante a responsabilidade e os direitos da auctoridade paternal.

«A inscripção de officio, imposta em circumstancias discutiveis e susceptiveis de crear resistencias invenciveis é uma deploravel medida, um perigo permanente, sem proveito para a disciplina e para o interesse sanitario. Mas as negativas obstinadas e persistentes de submissão não se produzem nos casos em que os elementos de apreciação são multiplos e absolutos.» (Lecour.)

Em resumo, a decisão que faz de uma rapariga mais ou menos dissoluta uma mulher publica, e lhe inflinge uma nota indelevel de infamia, deixada necessariamente ao arbitrio da policia, é uma das mais graves e delicadas attribuições.

Dissémos ha pouco que a arbitrariedade da policia é inevitavel, toda a vez que a lei não póde enumerar as condições da tolerancia, sem admittir em principio a prostituição.

No emtanto, é possivel attenuar os perigos d'esta arbitrariedade, e a isso devem applicar-se os jurisconsultos, secundados pelos hygienistas.

Para lograrem este fim, propõe Jeannel dois meios egualmente efficazes:

1.º Melhorar o pessoal da policia;

2.º Aperfeiçoar os regulamentos e as instrucções.

Quanto ao primeiro:

Todas as deliberações relativas á inscripção, ou á eliminação das prostitutas, á obrigação ou á dispensa da visita sanitaria, á mudança de residencia, ás denuncias, ás replicas, ás contravenções, á vigilancia da rua publica e dos quartos mobilados *(garnis)*, são propostas ao chefe superior de policia por um empregado subalterno, chamado chefe do *Bureau des mœurs*.

Não só o seu criterio e a sua energia devem governar a prostituição, mantendo-a sem a alentar, e esforçando-se por conciliar o que é inconciliavel —a moral publica e os vicios radicalmente incorregiveis da civilisação: não só desempenha o difficil officio de medianeiro entre a policia e a hygiene publica, mas tambem principalmente é elle quem decide da sorte das prostitutas clandestinas, por meio das propostas que submette á auctoridade superior.

Um numero consideravel de raparigas comparece todos os annos na sua presença, e os seus processos, as suas ordens e os seus conselhos pódem preservar dos horrores da prostituição publica uma multidão de desventuradas, que estavam prestes a resvalar da miseria ao vicio.

Evidentemente não ha funcção, não ha magistratura que exijam mais actividade, paciencia e probidade.

Um cargo similhante, que deposita nas mãos de um homem tão graves interesses, as entranhas da população, o porvir de tantas raparigas, que por meio d'elle poderão livrar-se talvez da vergonha, da esterilidade, do embrutecimento, um cargo similhante não poderia ser convenientemente desempenhado por um subalterno, cuja intelligencia e cuja instrucção não impuzessem o sufficiente respeito, e ao qual a exiguidade dos emolumentos exporia ás seducções pecuniarias, deixando-o em lucta com as necessidades da vida.

Em Paris, o numero annual de inscripções é de 780.

No espaço de cinco annos, o *Bureau des mœurs* da grande capital restituiu ás suas familias ou confiou a protectores respeitaveis 5:217 raparigas, detidas por prostituição clandestina.

Nenhuma reforma seria, pois, mais util do que uma que tomasse a peito elevar em toda a parte as funcções de chefe do *Bureau des Mœurs*, não as confiando senão a individuos de moralidade e capacidade reconhecidas.

O chefe do *Bureau des Mœurs* tem ás suas ordens um numero mais ou menos consideravel de inspectores especiaes, encarregados de applicar o regulamento de que mais adiante fallaremos.

Estes inspectores tantas vezes mal retribuidos offerecem na maioria dos casos escassas qualidades de intelligencia e de moralidade.

Muitos prefeitos ou *maires*, desprezando o que se refere á prostituição e ao *Bureau des mœurs*, sacrificam este serviço secreto aos interesses mais apparentes da policia geral.

Em Paris, por exemplo, no tempo do segundo imperio, os inspectores *des mœurs*, distrahidos do seu serviço logo que a opposição occasionava ao governo algumas inquietações, passavam para as fileiras da policia politica.

Em taes casos, a corrente quotidiana das prostitutas clandestinas, enviadas para o Dispensario, paralysava de repente, e os medicos diziam:

—«Ha receios de tumultos: o *Bureau* não funcciona.»

N'outras partes, logo que um inspector da policia dos costumes se distingue pela sua intelligencia e actividade, dão-lhe um accesso na policia geral.

É assim que se explica a mediocridade d'esse pessoal, as suas brutalidades, a sua venalidade, etc.

Ousaremos dizel-o?

Cidades ha em que os inspectores dos costumes fazem a corretagem, ensinando aos libertinos a morada de certos *nymphas*, aproveitando emfim as funcções do seu cargo para á sombra d'ellas se entregarem ao mais odioso e infame proxenetismo.

Dar a conhecer similhantes abusos, é quanto basta para indicar as reformas que exige o serviço do *Bureau des mœurs*.

Quanto ao segundo meio, aperfeiçoar os regulamentos e instrucções:

Os regulamentos particulares e as instrucções administrativas constituem a jurisprudencia, que suppre o silencio da lei quanto aos factos que motivam a inscripção.

Quanto mais precisos forem estes regulamentos, quanto mais claras e minuciosas forem estas instrucções, tanto mais se attenuarão as divergencias

resultantes de apreciações pessoaes, e por conseguinte, os inconvenientes da arbitrariedade administrativa.

Essa arbitrariedade, causa do enfraquecimento da auctoridade, e tantas vezes do descredito das instituições policiaes, não póde continuar, se a serio se quizerem diminuir os estragos da prostituição, o seu escandalo e immoralidade.

É grave a questão, e urge resolvel-a, do modo mais racional e exequivel.

Aos poderes publicos, tantas vezes distrahidos da sua grave missão por intrigas mesquinhas e ridiculas bagatellas, cabe o dever de modificar este deploravel estado de cousas.

CAPITULO XVII

SUMMARIO

Parte legislativa da prostituição em Paris — Instrucções dos agentes especiaes encarregados da vigilancia das prostitutas clandestinas. — Casos em que ha flagrante delicto, ou pelo menos presumpção sufficiente de prostituição clandestina.— Auctorisação dos paes de familia. — Documentos curiosos. — Casos em que as prostitutas clandestinas vão pedir a inscripção. Modos porque se effectua a matricula. — Protestos contra a matricula. Matricula das menores.—Sentença da *Cour de Cassation*. — A prostituição das menores. — Regulamento da policia dos costumes de Paris.—Matricula das prostitutas.—Alojamento.—Casas de prostituição e pensionistas que n'ellas existem.— Prostitutas isoladas —Obrigações e prohibições que lhes são impostas — Visitas bi-hebdomadarias. — Visitas gratuitas.— Tabella e pagamento das visitas sanitarias. — Visitas sanitarias nas casas de prostituição. — Affecções contagiosas ou não contagiosas.—Pessoal medico em Paris.—Pessoal de policia.—Resultados do serviço sanitario de Paris.

Examinemos agora a parte legislativa da prostituição em Paris e em nossos dias, e para esse fim, comecemos pelas instrucções dadas na grande capital aos agentes especiaes encarregados da vigilancia das prostitutas clandestinas, instrucções que serviram de modelo a quasi todos os povos civilisados, que se têem occupado d'este genero de serviço policial.

Dizem o seguinte:

«Os inspectores, encarregados da vigilancia das prostitutas não submettidas, devem proceder com a maior circumspecção a respeito das que encontrarem na rua publica, seguindo-as até ás casas de tolerancia e ao domicilio das inscriptas, afim de não procederem á sua detenção, senão quando não houver a menor duvida ácerca do seu caracter.

«Não se poderá proceder á prisão de uma insubmissa ou clandestina, em logar publico aberto á prostituição, senão quando houver indicio de flagrante delicto, ou declaração da rapariga ou do homem encontrado com ella de que houve provocação da parte d'ella a um acto de libertinagem.

«Os inspectores não procederão á prisão na rua publica de uma clandestina á qual não tenham podido surprehender n'um dos casos anteriormente mencionados, senão quando uma vigilancia prolongada lhes tiver feito observar factos susceptiveis de serem averiguados e definidos, já prendendo-a no momento de sahir de um logar de prostituição, ou circulando com prostitutas declaradas, já por occasionar com as suas provocações ultrage publico ao pudor.

«Os inspectores terão sempre com estas mulheres as attenções que a dignidade da administração requer, reservando-se para fazer constar juridicamente os ultrages ou vias de facto, de que tiverem sido objecto por parte d'ellas, abstendo-se da maneira mais absoluta de todo e qualquer meio de surpreza

ou de suborno. Sejam quaes forem as circumstancias em que ellas forem presas, as clandestinas serão conduzidas immediatamente á presença do commissario de policia da secção onde o arresto se verifique, afim de que sem demora se possa proceder ao seu exame.

«N'uma capital que encerra innumeraveis elementos de desordem, a vigilancia que a prostituição exige, revela a miudo faltas, que apesar de contrarias aos bons costumes, não podem ainda assim ser consideradas como actos de prostituição, nem dar logar ás medidas de que estes actos são ordinariamente objecto. Assim, pois, succede ás vezes que mulheres casadas e raparigas solteiras, sem terem perdido de todo em todo o sentimento da honestidade, se abandonam, cegas por uma paixão culpada, a homens habituados a aventuras galantes, os quaes as conduzem, sem ellas saberem, a casas de prostituição. Em casos taes, importa em alto gráu evitar demoras que poderão ter funestissimas consequencias, para as pessoas cuja ausencia prolongada revelasse as suas faltas, sem proveito para a moral, e com prejuizo da tranquillidade das familias.»

O douto Jeannel, analysando estas instrucções, que no seu entender carecem de clareza e concisão, propõe o texto seguinte:

«Ha flagrante delicto, ou quando menos, presumpção sufficiente de prostituição clandestina nos casos seguintes:

«1.º—Quando uma joven é surprehendida sem reincidencia em um logar publico, ou mesmo na rua, entregando-se a actos de libertinagem com um homem que declare não a conhecer e não responder por ella. N'este caso, o delicto de prostituição clandestina é complicado com o delicto de ultraje publico ao pudor, e muitas vezes com o de vagabundagem.

«2.º—Quando uma rapariga, não tendo meios de subsistencia conhecidos e honrosos, é surprehendida em reincidencia, introduzindo no seu domicilio um individuo que encontrou na rua publica ou n'um logar publico, e o qual faz a mesma declaração já citada.

«3.º—Quando uma rapariga é surprehendida como reincidente n'um quarto mobilado, ou n'uma estalagem juntamente com um individuo, que faz a declaração anterior.

«4.º—Quando em periodos não longos os agentes encontraram a mesma rapariga nas ruas ou nos logares publicos com homens differentes, ainda mesmo que cada um d'elles possa declarar que é seu amante ou protector.

«5.º—Quando uma rapariga é surprehendida em reincidencia n'uma casa de passe, ou quando os agentes a vêem entrar ou sahir de uma d'essas casas.

«6.º—Quando uma solteira de menos de 45 annos de edade entra como creada n'uma casa de prostituição.

«7.º—Quando uma rapariga, creada de uma estalagem, e denunciada de ter communicado a enfermidade venerea, se encontra atacada de syphilis.

«8.º—A frequentação e convivencia com as raparigas inscriptas ou com as donas das casas de passe é assimilhada ao flagrante delicto de prostituição clandestina.

«9.º—Em todos os casos anteriormente definidos, a rapariga por uma

informação escripta e assignada por dois agentes, será convocada ao *Bureau des mœurs* por meio de uma carta; e quando se recusar a comparecer, poderá ser presa e conduzida á viva força por ordem do chefe da referida repartição, que avalia a gravidade do facto.

«10.º—Quando a rapariga comparece ante o chefe do *Bureau des mœurs*, este submettel-a-ha, a respeito da sua familia, dos seus antecedentes, da sua profissão, etc., a um interrogatorio, de que guardará nota escripta para formar os elementos de um processo, ao qual accrescentará a certidão de edade da rapariga, documento que se obterá, mediante uma carta official escripta em nome do chefe de policia e dirigida ao *maire* da localidade, onde a rapariga disser ter nascido.

«11.º—Se do conjuncto das informações resultar que a rapariga tenha renunciado decididamente ao trabalho, e que não tenha outros meios de subsistencia além da prostituição; se estiver atacada de syphilis, e se não houver esperança de a ver voltar á vida honesta, o chefe do *Bureau des mœurs* pedirá ao prefeito de policia licença para a matricular. Os paes, se se tracta de uma menor, ou o marido, tractando-se de uma mulher casada, deverão ter sido previamente avisados, para se tornarem a encarregar da culpada, e para attenderem ás suas necessidades, vigiando a sua conducta. Deve escrever-se directamente aos paes, mas as indicações do domicilio d'elles, na maior parte dos casos são vagas. Chegará a carta ao seu destino, e terá que esperar-se muito tempo pela resposta? Para obviar a estes inconvenientes, a carta destinada ao pae de familia é remettida fechada ao *maire*, com o pedido de a fazer chegar ás mãos do interessado e de dar parte da sua entrega. Ás vezes recorre-se á intervenção discreta e caritativa do parocho da localidade. Se os paes não respondem a este communicação, é mister então dirigir-se com a mais prudente reserva ao *maire* da povoação, afim de se conhecer das intenções da familia.

«As respostas frequentemente escriptas por intermediarios insufficientes, são manifestações de pesar, recriminações ácerca da má conducta anterior, ás vezes o desejo de que a filha desgarrada volte ao lar paterno, mais a miudo a petição indirecta de uma collocação n'um asylo de caridade, appellando-se para esse fim á benevolencia do governo. Quando se pede o regresso da culpada, quasi nunca se tracta do meio pratico de o realisar, quer dizer, da remessa do dinheiro necessario para a viagem.

«Alguns paes, no auge da afflicção e da vergonha, accodem do extremo da França a Paris para levarem comsigo sua filha, que não quer partir, ou que está demasiado enferma de syphilis para se pôr a caminho, e as desgraçadas, n'esse afflictivo lance, acham-se completamente destituidas dos meios pecuniarios indispensaveis para ficarem em Paris, ou para regressarem á sua terra! Outros, enganados por suas filhas, ou feitos seus cumplices, encarregam de os representarem perante a auctoridade para as reclamar entes abjectos, que lhes são indicados por suas filhas, e cujo papel não é senão um verdadeiro proxenetismo.

«Paes tem havido até, que movidos por um vergonhoso e infame lucro, serviam de instrumento, já ao auctor, já ao explorador da libertinagem, e oc-

cultavam a sua intervenção pelas suas diligencias pessoaes.» (V. Lecour:— *La Prostitution à Paris et à Londres.*)

Ás vezes os paes respondem, enviando um consentimento authentico, legalisado por um *maire* imbecil. Eis um exemplo:

«Eu abaixo assignada, Isabel J***, declaro conceder, não sem grande pesar, mas cedendo ás instancias de minha desgraçada filha Maria, a licença que me pede para se estabelecer n'uma casa de tolerancia, renunciando inteiramente aos meus direitos sobre ella, e auctorisando-a a ceder ao seu capricho e ao seu desgraçado destino.

«Em testemunho do que lhe passo a seguinte declaração, para servir e valer a quem de direito corresponda.

«Pau, 28 de julho de 1867.»

A isto segue-se a declaração de que a mãe da desgraçada não sabe lêr nem escrever, e uma outra do *maire* da cidade de Pau, certificando que a chamada Isabel J*** comparecera na sua presença, e que tendo declarado não saber escrever, fizera a declaração precedente em presença de Thiago H***, e Raymundo M***, chamados como testemunhas, e que tambem assignaram.

O que é mais frequente é a prostituta clandestina, perseguida e inquietada pela policia, ir reclamar a matricula, que lhe confere o direito de entrar n'uma casa publica, ou de frequentar as casas de passe, ou de fazer no seu proprio domicilio o commercio do seu corpo, sem poder ser inquietada por ninguem, mas ainda assim com uma condição, a de obedecer aos regulamentos que vigoram para a prostituição publica e de soffrer as visitas sanitarias. Por isso as inscripções voluntarias são muito mais frequentes que as de officio, e o predominio de umas sobre as outras subministraria talvez um meio de comparar entre si as differentes capitaes, quanto á vigilancia dos inspectores encarregados de perseguirem a prostituição clandestina.

De resto, comprehende-se que em geral a diminuição das duas classes de inscripções deve denunciar a escassez de vigilancia, porque se esta fosse nulla, não se verificaria nenhuma inscripção nem voluntaria, nem de officio. Em Paris no espaço de 16 annos, ou seja de 1816 a 1832, sobre 12:544 inscripções evidenciaram-se os seguintes algarismos:

Prostitutas que foram voluntariamente á matricula, 7:388; idem que foram alli conduzidas pelas donas de casas, 4:436; dando um total de matriculas voluntarias de 11:824. Juntando a este numero 720 matriculas de officio, temos um total geral de 12:544 matriculas. Calculando estes mesmos elementos para 1:000 matriculas, temos: prostitutas que foram voluntariamente, 589; idem levadas pelas donas da casa, 354, quer dizer, matriculas voluntarias, 943, sendo o resto, 53, matriculas de officio.

Em Bordeus, durante um periodo de 7 annos, de 1855 a 1861, n'uma totalidade de 1:216 matriculas, houve o seguinte: voluntarias, 1:005; de officio, 221. Calculando agora para mil matriculas, temos: voluntarias, 826, e de officio 174.

Não nos cansaremos em insistir sobre esta materia, porque é muito sujeita a controversias. Indicaremos apenas, sem podermos explicar a causa, a

seguinte differença nos resultados da acção da policia, em Paris e em Bordeus. Assim, resumindo a estatistica, temos matriculas de officio em Paris, 57 por 100. Em Bordeus, 174 por 1:000.

Podiamos levar mais longe a estatistica, e citar n'este ponto o que se passa a este respeito nas diversas capitaes da Europa. Temos dados certissimos e solidamente averiguados de Vienna, Berlim, Madrid e S. Petersburgo. Desnecessario é, porém, adduzil-os, em abono de um facto que não suscita a menor duvida. A diminuição dos algarismos das matriculas denuncia sempre a escassez da vigilancia policial.

Não ha muitos annos ainda, n'uma das pequenas cidades francezas da fronteira pyrenaica, um honrado sapateiro, laborioso como poucos, mas que tinha a fraqueza de se embebedar ao domingo, deixou perder suas filhas por causa d'esta criminosa fraqueza.

Durante a semana, o bom do homem mourejava como um negro, auxiliado pelo filho mais novo, e as raparigas, duas bonitas e frescas moçoilas de 16 a 18 annos, tratavam do governo da casa com uma dedicação e cuidado, proporcional ao terror que o genio desabrido do auctor de seus dias lhes inspirava.

Ao domingo tudo mudava. O trabalhador indefesso queria desforrar-se da faina da semana, e lá ia para a taberna com o filho e companheiro. Alli passava o dia e a noite, deixando as raparigas completamente sós em casa.

Eram bonitas e frescas, e pouco bastou para que se perdessem. Primeiramente, os rapazes da visinhança, e pouco depois todo o mundo, encarregaram-se de fazer companhia ás filhas do sapateiro, de as corromperem, de as desgraçarem, n'uma palavra.

E isto passava-se, sem que o sapateiro desconfiasse de cousa alguma!

Passado tempo, as duas raparigas appareceram em miseravel estado. A syphilis devastava-lhes o organismo, e assim se mantiveram por algum tempo, sem que a policia interviesse.

Finalmente foram detidas, levadas ao hospital, e em seguida matriculadas.

Quando o sapateiro soube da infelicidade das filhas, o seu furor não conheceu limites. No primeiro momento, conspirou-se contra a policia, julgou-se victima d'uma atroz vingança.

Não teve remedio, porém, senão resignar-se, tanto mais que a culpa fôra sua!

Do que deixamos exposto, deduz-se que a matricula no registro da prostituição publica se verifica de duas maneiras, a requerimento das prostitutas, chamando-se n'este caso *matricula voluntaria*, ou por ordem do chefe da policia, e recebe então o nome de *matricula de officio*. No formulario do registro das prostitutas, cada inscripção é documentada por uma especie de processo verbal, onde constam os signaes da matricula e as razões que a moveram a dar esse passo. Esse documento é o sello da sua infamia e ao mesmo tempo a salvaguarda da mulher e da sociedade. Da mulher, para os actos da vida; da sociedade para o pudor dos costumes.

N.°

SIGNAES DA PROSTITUTA

Profissão
Edade
Naturalidade
Filha de
E de
Domiciliados em
Estatura
Cabellos
Sobrancelhas
Olhos
Testa
Nariz
Bocca
Barba
Tez
Signaes particulares
Data do seu nascimento......

No anno de 187 aos do mez de perante nós, delegados pelo governador, compareceu a chamada cujos signaes vão á margem

(Aqui os factos comprovados contra a mulher.)

Attendendo a taes factos e a que ha necessidade, em interesse da saude publica, de submetter ás medidas sanitarias a referida mulher

Ordenamos a sua inscripção no registro de mulheres publicas, depois de lhe haver dado conhecimento das disposições regulamentares relativas á policia das prostitutas, com os quaes deverá conformar-se no futuro.

A referida depois de se haver inteirado do contheudo, assignou comnosco

Paris, de de

Assignatura da prostituta,

O chefe de policia,

Se a prostituta não sabe assignar, faz uma cruz.

Inscripção no registro de policia das mulheres publicas.

As disposições regulamentares com as quaes a prostituta tem de conformar-se estão impressas no livrete, que se lhe entrega no momento da inscripção. Os considerandos dos diversos processos verbaes, contidos n'este registro, indicam claramente os motivos que determinam o chefe de policia a ordenar a inscripcão de uma prostituta. Eis alguns d'estes motivos:

«Inscripção voluntaria de uma rapariga de maior edade, que nunca fôra inscripta em parte alguma, a qual declare não querer procurar n'outra parte os seus meios de subsistencia. Visto o seu livrete de operaria, visto as suas informações, que nol-a apresentam como prostituta clandestina, ouvida a sua recusa formal a entrar n'uma casa de arrependidas, e o cynismo affectado com que recebem os nossos conselhos, attendendo a que ha factos, etc., etc.»

A matricula ou inscripção voluntaria de uma prostituta já inscripta n'outras partes e que chega com intenção de continuar o seu officio, não precisa de outros considerandos, senão da verificação do exercicio anterior da prostituição n'outras capitaes... «A qual declara não vir a..., senão com o fim de exercer o officio de prostituta, tal como fez em Paris, Genova, Turim, Genebra, Nice, Marselha, Tolosa e Pau. Visto o seu passaporte, attendendo a que, surda a nossos conselhos... etc., etc.»

....

O articulado das inscripções de officio das raparigas maiores não differe do das menores, de que mais abaixo fallaremos. Se succedesse que uma rapariga, cuja matricula de officio fosse decidida, recusasse assignar o registro e acceitar o livrete, ver-se-hia obrigada a isso com o receio de prisão. Este rigor está plenamente justificado pelos factos numerosos de prostituição clandestina averiguados a seu respeito, pela syphilis que se lhe encontrou, e emfim pelo conjuncto de informações lenta e pacientemente recolhidas pelo chefe do *Bureau des mœurs*. Ainda assim, as resistencias são de todo excepcionaes, e nunca têem por motivo a resolução de voltar a uma vida sensata e honesta e, quando se manifestam, é porque a rapariga tem idéa de se subtrahir á obrigação das visitas sanitarias, ainda mesmo continuando a viver na libertinagem.

A severidade empregada, pois, em casos taes deve ser considerada como absolutamente necessaria, e cousa alguma póde n'essa severidade assustar ainda os jurisconsultos mais zelosos da liberdade dos cidadãos, se tem n'alguma conta a saude e a decencia publica. No emtanto, se a rapariga se recusasse absolutamente a assignar, far-se-hia menção da sua negativa, junto do processo verbal, e passar-se-hia adiante.

Succede ás vezes que uma mulher, citada pela vez primeira a comparecer como prostituta clandestina, protesta com energia contra as informações dos agentes. N'estes casos, o chefe do *Bureau des mœurs,* ao interrogal-a póde facilmente conhecer, segundo as suas respostas, se é certo que a accusada tenha meios honrosos de existencia, e se não tem habitos de prostituição, nem intenção de se entregar a ella. Em casos assim, a attitude da accusada, a sua firmeza, a indignação, o desespero com que desmente a informação dos agentes, bastam de sobejo para demonstrar que estes ultimos foram enganados por funestas apparencias, e que exorbitaram das suas attribuições.

Passando agora á inscripção ou matricula das menores, diz Lecour o seguinte:

«Nada mais grave, nada mais pesado e cheio de responsabilidade para a policia do que a matricula de uma menor. Facilmente se comprehenderá se se attender a que é mister que a presença de uma menor n'uma casa de prostituição tolerada se justifique por averiguações previas, decisivas, para que a dona da casa possa exemptar-se de facto, se não de direito, á applicação do artigo 334 do codigo penal, que tem por objecto castigar a excitação das menores á libertinagem. Uma sentença do Tribunal de *Cassation*, pronunciada no mesmo sentido pode resumir-se do seguinte modo: «Ha delicto em favorecer a libertinagem de uma menor, por exemplo: Admittindo-a n'uma casa de tolerancia, como prostituta, ainda quando um regulamento local tolerasse esta admissão para as raparigas menores de 21 annos, por isso que um tal regulamento não tem o poder de restringir as prohibições do artigo 334 do codigo penal. A excepção allegada de que, pelo menos, o culpado poude de boa fé julgar-se no direito de usar do beneficio d'este regulamento, não tem logar por motivos sufficientemente explicitos, quando na sua decisão o juiz do facto attribue os numeroros actos de corrupção de menores reconhecidos a cargo do culpado e de suas praticas fraudolosas, accrescentando que os decretos municipaes nunca podem prevalecer contra a lei.»

Tractava-se de um homem dono de uma casa de tolerancia, na qual haviam tido logar varios actos de corrupção de menores. Em definitiva, o artigo 334 do codigo penal pode ser applicado ás donas de casas toleradas, que dão alojamento a menores: no emtanto, as necessidades da pratica e as importantes considerações que dizem respeito á repressão da prostituição fazem com que não haja questões em taes condições, a não ser que tenha havido como no caso anteriormente citado incidentes especiaes de corrupção de menores, claramente averiguados.

Não é raro que uma menor, reclamada pela sua familia que protesta contra a matricula, e detida frequentemente por delicto de prostituição, se recuse a voltar ao seu paiz, quando antes de recorrer á matricula de officio que excitaria a reclamação dos paes se tomou o partido de operar a remessa por applicação da lei de 2 de julho de 1852, que permitte affastar da capital os individuos que carecem de meios de subsistencia. No emtanto, esta medida é medianamente efficaz, visto que, se é possivel fazer conduzir uma rapariga á sua terra pelos gendarmes, não o é o impedil-a de voltar á capital, onde espera ganhar a sua vida na prostituição.

A lei de 3 de dezembro de 1874, que applica a expulsão do territorio aos extrangeiros desprovidos dos meios de subsistencia, offerece á administração o modo de se desembaraçar das prostitutas clandestinas menores que tenham vindo das nações visinhas; n'este caso a administração sollicita a intervenção dos embaixadores dos respectivos paizes, para o effeito da repatriação. N'algumas cidades o regulamento não admitte officialmente a inscripção das menores. Em Lyon, por exemplo: «as menores não são inscriptas nem a pedido seu nem de officio: só se toleram quando não ha outro remedio, e submettem-se

ás visitas sanitarias como as matriculadas. Em nenhum caso podem ser admittidas em casas publicas.»

Bom será notar que o registro da matricula não tem por fim senão formar a lista das prostitutas isoladas e submettidas á visita sanitaria. A reserva da policia de Lyon a respeito da matricula das menores é, pois, mais apparente que real. Effectivamente, de que serve dizer-se que não se matriculam as menores, desde o momento em que se forma a lista d'aquellas, cuja prostituição é tolerada com a condição da visita sanitaria?

Esta especie de escrupulos de certas administrações locaes, no que diz respeito á inscripção das menores tornadas perigosas para a moralidade e para a saude publica, parecem-nos perfeitamente illogicos. Ou se deve impedir absolutamente a prostituição das menores, e n'esse caso é mister encerrar nas penitenciarias até á sua maioridade todas as raparigas que se recusam a trabalhar, que vivem do commercio do seu corpo e causam os escandalos publicos e os perigos d'elles resultantes; ou é necessario resignar-se a tolerar a prostituição d'estas raparigas, e n'esse caso é forçoso submettel-as a uma vigilancia particular, ou a visitas sanitarias periodicas; quer dizer, prival-as do direito commum, matriculal-as. Não pode haver meio termo.

As menores, convictas de delictos ou crimes, não são condemnadas pelos tribunaes? Assim o exige a protecção social, não obstante a menoridade dos individuos.

A responsabilidade da administração fica sufficientemente a coberto pelos documentos do processo, que estabelecem ao mesmo tempo a incorrigivel corrupção da menor, e o continuo perigo a que ella expõe a saude publica.

«No emtanto, diz Jeannel, eis em que deve consistir, em nosso entender, a acção protectora da administração, pelo que diz respeito ás menores:

«A policia deve perseguir com extremo rigor todo o que tenha attentado contra os costumes, excitando ou facilitando habitualmente a libertinagem, ou a corrupção dos jovens de um e outro sexo, menores de edade de vinte e um annos, e sobretudo se a prostituição tiver sido excitada, favorecida ou facilitada por seus paes, mães, tutores, ou outras pessoas encarregadas da sua vigilancia.» (*Codigo Penal*, art. 330.)

A administração da policia está instituida e armada para isto.

A rigorosa applicação d'este artigo diminuirá a prostituição das menores.

No emtanto é preciso convir em que ficará sempre um numero bastante consideravel de raparigas menores de 21 annos, sem domicilio, sem documentos, estrangeiras, negando-se a toda a classe de trabalhos que a policia recolherá na rua publica, entregando-se ao primeiro que chega, do mesmo modo as encontrará sempre nas casas de passes, nos cafés cantantes, nos bailes publicos, nas tabernas, sempre em procura de um homem novo, surdas aos conselhos, rebeldes aos castigos, e constantemente infestadas de syphilis.

Que destino se deve dar a essa escoria da sociedade? Encarceral-as até á sua maioridade ou matriculal-as. Mas o encarceramento é uma pena que não póde ser applicada senão pelos tribunaes, e se esses se recusarem a applical-a, o que se ha de fazer? Não receiamos affirmar com Parent-Duchatelet que a ma-

tricula é ainda a salva-guarda necessaria e unica da sociedade contra os escandalos e perigos da prostituição, exercida n'estas condições por algumas raparigas menores. Um regulamento de 30 vendimiario, anno XII (12 de outubro de 1804) ordenava: «que não seria inscripta rapariga alguma sem se averiguar se era núbil.»

Este regulamento auctorisava implicitamente a matricula na edade de 16 annos pouco mais ou menos.

Em 1823, Delavau, prefeito de policia, ordenava que nunca se procedesse em caso algum á matricula de uma rapariga menor de 18 annos. A policia não tardou a demonstrar a necessidade de proceder ás vezes á inscripção desde a edade de 16 annos, o que foi decidido por Debelleyme em 1828. Em Paris, de 12:550 raparigas inscriptas nos registos da policia, desde o anno de 1816 até ao de 1832, 2:043 haviam-no sido antes de completarem os 18 annos, e 6:274 antes dos 21. No periodo decennal de 1857 a 1866, as 4:079 raparigas recem-matriculadas em Paris, subdividem-se do seguinte modo: raparigas ou mulheres de mais de 21 annos, 2:743, ou 67 %; menores de 21 annos, 1:354, ou 33 %; sendo o total d'estas matriculas, 4:097. E das 1:354 menores, 302 tinham menos de 18 annos e 1:052 passavam dos 18. Muitos regulamentos locaes admittem, como em Paris, a inscripção das menores incorrigiveis, que se entregam á prostituição não tendo outros meios de subsistencia e são um perigo para a saude publica. As menores, do mesmo modo que as prostitutas de mais de 21 annos, são inscriptas ou a pedido seu ou de officio. A administração de policia só se decide a matricular as menores a seu pedido, depois de um grande numero de provas, e de tomar a este respeito as maiores precauções.

Eis um exemplo tirado do respectivo registo na folha em que se tracta de inscrever uma menor a pedido seu:

«... A qual declara entregar-se á prostituição clandestina e não querer tratar de ganhar a sua vida honradamente;

«Vistas doze inquirições motivadas pela sua má conducta; vista a recusa de seus paes para se encarregarem d'ella, visto um documento contendo a alta do hospital dos syphiliticos; vista a certidão de edade da abaixo mencionada; vista a auctorisação do prefeito, e reconhecida a inutilidade dos nossos conselhos etc. etc.»

Emfim terminamos pela acta da matricula de officio de uma menor, muito joven ainda.

É curioso vêr até que ponto chega a prudencia da policia a este respeito. Dir-se-hia que prevê as censuras que lhe poderiam fazer, e que prepara minuciosamente a sua justificação:

«... A qual se entrega á mais descarada prostituição, de um anno a esta parte em... e se dedicava a ella anteriormente em... vistas vinte e cinco informações baseadas no seu mau comportamento; vista a correspondencia do sub-prefeito de ...; visto um documento de alta do hospital dos syphiliticos; vistas as nossas informações ao prefeito com data de ... e de ... attendendo a quatro detenções por actos de libertinagem; attendendo ás numerosas queixas

occasionadas pela libertinagem d'esta rapariga; attendendo á inutilidade das advertencias feitas a esta desgraçada e a sua mãe, examinada a certidão de edade da abaixo nomeada; em presença da auctorisação do prefeito; etc. etc.

....

....

Em Paris, o regulamento da policia dos costumes é constituido por decretos e instrucções governativas, que nunca foram codificadas.

Este cahos dá margem a interpretações e apreciações pessoaes, e é um obstaculo insuperavel á adopção de um regulamento typo, applicavel a todas as cidades de França.

Titulo i: *Inscripção*: — Já expusemos alguns dos factos, que dão logar á matricula das prostitutas clandestinas. Examinemos agora o que o regulamento diz a este respeito:

«Toda a mulher que se entregar notoriamente á prostituição publica é reputada uma prostituta, e registada como tal, quer a instancia sua, quer de officio.

A medida do registro consiste na inscripção de cada uma em particular com os nomes e appellidos da mulher, sua edade, paiz e profissão anterior, e bem assim os motivos que a determinaram a recorrer á prostituição.

Antes do registro dar-se-lhe-ha conhecimento dos regulamentos relativos ás prostitutas.

O registro é quasi sempre voluntario.

Não se procede de officio senão com um pequeno numero de mulheres que, entregando-se manifestamente á libertinagem, tendo já sido muitas vezes prezas por isto, ou então atacadas de enfermidades contagiosas, recusam-se a submetterem-se a medidas, ás quaes é dever da auctoridade sugeital-as, no interesse da ordem e da hygiene publica.

Titulo ii: — *Alojamento das prostitutas*. As prostitutas que constam do registro dividem-se em duas classes:

As isoladas, quer dizer as que têem um domicilio particular, e as pensionistas, denominação que cabe a todas as que vivem em casas de prostituição.

«No momento do registro, devem indicar a classe, que desejam pertencer, e podem em seguida passar de uma classe a outra, mediante previa auctorisação de viver na cidade na qualidade de prostitutas isoladas. Esta auctorisação não pode dar-se a todas as mulheres que a pedem. É uma especie de favor confiado á prudencia do chefe de policia, que o concede ás que conservaram algum resto de pudor e cujos costumes e modos, relativamente reservados, não motivarem reclamações da parte da visinhança.»

Assim, em nossa opinião, o regulamento deveria dizer:

«Uma prostituta inscripta não pode passar á cathegoria de isolada, senão com auctorisação do chefe de policia.»

«Este funccionario decide tambem, em rasão de conveniencias locaes, do alojamento que ella deve occupar.»

Titulo iii: — *Casas de prostituição — Pensionistas que as occupam*. As mulheres que teem casas publicas chamam-se «*Maitresses de maison*»: «donas

de casa», e não podem exercer este cargo sem auctorisação da administração, auctorisação que não conseguem sem a apresentação por escripto do consentimento do proprietario da casa onde desejarem estabelecer-se, e se forem casadas devem tambem apresentar a auctorisação de seu marido.

É obvia a rasão porque estas casas devem estar á maior distancia possivel das egrejas ou dos templos, dos palacios nacionaes, dos monumentos, das repartições ou estabelecimentos publicos, e sobre tudo das escholas e collegios. No interesse da visinhança, deve exigir-se que as janellas das casas de prostituição tenham por dentro duas cortinas e por fóra tabuinhas ou cadeados. Os vidros devem tambem ser foscos.

As donas das casas são responsaveis por todas as desordens que houver, tanto no interior como no exterior das suas casas, desordens commettidas pelas mulheres que teem em casa, ou pelas que recebem de passagem.

As casas de prostituição originam com frequencia as reclamações dos proprietarios visinhos. Tem acontecido o dirigirem-se alguns d'estes á justiça para obterem o encerramento d'estas casas ou uma indemnisação por perdas e damnos. O tribunal de Besançon repelliu um pedido d'esta especie no anno de 1859. Mas o tribunal *Cour de Cassation*, por sentença de 3 de janeiro do mesmo anno, annullou a dos primeiros juizes, e condemnou os proprietarios e inquilinos da referida casa a pagar os damnos e prejuizos que os supplicantes exigiam. Apesar d'esta sentença, o tribunal de primeira instancia do Sena recusou-se a deferir um pedido similhante, por ordem de 25 de abril de 1860.

Eis aqui agora o modelo do livrete que se entrega ás donas de casa de prostituição.

(Modelo n.º 34)

Fulana de tal.......................................
Rua de..
Inscripta a folhas........... do protocolo de registro das donas de casa de prostituição.

Por baixo d'estes dizeres, ha as obrigações geraes a que ficam sujeitas estas mulheres. São as seguintes:

«As donas de casa de prostituição são obrigadas a fazer registrar, no praso de 24 horas, nas secretarias da repartição de saude, as mulheres que se apresentarem em sua casa para alli viver.

«Quando uma mulher, inscripta no livro de uma dona de casa, saír do estabelecimento, esta deve igualmente, no praso de 24 horas, apresentar-se na mesma repartição para dar conta da sahida. Quando a entrada ou a sahida de uma mulher se verificar na vespera de um dia feriado, depois do meio dia, a dona da casa deve fazer a declaração d'isto no dia seguinte, antes do meio dia.

«As donas das casas devem ter as suas janellas constantemente fechadas, os vidros foscos e os postigos fechados á chave.

«As que tiverem a faculdade de fazer circular alguma prostituta, ou de collocar alguma creada á porta, não poderão deixal-as sahir senão meia hora

depois da hora marcada para se começarem a accender os lampeões da cidade; em nenhuma estação deve ser antes das 7 da noite, e devem fazel-a recolher a casa ás 11 da noite em todos os tempos.

«Devem velar para que o aspecto das suas pensionistas seja decente, devem impedil-as de provocarem a libertinagem por meio de gestos ou palavras indecentes ou obscenas, de frequentarem as tabernas, de se embriagarem, de se demorarem na rua, de formarem alli grupos ou de andarem reunidas.

«Quando no intervallo, de uma visita medica a outra, descobrirem que a prostituta está atacada de uma enfermidade contagiosa, deverão conduzil-a immediatamente á repartição de saude.

«Ficam encarregadas, sem a menor desculpa, de informarem sem demora o commissario de policia e o chefe de semana da repartição de saude de todos os incidentes que se derem dentro ou fóra das casas, por causa das suas pensionistas.

«Fica-lhes severamente prohibido receber menores e discipulos de collegios e escholas nacionaes, civis ou militares, quando se apresentem com seus uniformes.

«Como é terminantemente prohibido ás donas das casas, dos arrabaldes e bairros distantes, deixar circular as prostitutas pelas ruas, deverão vigiar para que não se ausentem muito sem motivo plausivel.

«As portas da entrada deverão estar constantemente fechadas.

«Não poderão collocar á janella copos, garrafas, frascos ou outros objectos que possam indicar servirem-se alli bebidas. Esta prohibição é applicavel ás casas de prostituição de Paris, que tiverem café ou outro estabelecimento do mesmo genero.

«As donas de casa que contravierem estas disposições serão punidas com a suspensão, ou se lhes retirará definitivamente a licença.»

Effectivamente, a suspensão ou a prohibição absoluta são os unicos castigos que administrativamente se podem impor.

As multas arbitrarias, exigidas pelo chefe da policia, dariam margem a gravissimos abusos, ou pelo menos a perigosas imputações.

«O numero das prostitutas que podem habitar nas casas de prostituição fica subordinado ás exigencias da localidade.»

Esta redacção parece-me extremamente vaga. Na pratica o chefe de policia é quem decide, depois do exame do edificio, do numero de prostitutas que uma casa póde conter.

Parece-nos pois que o artigo deveria ser redigido assim:

«O numero de prostitutas que cada casa pode conter será determinado pelo chefe de policia, segundo as disposições do local.»

As disposições geraes continuam:

«Em nenhum caso e em estabelecimento algum, poderão duas prostitutas dormir no mesmo leito.

«A mãe e a filha, ou duas irmãs menores, ou duas irmãs uma das quaes não tiver attingido a maioridade, não podem exercer o officio de prostituta na mesma casa, ou debaixo do mesmo tecto, se forem prostitutas isoladas.

«Em caso algum tambem as prostitutas inscriptas que vivem n'uma casa publica ou n'um quarto alugado poderão habitar com um concubinario.

«Fica prohibido ás donas de casas publicas e ás prostitutas inscriptas conservarem em sua casa seus filhos ou filhas de mais de 4 annos de edade.

TITULO IV: —*Prostitutas isoladas—Obrigações e prohibições impostas.—Visitas bimensaes.—Visitas gratuitas.—Tarefa e pagamento das visitas sanitarias*: —As prostitutas isoladas, ás quaes se costuma dar o nome de prostitutas de livrete, recebem um cujo modelo vamos apresentar. Consta de anverso e reverso.

O anverso menciona os nomes e appellidos da prostituta, a sua morada, o numero da sua inscripção, os *vistos* das visitas bimensaes e os seus resultados favoraveis ou desfavoraveis, que se mencionam d'este modo: enfermidade, com um *E*; saude com um *S*.

O reverso contém as obrigações e prohibições impostas ás mulheres publicas. Eis o modelo:

(Anverso)

187 — Nomes / Morada / Numero de inscripção

MEZES	1.ª 15.ª	VISITA	2.ª 15.ª	VISITA
Janeiro.				
Fevereiro.				
Março.				
Abril.				
Maio.				
Junho.				
Julho.				
Agosto.				
Setembro.				
Outubro.				
Novembro.				
Dezembro.				

O reverso diz assim:

PREFEITURA DE POLICIA

1.ª DIVISÃO — (Modelo n.º 49)

2.ª direcção — **OBRIGAÇÕES E PROHIBIÇÕES**

3.ª SECÇÃO — IMPOSTAS ÁS PROSTITUTAS

As mulheres publicas com livrete são obrigadas a apresentar-se uma vez pelo menos cada quinze dias na repartição de saude para serem visitadas.

«São obrigadas a apresentar o seu livrete, quando lh'o pedirem os nossos agentes e outras empregadas da prefeitura.

«Não lhes é premittido provocar á libertinagem durante o dia. Não poderão vaguear pela rua até meia hora depois da marcada para accender os candieiros, e em nenhuma estação antes das 7. Ás 11 deverão voltar ás suas casas.

«Devem usar um trajo simples e decente, que não attraia os olhares tanto pela sua riqueza, como pelas cores brilhantes, como pela exageração das modas. Prohibe-se-lhe tambem fallar aos homens que forem acompanhados por mulheres ou creanças, ou dirigir a quem quer que seja provocações em voz alta ou com escandalosa indecencia.

«Não podem a qualquer hora e sobre qualquer pretexto apparecer ás janellas, as quaes devem estar constantemente fechadas e cobertas com persianas ou cortinas.

«Não podem porém estacionar nas ruas publicas, formar grupos e circular reunidas, ir e vir n'este espaço limitado, e fazer-se seguir ou acompanhar por homens.

«Fica-lhes egualmente prohibido o transito nas cercanias dos templos, nas passagens cobertas, nos *boulevards* desde a rua Montmartre até á Magdalena, nos jardins e arredores da Palais-Royal, nos das Tulherias, Luxemburgo jardim das Plantas egualmente pelos Campos Elyseos, Esplanada dos Invalidos, antigos *boulevards* exteriores, pontes, caes e em geral nas ruas e logares desertos e obscuros.

«Fica-lhes egualmente prohibido frequentar os estabelecimentos publicos ou casas particulares, onde se possa favorecer clandestinamente a prostituição as mezas redondas das estalagens, o domiciliarem-se em casas particulares, onde houver um collegio, e finalmente exercerem o seu officio fóra do bairro em que habitarem.

«Tambem lhes é prohibido partilharem do seu alojamento com um concubinario ou com outra mulher, ou habitarem n'um quarto mobilado sem a competente auctorisação.

«As prostitutas absterse-hão, quando estiverem no seu domicilio de tudo quanto possa dar logar ás queixas dos visinhos ou dos traseuntes.

«As que contravierem as disposições precedentes, as que derem falsas indicações de morada ou de nome, incorrerão em castigos proporcionados á gravidade do caso».

Tal é o modelo dos livretes.

. . . .

. . . .

As prostitutas, obrigadas a receber a visita sanitaria, devem pagar as suas despezas? Não fallaremos da contribuição que pagam as proxenetas e as prostitutas, d'esse imposto immoral e odioso que torna o governo cumplice da prostituição pela recepção de uma parte dos seus beneficios, d'esse imposto monstruoso que torna as proxenetas e as prostitutas devedoras do estado e as obriga a desempenhar o seu officio, para poderem pagar a tempo, d'essa aberração fis-

cal, condemnada por todos os talentos, e que enche de colera os corações honrados. Infelizmente existe ainda n'alguns pontos: crêmos, porém, que em breve será universalmente abolida.

Vejamos agora, se é justo exigir da parte das prostitutas o pagamento das visitas sanitarias, que são obrigadas a soffrer no interesse da saude publica.

Parece-nos que, posta a questão n'estes termos, não deve restar a menor duvida. A visita é obrigatoria sob pena de prisão. Exigir, pois, o pagamento, sob egual pena das mesmas desgraçadas que a soffrem, é uma exacção, ou um imposto forçado.

As prostitutas acham-se á mercê da administração. Merecem o desprezo, é verdade, mas pela sua parte os poderes publicos deveriam seguir com ellas o ideal da probidade e da justiça, pondo de lado a immoralidade e a abjecção de que são verdadeiramente culpadas.

As prostitutas isoladas actualmente em numero de 2:650 na capital da França, são visitadas de 15 em 15 dias na repartição de saude, situada na prefeitura de policia, no centro de Paris. As pensionistas, em numero de 2:000, são visitadas nos domicilios.

Devemos prevenir o leitor de que todos estes algarismos e informações se referem a um periodo muito anterior á actualidade. No estado actual, a prostituição da grande capital franceza apresenta numeros muito mais consideraveis.

Reportamo-nos, porém, ao original de Peratoner, baseado em calculos e documentos de 15 a 20 annos a esta parte.

. . . .

Como dissemos, na perfeitura de policia são visitadas duas vezes por mez as prostitutas isoladas e além d'isso todas as inscriptas e detidas por contravenções, as que chegam de novo, as que sahem do carcere ou do hospital, as que são denunciadas como enfermas, e finalmente as clandestinas detidas pelos agentes e inspectores do serviço.

Não existe na repartição de saude mais de que um gabinete para todas as visitas.

Este gabinete communica por uma parte com a sala de espera, onde as prostitutas estão reunidas, sob a vigilancia de um agente, e por outro, por uma porta sempre aberta, com um gabinete, onde os medicos teem os seus registros.

O gabinete de visita está mobilado com uma meza apropriada em fórma de leito, e tem como accessorios uma tabua revestida de uma lamina de estanho da altura de um metro, collocada diante da janella, e sobre a qual se encontram á mão os instrumentos necessarios, a saber: *speculum*, pinças, sondas, azeite, algodão, toalhas, e embaixo um lavatorio.

As mulheres depois de entrarem uma após outra no gabinete destinado á visita, sahem pelo escriptorio, onde um medico está encarregado de fazer a lista nominal das visitadas e inscrever os diagnosticos das enfermidades.

Estes diagnosticos são-lhe dictados em voz alta, no momento em que a mulher sae do gabinete. Além d'isso, dá a cada enferma um bilhetinho em papel branco, do qual aqui damos o modello:

PREFEITURA DE POLICIA

1.ª DIVISÃO

2.ª REPARTIÇÃO

3.ª SECÇÃO

REPARTIÇÃO DE SAUDE

PROSTITUTAS ISOLADAS

Dia de de 187

A chamada
que vive
foi visitada, e acha-se afectada de

O medico de serviço,

Todas as prostitutas encontradas enfermas são detidas n'uma sala especial até ao fim da sessão: depois são levadas a Saint-Lazare em carroagens fechadas, analogas ás que servem para o transporte dos presos.

A visita das prostitutas clandestinas, presas diariamente pelos inspectores, é reservada ao medico em chefe, e verifica-se de manhã á hora por elle mesmo determinada, no gabinete commum. Emquanto dura esta visita, sempre bastante curta, attento o numero limitado de mulheres d'esta cathegoria, 5 ou 6 por dia, interrompe-se momentaneamente a visita das isoladas.

Procede-se com as clandestinas encontradas doentes, da mesma maneira, que acabamos de explicar para com as isoladas. Em summa, os medicos hão-de visitar em duas semanas ou, abstrahindo dos domingos, em 12 dias, 2:650 prostitutas isoladas, reduzidas a 2:000 por ausencia justificada (enfermidades, prisão ou por desapparições) e elevadas a 2:600 pelas visitas supplementares, (chegadas, partidas, sahidas dos hospitaes). Isto faz 216 visitas por dia, e sendo as sessões de 4 horas e meia, 43 visitas por hora. Mas desgraçadamente, como ellas podem escolher na quinzena o dia que mais lhe convenha, este serviço torna-se muito irregular. Durante os primeiros dias, apresentam-se muito poucas, mas nos dois ou tres ultimos agglomeram-se em tão grande numero, que é difficillimo aos medicos empregar em cada visita toda a attenção e todo o cuidado necessario.

Não havia passado desapercebida esta observação ao antigo chefe de policia, Cartier:

«Os homens competentes, diz elle, duvidam que em rasão do grande numero de mulheres visitadas durante um dia, tenham os medicos o tempo material necessario para fazerem em cada uma d'ellas um exame serio... O numero dos medicos é insufficiente, para satisfazer ás necessidades do serviço: tal como elle hoje existe, seria mister duplicar ou triplicar o serviço medico.»

Quando uma prostituta isolada se encontra na impossibilidade de se dirigir á repartição de saude por causa de uma enfermidade commum, deve avisar por escripto o chefe da sessão dos costumes, o qual depois de ter feito constar previamente por meio dos agentes a presença da rapariga no seu domicilio, informa o medico em chefe, a fim de que o medico da circumscripção se dirija a casa da doente, para verificar se ella está na impossibilidade de ir á repartição, e se não tem doença venerea ou outra qualquer contagiosa.

Visitas sanitarias nas casas de prostituição:—As 135 casas de prostituição (Paris, 121; arrabaldes; 14) approximadamente, contém 2:000 prostitutas, divididas do seguinte modo: Paris, em 12 circumscripções, arrabaldes em 3 quasi eguaes. Cada circumscripção é confiada a um medico, encarregado de fazer cada semana todas as visitas sanitarias nas casas de prostituição. Afim de obviar a todos os inconvenientes possiveis, que costumam rodear um medico, taes como: seducção, indulgencia, negligencia, o regulamento prescreve uma mudança trimestral, de maneira que um mesmo medico apenas é encarregado da mesma circumscripção durante 3 mezes.

Em cada casa deve haver uma *chaise-longue* ou cama de visita, e uma serie de instrumentos appropriados, entre elles o *speculum*. O medico determina por si proprio os dias e as horas das suas visitas, ás quaes procede sem assistencia de nenhum inspector de policia, dirigindo todos os dias á repartição dos costumes um relatorio circumstanciado das suas visitas.

As raparigas designadas n'estes relatorios devem ser levadas á repartição de saude pelas donas das casas á hora marcada, para depois serem conduzidas a Sain-Lazare com as isoladas e as clandestinas encontradas doentes no mesmo dia.

As donas de casa, que intentem desobedecer á ordem do medico, e subtrahir as pensionistas enfermas á detenção, não as levando á repartição de saude, serão castigadas com prisão temporaria, e no caso de reincidencia definitiva, mandar-se-lhes-ha fechar a casa. No emtanto, esta especie de infracções é extremamente rara.

No gabinete da repartição de saude, a pensionista encontrada doente, é revistada por um medico, segundo o relatorio do visitador na respectiva folha, e passa-se a seu respeito com direcção ao chefe de repartição um boletim individual do modelo que já acima apresentamos, differindo sómente na côr do papel, e com a designação:

Raparigas de casas publicas.

As visitas sanitarias das prostitutas levadas a effeito nas casas de tolerancia tem muitos inconvenientes a nosso vêr, taes são:

1.° Quanto aos medicos. Ou as ditas visitas são feitas em presença dos agentes de policia, e por assim dizer com o seu concurso, e n'esse caso compromettem o caracter do medico, cujo papel não se distingue sufficientemente do da policia: ou então se effectuam, como hoje succede em Paris, sem a presença dos agentes, e em tal caso o medico assume necessariamente uma parte das funções da policia, porque é elle quem dá conta das ausencias, das infracções, das resistencias, e quem communica ás matronas a ordem de levar á repartição de saude as prostitutas por elle designadas.

Não deve ser repugnante no mais alto grau para um medico, o ter que apresentar-se só nas casas mais degradantes, para submetter ás visitas sanitarias as prostitutas de baixa ralé? Estas visitas serão sempre levadas a effeito com toda a attenção que é para desejar? E por outra parte, não será perigoso para elle o achar-se exposto ás seducções das mais habeis proxenetas, ou das prostitutas, nos sumptuosos *bordeis?*

2.º Em quanto ás visitas propriamente ditas: Não é possivel que ellas sejam effectuadas tão commodamente, e por conseguinte com tanta segurança, nas casas de prostituição, como n'um gabinete com muitas luzes, especialmente mobilado e disposto para esse fim.

Assim opina Carlier: «Os homens competentes, diz elle, perguntam a si proprios se as visitas feitas nas casas de tolerancia apresentam tantas garantias, como as que são feitas na repartição de saude.»

. . . .

Os boletins individuaes, brancos para as prostitutas isoladas, côr de roza para as pensionistas, são as informações enviadas pela repartição medica á repartição publica. A folha individual, de que logo daremos copia, é destinada a formar um repertorio por ordem alphabetica de todas as prostitutas inscriptas ou matriculadas.

A data das visitas soffridas pelas isoladas annota-se durante a sessão. É um dos medicos que faz este serviço, emquanto que o outro procede á visita. Quanto ás pensionistas, as suas visitas não são mencionadas porque se consideram como imprescindiveis. Sómente se toma nota das mudanças, a saber: as entradas no hospital, as sahidas e as desapparições.

Este repertorio alphabetico de 5:000 folhas, proximamente, em 12 grossos volumes com encadernação movel, contendo as folhas individuaes, não só das prostitutas actuaes, senão tambem de todas as que passaram recentemente pelo serviço da repartição dos costumes, constitue a comprovação dos registros, segundo os quaes a administração se certifica da realidade das visitas:

(Modelo n.º 48)

PREFEITURA DE POLICIA

1.ª DIVISÃO

2.ª SECÇÃO

A chamada

nascida no dia de de em

bairro de inscripta no dia de de

, na edade de annos, que vive em

Anno de 187				Mez da visita	Anno de 187			
Classificação (isolada ou pensionista)	Mudanças	Data das visitas			Classificação (isolada ou pensionista)	Mudanças	Datas das visitas	
		1.ª 15.ª	2.ª 15.ª				1.ª 15.ª	2.ª 15.ª
				Janeiro				
				Fevereiro				
				Março				
				Abril				
				Maio				
				Junho				
				Julho				
				Agosto				
				Setembro				
				Outubro				
				Novembro				
				Dezembro				

Como se vê, ha em tudo isto um trabalho puramente administrativo de que se acham encarregados os medicos. Em nosso entender, é um grave defeito do serviço parisiense. Os medicos não deveriam desempenhar senão funcções medicas.

A administração submette as prostitutas ao seu exame, para que elles as declarem sãs ou contagiosas. O registro das raparigas por nomes, qualidades e domicilios, a comprovação das visitas, das suas datas ou das faltas, nada d'isto é medico, e poderia ser feito muito melhor por meio de escreventes, que de medicos.

. . . .

Vamos dar um modelo da remessa das prostitutas enfermas para o hospital de Saint-Lazare:

(Modelo n.º 58)

PREFEITURA DE POLICIA

1.ª DIRECÇÃO

2.ª REPARTIÇÃO

3.ª SECÇÃO

RAPARTIÇÃO MEDICA

PROSTITUTA

BOLETIM ESTATISTICO

DAS

ENFERMIDADES VENEREAS

Anno de 187...

Numero de inscripção...

SAINT-LAZARE

Serviço do medico...

Sala n.º...

Cama n.º...

Nome e appellido da enferma

Edade annos Profissão

Terra da sua naturalidade Domicilio

Data da remessa Data da sahida Tempo de estada no hospital

DIAGNOSTICO DA REPARTIÇÃO DE SAUDE — Caracter da enfermidade / Local...

DIAGNOSTICO DE SAINT-LAZARE — Caracter da enfermidade / Local...

TRATAMENTO — Mercurio / Ou iodureto de potassio / Outro

OBSERVAÇÕES

O medico da repartição de saude,

O medico de Saint-Lazare,

Quando a prostituta sahe do hospital, este boletim devolve-se á repartição medica acompanhado de outro boletim analogo, passado pelo medico de Saint-Lazare, contendo o numero de dias que durou o tratamento e as observações que se tenham podido fazer a respeito da rapariga.

Affecções contagiosas ou não contagiosas: — O encargo dos medicos nas visitas sanitarias tem sido diversamente interpretado. Alguns auctores pretendem que estes medicos não deviam declarar enfermas senão as prostitutas atacadas de affecções contagiosas, e que deviam deixar livres para exercerem o seu officio as que encontrassem atacadas de infecções dos orgãos genitaes, extranhas á syphilis.

A este respeito tem havido em assumptos de moralidade medica phrases ao mesmo tempo purulentas e sentimentaes.

Quanto a nós, pensamos que os medicos encarregados da visita sanitaria, sem se preoccuparem de modo algum com as questões, essencialmente sujeitas á controversia do contagio e da curabilidade, devem limitar-se a declarar enfermas todas as mulheres atacadas de affecções suppurantes dos orgãos genitaes, de qualquer indole que sejam essas affecções. «Os medicos, diz Garin, devem, sem preoccupações de theorias, declarar enferma toda a rapariga atacada de affecção mucosa, purulenta e suppurante.»

A sociedade de medicina e de cirurgia de Bordeus declara que a questão está ha muito tempo resolvida n'aquella cidade, no seu mais amplo sentido a favor da hygiene, e que não póde deixar de applaudir esta severidade, que é uma das mais rasoaveis da saude publica.

Escusamos dizer que a pratica dos medicos da repartição de saude de Paris é em tudo conforme a esses principios de hygiene.

O pessoal medico da repartição de saude de Paris é composto de 16 medicos titulares e de 4 supplentes. O serviço é distribuido do seguinte modo:

Um msdico em chefe, encarregado da direcção do serviço e da correspondencia com o chefe da repartição dos costumes e com o chefe da direcção que representa o prefeito.

Quinze medicos titulares tem a seu cargo as visitas semanaes nas casas de prostituição, comprehendidas na área de Paris. Seis medicos estão diariamente de serviço na repartição para as visitas, tendo sessões de hora e meia cada uma. Para as visitas nas casas de prostituição, a capital foi dividida em 12 circumscripções eguaes. Um medico está encarregado de fazer as visitas semanaes em cada circumscripção, durante um trimestre, de maneira que não torna a funccionar no mesmo local senão ao cabo de 3 annos.

Os arrabaldes estão divididos em 3 circumscripções: os medicos encarregados das visitas sanitarias nas casas de tolerancia das referidas circumscripções, muito distantes do centro, estão dispensados de qualquer outro serviço.

Pessoal da policia: — Os inspectores especiaes aggregados ao *Bureau des mœurs* de Paris, são em numero de 40, sendo 35 para o serviço activo e 5 para o serviço interior da repartição. Este numero é verdadeiramente insufficiente como o provam, em primeiro logar a prostituição clandestina tão mal reprimida, em segundo logar o numero incrivel de prostitutas isoladas, que

conseguem subtrahir-se á visita, e finalmente a syphilis nos hospitaes especiaes, sempre cheios, e enchendo até os hospitaes ordinarios.

Eliminações: — Os pedidos de exempção provisoria das visitas sanitarias, e em seguida a eliminação definitiva são deferidos depois de um periodo de prova de conducta regular, cuja duração é determinada pelo chefe do *Bureau des mœurs*. O matrimonio é um motivo de eliminação immediata. Concede-se egualmente a eliminação, quando um homem justificando meios de existencia, declara encarregar-se de prover ás necessidades de uma rapariga inscripta e tomal-a a seu serviço.

A eliminação concede-se immediatamente ás prostitutas inscriptas que se tornam donas de casa, e eis o motivo d'isto: as donas de casa não se entregam á sua clientella, porque se tal fizessem, em concorrencia com as raparigas que exploram, perderiam a auctoridade que lhes é necessaria para dirigir o seu estabelecimento. Por isso a administração não tem o menor interesse em prival-as de um privilegio, que as eleva aos olhos das suas pensionistas, que vem a ser uma garantia de boa ordem interior e de disciplina.

Resultados do serviço sanitario em Paris: — Eis, segundo Lecour, o numero dos enfermos de venereo admittidos nos hospitaes de Paris em 1867 e 1868:

	Enfermos recebidos	
	1867	1868
Hospital do Meio-Dia	3226	3185
» de Lourcine	1030	3185
Hotel-Dieu	134	136
Piedade	114	90
Caridade	152	138
Santo Antonio	94	141
Necker	21	50
Cochin	5	6
Beaujon	98	95
Lariboisière	89	105
Saint-Louis	562	676
Enfants malades	3	4
Sainte-Eugéne	7	6
Casas de parto	7	3
Clinicas	10	12
Casa municipal de saude	73	68
Enfants assistés	41	21
Enfermaria de Saint-Lazare	1357	1694
Hospital militar do Val de Grace	»	820
» » » Gros Caillou	»	331
» » » San Martin	»	385
» » » Vincennes	»	371
	7016	9362

435 militares atacados de syphilis foram transferidos de Versailles para os hospitaes de Paris, durante o anno de 1868, o que reduz para este anno o numero dos militares syphiliticos da guarnição de Paris a 1472 (1907—435.)

«Sem receiarmos que nos apodem de exaggerados, accrescenta o referido auctor, podemos considerar que a cifra dos syphiliticos admittidos nos hospitaes não representa mais de $\frac{1}{5}$ dos que são tractados nos domicilios pelos medicos ou que consultam pharmaceuticos ou empiricos.

«Calculando assim, chegamos a uma cifra annual de 47:500, cifra formidavel, para cuja diminuição a administração não tem outros meios senão procurar e vigiar as mulheres designadas como infectadas, e tomar a peito o exacto cumprimento das obrigações sanitarias, impostas ás prostitutas.»

Interior do serralho de Dalma-Bachi

CAPITULO XVIII

SUMMARIO

A prostituição nos diversos paizes do mundo. — A prostituição no Oriente. — Mahomet e a polygamia. — O serralho. — Os harens dos ricos e as bellas escravas georgianas. — A prostituição nos caminhos. — As *Almeias* do Cairo. — As Bayaderas da India. — Os Gourous. — O Lingam. — As prostitutas de Golconda. — A prostituição na China. — Cantão, a nova Corintho. — A prostituição no Japão. — A prostituição entre os negros da Africa. — A prostituição no Taiti. — A prostituição na nova Zelandia. — A prostituição em Londres. — A liberdade do bem e a liberdade do mal. — Numero de prostitutas, segundo o doutor Colquhoun. — A policia e a sua intervenção na prostituição. — As ruas da grande metropole ingleza. — O West-end. — O doutor Ryam. — Edade das prostitutas em Londres. — Causas da prostituição. — Uma anedocta. — Recrutamento da prostituição. — Modo de vida das prostitutas. — Influencia da prostituição na saude publica. — Influencia da prostituição na moralidade e na segurança publica. — Tentativas de reforma. — A prostituição nas diversas cidades inglezas. — Liverpool. — Manchester. — Edimburgo. — Medidas policiaes na Inglaterra. — Bombaim.

DEPOIS de nos termos occupado largamente da cidade de Paris, vamos conduzir o leitor a regiões longiquas, n'uma excursão rapidissima, que terá apenas por fim fazer-lhe aquilatar melhor as vantagens que a civilisação concede á especie humana.

No Oriente, os costumes não soffreram o benefico influxo do christianismo; alli perpetuou-se até nossos dias a polygamia, e Mahomet fez d'ella uma lei. Ainda hoje os mussulmanos teem tantas mulheres quantas podem alimentar. O Sultão sustenta mais de 2:000 no seu serralho, e nos harens dos ricos encontram-se rebanhos de bellas escravas georgianas e circassianas, destinadas ao prazer brutal d'aquelles homens effeminados.

N'este capitulo, occupar-nos-hemos um pouco largamente do serralho do sultão Abdul-Medjid, e de alguns dos mais faustuosos harens dos turcos opulentos.

Abdul-Medjid, que era bem conhecido pela sua bondade, pela sua generosidade para com todos, e sobre tudo pela extrema fraqueza que tinha pelas suas mulheres, a ponto de não lhes poder recusar cousa alguma, preoccupado sem cessar da sua felicidade, teve um dia um rasgo de magnanimidade, que pinta bem os sentimentos elevados d'este monarcha, e mostra quanto o seu coração estava aberto sempre ás grandes dedicações e aos grandes sacrificios, quando se tractava da felicidade de uma mulher.

O sultão viu um dia em casa de uma grande dama turca, chamada Missire-el-Anem, uma escrava de uma belleza extraordinaria. O sultão ficou logo perdidamente enamorado e determinou compral-a para fazer d'ella a sua favorita; mas a senhora d'esta escrava, que amava ternamente a pobre creança, que tivera por ella cuidados e disvellos de mãe, que a tinha mesmo adoptado, de-

clarou ao soberano que nunca lh'a cederia, senão com a condição de sua magestade a tomar por sua legitima esposa... É de saber, porém, que na Turquia se prohibe ao sultão o casar com uma escrava perante a lei; o illustre apaixonado fica desesperado com esta resposta, e a sua primeira idéa é expulsar do coração a imagem da bella escrava. Fica muito tempo sem a vêr, contando que a ausencia o curasse do seu amor; a experiencia demonstra-lhe, porém, que a ausencia é um remedio mediocre, por isso que a imaginação lhe torna mais bella e mais seductora ainda a mulher amada...

E como o amor não conhece obstaculos, o sultão decide-se a arrostar com as leis e com os usos... e casou com a escrava. Recorreu a todas as maravilhas do luxo oriental para preparar no serralho uns aposentos destinados á nova sultana; cobre-a de joias e de diamantes, as roupas e os vestidos d'aquella mulher custam-lhe sommas fabulosas, e bem depressa essa escrava obscura tornada a mulher do sultão, possue equipagens sumptuosas, está rodeada de todos os requintes d'um luxo inaudito, de todos esses cuidados delicados que um homem verdadeiramente apaixonado costuma ter pela mulher amada. Coisa singular! A posse, longe de diminuir a paixão de Abdul-Medjid, dá-lhe novos alentos: o sultão está apaixonado e cada vez mais apaixonado!

Todavia a sua felicidade, não era perfeita porque a bella Ketiras deixava-se amar, mas não amava. Ao cabo de algum tempo, a indifferença da formosa sultana transformou-se em frieza; de frieza passou a tristeza, empallideceram-lhe as rosas das faces, e com os olhos languidos e amortecidos, a joven assimilhava-se a um bello lyrio, vergado sobre a haste ao sopro da tempestade. E quando todas as mulheres do serralho lhe invejavam a felicidade, ella era a mais desgraçada das sultanas!...

Naturalmente a frieza, a indifferença de Ketiras augmentava cada vez mais o amor do sultão; acirrava-o a ideia de possuir a mulher sem lhe possuir o coração. Em vão redobrava as attenções e os cuidados... o pobre homem não adiantava um passo! Pelo contrario, cada vez perdia mais terreno!...

Um dia, Abdul-Medjid resolveu conhecer a causa d'esta indifferença, de tanta tristeza... Havia alli um mysterio, que era mister a todo o custo descobrir. Pobre sultão! antes não quizesse descobrir cousa alguma, porque ha verdades tão terriveis, que chegamos a lamentar não as termos ignorado eternamente.

A bella Ketiras estava tambem apaixonada, a ponto de perder o repouso e a saude, mas não de seu esposo; tinha dado o coração a um brilhante general que um dia vira a caracolar no seu valente cavallo do deserto, na comitiva do sultão. Eis a causa da sua tristeza, porque ella não podia vêr o seu amante senão de longe, no passeio, ou então quando elle vinha no seu *kaïk* passear no Bosphoro, debaixo das janellas do serralho: é o mesmo que dizer, que tambem o brilhante militar a amava; e o sultão veio a conhecer tudo isto, veio a saber os pormenores d'aquelle amor platonico.

Que fez o sultão? Os turcos são ciumentos como tigres, maus, vingativos, crueis, é isto o que todos dizem. Abdul-Medjid, dirá o leitor, mandou encerrar os dois amantes n'um sacco, que durante a noite foi lançado pelos seus

eunuchos ás aguas profundas do Bosphoro, ou então mais moderado, mais humano, exilou o general e encerrou n'alguma sombria masmorra do serralho a infiel sultana!... Não, meus caros amigos, sua magestade não fez nada d'isso, chorou como um simples mortal a sua ventura desfeita, as suas illusões perdidas, e sentiu pela primeira vez na sua vida o ciume a devorar-lhe o coração...

Mas o sultão disse lá comsigo:

— «Uma vez que eu a amo, e ella não me corresponde por amar outro homem, nunca será feliz comigo, e eu quero que ella seja feliz... Oh! sim muito feliz!...»

E impondo silencio ao coração, soffocando o amor proprio revoltado e os impulsos crueis do ciume, repudiou essa mulher, deu-lhe um soberbo Yally, (palacio), comprado expressamente para ella nas margens do Bosphoro, e ao cabo de trez mezes, comprehendendo que a ex-sultana nunca ousaria pedir-lhe a permissão de casar com outro homem, querendo até evitar-lhe a falta de delicadeza de lhe exprimir este desejo, deu-lhe elle proprio ordem para casar com o general, e deu um novo posto e mais opulentos soldos ao seu feliz rival.

No dia em que se celebrou este casamento, o pequeno numero de felizes que tiveram a honra de se approximar do sultão, notaram que sua magestade tinha os olhos vermelhos ... e da primeira vez que a sua carruagem se cruzou nas alamedas do Bosphoro com a da esposa do general, houve quem notasse que o sultão empallidecia...

A generala tinha adquirido no palacio habitos de luxo e de dissipação. Sem reflectir que os recursos do segundo marido não podiam comparar-se com os do primeiro, continuou a viver do mesmo modo; fez dividas, e bem depressa uma horda barbara de credores desceu sobre aquelle cazal, ameaçando apoderar-se do palacio e da mobilia.

Quando o sultão soube d'esta desgraça, deu immediatamente ordem para pagar as dividas, mas a Porta protestou; os ministros disseram-lhe que o orçamento estava muito sobrecarregado, que o povo estava descontente, que este caso iria irrital-o mais, que as dividas attingiam a somma de quatro centos mil francos.

— «Mas, observou Abdul-Medjid, se eu não pago, tiram-lhe o palacio e a mobilia, e que ha-de ser d'essa pobre Ketiras?...»

—«Senhor, chegou a occasião de dar um exemplo salutar! Queira vossa magestade exilar o general e sua mulher.»

—«Nunca!...» respondeu o monarcha.

No emtanto, os ministros insistiram de tal modo, deram tão boas rasões, que o sultão, de má vontade e a suspirar, assignou a ordem de exilio...

No dia seguinte, um vapor lançava ferro diante do palacio do general, o ajudante de campo do ministerio da guerra deu conhecimento aos dois esposos da ordem imperial que os obrigava a ir para Brousse. Ketiras apressou-se a metter as joias e todos os objectos preciosos nas malas e levou-as comsigo. No dia seguinte, os credores apossaram-se do palacio, em pagamento do dinheiro que se lhes devia.

Entretanto, o pensamento de que esta mulher que elle tanto amara e que

amava ainda, apesar de pertencer a outro, estava no exilio, doente, soffrendo talvez, a idéa sobre tudo de que ella soffria por causa d'elle, era insupportavel ao sultão. Por isso, sem dizer nada aos seus ministros, comprou um segundo yalli, fel-o mobilar com tanto luxo como o primeiro, e mandou um vapor ao logar do desterro do general, para o trazer com sua esposa a Constantinopla. Apenas voltaram, o sultão disse-lhes:

—«Uma vez que os seus credores lhe tiraram o palacio, ahi teem outro, faço-lhes presente d'elle!...»

E nomeou o general membro do conselho de estado.

....

Entremos agora no serralho de Dalma-Bacchi.

Este serralho, embora communique com o palacio do sultão, forma um palacio completamente á parte. É uma grande construcção, com rez do chão e trez andares, dando de um lado para um jardim magnifico, cercado de uma elevada muralha, exclusivamente reservada para as damas, e do outro lado para o Bosphoro.

O sultão tem os seus aposentos fóra do serralho, mas n'este edificio ha tambem algumas divisões que lhe são reservadas, e que se compõem de uma salla magestosa e magnificamente adornada, e de varias outras dependencias.

É alli que elle recebe a côrte no dia de anno bom, nas festas do Bairam, e n'outras ainda.

N'esses dias, o sultão sobe ao throno, e as mulheres, que compõem o harem, vem desfilar ante elle, segundo a hierarchia a que pertencem.

No tempo em que os sultões eram mais ferozes e menos civilisados, essas pobres damas eram obrigadas a beijar-lhe o pé. O leitor deve confessar que este uso estava longe da galanteria devida ao bello sexo! Abdul-Medjid era d'esta mesma opinião, e aboliu esse uso barbaro. Hoje em dia, uma escrava segura a extremidade de uma larga banda de seda e ouro enrolada á cintura do sultão, e as damas do serralho, ao desfilarem perante o monarcha, inclinam-se e beijam a banda dourada.

Ha no serralho uma bellissima salla de espectaculo, construida segundo o modello dos mais elegantes theatros de Paris, e decorada com um luxo inaudito. Representam-se alli operas, bailados caracteristicos e comedias. São ordinariamente as operas mais em voga em França, os bailados mais alegres e e as comedias mais divertidas, do alegre e jovial Paris, transplantadas para a lingua turca, tão sonora e tão expressiva. Os homens são substituidos, e com muita vantagem, devemos confessar, pelas damas do serralho. Dansarinos, musicos, cantores e comicos, tudo isto é escolhido entre as escravas do serralho.

Ha no palacio real jovens escravas, entre as quaes se escolhem as mais bonitas, e mestres francezes ou italianos veem dar-lhes lições. Segundo a aptidão que revelam, umas aprendem a dansar, outras o canto, outras a comedia. Umas desempenham os papeis de mulher, outras o de homem. Os *costumes* veem de Paris, e são exactamente copiados pelos que apparecem nos diversos theatros francezes.

Ha dois generos de musica, a musica official, como quem diz a musica

militar com os differentes instrumentos. As musicas vestem um costume que se assimelha bastante ao dos militares turcos, com a differença de ser mais ricamente bordado. É d'estas raparigas que se compõe a orchestra, orchestra magnifica, devemos confessar. A regente bate o compasso com uma precisão e um aprumo admiraveis.

O outro corpo de musicas do palacio é composto de raparigas que tocam piano, harpa ou violino, e que cantam, fazendo-se acompanhar d'estes instrumentos. Estas musicas vão aos aposentos das sultanas ou das favoritas, quando ellas o desejam, e distraem-nas com os seus cantos, com as suas dansas e com a sua musica.

Escusado é dizer que no theatro do serralho não entra nunca homem algum, além do sultão. Quanto ás mulheres, tem alli entrada todas as que compõem o serralho, assim como as sultanas casadas. Algumas vezes fazem-se convites entre as mulheres dos notaveis da côrte, dos ministros, etc., etc.

A *Asnadar-Anem* tem um bello alojamento, e uma bella carroagem para o seu serviço. Nos dias de festa, durante a quaresma turca, vê-se sahir do serralho com todo o seu estadão. Leva na carroagem saccos e saccos de dinheiro. Vae aos logares e aos mercados. Logo que vê um pobre manda parar a carruagem e dá-lhe um punhado de dinheiro. Não ha personagem, por mais elevado que seja, em Constantinopla, que não se incline respeitosamente diante d'ella, e que não se julgue tão feliz como lisongeado, se ella o cumprimenta com amabilidade, ou se lhe manda dizer algumas palavras agradaveis por um dos seus eunuchos. É a *Asnadar-Anem* que tem a missão delicada de provenir com um dia de antecipação, a mulher ou a favorita que o sultão deseja honrar á noite visitando-a. Ella desempenha este encargo com a mais extrema delicadeza. Vae a casa da mulher designada por sua magestade, como se fosse visital-a, e diz-lhe:

—«O sultão pediu-me hoje noticias suas. Sua magestade queixa-se de que a senhora o esquece um pouco, e que nunca lhe manifesta o desejo de o vêr. Pelo contrario, elle pensa muito na senhora, e se fôr do seu agrado, o sultão virá amanhã passar a noite comsigo.»

A dama fica advertida, e no dia seguinte adorna-se com os seus mais bellos enfeites para receber seu esposo.

No emtanto algumas vezes amuam-se, se por acaso o sultão lhes excita o ciume, fazendo presentes a uma d'ellas, dando-lhe por exemplo uma soberba equipagem ou uma joia de subido preço. A dama responde então que soffre, que deseja deitar-se cedo, etc.; era assim que faziam todas as mulheres de Addul-Medjid, quando o soberano lhes tinha dado ordem de não fazerem mais dividas, ou quando ellas tinham desejo de qualquer objecto de valor. O sultão não sabia resistir ao seu amuo, e ellas obtinham por este meio tudo quanto queriam, tendo d'est'arte todos os caprichos incriveis, que podem e costumam ter bonitas mulheres ociosas.

As outras escravas estão divididas em grupos, cada um dos quaes tem um chefe.

Não vá o leitor imaginar que todas as quinhentas mulheres do serralho

vivem juntas. Todas ellas teem o seu aposento separado, segundo a ordem e e disposição que vamos esboçar.

As seis mulheres e as quatro favoritas teem cada uma d'ellas aposentos completamente separados. Estes aposentos compõem-se de um quarto, um *boudoir*, uma sala de mesa e uma sala de visitas. Teem escravas, carruagens, cocheiros, um pessoal emfim particular, e podem deixar de vêr as outras mulheres, se assim o quizerem; mas ordinariamente visitam-se e convidam-se para jantarem, e para passarem a noite umas em casa das outras. A's vezes ha entre ellas seus dares e tomares, mas a maior parte dos dias estas damas divertem-se muito umas com as outras.

Teem-nos sempre dito que as mulheres turcas são umas pobres escravas, prisioneiras de um senhor duro e feroz, guardadas por cerbéros vigilantes. Nada menos exacto, leitor. Em primeiro logar, o que se chama prisão é um palacio esplendido, onde se reune tudo quanto póde agradar a uma mulher; em segundo logar, ellas podem sair d'elle. Todas estas damas do serralho sáem todos os dias, vão ás Aguas-Doces, a Kalender, ou então a fazer compras.

Quando teem vontade de sair, e teem-na muitas vezes, mandam apromptar a carruagem aos eunuchos, e partem sem prevenir ninguem, voltando á hora que querem, indo onde querem, sem que ninguem tenha o direito de lhes fazer uma observação.

O interior do serralho assimelha-se muito pela ordem e pela hierarchia das honras de todas estas escravas a um grande ministerio; nada lhe falta para isso, nem mesmo um ministro. Aquella que assim se póde chamar, é uma velha escrava, que tem passado por todas as honras, tendo-as desempenhado convenientemente, porque é preciso que agrade a toda a gente para ser eleita. Tem o nome de *Asnadar-Anem*. É ella que governa em todas as mulheres do serralho: é ella que dirige tudo. As mulheres, as proprias favoritas, teem deferencias para com ella, consultam-na em todos os assumptos.

Umas são as engommadeiras das damas de serviço, outras, as musicas, etc., etc... Todas ellas teem alojamentos separados, onde se lhes serve o jantar. As que são simplesmente creadas installam-se em dormitorios, divididos em vinte e cinco leitos.

As damas de honor das mulheres e das favoritas teem tambem numerosas escravas ás suas ordens, magnificos aposentos, carruagens e cavallos á sua discrição.

Todos os aposentos de serralho são mobilados com um luxo, que assombra mesmo as pessoas habituadas a vêr os melhores palacios da Europa. O que é, porém, verdadeiramente deslumbrante, são os banhos, que se encontram nos jardins do serralho.

Ha em primeiro logar o banho do sultão. Escusado será dizer que é o mais bello. *A tout seigneur, tout honneur*... Estes banhos compõe-se de varias peças.

A primeira é um salão, rodeado de divans oriental. É alli que sua magestade se despe. Enverga em seguida um robe de chambre, e para chegar gradualmente aos setenta graus de calor da salla de banho, estende-se sobre

um divan, onde fuma um ou muitos cachimbos. Passa em seguida a uma segunda salla mais luxuosa. Em volta d'ella, ha tambem divans de seda bordada a ouro. Espelhos esplendidos revestem as paredes. Flores bellas e raras, em profusão. O monarcha demora-se tambem algum tempo n'esta salla, que em temperatura é o meio termo entre a primeira salla e a do banho.

Chega finalmente a esta salla, toda de marmore, e com as paredes cobertas de espelhos. Em volta d'ella, banheiras de marmore com torneiras de ouro massiço. Enormes janellas de vidraça deixam vêr de inverno lá fóra nos campos o gelo e a neve, emquanto que n'esta salla ha setenta graus de calor!

As sallas de banho são construidas em fórma de rotunda, e o zimborio é formado de um unico bloco de crystal de rocha. A chuva e a neve, que caem sobre elle no inverno, fazem apreciar mais ainda a doce temperatura que reina no interior.

Escusado será dizer que esta salla é decorada de flores e de objectos de arte, de divans sumptuosos e de magnificos espelhos de Veneza.

O banho para os turcos consiste em ablucções. Não permanecem como nós uma hora na banheira.

Á sahida, o sultão vae-se demorando nas outras duas sallas, até se habituar pouco a pouco á temperatura do exterior.

Finalmente o banho não lhe leva menos de trez horas, bem pesadas.

Ha outros banhos ainda, o das mulheres, o das damas de honor e o das escravas empregadas no serralho. Ordinariamente estas entram no banho aos grupos de trinta ou quarenta. Dir-se-hia uma nuvem de aves, chilreando doidamente, ao ouvir-lhes as gargalhadas frescas e argentinas. Que alegre volume não se poderia escrever, contando todas as loucuras que ellas dizem!...

A maior parte dos auctores de *librettos* e bastantes poetas sentimentaes costumam representar-nos as damas do serralho, como pobres captivas, soffrendo com amargura o jugo do captiveiro, sequiosas de liberdade... Engano!...

Uma senhora franceza, de uma grande distincção, e de um espirito cultivadissimo, teve occasião de visitar o serralho de Abdul-Medjid, e ficou profundamente assombrada. Encontrou por toda a parte rostos alegres, physionomias insinuantes e desassombradas. Gargalhadas crystallinas resoavam a cada momento nos diversos aposentos. Até as proprias sultanas, abandonadas por seu real esposo, não se mostram muito pesarosas. Divertem-se todos os dias, fazem musica, dansam, e rodeiam-se de todas as maravilhas, de que a arte e o luxo podem dotal-as. Sahem a passeio para ostentarem as suas soberbas equipagens. N'uma palavra, passam alegremente o tempo, e quer-nos parecer que se as portas do serralho lhes fossem abertas de repente, nem uma só se aproveitaria da liberdade para bater as azas...

A este respeito, lembra-nos uma pequenina historia, que não deixa de ser bastante curiosa.

Naoura era dama de honor da *Pechengié-Kaden*, quer dizer, a quinta mulher do sultão. Sua ama tinha-lhe uma grande affeição. Era antes a sua amiga intima, uma especie de irmã. Naoura tinha *toilettes* e joias, quasi tão bellas como as de sua ama, e uma carroagem á sua disposição. N'uma palavra, pas-

sava no palacio a vida de uma grande dama. Sahia muitas vezes, ou para acompanhar sua ama a passeio, ou só, para fazer compras. Um dia a formosa dama notou que um moço grego, de feições esculpturaes, não parecia insensivel aos seus encantos, porque Naoura tinha essa belleza attrahente, que é o condão de todas as filhas da fria Circassia. O moço grego lançava-lhe ternos olhares, seguia-a por toda a parte, vinha dar-lhe apaixonadas serenatas debaixo das janellas, exprimindo-lhe o seu amor com uma voz sonora e melodiosa.

Naoura tinha vinte annos, a edade em que o coração tem uma necessidade imperiosa de amar. Dotado de um caracter romanesco, aquelle esbelto rapaz seguia-a por toda a parte, passando as noites no Bosphoro, recostado nas almofadas do seu *kaik*, suspirando as canções mais ternas e apaixonadas, cujo echo chegava aos ouvidos encantados e ao coração commovido da joven escrava. Ora tudo isto lhe fez alimentar uma paixão violenta pelo seu desconhecido adorador.

Um dia, Naoura apeiou-se da sua carroagem para ir fazer algumas compras a um bazar. Na occasião em que estava examinando diversos objectos, e emquanto o negociante voltava as costas para servir uma outra fregueza, Naoura ouviu murmurar aos ouvidos estas palavras ditas n'uma voz tremula:

—«Bella huri, flôr da minha vida, mais fresca e seductora que a flôr da romã, amo-te!...»

Toda perturbada e vermelha como as cerejas, Naoura voltou-se. Era elle, o homem amado, que estava alli, ao lado d'ella, roçando o seu *ferijié*, fingindo que admirava um panno qualquer. O apaixonado apoderou-se sem ninguem ver da extremidade dos seus dedos pequeninos e depoz n'elles um beijo furtivo. A joven empallideceu, apoderou-se d'ella uma emoção nova. O grego, n'esse momento, entregou-lhe um pequeno embrulho, e affastou-se vendo que o negociante se approximava.

Naoura nem sabia o que fazia; escondeu o pequeno embrulho debaixo do seu *ferijié*, e morria por saber o que elle continha. Comprou ao acaso alguns objectos de pequena importancia, e voltou a toda a pressa para casa.

Aproveitando-se de um instante em que sua ama fazia o *kief*, correu a fechar-se no seu quarto. Alli desatou o pequeno embrulho com mão febril, e viu uma pequena caixa de prata cinzelada, e na tampa duas pombas que se beijavam amorosamente. A joven encontrou dentro da caixa um bilhetinho, um cordão de sêda do comprimento d'alguns metros, e ao pé de tudo isto uma redesinha de linho continha simplesmente uma pedra.

Naoura olhava para tudo aquillo com espanto e curiosidade, sem poder saber o fim de todos aquelles apetrechos. O bilhete não tardou a explicar-lh'o: eis o que elle continha:

«Desde o primeiro dia em que te vi, perdi o repouso e o somno; tenho sempre a tua imagem diante dos olhos... amo-te como um louco, e se o meu amor te fôr indifferente, senão quizeres acceitar-me como teu noivo, só me resta morrer, porque a vida sem ti, luz da minha alma, é completamente impossivel. Tu bem o sabes, todas as noites venho collocar-me debaixo das tuas janellas. Alli canto para tu ouvires, horas esquecidas, é por ti que a minha

voz emprega os seus mais apaixonados accentos! Por meio do cordão que te remetto, poderás, alma da minha vida, dar-me um ante-gosto do paraizo do teu Propheta! Escreve-me uma palavra, colloca-a em torno da pedra n'essa pequenina rede de linho. Manda-me tambem do mesmo modo um lenço, impregnado do teu doce perfume, um lenço que tenha tocado os teus labios adorados.

«Logo que o bilhete e o lenço estiverem na rede, segura com força a extremidade do cordão e atira-o para o meu *kaik*. Um outro pedido: desejava saber o nome d'aquella a quem amo.

«Naoura leu e releu muitas vezes este bilhete, e beijou-o com transporte. Á noite respondeu ao seu amado, dizendo-lhe que correspondia apaixonadamente ao seu amor, e quando ás duas horas da manhã o ouviu cantar suavemente debaixo da janella, enrolou o bilhete n'um lenço lindissimo e metteu tudo na rede presa á extremidade do cordão. Em seguida, abriu discretamente a janella, e atirou com mão tremula a mensagem amorosa, que foi cahir no *kaik* aos pés do seu amante. Da janella viu-o á luz da lua beijar com transporte o bilhete e o lenço, e metter um outro bilhete em logar d'aquelle que acabava de tirar. Naoura enrolou o cordão em volta do braço, e d'ahi a pouco a redesinha voltava-lhes ás mãos.

O segundo bilhete era tão incandescente como o primeiro.

Durante dois mezes, os nossos apaixonados escreviam-se regularmente quasi todos os dias.

Quando Naoura sahia, estava certa de encontrar o seu namorado; n'essa occasião os dois jovens trocavam mil olhares ternos, alguns centos de beijos e muitos ramos de flores.

No emtanto a joven escrava desde o começo do seu amor transformara-se completamente. Uma doce melancholia substituira os impetos de alegria franca que sempre a caracterisaram. Estava pensativa e triste no meio das alegres risadas das suas companheiras. A sua senhora perguntava-lhe muitas vezes a causa d'aquella tristesa, uma lagrima vinha então tremer nas palpebras de Naoura, e a escrava beijando a mão da sultana, jurava-lhe que era feliz, muito feliz!

Um dia, o moço grego dirigiu a Naoura uma carta concebida nos seguintes termos:

«Amo-te Naoura, amo-te mais que a vida! Sem ti de que me serve viver? Se o teu amor é egual ao meu, comprehenderás, luz da minha vida, quanto soffro por não te poder ver senão de longe. Sou grego, e tu mussulmana, não podemos esperar casar perante a lei, mas juro-te na presença de Deus, que serás minha mulher para toda a vida. Vem, deixa o serralho, vamos esconder a nossa felicidade na minha patria.

«Hoje mesmo ás duas horas da noute estarei no meu *kaik* á tua espera; tudo estará prompto para a nossa fuga. Procura um meio qualquer de desceres, sem que te vejam, aos aposentos do rez-do-chão; d'alli facilmente poderás embarcar no meu *kaik*. Senão accederes a isto, nunca mais me tornarás a vêr.»

Este bilhete perturbou muito a dama de honor.

A razão, a afeição que tinha á sua senhora, tão boa para ella, luctaram

com aquelle amor: mas o amor ganhou victoria como sempre. N'essa noite ella escreveu um bilhetinho á sultana, em que lhe dizia:

«Minha querida e boa senhora, perdôe a Naoura, se a pobresinha fugiu para bem longe de si, apesar da profunda gratidão que devia ter e tem para com tanta bondade como a sua; mas o amor apoderou-se d'ella, e Naoura parte com aquelle que a soube vencer. A saudade da sua boa senhora seguil-a-ha sempre seja para onde fôr que vá, e Naoura pedirá sem descanço ao grande Propheta que faça bem feliz a sua querida sultana!»

Sem fazer ruido algum, durante o somno da *altimjié*, Naoura entrou no quarto da sultana e collocou este pequeno bilhete junto do leito; e ao sahir depoz um beijo e uma lagrima n'aquella mão branca e afilada, que destacava n'uma onda de seda e de cambraia. Desceu pé ante pé, até uma sala que dava para o Bosphoro. O amante estava alli, ella saltou pela janella, ligeira como uma gazella e tremula e assustada como uma pomba perdida. O grego recebeu-a nos braços e levou-a a casa de uma parenta, onde lhe fez vestir um fato de mulher grega, e d'ahi a pouco partiam para a pequena cidade de Cira, na Grecia.

Alli, em logar do bello aposento que tinha no palacio, encontrou um modesto quarto e uma pequena casa alugada pelo seu amante. Em logar dos ricos vestidos que ella usava no serralho, teve modestos vestidos; o amor aformosêa tudo, e por isso tudo lhe parecia bem. Foram felizes durante um anno. Bázia estava apaixonado, e ella tambem; mas entre outros defeitos o nosso grego era preguiçoso como o diabo, não fazia outra cousa senão comer a pequena herança de seu pae, e tão pequena era ella, que foi bem depressa absorvida pelas despezas da casa... Então o mal-estar, as privações, a miseria emfim com todo o seu cortejo de desalentos e de tristezas, veio installar-se cruelmente n'aquelle ninho dos dois amantes.

Dizia-se antigamente, no tempo dos bons amores lyricos e ideaes: «O teu amor e uma cabana!» Mas se n'essa cabana não houver sequer o pão de cada dia! O amor é uma bella flôr, de perfume suave, de côres alegres e risonhas. Para desabrochar, essa flôr tem necessidade de uma atmosphera tranquilla, confortavel, feliz.

A miseria com as suas tristes consequencias de pouco tempo precisa para a fazer pender na haste murcha e desfeita, morta emfim. Vão fallar d'amor áquelle que tem o estomago mortificado pela fome, que lhe faz andar a cabeça ás voltas, que lhe produz penosas sensações... Esse homem responderá: — Bifteck! Por isso em casa dos nossos dois namorados, ás doces palavras d'amor que a principio trocavam entre si a cada instante, á embriaguez incessante da sua paixão, succedeu uma preoccupação sombria: se fallavam, era para descobrirem um meio de ganhar dinheiro! Chegou um dia em que Naoura não poude deixar de murmurar:
— «Ah! Se eu não tivesse deixado o serralho, que bem estaria agora ao pé da minha senhora! E n'um bello quarto, em quanto que este!...»

E a escrava deitou um olhar de tristeza áquelle miseravel quarto sem mobilia.

— «E bellos vestidos! E quinhentas piastras por mez para os meus alfinetes!... E aqui?!... Nem uma piastra para comprar pão!...»

No emtanto, Bazia murmurava tambem:

—«Ah! Se eu não me tivesse estupidamente namorado d'esta escrava, senão lhe tivesse sacrificado o meu futuro, teria casado como meu tio desejava, com a bella Leocadia, possuidora de um soberbo dote! Estaria agora rico, em quanto que.....»

E Bazia apalpava com tristeza o seu porte-monnaie vazio.

Se os nossos dois namorados não communicavam um ao outro as suas reflexões, nem por isso ellas deixaram de lhes azedar o caracter. Dentro em pouco, palavras ásperas e censuras vieram substituir as phrases de amor...

Finalmente, um dia Bazia partiu, dizendo a Naoura:

—«Vou a casa de uma velha parenta pedir-lhe algum dinheiro, para vêr se posso montar um pequeno estabelecimento».

As despedidas não foram muito sentimentaes. A questão principal para elles era saber se teriam pão no dia seguinte.

O moço grego pediu algumas piastras emprestadas a um visinho para fazer a viagem.

Naoura ficou portanto na maior miseria.

Uma pobre velha que vivia do officio de engommadeira, apiedou-se d'ella, e auxiliou-a em quanto os seus recursos lh'o permittiam. No emtanto como o amante não voltava, e nem sequer lhe dava noticias suas, a rapariga não quiz abusar por mais tempo da bondade da engommadeira. A velha propoz-lhe então tomal-a como ajudante, e eis a bella dama de honor que tinha no palacio carruagens, cocheiros, creados ás suas ordens, vestidos e joias soberbas, feita engommadeira. Vestida com um trapo de lã preta, envelhecida, crestada por aquella dura vida, ninguem teria reconhecido na pobre engommadeira de Cira a brilhante Naoura d'outr'ora.

Esta faina, esta vida laboriosa a que não estava acostumada, prejudicou-lhe a saude.

Ao cabo de seis mezes, estava doente, triste e desanimada. Bazia nem uma unica vez lhe tinha dado noticias. Então Naoura resolveu escrever a um homem de Cira, que em tempo conhecera, e que vivia na cidade do Pireu, para onde o seu amante lhe dissera que ia. Queria saber a todo o custo o que fôra feito d'elle. Aquelle homem respondeu-lhe que Bazia vivia em casa de uma parenta, que acabava de se casar, e que estava feliz e na opulencia.

Esta noticia indignou a ainda mais que a entristeceu. Como se pode amar um homem que perdeu o direito á estima? E podia ella estimar aquelle que a tinha seduzido, que a tinha raptado do serralho, que lhe tinha jurado consideral-a sua mulher por toda a vida perante Deus, visto a lei não poder unil-os por ella ser mussulmana e elle christão, que a tinha trazido para longe da patria, e que ao cabo de dezoito mezes a abandonava cobardemente e a deixava na miseria? Naoura não sentia por esse homem senão um profundo desprezo.

Mas a sua posição era terrivel! Que seria d'ella, só, abandonada? Nem sequer se sentia com forças para continuar o seu triste officio... N'essa occasião, lembrou-se do seu soberano, o sultão Abdul-Medjid, e disse comsigo:

—«Elle é bom e generoso; se eu fôr lançar-me a seus pés, perdoar-me-ha

a minha culpa, e deixar-me-ha entrar no serralho, ainda que não seja senão na qualidade de simples escrava de serviço!»

Alentada por este pensamento, disse adeus á sua velha amiga, a engommadeira, promettendo-lhe que se tivesse a fortuna de tornar a ser admittida no serralho lhe mandaria todos os mezes uma somma que a pozesse em estado de poder viver sem trabalhar. A velha deu-lhe as suas economias para a viagem, e abraçou-a, dizendo:

—«Adeus, minha filha, Deus te guie e te faça realisar o que desejas, mas sobre tudo que a lição te sirva! Desconfia de hoje em diante, minha filha, dos namorados!... São todos uns enganadores e uns marotos.»

Tendo chegado a Constantinopla, tomou um *kaik* e dirigiu-se ao palacio com o seu miseravel vestido preto todo roto e despedaçado. Pediu para ser recebida pela sua antiga senhora... que tambem nunca se esquecera d'ella. A sultana recebeu-a logo, mas ao vêr os seus miseraveis trajos e a mudança que os desgostos tinham produzido n'ella, soltou uma exclamação de surpreza.

Naoura lançou-se-lhe aos pés a chorar.

A sultana fel-a erguer e perguntou-lhe affectuosamente o que fora feito d'ella, depois que sahira do palacio, e como podera chegar áquelle grau de miseria.

A escrava contou-lhe então a sua vida com Bazia, e como elle a abandonára, deixando-a na maior miseria. Disse-lhe que todo o seu desejo seria poder vêr o sultão, para lhe supplicar a graça de voltar para o serralho, ainda que não fosse senão como escrava de serviço.

A *altimgié* fallou effectivamente a sua magestade, descrevendo os remorsos da rapariga e o triste estado a que fora reduzida.

—«Pois bem, disse Abdul-Medjid a sua esposa, que venha ter commigo, mas primeiro manda-a vestir exactamente como ella andava antes de sahir do meu palacio. Não quero que ella tenha de córar na minha presença.»

No dia seguinte, Naoura, vestida com um trajo esplendido, foi recebida pelo sultão, que não lhe fez a menor censura. Disse-lhe com bondade que iria occupar um aposento em casa da sultana Fatma, sua irmã, que teria o mesmo posto que tinha antigamente, recebendo quinhentas piastras por mez.

Hoje Naoura occupa ainda esse aposento, que ella póde considerar um palacio, ao pensar na mansarda que habitava em Cira, e aquelles que a vêem nas Aguas-Doces, na sua bella carruagem, difficilmente reconheceriam n'essa mulher esplendida a antiga engommadeira de Cira.

E ella, apesar de ter esquecido as suas desgraças passadas, ainda hoje se lembra da pobre mulher velha, que tanto auxilio lhe prestou, e manda-lhe todos os mezes cem piastras das suas economias.

Nos passeios, a bella escrava recebe ainda ternos olhares, mas recebe-os com um sorriso de desprezo, porque teve a triste experiencia do que valem as promessas dos homens.

A sua historia, que ella tantas vezes conta ás suas companheiras, foi realmente proveitosa a essas raparigas, porque nenhuma d'ellas até hoje se deixou raptar.

....

....

Fallemos agora dos maridos das sultanas.

Quando uma das suas filhas chega á edade de casar, o sultão procura entre os ministros ou dignatarios do palacio aquelle que pode convir-lhe para genro. É preciso que tenha o posto de marechal, mas quando sua magestade se digna pôr os olhos n'um mancebo que lhe convem pelo seu caracter, e pelas suas qualidades, eleva-o a este posto sem seguir a hierarchia. Assim o defuncto sultão, de um chefe de esquadrão sem fortuna e apenas com desanove annos de edade, fez subitamente um marechal, dando-lhe em casamento sua filha, a viuva do filho do famoso Rechid-Pachá. Não será isto um verdadeiro conto das *Mil e uma Noites?*... Vejam este rapaz, hontem simples chefe de esquadrão, sem fortuna nem futuro, hoje elevado ao posto de marechal, esposo de uma sultana, tendo um palacio magnifico, equipagens soberbas ao seu serviço, sessenta mil piastras por mez, apenas para os seus divertimentos, porque o sultão provê a todas as despesas das casas de suas filhas!

Antes de escolher um genro, o sultão consulta de ordinario, directa ou indirectamente, o gosto de suas filhas. Não se pode dizer que lhes consulta o coração, porque ás vezes ellas apenas conhecem de reputação e de vista aquelle que se lhes destina, e o coração não falla tão facilmente.

Algumas vezes impõem-lhes um marido, mas isto é raro; os sultões são paes ternos e dedicados, como todos os turcos em geral; ha entre elles um grande desenvolvimento de amor paternal. Teem sobretudo por suas filhas um grande carinho. Preoccupam-se muito da sua felicidade, e do seu futuro.

Quando o sultão escolhe um homem qualquer, que está longe de esperar esta fortuna, manda-o chamar, e diz-lhe que se dignou escolhel-o para entrar na sua familia, e que vae casar com a sultana Fulana.

O homem inclina-se respeitosamente, beija o pé do soberano e balbucia algumas phrases para exprimir a sua alegria e a profunda gratidão que sente pela honra que sua magestade lhe faz. E' esta a declaração official, porque muitos d'estes escolhidos não ficam muito satisfeitos, sobretudo se estavam apaixonados d'alguma outra mulher, porque, desde que casam no serralho, adeus liberdade, adeus independencia! Ficam sendo escravos submissos ás vontades e aos caprichos de sua mulher. Ainda assim, não ha exemplo de um só ter declinado esta honra.

O futuro vae então á Porta, acompanhado do grande camarista, que é portador do *haat*, ordem imperial. A' sua passagem, a guarda d'honra apresenta armas, e a musica militar toca as suas peças mais brilhantes e estrondosas.

O grão Vizir vem esperal-os ao cimo da escadaria. O camarista entrega-lhe a ordem imperial, depois de a ter beijado respeitosamente. O Vizir acceita-a, beija-a, e entrega-a ao *mustachir*, conselheiro ás ordens do grão Vizir. Vão em seguida para a sala do conselho, onde estão reunidos todos os ministros e no meio do mais profundo silencio, o *mustachir* procede á leitura do *haat*, pelo qual o sultão faz saber á Sublime Porta que toma para genro o vassallo fulano de tal.

Acabada esta leitura, toda a gente vae cumprimentar o futuro pela sua felicidade.

Ainda assim, os genros do sultão, teem poucos cortezãos, porque a sua influencia em seu augusto sogro é quasi nulla.

Esta ceremonia é considerada como os esponsaes.

O casamento faz-se quasi do mesmo modo que os outros casamentos dos altos personagens turcos.

Se o noivo é rico, é elle que faz á sua custa as despezas do enxoval, mas na maior parte das vezes é o sultão que lhe manda o dinheiro necessario para comprar os seus presentes, que são sempre de uma grande magnificencia. Veem mettidos n'um cofre de prata ou ouro, tendo na tampa um ramo de flôres, ou duas pombas feitas de diamantes.

Eis aqui pouco mais ou menos os objectos que costuma conter este cofre:

Adereços de brilhantes, colheres, chaleiras, chavenas para café, taças de ouro e diamantes, diademas, braceletes, anneis de brilhantes, rosarios, cintos de ouro, anneis de diamantes, chailes, estofos riquissimos, cobertos de bordados, ouro e perolas finas.

A sultana manda tambem de presente ao seu futuro, em primeiro logar um soberbo sabre, adornado de brilhantes, e além d'isto um annel d'uma grande riqueza. A's vezes, a pedra custa duzentos mil francos. Além d'isto, manda-lhe tambem uma abotoadura de brilhantes para o collete, um relogio com cadeia dornada de brilhantes. Devemos dizer que no Oriente o diamante scintilla por toda a parte, nos tapetes, nas tapeçarias, nos fatos, etc. O turco precisa para viver d'estas scintillações, que lhe são tão necessarias como o ar. A sultana manda-lhe tambem um rosario de perolas finas, roupa branca, camisas e lenços.

Havia um uso que Abdul-Medjid aboliu:

Quando uma sultana se casava, cada ministro era obrigado a offerecer-lhe um presente, ou um d'estes nadas luxuosos, tão queridos das mulheres, ou então uma joia magnifica.

A sultana, em compensação mandava-lhe um presente de roupa branca, obra prima de finura e de bordado.

Hoje as sultanas fazem ainda este presente a cada ministro, mas elles não lhe mandam nada.

Quanto ao enxoval que o sultão dá a cada uma das suas filhas, é de uma magnificencia acima de tudo quanto pode imaginar-se.

Uma dama franceza, que esteve durante algum tempo em Constantinopla, teve occasião de vêr um vestido destinado á joven sultana***. Este vestido devia-lhe servir de segunda *toilette* para o dia das suas nupcias, e tinha custado a bagatella de quatrocentos mil francos. Constava de um bello tecido, coberto de bordados de ouro, de uma grande elegancia de desenho, misturado com perolas finas.

Na vespera do dia de casamento, logo de manhã, o enxoval da noiva é transportado para o palacio que o sultão mandou preparar para ella. Ha crea-

dos encarregados de levar estes objectos, embrulhados em gaze bordado a oiro. Tudo isto, arranjado artisticamente, é levado á cabeça, descoberto, e o povo pode admirar-lhe a magnificencia. O cofre que contém as joias vae aberto, e o grão Vizir é quem o acompanha.

No dia seguinte, a sultana vae durante o dia para a sua nova residencia, com uma pompa magestatica. O cortejo que a acompanha é soberbo.

Eis como a dama franceza, a quem nos temos referido, Madame Olympe Audouard, conta o casamento de uma sultana, a que poude assistir em Constantinopla:

«Vi a sultana S..., esposa de A... Pachá, na occasião em que ia para o seu palacio. Senti-me deslumbrada de todo aquelle ceremonial desenvolvido. A carroagem de gala em que ia a sultana tinha sido feita em França, e custára cento e oitenta mil francos. A noiva levava um vestido azul celeste, de setim, bordado de perolas finas, e scintillante de diamantes. Um grande veu formado de fios de oiro, cobria-a quasi completamente. Estavam com ella duas damas de honor, e seguiam-na quatro carroagens de gala, em que iam as damas da sua casa. Havia ainda outras carroagens com as suas numerosas escravas.

«Eu estava com a esposa de Houssoum-Pachá.

—«Quero fazel-a assistir, disse-me ella, á primeira entrevista dos dois esposos.»

«O cortejo ia de vagar, por causa da multidão que queria acclamar a sultana. Conseguimos passar-lhe adiante, e chegamos mesmo em frente do palacio, onde mandamos parar a carroagem.

—«Assim que apparecer a frente do cortejo, disse-me a esposa de Hossoum-Pachá, verá como o noivo se apresenta ao limiar do palacio.»

«Effectivamente não tardamos a vel o, e pude observal-o á minha vontade. Era um bello rapaz, um pouco pallido e muito perturbado... e francamente comprehendia-se a sua commoção. Ser marido de uma mulher, e nem sequer a ter visto uma vez que fosse!... A impaciencia e o receio eram bem naturaes.

«Emfim, a carroagem da sultana parou á porta do palacio. O marido saudou-a profundamente, e offereceu-lhe a mão para se apeiar. Juro-lhes que este feliz ou infeliz marido, como quizerem, estava mais timido que uma rapariga, sahida do convento, que fizesse a sua primeira entrada na sociedade. Conduziu-a pela mão ao palacio, mas d'ahi a pouco, uns cinco minutos depois, com grande espanto meu, vi-o sahir.

—«O que?! exclamei eu. Pois elle não fica ao pé de sua mulher?!»

—«Não, minha querida amiga, respondeu-me a esposa de Houssoum-Pachá, elle volta para casa. A recem-casada vae tomar tranquillamente posse dos seus aposentos. Esta noite, ás nove horas, terá logar a sua primeira entrevista.»

«A nossa carroagem conduziu-nos a casa da minha amiga, que se apressou a fazer-me servir fructas, confeitos e bolos. Pedi-lhe então que me contasse como se passava a entrevista da noite.

«Eis os pormenores que ella teve a ambilidade de me dar:

«Ás nove horas, a sultana entra n'uma grande sala, sumptuosamente adornada, onde lhe está preparado um throno. Duas das suas damas de honor collocam-se a seu lado. Escusado é dizer que ella se apresenta n'este acto com uma bella *toilette*. Um grande veu cobre-a completamente. A seus pés, está um tapete ricamente bordado, coberto de perolas finas e de diamantes.

«O marido janta em sua casa com alguns parentes e amigos que o acompanham depois da refeição a fazer oração á mesquita, ceremonia de rigor. Depois d'isto, dirige-se ao palacio da sultana. Dois eunuchos esperam-no á porta e introduzem-no na salla magnifica, de que acabámos de fallar. Alli, adivinhae o que elle faz primeiramente, homens scepticos e pouco religiosos!... Vae ajoelhar sobre o tapete, e faz devotamente a sua oração. Acabada ella, dirige-se a sua mulher, inclina-se respeitosamente na sua presença, beija-lhe a mão, e começa por lhe dizer algumas phrazes mais ou menos espirituosas, segundo os seus recursos intellectuaes, que muitas vezes são annullados por aquella posição ridicula e embaraçosa. Lembrem-se os leitores de que o pobre homem não conhece nem as feições nem a voz da mulher, que desde aquelle momento é sua esposa!...»

«As damas de honor fazem cahir pouco a pouco o veu que encobre a desposada, e o noivo vê finalmente o rosto da mulher que lhe destinaram. Muitas vezes a surpreza é agradavel, mas quantas o pobre homem não tem uma terrivel e desanimadora decepção!...

«Feito isto, as duas damas affastam-se discretamente, dizendo:

—«Agora não temos que fazer aqui!...»

Façamos como ellas, leitor, não violemos o segredo, cheio de encanto, d'esta primeira entrevista!...

....

Digamos alguma coisa tambem a respeito de posição que o casamento proporciona aos maridos das sultanas.

Se os turcos podem gabar-se de serem os unicos homens que devem moral e materialmente estar seguros da fidelidade de suas mulheres, as sultanas são tambem as raras privilegiadas do mundo inteiro, que podem estar seguras de não serem enganadas por seus maridos.

É possivel que o leitor tenha n'este momento um sorriso de duvida nos labios, ao vêr estas linhas, e que diga de si para si:

—«Ora vamos! Que historia é essa que o auctor pretende contar-nos?! Maridos fieis?! E' impossivel!...»

O leitor tem razão, e nós somos inteiramente do seu modo de pensar. Mas, se os maridos das sultanas são fieis, é porque não podem absolutamente deixar de o ser. As sultanas teem por lei certas garantias, perante as quaes todo o desejo de infidelidade se destroe. Ora ouça o leitor o que vamos contar-lhe:

Em primeiro logar, as sultanas teem uma multidão de escravas, bellas e jovens, mas seus maridos não teem o direito de as vêr. Para o serviço d'elles ha sempre escravas velhas e feias.

A polygamia é permittida na Turquia, mas não aos maridos das filhas

do sultão, e se por acaso já são casados com uma ou muitas mulheres, no dia em que vão casar com uma sultana, fica-lhes rigorosamente prohibido tornar a ver suas mulheres. Deixam-nas n'uma casa, dão-lhes tudo quanto é necessario, mas não podem tornar a vel-as. Estas mulheres teem o direito de se divorciarem, e de tornarem a casar, se assim o quizerem.

Como todos os harens, os das sultanas são separados dos aposentos do marido. Este chama-se o *selanlik*. Um grande salão une os dois aposentos. E' alli que o marido se conserva quasi sempre, esperando as ordens de sua mulher, porque não tem o direito de entrar nos seus aposentos sem que ella o mande chamar; e se á noite a sultana quer divertir-se até ás duas ou tres horas da madrugada, o pobre marido dorme sobre um camapé do dito salão, esperando que as portas lhe sejam abertas, porque elle dorme sempre no harem. Tem de estar dia e noite n'aquelle salão, sempre de atalaia, á espera da primeira ordem que chegue. Tenha ou não tenha amigos, visitas, esteja só, apenas o eunucho encarregado de o introduzir na presença de sua mulher apparece, o marido faz uma *temena*, saudação turca, que consiste em levar a mão desde o solo até á cabeça, e apressa-se a obedecer a este chamamento, ou melhor a esta ordem.

Chegando á presença de sua mulher, conserva-se respeitosamente em pé, e não se senta sem ser convidado. As sultanas não deixam nunca estabelecer um pé de familiaridade entre ellas e seus esposos. Fazem-lhes sentir o melhor que podem a distancia que ha entre ellas e o homem, favorecido pelo sultão com a honra de lh'as dar por esposas.

Se o marido precisa de sahir para ir á Sublime Porta, ou para ver seu pae e sua mãe, precisa primeiramente da auctorisação de sua esposa, e se se demorar no conselho, tem de a mandar prevenir. Raras vezes póde jantar em casa de seu pae ou de um amigo, e isto só com consentimento da sultana. Vae sempre á rua com uma numerosa comitiva de creados, que teem obrigação de o vigiar, e que se elle fizesse a menor falta, teriam immenso prazer em provar o seu zelo, vindo contar tudo a sua Alteza, a princeza sua ama e senhora.

Então que pensa agora o leitor d'esta posição excepcional? Poderão maridos assim enganar as suas mulheres? Ou é impossivel, ou pelo menos difficillimo.

Não se imagine tambem que as sultanas, como simples mortaes, jantam burguezmente com os seus maridos. Não lhes fazem essa honra. Jantam nos seus aposentos, ou sós, ou com alguns amigos, que lhes fazem a honra de as acompanhar. Em compensação, o jantar das sultanas é acompanhado de um grande ceremonial.

Um momento antes do jantar, uma joven escrava, que não tem outra missão a desempenhar, vem ajoelhar diante de sua ama, e apresentando-lhe com uma das mãos um grande vaso de ouro massiço, derrama-lhe com a outra sobre os dedos agua tepida e perfumada, contida n'um vaso delicado e primoroso, que tem a fórma das amphoras antigas, e que é ricamente cinzelado e ornado de pedras preciosas. Uma outra escrava apresenta-lhe para se lim-

par um pequenino guardanapo de setim branco, guarnecido de franjas de ouro.

A sultana passa em seguida á salla de jantar.

Eis o modo como se põe a mesa d'aquella opulenta flôr do serralho: Estende-se no chão um rico tapete. Sobre este tapete, colloca-se uma mesa, grande ou pequena, segundo a sultana janta só ou com as damas suas amigas. Na meza colloca-se um grande prato de prata, coberto de fina musselina branca, e alli se dispõem as iguarias delicadas.

As escravas conservam-se ao fundo da salla, e fazem musica durante a refeição. Á sobremeza, se sua senhora assim o quer, as escravas dansarinas vêem diante d'ella exhibir as suas dansas graciosas.

A sultana senta-se n'um divan, ou recosta-se n'um fauteuil, á europêa.

A cosinha é fora do harem. A escrava cosinheira em chefe é tambem a encarregada de pôr o jantar sobre uma bandeja. Envolve este prato n'uma especie de toalha de musselina branca, ata-a artisticamente, e põe-lhe o sello. A escrava encarregada de servir á meza deve certificar-se se este sello está intacto.

Duas escravas conservam-se diante da sultana. Uma tem o prato na palma da mão sobre um pequeno tapete da Persia. A outra, a um signal de sua ama, tira o prato de que ella não quer servir-se mais. Nunca ha mais de que um prato sobre a meza.

Duas outras escravas conservam-se detraz da sultana para lhe servirem a bebida, e mudarem os pratos. O serviço é feito com grande precisão.

A cosinha turca differe um pouco da nossa. Tem alguns pratos que nós não conhecemos. Comem muita pastellaria, e fazem-na muito bem feita. Ha uma grande profusão de doces. Estes doces seriam deliciosos, se fossem menos assucarados.

Na occasião da sobremeza, tira-se o quadrado ou toalha de musselina. Substitue-se por uma outra toalha virgem, porque o uso não permitte que se sirva duas vezes n'esta toalha, e n'essa occasião é que se servem os bolos, fructas e confeitos da sobremeza. Em seguida, a escrava dedicada a este serviço vem ainda ajoelhar-se diante da sultana, e apresenta-lhe a bacia de lavar as mãos. Ella toma nas mãos delicadas agua para lavar a bocca.

Acabado isto, a sultana passa a outra salla, onde encontra preparado um tapete sumptuoso. A sultana ajoelha sobre este tapete. As escravas, segundo a sua hierarchia e a sua posição, rodeiam-na, e começa-se a oração da tarde. Em seguida, a sultana dirige-se a um soberbo salão, brilhantemente illuminado. Alli deita-se sobre um sophá. Uma escrava, especialmente encarregada d'este delicado serviço, offerece-lhe ou um cachimbo ou um cigarro, e a sultana começa a fumar. A escrava, que tem a obrigação de servir o café, vem offerecer-lh'o n'uma d'essas pequenas taças, que são verdadeiras obras primas de trabalho e de luxo. São cobertas de diamantes e de perolas finas. As suas damas de honor fazem-lhe companhia, e segundo o seu capricho, ou manda fazer por ellas a leitura de algumas d'essas poesias orientaes, tão doces ao ouvido e tão poeticas, ou então manda tocar pelas suas musicas as arias que prefere.

Vamos dar aqui uma ideia d'essas poesias deliciosas. São extrahidas de

um livro de Leyla, dama turca, de uma notavel illustração, e poetisa verdadeiramente inspirada:

RIVALIDADE

«Hoje, para agradar ao meu amado, tornei-me amiga da minha mais cruel e mortal inimiga!... da minha rival!... Mas, ao apertar-lhe a mão, senti uma dôr tão profunda, que o meu pobre coração está ainda dilacerado.

«Oh! minh'alma! foge, foge! deixa este mundo, onde tantos soffrimentos te esperam!...

«Vi, contemplei o rosto da mulher, que me roubou mais do que a vida, que me roubou a paz do coração!...

«Apertei-lhe a mão!... sim, minh'alma fiz isto!... E para lhe agradar, a elle, a elle, que, sem piedade pela minha dôr dividiu o seu coração em dois, sujeitei-me a essa dôr cruel!...

«Oh! minh'alma! foge, foge! deixa este mundo, onde tantos soffrimentos te esperam!...

«Para ir a casa d'ella, d'ella, da minha rival, adornei-me com as minhas joias mais bellas... Pintei o rosto para occultar a pallidez das minhas feições! Não queria que ella se regosijasse de vêr o sulco feito pelas lagrimas que me fez derramar!...

«Oh! minh'alma! foge, foge! deixa este mundo, onde tantos soffrimentos te esperam!...

«Dize-me, oh! meu amado! dize-me, flôr da minh'alma, felicidade da minha vida, que motivo te levou, sem piedade pelo ciume de que me fizeste conhecer o veneno, e sem compaixão pela minha tristeza, a obrigar-me, a mim!... a tornar-me sua amiga?!...

«Detestal-a, amaldiçoal-a, era a minha unica consolação. E tu julgaste pequena ainda essa horrivel amargura!...

«Oh! minh'alma! foge, foge! deixa este mundo, onde tantos soffrimentos te esperam!...»

A UMA DAMA

QUE DEVIA DAR UMA FESTA EM HONRA DO SEU AMANTE

«Deixa fallar o mundo, minha querida! Embriaga-te de vinho e de amor com o teu gentil amante de cabellos negros, e deixa dizer ao mundo tudo o que elle quizer dizer!...

«Respiraste, dizes tu, n'um sonho o perfume suavissimo dos seus cabellos negros!

«Mulher formosa, amante feliz, esse doce perfume embriagou-te mais de que o vinho?!...

«Pois bem! deixa dizer ao mundo tudo o que elle quizer dizer!...

«Uma vez que o teu coração se deixou prender pelos nós fortissimos d'esses cabellos negros, uma vez que o olhar profundo de seus olhos te penetrou o coração e t'o queimou, deixa dizer ao mundo tudo o que elle quizer dizer!...

«A tua conducta de certo será considerada criminosa pelo mundo; elle lançará um véu negro sobre o teu rosto, mas tranquilliza-te!... No outro mundo esse véu sombrio transformar-se-ha em raios deslumbrantes! Deixa, pois, dizer ao mundo tudo o que elle quizer dizer!...

«Deus é bom e justo, mulher!... Deus não poderá punir-te do teu amor, porque foi Elle que te deu esse coração, esse coração ardente e sensivel... foi Elle que permittiu que tu, pobre mulher vencivel, encontrasses no caminho o teu vencedor!...

«Ama, pois, pobre mulher vencida, e deixa dizer ao mundo tudo o que elle quizer dizer!...»

A FAVORITA DA NOITE

«Esta noite virá o meu amado!... Quero rir e beber com elle até de madrugada! Oh! vou tornar-me bella... quero que elle endoideça... quero que a minha rival derrame lagrimas de sangue!... Se ella me tem feito derramar tantas!...

«Chegou a tua vez tambem! Has-de soffrer como eu soffri!... O teu coração será devorado pelo fogo do ciume, e eu hei-de rir e embriagar-me de vinho e de voluptuosidade! O meu amado vergará sob o peso dos meus encantos, e hade esquecer-te, sim... hade esquecer-te!...

«Ah!... Pois tu julgavas que a pobre abandonada nunca approximaria dos labios a taça doce e profumada da vingança?!...

«Como te enganavas, mulher! os dardos da desgraça atravessaram-me o coração em mil feridas dolorosas, elle sangra ainda por essas feridas... mas não importa!... eu quero esta noite afogar os meus pezares no vinho e na embriaguez do amor. Para ti, agora, as lagrimas e os tormentos, rival cruel e sem piedade!...

«Oh! meu amado! Oh dilecto da minh'alma! eu quero que tu me encontres bella esta noite, quero que o teu coração bata por mim com o mesmo amor antigo, quero captivar para sempre esse coração voluvel com as tranças fartas dos meus cabellos loiros!...»

AO SEU AMANTE

«Sem ter visto os teus cabellos pretos, conheço, adivinho já, os seus anneis brilhantes, e ao pensar n'elles, anda-me a cabeça á roda, sinto que vou perder a razão!... Oh! não me faças juramentos, ingrato, não me venhas jurar constancia e fidelidade! Eu conheço, por meu mal, o valor dos teus juramentos!

«Eu sei quanto elles não perfidos e fementidos!...

«Dize, ingrato! O rouxinol, esse terno e constante apaixonado da rosa, fal-a soffrer assim por ventura?!... Cruel!... Eu não peço a ninguem noticias tuas, porque, ai de mim! conheço-te bem! Nem digo sequer que me enganas, porque o sei demasiado, ingrato!

«E tu finges que nem sabes o mal que me fazes, oh! meu amado!

«Uma d'estas noites, eu fallava de ti com o meu coração, e elle respondeu-me, soltando um amargo suspiro:

— «Basta! Não me falles mais do teu amor! ... Eu conheço bem o teu soffrimento!...»

QUEIXUMES

«Tu conheces bem quanto soffro, oh! meu amado! Ouves todos os dias as suspiros do meu coração! Meus olhos languidos dizem-te a tristeza da minha pobre alma, e tu finges que não a conheces, cruel!... Se eu podesse, ao menos, cahir a teus pés, se eu podesse beijar o pó em que a tua estatura flexivel e encantadora se reflecte n'uma sombra ligeira e graciosa! O meu desejo era beber comtigo esta noite, n'um grande mysterio, e este desejo vem do fundo do meu coração!

«Mas nunca ousarei dizer-te tudo quanto sinto!

«Queimaste-me o coração, oh! meu amante!..

«Dize, querido! Tenho culpa de me teres a tal ponto enlouquecido?! Teu rosto fresco e rosado póde ser visto até pelos estranhos, e eu, tua companheira dedicada, vivo privada de te contemplar!... Ai de mim! O fogo d'este amor consomme-me completamente o coração!...

«Morro de tristeza! Tem compaixão de tua Iseit! Se não, o seu amor será perdido, e Iseit perder-se-ha tambem!...«

CANTOS D'AMOR

«Nós somos como o rouxinol da floresta: soltamos até de madrugada os nossos suspiros amorosos. Se o promettedor botão de rosa precisa para se entre-abrir dos cantos do rouxinol e do orvalho da manhã, tambem nós sentimos entre-abrir os corações ao doce orvalho das nossas lagrimas, e ao melancholico murmurio dos nossos suspiros!...

«Nós somos como os guerreiros: seguindo a linha recta do amor verdadeiro, vamos sem hesitar, de cabeça descoberta e com os fatos em desordem. Que nos importa? Amamos, e o amor puro e verdadeiro não conhece obstaculos!...

«Nós somos como as sentinellas: no fundo do coração, guardamos o doce segredo do amor, e seria mais facil morrer, do que deixal-o sequer adivinhar.

«Nós somos como os martyres: pelo nosso amor, fariamos de bem grado o sacrificio da propria vida. O cordeiro foi collocar-se, humilde e resignado, sob o cutello de Abrahão. Nós, no caminho espinhoso do amor, estamos sempre dispostas ao sacrificio!...»

O SEGREDO DO SOFFRIMENTO DO AMOR

«Vi hoje o meu amante, e perguntei-lhe o segredo do soffrimento do amor...

«Elle respondeu-me: Queres saber esse segredo?

«As mulheres que amam estão muitas vezes tristes, inquietas e impacientes. É um segredo? Será, mas esse segredo tem uma causa, e essa causa...

«Qual é?—perguntei-lhe assustada...

«Somos nós!...»

O ALIMENTO DOS AMANTES

«Quereis saber de que se alimentam os que amam? Não adivinhaes?...

«Pois bem! Elles estancam a sêde ardente que os devora, com as dolorosas lagrimas de seus olhos, e matam a fome que os dilacera, devorando a avesinha innocente da sua alma, calcinada tão cruelmente pelos fogos do amor!»

QUEM PÓDE CURAR UM CORAÇÃO FERIDO

UMA DAMA

«Ai, de mim! Quem poderá curar o meu pobre coração?

LEYLA

«Não é, decerto, o *muchir*, nem o grão vizir, nem o sultão. Nenhum d'elles tem poder para operar a cura que tu lhes pedes.

«Não te afflijas, porém, oh! querida!... O remedio está nas mãos de Deus, e Elle, sempre bom e misericordioso, não deixará de curar o teu pobre coração.»

INFORTUNIO

«Cruel! Infiel! Indigno! Pensando n'esse homem, chorei, e o meu coração, triste como a noite, disse com amargura:

«Hontem, no passeio da tarde, sob as alamedas espessas, esse ingrato não quiz alegrar, com uma saudação ao menos, aquella que outr'ora amou!

«Nada pode commover esse cruel, nem as minhas lagrimas, nem os meus suspiros. Esse coração é mais duro que o marmore!...

«Mais duro que o marmore, sim, porque a frecha do meu suspiro atravessa o marmore, e não commove o seu coração ...

«Pobre Leyla! Inscrevi-te como perdida, irremediavelmente perdida, no grande livro do amor!...

«Oh! pobre Leyla!...»

A SEGUNDA MULHER Á SUA RIVAL ODIADA

«Encontrei um dia, bella e profumada, a flôr da minha vida, o meu rouxinol amado... Como o botão de rosa, o meu coração entre-abriu-se, e a felicidade envolveu-me a fronte n'uma aureola radiante!

«De subito, porém, o ceu da minha ventura escureceu; veio uma nuvem negra assombreal-o, e a noite desceu á minh'alma...

«Essa nuvem eras tu, rival odiada! Vieste disputar-me o seu coração, onde bem depressa te estabeleceste como soberana.

«Desde esse momento, altiva e triumphante, olhaste-me com desprezo, e riste das minhas lagrimas e da minha dôr!...

«Não sejas, porém, tão altiva e desdenhosa, rival cruel! Lembra-te que

um dia poderás ter talvez uma rival tambem, que sem piedade como tu, se rirá das tuas lagrimas.

«Pensa bem n'isto: um dia serás expulsa do seu coração por outra mulher!...»

RESPOSTA A UM CONVITE QUE LHE FAZ O SEU AMANTE

«Se a minha rival vae tambem a essa reunião para que me convidas, desculpa-me, mas não posso ir!...

«Ser-me-hia bem difficil, mais difficil do que tu julgas, supportar a sua presença n'essa festa!...»

CONVITE

«Vem esta noite á minha reunião, e vem só, porque n'essa reunião haverá apenas uma pessoa — tu, e a tua Leyla, *que és tu ainda!...*»

A MINHA RIVAL

«Francamente, eu não posso ligar consideração á minha miseravel rival, tão soberba, tão orgulhosa da preferencia que o meu amado lhe concede.

«Sei toda a cruel verdade! Elle está todos os dias a seus pés. E' por isso que lagrimas de raiva me avermelham os olhos.

«Não importa! Tudo quanto hoje soffro talvez ella o soffra ámanhã tambem.

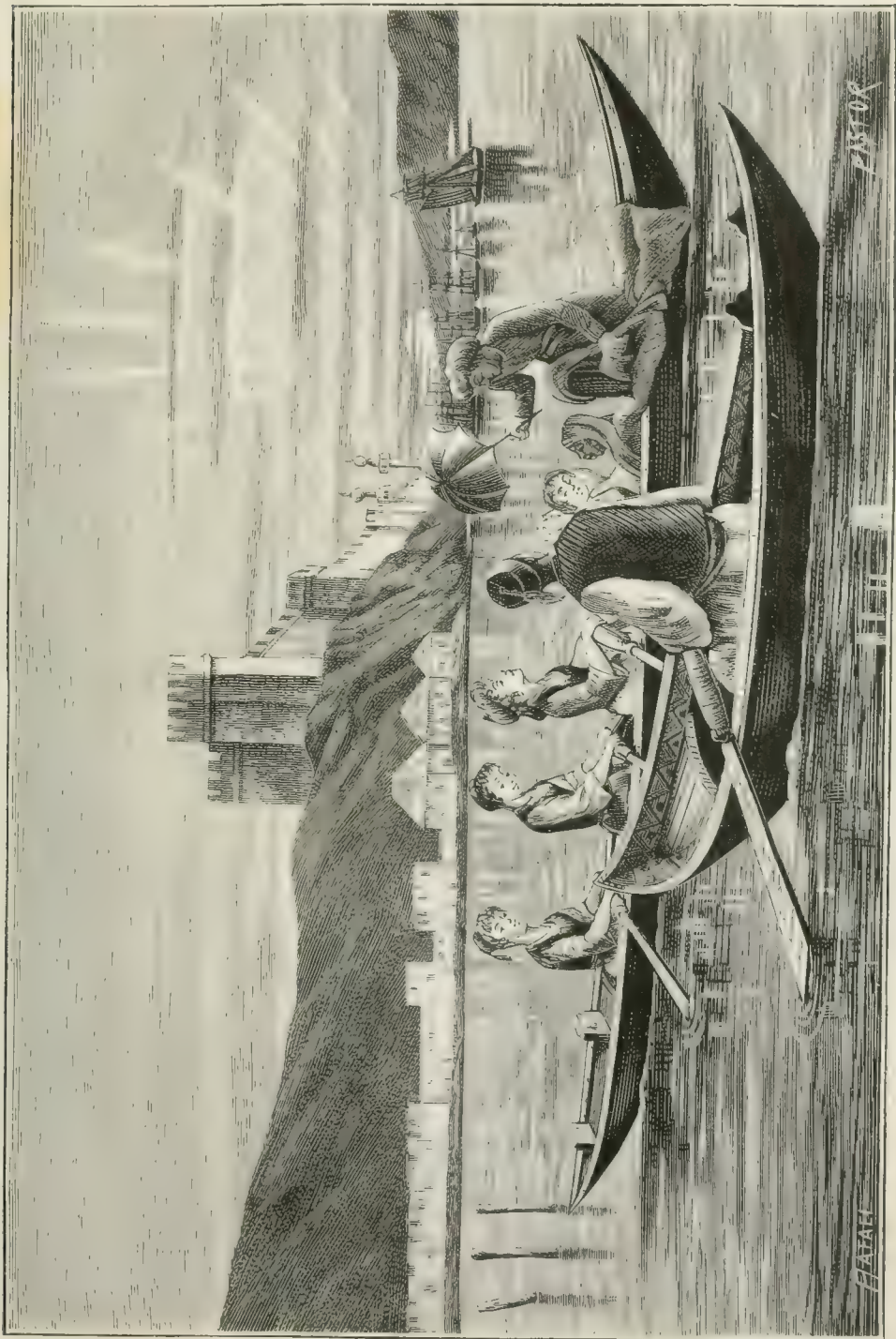
«É a minha unica consolação n'este triste abandono!»

TRISTES SUSPIROS

«Basta, minha penna veloz, basta! Demasiado cantaste a alegria e o amor! Chegou a vez agora de cantares tambem toda a tristeza da minh'alma!

«O inferno desceu-me ao coração, e veio devastal-o com os fogos do ciume. Meus olhos não têem lagrimas, estão seccos e queimados como o meu coração.

«Meu Deus, meu Deus, que fiz eu? Deixae-me ao menos a esperança!... Enviae-me essa avesinha de canto suave e meigo e de brilhante plumagem, para que eu possa ouvir a sua alegre canção!...

«Cruel ingrato! A ferida que me fizeste no coração é tão profunda, que embora quizesses cicatrisal-a mil vezes por dia, não o conseguirias!...

As odaliscas no Bosphoro

«Sei que um dia virá, em que lamentarás o mal que me fizeste, mas, então, será tarde, demasiado tarde para mim!...

«Não existirei já, e, pobre de mim! nem sequer terei a doce consolação de vêr o teu pesar!...»

Depois d'esta pequenina viagem pelos dominios do lyrismo turco, viagem de que o leitor deve ter conservado uma suave recordação, continuemos a contar o viver intimo das sultanas.

Ás vezes, a sultana convida as suas irmãs e as suas amigas. Por essa occasião, dá uma grande festa ás suas convidadas. Faz-lhes servir café, fructas raras, bolos, etc. As escravas musicas e bailarinas tocam e dansam diante de todas aquellas damas, ou representam mesmo, desempenhando com talento as comedias mais alegres do repertorio francez, traduzidas na lingua turca.

Ha noites em que a sultana tem o desejo de convidar homens para estas reuniões intimas, e n'esse caso diz a seu marido:

— «Venha esta noite, e convide da minha parte os senhores Fulano e Sicrano.»

O grande salão é dividido em dois, por uma grande grade doirada, e a sultana conserva-se por detraz d'essa grade. Os convidados estão com o marido do outro lado, e as dançarinas, as musicas ou as comediantes apresentam-se diante d'estes senhores, porque as escravas podem mostrar-se com o rosto descoberto diante de um homem.

A sultana, por meio de uma escrava, faz os seus cumprimentos aos convidados. Manda-lhes servir café e fructas, e faz graciosamente as honras da casa.

Estas damas, como os leitores têem visto, distinguem-se por um luxo deslumbrante. Gastam rios de dinheiro. O sultão nunca lhes recusa, seja o que fôr. As suas equipagens são altamente dispendiosas, porque ellas porfiam sem cessar em inventarem novos caprichos, para rivalisarem umas com as outras.

Em Constantinopla, faz a admiração, tanto dos indigenas como dos estrangeiros, a carroagem da joven e bella sultana Sephiras, toda de crystal de rocha. As portinholas de velludo branco são guarnecidas de franjas de ouro, e os laços que seguram as cortinas são de ouro, ornados de brilhantes. Os arnezes dos cavallos são de ouro, ornados de diamantes. Se estas damas dispendem sommas importantes com o luxo, é preciso fazer-lhes justiça, porque dão tambem grande numero de esmollas. Apenas lhes chega aos ouvidos um infortunio, apressam-se a soccorrel-o com uma grande caridade. Todos os que estão em necessidade sabem perfeitamente como as sultanas são esmolleres, e por isso dirigem-se a ellas com uma grande confiança.

Para com as damas que tem a honra de ser suas amigas, as sultanas são de uma grande generosidade. Se a filha de algum alto personagem se casa, mandam-lhe um presente riquissimo, um vestido esplendido, ordinariamente. Quando a filha de *** Pachá casou, a sultana Sephiras fez-lhe presente de um

vestido que tinha custado trinta mil francos. Se uma dama europeia tem a honra de lhes ser apresentada, nunca deixa o palacio sem ter recebido uma lembrança qualquer, uma joia ou um objecto de preço.

No emtanto, se geralmente as sultanas conservam seus maridos a uma distancia respeitosa, e os tractam com bastante altivez, algumas ha tambem que amam ternamente o esposo que o sultão lhes deu, e são muitissimo boas para com elle. Assim, a sultana S..., que tinha casado com A.. Pacha, era encantadora para com elle, e elle gostava muito d'ella.

Um dia um *kaik* veio ancorar diante do palacio. Um camarista fez signal ao pachá para sahir, porque precisava de lhe fallar. Apenas o pachá sahiu, um ajudante de campo do *seraskier*, pediu-lhe delicadamente que embarcasse n'um vapor, que acabava tambem de ancorar perto do *kaik*, e annunciou-lhe que o sultão o exilava. Haviam-se tomado todas as precauções, porque não se podia prender um homem no harem, — o harem é sagrado; — recorrera-se a todas estas astucias para o fazer sahir.

A sultana, que n'esse momento chegára a uma janella, viu que lhe levavam o marido. O vapor fez-lhe suspeitar que o levavam para o exilio. Começou a soltar gritos de dor, e bem depressa todos os vidros das janellas do harem voavam em mil pedaços, dando passagem ás cabeças das escravas, que a exemplo de sua ama, soltavam gritos de dor e agitavam os lenços.

O pobre marido affastava-se, fazendo signaes de afflicção, e enviando ternos adeuses a sua esposa. Ia já bem longe, arrebatado pelo vapor, e os echos do Bosphoro traziam ainda aos seus ouvidos os gritos de dor da sultana. Despedaçada por esta emoção, a pobre mulher foi acommettida de febre, mas no dia seguinte, muito doente ainda e muito pallida, levantou-se, vestiu-se toda de preto, e foi a casa do sultão.

Sua magestade estava n'um salão com os seus ministros, quando lhe annunciaram sua filha. Já o dissémos. Abdul-Medjid era a bondade personificada. Comprehendeu logo que a sultana vinha censural-o pelo exilio de seu marido, e conhecendo que seria muito fraco para com ella, foi fechar-se no seu quarto para não a vêr. Mas a princeza foi atraz d'elle, e deitou-se-lhe nos braços, derramando lagrimas amargas. Abdul-Medjid, enternecido, commovido pelas lagrimas de sua filha, prometteu-lhe o perdão do marido. Effectivamente, no dia seguinte, outro vapor foi procurar o feliz marido, que foi restituido a sua mulher. Tinha sido exilado por motivos politicos.

Esta vida feliz das sultanas tem um lado terrivel. Prodigalisam-lhes o ouro, as joias e os confortos da existencia, mas prohibem-lhes as alegrias da maternidade. Todo o filho varão deve ser suffocado ao nascer. As parteiras que lhes assistem teem a terrivel missão de suffocar essas pobres creaturas, no momento em que nascem, e dizem á pobre mãe que a creança nasceu morta.

Parece que as sultanas ignoram esta lei barbara, e que as persuadem sempre que seus filhos morrem de morte natural!... É difficil acreditar isto, visto que era natural que as sultanas suspeitassem d'esta lei cruel, vendo que nenhuma d'ellas apresentava jámais um filho vivo.

Em todo o caso, o pae sabe d'esta sentença inexoravel, e é verdadeira-

mente digno de lastima. A cada symptoma de gravidez deve tremer de susto, e durante os nove mezes que precedem o nascimento de seu filho deve experimentar angustias crueis! Felizmente, para honra da humanidade, o sultão Abdul-Aziz aboliu por um decreto esta lei barbara, o que é, realmente, o melhor elogio do coração d'este monarcha, cuja voz fallou mais alto que todas as considerações politicas!

....

Passemos agora a fallar dos costumes das mulheres do povo.

A casa mais pobre na Turquia é dividida em dois aposentos separados; o do marido, que se chama *selanik*, e onde elle recebe os seus amigos ou as pessoas que veem tractar negocios com elle, e o da mulher, que se chama o *harem*.

A polygamia não é tão geral como julgamos n'esse paiz do Oriente. Em primeiro logar, não é permittida senão aos homens ricos, que podem occorrer largamente ás necessidades de cada uma das suas mulheres, e que teem casas vastas para darem a cada uma d'ellas aposentos inteiramente separados.

As pessoas do povo, os burguezes, os commerciantes e os operarios, não gosam, portanto, os direitos da polygamia. Não podem ter senão uma mulher. Escolhem-na entre as familias das suas relações.

O casamento entre elles faz-se como entre os ricos, sem o luxo e esplendor d'estas uniões fidalgas, é bem de ver. Segundo os seus fracos recursos, o marido reconhece a sua mulher uma somma no contracto. Entre os ricos, do mesmo modo que entre os pobres, a mulher nunca traz ao marido outra cousa senão o enxoval e duas escravas para o seu serviço particular, quando é rica; e ainda mesmo assim, o marido estipula uma somma para a pôr ao abrigo da necessidade, no caso de haver uma separação ou um divorcio.

O homem na Turquia comprehende que lhe pertence trabalhar e prover ás necessidades da sua companheira, ser mais fraco, mais delicado, que tem já uma tarefa assaz pesada, imposta pelo Creador, fazendo-lhe trazer durante nove mezes os filhos no ventre, fazendo-lh'os dar á luz, e tendo de guiar-lhes os primeiros passos vacillantes e inexperientes na vida.

Receber dinheiro de sua mulher e viver com esse dinheiro pareceria bem humilhante aos maridos turcos! Por isso, os que vêm á Europa e que vêem esta caça do dote, tão commum nos nossos paizes, onde o homem não casa geralmente senão para augmentar a sua fortuna, ou pagar as suas dividas, fazendo do matrimonio uma especulação, não podem esconder o seu espanto e a sua desapprovação por este estado de cousas, censurando n'este ponto a nossa pretendida civilisação.

A mulher do povo conserva-se no *harem*, occupando-se dos cuidados da casa e dos filhos. Assim como nas outras classes mais elevadas da sociedade, ella não tem o direito de receber homens em sua casa, seja sob que pretexto fôr. Não póde tambem apparecer a um homem com o rosto descoberto, mas sim envolvida no seu *ferijié*. Coberta com o veu, póde sair livremente para fazer as compras necessarias para o arranjo domestico.

De resto, a mulher turca não tem de receiar as perseguições, as assidui-

dades, ou as inconveniencias da parte dos homens. O respeito da mulher, e o respeito da mulher d'outrem, está muito arreigado no espirito dos turcos, e não sómente o homem que seduz uma mulher que pertence a outro é punido pela lei, ainda mesmo que o marido se não queixe, mas corre tambem o perigo de se fazer matar, á menor suspeita, pelo homem que ultraja, e uma desconsideração geral persegue fatalmente aquelle que commette esta acção condemnavel.

A mulher na Turquia não tem officio algum. É mulher, e eis tudo. Nos nossos paizes, e sobretudo na classe popular, é muitas vezes ella que sustenta com o seu trabalho seus filhos e seu marido. Alli, não succede o mesmo. O turco sabe, quando quer tomar mulher por companheira, que precisa de ganhar dinheiro para a sustentar. As mulheres além d'isso gosam de grandes privilegios. Não é raro haver em Constantinopla uma mulher do povo indo buscar o marido, ou ao café ou a qualquer parte onde estava sem trabalhar, e fazel-o entrar em casa applicando-lhe algumas pancadas com a sua sandalia. O marido curva a cabeça e caminha o mais que pode, contentando-se em dizer:

—«Entremos em casa, peço-te, depois tu farás o que quizeres.»

Mas recebe as pancadas sem dizer nada, porque se dissesse alguma cousa, o povo cahiria sobre elle, e a auctoridade mettel-o-hia na cadeia. De resto, os costumes assim o exigem. Mesmo no povo rude, o marido nunca se deixa arrebatar á extremidade de maltractar sua mulher. Desde creança ensinaram-lhe que a mulher é um ser sagrado, pela sua fraqueza.

Não ha paiz em que a mulher seja protegida mais effectivamente pelas leis do que na Turquia. Uma mulher que tem motivo de queixa de seu marido vae apresentar-se ao tribunal. Immediatamente, sem esperar essas interminaveis demoras dos paizes civilisados da Europa, justiça é feita, sem que ella precise de advogado, ou de fazer qualquer despeza.

As mulheres turcas não são precisamente dotadas de uma doçura angelica. Teem quasi todas a cabeça quente. Em todas as revoluções, estão sempre na frente dos homens, abusando do seu privilegio de mulheres que as torna sagradas, porque as tropas nunca ousarão metralhar o povo, se entre elle houver mulheres. Quando um ministro não tem as sympathias geraes, as mulheres turcas teem um costume, bastante desagradavel para esses funccionarios. Na occasião em que o ministro contra o qual ha rasão de queixa vae para o conselho, uma centena de mulheres, combinadas para este fim, rodeiam-lhe a carroagem, dizendo-lhe toda a especie de injurias, e atirando-lhe pedradas. O ministro abaixa pacientemente a cabeça, ouve as injurias e recebe os projectis, mas não póde fazer cousa alguma. As pessoas do seu sequito por cousa alguma do mundo ousariam repellir brutalmente esse enxame de revoltosos femininos.

Um dia, o *seraskier*, ministro da guerra, ia para a Sublime Porta na sua faustosa equipagem, uma carroagem a quatro cavallos, rodeada dos seus ajudantes de campo, e seguida de um cortejo numeroso e brilhante. De subito, a carroagem do ministro é detida por umas sessenta mulheres, que começam a atirar-lhe pedras, dizendo-lhe:

—«Não tens vergonha de ostentar todo este luxo, quando nossos mari-

dos, ha seis mezes, não recebem o seu soldo?!... Que fazes do dinheiro que o povo te dá?»

E em seguida, arremessam-lhe uma enfiada de injurias. Apesar d'isso, porém, o sequito parou, e os soldados olhavam para tudo aquillo o mais tranquillamente possivel. O ministro crusou os braços sobre o peito, e curvou a cabeça para evitar o mais possivel o choque das pedras. Quando lhe pareceu que a colera das amotinadas estava um pouco modificada, disse-lhes:

—«Deixem-me ir ao conselho. Dou-lhes a minha palavra de honra que d'aqui a uma hora seus maridos serão pagos dos seus soldos atrazados.»

Ellas confiaram n'estas palavras, e deixaram-no seguir o seu caminho. N'esse mesmo dia seus maridos eram pagos.

Um estrangeiro que assistia a esta scena curiosa, vendo de que modo essas mulheres tractavam o ministro da guerra, disse:

—«Pobres mulheres! Porque vão ellas assim fazer-se massacrar?»

—«Por quem? replicou um indigena, ouvindo isto. Creia que não ha aqui homem algum, militar ou paisano, que seja capaz de investir com essas mulheres. Ellas sabem-no perfeitamente, e por isso são as primeiras á frente dos motins e sedicções.»

—«Pois sim, mas ámanhã a policia não deixará de as prender...»

—«Está enganado. A policia não as perseguirá!...»

Em tempo de guerra, se uma mulher de Turquia se colloca diante de um revoltoso, esse homem torna-se sagrado, e os soldados nem podem matal-o, nem sequer fazel-o prisioneiro. Pertence á mulher que assim o protegeu.

Quando uma mulher tem uma queixa, ou um requerimento a apresentar, seja a um ministro, seja mesmo ao grão-Vizir, manda redigir esse requerimento por um escrivão publico. Os homens que exercem esse mister são numerosos, e estacionam nas ruas e praças publicas, n'uma especie de barraca de madeira.

A mulher dirige-se com o seu requerimento á Porta, e sem ter necessidade de procurar uma protecção, um empenho, para poder fallar ao referido personagem, ou para sollicitar humildemente uma audiencia, dirige-se confiadamente á secretaria. Mesmo que tenha de fallar com o grão-Vizir, o mais elevado personagem do imperio, essa mulher não encontra á porta archeiro ou porteiro que lhe estorve a entrada. Abre-a e entra. O grão-Vizir sauda-a com polidez, manda-a sentar, ouve-a, e resolve immediatamente a sua pretenção.

Como a mulher não pode exercer officio ou mister algum, a lei preoccupa-se constantemente d'ella. Se se divorcia de seu marido, esse marido é obrigado a pagar-lhe largamente o que a lei prescreve, e se recusa, é mettido na cadeia. Se é viuva, e não tem parentes, o estado arbitra-lhe uma pensão.

Quando pessoas pobres morrem, deixando filhas orphãs, o Estado toma cuidado d'ellas, se são muito novas para casar. Muitas vezes tambem, quando nas familias pobres ficam raparigas orphãs á mingua e ao desamparo, algumas senhoras abastadas tomam conta d'essas pobres raparigas, fazem-nas educar, e mais tarde casam-nas, dando-lhe avultados presentes e um bom enxoval. No Oriente, nunca uma mulher é completamente abandonada á miseria e ás privações.

Os paizes civilisados teem muito que aprender nos costumes d'estes povos, que o nosso orgulho e ridicula presumpção costuma qualificar de povos barbaros.

....

....

Os eunuchos são geralmente pobres abexins ou negros do interior da Africa, roubados em creança a seus paes por esses entes ignobeis a quem a sede de lucro obriga a fazer o trafico dos escravos, e que vão vendel-os a Constantinopla.

E' preciso ser grão-senhor, ou pelo menos riquissimo, para ter eunuchos. E' um luxo que nem todos os turcos se permittem.

Os sultões teem sempre um grande numero de eunuchos no serralho. Abdul-Medjid tinha perto de duzentos.

Na historia da Turquia, os eunuchos representaram um papel importante, e a sua influencia junto do soberano era tão reconhecida, que essas creaturas sem sexo tinham por cortezãos os mais elevados personagens, os primeiros homens do imperio!

Esta influencia é actualmente menor.

O chefe dos eunuchos do palacio chama-se o *Kuslar-agaci,* e tem um posto correspondente ao de marechal, do qual usa o uniforme. Traz ao peito o grande cordão do Medjidié, e occupa no palacio um sumptuoso aposento, tendo ás suas ordens munerosos creados. Os seus lacaios, os seus cavallos e as suas carroagens podem rivalisar em riqueza com os do grão-Vizir, e quando sáe, é com um apparato, com um sequito, que iguala o dos ministros.

Todos os outros eunuchos tèem postos tambem, e cada um d'elles uma missão especial. Alguns ha que são simplesmente creados, mas tendo intelligencia e boa conducta, podem esperar chegar a um posto importante.

Os diversos eunuchos do palacio estão ás ordens do *Kúslar-agaci,* que é considerado o seu general-commandante em chefe.

Todas as damas do palacio, mulheres ou favoritas, tèem cada uma d'ellas quatro ou cinco eunuchos para as acompanharem, quando sahem, ou para desempenharem commissões e recados.

Não devemos julgar, pelo que temos ouvido em certos *librettos,* que os eunuchos tèem o direito de fallar arrogantemente a estas damas, e mesmo de entrar nos seus aposentos. Pelo contrario, são obrigados a ser respeitosos para com ellas, e submissos como fieis servidores, e nunca lhes é permittido entrar nos seus aposentos particulares.

Os eunuchos intelligentes tèem sempre o maior empenho em estar de accordo com as damas, e mesmo quando ellas fazem algumas pequenas infracções ás leis austeras do serralho, taes como, olhadellas ternas e varios outros galanteios sem importancia, fecham os olhos e não dizem palavra.

Alguns ha, no emtanto, que são verdadeiros animaes ferozes, e se no passeio algum homem se lembra de deitar um olhar terno a sua ama, ou de se approximar d'ella, cahem sobre elle a chicotadas ou a bastonadas. O governo turco já por mais de uma vez tem tido de pagar grandes e pesadas indemnisa-

ções a europeus, tractados um pouco barbaramente pelos senhores eunuchos do sultão.

Embora, porém, elles sejam delicados e submissos para com as mulheres do serralho, como ellas sabem perfeitamente que a sua unica missão é espial-as, detestam-nos, e tractam-nos muitas vezes com aspereza. Os homens, pelo contrario, têem uma grande consideração por elles, não os tractando como simples creados. Ás vezes, alguns d'estes eunuchos são instruidos e intelligentes.

Nas casas particulares, onde ha eunuchos, ha tambem o eunucho-chefe, homem de confiança, uma especie de mordomo. Os que estão sob as suas ordens têem por unica missão conservarem-se á porta do harem, para executarem as ordens das senhoras. Vão do *selanlik* ao harem. É a estes escravos que o marido dá ordens para elles as transmittirem ao harem. Estes eunuchos podem entrar no aposento das mulheres, mas sómente depois de terem obtido auctorisação para isso. Conservam-se respeitosamente á porta, e fazem uma *temena* até ao chão.

Quando as senhoras sahem, os eunuchos acompanha-nas como batedores, conservando-se sempre á frente das carroagens. No emtanto, não é de rigor sahirem com elles. Se quizerem, pódem partir de casa sem esta apparatosa escolta.

Todos os eunuchos montam cavallos magnificos com sellas bordadas a ouro.

Todos os eunuchos, os do serralho principalmente, retiram-se, acabado o tempo de serviço, com fortuna.

Um viajante conta a este respeito:

«Fui um dia a Chambija, bonita cidade da Asia, onde vi uma casa de campo admiravelmente situada, com vista sobre todo o Bosphoro, notavel pela elegancia da sua construcção e pelo gosto que presidira á disposição dos jardins. Perguntei o nome do feliz proprietario d'este encantador *yalli*, e responderam-me que pertencia a Hassem-Aghá, ex-*Kuslar-agaci*...

«Este Hassem-Aghá, que é além de tudo um homem do mundo, de maneiras distinctas e de uma conversação agradabilissima, passa n'esta bella habitação a vida de um verdadeiro *dandy*. Tem nas suas cavallariças uma duzia de soberbos cavallos, e quando apparece no passeio, n'um elegante phaeton, que sahiu de casa de Binder, guiado por elle proprio, e seguido de dois creados tomal-o-hiam facilmente, a não ser a côr da pelle, por um dos elegantes de Paris.

«Vive opulentamente na sua esplendida casa de campo, dá jantares á europeia, onde circulam vinhos delicados, e o champagne corre em ondas espumosas. O serviço de mesa sáe das fabricas de Sèvres, e a mobilia do palacio é verdadeiramente principesca.

«Perguntar-nos-hão agora quem são os convivas do ex-*Kuslar-agaci*... Ora quem são! Os mais opulentos senhores de Constantinopla, os mais elevados personagens da côrte, que se julgam felizes de serem convidados por elle!

«O magnifico palacio é dividido em dois pavilhões, um onde elle habita e recebe os seus convidados, e outro... onde habitam as suas mulheres! Por-

que Hassem-Aghá é casado! Tem mesmo muitas mulheres, uma das quaes, principalmente, é formosissima, segundo dizem! Não posso dizer-lhes se foi a experiencia que lhe suggeriu esta modificação, mas o certo é que as grades das janellas do seu harem são mais apertadas e mais fortes que as dos outros harens. Tem tambem eunuchos para servirem e guardarem estas damas, e para as acompanharem ao passeio!

«Onde vae Hassem procurar as muas mulheres? Onde as procuram todos os turcos opulentos e poderosos, que gostam de cultivar as bellas flôres do serralho, ao grande mercado das circassianas e georgianas. Compra-as com o seu dinheiro por vaidade simplesmente, porque o pobre homem, destituido dos orgãos naturaes, não póde ter com ellas senão relações de pura phantasia.»

Hasssem poderia dizer como o eunucho, de que falla Voltaire:

Quella maggia de essere senza c...

É vulgar o casamento entre os eunuchos enriquecidos, que acabam o seu tempo de serviço. Compram uma ou muitas circassianas, e têem como os pachás as suas mulheres legitimas e as suas odaliscas. Não podendo conhecer as doçuras da paternidade, compram quasi todos elles creanças circassianas, adoptando-as, educando-as e fazendo a sua fortuna.

Outros eunuchos, ao anoitecer da vida, tornam-se extremamente devotos. Muitos d'elles fazem a peregrinação da Méca, e vão alistar-se no numero dos religiosos que guardam o tumulo do Propheta.

A moda de ter eunuchos vae-se perdendo, e ha de vir a desapparecer de todo no Oriente. Os turcos acabaram por comprehender, ao cabo de tanto tempo, que comprando estes desgraçados, alimentavam a barbarie estupida d'esses entes indignos, empregados em tão infame trafico. Actualmente, se ainda existe em Constantinopla a venda dos eunuchos, é a occultas.

Antes de passarmos a outro assumpto, vamos contar um drama de uma crueldade sem precedentes em historia alguma, e devido ao embuste de um eunucho.

Haverá setenta annos um sultão soube um dia que um dos seus eunuchos não o era, e que o enganára de proposito para entrar no serviço do serralho. O sultão, furioso, manda chamar aquelle desgraçado, e faz-lhe cortar a cabeça na sua presença.

Mas isto nada era ainda! O sultão manda logo em seguida chamar os seus quarenta filhos, quarenta filhos que tinha tido de todas as suas innumeraveis odaliscas e favoritas, e manda chamar tambem á sua presença as mães de todos aquelles innocentes.

Crueldade sem exemplo na historia de povo algum! O barbaro manda degolar mães e filhos sem a menor hesitação, sem um vislumbre sequer de remorso!...

Ainda hoje se vêem em Constantinopla os quarenta tumulos das pobres creanças e de suas mães, todos em fileira ao lado uns dos outros!...

. . . .

....

Como já dissemos, todas as casas da Turquia, desde a modesta habitação do pobre até ao luxuoso palacio do grande personagem, são divididas em dois corpos distinctos. Um chama-se o selanlik, e é o aposento do marido, onde tracta dos seus negocios, recebe os seus amigos, e onde sua mulher, ou suas mulheres nunca põem os pés. O outro é destinado ás mulheres e chama-se *harem*. A palavra *harem* quer dizer *casa da mulher*.

É, portanto, erradamente que nós os europeus dizemos ter um *harem*, para exprimirmos que um homem tem muitas mulheres, porque todo o turco tem um *harem*, ainda que não tenha senão uma mulher, ou mesmo que não tenha nenhuma, por isso que não ha casa no Oriente que não esteja dividida em duas partes, um *selanlik* e um *harem*.

O *harem* nas casas mais opulentas compõe-se de muitos aposentos completos e independentes uns dos outros, porque o homem que tem muitas mulheres é obrigado a dar a cada uma um aposento separado. Ellas têem o seu pessoal de creados á parte, jantam, recebem as suas amigas, dão festas, cada uma no seu aposento respectivo, e se quizerem não se vêem umas ás outras.

Ha escravas para fazerem o serviço dos harens. Ter muitas escravas é um luxo obrigatorio. Por isso, todas as casas abastadas têem muitas, e as pessoas opulentas um numero consideravel d'ellas. Estas escravas sabem a fazer as commissões do harem. Nas casas onde ha eunuchos são elles os encarregados d'estes serviços, são elles que se conservam á porta do harem, esperando ordens. Uma roda, como aquella que havia á porta dos nossos conventos, é collocada á porta do harem. É alli que o eunucho vae pôr as compras. O marido tem a chave do harem, para entrar quando quizer, mas, quando tem muitas mulheres, manda prevenir pelo eunucho aquella que deseja visitar.

Dizer aqui o que se passa nos harens é entrar n'um terreno verdadeiramente escabroso, e outra difficuldade é que o interior de cada harem não se parece com os outros. N'alguns d'elles passa-se uma vida alegre e feliz, são aquelles em que ha uma mulher senhora absoluta do coração de seu marido e da sua casa. N'esses harens, canta-se e ri-se.

Já tivemos occasião de o dizer, se bem nos recordamos: as damas turcas são pouco instruidas. É raro saberem lêr e escrever. A poesia, as artes e a litteratura são-lhes quasi completamente desconhecidas. A *toilette* e o luxo, eis o que as preoccupa. Fazem tambem bordados magnificos a ouro, em estofos delicados, trabalhando conjunctamente com as escravas. Estas raparigas teem quasi sempre um caracter doce, serviçal e obsequiador, mas são muito levianas. Ha em todas ellas uma grande dóse de alegria; se vêem a fronte da sua senhora obscurecida por alguma nuvem sombria, apressam-se a cantar e a dansar para a distrahirem.

Indolentes de caracter, as orientaes passam horas inteiras recostadas nos seus fofos *divans*, ou nos seus felpudos tapetes, a fumarem cigarros, ou o classico *narguileh*. As escravas conservam-se ao lado d'ellas, adivinhando-lhes os desejos e os caprichos. Umas vezes temperam o calor do ambiente com os seus deliciosos leques de pennas de avestruz, outras servem-lhes uma delicada taça

de café. De resto, as damas do *harem* visitam-se amiudadas vezes: obsequeiam-se mutuamente com festas esplendidas. Quando uma das damas recebe as suas amigas, ou tem qualquer visita nos seus aposentos, o marido não tem o direito de entrar no *harem*, porque uma mulher não pode mostrar-se a homem algum com o rosto descoberto.

A vida de familia é pouco vulgar n'esse bello paiz. O marido raras vezes janta com sua mulher, sobretudo quando tem muitas. Em quasi todas as casas ha dois jantares, o do *selanlik*, e o do *harem*.

Com tantas mulheres que se detestam, com tantos filhos de tantas e tão diversas mães, filhos que não podem affeiçoar-se uns aos outros, como se o mesmo seio os tivesse gerado, e que na grande maioria dos casos abraçam os odios das mães, a vida intima é difficil.

Se as mulheres habitam casas diversas, essa vida mais difficil se torna ainda, porque o marido não pode estar em toda a parte.

O luxo oriental é lendario. Nos aposentos das damas do *harem* é onde elle apresenta os seus mais delicados refinamentos. Não é raro vêr quartos inteiramente atapetados de setim branco, cobertos de arabescos de ouro, onde muitas vezes as perolas finas se casam com os diamantes. Os *divans* são soberbos de magnificencia.

Um quarto de noiva pode dar uma verdadeira ideia d'esse luxo inaudito do Oriente. Era todo forrado de setim azul celeste, com grinaldas de flores bordadas a ouro. A corolla d'essas flores, deslumbrantes e numerosas, era de perolas finas ou de diamantes. Havia alli um *divan* magnifico, que tinha custado sessenta mil francos. Os tapetes da mesa eram de um trabalho tão maravilhoso como rico; os diamantes, as perolas, os rubis e as esmeraldas formavam mil arabescos. Um copo para agua attrahia todas as attenções, era de ouro massiço, incrustado de pedrarias do mais elevado preço.

Os orientaes ligam grande apreço aos pratos, á baixella e ás taças do café. Todos estes objectos são ordinariamente de ouro, adornados de pedras finas ou de diamantes.

Nos paizes civilisados, não se costumam empregar ordinariamente as pedras preciosas senão para fazer joias proprias para o adorno feminino. Entre os turcos, essas pedras de um valor inestimavel scintillam por toda a parte. Os cachimbos e os *narguileh* são tambem para elles objectos muito dispendiosos. Os cachimbos teem boquilhas de ambar que valem muitas vezes oito ou dez mil francos, sem contar o annel de diamantes que se vê junto da boquilha. Os *narguileh* são tambem de um preço fabuloso, e todas as casas ricas devem ter um grande numero d'elles, para poderem ser offerecidos a todos os convivas depois do jantar.

Na Europa, um homem não tem ordinariamente senão um relogio mais ou menos bello, emquanto que cada turco, exactamente como uma mulher, tem as suas joias. O brilho dos diamantes e as scintillações das pedras preciosas são-lhes tão necessarios como o ar que respiram. Empregam-nos em tudo. Por isso tambem um turco tem de ser dez vezes mais rico do que um homem dos nossos paizes, para poder parecer rico.

Voltando á esplendida camara nupcial a que acima nos referimos, ella era tão deslumbrante, tão recoberta de ouro e de riquezas, que a mulher a quem era destinada precisava de ser muito bella, para não ser completamente offuscada por tanta magnificencia. Em todo o caso, as mulheres orientaes costumam ser bellas, cheias de viço e de frescura.

Imaginem por um pouco uma das nossas mulheres magras, seccas e trigueiras n'essa bella camara toda de ouro e de setim!...

Os leitos no Oriente não se parecem nada com os nossos. Não estão collocados *ad hoc* nos quartos.

A' noite, as escravas trazem-nos e collocam-nos no meio do aposento. A tarefa não é difficil, porque esses leitos compõem-se de pequenos cobertores sobrepostos uns aos outros. Magnificos chailes das Indias cobrem esses leitos, defendidos ainda por um mosqueiro.

O luxo das *toilettes* das damas turcas é tambem de uma magnificencia deslumbrante. Algumas começam a vestir-se á franceza, mas recusam formalmente o penteado á europeia.

O trajo d'estas damas compõe-se de umas largas calças apertadas com uma fita por cima do tornozello, e cahindo enfoladas sobre o pé, do qual apenas deixam ver a extremidade. Usam uma camisa de gaze, e sobre ella um grande roupão apertado, cahindo em pannos cortados que fazem cauda. Este vestido deixa ver o pescoço e o começo do seio. Têem muitas joias, collares e braceletes. Usam tambem nos cabellos ganchos de ouro e de diamantes. Muitas d'estas damas têem a mania de cortar os cabellos, não os deixando mais compridos que os dos homens da Europa.

Quando sahem accrescentam ainda a esta *toilette*, em primeiro logar o veu, que é de uma fina gaze transparente, deixando apenas os olhos e a bocca a descoberto, e depois um *ferijié*. O *ferijié* é um grande manto de côr sombria, que as envolve completamente.

É um erro suppor que as damas turcas vivem encerradas no harem. Pódem sahir livremente, ou de carroagem, ou a pé, ou para passeiarem, ou para irem ao campo, ou para fazerem compras nos bazares. Usam largamente d'esta permissão, sahindo amiudadas vezes. São apenas obrigadas a cobrirem-se com um veu, e a andarem acompanhadas ou por um eunucho, ou por uma velha, ou ainda por alguma parenta d'ellas ou de seus maridos.

Uma dama turca nunca póde sahir com um homem, ainda que esse homem seja seu pae ou seu marido. Na Turquia, as mulheres andam sempre umas com as outras, e os homens do mesmo modo. Quando vão passeiar ao campo, encontram-se nas estradas grandes carros cheios de mulheres e sem um unico homem que as acompanhe. De resto, graças ao veu, que ellas pódem tornar extremamente espesso, se assim o quizerem, é-lhes facil seguirem o marido e passarem ao lado d'elle, sem que possa reconhecel-as.

Em geral, esse veu é muito fino e completamente transparente, e não impede os curiosos de admirarem a belleza das mulheres. Só as velhas e as feias, ou as mulheres ciumentas que querem occultar-se, é que usam veus espessos.

Na maior parte dos harens, passam-se todos os dias dramas sangrentos, comedias burlescas, scenas terriveis. O amor proprio, o ciume, a inveja e o odio são causa de luctas bem terriveis, ás quaes o amor é quasi sempre extranho.

Não invejem muito os leitores a sorte d'esses ricos e opulentos pachás, que teem tres ou quatro mulheres legitimas e um numero illimitado de odaliscas. Com esta abundancia de mulheres, ou melhor, por causa d'essa abundancia, é bem raro que elles tenham o amor de uma só, e é-lhes extremamente difficil acalmar as tempestades do lar domestico. Ignoram a felicidade, a tranquillidade do lar... são mais dignos de lastima que de inveja.

Madame Audouard viu muitas damas turcas, conversou com um grande numero d'ellas, e todas lhe confessavam que não gostavam de seu marido, ou pelo menos que não podiam ter esse amor exclusivo, que só póde viver e alimentar-se, sendo pago na mesma especie. Como poderia uma mulher dar o seu coração e a sua alma inteira a um homem, que reparte com outras o seu amor, que diz hoje a essa mulher as mesmas palavras de amor que hontem dizia á sua rival, e que ámanhã repetirá á sua escrava, de que fez odalisca, essas mesmas palavras, e isto a dous passos de distancia e debaixo do mesmo tecto?

A mulher turca póde ser feliz, ella propria o confessa, quando consegue fazer callar o coração e suffocar-lhe todos os instinctos de revolta. Verdade seja que a mulher d'esse paiz é bastante futil. O seu pensamento constante são as *toilettes* e o luxo, e na maior parte dos casos as scenas violentas do harem são unicamente devidas a questões de despeito. Enfurecem-se mais por o marido ter dado uma joia magnifica, ou uma bella equipagem, a outra mulher, do que por lhe ter manifestado mais amor.

Quando o harem é povoado de muitas mulheres, o marido deve ter bastante cuidado em não dar a qualquer d'ellas *toilettes* mais bellas, ou cavallos de maior preço, que os das outras, porque n'este caso, gritos, lagrimas, furores, recriminações violentas, tornar-lhe-hão a vida um verdadeiro inferno.

As mulheres turcas podem dividir-se em tres cathegorias.

A primeira, extremamente numerosa, compõe-se d'aquellas que acceitam o mais resignadamente possivel a polygamia. Chamam ás suas rivaes: «Minha irmã», e vivem na melhor intelligencia umas com as outras. Saem, divertem-se de companhia. Cada qual alternativamente, ou segundo o capricho do marido, é a favorita da noite. Succede mesmo muitas vezes a escolhida convidar á noite as outras mulheres a passarem a noite em sua casa. Serve-lhes café, chá e cigarros. O marido apresenta-se alli amavel para com todas. N'um momento dado, as convidadas retiram-se aos seus respectivos aposentos, deixando tranquillamente o marido com a sua rival.

Esta cathegoria inspira, devemos confessar, uma grande repugnancia. E' exactamente a vida da prostituição, a carnalidade vil, a submissão da femea. Essas mulheres abjectas, completamente destituidas de sentimentos elevados, nem merecem o nome de mulheres. São femeas e nada mais!...

A segunda cathegoria compõe-se das que supportam com paciencia e re-

signação a polygamia, mas que soffrem bastante, e conservam em pé a sua dignidade de mulheres.

São as que desposam um homem, que o amam e são amadas, que reinam exclusivamente no coração de seu esposo e na sua casa, e são felizes, até ao momento em que esse marido voluvel se enamora dos encantos de uma outra mulher, casando tambem com ella, ou fazendo-a sua odalisca. Então, a primeira mulher chora a sua felicidade perdida. Sente-se presa de um violento despeito, mas resigna-se e submette-se á sua triste sorte. Tendo filhos, ou não sendo bastante joven para esperar tornar a casar, prefere não deixar o marido. Continúa a habitar em casa d'elle, faz bom acolhimento á sua rival, vive em boa intelligencia com ella, mas deixa de ser a mulher de seu marido, recusa-lhe a entrada no seu quarto, e tracta-o com a maior frieza. É mulher, amou, e sente ter deixado de ser amada, retirando-se da intimidade de seu marido com dignidade, sem querer descer a uma miseravel partilha.

O que mais admira n'estas mulheres é a sua resignação. Madame Audouard teve occasião de observar em Constantinopla um exemplo d'ella, que bastante a impressionou.

«Fatma, diz ella, era havia dez annos a unica mulher de Abiul-Pachá, elevado personagem da côrte do sultão. Ella amava seu marido e era feliz. Déra-lhe já muitos filhos. Um dia fui visital-a e pareceu-me extraordinariamente triste.

—«Vou hoje fazer uma cousa bem penosa, disse-me ella. Vou ao yalli de meu marido buscar sua mulher para a trazer aqui.»

«Olhei para ella admiradissima. Fatma apressou-se a accrescentar:

—«E então, minha querida? Ainda eu não sou muito para lastimar! Fui durante dez annos a unica mulher de meu marido, que me pagou amplamente todo o amor que lhe tive. Hoje é do seu gosto dar-me uma rival, isto quer dizer que deixou de me ter amor, ou que me tem menos do que tinha. Lamento este abandono, mas que lhe hei de fazer? O amor não recebe ordens de ninguem!...»

—«Mas como fez elle esse segundo casamento? perguntei-lhe. E quando casou?...»

—«Ha seis mezes, disse-me ella com tristeza, comecei a notar que me tinha menos amor. Vinha raras vezes ao harem. Fil-o vigiar, porque era ciumenta... Soube então que tinha comprado uma joven e bella escrava, que a installara no nosso yalli, e que passava ao lado d'ella todo o tempo. Não lhe disse uma palavra, porque as minhas lagrimas ou as minhas palavras de nada serviriam. Acabo de saber que essa escrava está gravida. Ora, segundo a lei, elle não tem remedio senão casar com ella... Pois bem, minha amiga! Prefiro que traga sua mulher para aqui, a que lhe dê outra casa, porque seria mais dispendioso e mais incommodo para elle!»

«Que me dizem as leitoras a esta resignação! Pela minha parte, fiquei estupefacta. Fatma fez o que disse. Foi buscar a sua rival, e aquellas duas mulheres, ao verem-se, não se arranharam. Pelo contrario! A primeira mulher disse á outra beijando-lhe a fronte:

—«Venha para casa, minha irmã, alli é que é o seu logar!»

«E ambas vivem na casa na melhor harmonia. A primeira mulher, no emtanto, prohibiu a seu marido a entrada nos seus aposentos, e rarissimas vezes o vê. N'uma palavra, deixou de ser sua mulher; teve a dignidade de não acceitar uma partilha vergonhosa.»

Por esta cathegoria de mulheres, sente-se uma estima e uma sympathia profunda.

A terceira cathegoria é a das mulheres ciumentas. Estas gritam, choram entregam-se a taes arrebatamentos e violencias contra as suas rivaes e seu infiel marido, que este pobre homem expia amargamente a sua falta de constancia.

Imaginem-se duas mulheres, vivendo debaixo do mesmo tecto, ambas ellas mulheres do mesmo homem, detestando-se profundamente, injuriando-se todas as vezes que se encontram, disputando-se os favores de seu senhor e amo!...

Uma lucta de luxo e de vaidade estabelece-se ordinariamente entre ellas. Ai d'aquella que tem uma equipagem mais bella, ou uma joia mais bonita, se no harem ha muitas mulheres! Todas ellas se conjuram contra a rival preferida!...

Se o marido quer ter paz, é obrigado a comprar todos os objectos que ellas desejam.

Os annaes da Turquia teem de registrar numerosos crimes, praticados por mulheres ciumentas. Contam-se muitos dramas sangrentos, prova evidente de que estas mulheres-pasta se tornam algumas vezes mulheres-tigres, quando o ciume lhes exalta o fogo do temperamento.

Vamos contar dois dramas espantosos. Um d'elles passou-se em Adrianopla, outro em Constantinopla.

Em Adrianopla, o pachá N*** tinha casado com uma joven escrava, muito bella, que elle vira em casa de uma das suas parentas, e da qual se apaixonara doidamente.

Esta mulher, chamada Jet-ta, era de um caracter violento, arrrebatado, apaixonado, e amava tambem ardentemente seu marido. Era, porém, muito ciumenta, e seu marido com receio de ter algum dia os olhos arrancados, tinha o maior cuidado em não lançar ainda o mais innocente olhar a nenhuma das suas escravas.

O ciume de uma mulher amada é uma doce e agradavel tyrannia. O nosso pachá era feliz, e orgulhava-se de notar este sentimento em sua mulher.

Jet-ta era feliz. Todas as mulheres de Adrianopla invejavam a sua sorte.

A's vezes, quando qualquer d'ellas se queixava de seu marido ter casado com outra mulher, Jet-ta dizia-lhes:

—«A culpa é vossa! Vós não sabeis conservar o coração de vossos maridos!...»

Nada é mais ephemero do que a felicidade n'este mundo de decepções. Um dia a bella turca acordou com a cabeça pesada e a garganta em fogo... Era a variola! Esteve dois mezes doente, e quando um dia, sentindo-se melhor,

se levantou e se dirigiu vacillante para um espelho, soltou um grito de horror, e perdeu os sentidos... Pobre mulher! Não se reconhecera! A variola tinha-lhe deixado os seus indeleveis e ignobeis stygmas... Estava crivada de buracos. As suas feições haviam engrossado .. n'uma palavra, estava tão feia, quanto até ahi fóra bella e graciosa!

Tanto chorou, e tanto se affligiu, que tornou a cahir doente. O que essa pobre mulher soffreu durante a terrivel doença é impossivel de dizer. A convalescença foi longa.

Ella, até então alegre e risonha, estava agora sombria e melancholica. Consultava a cada momento o seu pequenino espelho, mas depois de um rapido olhar, arremessava para longe com colera o pobre espelho, que não tinha culpa alguma de tudo aquillo.

Uma cousa augmentava a negra melancholia de Jet-ta. Seu marido, que durante a doença, não sahia de junto d'ella, depois da convalescença raras vezes lhe apparecia, e mostrava-se para com ella de uma indifferença desesperadora.

— «Não me ama! dizia a pobre rapariga. Acha-me feia!...»

E derramava torrentes de lagrimas.

A mocidade foi mais forte que a doença. Ao cabo de tres mezes estava completamente restabelecida, mas estava horrivelmente feia, e seu marido era agora tão frio para com ella, quanto até ahi fôra amante e cheio de carinho. Jet-ta soltou os diques á dôr que a dilacerava, apostrophou o marido, censurou-lhe aquella mudança. Elle, a principio, ouvia-a com tranquillidade, mas d'ahi a pouco, impacientava-se e encolhia os hombros.

Um bello dia, cansado das suas queixas, na occasião em que ella o censurava de ter mudado, o pachá pegou-lhe na mão e conduziu-a diante de um espelho, dizendo-lhe bruscamente:

— «Quem mudou foste tu!...»

Jet-ta ficou pallida e immovel. Esta phrase cruel ferira-lhe o coração como uma punhalada! A datar d'esse dia nunca mais dirigiu uma palavra a seu marido, mas começou a odial-o tão entranhadamente como até ahi o tinha amado.

Poucos dias depois, aquelle odio encontrou um duplo alimento para se saciar, porque notou que Dispeta, joven escrava que seu marido lhe comprara, tinha sido elevada á cathegoria de odalisca. A escrava, até então meiga e submissa para com sua ama, tornou-se soberba e altiva. Parecia querer affrontal-a com os seus dezeseis annos e com a sua belleza.

Incapaz de se conter, sentindo a lucta intima do amor desprezado com o amor mal extincto, que não pedia senão uma palavra affectuosa, uma palavra de ternura para se reaccender talvez, mandou chamar seu marido, e censurou-lhe em termos commoventes a sua ingratidão para com ella.

— «Amava-me, disse-lhe ella, quando eu era bonita, e tenho culpa por ventura de ser feia, por causa de uma horrivel doença, que mais valera me roubasse a vida? Porque foi que a minha belleza perdida poude fazer fugir o seu amor? O coração de Jet-ta é, e será sempre de seu senhor e amo!»

Em seguida, fallou-lhe de Dispeta, e o seu ciume fez explosão. Disse quanto lhe custava ver esta escrava, ainda ha seis mezes sua creada, e que actualmente parecia dar-se ares de sua senhora e de sua rival.

— «Volte para os meus braços, restitua-me o seu amor, accrescentou ella com lagrimas na voz, e verá que se o rosto de Jet-ta mudou, o seu coração é o mesmo ainda. Venha, e espero á força de amor fazer-lhe esquecer as desgraças, com que a natureza veio ferir-me tão cruelmente!...»

O marido permaneceu frio, insensivel, indifferente a este discurso, e respondeu-lhe que se Dispeta se apresentava como dona da casa, estava no seu direito, porque trazia no seio um filho d'elle, e que antes de um mez seria sua mulher legitima, exactamente como ella.

Jet-ta ouviu esta cruel resposta, e ficou impassivel. Mas, se seu marido tivesse notado o sombrio relampago que seus olhos lançaram n'aquelle momento, ter-se-hia assustado.

Depois d'este dia, nunca mais lhe tornou a dirigir a palavra. Encerrada continuamente no seu quarto, nem sequer queria ver as suas escravas. Estas, pela sua parte, a exemplo dos cortezãos, ergueram a fronte diante da favorita de hontem, para a curvarem diante da favorita do dia.

Um dia soube que o contracto nupcial fora feito, e que portanto, a escrava se tornara sua egual. Ao lado dos seus aposentos havia sido preparado um aposento gracioso e opulento para a nova mulher, que n'essa mesma noite devia tomar posse d'elle.

Á noite, effectivamente, para festejar o seu casamento, houve um grande jantar em casa da nova mulher do pachá, e em seguida, canto, musica, baile, etc.

Jet-ta, encerrada no seu quarto, ouvia sombriamente os ruidos festivos d'aquella ceremonia, que para ella soavam como um dobre de finados.

Á uma hora da manhã, cessaram os cantos, apagaram-se as velas, e fez-se na casa um silencio profundo.

Ás duas horas, os dois esposos dormiam nos braços um do outro, illuminados apenas pela tenue claridade de uma lampada de prata.

Jet-ta, descalça, envolta n'um grande chaile, sahiu n'aquelle momento sem o menor ruido da porta do seu quarto. Tirou do seio uma chave, e abriu a porta do quarto nupcial do seu marido, tão devagar, que apenas se fez ouvir um ligeiro estallido, similhante ao que dão ás vezes os moveis novos, estallido que se assimelha a um suspiro ou a um estremecimento. Nada mais veio perturbar o silencio da noite.

A esposa abandonada entrou no quarto nupcial, lentamente, comprimindo as pulsações do coração. Approximou-se do leito, examinou os dois esposos durante um segundo. Uma expressão de odio e de vingança veio desfigurar mais ainda a desgraçada. Talvez lhe faltasse a coragem ao entrar, mas o quadro que tinha diante dos olhos inspirou-lh'a novamente, porque foi com mão segura que tirou um vidrinho escondido no seio. Abriu-o, e derramou o conteúdo no rosto de seu marido e no da sua rival.

Gritos de dor e rugidos medonhos sairam n'aquelle momento do leito. As

duas victimas estorciam-se em convulsões atrozes. Era vitriolo que ella lhes lançara no rosto e nos olhos. Quizeram levantar-se para se arremessarem contra aquella inimiga perfida, mas o liquido tinha-lhes queimado as palpebras e os olhos. Não viam nada, e os braços feriam apenas o espaço!

Jet-ta, a um canto do quarto, olhava para elles com uma alegria feroz. Soltou uma gargalhada odienta, e disse:

—«Ah! ah! ah! meu senhor e amo! Com que então desprezou o amor da pobre Jet-ta, escarneceu d'ella, fel-a soffrer sem piedade, porque a desgraçada perdeu a sua belleza!... Quer um espelho tambem agora para ver quem está mais disforme, se ella, se o seu cruel esposo? E tu, insolente Dispeta, quizeste ser minha egual, insultaste a minha desgraça! Soberba com essa belleza, riste da minha miseria... Pois agora, miseravel, és muito mais feia do que eu!...»

E a estas palavras, soltou uma gargalhada que não tinha nada de humana. Era mais o rugido da féra ao dilacerar as entranhas da sua victima!

O pachá, louco de dor e de colera, conseguiu apoderar-se do seu punhal. Não a via, mas guiado pela voz, quiz precipitar-se sobre ella. Jet-ta evitou-lhe o alcance.

—«Não, disse ella, eu não quero morrer ás tuas mãos! A vingança é doce, e eu não quero dar-te essa consolação suprema!»

E dizendo isto, fugiu para o seu quarto, onde se barricou, empilhando junto da porta todos os moveis.

As escravas, acordadas pelo tumulto e pelos gritos, chegaram n'este momento. Recuaram de espanto, ao verem o seu senhor e a nova favorita n'um estado horrivel.

Correram logo em procura de medicos, assim como do *cadi* para se apoderar da criminosa e para a punir com severidade. A auctoridade, depois de ter arrombado a porta de Jet-ta, encontrou-a deitada no leito e agonisante. Tinha feito justiça a si propria, envenenando-se.

Os medicos declararam que o pachá, além das queimaduras, que lhe deixariam signaes profundos no rosto, perderia o olho direito. Quanto a Dispeta, perdera completamente a vista, e devia resignar-se a ficar cega e desfigurada.

Ambos vivem ainda, segundo a prophecia dos medicos. Ella cega, elle desfigurado e quasi cego tambem. Castigo horrivel! Resta-lhe um olho para poder vêr os stygmas indeleveis, impressos no seu rosto e no de sua mulher pela infeliz e abandonada Jet-ta!...

A lição foi cruel, mas aproveitou-lhe. Apesar de Dispeta estar cega e horrivel, continúa a ser a sua mulher unica.

....

O drama de Constantinopla, que vamos contar, é egualmente horrivel e barbaro, mas fez apenas uma victima. A esposa abandonada vingou-se apenas do seu infiel esposo.

Nitza casara com um brilhante coronel turco, e adorava seu marido, que era um esbelto e sympathico rapaz.

A principio, o coronel mostrou-se o mais apaixonado dos esposos. A constancia não é, porém, a virtude dominante dos homens em geral, e em especial, dos turcos. Diremos até que elles não conhecem esta qualidade, e que nem sequer suspeitam da sua existencia, habituados á ideia de que nada é mais natural do que amar hoje uma mulher e ámanhã outra, sem julgarem tornar-se culpados para com a mulher, que lhes entregou completamente a fé e o coração.

O coronel, ao cabo de dois annos de casado, teve o desejo de augmentar o numero das suas mulheres. Receiando, porém, as scenas e as disputas que este desejo poderia causar no interior do seu harem, comprou uma escrava, desposou-a, e, em logar de a levar para casa, installou-a n'uma casa de campo nas margens do Bosphoro, e occultou esta segunda união á sua primeira mulher. Apesar d'isso, ella foi advertida, a principio pelos tristes presentimentos do coração, e depois pelas repetidas ausencias de seu marido. Fel-o vigiar, e soube dentro de pouco tempo toda a verdade. Então accendeu-se-lhe no coração a chamma impetuosa do ciume, e começou a ruminar os mais sinistros projectos de vingança.

Tinha ao seu serviço uma velha negra, que lhe era dedicada de corpo e alma, porque Nitza fora sempre boa e affavel para com ella. Mas, se essa escrava tinha a maior affeição pela sua senhora, detestava cordealmente o marido, que tantas vezes havia sido duro e cruel para com ella. Por isso aproveitou com alegria a occasião de se vingar. Bem longe de tranquillisar a esposa ciumenta, de a exhortar á paciencia e á resignação, animou e excitou o seu odio e o seu despeito.

N'uma palavra, um bello dia o coronel entrou em casa, depois de uma ausencia de oito dias, e Nitza sabia que elle passara todo esse tempo, não no serviço militar, como elle dissera, mas sim com a outra mulher. Não obstante, o coronel mostrou-se terno e carinhoso para com sua esposa, e jantou com ella. Nitza, dissimulando os seus sentimentos, foi graciosa e amavel para com elle.

Depois do jantar, começou a fumar e tomou duas taças de café, sem notar que sua mulher não o tomava.

D'ahi a pouco, as palpebras fechavam-se-lhe as ideias perturbavam-se-lhe, e o coronel adormecia profundamente. A esposa abriu então cautellosamente a porta, e a velha negra entrou. Dirigiram-se ambas para o dormente, e contemplaram-no com olhar sinistro. O coronel estava sob a influencia de um pesado narcotico, e tinha, ao que parecia, sonhos felizes, porque entre-abria a bocca para proferir phrases como esta:

—«Hisma adorada! Amo-te!...»

Nitza, ao ouvir o nome da sua rival, empallideceu de colera.

—«Vamos, Ziguania!» disse ella.

A escrava negra atou com uma corda os pés e as mãos do seu senhor, emquanto a esposa cruel allumiava com uma pequena lampada. A escrava puxou por uma navalha de barba, cuidadosamente afiada, de que ia munida, e cortou o pescoço do desgraçado. Houve apenas um estertor, um suspiro abafado e... nada mais!

Este drama passava-se no salão do harem. As duas mulheres sahiram, e dirigiram-se ao quarto de Nitza, onde a vingativa esposa do coronel deu uma pesada bolsa á velha escrava, dizendo-lhe:

—«Parte, e sê prudente!...»

E depois d'isto, Nitza deitou-se tranquillamente, como quem acaba de cumprir o seu dever.

No dia seguinte, quando as escravas, entrando no salão do harem, começaram a soltar gritos de terror, Nitza correu logo, e deu todas as demonstrações da mais profunda dor e do mais violento desespero.

Estava convencida de que a velha escrava tivera tempo de fugir e de se pôr ao abrigo da lei. O crime seria apenas attribuido á fugitiva, e Nitza escaparia á punição. Não succedeu assim, porém: a negra foi agarrada, submettida á tortura, e confessou tudo.

Expliquemos agora o que é a tortura na Turquia. Os accusados são mettidos n'uma especie de guaritas, de maneira que não possam nem sentar-se, nem deitar-se, e impedem-nos ainda de dormir n'esses nichos horriveis durante trinta e seis ou quarenta e oito horas. Quando o somno os acommette, abanam os de tal forma, que os desgraçados teem de renunciar ao repouso. É horrivel este supplicio, e os desgraçados acabam quasi sempre por fazer as confissões mais completas, para poderem entregar-se livremente aos encantos de Morpheu. Foi isto o que se passou com a negra, que teve de contar em todos os pormenores a scena verdadeiramente tragica da morte do coronel.

A lei, se ella n'este caso tivesse sido observada á lettra, não condemnaria á morte a esposa do coronel, porque fora apenas espectadora do crime. Mas o coronel era muito querido do sultão, e além d'isso, era mister dar um exemplo severo. Nitza foi condemnada a ser enforcada, juntamente com a escrava.

No dia da execução, notava-se, sentado a dois passos da victima, um inglez, correspondente do *Times,* que esboçava o mais fleugmaticamente possivel o corpo da desgraçada Nitza, balouçando-se nos ares, nas convulsões da agonia!

. . . .

. . . .

A polygamia existe na Turquia, mas em proporções muito menores do que muita gente suppõe. Muita gente imagina que todos os turcos teem uma grande porção de mulheres e de odaliscas.

Constantinopla tem mais de dois milhões de habitantes. Pois entre este numero, haverá quando muito cem mil turcos opulentos que tenham muitas mulheres. O povo, os pequenos burguezes, não teem ordinariamente senão uma mulher.

Só entre os ricos é que se encontra a polygamia, e devemos ainda observar que n'estes mesmos, ha muitos que, desposando uma joven de boa familia, não lhe dão o desgosto de terem concorrentes no harem.

Estas damas revoltam-se e com rasão contra a polygamia, e quando o marido contrahe uma nova união, voltam novamente para o seio das suas familias, divorciando-se d'elle.

As circassianas acceitam mais facilmente esta posição humilhante.

A lei turca permitte a um homem casar com tres mulheres legitimas e ter tantas odaliscas quantas quizer. Mas, ainda assim, a lei dá apenas esta latitude aos homens ricos, que podem assegurar uma posição a todas as suas mulheres em caso de divorcio ou de separação, e que estão em circumstancias de dar a cada uma d'ellas um aposento separado e um trem de vida á parte. É preciso tambem que no caso das mulheres não poderem viver em harmonia debaixo do mesmo tecto, o marido dê a cada uma d'ellas uma casa, e occorra largamente ás suas necessidades. Comprehende-se facilmente que ter muitas mulheres é bastante dispendioso!

A posição de todas as mulheres legitimas é a mesma perante a lei. Tanto a primeira como a terceira herdam egualmente.

A odalisca é o que nós chamamos a amante. E' escolhida pelo senhor entre as escravas da casa. Ainda assim, elle não póde tornar sua odalisca uma escrava que tenha sido comprada por sua mulher, ou da qual lhe tenha feito presente.

Supponhamos que um homem, tendo já uma ou duas mulheres legitimas, nota com agrado uma das suas escravas, ou vê em qualquer parte uma de quem gosta. Compra-a e leva-a para casa. No dia em que teve relações com ella, essa escrava passa ao estado de odalisca. Tem então o direito de se sentar diante de suas amas, torna-se tambem uma especie de dona da casa, tendo os seus aposentos, e deixando de fazer serviço. É uma senhora. Tem o direito de dar ordens ás outras escravas, tendo tambem algumas ao seu serviço, e seus filhos são filhos legitimos, que herdam de seu pae exactamente como os filhos das mulheres legitimas.

Na Turquia não ha filhos bastardos. Todo o pae é obrigado a reconhecer seu filho, seja qual fôr sua mãe.

A odalisca póde passar á cathegoria de mulher legitima, se o marido assim o quizer. N'esse caso, manda lavrar um contracto, e tudo fica concluido. Um turco jámais tem o direito de vender uma escrava que passou ao estado de odalisca. Póde despedil-a, se ella se portar mal, mas ainda assim, tem o dever de lhe assegurar uma posição conveniente.

Escusado será dizer que a odalisca e a mulher legitima vivem o peior possivel uma com a outra.

Nem admira este facto. Imaginem os leitores uma pobre senhora, que vê uma escrava de sua casa, ainda hontem submissa e humilde em sua presença, e que hoje se senta sem ceremonia diante d'ella, e dando-se ares de a considerar como sua egual, e isto só porque ao marido d'essa senhora approuve ser-lhe infiel com essa escrava!... É duro, devemos confessar!...

Dir-nos-hão: Porque motivo fazem as damas turcas a tolice de terem em sua casa escravas novas e bonitas? Mas, se os maridos teem o direito de ir aos bazares e a casa dos vendedores de escravas comprar aquellas que lhes conveem!

É certo que estas tres mulheres legitimas e estas odaliscas, todas mulheres do mesmo homem, vivendo debaixo do mesmo tecto, constituem uma grande des-

moralisação, mas analysando friamente os factos, não vemos na Europa quasi a mesma coisa, disfarçada hypocritamente? A unica vantagem que a mulher dos paizes da Europa tem sobre a da Turquia, é poder illudir-se e julgar-se amada sem partilha, ou não saber exactamente o numero de harens que seu marido possue.

Para sermos justos, devemos dizer que se o marido turco introduziu esta desmoralisação no seu lar domestico, em compensação não sabe o que é ter amantes fóra de casa.

Os turcos sahem pouco. Estão quasi sempre no *selanlik* ou no harem. Tendo em sua casa o que desejam, não vão procurar amantes fóra d'ella.

A *lorette*, a amiga, a prostituta não existem na Turquia. A prostituição alli reduz-se ao commercio das escravas, que qualquer homem póde comprar, e ás relações conjugaes com a pluralidade de mulheres permittida pela lei.

Em tudo isto, ha um lado moral, permittam-nos o paradoxo. Todo o filho tem um nome, uma posição e um pae, que nunca o renega, emquanto que nos paizes civilisados da Europa ha homens, que passam aliás por muito honrados, e que não se envergonham de abandonarem as mães dos seus filhos e os proprios filhos, expondo-se a reconhecerem mais tarde seu filho n'um miseravel forçado, ou sua filha immersa no lodo da prostituição.

Na Turquia não ha necessidade de hospicios de engeitados, porque como infelizmente succede nos nossos paizes, o homem não tem o direito de seduzir uma rapariga, de a tornar mãe, e de abandonar em seguida o filho e a mãe. A rapariga enganada por um homem tem o direito de se dirigir ao tribunal. O homem é condemnado ou a esposal-a, ou a fazer d'ella sua odalisca, o que é exactamente a mesma cousa.

Na Turquia, assim como succede nos nossos paizes, ha leis e usos, bons e maus. A nós, europeus, a polygamia impressiona-nos desagradavelmente e com razão, mas os orientaes na Europa sentem-se desagradavelmente surprehendidos com esta nuvem de cortezãs, que enchem as nossas ruas, os nossos passeios, os nossos theatros, e essas casas ignobeis que a policia tolera.

O que prova que em todas as nações, mesmo nas mais civilisadas, ha muito ainda que fazer.

. . . .

. . . .

As escravas que se vendem em Constantinopla são todas circassianas. São raparigas muito novas, muitas vezes até creanças, que foram roubadas aos paes por homens, que como os capitães negreiros, fazem este trafico. Ha casos em que são victimas da sorte da guerra.

As differentes tribus da Circassia andam em guerra constante, e n'essas guerras interminaveis roubam umas ás outras as creanças para as venderem. Outras vezes ainda são victimas de uma vingança pessoal. Quando um circassiano tem um inimigo, procura por todos os meios possiveis roubar-lhe os filhos, que vende immediatamente. D'este modo a sua bolsa e a sua vingança ficam egualmente satisfeitas.

Outras vezes são os proprios paes (é horrivel, mas é assim!) que vendem

suas filhas. São impellidos a este acto criminoso e barbaro pela cubiça de um lucro enorme.

As jovens circassianas, apesar da pobreza de seus paes, são tractadas como flores de estufa, de que um jardineiro espera tirar os maiores proventos.

A belleza de suas filhas é para elles um capital. Ás vezes vendem-nas tambem por amor paternal, um amor paternal a seu modo, que nem se comprehende, nem póde merecer a nossa approvação.

O povo circassiano é muito pobre. O clima da Circassia é rigoroso, o solo inculto, e tanto as mulheres como os homens que alli vivem, são condemnados aos duros trabalhos dos campos. Os paes, que vendem suas filhas, pensam d'este modo assegurar-lhes uma sorte mais agradavel, porque em Constantinopla podem entrar em boas casas, onde serão bem vestidas, bem alimentadas, e terão pouco que fazer, tendo ainda a alternativa de casarem com um rico pachá, e poderem vir a ser grandes damas.

Contemos agora como se faz a venda das escravas, apenas ellas chegam a Constantinopla.

Ha primeiramente o bazar. Tem-se dito tanta cousa a respeito d'este famoso bazar, escreveram-se tantos dramas commoventes a respeito do desespero d'essas pobres victimas, roubadas ás familias, entregues a um senhor duro e cruel, que pouco temos a accrescentar. No emtanto, na epocha de que estes auctores quizeram fallar, e que remonta a longos annos, vendiam-se muito mais escravos que hoje na Turquia, porque todos os prisioneiros de guerra, homens e mulheres, eram vendidos, e assistia-se então a scenas de desolação, quando todos os membros da mesma familia eram vendidos a differentes senhores, e as mães se viam privadas de seus filhos, sem saberem a sorte que lhes era destinada!

Havia tambem scenas ignobeis, quando homens lubricos e sensuaes vinham examinar e regatear os encantos de uma pobre rapariga.

Mas com a civilisação o bazar de escravos desappareceu felizmente, e o nosso fim é fallar aqui da Turquia moderna, dos nossos dias, tal qual nol-a tem descripto nos ultimos annos testemunhas occulares.

O trafico dos escravos, embora prohibido actualmente, exerce-se ainda na Turquia, mas do modo seguinte:

Ha ainda negociantes de escravas. Este trafico, ou negocio, é geralmente feito por mulheres velhas, que têem casas grandes e espaçosas. Essas velhas compram as raparigas, logo á sua che[illegible], mediante uma somma bastante modica. Tractam d'ellas, desbastam-nas, limpam-nas. Á sua chegada, são apenas umas pobres camponezas selvagens. Fazem-lhes aprender a lingua turca, porque essas desgraçadas sabem apenas o idioma do seu paiz, ignorado na Turquia, e desagradavel ao ouvido.

Estas casas são conhecidas em Constantinopla. É alli que se dirigem os que desejam comprar escravas.

Estes negociantes ou mercadores de escravas, como quizerem chamar-lhes, revendem-nas então, lucrando enormes sommas.

No emtanto, raras vezes um homem altamente collocado vae escolher

entre ellas esposas ou odaliscas, porque a sua educação é muito incompleta. Em todas as casas ricas de Constantinopla ha grande numero de escravas, que fazem o serviço. Ter, n'uma casa mesmo de regular opulencia, quarenta escravas é um luxo obrigado.

As damas vão comprar as escravas que lhes são necessarias. Muitas damas, mesmo grandes damas, por distracção ou por especulação, compram escravas muito novas. Escolhem-nas bonitas, fazem-nas educar, mandam-lhes ensinar o canto e a musica, e quando estão em edade de casar, casam-nas com algum pachá rico, que lh'as paga quasi sempre por alto preço.

Quando uma dama tem em sua casa uma escrava bonita e joven, os pachás sabem-no logo, e os pedidos abundam.

É preciso, porém, que a rapariga consinta em ser a mulher ou a odalisca d'esse homem, para que a possam vender.

Eis como essas vendas se fazem. Uma dama tem uma joven circassiana, de cuja belleza um sujeito qualquer ouviu fallar. Esse sujeito pede á dama o obsequio de lhe deixar ver a elogiada beldade. A dama manda-lh'a a casa, acompanhada de uma velha de confiança, que não a deixa um instante. De resto, um abuso de confiança seria severamente punido pela lei.

A rapariga, durante dois ou trez dias, faz o serviço do pachá; serve-lhe o café, o *narguileh*, elle conversa com ella, emquanto a escrava se conserva sempre respeitosamente de pé na sua presença, com as mãos crusadas sobre o peito. Estas mulheres são para com os homens de uma humildade tão servil, que enoja e faz tristeza!

Se não lhe agrada, o pachá manda-a embora. No caso de lhe agradar, pergunta-lhe se consente em que elle a compre para fazer d'ella sua mulher ou odalisca. Se a escrava responde negativamente, o pachá é obrigado a mandal-a para casa de sua senhora; mas se a resposta é affirmativa, entra então em negociações com a dama a respeito do preço.

A dama, vendo que a escrava agradou, pede por ella muito caro. Regateia-se durante algum tempo. Emfim, concluido o negocio, a rapariga fica de todo em casa do seu novo senhor.

Os preços, que variam sempre, segundo a belleza da mercadoria, são pouco mais ou menos os seguintes: Á sua chegada da Circassia, os homens de trafico não dão por ellas senão setecentos ou oitocentos francos, quando não se distinguem pela belleza, porque n'este caso não servem senão para os serviços mais pesados domesticos, e alguns milhares de francos quando são bonitas.

As damas que as compram, pagam-nas um pouco mais caro, mas quando as fazem educar convenientemente revendem-nas por alto preço tambem. Valem então de quinze a cem mil francos, segundo a maior ou menor expressão dos olhos, o avermelhado dos labios e o setim da pelle...

Antes de as comprar, o homem não tem o direito de as examinar dos pés á cabeça, segundo tantas vezes se tem escripto. O que póde, porém, é mandal-as inspeccionar por um medico. Destinadas a serem mães de seus filhos, querem previamente assegurar-se do estado da sua saude.

É frequente succeder ás escravas compradas para o serviço domestico de uma familia agradarem ao senhor, ou a qualquer dos filhos, e quando isto se dá, esses homens casam com ellas. De resto, devemos fazer a essas escravas a justiça de acreditar que não se descuidam de lançar ternos olhares a seus amos, porque a sua ambição unica é passarem de escravas á cathegoria de esposas, ou mesmo de odaliscas.

A escrava destinada ao serviço de uma casa, desde o momento em que se tornou esposa de seu senhor, tem o direito de entrar no seio das familias mais distinctas, e de visitar as damas de mais elevada gerarchia.

As damas turcas não gostam das circassianas, e vêem com grande despeito a preferencia que dão a essas escravas alguns dos opulentos pachás de Constantinopla. Esta preferencia justifica-se. Em primeiro logar, as circassianas são de uma grande e incomparavel belleza. A Circassia tem o precioso privilegio de ver nascer as mais bellas mulheres do mundo. São quasi todas louras, de uma pelle alvissima, com uns olhos azues doces e carinhosos, uma estatura esbelta e flexivel, e cabellos soberbos e admiraveis. Depois, estas mulheres não têem familia, e por isso não expõem seus maridos aos enfados e zangas que ordinariamente causam os sogros e as sogras. Pelo que se vê, na Turquia, assim como nos paizes civilisados da Europa, esses parentes não são muito apreciados.

Não é raro vêr na Turquia paes, que têem filhos de edade juvenil, comprar uma escrava de tenra edade. Educam-na com o maior cuidado, e quando essa rapariga tem quatorze ou quinze annos e seu filho dezeseis ou dezoito annos, casam-nos.

Um elevado personagem de Constantinopla tinha um filho de onze annos. Um dia disse-lhe:

—«Se te portares com juizo, comprar-te-hei uma bonita escrava para casares com ella, quando fores homem.»

O rapazito bateu as palmas, e gostou muito d'esta promessa.

—«Amanhã, disse o pae, irei a casa da senhora ***, que tem um grande numero de escravas lindissimas.»

—«Não, disse sua esposa, em casa da senhora *** ha uma pequenina escrava de seis annos. Eu lhe proporei que nol-a venda.»

Alguns dias depois, a velha dama que acceitara a proposta, trouxe effectivamente a pequenina escrava. Era uma creança de seis annos, muito viva e intelligente, que olhou para todas as pessoas da casa com uns grandes olhos cheios de espanto. Fizeram-lhe muitas caricias e deram-lhe bolos. Ella beijou as pessoas da familia e devorou n'um momento todos os bolos.

Passou-se logo em seguida á questão do preço. A vendedora fazia-lhe valer os encantos, e jurava que dentro de dez annos seria a mais bella mulher de Constantinopla. Os compradores procuravam depreciar-lhe a belleza; emfim, regateou-se de uma parte e da outra, como se se tractasse de uma joia, de um objecto de arte, de uma porção de estofo oriental... Durante este tempo, a creança escondera-se detraz de um reposteiro, mas a sua pequenina mão affastava o estofo, e seguia com interesse aquelles preliminares da venda.

Quando ella se realisou, quando a creança viu que a sua antiga senhora arrecadava o dinheiro, seis mil piastras, dirigiu-se para ella, com um ar de resolução que ninguem poderia presumir em tão poucos annos, e disse-lhe:

—«Bem, agora que tens o dinheiro na algibeira, já não te pertenço, não é verdade?! Já não poderás bater-me nem ralhar. Vae-te, velha furia!...»

Effectivamente, a pobre creança não perdeu em mudar de possuidores. O pachá e sua esposa gostam muito d'ella e tractam-na admiravelmente. É a menina bonita da casa; até o proprio futuro marido a estraga com mimos e galanteios precoces. Tem muitos ciumes d'ella, e se seu pae, ou qualquer de seus irmãos a chamam, zanga-se, dizendo que só elle tem o direito de lhe dar ordens, e a rapariguinha responde tambem que não reconhece outra auctoridade senão a do seu joven senhor.

As escravas pouco intelligentes ou pouco formosas, são condemnadas a ficar sempre no estado de creadas. A sua sorte é a seguinte: Se teem rasão de queixa de seu senhor, podem exigir que as vendam a outra pessoa. Ao cabo de dez annos de serviço, são livres por lei, e então saem e casam com homens do povo, tendo por dote o dinheiro que ganharam, porque, apesar de terem sido compradas, pagam-lhes soldadas. N'outros casos, ficam de commum accordo ao serviço da casa em que foram escravas.

Na Turquia, existem ainda os habitos patriarchaes. Os servos são considerados como fazendo parte da familia, e são geralmente muito bem tractados. Raras vezes os mandam embora. Se commettem uma falta, quasi sempre são punidos, fazendo-os descer um grau na hierarchia dos serviçaes.

Pela sua parte, não costumam mudar tambem de amo. Vêem-se frequentemente creados servindo a mesma familia de paes a filhos.

Um turco de bons sentimentos raro deixará cahir na miseria um creado que o serviu ou serviu a sua familia.

....

....

Fallemos agora dos casamentos entre os turcos, observando mais uma vez que as damas d'esse paiz não soffrem que seus maridos venham a tomar uma odalisca, ou uma segunda mulher. Quando este caso se dá, voltam para as suas familias, e separam-se ou divorciam-se do infiel esposo.

Os paes, que teem filhas casadouras na Turquia, não fazem como succede nos nossos paizes o que se póde chamar a caça dos maridos. Não as levam ao theatro ou ao baile, não as fazem vestir sumptuosamente e provocodoramente. Guardam-nas em casa e esperam cheios de confiança que os pretendentes appareçam, e apparecem sempre, porque no Oriente não ha como entre nós velhas solteironas, o que provem necessariamente dos homens estarem habituados a casar para terem uma mulher e não para terem um dote.

Os homens e as mulheres casam muito cedo no Oriente. Não é raro um rapaz casar aos quinze ou aos dezoito annos.

Quando uma mãe tem um filho em edade de casar, informa-se das familias em que se encontram raparigas nas mesmas condições. Vae, ou manda uma dama da sua familia, mas ordinariamente vae ella propria a essa casa sem

se fazer annunciar, e sem dizer uma palavra a respeito do fim da sua visita, e pede para ver a joven. O uso estabeleceu que os paes não devem recusar-se a mostrar sua filha, a não ser quando ella já está promettida em casamento.

A mãe da joven manda entrar a visita no harem, e mesmo sem saber o seu nome recebe-a com a maior delicadeza. Conversa-se a respeito de varios assumptos, e a dona da casa offerece café e fructas á visitante. A donzella entra n'esse momento no salão, serve o café e faz as honras da casa. Póde assim ser vista, e a dama visitante conversa com ella com a maior liberdade. Terminada a refeição, a donzella sáe.

Se não agradou, a dama despede-se sem dizer o motivo da sua visita. Se, pelo contrario, gostou d'ella, a dama manifesta o desejo de voltar.

Volta effectivamente todas as vezes que quer. Durante esse tempo, nada impede os paes de mostrarem sua filha a outras damas que se apresentem do mesmo modo, nem esta dama de ir pelo mesmo processo ver outras donzellas.

Quando a dama fixou a sua escolha, quando uma donzella lhe agradou para fazer d'ella sua nora, volta então com grande apparato. D'esta vez, faz-se annunciar, diz o seu nome. Pede então solemnemente a mão da donzella para seu filho. A dona da casa responde que está immensamente lisongeada por este pedido, mas que não póde dar resposta alguma, sem ter consultado seu marido e sua filha, e que terá a honra de lhe ir fazer uma visita d'ahi a quinze dias.

Este praso é empregado em colher informações a respeito do pretendente e de sua familia.

A donzella é prevenida d'este pedido e prepara-se para vêr o rapaz que quer casar com ella.

O noivo, pela sua parte, tem o cuidado de vir rondar debaixo das janellas do harem, e de a seguir quando sáe á rua. Tomam-se além d'isso precauções para que a donzella possa vêr o seu pretendente sem se compromettter. Muitas vezes os dois entreteem durante estes quinze dias, uma pequena intriga amorosa, em que se trocam algumas flores e alguns pequeninos bilhetes de amôr.

Se o pretendente não convem nem aos paes nem á donzella, a mãe não vae á visita promettida. Se, pelo contrario, o genro lhe agrada, vae fazer essa visita com todo o apparato do ceremonial, o que tanto vale como dizer que consente no casamento.

A partir do dia d'esta visita, as duas familias frequentam-se com as maiores demonstrações de estima. Familias ha que deixam aos dois desposados a faculdade de conversarem livremente, mas, ainda assim, a donzella recebe o seu noivo, havendo entre os dois o obstaculo de uma grade.

Feito e acceite o pedido, o noivo envia um presente á noiva e outro a todas as damas da sua familia. A noiva faz-lhe tambem um presente de roupa branca, camisas e lenços bordados. São estes os presentes dos esponsaes.

Alguns dias antes da celebração do casamento, manda-lhe o enxoval, que consta quasi sempre de joias, riquissimos estofos, cachemiras, etc. Todos estes objectos vêem encerrados n'um cofre, que segundo a fortuna do noivo, é

de filagrana de prata, de prata massiça, ou de ouro... As pessoas ricas gastam sommas fabulosas com estes cofres.

Ha-os de ouro massiço, ricamente cinzelados e cobertos de diamantes.

Na tampa ha quasi sempre uma allegoria delicada: duas pombas, por exemplo. A escolha d'este assumpto é grave para um pretendente, porque é por ella que a noiva começa a fazer ideia do seu caracter.

Os paes dão um enxoval á filha. Os ricos fazem-lhe presente de duas jovens escravas para o seu serviço particular. Estas escravas podem ser bellas como houris... A esposa não receia que seu marido as tome para odaliscas. A lei prohibe-o tanto para estas, como para todas as outras que a esposa adquirir para o seu serviço. São sua propriedade exclusiva. Se o marido as requestasse, commetteria um roubo; a lei assim consideraria esse facto escandaloso. É logico. Como as mulheres se compram n'esse paiz, são consideradas para todos os effeitos como simples mercadorias.

Depois de ter recebido o enxoval, a noiva manda tambem um presente. Ordinariamente esse presente consta de um par de chinellas bordadas, de um *robe de chambre,* ou de um rosario.

Tanto o homem como a mulher na Turquia têem o habito, a mania, diremos melhor, de ter constantemente á mão um rosario. É um objecto de luxo. São de coral, ou de perolas finas, negros ou brancos, e ornados de brilhantes.

Em seguida, estipula-se o dia da assignatura do contracto. O pae da noiva dá n'esse dia um grande jantar, para o qual convida os parentes, os amigos e as testemunhas, bem como os parentes, os amigos e as testemunhas de seu genro. Este jantar é servido no *selanlik,* e as mulheres não podem assistir a elle.

Depois do jantar, as testemunhas escolhidas pelo noivo vão aos aposentos da noiva, e têem então o direito de a verem com o rosto descoberto. Perguntam-lhe n'essa occasião por tres vezes se é verdade que ella, Fulana, deseja tomar Fulano por esposo.

Se ella dissesse que não, ou testemunhasse a menor repugnancia, o casamento não poderia verificar-se, porque além da prohibição imposta pelo uso, a lei pune o pae que obriga sua filha a casar com um homem contra vontade, ou que a impede de casar com o homem que deseja, por mais modesta que seja a sua posição, contanto que seja de uma honestidade perfeita.

As testemunhas da noiva vão fazer a mesma cousa aos aposentos do noivo. Em seguida, vão levar as respostas affirmativas aos paes e convidados dos dois interessados.

Os dois paes passam depois a discutir a cifra da somma que o marido deverá reconhecer, ou antes dar a sua mulher por contracto, somma que na maior parte das vezes só é contada á esposa em caso de divorcio ou de separação.

O futuro sogro n'este contracto está longe da delicadeza e das attenções da nossa sociedade. Começa por offerecer pouco, e pedem-lhe muito. É um verdadeiro negocio de compra e venda. As sommas variam, segundo a fortuna do noivo. No povo, vão de duas mil a dez mil piastras; na burguezia de dez mil a cem mil piastras. Nos grandes senhores opulentos não têem limites. Citam-se

alguns, que deram mais de um milhão a sua mulher, n'esse contracto nupcial.

Quando chegam a um accordo, um representante da religião, que entre os mussulmanos tem o nome de *Cheikou-islam*, redige o contracto. Todos o assignam, e terminada a ceremonia, o *Cheikou-islam* diz uma oração pelos esposos.

O casamento está concluido desde esse momento, mas o uso quer que os noivos passem ainda alguns dias sem se reunirem.

O dia escolhido para festejar o casamento é sempre a quarta-feira, cousa de rigor na Turquia, assim como é de rigor que a esposa vá para casa de seu marido sempre n'uma quinta-feira.

Na quarta-feira á tarde, a mãe da juvenil esposa reune todos os seus parentes e os seus conhecidos em casa, e dá-lhes um banquete, ao qual a noiva não assiste.

Querem saber o que ella faz, durante esse tempo? Janta muito tranquillamente no seu quarto. Em seguida, vae para a salla de banho. Depois do banho, as escravas vestem-na com esmero, e cobrem-lhe a cabeça com um grande veu. Terminada a *toilette*, as damas convidadas munem-se de uma vela e dirigem-se com grande pompa á salla de banho. Alli todas abraçam a noiva, e conduzem-na ao salão principal da casa. Cada dama leva uma pequena bolsa cheia de moedas de prata ou de ouro, segundo a fortuna dos noivos, e durante o percurso da salla do banho á salla de visitas, lançam este dinheiro sobre a cabeça da noiva. Quem aproveita com esta aspersão de metal são os serviçaes da casa.

Chegando ao salão, as damas convidadas retiram-se um momento para outro aposento da casa, porque vae chegar o pae, e nenhum homem extranho póde ver as mulheres turcas a rosto descoberto.

É então que o pae chega. Levanta o veu, beija a filha na fronte e atalhe um cinto, o mesmo que no dia seguinte o marido deve desatar. Este cinto é sempre muito luxuoso; nas familias mais ricas é de ouro, adornado ainda de brilhantes.

Esta ceremonia é muito commovente. É raro que a noiva e a familia não derramem lagrimas. O pobre pae pensa que sua filha vae deixal-o para pertencer a um homem, que talvez não a torne feliz, e pela sua parte a filha nunca deixa a casa paterna sem um sentimento de pesar.

Em seguida, o pae retira-se, e todos os convidados entram no salão.

A festa continúa no harem ás vezes durante toda a noite. As escravas tocam, cantam e dansam. Fumam-se cigarros e *narguilehs*.

No dia seguinte, quinta-feira, logo de manhã, as escravas levam muito cedo o enxoval da noiva para casa do seu marido. Como já tivemos occasião de dizer a respeito do enxoval das sultanas, é tambem levado pelas escravas a descoberto, e todos podem ver a sua magnificencia.

Á noite, a donzella é conduzida com grande pompa a casa de seu esposo. Vae n'uma carroagem descoberta. Leva uma bella e luxuosa *toilette*, e vae inteiramente envolvida n'um grande veu.

Duas velhas damas, suas parentas ou amigas, ficam junto d'ella, e ajudam-na a installar-se no seu novo domicilio.

O marido janta no *selanlik* com alguns amigos. Em seguida, vae á mesquita fazer a sua oração. Os amigos conduzem-no até á porta do harem, levando cada um um archote. Um eunucho, ou uma velha escrava, segundo a condição e as posses dos esposos, introdul-o no harem, e leva-o até ao salão, onde a esposa o está esperando, acompanhada das duas damas, de quem já fallamos. Ao limiar da porta, faz uma segunda oração, depois dirige-se a sua mulher, levanta-lhe o veu, e beija-a na fronte.

As damas retiram-se n'esse momento, e o marido começa a dizer algumas palavras amaveis a sua mulher.

As damas turcas têem por habito fazer enraivecer seus esposos, guardando desde que chegam a sua casa o mais profundo mutismo, e o uso estabelece ao marido o dever de ter muito espirito para a obrigar a responder-lhe. Muitas vezes os maridos não conhecem até esse momento as feições de suas mulheres, por isso que só as viram cobertas com o veu. Comprehende-se a emoção e o receio que elles devem ter, ao erguer pela vez primeira esse veu mysterioso, de que depende a sua ventura, ou o tormento d'aquella noite nupcial!...

....

....

No dia seguinte, o recem-casado vae a casa de seu sogro. Beija-lhe respeitosamente a mão, e este faz-lhe presente de um annel ou de outra joia de valor. Se a polygamia torna bem triste e bem desalentada a posição das mulheres no Oriente, o divorcio lá existe como um remedio, para lhes tornar a vida mais supportavel.

Quando seu marido toma outra mulher, ou outras mulheres, a dama turca póde invocar o privilegio da lei e divorciar-se.

Se dois esposos não se dão bem, tendo motivos de queixa reciprocos, ou por incompatibilidade de genio, e pedem collectivamente o divorcio, este é-lhes concedido sem difficuldade.

O marido póde casar immediatamente. A mulher só tres mezes depois.

Se a mulher não quizer tornar a casar, o marido embora divorciado, é obrigado a occorrer ás suas despezas.

Se a mulher só deseja o divorcio, faz valer os seus direitos perante os tribunaes, que se pronunciam ou a seu favor, ou contra.

Se ella não tem razões sufficientes para que lhe seja concedido o divorcio, e ainda assim, persiste em não querer viver com o marido, este é obrigado a dar-lhe uma casa separada da sua, a attender a todas as suas necessidades, e não póde ir vel-a, se ella o não quizer receber. N'estas condições, se a mulher persiste em não querer ter relações com o marido, este na maior parte dos casos, é obrigado a consentir no divorcio.

De resto, esta lei, como todas as leis turcas, é favoravel ás mulheres.

Assim uma mulher, no caso de poder provar que seu marido lhe disse uma palavra grosseira, ou foi brutal para com ella, ou disse a alguem que estava cançado ou aborrecido d'ella, obtem immediatamente o divorcio.

Se provar que o marido, ou por ter outra mulher legitima, ou uma odalisca, ou ainda uma mulher fóra de casa, a despreza e esteve mais de um mez sem passar a noite com ella no harem, obtem tambem o divorcio, e póde ainda, tres mezes depois, escolher outro esposo.

Se uma joven desposar um homem e ao cabo de algum tempo esse homem tomar uma segunda mulher ou uma odalisca, sem o consentimento da primeira mulher, esta póde divorciar-se, e n'esse caso, como já dissémos, quando o marido não consinta, ella pede casa á parte e recusa se a recebel-o, até que elle, cançado de ter duas casas a sustentar, acaba por acceitar o divorcio.

A legislação europeia, a da França por exemplo, concede a separação a uma mulher que foi espancada por seu marido, se elle teve a falta de tino de lhe bater diante de testemunhas, porque a sós com ella permitte-o. Este caso não se dá na Turquia, paiz que nós costumamos chamar barbaro. Não ha exemplo alli de um homem, mesmo do povo, se degradar a ponto de levantar a mão sobre uma mulher. Se o fizesse, a opinião publica indignar-se-hia contra elle, e as leis punil-o-hiam severamente. Para elles basta uma palavra grosseira e brutal. Para nós, povo civilisado, a lei exige a aggressão a pauladas, ou a pontapés.

Não imaginem os leitores que os maridos teem uma grande facilidade para se livrarem das mulheres, por meio do divorcio. Uma mulher a quem o marido nada tem a censurar, não póde ser obrigada a divorciar-se, se não consentir de bom grado n'esse desejo do marido. Haja mesmo um marido, cansado de sua mulher, velha e feia, e que escolha outra nova para se divorciar da primeira. Se a esposa desprezada recusar a separação, elle não póde obrigal-a, e tem de ter para com ella toda a especie de attenções.

Acontece ás vezes dois esposos divorciarem-se, e ao cabo de algum tempo apagar-se a recordação das antigas pendencias e aggravos, nascendo novamente n'elles o desejo de tornarem a unir-se. A lei permitte-lhes isto até duas vezes. Mas, se tiverem já tido divorcio duas vezes, e quizerem torna a casar pela terceira, a lei concede-lhes auctorisação, mas com uma clausula tão inadmissivel como curiosa. É preciso que a mulher despose primeiramente outro homem, e que seu primeiro marido assista ao casamento. Na noite das nupcias dão-lhe até um quarto visinho do dos esposos, e no dia seguinte, perguntam-lhe se persiste ainda em querer aquella mulher. Se elle diz que sim, e a mulher, bem entendido, estiver pelo ajuste, divorciam-na do segundo marido, e dão-na outra vez ao primeiro.

Bastava similhante clausula para tornar impossivel este caso, no emtanto, tem-se visto exemplos de maridos consentirem n'esta prova, e acceitarem as mulheres depois d'ella!

Deu-se, ha poucos annos em Constantinopla um caso d'este genero. Houve o casamento com o segundo marido, e o primeiro persistiu em pedir novamente a mulher. Mas o melhor do caso foi que a mulher reclamada declarou preferir o segundo marido, com quem ficou, sendo muito feliz com elle!...

Em caso de divorcio, o marido é obrigado a dar a sua mulher a somma que lhe estipulou no contracto de casamento. Eis uma razão que detem os ho-

mens, e que os impede de se portarem mal para com as mulheres, porque o divorcio é demasiadamente oneroso para elles, primeiro pelo dote que teem de pagar á esposa divorciada, depois pela somma que teem de assignar á mulher com quem vão casar logo em seguida!

Quando uma mulher deseja divorciar-se, se sabe escrever, redige a sua queixa e pede a separação. Se não sabe escrever, vae procurar homens, que são uma especie de escrivães publicos, e esses redigem-na immediatamente. Em seguida, dirige-se á Sublime Porta, e entrega a sua queixa nas mãos do grão-Vizir, que dá incontinente expediente ao processo.

Quer esta mulher pertença ao povo, quer ás classes mais elevadas da sociedade, não precisa de cartas de recommendação, nem de pedidos de audiencia. Entra sem a menor difficuldade na salla onde está o grão-Vizir, entrega-lhe o seu requerimento, explica-lhe o caso, e o Vizir é obrigado a ouvil-a com polidez e a examinar immediatamente o seu processo.

Que bella lição dão esses turcos barbaros aos nossos funccionarios civilisados, mas infelizmente tão raras vezes civis para com os pequenos e humildes que os procuram!

Existe tambem no Oriente a separação, mas como ha o divorcio, são rarissimos os casos em que ella se effectua.

O processo para a separação é o mesmo do divorcio.

. . . .

. . . .

O caracter do turco differe muitissimo do caracter do europeu em diversos pontos, principalmente no que vamos dizer:

Fazer a côrte á mulher de outro homem, procurar seduzil-a, é para elles uma acção vil, uma cobardia, um roubo. Elles compram as mulheres e por isso consideram o rapto como uma violação do direito de propriedade.

O homem que pratica esta acção não é considerado, como succede entre nós, como um D. Juan, um homem de boas aventuras galantes, que é o terror dos maridos e a inveja de todos os outros homens. É considerado como um vil e um preverso. A lei pune-o sempre, e os outros homens voltam-lhe as costas.

Por isso, o caso de uma mulher de um turco seduzida por um turco é bem raro na Turquia.

A este respeito occorre-os uma pequena mystificação succedida a um francez em Constantinopla. É sufficiente para pintar a differença de caracter dos turcos e dos francezes.

Haverá dez ou doze annos chegou a Constantinopla um moço francez. O acaso fez-lhe escolher um quarto mesmo defronte do harem de um rico mussulmano. A imaginação do francez, que se chamava Duval, vinha exaltada pelas narrações maravilhosas dos poetas que teem escripto paginas deslumbrantes a respeito do Oriente. Sonhava a cada instante com bellas sultanas e encantadoras odaliscas. Como succede ordinariamente aos rapazes, era fatuo, e fazia o melhor conceito da sua pessoa. Fazer a conquista de uma mulher, mesmo de uma mulher turca parecia-lhe cousa extremamente facil. Bastava que isso lhe

passasse pela cabeça. Inscrever na sua carteira mais um nome, e sobretudo um nome mussulmano, afligurava-se-lhe uma boa pechincha.

Começou, portanto, a pôr em practica o seu plano, tomando para campo das suas observações o harem do seu visinho pachá.

Qual não foi a sua alegria ao descobrir que da janella podia vêr perfeitamente duas pequeninas frestas situadas n'uma das alas do harem! Essa alegria duplicou, ao vêr um dia a uma d'essas frestas uma bella mulher loura! Bella... foi a sua imaginação que assim lh'a representou, porque a janella era de grades, e d'este modo só bem inperfeitamente a podia examinar.

Tossiu, tornou a tossir, suspirou, tornou a suspirar para chamar a attenção da sua houri, porque estava convencido de que era uma beldade, superior ás mais formosas parisienses.

Com grande desespero seu, a dama não deu mostras de ter notado cousa alguma, e retirou-se mesmo da janella. Elle permaneceu firme no seu posto até á noite, esperando que ella voltasse ás nove horas. A sua espectativa foi coroada do melhor resultado. A essa hora, a dama appareceu com uma luz, e começou a arrumar o quarto, sem lhe passar pela cabeça que o visinho a estava espiando.

Mas Duval queria ser visto. Lembrou-se então de um meio, tão velho como a musica, mas a que os namorados recorrem constantemente, e que lhes dá quasi sempre o melhor resultado. Pegou n'uma flauta, e como era bom musico, tocou, ou melhor, suspirou uma terna ballada.

A dama a principio applicou o ouvido, e em seguida veio encostar o rosto á grade para vêr o musico. Com esse instincto innato na mulher, adivinhou que elle estava tocando por sua causa, e indemnisou o francez com um gracioso sorriso.

—«Ah! Ah! pensou Duval, ellas são menos ferozes do que se diz. Além d'isso, sou tão bonito rapaz, que mesmo a mais selvagem d'estas mulheres, ao vêr-me, deve por força sentir-se apaixonada!...»

Tocou as arias mais sentimentaes e apaixonadas do seu repertorio. Lançou á sua bella durante uma hora olhares incandescentes, que ella pagou na mesma moeda.

Durou um mez este agradavel manejo. O nosso heroe era o mais feliz dos homens. Imaginava-se já no meio dos seus amigos do Jockey-Club, a contar esta bella façanha amorosa! Nem comia nem dormia!

—« A mulher de um pachá, pensava o nosso francez, porque ella é com certeza a favorita entre todas as cincoenta mulheres que elle deve possuir n'esse vasto harem! E tão bella! Que gloria não será para mim roubar a esse homem a esposa preferida!...»

Um dia, a juvenil dama, cançada de não vêr o seu amado senão atravez da grade, tinha-a levantado. Foi um bello dia para Duval; mas mais bello ainda foi aquelle em que a dama lhe atirou habilmente o seu lenço em que havia uma pedrinha e um fragmento de flôr. Era uma confissão, uma declaração. Era amado!... Amado por uma sultana!... Para elle todas as mulheres turcas eram sultanas!

Os amigos que elle tinha em Constantinopla notavam-lhe um aspecto de fatuidade, que fazia rir e ao mesmo tempo seismar. Mas o nosso homem era discreto como o tumulo!... Não chegara ainda o ensejo de fallar!...

A dama, no emtanto, não parecia guardada com grande severidade. Correspondia-se com elle por gestos e suspiros, sem o menor constrangimento.

Mas Duval não estava satisfeito. Não bastava admiral-a de longe. Queria uma victoria completa. Queria fugir com ella para longe, possuil-a, roubal-a ao tyranno do marido.

Fez-lhe comprehender por uma pantomima apaixonada que desejava arrancal-a da sua prisão. Que viesse ter com elle... fugiriam juntos, e amal-a-hia eternamente.

Ella comprehendeu esta linguagem, e achou-a, segundo parece, do seu gosto, porque depois de se ter feito rogar por algum tempo, fez-lhe comprehender um dia que ás onze horas da noite estaria em sua casa.

O nosso heroe ia perdendo a cabeça de contentamento. Um relampago de bom senso advertiu-o, porém, de que seria prudente partir no mesmo instante para evitar a colera do marido. Vieram-lhe ao espirito muitas historias que tinha lido, nas quaes aventureiros francezes tinham sido mortos pelos maridos das mulheres, que haviam tentado seduzir.

Apesar de toda a sua coragem, sentiu-se estremecer. Pensou que o mais prudente era alugar uma casa de campo isolada, onde podesse esconder-se para fugir mais tarde a seu salvo. Foi ter com dois amigos, a quem contou a sua aventura, e fallou-lhes da belleza da sua conquista em termos emphaticos. Era, dizia-lhes, a ultima mulher, a mais amada do pachá! Fallou-lhes dos seus receios, e elles tranquillisaram-o o melhor que poderam e souberam.

Os amigos quizeram vêr a grande dama turca, que assim deixava o seu harem luxuoso, e o marido, um alto personagem, para fugir com o francez. Elle, orgulhoso de lhes provar que essa mulher era effectivamente uma grande dama turca, disse-lhe:

—«Venham ámanhã visitar-me, para lh'a apresentar...»

Durante os dois mezes e meio que levara a fazer a côrte á dama mussulmana, Duval aprendera o turco, mediante um guia franco-turco. Sabia perfeitamente conjugar o verbo *severler*, amar. Precaução excellente, porque a dama, que chamaremos Kamilé, não sabia uma palavra de francez.

A's dez horas, uma carroagem estacionava a alguns passos da casa de Duval. Elle estava no seu quarto, munido de um chaile, de um chapeu e de um veu, que devia disfarçar e occultar o trajo turco.

Collocou tudo sobre uma cadeira, e desceu a escada. Tinha despedido todos os creados, para que ninguem visse entrar a dama turca. Ás onze horas, uma sombra ligeira avançou a passos miudos. Era ella!

O nosso francez tomou-lhe a mão, cobriu-lh'a de beijos e arrastou-a comsigo. Alli, depois de se lhe ter lançado aos pés, como de rigor, depois de lhe ter conjugado o famoso verbo *severler*, substituiu o veu pelo chapeu, e collocou-lhe o chaile ás costas. Em seguida, entraram no carro e foram para a casa de campo.

No dia seguinte, os amigos foram exactos á hora marcada. Duval apresentou-lhes com ares de triumpho Kamilé. Elles comprimentaram-no pela sua boa fortuna, que, para dizer a verdade, lhes causava uma certa inveja.

Estava a conversar alegremente e a tomar café, quando um creado veiu annunciar que estava alli um sujeito, pedindo para lhe fallar immediatamente.

O nosso francez, a principio, empallideceu, mas d'ahi a bocado sorriu-se, dizendo aos seus amigos:

—«Bem, é um duello. Parece que os maridos turcos estão mais civilisados do que imaginamos. Se matam os seus rivaes, é em duello!...»

Mandou retirar Kamilé para outro aposento, e o visitante foi introduzido na sala.

Depois de uma saudação glacial trocada de parte a parte, o recem-chegado disse a Duval:

—«O senhor hontem raptou uma joven escrava, pertencente ao pachá ***, meu amigo.»

Como Duval não désse palavra, o turco accrescentou:

—«Ora, como eu supponho que raptando Kamilé, não fez senão ceder ao amor ou ao capricho, e que não é capaz de roubar o meu amigo, venho dizer-lhe da sua parte, que lhe deve quarenta mil piastras.»

—«Devo-lhe quarenta mil piastras!...» balbuciou Duval, attonito d'este desenlace inesperado.

—«Certamente, senhor. É o preço que Kamilé custou ao pachá. Como o seu serviço era necessario, visto que ella era a mais intelligente das ajudantes de cosinha, e sabia fazer admiravelmente pastellaria, o pachá precisa de comprar outra, com a qual desembolsará quantia egual. Comprehende que é uma perda terrivel para o meu amigo .. que ainda é muito razoavel, não lhe exigindo outra indemnisação além do preço da escrava.»

—«Como! exclamou Duval, a quem esta designação de ajudante de cosinha causara o maior desappontamento. Pois Kamilé não é a mulher do pachá?...»

—«Sua mulher! Ora meu caro senhor!...»

E o turco soltou uma gargalhada, que os amigos do francez imitaram immediatamente.

—«Acabo de lhe dizer que era uma escrava de serviço, ajudante da cosinha... A bella e graciosa Nika tel-o-hia feito desancar a bastonadas pelos seus eunuchos, se o senhor ousasse sequer erguer os olhos para ella. Nika adora seu marido, e é ciumenta d'elle como a femea do tigre. A raptada é apenas ajudante de cosinha!...

O francez sentiu-se cahir do terceiro ceu habitado pelas houris. A queda era violenta, devemos confessar. Ir parar á cosinha!...

N'uma palavra, teve de se resignar a pagar ao senhor da sua conquista as quarenta mil piastras por elle exigidas.

O seu amor não poude resistir áquella terrivel decepção. Podera, se o amor vive apenas de illusões, na maior parte dos casos!...

Agora achava Kamilé quasi detestavel, e parecia-lhe que as mãos lhe cheiravam á cosinha do pachá.

N'uma palavra, estava aborrecidissimo, mas em compensação tivera a triste experiencia de que no Oriente não é tão facil como em França seduzir-se uma rapariga, comprommettel-a, e depois, passado o capricho, abandonal-a, sem mais querer saber do seu destino!...

Disseram-lhe e provaram-lhe que pela ter seduzido, por lhe ter feito perder o seu logar, por a ter collocado na impossibilidade de se casar, lhe devia dar uma indemnisação de cem mil piastras, o que, com as quarenta mil que ella lhe custara, constituia a bonita somma de cento e quarenta mil piastras... como quem diz 13.600$000 réis da nossa moeda!...

Pagou tudo, disse adeus á sua conquista, e jurou, embora tarde, que não tornaria a conceder os seus olhares ternos a outra mulher turca, fosse sultana ou cosinheira!...

Dizem que cumpriu a sua palavra, e que esta ridicula aventura serviu de preservativo a todos os seus amigos, que d'ella tiveram conhecimento, e que foram os primeiros a rir á custa do desilludido francez.

....

....

Os arredores de Constantinopla são formosissimos. Ha bellos e vastos passeios que podem rivalisar com os primeiros da Europa. Do lado da Asia, o passeio de Kâatana, chamado tambem *Aguas-Doces,* por causa de uma encantadora ribeira, que arrasta as suas aguas limpidas e prateadas n'um leito de juncos e de *nenuphars*. As margens d'esta ribeira são orladas de grandes arvores. A terra é coberta de um suave e opulento tapete de relva. De todos os lados estende-se a perder de vista um risonho prado matisado de florinhas. Nada mais encantador do que este passeio, sobretudo, á sexta-feira, porque cada passeio tem o seu dia marcado.

No domingo, a multidão vae ao bairro grego, na segunda-feira, a Aider-Pachá, no sabbado a Kalender. A sexta-feira, é, conforme acabamos de dizer, o dia destinado ao passeio de Kâatana.

As damas chegam nas suas grandes equipagens douradas, com cortinas de setim das mais vivas côres. Trajam costumes feitos de fazendas de côres claras, taes como azul celeste, verde mar, côr de rosa, amarello, todos bordados a ouro. Apresentam-se com o pescoço e os braços cobertos de joias. Tudo isto resplandece á luz do sol.

As grandes damas são escoltadas pelos eunuchos, ricamente vestidos. É um sequito pittoresco. Os arnezes dos cavallos são riquissimos.

Os grandes senhores chegam ao passeio montados em magnificos cavallos, ou guiando bellas corroagens feitas em Paris. Caracolam garbosamente, approximando-se das carroagens das damas, e lançando-lhes sem ceremonia os mais ternos olhares.

As mulheres turcas nos passeios não têem attitudes muito modestas. Tomal-as-hiam facilmente por *lorettes* parisienses. Olham para os homens, sorriem-lhes, e entregam-se com elles a pantomimas extremamente expressivas.

Muitas vezes, cuidadosamente veladas, escondidas ou na carroagem de uma amiga, ou n'um carro de aluguer, vêem provocar o proprio marido, e se este se deixa cahir no laço, á noite, quando entra no harem, é ridicularisado de um modo verdadeiramente cruel.

Outras vezes, e isto succede muito a miudo, ao verem um europeu recem-chegado a Constantinopla, que as observa com espanto e admiração, deitam-lhe os olhares mais provocadores. Este deixa-se colher n'aquellas redes, segue-as, persegue-as, ás vezes chega mesmo, o imprudente! a apresentar-se em sua casa, graças a um disfarce qualquer... quando isto succede, ellas mandam-no desancar a bastonadas, e pol-o no meio da rua pelos seus eunuchos. Toda esta nuvem de mulheres e esta multidão de personagens turcos apeiam-se, e espalham-se á beira d'agua ou na bella campina asiatica.

As mulheres sentam-se em tapetes que os seus eunuchos collocam no chão. Em seguida, as escravas ajoelham a seus pés, offerecendo-lhes ora um cigarro perfumado, ora o *narguileh*. Outras vezes, offerecem-lhes fructas, confeitos e xaropes.

Tudo isto é servido em pratos de ouro, e em taças do mesmo metal, em que brilham pedras de alto valor. As damas turcas morrem por estes objectos de luxo, symbolo da opulencia de seus maridos.

Em Kâitana, como em todos os outros passeios de Constantinopla, costuma haver bandos de musicos francezes, italianos ou turcos. A um signal das damas, param defronte d'ellas e tocam as suas arias tristes ou alegres, segundo o desejo que ellas manifestam.

Se um individuo quer ser delicado e amavel para com uma dama, vae sentar-se ou manda parar a sua carroagem não longe d'ella, e chama para junto da dama um bando de musicos. Ella comprehende que tudo aquillo é feito por sua causa, e agradece com o seu sorriso mais delicioso.

Ha occasiões mesmo em que as damas trocam algumas palavras com o homem.

Estas mulheres, sentadas aos grupos sobre tapetes de cores brilhantes, com os seus trajos que deslumbram os olhos, as escravas tão jovens e tão bonitas como ellas, ajoelhadas a seus pés e parecendo querer adivinhar-lhes os desejos, os grupos de musicos espalhados por todo o passeio, essas carroagens, esses cavallos, esses bellos moços borboleteando em torno das mulheres, tudo isto dá ao passeio um aspecto encantador, que deslumbra e pasma o estrangeiro.

Os mais altos funccionarios do imperio vão a todos esses passeios. O proprio sultão ahi vae muitas vezes, tanto em todo o esplendor do seu luxo soberano, como incognito. Sua magestade possue em Kâitana um kiosque de recreio, que é uma maravilha.

Uma das sultanas tem tambem um pequeno kiosque á beira da agua, que é tudo quanto se póde imaginar de mais bello e encantador.

....

....

Para terminarmos este esboço dos costumes turcos, que nos impuzemos,

tendo em vista o nosso assumpto, vamos dar ainda algumas informações que se nos affiguram interessantes.

Ha cincoenta ou sessenta annos a esta parte, a Turquia tem soffrido grandes transformações nos antigos usos e costumes.

Em épochas mais remotas, o turco tinha o direito de deitar a esposa adultera ao Bosphoro, mettida n'um sacco, em companhia de dois ou tres gatos, Hoje o adulterio é apenas punido de morte, quando apanhado em flagrante. Fóra d'isto, o marido apenas tem o direito de a repudiar.

O turco é polygamo, mas nos seus costumes não ha a escandalosa prostituição dos povos civilisados.

Ha escandalos entre elles, mas são rarissimos, e pelo menos, os filhos teem sempre a protecção, o nome e a posição do pae, seja qual for a mulher que os dê á luz.

Tem-se censurado, e censura-se ainde hoje aos turcos o serem fanaticos e intolerantes. É uma lenda de outras éras. Hoje o governo não impede os seus subditos de mudarem de religião. Raros mussulmanos, é verdade, abraçam outra crença, mas isso não provem da intolerancia do governo, é simplesmente porque a sua religião, favorecendo-lhe as inclinações e tendencias, elles preferem-na a outra qualquer.

A religião mussulmana prohibe aos turcos comerem porco, beberem vinho e licores espirituosos. Estas prohibições encontram a sua razão de ser para com o vinho e os licores no calor do clima. Está demonstrado que os licores espirituosos são prejudiciaes ao homem nos paizes quentes, sobre tudo quando se tomam com abuso. Ora a melhor maneira de impedir o abuso, é prohibir o uso.

Relativamente ao porco, Mahomet fez esta prohibição, porque esse animal no Oriente é pouco sadio: quasi todos apparecem atacados de lepra.

Em Creta havia muitas aldeias onde a epidemia de lepra fazia horriveis estragos. Eram aldeias habitadas pelos gregos, que faziam uso da carne de porco.

O governador teve a ideia de prohibir o uso d'esta carne, e pouco a pouco o numero dos doentes diminuia, e ao cabo de alguns annos não havia nenhum.

Quanto á carne de porco, todos os mussulmanos seguem ainda o preceito do Propheta, mas pelo que respeita ao vinho e aos licores, muitos d'elles, os grandes sobretudo, começam a não fazer caso d'elle, e vêem-se nas suas mezas os nossos melhores vinhos.

As mulheres seguem o preceito fielmente. Não fazem uso nem de vinhos nem de licores, e um marido convencido de ter offerecido um copo de vinho ou de aguardente a sua mulher, seria considerado a tal ponto culpado, que só por isto, a mulher poderia pedir o divorcio.

Os turcos teem um licôr muito agradavel e permittido. É o *raki*. Serve-se meia hora antes de jantar, acompanhado de toda a especie de fructas... A cosinha é magnifica, apesar do grande abuso de molhos, assucar e artigos de confeitaria.

O café é para elles uma necessidade. Chegam a tomar dez e doze taças por dia. Quando se recebe uma visita, quer no *selanlik* quer no harem, é de rigor offerecer uma taça de café e tabaco, umas vezes em cigarros, outras no *narguileh*. Felizmente para os seus nervos, as suas taças de café são pequenissimas. Compõem-se primeiramente de uma especie de concha de ouro, adornada de pedras preciosas nas casas ricas, e tendo por cima uma pequenina chavena de porcelana da China.

A religião turca prohibe rigorosamente aos turcos o terem na cabeça outra cousa, a não ser esse tradiccional bonnet encarnado. Pôr um chapeu na cabeça é considerado por elles como um grande peccado.

É tambem a Mahomet que se deve a instituição da polygamia no Oriente. Prescreveu-a como uma cousa boa e santa. Provavelmente esse bom Propheta queria ver consideravelmente augmentado o numero dos seus adeptos, e por isso ordenou-lhes que tivessem muitas mulheres. E deu-lhes o exemplo.

Animados e defendidos por esta lei religiosa, os maridos partidarios da polygamia, quando as mulheres se queixam, invocam o Alcorão, e as mulheres d'esse paiz, tão zelosas na pratica da lei do Islam, não teem coragem para se rebellarem contra o santo preceito do fundador da sua religião.

Não ha turco algum que não faça severa e escrupulosamente o *ramadan*. Ao contrario do que se passa nos nossos paizes, são os grandes senhores e os altos personagens do imperio que dão o exemplo.

Eis o modo como se faz o *ramadan:*

Dura trinta e um dias, e não se celebra cada anno na mesma épocha, porque os turcos não contam os mezes como nós. Contam-nos pelas luas, e por isso umas vezes é no verão, outras no inverno.

O *ramadan* é ao mesmo tempo a quaresma e o carnaval dos turcos. De dia, é a quaresma; de noite, o carnaval.

Annuncia-se esta festa com grande pompa, e sobretudo com grande ruido. Ha salvas de vinte e um tiros, e descargas de fusillaria.

Todos os dias, durante o *ramadan*, no momento do nascer do sol, dispara-se um tiro de peça. É o signal da penitencia. Uma hora depois do tiro, não se póde comer nem fumar.

Cada mussulmano e mussulmana lava a bocca, e faz a sua primeira oração ou na mesquita ou em sua casa, mas é preciso que vá tres vezes por dia á mesquita.

Nas mesquitas, os *imans* fazem orações em alta voz, e lêem o Alcorão. Ha tambem canticos religiosos e um grande numero de pregadores escolhem este tempo para pregarem. Não contentes de fulminarem os que não cumprem os preceitos da religião, atacam sem ceremonia o poder, os ministros, o proprio grão-Vizir. Se o pregador vê na mesquita este funccionario, ou qualquer dos ministros contra quem ha razão de queixa, começa sem ceremonias a fallar contra elle, e censura-o severamente.

O grrão-Vizir ou o ministro atacado é obrigado a ouvir e callar-se.

Estes prégadores chegam a Constantinopla de todas provincias do imperio. Se na sua provincia ha razão de queixa contra o governador, elles dizem:

—«Na provincia de tal, o governador faz isto, ou aquillo... É justo este procedimento?... Porque motivo concede Deus o poder a estes homens?...»

Algumas vezes estes prégadores vão tão longe, impellem de tal modo o povo á revolta contra o poder, atacam-no com tanta violencia, que a policia tem de os obrigar a sahir da mesquita, mas para isso é mister que esses homens sejam bem ousados, porque lhes concedem uma grande liberdade.

Defronte de cada mesquita, durante o *ramadan*, estabelecem-se grandes bazares, que formam uma especie de acampamento de feira. N'estas lojas improvisadas não se vendem sómente pequenos objectos sem valor, mas tambem artigos de luxo, joias, diamantes, crystaes, etc.

Como as preces penitenciaes duram muito tempo e se repetem a miudo, é uso passar os intervallos sentado nos bazares a fazer compras. Estas feiras têem em aspecto animadissimo. É enorme a multidão e vêem-se alli os maiores personagens do imperio. As mulheres passeiam em grupos, percorrem os bazares, conversando, comprando. Dir-se-hia um bando de toutinegras. Fallam pelos cotovellos e as suas gargalhadas argentinas encantam o ouvido de quem passa.

Os maiores personagens de Constantinopla devem dar o exemplo e fazer escrupulosamente o *ramadan*.

Se um homem apparecesse em publico n'esta épocha a fumar, por exemplo, seria apupado, e se fosse elevado personagem ou funccionario, estava muito arriscado a ser destituido.

O proprio sultão vae á mesquita, mas incognito e sem o menor apparato.

Nos domicilios, o *ramadan* passa-se do seguinte modo:

Um tiro de peça annuncia de manhã, ao nascer do sol, que não se deve beber, nem comer, nem fumar. Póde sahir-se para tractar de negocios, mas não é permittida a menor distracção.

Se um marido entra no harem, deve alli demorar-se o menos tempo possivel, e não lhe é permittido tocar mesmo com a mão em sua mulher, e mais ainda depor-lhe um simples beijo na fronte.

Devem fazer-se cinco orações por dia ás horas indicadas. Não se podendo ir ás mesquitas, essas orações devem fazer-se em casa. No selanlik, o chefe de familia fal-as em voz alta, rodeiado de seus filhos e de todos os seus creados. No harem, as damas fazem-nas do mesmo modo.

Á tarde, ao pôr do sol, um segundo tiro de peça annuncia que uma hora depois acaba a quaresma e começa o carnaval. Cada qual entra em casa, e ha convites para jantares entre as pessoas amigas.

Ha tambem um costume bem singular. Durante esta épocha, cada qual póde ir á casa que desejar, ainda que seja de um alto personagem, e jantar alli. O dono da casa é obrigado a receber os intrusos com toda a affabilidade. Assim, em todas as casas, tanto pobres como ricas, ha n'esses dias uma grande meza posta, porque ninguem tem a certeza dos convivas que terá de regalar.

O povo gasta durante o *ramadan* as suas economias de um anno inteiro. O aspecto das casas é muito curioso. Alguns momentos antes da hora indicada para o fim do jejum, vê-se no salão cada pessoa sentada, tendo diante de

si uma pequena meza e um prato contendo agua com assucar ou xarope. Em dois pequenos pratos, ha algumas colheres de caldo e quatro ou cinco azeitonas.

Dada a hora, toda a gente começa a comer esta frugal refeição, que tem por fim preparar o estomago, fatigado por um longo jejum, para mais substancial comida. Em seguida, fumam e conversam alegremente.

Depois d'esta refeição sobria, os creados vêem collocar diante de cada pessoa um tapete. Esses tapetes são mais ou menos luxuosos, e sobre cada um d'elles ha um rosario. Todos se ajoelham, convivas e extranhos. Os creados ficam aos cantos do aposento e o chefe de familia faz uma oração em voz alta. Terminada que seja, dirigem-se todos á salla de meza, onde se serve um longo e copioso banquete, em que reina a maior animação pelo grande numero de convivas e extranhos.

Depois de jantar conversam e divertem-se durante uma grande parte da noite. As pessoas ricas têem o habito de velar até de madrugada. Ás duas ou tres horas, servem-se fructas, confeitos e bolos. Deitam-se, quando de manhã o segundo tiro de peça annuncia que o *ramadan* principia novamente, e a este signal, não se esquecem da formalidade de lavar a bocca. Dormem até ao meio dia; á uma hora, vão á mesquita.

Os ministerios e as diversas repartições nunca estão abertos no tempo de *ramadan* senão até ás duas horas da tarde. O mesmo se dá com os azarebs, que ficam depois abertos toda a noite, principalmente as lojas de mercearia, os padeiros, etc.

Nos harens, o *ramadan* faz-se do mesmo modo. As damas convidam-se umas ás outras, dão grandes jantares e passam as noites alegremente, mas ainda assim não tem nem cantos nem musica para alegrar os seus banquetes.

Esta épocha é muito boa para os pobres. Todos lhes dão grandes esmollas. Dar aos pobres, cada qual segundo as suas posses, sobre-tudo n'esta épocha, é uma obrigação para todo o bom mussulmano.

Em toda a parte, desde o palacio do grão-Vizir até á humilde casa do pobre, ha n'uma salla mesas postas e cheias de comida, exactamente como n'uma hospedaria. O numero d'estas mezas varia, segundo os meios de fortuna do dono da casa.

Como já disse, todo o homem pobre, cocheiro de fiacre, varredor das ruas, mendigo, ou operario, póde ir jantar onde quizer. Basta entrar e sentrar-se á meza.

Se por acaso o numero dos convivas é grande, estão todos os logares tomados, e o dono da casa não é bastante rico para ter um maior numero de talheres, ninguem manda embora o que se apresenta tão pouco a proposito. Pede-lhe delicadamente que venha no dia seguinte, e o homem dirige-se então a outra casa.

Os desgraçados, durante estes trinta e um dias, jantam de graça, cada dia em sua casa.

—«Hoje, diz um, vou provar a cosinha do grão-Vizir.»

—«Eu cá, diz outro, vou a casa do pachá Fulano, que tem, segundo dizem, um excellente cosinheiro.»

Estes pobres são perfeitamente acolhidos em toda a parte.

Depois de jantar, o *asnadar,* intendente, mordomo, vem dar a cada um d'elles uma pequena somma de dinheiro embrulhada n'um papel, somma que varia de oito tostões a dois mil réis, segundo as posses da pessoa que tem esta liberalidade. Teem, por tanto, trinta e um jantares gratis e trinta e uma esmollas, que no fim do mez lhes produzem uma bonita somma.

As damas dos harens dão tambem esmollas ás mulheres necessitadas. Dão-lhes de jantar, fatos e dinheiro.

As festas do *Bairam* seguem logo as do *ramadan.* Duram tres dias. São annunciadas por trinta tiros de peça e por varias descargas. E' um ruido soberbo e imponente!...

Mas as duas ceremonias que se seguem a este estrondear festivo são tão maravilhosas, que todos os europeus, assistindo uma vez a ellas, ficam deslumbrados.

Os leitores conhecem, ao menos por terem ouvido contar, a riqueza do costume oriental, as fardas dos funccionarios todas cobertas de bordados de ouro fino, o *tarbouche* ou *fez,* no meio do qual ha um crescente ornado de diamantes, o sabre e o cinturão, uma riqueza quasi inacreditavel.

Pois imaginem agora que estão vendo desfilar, montando magnificos cavallos, seguidos e rodeados dos seus ajudantes de campo de grande uniforme, com o grão-Vizir na frente, todos os ministros, altos funccionarios e *moustachirs* do imperio.

Este cortejo dirige-se ao palacio do sultão.

Chegando em frente da praça do palacio, fórma alas.

O sultão, de grande uniforme, seguido dos seus camaristas, desce a escada do palacio. Monta a cavallo, e o cortejo põe-se novamente a caminho. Dirige-se para a mesquita.

Alli, um throno, rodeado de uma especie de grade de ouro, espera sua magestade. O resto do cortejo tem á sua disposição bellos tapetes.

Todos ajoelham. O *cheikou-islam,* chefe da religião, faz uma oração em alta voz. Terminada a oração, o sultão torna a montar a cavallo, e todo o cortejo o segue ao palacio, onde o sultão se demora um instante.

Durante este tempo, o cortejo estaciona na praça de Tambouskou, situada diante do palacio, e no meio da qual se eleva para esse dia um grande throno. É em torno d'este throno que cada ministro, funccionario ou dignatario se colloca, segundo a sua gerarchia. Em seguida, vem o exercito, de grande uniforme, o povo, os curiosos e os estrangeiros.

Tudo isto dá á praça um aspecto verdadeiramente deslumbrante.

O sultão chega, seguido de todos os seus camaristas, e senta-se no throno. Em volta d'elle collocam-se os graves dignatarios e os camaristas, e é então que se dá o signal para os *temena,* segundo as diversas gerarchias.

O grão-Vizir, os ministros, os camaristas e os mustachirs vèem uns apoz outros saudar, ou fazer tres *temena,* diante do sultão, beijando a banda dourada, segura pelo primeiro camarista. Quando voltam para o seu logar, é recuando e continuando a fazer saudações.

Depois dos altos funccionarios, é a vez dos militares. Em seguida, vem o *cheikou-islam*. O sultão levanta-se e fica em pé durante as saudações do clero mussulmano.

Os sultões, ainda mesmo os mais ferozes, tiveram sempre uma grande deferencia pelo *cheikou-islam*, e com razão, porque elle tem uma grande influencia no espirito do povo, e póde tornal-o favoravel ou hostil ao governo.

Quando o clero acaba de desfilar, o sultão entra no palacio.

É então que todos os funccionarios, ministros e mustachirs se dirigem a uma magnifica e immensa salla do palacio, onde o grão-Vizir os precede. Cada qual vem então fazer a mesma ceremonia diante d'elle por ordem de gerarchias. Primeiro vem o ex-grão-Vizir, que depois de ter feito tres *temena* diante do Vizir actual, toma logar ao lado d'elle; depois vem o mais elevado funccionario da Porta, que faz a mesma ceremonia ao grão-Vizir e ao ex-grão-Vizir, e vae collocar-se a seu lado, e assim successivamente. Todos fazem esta ceremonia, mas o mais divertido é que os ultimos teem que fazer *temena* pelo menos a duzentas pessoas.

Durante estes tres dias, ninguem tracta de negocios. Ha festas publicas, illuminações, fogos de artificio, não só em Constantinopla, mas ainda mesmo em toda a extensão do imperio ottomano.

....

....

A mulher de um alto funccionario publico, mulher unica e adorada por esse homem, tinha relações adulteras com um creado de seu marido. O pobre homem sem lhe passar pela cabeça toda a extensão do seu infortunio, mas suspeitando que havia algum principio de relações vergonhosas e humilhantes para elle entre sua esposa e o creado, despediu-o.

Os dois amantes ficaram muito afflictos com esta separação, mas ainda assim acharam meio de continuarem a vêr-se e a corresponder-se.

Um dia, a esposa recebeu no harem o ex-creado, e alli o teve até á noite, escondendo-o quando o marido veio visital-a.

Que plano odioso haviam combinado entre si os dois amantes? A adultera recebeu agradavelmente o marido, riu-se para elle, abraçou-o, acarinhou-o, e quando o apanhou completamente adormecido, fez um signal... A porta abre-se, e o creado, de alfange em punho, precipita-se sobre seu amo, e corta-lhe o pescoço, emquanto a mulher lhe segura os pés.

Feito isto, fugiu, e a esposa adultera começou a gritar com todas as suas forças: «Assassino! assassino!...»

Chegou a policia, mas a perfida tinha já uma historia preparada. Um bandido lograra esconder-se no quarto, e assassinara-lhe o marido, provavelmente para o roubar. A policia, porém, seguiu alguns vestigios de sangue, que iam até casa do amante, porque todos sabiam d'aquelles amores adulteros, e chegou a convencer-se da sua culpabilidade. Presos, os dois confessaram o crime.

O desgraçado marido tinha um filho, que assistiu ao julgamento. Quando lhe perguntaram se queria que sua mãe, cumplice do assassino de seu pae, fosse sentenciada á morte, respondeu:

—«Bem basta a desgraça de ter perdido meu pae! Já ha bastante sangue derramado... Peço a vida de minha pobre mãe!...»

Segundo a lei, essa mulher devia ser encerrada n'uma prisão. Mas o monarcha, revoltado com a ignobil e cruel acção da infame, usou do seu direito, e ordenou que os dois culpados fossem degollados.

Eis como foram cumpridas as ordens do sultão.

Uma manhã, vieram dizer á culpada que fora perdoada, e que ia ser conduzida ao degredo em companhia do seu amante.

Contentissima com esta noticia, metteu-se alegremente n'uma carroagem.

Na occasião, em que o vehiculo passava uma ponte, os policias que a acompanhavam intimaram-lhe a ordem de deitar a cabeça a uma das portinholas. Ella soltou um grito agudo e perdeu logo os sentidos, porque acabava de vêr cortar a cabeça do amante a dois passos de distancia.

Aproveitaram-se d'aquelle desmaio para lhe passarem uma corda em volta do pescoço... e um instante depois, o seu cadaver pendia da forca.

Os dois corpos ficaram alli dois dias expostos aos olhos de todos.

É sempre nas praças mais centraes e frequentadas que no Oriente se fazem as execuções.

....

....

Em muitos dos seus usos, os orientaes conservam as tradicções dos patriarchas. A polygamia é um exemplo d'isto.

Na Turquia, um filho, embora tenha a barba branca, embora exerça um cargo ou tenha uma posição superior á de seu pae, nunca se apresenta diante d'elle, senão n'uma attitude muito respeitosa. Nunca se permittirá a liberdade de se sentar na sua presença, sem auctorisação expressa, e ainda assim, conserva-se n'uma posição de respeito, como se estivesse diante de um extranho de uma cathegoria muito superior. Nunca terá o atrevimento de entrar em casa de seu pae a fumar, e não fumará diante d'elle sem sua permissão.

Se o pae tiver um titulo, excellencia ou alteza, o filho dar-lh'o-ha sempre.

A mulher oriental conhece bem a sua inferioridade para com o homem. Educam-na n'esta crença, e fazem todos os esforços para lhe impedirem o desenvolvimento da intelligencia, com a mira em nunca perder esta ideia da sua inferioridade. Assim, considera o marido como um ser superior a ella, um senhor, um amo, a quem é preciso obedecer cegamente.

Nas suas maneiras, nos seus amores, ha sempre uma certa humildade, um certo servilismo. Emquanto que o seu pachá se recosta indolentemente n'um divan, ella espera as suas ordens e procura adivinhar-lhe os desejos. Serve-lhe muitas vezes de joelhos o café e o *narguileh*.

Até na propria mulher turca, que póde e deve considerar-se livre, ha sempre um pouco de sangue de escrava, o que é exacto afinal, porque muitas d'ellas são filhas de escravas circassianas.

O amor verdadeiro não póde existir na Turquia, porque, para que elle exista entre duas creaturas, é preciso que ellas se sintam de egual valor e de egual intelligencia.

Assim como na Europa uma mulher não pode amar um homem que reconhece como seu inferior, tambem o homem no Oriente não pode amar, com esse amor sem limites que faz com que o coração, a alma e o pensamento pertençam inteiramente ao objecto amado. Não pode amar com esse amor que torna o homem grande e forte, uma mulher que reconhece como um ente inferior! Ella pode ser bella, mais bella que todas as Venus, creadas pela imaginação artistica e apaixonada dos nossos grandes artistas, mas, ainda assim, não a amará senão com amor sensual!...

Só os turcos civilisados consentem que suas mulheres se conservem em pé diante d'elles... Os outros obrigam-nas a ajoelhar!...

Um alto personagem oriental dizia um dia n'um salão francez com ares de triumpho:

—«Se em França nos ajoelhamos diante das mulheres, em compensação, no Oriente, são ellas que teem de ajoelhar na nossa presença!»

De resto, a culpa é menos dos homens que das mulheres. São de um caracter servil e completamente destituido d'essa dignidade da mulher, que é e sabe ser verdadeiramente mulher.

....

....

Os poetas, tão queridos das mulheres, gosam no Oriente de uma grande liberdade. Teem o direito de dizer tudo quanto quizerem. Fazem epigrammas e satyras a respeito dos mais altos personagens, e estes raras vezes se zangam. Tambem, quando levam a mal as zombarias e as criticas dos poetas e os mandam metter na prisão, esses endemoninhados, longe de se calarem, vercejam com novo ardor.

Cita-se a seguinte anecdota de um poeta de Stamboul, que prova bem a sua independencia de caracter.

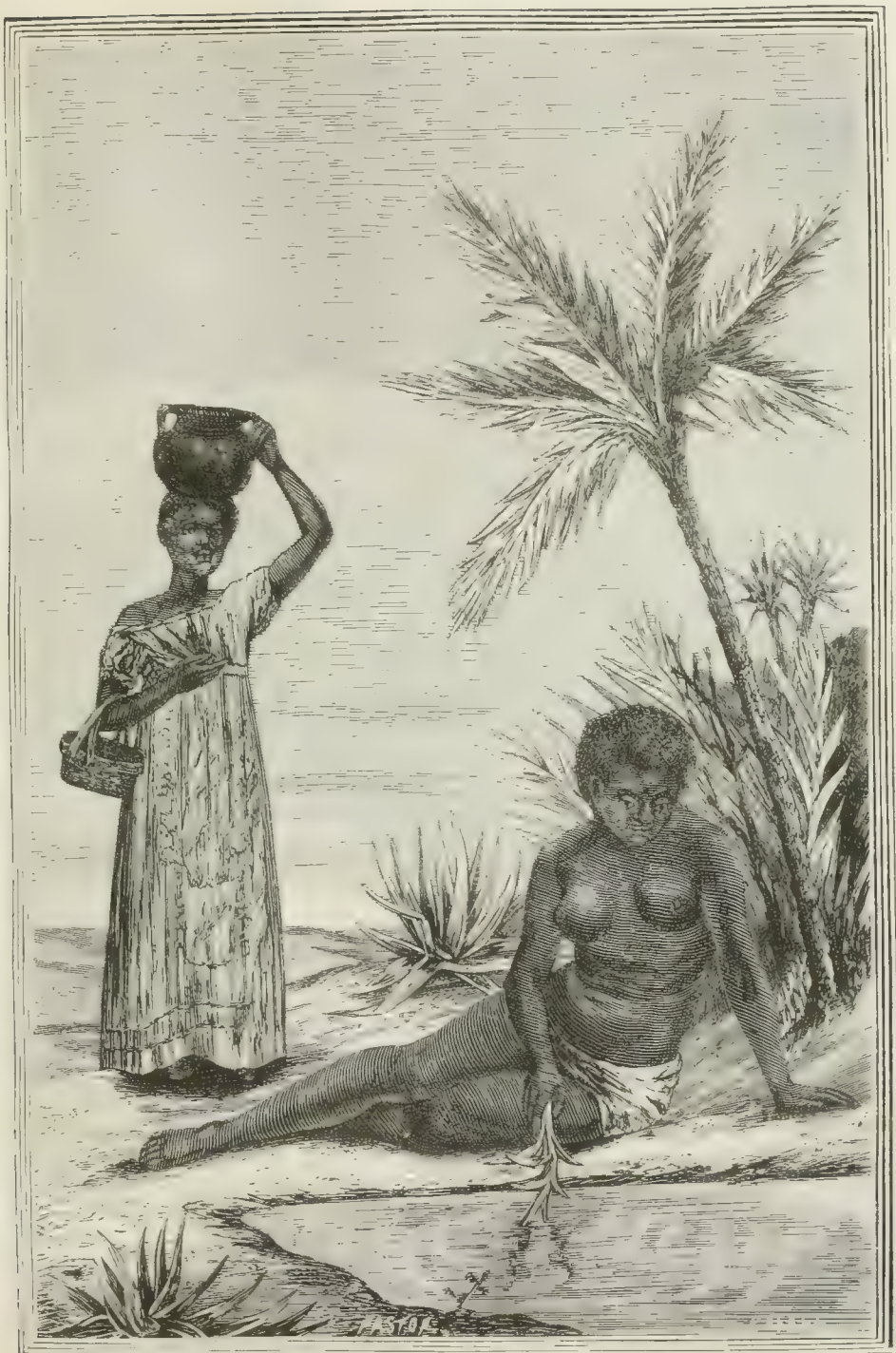
Um sultão foi um dia acommettido da mania de vercejar. Fazia sonetos a cada momento, e sobre os mais diversos assumptos, a respeito da borboleta, da rosa, da guerra, da paz, dos bellos olhos das suas favoritas, etc. Sua magestade imaginava-se um bom e excellente poeta, mas o pobre homem, como succede a quasi todos os reaes vercejadores, fazia versos detestaveis... Pelo menos era essa a opinião de um dos mais celebres poetas da capital dos seus estados.

Um dia o sultão mandou-o chamar, e leu-lhe muitas poesias, pedindo-lhe a sua opinião.

—«As poesias de vossa magestade são detestaveis!» respondeu rudemente o poeta.

O sultão, furioso com esta resposta, mandou logo metter o poeta no carcere mais horrivel da cidade.

Ao cabo de alguns mezes, o sultão apaixonado de uma nova favorita, compõe versos em sua honra. Lembra-se do poeta, e manda-o buscar á prisão. O castigo devia por certo ter-lhe modificado a critica. Sua magestade leu os seus versos, e disse-lhe:

—«Como achas estes?...»

Cortezãs africanas

O poeta sem dar palavra, sauda o monarcha, e começa a recuar a passos miudinhos em direcção á porta do salão, para sahir...

O sultão contemplava-o pasmado, não sabendo a que attribuir aquelle procedimento.

—«O que é isso, homem?! Onde vaes tu?...»

—«Senhor, volto para a prisão!» respondeu o poeta.

O sultão tinha espirito, e riu ás gargalhadas. Passado este accesso de hilaridade, sua magestade perdoou ao poeta tão franco e tão pouco palaciano a sua opinião, e desde esse dia tractou-o com a maior bondade.

Em algumas povoações do imperio da Turquia, principalmente na parte da Asia sujeita ao seu dominio, ha muitas mulheres que se offerecem aos viajantes e peregrinos, a troco de pequenas quantias de dinheiro.

No Cairo, as *Almêas*, ou bailarinas, entregam-se desenfreadamente á prostituição. Ha frequentes mercados de eunuchos e de escravas lindissimas, destinados a satisfazer a lubricidade dos compradores. Os preços são quasi sempre elevadissimos.

Ainda hoje na India as *Bayadéras*, cortezãs afamadas pelos seus attractivos e dansas lascivas, perpetuam nos pagodes de Brahma o culto da voluptuosidade licenciosa.

Os indios teem tambem harens como os ottomanos, porque seguem, exactamente como elles, a polygamia, principalmente os das castas superiores.

Ha n'este paiz um culto estupendo em honra de Schiva, do qual é symbolo curiosissimo o *Lingam*.

O *Lingam*, que os devotos e devotas trazem na cabeça, nos braços ou na garganta, é uma pequena reliquia representando... dil-o-hemos?... a união dos dois sexos por occasião do coito.

Ha ainda outros emblemas eroticos, uma especie de tatuagem no corpo dos iniciados, allusiva a cousas extravagantemente obscenas, que um viajante observador explica em latim, para evitar a rudeza da denominação vulgar. Seguiremos esse exemplo, e assim diremos que essa tatuagem é allusiva ao *masculi liquorem seminalem* e ao *fœminae fluxum menstruum*.

Os *lingamitas* são numerosissimos no Malabar e no Coromandel. Constituem, approximadamente, metade da população, n'uma extensão de cem leguas de N. a S.

Teem sacerdotes chamados *gourous*, que teem privilegios excepcionaes.

Quando um *gourou* visita o seu districto, cada um dos adeptos disputa aos outros a honra de lhe dar hospitalidade.

Apenas o sacerdote escolheu, todos os varões sahem da casa. O *gourou* fica senhor de todas as mulheres, que com uma emulação voluptuosa se apressam a satisfazer todos os seus caprichos, sem que os maridos, os paes, ou os irmãos se offendam com esta prostituição religiosa.

Pela sua parte, os *gourous* teem semqre o cuidado de escolher as casas em que ha as mulheres mais jovens e mais bonitas.

Além d'isto, os *gourous* teem umas mancebas especiaes, que elles denominam *esposas dos deuses*. São quasi sempre estas mulheres *bayadéras* dos templos, menos depravadas que o commum das bailarinas d'esta cathegoria, que trazem gravado nas pernas o emblema do *Lingam*.

Em Golconda, as prostitutas, numerosissimas, dividem-se em duas classes. A primeira entrega-se apenas aos homens de uma casta superior; a segunda a todo o mundo. A sua profissão infame é herança de antepassados. Suas mães, suas avós e bisavós, tinham como ellas o direito de a exercerem sem vergonha.

As raparigas mais bellas d'esta tribu são educadas com o maior cuidado, para que possam fazer o maior numero de conquistas.

As feias casam com homens do povo, na esperança de terem filhas, que sejam mais favorecidas da natureza, e possam d'este modo equilibrar as classes.

O viajante Tavernier faz subir a 20:000 o numero das prostitutas de Golconda. São obrigadas a inscrever-se no livro do *Deroga*, ou auctoridade policial, para terem o direito de exercer o seu officio, mas ainda assim não pagam tributo algum ao principe ou rajah.

Em compensação, são obrigadas todas as sextas-feiras a irem com uma auctoridade e acompanhadas de musica, dansar diante do palacio. De tarde apparecem á porta das casas, e á noite accendem um pharol indicador. Os freguezes procuram-nas, gosam-nas e consommem em suas casas uma grande porção de *tari*, um excellente licôr do paiz.

Na China, as raparigas, que se distinguem pela sua belleza, são vendidas pelos paes, apenas completam os 14 annos, para o prazer dos grandes e poderosos.

O imperador tem no seu palacio de Pekin um grande numero de rainhas, concubinas e eunuchos para o seu serviço particular.

Os eunuchos chinezes são privados de todos os signaes do seu sexo por meio de ligaduras impregnadas de um liquido caustico. O homem mais forte a quem fazem eunucho, perde logo a voz varonil. Falla como as mulheres. Não são estes eunuchos simplesmente destinados como os da Turquia á guarda das mulheres do harem: teem outros usos, mais obscenos e immundos. . .

É sabido que os chinezes reduzem singularmente por processos barbaros os pés das suas mulheres. Só as mulheres *mandchouas* é que podem ter os pés desenvolvidos. Essas mulheres são muito sensuaes.

Geralmente fallando, os chinezes são muito inclinados á libertinagem. As pessoas ricas, além de uma esposa legitima possuem um harem, e nem por isso deixem de frequentar os logares de prostituição, tão numerosos nos arrabaldes de Pekin e das outras grandes cidades do imperio.

Não contentes com isto, entregam-se a uma depravação muito mais immoral, indo satisfazer, em miseraveis antros, habitados por alguns rapazes escolhidos para esse fim obsceno, as suas predilecções contra a natureza.

Por occasião da acclamação de um novo imperador, todas as mulheres do defunto monarcha são encerradas n'um edificio particular, para alli passarem o resto dos seus dias. E' então que os principaes personagens do imperio conduzem suas filhas mais formosas á presença do monarcha, afim de que entre ellas escolha as mulheres destinadas ao serviço do harem imperial.

Outras são apresentadas aos principes da casa imperial, para serem suas concubinas, e estas mulheres são consideradas na China sob o mesmo ponto de vista das mulheres da Escriptura.

De todas as cidades da China, a de Cantão é a que contem maior numero de prostitutas. Estas desgraçadas creaturas condemnadas á libertinagem, por serem escravas, e constituirem um commercio extremamente lucrativo para os seus proprietarios, vêem-se multiplicadas prodigiosamente.

Constituem, portanto, muitas classes. As da ultima cathegoria residem nos arrabaldes. Outras passam o tempo a bordo de grandes navios, construidos de proposito para esse fim, e contendo habitações muito limpas e convenientemente adornadas.

Estes navios estão reunidos á entrada de um dos numerosos canaes do Tigre.

Estas prostitutas são geralmente muito bonitas, brancas, robustas, bemfeitas, e vestidas com gosto e esplendor.

As da classe superior teem uma physionomia doce e graciosa, e são menos descaradas que as outras.

Nas grandes cidades do norte da China, as mulheres são frequentemente entregues á prostituição pelos parentes mais proximos, paes, irmãos, maridos, etc.

São elles proprios, que muitas vezes de noite as levam ao domicilio dos freguezes, ou envolvidas em veus, ou mettidas em liteiras por elles escoltadas.

. . . .

No Japão, a prostituição está tambem muito desenvolvida.

No porto de Nagasaki, situado nas ilhas meridionaes, o celebre viajante Kœmpfer poude observar a prostituição, desenvolvida em larga escala.

A parte da cidade em que estão estabelecidas as casas de prostituição chama-se Kasiematz, quer dizer, bairro de prostitutas. Este bairro, situado n'uma eminencia, contém as mais bonitas casas da cidade, todas habitadas por prostitutas.

É alli onde a gente pobre, cujas filhas são as mais bellas do Japão, á excepção das mulheres de Miaco, que lhes são superiores, póde collocar suas filhas para seguirem este modo de vida, com a condição de serem bem constituidas.

O bairro, que lhes é destinado, está sempre bem fornecido, e é o mais formoso do imperio, depois do de Miaco.

Este commercio é alli mais lucrativo que n'outra parte qualquer, não só por causa do grande numero de estrangeiros, por isso que elles abundam em Negasaki, mas tambem pelo caracter dos seus habitantes, que passam por ser os mais libertinos e impudicos de todo o imperio.

Os paes e as mães vendem as filhas, muito novas ainda. O preço varia, segundo a edade e a belleza. A edade escolhida é dos 10 aos 12 annos.

Cada *turangó,* ou dona de casa de prostituição, tem tantas raparigas quantas possa alojar no mesmo edificio, desde sete até trinta, e aloja-as em quartos magnificos, tendo o cuidado de as ensinar a dansar, a cantar, a tocar instrumentos de musica e a escrever cartas.

Em geral, proporciona-lhes todos os elementos necessarios para seduzirem e encantarem, no officio que se veem obrigadas a exercer.

As velhas, que teem mais habilidade e experiencia, são as mestras d'estas raparigas, que em recompensa as servem como se fossem suas senhoras.

As que fazem progressos consideraveis no que se lhes ensina, as que por causa da sua belleza e das suas graças são mais procuradas, são objecto de cuidados especiaes, e vestem com o maior esplendor, tudo á custa dos seus frequentadores, que, segundo diz Kœmpfer, devem por causa d'isto pagar muito caros os seus favores.

Uma mulher gasta na libertinagem deve velar durante a noite, n'uma especie de nicho, ao lado da porta de entrada, onde os transeuntes podem ter commercio com ella, dando-lhe uma pequena retribuição.

Outras ainda são condemnadas a fazer esta guarda nocturna, quando se comportam mal.

Tadas estas mulheres, depois de terem passado assim o tempo, se conseguem casar, são tidas entre o povo por mulheres honradas.

O seu passado é completamente esquecido.

Se a alguem esse passado é imputado, é a seus paes, mães ou parentes, que as venderam para ganhar a vida, antes que ellas estivessem em edade de escolherem uma profissão qualquer.

De resto, como são muito bem educadas, não lhes é difficil escolher marido.

As hospedarias do Japão, os locaes de exportação do chá e das outras mercadorias, abundam em prostitutas. É alli que ellas procuram freguezes. Sentam-se á porta da casa, onde com ares risonhos e palavras decentes, convidam os differentes grupos de viajantes que passam, a entrar na sua hospedaria, com preferencia a outra qualquer.

Nos logares onde ha muitas casas de prostituição, umas perto das outras, sobretudo na ilha de Sinkin, estas desgraçadas creaturas fazem taes desordens, á força de fallar e disputar, que chegam a ser extremamente incommodas.

Todas as hospedarias das aldeias de Akosaki e de Goy, na ilha de Niphon, são outros tantos logares de prostituição que não contem menos de seiscentas a setecentas prostitutas.

Por isso chamam a esses depositos armazens de prostituição, e vulgarmente, o *moinho commum.*

Não ha em toda essa vasta ilha de Niphon uma só hospedaria, que não possa receber o nome de bordel.

Se a essas hospedarias accode um grande numero de viajantes, ou de freguezes habituaes, os donos das casas proximas emprestam ao dono da hos-

pedaria mais concorrida as suas prostitutas, com a condição de que o dinheiro ganho por ellas, lhes será fielmente pago.

Independentemente dos logares de prostituição, os japonezes pódem ter em sua casa, com as esposas legitimas, todas as concubinas que desejarem. A lei exige, porém, que as ultimas tenham muita deferencia para com as primeiras.

De resto, a legislação japoneza tracta pessimamente as mulheres. Todo o marido póde repudiar a que lhe der filhos, sem que ella possa reclamar.

Além d'isso, nenhuma mulher póde servir de testemunha. Do mesmo modo que na India, tambem no Japão ha um certo numero de mulheres publicas, dedicadas ao serviço dos templos, sobretudo aos do deus Giwon.

Na Persia, as prostitutas são tão communs que teem em todas as cidades bairros especiaes, e são administradas por funccionarios particulares. Em Ispahan, ha mais de doze mil prostitutas. O *shah,* ou rei da Persia tem trezentas esposas e outras tantas concubinas.

A maior parte d'estas são circassianas e georgianas, as mulheres mais bellas do mundo, segundo é fama.

Em geral, os povos asiaticos não fazem muito caso da castidade e do pudor das mulheres, e o mesmo se dá nas povoações africanas, tanto das costas como do interior.

Os viajantes europeus que teem visitado estes paizes contam que os negros costumam offerecer mulheres e filhas aos estrangeiros, que exploram essas regiões affastadas.

Quando um negro chega a enriquecer, costuma logo adquirir um grande numero de mulheres e de concubinas.

Os reis e os chefes teem harens, como na Turquia, na Persia, na China e no Japão.

A polygamia está largamente espalhada por toda a Africa.

Os jalofs, os julis, os mandingas e outros povos da Senegambia, entre os quaes as mulheres accusadas de adulterio são vendidas como escravas aos brancos, não teem o menor escrupulo em offerecer as mulheres, as irmãs e as filhas aos extrangeiros que desejarem ter copula com ellas.

Muitos d'estes povos, taes como o de Jinda, consagram as suas mais bellas filhas ao serviço dos *fetiches,* ou melhor dos sacerdotes, e occasiões ha em que estes sacerdotes ordenam uma prostituição geral para dissiparem a colera dos deuses.

No reino de Achanti é onde principalmente existe esta classe de sacrificios, independentemente das prostitutas ordinarias. O rei tem um harem de 3:333 mulheres, numero que tem obrigação de conservar sempre completo.

Os Purhas de Timani são corporações muito temidas, e ao mesmo tempo extremamente dissolutas.

No paiz de Soulina e no do Kouranko, as mulheres podem abandonar os maridos para seguirem os amantes, quando elles teem meios para restituirem a somma primitivamente dada por ellas a seus paes.

No Wawa, na Nigricia, os homens alugam a tanto por noite as escravas

mais bonitas. A castidade é completamente desconhecida n'aquelles povos. Em Fontatoro, quanto mais concubinas um homem sustenta, mais considerado é, e maiores riquezas se lhe attribuem.

Nas ilhas do grande Oceano, ha a mesma licença de costumes, ou para melhor dizer, a mesma prostituição.

No Taiti, vêem-se pirogas cheias de bellas nymphas completamente nuas, offerecendo os seus encantos aos marinheiros europeus. Os indigenas obrigam estes marinheiros a escolher raparigas e a seguirem-nas á terra, para fazerem d'ellas, suas companheiras de uma noite.

O mesmo succede na ilha de Paschoa, onde todas as mulheres se prostituem aos marinheiros, com uma lubricidade sem exemplo, á sombra de arvores gigantescas, ou ao ar livre.

No archipelago dos Navegantes, as raparigas teem completa liberdade para disporem dos seus favores, sem que as suas complacencias as deshonrem, ou as impeçam de casar quando quizerem.

Na Nova Zelandia, os indigenas vendem os favores das suas filhas mais bellas e de suas irmãs, a troco de instrumentos de ferro que lhes levam os europeus.

Emquanto estas raparigas não casam, podem prostituir-se todas as vezes que quizerem. O matrimonio, porém, impõe-lhes a fidelidade conjugal, apesar da polygamia ser geralmente permittida.

Nas ilhas de Noukahiva e de Mendana, onde as mulheres são dotadas de belleza, graças e encantos, os estrangeiros encontram sempre a maior facilidade em as possuirem.

O desejo immoderado dos presentes tem mais força n'essas mulheres do que o pudor. N'essas ilhas, os dois sexos entregam-se publicamente ao exercicio de actos libidinosos, que n'outras partes só se praticam graças ao mysterio, e os espectadores applaudem phreneticamente esses actos.

Nas ilhas de Sandwich, as mulheres teem mais pudor, sobretudo depois da chegada dos missionarios christãos a essas ilhas, mas nem por isso são menos accessiveis nem desejam menos os prazeres sensuaes.

Nas ilhas Radak, existe egual liberdade de costumes, e maior ainda é a do archipelago das Carolinas, onde se considera uma honra a posse de numerosas concubinas.

O adulterio, na ilha Hogolen, que depende d'este archipelago, expia-se por meio de um presente consideravel que se faz ao marido offendido. Este, pela sua parte, póde repudiar sua mulher, uma vez provada a sua infidelidade. A mulher póde tambem repudiar o marido, quando este deixar de lhe agradar.

Na ilha de Goulay, tambem do mesmo grupo, o estrangeiro que alli aporta recebe do seu hospede, a titulo de emprestimo, a mulher d'este, e este emprestimo dura em quanto dura a hospedagem.

Em todos os logares do archipelago das Mariannas, e no de Sandwich, onde aporta a tripulação da *Urania,* uma das mais bellas filhas de cada casa é offerecida aos estrangeiros, do mesmo modo que n'outras partes se lhes offerece um copo de vinho, ou uma chavena de café.

Livre cambio!

Se do Grande Oceano nos transportamos ao continente da America, encontraremos alli tambem, sobretudo na parte meridional, uma extrema relaxação de costumes.

Basta citar o Brazil, Buenos-Ayres, o Perú e o Chili. Poderiamos tambem accrescentar o Mexico, onde os primeiros habitantes viviam livremente com todas as mulheres até ao dia do matrimonio.

Pretende-se que os Yroquezes da America do Norte não guardam tambem contemplação alguma, e que suas mulheres são demasiado lascivas.

Todo o littoral americano do Norte e do Meio-dia é conhecido pela dissolução dos seus habitantes.

Os Esquimaus practicam ao mesmo tempo a polygamia e a polyandria, segundo as necessidades da população de cada tribu.

Se ha mais homens que mulheres, a polyandria; se succede o contrario, a polygamia.

Quanto á prostituição do Brazil e da Africa portugueza, reservamos para o tomo d'esta obra, em que nos occupamos da *Historia da Prostituição em Portugal,* noticias e estudos mais desenvolvidos.

Voltemos agora á Europa, onde nos resta dizer alguma cousa ainda a respeito da prostituição nas differentes capitaes das nações mais adiantadas.

Comecemos por Londres, a moderna Babylonia, com perto de cinco milhões de habitantes, metade dos quaes, como observa um distincto escriptor pertencem ao sexo feminino.

Eis como um nosso illustre compatriota, o sr. Zacharias d'Aça, pinta em cores bem verdadeiras e frisantes a enorme corrupção da grande metropole ingleza:

«Quatro milhões d'almas—a população do nosso Portugal—accumuladas n'uma area, cujo perimetro não chega a ter trinta legoas; a extrema opulencia ostentando-se orgulhosa e deslumbrante, ao lado da meseria famelica, viciosa e esfarrapada; o solo no inverno coberto de neve e lama; nas ruas um nevoeiro quasi constante, envolvendo essa multidão enorme, que se agita noite e dia, no combate pela vida; um ceu inclemente, humido e gelido, docel de nuvens plumbeas e opacas, onde o sol faz a custo algumas raras apparições; duas Egrejas officiaes—a anglicana e a presbyteriana, e duzentas (!) seitas religiosas; no meio de tanta religião e de tantas religiões,—e a despeito d'ellas—uma corrupção extraordinaria, uma devassidão enorme e bestial n'essa arena tumultuosa, triste, e sombria; a lucta constante do bem e do mal, da moral e do vicio, da egreja e da taverna, do Evangelho e da genebra! Eis Londres, a moderna Babylonia, a cidade do vicio!

«Costuma-se dizer, e é certo, que a fome é inimiga da virtude: imagine-se pois,—e não será difficil—qual deve ser o resultado do contacto forçado da riqueza com a miseria. Será fatalmente o vicio, e tanto mais requintado e hediondo quanto maior for o contraste entre aquelles dois extremos. Dados os dois

factores, o producto — a devassidão — é fatal, e não são necessarios nem inqueritos, nem provas, nem depoimentos, para que possamos affirmar que alli o manto de Cesar esconde as pustulas e as chagas de Lazaro!

«Londres de dia pertence á industria, ao commercio, ás artes, á opulencia. Nos parques e jardins passeiam centos de elegantes *ladies* e *dandies* nos seus magnificos cavallos, ou guiando os irreprehensiveis *fourin-hand.* São os felizes. Depois do passeio, o *home,* o lar, confortavel como nenhum outro no mundo, depois os jantares, o club, ás vezes o theatro: — um paraiso inglez, com um ceu pardacento, é verdade, mas paraiso, em todo o caso. As exposições, os saraus musicaes, as corridas de cavallos, as caçadas e as viagens intermeiam-se na vida quasi feudal dos ricos senhores da Inglaterra!

«Londres á noite é o reverso d'esta medalha, aberta pelos maiores artistas e cunhada no mais fino oiro da civilisação moderna! Uma antithese completa! Essas ruas, onde ha pouco enxameavam os *gentlemen* serios, correctos e hirtos, magestosos e sobranceiros como os patricios da antiga Roma, esses parques verdes e umbrosos, onde as loiras *misses,* de olhos celestes e rostos angelicos, se entregavam suavemente aos encantos d'uma *flirtation* sem consequencia, são, ao cahir das trevas, invadidos por alcateias de lobas immundas desvairadas pela luxuria, pelo alcool e pela fome, as tres divindades, que essas sacerdotisas impudicas vem alli festejar em torpes bacchanaes, sob os olhos da policia impassivel, indifferente a esse espectaculo!

«Á essas horas a burguezia e a aristocracia estão, saciadas e quentes, recolhidas nas suas casas, nos seus esplendidos clubs e palacios, deixando o campo livre á orgia e á crapula. Nas ruas e nos *squares,* não se veem senão os estrangeiros, os provincianos, os *bohemios* da ultima classe, as prostitutas e a policia! Um *gentleman* serio não passeia nas ruas á noite, porque não se quer arriscar a ser abordado por uma nuvem de *girls,* que lhe offerecem os seus favores por dez *shillings* ou *six pence,* conforme o adeantado da hora, o grau da embriaguez, a miseria e a fome da desgraçada! *Oh! shocking!*

«Á pudica e virtuosa Inglaterra procura desviar os olhos d'esse espectaculo, nega-o quando pode, finge ás vezes occupar-se d'elle, mas o cancro lá está, e hoje, que elle já vae entrando nos tecidos vivos d'esse grande individuo — o povo, as classes trabalhadoras, — hoje, que essas carnes, mortas até aqui, vão já tendo sensibilidade, hoje que a democracia já estuda a sua historia, a sua vida, as causas da sua prosperidade e as da sua miseria, hoje rompeu-se o veu, e os escandalos nocturnos das ruas de Londres, o espectaculo indecente e repugnante, que observam todos os estrangeiros que visitam a Inglaterra, passou do dominio particular das sociedades e commissões de moralidade e beneficencia para as columnas dos jornaes democraticos, e a larga publicidade que um d'elles — a *Pall Mall Gazette* — lhe deu, reanimou a questão, já discutida na Camara dos lords, e chamou nova e seriamente as attenções dos deputados, dos tribunaes, e em geral de todo o paiz, para um assumpto de tanta magnitude.

«Os escandalos de Londres, esta questão conhecida hoje e divulgada por toda a imprensa europeia, são um capitulo da historia da prostituição em In-

glaterra, e foram aproveitados, como elementos d'ataque, pelo partido radical que, na sua lucta a favor das reformas socialistas, caracterisou bem a qualidade das victimas — *filhas dos operarios, homens do povo* — e a dos algozes — *homens opulentos* de todas as cathegorias sociaes.

«Esta chaga, desconhecida para a maior parte do publico portuguez, tão pouco sabedor da vida e costumes dos povos estrangeiros, que elle só entrevê nos romances, — sua leitura predilecta, — não foi uma revelação para os que procuram estudar mais profundamente o estado social das differentes nações e o caminhar das sociedades modernas no sentido d'uma civilisação mais perfeita.

«O auctor dos artigos da *Pall Mall Gazette* diz que é Londres o maior mercado de carne humana que existe em todo o mundo, e que vagueiam nas ruas da moderna Babylonia cincoenta mil prostitutas!

«Cincoenta mil é muito, é enorme; mas ainda está muito á quem da verdade. Ellas são muitas mais.

«Hickson, que fez em Inglaterra o que Parent-Duchatelet fizera em França — a historia da prostituição — Hickson organisou uma tabella, que começa em 1797 com 75:000 prostitutas, — só em Londres — e chega, no anno da graça e da civilisação christã de 1860, ao algarismo de 228:000! Já se vê que estamos muito acima das 50:000 infelizes do jornal inglez.

«Ora, variando o augmento d'esta misera classe entre vinte e quarenta mil, cada dez annos, e tendo hoje decorrido mais quinze sobre a ultima data da estatistica do auctor inglez, conclue-se que duzentas e cincoenta mil é um numero ainda inferior á verdade no momento actual! E como Londres tem hoje mais de quatro milhões de habitantes, metade dos quaes pertencem ao sexo feminino, reconheceremos como consequencia, entrando no calculo as restricções da edade, que a quarta parte da população válida feminina, na flôr da mocidade, vive da prostituição!

«E' assombroso e tristissimo!

«Será esta corrupção consequencia fatal e necessaria de circumstancias especiaes? É, de certo, — como nós cremos que acontece a tudo no mundo. Será possivel eliminar as causas da perdição de tanta creança e de tanta mulher no esplendor da mocidade e da formosura, no periodo do amor, dos enthusiasmos sinceros, da dedicação, de todos os sentimentos bons, quando ainda a frondosa arvore da vida está na sua primavera, carregada de flores, virente de folhagem, promettedora de fructos, e gorgeada d'essas aves canoras e multicôres, que depois chamamos illusões?

«Resolver este problema tremendo, que se ergue como um espectro no seio das festas e das grandezas d'uma sociedade, sequiosa de progressos, mas que cuida principalmente dos interesses das classes directoras, porque cuida de si, — resolver este problema, repetimos, pertence aos estadistas, que teem o poder e a obrigação de dirigir a sociedade, e aos legisladores que, representantes de todas as classes da nação, receberam o mandato para proverem o bem do povo que os elegeu.

«Seria horrenda a pintura de Londres pobre, a descripção circumstan-

ciada d'essa negra cidade do vicio. Horrivel quadro o das suas ruas e travessas immundas, cheias de tabernas escuras e enfumadas — covis de bandidos, de *convicts*, que regressaram de Botany-bay, dispostos a um golpe de mestre, que os levará á presença de Marwood, o carrasco, — e replectas de ebrios, de prostitutas e de gatunos: abjecto e repugnante espectaculo o dos seus estabulos nocturnos, onde por um vintem — *um penny* — dormem, n'uma promiscuidade obscena e animal, mulheres e homens ébrios, e creanças de todos as edades!...

«Mas para que individualisar, se o theatro é immenso! Um Shakespeare e um Rembrandt extrahiriam d'esse pandemonium uma obra immortal, e darnos-hiam novos typos da perversidade e da miseria humana!

«A miseria de Londres! Mas é infinita nas suas formas, e inexgotavel a sua phantasia!... Cria e inventa novas e torpes industrias, esse vicio, que sente a todo o instante, como uma inspiração infernal, o pungir atroz da fome e da sede!

«Depois, n'aquella raça a fecundidade anda a par com a pobresa, e quanto maior é a miseria dos paes, maior é o numero dos filhos!

«Não teem pão? Não cabem no lar? Não importa! Os progenitores insensiveis atiram-os para a rua, e os loiros *babys* de quatro annos, e as pequenitas de oito e dez, lá vão ao acaso, esfarrapadas e descalças, cheias de frio e de fome, correr todos os dias as ruas, os *squares*, os parques, todas as estações d'essa *via scelerata*, que as levará em pouco tempo ao hospital, ao cemiterio, ao crime e á prostituição!

«A população de Londres, incluindo os arrabaldes, passa, como já dissemos, de quatro milhões e quinhentos mil habitantes, é quasi egual á das capitaes da França, Prussia, Austria e Russia, sommadas todas, e occupa uma area superior a 122 milhas quadradas! A sua densidade era, ha pouco, de 29:322 pessoas por milha quadrada, e cresce enormemente de dia para dia.

«Os quatro condados de Middlessex, Surrey, Kent e Essex foram já occupados; a onda humana vae invadindo um quinto, o Herfordshire, e no fim do seculo Londres terá cinco milhões e meio d'almas! Mantendo-se as mesmas condições, a mesma progressão, a capital da Inglaterra no anno 2000 contará 25 milhões!

«Em 1602 a rainha Izabel, atterrada pelo crescente desenvolvimento da população da sua capital, prohibia que se construissem novas habitações e até que se acabassem as que estavam principiadas, e Londres tinha então apenas 145:000 habitantes!

«Grande nau, grande tormenta: nada é mais verdadeiro do que esta sentença. A vida dramatica de Londres, a vida do vicio e do crime, chegou alli a um grau de intensidade extraordinario, e a estatistica apresenta-nos o resultado dos seus trabalhos em numeros de uma eloquencia sinistra e pavorosa!

«A legislação ingleza condemna a embriaguez: não obstante isso os juizes d'Inglaterra e do paiz de Galles castigam, cada anno, 160 a 200:000 ébrios, e Londres só á sua parte contribue com 40 a 50:000 (!), numero que, apesar da sua respeitabilidade, representa só a decima parte dos que se embriagam, porque a policia não prende senão os que fazem escandalo, os desordeiros!

«Nenhum povo tem maior numero de religiões e seitas do que a Inglaterra, nenhuma cidade possue mais egrejas, templos e capellas do que Londres, e de certo nenhuma d'essas religiões pregará aos seus sectarios a immoralidade. Pois bem, no espaço de um anno, commetteram-se, só em Inglaterra e no paiz de Galles, 3:232 attentados ao pudor!

«O rev. W. Logau, missionario da *City,* conta que em tres hospitaes de Londres apresentaram-se, no periodo de oito annos, 2:700 creanças de onze a dezeseis annos, atacadas de syphilis! e n'um hospital, diz elle, encontrou cinco raparigas, uma de treze annos, outra de doze, a terceira de onze, a quarta de *nove* e a quinta de *oito,* todas tambem infeccionadas da mesma doença! A mãe da mais nova lá estava em identicas circumstancias! Tres d'aquellas creanças tinham sido desfloradas em casa da propria mãe!

«Amor, o de pae,—costuma-se dizer; mas em 1879 um marroquino, Hady Ali ben Mahomed, empresario de acrobatas, comprou em Londres 20 rapazes, de 4 a 12 annos, a libra cada um!

«Bennet, um jornalista inglez, descobriu-os em Constantinopla. Uns eram garotos da rua abandonados, porém outros tinham sido cedidos pelos paes por um contracto feito com o *livre* consentimento dos rapazes! D'esses desgraçados havia um que se *escripturara por 12 annos, não recebendo nada durante os primeiros sete, e só uma libra por anno nos ultimos cinco!* Era a companhia dos *Beni Zoug Zoug,* que, se nos não enganamos, tambem vieram a Lisboa.

«Quem dicta esses contractos, feitos e assignados na capital da Inglaterra, sob as vistas da burguezia mais rica do mundo, dos primeiros philantropos, e d'essas sociedades anti-escravistas, protectoras de todos os negros do universo, na patria de Jacob Bright, é a fome! Alli não ha pae por filho, nem filho por pae, e na immensa população londrina imperam despoticamente os instinctos naturaes!

«Nós, povos afortunados do sul, aquecidos e illuminados por um sol esplendido, que nos dá em todo o anno uma primavera constante, nós não sabemos, não podemos imaginar, sem a ver, o que é a miseria em Londres!

«De todos os antros, cavernas e subterraneos dos bairros pobres, de Spithalfiields, Bethnalgreen, White-Chapel, Wapping, Stepney, St. Gilles, Clerkenwell, —*aonde a policia não vae senão disfarçada,* —Seven Dials, —a lista é longa;—de todos esses covis saem mais de cem mil vagabundos famintos, e espalham-se pela enorme Babylonia! A policia dá-lhes caça, bate-os para dentro dos seus fojos, mas não os pode supprimir, e elles lá continuam a viver e a procrear oito e dez filhos, como se fossem ricos!

«Em 1880 morreram 101, á fome, em Londres, sendo 46 do sexo feminino! Nos cinco annos que vão de 1877 a 1881 tiraram-se do Tamisa 1:886 cadaveres, 556 dos quaes eram de mulheres!

«E não foram estes os unicos suicidas: falta aqui a estatistica dos que se envenenaram e enforcaram, e dos que ainda possuiam um revolver, que os livrou do pesado fardo!

«Como se vê, a existencia ali é um verdadeiro combate, e n'aquella terra é que devia nascer a celebre phrase — *to struggle for life,* — luctar pela vida!»

Em fins do seculo passado, quando a metropole ingleza não continha mais de um milhão de habitantes, o doutor Colquhoun, magistrado da *Thamer Police*, affirmava que a grande cidade não continha menos de cincoenta mil prostitutas. Actualmente, a população de Londres é quasi o quadruplo. De um milhão de almas elevou-se a mais de quatro milhões. A prostituição acompanha este desenvolvimento da população, e a desmoralisação, segundo affirmam os mais serios escriptores inglezes, fez taes progressos desde o começo do seculo até hoje, que assombra o numero de prostitutas actualmente existentes na cidade collossal.

Apesar de Colquhoun apoiar as suas asserções em investigações prolongadas e conscienciosas, de toda a parte se levantaram clamores, accusando-o de exaggerado. Argumentou-se com a impossibilidade em que se encontrava de procurar dados exactos, por falta absoluta de inscripções e registros, e de uma vigilancia especial exercida pela policia sobre as prostitutas, pelo que se qualificaram os algarismos d'aquelle magistrado como grandemente exaggerados. (V. *The great sin of great cities.*)

N'uma épocha mais proxima da nossa, dois graves personagens, os srs. Chadwich e Mayne, calcularam, o primeiro em sete mil, e o segundo em dez mil, o numero de prostitutas espalhadas pelos diversos bairros de Londres sob a jurisdicção da policia metropolitana, e por conseguinte sem fazer conta com a *City*, onde essa policia não tem accesso. Mayne accrescenta, porém, que não existe meio algum de verificar o numero de creadas, modistas, mulheres de classe media e até mesmo das mais elevadas classes sociaes, que merecidamente poderiam classificar-se entre as prostitutas, nem o das infelizes que frequentam especialmente os theatros, os cafés, os quarteis, os navios e os carceres. Como se vê, tudo é incerto, n'essa estatistica sem regras e sem bases. No emtanto, estas cifras parecem ter sido admittidas geralmente, e segundo uma opinião que parece acreditada, o numero de prostitutas em Londres, não distaria muito de dez mil. Homens competentes reconhecem, ainda assim, que este calculo está muito distante da verdade. (V. *The British and foreing medico-chir. Review*, t. XIII.)

Por ultimo, a policia da *City* interveio tambem no debate, calculando em oitenta mil o numero total das prostitutas da metropole. Por mais elevada que pareça esta cifra, não deixa de merecer especial attenção, porque se baseia em auctoridades extremamente respeitaveis, taes como, o doutor Ryan, e Talbot, secretario da associação formada em Londres para proteger as raparigas desvalidas e combater a prostituição das menores.

A inscripção das prostitutas feita com rigor por uma policia, que exercesse uma vigilancia energica sobre a prostituição, seria o meio mais seguro de fazer cessar a incerteza que resulta d'estes calculos tão differentes. Este recurso falta, porém, em Londres e nas cidades mais importantes da Inglaterra, Não obstante, comparando e analysando com paciencia tudo quanto a este respeito se tem publicado, todos os relatorios de medicos dedicados ao estudo das enfermidades venereas, e de membros de associações instituidas com o fim de pôrem um dique á libertinagem publica, reconhece-se que não faltam completa-

mente os elementos para uma apreciação approximada, e que, se é na realidade impossivel formular uma cifra precisa, póde pelo menos chegar-se a medir de uma maneira bastante exacta a atterradora extensão do cancro que corroe o coração do imperio britannico.

Ha além d'isto uma fonte de dados ao alcance de toda a gente. Basta visitar os theatros de Londres, descer ás ruas, aos *squares* e aos jardins publicos da vasta capital e circumvagar os olhos, para avaliar logo a immensa escala da prostituição.

«É preciso, diz Faucher, ter percorrido de noite as ruas de Londres, para fazer idéa da multidão verdadeiramente incrivel de mulheres e sobretudo de raparigas, que sollicitam os transeuntes.»

O numero de oitenta mil prostitutas em Londres parece tão enorme, que é natural hesitar em admittil-o sem restricção.

É mister saber que n'esse numero entraram classes de mulheres, que para muita gente não passam por prostitutas. Feita esta restricção indispensavel, vejamos as razões que militam em favor d'este computo, á primeira vista exaggerado.

Talbot, secretario de uma associação, que tem por fim investigar e combater em Londres a prostituição por todos os meios compativeis com a prostituição ingleza, foi encarregado de redigir as actas d'essa associação e de dar conta ao publico dos actos de repressão, de que tantas vezes fôra o principal promotor.

Era observador leal e infatigavel, estudando sem cessar o assumpto, de que nos occupamos. Por todos estes motivos, é auctoridade incontestavel para inspirar confiança. Depois das mais laborosas investigações pessoaes, e appoiando-se no testemunho de outros investigadores, empenhados como elle na mesma missão, chegou a apresentar este numero de oitenta mil, e declara-o exempto de exaggeração. Outros escriptores inglezes affirmaram que em Londres e seus arredores ha uma prostituta por sete mulheres honradas, e que nas classes inferiores da sociedade, de cada tres raparigas, uma, pelo menos, torna-se prostituta antes de completar os vinte annos.

De resto, os factos não faltam para demonstrar que em Londres a prostituição tomou um desenvolvimento importante.

Segundo Talbot, ha pelo menos doze a quatorze mil prostitutas que devem a sua triste sorte á odiosa negligencia de seus paes ou das pessoas a cujos cuidados tinham sido confiadas.

Em cada anno, suppondo exactas as investigações da associação fundada para combater a prostituição dos menores, morrem oito mil prostitutas, já por doença, já por suicidio. Mais adiante veremos que a frequencia do suicidio nas prostitutas inglezas tem sido negada. No emtanto, sejam quaes foram as causas de tamanha mortalidade, se ella fosse demonstrada por uma estatisca irreprehensivel, seria de uma importancia transcendental, a respeito do ponto de vista de que nos occupamos.

Talbot, por meio da policia metropolitana obteve uma lista authentica, que designa mil e quinhentas casas de prostituição. Esta lista não passa de um

fragmento da lista geral, que não é possivel organisar-se. A *City* não se acha n'ella comprehendida. Talbot é de opinião que esta lista não representa nem metade sequer das casas de prostituição de Londres. Com effeito, segundo Chadwick, haveria 3.335 d'estas casas na jurisdicção da policia metropolitana, pondo de parte a *City*, onde abundam em grande numero e são da peior especie.

Muitos dados particulares veem ainda accrescentar-se aos officiaes por si tão completos, para os corroborarem. Assim, segundo o doutor Ryan, no bairro demominado *Fleet-ditch*, quasi todas as casas são infames e repugnantes lupanares. Além d'isso, as investigações pessoaes de Talbot em 1835 permittiram-lhe descobrir 1.176 logares d'esta natureza em Lambeth sómente.

Em resumo, póde admittir-se sem receio de exaggero, e segundo o parecer de Talbot, que a capital de Inglaterra conta approximadamente umas 5:000 casas de prostituição. E se quizermos saber quantas prostitutas alberga ou recebe cada uma d'estas espeluncas em terno medio, poderemos deduzil-o dos documentos seguintes.

No bairro de Lincoln's-Inn, o reverendo R. Ainslie encontrou 22 casas, que continham 150 mulheres, sem contar as creanças. N'outro districto, 22 casas eram habitadas por 422 prostitutas. Um individuo perseguido pela sollicitude da associação fundada para combater a prostituição dos menores, sustentava só na rua de Wentworth, 8 casas, em que foram encontradas 200 albergados entre ladrões e prostitutas. No estabelecimento de uma celebre dona de casa, Maria Aubrey, cujas habitações eram notaveis pelo seu esplendido luxo, e á qual a referida associação obrigou a expatriar-se, havia constantemente 12 a 14 pupillas, cuidadosamente renovadas. A casa de um tal John Jacobs, egualmente perseguido e condemnado, continha sempre 14 *pombas*.

Um official de policia descreve nos seguintes termos uma espelunca de Wentworth-street, que servia de asylo cada noite a varios centenares de ladrões e ladras, e na qual muitas vezes cinco e seis jovens de um e outro sexo occupavam o mesmo leito.

«Este estabelecimento compõe-se, diz elle, de quatro casas reunidas n'uma só e divididas em pequenos compartimentos, cada um dos quaes contem uma cama. Estes gabinetes estão separados uns dos outros por tabiques tão delgados e tão pouco elevados, que de cada um d'elles póde ouvir-se tudo quanto se faz nos contiguos, e um homem de elevada estatura pode olhar para todos elles ao mesmo tempo.»

Todas as noites um numero incrivel de raparigas encontra-se reunido nas sallas de espera d'estes logares de libertinagem.

Independentemente d'estas casas organisadas, existem em varios pontos da capital esplendidos salões, onde chegam ás vezes a reunir-se 200 prostitutas luxuosamente vestidas. A juventude elegante vae alli escolher mulheres. No West-End de Londres, grande numero de tabernas teem salões d'esta especie, que são para os seus proprietarios um grande manancial de riquezas. Nas margens do Tamisa, abundam salões de outra ordem, conhecidos pelo nome de *long-rooms*, dispostos de modo, que cada um póde dar cabimento até a 500 pessoas. E' alli que os marinheiros vão buscar as suas mulheres de mo-

mento. As prostitutas esperam a sua grosseira clientella, dispostas em longas filas.

Por ultimo, a metropole ingleza conta nada menos de 300 tabernas estabelecidas especialmente para se beber *gin (gin-palaces,)* onde as prostitutas da mais infima especie embriagam os incautos, para em seguida os roubarem completamente nos miseraveis antros onde os arrastam.

Chadwick no seu relatorio official, pretende que cada casa de prostituição de Londres, podia apresentar uma media de 4 mulheres publicas. Será logico acceitar uma proposição tão escassa, em vista dos pormenores que acabam de lêr-se?

O leitor poderá ter uma ideia verosimil, quando não bem precisa, do numero de mulheres que constituem a prostituição de Londres, pelo que acabamos de dizer. Embora não possamos precisar a cifra exacta, damos a preferencia a Talbot, que opina por 80:000. Seja qual fôr o numero exacto, o que é certo é ser esse numero muito elevado, e sem a menor proporção com o das capitaes mais populosas do resto da Europa.

No emtanto, o pessoal da prostituição não se compõe unicamente de prostitutas. Ha tambem uma proporção enorme de donos e donas de casa. Este povo de crapulosos, cem vezes mais desprezivel que as desgraçadas prostitutas, formaria em Londres, segundo os calculos de Talbot, um effectivo de cinco mil individuos. Quatrocentas pessoas, homens e mulheres, não teem em Londres outra occupação que não seja caçar as raparigas que param a contemplar as estampas obscenas, nas montras de certos estabelecimentos, ou que atravessam as ruas, sem pessoa alguma que as acompanhe. Saem-lhes ao encontro e arrastam-nas de bom ou mau grado, a logares onde as entregam á prostituição.

«Este infame pessoal, diz Ryan, é um dos maiores cancros de Londres. Está calculado que quatrocentas mil pessoas estão directa ou indirectamente em relação com a prostituição, e que a prostituição dá logar todos os annos na metropole a uma despeza de duzentos milhões de francos.

Entre os traços caracteristicos da prostituição de Londres, o que mais confrange o coração e maior indignação produz, é a edade em que essa horrivel hydra se apodera das suas victimas,

N'aquella grande metropole, a sociedade deixa sem protecção alguma todas as infelizes que a riqueza não cerca de uma triplice muralha inexpugnavel. A lei nem sequer parece ter a consciencia da sua existencia, e por isso as debeis ovelhas não tardam a ser perseguidas e dilaceradas pelos lobos. O grito dos seus soffrimentos, ainda mesmo que não fosse suffocado por uma vigilancia barbara, ainda mesmo que não se extinguisse sob o peso de um embrutecimento prematuro, é demasiado debil para ser ouvido no ruido geral e espantoso do movimento da grande cidade. Não é, pois, de extranhar que todos os dias se realisem, quasi aos olhos do publico, actos de seducção e de violencia, cujo mobil é o lucro infame, e que em todos os paizes se qualificam de crimes monstruosos.

E' impossivel precisar o numero de raparigas, que em Londres cáem no

tremedal da prostituição aos 10, aos 12 e aos 15 annos. Sabe-se apenas que é um numero espantoso.

«Ha diz Talbot, milhares d'essas desgraçadas creanças, que não teem mais de onze a quatorze annos!!...»

A' falta de dados estatisticos, é preciso procurar-se a prova das asserções que ahi ficam, em documentos dados á luz pela associações instituidas contra a libertinagem. Eis o que n'esses documentos se encontra:

Entre os milhares de casas consagradas á prostituição, ha algumas organisadas especialmente para receber e corromper raparigas menores de quatorze annos.

Essa seducção não se exerce unicamente, porém, contra infelizes raparigas. Em metade pelo menos d'estes estabelecimentos, são attrahidos tambem meninos de tenra edade. Um dono de casa, William Sheen, sobre o qual recahia a suspeita de haver assassinado seu proprio filho, não tinha no seu estabelecimento menos de quarenta rapazes de nove a dezoito annos, permanentes para a crapula. Em casa de John Jacops, já anteriormente designado, havia prostitutas de doze annos!

As estatisticas dos hospitaes ministram-nos tambem dados, que não deixam logar a duvidas. No periodo de oito annos, houve nos trez principaes hospitaes de Londres, 2:700 casos de enfermidades venereas produzidas pela prostituição em creanças de onze a quatorze annos. Outro estabelecimento hospitalar, o *Metropolitan free hospital*, recebe todos os dias muitos enfermos d'esta natureza. A maior parte das que se apresentam são raparigas de doze a dezeseis annos.

A prostituição de Londres faz, como se vê, um terrivel consummo de adolescentes, sobre tudo de rapariguinhas de dez a quatorze annos!

A Europa e o mundo inteiro estremeceram ainda não ha muito tempo de indignação, perante as extraordinarias e espantosas revelações que um jornal de Londres, a *Pall Mall Gazette*, teve a coragem de fazer. A attenção publica, sobreexcitada por essas narrativas de uma realidade pungente, fulminou por toda a parte com os seus anathemas justissimos esse collossal minotauro inglez, que devora como o Baal phenicio milhares e milhares de crianças!

Da excellente traducção do sr. Zacharias d'Aça, aproveitamos ainda os seguintes trechos das espantosas revelações da *Pall Mall Gazette*.

Falla o redactor do jornal inglez:

«Eis as informações que me deu o dono de um prostibulo, que tinha n'esse tempo uma casa afamada na *Mile-end-road*, mas que hoje procura viver como homem honesto. Estive com elle e com a sua mulher — que fora uma prostituta muito conhecida — com quem elle casou, tirando-a das ruas, onde ella ganhava a sua vida desde os quatorze annos.

— «Pedem-se constantemente raparigas novas — como vós dizeis, — *fresh girls*, raparigas frescas — como lhes chamam cá no commercio — e um patrão que sabe do negocio tem os olhos abertos em todas as direcções. A provisão esgota-se sem cessar, tem de ser renovada, e elle deve andar na pista de *taboletas*, que lhe sirvam para manter a reputação da sua casa.

«Eu d'antes passava uma boa parte do anno nas provincias para fazer estas commissões. A acquisição de raparigas *frescas* leva tempo, mas quando se está ao corrente do negocio, é muito mais simples e facil.

«Fui buscar raparigas á provincia com todos os pretextos, envergando até o habito ecclesiastico, e fazendo-lhes crer que estava disposto a esposal-as! Era assim que eu as tinha em meu poder para seduzir um bom cliente.

—«Como fazia isso?»

—«Depois de ter namorado a rapariga durante algum tempo, propunha-lhe trazel-a a Londres para ver os theatros. Conduzia-a aqui e alli, dando-lhe de comer e de beber quanto ella queria—de beber, principalmente. Levava-a ao theatro, e fazia com que ella perdesse o ultimo comboio: ella estava muito cançada, um tanto aturdida pela novidade das impressões e pela bebida, e muito assustada, por se achar só e sem amigos na cidade. Propunha-lhe então uma casa decente onde passaria a noite:—ella dormia na minha casa, e o negocio estava feito. O meu freguez tinha a sua rapariga, e eu as minhas 10 ou 20 libras de commissão, e no dia seguinte, a *miss*, que havia perdido a sua reputação e que não se atrevia a voltar para casa da sua familia, fazia provavelmente como as outras, e passava a ser uma das minhas taboletas *(marks)*, quero dizer que ella passava a sua vida na rua em busca de freguezes para a minha casa.»

«Os lucros do dono de lupanares constam da commissão sobre o preço das raparigas e do rendimento continuo, por ter augmentado o pessoal do estabelecimento com uma moça sympathica e seduzida de fresco. É este um exemplo do modo porque nós fazemos o nosso recrutamento.

«Outro meio muito simples para ter raparigas, consiste em educal-as. Muitas d'essas mulheres que exploram a rua, tem filhas: vale a pena vigial-as. Quando chegam aos 12 ou 13 annos, tornam-se *negociaveis:* com uma boa taboleta d'este genero ganham-se de 20 a 40 libras. Eu mandei á exploração das ruas a minha propria filha, que estava no meu lupanar...

«N'este momento sei de um par de raparigas muito bonitas, que em breve vão ser vendidas. Foram creadas e trainadas *(trained)* para seguirem a vida airada.

«Ás vezes são ellas quem tem de dar os primeiros passos, e é grande erro não tirar d'isso o maior partido possivel. Ha paes beberrões que vendem as filhas aos donos de casa. No East-end tendes sempre de obter quantas raparigas *frescas* quizerdes: só n'uma rua de Dalston poderieis comprar uma duzia. Algumas vezes a offerta cobre o pedido, e tem a gente mesmo de as seduzir, ou de encarregar alguem d'isso, o que é, a todos os respeitos, um mau negocio.

«Ha um sujeito chamado S... que era empregado por uma casa famosa para seduzir as raparigas e preparal-as para o serviço, quando não havia pedidos de virgens, e só eram necessarias mulheres já desfloradas. Mas, em geral, o numero de raparigas deshonradas é consideravel, sobretudo na classe das muito novas.

—«Conheceis outros modos de recrutar?»

—«Conheço: lembro-me perfeitamente d'alguns casos. Um é o d'uma rapariga, simples camponeza, e que morava em Honham. Tinha ouvido fallar d'ella, e fui a Honham para vêr o que se podia fazer. Os paes julgavam que eu tinha um commercio decente em Londres, e ficaram encantados quando eu lhes propuz tomar a sua filha ao meu serviço. Trouxe-a para a cidade e fiz d'ella creada da nossa casa: tratamol-a com muito carinho, iniciando-a a pouco e pouco no genero de vida a que era destinada, e depois vendi-a por 15 libras a um joven *gentleman*.

«Dizendo que a vendi, quero dizer que elle deu-me o dinheiro, e eu dei-lhe a rapariga para fazer d'ella o que quizesse. Elle levou-a e seduziu-a.

«Creio que depois a tratou muito bem, mas eu já não tinha nada com isso: pertencia-lhe desde o momento em que a tinha pago e levado comsigo. Se os seus paes viessem pedir informações, eu dizia que ella era uma rapariga mal comportada, e que tinha fugido com um rapaz. Que lhe podia eu fazer?

«Um dia vendi uma pequena de 12 annos por 20 libras a um padre, que vinha a minha casa sob pretexto de distribuir brochuras. O East é o grande mercado das creanças, que são levadas para as casas do West-end, ou exportadas em grosso, quando o negocio fraqueja. Eu não sei nada das casas do West-end, porque tenho morado sempre em Dalston e suas immediações, mas ha agentes que andam n'estes negocios, Recebem a mercadoria, levam-n'a, e não se lhes pergunta mais nada.

«Mistress S...—uma alcaiota celebre,—tem uma propriedade em... que é um dos mais abominaveis centros d'este commercio, e mais quatro casas em outros districtos, sendo uma em Saint-Solniswood. Quando esta mulher descobre alguma aptidão desenvolve-a:—quero dizer que, quando uma rapariga de 15 annos, aproveitavel e um pouco intelligente, cae nas suas redes, ella manda-a aprender a ler, escrever e tocar piano.»

«Este dono de casa era um grande marau, que tinha sido caixeiro-viajante, mas que estava arruinado pelo alcool. Desejando certificar-me da veracidade das suas declarações, mandei-lhe perguntar, por uma pessoa de confiança, se elle se encarregava de me arranjar dentro de tres dias duas raparigas *frescas*, e cuja virgindade fosse attestada por um medico. Respondeu primeiro que precisava um praso maior, mas quando insistiram, affirmando-lhe que não se olhava a dinheiro, disse que se informaria, e veria o que se podia fazer. Dois dias depois recebia eu, pela mesma via confidencial, aviso de que mediante uma commissão de 10 libras elle se encarregaria de apresentar no meu quarto, ou em qualquer outro logar que eu determinasse, duas raparigas, munidas ambas d'um attestado de medico certificando serem *virgo intacta*; e como o meu agente hesitasse em acceitar a offerta recebeu o telegramma seguinte: «Penso que tudo está em regra. Estou em casa das interessadas. Amanhã ao meio dia dir-vos-hei tudo.»

No dia seguinte veio e disse:

—«Encarrego-me de apresentar duas raparigas em vossa casa dentro em dois dias. São ambas filhas de donas de prostibulos, que eu conheci e frequentei, e os paes d'uma e d'outras estão dispostos a vendel-as. Eu disse-lhes que

eram destinadas a um velho *gentleman* rico, que durante longos annos tivera uma vida devassa. Desconfiaram ao principio que eu quizesse denuncial-as, e tive de empregar todos os ardis do officio para chegar aos meus fins. Finalmente, depois do *Champagne* e dos licores, a minha velha amiga C... M . lane, em Hackney, conveiu em entregar-me sua propria filha, uma gentil creança de 11 annos, por 5 libras, se não houvesse meio de obter mais. A creança, no dizer da mãe, era *virgo intacta*.

«Dirigi-me depois a casa de Mistress N. na rua B. em Dalton. A rua B. é toda cheia de lupanares d'um extremo a outro. Mrs. N. não oppoz difficuldade, convenceu-se facilmente, mas o seu preço era mais elevado. Disse que não entegaria a sua filha por menos de 8 ou 10 libras, porque, como era bonita, sympathica e virgem de 13 annos, obteria facilmente um preço superior em *mercado aberto*. Se o dinheiro está prompto, posso entregar estas duas raparigas dentro de dois dias. Nas mesmas condições, encarrego-me de fornecer em oito ou dez dias, meia duzia de raparigas, entre dez a treze annos.

«Não julguei prudente levar mais longe as negociações. O preço devia ser pago na occasião da entrega, mas seria restituido, se se verificasse que já tinham abusado das raparigas.

«Tudo isto provava evidentemente e confirmava a existencia do trafico, a que alludira a auctoridade official, mas não me dei ainda por satisfeito. Fazendo indagações no outro extremo da cidade, tive a felicidade de entrar em relações intimas e confidencias com uma antiga dona de casa.

«Muito nova e estando a servir em Peterfield, fôra seduzida pelo coronel S. que a tinha abandonado em Manchester. Estabelecera-se então com um lupanar n'um porto de mar, e d'ahi tinha vindo para as proximidades de Regent's Park, onde tivera casa por muitos annos. Ha um anno, tendo cahido na rua por embriaguez, foi recolhida por uns operarios honrados, e depois d'uma violenta lucta, voltou a uma vida honesta e moral. Esta mulher conservava os vestigios dos desgostos por que tinha passado.

«Perdera a sua saude, parecia ter mais dez annos do que realmente tinha, e foi com a maior repugnancia que ella se decidiu a fallar dos incidentes da sua vida anterior, cuja lembrança horrivel a perseguia como um pesadello; comtudo, á força de a interrogar com paciencia, e affiançando-lhe que nem ella nem nenhuma das suas antigas companheiras seria incommodada, tornou-se mais communicativa, e respondeu ás minhas perguntas. A sua narrativa fel-a sem rodeios, e estou absolutamente convencido da sua sinceridade.

«Interroguei minuciosamente as pessoas que conviviam diariamente com ella, e que a conheciam intimamente, e adquiri a certeza de que me tinha dito a verdade. Ella não tinha nenhum motivo para mentir e estava profundamente envergonhada da sua penosa confissão, que não lhe foi arrancada senão pela convicção de que poderia assim contribuir para que de futuro não se commettessem semelhantes crimes.

«O depoimento d'esta mulher, na parte que tem relação com este inquerito, resume-se no seguinte:

«Regra geral — a dona d'uma casa de prostituição aluga os seus quartos

a mulheres de má vida, e vive dos alugueis e dos lucros das bebidas, que essas mulheres fazem pagar aos freguezes em proveito do estabelecimento. Ella pode sahir ou ficar em casa. Quando ha muito movimento é obrigada a fornecer o seu contingente de trabalho, mas geralmente limita-se a dirigir as raparigas, e vigiar que ellas ganhem pelo menos o bastante para pagarem o seu aluguer, e que lhe tragam muitos clientes, que lhe consumam os liquidos. Muitas vezes as raparigas não querem sahir, e é preciso quasi empurral-as para a rua. E não o fariam nunca, se não fosse o *gin* e a patrôa.

— «Muitas das minhas raparigas, disse-me a minha interlocutora, vinham ás vezes sentar-se na cosinha a chorar, declarando que não queriam sahir, e que não podiam supportar aquella vida. Via-me obrigada a pagar-lhes a *genebra,* e acompanhal-as eu propria para as animar, porque, se não trouxessem freguezes, como me pagariam ellas o meu aluguer?»

— «Ellas é que se lançavam áquella vida? perguntei eu.»

— «Algumas, porque outras não podiam escolher.»

— «Como? Não podiam escolher?!»

— «Porque ignoravam o que aquillo era, até o momento em que encontravam um homem no seu quarto, e então já era tarde. Eu, ou as minhas raparigas, attrahiamos *raparigas frescas,* e detinhamol-as até muito tarde, para que não podessem voltar para casa, e então uma pitada de tabaco no seu copo de cerveja bastava para as immobilisar até que o tal sujeito satisfizesse o seu gosto.»

— «Isso aconteceu muitas vezes?»

— «Muitas. É um meio de ganhar credito. Toda a boa dona de casa está sempre á espreita de raparigas: as mais faceis de apanhar são as pequenas orphãs, pobres e bonitas, ou as que não vivem em casa dos seus paes.»

— «Como se faz então isso?»

— «Quando — nós ou a nossa chamariz *(decoy)* — encontramos uma rapariga bonita, seguimol-a. Lembro-me de que uma vez, para apanhar uma andei mais de cem milhas. Aluguei um quarto proximo do collegio, d'onde eu podia ver as raparigas entrar e sahir todos os dias. Não tardou muito que eu notasse uma que me convinha. Teria pouco mais ou menos treze annos. Era alta e forte para a edade, bonita, e em condições de eu ganhar muito com ella. Disseram-me que vivia com a mãe. Ajustei-a para serviço de aia em minha casa. No dia seguinte trouxe-a logo para Londres, e a mãe nunca mais a viu.»

— «Então o que foi feito d'ella?»

— «Pouco depois de chegar, um sujeito deu-me 13 libras pelas primicias, e quando elle as gosou ella dormia profundamente, porque tinha sido narcotisada. Dei-lhe uma mistura de laudanum com outra droga.

«Servem-se ás vezes do chloroformio, mas eu nunca usei senão de tabaco ou laudanum. Dá-se a esta bebida o nome de soporifico *(drowse)* ou bebida preta *(black draught).* Ellas ficam como mortas, e só na manhã do dia seguinte é que sabem o que se passou. Então gritam muito tempo, mas estão aterradas, não comprehendem o que lhes aconteceu, e só sentem que não se podem mecher com dôres. Nós dizemos-lhes que não ha perigo, que todas as

raparigas têem de passar por aquillo mais cedo ou mais tarde, que salvaram o precipicio sem dar por tal, e que não ganham nada em gritar, que todos os gemidos do mundo não mudarão o que está feito: que ellas devem agora viver como as outras, que podem passar como umas fidalgas, fazer o que quizerem, gosar das melhores coisas e divertir-se todos os dias.

«Se alguma protesta, ralho com ella e digo-lhe que perdeu a sua reputação, que ninguem a receberá em casa, e que me verei obrigada a pôl-a na rua como uma rapariga má e ingrata. A consequencia d'isto é que noventa e nove vezes em cem a rapariga, que, geralmente, ainda não tem quinze annos, assustada, sem protectores, com a cabeça adormentada pelo narcotico, horrorisada de si propria, renuncia a toda a esperança, e dentro em oito dias será um dos attractivos da casa.

«Ha homens que negam que isto tenha jámais acontecido. Não os acrediteis: *se esses homens dissessem a verdade, veries que elles proprios o fizeram.* As donas de casa que querem fazer interesses, devem conservar os seus clientes. Quando elles pedem uma rapariga é necessario dar-lh'a, se não elles vão a outra parte, e nós perdemos a sua freguezia: além d'isto a rapariga seduzida preenche as lacunas causadas pela doença ou pela embriaguez. Ha poucos lupanares, que não recrutem de vez em quando por este processo, e o caso que acabo de citar está bem longe de ser uma excepção.

«No espaço de sete annos pouco mais ou menos, lembro-me de ter vendido duas raparigas por 20 libras cada uma, uma por 16, uma por 15, uma por 13, e outras por menos. Quando eu comprava não pagava tanto: a differença representava o meu ganho, a commissão, a despeza com as buscas, o narcotico, etc.»

«Esta ex-alcaoita affirmou-me que se voltasse ao seu antigo modo de vida, não teria difficuldade alguma, com o concurso das suas amigas e relações, em obter todas as raparigas que quizesse. Nenhuma casa começa logo com raparigas novas, mas tomam-se immediatamente as medidas para arranjar uma ou duas para as preparar *(to train in)*.

«Não acreditava que o terror causado pelo processo da Jafferies tivesse chegado ás camadas sociaes, que ella costumava explorar.

— «Mas, disse-lhe eu, essas creanças são realmente virgens, ou isso é simplesmente uma mystificação, para com esse rotulo dar sahida a generos avariados?»

«E' caracteristica a resposta que ella me deu:

—«Não sabeis como isso se faz. Julgaes que eu compraria uma virgem sob palavra? Quando se é do officio, é facil saber se uma rapariga é virgem ou não. E' claro que até certo ponto deveis ter fé na pessoa que vende, mas se vós entraes em ajuste, ella se guardará de vos enganar n'uma coisa que é tão facil verificar. Se uma casa fornecesse a outra raparigas já desfloradas, isto saber-se-hia e soffreria com isso o seu credito. E depois, não se arrisca muito: metade da commissão é paga na entrega, e retem-se a outra, até se ter reconhecido a verdade.»

—«Como se faz isso?»

—«Por intermedio d'um medico ou d'uma parteira experiente. Se trataes com uma casa que vos merece confiança, acceitaes o attestado do seu medico: se ella tem confiança em vós, acceita o certificado do vosso.»

—«A rapariga sabe para que a trazeis?»

—«Raras vezes. Acredita que vem servir, e quando percebe, é já muito tarde. Se soubesse não viria, ou então a sua docilidade daria logar a suspeitar que não era aquelle o genero pedido, e que ella não valia senão o que realmente era.»

—«Que qualidade de raparigas são essas?»

—«São as orphãs, as filhas de paes ebrios e de prostitutas, e outras que vivem longe dos seus protectores naturaes.»

—«E quanto custam?»

—«Para nós, tres a cinco libras é um preço muito rasoavel; mas, se duvidaes, eu vou-me informar pelos meus conhecimentos antigos, e para a semana vos direi o que souber.»

«Como não ha melhores informações do que as colhidas no local proprio, encarreguei-a de indagar o que houvesse a respeito de raparigas á venda *(in stock)* ou que se podessem obter n'um praso curto *(at short notice)* n'uma casa do bairro East de Londres, cuja dona ella conhecia.

«A resposta foi immediata e completamente commercial. Se ella precisava duas raparigas para uma casa de provincia, levar-lhe-hiam tres á estação de Waterloo, no sabbado ás tres horas, entre as quaes ella poderia escolher duas a 5 libras cada uma; e que havia outra, não muito bonita, de treze annos, proximamente, que poderia ser immediatamente entregue por 13 libras. Offerta —a acceitar ou confirmar por carta—que, escusado é dizel-o, nunca foi.»

Continúa o redactor da *Pall Mall Gazette*:

«Chegado a este ponto das minhas investigações, tive difficuldade em comprehender como era possivel que se commettessem aquellas violencias, sem ninguem dar por isso. A parteira disse-me que não havia perigo que tal acontecesse, que muitas casas teem um quarto subterraneo, em que ficam abafados todos os gritos, e que tanto assim era, que ainda pessoa alguma tinha sido presa em flagrante.

«E' difficil verificar o facto dos quartos subterraneos: no continente, porém, são muito vulgares os aposentos almofadados para não se ouvirem os gritos das desgraçadas victimas da luxuria e da brutalidade.

—«Em minha casa, diz uma matrona muito conhecida, dona de uma villa no West de Londres, podereis gosar os gritos da rapariga com a certeza de que ninguem mais os ouvirá.»

«Mas para saborear completamente a luxuria dos gritos de uma creança impubere, não é necessario ter um quarto almofadado, ou com duas paredes, ou subterraneo.

«A proprietaria d'outra *villa* elegante—onde, segundo se diz, um principe inglez teve durante muitos mezes uma das suas innumeras sultanas—mostrando a um visitante os seus quartos muito bem dispostos, dizia-lhe:

—«Aqui está um quarto onde podeis estar perfeitamente socegado. O so-

brado assenta no solo, as paredes são espessas, o tapete é dobrado, e a unica janella que dá para o jardim, tem para a resguardar, além das portas, umas espessas cortinas. Fechaes a porta e ficaes á vontade. A rapariga poderá gritar que a matam, á sua vontade: ninguem ouvirá nada. Os creados estão no outro extremo do edificio. Eu só é que estou alli ao pé, velando pela tranquillidade da casa.»

—«Porém, notou o visitante, se ouvirdes gritar a rapariga, podereis intervir pessoalmente, sobretudo, se, o que é possivel acontecer, eu a ferir, ou ella correr perigo de vida nas minhas mãos.»

—«Oh! não a matareis, respondeu ella, tendes prudencia bastante para não o fazer. A não ser isso, do mais, podeis fazer o que quizerdes. Pelo que respeita á minha intervenção, julgaes que eu não sei do meu officio?»

«Pratica-se regularmente em muitas casas a fustigação, mas os gritos das victimas d'ambos os sexos, não chamam nunca a attenção do mundo exterior. Que probabilidade terá então o fraco e timido clamor da creança enganada de atravessar as janellas fechadas, com as suas vidraças e cortinas, ou de commover o coração da astuta sentinella, d'essa mulher, que tem por officio garantir uma segurança absoluta aos seus freguezes?

«Não se corre perigo algum, quando estão ao alcance da mão os meios de abafar os clamores, um lençol, um lenço, um travesseiro; mas para certos homens, esses mesmos gritos lancinantes, arrancados pela tortura, são a maior das delicias, e elles não perderão nem uma nota d'esse canto da agonia que tão phreneticamente escutam!

«As virgens assim violadas nos quartos secretos consentem ou não n'esse acto? Sobre esta questão lança grande luz uma observação especial e decisiva d'uma dona d'alcouce:

—«Nunca, disse ella, em minha casa foi desflorada virgem alguma, sem o seu proprio consentimento. Ellas mostram-se muito dispostas a ser seduzidas, mas quando chega o homem, não o querem nunca»—e explicou o sentido das suas palavras, descrevendo scenas a que tinha assistido, em que raparigiuinhas, que lhe tinham pedido para serem desfloradas em sua casa, arrependendo-se no momento decisivo, haviam luctado com unhas e dentes em defeza da sua virgindade. «Faziam uma bulha diabolica, disse ella, e é evidente, pelo menos em um d'esses casos, que a resistencia só foi vencida depois d'uma lucta longa e desesperada, e quando á força de gritar e de se debater, a victima cahiu extenuada. O facto deu-se com uma mulher feita. As creanças de doze a treze annos não podem oppor nenhuma resistencia séria, e apenas formam uma vaga idéa do que aquillo é. A's vezes são as mães que consentem em que ellas sejam seduzidas, por causa do dinheiro que lhes dá o seductor.»

«A creança entra no lupanar como um carneiro no matadoiro, e depois de lá estar não tem remedio senão sujeitar-se; por mais brutal que seja o homem, ella não pode escapar-lhe.

—«Uma vez que se ajustou e que ella veio cá para ser desflorada, diz a patrôa, eu não a deixarei fazer a sua vontade. O *gentleman* pagou para a ter, e pode fazer-lhe o que quizer».

«Nem Rhadamantho nem lord Bromwell poderiam exigir mais strictamente o rigoroso cumprimento das clausulas do contracto.

—«E já que ella está na minha casa, continua a digna matrona, não sae d'aqui antes de se representar a farça. Veiu cá por que quiz: agora por mais vontade que tenha de se ir embora, não se vae, emquanto o meu *gentleman* não tiver feito o que deseja. E' já tarde para o arrependimemto, se se arrependeu depois de ter transposto o limiar da minha porta».

«No decurso das minhas averiguações contaram-me muitas e singulares historias ácerca das precauções para tornar impossivel a fuga das raparigas condemnadas á deshonra, com ou sem o seu consentimento. Um só facto, que se deu ultimamente n'um arrabalde elegante de Londres, e que eu tive occasião de verificar, demonstrará a que ponto póde chegar a complacencia d'aquelles que d'ella vivem, para satisfazer os caprichos dos seus freguezes.

«Era rico o cliente, mas em excessos e orgias tinha gasto a sua virilidade, a ponto de só as rapariguinhas muito novas poderem excitar os seus sentidos embotados: havia então uma matrona já edosa que, quando a rapariga tinha menos de quatorze annos, se encarregava de a atar de pés e mãos ao leito, para tornar impossivel toda a resistencia, que ficava reduzida a alguns gritos completamente inuteis!

«Antes de ter obtido o consentimento da dona da casa para amarrar as raparigas, uma robusta moeetona, experiente na materia, tinha expontaneamente offerecido os seus serviços, e subjugava a virgem, em quanto o rico devasso realisava o seu intento. Porém aquillo mesmo era ainda superior ás suas forças, e decidiu-se que as raparigas fossem amarradas com correias chumaçadas. Este processo de estrupro é muito usado em Halfsoon-street e no lupanar de Anna Rosemberg, em Liverpool. Tudo se póde obter com dinheiro.

«A alcovitice tornou-se, como acabo de explicar, uma sciencia. A dona de casa, quando é pobre, faz pessoalmente o seu recrutamento, ao passo que as ricas são auxiliadas pelas suas corretoras. Uma patrôa prudente não admitte na sua casa senão as raparigas que são alliciadas pelas suas alcoviteiras de confiança. Não tem conto os artificios de que essas mulheres se servem: algumas até se fingem arrependidas, para terem entrada n'um asylo de mulheres perdidas, onde ellas esperam conquistar para o alcouce alguma Magdalena pouco arrependida! Introduzem-se nos hospicios para ver se é possivel encontrar ahi algumas rapariguinhas: servem-se das agencias de creadas: põem cerco ás portas das prisões, quando as raparigas que foram presas pela sua primeira contravenção, estão a findar o tempo do castigo. Não ha maquinações, por mais subtis e ousadas que sejam, a que ellas não recorram para conseguirem o seu fim, e contra os seus manejos a lei pouca protecção dá ás creanças de mais de treze annos.

«Quando uma rapariga de quatorze annos, requestada, atemorisada ou subjugada por uma força directa qualquer, ou pela ameaça de um castigo corporal immediato, consente, ainda contra sua vontade, em um acto cuja natureza ella não comprehende perfeitamente, a lei intervem para proteger o seductor. — «Quando a permissão foi concedida - diz o Digesto das leis criminaes

de Stephen, — o facto d'ella ter sido obtida por fraude, ou da mulher não ter comprehendido a natureza do acto, não tem nenhuma importancia.»

«Permitti-me que acabe o capitulo dos horrores com a narração d'um incidente — um unico — dos que se dão todos os dias n'estas medonhas regiões da luxuria subterranea, em que floresce livremente o vicio sexual. Posso garantir a exactidão absoluta de cada um dos factos narrados.

«No principio da semana do Derby, uma mulher, antiga alcoviteira, foi a um prostibulo, na rua de..., em M..., dirigido por uma sua conhecida de muitos annos, e entrou em ajuste para a compra de uma rapariga. Uma das mulheres da casa tinha uma irmã ainda pura: a mãe estava longe e o pae tinha morrido. A rapariga teria de 13 a 14 annos, vivia em casa e ia provavelmente ser seduzida e seguir a profissão da sua irmã mais velha: combinou-se que seria entregue á alcoviteira pela quantia de 5 libras. A rapariga, segundo constava, era destinada a inaugurar um novo prostibulo.

«Emquanto estavam no ajuste, uma vizinha bebeda entrou na casa, e havia tão pouco recato na conversa, que ella soube logo de que se tratava, e longe de se horrorisar com a idéa da venda de uma rapariga, segredou immediatamente aos ouvidos da outra:

— «Não vos parece que ella compraria a nossa Lily? Creio que lhe convinha».

«Lily era a sua propria filha, uma rapariguinha, bonita e fresca, que fizera treze annos pelo Natal! A alliciadora, todavia, comprou a irmã da prostituta, e a mãe de Lily ficou toda pesarosa por não ter feito o seu negocio.

«O dia seguinte, que era o Derby-day, foi o ajustado para a entrega da rez; quiz, porém, a sua boa fortuna que uma outra irmã, que ella tinha, soubesse da projectada venda.

«Exercia esta uma profissão decente, e conhecendo a sorte que esperava a irmã mais nova, não perdeu um instante, obrigou a outra a desfazer o contracto, e quando a alcoviteira veiu buscar a rapariga, já o passaro tinha fugido.

«Começou então a caça á Lily: a dono da casa mandou chamar a mãe e offereceu-lhe uma libra pela filha. A mulher era pobre, devassa e indifferente a tudo, excepto á bebida: ao pae, que tambem era um beberrão, disseram que a sua filha ia para uma casa. Elle recebeu a noticia com indifferença, e nem perguntou para onde ella ia! Depois de ter assim garantida a posse da rapariga, a patrôa do lupanar vendeu-a á corretora, em logar da outra que tinha sido salva pela irmã, e recebeu 5 libras, tres pagas logo, e as duas restantes, depois da sua virgindade ter sido certificada por pessoa competente.

«A pequena não fazia idéa alguma do fim a que estava destinada. Disseram-lhe que acompanhasse a desconhecida para entrar no serviço, e esta, que sabia do seu officio, lavou-a, vestiu-a bem, e mandou-a despedir-se dos paes. A embriaguez da mãe era tal que a custo reconheceu a filha, e o pae tambem não lhe prestou maior attenção! A rapariga despediu-se d'elles e foi para casa da alcoviteira, na rua de A....

« Estava dado o primeiro passo: sendo, porém, necessario alcançar o attestado de virgindade, este negocio era um pouco difficil, porque a rapariga

ignorava absolutamente a natureza da transacção, em virtude da qual havia sido tirada da casa de seus paes, para seguir aquella desconhecida, que na verdade a tratava bem.

«Lily era uma garoteta *(cokney)*, como milhares d'outras que todos os annos são educadas para o serviço da pequena burguezia. Tinha andado na escola, sabia ler e escrever, e, apesar da sua orthographia não ser correcta, expressava-se com muita firmeza e energia. Conhecia do mundo apenas o bairro de Londres em que nascera, e, á excepção de duas excursões escholares a Richmond e uma a Epping-Forest, nunca estivera no campo, nem vira o Tamisa senão em Richmond. Era uma rapariga esperta e animosa, uma ingleza robusta, um pouco cheia, com o rosto franco e uns olhos negros e profundos.

«A sua educação, decerto, deixava muito a desejar: escrevia, por ex. *right* em logar de *write*, e claudicava na grammatica; mas era tocante o amor que aquella creança affectuosa e amavel tinha á mãe sempre ebria, e que por uma infamia sem nome assim a vendera! N'uma cartinha que ella lhe escreveu com a sua má orthographia, e que eu vi, liam-se os seguintes versos infantis:

..........Quando me deitei
Muitas coisas me lembraram:
Pensei n'uma, pensei n'outra,
Primeiro pensei em ti...

«A pobre creança estava contentissima com o seu novo serviço e encostava-se affectuosamente á patrôa, que a ia conduzir, nem ella sabia para onde. Faltava, porém, ainda o tal attestado, sem o qual não se receberia o resto do dinheiro: para evitar semsaborias, metteram-n'a n'um trem e levaram-n'a a uma parteira, cuja sciencia na especialidade era geralmente reconhecida.

«A visita foi curta e completamente satisfactoria; mas a mocidade e a absoluta innocencia da rapariga eram taes, que provocaram até a compaixão d'aquella velha e endurecida abortadora!

—«Pobre creancinha—exclamou ella—é tão gentil! Hade soffrer muito! Espero que não sereis demasiado cruel com ella».

«Como se, quando a luxuria chega a ao seu auge, ella não achasse no cumulo da dôr da victima, o cumulo tambem do prazer!

«Para tranquillisar a velha, perguntou-lhe a alcoviteira se ella não podia dar-lhe alguma coisa, que mitigasse a dôr, e ella trouxe-lhe um frasco com chloroformio.

—«É o que ha de melhor: os meus freguezes dizem que é o mais efficaz para isso».

«A outra pegou no frasco, mas, estando só costumada a preparar a bebida soporifera, teria decerto envenenado a Lily, se não observasse por experiencia propria que o liquido queimava a bocca.

«O certificado de virgindade, apesar de ser apenas verbal, custou uma libra e 15 shillings, além de mais uma libra e 10 shillings pelo chloroformio, que, provavelmente, não valia um, e, antes de se despedirem, combinaram que a parteira curaria a rapariga, caso esta ficasse gravemente offendida.

«D'ahi foi Lily levada para uma casa de má fama, em P... Regent-Street, n.º... onde foi admittida sem objecções, apesar da sua pouca edade. Mandaram-n'a subir, despiram-n'a, e deitaram-n'a: a mulher que a tinha trazido adormeceu-a. A principio Lily estava muito agitada, porém sob a influencia do chloroformio serenou, e a mulher retirou-se. No quarto, reinava o mais completo socego.

«Momentos depois, abriu-se a porta, franqueando entrada ao comprador, que deu volta á chave, e apoz um curto silencio, ouviu-se um grito terrivel, implorando piedade! Não era um grito agudo, era um gemido desesperado, que fazia estremecer, como o balido do cordeiro que vão matar. E ouviu-se a rapariga clamar com a voz do terror:

—«Está um homem no meu quarto! Levem-me para casa! Quero ir para a minha casa!...

....

«Depois tudo recaiu de novo no silencio.

«Este é um caso, entre muitos, e não é o mais horrivel: differe só dos outros em que eu poude verificar a sua exactidão.

«Ouvir-se-hão esta noite muitos gritos similhantes nos prostibulos de Londres, sem que ninguem lhes preste attenção, mas escutal-os-ha o ceu compadecido:

«*Porque a maldição da creança, que chora nas trevas, é mais infallivel do que a do homem forte no seu furor*».

Em Londres, como nas outras grandes capitaes, a condição das prostitutas varia segundo a classe a que pertencem, porque n'essa turba crapulosa, onde tudo se acha em contradicção com as leis sociaes, a sociedade reflecte ainda um tenue clarão das suas divisões e das suas castas. A differença é que na prostituição ninguem se eleva; tudo vae cahindo de abysmo em abysmo, e as diversas classes tendem por um aviltamento progressivo a fundir-se n'uma só, na qual se encontra o ultimo degrau da escala.

Esta rapida degradação em parte alguma se manifesta mais claramente do que em Londres.

Pela influencia combinada da dureza de coração das proxenetas, da inclemencia do clima e da tenra edade das prostitutas, estas desgraçadas gastam-se e envelhecem n'esses antros do vicio e da miseria, com uma rapidez verdadeiramente aterradora!

As prostitutas de Londres, consideradas de um modo geral, dividem-se naturalmente em dois grupos principaes. Ao primeiro pertencem as que teem domicilio fixo, quer vivam em suas casas, quer estacionem de ordinario nas casas de prostituição. O segundo comprehende todas as que, não tendo propriamente fallando um albergue, vivem ora nas tabernas e outros logares de crapula, aonde conduzem os homens que se deixam seduzir por ellas, ora em certas casas mobiladas, de aspecto extremamente repugnante, onde jazem n'um deploravel amalgama com ladrões de profissão, ora finalmente nas ruas, expostas a todos os soffrimentos physicos.

Se houvermos de dar credito ás affirmações unanimes de diversos aucto-

res respeitaveis, a vida está muito longe de ser agradavel, até mesmo para as prostitutas do primeiro grupo.

Com effeito, n'esta prostituição livre, as proxenetas, sem terem repressão alguma a soffrer, alimentam apenas uma ideia fixa: — a exploração até aos derradeiros limites, das mulheres que hão de ser o manancial da sua fortuna.

Nem a saude nem a vida d'estas desgraçadas lhes causam o menor cuidado. As prostitutas são uma mercadoria, que nunca escasseia, e que mesmo é preciso renovar muito a miudo.

Por isso as pobres raparigas que são conduzidas a Londres, com grandes despezas, para os estabelecimentos de primeira ordem, pouco tempo se conservam alli, e não tardam a ficar gastas (*stale*), segundo a expressão consagrada. Desde este momento, são desapiedadamente atiradas á rua, muitas vezes infeccionadas de enfermidades venereas, e em todos os casos expostas a milhares de probabilidades de destruição.

Para confirmar o que levamos dito, podemos citar com Talbot o caso de uma rapariga de quinze annos, que n'uma noite se viu obrigada a entregar-se a doze homens, ganhando d'este modo 12 libras para o proprietario do estabelecimento.

O mesmo auctor accrescenta: «No espaço de poucas horas, estas pobres raparigas recebem seis ou sete homens. Depois de cada visita, lavam-se, bebem alguns tragos de aguardente, e ficam dispostas a continuarem de novo.»

A associação fundada em Londres, para proteger as mulheres solteiras e combater a prostituição das menores, obteve a condemnação de um tal David Romaine, de edade de vinte e sete annos, que com sua mulher e filhas vivia do producto da prostituição de tres raparigas, de quinze annos de edade, as mais velhas, que foram encontradas em sua casa n'um estado deploravel de abjecção e miseria.

Aos domingos á noite, o proxeneta mandava uma d'ellas á rua com o encargo de attrahir freguezes. E quando estes estavam reunidos em sufficiente numero para que as suas offerendas juntas formassem uma quantia regular, entregavam-se-lhes as duas victimas restantes. Tudo isto se praticava á vista de agentes de policia, que poderam um dia contar doze raparigas reunidas n'aquella infame espelunca!...

Em geral, desde que uma rapariga usa os trajes mais ou menos elegantes da prostituição, a sua vida é consummida cruelmente n'uma actividade quasi sem repouso. Tendo de errar pelas ruas dia e noite, vigiada de perto ou pelo *dono*, ou por mulheres do seu proprio officio, ou até mesmo por creanças de oito a dez annos, destinadas a succeder-lhe um dia no seu emprego, não póde fugir nem ficar inactiva. E' preciso que todas as noites leve á casa da prostituição um certo numero de freguezes. Se os seus esforços são infructiferos, ou se procura fugir, vê-se d'ahi a pouco submettida aos mais duros e crueis tractamentos!...

A medida que se desce a escala pornographica, o quadro vae-se tornando mais sombrio: «Outros viveiros de crimes, diz um auctor citado por Ryan e por Faucher, que não existem em todos os bairros, mas que se encontram em

certos districtos, como: Saint-Giles, a parte mais baixa de Westminster e as duas extremidades de White-Chapel, são as casas mobiladas, regidas por encobridores e receptadores. Estes antros conteem muitas vezes uns cincoenta leitos, occupados por individuos de um e outro sexo, desde os dez até aos quarenta annos. Ha antros d'esta natureza, onde só se admittem creanças. Os donos procedem assim para evitar que estes jovens ladrões sejam por sua vez roubados por homens mais fortes do que elles, e tambem para terem a certeza de uma parte maior nos roubos. No emtanto, as mulheres não são excluidas, ainda que mais exacto seria dizer que são admittidas solteiras de todas as edades, desde os doze annos (porque as raparigas que se associam aos ladrões, raras vezes chegam á edade de mulheres), não como inquilinas por sua propria conta, mas como amantes dos ladrões mais novos. É impossivel descrever as scenas de crapula que se dão em taes antros, e mesmo quando podessem descrever-se, o publico deixaria de lhes dar credito.»

Desçamos ainda mais:

O *Examiner,* de 14 de outubro de 1843, citado por Faucher, continha a seguinte informação:

«Os guardas do parque e os agentes de policia conduziram estes ultimos dias ao despacho de Marlborough-street varias raparigas que encontraram a dormir debaixo das arvores de Hyde-Park, e nos jardins de Kinsington. Todas estas infelizes, sem excepção, estavam na mais horrivel miseria, e completamente infeccionadas de uma enfermidade vergonhosa. Os magistrados, em presença de tão miseravel estado de abjecção, julgaram praticar um rasgo de humanidade mandando-as para o carcere, aonde deviam encontrar asylo e receber a assistencia dos facultativos. Parece, segundo a declaração dos guardas, que ha varios mezes umas cincoenta pessoas de todos os sexos e varias edades, não teem outro abrigo durante a noite, além do que lhes offerecem as arvores do parque e os buracos praticados na cerca. A maior parte são raparigas de quatorze a desesete annos, trazidas da provincia por soldados que as seduziram, para depois as abandonarem ao seu horrivel destino. Estas desgraçadas creaturas vêem-se assim, nos alvores da juventude, completamente fóra da sociedade, vivem n'um deploravel amalgama durante a noite no meio dos prazeres, onde litteralmente apodrecem na miseria, no lodo e na enfermidade.»

O pequeno numero do factos que acabamos de resumir poderiam bastar em rigor para dar uma ideia perfeitamente exacta da vida que passam as prostitutas de Londres. Ouçamos ainda a seguinte historia, recolhida da confissão de uma joven prostituta:

Esta historia completará o quadro deploravel do estado da prostituição londrina:

«Uma formosa rapariga de deseseis annos, diz Maykew, no seu *London labour and London poor,* contou-nos a sombria historia que vae lêr-se. Tinha as mãos entorpecidas pelo frio:

«Sou orphã. Aos dez annos fui collocada em casa de um merceeiro para todo o serviço.

«O meu trabalho era extremamente penoso. Minha ama tractava-me com a maior dureza, e batia-me muito a miudo.

«Haveria tres semanas que estava n'aquella casa, quando perdi minha mãe. Meu pae havia morrido muitos annos antes.

«Durante seis mezes, supportei os maus tractos de minha ama, que não só me batia com as mãos, mas até mesmo com um pau.

«Tinha o corpo coberto de uma cicatriz enorme. Um dia fugi, e dirigi-me a casa de mistress***, dona de uma casa mobilada, onde se recebiam raparigas a preços modicos.

«Não sabia que houvesse casas como aquella. Quem me revelou a existencia d'ellas foram umas raparigas na Glasshouse, onde eu fôra procurar asylo.

«Fui com ellas comprar um soldo de café, e depois levaram-me á tal casa. O meu unico capital era então de 3 shillings. Estive n'aquella casa coisa de um mez, sem abjecção alguma, vivendo dos meus tres shillings, e do que pude obter empenhando os vestidos.

«Não ouvia constantemente n'essa casa senão cousas horriveis. Zombavam de mim, incitavam-me a blasphemar:

— «Olhem para isto! diziam ellas. Esta *sujeitinha* quer fazer de honesta!»

«Outras vezes era peior ainda, de maneira que insensivelmente tornei-me tão má como as outras.

«Durante este tempo vira por diversas vezes rapazes deitados com raparigas, sem que d'isso pensasse mal.

«Não sei ler nem escrever. Minha mãe era uma excellente mulher, e o meu gosto era estar junto d'ella, para que ella me podesse proteger. Infelizmente, perdi-a!...

«Muitas vezes davam-se na minha presença, entre creanças, cousas que não lhe posso contar, e que me envergonhavam.

«Acabado o mez, e despedida da casa, por não poder pagar, encontrei um rapaz de quinze annos, que me convidou a ir viver com elle.

«N'esse tempo, contava apenas doze annos. Passei tres mezes por sua conta na mesma casa, vivendo com elle como se fosse sua mulher, apesar de sermos ambos duas creanças, e permanecendo-lhe fiel.

«Ao cabo d'esses tres mezes, o meu amante foi condemnado por crime de roubo a seis mezes de prisão.

«Este desastre affligiu-me, porque esse rapaz portava-se muito bem commigo, apesar de me ter communicado uma enfermidade.

«Lembrei-me então de partir alguns vidros em Saint-Paul's Church Yards, para que me levassem para a cadeia e me curassem.

«Estive um mez presa no Compter, e fiquei livre da minha doença.

«No Compter censuraram-me muito o estado em que me encontrava em tão tenra edade. Ao sahir de lá, deram-me a esmolla de dois schillings e meio, e vi-me precisada a andar pelas ruas em procura de trabalho.

«Vivi d'este modo durante tres annos, ora tendo muito dinheiro, ora carecendo de tudo: hoje com a barriga cheia, ámanhã a morrer de fome!

«Ás raparigas mais velhas do que eu faziam-me gastar o dinheiro conforme lhes parecia. Não fui durante este tempo feliz um momento sequer, mas não podendo obter um attestado de bom comportamento, era-me impossivel abandonar aquelle modo de vida.

«Durante estes tres annos vivi n'uma casa mobilada de Kent-street, em que sómente se alojavam ladrões e más mulheres.

«Vi deitarem-se no mesmo quarto tres e quatro duzias de rapazes e raparigas. As camas eram horrivelmente sujas e estavam crivadas de asquerosos insectos. Representavam-se alli dramas bem horriveis. Os rapazes, se póde estabelecer-se alguma differença, eram os mais dissolutos.

«Ás vezes passavamos a noite homens e mulheres no mesmo leito, uns para os pés e outros para a cabeça, n'uma orgia sem nome.

«Não devo entrar em pormenores, mas tudo quanto póde fazer-se por palavras e por actos entre homens e mulheres, tudo se fazia alli sem testemunhas.

«Confesso com desgosto que eu propria tomei parte em acções tão feias, mas apesar d'isso não estava tão pervertida como algumas das minhas companheiras.

«No dormitorio, brilhava toda a noite uma candeia, mas de verão, a maior parte da noite era bastante clara.

«Muitos dos rapazes e das raparigas dormiam completamente nús, e dansavam assim com grandes risadas no dormitorio.

«Mais de vinte andavam ás vezes toda a noite n'estas orgias. Havia frequentes desordens. O gerente do estabelecimento nunca intervinha. As cousas ainda hoje assim continuam. Em certas occasiões, ouvi por vezes umas raparigas perguntar ás outras, em altos gritos, quantas vezes tinham precisado de ir ao hospital, á enfermaria, ou ao Work-house.

«Disputavam tambem sobre qual d'elles podia gabar-se de ter commettido maior numero de obscenidades e infamias durante o dia. Vi alguns mudarem de companheira durante a noite. Depois de tres annos de similhante vida, roubei um pedaço de carne n'um talho para fazer com que me encarcerassem.

«Estava desgostosa da vida que levava, e não sabia como havia de sahir d'ella.

«Condemnaram-me a um mez de prisão. Ao sahir d'ella, passei dois dias e uma noite na rua, sem prevaricar.

«Voltei então ao mesmo armazem de Saint-Paul's Church Yard, e deliberei quebrar de novo os vidros da montra.

«Fazia isto para que me prendessem, porque no carcere, no silencio da noite, imaginava que tudo havia acabado para mim. Considerava quanto a minha existencia era vergonhosa, até que ponto tinha a saude deteriorada, e pensava que valia muito mais estar sempre presa, do que ter uma vida tão degradante.

«A segunda tentativa de aggressão contra a vidraça valeu-me seis mezes de carcere.

«Á sahida quebrei um candieiro da illuminação publica, ainda com o mesmo fim, e fui condemnada a outros quinze dias de prisão.

«Foi esta a ultima vez que estive presa. Desde então vivi como acabo de contar, vivendo na mesma casa, e sendo testemunha das mesmas scenas

«Hoje detesto essa infame existencia mais do que nunca. Estou disposta do fundo do coração a dedicar-me a qualquer trabalho, compativel com as minhas forças e posso valer-me da agulha. No Compter occupava-me em lavar e esfregar, e o meu comportamento alli foi sempre bom.

«Na casa onde actualmente vivo, o aluguer custa dois pences por noite. Na de mistres *** um ou dois. De resto, as mesmas scenas.

«Muitas d'estas raparigas, ou para melhor dizer quasi todas ellas, sahem d'estes antros, afim de ganharem dinheiro para os rapazes que vivem com ellas. Se não podem ganhar dinheiro, têem de roubal-o, porque de contrario á volta levam uma sova!

«Vi algumas, depois de espancadas pelos seus amantes, ficarem por terra, com os dentes quebrados e cheios de sangue. Os rapazes pela sua parte passam o dia todo fóra de casa para roubarem. O dono da casa compra-lhes todos os artigos que elles podem apanhar, e vende-os em seguida aos seus inquilinos.

«A policia nunca por alli appareceu.

«Se por acaso o rapaz regressa á noite sem dinheiro, sem provisões, sem nenhum objecto susceptivel de ser vendido aos inquilinos, ainda que não seja senão um lenço, não o recebem. Dizem-lhe claramente:

«Vae roubar.»

«O mesmo succede ás raparigas.

«Durante o dia, qualquer adventicio pode entrar, pagar por soldo uma chavena de café, e ficar até á noite, se assim quizer.

«Vi n'algumas occasiões installados d'este modo na casa uns trinta individuos, todos elles ladrões ou mulheres de má vida. Não ha cadeiras e só um banco diante do fogão, onde pode sentar-se uma duzia de pessoas. Os outros freguezes sentam-se aqui e acolá no chão, o mais perto que podem do fogo. As conversações são as mesmas de dia e de noite, mas de dia são algumas vezes menos indecentes. Geralmente preguntam uns aos outros quaes são os melhores logares para roubarem com proveito.

«De vezes em quando, vêem alguns missionarios, mas os freguezes zombam a miudo d'elles em quanto fallam, e obrigam-nos muitas vezes a irem-se embora.

«Se, enganada pela taboleta collocada na porta da rua, entra uma rapariga honrada a comprar alguns soldos de café, não sae sem ser offendida.

«Grande numero de raparigas se perderam n'esta casa, desde que aqui vivo, e o seu seductor a cada passo se vangloria d'esta façanha.

«Nunca vi nenhum rapaz ou rapariga regenerados, depois de viverem algum tempo n'esta casa. Os que a frequentam estão perdidos para sempre.

«Eu era filha unica e não tinha um unico amigo no mundo.

«Muitas raparigas manifestaram mais de uma vez o desejo de sahirem d'esta casa. Segundo vim a comprehender, os maus tratos dos paes e dos amos são as causas que trazem aqui maior numero de raparigas.»

Por tanto, na maioria dos casos, a vida das prostitutas de Londres é uma

vida de terrivel trabalho e de espantosa orgia. Independentemente das exigencias da profissão tem de luctar contra a fome, contra o frio e contra as enfermidades. As fadigas nocturnas, tanto dentro como fóra de casa, obrigam-nas imperiosamente a saturarem-se de aguardente desde pela manhã e a beberem-na a cada momento. . . . .

Não obstante, o gin não pode restituir-lhes a vida e as forças, e a miudo, durante o inverno, depois de uma noite inteira de marchas e contra-marchas penosas pelas ruas, com um vento glacial e a neve caindo a grossos flocos, vêem-se algumas d'essas desgraçadas, apenas vestidas, extenuadas, cahir desemparadas diante do humbral de uma porta, «demasiado fracas para poderem tornar a levantar-se, e demasiado miseraveis para terem esse desejo». (*V. The great sin*).

Antes do estabelecimento da nova policia, as prostitutas de Londres não conheciam as menores regras de prudencia: chegando á noite, muitas das principaes ruas da metropole eram quasi intransitaveis. Hoje essas desgraçadas são menos brutaes e menos perigosas para os transeuntes, mas pouco perderam da sua ousadia. Calculadas para excitar as paixões, a sua linguagem e os seus gestos conservaram o antigo cynismo.

De dia mostram-se ás janellas, em attitudes lascivas, que expõem aos olhares dos homens como chamariz do vicio, e que são a fonte dos escandalos e da desmoralisação publica.

Durante a noite, nas ruas obscuras e retiradas, dançam, brincam e cantam quasi nuas.

Semelhante modo de vida não pode durar muito tempo.

Segundo Clarke, antigo thesoureiro da *City* de Londres, a vida media das mulheres publicas da metropole, é de quatro annos; segundo outras auctoridades, de sete. Muitas d'essas desgraçadas acabam no suicidio, ou na alienação mental.

Já vimos que a mortalidade na prostituição de Londres foi calculada annualmente em 8:000. Ainda assim, este numero não se basea em nenhuma estatistica.

«Será verdade, diz o doutor Acton, que essas creaturas morrem depois de exercerem a sua profissão por alguns annos?

«E' sabido que as prostitutas, sejam quaes forem os outros signaes que as caracterisam, se recrutam entre as mulheres mais robustas, mais sadias e mais bem constituidas. E' d'este modo que ellas se encontram nas melhores condições de poderem resistir aos excessos e fadigas que as esperam. Vejo-me além d'isso impellido, pelo testemunho unanime de todos os observadores, a sustentar que não ha nenhuma classe de mulheres tão exempta de enfermidades geraes como as prostitutas. E' verdade que essas infelizes desapparecem das ruas depois de tres ou quatro annos de exercicio; mas nem a enfermidade nem o suicidio são causa da sua desapparição. Em 1840 registraram-se em Londres 56 mulheres, da edade de 20 annos, victimas do suicidio, emquanto que o numero de homens mortos egualmente de suicidio, se elevava a 126. Não ha razão alguma para crêr que metade d'essas mulheres se entregassem á

prostituição, e o mesmo se pode dizer dos outros annos.» (V. *Prostitution in relation to public health.*)

É difficil acceitar como de grande valor o argumento de que as prostitutas estão em melhores condições physicas de resistirem ás causas de destruição, quando sabemos que um grande numero d'ellas pertencem á edade infantil. O que é certo, pelo contrario, é que um grande numero d'estas desgraçadas caém dentro pouco tempo gravemente enfermas, por causa dos maus tractos que recebem dos seus exploradores. Uma mulher de 25 annos, chamada Mary Davis, foi condemnada por haver attrahido ao seu estabelecimento meninas de tenra edade; duas d'estas desgraçadas haviam-se afogado pelo motivo que acabamos indicar. O doutor Ryan tem observado que quando as febres graves reinam em Londres arrebatam a um sem numero de mulheres publicas, e este facto concebe-se perfeitamente, sem se relacionar no genero de vida que teem.

Mas o que importa sobretudo n'este assumpto, debaixo do ponto de vista da hygiene publica e das affecções venereas, é que grande numero d'ellas apparecem infeccionadas pouco tempo depois de terem estado na vida. Encontram-se em todos os hospitaes de Londres.

O doutor Acton reconhece que as prostitutas de Londres dessapparecem depois de um certo numero de annos. «Que é feito, diz elle, d'esse rebanho de mulheres que ganham a sua vida com o trafico do seu corpo? Estou convencido de que a maioria deixa bem depressa tão vergonhoso commercio, e escolhe outro modo de vida mais regular! Os soffrimentos, o tedio, as privações inherentes ao officio, teem por fim affastal-as todas da rua, com excepção de algumas, que parecem prosperar na proporção da edade. Entre estas mulheres, as mais felizes casam com operarios, empregados, ou commerciantes de retalho, etc. Quanto ás prostitutas da infima especie, vão povoar os carceres, vivem com os ladrões, e acabam por ser deportadas ou por dirigirem casas de prostituição.»

Á falta de estatisticas officiaes e de documentos exactos, a razão e os factos precedentes devem levar-nos, a respeito da maneira como acabam as prostitutas de Londres, a uma conclusão, que seja o meio termo entre a opinião demasiado optimista do doutor Acton, e a crença popular, segundo a qual quasi todas morrem de miseria, de crapula, de enfermidades contrahidas no exercicio da sua abjecta profissão, ou pelo suicidio.

Seria realmente digno de interesse investigar qual seja o gráu de instrucção das mulheres, que em Londres procuram ganhar a vida pela prostituição, ou que são arrastadas a essa vida de miseria, e quaes são em geral os sentimentos d'estas creaturas.

Uma estatistica, verdadeiramente curiosa, e que póde ministrar-nos esclarecimentos preciosos é a seguinte, relativa a um periodo de 18 annos.

N'esse periodo, em 10:000 prostitutas, havia:

3:498 que não sabiam lêr nem escrever: — 6:129 que liam e escreviam imperfeitamente; — 351 que liam e escreviam correctamente, e 22 dotadas de uma instrucção superior.

Os sentimentos d'essa escoria social são-nos descriptos por Talbot como detestaveis.

Duas causas principaes concorrem para o embrutecimento das prostitutas de Londres: o abuso dos licores alcoolicos, abuso que excede todos os limites, e as continuas incitações ao roubo, feitas pelas donas das casas.

As prostitutas de Londres teem muitas vezes umas pelas outras a maior sympathia, e não hesitam em auxiliar-se mutuamente. Estes sentimentos, porém, breve desapparecem. Consagram pouco amor aos filhos, e chegam mesmo muitas vezes a matal-os.

Como em Paris, estas prostitutas teem amantes, que são ordinariamente ladrões ou assassinos.

Apesar d'isso, no meio da sua vida desgraçada e infame, teem ainda uns vislumbres de respeito pelas cousas da religião. Julgariam praticar uma profanação, assistindo a uma ceremonia religiosa, e por isso evitam entrar nos templos.

No emtanto, uma d'estas pobres mulheres, que vivia havia dois annos na prostituição, um domingo de manhã, divagando ainda pelas ruas, depois de uma noite passada na mais espantosa embriaguez, foi por curiosidade a uma das egrejas da *City*. Havia sermão, e o thema do orador sagrado era o regresso do filho prodigo, a mais adoravel das parabolas do Evangelho. A impressão que n'essa ovelha desgarrada produziram as palavras do sacerdote foi tão rapida e tão poderosa, que ella tomou logo alli a resolução de abandonar para sempre aquella vida infame.

Firme no seu proposito, e sem saber o que fazer nem onde ir, vivia de esmollas havia quinze dias, dormindo a qualquer canto, até que foi caridosamente recolhida pela associação protectora das raparigas, que tractou de a recolher n'um dos numerosos asylos da capital.

De resto, dá-se com a prostituição de Londres o mesmo que succede na dos outros paizes: os maus sentimentos que n'ella imperam nem são universaes, nem sem excepção.

O facto que vae ler-se é uma prova consoladora dos sentimentos caritativos, que podem existir ainda nos seres mais abjectos.

Uma pobre rapariga, que depois de alguns annos passados na infamia e na miseria, estava prestes a succumbir por causa da deterioração da sua saude, não tinha outro meio de occorrer ás necessidades de cada dia, que não fosse a continuação do seu duro e infame officio. As companheiras, movidas por um sentimento, que necessariamente nos surprehende, por vir de tal origem, cotizaram-se para que, ao menos, como ellas diziam, a desgraçada não se visse obrigada a morrer n'aquella infamia, e ministraram-lhe do producto precario da sua vida abjecta a somma necessaria, para que ella podesse passar o pouco tempo que lhe restava de vida no repouso e no arrependimento.

Cousa verdadeiramente digna de registrar-se! Seja qual for o cynismo d'estas raparigas, durante o exercicio da sua profissão, se se decidem a sahir da senda da prostituição, se as associações caritativas podem accudir em seu auxilio, mudam completamente de linguagem e de attitudes, manifestam um

grande horror pela sua conducta passada, e mostram-se em extremo cordatas e respeitosas.

Talbot observa que as mulheres d'esta classe, salvas pela sociedade protectora das mulheres solteiras, tiveram muito a miudo um comportamento excellente.

Para um grande numero d'estas mulheres, o commercio da prostituição é um motivo de invencivel desgosto.

Aos padecimentos physicos, de que já fallamos, accrescem outros, muito differentes, mas não menos acerbos. Estas infelizes não podem entregar-se ao seu officio senão meio embriagadas. Pelo estimulo que lhes produz no corpo fatigado, pelo torpor que lhes causa no cerebro, o *gin*, a bebida habitual das prostitutas, salva-as de uma extenuação completa, e rouba-lhes a consciencia dos seus actos. «Não havia mulher, costumam ellas dizer, que podesse levar a vida que nós levamos, se não bebesse!...»

No emtanto, uma vez cahidas n'este lodo, nada ha para ellas mais difficil do que sahir d'elle. Eis talvez uma das caracteristicas mais salientes da prostituição de Londres. Vigiadas, como já dissémos, com o maximo rigor, é-lhes quasi impossivel fugir e escapar das garras dos seus exploradores, donos de casa, ou amantes. A fugitiva, perseguida a todo o transe, e accusada de querer roubar os fatos que leva, e que pertencem ao dono da casa, não tarda em ser presa por um agente de policia, que muitas vezes a leva para a respectiva esquadra, mas que outras tambem a entrega ás pessoas que a reclamam, recebendo por este serviço uma gratificação.

«Este processo deshumano e infame, diz Talbot, repete-se todas as noites na metropole. Quando a malfadada rapariga, perdida completamente a esperança, volta a casa, nunca se livra de castigo. Deixam-na estar núa um dia inteiro, e privam-na de alimento, para que não possa fugir, e chegada a noite, obrigam-na a sahir novamente á rua para exercer o seu infame officio!...»

Dado mesmo que podesse escapar aos seus verdugos, onde iria? Repellida por todos, que meio lhe restaria de entrar na senda da humanidade?

«As leis e os costumes de Inglaterra favorecem a prostituição, mas não concedem protecção alguma ás prostitutas.» *(V. The great sin).*

N'este rapido esboço das prostitutas de Londres, ter-se-ha observado que na vida d'essas desgraçadas mulheres predomina o soffrimento. Taes miserias inspiraram a um escriptor uma pagina eloquente, que terminará perfeitamente esta parte do nosso trabalho, não só pelos nobres sentimentos que encerra, como por causa da cor local, que lhe dá um interesse fóra do commum:

«Vimos, diz elle, que o maior numero d'estas desgraçadas são arrastadas á sua primeira queda por causas, em que o vicio e a satisfacção dos seus gosos pessoaes não tomam a menor parte.

«N'essa successão quasi irresistivel de faltas, que estão naturalmente encadeadas, e pelas quaes um só ataque feito á castidade conduz fatalmente á prostituição, a unica e a verdadeira culpada é a sociedade. Quem colloca essas pobres mulheres perdidas na impossibilidade de se deterem na carreira da infamia? Evidentemente, é esse sentimento publico, tão implacavel como injusto,

que nos faz desculpar ao sexo forte, como uma falta leve e natural, uma vida inteira de desordens e prazeres, e que nos impelle a condemnar no outro sexo uma só fraqueza, como um crime sem redempção, nem perdão possiveis!...

«Crueldade sem egual! Poucas, bem poucas são realmente as mulheres que depois da sua primeira falta não despertam arrependidas, desesperadas, envergonhadas, e que não quereriam dar tudo quanto possuem para que lhes fosse possivel recuar, para que se lhes concedesse generosamente a rehabilitação! Ellas poderão amar o seu seductor, mas nunca o seu infame commercio. Detestam-no tanto mais profundamente, quanto mais sentiram o peso das suas cadeias e saborearam a amarga degradação que d'elle promana! Com o ardor de um desejo, desconhecido da casta innocencia, imploram a graça de resgatar a sua posição perdida, a troco das mais duras e prolongadas penitencias. A sociedade, porém, fecha brutalmente os ouvidos aos seus gritos despedaçadores, e aos soluços do arrependimento. Esquecendo os preceitos do divino Mestre, a fragilidade da natureza humana e a pesada parte que tivemos n'uma culpabilidade commum, affastamos com desprezo a pobre Magdalena que se ajoelha e chora; abandonamol-a friamente ao seu desespero, e deixamol-a só, n'aquelle profundo horror das cousas irreparaveis. Em vez de lhe estendermos a mão, quando se exforça por levantar-se, pomos-lhe o pé em cima. Fecham-se-lhe todas as portas, vedam-se-lhe todas as vias de salvação. Rodeia-a por toda a parte uma especie de fatalidade. Quanto menos virtude perdeu, quanto mais vergonha sente, tanto mais impossivel lhe é a rehabilitação, por isso mesmo que com mais horror é repellida pelos que poderiam salval-a. Vê-se impellida á prostituição pelo peso da sociedade inteira, que sobre ella carrega com a mais espantosa crueldade!...

«Se pertence ás ultimas classes, que recurso encontra essa pobre mulher diante de si, a não ser o abysmo infame da prostituição? Se é operaria, quem quererá d'ora avante utilisar o seu trabalho? Se é creada, onde haverá casa que a admitta ao seu serviço? Se nasceu n'uma classe mais elevada, acceital-a-ha a familia, se a vergonha lhe der animo para supportar-lhe as acres censuras de cada momento?

«Triste, profundamente triste! Ah! quem ignora ahi, que por cem paes de familia que saudariam com alvoroço o regresso de um filho culpado, do filho prodigo, concedendo-lhe do fundo d'alma um perdão absoluto e incondicional, difficilmente haveria um que, collocando-se acima da moral barbara do mundo, abrisse os braços a uma filha extraviada e arrependida!...» (*The great sin.*)

....

....

Resta-nos fallar ainda da prostituição nas outras grandes cidades inglezas.

Se, como muito bem observava o jornal *The-Lancet*, «em nenhuma capital do continente se viu jamais o vicio impor-se á sociedade de uma maneira tão repugnante como em Londres»; Léon Faucher accrescenta que «a prostituição em Inglaterra apresenta geralmente um caracter mais repugnante, co-

meça n'uma edade mais precoce, e tem relações muito mais intimas com todos os crimes», do que n'outros paizes.

E a prova d'esta asserção vamos encontral-a, analysando rapidamente a prostituição nas differentes cidades inglezas.

Liverpool: — É um porto de mar, de grande importancia, o emporio de um enorme commercio, e tem uma população muito consideravel.

Liverpool, além de uma cidade commercial, é tambem uma cidade de transito.

Se todos os dias entram milhares de navios nas suas dokas, todos os dias tambem milhares de viajantes, de todas as classes, especialmente familias pobres da Irlanda, chegam e partem, já pelas linhas ferreas, já pelos navios a vapor.

Concebe-se facilmente que esta agglomeração e este movimento devem reunir alli numerosos elementos de prostituição. Mas o que é principalmente para notar n'esta grande cidade, é o influxo do contacto das mulheres publicas com os marinheiros das diversas nações, cujo pavilhão fluctua nas dokas de Liverpool. Parece que este contacto imprime á prostituição um sello particular de descaramento selvagem e de turbulencia. Sob este ponto de vista, sobretudo depois da reforma da policia na grande metropole britannica, a prostituição de Liverpool deixa a perder de vista a de Londres, e é muito mais funesta para a saude publica.

A cidade de Liverpool propriamente dicta não é muito habitada por familias ricas, que em geral teem as suas moradas nos campos que a cercam. A população compõe-se principalmente de negociantes e de classes proletarias. Estas vivem em trapeiras, ou então em casas apertadas e escuras, que deitam para pateos, onde o sol nunca penetra. Este genero de habitações, incrivel n'um paiz civilisado e n'uma cidade tão rica, exerce uma funesta influencia sobre a moralidade publica. Os filhos dos operarios passam na rua uma grande parte do dia e da noite. Assim é preciso, porque, do contrario, morreriam de rachitismo ou de asphyxia. A corrupção, porém, victima-os, apoderando-se d'elles prematuramente. Um relatorio da repartição de policia, citado por Faucher, registava ha alguns annos 600 ladrões, que se empregavam na pilhagem dos dokas. 1:200 creanças eram os seus auxiliares n'esta exploração!...

A esta causa incontestavel de prostituição deve accrescentar-se outra não menos real. Nos portos de mar, os empregados são geralmente homens, por isso que a indole dos trabalhos d'esta especie está pouco em harmonia com a fraqueza das mulheres e das creanças. Além d'isso em Liverpool um grande numero de homens dedica-se á marinha, ou emigra para o interior do reino-unido, deixando a familia ao desamparo. Assim as mulheres e as creanças, entregam-se ao roubo, ou lançam-se no abysmo da prostituição. Em Liverpool, as mulheres figuram por mais de um terço no numero dos delictos graves. Faucher observa que esta proporção é superior á de Londres e o duplo da de Paris.

A população fluctuante de Liverpool torna necessaria a existencia de um grande numero de casas de hospedes, estalagens, aposentos mobilados, etc.

Em muitas d'estas casas, cada quarto contem nada menos de cinco ou seis camas, onde pernoitam dezoito e vinte pessoas. Uma simples cortina separa os homens das mulheres. Muitas d'estas casas para pernoitar são uma especie de sotãos, onde os hospedes se deitam promiscuamente em feixes de palha.

Estas casas, esta promiscuidade horrivel, já por tantas vezes indicada, é um dos costumes da Inglaterra mais funestos para a saude publica e para a moralidade. É certo que não vivem assim as classes remediadas de Liverpool, nem mesmo as de Londres, mas em compensação não são as classes remediadas as que pagam o principal tributo á immoralidade e ao vicio da prostituição.

Quando se descreve a prostituição de um paiz, escreve-se precisamente a pagina mais triste da historia do povo!...

O movimento incessante da população fluctuante de Liverpool deu origem a uma infinidade de estabelecimentos publicos, destinados ao prazer dos viajantes. Os locaes de diversões publicas, os salões, as tabernas, as casas de prostituição, apresentam os mesmos caracteres essenciaes que os de Londres.

De noite, sobretudo, ao terminar a hora dos negocios e do trabalho, quando as ruas se illuminam, é quando as prostitutas invadem a via publica, e começam a caça aos transeuntes. No sabbado, principalmente, dia de pagamentos, sahem aos enxames, diz Faucher, e deteem os transeuntes quasi á força. Dir-se-hia que exercem um direito, e que cobram um imposto que não pode recusar-se-lhes senão por mandado judicial. Precisam de homens a todo o custo, ainda que seja só para os roubarem, por isso que podem lançar mão de varios recursos. A prostituição não é mais do que um dos ramos da sua industria. Não ha muitos annos que a estas mulheres foram attribuidos, n'um periodo extremamente curto, 844 roubos.

Nada póde egualar a ousadia das prostitutas de Liverpool nem o cynismo com que se apresentam. Nada mais trivial do que as suas rixas e contendas, que a cada passo originam, e em que desempenham um papel muito activo. As que a policia apanha nos seus antros medonhos, apenas vestidas e completamente desfiguradas pelo habito da embriaguez, apresentam o mais triste e repugnante espectaculo.

Em Liverpool, assim como em Londres, e por eguaes razões, o numero exacto das mulheres publicas é desconhecido. Esse numero deve ser verdadeiramente espantoso.

Manchester:— A prostituição em Manchester apresenta caracteristicas muito diversas. Não só aqui as prostitutas são menos numerosas que em Liverpool, mas tambem não se apresentam com o mesmo descaramento.

Esta differença deve attribuir-se á influencia salutar do trabalho, que tem singularmente suavisado a violencia dos costumes.

Segundo Faucher, ha em Manchester 285 casas suspeitas, com uma população de um milhar de prostitutas.

De noite, nas ruas contiguas á Bolsa, encontram-se 500 a 600 desgraçadas, que passeiam em demanda de aventuras, e deve ainda reunir-se a este numero as prostitutas de cathegoria mais elevada, que não descem ao extremo

de provocar os transeuntes. Um missionario, que se consagrou a um inquerito pessoal nos bairros manufactureiros, Logan, affirma que Manchester contem 1:500 prostitutas.

A grande desproporção, que no assumpto de que nos estamos occupando, apresentam duas cidades tão proximas como Liverpool e Manchester, é verdadeiramente notavel. O destino, porém, a missão, a existencia de cada uma d'ellas não se assimelha ao destino, á missão e á existencia da outra. Os elementos da vida geral não são os mesmos, e d'aqui a differença que se nota entre ellas.

Manchester é principalmente uma cidade de negocio e de trabalho. Nada ha alli que recorde o movimento de Liverpool ou o da metropole. Quando a industria é prospera, a população inteira, homens, mulheres e creanças, todos se occupam d'ella. Pouco tempo resta para a libertinagem.

Além d'isso a corrupção que se exerce a preço de ouro, deve ser pouco activa n'esta grande cidade de trabalhadores. A aristocracia, nem sequer a de moderna data, não habita em Manchester. Os commerciantes e os fabricantes residem fóra da cidade em optimas quintas circumdadas de jardins.

É preciso tambem entrar em linha de conta com a sollicitude que os sacerdotes irlandezes empregam em vigiar e proteger os adolescentes. «N'esta cidade, diz Faucher, onde as creanças abandonadas a si proprias divagam pelas ruas, descalças e famintas, emquanto seus paes se embriagam nas tabernas, onde a policia chega a recolher 5:000 por anno perdidas na via publica, os sacerdotes catholicos teem abertas de noite as suas egrejas, como uma especie de asylo, onde as raparigas e os rapazes passam o tempo a entoarem canticos e a ouvirem as palavras dos pastores.

A prostituição modela-se em geral segundo o pessoal que a frequenta.

Em Liverpool, as mulheres publicas são mais especialmente frequentadas pelos estrangeiros e marinheiros. Em Manchester, a sua clientella recruta-se nas classes mais abastadas, geralmente fallando.

N'esta particularidade se funda o aspecto mais decente, apresentado pela prostituição d'esta ultima cidade.

No emtanto, não deve d'aqui deduzir-se que Manchester seja uma terra notavel pela sua moralidade. Não é essa a verdade.

A promiscuidade dos sexos e das edades nas fabricas é causa da mais espantosa desmoralisação. Em Manchester essa desmoralisação é excessiva, mas exerce-se, na grande maioria dos casos, em proveito do concubinato e não da prostituição. Além d'isso, nem sequer se imagina o abuso que se faz n'esta grande cidade das bebidas alcoolicas. Não são apenas os homens que se entregam á embriaguez. As mulheres e as creanças não lhes ficam atraz n'este vicio tão funesto!...

Edimburgo: — Para completar o quadro da prostituição ingleza, é preciso observal-a tambem em Edimburgo, que apesar da sua importancia, da elevada cifra da sua população, está longe de apresentar a este respeito o cahos inextrincavel da grande metropole do reino-unido.

Na essencia, a prostituição da capital da Escocia é a mesma da de Lon-

dres: condições sociaes differentes imprimem-lhe, porém, um sello particular, e dão-lhe uma fórma completamente nova.

Vamos analysal-a, tomando por guia o livro consciencioso do doutor Tait, antigo cirurgião do *Lok-hospital* de Edimburgo. Esse livro intitula-se *An inquiry into the extent causes and consequences of prostitution in Edimburgh, 1842.*

Quanto ao numero, tão difficil é conhecer o recenseamento exacto da prostituição de Edimburgo, como o da de Londres. A policia não tem a este respeito a menor noção. Só um funccionario, o thesoureiro do *Magdalen Asylum*, de Edimburgo, poude dar ao doutor Tait uma cifra, que parecesse aproximar-se da verdade. Esse funccionario calcula na media de 1000 as mulheres publicas da capital da Escocia. Este numero, porém, referido a 1842 deve actualmente ter pelo menos duplicado. Juntando a estes algarismos o numero de mulheres que secretamente exercem a prostituição, temos, approximadamente, uma somma de 3 a 4 mil mulheres, atacadas n'esse lodo infecto, que é o cancro mais terrivel das cidades populosas.

Seja, porém, qual fôr o numero exacto das prostitutas de Edimburgo, esse numero soffre grandes alterações.

No verão, depois da partida das familias ricas, que passam uma parte do anno no campo, esse numero decresce de uma maneira consideravel. No outono, durante as ferias universitarias, diminue ainda mais.

Estas oscillações constituem um phenomeno social curiosissimo para o observador, pondo ao mesmo tempo em evidencia um lado completo dos costumes geraes da Escocia. Em Edimburgo, as prostitutas de baixa ralé formam uma minoria pouco importante no conjuncto. As outras, que se distinguem do resto da prostituição ingleza pelo seu modo de vestir mais decente, pelas suas maneiras menos grosseiras, encontram a fonte principal dos seus proventos nas classes ricas e entre os estudantes que cursam a universidade. Quando estes clientes se retiram, acabam tambem os seus melhores recursos, porque a clientella das prostitutas não é estavel em Edimburgo, como nas cidades fabris e industriaes, nem se renova incessantemente como nos portos de mar, onde os viajantes se succedem sem interrupção. Uma parte das prostitutas abandonam, pois, a cidade, onde lhes escasseiam os meios de subsistencia. Algumas espalham-se pelas aldeias, a fim de estarem ao alcance dos seus freguezes. Outras acompanham os clientes ricos, que as levam comsigo nas suas excursões, chegando muitas vezes a sua pouca delicadeza ao ponto de as apresentarem em casas respeitaveis sob um nome supposto.

Relativamente á edade das prostitutas de Edimburgo, nada se póde dizer tambem de positivo. Temos á vista uma estatistica curiosa, que nos dá para 1000 prostitutas, existentes no *Lok hospital*, o seguinte:

Menores de 15 annos	42
De 15 a 20 »	662
De 20 a 25 »	199
De 25 a 30 »	69

De 30 a 35	annos	16
De 35 a 40	»	6
De mais de 40	»	6

A mais nova das doentes, curadas no *Lok hospital* de Edimburgo, de uma affecção venerea, contava apenas 9 annos de edade.

Os algarismos precedentes induzem-nos a crêr que em Edimburgo a maioria das mulheres publicas fluctua entre os 15 e os 25 annos, conclusão que tem a seu favor muitos visos de certeza.

Na capital da Escocia, divide-se a prostituição em dois grupos principaes, que, por assim dizer, nada teem de commum.

As mulheres do primeiro grupo são as que constituem, propriamente fallando, a prostituição de Edimburgo. As do segundo, ou as prostitutas de infina ralé, não são mais do que verdadeiras ladras.

As prostitutas da primeira classe differem de todas as mais por muitas razões. Esta classe é composta de raparigas solteiras, que na sua maior parte foram educadas para costureiras e modistas, entre as quaes ha algumas dotadas de uma instrucção superior. Muitas d'ellas sabem tocar piano, cantam e dansam com muito gosto, e fazem-se notar pelas suas maneiras tão graciosas como distinctas. A elegancia dos trajos e a ligeira côr rosada com que tingem as faces, tornam-nas em extremo seductoras. Muitas vezes as suas maneiras discretas e reservadas nas ruas, fazem-nas facilmente passar por damas de elevada cathegoria.

D'estas raparigas, umas abandonaram as antigas profissões, outras continuam n'ellas, consagrando ao mesmo tempo as noites á libertinagem. No entanto é de notar que estas ultimas mulheres vão perdendo pouco a pouco a feição ao trabalho, de maneira que a prostituição fica sendo o seu ultimo recurso.

Esta classe de prostitutas é muito frequentada pelos homens ricos e pelos officiaes superiores da guarnição, que chegam ao descaramento de se apresentarem com ellas em publico. A vaidade que estas relações inspiram ás raparigas, faz-lhes ter um profundo despreso pelas donas de casa e pelas prostitutas que vivem sob a sua direcção.

Segundo o doutor Tait, ha em Edimburgo tres estabelecimentos especialmente frequentados por esta classe de prostitutas.

A segunda classe compõe-se de creadas novas e bonitas que accumulam os lucros da prostituição com o seu honrado salario. Estas sereias provocam os transeuntes, umas vezes á porta da rua, outras da janella da casa onde servem, e onde recebem durante a ausencia dos amos os homens que se deixam cahir nas suas redes. Devido á incuria das mães de familia, as amas de leite são as que mais facilmente concedem estas entrevistas.

Querendo o doutor Tait dar uma idéa do escandalo e dos perigos que origina esta prostituição particular, conta no seu livro varias anecdotas, das quaes escolhemos a que se segue:

«Um dia um cidadão de Edimburgo entrou n'uma d'essas casas dispostas para receber as mulheres que se entregam á prostituição secreta. Qual não

foi porém a sua surpreza ao encontrar-se em presença de seus proprios filhos? As perguntas que lhes fez e as investigações a que procedeu na sua anciosa indignação não tardaram a fazer-lhe descobrir que a rapariga a quem confiára o cuidado de seus filhos estava mettida com um homem no quarto da casa.»

A terceira classe é a mais numerosa e comprehende as raparigas que residem habitualmente nas casas de prostituição.

Aqui deixamos esboçada a traços largos a prostituição ingleza, uma das mais desenvolvidas da Europa, em que pése aos orgulhosos filhos de Albion, puritanos que tanto se indignam contra os vicios do seu tempo, sem quererem ver as chagas hediondas, que existem na sua sociedade!

Bordel Flamengo

CAPITULO XIX

SUMMARIO

A prostituição em Berlim. — O que era esta prostituição durante a Edade-Media n'esta cidade allemã. — Primeira casa de prostituição. — Rapido esboço dos costumes berlinezes atravez dos seculos. — Decisões da intendencia geral de policia em 1852. — Leis contra a prostituição tolerada e clandestina. — A prostituição e o codigo penal prussiano. — A prostituição na Suissa. — O cantão de Berne — A prostituição em Bruxellas. — A prostituição na Dinamarca. — A prostituição na Noruega. — A prostituição em Hamburgo. — A prostituição na Hollanda. — A prostituição em Rotterdam e Amsterdam. — A Roma moderna. — Os *Chischisbeus*. — As mulheres galantes. — A prostituição na familias. — As *Celestinas*. — Os coches romanos e a honra das mulheres. — As casas das arrependidas. — Turim. — O ministro Ratazzi. — A prostituição nos Estados-Unidos. — A prostituição na Hespanha. — Questões sanitarias.

UMA industria poderosa, uma universidade concorridissima, uma numerosa guarnição, habitos de luxo, contrastes de riqueza e de miseria, todos os elementos que se consideram como causa da prostituição, encontram-se reunidos em Berlim.

Por isso poucas capitaes da Europa dão mais largo tributo do que ella a este obsceno flagello.

Desde a Edade-Media que se sentiu em Berlim a necessidade de limitar e vigiar a prostituição. Varios documentos attestam que desde aquella épocha as prostitutas foram obrigadas a viver em ruas distantes e a usar um trajo especial. Estavam collocadas fóra do direito commum, e submettidas á vigilancia e jurisdicção do carrasco, facto que caracterisa o espirito da épocha.

A primeira casa de prazer que mencionam as chronicas data do fim do seculo XV. Era privilegiada pelo governo ao qual satisfazia um imposto.

As prostitutas que se tornavam culpadas de infracções contra o regulamento que lhes era imposto, eram açoitadas e expulsas da cidade. No emtanto, estas desgraçadas recebiam uma especie de protecção da auctoridade, e eram de certo modo consideradas como propriedade da cidade. O que maltractasse uma cortezã, sujeita a esta vigilancia, era castigado como perturbador do repouso publico. Perseguia-se a prostituição clandestina, quer dizer, a que era exercida por mulheres que não pertenciam á classe das cortezãs, com grande rigor, e sem contemplação nem para com a classe nem para com a posição das pessoas.

As casas de banho, introduzidas em Berlim pelos Cruzados, e cujo numero era muito maior do que hoje na épocha a que nos referimos, fôra muitas vezes objecto das investigações da auctoridade. Eram pontos de reunião dos

libertinas das classes ricas e elevadas, e das mulheres suspeitas, que iam alli entregar-se á dissolução.

De vez em quando algumas mulheres consideradas honestas até então, mediante prova, ou simples suspeita de se haverem entregado á prostituição, eram castigadas e expulsas da cidade. Contam as chronicas que em 1332 um embaixador do arcebispo da Moguncia foi assassinado pelos moradores de Berlim, em consequencia de ter proposto a uma mulher honrada que o acompanhasse ao banho.

O concubinato era considerado como uma prostituição vulgar, e absolutamente prohibido. Havia uma lei, preceiptuando que as pessoas que cohabitassem, sem serem unidas pelos laços da egreja, fossem expulsas de Berlim.

Alem das prostitutas submettidas á vigilancia da auctoridade, as quaes tinham o nome de *meninas da cidade*, havia outras chamadas mulheres errantes ou ambulantes.

Estas eram egualmente notadas de infamia, e eram protegidas pelas auctoridades. A sua especialidade consistia em irem de feira em feira entregar-se á prostituição.

A reforma introduziu grandes mudanças n'este estado de cousas. Começou a haver no povo principios de moral mais severos. O rigorismo religioso tractou logo de flagellar o que até então havia sido considerado com indulgencia. Chegou mesmo a considerar-se o celibato como um vicio, e os solteiros foram obrigadas a casar para evitarem toda a occasião de libertinagem. Houve por essa épocha uma especie de proscripção contra as prostitutas e mulheres dissolutas, e dentro em pouco a cidade ficou quasi inteiramente livre d'ellas. As consequencias d'este puritanismo, muito para louvar sob o ponto de vista moral, apesar de pouco em harmonia com as condições da nossa sociedade, não se fizeram esperar muito tempo: a multiplicidade dos abortos voluntarios, da exposição de creanças, e dos adulterios, obrigou os mesmos que professavam os principios mais austerios, a fazer leis menos rigorosas. Não só foi restabelecido o antigo estado de cousas, mas alem d'isso reconheceu-se que não sendo sufficiente para a população o numero, era preciso augmental-as.

De resto, como logo veremos, esta experiencia devia renovar-se frequentes vezes em Berlim, por isso que a tenacidade peculiar aos allemães não permittiu ao governo da cidade ficar satisfeita com este primeiro ensaio, e a lucta entre a rigidez protestante e os intuitos praticos do governo chegou até ao anno de 1855, em que se veio a estabelecer um systema fixo.

Por outra parte, nas medidas de que fallamos não se fazia caso senão da moralidade. A hygiene publica jazia n'um completo olvido, o que se comprehende, por isso que não tendo a syphilis feito grandes estragos durante o seculo XVI, não se sentiu a necessidade de vigiar ou conter os progressos d'este flagello até chegar o seculo XVII. Em 1700, pois, apparece o primeiro regulamento sobre este assumpto. N'elle se continha a prescripção de uma visita medica de quinze em quinze dias. Diz-se alli tambem que as casas de prostituição são unicamente toleradas: e regula-se a posição das prostitutas livres, que occupam um domicilio particular. As doentes eram enviadas para um hospital, onde se tratavam,

e depois da sua cura enviavam-nas para uma casa de reclusão, onde deviam trabalhar até ao completo pagamento das despezas da sua enfermidade.

Um relatorio feito em 1717 dá a mais triste idéa do estado moral de Berlim n'aquella épocha, e contém, além d'isso, curiosos promenores sobre o caso. A prostituição clandestina havia chegado ao seu cumulo: as casas de correcção já não chegavam para conter as mulheres dissolutas que para alli eram enviadas. Para obviar a tão deploravel estado, viu-se o governo obrigado a favorecer o estabelecimento das casas de tolerancia, cujo numero augmentou sensivelmente em pouco tempo. Havia em Berlim, ao acabar a guerra dos sete annos, mais de cem casas d'este genero, contendo cada uma, termo medio, nove prostitutas, numero elevadissimo em relação á população d'essa épocha. Estas casas dividiam-se em tres cathegorias ou classes: as da infima recebiam os homens da ralé, e as prostitutas vestiam exactamente como as mulheres do povo. As casas da segunda cathegoria eram consagradas á classe dos artistas e á classe media, e as prostitutas que faziam parte das ditas casas não se mostravam senão cheias de tinta na cara e com espartilhos de baleia. As casas da terceira classe eram uma especie de café, onde as prostitutas se apresentavam com toilettes luxuosas para attrahirem os concorrentes, mas não viviam alli: iam lá a horas determinadas mostrar-se e exercer as suas seducções. Esses logares eram quasi exclusivamente frequentados por individuos pertencentes ás classes elevadas da sociedade. A maior parte das prostitutas recrutava-se, sobre tudo, entre as filhas dos soldados.

Um novo regulamento, publicado em 1791 introduziu certas modificações, e creou especialmente um imposto mensal, que cada prostituta devia pagar para as despezas em caso de enfermidade. Em 1795 este imposto tornou necessaria a divisão das mulheres publicas em tres cathegorias. Segundo o luxo que havia n'estas casas e segundo a taxa exigida dos visitantes, as prostitutas da primeira cathegoria pagavam cada mez 3 francos e 75 centimos, as da segunda 2 francos e 50 e as da terceira 1 franco e 25. As prostitutas isoladas eram consideradas de primeira e segunda cathegoria. A elevação no preço dos generos de primeira necessidade, durante e depois das guerras do fim do seculo XVIII, diminuiu os recursos da caixa de soccorros, e fez elevar o imposto mensal a 7 francos e 50 centimos, 3 francos e 75 centimos, e 2 francos e 50 centimos, respectivamente para cada uma das tres cathegorias. As isoladas pagam todas, indistinctamente, 3 francos e 75 centimos.

Esta medida, mantida e praticada até hoje, tem dado excellentes resultados.

Comprehende-se que, durante as guerras do fim do seculo XVIII e principios do actual, a vigilancia afrouxasse bastante, e desse logar a grandes estragos da syphilis. Desde 1815 a 1829, observaram-se os antigos regulamentos. N'este ultimo anno, um novo decreto introduziu n'elles algumas modificações. Pouco a pouco, e sob o influxo de uma pressão normal, as casas de prostituição foram-se approximando umas das outras, acabando por se encontrarem quasi todas nas mesmas ruas. Facil é avaliar as desordens resultantes d'esta proximidade. Tantas e tão repetidas foram, que em 1840 começaram os

proprietarios em varias ruas da cidade a pedir a suppressão das casas de tolerancia.

Apesar das observações sensatas da policia, o governo ordenou em 1844 a suppressão das referidas casas. Foram, portanto, fechadas em 1845, e as raparigas enviadas para a terra da sua naturalidade, ou para pontos por ellas mesmas indicadas fóra do territorio prussiano.

N'uma questão, que apresenta, por mais que se diga, tantas difficuldades, nada tem de extranho vêr supprimir, restabelecer e transformar a ordem das coisas.

Fechadas as casas, a prostituição clandestina adquiriu um desenvolvimento extremo, e a syphilis chegou a pontos nunca vistos. Ao cabo de dez annos, o governo teve de optar por este mal necessario—o restabelecimento das casas de prostituição.

A necessidade de tal medida é perfeitamente demonstrada pelos factos que vão lêr-se:

Como dissemos, durante a suppressão das casas de tolerancia, a syphilis propagou-se consideravelmente. Pode verificar-se o facto pelos quadros estatisticos, feitos pelos registros do hospicio de caridade.

Não só a enfermidade se tornou mais frequente, mas adquiriu uma gravidade notavel, e o tempo de permanencia nos hospitaes augmentou consideravelmente. A guarnição sobretudo resentiu-se profundamente dos ataques d'este mal. Observaram-se n'ella os accidentes primitivos, secundarios, e terciarios, como succede quasi sempre quando a vigilancia afrouxa. O flagello fez taes progressos em Berlim n'aquella épocha, que o general de Wrangel, inteirado da verdadeira causa do mal, sollicitou do ministro do interior o restabelecimento das casas de tolerancia.

D'aquella suppressão provieram tambem infames habitos: houve numerosos accidentes venereos, e o onanismo solitario, esse vicio degradante, que não só mina o organismo physico, mas que tambem debilita de uma maneira indelevel as faculdades intellectuaes, propagou-se entre a população e o exercito.

Multiplicaram-se tambem os nascimentos illegitimos, e como as mulheres casadas podiam tambem entregar-se mais facilmente á prostituição clandestina, viu-se por falta de vergonha haver casamentos contrahidos expressamente para esse fim!

Durante o periodo em que as casas de prostituição estiveram fechadas, os ladrões, os criminosos de toda a especie, os encobridores de furtos, os forçados fugidos das galés encontravam seguro refugio nas casas secretas das prostitutas, que pela sua parte tinham um poderoso interesse em se subtrahirem á vigilancia da policia.

A prostituição publica e vigiada havia-se transformado n'uma prostituição clandestina, que escapava a todas as investigações.

As prostitutas casadas, principalmente, protegidas pelo seu matrimonio, proporcionavam aos que tinham que temer as pesquizas da policia asylos seguros e commodos.

Um relatorio, feito em 1849 por um commissario de policia, ministra dados bens circumstanciados sobre as classes perigosas da prostituição de Berlim.

Este relatorio calcula o numero dos ladrões de profissão, que vivem inteiramente dos productos do crime, e dos individuos já castigados, por ataques á propriedade e outros delictos identicos, em 7:000. Os das pessoas que foram condemnadas, das que se rehabilitaram, e o das que soffreram condemnação correccional, mas que por isso mesmo se devem considerar perigosas, em 8:000. O dos individuos que mudam continuamente de domicilio e procuram subtrahir-se á vigilancia da policia, porque a sua maneira de grangear meios de subsistencia põe em perigo a propriedade, em 3:000. O dos mendigos, vagabundos e farroupilhas, gente sem eira nem beira, em 10:000. Finalmente o das prostitutas de todas as classes da sociedade, em 10:000.

Para se fazer ideia do movimento syphilitico de um hospicio de Berlim, o da Caridade, apresentamos a estatistica seguinte:

Em 1838 entraram no hospicio	634	mulheres
Em 1839	728	»
Em 1840	757	»
Em 1841	743	»
Em 1842	676	»
Em 1843	662	»
Em 1844	657	»
Em 1845	514	»
Em 1846	627	»
Em 1847	761	»
Em 1848	835	»
Em 1844 entraram no hospicio	741	homens
Em 1845	711	»
Em 1846	813	»
Em 1847	894	»
Em 1848	979	»

Os relatorios sobre os casos de enfermidades venereas, entre a guarnição, dão os seguintes algarismos:

Nos annos de 1844 e 1845 houve 755 enfermos, dos quaes 633 atacados de syphilis primitiva: — 17:916 dietas: e 102 atacados de syphilis consecutiva: — 4:837 dietas.

Em 1846 e durante a primeira metade de 1847, contaram-se 678 doentes: d'estes 507 atacados de syphilis primitiva — 17:788 dietas; e de 117 doentes apresentando symptomas consecutivos: — 5:213 dietas.

Como curiosidade, vamos dar o modelo official do requerimento dirigido á auctoridade de Berlim para auctorisação do estabelecimento de uma casa de tolerancia:

«Eu abaixo assignado requeiro ao magistrado, encarregado da vigilancia da prostituição em Berlim, me permitta alugar na casa n.º..., rua..., quartos

mobilados a mulheres, que se entregam completamente á prostituição. No caso de que a minha petição seja attendida, comprometto-me ás seguintes obrigações:

«1.ª—Considerarei esta permissão como uma licença, que me pode ser retirada ou modificada em qualquer tempo pela Commissão, sem que me assista o direito de inquirir os motivos d'essa resolução.

«2.ª—Comprometto-me a não admittir prostitutas na referida casa, sem antes d'isso haver obtido permissão especial da Commissão.

«No caso de proceder em contrario a isto, pagarei por ordem da Commissão uma multa de 100 thalers.

«Comprometto-me egualmente a não deixar habitar na casa e suas pertenças, outras mulheres que não tenham sido por mim admittidas com consentimento da Commissão.

«Por cada infracção a este compromisso, pagarei uma multa de 100 thalers.

«3.º—Obrigo-me além d'isso a não admittir para o serviço domestico mulheres, que não tenham completado 40 annos.

«Em caso de contravenção, pagarei uma multa de 50 thalers.

«4.º—Obrigo-me a não deixar entrar na dita casa outras mulheres nem homens menores de 20 annos, sob nenhum pretexto.

«Por cada infracção, pagarei uma multa, variando entre 50 a 200 thalers.

«5.º—Comprometto-me a vigiar e evitar cuidadosamente que não haja na referida casa desordens ou tumultos de qualquer especie, que possam dar logar a reclamações da parte dos visinhos.

«Se eu proprio desse logar a reclamações d'esta indole, ou se causadas por culpa d'outrem, eu não fizer todo o possivel para as impedir e reprimir, pagarei á ordem da Commissão uma multa de 10 a 100 thalers, e repararei todo o prejuizo que tenham recebido outras pessoas.

«6.º—Obrigo-me a não ter, nem deixar entrar na casa bebidas espirituosas, nem tão pouco tolelarei musicas nem danças.

«Por qualquer contravenção a este respeito, pagarei uma multa de 5 a 50 thalers.

«7.º—Comprometto-me a ter fechadas as janellas da casa. Qualquer falta n'este sentido obrigar-me-ha a uma multa de 5 a 10 thalers.

«8.º—Obrigo-me a não fazer reforma alguma na construcção interior ou exterior da casa, sem previo consentimento da Commissão.

«Por qualquer contravenção, pagarei uma multa de 5 a 50 thalers.

«9.º—Comprometto-me a vigiar porque nenhuma das mulheres que vivem em minha casa, appareça á porta, ou nos jardins e sitios de recreio publicos, nem nos bailes ou passeios.

«No caso de uma ou muitas das minhas pensionistas serem encontradas em algum dos ditos logares, pagarei uma multa de 3 a 4 thalers por cada uma.

«10.º—Obrigo-me, no caso de permittir ás minhas pensionistas o darem um passeio, ou fazerem uma viagem, a sollicitar a permissão respectiva, e submetter-me inteiramente á decisão da Commissão.

«Por cada contravenção, pagarei uma multa de 5 a 10 thalers.

«11.°—Comprometto-me a dar conhecimento á Commissão do contracto que sou obrigado a estipular com cada uma das minhas pensionistas, para casa, comida, vestidos, etc., e esperar, para a sua execução, a respectiva concessão.

«Comprometto-me tambem a submetter-me, para qualquer modificação ulterior d'este contracto, á decisão da Commissão.

«Por cada infracção, pagarei uma multa de 5 a 20 thalers.

«12.°—Obrigo-me a submetter a tarifa á approvação da Commissão, e por cada transgressão nos preços da referida tarifa, pagarei uma multa de 5 a 20 thalers.

«13.°—Comprometto-me a evitar sempre que alguma das minhas pensionistas contráia commigo, ou sob minha fiança, dividas que excedam a somma de 20 thalers.

«No caso de fraude, ou de negligencia da minha parte, pagarei por cada contravenção uma multa de 5 a 50 thalers.

«14.°—Obrigo-me a não bater nem encerrar as prostitutas que viverem em minha casa, nem exercer violencia alguma contra as suas pessoas.

«Por cada contravenção, pagarei uma multa de 5 a 20 thalers.

«15.°—Obrigo-me a vigiar sempre por que as minhas pensionistas vivam exactamente segundo as prescripções que lhes forem dadas pela Commissão, e a fazer-lhes observar a mais stricta limpeza corporal. No caso de alguma d'ellas cahir doente, darei immediatamente conta ao medico do districto ou á Commissão.

«Prometto sobretudo observar com toda a attenção a existencia de qualquer enfermidade venerea, ou sarna das minhas pensionistas.

«Se vier ao meu conhecimento, ou mesmo tenha só desconfiança de alguma d'ellas estar atacada de enfermidade contagiosa, não só advertirei logo o medico proposto e a Commissão, mas tractarei de separar a suspeita das pensionistas, e de qualquer visitante, até á chegada do medico, ou até á translação d'ella para o hospital.

«Por cada infracção a este respeito, pagarei em virtude de ordem da Commissão, uma multa de 10 a 100 thalers, e assumirei a responsabilidade de qualquer prejuizo que possam soffrer terceiras pessoas pela infracção que essa pensionista lhes tiver communicado.

«16.°—Prometto egualmente, apenas tiver certeza ou a simples suspeita da gravidez de alguma das minhas pensionistas, apressar-me a declaral-o á Commissão.

«A omissão d'esta declaração sujeitar-me-ha á multa de 100 a 200 thalers.

«17.°—Comprometto-me não só a não oppor obstaculo algum ás visitas de dia ou de noite do medico ou dos empregados de policia, mas tambem a secundal-os, quanto de mim dependa, e até a prover-me de utensilios, instrumentos, medicamentos e objectos diversos para os cuidados sanitarios prescriptos pelos medicos.

«Por cada contravenção voluntaria, ou negligencia, pagarei uma multa de 5 a 20 thalers.

«18.º—Obrigo-me a receber cada mez adiantadamente, de cada mulher que estiver em minha casa, exceptuando as criadas, a somma de..., como contribuição para a fazenda publica, e a satisfazer integralmente estas contribuições á Caixa principal da policia antes do dia 6 de cada mez.

«No caso de qualquer das minhas pensionistas não me ter satisfeito a sua quota, serei obrigado a pagar por ella, e lançarei este pagamento em sua conta.

«19.º—A percepção e adiantamento d'estas contribuições mensaes dão-me direito, quando as mulheres de minha casa, exceptuando as creadas, estiverem atacadas de enfermidades contagiosas, a fazel-as tractar e curar no hospital, e dispensam a prostituta de pagar a contribuição durante todo o periodo do seu curativo.

«20.º—Comprometto-me a que todo o tractamento das minhas pensionistas, quando forem atacadas de outras enfermidades, ou de parto, corra por minha conta, e a Commissão, no caso de recusa da minha parte a satisfazel-o, poderá tirar a importancia d'elle da minha fiança, sem que me assista o direito de recorrer a este respeito.

«21.º—Obrigo-me, além d'isso, dado o caso de se me outorgar a concessão, de estabelecer uma casa de prostituição, a entregar, para despezas de vigilancia e tractamento á caixa principal da policia, renunciando a qualquer restituição, a somma de...

«Esta somma não poderá ser-me devolvida, senão no caso da auctorisação me ter sido retirada, nos seis mezes que se seguirem á entrega, sem que n'esse periodo me tenha sido imputada qualquer falta pessoal.

«22.º—Para assegurar o pagamento das multas em que consenti, obrigo-me a depositar na caixa da policia, nos tres dias que se seguirem a este pedido, uma somma de... a titulo de fiança.

«Esta somma ser-me-ha devolvida, se a permissão de estabelecer casa de prostituição me fôr retirada sem culpa alguma da minha parte, ou se eu renunciar voluntariamente á auctorisação que me conceder a policia.

«N'este caso, terei de avisar a commissão com tres semanas de antecedencia.

«A omissão d'este aviso obrigar-me-ha a uma multa de 20 thalers.

«23.º—Todas estas multas não me dispensarão, como de direito se entender, das penas dictadas pela lei contra os crimes e delictos, e para isso tomei pleno conhecimento das leis e ordenações prohibitivas da prostituição clandestina, da seducção, do proxenetismo, da occultação de gravidez, do aborto, etc., etc.

«No caso de me haver tornado culpado, e de soffrer um justo castigo por crime ou delicto d'esta especie, considerarei a prohibição que a auctoridade me fizer da sua tolerancia, como um resultado da minha culpa.

«Por falta praticada, perderei a minha auctorisação, se por trez mezes tiver deixado de cumprir as prescripções da Commissão.

«Se a auctorisação me tiver sido retirada por culpa minha, não terei di-

Rameira suissa

reito ao reembolso da fiança, que, n'esse caso, poderá ser applicada ás despezas de vigilancia e tractamento.

«24.º — Prometto submetter-me a todos os pontos que são objecto d'este compromisso, e renuncio completamente a dirigir-me aos tribunaes ordinarios.

«Assim, pois, se eu não julgasse dever submetter-me á decisão da Commissão por tal ou tal caso, só poderia recorrer á intendencia da policia, a cuja decisão me submetterei sem reserva.

«Qualquer pedido judicial, por minha parte, terá como consequencia o ser-me cassada a concessão, que pelo presente documento me é feita.

«25.º — A commissão tem o direito de cobrar-se, *brevi manu*, e sem nenhuma formalidade judicial, sobre minha fiança, das multas expressas no presente documento, apenas eu incorrer n'ellas, e pela mesma razão me comprometto a completar a fiança, á medida que ella fôr diminuindo, por causa das multas, sem o que perderei a concessão e o resto da referida fiança.

«Berlim de de 18...»

(Assignatura.)

O codigo penal prussiano, no seu artigo 146, continha a disposição seguinte: «As mulheres que se entregarem á prostituição, contrariando as disposições policiaes, serão castigadas com o *maximum* de encarceramento por oito semanas.»

O tribunal poderá ordenar, ao mesmo tempo, que a mulher, depois de ter soffrido o seu castigo, seja encerrada n'uma casa de correcção. No caso da culpada ser estrangeira, poderá, cumprida a sua pena, ser expulsa do territorio.

Outras disposições, não menos severas, ameaçam constantemente as prostitutas de Berlim, e os que contribuem infamemente para a perdição d'estas desgraçadas. Assim, o que por habito ou interesse houver facilitado a libertinagem de uma ou muitas pessoas, de um outro sexo, será castigado como proveneta, e este castigo consistirá no minimo de seis mezes de prisão, e na perda dos direitos civis, ficando ainda sujeito á vigilancia da policia.

Os que favorecerem ou facilitarem a prostituição serão encerrados n'uma casa de correcção, sem que possa passar de 5 annos o tempo de prisão por esta causa, e isto nos seguintes casos:

1.º — Se, com o fim de favorecerem a prostituição, empregaram artificios fraudulentos;

2.º — Se os culpados são ascendentes da pessoa, incitada á libertinagem, como por exemplo, seus tutores, mestres, etc., ou se forem ecclesiasticos.

O que houver commettido um ultraje publico ao pudor, será castigado com uma prisão de tres mezes a tres annos, podendo ainda ser privado, temporariamente, do exercicio dos direitos civis.

....

Passemos agora a outra nação visinha d'aquella de que nos temos occupado: — á Suissa.

Em Berne, já na Edade-Média a prostituição estava muito espalhada na

cidade, e tambem em todas as povoações adjacentes, que hoje fazem parte do cantão d'este nome, e havia tomado, sob certos pontos de vista, em razão dos costumes nacionaes, um caracter particularissimo.

Entre estes costumes, recordaremos em primeiro logar o uso estabelecido entre rapazes de visitarem durante a noite, ordinariamente em grupos, as raparigas do seu conhecimento, e permanecerem em alegre companhia até de madrugada. É evidente que estas visitas deviam trazer comsigo as mais funestas consequencias.

Desde longa data, os banhos publicos, estabelecidos n'esta cidade suissa, deram logo logar a incriveis desordens.

Depois da invasão da republica de Berne pelos exercitos francezes, estabeleceu-se uma casa de prostituição no numero 13 da rua do Arsenal, que foi muito frequentada por grandes personagens d'aquelle tempo.

Quando mais tarde a opinião publica começou a ser mais severa, a situação d'aquelle estabelecimento, junto de uma egreja das mais frequentadas, pareceu inconveniente ás auctoridades, ao passo que era egualmente considerada incommoda pelos frequentadores.

Taes foram as razões da mudança d'esta casa publica, até ao fim da existencia da republica Helvetica, para a nova rua em que estava, quando uma ordem do conselho de Estado a fechou em 1828, supprimindo-se tambem o banho publico, que d'ella dependia.

Desde esta ordem, não existe nem nas leis do cantão, nem nos regulamentos de policia particulares a capital, nenhum artigo que mencione as casas de prostituição.

Este estabelecimento, consistia em duas casas, situadas uma ou lado da outra, designada com os numeros 94 e 95, e situadas nas margens do Aar, perto dos jardins, junto das elegantes habitações das antigas familias patricias, e ao pé da vasta esplanada que sustenta a cathedral.

Chamava-se o bairro Matte, e nunca foi habitado senão por familias de operarios.

As duas casas não faziam senão um só estabelecimento, que além da sua fama notoria de casa de prostituição, era muito conhecida e estimada pela excellencia da sua cosinha, e pela boa qualidade do vinho que alli se bebia.

A policia nunca se resolveu a intervir nos negocios d'aquelle sitio, sob o ponto de vista sanitario.

Se, apesar d'isto, a existencia de estabelecimentos do mesmo genero, situados todos nas margens do Aar, e em bairros retirados, é muito conhecida pela policia como particulares, como publicos não são tolerados senão a titulo de banhos publicos, e estão organisados de modo, que nada de quanto alli se possa passar dá logar a uma intervenção official da auctoridade. Pagando ao Estado as suas contribuições para a venda de vinhos e licores, como qualquer outro estabelecimento analogo, são absolutamente submettidos ás mesmas medidas de policia, e a eguaes penas repressivas.

As mulheres, que se destinam ao *fim principal* do estabelecimento, parecem á primeira vista destinadas a outros misteres. Assim, tractam da cosi-

nha, dispensa e fornos, de preparar os banhos, da limpeza dos quartos, etc. Outras vezes figuram como parentas da dona da casa.

De tudo isto póde deduzir-se que a vigilancia sanitaria deve ser muito limitada. E, effectivamente, é apenas a compativel com os interesses do dono do estabelecimento. Este escolhe um medico, que faz uma ou duas vezes por semana o exame sanitario das prostitutas alli albergadas.

Tal é o quadro das casas de prostituição que possue de facto, mas não de direito, a cidade de Berne, nos seus afamados banhos da *Ilha* e do Aarziehle.

O pessoal activo de cada estabelecimento compõe-se de tres a cinco mulheres, ou de seis a dez entre ambas, cujo numero em certas occasiões augmenta ainda consideravelmente, sobretudo quando occorre alguma festa notavel, que deva chamar a concorrencia de forasteiros.

No verão, por occasião das viagens, estas casas de prostituição são egualmente concorridissimas.

Metade das prostitutas são suissas. Outras veem de Emmenthal, localidade onde ha mulheres magnificas. As que accodem de França e d'outras partes da Suissa, onde se falla francez, não teem grande voga.

As indigenas do cantão de Berne sabem fallar francez.

. . . .

Em Bruxellas, capital da Belgica, cidade de commercio, de luxo e de prazeres, a prostituição attinge um grande desenvolvimento. Durante largos annos, por falta de medidas repressivas, a libertinagem e o vicio chegaram a um ponto inaudito. Foi então que o governo cuidou de instituir medidas administrativas e hygienicas, sufficientemente efficazes, que foram objecto de profundas locubrações da parte dos medicos, logistas e magistrados, animados do desejo do bem.

Hoje, graças a tão beneficos exforços , graças sobretudo á viva sollicitude e á poderosa energia dos primeiros magistrados, a prostituição está submettida a uma policia sevéra, de modo que possa satisfazer todas as condições da hygiene e da moral publica.

Para conseguir este resultado, foi preciso vencer muitas difficuldades, fazer prodigiosos exforços, denunciar numerosos abusos, ferir grande numero de preconceitos, e dar actividade e força ás auctoridades, por meio de energicas e constantes reclamações.

De tudo isto resultou um regulamento do qual vamos transcrever alguns artigos.

«Artigo 1.º — São consideradas mulheres publicas, todas as que se entregarem habitualmente á prostituição.

«Dividem-se em duas cathegorias:

«1.º — As *pensionistas*, quer dizer, as que teem morada fixa em casas de prostituição, toleradas pela auctoridade.

«2.º — As *isoladas*, quer dizer, as que teem um domicilio particular.

«Artigo 2.º — Umas e outras são obrigadas a fazer-se inscrever na Repartição creada para este fim, e na qual haverá para cada cathegoria um registro especial.

«Um empregado d'esta repartição formará listas em separado para a divisão da policia e para cada uma das secções.

«Artigo 3.º — A inscripção de uma prostituta verificar-se-ha, quer a requerimento seu, quer por officio, pela corporação de burgo-mestres e governadores.

«Artigo 4.º — Toda a prostituta matriculada será enviada á repartição da policia para alli ser registrada, e sel-o-ha, se o dever ser, em conformidade com os artigos 2.º e 3.º»

O regulamento contém ao todo 14 artigos, que não differem muito dos contidos nos demais regulamentos das outras capitaes.

Transcreveremos ainda algumas disposições curiosas.

O lampeão, que os donos de casas de tolerancia devem ter á porta de entrada dos respectivos estabelecimentos, será de côr vermelha para as casas publicas, e amarello para as casas de entrevistas. Terão, tanto uns como os outros, 30 centimetros de diametro, e estarão cuidadosamente accesos, desde o anoitecer até á meia noite.

As duas cathegorias de casas de prostituição serão divididas em tres classes, como se segue: A primeira comprehenderá as casas onde os favores se pagam desde 5 francos por diante. A segunda, as casas onde se paga de 2 a 5 francos, e a terceira, de 2 francos para baixo.

As casas de entrevistas comprehendem as casas onde o preço de entrada está fixo em dois francos, e d'ahi para cima. A segunda, de 1 a 2 francos, e a terceira, de menos de 1 franco.

Qualquer pessoa que sollicitar auctorisação para estabelecer uma casa publica, deverá independentemente da designação da classe em que deseja que a sua casa seja collocada, indicar ao mesmo tempo o preço que deseja exigir por cada classe de mulheres.

Os donos, surprehendidos na occasião de exigirem um preço superior, serão denunciados á corporação dos Burgo-mestres, que tomará para com elles as medidas administrativas que o caso exigir.

Nas casas publicas deve manter-se constantemente o maior aceio. Todas as vezes que fôr possivel cada mulher terá o seu quarto particular, onde terá á sua disposição tudo quanto o aceio exige.

Haverá sempre em cada um dos quartos das casas publicas, onde forem admittidos homens, o seguinte: Um frasco, contendo uma solução de soda caustica, e uma garrafa com agua fresca, tudo com etiquetas legiveis, roupa branca, toalhas limpas e dois vasos cheios de agua fresca.

A prostituição clandestina em Bruxellas, assim como acontece em todas as grandes capitaes, escapa a qualquer enumeração. É principalmente recrutada entre as raparigas a quem a preguiça ou o desejo de brilhar convidam a entregar-se a um commercio vergonhoso, que degrada e avilta a mulher. Desde a cortezã mais altiva, até á mais humilde filha do povo, todas pagam o seu tributo ao vicio e á libertinagem.

Apesar da vigilancia da policia, conseguem illudir os regulamentos e exercer impunemente o seu triste officio, recebendo em suas casas os homens,

a quem conseguem attrahir, quer em logares retirados, quer em estabelecimentos publicos, como theatros, casinos, etc.

Em Bruxellas ha uma casa de retiro e de penitencia, um estabelecimento dirigido por algumas religiosas, onde são admittidas as prostitutas, que fatigadas do vicio e da libertinagem, manifestam o desejo de voltar á vida privada, e de corrigir os seus costumes por meio de um profundo e sincero arrependimento.

Alli as desgraçadas moralisam-se, e empregam-se na costura e nos cuidados domesticos. Não saem d'aquelle sitio, senão quando se julgam sufficientemente corregidas, e decididas a portarem-se honradamente, o que nem sempre succede.

Muitas d'ellas, depois de uma permanencia mais ou menos demorada no convento, julgam mais commodo e lucrativo entregarem-se de novo á funesta inclinação, que as havia corrompido, e voltam a figurar nos registros da prostituição.

O estabelecimento, de que tractamos, falta completamente ao seu fim, não admittindo senão a prostituta já manchada pelo vicio. Esta desgraçada só difficilmente poderá abandonar a sua vergonhosa profissão para ganhar honestamente a vida com o trabalho das suas mãos.

Bem differente seria, se os que patrocinam e dirigem a instituição procurassem o meio de recolher e amparar as jovens, que a necessidade e a miseria arrastam á libertinagem.

Se, desde o primeiro passo, que ellas dão n'este caminho, encontrassem asylo, protecção e conselhos nas religiosas dedicadas a tão caritativo cuidado, outros, bem outros, seriam os resultados!...

....

Em Copenhague, a legislação prohibe a prostituição, e castiga as infracções commettidas sobre este assumpto, como os chamados *delicta carnis*.

O codigo de Christiano V e algumas ordenações ulteriores conteem penalidades contra estes delictos.

Estas disposições estiveram em vigor até hoje, embora a applicação das penas tenha soffrido algumas modificações na legislação moderna.

No emtanto, como não é absolutamente possivel, no estado actual, impedir a prostituição, sem provocar desordens ainda mais graves, julgou-se necessario modificar em certo modo na pratica o rigor das leis, e por isso desde longa data se toleram mulheres publicas em Copenhague e n'algumas grandes capitaes de provincia, como Helsingør, ou Elsenor, Aalborg, etc.

O governo não só tolerou tacitamente a existencia da prostituição, mas até lhe deu indirectamente uma especie de sancção, por uma ordenação real, expedida em 9 de maio de 1809, e em vigor desde então.

Este decreto ordenava ás mulheres publicas que n'aquelle tempo habitavam os arrabaldes da capital, que se apresentassem, quando estivessem atacadas de syphilis, nas repartições da policia, no praso de quinze dias.

As que se apressassem a obedecer a esta ordem serião curadas de graça, assegurando-se-lhe que os seus nomes ficariam secretos.

Ainda assim a prostituição não é senão tolerada, e até mesmo será prohibida, quando as circumstancias assim o exigirem, e por isso o governo evita o mais possivel, tudo quanto contribua para imprimir á prostituição o caracter de legalidade.

A vigilancia das mulheres publicas em Copenhague faz parte das attribuições de um dos funccionarios publicos, cuja repartição se encontra estabelecida na casa da municipalidade.

Ha alli um registro geral, em que se inscrevem todas as prostitutas com indicação dos dias em que foram visitadas, ou das razões por que se eximiram a essa visita.

Ha tambem nota d'aquellas a quem não se concedeu recorrer á prostituição como meio de subsistencia.

O primeiro agente toma nota das mulheres que se apresentam á visita, e recebe os certificados das que se fazem visitar em particular, informando-se tambem das que faltaram no dia fixo, para que sejam visitadas mais tarde e justifiquem a sua negligencia. N'uma palavra, este funccionario vigia, junto dos tres agentes subalternos, a conducta publica das mulheres inscriptas.

Os tres agentes subalternos teem: — 1.º Um registro de todas as mulheres publicas matriculadas. N'uma columna d'este registro ha informações sobre a vida anterior de cada uma d'ellas, mudança de domicilio e outras circumstancias que podem influir na sua posição, taes como, prisões, castigos soffridos, mudança de vida, matrimonio, etc., etc. — 2.º Um registro de observações, no qual são annotadas todas as mulheres suspeitas de prostituição, sem que estejam inscriptas officialmente. — 3.º Um registro de todas as casas do bairro, em que estão domiciliadas prostitutas.

Estes agentes exercem, além d'isso, no seu respectivo districto, uma vigilancia especial sobre quanto diz respeito á prostituição, fiscalisam a mudança de domicilio, e de accordo com o seu chefe, a conducta das prostitutas e dos donos de casa.

Em Copenhague, não existem casas de prostituição propriamente ditas, como nas outras grandes capitaes.

N'alguns estabelecimentos, onde se servem bebidas, encontram-se na sala de reunião as prostitutas que alli residem, mas ordinariamente estas mulheres permanecem nos seus aposentos, e n'esse caso os visitantes não teem a menor relação com o dono do estabelecimento.

As combinações e ajustes entre os donos de casa e as prostitutas estipulam-se sem intervenção da policia, a não ser que, no decurso do tempo, não venha a haver alguma questão entre as partes contractantes.

A maior parte das prostitutas alugam um quarto mobilado e estipulam o aluguer, assim como o preço do sustento, por dia, de maneira que possam de um para o outro momento mudar de domicilio.

O aluguer é ordinariamente muito avultado, de 1 a 3 thalers por dia, segundo a cathegoria da casa, e segundo n'elle vae ou não comprehendido o aluguer.

Este preço excessivo occasiona differentes mudanças de domicilio, ou

mesmo fugas, no intuito de se subtrahirem ao pagamento, o que causa grandes prejuizos aos donos de casa.

A policia não se intromette n'estes pormenores, já por systema, já porque a sua intervenção não daria grande remedio, attendendo á leviandade das prostitutas em se comprometterem a pagar preços elevados, para terem occupações luxuosas.

Um grande numero de prostitutas compram tambem vestidos a preços fabulosos, até a um escudo por dia, tomando-os de aluguer aos donos das casas, ou a outras pessoas que se dedicam a este negocio.

Algumas mais sensatas e arranjadas teem fatos e até moveis proprios. N'este caso, alugam um quarto por seis mezes, segundo o costume do paiz. Nas ruas de primeira ordem, não se toleram prostitutas, senão excepcionalmente, e isto quando teem domicilio particular.

As casas em que se lhes permitte morar encontram-se geralmente e desde tempo immemorial em ruas remotas e solitarias. É raro que as prostitutas se decidam a viver nos arrabaldes.

Em 1852, havia em Copenhague 68 pessoas auctorisadas a receber cada uma de 1 a 4 prostitutas. Essas pessoas tinham em suas casas 139 raparigas. 56 prostitutas viviam em domicilio particular.

Para impedir a propagação da syphilis, tomaram-se, tanto em Copenhague, como nas outras terras do reino, medidas extremamente severas. A execução d'estas medidas está confiada ao ministerio da justiça, creado em 1848, e do qual dependem todos os assumptos medicos e os da policia em geral.

Um collegio real de sanidade publica está aggregado ao referido ministerio, com attribuições puramente medicas.

Afim de impedir o mais possivel a propagação da syphilis na cidade, os militares atacados são obrigados a indicar a origem provavel do mal, para que immediatamente possa dar-se conhecimento á policia, e esta possa impedir as prostitutas suspeitas de communicarem o seu mal aos outros.

No exercito e na armada, os soldados sem graduação, os musicos e os officiaes inferiores, quando atacados de syphilis, são enviados immediatamente aos hospitaes militares. Em nenhum caso, podem fazer-se curar nas casernas ou quarteis.

O mesmo succede ás familias que pertencem a estas duas cathegorias militares. Na administração civil, no ministerio da justiça, e no que diz respeito a assumptos medicos propriamente ditos, o Collegio real de sanidade, cujas attribuições se extendem tambem aos militares, teem respectivamente a direcção superior das medidas contra esta enfermidade em todo o reino.

Debaixo das ordens d'esta auctoridade superior, o cuidado de assumpto em questão cabe aos presidentes dos districtos *(amts)* e depois d'estas á policia dos mesmos.

As auctoridades civis já anteriormente designadas são obrigadas a procurar, o mais breve possivel, dados sobre todos os casos de enfermidade syphilitica, e de tomarem *ex-officio* as medidas convenientes para a cura dos enfermos e extincção do mal.

Para conseguir o fim desejado, as auctoridades estão no direito de empregar, em certos casos, a revista sanitaria das habitações, e os decretos de 14 de março de 1778 e de 2 de julho de 1790, auctorisam os presidentes dos districtos até a castigarem as pessoas que não houverem declarado a tempo a enfermidade, a prisão a pão e agua, e outras penas similhantes, depois da cura.

No emtanto, actualmente estes castigos não podem ser infligidos pelos referidos magistrados, como auctoridades, senão em consequencia de sentença judicial.

Em consequencia d'estas rigorosas medidas, não ha ponto algum do paiz, se exceptuarmos a capital, onde a enfermidade venerea reine com intensidade.

Em certos districtos, como em Fuhneu, em alguns de Jutlandia e de Laaland, observaram-se desde tempos remotissimos, casos de enfermidades syphiliticas, epidemicas e de certo modo endemicas.

Hoje encontram-se ainda vestigios em certos districtos, mas os grandes focos do mal podem considerar-se completamente extinctos.

Sob o ponto de vista da hygiene publica, as enfermidades que mais a miudo são o resultado do contacto e da vida em commum, e que ás vezes até se propagam sem contacto sexual, são collocadas na mesma cathegoria da syphilis. Apesar d'isso, pelo decreto de 16 de janeiro de 1844, as penas concernentes á falta de declaração não devem ser infligidas n'estes casos, senão quando a sua existencia tenha sido intencionalmente occulta.

. . . .

Christiania, cidade maritima da Noruega e capital d'este reino, contém uma população mixta, que se eleva á cifra de 50:000 habitantes.

O porto é o ponto de reunião de grande numero de navios mercantes, o que faz com que a classe operaria e os marinheiros formem a grande maioria da população.

Assim se explica o grande desenvolvimento que a prostituição tem tomado n'aquella cidade. O governo, no emtanto, mostrou-se por isto mesmo muito cuidadoso da hygiene, e estabeleceu regulamentos especiaes para o exercicio da prostituição, a praga mais terrivel de todos os grandes centros populosos.

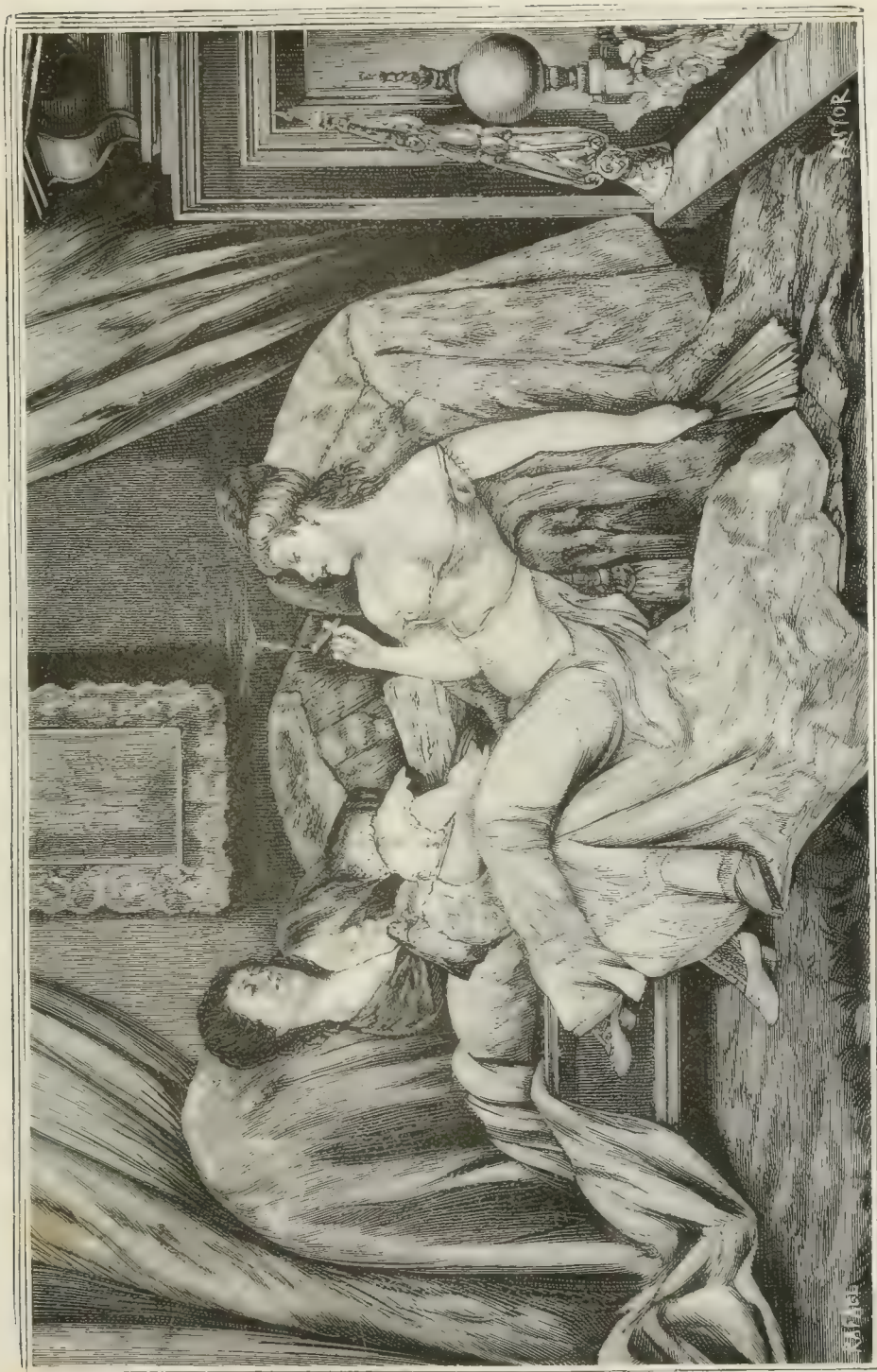
Instituiu-se para este fim uma commissão, sob o nome de «Commissão instituida para obter á propagação do contacto syphilitico».

Ha repartições para a matricula e visita das prostitutas.

As pessoas suspeitas de se encontrarem affectadas de syphilis, são egualmente visitadas *ex-officio*.

A vigilancia da prostituição é regulamentada por leis policiaes, que se tem reformado e completado successivamente.

As prostitutas são obrigadas á observancia de um regulamento severo. Todas as prostitutas *(offentlige tolererede fruentimmer)* devem inscrever-se nos registros da repartição competente, e proverem-se de um livrete que contem o numero de ordem, o nome, appellido, edade e signaes da prostituta a quem é entregue.

Esta é obrigada a mostrar o livrete cada vez que se apresentar á visita, ou na repartição de policia.

Cortezãs austriacas

É prohibido em absoluto ás mulheres publicas o estabelecer a sua morada em certos sitios da cidade, ou nas cercanias dos estabelecimentos publicos.

Além d'isso, teem obrigação, cada vez que mudam de domicilio, de dar parte da sua mudança á policia sanitaria.

Em caso de contravenção, o livrete, e por conseguinte a tolerancia, são-lhes retiradas, e segundo as circumstancias, as culpadas são encerradas na cadeia, ou punidas de outro qualquer modo em conformidade com a lei.

A *Instrucção* para os medicos da repartição de saude, datada de 10 de novembro de 1840, impõe a estes funccionarios numerosas obrigações.

Teem que visitar as prostitutas submettidas á vigilancia de oito em oito dias. Podem proceder a visitas extraordinarias, se assim o julgarem conveniente. Terminada a visita, indicam á prostituta em que dia deve apresentar-se para tornar a ser visitada. O medico entrega-lhe gratis um certificado do seu estado sanitario.

Toda a mulher encontrada infeccionada de enfermidade contagiosa, é enviada pela repartição de saude á presença do *Physicien*, medico da cidade, que promove a sua admissão immediata no hospital.

É dever dos medicos da repartição de sanidade publica o informarem-se por descobrir as pessoas atacadas de syphilis, ou suspeitas d'essa infecção. Devem indicar essas pessoas á policia sanitaria, para serem submettidas a tractamento, se as circumstancias assim o exigirem. O medico visitador está encarregado de escrever a data da visita no livrete da prostituta, e n'um registro aberto para esse fim. Este registro contem o numero de ordem dado á prostituta, o seu nome, edade, domicilio, o resultado da visita e o dia indicado para a proxima inspecção.

A *Syphilisação,* que tantas polemicas e controversias suscitou no mundo medico, e que foi repellida em Paris, quasi com indignação, tem sido muito bem acceite em Christiania, onde é applicada em grande escala pelo doutor Beeck, professor da faculdade de medicina. O sabio lente não emprega a *syphilisação* senão em doentes atacados de syphilis constitucional, e por conseguinte não lança na economia um virus novo. Repelle vehementemente a *syphilisação* prophylatica, e só a defende como remedio, segundo elle preferivel a todos os outros meios therapeuticos. Este remedio, na sua opinião, traz comsigo a immunidade, e não tem o effeito do mercurio nas gerações futuras.

Beeck approveita o pus de um cancro primitivo, e innocula-o no braço, ou no peito, segundo a indicação de Sperino, quando é preciso occultar as cicatrizes.

Podem consultar-se, para mais pormenores, os diversos trabalhos do referido professor, particularmente as suas obras sobre doenças de pelle, em collaboração com o doutor Damelsen, 1855.

Segundo os resultados obtidos por elle durante largos annos, eis as conclusões que estabelece.

1.º A immunidade absoluta, depois de innoculações sufficientemente prolongadas.

2.º A desapparição prompta das manifestações syphiliticas, que se produzem depois de principiada *syphilisação*, continuando-a regularmente.

3.º A melhora evidente da saude em geral, sob a influencia da *syphilisação*.

Bem entendido, nós não fazemos senão citar as conclusões do professor Beeck, mas devemos dizer que tudo isto se escreve á luz do dia, n'uma cidade importante, á vista de medicos illustrados, de discipulos instruidos, e sob um governo bastante zeloso da saude publica.

Tracta-se, pois, de uma questão importante, e que é digna da attenção geral. Entre os casos citados pelo auctor, um dos mais curiosos é o que se refere á cura de uma doente de 30 annos de edade, atacada de syphilis tuberculosa, tractada sem resultado algum por outros medicos, e radicalmente curada por 1:224 innoculações, feitas no espaço de dois annos. D'estas 1:224 innoculações, 998 produziram canceros, e 226 não deram resultado algum.

A syphilisação estará destinada a prestar verdadeiros serviços sob o ponto de vista therapeutico? Deverá ser preferida ao tractamento ordinario, ou deverá recorrer-se só a ella, quando a therapeutica se tornar impotente?

N'este ultimo sentido, o celebre Nelaton, n'uma das suas licções clinicas, pronunciava-se pela affirmativa.

Ouçamos ainda a este respeito o que dizia Jeannel em 1875:

«Se a syphilisação póde ainda discutir-se como meio therapeutico, applicavel a casos de syphilis terciaria de excepcional gravidade, deve ser definitivamente repellida e reprovada, como meio prophylatico.»

. . . .

A cidade de Hamburgo, celebre entre as antigas cidades hanseaticas pelas suas riquezas e pela actividade dos seus mercadores, é pela sua população uma das grandes cidades da Allemanha.

Pelo amplo desenvolvimento do genio commercial dos habitantes, é rival de Paris, de Londres e de Liverpool, e sendo a mais importante das cidades livres allemãs, é o verdadeiro typo dos costumes e das instituições municipaes, tão caracteristicas nas raças germanicas.

Todos os dias, um grande numero de navios, procedentes de todos os extremos do globo, ou partindo para todos os paizes, depositam n'aquelle poderoso foco da actividade humana os elementos mais extranhos e caprichosos:— Viajantes de todas as gerarchias e de todas as fortunas e das mais diversas nacionalidades, avidos das compensações que as suas economias forçadas podem proporcionar-lhes, depois dos incommodos e privações de uma larga travessia, vão alli entregar-se ao prazer e ás diversões.

Esta situação particular de Hamburgo, este caracter que em vão se procuraria em qualquer outro ponto da Allemanha, foram em todos os tempos da grande cidade a causa de um extraordinario desenvolvimento da prostituição.

Documentos antiquissimos referem-se a este grau de corrupção da cidade de Hamburgo. O *Codigo municipal*, no seculo XIII (1292) allude nos seus artigos 17, 18, 19 e 30, aos trajos das mulheres de má fama, e aos bairros que lhes eram destinados.

Ainda que não apparece indicado o numero d'essas mulheres, circumstancias ha que nol-o apresentam como muito consideravel.

Não poderemos dizer agora se as setecentas mulheres perdidas, de que fallam os chronistas, por occasião do concilio geral, celebrado em Constança, foram, como elles dizem, alojadas nas estrebarias, a expensas da cidade, mas em compensação possuimos documentos historicos, onde se conteem as condições de um convenio celebrado entre o Conselho Municipal de Hamburgo e dois arrematantes de certas tendas de mulheres, fundadas e alugadas pela municipalidade de Hamburgo.

Uma das condições do contracto dizia que por cada rapariga os arrematantes receberiam uma certa taxa, que, na sua totalidade não produzia, de 1460 a 1547, mais que 5 a 9 *talents* e 14 soldos ao anno, quer dizer, approximadamente, 3$600 a 9$000 réis.

Em 1540, esta somma foi elevada a 75 *talents*, e extraordinariamente, em 1562, a 569 *talents*; n'este mesmo anno, nota-se, porém, um augmento analogo nos demais impostos, o que se explica por uma necessidade urgente do thesouro municipal.

As medidas do antigo codigo mantiveram-se até 1603, em que certo rigor veio substituir a tolerancia até então observada. As casas publicas foram fechadas, e as prostitutas e os seus cumplices «arrancados á vergonha e desterrados», accrescenta o paragrapho 170 do regulamento.

Para caracterisar o estado da prostituição, em principios do seculo XIX, poremos á vista dos leitores alguns artigos do regulamento do anno de 1807, devido ao pretor Abendroth, e que contem as primeiras instrucções sobre a policia das casas e das mulheres publicas.

«Todo o individuo, diz o artigo primeiro, que der hospedagem a prostitutas, é obrigado a entregar na perfeitura a lista das pessoas que vivem em sua casa, com indicação da edade, naturalidade e data da entrada no estabelecimento.

«As raparigas, continúa o regulamento, tem obrigação de indicar ao dono da casa quaesquer symptomas da enfermidade venerea, que notarem, por mais insignificantes que taes symptomas pareçam, e abster-se, desde esse momento, de qualquer commercio com os homens, sob pena de severo castigo.

«Dado o caso que um homem enfermo sollicitasse o commercio com uma rapariga, e chegasse a vias de facto, para a obrigar, o dono ou dona da casa, sob pena de severo castigo, é obrigado a prestar todo o auxilio ás suas pensionistas.»

O resto das disposições são conformes ao estipulado em qualquer nação para o regimen da prostituição tolerada.

Offerece algum interesse o saber de que pontos se recruta para Hamburgo a prostituição.

Em 1846, estavam inscriptas em Hamburgo 512 raparigas, e n'este numero havia apenas 101 de Hamburgo.

Este pequeno numero explica-se porque nenhuma rapariga educada n'uma casa de caridade de Hamburgo é admittida á matricula.

Além d'isso, o contigente que as classes pobres, geralmente pouco vigiadas quando saem dos estabelecimentos de educação, ministrariam á prostituição publica, encontra-se sem duvida entre as victimas da prostituição clandestina, a qual como é sabido, illude sempre todas as pesquizas.

Por outra parte, toda a filha de Hamburgo, que deseja ser inscripta, precisa de licença paterna, ao passo que as estrangeiras não. Finalmente, as indigenas teem mais recursos, e mais destreza do que as estrangeiras para exercerem o seu officio sem auctorisação da policia.

Holstein, a Prussia, e sobretudo Brunswick e o Hanover, onde as mulheres são de uma belleza proverbial, fornecem os tres quintos da população de prostitutas: emquanto que os outros paizes da Europa apenas fornecem 1 quinto.

As causas, que ordinariamente induzem as raparigas a fazer-se inscrever, são as mesmas que influem na perda das mulheres de todo os grandes centros de população: — a necessidade de occorrer ao sustento proprio e das respectivas familias, tantas vezes faltas do pão quotidiano.

Em Hamburgo, como em todos os centros populosos, uma rapariga rarissimas vezes póde occorrer ás suas necessidades. Uma semana de trabalho é muito menos retribuida do que alguns minutos de condescendencia ...

As amigas, as astutas *Celestinas*, os instinctos da gulodice e do luxo, auxiliam efficazmente a perda. A joven succumbe, e d'ahi a pouco tem de seguir como unico recurso a carreira do vicio em que cegamente entrou.

Em Hamburgo, o observador encontra exactamente os mesmos germens de corrupção, que se deploram em todas as grandes capitaes.

As filhas illegitimas, as creadas, que na Allemanha substituem os rapazes nas cervejarias, as aprendizas de cabelleireiras, e finalmente como em todas as partes, as costureiras, as modistas, etc., subministram a maior parte das prostitutas.

As mulheres publicas em Hamburgo não são geralmente bonitas, mas são robustas, e dotadas de formas voluptuosas.

As raparigas bonitas dos paizes visinhos não precisam de recorrer á matricula, para encontrarem um grande numero de adoradores.

As primeiras contrastam sigularmente com as prostitutas das outras cidades da Allemanha, pela expressão de uma insolencia brutal, de uma intelligencia limitadissima, e pelos cabellos de uma rara belleza.

. . . .

Não deve causar surpreza á primeira vista, que n'um paiz onde a legislação corresponde ás exigencias modernas, n'um povo notavel pelo seu genio pratico, a administração publica tanto se demorasse em adoptar as medidas necessarias para attenuar o flagello da prostituição.

Só ha alguns annos a esta parte é que a Hollanda renunciou, sob este ponto de vista, á perigosa theoria da indifferença.

O governo decidiu-se finalmente a deixar aos municipios a faculdade de prevenir por meio de regulamentos especiaes, as funestas consequencias da prostituição livre.

A vigilancia, independentemente dos serviços que presta á sociedade publica, contribue para auxiliar os exforços da caridade christã para destruir o mal que descrevemos.

A philantropia particular secunda a vigilancia da auctoridade para combater a ignorancia e a miseria, estes dois mananciaes principaes da immoralidade popular.

Do mesmo modo que em todas as nações protestantes, a iniciativa individual e secular é de uma grande actividade em todas as obras caritativas da Hollanda. Ao passo que procura restringir antecipadamente pelos beneficios do trabalho e da instrucção o tributo pago á prostituição pelas classes laboriosas, o zelo dos particulares consagra-se a arrancar da sua degradação as desventuradas victimas do vicio.

Entre as tentativas feitas com tão louvavel fim e coroadas pelo exito, devemos mencionar o asylo chamado Steenbeck. Situado na vasta campina do Gueldre, em todas as condições desejaveis de salubridade e de isolamento, esta instituição tem dado os mais satisfatorios resultados.

Desde 1851, este asylo, estabelecido sobre as mais racionaes bases, visto que acolhe as arrependidas de qualquer culto, não bastava já ao fim a que se destinava.

Foi preciso alargal-o. Estes resultados são devidos a uma direcção tão severa como benevola.

A directora do Steenbeck, a senhora P. Voute, diaconisa, é uma dama tão distincta pela sua piedade e tolerancia, como pela sua posição social e illustração.

A liberdade, o respeito pelas convicções religiosas, taes são os principios que a inspiram. Está longe do pensamento dos fundadores a menor ideia de clausura. Muito pelo contrario, facilita-se sempre a sahida das pensionistas, no caso em que ellas queiram abandonar o asylo antes de decorridos os dois annos fixos para a sua permanencia normal. E, mesmo n'este caso, as raparigas recebem um auxilio pecuniario. Egual disposição existe no regulamento anteriormente adoptado pelo abbade Coural de Montpellier, para a sua *Solitude de Nazareth*.

Apesar dos seus louvaveis esforços, a communidade catholica hollandeza não poude ainda instituir conventos de arrependidas.

Parece á primeira vista que o flagello de que tractamos deve exercer entre a população hollandeza estragos limitadissimos.

N'um paiz onde o bem estar é geral, onde prevalece a vida de familia, a severidade dos costumes parece ser um obstaculo á propagação das desordens do vicio.

A influencia de clima induz mais depressa á embriaguez do que á libertinagem. Perdoem-nos a expressão, mas a *offerta* n'esta materia parece dever ser pouco consideravel, por serem os *pedidos* menos abundantes do que n'outras partes.

No emtanto, os hollandezes, não ousando comprometter a sua reputação em relações, demasiado difficeis de occultar com mulheres galantes, frequentam

occultamente as casas de prostituição. E isto que se dá nas classes inferiores, póde applicar-se tambem aos homens do povo.

Na Hollanda, o respeito do lar impera tanto no pobre como no rico.

É mister dizer-se: n'esse paiz a hypocrisia é uma homenagem, que ricos e pobres julgam dever prestar, no meio da sua dissolução, á virtude de suas mulheres e de suas filhas.

As *Kermesses*, tão populares na Hollanda, offerecem á gente do campo seducções perigosissimas, que mancham ás vezes a pureza patriarchal da sua vida. Todo o mundo sabe que uma *Kermesse* é a um tempo um mercado e uma festa, onde o camponez, ao vender os seus fructos, vae gosar os prazeres da cidade.

A auctoridade tolera então o estabelecimento de lojas de bebidas e de pastellarias, que são ao mesmo tempo, casas de prostituição a baixo preço, construidas de madeira para emquanto durar a *Kermesse*.

As provincias manufactureiras de Over-Yssel, Nooral, Brabant, etc., ministram numerosas victimas á prostituição. Muitas das prostitutas eram anteriormente creadas de servir.

Na Haya, residencia da côrte, centro de uma sociedade elegante, encontra-se um grande numero de concubinas e prostitutas de primeira ordem. Nos portos de Amsterdam e Rotterdam, as prostitutas não tèem que temer a competencia das cortezãs da alta roda.

Haya, residencia da côrte e cidade de uma grande guarnição, é muito mais que as cidades commerciaes do reino um centro de prazeres e de vicios A população ociosa é alli muito consideravel. Os costumes e os habitos das classes elevadas assimilham-se aos dos ricos habitantes das grandes capitaes.

Não nos occuparemos de uma cathegoria de mulheres, que na Hollanda só n'esta cidade se encontram. Mencionaremos tão sómente a presença d'essas raparigas, mais ou menos ricamente installadas, para recordarmos que em toda a parte, até mesmo na puritana e burgueza Hollanda, a opulencia ociosa tem as mesmas consequencias para a moralidade publica.

Quanto á prostituição propriamente dita, daremos um extracto dos regulamentos actualmente em vigor.

Por decreto de 12 de setembro de 1856, a auctoridade municipal regularisou e tornou mais severa uma vigilancia até então muito imperfeita.

Reproduzimos tão sómente as novas disposições que derogam o anterior estado de coisas. Os dados seguintes são-nos fornecidos pelo doutor Champfleury van Ysselstein.

N'uma população de 75:000 almas, ha apenas a inscripção de 100 mulheres publicas. Mas esta estatistica é incompleta.

As enfermidades venereas e as affecções cutaneas são tratadas n'um hospital especial.

O erudito medico, a quem devemos estes dados, diz:

«Ha onze annos que estou encarregado d'este serviço, e vi augmentar continuamente o numero dos syphiliticos. No primeiro anno, não passaram de 150.

«Só a uma vigilancia incompleta pode attribuir-se a pequenez d'esta cifra, comparada com o numero de enfermos actualmente em tractamento.»

Os estabelecimentos de tolerancia actualmente abertos são uns cincoenta. Mas este numero augmentára, graças á actividade de uma policia mais severa, que submetta á sua vigilancia a prostituição secreta.

Rotterdam é, sob o ponto de vista da prostituição submettida á lei commum, modificada por algumas disposições locaes.

Esta cidade não tem guarnição, mas a sua população fluctuante, marinheiros, estrangeiros, camponezes, attrahidos pelos mercados, é consideravel. N'uma população de 96:749 habitantes, contam-se 362 prostitutas matriculadas, divididas em tres cathegorias.

O maior numero de casas publicas está agglomerado n'um bairro da cidade, emquanto que as raparigas isoladas vivem em todos os bairros. A vigilancia sanitaria e administrativa não data de mais de vinte annos. Antigamente nenhuma lei obrigava as prostitutas á visita. As enfermas syphiliticas eram curadas no unico hospital a esse tempo existente, mas em enfermarias separadas.

Desde a construcção de um novo hospital em 1857, consagrou-se o antigo estabelecimento exclusivamente ás prostitutas atacadas de enfermidades syphiliticas.

Este philantropico hospicio continha setenta camas, vigiadas por um medico especial.

Sob este curto e limitado ponto de vista da vigilancia sanitaria, dividem-se as prostitutas de Rotterdam, em pensionistas, prostitutas de livrete e clandestinas, e prostitutas estrangeiras.

Esta ultima designação cabe ás mulheres que, chegando a Rotterdam, sollicitam a sua matricula voluntaria. A vigilancia das mulheres publicas está confiada a um inspector, encarregado ao mesmo tempo da investigação da prostituição clandestina.

Em Leyde e Harlem os regulamentos da prostituição são identicos aos de Rotterdam. Os de Harlem foram reformados em 1855. O numero de prostitutas existente em Harlem, cidade de mais de 35:000 almas, não passa de 30 (!) segundo uma enumeração das raparigas que se apresentam expontaneamente a reclamar os soccorros da medicina, base precaria que não dá muito boa idéa da actividade empregada na execução das leis policiaes.

De resto, o numero de casos de syphilis é alli absolutamente desconhecido.

Em Utrecht, os regulamentos são muito deficientes, mas o conselho municipal tracta de os reformar.

O tractamento dos syphiliticos faz-se nos hospitaes civis e militares. Apesar d'isso, faltam de todo dados satisfatorios a respeito da prostituição n'aquella cidade.

No emtanto, pode affirmar-se em geral que a prostituição clandestina excede a libertinagem declarada, que não conta mais de tres ou quatro casas publicas.

O augmento da enfermidade venerea, verificado na maior parte das cidades hollandezas, ainda n'aquellas que se presam de ter regulamentos bem redigidos e uma policia activa, prova que a origem do mal deve procurar-se na prostituição clandestina.

. . . .

. . . .

Antes da união italiana, a prostituição, que em quasi todos as nações modernas é tolerada e regulamentada, não era reconhecida em nenhuma das localidades das provincias pontificias.

É evidente que a prostituição não seria necessaria n'uma sociedade de perfeitos christãos, para os quaes a mortificação da carne constituiria uma lei rigorosamente observada. Mas, desgraçadamente, esta *cidade de Deus* parece que tem sempre de ser unicamente uma aspiração para a humanidade, debil e peccadora.

Judá provocava Thamar nos desertos biblicos: as filhas de Loth embriagavam seu pae, e geravam Moab e Ammon; David e Salomão peccaram gravemente: Babylonia e Ninive peccaram e foram impias; a Grecia e Roma recolheram a herança asiatica.... finalmente, em nossos dias, a prostituição, sob outro nome, chegou a sentar-se no throno dos reis.

Em Roma, a prostituição continúa por meio de uma cadeia não interrompida de metamorphoses desde os primeiros tempos até á epocha actual.

Na Edade-Média os vicios mancharam infamemente a cidade eterna. Na Renascença, épocha caracterisada por um mixto singular d'essa fé viva e ardente, que produziu tantas idéas generosas e tantos heroes da virtude, com as reminiscencias do paganismo, restos do mundo antigo, que contribuiram para poetisar os seculos, e dar-lhes um esplendor artistico, de que ainda hoje estamos apaixonados... na Renascença, tornou a apparecer o reinado das cortezãs á moda antiga, das quaes Ninon de Lenclos foi o ultimo exemplo, perdido nos tempos modernos.

Se exceptuarmos a grande e austera figura de Miguel Angelo, cada pintor tinha a sua Fornarina.

Estas cortezãs recordavam, pela sua distincção e cultura intellectual, assim como pela sua belleza, as Lais, as Aspasias, as Phrynés, e toda essa phalange de beldades que Lesbos sabia aperfeiçoar na arte de seduzir, e que espalhava depois por toda a Grecia, onde essas encantadoras conseguiram mais de uma vez a honra de partilharem o leito legitimo dos heroes mais sublimes.

Em Roma, assim como na Grecia, a superioridade d'essas mulheres era tal, que o deslumbramento causado pelo seu merito e pelas suas seducções conseguia fazer esquecer a infamia do seu officio.

Ia-se a casa d'essas mulheres, como aos salões de um palacio. As espadas dos nobres roçavam nos seus vestidos de velludo. Mas essas casas, centros de prazer sensual para os que a frequentavam com esse fim, não eram para os outros senão um salão central, onde se reuniam todas as notabilidades.

A fascinação causada pela belleza era tão grande, que os romanos sitiaram Viterbo, porque os habitantes d'esta cidade lhes haviam raptado Galliana,

a mais bella mulher do seu tempo, segundo as chronicas, e sendo vencidas, pediram aos vencedores a graça de lhes mostrarem uma só vez por mez aquella mulher do alto de uma torre!

Mais tarde, na Renascença, n'aquelles seculos heroicos e cavalheirescos, dedicados ao culto do bello, como a nossa épocha ao realismo e á materia, a famosa corteză romana Imperia, amante de Sadolet, Beroaldo, Colocci, Campani, etc., obteve as honras de um mansoleu na egreja de S. Gregorio, o grande, em frente da Magdalena, á qual tambem muito fôra perdoado, porque muito amara.

No epitaphio, que desappareceu nas differentes restaurações do monumento, observa-se o neologismo latino *cortisana,* substituido ao infame *meretrix,* que Juvenal não hesitou em imprimir na fronte de uma imperatriz romana. Esse epitaphio é o seguinte:

Imperia cortisana romana, quæ tanto digna nomine raræ inter homines formæ specimen dedit: vixit annos XXVI. *dies* XII; *obiit 1511, die* XV *augusti.*

Esta corteză, collocada defronte do altar, é sem duvida uma sancção, uma deificação do vicio, para os que penetraram bem o espirito intimo d'aquella épocha, e uma manifestação da indulgencia do clero romano.

Em França, houve por algum tempo duvida se poderia celebrar-se o sacrificio da missa sobre as catacumbas que encerram os restos de Voltaire.

Na Italia, encontram-se a cada passo nas egrejas os tumulos de muitos homens, que não empregaram de certo o seu genio *ad majorem dei gloriam.*

O genio é uma scentelha da divindade. A religião pode admirar essa scentelha, sem deixar de condemnar o abuso que d'ella tenha feito na terra o seu depositario, por assim dizer, o seu segundo dispensador.

Ha cem annos a esta parte, as damas do grande mundo eram as que desencadeavam com os seus galanteios as paixões da juventude e a libertinagem da edade avançada.

O presidente de Brosses, nas suas cartas, impregnadas de uma maliciosa bonhomia, faz, assim como os escriptores contemporaneos, um singular retrato do interior das casas fidalgas da cidade eterna.

Roma, e em geral toda a Italia, foram durante muito tempo a terra classica do *Chichisbeismo,* e os pintores de costumes d'aquella época, sobretudo nas suas obras dramaticas, copiaram quadros do natural, demasiado numerosos, para que se nos permitta duvidar da extensão d'esta especie de prostituição.

O *chichisbeismo* é a prostituição domestica, sentada á cabeceira do leito conjugal e tolerada pelo marido.

Hoje a immoralidade e a prostituição mudaram de local. O grande mundo moralisou-se consideravelmente, e os chichisbeus, não são mais do que excepções, que seguras de serem verberadas pela opinião publica, se occultam, em vez de se mostrarem, como antigamente succedia.

Muitas familias principaes quizeram dar o exemplo de rigidez de principios. O desenfreamento dos costumes desceu varios degraus na escala social. Fermentou na escoria do povo ignorante e gangrenou a parte inferior da classe

media da sociedade, d'essa classe, que se chama abastada, mas a quem as necessidades ficticias e crescentes de um luxo desenfreado fazem por toda a parte, e principalmente em Roma, tão necessitada em nossos dias.

Estas considerações levam-nos naturalmente a expor o actual estado de cousas, sob o ponto de vista que nos occupa.

A intolerancia da prostituição produziu os seguintes resultados:

1.º — Não podendo concentrar-se em certas casas, a prostituição propagou-se nas familias. Houve apenas uma mudança de logar, em detrimento da moralidade.

2.º — A prostituição clandestina, a unica que existe em Roma, produziu todos os males que produz nas outras partes:

As casas de entrevistas, a seducção nos domicilios, a extensão e a intensidade da syphilis.

Em Roma, nunca existiram regulamentos que dirigissem a prostituição. Indubitavelmente, não tinham rasão de existir, mas o que é para censurar é que nunca se adoptassem medidas repressivas.

Ha em Roma cinco formas de prostituição clandestina: as vagabundas, as casas de entrevistas, o lupanar mixto, a mulher galante e a prostituição nas familias.

Tractaremos resumidamente de algumas d'estas especies.

O lupanar mixto é uma especie de lupanar e de casa de passe. As mulheres não vivem nem dormem alli, mas ha sempre a certeza de as encontrar muitas horas de dia e de noite. As donas das casas mudam muitas vezes de sitio para poderem escapar á vigilancia da auctoridade.

Não é numerosa a população d'estas casas: cinco ou seis mulheres, quando muito, esperam alli os freguezes habituaes. São quasi todas solteiras, no emtanto algumas casadas alli vão tambem entregar-se ao vicio, ao contrario do que succede em França, onde o matrimonio é, geralmente fallando, um poderoso meio de moralisação do povo.

Em Roma, o grande numero de celibatarios produzidos pela existencia das ordens religiosas, causa tambem muitos celibatos forçados no sexo feminino.

Por outro lado, n'um paiz sem industria e sem agricultura, o matrimonio, longe de crear recursos, pela communidade do trabalho, augmenta a miudo a miseria, pela necessidade de educar os filhos e de sustentar uma certa apparencia, o que é para os romanos a suprema preoccupação.

Por isso, as solteiras, a cada momento preoccupadas com o fim para ellas tão difficil do casamento, empregam todos os meios imaginaveis para o conseguirem.

Começam a deixar-se fazer a côrte, *fare l'amore*, desde a adolescencia, e continuam assim durante seis ou oito annos, esperando que chegue a edade. Não lhes parece longa a constancia, comtanto que entrevejam a solução desejada. Um comportamento irreprehensivel é um dos meios que empregam; mas uma vez casadas, muda completamente a scena. Acaba a reserva, apenas arranjado editor responsavel, dão-se livremente á satisfacção dos seus desejos libidinosos.

Outra causa fatal, e que por toda a parte exerce a sua funesta influencia na moralidade, é a miseria.

Os lupanares mixtos funccionam portanto nas trevas, e as prostitutas que os povoam, não estão submettidas a nenhuma visita sanitaria. A policia, sabedora muitas vezes da sua existencia, deixa-os subsistir em algumas circumstancias, quando o bairro não se queixa de tão immunda visinhança, e quando nenhum escandalo occorre, para o qual a repressão seja necessaria.

A existencia, portanto, de taes casas acha-se muitas vezes sujeita ao capricho dos mais infimos agentes de policia, cujo silencio é quasi sempre pago com uma complacencia, emquanto que uma recusa excita logo os seus rigores.

Como dissémos, uma denuncia da visinhança pode tambem chamar a attenção da alta policia, que não está sujeita ás pequenas tentações dos seus empregados subalternos. De resto, estes estabelecimento acham-se muito longe de apresentar as escandalosas orgias dos seus congeneres das ruas mais afamadas das grandes cidades de França, Allemanha e Inglaterra.

Nunca se encontram nas proximidades d'essas casas os grupos de ebrios de alcool e de lascivia, que n'estas nações parecem prolongar na rua as obscenidades do lupanar.

O italiano e o hespanhol teem uma certa dignidade até nos seus prazeres sensuaes, e as prostitutas d'estas duas nações, limitando em regra geral as suas complacencias ao simples acto da copula, parecem noviças, comparativamente com as francezas, cuja arte especial sabe inventar tão immundos artificios.

Esta grande diversidade dos costumes das prostitutas leva-nos á conclusão de que a prostituição implica uma degradação moral, muito differente entre os varios povos do mundo, de modo que n'uns parece uma nodoa eterna, emquanto que n'outras chega algumas vezes a obter a indulgencia, a compaixão e o perdão.

Sob a designação de mulheres galantes, ha tres classes de mulheres que negoceiam com os seus encantos, e que estão comprehendidas na perigosa cathegoria da prostituição clandestina.

Umas são amantes dos estrangeiros e dos indigenas, passam de mão em mão, e vão deixando a syphilis de leito em leito.

Outras são exactamente como as prostitutas pensionistas dos outros paizes, menos a matricula e a visita sanitaria. Recebem o primeiro que se apresenta, mediante um preço previamente estipulado.

Existe, porém, outra classe muito numerosa de *isoladas*, cujo commercio tem em Roma maneiras e formas especiaes.

Cada uma tem a sua clientella, os seus freguezes, que geralmente pertencem á mesma classe da sociedade. Estas mulheres fecham a porta de sua casa ao que não gosar direitos legitimos de entrada, ou não tiver sido apresentado.

Uma tal restricção na sua clientella é uma medida de segurança pessoal, assim como um meio de illudir a indiscrição e escapar ás perseguições da policia.

Todas as classes de prostituição clandestina contribuem para a extincção da syphilis e para a sua propagação.

E se esta doença não está alli mais vulgarisada do que em França, apesar das circumstancias aggravantes, será mister attribuir o facto a uma dupla causa—á moderação dos romanos, e ao menor numero de mulheres galantes.

A prostituição nas familias é uma das mais deploraveis consequencias da intolerancia das casas publicas.

Um dos maiores santos, um dos mais bellos talentos, de que se honra a Egreja, Santo Agostinho, que, como é sabido, havia praticado o vicio antes de praticar a virtude, faz explicitamente a seguinte declaração, como verdadeiro conhecedor do coração humano e das necessidades sociaes: —*Aufer meretrices de rebus humanis, et turbaveris omnia libidinibus*:—Tira da sociedade humana as prostitutas, e terás tudo perturbado pela luxuria.

Parent-Duchatelet diz com philosophia que a prostituição, as cloacas e os canos de esgoto são indispensaveis em todas as agglomerações humanas, phrase, que já temos citado em varios logares d'esta obra.

Os moralistas mais severos concordam geralmente que a prostituição impede males maiores, concentrando a dissolução em pontos restrictos, e impedindo a sua diffusão no seio das familias.

Como consequencia d'estas leis fataes, em Roma a prostituição apparece por toda a parte, entra infelizmente no seio das familias, á vista dos proprios paes, como um officio, ou profissão, e ás vezes a propria mãe introduz os visitantes no quarto de sua filha... Mais ainda, a irmã mais nova, esperando que chegue a sua vez, leva os visitantes á irmã mais velha, e o irmão allumia, para elles subirem ou descerem a escada!...

Estas torpezas e degradações encontram-se tambem em Napoles, onde a prostituição é tolerada.

As mulheres das classes pobres entregam-se muitas vezes ao vicio da prostituição, e chegam mesmo a frequentar as casas de entrevistas.

Ha, além d'isso, *Celestinas* que tractam de seduzir as mulheres que lhe são indicadas.

As causas de desmoralisação d'esta classe devem attribuir-se menos, a nosso vêr, a instinctos libidinosos, do que á necessidade e á miseria, embora esta penuria não provenha de uma indigencia absoluta, mas sim das necessidades ficticias, que a paixão do luxo exterior e dos ouropeis, tão viva nos povos meridionaes, creou entre os pequenos negociantes, entre a nobreza sem meios de fortuna e os empregados, que querendo sustentar o que elles chamam a sua posição, se vêem obrigados a despezas, superiores aos meios de que a familia póde honradamente dispor.

O carro, puxado a dois cavallos, é uma imperiosa necessidade para as romanas, e a sua dignidade nem sequer lhes permitte habituarem-se ao carro puxado a um só cavallo, que os francezes designam com o nome significativo de *demi-fortune*.

Os milanezes pintam com o seguinte proverbio essa paixão da carroagem, que tantas vezes só póde satisfazer-se á custa da economia de um ou dois pra-

tos: *Os romanos puxam as suas carroagens com os intestinos,*— proverbio a que podia accrescentar-se que *as romanas puxam as carroagens com a sua honra.*

Estas mulheres que d'este modo se prostituem por um vestido, ou por uma carroça são segundo dizem muitas vezes excellentes mães de familia, e alguns homens que conhecem profundamente os costumes romanos asseguram que a venda dos seus encantos não destroe n'ellas um grande carinho e até mesmo amor a seus maridos.

Se assim fosse, a prostituição d'esta especie teria muito menos degradação moral que a dos outros paizes.

A prostituição e a moralidade teem de julgar-se nas suas relações com os costumes do paiz, e não seguir para criterio o que se passa n'outro paiz qualquer.

As damas da antiga Roma, como é sabido usavam phallos de ouro nos seus collares, e esta imagem, hoje obscena para nós, era para ellas apenas um amuleto protector. Ainda hoje na Roma moderna, duas enormes pontas de boi, symbolo de ridiculo nos nossos costumes, são collocadas sobre o leito conjugal, como um talisman destinado a affastar os funestos effeitos do mau olhado, da *jettatura.*

No povo, a verdadeira miseria, e quem o acreditaria? ás vezes um pouco tambem da paixão da carroagem para passeiar aos domingos no Corso, produzem a prostituição.

Algumas das castas da população romana, os transteverinos, por exemplo, escaparam ao contagio. No Transtevere, os costumes são decentes. Não ha seducções. Apparece ás vezes de madrugada na rua algum cadaver crivado a punhaladas, quando um estrangeiro temerario teve a funesta lembrança de ir dar caça ás raparigas n'aquelles sitios perigosos.

O bairro dos Montes não é mais seguro. A plebe mais corrompida é a que tem mais contacto com os estrangeiros, e essa raça bastarda e mestiça que contrasta com o antigo puro sangue romano.

Entre as miseraveis familias do povo, a necessidade imperiosa espicaça ás vezes a virtude.

É tão duro trabalhar na patria classica do *dolce far niente!* É tão difficil encontrar trabalho n'um paiz sem actividade, sem industria, sem agricultura. A esposa trabalhará, pois, e comprehende-se bem de que modo...

A mocidade romana, a velhice dissoluta e os viajantes serão os seus freguezes, e a dama, com os labios ainda quentes dos beijos adulteros, será recebida na alcova conjugal, se no fim da semana levar para casa uma quantia razoavel.

Tal é o convenio vergonhoso, repugnante e vil, que tentas vezes se estipula entre marido e mulher.

Como complemento d'esta pintura dos costumes romanos, indicaremos em duas palavras uma causa que contribue para dar um matiz especial á moralidade publica em Roma.

Referimo-nos á prelatura dos filhos segundos das casas ricas, e ao nu-

mero proporcionalmente mais elevado que em outros pontos, dos estabelecimentos consagrados ao celibato.

N'um paiz falto de exportação, em que não ha o amor do trabalho, as ordens monasticas são desgraçadamente ás vezes uma carreira imposta pela necessidade, ou uma vida propicia ao repouso, mais do que um objecto de livre escolha, ou a resultante de uma vocação sincera.

Mas os inconvenientes de um tal estado de coisas manteem-se ainda assim dentro de certos limites, e não attingem as proporções que uma exaggeração hostil pretende attribuir-lhes. O estado moral da sociedade romana é sem duvida deploravel, e nós não pretendemos occultar-lhe as consequencias. Mas valerá muito mais o do nosso paiz, por exemplo?

. . . .

Turim, a capital do Piemonte, é uma das cidades mais importantes da Italia, e de ha alguns annos a esta parte adquiriu uma notavel actividade. Circumstancias particulares chamaram a este grande centro de população um consideravel numero de estrangeiros, população fluctuante de muita importancia a accrescentar á população ordinaria, que é de uns 150:000 habitantes.

As causas e os effeitos da prostituição são com pequena differença identicos em todas as capitaes importantes.

E' inutil, portanto, accrescentar novas considerações a este respeito.

Ainda ha poucos annos, a vigilancia da prostituição no Piemonte era bastante imperfeita, e por conseguinte a propagação da syphilis tornava-se espantosa. O ministro Ratazzi, querendo organisar melhor este estado de cousas, pediu ao doutor Sperino, tão conhecido no mundo medico pelos seus trabalhos sobre a syphilis e sobre a *syphilisação* um projecto para esta parte importante da hygiene publica, e segundo as indicações de medico illustre a quem nos referimos, redigiram-se as *Instrucções sobre a Prostituição*, promulgadas em 20 de julho de 1855.

As prostitutas, ou mulheres submettidas á visita, elevavam-se antes de 1856, a 180 approximadamente, em Turim. Mas desde que se estabeleceu uma vigilancia activa, a media elevou-se a 750.

Estes algarismos comparados demonstram quão descurado se encontrava este ramo da organisação da policia sanitaria, e quão necessarias e efficazes são as medidas indicadas pelo doutor Sperino. A melhor prova, porém, foi a diminuição notavel das enfermidades syphiliticas na guarnição.

Quando a vigilancia da prostituição é mal feita, os desastrosos effeitos d'esta negligencia podem escapar á attenção do governo. Mas o registo de entrada dos hospitaes militares é um meio de comprovação facil e sempre concludente.

Desde muito tempo existe um hospital especial, destinado ao tractamento das affecções syphiliticas, designado em italiano pelo nome de *Sifilicomio*.

As mulheres infeccionadas são alli admittidas e tractadas gratuitamente, e admittem-se tambem as prostitutas enviadas da provincia.

As casadas que não sejam prostitutas e as amas de leite são do mesmo recebidas e tractadas á parte.

O numero de admissões annuaes, que era em media de 800 a 1:000, elevou-se a 1:661 no anno de 1866.

. . . .

Nos Estados-Unidos, a prostituição offerece quasi que os mesmos caracteres que em Inglaterra, e a sua legislação, no que diz respeito ás prostitutas, não differe do que era n'este ultimo paiz antes da promulgação das medidas repressivas, de que temos fallado.

Segundo o relatorio do funccionario Singer, em 1858, havia em New-York 6:000 prostitutas conhecidas da policia.

D'este numero, 1:238, ou 206 por 1:000, eram de origem estrangeira: 400 por 1:000 estavam infeccionadas de syphilis ou de gonorrheias.

Todos os relatorios medicos e administrativos eram conformes em affirmar que as enfermidades venereas eram muito frequentes nos hospitaes.

O regulamento de certos estabelecimentos philantropicos, ainda combalidos d'essa retrograda preoccupação que quer que as enfermidades venereas sejam o justo castigo da incontinencia, prohibe a admissão dos syphiliticos. No emtanto, a faculdade de medicina annulla o dito regulamento, favorecendo a entrada d'estes doentes, embora estejam atacados de uma affecção bastante ligeira, e uma vez entrados, são tractados até completo restabelecimento.

Na épocha de que se falla, o numero de doentes de venereo admittidos nos diversos hospitaes, elevava-se a 14:770, mas a terça parte d'este numero não estavam registrados como syphiliticos.

De então para cá, o estado de cousas não mudou consideravelmente.

A intensidade da infecção publica era provada tambem pelo facto de, apesar da desenfreada concorrencia dos empiricos, as enfermidades venereas contribuirem mais que outras quaesquer para os lucros da classe medica. Indicavam-se tambem como prova da referida calamidade a multiplicidade dos cartazes pregados nas esquinas, dos annuncios publicados nos periodicos, e dos avisos distribuidos profusamente por toda a parte... finalmente, o prodigioso consummo de remedios secretos e de especificos anti-venereos.

Singer, citado por Vintras, resumia assim o seu importante relatorio.

«Urge sobremaneira esforçarmo-nos por destruir este flagello, submettendo a prostituição ás attribuições de uma repartição medica da administração policial. É certo ser impossivel a sua destruição, que nunca se obteve em paiz algum, mas a sua repressão e restricção foram por vezes tentadas, e tem produzido excellentes resultados.»

De resto, os Estados-Unidos da America começam tambem a comprehender os perigos da prostituição livre no estado sanitario da população.

Barnes e Wordward indicaram em 1865 os bons resultados obtidos com os regulamentos da prostituição nas guarnições de Nashville e de Memphis.

Em Bumstead (New-York) nota-se entre os medicos uma pronunciada tendencia para adoptar medidas sanitarias analogas ás da Europa.

É de crêr, portanto, que os Estados-Unidos não tardarão a imitar a Gran-Bretanha, na via de prophylaxia das enfermidades venereas, propagadas pela prostituição.

. . . .

. . . .

Em Hespanha, a prostituição, prohibida no tempo dos visigodos, tolerada na Edade-Media, organisada e regulamentada na segunda metade do seculo xv, e frequentemente reprimida depois d'isto por leis, que não chegaram a pôr-se em pratica, a prostituição soffreu n'este paiz varias vicessitudes, antes de chegar ao estado de desordem e abandono em que hoje se encontra.

Nada mais curioso nem ao mesmo tempo tão util para o conhecimento dos costumes da sociedade hespanhola, como o estudo critico d'essas alternativas de rigor e de tolerancia, de previsão e de incuria. Valeria a pena de fazer a historia de todas estas vicessitudes, mas não nol-o consente o espaço de que dispomos. Queremos apresentar apenas um quadro substancioso, embora limitado, da prostituição nos diversos povos.

Não transcreveremos aqui os regulamentos da prostituição dos tempos remotos. Limitar-nos-hemos aos ultimos annos.

Um notavel hygienista hespanhol, D. Pedro Filippe Monlau, dizia em 1847:

«Hoje a utilidade das casas publicas auctorisadas é talvez problematica, mas esperamos que a solução legal será negativa.

«Se as casas publicas de prostituição existissem ainda hoje em Hespanha, talvez não fosse necessario supprimil-as, e deveriamos contentar-nos com a sua reforma, segundo as indicações de Cabarrus, conformando-nos com os progressos da épocha.

«Supprimidas, porém, estas cousas ha dois seculos, e attendendo ao que se passa nas capitaes extrangeiras que as teem, seria absurdo retrogradar para a Edade-Media, e separar-nos indefinidamente da observancia dos preceitos da arte e da moral.»

Não queremos discutir o valor d'esta maneira de vêr, que não se nos afligura dos nossos tempos, e abster-nos-hemos de seguir o auctor no desenvolvimento da sua ideia favorita.

Não examinaremos tambem as conclusões do doutor D. Ramon Lopes Mateo, citadas complacentemente pelo mesmo escriptor. Contentamo-nos com as transcrever. «Quereis que o mal venereo diminua entre nós? Diminui o numero de mulheres publicas. Quereis diminuir o numero de mulheres publicas? Diminui as causas positivas e negativas, que as determinam a sel-o...»

A melhor resposta que se podia dar a estes reformadores seria expor o estado da prostituição em Hespanha, antes de 1866, épocha de que data o regulamento actualmente vigente.

O leitor verá perfeitamente se as casas publicas foram felizmente supprimidas.

Antes de indicar as reformas sociaes, é preciso estudar os factos, acceital-os taes quaes são, e não adoptar contra as regras do bom senso e da philosophia positiva, as especulações transcendentes, que Santo Agostinho transportou sensatamente para o mundo ideal da *Cidade de Deus*.

A prostituição, quasi desconhecida nas pequenas localidades, floresceu nas

grandes cidades, nos portos de mar, e nas praças fortes, onde existe uma considerável guarnição.

Não se exercia em casas publicas auctorisadas legalmente, mas era de facto tolerada, e não estando submettida a nenhuma especie de vigilancia, praticava-se, sem matricula, sem submissão, na mais ampla e desaforada liberdade. A policia dos costumes, antigamente tão bem organisada, não existia ha mais de dois seculos. A lei esquecera de todo em todo o seu dever, e por isso, a corrupção entregue a si propria, aproveitava-se d'esta liberdade para engrandecer o seu dominio.

Nem a administração nem a policia se lembravam de similhante cousa. Não havia Filippe IV prohibido a prostituição publica? De que serviam, pois, os regulamentos, os estatutos e as medidas que reclamavam imperiosamente a moral e a hygiene?

Esquecera-se de todo o principio fundamental da politica e da legislação romana, estabelecendo o principio de que a salvação do povo fosse a suprema lei: *Salus populi suprema lex esto*. O grande principio era n'esse tempo conquistar o poder, manter-se n'elle por todos os meios possiveis, e enriquecer o mais depressa possivel.

O povo era ignorante e docil para com os que viviam da sua ignorancia e o sustentavam na sua miseria, e por isso os governantes abstinham-se muito de corrigir esses defeitos. O mal vinha de cima, mas o paciente era o rebanho.

Escasseiam-nos os documentos a este respeito. O que sabemos com certeza é que o numero de individuos accusados de attentados contra o pudor em 1843 elevava-se a 162.

Imagine o leitor, em vista d'esta cifra, o numero real dos culpados, que não tiveram de dar contas á justiça. Quanto á prostituição publica, nenhum documento justificativo nos permitte apresentar factos sobre que possamos discorrer. Nem o proprio Codigo penal nos ministra um artigo, que possa illuminar-nos e servir-nos de guia.

Comprehende-se á vista d'isto a impossibilidade em que nos encontramos de traçar um quadro geral, exacto e completo, do estado da prostituição em Hespanha.

A prostituição em Madrid, ao tempo em que se tomaram a este respeito algumas notas, permittir-nos-ha comprehender, ou quando menos deixar-nos-ha adivinhar o que era nas outras capitaes importantes da Peninsula.

O recenseamento, feito em 1853, calculava em 270:000 habitantes a popopulação de Madrid. Esta cifra comprehendia a população fluctuante e os estrangeiros, cujo numero era bastante crescido.

A prostituição exercia-se em grande escala, tanto mais facilmente que a vigilancia directa ou immediata da policia sobre as mulheres que traficavam com o seu corpo, era nulla, ou quasi nulla.

Toda a mulher solteira ou casada, que queria prostituir-se por dinheiro, podia fazel-o livremente, sem ter que dar contas da sua conducta á auctoridade. Podia dispor do seu corpo, sem condições nem formalidades previas.

A estatistica era, como vêem, impossivel.

Por isso, em Madrid, havia dois seculos e meio, as mulheres publicas não eram registradas n'um livro de matricula, nem a auctoridade civil as mandava submetter periodicamente á inspecção de um medico designado para esse fim.

Imagine-se, se é possivel, o numero de mulheres infeccionadas, que deviam existir em Madrid.

As notas manuscriptas a que já nos referimos, calculam em 1:000 o numero das mulheres que em 1856 se entregavam ostensivamente á prostituição, mas isto não passa de um *minimum* approximado.

Duzentas d'estas prostitutas viviam em concubinato, e formavam a classe das amancebadas.

Parece-nos este numero demasiado reduzido, e por este motivo.

As relações entre os dois sexos são muito faceis na sociedade hespanhola em geral, e em Madrid especialmente são demasiado livres. Accrescente-se que os progressos da miseria nas classes medias, devidas em parte á ruina das fortunas particulares nas guerras civis, augmentavam todos os dias, pela renovação dos empregados, tão frequentes n'aquelle malfadado paiz, onde as mudanças politicas se succedem rapidamente, e onde todos os partidos sobem successivamente ao poder.

Estes transtornos periodicos no pessoal das secretarias de estado eliminam do orçamento um numero consideravel de funccionarios, que se vêem de repente sem emprego, e sem meios de subsistencia. São os que os hespanhoes chamam *cesantes*.

Tal instabilidade nos principios politicos e nas cousas do governo, é uma causa de miseria tanto mais efficaz, quanto é certo que fomenta e mantem a *empregomania*, que é desde o principio do seculo actual uma das feições mais caracteristicas da nação hespanhola.

Além d'estas causas, um sem numero de circumstancias, que o governo conhece muito bem, mas contra as quaes nunca providenceia, arrastavam á prostituição publica, ou á libertinagem clandestina, um grande numero de raparigas e de mulheres miseraveis, que não encontravam no seio da familia, nem na sua aldeia recursos necessarios para occorrer ás primeiras necessidades da vida, e menos ainda aos caprichos da moda, tão poderosos n'aquella nação como nas outras.

Os povos das proximidades de Madrid ministravam e ministram ainda á capital um contingente consideravel de raparigas seduzidas e abandonadas. Estas infelizes, para fugirem á vergonha de uma primeira falta, caem nas desordens da libertinagem e traficam com o seu corpo para ganharem a vida.

As mulheres amancebadas habitavam então e habitam hoje ainda em casas particulares, sós ou com uma creada, vivendo n'uma especie de concubinato temporario e imperfeito.

Em rigor, estas mulheres não pertencem á classe das prostitutas propriamente dictas, mas em geral, acabam tarde ou cedo por figurar n'essa cathegoria.

As mulheres publicas, que se prostituiam por dinheiro, e viviam d'este

officio, eram em numero de 600, segundo as notas a que nos temos referido.

Dedicavam-se como hoje ao exercicio da prostituição em casas de tolerancia, regidas por matronas, que de humano só tinham a figura, designadas já no codigo de Affonso, o Sabio, pelo energico qualificativo de *alcahuetas*, palavra que ainda hoje se conserva sem soffrer alteração alguma, e se inflige como stygma de vergonha ás vis creaturas emprezarias da libertinagem.

Em regra, estas donas de casas eram e são prostitutas insignes, que exploram tanto mais as noviças, quanto é certo que sabem por experiencia todos os segredos do officio e conhecem admiravelmente todos os seus recursos. Estas matronas são por conseguinte de certa edade. N'outras épochas designavam-nas no vocabulario popular com a verdadeira, mas rude, qualificação de *alcahueta y p . . . vieja . . .*

Nas casas de prostituição, havia um numero de raparigas, variando de quatro a dez. A dona da casa sustenta-as, veste-as, n'uma palavra, dá-lhes o necessario para viver e sobretudo para vestuario.

Ás vezes, accrescenta a isto ainda uma certa quantia, que depende das condições do contracto, e que varia necessariamente, segundo o producto, o valor ou a voga da mercadoria.

Hoje o costume d'estas casas é o seguinte: A pensionista divide com a dona da casa o producto da sua prostituição, e as raparigas, n'este caso, occorrem á sua subsistencia com a metade restante. D'aqui resulta que sendo quasi sempre escassos os lucros das pensionistas, estas se encontram á mercê das suas exploradoras, que lhes alugam a peso de ouro os fatos e o mais que precisam, o que dá logar a estas desgraçadas arranjaram dividas impossiveis de solver. E, desgraçadas mulheres, para augmentarem as receitas da casa, vêem-se obrigadas a acceder aos mais repugnantes caprichos dos freguezes, que frequentam o estabelecimento, a fim de que certa parte da clientella não vá para outros lupanares de importação extrangeira dar pasto ás suas nefandas velleidades, entre as quaes nos ultimos tempos, sobretudo, se conta a sodomia, e a exigencia de certas exhibições em grupos ao natural, que recordam pela sua obscenidade o desenfreamento dos infames jogos de Flora na antiga Roma!

Celebrantur omnia lascivia! Para longe os vestidos! Meretrizes, despi-vos e sujeitae-vos a todos os caprichos dos libertinos!...

A auctoridade resolveu finalmente intervir n'esta importantissima questão de moralidade, de sanidade publica, e em 1854, o governador da provincia de Madrid nomeou uma commissão composta de tres medicos hygienistas, encarregada de elaborar um projecto de regulamento a respeito da salubridade publica e da visita sanitaria.

Em abril de 1855, os membros da commissão apresentaram o seu trabalho á dita auctoridade, e depois de um periodo de dez annos de negligencia, de incuria e de falta de zelo, adoptou-se finalmente em 5 de novembro de 1865 o regulamento, ainda hoje em vigor, e que não differe do adoptado nos paizes mais cultos da Europa.

. . . .

. . . .

Antes de terminarmos este trabalho, julgamos a proposito transcrever as seguintes considerações hygienico-administrativas, devidas ao eminente medico J. Jeannel, de cuja obra fazemos largas transcripções, visto ella ter por fim contribuir com a sua illustrada experiencia, para a extincção, ou pelo menos para a notavel diminuição do cruel flagello que devasta a especie humana: —a syphilis.

Eis as palavras do illustre medico:

«*Preservativos:* — Só para memoria fallaremos aqui da syphilisação, d'essa especie de vaccina, proposta como preservativo infallivel da syphilis, por Diday.

«As experiencias, feitas e defendidas notavelmente por Auzias Turenne, foram objecto de uma importante discussão na Academia de Medicina de Paris, que em sessão de 23 de agosto de 1852, condemnou solemnemente a syphilisação. A appellação levada ante o Congresso medico internacional, em agosto de 1867, provocou uma brilhante confirmação do juizo academico.

«Pelo que respeita aos envoltorios, destinados a proteger physicamente o membro viril contra a possibilidade do contagio, todos elles são contra a natureza, porque oppõem obstaculos ao fim do acto genital, e o seu nome nem sequer figura na linguagem scientifica.

«Um breve do papa condemnou a invenção a que alludimos, sob um ponto de vista differente do nosso, «porque oppõe obstaculos aos decretos da providencia, que quiz castigar as creaturas por onde haviam peccado.

«*Lavagens e injecções:* — Os preservativos chimicos não excitam a mesma reprovação que os envolucros protectores, mas ainda assim causam certa repugnancia. As vantagens da *locção alcalina,* empregada em Bruxellas, segundo os conselhos de Ratier, e os effeitos da *agua hygienica,* distribuida ás prostitutas de Bordeus, não foram demonstradas por experiencias positivas. No emtanto, ainda que estes liquidos não tivessem nenhuma efficacia particular, deveriam não obstante ser prescriptos sem descanço, porque com elles se ordenam, com elles se multiplicam as lavagens, e as injecções, que por mais abundantes que se façam nunca são demais.

«A formula do liquido hygienico empregado em Bruxellas é a seguinte:

«Lixivia de soda a 35°....................	1 parte
«Agua..................................	20 »

«A objecção que se póde fazer contra este medicamento é mudar de natureza ao contacto do ar pela absorpção do acido carbonico. Além d'isso, desgasta o *epithelium,* que protege as mucosas.

«A formula da agua hygienica, usada em Bordeus, é a seguinte:

«Alumen crystallisado.................	15 grammas
«Sulfato de protoxido de ferro..........	1 »
«Sulfato de cobre.....................	1 »
«Alcoolato aromatico composto...........	0,6 »
«Agua commum	1 litro.

«O alcoolato aromatico composto consiste n'uma forte dissolução de oleos essenciaes de limão, etc., em alcool de 85°.

«Esta agua hygienica, preparada em grande escala em barricas, é vendida ás prostitutas a preço de 10 centimos.

«O consumo elevou-se durante os doze ultimos annos, termo medio, a uns 35 litros por mez.

«Este liquido coagula a albumina. Pouco carregado de saes de ferro, não mancha a roupa, e o seu cheiro agradavel faz com que possa ser empregado como cosmetico.

«Além d'isso, a sua côr verde, o sabor metallico e o cheiro aromatico impedem que se possa confundir com a agua e que se beba por inadvertencia.

«Indicaremos tambem o acido phenico, agente que no dizer de Chevreul, ao confirmar as experiencias de Lemaire, é capaz de neutralisar certo numero de venenos e de virus, especialmente o virus vaccinico. No emtanto, até agora nenhum facto justificou esta applicação ao virus syphilitico.

«A solução alcoolica de acido phenico perfumado de Lebon (alcool de 85° 100 partes; acido phenico 1; essencia de limão 3) poderia empregar-se, mas seria preciso diluil-a em 8 ou 10 vezes o seu volume de agua commum.

«O preservativo de Rodet, de Lyon, é o seguinte:

Agua destillada		32 grammas
Perchloreto de ferro	partes eguaes	4 »
Acido chlorydico		
Acido citrico		

«Este preservativo é dotado de uma acção muito contraria aos liquidos virulentos.

«As experiencias, por mim feitas, diz o citado Rodet (V. *Des mesures d'hygiene publique contre la propagation du virus syphilitique*), para determinar o limite do tempo, durante o qual se póde obter a preservação dos pontos innoculados, demonstraram-me que este limite se encontra entre oito e doze horas depois da innoculação do virus, e que decorrido esse limite, a preservação é incerta e incompleta.

«Não pretendemos impugnar a efficacia d'esta solução; mas diremos que offerecendo uma certa causticidade, não é lá muito propria para estar á disposição das prostitutas ou do publico. Estes inconvenientes restringirão sempre o seu uso, admittindo mesmo que os factos ennunciados pelo seu auctor sejam confirmados por outras experiencias.

«Além d'isso, o medico tem sempre á sua disposição um caustico, não menos seguro e commodo, o lapis de azotato de prata, que póde applicar a certas escoriações ou arranhaduras, que se lhe afigurem suspeitas.

«Na verdade, não sabemos desde que periodo de tempo poderá considerar-se como efficaz ou inutil a cauterisação de uma ulcera, de innoculação suspeita de syphilitica.

«Warbe propõe o alvitre de se fazerem immediatamente depois do coito

loções com uma solução de bi-chloreto de mercurio, addicionada de um pouco de laudano, de acetato de ammoniaco e de alcool. Não ha duvida que esta solução deve decompôr os liquidos animaes, do mesmo modo que a solução de alumen, ferro e cobre, adoptada em Bordeus, mas tem o inconveniente de ser muito venenosa.

«Ricard e Bichet aconselham a uncção dos orgãos com um corpo grosso no acto do coito.

«Em resumo, os preservativos são de um valor mediocre, e é impossivel contar com elles para chegar a restringir a infecção venerea no conjuncto da população. O seu uso não conseguiria generalisar-se e a sua efficacia é provavel. Opinamos como Ricard sobre este thema tão debatido:

«Devem fazer-se cuidadosamente loções sobre todas as partes accessiveis, e injecções nas mais profundamente collocadas... Em geral, se as mulheres fossem mais limpas, as enfermidades venereas, no seu conjuncto seriam menos communs.»

«Garin é do mesmo parecer.

«Em resumo, diz elle, apesar de todos os ensaios intentados para precaver-se a si proprio e aos seus contra os perigos a que com tanta leviandade se expõe, o libertino não em mais segura prophylaxia anti-venerea do que o exame sanitario previo e os cuidados consecutivos de limpeza prescriptos pela mais vulgar prudencia.»

«Cullerier diz:

«Estas duas experiencias provam superabundantemente que o contagio venereo por intermedio da vagina, que até hoje só se considerava como possivel, é de hoje em diante um facto adquirido pela sciencia, e o que só era uma prababilidade, passa ao estado de certeza... Não preciso fazer observar em que elevado grau estas experiencias indicam a utilidade dos meios prophylaticos da syphilis, e para mim estes meios reduzem-se a um só verdadeiramente efficaz: as loções reiteradas de agua, com ou sem addicção de substancias extranhas, depois de um coito suspeito.»

«A importante commissão, encarregada pelo almirantado inglez de examinar todas as questões relativas á pathologia, ao tractamento e á prophylaxia das enfermidades venereas, attribue uma grande importancia á pratica das abluções, sobretudo immediatamente depois do acto sexual. Opina que, além d'isto, toda a questão sobre tal assumpto é superflua, e recommenda expressamente o augmento dos meios de limpeza nas casernas, não só sob a fórma de banhos quentes e frios, mas tambem de injecções. Todos os soldados detidos deveriam ser obrigados a estas praticas hygienicas em tempo conveniente. A commissão está persuadida de que resultaria um grande bem, se os medicos militares recommendassem incessantemente aos individuos a limpeza pessoal, e lhes fizessem comprehender tambem a necessidade de declararem as suas enfermidades desde a sua apparição. A frequencia das abluções teria, além d'isso, a vantagem dos homens reconhecerem as suas enfermidades desde o principio e não poderem allegar que ellas se aggravaram por não serem conhecidos os seus funestos effeitos.

«Desde a publicação do relatorio da commissão, e do inquerito que lhe serve de fundamento, a maioria das informações sanitarias dão conta das medidas tomadas para a generalisar entre as tropas ablucções nocturnas e secretas *(for nightly private ablutions by the men)*.

«O inspector geral Fraser, especialmente na sua memoria annual, attribue o augmento consideravel do numero de syphiliticos, que se manifestou em 1871, nos districtos do norte de Inglaterra, e sobretudo nas cidades manufactureiras, á ausencia de qualquer medida preventiva, quer seja parlamentar, quer local, e á opposição vivissima, que surgiu em Manchester contra a extensão dos decretos relativos ás enfermidades contagiosas. Ao mesmo tempo, indica a ausencia de qualquer disposição especial para as ablucções nocturnas.

«*Exame sanitario [dos homens pelas prostitutas nas casas de prostituição*: — As prostitutas bastante intelligentes para procederem a este exame antes de se entregarem, são raras. Esta util precaução está em uso sobretudo nos lupanares mais luxuosos. As instrucções, que as prostitutas podem receber sobre este caso, repugnam á dignidade do medico.

«Quanto ás medidas administrativas aconselhadas para se verificar o estado sanitario dos homens á sua entrada nos lupanares, não passam de sonhos insensatos. Ninguem haveria que se sujeitasse a ellas, ninguem tambem quereria exercer esse mister de revistador.

«Em Bruxellas, segundo os desejos de Ratier, ordenou-se uma instrucção para ser affixada nas casas de prostituição, e o exemplo foi immediatamente seguido na cidade de Bordeus. O quadro que continha essas instrucções era logo sujo, roto, ou arrancado pelos visitantes da casa de prostituição. As prostitutas isoladas, que procuram com empenho occultar a sua verdadeira profissão, para tornar mais lucrativo o seu exercicio, recusavam tenazmente guardar o quadro das instrucções, porque esse quadro denunciava-as aos freguezes como sujeitas á vigilancia da policia.

«Occorre além d'isso perguntar se estas instrucções sanitarias, collocadas em taes logares não compromettem a auctoridade publica, e não constituem uma declaração demasiado flagrante da tolerancia official.

«Apesar da opinião de Ratier, de Richelot e de Potton, estas considerações levam-nos a concluir que esse quadro sanitario, posto nos lupanares, e que é quasi sempre illusoria na pratica, deve abandonar-se por ser de uma utilidade duvidosa, e compromettер a dignidade da administração.

«Em 1861, Rodet, de Lyon, declarava as visitas sanitarias e a aprehensão das mulheres contaminadas, como medidas inefficazes, que não produziam senão uma pequena parte dos resultados que d'ellas se esperavam.

«Esta opinião é exaggerada, mas, no emtanto, é mister reconhecer que a prophylaxia das enfermidades venereas ainda é muito imperfeita e requer reformas radicaes.

«Pela experiencia adquirida em Paris, em Bruxellas, em Berlim, em Lyon, em Bordeus, em Marselha, nas Ilhas Jonias, em Malta e na Inglaterra, sabe-se actualmente o que se deve esperar das medidas prophylaticas, mais ou

menos aperfeiçoadas que estão em uso. Bem applicadas no seu conjuncto, reduzem n'uma proporção maior ou menor o numero dos individuos affectados. Assim o demonstram as diversas estatisticas dos militares doentes de venereo. No emtanto, são impotentes para reduzir este numero abaixo de certo nivel.

«Estas estatisticas, que podem invocar-se com rasão para affirmar a efficacia das repartições de saude, tambem podem ser invocadas para demonstrar a sua inneficacia.

«Depois de haver tentado estabelecer quaes são as melhores condições de organisação para estas repartições sanitarias, falta-nos indagar quaes são as instituições de hygiene publica necessarias para as tornar mais proximas do ideal a que aspiram, a extincção completa das enfermidades venereas.

«Dissémos, ao tratar da prostituição em Inglaterra, que a blenorrhagia deve pôr-se de parte, porque, apesar de ser transmissivel por contacto, nasce espontaneamente sob a influencia de causas irritantes de indole muito diversa, attendendo a que as visitas sanitarias perdem, no que lhe diz respeito, a maior parte da sua efficacia.

«Quanto ao cancro benigno ou simples, accidente puramente local, muito mais frequente do que o cancro syphilitico, não seremos nós que aconselharemos que se descuide do seu tractamento, sob o pretexto de que não produz infecção geral. A questão do unitarismo ou do dualismo está ainda sem solução, e ella prova só por si a difficuldade do diagnostico do cancro no periodo de erupção local.

«Vamos examinar antes de tudo as prescripções que evidentemente não são mais do que accessorios mais ou menos uteis da obra hygienica das repartições de saude, e mais tarde proporemos as novas instituições de que realmente se poderia esperar um progresso no sentido da extincção, senão das enfermidades venereas, pelo menos da syphilis.

«Fallemos em primeiro logar da responsabilidade das prostitutas que transmittiram enfermidades venereas. A obrigação imposta ás prostitutas, sob pena de prisão, de se apresentarem espontaneamente na repartição sanitaria, fóra dos dias da visita, apenas se sentem atacadas de enfermidade contagiosa, foi proposta formalmente por certos funccionarios mais emprehendedores que illustrados.

«Esta medida é irrisoria. Se bastasse impôr-se ás prostitutas a obrigação de se apresentarem por si proprias na repartição de sanidade, apenas se sentissem enfermas, isto simplificaria prodigiosamente o serviço da repartição, que expressamente foi organisado para descobrir as prostitutas infeccionadas. Quem poderá admittir que as prostitutas sabem conhecer todos os symptomas das molestias contagiosas? Chega a ser vergonhoso discutir similhantes questões.

«Um artigo do regulamento da repartição sanitaria de Berlim parece admittir a responsabilidade legal da prostituta, que transmittir a infecção venerea. Esse artigo diz o seguinte: «A prostituta encontrada em contravenção será castigada com prisão de seis mezes a um anno, pena imposta pela lei contra os que, com conhecimento de causa e voluntariamente, se tornam culpados da transmissão de enfermidades.»

«Não nos parece applicavel similhante artigo. Em primeiro logar, succede com frequencia estar a prostituta enferma sem o saber. A impressão e a estupidez d'essas desventuradas creaturas excedem a miudo tudo quanto podem imaginar os legisladores, que elaboram os regulamentos no seu gabinete. Se a sua intelligencia não estivesse ao nivel da moralidade, decerto essas raparigas não desceriam á ignominia de tão abominavel profissão.

«Como se admitte tambem a queixa de um libertino recebida pela justiça n'um assumpto de tal ordem? E as informações das testemunhas? E as provas contradictorias? Como aclarar tantas recriminações?

«Sobre este assumpto, adoptamos a opinião da sociedade de medicina de Lyon, expressa pelo seu relator Garin.

«Se a investigação de tal paternidade deve repugnar ao requerente, quando se tracta de accusar uma prostituta, auctora do facto, quanto mais difficil não será esta investigação, quando se tracta de fazel-a remontar da prostituta a algum *Don Juan* de accaso? Em vão se citarão sobre este caso exemplos do regimen da prostituição n'algumas cidades do Norte. Uma responsabilidade tal, sempre impossivel de restabelecer nas grandes capitaes, revolta demasiadamente os nossos costumes para que possamos deter-nos a seu respeito.

«Faremos tão sómente observar que nada se oppõe a que se faça pagar ás prostitutas as despezas do seu tractamento no hospital, quando tiverem qualquer cousa embargavel. Se a visita sanitaria, feita n'um interesse que não é o seu, deve ser gratuita, não succede o mesmo com o seu tractamento no hospital. Ao cural-as presta-se-lhes um serviço positivo.

«A responsabilidade das donas de casa não nos parece admissivel, a não ser no que diz respeito ao pagamento das despezas de tractamento das suas pensionistas.

«Primeiro que tudo, uma das contravenções mais graves que póde commetter uma dona de casa consiste em subtrahir uma rapariga enferma á visita sanitaria, e esta contravenção deve causar necessariamente o encerramento da casa.

«Assente este ponto, de que modo poderemos interessar as matronas e as prostitutas em evitarem a infecção?

«É preciso exigir o pagamento das despezas da enfermidade. É claro que as matronas não deixarão de lançar estas despezas na conta da pensionista, que augmentará as dividas da rapariga, mas o resultado será sempre uma incitação continua a evitar o contrahir enfermidades e a seguir para isso os conselhos dos medicos relativamente aos cuidados corporaes.

«Emquanto a fazer pagar uma multa ás matronas, quando as raparigas que exploram apparecem doentes, como aconselha Garin, parece-nos excessivo.

«A multa é um castigo, e é contra a equidade o applicar um castigo por um facto involuntario e a meudo inevitavel.

«De resto, as matronas são naturalmente interessadas em conservarem a integridade sanitaria das prostitutas.

«Em primeiro logar, o desejo de conservarem a clientella, obriga-as a ter os maiores cuidados pelo estado sanitario das pensionistas. Em segundo logar,

o amor do lucro produz os mesmos resultados, porque não têem a certeza das raparigas que lhes devem voltarem a casa, depois de curadas no hospital. A sahida do hospital é para as prostitutas uma occasião frequente de levantarem arraiaes, isto é, de sahirem de casa sem saldarem contas.

«Uma dona de casa, que não vela pela limpeza corporal das suas exploradas pensionistas, e cuja casa fôr mal dirigida, deverá ser considerada como incapaz de exercer a sua industria, e o chefe da repartição de policia das meretrizes deve propor immediatamente o encerramento da casa. A falta de aceio corporal será indicada nos relatorios dos medicos, e o mau regimen interno por agentes especiaes.

«Somos de opinião que a responsabilidade das matronas deve limitar-se ao pagamento das despezas feitas com o curativo das raparigas que exploram.

«A theoria que restringia a possibilidade da infecção syphilitica ao caso de cancro primitivo, demonstrava a hygiene publica. Desconhecendo a fonte da transmissão n'um grande numero de circumstancias, oppunha um obstaculo insuperavel á admissão das medidas prophylaticas mais necessarias.

«Não nos cabe historiar n'este logar a transmissão dos accidentes secundarios. Fel-o já o doutor Gintrac, com grande luxo de erudicção. Sobre este importante assumpto, podem consultar-se com bom resultado as obras especiaes de Diday e de Rollet.

«Limitamo-nos, pois, a declarar que a etiologia da syphilis não offerece já a menor incerteza sobre este thema por tanto tempo controverso.

«Ricord não nega já a transmissibilidade dos accidentes secundarios, que Cullerier considera como peremptoriamente demonstrada.

«Fica, portanto, averiguado que os accidentes secundarios da syphilis podem ser transmittidos pela ama á creança de peito, e os accidentes da syphilis hereditaria d'esta á ama de leite.

«O exame da mulher não offerece nenhuma difficuldade, mas deve ser completo, e comprehender a bocca, a pharinge, os ganglios cervicaes e os orgãos da geração.

«Esta observação da ama, por mais favoravel que possa ser o seu resultado, não dispensa o da creatura por ella amamentada, e n'este ponto, é mister estar-se bem precavido contra as substituições.

«Se a mulher é reconhecida como sã, e a creança por ella amamentada, e de edade de mais de tres mezes não apresenta nenhum symptoma de syphilis hereditaria ou adquirida, poderá o medico certificar a boa saude apparente, e concluir que nada se oppõe n'aquelle momento, sob o ponto de vista das enfermidades contagiosas, á adopção da mulher como ama.

«Quando apparecem a ama e a creança ambas infectadas, a questão de saber a quem incumbe a culpabilidade da transmissão, apesar de muito obscura, nem sempre é insoluvel.

«A syphilis constitucional tem constantemente por ponto de partida um cancro duro, ainda no caso de haver sido communicada pelo producto de um accidente secundario.

«Esta lei pathogenica, formulada por Langlebert, em 1856, apoiada pelo

medico Rollet em 1859, acceite hoje pelo maior numero de observadores, permitte-nos elucidar a questão de que nos occupamos.

«O maior numero de casos do contagio constitucional refere-se ás placas mucosas, e isto n'uma proporção enorme. Assim se opera quasi exclusivamente a transmissão de creança de peito á ama: placas mucosas buccaes por syphilis hereditaria na primeira, cancro duro do peito, na segunda. Tão geral é esta regra, que se observa o contrario, quer dizer, placas mucosas no seio da ama, e cancro na bocca da creança, assistirá o direito de affirmar, que o cancro proveio da ama. (V. Cullerier.)

«Mas o cancro duro classico está muito longe sempre de ser um accidente imicial da syphilis. A erosão cancrosa indicada por Bassereau em 1852, e estudada recentemente por L. A. de Saint-Germain, differe muito do cancro duro, e tem similhança com a placa mucosa.

«A regra formada por Cullerier soffre, pois, uma excepção, e casos duvidosos haverá, nos quaes a questão de responsabilidade que nos preoccupa não poderá ser derimida.

«Taes são os principios que devem guiar o medico, a respeito das questões da transmissão da syphilis das amas ás creanças e vice-versa.

«Sejam, porém, quaes forem as elucidações ministradas pela sciencia, é preciso ter em conta excepções e anomalias, quer dizer coisas *incognitas*. Assim, pois, a prudencia aconselha que se não deve certificar nunca senão o estado apparente de saude, já da ama, já da creança, a respeito das quaes se lhe pede uma opinião verbal ou escripta.

Quanto ás medidas de hygiene publica, que devem tomar-se para impedir a propagação da syphilis da ama á creança, e reciprocamente, encontramol-as formuladas de uma maneira satisfactoria no projecto do regulamento para a industria das amas, proposto por Monat:

«A ama deverá prover-se de um certificado, devidamente legalisado, passado pelo medico do concelho, attestando que reune, sob o conceito sanitario, todas as condições exigidas para amamentar uma creança.

«Se mudar de residencia, deverá á sua chegada submetter-se a outra visita, feita por um medico delegado pela administração.

«Toda a ama a quem tiver sido confiada uma creança, deverá munir-se de um attestado do medico, delegado pela administração, que declare ser a creança sadia na apparencia.

«Se levar a creança para a sua aldeia, esse attestado será presente ao medico da sua localidade, que procederá immediatamente a outra visita.

«Accrescentaremos que uma creança syphilitica deve ser amamentada por uma mulher egualmente syphilitica, devendo uma e outra ser submettidas simultaneamente ao mesmo tratamento anti-syphilitico. Por falta de ama syphilitica, a creança infeccionada deverá ser amamentada por uma cabra, ou com biberon, se de outro modo fôr impossivel.

«O virus vaccinico, puro de toda a mistura de pus ou de sangue, pode transmittir a syphilis, quando provem de uma creatura syphilitica? A possibilidade da transmissão da syphilis pelo sangue está definitivamente demons-

trada (V. Cullerier), mas em grande numero de factos estabelece que os productos de secreção pathologica, recolhidos de individuos syphiliticos, não são contagiosos quando emanam de lesões extranhas á syphilis.

«A qualidade infecciosa não está na propria vaccina, e se se tomar a vaccina de um individuo syphilitico para innoculal-a pura ou sem mistura de sangue n'uma creança sã, não se obtem como resultado senão a pustula vaccinal, sem nenhuma complicação syphilitica, proxima ou distante. (V. Viennois.)

«Repugna admittir que um virus tão poderoso como a vaccina possa combinar-se com outro e encerrar duas propriedades tão distinctas. (V. Cullerier). Mas, se o virus vaccinico, misturado com sangue, é tirado de um individuo syphilitico, transmittem-se pelas mesmas incisões as duas enfermidades: a vaccina com o humor vaccinal, e a syphilis com o sangue syphilitico.

«Outro facto, de não somenos importancia na quesfão que nos occupa, é a extrema raridade de vêr os filhos hereditariamente infeccionados nascerem com symptomas de syphilis, e que estes symptomas não appareçam geralmente antes da edade de tres mezes.

«Estes preciosos resultados das investigações contemporaneas tem seus corollarios hygienicos.

«Assim, pois, Husson, director da Assistencia medica de Paris, tomou medidas para assegurar nos hospitaes o serviço das vaccinações e das revaccinações por meio do *cowpox,* tirado de novilhas innoculadas.

«A commissão lyoneza considera a frequencia das infecções de syphilis vaccinal, como uma indicação formal de se valer o mais possivel do *cowpox* para a vaccinação. E, quando não é possivel recorrer ao *cowpox,* manda que não se recolha jámais a vaccina senão de creanças em bom estado de saude, de mais de tres mezes de edade, evitar o fazer sangrar o gado vaccinifero, e finalmente, lavar cuidadosamente a lanceta, depois de cada innoculação, afim de não correr o risco de innocular o sangue do individuo vaccinado, talvez infectado, no proprio vaccinifero, indemne de syphilis.

«A preferencia que deve conceder-se ao *cowpox* sobre a vaccina applicada de braço a braço, dá uma nova importancia á descoberta feita recentemente por Chauveau da producção artificial do verdadeiro *cowpox,* pela injecção do virus vaccinico do homem nos vasos lymphaticos do cavallo, d'onde resulta o exanthema caracteristico do *horse-pox*, e em seguida pela innoculação do *horse-pox* na vacca, do que resulta o *cowpox*.

«Que conclusões devemos formular? Que opinião deve deduzir-se d'este processo intentado contra a vaccina?

«Não será para receiar que a vaccinação, cuja pratica é já demasiadadamente descurada, e que é preciso fomentar incessantemente, por meio de recompensas honorificas e pecuniarias, não será de receiar, repetimos, que ella se veja embaraçada pelas precauções de que pretendemos rodeal-a, e que os regulamentos de hygiene publica, destinados a assegurar a sua innocuidade absoluta, tenham sobretudo como resultado restringir ou mesmo paralysar os seus beneficios?

«Estas considerações parecem-nos exigir a maior reserva nas prescrip-

ções administrativas, destinadas a preservar da transmissão da syphilis por meio da vaccina.

«A syphilis póde tambem ser transmittida pela circumcisão. Uma epidemia gravissima de syphilis, observada em Paris nos varões irraelitas recem-nascidos, deu logar a observar-se que a sucção do prepucio, feita depois da circumcisão, segundo o rito judaico, podia causar a transmissão da syphilis. Ricord insistiu junto do consistorio irraelita de Paris pela suppressão d'esta practica singular e perigosa.

«O exito das reclamações de Ricord foi annunciado por Tardieu em 1864, mas os factos occorridos em Paris, em 1872, permittem affirmar que a tradicção prevalece sobre todas as prescripções da hygiene. A sucção continúa a exercer-se em Paris, pelo menos por certo numero de rabbinos dedicados á circumcisão.

«Eis a doutrina adoptada a este respeito pela Sociedade de Medicina de Lyon, segundo o relatorio de Rollet:

«A *syphilis circumcisial* foi observada em diversos paizes, e sobretudo em Paris. Os recem-nascidos syphiliticos, tão perigosos para as suas amas e para os individuos a quem proporcionam a sua vaccina, não deixam de o ser tambem para os operadores, que os circumcidam segundo o rito religioso, por causa do sangue que lhes fica na bocca por meio da sucção, depois do prepucio haver sido rasgado pelo instrumento cortante.

«Não sendo a syphilis latente tão certamente contagiosa como a syphilis confirmada apparente, e praticando-se em geral a circumcisão no oitavo dia depois do nascimento em todos os filhos varões sem distincção, a transmissão da doença das creanças, hereditariamente infeccionadas, é menos eventual para o operador, do que o seria a operação, se se praticasse em edade menos avançada, do primeiro ao quarto mez, por exemplo. Por outro lado o operador póde transmittir a enfermidade a grande numero de creanças, numero que não poderá ser muito menor que o das operações que pratica.

«Exigir do operador que lave e enxugue os seus instrumentos depois de cada operação, revistal-o para se ter a certeza de não apresentar nenhum symptoma de syphilis, observar tambem as creanças que vão operar, bastaria isso para evitar com certeza a transmissão da syphilis pela circumcisão, é o meio mais simples e mais seguro, para evitar o contagio. Outro ha ainda, é prohibir completamente a sucção.

«A circumcisão, originaria do antigo Egypto, é em nossos dias ainda uma operação muito diffundida. Está em uso entre os indios, os mussulmanos e por conseguinte entre os arabes de Argel, onde a syphilis hereditaria faz grandes estragos. E' uma questão importante e que merece a attenção dos poderes publicos, nos paizes onde habitam muitos individuos pertencentes ás religiões que observam este rito.

«O contagio da syphilis por meio da saliva tem sido admittido sem contestação.

«As secreções normaes, o suor, o leite, as lagrimas, não devem ser consideradas como fontes de contagio, ainda mesmo quando a transmissão da sy-

philis pela innoculação do sangue de um individuo infeccionado seja incontestavel (V. Cullerier).

«Um grande numero de factos tende a provar que o proprio sperma não é causa da syphilis hereditaria.

«As secreções pathologicas extranhas ás manifestações da syphilis não conteem o virus syphilitico. Se assim fosse, todas as experiencias feitas ha mais de um seculo para separar de uma maneira absoluta a blenorraghia da syphilis seriam nullas.

«No emtanto, está demonstrado que as mucosas labiaes, buccaes e pharingicas, locaes de lesões syphiliticas, cujas secreções se addicionam á saliva, a tornam virulenta. Assim se explica a transmissão da syphilis, pelos instrumentos ou utensilios que se applicam á bocca, e que passam de um para outro individuo, sem que haja a precaução de os lavar. Por isso teem apparecido pequenas epidemias de syphilis entre os operarios das fabricas de vidro, que passam e tornam a passar de bocca em bocca o tubo de ferro, de que se servem para insuflar as garrafas. Assim um instrumento de musica, um cachimbo, um copo para beber ou os diversos utensilios dos dentistas podem transmittir a infecção syphilitica.

«O conselho de hygiene e de salubridade publica do departamento do Rhodano estudou os meios de precaver do contagio da syphilis os operarios vidraceiros, e por uma deliberação datada de 28 de junho de 1864, adoptou as seguintes conclusões:

«1.ª Os operarios vidraceiros, nas suas relações como *sopradores*, acham-se particularmente expostos a contrahir a syphilis. Um só póde infectar varios dos seus camaradas, e estes as suas familias. Outras enfermidades são susceptiveis de se transmittirem da mesma maneira.

«2.ª Seria conveniente que nas officinas se advertissem sufficientemente os operarios d'este perigo a que estão expostos, e da responsabilidade em que incorrem.

«3.ª Recordar-se-lhes-ha os artigos 1:382, 1:383 e 1:384 do Codigo Napoleão, em virtude dos quaes não só os operarios que podem communicar as enfermidades, mas tambem os patrões que empregam sem precaução os ditos operarios são responsaveis do damno causado.

«4.ª Aconselhar-lhes visitas sanitarias, a que todos os operarios deveriam submetter-se, quando suspeitos de terem alguma lesão contagiosa, ou presumida de tal.

«5.ª Recommendar-lhes sobretudo o uso de um preservativo, que consta de uma especie de bocal, chamado *Embout Chassagny*, que se adapta ao tubo, e que cada operario guarda para o seu uso particular.

«Approvadas estas conclusões pelo inspector da policia, ha em todas as fabricas uma instrucção e um aviso conforme com ellas, n'um cartão impresso.

«Apesar d'isso, as visitas sanitarias nunca poderam estabelecer-se regularmente, e o uso da emboccadura movel não logrou triumphar da rotina.

«Pela nossa parte, pensamos que a melhor medida contra o contagio da syphilis entre os operarios vidraceiros, assim como entre as pessoas que tro-

cam entre si os instrumentos ou os utensilios que se applicam á bocca, seria a severa applicação dos artigos 1:382, 1:384 e 1:385 do Codigo civil francez.

«Quando os individuos, que tiverem communicado uma enfermidade, por causa da sua estupida indifferença, quando os patrões que se tivessem descuidado de se informar da saude dos operarios se vissem condemnados ao pagamento de prejuizos e damnos, é de crer que os factos de transmissão de que nos occupamos se tornariam cada vez mais raros.

«É de crêr, porém, que a applicação d'esta medida seja demasiado difficil.»

A plena satisfação que reclama a hygiene a respeito d'esta forma insidiosa do contagio, tropeçará necessariamente com dois obstaculos:

1.° Os individuos contaminados não se resolverão por via de regra a apresentar uma queixa, em razão da natureza do mal, cuja causa poderia vir a juizo.

2.° Depois da queixa, faltaria provar que o demandante não fora infectado pelas vias ordinarias, e a averiguação medico legal sobre esta questão seria sempre demasiado espinhosa.

Conclusões:

1.ª A transmissão da syphilis pelos instrumentos ou utensilios que se levam á bocca, é grave em certos districtos operarios. Deveria ser combatida directamente por medidas administrativas especiaes.

2.ª Seria mister generalisar nas fabricas de vidro as visitas sanitarias dos operarios recentemente admittidos, e os avisos e instrucções adoptados pelo conselho de hygiene e de salubridade do departamento do Rhodano, que recordam a responsabilidade legal em que incorrem os individuos que dão causa á infecção.

3.ª Quanto aos cirurgiões e aos dentistas, que por uma incuria imperdoavel de limparem os instrumentos, innocularem a syphilis aos seus clientes, incorrerão sem duvida na responsabilidade legal, prevista pelos artigos 1:382, 1:383 e 1:384 do codigo civil francez, se o facto puder ser comprovado no tribunal.

4.ª O publico deve estar bem precavido contra a possibilidade de se transmittir a syphilis pela communidade de objectos usuaes, navalhas de barba, copos de beber, cachimbos, pennas, etc.

. . . .

Fallaremos agora de alguns dos inconvenientes da organisação administrativa, relativa á salubridade das prostitutas.

Uma prostituta clandestina gravemente infeccionada, perseguida pela policia, póde refugiar-se no hospital de syphiliticos, e escapar assim á vigilancia dos agentes que não a perdem de vista. Como, porém, entrou voluntariamente no hospital, póde sahir tambem quando quizer, antes mesmo da cura, para continuar n'um commercio eminentemente perigoso para a saude publica.

Se as camas do hospital estiverem occupadas, a direcção vê-se obrigada a recusar a admissão dos enfermos de um e outro sexo, que se apresentarem, mas nenhuma auctoridade é avisada do perigo que póde causar á saude publica esta insufficiencia material de um estabelecimento, que devia ser uma especie de lazareto.

Outras vezes é necessario recorrer a empenhos para entrar no hospital dos syphiliticos. Não se obterá o favor da admissão, se não se justificar a residencia de seis mezes ou de um anno na cidade.

Uma prostituta matriculada, mandada para o hospital pela primeira vez, leva um cancro duro em via de cura, e sarampo, quer dizer, uma enfermidade já antiga. Ninguem pensará em investigar se a detenção tardia é um effeito da negligencia dos medicos do Dispensario, ou repartição de saude; ou se a rapariga, reconhecida como enferma n'outra cidade foi expulsa d'alli pela policia.

Uma prostituta, atacada de cancro no collo uterino ou de placas mucosas nas amygdalas, sahe do hospital como curada. Se os medicos da repartição sanitaria a mandam novamente para o hospital, incorrem na colera do seu collega, e se surgir um conflicto, a culpa recahirá sobre os que, tendo-o promovido, perturbaram a tranquillidade da administração. Nenhuma medida se tomará ou adoptará para prevenir a repetição dos mais funestos erros.

Uma prostituta, atacada de sarna simples, occupa um leito n'um hospital de syphiliticos durante quinze dias, e ninguem absolutamente, nas instituições actuaes, procura precaver-se contra estas perigosas irregularidades, tão prejudiciaes para a saude publica.

Não fazemos allusão alguma ao que se passa em determinadas cidades. Os factos a que nos referimos foram verificados por medicos especiaes consultados directamente.

Estes factos demonstram que em França nenhuma medida se tomou razoavel contra o contagio venereo, e que os meios de preservar d'esta praga a população não pertencem ás attribuições de ninguem.

Antes de se pensar em organisar um serviço sanitario internacional, será mister tractar de estabelecer em França um serviço sanitario razoavel, quer dizer, instituir formalmente, graças á omnipotencia da centralisação administrativa, os meios que o bom senso reclama para restringir a propagação do contagio syphilitico.

Em vão deploram os hygienistas as dores e os damnos que a syphilis causa á especie humana!

O tractamento dos syphiliticos soldados e marinheiros custa annualmente 1.500:000 francos, e o orçamento gasta esta somma com resignação. O tractamento dos syphiliticos civis gasta mais do dobro ás administrações dos hospitaes, e ellas não se commovem com similhante despeza. O effectivo do exercito encontra-se reduzido aproximadamente á centessima parte; o da armada vê-se enfraquecido em egual proporção. São calamidades que se soffrem como inevitaveis.

Para obviar a esta deploravel situação, seria mister evidentemente um novo serviço sanitario. A nosso vêr, não seria difficil organisal-o sem complicar as engrenagens administrativas, e até mesmo sem augmentar sensivelmente o numero de funccionarios.

Os medicos das repartições de salubridade, das repartições especiaes e dos hospitaes syphiliticos deveriam ser regidos por um chefe commum, que em cada departamento seria o medico das epidemias.

Os medicos das epidemias, sob a auctoridade directa dos prefeitos e dos sub-prefeitos, dependeriam tambem da alta direcção de um inspector geral dos serviços sanitarios especiaes. Este centralisaria os relatorios e as estatisticas e proporia ao ministro as reformas que julgasse uteis, as recompensas que lhe parecessem merecidas, e o ministro transmittiria as suas decisões aos prefeitos e aos sub-prefeitos para a sua execução.

As recompensas seriam dadas do seguinte modo:

A conta das despezas hospitalares necessarias para o tractamento dos syphiliticos nas enfermarias e nos hospitaes de guerra e de marinha estabelecer-se-hia para o anno de 1887. De futuro, metade das economias realisadas sobre estas despezas hospitalares de 1878, seria cada anno empregada em recompensar o pessoal do serviço sanitario nas cidades onde a maior diminuição do contagio venereo fosse demonstrada pela estatistica comparativa dos syphiliticos militares, e em melhorar os diversos serviços sanitarios, repartições de saude, depositos e hospitaes de syphiliticos nas cidades onde a infecção permanecesse estacionaria, ou desgraçadamente accusasse progresso.

Supponde, que, sob a influencia das medidas que propuzemos, o numero dos syphiliticos tractados nos hospitaes de guerra e de marinha diminuisse um quinto, o quinto de 1:500:000 francos seriam 300:000 francos, metade dos quaes permittiria offerecer ao pessoal do serviço sanitario recompensas consideraveis e fortificar em bases mais proveitosas os *Boureaux des mœurs*. O orçamento recolheria tambem uma economia de 150:000 francos, que augmentaria rapidamente cada anno, mediante a prophylaxia internacional, cujas bases já apresentamos.

Em cada departamento, o medico das epidemias deveria estar encarregado da alta vigilancia dos serviços medicos dos depositos sanitarios, dos especiaes e dos hospitaes de syphiliticos. Deveria ser o intermediario official da administração, e o chefe directo dos medicos do deposito e dos hospitaes de syphiliticos. Por uma parte manteria a correspondencia com os chefes de cada serviço, e por outra com o prefeito e com o sub-prefeito, que resolveria sobre os assumptos correntes, submetteria ao ministro da agricultura e do commercio os assumptos importantes, e transmittiria as informações, as propostas e as estatisticas.

O inspector geral dos serviços sanitarios especiaes deveria ser encarregado da alta vigilancia de todos os serviços que têem por objecto a prophylaxia das enfermidades venereas, centralisaria as estatisticas e os relatorios dos medicos das epidemias e dirigiria ao ministro relatorios sobre o conjuncto dos serviços e sobre os seus resultados. As propostas do inspector geral não se realisariam, sem a approvação do ministro, que dirigiria as suas proprias resoluções aos prefeitos ou aos sub-prefeitos para a sua execução.

Calculada para o anno de 1877 a conta das despezas necessarias para o tractamento da syphilis nas enfermarias e nos hospitaes militares e de marinha, de futuro metade das economias realisadas sobre estas despezas empregar-se-hia annualmente em recompensar o pessoal do serviço sanitario nas cidades, onde a estatistica comparativa dos syphiliticos militares demonstrasse a maior

diminuição da infecção venerea, e em melhorar os differentes serviços sanitarios, a saber, o *Bureau des mœurs*, os Depositos e os hospitaes de syphiliticos, nas cidades onde a infecção permanecesse estacionaria, ou por desgraça accusasse progressos.

. . . .

Analysemos agora os trabalhos do congresso medico internacional celebrado em Vienna em 1873, a respeito da prophylaxia da syphilis.

A questão proposta por Seutin ao congresso medico da Belgica em 1835, havia sido reproduzido em 1841 pelo conselho de salubridade de Marselha. Pelacy pediu a unidade da acção e de impulso administrativo.

Posteriormente interveio a deliberação da Academia de Medicina da Belgica em 1843 e a do Congresso de hygiene reunido em Bruxellas em 1852, seguidos de regulamento proposto em 1856 pelo conselho superior de hygiene d'aquella nação.

Manifestaram-se collectivamente varias iniciativas medicas importantissimas, por causa da prophylaxia das enfermidades venereas.

Em março de 1866:—Deliberação da sociedade de medicina de Lyon, e relatorio de Garin, sob o titulo: *De la police sanitaire et de l'Assistance publique dans leurs rapports avec d'extinction des maladies vénériennes.*

Em julho de 1866:—Questão da prophylaxia das enfermidades venereas, dada para assumpto de discussão pela Sociedade Medica de Marselha.

Em 1867:—Congresso medico internacional de Paris: relatorio de Crocq e Rollet com o titulo de:—*Prophylaxie internationalle des maladies vénériennes.*

Em 1870:—Congresso medico internacional de Florença, relatorio Sperino.

Em 1873:—Deliberação da sociedade de medicina e Chirurgia de Bordeus: Relatorio de Lande com o titulo de:—*Les affections vénériennes et leur prophylaxie générale.*

Finalmente, em 1873:—Congresso medico internacional de Vienna; Relatorio de Segismund com este titulo:—*Loi sur la prophylaxie de la syphilis, avec un rapport sur la reglémentation de la prostitution.*

Vamos traduzir alguns trechos d'este curioso documento:

«E' universalmente reconhecido que, sendo as affecções venereas não só contagiosas, mas até transmissiveis aos descendentes por geração, e hereditarias, constituem um flagello tanto mais perigoso para o aperfeiçoamento physico e moral dos individuos, das familias e dos estados, por isso que existe em todos os paizes.

«Um grande numero de affecções graves (inflammações, nevroses, escrophulas e muitas outras) teem grande relação com a syphilis, que as provoca ou complica de modo verdadeiramente perigoso.

«As origens da syphilis e as causas da sua propagação são mais conhecidas, que as de outra doença qualquer contagiosa.

«Em todas as agglomerações de individuos, nas cidades e nos districtos, (em Bruxellas e no Piemonte) em todas as partes onde os conselhos dos me-

dicos teem sido postos em pratica, obtiveram-se já resultados completamente decisivos.

«Em presença das enfermidades endemicas, a actividade intelligente e philantropica de um ou varios individuos isolados fica impotente.

«É convicção geral que em presença dos estragos espantosos e sempre crescentes, causados pela enfermidade que ataca todas as classes da população, e que além d'isso se apresenta sob tão variadas fórmas e complicações, são indispensaveis medidas restrictivas e prophylaticas sensatas, razoaveis e immediatas, e estas medidas, uma vez postas em pratica, não deixarão de dar excellentes resultados.

«Á legislação e á administração do estado incumbe tomar as disposições necessarias para alcançar este fim. As provincias e as municipalidades não podem ser inteiramente abandonadas a si proprias, visto que, embora umas e outras sejam mais ou menos capazes de fazer executar os regulamentos da policia, não podem exercer uma vigilancia bastante activa, nem dispor de energia, ou dos meios necessarios para alcançarem o fim desejado.

«Entre as causas que fazem nascer ou propagar a syphilis, é preciso notar:

«Em primeiro logar, a prostituição sob todas as suas fórmas e variedades, e especialmente a prostituição clandestina. Em seguida, a impossibilidade ou difficuldade de contrahir matrimonio para certas classes da sociedade, soldados, marinheiros, gendarmes, empregados de policia, empregados da fazenda, serventes, operarios, etc.

«A agglomeração de homens, sobretudo nas cidades commerciaes, nos portos de mar, as reuniões de tropas, a mistura de homens de diversas precedencias na guerra, nos campos, nas fabricas, nos mercados, durante as romarias ou nas feiras, finalmente em differentes occasiões, favorecem em alto grau a propagação da syphilis.

«Os casos menos frequentes, mas tambem os mais temiveis e dignos de attenção são aquelles em que o contagio foi propagado pelas parteiras, pelas amas, pelos expostos, pela vaccina, pela circumcisão, pela infecção especial de certas profissões, vidraceiros, musicos, fabricantes de cigarros, etc., emfim, pela geração e pela innoculação nos descendentes.

«Considerem-se agora todas as origens do contagio syphilitico, contagio cuja causa póde fazer-se remontar ás relações incessantes e consideravelmente desenvolvidas das cidades e das nações umas com as outras, relações que interessam sobretudo ao elemento juvenil das povoações, e que se procura augmentar por todos os meios. Conclue-se d'isto que o estado é o unico capaz de luctar contra o flagello syphilitico, e de lhe atalhar a marcha. Em segundo logar, prova-se que todas as nações reunidas devem adoptar medidas geraes e uniformes para operarem de commum accordo».

. . . .

. . . .

Chegamos ao termo da nossa tarefa.

Acceitarão os hygienistas e os homens de estado todas as propostas que apresentamos n'este estudo?

Não nos atrevemos a esperal-o, mas por felizes nos daremos se ellas servirem, pelo menos, de base de discussão, quando chegar o dia em que os nossos governantes pensem em fazer leis efficazes para atalharem os estragos da prostituição, e da sua companheira inseparavel — a temivel syphilis.

E repetiremos aqui o que já n'outra parte dissémos:

Se alguma gloria couber ao nosso trabalho attribuam-na, não a nós, mas aos philosophos e moralistas que nos serviram de guias.

Se, pelo contrario, merece censura, recáia ella sobre nós.

O nosso fim foi apenas apresentar as bases de uma salutar reforma dos costumes da humanidade.

FIM DO QUARTO VOLUME

INDICE

DO

TOMO QUARTO

QUARTA PARTE

Os seculos XVIII e XIX

INDICE DAS GRAVURAS